REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRASILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

TOMO 82

(1917)

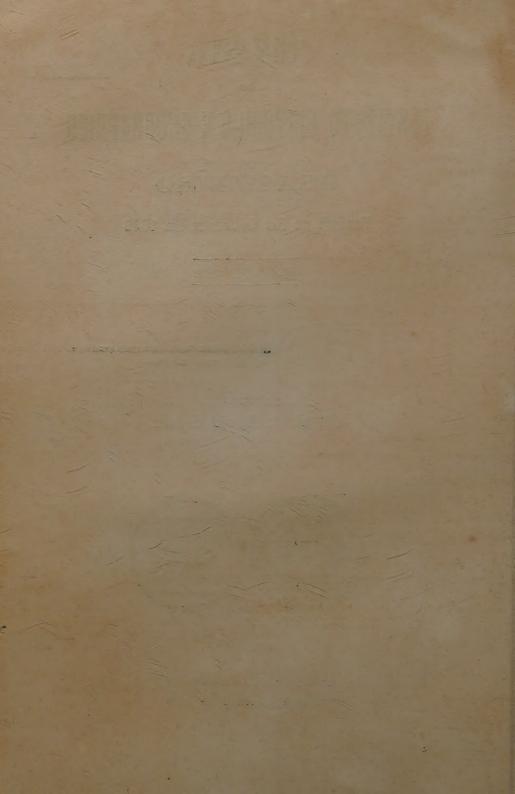
Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui.

DIRECTOR

Dr. B. F. Ramiz Galvão

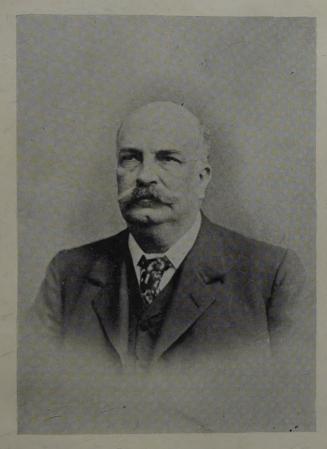
INSTITUTUM
HISTORICO GEOGRAPHICUM
IN URBE FLUMINENSI
CONDITUM
DIE XXI OCTOBRIS
A·D·MDCCCXXXVIII

❋ ❋ ❋ RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL ❋ 1918

EPHEMERIDES BRASILEIRAS

PELO

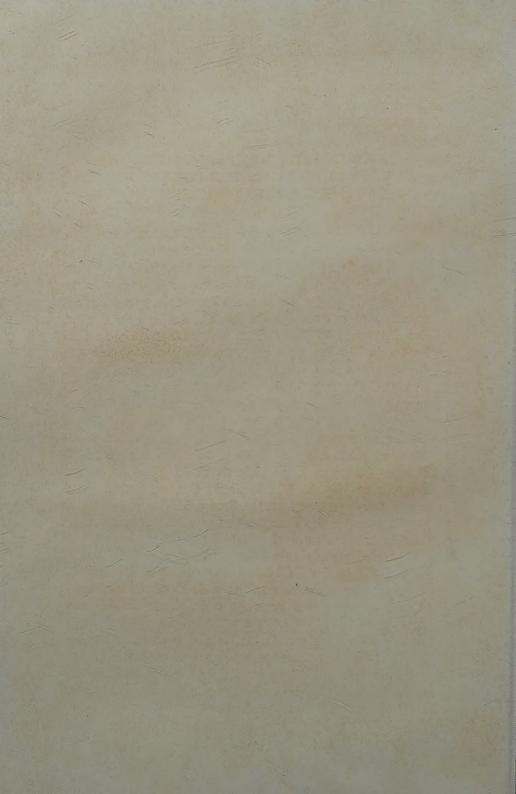
BARÃO DO RIO-BRANCO

Edição completa, feita pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em conformidade com o manuscripto do auctor, encerrando subsidios do dr. Vieira Fazenda e Basilio de Magalhães

BARÃO DO RIO BRANCO

(DR. JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS JUNIOR)

✶ em 20 de Abril de 1845, na travessa do Senado (Rio de Janeiro).

† em 10 de Fevereiro de 1912, no Palacio Itamarati (Ministerio das Relações Exteriores).

Eleito socio correspondente do Instituto em 7 de Novembro de 1867; tomou posse a 19 de Junho de 1868; socio honorario a 5 de Maio de 1875; benemerito em 21 de Novembro de 1906; presidente em 21 de Novembro de 1907; presidente perpetuo, por deliberação da Assembléa Geral de 27 de Novembro de 1909.

A PUBLICAÇÃO DAS "EPHEMERIDES BRASILEIRAS" DO BARÃO DO RIO BRANCO PELO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

A 14 de Junho de 1916, o sr. dr. Lauro Müller, que geria então a pasta das Relações Exteriores, dirigiu ao sr. conde de Affonso Celso, nosso presidente perpetuo, um officio, em que declarava offerecer á veneranda instituição, da qual s. ex. é socio honorario, «os originaes manuscriptos, accompanhados das respectivas cópias, das *Ephemerides Brasileiras,* trabalho organizado pelo barão do Rio-Branco e encontrado entre os papeis que formavam o seu archivo, adquirido pelo Govêrno do Brasil». Como a obra, em grande parte inédita, do egregio chanceller constitue valiosa contribuição ao estudo da nossa Historia, offerecia-a o sr. dr. Lauro Müller ao nosso gremio, enviando, com o referido officio, os manuscriptos e cópias relativos aos mezes de Janeiro a Junho. Em officio de 22 de Julho do mesmo anno, o sr. dr. L. M. de Sousa Dantas, que, por ausencia temporaria do sr. dr. Lauro Müller, assumira a gestão da pasta das Relações Exteriores, communicou ao presidente perpetuo do Instituto Historico a remessa dos manuscriptos e cópias concernentes aos mezes de Julho, Agosto, Septembro, Outubro, Novembro e Dezembro.

Aos dous illustres auxiliares do Govêrno da Republica respondeu sem tardança o sr. conde de Affonso Celso, agradecendo o novo e valiosissimo obsequio, que haviam feito á veneranda instituição, e communicando-lhes que os mencionados originaes e cópias iam ser entregues «ao cuidadoso exame de uma commissão de socios do Instituto, para ulterior publicação na *Revista*, inserindo assim integralmente as *Ephemerides*, que, sem

contestação, constituem uma das mais interessantes achegas para o estudo da Historia da nossa Patria».

A' primeira e rapida inspecção, pareceu que sómente faltassem as «Ephemerides» de Março, e, para preparal-as, propoz o nosso secretario perpetuo, em sessão de 28 de Junho de 1916, fosse incumbido o provecto bibliothecario do Instituto, que por certo obedeceria á orientação adoptada pelo superior espirito de Rio-Branco. Foi unanimemente approvada essa indicação, tendo sido aquelle serviço o último, que com tanto devotamento prestou ao Instituto o dr. Vieira Fazenda, colhido pela morte em começo do anno seguinte.

Examinados todos os papeis respeitantes ao referido escripto do barão do Rio-Branco pela mesma commissão que, escolhida pelo nosso presidente perpetuo, realizara identico trabalho quanto á «Historia da Independencia» do visconde de Porto-Seguro, — srs. Ramiz Galvão, Pedro Lessa, Vieira Fazenda, Max Fleiuss e Basilio de Magalhães, — e verificando-se que era tambem preciso completar as «Ephemerides» de Fevereiro, disso se encarregou, por designação do sr. conde de Affonso Celso, o nosso consocio que fôra relator da alludida commissão, uma vez que era já fallecido o erudito bibliothecario do Instituto.

O grande exfôrço que teve de empregar o sr. Basilio de Magalhães no tocante á publicação, já realizada, da obra curiosissima e sobremodo preciosa de Varnhagen, deu em resultado só poder elle desempenhar-se da nova tarefa em fins de 1917, conforme em seu relatorio geral annunciou o nosso secretario perpetuo.

Eis as palavras explicativas com que o sr. Basilio de Magalhães entregou as *Ephemerides Brasileiras*, já coordenadas e completas, para a inserção em nossa *Revista*:

«Exmo. sr. conde de Affonso Celso, m. d. presidente perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — Tenho a honra de participar a v. ex. a conclusão da tarefa, com que fui distinguido por v. ex., com assentimento do nosso benemerito gremio, de com-

pletar e pôr de accôrdo com o respectivo autographo as *Ephemerides Brasileiras*, elaboradas pelo barão do Rio-Branco e por este deixadas em grande parte inéditas, fazendo entrega a v. ex., nesta mesma data, dos originaes e cópias do mencionado trabalho, que me haviam sido confiados.

Antes de mais nada, cumpre-me dizer que, acceitando a informação official que accompanhou o offerecimento daquelle trabalho ao Instituto, a commissão primeiramente incumbida de examina-lo não desfez o equivoco oriundo do Ministerio das Relações Exteriores, suppondo completo o mez de Fevereiro, tanto que o saudoso dr. Vieira Fazenda foi apenas encarregado de redigir as «Ephemerides» relativas a Março.

Entretanto, quando recebi todos os papeis, verifiquei que, no tocante a Fevereiro, só existiam originaes e cópias concernentes aos dias 4, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20, alguns delles evidentemente apenas esboçados. Tive necessidade, por conseguinte, de preparar os dezenove dias que faltavam e de preencher as lacunas existentes nos outros acima citados.

Além disso, o dr. Vieira Fazenda, já salteado pela molestia que infelizmente o arrebatou tão cedo ao serviço do Instituto e ao lustre das letras patrias, não teve fôrças para manusear detençosamente o volumoso autographo que lhe fôra confiado, do que resultou não attender elle ás muitas remissões de todos os outros mezes com relação ao de Março.

Guiando-me por ellas e por uma razão de ordem, incompleta embora, que descobri numa pequena folha de papel com letra do barão do Rio-Branco, entre os manuscriptos vindos do Ministerio das Relações Exteriores, — fiz desapparecer aquelles claros, com o maior cuidado que me foi possivel.

Demais, além dos originaes propriamente dictos e das cópias dactylographicas, pude consultar algumas notas e indicações preciosas, que o egregio patricio lançara á margem de um grande caderno, onde collara as

Ephemerides de sua lavra dadas á estampa no *Jornal do Brasil*.

Acredito que, com todos esses subsidios, o trabalho deixado incompleto pelo barão do Rio-Branco fica integralizado graças ás suas proprias informações, na maior parte do que teve de ser redigido pelo dr. Vieira Fazenda e por mim.

Notar-se-á, sem duvida, logo á primeira vista, a enorme differença entre os dez mezes tractados pelo integrador das nossas fronteiras e os dous elaborados pelo erudito dr. Vieira Fazenda e por mim: — a sobriedade de estylo do barão do Rio-Branco é characteristica e inconfundivel; della ainda poderia approximar-se a do illustre bibliothecario do Instituto. Eu, porém, francamente e lealmente confesso que não me abalançaria a tentar imita-la.

Esforcei-me, contudo, por seguir a orientação do conjuncto da obra. Mas o barão do Rio-Branco possuia documentos inéditos e dados longa e pacientemente colhidos para uma « Historia Militar do Brasil », — e de taes ou identicas informações não me foi possivel utilizar para a pequena parte de suas magnificas « Ephemerides », que me coube completar em curtissimo espaço de tempo.

Vi-me na obrigação de effectuar um número consideravel de pequenas correcções na parte das « Ephemerides » publicada ainda em vida de seu eximio auctor, mas indubitavelmente em livro sem que a revisão tivesse sido feita por elle, que não deixaria escapar erros tão grosseiros e tão deploraveis anachronismos. Não me referirei a toponymos sem conta, como *Tatuóca* e *Tapibí-Grande*, que appareceram graphados *Catuóca* e *Capiby-Grande*, nem a dar-se Alvares de Azevedo como fallecido em *1856*, quando o foi em *1852*, nem a attribuir-se o nascimento do padre José Mauricio a *1762*, em vez de *1767* (vejam-se pags. 20, 24, 33 e 46 das *Ephemerides Brasileiras*, ed. do *Jornal do Brasil* em 1892). Tome-se, por exemplo, o dia *19 de Abril* da mencionada publicação: — o coronel van Elts não ficou morto no campo

da batalha dos Guararapes, mas foi ferido e levado para o Recife; Ceballos não era *coronel*, mas *general*; e Lavalleja não desembarcou com *36*, porém sim com *32* companheiros, no Arsenal-Grande, afim de iniciar a lucta pela independencia da Cisplatina. Por outro lado, não seria possivel permittir que se estampassem agora anachronismos tão descabellados, quaes o de Urbano III a pontificar em 1639 (em logar de Urbano VIII), e de d. João V a reinar em 1647 (em vez de d. João IV), como se lê a pags. 101 e 111 da referida edição do *Jornal do Brasil* (« Ephemerides » de 28 de Maio de 1537 e de 6 de Junho de 1647).

Assim, essas emendas, — quer já indicadas pelo proprio barão do Rio-Branco, quer indispensaveis ao expurgo de um ou outro descuido, de um ou outro *lapsus calami*, inevitavel em trabalho de tanta monta e de tanta extensão, — foram realizadas directamente, sem nenhum commentario particular, bem como a uniformização da graphia dos vocabulos indigenas e dos nomes proprios de idiomas extrangeiros, notadamente hollandezes e hispanhóes.

Todavia, não era possivel applicar similhante processo a questões opinativas ou a episodios ainda mal dilucidados ao tempo em que o barão do Rio-Branco escrevia o seu trabalho.

Achei-me, portanto, na contingencia de traçar a esse proposito alguns ligeiros reparos; e, para que elles correspondam ao fim elevado que tive em mira, vou coordena-los em seguida, guardando a disposição regular dos dias e mezes a que dizem respeito:

1° DE JANEIRO DE 1793. — Pensa o barão do Rio-Branco que Ignacio José de Alvarenga (a que depois se accrescentou o cognome de *Peixoto*, que elle ainda não usava quando tomou posse do cargo de ouvidor do Rio das Mortes) nasceu no Rio de Janeiro *em Fevereiro de 1744*. Entretanto, parece hoje sufficientemente averiguado que elle veio ao mundo nesta capital *em Dezembro de 1744*.

14 DE JANEIRO DE 1880. — Como se verá da citada edição do *Jornal do Brasil*, o barão de Melgaço é dado alli como fallecido a *14 de Junho de 1880*; mas o proprio barão do Rio-Branco teve dúvidas quanto a essa data, como se evidencia de uma sua nota marginal do caderno acima referido. Verificando-se que a morte do illustre Leverger se deu a *14 de Janeiro de 1880*, para esta «Ephemeride» passei a traçada para aquella outra. Seria conveniente accrescentar que a maior parte dos escriptos do barão de Melgaço, que foi um dos mais devotados cultores das nossas tradições, saïram a lume na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, ts. XXV, XXVIII, XLVII.

18 E 20 DE JANEIRO DE 1567. — O barão do Rio-Branco seguia a corrente dos que admittiam ter sido na Praia-Vermelha que Estacio de Sá lançara em 1565 os primeiros alicerces da cidade do Rio de Janeiro. Ora, o Instituto Historico deu ganho de causa á corrente, mais plausivel e mais apoiada em documentos fidedignos, de que esta capital teve o seu berço na pequena peninsula entre o morro de S. João (antigamente *Cara de Cão*) e o Pão de Assucar, encerrando o t. 80 da *Revista*, que acaba de ser publicado, a conferencia dilucidativa, a esse proposito, feita pelo emerito mestre que foi o dr. Vieira Fazenda.

24 DE JANEIRO DE 1504. — Não posso concordar com a interpretação ahi dada pelo douto auctor das *Ephemerides Brasileiras* á expressão «novamente achada», que a carta régia de 24 de Janeiro de 1504 applicou á ilha, a que depois se deu o nome de Fernando de Noronha. Aquelle adverbio, na linguagem do tempo, não queria dizer «segunda vez». Nos documentos dos seculos XVII e XVIII, que tenho tido ensejo de examinar, ainda «novamente» equivale a «primeira vez», no sentido só de «não conhecido anteriormente, não existir anteriormente». Assim, a carta régia de 13 de Agosto de 1699, pela qual foi installada a ouvidoria-geral da capitania de S. Paulo (*Rev. do Inst. Hist. e Geogr.*

de S. Paulo, XVIII, 383) diz: « Carta do cargo de Ouvidor geral da Capitania de São Paulo q. Vossa Magestade foi seruido crear *de nouo*...». Logo, cargo « novamente creado » ou « creado de novo » significava « cargo que se creava pela primeira vez ». E essa exegese põe por terra as conclusões, a que chegou o barão do Rio-Branco a respeito da ilha de Fernando de Noronha.

23 DE ABRIL DE 1683. — A esta data é que attribue o barão do Rio-Branco a erecção da villa de S. Paulo á categoria de capital da capitania de S. Vicente, quando Azevedo Marques (*Apontamentos*, II, 241) transcreve a provisão do respectivo donatario, datada de 22 de Março de 1681. Com effeito, esta é realmente a data daquella erecção; mas a installação solenne não se deu a *23 de Abril de 1683*, como affirmaram Pedro Taques, em sua *Nobiliarchia Paulistana*, e Machado de Oliveira, em seu *Quadro historico*, perfilhados por Azevedo Marques (*loc. cit.*, 243). Como se vê da excellente publicação official do Archivo Municipal de S. Paulo (1917), *Registro geral da Camara Municipal de São Paulo*, 1661-1709 », vol. III, pags. 390-392, mercê feita á villa de S. Paulo pelo marquez de Cascaes só foi recebida, vista e publicada pelos officiaes da Camara da dicta localidade a *27 de Abril de 1683*, e desta data é o « auto de posse em que todos assignaram acceitando com agradecidos animos a primazia e privilegios de cabeça desta capitania desta villa de S. Paulo...». Em taes termos, não é possivel conciliar a « Ephemeride » de Rio-Branco, acima referida, com os irrefragaveis documentos authenticos que dilucidam a questão.

4 DE MAIO DE 1761. — Diz Rio-Branco: — « Foi madame Claude d'Orvilliers quem offereceu em Caiena ao major Palheta, no anno de 1727, as primeiras sementes de café introduzidas no Brasil, e plantadas no Pará ». Esta lenda foi recentemente desfeita pelo nosso benemerito consocio, o dr. Manuel de Mello Cardoso Barata, no seu substancioso opusculo *A antiga producção e exportação do Pará*, onde, a pags. 14-16, demonstra documentadamente, que o major Palheta adquiriu, com certa diffi-

culdade, — pois o governador Claude d'Orvilliers, por um bando, havia prohibido que se désse aos Portuguezes « café capaz de nascer » —, mil e tantas fructas e cinco plantas da preciosa rubiacea, que é hoje a maior riqueza da nossa Patria.

9 DE JUNHO DE 1815. — Vê-se que o auctor das *Ephemerides Brasileiras* não as poude retocar e completar, nem mesmo nos episodios essenciaes em que foi elle *magna-pars*. Assim, diz elle, referindo-se ao litigio do Amapá, que « a questão continúa até hoje sem decisão ». Isto prova que o seu trabalho historico é anterior ao alto encargo que lhe foi commettido, de defender a causa do Brasil nas lides territoriaes com a Argentina, e com a França. Com effeito, a sentença proferida pelo presidente do Conselho Federal da Suissa é de 1º de Dezembro de 1900, e para a brilhante victoria contribuiram capitalmente as luminosas allegações do barão do Rio-Branco.

23 DE JUNHO DE 1810. — A Bibliotheca Nacional está hoje installada no seu esplendido palacio da Avenida Rio-Branco, e não no largo da Lapa, onde esteve cêrca de meio seculo.

31 DE JULHO DE 1795. — Não é mais *S. José del Rey* como affirma Rio-Branco, a denominação da antiga villa de *S. José do Rio das Mortes*. Este predicamento, que lhe foi dado em 1718, foi-lhe cassado em 1848 e restituido em 1849. Em 1860 foi elevada a cidade, com a denominação de *S. José del Rey*. Por decreto de 6 de Dezembro de 1889, a cidade e municipio de S. José del Rey passaram a ter a denominação de *Tiradentes* (*vide Rev. do Arch. Publ. Min.*, II, fasc. 1º, 92, e « Annuario de Minas », v. 851).

3 DE AGOSTO DE 1839. — Convem confrontar a asserção do auctor das *Ephemerides Brasileiras* com o seguinte trecho de carta de José Bonifacio, o patriarcha da Independencia (*vide Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro*, XIV, fasc. 1º, 15) : — « Bem quiz eu, quando estive no Ministerio, evitar todo motivo de descontenta-

mento dos Cisplatinos e aproveitar o odio que tinham aos de Buenos-Aires; mas era preciso tirar o *ladrão e despotico Laguna* de lá, e fazer gosar o paiz dos beneficios da liberdade constitucional. Escapou-me o *ladrão* de vir rebulindo, prevenido pela traição do general Marques e do syndico Zuniga....».

5 DE AGOSTO DE 1857.— Applica-se totalmente a esta «Ephemeride» o que ficou dicto em relação á de 23 de Junho de 1810.

2 DE SEPTEMBRO DE 1744.— Acredita Rio-Branco que Thomaz Antonio Gonzaga tenha sido figura importante da Conjuração Mineira, isto é, que tenha tomado parte conspicua «nos conciliabulos de 1789 para a independencia do Brasil». Penso que não. A sentença da Alçada, quiçá grandemente influida por Antonio Diniz da Cruz e Silva, revestiu-se de patente injustiça. Basta ler-lhe os fundamentos, para que promptamente se adquira a nitida convicção de que o cantor de Marilia foi victima de clamorosa iniquidade, muito mais si se cotejar a fragilidade dos elementos probantes a seu respeito com os accumulados contra Francisco de Paula Freire de Andrada, o commandante das armas da capitania. Gonzaga deixou patente, tanto nos varios interrogatorios a que foi submettido, como na lucida e irretorquivel defesa que produziu, a sua nenhuma comparticipação no mallogrado levante. Demais, foi essa tambem a declaração peremptoria de Tiradentes, que era seu inimigo pessoal.

8 DE OUTUBRO DE 1713.— Não sei onde foi que colheu o barão do Rio-Branco a noticia de que S. João del Rey «teve origem em um acampamento de mineração ahi estabelecido em 1684 pelos Paulistas Thomé Portes del Rey, Bartholomeu Bueno de Siqueira, Antonio Rodrigues de Arzão e Manuel de Borba Gato». A bandeira de Arzão, que foi a que descobriu o primeiro ouro no territorio depois chamado das Minas-Geraes, é de 1693. Não chegou aquelle sertanista ao rio das Mortes (já assim denominado nos primeiros dias do seculo XVIII),

nem lá chegaram seu concunhado Bartholomeu Bueno de Siqueira e Manuel de Borba Gato. A revelação de riquezas mineraes e o consequente estabelecimento de um arraial no poncto, que é hoje a cidade de S. João del Rey vêm claramente referidos na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, LXIX, p. 1ª, 285-287, com o titulo « Noticia práctica (4ª) que dá ao r. p. Diogo Soares o sargento-mór José Mattos sobre os descobrimentos do famoso rio das Mortes ». Essa informação é de 1732 ou 1733, com toda a certeza. Por ella se vê que os descobridores do ouro e fundadores do arraial do Rio das Mortes, que deu origem a S. João del Rey, foram: Thomé Portes del Rey, seu genro Antonio Garcia da Cunha (ambos Taubateanos), Lourenço da Costa (Paulista) e Manuel João Barcellos (Portuguez).

9 DE OUTUBRO DE 1853. — Além do retrato do abnegado preto, que vem no t. II da *Illustration Française* de 1853, cumpre accrescentar-se que o feito heroico do salvador de 13 vidas no pavoroso naufragio do vapor *Pernambuco* foi tambem perpetuado na téla pelo pincel de José Corrêia de Lima, professor de Pintura historica da Academia (hoje Eschola Nacional) de Bellas-Artes do Rio de Janeiro e fallecido em 1857: — o quadro « O marinheiro Simão », existe na Pinacotheca da referida Eschola.

4 DE NOVEMBRO DE 1711 e 9 DE NOVEMBRO DE 1709. — Exigem exclarecimentos essas duas « Ephemerides ». Creada a 9 de Novembro de 1709 a capitania de *S. Paulo e Minas do Ouro* (e não *S. Paulo e Minas*), Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que desde 11 de Junho do mesmo anno era governador do Rio de Janeiro, recebeu a ordem régia de 22 de Novembro para passar a última jurisdicção citada ao mestre de campo Francisco de Castro Moraes, e, a 26 do mesmo mez e anno, o rei d. João V lhe declarava como é que devia elle proceder em relação ás circunscripções politicas acima referidas e de ambas as quaes era o administrador supremo. Eis o interessante documento: — « Antonio de Albuquer-

que Coelho de Carvalho Amigo. Eu El-Rey vos envio muito saudar. Na consideração de passardes ao governo das Minas, nomeio governador do Rio de Janeiro a Francisco de Castro Moraes. Porém, si por algum accidente tornardes para o mesmo Rio, e achardes nelle o dicto Francisco de Castro Moraes, tereis entendido que haveis de continuar o governo do Rio, e elle ha de vencer o seu soldo, sem embargo de não o exercitar, e neste caso lhe entregareis a carta, que com esta vos será dada e outra para os officiaes da Camara da cidade de S. Sebastião, em que lhes mando declarar o referido. Escripta em Lisboa a 26 de Novembro de 1709.— *Rei* ». Esta peça historica explica, de modo inilludivel, como se fez *legalmente* a deposição de Francisco de Castro Moraes, em consequencia da pusillanimidade por elle revelada em face da invasão franceza de Duguay-Trouin. Quanto ao último desmembramento territorial soffrido logo depois pela vasta região do ouro, a data verdadeira da separação é a constante do alvará regio de *2 de Dezembro de 1720* (não *12 de Dezembro,* como escreve Porto-Seguro, em sua *Historia Geral do Brasil,* II, 1.215), que se encontra no Archivo Nacional (*Collecção de ordens régias,* I, fls. 151). Como se tracta de uma questão controversa, transcrevo para aqui, modernizando-lhe apenas a graphia e a ponctuação, o mencionado alvará, tal qual o copiei em 1913, por ordem do Govêrno do Estado de S. Paulo, no referido códice do Archivo Nacional: — « Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem, que, tendo consideração ao que me representou o meu Conselho Ultramarino e ás representações que tambem me fizeram o marquez de Angeja, do meu Conselho de Estado, sendo vice-rei e capitão-general do Estado do Brasil, e d. Braz Balthasar da Silveira, no tempo em que foi governador das capitanias de S. Paulo e Minas, e o conde de Assumar, d. Pedro de Almeida, que ao presente tem aquelle govêrno, e ás informações que se tomaram de varias pessoas, que todas uniformemente concordam ser muito conveniente ao meu serviço e bom govêrno das dictas capitanias de São

Paulo e Minas, e á sua melhor defensa, que as de São Paulo se separem das que pertencem ás Minas, ficando dividido todo aquelle districto do que até agora estava na jurisdicção de um só governador, em dous governos e dous governadores: Hei por bem que nas capitanias de S. Paulo se crie um novo govêrno e haja nellas um governador com a mesma jurisdicção, prerogativas e soldo de oito mil cruzados, cada anno, pagos em moéda e não em oitavas de ouro, assim como tem o governador das Minas, e lhe determino por limites no sertão, pela parte que (entesta) com o govêrno das Minas, os mesmos confins que tem a comarca da ouvidoria de S. Paulo com a comarca da ouvidoria do Rio das Mortes; e, pela marinha, quero que lhe pertença o porto de Sanctos, e os mais daquella costa, que lhe ficam ao Sul, aggregando-se-lhe as villas de Paratí, de Ubatuba e da ilha de S. Sebastião, que desannexo do govêrno do Rio de Janeiro, e o porto de Sanctos ficará aberto e com liberdade de irem a elle, em direitura dêste reino, os navios, pagando nelle os mesmos direitos que se pagam no Rio de Janeiro e com a obrigação de, quando voltarem para este reino, virem incorporados na frota do mesmo Rio de Janeiro; e, nesta conformidade: Mando ao meu vicerei e capitão-general de mar e terra do Estado do Brasil e aos governadores das capitanias delle tenham assim entendido, e cada um, pela parte que lhe toca, cumpra e faça cumprir este meu alvará inteiramente como nelle se contém, sem dúvida alguma, o qual valerá como carta e não passará pela chancellaria, sem embargo da ordenação do livro 2º, titulos 39 e 40 em contrario, e se registará nos livros da secretaria e camaras de cada um dos dictos governos, para que a todo tempo conste da creação do govêrno de S. Paulo, suas pertenças e annexas declaradas, o qual se passou por seis vias. Theotonio Pereira de Castro o fez em Lisboa Occidental, a dous de Dezembro de mil setecentos e vinte. O secretario André Lopes de Lavre o fez escrever.—*Rei*». A denominação «S. Paulo e Minas do Ouro», dada á capitania creada officialmente a 9 de Novembro de 1709,

consta da respectiva carta régia, existente em avulso no Archivo Nacional e que já tem sido publicada, quer em S. Paulo, quer em Minas-Geraes.

* * *

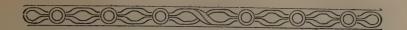
Cotejando o trabalho do barão do Rio-Branco com os congeneres, geraes ou parciaes, de Teixeira de Mello, de Joaquim Norberto (com o pseudonymo de «Fluviano»), de José de Vasconcellos, de Xavier da Veiga, de Azevedo Marques e outros, — impõe-se a irrecusavel illação de que o do egregio chanceller é o unico que equivale a um excellente compendio de Historia do Brasil, onde os factos capitaes da evolução nacional são expostos com o mais rigoroso preito á verdade, com a mais ampla investigação documental e com o mais alcandorado civismo.

A parte, — sem dúvida a mais consideravel das *Ephemerides Brasileiras*, — respeitante ás nossas campanhas no Prata, desde o primeiro quartel do seculo XIX até 1870, é tractada não só exhaustiva e limpidamente, como ainda tendo em mira salvaguardar as sagradas tradições da honra de nossa Patria.

Agora, principalmente, que se cogita de «abrasileirar o Brasil», — a edição completa do trabalho monumental de Rio-Branco constituirá valiosissimo contingente para essa interpresa gigantesca de nacionalização imprescindivel.

Será, portanto, mais um inestimavel serviço que prestará o nosso Instituto ao nome do inclito Rio-Branco e aos altos destinos do Brasil.

* * *

Ao terminar, agradeço a v. ex. e ao Instituto, de que é v. ex. tão digno presidente perpetuo, a prova de confiança com que me distiguiu, e peço permissão para servir-me da opportunidade, afim de mais uma vez apresentar a v. ex. o testemunho da minha elevada estima e a homenagem da minha perfeita consideração.

1º DE JANEIRO

1502.—Descobrimento da bahia do Rio de Janeiro pela esquadrilha portugueza de André Gonçalves, na qual o célebre cosmographo florentino Amerigo Vespucci tinha o commando de um navio. Os descobridores não exploraram a bahia, e, por isso, acreditaram estar deante da foz de um rio, dando-lhe aquelle nome. Os Tamoios chamavam-n-a de *Iguaá-mbará* (dahi a *Guanabara*, de Jean de Léry), de *iguaá*, «enseada do rio», e *mbará*, o mesmo que *pará*, «mar», e *Nyteróy* (origem do nome Niterói), de «*y-i-terói*, agua que se esconde, dando-se naturalmente o metaplasmo da *y-i* em *ny*, donde *Nyteroy*», diz Baptista Caetano.

1590.—Christovam de Barros repelle, na varzea do Potiipeba (ou Vasa-barris), uma sortida do cacique Mbaepeva, e, penetrando na cêrca que este defendia, derrota completamente os Indios. Dêstes, ficaram mortos 1.600; e captivos, 4.000. Barros funda logo depois o forte e cidade de «São Christovam do Rio de Sergipe», na margem esquerda e perto da foz do Cotinguiba (então Sergipe). Em 1595 ou 1596, mudou-se a cidade para um outeiro juncto á foz do Puxim, e mais tarde para outra collina no Piramopama, affluente do Vasa-barris.

1646.—Terminadas as obras da fortaleza do Arraial Novo do Bom-Jesús, é ella inaugurada neste dia com uma salva de artilharia e festejos. Ficava entre a actual estrada do Caxangá e o Jiquiá, a Léste e a pequena distancia do engenho de Bierboom (T'huys van Bierboom inde Partido), como se vê na *Perfecte caerte der gelegentheyt van Olinda de Pharnambuco Mauritz-stadt ende t'Reciffo*, desenhada por Cornelis Golijath e gravada por Vischer em 1648. O almirante Lichthardt, em carta de 28 de Fevereiro de 1646, escreveu:—«O inimigo construiu um forte perto do engenho de Willem Bierboom, obra de uma legua do Recife...» Calado (a pags. 269) diz: —«... Na Varzea, em um logar superior á outra terra juncta ao engenho do Bribão, quasi uma legua em distancia do Arrecife». E Rafael de Jesús (a pags. 389):—«... uma eminencia pegada ao engenho que se dizia do Bribão, uma legua do Arrecife». Em Nieuhoff (a pags. 154) lê-se:—«Elles estavam occupados em levantar, entre o engenho de Bierbrom e Casa de Sobrado, uma fortaleza com paiol e 4 pequenos

bastiões, em cada um dos quaes seriam montadas 3 peças de artilharia».

1678.— Morre no Rio de Janeiro o jesuita Antonio de Sá, celebre orador sagrado, nascido na mesma cidade a 26 de Junho de 1620.

1680.— Em outro trabalho dêste genero, publicado em 1875, dissemos, com os nossos chronistas, que nesta data fôra fundada a Colonia do Sacramento. Foi no dia 22 de Janeiro (veja esta data) que d. Manuel Lobo chegou á enseada de S. Gabriel e deu comêço á fundação dêsse estabelecimento portuguez no Rio da Prata.

1688.— Morre em Lisbôa o general Salvador Corrêia de Sá e Benevides, nascido em 1594 na cidade do Rio de Janeiro, filho de Martim de Sá e neto de Salvador Corrêia de Sá. Em 1625, com os reforços que levava do Rio de Janeiro, concorreu para a defesa da villa do Espirito-Sancto contra o ataque do almirante Piet Heyn; depois, esteve no assédio da Bahia até á capitulação dos Hollandezes. Nomeado por Philippe III almirante da costa do Mar do Sul e general das tropas destinadas a combater os Calchaquís em Tucumán, obteve várias victorias, recebendo em uma dellas 12 flechadas, aprisionou o cacique Pedro Chumaí (1634), submetteu a povoação de Singuil e ganhou a batalha de Paclingasta (não Palingarta) em 1635. Estes feitos do illustre guerreiro fluminense são citados confusamente por Moreri e constam de varios documentos da familia Sá, alguns dos quaes publicados (Balthasar Lisbôa, II, 21), mas não apparecem nas resumidas e incompletas «Crónicas de Tucumán», impressas até hoje. Trez vezes Salvador Corrêia governou a capitania do Rio de Janeiro (19 de Septembro de 1637 á 1643; 16 de Janeiro a 12 de Maio de 1648; e de 4 de Outubro de 1659 a 29 de Abril de 1662). Nos intervallos dêsses governos, commandou as esquadras que navegaram entre o Rio de Janeiro e Lisbôa, e em 1648 dirigiu a expedição fluminense, que expulsou de Angola os Hollandezes (veja 12 de Maio, 15 e 17 de Agosto de 1648).

De 1659 á 1662 ficaram sujeitas á sua jurisdicção as capitanias do Sul, e, estando em S. Paulo, formou-se na cidade do Rio de Janeiro um govêrno revolucionario (veja 8 de Novembro de 1661), que elle conseguiu vencer no dia 10 de Abril de 1662. Chamado a Lisbôa no anno seguinte, não tornou mais ao Brasil. Foi sepultado no convento dos Carmelitas Descalços de Lisbôa, onde seus ossos jazem ao lado dos de Alexandre de Gusmão, outro Brasileiro illustre.

1763.— Tomada da trincheira hispanhola do arroio de Sancta-Barbara (Rio Grande do Sul) pelo capitão Francisco Pinto Bandeira, á frente de 230 dragões do Rio Grande e

aventureiros paulistas. O principal herói do dia foi o capitão Miguel Pedroso Leite, commandante da infantaria de S. Paulo. A trincheira tinha 7 peças, que foram transportadas para o forte do Rio-Pardo, e era defendida por 500 milicianos correntinos e muitos Indios, sob o commando do tenente-coronel Antonio Catanix.

— Morre na cidade do Rio de Janeiro o general conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrada, vice-rei do Brasil, um dos mais illustres governadores da epocha colonial, amigo e protector de José Basilio da Gama. Nascera em Jurumenha em 1688. Estava no 3° anno de Direito em Coimbra, quando deixou os estudos, para fazer as campanhas da guerra da Successão. Desde 1733 exercia o govêrno do Rio de Janeiro, a que foram reunidos posteriormente os das capitanias do Centro e Sul (veja 26 de Julho de 1733).

1793.— Morre em Ambaca (Angola) o poeta Ignacio José de Alvarenga Peixoto, nascido no Rio de Janeiro em 1748 (Fevereiro), uma das victimas da conspiração de 1789, em Minas, para a independencia do Brasil.

1802.— Tomada do fortim de Bella-Vista, na margem esquerda do Apa (Paraguai), pelo capitão Francisco Rodrigues do Prado, commandante militar do districto de Miranda (Matto-Grosso).

1821.— Adhesão do Pará á revolução do Porto para o estabelecimento do govêrno constitucional.

1827.— O tenente-general marquez de Barbacena assume, em Sancta-Anna do Iivramento, o commando do exército brasileiro em operações contra o govêrno de Buenos-Aires.

1828.— O corsario *Federal Argentino* (commandante Fischer), fugindo de alguns navios brasileiros, bate em um casco perto da Ensenada e é incendiado pela sua guarnição.

1865.— Prosegue o ataque de Paisandú pelos generaes Menna Barreto (João Propicio) e Flores. As nossas tropas continuaram a ganhar terreno, conquistando novos quarteirões de casas (veja 31 de Dezembro de 1864 e 2 de Janeiro de 1865).

1869.— Occupação da cidade de Assumpção pela brigada de infantaria do coronel Hermes da Fonseca. A cidade estava deserta (veja 5 de Janeiro).

1874.— Inauguração do telégrapho submarino entre o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Pará (veja 22 de Junho de 1874).

1880.— Desordem na cidade do Rio de Janeiro, oppondo-se o povo ao pagamento do imposto de 20 réis sôbre o preço das passagens nos *tram-carros* (bondes). A agitação e os conflictos duraram 4 dias.

2 DE JANEIRO

1608.—D. Francisco de Sousa, nomeado em Novembro do anno anterior governador-geral do Sul do Brasil, obtém nesta data os privilegios que haviam sido concedidos a Gabriel Soares de Sousa, para a exploração de minas. Falleceu em S. Paulo pouco depois (10 de Junho de 1611).

1802.—Nascimento de Antonio Corrêia Seara (veja 28 de Maio de 1858).

1826.—O Govêrno da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata (depois Confederação Argentina e ultimamente Republica Argentina) auctoriza o corso contra os navios brasileiros. Muitos dos corsarios argentinos foram armados nos Estados-Unidos, outros em Buenos-Aires, Salado e Patagonia. Eram tripolados e commandados por extrangeiros, como quasi todos os navios de guerra argentinos. Eis a relação dêsses corsarios, com a indicação dos que foram tomados ou destruidos: — *Sin Par, General Mancilla* (queimado pela escuna *Rio*, a 30 de Dezembro de 1827), *Vengadora Argentina*, depois chamado *Rayo Argentino*, e finalmente *Cazador* (sossobrou a 1° de Março de 1828, quando perseguido pelo brigue *Caboclo*), *Presidente Bolivar*, depois *Vencedor de Ituzaingo*, e *Libertador Bolivar, General Brown* (mettido a pique pelo seu commandante, que se passou com a guarnição para uma prêsa; os tripolantes desta revoltaram-se e levaram o navio á Bahia), *Bonairense, Estrella del Sur* (tomado pela canhoeira *Grenfell*, a 20 de Agosto de 1827), *Esperanza* (tomado pela corveta *Maria Isabel*, a 29 de Novembro de 1827), *Triunfo Argentino* (perseguido, naufragou na Banda Oriental, em Julho de 1828), *Profeta Bandarra* (perseguido, deu á costa em Maldonado, em Septembro de 1826), *Rápido* (capturado pela *Paula*, a 10 de Septembro de 1827), *Constante* (perdeu-se na Patagonia (?), *San-Martin, Oriental Argentino* (prisioneiros brasileiros a bordo levantaram-se e ficaram senhores do navio, a 21 de Novembro de 1827), *La Presidenta, Flórida* (foi a pique, em 9 de Outubro de 1827), *General Brandzen* (tomado e queimado pelo chefe brasileiro Norton, a 17 de Junho de 1828), *Pampero* (tomado pela *Isabel*, a 15 de Março de 1827), *Bella Flor, Lavalleja* (encalhou e perdeu-se, em Julho de 1826), *Niger* (tomado pelo *Caboclo*, a 23 de Março de 1828, foi incorporado á esquadra imperial), *Feliz* (tomado pelo *Niger*, a 24 de Maio de 1828), *Margarida* (incendiou-se, a 28 de Março de 1827, em Sancta-Catharina), *Federal, Peruano* (tomado pelo *Maria Isabel*, a 4 de Julho de 1828), *Cacique, Hijo de Julio* (tomado pela *Isabel*, a 9 de Junho de 1827), *Hijo de Mayo, Unión Argentina*, depois

Bravo Coronel Olavarria e finalmente *Federal Argentino* (queimado pela guarnição á approximação dos Brasileiros, em 1° de Janeiro de 1828), corveta *Gobernador Dorrego* (tomada pela *Bertioga*, a 24 de Agosto de 1828), *Colombiana, Empreza, Flor de Mayo*, corveta *Gaviota* e alguns lanchões. Os seguintes navios de guerra tambem andaram a corso pelas costas do Brasil: corvetas *Chacabuco* e *Ituzaingo*, brigues *Congreso* (tomado e incendiado pelo chefe Norton, a 7 de Dezembro de 1827), *Patagones* (tomado pelo *Imperial Pedro*, a 23 de Septembro de 1827) e *General Rondeau*, brigue-escuna *Ocho de Febrero* (tomado, a 29 de Maio, pela *Bella-Maria, Grenfell* e 1 pequena canhoneira), escunas *Sarandí, Unión* (tomada, a 10 de Abril de 1827, pelo *Maranhão*) e *Argentina*.

1838.—Decreto do regente Araujo Lima, declarando bloqueado o porto da Bahia.

1839.—Raimundo Gomes entra na villa do Brejo (Maranhão). Adhesão de Manuel Francisco Ferreira Balaio á revolta. E' nomeado «general em chefe das forças bemtevis». Primeiras atrocidades practicadas pelos insurgentes.

1843.—Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho (depois visconde de Sepetiba) toma assento no Senado.

1865.—*Tomada de Paisandú* pela tropas brasileiras e orientaes dos generaes Menna Barreto (João Propicio) e Venancio Flores, auxiliadas pela esquadra brasileira do almirante Tamandaré.—O ataque, começado na manhã de 31 de Dezembro, terminou ás 8 horas e 20 minutos da manhã de 2 de Janeiro, rendendo-se então o general Leandro Gómez, com os 700 homens que lhe restavam (97 officiaes). Da guarnição, ficaram mortos ou feridos cêrca de 400 homens, entrando no número dos primeiros os coroneis Lucas Pires e Tristão Azambuja. A artilharia e várias bandeiras, tomadas pelas nossas tropas, foram entregues ao general Flores, menos 1 bandeira, que, trazida para o Rio de Janeiro, foi, annos depois, a pedido do ministro Andrés Lamas, restituida ao Govêrno Oriental. Foi esta a nossa perda nos combates de Paisandú, até á tomada da praça:—Exército: mortos, 93 homens (5 officiaes); feridos, 382 (15 officiaes); Marinha: mortos, 14 (1 official); feridos, 29 (1 official); prisioneiros, 1 tambor, que foi degollado, sendo a sua cabeça exposta na trincheira. Total: 519 Brasileiros fóra de combate. O exército de Flores teve uns 150 mortos e feridos. O general Leandro Gómez entregou-se ao coronel brasileiro Oliveira Bello; mas, tendo sido reclamado por um official do exército de Flores (o commandante Belén), declarou que preferia ir com os seus compatriotas. Pouco depois, era fuzilado, assim como

outros prisioneiros, por ordem do coronel Gregorio (Goyo) Suárez. Em despacho de 22 dêsse mesmo mez, dizia o ministro dos Negocios Extrangeiros ao plenipotenciario brasileiro: — «O Govêrno Imperial julga conveniente que V. Ex. solicite do general Flores a punição de Goyo Suárez e dos outros subordinados do mesmo general que concorreram para ser levado a effeito semelhante attentado, que tanto deslustra a victoria que obtivemos em Paisandú.»

— Evacuação de Corumbá pelo coronel Carlos Augusto de Oliveira. Esse poncto não estava fortificado, e com 500 homens apenas não podia aquelle commandante esperar o ataque de Barrios, que dispunha de 6.000 homens e de uma esquadra.

1870. — Tomada da trincheira do rio Verde pelo coronel João Nunes da Silva Tavares (depois barão de Itaquí). O rio Verde é affluente do Aguaraí, tributario do Jejuí, no Paraguai.

3 DE JANEIRO

1621. — Carta Patente dos Estados Geraes da Republica das Provincias Unidas de Hollanda, dando á nova Companhia das Indias Occidentaes o privilegio do commercio e govêrno das conquistas que fizesse na America e Africa.

1631. — Francisco Monteiro Bezerra e outros capitães destroçam 2 companhias de Hollandezes na ilha de Sancto-Antonio (Recife).

1642. — Chegam ao Maranhão o coronel Bento Rodrigues de Oliveira e os capitães Pedro da Costa Favella e Aires de Sousa Chichorro, conduzindo reforços do Pará para a guerra contra os Hollandezes.

1774. — O capitão Rafael Pinto Bandeira, commandando um destacamento de 120 Riograndenses e Paulistas, derrota no Butucaraí 600 Correntinos, Santafecinos, Portenhos e Guaranís, dirigidos pelo capitão Antonio Gómez. Ao Rio-Pardo conduziu Pinto Bandeira 119 prisioneiros, entre os quaes o commandante inimigo. O terror dos fugitivos foi tal, que, encontrando-se dias depois com 440 homens sob o commando de Bruno de Zebala, os fizeram debandar quasi todos, persuadindo-os de que um numeroso exército marchava naquella direcção. Esta victoria valeu a Pinto Bandeira o louvor do marquez de Pombal.

1817. — O tenente-coronel José de Abreu (depois general e barão do Serro-Largo), á frente de 640 homens de tropas

de S. Paulo e Rio Grande do Sul, ataca e toma o acampamento de José Artigas no Potrero de Arapehí, dispersando-se completamente os 800 homens com que este general pretendia reforçar no dia seguinte o exército, que expedira contra o general Curado. Na noite dêste mesmo dia, depois de incendiar as bagagens do inimigo, Abreu incorporava-se ao exército acampado em Catalán (veja o dia seguinte).

— O general Bernardo da Silveira Pinto repelle na Calera de Sancta-Lucía as tropas orientaes de Fructuoso Rivera, que pretenderam disputar-lhe o passo. Entre os officiaes elogiados em ordem do dia, figuravam o capitão Gaspar Pinto Bandeira, morto no anno seguinte (veja 1° de Julho de 1818), e o alferes Domingos Crescencio, um dos caudilhos da revolução riograndense de 1835. A columna do general Silveira compunha-se de tropas de Portugal, do Rio Grande e do Rio de Janeiro.

1820.— A colonia suissa de Nova-Friburgo, fundada por d. João VI na real fazenda do Morro-Queimado, recebe o predicamento de villa.

1870.— Tomada do reducto de Cambaceguá (Paraguai) pelo general Camara (depois visconde de Pelotas).— O ataque foi feito pelo 14° de infantaria, commandante Joaquim José de Magalhães. Ficou prisioneiro o capitão Terencio Núnez, que commandava a guarnição paraguaia.

4 DE JANEIRO

1558.— Por uma carta do padre Blasques, sabe-se que Mem de Sá, 3° governador-geral do Brasil, chegou nesta data (« oitava dos innocentes ») á Bahia. Governou durante quasi 15 annos, até fallecer a 2 de Março de 1572, naquella cidade. Em 1560 e 1567 venceu na bahia do Rio de Janeiro os Francezes e Tamoios.

1817.— *Batalha de Catalán* (é o nome de um arroio, affluente da margem esquerda do Quarahim, territorio da Republica Oriental.— O exército brasileiro do Quarahim, acampado nesse logar, era commandado pelo tenente-general Curado; mas achando-se presente o marquez de Alegrete, capitão-general da capitania de S. Pedro do Rio Grande, que fôra inspeccionar essas tropas, coube a este o commando supremo. Estavam ahi o 1° e 2° de infantaria da legião de S. Paulo (majores José Joaquim da Rocha e Antonio José do Rosario), sob o commando do brigadeiro Oliveira Alvares (o 2° commandante era o tenente-coronel Galvão de Moura La-

cerda), 11 peças de artilharia (tenente-coronel Ignacio da Fonseca) e 2 esquadrões de cavallaria da mesma legião (capitães Silva Brandão e Simplicio Silva), o regimento de dragões do Rio-Grande (major Sebastião Barreto) e o de milicias do Rio-Pardo (brigadeiro João de Deus Menna Barreto), alguns esquadrões de milicias de Porto-Alegre (coronel Bento Corrêia da Camara) e do districto então chamado Entre-Rios, depois Alegrete (tenente-coronel José de Abreu), e 4 partidas de guerrilhas, ao todo 2.500 homens (1.200 Paulistas das 3 armas, e 1.300 Riograndenses de cavallaria). Essa fôrça foi atacada por 3.400 Orientaes, Entrerianos e Correntinos, que, sob o commando do cornel Andrés Latorre, formavam o principal exército do dictador José Artigas. Depois de porfiado combate, foram repellidos e destroçados, perdendo 1.200 mortos e prisioneiros (27 officiaes), os 2 canhões que traziam. 1 bandeira, 7 caixas de guerra, muitas armas de mão, 6.000 cavallos e 600 bois. Tivemos 79 mortos (5 officaies) e 164 feridos (13 officiaes; entre os primeiros o commandnate Rosario (da infantaria paulista), os capitães Victoriano Centena, José de Paula Prestes e Almeida Côrte-Real (Francisco de Borja), e o tenente Sanctos Pereira (da cavallaria riograndense); entre os segundos, o coronel Corrêia da Camara e o commandante Rocha (paulista).

1828.— O almirante argentino Brown, que saïra de Buenos-Aires com 11 escunas e canhoeiras, captura pela manhã a nossa baleeira-corsario *Mosquito*, guarnecida de 10 homens, sob o commando de Antonio Joaquim da Silva, e represa uma balandra. A bandeira do pobre e insignificante corsario foi recolhida com grande apparato pelo almirante e levada a Buenos-Aires como trophéo. Pouco depois, appareceu a divisão brasileira do chefe Oliveira Botas, e travou-se um pequeno combate, durante o qual a esquadrilha argentina perdeu as 2 prêsas, voltando a Buenos-Aires pelo banco das Palmas.

— Alguns lanchões corsarios argentinos, dirigidos por Geronimo Soriano (Chentopé), tomam na lagôa Mirim o hiate-canhoeira *19 de Outubro*; sua guarnição, composta de 24 homens, resistiu por algum tempo e teve 5 mortos e varios feridos. Este pequeno navio foi retomado em Abril.

1837.— Nascimento de Casimiro de Abreu, na villa da Barra de S. João.

— Bento Manuel Ribeiro ataca pela madrugada em Pedras-Altas os insurgentes, commandados por Netto. Estes retiraram-se para o Candiota, activamente perseguidos, e perderam durante a retirada 5 canhões e muitos mortos e dispersos. Netto atravessa a fronteira, passando-se com a sua gente para

o Estado Oriental. Depois regressou ao territorio brasileiro, pela fronteira do Pirahí.

1840.— Os anarchistas do Maranhão, que sitiavam, desde 18 de Dezembro, no Estanhado, o major Antonio de Sousa Mendes, são completamente derrotados pelo tenente-coronel Roberto Vieira Passos, chegado de Piracuruca.

1849.— Os insurgentes de Pernambuco, commandados por Antonio Corrêia Pessôa de Mello, tomam a povoação de Bezerros, defendida por alguns paizanos armados, sob o commando do capitão Candido José da Silveira.

1869.— Inauguração dos trabalhos de construcção da estrada de ferro de Valença.

1880.— Terminam as desordens começadas no dia 1° na cidade do Rio de Janeiro, sendo tomada pelo coronel Enéas Galvão (depois general e barão do Rio-Apa) uma barricada na rua da Uruguaiana. Houve 4 mortos e muitos feridos.

5 DE JANEIRO

1637.— O capitão de emboscadas Manuel Viegas, despachado com 5 homens pelo general Bagnuoli, para descobrir os movimentos do inimigo, é ferido e aprisionado perto de Serinhaem. Conduzido á presença do chefe hollandez Schkoppe, foi, por ordem dêste, fuzilado.

1648.— Henrique Dias começa, durante a noite, o ataque do forte hollandez na ilha da lagôa Guarairas (veja 6 de Janeiro).

1711.— Fallecimento do poeta Manuel Botelho de Oliveira, na Bahia, onde nascera em 1636.

1774.— O general Vertiz, governador de Buenos-Aires, invadira o territorio portuguez do Rio Grande do Sul, e marchava sôbre Rio-Pardo, com 1.914 homens e 4 peças. Neste dia avistou no Pequirí 21 homens, commandados pelo capitão Miguel Pedroso Leite. Depois de uma descarga, retirou-se este destacamento para a guarda do Tabatingahí. Tivemos 1 cavallo ferido; e os Hispanhóes, 1 official ferido. Vertiz deu a este encontro o nome de *victoria del Pequirí*. Funes menciona-o como um importante feita de armas.

1785.— Alvará prohibindo no Brasil as manufacturas de algodão, seda, linho e lã, os bordados de ouro e prata, exceptuados sómente os tecidos grosseiros de algodão. Segundo o alvará, «desde alguns annos» havia no Brasil «grande nú-

mero de fabricas e manufacturas». Esta prohibição foi revogada por decreto de 1° de Abril de 1808.

1811.— Carta régia auctorizando a fundação de uma typographia na cidade da Bahia, como propuzera o governador, conde dos Arcos. Foi esta a primeira imprensa que teve a Bahia, fundada e dirigida por Manuel Antonio da Silva Serra. No mesmo anno começou a publicar o periodico *Edade de Ouro* (1811-1823).

1826.— O coronel Pita, saïndo do Serro, perto de Montevidéo com a cavallaria brasileira, ataca no Saladero de Durán a cavallaria inimiga, que bloqueava a praça, e persegue-a por muitas leguas.

1828.— A canhoneira *Catalã,* commandante Sousa Junqueira, repelle um ataque da *19 de Outubro* e de varios lanchões argentinos, commandados por Geronimo Soriano (Chentopé). O inimigo consegue, porém, apresar 2 hiates mercantes, que aquella canhoeira protegia.

1849.— Tomada de uma trincheira do engenho Utinga (Pernambuco) pelo major João Guilherme Bruce (depois general).

1863.— Grande agitação na cidade do Rio de Janeiro, com a noticia de terem sido apresados 5 navios mercantes brasileiros pela esquadra ingleza. A' tarde, tendo ouvido o seu Conselho de Estado, o imperador d. Pedro II dirigiu-se á cidade e foi accompanhado até ao Paço por uma multidão immensa, que o acclamava. Este conflicto diplomatico teve solução muito honrosa para o Brasil (veja 30 de Dezembro de 1862 e 18 de Junho de 1863).

1868.— Fallecimento de Antonio Peregrino Maciel Monteiro, barão de Itamaracá, poeta, orador parlamentar e diplomata. Falleceu em Lisbôa, onde exercia o cargo de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brasil. Nascera no Recife, a 30 de Abril de 1804.

1869.— Entrada do marechal Caxias e do exército alliado na cidade de Assumpção (veja 1° de Janeiro).

1878.— Volta ao poder o partido liberal com o ministerio presidido pelo conselheiro Sinimbú. O partido conservador estava no Govêrno desde 16 de Julho de 1868 (Gabinete Itaborahí).

6 DE JANEIRO

1502.— Descobrimento de Angra dos Reis por André Gonçalves e Amerigo Vespucci.

1636.—O general Rojas, deixando em Sancta-Luzia do Norte (Alagôas) o conde de Bagnuoli com 700 homens, marcha com 1.700 ao encontro dos Hollandezes, dirigindo-se a Porto-Calvo (veja 18 de Janeiro).

1643.—Os sitiantes de S. Luiz do Maranhão, dirigidos por Antonio Luiz Barreiros, começam a fazer fogo sôbre a praça, arvorando neste dia a bandeira portugueza, trazida pelos voluntarios do Pará.

1648.—Tomada do forte hollandez na ilha da lagôa Guarairas (Rio Grande do Norte) por Henrique Dias (veja 5 de Janeiro).

1736.—Chega á praça da Colonia do Socramento, atacada pelos Hispanhóes, o primeiro soccôrro de tropas e viveres do Rio de Janeiro. Até então, 4.874 balas e 520 bombas tinham caïdo dentro dos muros da praça. No dia seguinte, o inimigo evacua as ilhas de S. Gabriel, abandonando 3 peças; e no dia 2 de Fevereiro larga as trincheiras de ataque, limitando-se a bloquear a praça por meio de destacamentos postados a grande distancia della.

1761.—Nascimento de Balthasar da Silva Lisbôa, na Bahia.

1763.—Ataque da praça da Colonia do Sacramento, então em poder do general hispanhol Ceballos, pelas fragatas inglezas *Lord Clive*, de 64 canhões (John Macnomara) e *Ambuscade*, de 40 (William Roberts), e pela portugueza *Gloria*, de 38. Estes navios e alguns transportes conduziam viveres e tropas de desembarque, sob o commando do tenente-coronel Vasco Alpoim, amigo de José Basilio da Gama. Tinham partido do Rio de Janeiro a 20 de Novembro, quando ainda se ignorava a capitulação da praça. O combate começou meia hora depois do meio-dia. A's 4 da tarde já era muito frouxo o fogo da artilharia hispanhola, quando a *Lord Clive* começou a arder rapidamente, ficando de todo destruida. De 340 homens, que havia a bordo, apenas 78 se salvaram. Macnamara morreu afogado, sendo dos ultimos a deixar o navio. As outras fragatas retiraram-se então, e com grandes avarias. A *Ambuscade* tinha 40 balas no costado e fazia muita agua. A bordo dêste navio foi ferido o poeta Thomas Penrose, então tenente. Entre as suas poesias, encontram-se duas escriptas antes e depois do combate, e dedicadas á sua noiva.

1820.—Os capitães de guerrilhas Bento Gonçalves da Silva e Diogo Felix Feijó surprehendem e dispersam, no Passo de Pereira do rio-Olimar-Grande, 300 Orientaes, das fôrças de Artigas, que alli estavam acompados sob o commando do coronel Gregorio Aguiar. Ficaram mortos ou prisioneiros 61 officiaes e soldados do inimigo.

1838.— Combate entre as tropas legalistas e os insurgentes, nos arredores da Bahia. O coronel Antonio Corrêia Seara (ferido nesta occasião) repelle os insurgentes e apodera-se da posição de Campina. Nos dias 7 e 8 proseguiu o fogo entre as duas linhas.

1865.— A canhoneira *Anhambahí* (34 homens, 2 rodizios) é capturada perto do morro de Caracará, no S. Lourenço (Matto-Grosso), pelos vapores paraguaios *Iporá* (4 canhões, commandante Herreros) e *Rio-Apa* (3 canhões). O *Anhambahí*, perseguido pelos navios inimigos, «limitou-se a fazer o fogo que era possivel em retirada (disse o capitão de fragata F. C. de Castro Meneses); mas o unico rodizio, que algum damno fazia ao inimigo, ao decimo-terceiro tiro desmontou-se, e assim, sendo abordado por um dos vapores que de mais perto o seguiam (o *Iporá*), em uma volta das mais estreitas do rio, e tambem impellido pela correnteza das aguas, foi sôbre a barranca, e nessa occasião saltou em terra quasi toda a guarnição, sendo a maior parte de menores do corpo de Imperiaes». Ficaram prisioneiros 7 homens, entre os quaes o piloto José Israel Alves Guimarães, que commandava o navio. A bordo do *Iporá* foi morto 1 official.

1867.— O vapor brasileiro *Eponina* que servia de hospital de sangue em Curuzú, é consumido por um incendio, perecendo muitos doentes que estavam na coberta.

7 DE JANEIRO

1549.— Carta régia de d. João III, creando no Brasil um govêrno com jurisdicção sôbre todas as capitanias e mandando fundar uma fortaleza e povoação na bahia de Todos os Santos, «para dahi se dar favor e ajuda ás outras povoações». Thomé de Sousa, 1° governador-geral, partiu de Lisboa no dia 1° de Fevereiro e chegou á Bahia a 29 de Março, fundando então a «cidade do Salvador», depois S. Salvador da Bahia, capital do Brasil até 1762. Em 13 de Junho a nova cidade já estava fundada (veja 1° de Novembro de 1549).

1619.— A guarnição do forte de Sancto-Christo (depois Castello), na nova cidade de Belém do Pará, repelle um assalto dos Tupinambás, commandados por Guaimiaba, que é morto neste combate. Dirigiu a defesa o capitão Balthasar Rodrigues de Mello.

1648.— Os Hollandezes, que occupavam a casa forte do engenho Cunhaú (Rio Grande do Norte), rendem-se a Henrique Dias.

1736.—Os Hispanhóes evacuam as ilhas de S. Gabriel, no porto da Colonia do Sacramento, abandonando 3 canhões.

1809.—O commandante inglez James Lucas Yeo e o major Joaquim Manuel Pinto desembarcam, ás 3 horas da madrugada, na entrada do Mahurí, sôbre a costa oriental da ilha de Caienna. O primeiro, á frente de 80 Inglezes e 80 Brasileiros, apodera-se da bateria do Diamant (3 peças), cujo commandante, capitão Chevreuil, é morto; o segundo, com 140 Brasileiros, toma a bateria de Degras-des-Cannes (2 peças). Desembarcam então mais 350 Brasileiros, com o tenente-coronel Manuel Marques d'Elvas, e começa o ataque da bateria Trio (2 peças), em que tomam parte o cutter *Vingança*, a chalupa *Leão*, a escuna *Invencivel Meneses* e as barcas ns. 1 e 2. A's 6 horas da tarde, os nossos infantes ficam senhores dessa bateria, na entrada da Crique-Fouillée, e de outra no canal Torcy (2 peças). A's 7 horas, o tenente-coronel Marques d'Elvas repelle, em Degras-des-Cannes, um ataque dirigido pelo governador Victor Hughes (veja 8 de Janeiro).

1823.—*Combate de Itaparica* (guerra da Independencia). —Uma esquadrilha portugueza, sob o commando do capitão de fragata Joaquim José da Cunha, tenta operar desembarques na ilha, para tomar o forte de S. Lourenço e as trincheiras proximas. Todas as tentativas foram repellidas. O fogo, começado ás 9 horas da manhã, terminou ás 6 da tarde. Uma divisão travou combate com as trincheiras de Ponta das Amoreiras, praia das Amoreiras, Amoreiras Pequenas, Isidoro, S. Pedro e forte de S. Lourenço; outra divisão, com este forte (commandante major Luiz Corrêia de Moraes), com as canhoneiras *Pedro I* (segundo-tenente Oliveira Botas) e *D. Leopoldina* (sargento André Avelino Pereira) e com as trincheiras de Quitanda, Alambique do Lima, Fonte da Bica e Engenho da Boa-Vista, entre o referido forte e o Mocambo. O major Antonio de Sousa Lima (depois brigadeiro) era o commandante geral das fôrças brasileiras na ilha e percorreu todos os pontos ameaçados. O capitão Francisco Xavier de Barros Galvão, a quem estava confiada a defesa pelo lado das Amoreiras, teve a mão esquerda partida por uma bala de artilharia. A perda dos Portuguezes, segundo os nossos chronistas, foi grande, distinguindo-se entre todos o guarda-marinha João Maria Ferreira do Amaral, que perdeu um braço. Foi tambem ferido o primeiro-tenente d. Pedro de Lencastre. Tomaram parte no combate os brigues *Audaz* e *Promptidão*, e varias canhoneiras, entre as quaes as barcas *Constituição* e *Conceição*, que protegiam 41 lanchões e lanchas, conduzindo marinheiros armados e tropas de desembarque.

A parte official do capitão de fragata Cunha começa assim: — «Com a maior magua participo a V. Ex. que trez vezes tentei assaltar a ilha de Itaparica». O general Labatut, commandante em chefe do exército brasileiro, promoveu aos postos immediatos o major Lima, os capitães Galvão e Manuel Rodrigues de Sousa, os tenentes Claudio José Ramos Amazonas e Francisco Manuel dos Santos Barreto, os cirurgiões tenentes Francisco Sabino Alvares da Rocha e Bernardino Ferreira Nobrega e os seguintes officiaes das 2 canhoneiras: segundo-tenente Botas, guarda-marinha José Antonio Gonçalves, alferes Francisco Alvellos Spinola e o sargento André Avelino Pereira.

1835.— Insurreição na cidade de Belém do Pará. Os insurgentes assassinaram o presidente da provincia, Bernardo Lobo de Sousa, o commandante das armas, coronel Joaquim José da Silva Sanctiago, e o chefe da estação naval, capitão de fragata James Inglis. Foram acclamados: presidente, Felix Antonio Clemente Malcher; e commandante das armas, Francisco Pedro Vinagre. Começou assim a guerra civil chamada dos *Cabanos*. A insurreição só ficou de todo vencida em fins de 1836, exceptuada a comarca do Rio-Negro, depois provincia do Amazonas, onde os *Cabanos* só depuzeram as armas em principios de 1840. O coronel Sanctiago distinguira-se durante a guerra da Independencia, na Bahia; e, como commandante das armas de Pernambuco, desde 9 de Março de 1832 até 16 de Novembro do anno seguinte, dirigira as fôrças em operações contra os *Cabanos*. O capitão de fragata James Inglis, pardo da Jamaica, servia na nossa Marinha desde 28 de Julho de 1823. Era talvez o melhor marinheiro que então tinhamos e foi dos mais intrepidos commandantes durante a guerra de 1826 a 1828, distinguindo-se em muitos combates e tomando os corsarios argentinos *Niger* e *Feliz*. O almirante barão do Rio da Prata, em officio n. 336, escreveu o seguinte sôbre Inglis: — «O *Caboclo* (brigue commandado por Inglis) foi, no tempo de Grenfell, açoite dos inimigos no bloqueio, e não o tem sido menos no tempo do actual commandante, em todo o sentido perfeitissimo official. E' sempre o primeiro e quem tira os melhores resultados; e é tal a opinião geral, que nem os seus camaradas se declaram emulos. São tantas as occasiões em que este homem se tem distinguido, que me obrigaram a despacha-lo capitão de fragata; embora fosse capitão-tenente ha pouco, elle tem-n-o ganhado em guerra activa e sem deixar nunca duvidosa a sua honra, valor e intelligencia».

1838.— Fallecimento do padre José Custodio Dias, senador por Minas-Geraes. Foi um dos oradores liberaes mais

assiduos na tribuna da Camara dos Deputados, desde 1826. Em 18 de Septembro de 1835 tomara assento no Senado.

1839.—O major Pedro Paulo de Moraes Rego derrota os insurgentes do Maranhão na feitoria de S. Martinho.

8 DE JANEIRO

1809.—O commandante Yeo, á frente de 80 marinheiros inglezes e 100 soldados brasileiros, desaloja os Francezes da posição que haviam occupado durante a noite juncto ao canal Torcy (Guiana Franceza) e apodera-se de 2 peças de campanha. No dia seguinte, os alliados marcham para Legrand Beau-Regard e mandam um parlamentario ao governador francez (veja 12 de Janeiro).

1824.—Manuel de Carvalho Paes de Andrade, eleito, a 13 de Dezembro anterior, presidente da Juncta de Govêrno de Pernambuco, é nesta data confirmado, em outra eleição. A assembléa eleitoral resolve ao mesmo tempo não escolher outros deputados para a nova Constituinte, «porque, tendo..... já eleito os que deviam fazer firmar o pacto social», «era contrario á dignidade e decoro da provincia nomear novos». Começou assim a revolução pernambucana, que produziu, mezes depois, a ephemera Confederação do Equador.

1867.—O vice-almirante Joaquim José Ignacio (depois visconde de Inhaúma), a bordo da canhoneira *Magé,* faz um reconhecimento sôbre as baterias de Curupaití. Por ordem sua, os encouraçados *Bahia, Tamandaré, Barroso* e *Colombo,* que formavam a divisão do capitão de mar e guerra Rodrigues da Costa, postaram-se a pequena distancia das baterias paraguaias e abriram sôbre ellas um vigoroso bombardeamento. O almirante, com a *Magé,* o encouraçado *Brasil,* a bombardeira *Pedro-Affonso* e 2 chatas, apoiou o fogo daquella divisão. O batalhão 48° de voluntarios, emboscado na margem direita do Paraguái, muito incommodou os artilheiros inimigos. Na mesma occasião, e pela primeira vez, penetraram na lagôa Piris navios da nossa esquadra: as canhoneiras *Araguarí* e *Iguatemí,* a bombardeira *Forte de Coimbra,* a chata *Mercedes* e a lancha a vapor *João das Botas.* Esta pequena divisão, commandada pelo capitão-tenente Mamede Simões, e a bateria Potrero, do exército brasileiro de Tuiutí, bombardearam as posições inimigas de Sauce.

1872.—Morre na cidade do Rio de Janeiro o senador Visconde de Itaborahí (Joaquim José Rodrigues Torres), um dos chefes do partido conservador. Várias vezes ministro de

Estado, desde os dias da Regencia, adquiriu grande renome na administração das finanças do Imperio e foi presidente do Conselho de Ministros de 11 de Maio de 1852 a 6 de Septembro do anno seguinte e de 16 de Julho de 1868 a 29 de Septembro de 1870.

9 DE JANEIRO

1571.— Morre em Beauvais o illustre guerreiro Nicolas Durand de Villegaignon (veja 10 de Novembro de 1555).

1640.— Algumas canôas, dirigidas por João Pereira de Cacéres, commandante do forte de Gurupá, abordam e tomam um patacho hollandez armado em guerra.

1822.— O principe-regente d. Pedro (depois imperador d. Pedro I), attendendo ás representações dos Fluminenses, Paulistas e Mineiros, resolve ficar no Brasil, desobedecendo assim ás Côrtes Constituintes da Nação Portugueza, que o chamavam á Europa.

1823.— Carta imperial, dando á cidade do Rio de Janeiro o titulo de «muito leal e heroica», accrescentamento do título de «muito leal», concedido pela carta régia de 6 de Junho de 1647, de d. João V.

1824.— A Camara Municipal e o povo de Quixeramobim, em consequencia da dissolução da Constituinte, declaram excluido do throno o imperador d. Pedro I e sua dynastia, e resolvem convidar Pereira Filgueiras a organizar na provincia do Ceará o govêrno republicano e a assumir o commando geral das tropas locaes. No dia 18, a Camara de Icó adhere ao pronunciamento de Quixeramobim, por influencia de Alencar Araripe, que alli estava á frente de alguma fôrça.

1829.— O brigue brasileiro *Duqueza de Goiaz,* commandado pelo primeiro-tenente Carlos Watson, ataca deante de Cabinda um brigue-escuna, pirata, armado com 14 peças. O combate começou ás 7.50 da tarde e terminou ás 11.45 da noite, fugindo então o pirata, favorecido pela escuridão e por um forte aguaceiro. Pelo mesmo tempo, foi atacado e tomado nesses mares, por um navio de guerra inglez, o corsario argentino *Presidente,* que se tornara pirata.

1839.— Bento Gonçalves annuncia a transferencia da capital da Republica Rio-Grandense de Piratinim para Caçapava.

1851.— Peste de Southampton o paquete inglez *Teviot* que inaugurou as viagens da primeira linha de paquetes a vapor entre a Europa e o Brasil.

1852.— Fallecimento do senador José Saturnino da Costa Pereira (veja 22 de Novembro de 1773).

1853.—Naufragio do vapor de guerra *D. Affonso* na praia da Maçaranduba, a Oéste de Cabo-Frio. Neste navio tinha o almirante brasileiro Grenfell o seu pavilhão, no combate de Tonelero (veja 17 de Dezembro de 1851).

1857.—Inauguração do Lyceu de Artes e Officios da cidade do Rio de Janeiro (veja 23 de Novembro de 1856).

1866.—Fuzilamento do general paraguaio Wenceslau Robles, por ordem do marechal Solano López, dictador do Paraguái.

1869.—Fallece em Assumpção, na madrugada dêste dia, segundo o «Diario do Exercito», o brigadeiro honorario José Joaquim de Andrade Neves, barão do Triumpho, um dos mais illustres guerreiros da Guarda-Nacional brasileira. Nasceu no Rio-Pardo a 22 de Janeiro de 1807, e começara a servir, combatendo durante os dez annos da guerra civil do Rio Grande do Sul (1835-1845), em defesa da unidade do Brasil. Alferes em 1836, quatro annos depois já era tenente-coronel. Desde 1838, sendo major, commandava um corpo de cavallaria. Na batalha de Taquarí (3 de Maio de 1840), recebeu dous ferimentos. Fez as campanhas de 1851 a 1852 (era coronel) e de 1864 a 1865 (brigadeiro honorario) no Estado Oriental, commandando uma brigada de cavallaria de guardas-nacionaes, e cobriu-se de gloria na guerra do Paraguái, merecendo de Caxias o titulo de «bravo dos bravos do exército brasileiro». Durante esta última guerra, teve sempre sob as suas ordens uma ou mais divisões de cavallaria, e, por vezes, tropas das trez armas. Commandou as fôrças brasileiras nos combates do Arroyo-Hondo (3 de Agosto de 1867), Pilar (20 de Septembro), Tebicuarí (28 de Agosto de 1868) e Surubií (23 de Septembro de 1868), e teve parte muito importante nos combates de Parê-Guê (3 de Outubro de 1867), Tatajibá (21 de Outubro), na tomada de Cierva (19 de Fevereiro de 1868), em que recebeu uma contusão, na batalha do Avahí (11 de Dezembro) e no ataque de Lomas-Valentinas (21 de Dezembro de 1868). Nesta última jornada foi ferido, fallecendo dezenove dias depois, na cidade de Assumpção. Em 1872, foram os seus restos mortaes trasladados para Porto-Alegre.

1881.—Lei estabelecendo no Brasil a eleição directa. Esta reforma, proposta ao Parlamento em 1879 pelo Gabinete liberal do conselheiro Sinimbú, foi rejeitada no Senado, e depois acceita, estando no Govêrno o Gabinete do conselheiro Saraiva. O barão de Cotegipe e muitos conservadores defenderam então o projecto Saraiva, porque dispensava a reforma constitucional, proposta pelo Gabinete Sinimbú.

10 DE JANEIRO

1633.—A caravella que conduzia da Madeira para o Brasil o capitão Francisco de Bittencourt de Sá, bate-se contra um navio hollandez mais forte, e, ainda que soffrendo grandes avarias, consegue chegar dous dias depois ao Porto do Francez, em Alagôas. A bordo dêsse navio foram mortos e feridos 25 homens.

1639.—Os Hollandezes do Recife avistam a esquadra do conde da Torre, que vinha de Portugal para a Bahia (veja 20 e 23 de Janeiro).

1681.—Fallecimento de João Fernandes Vieira, principal chefe da insurreição pernambucana de 1645 contra o dominio hollandez e um dos heróes da guerra recomeçada então e terminada em 1654. O verdadeiro nome dêste guerreiro, nascido no Funchal (Madeira) em 1613, era Francisco d'Ornellas Moniz, como ficou demonstrado em 1873 pelo academico portuguez Lima Felner. Filho de Francisco d'Ornellas Moniz, fidalgo madeirense, fugiu da casa paterna, tendo apenas 10 annos de edade, e, com o nome de João Fernandes Vieira, que sempre conservou, foi a principio caixeiro no Recife, conseguindo depois enriquecer no commercio e na lavoura, durante a occupação hollandeza. Moreau, chronista contemporaneo, que durante alguns annos viveu no Recife, diz que Vieira, a quem não conheceu pessoalmente, era pardo liberto («Iohan Fernandes Diera, molate, esclave affranchi» pags. 44). Tornou-se homem muito influente em Pernambuco, vivendo na privança das auctoridades hollandezas. Em 1644 casou com uma filha de Francisco Berenguer de Andrada. Vidal de Negreiros, despertando em Vieira a ambição de gloria, convidou-o (1642), em nome do rei d. João IV, a promover a empresa da restauração de Pernambuco. O proprio Vieira disse-o annos depois: — «A Magestade que está em gloria, por secretos avisos, me mandou que fizesse a guerra aos Hollandezes...» A insurreição pernambucana, ajustada no compromisso de 23 de Maio de 1645, rompeu no dia 13 de Junho. A 3 de Agosto Vieira vencia a batalha de Tabocas; a 17 do mesmo mez alcançava, com Vidal de Negreiros, a victoria de Casa-Forte. Esses dous chefes exerceram conjunctamente, até 16 de Abril de 1648, o commando em chefe das tropas pernambucanas e bahianas em operações. Dahi em deante, commandou em chefe o general Barreto de Meneses. Vieira, á frente do terço ou regimento que dirigia, cobriu-se de gloria em muitos combates, sobretudo nas duas batalhas de Guararapes e no ataque dos fortes exteriores do Recife. Terminada

a guerra, recebeu a alcaidaria-mór de Pinhel e duas commendas na Ordem de Christo, foi governador da Parahiba (12 de Fevereiro de 1655 a Agosto de 1657), capitão-general de Angola (18 de Abril de 1658 a 10 de Maio de 1661) e conselheiro de guerra. Falleceu em Olinda. O seu retrato encontra-se no «Castrioto Lusitano», de fr. Rafael de Jesús. Por essa estampa, vê-se que o escudo de armas de que usava, partido em faixa, tinha no primeiro as dos Ornellas e no segundo as dos Monizes. Foi isso o que levou Lima Felner a proceder a investigações sôbre a sua ascendencia, tendo afinal conseguido descobrir varios documentos no Archivo do Conselho Ultramarino e algumas informações de genealogistas da Madeira.

1817.— 4 navios portuguezes, expedidos de Maldonado pelo conde de Vianna, sob o commando do capitão de mar e guerra Silva Pacheco, começam o bloqueio de Montevidéo, onde governava, em nome do general Artigas, o delegado Miguel Barreiro. No dia 17 reune-se ao bloqueio, com os outros navios da esquadra, o conde de Vianna (veja 17 e 20 de Janeiro).

1820.— O conde da Figueira, capitão-general do Rio Grande do Sul, reune-se no Passo da Lagôa (rio Sancta-Maria) aos generaes Abreu e Camara. No dia seguinte, pela madrugada, marcham em busca do exercito do general Artigas.

1835.— Decreto da Regencia, creando o Monte Pio da Economia dos Servidores do Estado. Era ministro da Fazenda o conselheiro Castro e Silva.

1849.— Um corpo de revolucionarios de Pernambuco, dirigido por Peixoto de Brito, apodera-se da povoação de Barreiros, retirando-se o destacamento que a defendia, sob o commando do tenente Manuel Cavalcanti de Albuquerque Lins Valcasser, depois de exgottadas as munições.

1850.— Morre na fazenda de Sancta-Cruz o principe d. Pedro Affonso, segundo filho do imperador d. Pedro II.

11 DE JANEIRO

1603.— O rei d. Philippe II, de Portugal, III de Hispanha, promulga as Ordenações do Reino, tambem chamadas «Ordenações Philippinas».

1608.— Assassinato do jesuita Francisco Pinto pelos selvagens do Ceará, que elle procurava catechizar.

1699.— Carta régia creando na Bahia uma Eschola de Artilharia e de Architectura Militar.

1801.— Nascimento de Honorio Hermeto Carneiro Leão, (depois marquez de Paraná). Nasceu em Jacuhí, Minas-Geraes (veja 3 de Septembro de 1856).

1822.— As tropas portuguezas da guarnição do Rio de Janeiro, sob o commando do general Jorge de Avilez, occupam o Morro do Castello e outras posições, pretendendo coagir o principe-regente d. Pedro a obedecer ao decreto das Côrtes de Lisboa, que o chamavam á Europa. A tropa brasileira, os milicianos e cidadãos armados começam a reunir-se no campo de Sancta Anna (veja o dia seguinte).

1828.— Acção de Caballada, perto da Colonia do Sacramento.— Um destacamento de 230 homens de cavallaria e infantaria, que, sob o commando do coronel Vasco Antunes Maciel, saïra da praça da Colonia, repelle naquelle logar um ataque da cavallaria oriental.

1843.— O general Caxias atravessa o S. Gonçalo, e marcha para S. Lourenço, dando assim comêço ás suas operações contra os separatistas do Rio Grande do Sul.

1849.— O tenente-coronel Francisco Alves Cavalcanti Camboim é atacado em Camorim por um corpo numeroso de revolucionarios pernambucanos e obrigado a retirar-se dèsse poncto.

1870.— Combate de Lomaruguá (ao Norte do Jejuí), em que o general Camara destroça o coronel paraguaio Ignacio Genes, ficando em nosso poder muito armamento, 1 bandeira, outros trophéos, e 154 prisioneiros, entre os quaes o citado coronel. Este foi o penultimo combate da guerra do Paraguái (veja 1° de Março).

12 DE JANEIRO

1637.— O ajudante José Castanho, com 130 homens, derrota no Rio-Formoso um destacamento hollandez.

1640.— *Batalha naval da Ponta de Pedras*.— O capitão-general conde da Torre tinha saïdo da Bahia com a seguinte armada: — esquadra de Castella: 6 galeões e 6 urcas, com 342 canhões, sob o commando do general d. Juan de la Vega Bazán, sendo almirante (titulo que, entre os Hispanhóes e Portuguezes competia ainda então ao 2° commandante de uma esquadra) Francisco Dias Pimenta; esquadra de Portugal: 8 galeões e 1 patacho, com 226 canhões (general, d. Rodrigo Lobo; almirante, Cosme do Couto Barbosa); esquadra do soccòrro das Ilhas: 15 vélas, com 111 canhões (general, d. Diogo Lobo; almirante, Antonio da Cunha de Andrade); frota dos assucares ou do Rio de Janeiro: 12 vélas, com 126 canhões. Total: 48 navios de guerra

ou armados em guerra, com 805 canhões, e 41 transportes e navios pequenos desarmados, sendo 13 caravellas, 6 patachos de S. Vicente, 9 barcos latinos da costa e 13 barcos sem coberta. A bordo de alguns dos navios de guerra e transportes, ia o pequeno exército do mestre-de-campo-general, principe de Bagnuoli (creado principe pela sua defesa da Bahia em 1638 contra Nassau) (veja 26 de Agosto). O exército, composto de tropas de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Portugal e Napoles, devia desembarcar perto do Recife; mas ventos contrarios levaram a armada para o Sul da Bahia; e, quando poude voltar para o Norte, o máo tempo arrastou-a muito além do Recife. Varios navios desgarraram e voltaram á Bahia. O conde da Torre ia no galeão do general Vega Bazán, com quem estava na maior desintelligencia. Ao encontro dessa poderosa fôrça naval, o principe Mauricio de Nassau despachou do Recife uma esquadra de 41 navios, com 473 canhões, sob o commando do almirante Willelm Cornellissen Loos. No número dos navios, era quasi egual á armada luso-hispanhola; no dos canhões, era muito inferior; mas tinha a vantagem de ser composta de navios mais veleiros do que os pesados galeões hispanhoes e portuguezes. Neste dia 12 de Janeiro, travou-se o primeiro combate, sempre a véla, ao Norte de Itamaracá e na altura da Ponta de Pedras. Foi morto o almirante Loos e mettido a pique o navio hollandez *Alkmaar*, de 26 peças. O vice-almirante Jacob Huighens assumiu o commando da esquadra hollandeza. Continuando a navegar para o Norte, bateram-se ainda as duas fôrças nos dias 13, 14 e 17 (veja essas datas).

1646.— Henrique Dias ataca e põe em fuga os Hollandezes, que haviam começado a trabalhar na construcção de um reducto no atêrro dos Afogados, entre as fortalezas de Fredrik Hendrike (Cinco Pontas) e Prinz Willelm (Afogados).

1809.— Capitulação assignada em Bourda (ilha de Caïena), entre o tenente-coronel Manuel Marques d'Elvas Portugal e o capitão James Lucas Yeo, commandantes das forças alliadas do Brasil e da Grã-Bretanha, e Victor Hughes, governador da Guiana Franceza. Ficou ajustada nessa capitulação a entrega da Guiana Franceza ao principe-regente d. João (depois rei d. João VI), sendo concedida á guarnição as honras da guerra e transporte até á França para as tropas regulares. Quando capitulou, tinha o governador sob o seu commando 593 homens de linha, 100 milicianos e 500 escravos armados (veja 6, 7, 8 e 14 de Janeiro de 1809 e 9 de Junho de 1815).

1822.— O tenente-general Joaquim Xavier Curado assume o commando das fôrças brasileiras reunidas no Campo de Sancta-Anna. O general Avilez, commandante das tropas por-

tuguezas, concorda então em transferir estas para a Armação (veja 9 de Fevereiro).

1840.— *Combate de Curitibanos* (Sancta-Catharina), tambem chamado da Forquilha, em que o tenente-coronel Antonio de Mello e Albuquerque, da Guarda-Nacional, derrota os revolucionarios rio-grandenses, commandados por Joaquim Teixeira Nunes. Os vencedores eram 400 voluntarios e guardas-nacionaes da Cruz-Alta; os vencidos, 450 homens, orgulhosos da victoria que acabavam de alcançar (14 de Dezembro de 1839) sôbre o brigadeiro Cunha. O então capitão-tenente Garibaldi commandava a infantaria de Teixeira Nunes, cujas perdas foram muito grandes.

— Varios caudilhos da rebellião maranhense apresentam-se em Icatú com 2.000 homens e depõem as armas neste e no dia seguinte (veja 15 de Janeiro).

1867.— O acampamento paraguaio do Arroyo Aracajá, no Alto-Paraná, é bombardeado pela canhoneira *Henrique Martins*. Os Paraguaios, que occupavam essa posição, retiram-se para as matas proximas, e o acampamento é incendiado por um contingente de 40 fuzileiros navaes e imperiaes-marinheiros. O primeiro-tenente Francisco de Salles Werneck de Aguilar adeanta-se então com 10 homens apenas e é atacado por 30 cavalleiros inimigos. No choque, tivemos 6 homens mortos e feridos, sendo dos primeiros aquelle official.

13 DE JANEIRO

1561.— Christovam Gonçalves é nomeado juiz pedaneo da povoação de Itanhaem, fundada por elle e por João Rodrigues Castelhanos em 1549.

1636.— O capitão Francisco Rebello, que fazia a vanguarda do general Rojas, apresenta-se deante de Porto-Calvo e começa um tiroteio com os Hollandezes, dirigidos por Schkoppe. A' noite este chefe evacua a povoação e vae embarcar para o Recife em Barra-Grande. O nosso exército chegou a Porto-Calvo no dia 15, marchando para a Barra-Grande no dia seguinte, mas voltou rapidamente, e no dia 17 seguiu ao encontro das tropas hollandezas, commandadas por Arciszewski (veja 18 de Janeiro).

1640.— *Segunda batalha naval entre a armada luso-hispanhola do conde da Torre e a hollandeza* (veja 12 de Janeiro). — Este combate deu-se em frente do cabo Branco. Foi a pique um navio hollandez, *Geele Zom*, de 28 peças, perecendo o seu commandante, Mortamer, e quasi toda a guarnição (veja 14 e 17 de Janeiro).

1750.— *Tractado de Madrid, fixando os limites entre os dominios de Portugal e Hispanha na America.*— A linha di-

visoria, seguindo o meridiano fixado pelo tractado de Tordesillas (1494), não tinha sido respeitada, nem pelos Portuguezes na Brasil, nem pelos Hispanhóes nas Indias Orientaes. No seculo XVI e no XVII, os astronomos dos dous paizes não se entendiam sôbre o verdadeiro meridiano da demarcação. A Hispanha occupara as Philippinas e reclamara e obtivera de Portugal uma indemnização pelas Molucas, sustentando que essas ilhas ficavam dentro do hemispherio hispanhol. Neste caso, o meridiano de demarcação era recuado muito para o Oéste na America, e as duas margens do Prata, toda a Banda Oriental do Uruguái, grande parte da provincia de Buenos-Aires, os territorios de Entre-Rios, Corrientes e Paraguái e grande parte do Chaco ficariam dentro do hemispherio portuguez. Procurou-se regular o litigio, adoptando então o principio do *uti-possidetis*, com a unica limitação de que seria cedida por Portugal á Hispanha a praça da Colonia do Sacramento, em troca do territorio situado ao Norte do Ibicuhí e ao Oriente do Uruguái, onde os jesuitas hispanhóes, expulsos em 1638 pelos Paulistas, haviam novamente fundado septe missões de Guaranís (1687-1707). O verdadeiro negociador do tractado foi o illustre paulista Alexandre de Gusmão, embora o seu nome não figure nesse documento. Os Guaranís do Uruguái, dirigidos pelos Jesuitas, oppuzeram-se á execução do tractado. Houve então a guerra de 1754 a 1756, em que elles foram vencidos (veja 10 de Fevereiro de 1756), e que inspirou a José Basilio da Gama o seu «Uruguái». Começou a demarcação pelos commissarios das duas côrtes; mas o tractado foi muito atacado em Lisbôa e em Madrid, e os dous Governos acabaram por annulla-lo (12 de Fevereiro de 1761). Veio depois o tractado de Sancto-Ildefonso, de 1° de Outubro de 1777, tractado que os Hispanhóes violaram no Amazonas e no Paraguái, fundando estabelecimentos em territorio portuguez, durante a demarcação, que não se ultimou em consequencia de profundas divergencias entre os commissarios dos dous paizes. Para responder ás usurpações hispanholas, occuparam os Portuguezes a margem direita do Paraguái, fundando Coimbra, e conservaram a fronteira de Tabatinga. Durante a guerra de 1801, extendêmos os nossos dominios no Rio Grande do Sul, até ao Uruguái, Quarahim e Jaguarão, de sorte que, ao dar-se a independencia das colonias hispanholas, grande parte da linha das fronteiras estabelecida pelo tractado de 1777 estava modificada, occorrendo mais a circunstancia de não ter sido este tractado revalidado pelos de Badajoz e Amiens (1801 e 1802).

1822.— Carta de lei extinguindo os tribunaes creados no Brasil por d. João VI. Este voto das côrtes de Lisbôa não poude ser executado, porque, desde 9 de Janeiro, com a de-

cisão tomada por d. Pedro de ficar no Brasil, começara a revolução da Independencia.

1825.—O carmelita frei Joaquim do Amor-Divino Rebello Caneca é fuzildao no Recife, como um dos promotores da insurreição de 1824 em Pernambuco.—Frei Caneca nascera naquella cidade em 1779, e, tendo tomado parte na revolução de 1817, estivera preso na Bahia até 1821. Em 1823, fundou no Recife o periodico politico *Tiphys*, e tornou-se o principal conselheiro e publicista da revolução republicana e federal. Foi aprisionado no Ceará (28 de Novembro de 1824) e submettido em Pernambuco ao julgamento de uma commissão militar, que o condemnou á morte. Os seus escriptos foram publicados ou impressos em 1875, por ordem da Assembléa Legislativa de Pernambuco.

1827.—O tenente-general marquez de Barbacena, á frente de uma parte do exército brasileiro, deixa Sancta-Anna do Livramento, e dirige as suas marchas para o arroio das Palmas, afim de fazer juncção com as tropas que trazia do Rio Grande o general Gustavo Brown. O exército argentino estava em marcha sobre Bagé.

1867.—A esquadra brasileira (almirante J. J. Ignacio, depois visconde de Inhaúma) e as baterias de Curuzú (general Argollo) bombardeiam Curupaití.

1868.—O marechal Caxias, generalissimo das fôrças brasileiras em operações no Paraguái, assume pela segunda vez o commando dos exércitos alliados. No dia seguinte, parte para Buenos-Aires o presidente Mitre, tendo fallecido o vice-presidente da Republica Argentina. O general Mitre não voltou mais ao theatro da guerra.

1879.—Morre no Rio de Janeiro o tenente-general Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, visconde de Sancta-Teresa, nascido na mesma cidade em 2 de Novembro de 1800. Por muitos annos foi exemplar commandante da Eschola Militar da Praia-Vermelha, e, quando falleceu, occupava ainda este posto. Serviu com distincção nas campanhas da guerra civil do Rio Grande do Sul, e illlustrou-se, sendo já general, na guerra do Paraguái. A 15 de Julho de 1866, assumiu em Tuíutí o commando do 1° corpo do exército brasileiro, até então dirigido por Osorio, e logo nos dias 16 e 18 deram-se os cambates do Boqueirão e do Potrero-Sance. Continuou a commandar o 1° corpo depois da chegada do marechal Caxias, até 10 de Maio de 1867, data em que, por doente, regressou ao Brasil. Tornou ao Paraguái em 1869, accompanhando o novo general em chefe, o conde d'Eu, e conservou-se alli até 22 de Janeiro de 1870. O general Polydoro Jordão foi ministro da Guerra desde 30 de Maio de 1862 até 12 de Maio do anno seguinte.

14 DE JANEIRO

1640.—Terceira batalha naval entre a esquadra luso-hispanhola do conde da Torre e a hollandeza.—Deu-se este combate na altura da Parahiba. Os Portuguezes perderam o navio *Chagas*, de 23 canhões (commandante Antonio da Cunha de Andrade), e os Hollandezes o *Sivaen*, de 34, em que tinha o seu pavilhão o vice-almirante Jacob Alderickszoon.

1774.—Rafael Pinto Bandeira, que ia em retirada com 200 homens, deante do exército hispanhol do general Vertiz, destroça em Tabatingahí, perto do Rio-Pardo, um corpo de 400 Correntinos.

1775.—Nascimento de Antonio Ferreira França, na cidade da Bahia. Formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra e teve assento na Assembléa Constituinte de 1823 e na Camara dos Deputados desde 1826 até 1837. Republicano, partidario da federação das provincias e abolicionista, foi o primeiro Brasileiro que nesse sentido apresentou projectos nas nossas assembléas politicas. A 17 de Septembro de 1823, discutindo-se a Constituição do Imperio, propoz que o artigo 2° do projecto de Constituição fosse modificado, dizendo-se: «Comprehende confederalmente as provincias». Nesta parte, fôra precedido por outro deputado (veja 17 de Junho de 1823), mas não assim na questão da abolição e na do estabelecimento futuro do Govêrno republicano. Na sessão de 18 de Maio de 1830 apresentou á Camara dos Deputados um projecto de abolição gradual, que extinguiria a escravidão a 25 de Março de 1881; a 16 de Junho de 1831, propoz a libertação dos escravos da nação e renovou o projecto de 1830; a 8 de Junho de 1833, apresentou outro, declarando que o ventre não transmittia a escravidão; a 16 de Junho de 1831, propoz que o Govêrno do Brasil fosse vitalicio na pessôa do imperador d. Pedro II, depois temporario na pessôa de um presidente das provincias confederadas do Brasil. Nesse anno de 1831, foi um dos candidatos dos federalistas á regencia do Imperio, então composta de trez membros. Na Camara, votou contra o projecto de banimento de d. Pedro I (veja 18 de Junho de 1834). Falleceu na Bahia a 9 de Março de 1848. Era então professor de Grego e director do Lyceu da Bahia.

1808.—Entra no porto do Rio de Janeiro o brigue *Voador* (commandante F. Maximiano de Sousa), trazendo a noticia da proxima chegada da familia real portugueza.

1809.—Entrada das tropas brasileiras em Caienna, depois da capitulação dos Francezes em Bourda (veja 12 de Janeiro).

1817.—Parte de S. Borja o general Chagas Sanctos, com uma columna de tropas, que, por ordem do marquez de Ale-

grete, ia destruir as aldêias das Missões de além-Uruguái, em represalia dos actos de vandalismo practicados em nosso territorio por Andrés Artigas.

1880. — Morre em Cuiabá o chefe de esquadra reformado, barão de Melgaço (Augusto Leverger), nascido em Saint-Malo (França) a 30 de Janeiro de 1802. Foi um dos mais brilhantes officiaes da nossa marinha, durante a guerra do Rio da Prata, de 1826 a 1828, servindo a principio como ajudante de ordens do chefe Norton e depois como commandante da bombardeira *Dezenove de Outubro* e da corveta *Dorrego*. Em 1865, por occasião da invasão paraguáia em Matto-Grosso, acceitou o commando de guardas-nacionaes e voluntarios, e com elles formou o acampamento de Melgaço, para defender a capital da provincia. O prestigio de seu nome, mais que o número das fôrças então reunidas, conteve o inimigo e salvou Cuiabá. O barão de Melgaço não foi sómente um bravo e honrado militar, foi tambem um erudito, trabalhador incansavel e administrador intelligente e honestissimo. Alguns dos seus escriptos têm sido publicados.

15 DE JANEIRO

1654. — O general Barreto de Meneses começa neste dia o ataque dos fortes exteriores do Recife. O primeiro forte atacado foi o das Salinas (Soutpannen) ou do Rego, mais ou menos no logar em que está hoje o cemeterio dos protestantes. Fernandes Vieira, com o seu terço, sustenta o combate e repelle um refôrço que vinha ao inimigo. A' noite, Vidal de Negreiros vai com o seu terço render o de Vieira e continúa o ataque (veja o dia seguinte).

1810. — Fallecimento do poeta Antonio Cordovil, nascido no Rio de Janeiro em 1746.

1827. — Chega ao Rio de Janeiro, de volta de sua viagem ao Rio Grande do Sul, o imperador d. Pedro I.

1828. — Os brigues *Caboclo* (commandante J. Inglis) e *Maranhão* (G. Anderson) e o brigue-escuna *Constança* (J. William) perseguem, desde o banco dos Pescadores até á poncta de Sanctiago, uma esquadrilha argentina, commandada pelo almirante Brown, composta das escunas *Maldonado*, *Nueve de Febrero* e *Sarandí* e do brigue-escuna *Ocho de Febrero*. Travou-se um combate, sempre a véla, em que este último navio perdeu o mastaréo de velacho. Chegados á poncta de Sanctiago em pouca agua, os navios argentinos metteram em cheio e, com vento em pôpa, protegidos pela noite, voltaram

a Buenos-Aires. Nesta acção, tivemos 2 mortos e alguns feridos, sendo dêstes ultimos o commandante Anderson.

— *Combate entre a corveta brasileira «Maria Isabel» e o brigue corsario argentino «Niger».*—A *Maria Isabel* (corveta de 26 peças e caronadas, e não «fragata de 36», como disse Armitage) era commandada pelo capitão de mar e guerra José Ignacio Maia e tinha 150 homens de guarnição. Comboiava do Rio de Janeiro para Santos 12 pequenos navios mercantes. O *Niger* montava 10 peças de 12 e tinha uma guarnição de 130 Inglezes e Americanos, sob o commando do capitão-tenente John Holsted Coe («British Packet», de Buenos-Aires, n. 74). Pelas 9 horas da noite de 15, este corsario investiu de prôa (intencionalmente ou não) a pôpa da corveta, e, tendo mettido o gurupés por entre a enxarcia do mastro de mezena, ficou assim preso. O commandante Coe lançou-se logo á abordagem, sendo esta energicamente repellida. Conseguindo desprender-se, o corsario virou em roda e poz-se em fuga. A corveta tambem virou em roda e deu-lhe caça; mas a noite estava escura, e o *Niger* confundiu-se com os navios do comboio. A borto da *Maria Isabel* houve 2 mortos e 9 feridos. A perda do *Niger* foi de 11 mortos (1 tenente), 10 feridos mortalmente e 10 levemente, segundo informou o tenente Newcoule, de sua guarnição, aprisionado dias depois em Palmas. O «British Packet» declarou que o *Niger* tivera 24 mortos e feridos, sendo dêstes ultimos o capitão Bartlett e os tenentes Goodrich e Brown. Armitrage, guiando-se sempre pelos jornaes de Buenos-Aires, quando descreve os acontecimentos dessa guerra, diz que o *Niger* capturou uma parte do comboio. A verdade é que este corsario apenas apresou, dous dias depois, a escuna *Triumphante*, que já não estava sob a protecção da corveta. O *Niger* foi capturado no dia 23 de Março pelo nosso brigue *Caboclo* e incorporado ás esquadras brasileiras. A corveta *Maria Isabel* (anteriormente galera americana *Robert Fulton*, comprada pelo govêrno brasileiro em 1827) passou a chamar-se *Regeneração*, desde 1831.

1836.—José de Araujo Ribeiro toma posse, na cidade do Rio Grande, da presidencia da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, quasi toda dominada então pelos revolucionarios.

1840.—Raimundo Gomes Vieira Jatahí, um dos caudilhos da rebellião maranhense, apresenta-se em Miritiba ao presidente da provincia e commandante das armas, Alves de Lima (depois duque de Caxias).

1864.—Fica organizado o segundo Gabinete presidido pelo conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos. Era composto de liberaes e succedeu ao Gabinete do marquez de Olinda. Governou até 31 de Agosto de 1864.

1876.— Fallecimento do conego dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, auctor de varios escriptos literarios. Falleceu na cidade do Rio de Janeiro, onde nascera a 17 de Junho de 1825.

16 DE JANEIRO

1560.— Mem de Sá parte da Bahia com a expedição, que ia atacar os Francezes estabelecidos no Rio de Janeiro (data indicada na carta de 16 de Junho, por elle escripta de S. Vicente) (veja 21 de Fevereiro, 15 e 16 de Março).

1631.— Pedro Teixeira Franco e outros capitães destroçam um corpo de Hollandezes em Olarias (hoje Sancta), logar distante uma legua de Olinda.

1643.— Os Hollandezes de S. Luiz do Maranhão, saïndo de suas trincheiras, sob o commando do coronel Hinderson, apoderam-se do posto da casa de Antonio Vaz, occupado pelos Paraenses, e são repellidos no do Carmo, defendido pelos voluntarios maranhenses. E' morto neste combate o capitão-mór Antonio Moniz Barreiros, chefe dos sitiantes. Succede-lhe no mando Antonio Teixeira de Mello.

1648.— Salvador Corrêa de Sá e Benevides, chegando de Lisbôa, toma pela segunda vez posse do govêrno do Rio de Janeiro. Occupou-se desde logo em organizar as fôrças de terra e mar, com que partiu a 12 de Maio para a reconquista de Angola (veja 12 de Maio, 15 e 17 de Agosto). Na mesma occasião chegou ao Rio de Janeiro o poeta e viajante inglez Fleckno, a quem devemos uma pequena descripção desta cidade.

1654.— Pela madrugada rende-se a Vidal de Negreiros o forte hollandez de Salinas, atacada desde a vespera (veja essa data). Era commandado por Hugo von Meyer; 4 canhões e 1 bandeira foram os trophéos dessa victoria. O general Barreto de Meneses ordenou então o ataque da fortaleza do Althenar (veja 17 e 19 de Janeiro).

1773.— Lei de d. José I (ministro o marquez de Pombal), abolindo no reino de Portugal a escravidão, declarando que os que nascessem dessa data em deante seriam livres e ingenuos, e dos nascidos anteriormente só seriam escravos durante a vida os que proviessem de mães e avós escravas; todos os outros seriam livres, ainda que as bisavós o não fossem.

1822.— O principe-regente d. Pedro forma o seu primeiro Ministerio do periodo da Independencia, com José Bonifacio de Andrada e Silva (ministro do Reino), Miranda Montenegro, depois marquez da Villa-Real da Praia-Grande (Fazenda), o

general Oliveira Alvares (Guerra) e o chefe de esquadra Farinha, conde de Sousel (Marinha). A pasta do Reino comprehendia tambem então os Negocios Extrangeiros e os da Justiça. Em 4 de Julho creou-se o Ministerio da Justiça, para o qual se passou Montenegro, sendo Martim Francisco nomeado ministro da Fazenda, e succedendo o general Nobrega a Oliveira Alves. Assim continuou o Gabinete até 28 de Outubro, em que se retiraram todos os ministros, reorganizando-se dous dias depois o govêrno com José Bonifacio, Martim Francisco e Montenegro, nas mesmas repartições que haviam deixado (Imperio, Fazenda e Justiça), e com Vieira de Carvalho (depois general e marquez de Lages) e Cunha Moreira (ulteriormente almirante e visconde de Cabo-Frio) nas da Guerra e Marinha.

1827.— Começa a administração do visconde de S. Leopoldo, sendo dissolvido pelo imperador o Ministerio do marquez de Paranaguá, de que aquelle estadista tambem fizera parte. Este novo Gabinete retirou-se a 20 de Novembro do mesmo anno.

1869.— O almirante visconde de Inhaúma, gravemente enfermo, deixa o commando da esquadra brasileira em operações no Paraguái e retira-se com licença para o Brasil (veja 18 de Fevereiro e 8 de Março).

17 DE JANEIRO

1636.— Encontram-se á noite os exploradores do general Rojas com os do coronel Arciszewski, na Mata-Redonda, perto de Porto-Calvo, e trava-se um vivo tiroteio, sendo repellidos os Hollandezes (veja o dia seguinte).

1640.— *Última das 4 batalhas navaes entre a armada luso-hispanhola do conde da Torre e a hollandeza.*— O combate dêste dia deu-se na altura da bahia Formosa, sempre a véla, como os precedentes (veja 12, 13 e 14 de Janeiro). Os Hollandezes foram novamente repellidos e voltaram para o Recife, onde o principe Mauricio de Nassau fez enforcar alguns dos commandantes de navios, de cuja frouxidão se queixou o almirante Huighens. Nesses 4 combates, tiveram os Hollandezes 1 almirante morto e perderam 3 navios, montando 90 canhões; o conde da Torre apenas perdeu 1 de 23 peças; mas os ventos contrarios, o mar sempre agitado, e, mais que tudo, a sua desintelligencia com o almirante hispanhol Vega Bazán, tornaram impossivel o desembarque das tropas nas vizinhanças do Recife. Chegado ás Rocas, o conde da Torre fez desembarcar no porto do Touro o mestre-de-campo Luiz Barbalho Bezerra,

com 1.400 homens (veja 7 de Fevereiro), e tanto elle como o principe de Bagnuoli, com outras tropas, regressaram á Bahia. O visconde de Porto-Seguro, na descripção destas batalhas, guiou-se unicamente pelas relações hollandezas, e enganou-se dizendo que fôra então capturado o navio que conduzia Heitor de la Calce e as fôrças do seu commando. Esta occorrencia deu-se mais de um anno depois, quando, em consequencia da acclamação do duque de Bragança, regressaram da Bahia para a Europa os Napolitanos e Hispanhóes que se conservaram fiéis ao rei de Hispanha.

1654.— O general Barreto de Meneses dá começo, neste dia, ao ataque da fortaleza do Altenar. Levantava-se esta á margem esquerda do Capiberibe, entre Sancto-Amaro e Boa-Vista. Cumpre, porém, notar que, naquelle tempo, o rio era nesse logar muito mais largo do que hoje. Os Hollandezes evacuaram então o forte Juffrou de Bruyn (Buraco) e dous outros na Barreta. Os Indios de Diogo Camarão occuparam logo estas duas ultimas posições (veja 19 de Janeiro).

1774.— O general Vertiz, governador de Buenos-Aires, que se dispunha a atacar o nosso forte do Rio-Pardo, ouvindo uma salva de artilharia e sabendo que naquelle forte estava o governador do Rio Grande do Sul, Gomes de Sepulveda (J. M. de Figueiredo era o seu nome official então), começa na noite dêste dia uma rapida retirada.

1808.— Dão fundo na bahia do Rio de Janeiro as naus portuguezas *Rainha de Portugal* (chefe de divisão F. M. de Souto Maior), *Principe do Brasil* e *Conde D. Henrique*, que, em consequencia de um temporal no dia 9 de Dezembro, se haviam separado dos outros navios da esquadra que conduzia para o Brasil a côrte portugueza. A bordo da primeira dessas naus estavam algumas das princezas, mas não quizeram desembarcar antes da chegada da rainha e do principe-regente (veja 14 de Janeiro e 7 de Março de 1808).

1817.— O capitão Elias de Oliveira, cumprindo ordens do general Chagas Sanctos, transpõe o Uruguái á frente de 200 milicianos e derrota o destacamento que Artigas tinha em S. Fernando (Missões) (veja 19 de Janeiro).

1869.— Morre em Humaitá, do ferimento recebido na batalha do Itororó (8 de Dezembro de 1868), o general Hilario Maximiano Antunes de Gurjão, nascido em Belém do Pará a 21 de Fevereiro de 1820. A Assembléa Provincial do Pará decretou-lhe em 1870 uma estatua, já inaugurada em uma das praças de Belém.

18 DE JANEIRO

1567.— O governador-geral do Brasil, Mem de Sá, entra na bahia do Rio de Janeiro com uma esquadrilha, composta de 3 galeões chegados de Lisbôa, sob o commando de Christovam de Barros, 2 outros navios de guerra, que cruzavam nas costas do Brasil, e 6 caravellões. Com o governador estava o 2° bispo do Brasil, d. Pedro Leitão. Mem de Sá vinha reforçar seu sobrinho, o capitão-mór Estacio de Sá, que desde 1565 guerreava contra os Tamoios e Francezes, tendo estabelecido, no logar chamado depois Praia-Vermelha, um campo entrincheirado, a que dera o nome de «Cidade de S. Sebastião» (veja 20 de Janeiro).

1636.— *Batalha da Mata-Redonda, entre as tropas do general hispanhol d. Luiz de Rojas y Borja e as hollandezas, commandadas pelo coronel polaco Arciszewski* (Mata-Redonda fica em Porto-Calvo e á margem esquerda do Tatuamunha)— O general Rojas chegara a Alagôas no dia 30 de Novembro do anno anterior, trazendo um refôrço de tropas portuguezas, hispanholas e napolitanas, e succedera a Mathias de Albuquerque no commando do exército de Pernambuco. Nesta batalha, tendo dividido as suas fôrças, apenas apresentou 1.100 homens; Arciszewski commandava 1.300. O general Rojas foi morto, e as suas tropas retiraram-se para Porto-Calvo, com a perda de uns 40 mortos (1 general e 4 capitães), outros tantos feridos (3 capitães), que não ficaram em poder do inimigo, 10 prisioneiros (entre elles, o sargento-mór dos Napolitanos, Heitor de la Calce) e uns 100 dispersos, que pouco depois se reuniram. Ao todo, uns 200 homens fóra de combate. Os Hollandezes tiveram 40 mortos (3 officiaes) e 85 feridos e ficaram senhores do campo de batalha; mas, longe de perseguirem os vencidos, retrocederam para Peripueira. Aberta em Porto-Calvo a cedula real de successão por Manuel Dias de Andrada que ahi commandava, verificou-se que, por morte de Rojas, passava o commando em chefe ao conde de Bagnuoli, então acampado em Sancta-Luzia do Norte. A batalha da Mata-Redonda, comquanto fosse para os nossos um revés, em nada melhorou a situação dos Hollandezes; pelo contrario, perderam terreno com as operações de Rojas. Quando elle chegou e antes da sua marcha, começada em 6 de Janeiro, os Hollandezes occupavam Porto-Calvo, Barra-Grande e Peripueira, e as nossas tropas a Lagôa do Sul, tendo as avançadas no rio Sancto-Antonio-Mirim. Ganhámos terreno, porque a nossa base de operações passou a ser Porto-Calvo, abandonando o inimigo essa posição no dia 12 de Janeiro, e em Fevereiro as de Barra-Grande e Peripueira. Rojas e logo depois Bagnuoli, ganharam assim todo

o territorio comprehendido entre o Sancto-Antonio-Mirim e o Una.

1640.— Alguns transportes que accompanhavam a armada do conde da Torre desembarcam na bahia da Traição as tropas de Henrique Dias e d. Francisco de Sousa. Segundo documentos hollandezes, estes dous chefes foram batidos pouco depois no Cunhaú por Charles Tourlon, que commandava 1.000 homens, sendo Henrique Dias ferido.

1817.— O capitão Elias de Oliveira passa o Uruguái, desaloja o destacamento inimigo de S. Fernando (Missões) e em seguida incendeia a povoação de Concepción.

1827.— *Combate naval do banco de Sancta-Anna* (*Rio da Prata*).— A corveta *Maceió* (20 canhões), commandada pelo capitão de fragata Frederico Mariath, ao mesmo tempo commandante de uma divisão naval que devia auxiliar a esquadrilha brasileira do Uruguái, estava fundeada com a escuna *Dous de Dezembro* (2 canhões), segundo-tenente José Narciso de Brum, entre os bancos de Playa-Honda e de Sancta-Anna, cinco milhas abaixo de Martín-García. A's 5 horas da manhã, foram estes 2 navios atacados pelo almirante argentino Brown, com os navios seguintes: escuna *Sarandí*, navio-chefe (9 canhões), brigue *Balcarce* (14 canhões) escunas *Unión* (10 canhões), *Maldonado* (9 canhões), *Guanaco* (8 canhões e *Pepa* (2 canhões), sumaca *Uruguhi* (9 canhões) e 8 canhoneiras, montando 1 peça cada uma. Ao todo, 15 navios e 69 canhões. Ao cabo de 1 hora de combate, retiraram-se os navios argentinos em desordem, e com a maior precipitação, para Martín-García. A's 7 horas da manhã, os brigues *Caboclo* (18 canhões, capitão-tenente J. Inglis), *Rio da Prata* (12 canhões, primeiro-tenente J. Lamego Costa) e *Real João* (7 canhões, segundo-tenente R. Mackintosh) e as escunas *Providencia* (5 canhões, segundo-tenente A. Leocadio do Couto), *Conceição* (4 canhões, segundo-tenente Thomaz Thompson) e *Itaparica* (1 canhão, primeiro-tenente A. Petra de Bittencourt), reuniram-se á *Maceió* e á *Dous de Dezembro*. A's 10 horas, voltou a esquadrilha argentina, e foi novamente repellida, retirando-se 1 hora depois com avarias visiveis. Nesses dous combates, tivemos 6 mortos e 10 feridos, sendo dos primeiros o guarda-marinha Tomé Justiniano Gonçalves, natural de Minas-Geraes.

1844.— Morre em Caçapava, onde commandava uma divisão de tropas do exército em operações, o brigadeiro Philippe Nery de Oliveira. Como official subalterno, distinguiu-se na guerra da Peninsula, e, como official superior e commandante de cavallaria, em todas as nossas campanhas da Banda-Oriental e do Rio Grande do Sul, desde 1816 até 1844.

1867.—Fallecimento do senador do Imperio, barão de Uruguaiana, Angelo Muniz da Silva Ferraz. Nasceu em Valença (Bahia), em 1803 e falleceu em Petropolis. Foi presidente do Conselho e ministro da Fazenda de 10 de Agosto de 1859 a 2 de Março de 1861 (Ministerio conservador), e ministro da Guerra, de 12 de Maio de 1865 a 9 de Outubro do anno seguinte (Ministerios liberaes do marquez de Olinda e de Zacharias de Góes). Como ministro da Guerra, esteve no assédio de Uruguaiana (veja 18 de Septembro de 1865).

1869.—Ordem do dia do marechal Caxias, despedindo-se do exército, então acampado em Assumpção, e passando o commando ao general Guilherme Xavier de Sousa.

19 DE JANEIRO

1654.—Rendição da fortaleza de Altenar, atacada desde o dia 17 (veja esta data) pelo general Barreto de Meneses.—Era commandada pelo major Berghen. Com esta posição, ganharam os nossos 3 bandeiras, 10 canhões e 185 prisioneiros, segundo Bacellar, ou 238, segundo frei Rafael de Jesús (veja o dia seguinte).

1817.—Nascimento de Augusto Teixeira de Freitas, o grande jurisconsulto brasileiro, em Cachoeira (Bahia).

— O general Lecór (depois barão e visconde da Laguna), em marcha para Montevidéo, chega a Pando. Com a noticia da sua approximação, o governador Miguel Barreiro, delegado do general Artigas, saïra da praça, levando a guarnição, e dirigira-se precipitadamente para Canelones. O cabildo, ou municipalidade, reuniu-se logo. A sala capitular e as vizinhanças do edificio estavam apinhadas de povo, filhos do paiz, cansados das tropelias exercidas pela soldadesca do dictador, e Hispanhóes, que suppunham o Govêrno do Rio de Janeiro de mãos dadas com o de Madrid. Discorreu-se largamente contra o despotismo de Artigas e resolveu-se mandar em commissão ao general portuguez o aguacil-mayor Agustin Estrada e o vigario Damaso Antonio Larrañaga. Regressando estes, reuniu-se novamente o cabildo, á tarde, e decidiu receber com toda a solennidade o general e as tropas libertadoras. O seguinte trecho da acta da reunião dá idéa da situação desgraçada, a que chegara o pàiz: — « Que, correspondiendo los deseos de aquel augusto soberano á los votos públicos, bajo la seguridad que el mismo señor general habia ofrecido», resolve o cabildo « se determinase a entrega de esta ciudad e se admitiese la protección que la bondad de S. M. F. ofrecia por medio del expresado señor general d. Carlos F. Lecor á estos miserables

paises, desolados por la anarquía en que han sido envueltos el espacio de tres años» (cópias authenticas dessa segunda acta e da terceira, nunca publicadas, accompanham o officio, datado de 5 de Março, de Lecór ao ministro da Guerra). Na noite do mesmo dia 19, o forte da ilha das Ratas foi occupado por um destacamento da marinha portugueza (veja o dia seguinte).

— O major Gama (depois general e barão de Saican), á frente da companhia de granadeiros de Sancta-Catharina e de um destacamento de cavallaria (commandante Luiz de Carvalho), derrota na margem direita do Uruguái, no passo de Itaquí, o capitão Vicente Tiraparé, das fôrças de Artigas. Ficou em poder dos nossos um canhão. Este pequeno combate deu-se no logar em que está hoje a povoação argentina de Alvear.

— No mesmo dia, o general Chagas Sanctos atravessa o Uruguái, perto da foz do Aguapehí, para destruir as povoações de Missões, occupadas pelo inimigo, e o capitão Elias de Oliveira, que dias antes havia penetrado pelo passo de S. Fernando (veja 17 de Janeiro) reduz a cinzas a povoação de Concepción.

1840. — Ordem do dia do presidente e commandante das armas do Maranhão, coronel Luiz Alves de Lima (depois marechal Caxias), annunciando a pacificação da provincia.

1865. — O chefe de esquadra reformado Augusto Leverger occupa, com guardas-nacionaes e voluntarios, o logar denominado Melgaço, e começa a fortifica-lo, para proteger Cuiabá contra a invasão paraguaia.

— Circular do conselheiro Paranhos (depois visconde do Rio-Branco), enviado brasileiro em missão especial no Rio da Prata, declarando que o Govêrno do Brasil reconhece o general Flores como belligerante e, em alliança com esse general, está em guerra com o Govêrno de Montevidéo. As tropas do general Flores já se haviam batido ao lado das nossas, em Paisandú.

1867. — Tomada da trincheira paraguaia da Laguna-Piris pelo general Jacintho Machado Bittencourt.

20 DE JANEIRO

1501. — Descobrimento da ilha de S. Sebastião por André Gonçalves e Amerigo Vespucci.

1567. — Mem de Sá, governador do Brasil, ataca e toma a palissada de Uruçú-mirim e a de Paranapucú, na bahia do Rio de Janeiro, defendidas pelos Tamoios e por alguns Francezes. O forte de Uruçú-mirim (*Ibiraguassú-mirim*, escreve frei Vicente do Salvador) ficava na praia depois chamada do Flamengo, juncto á foz do ribeiro Carioca, hoje Catete; o outro

na ilha de Paranapucú, a que Thevet e Lery chamavam ilha dos « Margajeasts », isto é, dos Maracajás ou Mbaracajás (gatos), denominação dada pelos Tamoios aos Temiminós, alliados dos Portuguezes, que em 1554, depois de muitas guerras, emigraram para o Espirito-Sancto, em embarcações de lá enviadas a pedido do jesuita Braz Lourenço. A ilha de Paranapucú ficou depois conhecida com o nome de ilha do Governador. O bispo do Brasil, d. Pedro Leitão, abençoou as tropas, quando seguiram para o ataque. Compunham-se ellas principalmente de voluntarios da Bahia, de Porto-Seguro, Espirito-Sancto e São Vicente (S. Paulo), dos Indios do principal Martim Affonso Ararigboia, e da gente que viera de Lisbôa nas esquadrilhas de Estacio de Sá e Christovam de Barros. No ataque de Uruçúmirim (sem fallar na perda dos Indios alliados) tivemos « onze ou doze mortos, entre os quaes o de mais conta foi um Gaspar Barbosa, capitão de mar e guerra e tambem da jurisdicção de Porto-Seguro, homem de grandes partes, de muito esfôrço e virtude... » (Vasc., « Chron. », III, § 102), e foi ferido mortalmente o capitão-mór Estacio de Sá (*ibid.*, § 101), vindo a fallecer um mez depois (veja 20 de Fevereiro). Em Paranapucú a resistencia foi menor. Mem de Sá transferiu então para o morro, depois chamado do Castello, o assento da « cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro », que Estacio de Sá estabelecera na Praia-Vermelha, desembarcando alli no dia 28 de Fevereiro ou no dia 1° de Março de 1565. A chamada cidade não passava até então de um entrincheiramento, dentro do qual foram levantadas palhoças e construida uma capella. Por armas, dera-lhe Estacio de Sá um molho de settas.

1639.— Chega á Bahia a armada do conde da Torre (d. Fernando de Mascarenhas), « do conselho de Sua Magestade, commendador das villas do Rosmaninhal e Sanctiago da Fonte-arcada, capitão general de mar e terra do Estado do Brasil e das armadas maritimas que nelle se acham ». O conde da Torre tomou posse do governo geral do Brasil no dia 23. A expedição, que veio sob o seu commando, compunha-se de 26 galeões, urcas e outros navios de guerra, e uns 10 transportes. O general da esquadra hispanhola era d. Juan de la Vega Bazán; o da portugueza, d. Rodrigo Lobo. Estas esquadras, reforçadas com outros navios, foram as que sustentaram as quatro batalhas navaes de 12, 13, 14 e 17 de Janeiro de 1640. Com o soccôrro que trouxe e as tropas que achou na Bahia, só dispunha o conde da Torre de 2.500 homens (sua carta de 26 de Maio de 1639). Depois, chegaram reforços das ilhas e no dia 8 de Outubro 1.200 soldados voluntarios do Rio de Janeiro e S. Paulo e 100 Indios.

1654.— Ao anoitecer, os Hollandezes evacuam os fortes Prins Willem (Afogados) e os reductos Kijk en de Pot e

Steene Reduit entre aquelle forte e o Frederik Hendrike (Cinco-Ponctas). O general Schkoppe procurava concentrar assim as suas fôrças, para melhor defender os fortes e trincheiras de Sancto-Antonio e do Recife (veja 16, 17, 19, 23 e 26 de Janeiro).

1817.—*Entrada solenne do general Lecór em Montevidéo* (veja o dia antecedente)—A's 9 da manhã, o joven major Manuel Marques de Sousa (veja 21 de Novembro de 1824), á frente de um esquadrão de voluntarios do Rio Grande e outros de cavallaria da legião de S. Paulo, fez alto juncto ás trincheiras da cidade. A's 11, chegou o general Lecór, com as tropas portuguezas e brasileiras do seu commando. O syndico Bianqui, ao entregar a chave da cidade, disse:—«De accôrdo com a vontade do povo, de que somos representantes, entregamos a chave desta *muito fiel, reconquistadora e benemerita* cidade de S. Philippe e Sanctiago de Montevidéo ao *muito alto e poderoso principe d. João VI, rei do reino-unido de Portugal, Brasil e Algarves*, invocando a protecção de suas armas para esta provincia infeliz, certo de que Sua Magestade Fidelissima respeitará as nossas leis, usos e costumes, e esperando que, no caso de resolver Sua Magestade para o futuro a evacuação desta praça, devolverá ao cabildo estas chaves, que delle recebe». O general, saudado como um libertador e accompanhado do seu secretario e conselheiro, o ex-ministro Nicolas Herrera, foi conduzido debaixo de pallio pelo cabildo até á cathedral, onde assistiu a um *Te-Deum*. As tropas da columna do general Sebastião Pinto guarneceram a cidadella, as trincheiras e os fortes; as do general Silveira acamparam a uma legua da praça, cobrindo os suburbios com os seus postos avançados; a cavallaria de gaúchos, commandada por Fructuoso Rivera, estava á vista das nossas avançadas. Segundo o inventario a que se procedeu, foram encontrados na praça e nos fortes da ilha das Ratas e do Cerro, caïndo assim em nosso poder, 292 canhões (19 delles inserviveis), 23 morteiros, grande quantidade de munições, 1 brigue, que acabava de ser armado em guerra, e 3 balandras do arsenal. Em 9 de Dezembro, dizia López de Fermoso, em suas «Noticias Diarias», escriptas de Montevidéo:—«La plaza tiene 160 piezas de todo calibre bien montadas, 1.600 quintales de polvora, 700 artilleros, 800 libertos, 1.000 de caballería del departamiento de García, 200 ciudadanos de Chuza, candilejas prontas para alumbrar todo el recinto é enfín todas aquellas precauciones que el zelo infatigable inspira defenderse de la irrupción de unos bárbaros invasores».

—O general Chagas Sanctos acampa em La-Cruz (margem direita do Uruguái), donde destaca fôrças para perseguir as

de Andrés Artigas e destruir as povoações de Indios que o reconheciam por chefe.

1823.— O general Lecór, commandante em chefe das tropas brasileiras e orientaes (estas ultimas dirigidas por Fructuoso Rivera), que haviam reconhecido o Imperio e a Independencia do Brasil, declara bloqueada a cidade de Montevidéo. Nesta praça estava o general d. Alvaro da Costa, com as tropas portuguezas que se conservavam fiéis a d. João VI, alguma infantaria brasileira e cavallaria oriental. Manuel Oribe commandava esta última. O bloqueio maritimo só se tornou effectivo a 11 de Outubro (veja 21 e 24 de Outubro e 18 de Novembro).

1828.— O general Gustavo Brown, commandante em chefe interino do exército brasileiro em operações no Rio Grande do Sul, entrega esse commando ao general visconde da Laguna.

— O hiate-canhoneira *Catalã* é atacado na Lagoa-Mirim por varios corsarios argentinos. Depois de energica resistencia, o commandante da *Catalã*, segundo-tenente Junqueira, queima o seu navio e desembarca com a pequena guarnição.

1843.— Começa a governar o primeiro Gabinete organizado por Carneiro Leão (depois marquez de Paraná). Compunha-se de conservadores. Succedeu ao Gabinete, tambem conservador, do marquez de Paranaguá, e demittiu-se no anno seguinte, subindo então ao poder o partido liberal com o Gabinete Almeida Torres (depois visconde de Macahé), de 2 de Fevereiro de 1844.

1857.— Inauguração solenne da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, fundada em 1856 pelo architecto Bittencourt da Silva (veja 23 de Novembro de 1856).

21 DE JANEIRO

1654.— Tomada do reducto Aemilia por Vidal de Negreiros, perto da fortaleza das Cinco-Ponctas. Esse reducto era commandado pelo capitão Brinck.

1809.— No forte de Nova-Coimbra (Mato-Grosso), fallece neste dia o coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, seu commandante e glorioso defensor em 1801 (veja 16 e 24 de Septembro de 1801). Alguns dos escriptos dêste distincto engenheiro militar têm sido publicados.

1817.— Incendio e destruição de Japejú (Missões de além-Uruguái) pelas tropas do general Chagas Sanctos, para vingar os incendios e roubos practicados em nosso territorio pelos commandantes das fôrças de Artigas, na invasão de 1816.

1828.— Morre em Lisbôa o marquez de Alegrete, nascido na mesma cidade a 20 de Abril de 1775. Foi capitão-general do Rio Grande do Sul (1814-1818) e commandou accidentalmente o exército brasileiro do Quarahim, na batalha de Catalán (veja 13 de Novembro de 1814, 4 de Janeiro de 1817 e 19 de Outubro de 1818).

1835.— Revolta no Recife contra o presidente da provincia de Pernambuco, Manuel de Carvalho Paes de Andrade. A' frente dos levantados estava Francisco Carneiro Machado Rios. Foram obrigados a abandonar os bairros do Recife e Sancto-Antonio pelas fôrças de terra, que se conservaram fiéis ao presidente, e pelos destacamentos desembarcados do brigue-barca *S. Christovam* (capitão-tenente A. Petra de Bittencourt) e escuna *Victoria* (veja o dia seguinte).

1836.— Um forte destacamento de tropas, apoiado pela barca *Independencia* (segundo-tenente Gabriel Ferreira da Cruz), derrota em Chapéo-Virado os insurgentes do Pará.

1849.— O tenente-coronel Francisco Antonio de Barros Silva derrota em Curraes (perto da villa do Bonito), depois de um combate de 5 horas, os revolucionarios de Pernambuco.

1882.— Começa a governar o Gabinete liberal presidido pelo senador Martinho Campos. Succedeu ao Gabinete Saraiva, do mesmo partido, e retirou-se 6 mezes depois, achando-se em minoria na Camara dos Deputados (veja 3 de Julho de 1882).

22 DE JANEIRO

1502.— André Gonçalves e Amerigo Vespucci descobrem o porto, a que deram o nome de Rio de S. Vicente.

1532.— Martim Affonso de Sousa, vindo do Sul, e já reunido a seu ermão Pedro Lopes de Sousa, que fôra explorar o Rio da Prata, chega ao porto de S. Vicente. Ahi mandou logo construir uma casa, «para metter as velas e enxarcia». «A todos nós pareceu tambem esta terra», escreveu Pedro Lopes de Sousa, «que o capitão I (Martim Affonso) determinou de a povoar e deu a todolos homês terras para fazerem fazendas». Fundou-se assim a villa de S. Vicente, a mais antiga colonia portugueza estabelecida no Brasil. Antes, tinham sido fundadas apenas pequenas feitorias fortificadas: a de Cabo-Frio, em 1504, por Amerigo Vespucci; a do Rio de Janeiro, pelo mesmo tempo, por Gonçalo Coelho (ambas destruidas, annos depois, pelos Tamoios); e a de Pernambuco (canal de Itamaracá), estabelecida mais tarde. Martim Affonso reforçou com colonos a aldêia de Piratininga, dirigida por João Ramalho, no

logar denominado Borda do Campo. Esta aldêia foi elevada a villa em 8 de Septembro de 1553, e extincta e incorporada em 1560 (carta de 20 de Maio, de Mem de Sá) a S. Paulo de Piratininga, fundada, pelos Jesuitas em 1554 (veja 25 de Janeiro), e elevada a villa em 5 de Abril de 1557.

1565.— Estacio de Sá parte de S. Vicente, com a expedição que ia fundar a cidade do Rio de Janeiro e expulsar os Tamoios e Francezes. No mesmo dia chega á ilha de S. Sebastião e ahi se detém.

1646.— Combate com os Hollandezes no atêrro dos Afogados, em que tomam parte, a principio, Henrique Dias com os seus pretos e, depois, alguns reforços trazidos por Fernandes Vieira.

1647.— Vidal de Negreiros começa a bater o forte hollandez da Barreta (não no dia 2, como diz frei Rafael de Jesus). Chegando reforços ao inimigo, suspendem os nossos o ataque no dia seguinte e afastam-se do logar.

1654.— Vidal de Negreiros começa os approxes contra a fortaleza de Fredrik Hendrik ou Vijkhoek (Cinco Pontas) (veja o dia seguinte).

1676.— O sargento-mór Manuel Lopes Galvão ataca e queima uma aldêia fortificada dos pretos de Palmares (Alagôas).

1680.— D. Manuel Lobo, governador da capitania do Rio de Janeiro, dá fundo na enseada fronteira ás ilhas de S. Gabriel (margem septentrional do Rio da Prata), com 5 sumacas, uma das quaes armada, que conduziam 200 homens do Rio de Janeiro e S. Paulo. Começando a fortificar-se em uma poncta da costa, deu ao forte o nome de Sacramento, e á cidade, que esperava fundar, o de Lusitania. O logar ficou conhecido depois com o nome de Colonia do Sacramento (veja 7 de Agosto de 1680).

1807.— Nascimento de Andrade Neves, depois barão do Triumpho (veja 9 de Janeiro de 1869).

1808.— Chega á Bahia a maior parte da esquadra que conduzia ao Brasil a familia real portugueza, a côrte e govêrno do reino. O principe-regente d. João e a familia real desembarcaram no dia 23. A 26 do mez seguinte proseguiram em sua viagem para o Rio de Janeiro, onde já haviam chegado algumas das princezas.

1820.— *Batalha de Tacuarembó, ganha pelo conde da Figueira, capitão-general da capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul.*— Esta batalha deu-se no territorio da Banda

Oriental do Uruguái, perto da nossa fronteira de Sancta-Anna, e pôz termo á guerra que o Govêrno do Rio de Janeiro sustentava desde 1816 contra o general José Gervasio Artigas, intitulado «Protector dos Povos Livres», dictador da Confederação Uruguaia, formada pelos gaúchos da Banda-Oriental, Entre-Rios e Corrientes, e pelos Guaranís das Missões de além-Uruguái. Artigas mandara, sob o commando de Ramírez, um pequeno exército contra Buenos-Aires, e, á frente de outro, invadira pela terceira vez a capitania do Rio Grande do Sul, obrigando o general José de Abreu (depois barão do Serro-Largo) a recuar desde o Ibirapuitan até ao Passo do Rosario, no Sancta-Maria (veja 17 de Dezembro de 1819). Na margem esquerda dêste rio puderam o mencionado Abreu e o general Bento Corrêia da Camara, que se lhe reuniu, resistir aos invasores (veja 17 e 27 de Dezembro de 1819), até á chegada dos reforços que trazia de Porto-Alegre o conde da Figueira. Marchou então este no encalço do inimigo (11 de Janeiro), que se retirava, e alcançou-o nas nascentes do Tacuarembó. As fôrças brasileiras, que tomaram parte na acção, constavam apenas de 1.200 homens, com 2 peças (officios de 3 e 12 de Janeiro, do conde da Figueira ao ministro da Guerra), e não de 4.000 homens, como têm dicto alguns escriptores do Rio da Prata. A cavallaria era formada quasi toda de milicianos (1.000 e tantos homens dos esquadrões de milicias de Entre-Rios, — nome que então tinha o districto de Alegrete, de Porto-Alegre e do Rio-Grande, — 1 esquadrão do regimento de dragões e 1 partida de guerrilheiros); a infantaria (200 homens) pertencia ao regimento de Sancta-Catharina. Os generaes Abreu e Camara commandavam a cavallaria. Artigas tinha 2.500 homens, com 4 peças (Orientaes, Entrerianos, Correntinos e Guaranís de Missões); mas, segundo os prisioneiros, fugiu para Mataojo, apenas começado o nosso ataque, deixando ao seu major-general, coronel Andrés Latorre, a direcção da batalha. A derrota das suas tropas indisciplinadas foi completa: ficaram no campo de acção uns 500 mortos, entre os quaes o coronel Pantaleón Sotelo e 4 officiaes, 505 prisioneiros (sendo 21 officiaes), toda artilharia, 1 bandeira e cêrca de 6.000 cavallos e bois. O conde da Figueira enviou 2 columnas de cavallaria, sob o commando do general Abreu e do tenente-coronel Joaquim José da Silva, em perseguição do inimigo, e do acampamento do Rincón expediu o general Curado, no dia 4 de Fevereiro, outra, commandada por Bento Manuel. Artigas atravessou o Uruguái entre o Salto-Grande e Salto-Chico, com 600 homens apenas, e foi para Curuzu-Cuatiá. As tropas, que enviara contra o Govêrno de Buenos-Aires, unidas ás de Sancta-Fé, ficaram vencedoras e entraram na capital argentina. Vol-

tando, porém, dessa campanha, o seu logar-tenente Ramírez revoltou-se contra elle, e, depois de varios combates, obrigou-o a refugiar-se no Paraguái, onde o dictador Francia o conservou preso (veja 23 de Septembro de 1850).

1826. — O imperador d. Pedro I fórma o Senado do Imperio, escolhendo os seus membros nas listas apresentadas pelo corpo eleitoral. Foram estes os primeiros senadores que teve o Brasil: — PARÁ, Nabuco de Araujo (depois barão de Itapuan); MARANHÃO, barão de Alcantara e Almeida da Silva; PIAUHI, L. J. de Oliveira (depois barão de Monte-Sancto); CEARÁ, visconde (depois marquez) de Aracatí (Oyenhausen), Rodrigues de Carvalho, Costa Barros e Motta Teixeira; RIO GRANDE DO NORTE, Albuquerque Maranhão; PARAHIBA, visconde (depois marquez) de Queluz (Maciel da Costa) e Carneiro da Cunha (Estevam José); PERNAMBUCO, visconde (depois marquez) de Inhambupe, Mairinck, Araujo Gondim, Barros Pereira (Bento), J. I. Borges e J. J. de Carvalho); ALAGOAS, visconde (depois marquez) de Barbacena (Caldeira Brant) e d. Nuno Eugenio de Locio e Seiblitz; SERGIPE, Matta Bacellar; BAHIA, visconde (depois marquez) de Caravellas (J. J. Carneiro de Campos), visconde da Cachoeira (L. J. de Carvalho e Mello), visconde (depois marquez) de Nazareth (Clemente Ferreira França), barão (depois visconde) de Cairú (J. da Silva Lisboa), barão (depois visconde) de Pedra-Branca (Borges de Barros) e F. Carneiro de Campos; ESPIRITO-SANCTO, padre Santos Pinto; RIO DE JANEIRO, visconde (depois marquez) de Maricá (Pereira da Fonseca), visconde (depois marquez) de Paranaguá (Villela Barbosa), visconde (depois marquez) de Sancto-Amaro (Alvares de Almeida) e Ferreira de Aguiar; MINAS-GERAES, visconde (depois marquez) de Baependí (Nogueira da Gama), visconde do Fanado, depois marquez de Sabará (Silveira Mendonça), barão (depois marquez) de Valença (Estevam Ribeiro de Resende), barão (depois visconde) de Caeté (Fonseca de Vasconcellos), Tinoco da Silva, Ferreira da Camara, Furtado de Mendonça, Faria Lobato, Gonçalves Gomide e Monteiro de Barros (Marcos Antonio); S. PAULO, d. José Caetano da Silva Coutinho (bispo do Rio de Janeiro), marquez de S. João da Palma (d. Francisco de Assis Mascarenhas), barão (depois visconde) de Congonhas do Campo (Lucas A. Monteiro de Barros) e Fernandes Pinheiro (depois visconde de S. Leopoldo); SANCTA-CATHARINA, L. Rodrigues de Andrade; RIO GRANDE DO SUL, Teixeira de Bragança; GOIAZ, barão do Patí do Alferes (F. M. Gordilho Velloso de Barbuda (depois visconde de Lorena e marquez de Jacarepaguá); MATTO-GROSSO, visconde (depois marquez) da Villa-Real da Praia-Grande (C. P. de Miranda Montenegro); CISPLATINA, d. Damaso A. Larañaga (veja 4 de Maio).

1835.— As fôrças, que o presidente de Pernambuco havia reunido na vespera, derrotam na Boa-Vista os revoltosos que haviam tentado depô-lo (veja 21 de Janeiro).

1846.— Fallecimento do visconde de Itabaiana (Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa), primeiro enviado extraordinario e ministro plenipotenciario que o Brasil teve em Londres.

23 DE JANEIRO

1615.— O almirante hollandez Joris van Spilbergen desembarca com alguma tropa na margem occidental da barra do Casqueiro e vai até á capella das Neves e ao engenho de Schetz, de Antuerpia, perto da villa de S. Vicente. Quando voltava para bordo, foi hostilizado por emboscadas de colonos e Indios. No dia 29, desembarcam de novo os Hollandezes e queimam o engenho (veja 31 de Janeiro).

1637.— Chega ao Recife o principe João Mauricio, conde de Nassau-Siegen, nomeado governador civil e militar do Brasil Hollandez. Nascido a 17 de Junho de 1604, no castello de Dielenbourg, falleceu em Clèves a 20 de Dezembro de 1679. Governou com muito brilho o Brasil Hollandez até 6 de Maio de 1644; alcançou victorias, mas soffreu tambem um duro revés no ataque contra a Bahia (veja 16 de Abril, 25 de Maio de 1638). Ao partir, teve o desgôsto de receber a noticia da expulsão dos Hollandezes do Maranhão. Na ilha de Antonio-Vaz fundou Mauritzstadt, depois bairro de Sancto-Antonio, na cidade do Recife. Attrahiu ao Brasil os naturalistas Willem Piso e George Markgraf, o cosmographo Ruyters, o mathematico Cralitz, o poeta Franz Plante, os pintores Franz Post e A. van den Eckhoute e o architecto P. Post, que todos deixaram trabalhos notaveis; creou um observatorio, proclamou a liberdade de cultos (algumas restricções foram feitas pouco depois, por ordem da metropole) e obteve dos Estados-Geraes a liberdade do commercio, ficando limitado o monopolio da Companhia das Indias Occidentaes á importação dos escravos e á exportação de madeiras de tincturaria.

1639.— O conde da Torre toma posse, na cidade da Bahia, do cargo de governador-geral do Estado do Brasil.

1648.— O general Francisco Barreto de Meneses chega ao Arraial-Novo, tendo conseguido fugir do Recife, onde era retido desde Abril do anno anterior (veja 24 de Janeiro de 1688).

1654.— Atacados desde o dia 15 pelas tropas do general Barreto de Meneses, e tendo já perdido varios fortes exterio-

res, os Hollandezes, que defendiam Mauritzstadt e o Recife, obtêm uma suspensão de armas, para tractar da capitulação. O ajuste desta começou no dia seguinte (veja 26 de Janeiro).

1676.—O sargento-mór Manuel Lopes Galvão derrota um troço de pretos nas matas de Palmares (Alagôas).

1823.—Entra na cidade da Fortaleza, accompanhado de um corpo numeroso de milicianos e voluntarios, o Govêrno temporario do Ceará, organizado em Icó. O capitão-mór José Pereira Filgueiras era o presidente dêste Govêrno e commandante das armas. Foi então deposta a Juncta de Govêrno eleita na capital a 17 de Fevereiro de 1822.

1866.—O conselheiro de Estado Pimenta Bueno (depois visconde e marquez de S. Vicente) apresenta ao imperador d. Pedro II cinco projectos para a abolição gradual da escravidão no Brasil.—«A materia é tão grave (dizia Pimenta Bueno), que eu não teria animo de tomar a iniciativa como senador, sem subordina-la préviamente á sabedoria de Vossa Magestade Imperial: temeria com razão contrariar as vistas do Govêrno, ou crear novas difficuldades».—A iniciativa dessa reforma no Brasil coube ao illustre estadista Pimenta Bueno, e não á Sociedade Abolicionista Franceza, como ainda ultimamente escreveu em Pariz um compatriota nosso. Os abolicionistas francezes não formularam projecto algum; limitaram-se a dirigir a d. Pedro II, seis mezes depois dos projectos de Pimenta Bueno, uma representação, pedindo-lhe que promovesse a emancipação dos escravos no Brasil (Julho de 1866). O imperador já tinha recommendado ao presidente do Conselho (marquez de Olinda) que ouvisse o Conselho de Estado sôbre os trabalhos de Pimenta Bueno; mas o chefe do Gabinete, que era contrário á reforma, limitou-se a consultar, por aviso reservadissimo de 17 de Fevereiro de 1866, a Secção de Justiça do Conselho de Estado sôbre «a conveniencia, ensejo e modo de apressar a extincção do captiveiro», e a remetter o parecer da Secção a todos os outros conselheiros. Apesar da insistencia do imperador, Olinda foi demorando a convocação do Conselho de Estado pleno. Só no anno seguinte o novo Ministerio, presidido por Zacharias de Góes e Vasconcellos, fez discutir no Conselho de Estado os projectos de Pimenta Bueno, cujas idéas capitaes foram então acceitas, menos a da fixação de prazo para a abolição total. O projecto defendido no Parlamento em 1871 pelo visconde do Rio Branco era, com ligeiras modificações de fórma, o mesmo que o Conselho de Estado redigira, fundindo em um os cinco projectos de Pimenta Bueno. No Conselho de Estado votaram a favor dêstes projectos, e para que se iniciasse no Parlamento a reforma depois de terminada a guerra do Paraguái,

os conselheiros visconde de Abaeté, visconde de Itaborahí, Sousa Franco, Eusebio de Queiroz, visconde (depois marquez) de S. Vicente (Pimenta Bueno), Salles Torres Homem (depois visconde de Inhomirim), Nabuco Araujo, e Paranhos (depois visconde do Rio-Branco). O visconde de Jequitinhonha opinou que se tractasse immediatamente da questão. Votaram contra a reforma o marquez de Olinda e o barão (depois marquez) de Muritiba.— Disse-se em 1871, — e tem sido muito repetido desde ahi, que o visconde do Rio Branco, nas reuniões secretas do Conselho de Estado, fôra opposto á reforma. As discussões do Conselho de Estado foram impressas depois, e esta publicação veio mostrar que aquelle estadista defendera em 1871 as mesmas idéas que havia defendido em 1867 e 1868.

1875.— Fallecimento do marquez de Sapucahí (Candido José de Araujo Viana).— Nasceu em Congonhas do Sabará a 15 de Septembro de 1793, e falleceu no Rio de Janeiro. Teve assento na Assembléa Constituinte de 1823, na Camara dos Deputados desde 1826 até 1839, e dahi em deante no Senado; foi presidente de Alagôas e do Maranhão, no reinado de d. Pedro I; ministro da Fazenda de 23 de Março de 1833 a 2 de Junho do anno seguinte; interino da Justiça, na mesma épocha; e ministro do Imperio, de 23 de Março de 1841 a 20 de Janeiro de 1843. Abandonou então as luctas da politica, depois de ter figurado nellas em tempos agitados e difficeis, e dedicou-se sómente aos trabalhos do Conselho de Estado e a passatempos literarios, ao lado do imperador d. Pedro II, que fôra seu discipulo e muito o prezava. Foi tambem professor das princezas d. Isabel e d. Leopoldina, e, desde 1847, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

24 DE JANEIRO

1504.— Carta do rei d. Manuel, fazendo doação a Fernando de Noronha da «ilha de San Johan que ele hora novamente achou e descubryo cincoenta leguas alla mar da nossa terra de Sancta Cruz». Dessas palavras concluiu o visconde de Porto-Seguro que a ilha depois chamada de Fernando de Noronha fôra descoberta por este fidalgo e provavelmente a 24 de Junho de 1503 (dia de S. João). Este seria o segundo descobrimento da ilha (novamente achada, diz a carta régia), e houve mesmo um terceiro por Gonçalo Coelho e Amerigo Vespucci, que alli estiveram em Agosto de 1503; mas em 1502 já tinha sido descoberta, pois figura com o nome de Quaresma no planispherio que Alberto Cantino fez construir em Lisbôa e a que se refere a sua carta de 19 de Novembro

do mesmo anno, dirigida ao duque de Ferrara. Um bello *fac-simile* dêsse planispherio accompanha a obra de Harrisse, «Les Côrte-Real».

1506.— Bulla do papa Julio II, approvando o tractado de Tordesillas (de 7 de Junho de 1494), que estabeleceu o novo meridiano de demarcação entre as possessões portuguezas e hispanholas. Esse meridiano devia passar 370 leguas a Oéste das ilhas de Cabo-Verde, dividindo o mundo em duas partes: os descobrimentos feitos no hemispherio occidental pertenceriam a Portugal; os do oriental, a Castella. Tanto os Hispanhóes (estes em primeiro logar), como os Portuguezes, ultrapassaram os limites dêsse tractado nos seculos XVI, XVII e XVIII.

1583.— Combate naval no porto de Sanctos entre 3 galeões hispanhóes, commandados por Andrés Igino, da esquadra de Flores Váldez, e 2 galeões e 2 pinaças da marinha de guerra ingleza, sob o commando de Eduardo Fenton, depois um dos heróes na destruição da «invencivel armada».— Os navios de Fenton, que estavam fundeados, havia algum tempo, em Sanctos, largaram as amarras, depois de porfiado combate, e fizeram-se ao largo. Um dos galeões hispanhóes foi a pique.

1654.— Começam as conferencias entre os commissarios encarregados de ajustar as condições da capitulação proposta pelo general hollandez e pelo Supremo Conselho do Recife. Essas conferencias foram celebradas na «Campanha do Taborda», hoje Cabanga, entre a fortaleza das Cinco-Ponctas e Afogados (veja 26 de Janeiro).

1688.— Morre em Lisbôa o general Francisco Barreto de Meneses, nascido pelo anno de 1616, provavelmente em Lima ou seus arredores, quando seu pae occupava o cargo de governador de Calláo, durante o govêrno do vice-rei, o principe de Esquilache, seu primo. Era filho natural de Francisco Barreto de Meneses e de uma mulher principal daquella possessão hispanhola. Levado para Portugal, começou a servir em 1638, e fez as suas primeiras armas no Brasil em 1640, ás ordens de Luiz Barbalho. Distinguiu-se depois muito, como capitão de cavallaria e mestre-de-campo (coronel), nas campanhas da independencia de Portugal. Por decreto de 12 de Fevereiro de 1647 foi nomeado mestre-de-campo-general e commandante do exercito de Pernambuco. Partiu para o Brasil, mas foi ferido e aprisionado no mar pelo almirante Banckert (Abril de 1647). Conseguindo fugir da prisão do Recife, apresentou-se no Arraial-Novo a 23 de Janeiro de 1648, e no dia 16 de Abril foi reconhecido como general em chefe e governador. Trez dias depois, ganhava a primeira batalha dos Guararapes, e a 19 de Fevereiro de 1649 a se-

gunda. Continuou á frente das nossas tropas até á total expulsão dos Hollandezes (26 de Janeiro de 1654). O general Barreto de Meneses foi governador de Pernambuco até 26 de Março de 1657. De 18 de Junho de 1657 a 24 de Junho de 1663, occupou na Bahia o alto cargo de governador-geral do Brasil; depois regressou a Lisbôa, onde foi conselheiro de guerra e presidente da Juncta do Commercio, companhia de navegação que dava as frotas da carreira do Brasil. Sua filha unica teve o titulo de condessa do Rio-Grande e casou com Lopo Furtado de Mendonça, que por esse casamento recebeu do rei a mercê do mesmo titulo. Foi este o commandante da esquadra portugueza na batalha naval do cabo Matapan (1717). O unico retrato que se conhece do general Barreto de Meneses foi conservado, como o de outros herões portuguezes, por um principe extrangeiro: tem o número 1.020 na *Galeria degli Uffizi,* em Florença.

1784.—Fallecimento de frei José de Sancta-Rita Durão, auctor do poema «Caramurú».—Nasceu em Cata-Preta, na aba oriental da serra do Caraça, a pequena distancia de Inficionado, obra de quatro leguas ao Norte da cidade de Mariana (Minas-Geraes), e falleceu em Lisbôa, no hospicio de Colleginho, pertencente ao convento da Graça, á rua dos Cavalleiros. Foi sepultado na egreja do mesmo hospicio. Innocencio da Silva presume que Sancta-Rita Durão nascesse pelos annos de 1718 ou 1720, porque foi em 1738 que professou na ordem dos Eremitas de Sancto-Agostinho (Gracianos). Em 1756 recebeu o grau de doutor em theologia na Universidade de Coimbra e, depois de ter visitado a Hispanha e a Italia, publicou em 1781 aquella sua epopéa do descobrimento, colonização e guerras do Brasil contra as invasões extrangeiras nos seculos XVI e XVII. «Os successos do Brasil não mereciam menos um poema que os da India (disse elle no prefacio do *Caramurú*); incitou-me a escrever este o amor da patria».

1799.—Nascimento de Manuel Odorico Mendes em São Luiz do Maranhão. Falleceu em Londres a 17 de Agosto de 1864.

1817.—Morre na cidade do Rio de Janeiro o marquez de Aguiar, d. Fernando José de Portugal e Castro. Fôra governador da capitania da Bahia (18 de Abril de 1788 a 4 de Septembro de 1801) e penultimo vice-rei do Brasil, com residencia no Rio de Janeiro (14 de Outubro de 1801 a 21 de Agosto de 1806). Depois da chegada da familia real em 1808, foi, desde 10 de Março, ministro do Reino, ficando tambem encarregado, desde 18 de Janeiro de 1814, da pasta dos Negocios Extrangeiros e da Guerra. Exerceu este cargo até fallecer. Na Imprensa Régia da nossa capital fez imprimir,

em 1810 e 1812, a sua traducção da «Critica» e dos «Ensaios Moraes», de Pope. Morreu na maior pobreza. Nascera em Lisbôa a 4 de Dezembro de 1752.

1823. — Os Piauhienses, acaudilhados pelo brigadeiro Manuel de Sousa Martins (depois visconde de Parnahiba) e seu ermão Joaquim de Sousa Martins, proclamam a independencia e o Imperio, e, depondo o Govêrno que se oppunha a esta mudança politica, installam uma Juncta, presidida pelo mesmo brigadeiro.

1827. — O «Memorandum da Marinha Argentina», escripto pelo almirante Brown, menciona o aprisionamento da escuna brasileira *S. José Americano*, perto de Martín-García, nesta data. Deu-se na verdade a captura; mas essa embarcação era uma chalupa mercante (officio n. 63, de 28 de Agosto, do presidente da Cisplatina ao ministro da Marinha), tripolada por 1 patrão e 8 homens. O *S. José Americano* conduzia polvora para a divisão brasileira commandada por Mariath, mas o patrão enganou-se e foi fundear á noite entre os navios da esquadrilha argentina.

1840. — O tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira entra em Caxias, á frente de uma columna de tropas do Govêrno, libertando assim esta cidade, onde, desde 1° de Agosto do anno precedente, haviam os *balaios* praticado as maiores atrocidades. Era presidente da provincia e commandante das armas o então coronel Alves de Lima depois barão, conde, marquez e duque de Caxias).

25 DE JANEIRO

1554. — Primeira missa na palhoça, que os Jesuitas construiram em Piratininga e a que desde logo chamaram casa de S. Paulo. Em tôrno dessa casa formou-se, com os Indios dos arredores, a povoação de S. Paulo de Piratininga, elevada a villa em 1557 e a cidade em 1711. Em 1560, foi reforçada com os moradores brancos e indios da villa de Sancto-André (Borda do Campo), então extincta. Desde 23 de Abril de 1683, ficou sendo capital da capitania chamada primitivamente de S. Vicente. Foram 13 os Jesuitas fundadores de S. Paulo (um delles Anchieta), sendo superior o padre Manuel de Paiva.

1634. — Os Hollandezes da ilha de Itamaracá são repellidos em Iguarassú por Martim Soares Moreno e Antonio Philippe Camarão.

1640.—Frei Francisco dos Sanctos e outros Franciscanos desembarcam em Sanctos e seguem para a então villa de S. Paulo. Recolhendo-se á ermida de Sancto-Antonio, activam a construcção de uma casa, para onde passam a 17 de Abril dêste anno. Em 1643, começaram a construir em outro local o convento de S. Francisco, onde em 1828 se estabeleceu a Faculdade de Direito.

1643.—Antonio Teixeira de Mello, que desde o dia 16 commandava as fôrças brasileiras no assédio de S. Luiz do Maranhão, retira-se com ellas para o Outeiro da Cruz, meia legua distante, juncto ao corrego Coti-mirim, hoje Cotim do Barbosa (veja o dia seguinte).

1663.—Regimento para os correios-móres, então creados no Brasil. Nesse mesmo anno (19 de Dezembro), foi nomeado correio-mór do Rio de Janeiro o alferes Cavalleiro Pessôa.

1817.—Ordem do dia do capitão-general, marquez de Alegrete, elogiando as tropas brasileiras (Rio-grandenses e Paulistas) que haviam ganho a batalha de Catalán (veja 4 de Janeiro).

1875.—Dá fundo em Manáos o vapor inglez *Amazonas*, inaugurando a primeira linha de navegação a vapor entre Liverpool e aquelle porto.

26 DE JANEIRO

1500.—Vicente Yañez Pinzón descobre um cabo, a que chamou de Sancta-María de Consolación e que parece ser o mesmo a que um anno depois (28 de Agosto) André Gonçalves e Amerigo Vespucci deram o nome de cabo de Sancto-Agostinho. O visconde de Porto-Seguro, porém, suppõe que o cabo descoberto por Pinzón é a ponta de Mucuripe, na costa do Ceará. Pinzón foi seguindo para o Norte, ao longo da costa, e assim descobriu a foz do Amazonas, que denominou Mar-Dulce, e o cabo de S. Vicente, depois cabo de Orange.

1583.—Morre na Bahia a celebre Paraguassú, Catharina Alvares, viuva de Diogo Alvares, o Caramurú, fallecido a 5 de Outubro de 1557.

1618.—Carta régia nomeando Martim de Sá governador do Rio de Janeiro (veja em 10 de Agosto de 1632 as datas dos seus trez governos).

1643.—Antonio Teixeira de Mello, á frente dos Maranhenses e Paraenses, derrota no Outeiro da Cruz o capitão hollandez Jacob Evers, que, com um corpo de Indios, fôra

reconhecer a nossa posição (sôbre o logar do combate, (veja 25 de Janeiro). Evers ficou entre os mortos.

1646.—*Combate de Guajú.*—D. Antonio Philippe Camarão, entrincheirado com 650 homens juncto a esse rio (divisa entre o Rio Grande do Norte e Parahiba), repelle seis ataques do commandante Reinberg, que commandava 1.000 Holandezes e Indios. O conselheiro Baas accompanhava essa expedição.

1654.—Capitulação, assignada na «Campanha do Taborda» (veja 24 de Janeiro), entre os commissarios do mestre-de-campo-general Francisco Barreto de Meneses e os do Supremo Conselho do Recife e do general em chefe hollandez. —Foram commissarios do nosso lado o mestre-de-campo Vidal de Negreiros, o ouvidor Francisco Alvares Moreira e os capitães Manuel Gonçalves Corrêia e Affonso de Albuquerque. Do lado hollandez, o conselheiro Gisbert de With, o presidente dos escabinos Huybrecht Brest, o tenente-coronel van de Wall e o capitão Waulter van Loo. As condições da capitulação foram approvadas no mesmo dia pelo general Barreto de Meneses e pelo presidente Schoonenborch e tenente-general Siegismundt van Schkoppe. Com estes assignou tambem o secretario do govêrno hollandez, Hendrick Haeck. Por esta capitulação comprometteram-se os Hollandezes a entregar não só o Recife e Mauritzstadt (Sancto-Antonio), mas tambem os fortes que ainda occupavam na ilha de Itamaracá, Parahiba, Rio Grande do Norte e Ceará, ficando assim libertado o nosso territorio e terminada no Brasil a guerra começada com as invasões de 1624 e 1630. No dia seguinte, as nossas tropas occuparam todos os fortes exteriores e a ilha de Sancto-Antonio, e no dia 28 o general Barreto de Meneses fez a sua entrada solenne no Recife. Esta é a capitulação mais importante que registra a Historia militar da America do Sul. No Recife, cidade Mauricia, fortes exteriores e armazens foram encontrados 123 canhões de bronze e 170 de ferro. Nos outros fortes, de que tomámos posse, desde Itamaracá até o Ceará, havia 133 canhões. Total: 426.

1715.—Carta régia mandando applicar certas sommas á construcção da fortaleza da Lage, no Rio de Janeiro, começada em 1713 por d. Francisco de Tavora. Antes não havia ahi fortificação alguma, como por equívoco disse Porto-Seguro, ao descrever a entrada de Duguay-Trouin (12 de Septembro de 1711). Tambem é inexacto que Villegaignon houvesse occupado antes essa pedra (veja 10 de Novembro de 1555). Em 1718, a fortaleza da Lage não estava terminada, nem tinha artilharia. Em 1735 montava 10 peças de 24.

1812.—Fallecimento do conde de Linhares, d. Rodrigo de Sousa Coutinho, que, desde 10 de Março de 1808, exercia no Rio de Janeiro o cargo de ministro dos Negocios Extrangeiros e da Guerra. Nascera em Chaves, a 4 de Agosto de 1755. Tinha sido ministro de Portugal em Turim e exercido elevados empregos em Lisbôa. No Rio de Janeiro creou a Academia Militar, o Archivo Militar e outras repartições, fundou uma fábrica de polvora na lagôa de Rodrigo de Freitas, e mandou dar comêço á fábrica de ferro do Ipanema.

1817.—Incendio da povoação de La-Cruz, na margem direita do Uruguái, pelas tropas brasileiras do general Chagas Sanctos.

1840.—O chefe legalista Francisco Dias Carneiro derrota em Monteiro, perto de Parnahiba, o caudilho Ruivo. No mesmo dia o capitão Antonio José da Silva e Sousa repelle no Bananal um ataque do caudilho Valerio.

1842.—Combate do Passo do Camaquam, ou Passo de Mendonça, em que o tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí) destroça completamente uma columna de cavallaria, commandada por Bento Gonçalves da Silva, chefe da revolução riograndense.

1865.—Circular-manifesto, dirigida ao ministro das Relações Exteriores da Republica Argentina e ao corpo diplomatico residente em Buenos-Aires pelo enviado brasileiro, em missão especial, conselheiro Paranhos (depois visconde do Rio-Branco), annunciando que, em consequencia do apresamento do vapor *Marquez de Olinda* e da invasão de Mato-Grosso pelos Paraguaios, o Brasil acceitava a guerra, começada sem prévia declaração pelo dictador Solano López.—«A' vista de tantos actos de provocação (dizia esse documento), a responsabilidade da guerra sobrevinda entre o Brasil e a Republica do Paraguái pesará exclusivamente sôbre o Govêrno de Assumpção. O Govêrno de Sua Magestade repellirá pela fôrça o aggressor; mas, resalvando, com a dignidade do Imperio, os seus legitimos direitos, não confundirá a nação paraguaia com o Govêrno que assim se expõe aos asares de uma guerra injusta, e saberá manter-se, como belligerante, dentro dos limites que lhe marcam a sua propria civilização e seus compromissos internacionaes...»

1873.—Fallecimento da duqueza de Bragança, d. Amelia de Leuchtenberg, 2ª imperatriz do Brasil. Nasceu em Munich a 31 de Julho de 1812 e falleceu em Lisbôa. Era filha do principe Eugène de Beauharnais depois principe de Leuchtenberg.

27 DE JANEIRO

1625.— Morre nos arredores da cidade da Bahia, então sitiada pelas fôrças brasileiras, o padre Fernão Cardim, provincial dos Jesuitas e reitor do collegio daquella cidade. Missionou no Brasil de 1583 a 1599 e de 1604 até 1625, e foi mestre do padre Antonio Vieira. A sua «Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica» é documento de alto valor para quantos estudam o Brasil do seculo XVI.

1654.— Em consequencia da capitulação assignada na vespera, os mestres-de-campo Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros e Francisco de Figueirôa, tomam posse dos fortes e baterias na ilha de Sancto-Antonio e Recife, e procedem ao desarmamento das tropas hollandezas. «Depois de desarmados os soldados e moradores Olandeses (diz Bacellar, «Relaçam &&», Lisbôa, 1654), se misturaram com os nossos Portuguezes com huma familiaridade como se nunca entre elles houvera havido guerra, pelo boa ordem que sobre isso deu o mestre-de-campo general debaixo de hum bando com gravissima pena a quem fizesse qualquer aggravo a morador, ou soldado dos rendidos» (veja o dia seguinte).

1849.— O capitão de artilharia Alexandre Gomes de Argollo Ferrão (depois general e visconde de Itaparica) á frente de 200 homens de linha e da guarda-nacional, ataca perto de Pasmado, ao Sul do Tapissuma, um troço de revolucionarios de Pernambuco, que se tinham entrincheirado em alguns casebres, e apodera-se dessa posição.

1856.— Terceiro incendio do theatro de S. Pedro de Alcantara, no Rio de Janeiro. O incendio, começado depois da meia-noite de 26 para 27, destruiu completamente esse theatro (veja 12 de Outubro de 1813).

1865.— *Defesa da cidade do Jaguarão contra o ataque do chamado «exercito de vanguarda da Republica Oriental».* — As fôrças orientaes, assim intituladas, constavam de 1.500 homens de cavallaria, commandados pelo general Basilio Muñoz, que obedecia ao Govêrno de Montevidéo, então em guerra com o Brasil. O 2° chefe da columna invasora era o coronel Timoteo Aparicio. O coronel da Guarda-Nacional, Manuel Pereira Vargas, com 400 guardas-nacionaes dos corpos provisorios de cavallaria, ns. 15 e 28, e 94 guardas-nacionaes de infantaria, repelliu o ataque trazido pelos *blancos* orientaes ás 3 da tarde. As pequenas canhoneiras *Apa* e *Cachoeira* auxiliaram a defesa. Tivemos apenas 2 mortos e 4 feridos; e o inimigo, 6 mortos e 20 feridos. Muñoz retirou-se durante

a noite e no dia 28 evacuou o nosso territorio. O Govêrno de Montevidéo fez acreditar aos seus partidarios que Muñoz obtivera uma brilhante victoria no Jaguarão, e festejou-a, fazendo arrastar pelas ruas uma bandeira brasileira, que declarou ter sido tomada naquelle combate. A *Reforma Pacifica*, principal orgam do partido *blanco*, descreveu assim o ignobil espectaculo que deram nas ruas de Montevidéo, no dia 9 de Fevereiro, os ministros do presidente Aguirre: — «O trophéo, que nos enviou do theatro de suas façanhas o invicto general Muñoz, passeou hontem pelas ruas humilhado ante o sol do nosso estandarte, e precedido de uma banda de musica capitaneada pelo ministro da Guerra. A bandeira brasileira percorreu todos os ponctos da linha e as casas dos nossos principaes chefes, sendo arrastada á vista da esquadra inimiga... Na residencia do general Lamas se deteve a comitiva, e a reunião pediu que elle pisasse aquella bandeira de ignominia, ludibrio do mundo culto e insignia de uma côrte de piratas. O general Lamas pisou a bandeira, sellando com este acto solenne sua consagração á causa da patria...» — Onze dias depois, fugiam de Montevidéo os auctores dessa barbara bacchanal (veja 20 de Fevereiro de 1865). O general A. Díaz (do partido *blanco*) dá as seguintes informações sôbre o inventado trophéo: «... El parte del señor Muñoz sufrió una alteración considerable, enriquecido con notables agregaciones, en las que figuró un estandarte brasilero de caballeria, estampado, que en aquellos momentos de exaltación y con el objeto de excitar las masas, fué paseado en medio de las demostraciones más informales y arrastrado por las calles de Montevidéo» (veja sôbre outros trophéos brasileiros, inventados pelos nossos vizinhos do Prata, o que dizemos ao tractar do dia 20 de Fevereiro de 1827). O coronel Vargas, que teve a honra de defender a cidade do Jaguarão, morreu afogado, a 12 de Dezembro de 1866, quando ia reunir-se ao 2° corpo do exercito e atravessava a cavallo o rio Ibicuhí, no passo do Catharina.

1868.— O general conde de Porto-Alegre deixa o commando do 2° corpo do exército brasileiro no Paraguái e retira-se para o Brasil. O general Argollo passa do commando do 1° para o do 2° corpo, e Victorino Monteiro assume o commando do 1°.

28 DE JANEIRO

1548.— Chegam ao porto de Pernambuco (Recife) 2 navios portuguezes, armados em corso contra os Mouros e os Francezes e commandados pelo capitão Penteado. Em um delles era soldado arcabuzeiro o allemão Hans Staden, que se

tornou célebre pela narração das suas aventuras no Brasil, impressa em 1557 (veja 24 de Novembro de 1549). 40 homens da guarnição dêsses navios, entre os quaes Staden, foram a pedido do donatario da capitania, Duarte Coelho, socorrer a villa de Iguarassú, cujos habitantes, dirigidos por Affonso Gonçalves, puderam então obrigar á retirada os sitiantes.

1565.— Na freguezia da Sé da Bahia é baptizado, neste dia, Vicente Rodrigues Palha, depois frei Vicente do Salvador, nascido em Matuim. Segundo Jaboatão, esse acto teve logar em 1567, mas Capistrano de Abreu corrige com bom fundamento a data: — «Terminando seu livro (a «Historia do Brasil») em 1627, diz frei Vicente do Salvador que está com 63 annos, o que dá para o seu nascimento 1564: em tempos de observação cultual tão severa como aquelles, não é de crer que deixassem pagão por tanto tempo um menino. E', portanto, razoavel admittir que, em vez de 28 de Janeiro de 1567, se deve ler de 1565; e, quanto ao dia do nascimento, talvez seja a 20 de Dezembro de 1564, dia em que dedicou a Severim de Faria o livro, em cuja última pagina declara ter 63 annos» (Capistrano de Abreu, *in* prefacio, na ed. da Bibliotheca Nacional, da «Historia do Brasil» de fr. Vicente do Salvador). Frei Vicente do Salvador falleceu entre os annos de 1636 e 1639.

1631.— Jacome Raimundo de Noronha parte de Belém do Pará, com 13 canôas de guerra, a que se reunem em Cametá 23 outras, e vai atacar os Inglezes, que occupavam o forte Philippe, na margem esquerda do Amazonas, em frente á ilha de Tucujús (veja 1° de Março, data da tomada desse forte).

— Irritados com a perda soffrida no dia 16, os Hollandezes de Olinda saïram em grande fôrça e, neste dia e nos seguintes, até 31 de Janeiro, escaramuçaram, sem resultado, com a gente do capitão Pedro Teixeira Franco, que guardava o nosso posto de Sancto-Amaro.

1654.— Entrada solenne do mestre-de-campo-general Francisco Barreto de Meneses no Recife, depois da capitulação dos Hollandezes (veja 26 e 27 de Janeiro. — A' tarde, apresentou-se o general Barreto, seguido da cavallaria. Saudado pela artilharia de todos os fortes e por descargas de mosquetaria, chegou á porta da cidade Mauricia, que dava para a fortaleza das Cinco-Ponctas, e ahi foi recebido pelo general von Schkoppe e seu Estado-Maior, todos a pé. «Apeou-se tambem o nosso general para a ceremonia da recepção das chaves, que então teve logar (diz o visconde de Porto-Seguro), quadro por certo digno de immortalizar para o futuro o pincel de

algum artista brasileiro, como o da rendição de Breda a Spinola immortalizou a Velásquez. A pé proseguiu Barreto pela cidade, levando á sua direita o general vencido, e tractando a este, ainda depois, com a generosidade e politica que costumam os valentes. Juncto á ponte, entrou, por cortezia, em casa do mesmo general hollandez. Encaminhou-se logo ao Recife, sendo na propria ponte recebido pelos do Conselho, em cujas casas passou a alojar-se».—Vidal de Negreiros foi encarregado de levar a d. João IV a noticia desta victoria (veja 18 de Março).

1800.—Fallecimento de frei Gaspar da Madre-de-Deus (Gaspar Teixeira de Azevedo), benedictino, auctor das «Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente». Nasceu em 1714, na fazenda de Sancta-Anna, perto da villa de S. Vicente, e jaz na egreja do convento de S. Bento, de Sanctos.

1808.—Carta régia abrindo os portos do Brasil ao commercio directo com as nações amigas. Foi assignado na Bahia pelo principe-regente d. João, depois rei d. João VI.

1823.—*Combate naval juncto á foz do Paraguassú.*—Uma esquadrilha portugueza, de 9 pequenos navios, bloqueava a entrada do rio. Foi ataca-la o primeiro-tenente João Francisco de Oliveira Botas, saindo de Itaparica com as canhoneiras *Pedro I*, do seu commando, e *D. Januaria* e *Leopoldina*, commandadas pelo primeiro-tenente Boisson e pelo segundo-tenente André Avelino Pereira. O combate durou 3 horas, ficando interrompido em consequencia de forte chuva e cerração. Durante esta, retiraram-se os navios portuguezes (veja 30 de Janeiro).

1843.—E' submettido ao exame e julgamento do Senado o processo em que haviam sido pronunciados no crime de rebellião (a de S. Paulo, em 1842) os senadores Feijó, Vergueiro e Paula Sousa. O Senado declara improcedente a pronúncia.

1862.—Sessão inaugural do Instituto Archeologico Pernambucano.

1865.—Em nota reversal desta data, o general Flores, commandante em chefe do exercito libertador da Republica do Uruguái, comprometteu-se, em nome da nação oriental, a satisfazer as reclamações do *ultimatum* Saraiva e a reconhecer as anteriores sôbre prejuizos da antiga guerra civil. O enviado brasileiro, conselheiro Paranhos (depois visconde do Rio-Branco), respondeu a essa nota com a de 31 de Janeiro, ficando assim completado o accôrdo entre o Brasil e o chefe da revolução oriental, seu alliado.

29 DE JANEIRO

1635.— Martim Soares Moreno (com elle ia o capitão Rebello), destacado por Mathias de Albuquerque, sustenta escaramuças no monte Miritibi com uma forte columna de Hollandezes, commandada por Arciszewski. Os nossos, proseguindo na retirada, entram nas matas do engenho Musurepe, margem direita do Capiberibe.

1781.— Nascimento de Francisco José de Sousa Soares de Andréa, pacificador do Pará em 1836 e restaurador de Sancta-Catharina em 1839. Nasceu em Lisbôa, illustrou-se no serviço do Brasil e falleceu no Rio Grande do Sul a 2 de Outubro de 1858. Era então marechal do exército e barão de Caçapava.

1812.— Nascimento de Francisco de Salles Torres Homem, na cidade do Rio de Janeiro (veja 3 de Junho de 1876).

1840.— Os tenentes-coroneis da Guarda Nacional, Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí) e Andrade Neves (depois barão do Triumpho), destroçam os destacamentos dos revolucionarios riograndenses em Sanga da Bananeira, perto de Porto-Alegre. Os separatistas perderam 53 mortos e prisioneiros. A cavallaria (Guarda Nacional), composta de 250 homens, teve neste choque 1 morto e alguns feridos.

1856.— Morre no Recife o poeta Antonio Joaquim Franco de Sá, nascido em Alcantara (Maranhão) a 16 de Julho de 1836.

30 DE JANEIRO

1752.— Primeira sessão da Academia dos Selectos, associação de literatos, poetas, e eruditos, fundada no Rio de Janeiro. Só produziu o volume intitulado «Jubilos da America», impresso em Lisbôa em 1754, collecção de poesias e escriptos em louvor do capitão-general Gomes Freire de Andrada, despois conde de Bobadella.

1802.— Nascimento de Augusto Leverger, ulteriormente barão de Melgaço (veja 14 de Janeiro de 1880).

1819.— Convenção celebrada entre o general barão da Laguna (depois visconde) e o cabildo de Montevidéo, fixando novos limites entre a capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul e a de Montevidéo, ou Provincia Oriental (depois, e successivamente, Estado Cisplatino, Provincia Cisplatina e Republica Oriental do Uruguái). O Arapehí, em vez do Quarahim, ficou sendo a divisa occidental; ao Oriente, ficavam

pertencendo ao Rio Grande os fortes arruinados de Sancta-Teresa e S. Miguel. Ultimou-se de commum accôrdo a demarcação; mas, pelo tractado de 31 de Julho de 1821, de incorporação do Estado Cisplatino ao Reino-Unido, foram restabelecidos os limites do Quarahim e Chuí.

1823.— O primeiro-tenente João Francisco de Oliveira Botas, commandante da nossa esquadrilha de Itaparica, faz-se de véla com 5 canhoneiras, para capturar 2 que se haviam destacado da linha portugueza. Acodem, porém, o brigue *Audaz* e outros navios, ficando os Portuguezes com 13 embarcações. O commandante Botas retrocede então, e a canhoneira *25 de Junho* (5 canhões), em que tinha a sua insignia, encalha nas corôas proximas ás ilhas das Fontes. Ahi resistem os navios brasileiros durante duas horas até que, desencalhando o navio-chefe, passam todos elles por entre o inimigo e continuam o combate, já sob a protecção das baterias de Itaparica. Pouco depois, a esquadrilha portugueza veleja em retirada, desistindo do ataque. Do nosso lado, tomaram parte nesta acção, além da citada canhoneira, a *Pedro I* (segundo-tenente J. Antonio Gonçalves, 1 rodizio), *Leopoldina* (segundo-tenente André Avelino Pereira 5 canhões), *Januaria* (primeiro-tenente Boisson, 5 canhões). e *Villa de S. Francisco* (Philippe Alvares de Oliveira, 1 rodizio).

1839.— Uma expedição, commandada pelo primeiro-tenente da armada Lourenço da Silva Araujo Amazonas, derrota no Maranhão-Grande (no Tapajoz ?) os insurgentes da então comarca do Rio-Negro. Sôbre este feito de armas só conhecemos a rapida menção que delle faz o mesmo official, no seu «Diccionario topographico, historico e descriptivo da comarca do Alto Amazonas», pags. 281.

31 DE JANEIRO

1531.— A esquadrilha portugueza de Martim Affonso de Sousa, que partira de Lisbôa a 3 de Dezembro, avista a costa do Brasil na altura do cabo Percaaurí («Diario de Navegação», de Pero Lopes de Sousa). Não era a poncta de Olinda, como se tem dicto, mas sim o ponctal a que Gabriel Soares chama «Cabo de Pero Cavarim», e João Teixeira e Pimentel designam pelo nome, mais modificado ainda, de «cabo de Pero Cabarigo». Hoje é conhecido por ponctal da Bôa-Viagem. Fica entre o cabo de Sancto-Agostinho e o Recife, em 8°,8′ e 33″ de latitude S., segundo Vital de Oliveira. Nesse mesmo dia, a esquadrilha capturou 2 navios francezes, um juncto ao cabo Percaaurí e o outro ao mar do cabo de

Sancto-Agostinho. (A' noite o capitão-mór despachou seu ermão Pero Lopes de Sousa, com 2 caravellas, para a ilha de Sancto-Aleixo (veja 1° e 2 de Fevereiro).

1556.—Jean de Lery, no prefacio da 1ª edição da sua «Histoire d'un Voyage &», diz que nesta data André Thevet voltou do Rio de Janeiro para a França. E' certo que nas «Singularitez» (fol. 118) Thevet declara ter partido com Bois-le-Comte «le dernier iour de januier», mas não menciona o anno. Na sua «Histoire de... deux voyages... aux Indes Australes &». (Mss. da Bib. Nac. de Paris), assegura esse cosmographo ter feito duas viagens ao Brasil e affirma que na segunda se demorou alguns annos:—«... en l'an 1550, qui fut mon premier voyage, soubz la conduitte de ce valeureux pilote et capitaine Testu, qui depuis a fini ses jours en la terre continente du Peru. Depuis l'an 555 je fis un autre voayage & acconpagnay le Seigneur de Villegagnon, *avec lequel je demourai quelques années.* Je scay bien que ce menteur Leri s'est persuadé que je retournay en France la mesme année que j'arrivay là... Depuis estant, ce galand, adverti par quelques-uns de mes amis de la faute par luy faicte à la seconde édition imprimée à Genève, pour se iustifier, s'est contredit». E' porém extraordinario que, nas suas «Singularitez» Thevet não tivesse fallado na sua primeira viagem.

1° DE FEVEREIRO

1531.—Pedro Lopes de Sousa, que estava com as suas caravellas fundeadas juncto á ilha de Sancto-Aleixo, avista ao romper do dia uma náo franceza que velejava para o Norte, e sai a dar-lhe caça. Na altura do cabo de Sancto-Agostinho, acode Martim Affonso ao ermão; mas, oppondo-se-lhe os ventos, retorna o chefe da expedição portugueza ao seu ancoradouro; e só a caravella *Rosa,* de Pero Lopes de Sousa, é que logra já á tarde alcançar a náo inimiga, travando com a mesma, e sem que ambas paralysassem a marcha, um encarniçado combate, que durou toda a noite até ao dia seguinte e que terminou com a victoria da embarcação lusitana (veja o dia seguinte).

1549.—Parte de Lisbôa o 1° governador-geral do Brasil, Thomé de Sousa.—Compunha-se a expedição de 3 naus (*Conceição,* em que vinha Thomé de Sousa, *Salvador,* commandada por Antonio Cardoso, e *Ajuda,* capitaneada por Duarte de Lemos), 2 caravellas (respectivamente dirigidas por Pero de Góes e Francisco da Silva) e 1 bergantim. Além de muitos casaes, destinados a colonizar a Bahia, e de 400 degredados, trazia a frota 600 homens de armas. Nessa esquadra vieram

tambem os primeiros Jesuitas que pisaram terras do Novo-Mundo, — os padres João de Azpilcueta Navarro, Leonardo Nunes (este depois alcunhado de *Abarebebê*, «padre voador», pelos Indios) e Antonio Pires, e os ermãos Diogo Jacome e Vicente Rodrigues, todos obedecendo a um superior, o padre Manuel da Nobrega (veja 7 de Janeiro e 1° de Novembro de 1549).

1607. — A 1° de Fevereiro de 1607 é que o visconde de Porto-Seguro attribue («Historia Geral do Brasil», II, 1.204) a terminação do govêrno de Diogo Botelho (8° governador-geral do Brasil), cuja posse affirma ter-se dado a 12 de Maio de 1602. Como, porém, se verifica da cópia paleographica, extrahida da Torre do Tombo e inserta na «Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro» (t. LXXIII, p. 1ª), a posse do sobredicto representante da metropole foi a 1° de Abril de 1602 e o periodo da sua administração extendeu-se até 7 de Janeiro de 1608.

1695. — Removido do Maranhão, onde primeiro exercera o seu elevado cargo ecclesiastico, toma posse do bispado de Pernambuco (diocese de Olinda) d. frei Francisco de Lima, que se notabilizou pelos desvelos votados á catechese dos Indios. Era tão esmolér, que, fallecendo com perto de 70 annos a 29 de Abril de 1704, apenas se lhe encontrou, no cofre do bispado, a quantia de 40 réis!

1828. — Aproveitando uma enchente, que chuvas copiosas haviam provocado, zarpa do seu ancoradouro uma divisão da esquadra brasileira, composta da corveta *Liberal*, brigues *Caboclo* e *Rio da Prata*, escunas *Grenfell*, *1° de Dezembro* e *Paula*, accommettendo a esquadra argentina, que foge precipitadamente e vai collocar-se sôbre os bancos da margem do rio, fóra, portanto, do alcance dos canhões dos nossos navios.

1837. — Toma posse do cargo de presidente da provincia de Pernambuco Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, que succedeu a Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque e teve por substituto a Francisco do Rego Barros (depois conde da Boa-Vista), a 2 de Dezembro do mesmo anno.

1866. — Toma posse do cargo de presidente da provincia de Sergipe José Pereira da Silva Moraes, que succedeu a Cincinnato Pinto da Silva e teve por substituto Antonio de Araujo de Aragão Bulcão, em 28 de Outubro do anno seguinte.

1879. — Toma assento no Senado, como representante da Bahia, o dr. Pedro Leão Velloso.

1881. — Toma posse do cargo de presidente da provincia de Goiaz Joaquim de Almeida Leite Moraes, que succedeu a Aristides de Sousa Spinola e teve por substituto Cornelio Pereira de Magalhães, a 20 de Junho do anno seguinte.

2 DE FEVEREIRO

1531.— Termina o combate, começado na vespera, entre a caravella *Rosa*, de Pero Lopes de Sousa, e a embarcação franceza que contrabandeava nas costas de Pernambuco. Chegando em soccôrro do ermão o commandante da esquadra portugueza, Martim Affonso de Sousa, com o navio *S. Miguel*, o galeão *S. Vicente* e uma nau tomada aos Francezes, isto já quasi á noite, foi o vaso inimigo abordado de um e outro flanco, rendendo-se afinal, porque, embora dispuzesse de muita artilharia e balas, não tinha mais polvora. Encontrou-se-lhe a bordo grande carga de páo-brasil. Os Francezes tiveram 6 homens feridos, não tendo occorrido morte nem ferimento entre os Portuguezes.

1608.— Conforme se lê em Mirales («Historia Militar do Brasil», vol XXII dos «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro», pags. 130), foi neste dia que tomou posse do cargo de governador-geral do Brasil, como successor de Diogo Botelho, d. Diogo de Meneses, que, por abrir-se-lhe a nau em que vinha do reino, teve de arribar á Parahiba, donde se dirigiu por terra até á cidade do Salvador, onde chegou a 1° de Fevereiro. Segundo o mesmo documento em que se baseia Mirales, d. Diogo de Meneses prolongou a sua administração até 21 de Dezembro de 1612. Entre os serviços, que prestou ao Brasil, talvez tenha sido o mais importante o magnifico livro «Razão do Estado do Brasil», redigido em Lisbôa pelo sargento-mór Diogo de Campos em 1613 (com varios mappas, de toda a costa sul americana do Atlantico e de muitas das capitanias do Brasil, feitos a côres e em pergaminho por João Teixeira, «cosmographo de Sua Magestade»), e do qual, por offerta de d. Pedro II, possue o Instituto Historico e Geographico Brasileiro o precioso original, em que ha todavia algumas interpolações.

1743.— Toma posse do cargo de governador do Ceará João de Teive Barreto e Meneses, que teve como antecessor Francisco Ximenes de Aragão e como successor Francisco da Costa.

1749.— Toma posse do cargo de governador de Sancta-Catharina Manuel Escudeiro Ferreira de Sousa. Succedeu ao brigadeiro José da Silva Paes, que seguira para o reino, deixando como seu substituto, interino, a Patricio Manuel de Figueiredo, depois do qual ainda esteve provisoriamente no govêrno Pedro de Azambuja Ribeiro. Manuel Escudeiro Ferreira de Sousa exerceu aquelle cargo até 25 de Outubro de 1753, data em que foi nelle substituido por d. José de Mello Manuel.

1794.—Nasce no Recife o escriptor Antonio Joaquim de Mello, fallecido na mesma cidade a 8 de Dezembro de 1873. Deixou o excellente trabalho historico «Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco» (Recife, 1856), devendo-se-lhe tambem o ter colligido e publicado as «Obras politicas e literarias de José Joaquim do Amor-Divino Caneca» (Recife, 1875).

1822.—Em logar da Juncta Provisoria, composta de nove membros e da qual era presidente o desembargador Luiz Manuel de Moura Cabral, foi eleita na Bahia, de conformidade com o decreto das Côrtes de 29 de Septembro de 1821, uma Juncta de Govêrno, de que era presidente o dr. Francisco Vicente Vianna e secretario o desembargador Francisco Carneiro de Campos, a qual tomou posse neste dia. No commando das armas foi empossado o brigadeiro Manuel Pedro Guimarães, por ser o militar de maior patente da provincia (veja 17 de Fevereiro de 1822).

1844.—Em successão ao ministerio conservador de 20 de Janeiro de 1843, sobe ao poder o partido liberal, formando o 4° Gabinete após a Maioridade, assim constituido:—Imperio, José Carlos Pereira de Almeida Torres (depois visconde de Macahé); Justiça, Manuel Antonio Galvão; Extrangeiros, Ernesto Ferreira França; Fazenda, Manuel Alves Branco (depois visconde de Caravellas); Marinha, Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti de Albuquerque (depois visconde de Albuquerque); e Guerra, Jeronymo Francisco Coelho. Este Ministerio, que se viu forçado a dissolver a Camara temporaria (sessão tumultuosa de 24 de Maio de 1844, a da data da dissolução), conservou-se no poder apenas até 26 de Maio de 1845.

1849.—Trava-se neste dia o combate decisivo da revolução «praieira», estalada em Pernambuco a 7 de Novembro do anno anterior. Tendo os rebeldes atacado a cidade do Recife, cai atravessado por uma bala o desembargador Joaquim Nunes Machado, deputado geral e que era «a cabeça e o verbo da revolução», assim como o capitão Pedro Ivo era della «o braço e a espada». Commandava as tropas legaes o general José Joaquim Coelho, que foi elevado pouco depois a tenente-general e a barão da Victoria (veja 25 de Septembro de 1797 e 7 de Novembro de 1848). Presidia a provincia de Pernambuco Manuel Vieira Tosta (depois visconde e marquez de Muritiba), cujo antecessor fôra Herculano Ferreira Penna.

1856.—Toma posse do cargo de presidente da provincia de Minas-Geraes Herculano Ferreira Penna, que teve por antecessor Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos e por suc-

cessor Carlos Carneiro de Campos (depois visconde de Caravellas), a 12 de Novembro de 1857.

1865.—E' notificado o bloqueio da praça de Montevidéo pelas fôrças brasileiras, mas a rendição da capital uruguaia só se deu 18 dias mais tarde (veja 20 de Feveriro de 1865).

1867.—A bordo do encouraçado *Silvado*, de que era commandante, tomba morto por bala da fortaleza de Curupaití, que bombardeava, na esquadra dirigida pelo almirante Joaquim José Ignacio (depois visconde de Inhaúma), o capitão-tenente (mas já promovido a capitão de fragata) Manuel Antonio Vital de Oliveira. Nascera no Recife a 28 de Septembro de 1829 e tomara parte na revolta «praieira», tendo recebido ferimentos no combate de 2 de Fevereiro de 1849, data em que já era tenente da Armada. Em homenagem á reconhecida bravura de que dera tantas provas, foi logo depois posto o seu nome em um pequeno vaso da nossa Marinha de guerra.
—Toma posse do cargo de presidente da provincia de Mato-Grosso o illustre ethnologo José Vieira Couto de Magalhães (depois brigadeiro honorario do Exército). Não prestou alli menos serviços do que o seu antecessor o barão de Melgaço, na quadra tormentosa em que aquella região estava invadida pelos Paraguaios. Teve por successor José Antonio Murtinho, em 19 de Septembro de 1868.

3 DE FEVEREIRO

1681.—Poucos dias depois de João Fernandes Vieira, fallece, no Engenho-Novo de Goiana, André Vidal de Negreiros, um dos herós da expulsão dos Neerlandezes que se haviam assenhoreado do Norte do Brasi. Era natural da cidade da Parahiba, filho de Francisco Vidal e Catharina Ferreira, ambos Portuguezes. André Vidal de Negreiros, depois da capitulação da Campina do Taborda, foi feito capitão-general do Maranhão (11 de Maio de 1655 a 23 de Septembro de 1656), passando depois a governar Pernambuco (26 de Março de 1657 a 26 de Janeiro de 1661) e indo, em seguida, substituir a João Fernandes Vieira na administração suprema de Angola, onde figura o seu retrato entre os dos demais governadores.

1693.—Fallece em Lisbôa, já muito entrado em annos, frei Paulo de Sancta-Catharina, que professara em 1632 e em 1662 fôra eleito custodio da provincia reformada de Sancto-Antonio no Brasil. Chamou-se secularmente d. Paulo de Moura, era natural de Pernambuco, 3° avô do marquez de Pombal, e, antes de envergar o habito, fôra casado com sua prima d. Brites de Mello, de quem houve uma filha. Um

dos seus sermões ficou impresso (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXIV, 685-698).

1739.— Fundação do Seminario Episcopal de S. José na ladeira meridional do morro do Castello. Destinava-o o seu fundador, d. frei Antonio de Guadalupe, 3° bispo do Rio de Janeiro (1725-1741), aos moços que quizessem abraçar a carreira ecclesiastica; mas o referido estabelecimento, installado numa épocha em que eram raras as casas de instrucção no Brasil, serviu a muitos patricios nossos, que alli estudaram e depois seguiram profissões liberaes, em que muito se illustraram.

1772.— Por fallecimento de d. frei Manuel da Cruz, 1° bispo de Minas-Geraes, foi nomeado para aquelle cargo d. Joaquim Borges de Figueirôa, que do mesmo se empossou, por procurador, a 3 de Feveriro de 1772. Regeu os negocios de sua diocese sem saïr de Lisboa, até que, a 3 de Abril do mesmo anno, foi nomeado arcebispo da Bahia, resignando essa alta funcção em 1777. O seu successor no bispado de Minas-Geraes, d. frei Bartholomeu Manuel Mendes dos Reis, tambem se empossou por procuração, e, imitando-lhe ainda o exemplo, não foi pessoalmente cuidar de suas ovelhas.

1802.— Nasce no engenho Trapiche (Pernambuco) Francisco do Rego Barros, depois brigadeiro, senador e conde da Bôa-Vista. Foi presidente de sua provincia natal de 2 de Dezembro de 1837 a 3 de Abril de 1841 e de 7 de Dezembro de 1841 a 4 de Junho de 1844; e, a 20 de Julho de 1865, começou a presidir a provincia do Rio Grande do Sul, onde teve por successor Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (depois barão Homem de Mello), que se empossou a 22 de Janeiro de 1867.

1831.— Toma posse do cargo de presidente da provincia de Minas-Geraes Manuel Antonio Galvão, que teve por antecessor José Manuel de Almeida e por sucessor Manuel Ignacio de Mello e Sousa (depois barão do Ponctal), a 22 de Abril do mesmo anno.

1840.— Toma posse do cargo de presidente da provincia do Ceará Francisco de Sousa Martins, cujo antecessor foi João Antonio de Miranda e que teve por successor a José Martiniano de Alencar (20 de Outubro do mesmo anno).

1852.— *Batalha de Monte-Caseros.*— Desde 25 de Novembro de 1851 que o exército brasileiro, sob o commando do general conde de Caxias, estava acampado na Colonia do Sacramento, donde, a 14 de Dezembro, partiu, afim de junctar-se ás tropas de Urquiza, a 1ª brigada da divisão de que era commandante o brigadeiro Manuel Marques de Sousa

(depois tenente-general e conde de Porto-Alegre). O exército alliado compunha-se de cêrca de 26.000 homens (uns 20.000 Entrerianos, Correntinos e emigrados de várias provincias argentinas; 4.020 Brasileiros; e 1.700 Orientaes, estes sob o commando do coronel Cesar Díaz). As tropas de Rosas subiam a mais de 26.000 homens (cêrca de 15.000 de cavallaria, cêrca de 10.000 de infantaria e 1.000 de artilharia), com 60 boccas de fogo. A' divisão brasileira coube a parte mais brilhante e decisiva da peleja: foi ella que atacou o centro do inimigo, apoderando-se da chacara de Caseros (onde se achava o dictador, que previamente escapara), alli realizando a prêsa de 22 boccas de fogo e 1 bandeira, que, acabada a guerra, foram entregues á Republica Argentina. Foi um dos heróes dessa batalha, onde, como tenente-coronel, commandou o 2° regimento de cavallaria da divisão brasileira, Manuel Luiz Osorio, depois tenente-general e marquez do Herval. A victoria dos alliados poz termo ao govêrno de d. Juan Manuel de Rosas, que immediatamente abandonou o territorio argentino, seguindo a refugiar-se na Inglaterra, onde veiu a fallecer aos 90 annos, em 1877. A batalha tambem é conhecida pela denominação de «batalha de Morón», tirada do arroio juncto ao acampamento de «Santos-Lugares».

1874.—Installa-se a Relação de S. Paulo, com os seguintes desembargadores:—Tristão de Alencar Araripe, presidente; João José de Andrade Pinto, procurador da corôa; José Norberto dos Sanctos (que depois a presidiu), Frederico Augusto Xavier de Brito, Olegario Herculano de Aquino e Castro (que mais tarde tambem a presidiu), Antonio de Cerqueira Lima e Agostinho Luiz da Gama (tambem depois presidente).

1876.—Toma posse do cargo de presidente da provincia do Maranhão Frederico de Almeida e Albuquerque, que teve como antecessor Frederico José Cardoso de Araujo Abranches e como successor Francisco Maria Corrêia de Sá e Benevides (este empossado a 18 de Dezembro do mesmo anno).

1879.—Eleito pela provincia da Bahia, toma assento no Senado o conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas.

4 DE FEVEREIRO

1648.—Segundo o visconde de Porto-Seguro («Historia das luctas com os Hollandezes no Brasil desde 1624 até 1654»), os Hollandezes, que, sob o commando do general van Schkoppe, haviam desembarcado no dia 3 de Fevereiro em Itapecima (hoje Itapecuma), repellem nesta data um violento ataque dos nossos e ficam senhores das terras fronteiras á ilha

de Itamaracá. Os chronistas portuguezes contemporaneos não fazem menção dêste combate, e sem dúvida foi em algum documento hollandez que Porto-Seguro encontrou a noticia delle. A traducção franceza dos documentos examinados na Hollanda pelo erudito J. Caetano da Silva guarda-se cuidadosamente no archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e, infelizmente, nunca foi publicada. Conseguintemente, só póde ser estudada por quem residir no Rio de Janeiro e tivér tempo para examinar naquelle archivo a volumosa collecção. Um pouco ao Sul de Itapecima, no porto dos Marcos, situado no mesmo canal, tinham os nossos construido, em Julho de 1646, um reducto, que provavelmente foi evacuado, ou então caïu em poder dos Holandezes, pela mesma occasião. De 1648 até 1654, occuparam os invasores tanto o reducto a que chamavam «Os Marcos» (4 peças), como o de Itapecima (5 peças).

1684.—Carta régia ordenando ao governador da capitania do Rio de Janeiro, Duarte Teixeira Chaves, que remettesse ao governador de Angola até 60 casacas estofadas de algodão, eguaes ás usadas pelos sertanejos de S. Paulo («Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo», XVIII, 278).

1695.—Carta régia ordenando a André Cusaco, governador interino da capitania do Rio de Janeiro (no impedimento, por doença, de Antonio Paes de Sande), que se recolhesse á Bahia, pois fôra nomeado para substitui-lo Sebastião de Castro Caldas. Este assumiu o govêrno a 19 de Abril (não a 17, como assegura Varnhagen) de 1695.

1725.—Ultima sessão da Academia Brasileira dos Esquecidos, primeira sociedade literaria que houve no Brasil (veja 7 de Março de 1724).

1838.—A barca dinamarqueza *Zebra*, procedente de Hamburgo, dá fundo sob a protecção do forte de Sancto-Antonio, da barra da Bahia, occupado pelos revolucionarios. Duas escunas dos rebeldes, sob o commando de André Avelino, entre as quaes a *Brasilia*, vão postar-se juncto á barca. Eram 8 horas da noite. O brigue *3 de Maio* (capitão de fragata João Francisco Regis) approxima-se da *Zebra* e despacha escaléres para aborda-la, mas estes são repellidos pela fuzilaria da tropa que occupara o navio e pela artilharia das escunas. Chega a corveta *7 de Abril* (capitão de fragata Joaquim Leal Ferreira), para soccorrer o *3 de Maio*, e prosegue o combate, em que se empenham tambem, á maior distancia, os outros navios dos rebeldes (corveta *24 de Novembro*, brigue-escuna *Independencia* e 3 canhoneiras). Acalmando o vento e temendo que a maré os levasse para terra, debaixo do fogo

das baterias, — retiram-se afinal para a linha da esquadra bloqueadora os 2 navios imperiaes, que tomaram parte nesta acção.

1859. — Succedendo a Olympio Carneiro Viriato Catão, toma posse da presidencia da provincia do Espirito-Sancto Pedro Leão Velloso. Teve como substituto, a 25 de Maio do anno seguinte, Antonio Alves de Sousa Carvalho (depois visconde de Sousa Carvalho).

1866. — O naturalista Agassiz chega á cidade de Belém do Pará, de volta de sua viagem scientifica pelo rio Amazonas.

1887. — Succedendo á Francisco de Faria Lemos, nesta data assume a presidencia da provincia de Minas-Geraes Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, que, cêrca de 6 mezes depois (a 20 de Agosto do mesmo anno), foi substituido por Luiz Eugenio Horta Barbosa.

5 DE FEVEREIRO

1634. — Chega ao cabo de Sancto-Agostinho uma das 3 caravellas com que saira de Lisbôa, em soccôrro de Pernambuco, Pedro de Almeida Cabral. As 2 outras foram aportar á Parahiba. Traziam apenas o refôrço de 120 homens.

1654. — José Ortiz de Camargo, accompanhado de seu ermão Fernando de Camargo e de muitos capanças armados, tenta entrar na villa de S. Paulo, em tom de guerra. Oppondo-se a isso, os officiaes da Camara reunem-se em sessão e pedem auxilio ao capitão-mór, que residia em Sanctos.

1667. — Ordem régia determinando que fossem sentenciados para o Maranhão e Pará, afim de povoarem aquellas capitanias e servirem nas fôrças de defesa dellas, os criminosos que merecessem as penas de degredo.

1739. — Toma posse do alto cargo de arcebispo metropolitano e primaz da Bahia d. frei José Fialho, como successor do 6° arcebispo, d. Luiz Alvares de Figueiredo. D. frei José Fialho tinha sido, por cêrca de 13 annos (de 17 de Novembro de 1725 até aos primeiros dias de 1739), o 5° antistite da diocese de Olinda (Pernambuco). Pouco tempo esteve elle no arcebispado da Bahia, pois que, nomeado bispo de Guarda (Portugal), seguiu para o reino a 31 de Outubro de 1739, e, antes de entrar em exercicio do novo posto, falleceu a 18 de Março de 1741. Teve como substituto, na Bahia, a d. José Botelho de Mattos, cuja posse se verificou a 3 de Maio de 1741. O padre-mestre frei João da Apresentação Campelly, frade menor da provincia do Brasil, estampou em 1740 um «Epitome historico da vida de d. fr. José Fialho».

1741.—São sagrados em Portugal, neste mesmo dia: — o 8° arcebispo da Bahia, d. José Botelho de Mattos, que, empossando-se do seu elevado cargo a 3 de Maio de 1741, nelle se conservou até 7 de Janeiro de 1760, renunciando-o e fallecendo alguns annos depois em cheiro de sanctidade; e o 4° bispo do Rio de Janeiro, o carmelita d. frei João da Cruz, que, assumindo o seu posto tambem a 3 de Maio de 1741, logo se indispoz com o seu rebanho fluminense, vendo-se forçado a abandonar-lhe a direcção espiritual, pelo que foi nomeado bispo de Miranda, em Portugal, onde falleceu a 20 de Outubro de 1756.

1811.— Carta régia, firmada pelo principe-regente depois d. João VI, permittindo que se fundasse na Bahia o primeiro estabelecimento typographico que houve na antiga capital do Brasil. Tal melhoramento foi obtido a instantes reclamos do conde dos Arcos (veja 5 de Janeiro de 1811), que desde 30 de Septembro de 1810 administrava aquella capitania, onde só a 26 de Janeiro de 1818 foi substituido pelo conde de Palma. Além disso, o conde dos Arcos fez tambem installar na Bahia a primeira bibliotheca pública, assim como fez erguer-se alli o edificio da Bolsa ou Praça do Commercio, solennemente inaugurado a 28 de Janeiro de 1817. Por esse grande serviço, offereceram-lhe os negociantes da Bahia uma valiosa espada de honra, ricamente fabricada em Londres, bem como o retrato, gravado na capital ingleza por William Skelton. Os Bahianos, a quem o conde dos Arcos salvou de perseguições, por implicados na revolução de 1817 em Pernambuco, angariaram, mediante cotização, cêrca de 100:000$000, com que lhe edificaram no Rio de Janeiro o palacete chamado outr'ora do conde dos Arcos e que é o mesmo em que actualmente funcciona o Senado.

1836.— Fórma-se nesta data o 2° Gabinete da Regencia do padre Diogo Antonio Feijó. Ficou assim constituido: — Imperio, José Ignacio Borges (substituido, pouco depois, por Antonio Paulino Limpo de Abreu, que, a seu turno, passou interinamente a pasta a Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja); Justiça, Antonio Paulino Limpo de Abreu (depois visconde de Abaeté), substituido mais tarde por G. A. de Aguilar Pantoja; Fazenda, Manuel do Nascimento Castro e Silva; Extrangeiros, José Ignacio Borges, interinamente, pois a pasta foi preenchida effectivamente por A. P. Limpo de Abreu; Marinha, general Salvador José Maciel; e Guerra, general Manuel da Fonseca Lima e Silva (depois barão de Suruhí).

1842.— Em missão politica dos liberaes de S. Paulo, tinham chegado á então Côrte, no dia 3 de Fevereiro, o senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, o brigadeiro

Bernardo José Pinto Gavião Peixoto e o corone
Antonio de Sousa Queiroz, que traziam uma repr
da assembléa legislativa da sua provincia, pedindo ao
rador a suspensão da lei de 23 de Novembro de 1841,
creara o Conselho de Estado, e da lei de 3 de Dezemb
do mesmo anno, que reformara o Codigo do Processo Criminal. Tendo elles enviado ao Ministerio a dicta representação, a 5 de Fevereiro foi-lhes communicado pelo ministro do Imperio, Candido José de Araujo Viana (depois marquez de Sapucahï), que o monarcha não podia recebê-la, porque era «offensiva á Constituição» e escripta em «linguagem descommedida», pela «maneira descomposta e criminosa, com que ahi são tractados os poderes supremos». Os tres chefes liberaes, desenganados de poder chegar á presença do soberano e nem siquér vendo recebida por elle a representação de que eram portadores, retornaram immediatamente a São Paulo, onde logo depois estalava a revolução (veja 10 e 17 de Maio de 1842).

1849.— Toma posse do cargo de presidente da provincia de Alagôas Antonio Nunes de Aguiar, que substituiu a João Capistrano Bandeira de Mello, e, em 14 de Julho do mesmo anno, teve por successor a José Bento da Cunha e Figueiredo (depois visconde do Bom-Conselho).

1877.— Assume a presidencia da provincia da Bahia Henrique Pereira de Lucena (depois barão de Lucena), que substituiu a Luiz Antonio da Silva Nunes, e, em 25 de Fevereiro do anno seguinte, teve por successor o barão Homem de Mello.

1878.— Succedendo a Sebastião José Pereira, toma posse do cargo de presidente da provincia de S. Paulo João Baptista Pereira, que teve por substituto Laurindo Abelardo de Brito, em 12 de Fevereiro do anno seguinte.

6 DE FEVEREIRO

1624.— Nomeado, desde 19 de Fevereiro de 1622, capitão-mór loco-tenente pelo conde de Monsanto, herdeiro de Pero Lopes de Sousa, só nesta data é que Alvaro Luiz do Valle toma posse do cargo perante a Camara da villa de S. Vicente. A condessa de Vimieiro, successora legitima de Martim Affonso de Sousa, escolhera para egual cargo a João de Moura Fogaça; e, desde 1624, a villa de N. S. da Conceição de Itanhaen foi elevada por ella á categoria de cabeça da sua capitania.

1633.— Fundeia uma legua ao Sul da barra do rio Formoso e desembarca, em sitio previamente indigitado por Do-

mingos Fernandes Calabar, parte da gente que levava para o assalto ao forte daquelle nome uma esquadrilha hollandeza que saïra, a 4, do Recife, com aquelle fim (veja o dia seguinte).

1644.—Fallece em Belém do Pará o illustre Pedro de Albuquerque, o Leonidas da defesa homerica do Rio-Formoso (veja o dia seguinte). Era filho de Affonso de Albuquerque e neto de Jeronymo de Albuquerque Maranhão, tendo nascido na villa de Serinhaem (Pernambuco). Restaurado Portugal do jugo hispanhol e tendo-se batido Pedro de Albuquerque pela causa do duque de Bragança, acclamado com o nome de d. João IV, este o nomeou governador do Estado do Maranhão a 4 de Septembro de 1642. Não podendo desembarcar em S. Luiz, ainda então occupada pelos Hollandezes, aportou em 1643 na capital do Pará, onde a 13 de Julho (veja esta data) tomou posse do cargo, que só exerceu por espaço de 6 mezes e 24 dias, pois alli expirou em consequencia dos ferimentos e infermidades que lhe acarretara a actividade militar. Traçou-lhe a biographia, pormenorizadamente, Antonio Joaquim de Mello na obra já citada.

1649.—E' creada na metropole a Companhia Geral do Commercio do Brasil. Embora mais tarde viesse a causar grandes prejuizos á colonia luso-americana, em razão do monopolio mercantil que a tal empresa concedera a Corôa, a Companhia Geral do Commercio do Brasil prestou não pequeno auxilio á expulsão dos Hollandezes de Pernambuco, pois pelos arts. 43 e 45 dos seus estatutos, approvados por alvará de 10 de Março do mesmo anno (veja essa data), ella se havia obrigado a concorrer para a recuperação dos portos que estavam ainda em poder do inimigo. A primeira frota da mencionada empresa partiu de Lisbôa a 4 de Novembro de 1649 (veja essa data) e era commandada pelo conde de Castel-Melhor.

1674.—Por fallecimento de Fernando de Sousa Coutinho (a 17 de Janeiro de 1674), é nomeado governador de Pernambuco, e nesta data se empossa do cargo, d. Pedro de Almeida, que teve por successor Ayres de Sousa de Castro, a 14 de Abril de 1678.

1710.—Succedendo a d. frei Francisco de Lima, nesta data toma posse do bispado de Olinda (Pernambuco) d. Manuel Alvares da Costa. Em consequencia da chamada «guerra dos mascates», estalada a 7 de Novembro do mesmo anno, aquelle prelado, que estava em visita pastoral ao interior da diocese, regressou á séde episcopal, e, achando-se acephalo o govêrno da capitania, por haver fugido della o titular effectivo, que era Sebastião de Castro Caldas, assu-

miu-o d. Manuel Alvares da Costa a 15 de Novembro de 1710 e exerceu-o até 10 de Outubro de 1711, em que o transferiu ao novo governador Felix José Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcellos. Chamado ao reino, entregou o govêrno da diocese a frei Manuel de Sancta-Catharina e embarcou para Lisbôa a 12 de Agosto de 1715, sendo logo depois promovido a bispo de Angola, onde falleceu.

1818.—Adiada em consequencia da revolução pernambucana de 1817, realiza-se nesta data a coroação solenne do principe d. João de Bragança como o 6° rei dêsse nome de Portugal, Brasil e Algarves. Attendendo ás representações do Senado da Camara do Recife e do general Luiz do Rego Barreto, governador da provincia de Pernambuco, concede o soberano amnistia aos implicados na mencionada sublevação de 1817, e, ainda em lembrança da sua coroação, cria a ordem honorifica de Conceição da Villa-Viçosa. O tecto da varanda para a acclamação de d. João VI foi decorado pelo célebre pintor fluminense José Leandro de Carvalho.

1821.—E' creada nesta data a Relação de Pernambuco, cuja installação no Recife só se effectua a 13 de Agosto do anno seguinte, tendo por 1° chanceller o desembargador Lucas Antonio Monteiro de Barros (depois visconde de Congonhas do Campo).

1822.—A Juncta de Govêrno do Rio Grande do Norte é dissolvida pelo povo.

1884.—Succedendo a Antonio Gomes Pereira Junior, toma posse da presidencia da provincia de Goiaz Camillo Augusto Maria de Brito, que esteve pouco tempo naquelle cargo, onde o substituiu, a 1° de Novembro do mesmo anno, José Accioli de Brito.

1889.—Substituindo a Francisco Rafael de Mello Rego (cuja esposa, d. Maria do Carmo Mello Rego, seguindo o exemplo dado pelo consorte, escreveu e publicou trabalhos interessantes sôbre os selvagens matogrossenses, especialmente sôbre os Borôros), toma posse do cargo de presidente da provincia de Mato-Grosso Antonio Herculano de Sousa Bandeira, cujo successor foi o coronel Ernesto Augusto da Cunha Mattos.

7 DE FEVEREIRO

1633.—*Defesa heroica do forte do Rio-Formoso (commandado pelo capitão Pedro de Albuquerque), que é assaltado e tomado pelos Hollandezes, guiados por Domingos Fernandes Calabar e commandados por Segismundt van Schkoppe.*—Desembarcados de sua esquadrilha, a 6, em poncto designado adrede

por Fernandes Calabar, investem os Hollandezes, em número de 500 homens, o reducto do Rio-Formoso, defendido por 2 pequenas peças de ferro e por uma guarnição de 20 homens, commandados pelo capitão Pedro de Albuquerque. Começando o ataque ao romper do dia, renovam-n-o os inimigos mais trez vezes, sempre bravamente repellidos pelo pugillo de heróes. Mas por fim, dos 20 soldados que compunham a guarnição, 19 tombaram mortos, e o unico sobrevivo, Jeronymo de Albuquerque (que era parente do commandante), recebera trez ferimentos, o que, todavia, não o impedira de lançar-se a nado e escapar; e Pedro de Albuquerque, por sua vez, caïra semimorto entre os seus companheiros, ferido por bala de fuzil e por uma chuçada. Assim, não havendo mais no forte quem lhes pudesse offerecer resistencia, occupam-n-o os Hollandezes, que haviam perdido, nos 4 assaltos, 80 mortos. Rendendo homenagem á intrepidez do capitão pernambucano, pensaram-lhe os inimigos as feridas, conduziram-n-o para o Recife, onde o tractaram com o maior disvelo, e, mais tarde convalescido, mandaram-n-o soltar nas Antilhas, sob promessa de não mais empunhar armas contra a Hollanda. Passando-se dalli para o reino, Pedro de Albuquerque, que se bateu pela restauração de Portugal em 1640, foi nomeado em 1642 governador-geral do Estado do Maranhão, fallecendo em tal posto no Pará (veja 6 de Fevereiro e 13 de Julho de 1643).

1654.—Accompanhado de seus sequazes, entra José Ortiz de Camargo na villa de S. Paulo, a cuja Camara apresenta a provisão que o nomeava ouvidor da capitania. Os officiaes da Camara negam-lhe posse.

1691.—D. Pedro II, em carta régia desta data, auctoriza o governador-geral do Estado do Brasil a dividir os portos de mar do Ceará em capitanias e a distribui-las por particulares, que as quizessem povoar e fortificar.

1711.—A esta data attribue Teixeira de Mello, em suas «Ephemerides», a creação da cidade de Mariana, em Minas-Geraes. Ha nisso engano. Só a 23 de Abril de 1745 foi que, em honra de sua esposa d. Mariana de Austria, concedeu d. João V o predicamento de cidade á então villa de «Nossa Senhora do Carmo», denominação pela qual a carta régia de 14 de Abril de 1712 alterou a de villa do «Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo de Albuquerque», com que fôra installada a 8 de Abril de 1711 pelo governador da capitania de S. Paulo e Minas do Ouro, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. A eleição da primeira Camara foi a 4 de Julho de 1711.

1722.—Carta do geral dos Jesuitas, Miguel-Angelo Tamburino, prohibindo o uso da aguardente de canna aos padres e

fiéis do Estado do Maranhão (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», IX, 187-188);

1762.— Nasce em Villa-Viçosa de Sancta-Cruz de Cametá, capitania do Pará, d. Romualdo de Sousa Coelho, filho de Alberto de Sousa Coelho e de d. Maria de Gusmão, ambos naturaes da mesma capitania. Abraçando cedo a carreira ecclesiastica, recebeu ordens de presbytero em 1785, e em 1819 foi escolhido para o cargo de bispo do Pará. Eleito em 1821 deputado ás Côrtes de Lisbôa, seguiu para lá, a desempenhar o seu mandato. Falleceu no Pará, com quasi 80 annos, a 15 de Fevereiro de 1841.

1787.— Na mesma villa de Cametá, nasce, por feliz coincidencia, outro luminar do clero brasileiro, d. Romualdo Antonio de Seixas, que era sobrinho de d. Romualdo de Sousa Coelho e veiu a ser o 17° arcebispo da Bahia. Este notavel antiste da Egreja nacional pertenceu ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro e falleceu a 29 de Dezembro de 1860 (veja essa data).

1796.— Nasce na freguezia de N. S. da Penha da Bahia José da Costa Carvalho, que foi regente, senador e marquez de Monte-Alegre. Em 1821 succedera ao dr. Nicoláo de Siqueira Queiroz no cargo de juiz-de-fóra do civel, crime e orphams da provincia de S. Paulo, onde casou (em primeiras nupcias) com d. Genebra de Barros Leite. Alli foi tambem redactor do *Pharol Paulistano*, e era presidente da provincia quando estalou a revolução liberal de 1842. Falleceu em S. Paulo a 18 de Septembro de 1860 (veja essa data), deixando alli descendencia illustre.

1822.— Toma posse nesta data a Juncta provisoria de govêrno do Rio Grande do Norte, assim composta: Francisco Xavier Garcia, presidente; Mathias Barbosa de Sá, secretario; Francisco Xavier de Sousa Junior, Ignacio Nunes Corrêia Thomaz e Pedro Paula Vieira, membros (veja «Algumas notas sôbre a Historia politica do Rio Grande do Norte» pelo dr. A. Tavares de Lyra, *in* «Rev. do Inst. Hist. Geogr. do Rio Grande do Norte», V).

1827.— Sai a lume, neste dia, o 1° número do *Pharol Paulistano*, periodico com que se inicia a imprensa da terra dos bandeirantes. Tinha como principal redactor o dr. José da Costa Carvalho, que depois desempenhou papel importante na politica nacional.

1840.— Succedendo a Manuel Felizardo de Sousa e Mello, toma posse do cargo de presidente da provincia do Maranhão o coronel Luiz Alves de Lima, escolhido para pôr termo á guerra civil, que estava ensanguentando aquella circunscripção poli-

tica do Imperio. Com effeito, foi aquelle illustre militar quem venceu a *balaiada* e pacificou a provincia, pelo que foi feito barão de Caxias. Levou elle como secretario da presidencia a Domingos José Gonçalves de Magalhães (o notavel poeta, depois diplomata e visconde de Araguaia), que escreveu uma excellente «Memoria historica e documentada da revolução da provincia do Maranhão desde 1839 até 1840», publicada na «Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro» (x, 263-362), gremio a que pertencia e que abrilhantou com o seu grande talento.

1863.— Toma posse do cargo de presidente da provincia do Amazonas Sinval Odorico de Moura, que teve por antecessor a Manuel Clementino Carneiro da Cunha e por successor, em 7 de Abril de 1864, a Adolfo de Barros Cavalcanti de Albuquerque de Lacerda.

1871.— Fallece, em Vienna da Austria, a princeza d. Leopoldina de Bragança, filha de d. Pedro II e esposa do duque de Saxe. Jaz sepultada em Coburgo (Allemanha).

1874.— Fallece em Petropolis o erudito philologo allemão dr. Koch, que foi mestre de linguas orientaes de d. Pedro II. Este fez gravar na bella pedra tumular, em latim, grego e hebraico, a inscripção «Ao amigo».

8 DE FEVEREIRO

1552.— Chega nesta data á villa de S. Vicente e approva o foral de villa dado por Braz Cubas á povoação de Sanctos, por este fundada, o governador-geral Thomé de Sousa, que havia partido da Bahia nos ultimos dias de Janeiro.

1615.— Apesar de não ainda de todo acabado o cenobio, que estava sendo erguido no Rio de Janeiro pelos Capuchos da provincia da Conceição, para elle se transferiram na vespera os Franciscanos, e nesta data alli celebraram a primeira missa. E' o convento de Sancto-Antonio, — verdadeiro ninho dos mais eloquentes oradores sacros que teve o Brasil de outr'ora, quaes foram frei Francisco de S. Carlos, frei Francisco de Montalverne, frei Francisco de Sancta-Teresa de Jesús Sampaio e frei Antonio de Sancta-Ursula Rodovalho.

1629.— Fallece na cidade do Rio de Janeiro o dr. Matheus da Costa (Cunha, segundo Varnhagen) Aborim, um dos primeiros prelados do Rio de Janeiro. Tendo tomado posse a 2 de Outubro de 1607, segue-se que exerceu a prelazia por cêrca de 22 annos. Embora se haja notabilizado por muitas obras de caridade e fundações religiosas e pias, tornou-se malquisto do povo, certamente porque se envolveu em várias questões pro-

fanas, principalmente na lucta contra os colonos que se batiam pela escravização dos Indios. Presume-se que haja morrido envenenado. Succedeu ao dr. João da Costa (pois o escolhido após este, o dr. Bartholomeu Lagarto, não acceitou a nomeação) e teve como substituto frei Maximo Pereira, cuja posse se realizou a 3 de Julho de 1629.

1635.—Tendo saïdo da Parahiba a 26 de Janeiro, só a 8 de Fevereiro é que chegam ao Recife, depois de longa marcha por terra, as tropas hollandezas (cavallaria e infantaria), commandadas pelo coronel Segismundt van Schkoppe, conselheiro politico Schoute e majores Picard Mansueld e João Hijk. Não tendo podido, como pretendiam, investir e tomar a fortaleza de Nazareth do Cabo, defendida por Mathias de Albuquerque e Bagnuoli, as fôrças neerlandezas, que luctavam com a falta de munições, dividiram-se em dous grupos, seguindo para o Recife aquelle acima referido e ficando ao Norte, em defesa da região conquistada, o outro, ao mando do coronel Arcizewski e do conselheiro politico Stachouwer.

1661.—E' deposto neste dia, por parte da população sublevada do Rio de Janeiro, Agostinho Barbalho Bezerra, que havia sido acclamado governador em logar de Thomé Corrêia de Alvarenga (o substituto legal de Salvador Corrêia de Sá e Benevides), a quem Jeronymo Barbalho Bezerra, á frente do povo, lançara fóra do cargo (veja 8 de Novembro de 1660). Nas «Ephemerides» de Teixeira de Mello vem narrado muito erroneamente este episodio. Agostinho Barbalho Bezerra, nomeado, por provisão régia de 7 de Dezembro de 1663, administrador das minas de Paranaguá e da serra das Esmeraldas, arrojou-se logo depois, ajudado pelos Paulistas, ao descobrimento das almejadas pedras preciosas nos sertões do Espirito-Sancto, onde falleceu em 1667 (veja Basilio de Magalhães — «Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII» pags. 35).

1687.—Carta régia mandando dar Indios para a diligencia das minas de prata e ferro de Sorocaba (S. Paulo), realizada por Luiz Lopes de Carvalho e frei Pedro de Sousa (veja «Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo», XVIII, 279).

1730.—São desta data cinco cartas régias, dirigidas por d. João V a Luiz Vahia Monteiro, governador da capitania do Rio de Janeiro, todas relativas ás minas de ouro, quer ordenando providencias afim de se evitarem os descaminhos dos quintos da corôa, quer mandando se não realizassem novos descobrimentos sem prévia licença do soberano (Collecções do Archivo Nacional).

1827.—Neste dia começa o combate naval do Juncal, que termina no dia seguinte (veja 9 de Fevereiro).

1837.— Fallece o conselheiro Bento Barroso Pereira, que, por occasião de constituir-se a Camara alta, isto é, a 22 de Janeiro de 1826 (veja essa data), foi, pelo primeiro imperador, escolhido senador pela provincia de Pernambuco. O senador Bento Barroso Pereira, que era official general do exército, occupou, no gabinete de 20 de Novembro de 1827, a pasta da Guerra, que em menos de dous annos teve quatro titulares; e, no ministerio ephemero de 3 de Agosto de 1832, accumulou as pastas da Guerra e da Marinha, esta interinamente.

1844.— E' assassinado em Pouso-Alegre (Minas-Geraes) o padre José Bento Leite Ferreira de Mello, que era um dos mais prestigiosos chefes do partido liberal em todo o paiz. Nascera na então villa da Campanha da Princeza, da referida provincia, a 6 de Janeiro de 1785, e tomara assento no Senado, como representante della, a 13 de Agosto de 1834.

1846.— Joaquim Manuel de Macedo, em seu « Anno biographico », dá como fallecido a 8 de Novembro de 1834 e enterrado no dia seguinte em S. Francisco de Paula do Rio de Janeiro o notavel pintor carioca José Leandro de Carvalho, noticia que é acceita por Mello Moraes, no « Brasil Historico » (II, 177); mas já Moreira de Azevedo, nos « Ensaios biographicos », di-lo fallecido em Campos, sem todavia precisar a data do trespasse. Parece que houve deploravel confusão entre o artista famoso e um seu filho, o capitão-mór Leandro José Marques Franco de Carvalho, que o precedeu na morte e jaz effectivamente nas catacumbas de S. Francisco de Paula, de cuja ermandade fôra corretor jubilado. As minucias com que esses escriptores referem o passamento do artista e a circunstancia, que mencionam, de haver sido transportado em uma rêde o corpo, para ser inhumado, fazem crer que os sobredictos chronistas não souberam distinguir entre o pae e o filho. Affirma Teixeira de Mello, em suas « Ephemerides » (veja 8 de Fevereiro de 1846 e 9 de Novembro de 1834), que o velho José Leandro, que teve a gloria de ser um dos primeiros e mais inspirados pintores do Brasil, falleceu em Angra dos Reis a 8 de Fevereiro de 1846. A versão perfilhada por L. G. Duque-Estrada, na « Arte brasileira » (pags. 49), equiparava-o a novo Andréa del Sarto, pois consistia em que o artista, obrigado, em consequencia da revolução de 7 de Abril de 1831, a apagar do altar-mór da egreja do Carmo a familia real que alli retratara, e, o que é mais, abandonado pela esposa, fôra expirar em Campos, assistido apenas por um velho amigo e um Christo crucificado, pendente da parede... José Leandro de Carvalho nascera e fôra baptizado na freguezia da Sé do Rio de Janeiro, pelo ultimo quartel do seculo XVIII, e morara com seus paes á rua do Piolho (hoje rua da Carioca). Foi discipulo de Leandro Joaquim e de Raimundo da Costa e Silva. Eis o que sôbre elle escreve

o auctor da «Arte brasileira» (pags. 46-48): — «A chegada de d. João á colonia foi um poderoso incentivo dos progressos da sua arte. A côrte do rei queria embasbacar a multidão indigena com um pequeno luxo de saltimbancos. Mandava-se retratar, encommendava pinturas para os muros das habitações; mostrava-se conhecedora do bom-gosto. José Leandro era um pequeno Velásquez dessa burguezia pretenciosa e boçal. O melhor retrato de d. João VI que existe no paiz (convento de Sancto-Antonio) é feito por suas mãos. O typo indeciso, medroso, molle, indolente, do filho de d. Maria, a doida, foi apanhado com a mais feliz precisão de detalhes, que se conhece, entre os retratos daquelle tempo. O rei, retratado até aos joelhos, assentado em uma poltrona, abotoado no velho casaco de lã escura, olha para nós, maliciosamente, com aquelle célebre olhar ironico e ao mesmo tempo humilde. Tem o beiço carnudo, aquelle legendario beiço inutil e frio dos Bourbons, a barba escanhoada, as faces nédias, o pescoço cheio e curto. A grande cabeça, de cabellos penteados, em dous canudos nas temporas e puxados em rabicho para trás, assenta bem sôbre o corpanzil. Um dos braços dobra-se sôbre o peito, e a enorme mão rechonchuda agarra o bastão antigo, encastoado de prata, com que apoiava o movimento das pernas inchadas, quando caminhava. El-rei disse uma occasião que Sua Magestade (era como se expressava) tinha desejo de ver-se retratado no altar-mór da antiga Capella do Carmo. Chamaram a concurso os artistas dêsse tempo. Apresentaram-se José Leandro e um italiano, si me não engano, conhecido pelo nome de Argenzio. José Leandro foi escolhido, por ter apresentado melhor esbôço. Retratou a familia real: os principes d. Pedro e d. Miguel pela mão do anjo da guarda, el-rei e a rainha genuflexos, com a Senhora do Monte-Carmello, num throno de nuvens cercado de anjos alados, abençoando-os. Foi a sua maior composição. Mas o exaltamento dos animos em 7 de Abril de 1831 não consentia vestigios dos *extrangeiros* na terra brasileira. Uma multidão de patriotas, desvairados pelo enthusiasmo, pedia aos brados, á porta da Capella, que apagassem o painel, que o descessem do altar, sinão invadiria o templo. Foram chamados, incontinenti, diversos artistas, para apagarem a obra. Debret foi o primeiro, e o primeiro que se negou a practicar o vandalismo. Os patriotas não cediam. Em grupos, pelas ruas, vibrando cacetes, exaltados, ostentando no tope do chapéo, posto á banda, fitas distinctivas com as côres do pavilhão nacional, pediam o devastamento do painel. Afinal, José Leandro appareceu. Era um homem alto, cheio de corpo, obeso, olhar tristonho, a physionomia grave. Entrou na Capella. Diversas vozes partiram da multidão: — *Lá vae elle! Lá vae elle!* E um brado de enthusiasmo trovejou, por entre palmas, gestos desordenados e esgrimas de cacete: — *Viva o Brasil!* O artista entrou

pallido, a cabeça baixa, os olhos fixos no chão. Atrás delle vinha um aprendiz, trazendo uma cassarola e uma brocha. As portas do templo estavam fechadas; no recincto, no côro, alguns rapazolas, empregados em acolytar os sacerdotes nos officios, espiavam para a rua, através das vidraças. Puzeram ao lado do altar-mór uma escada, o artista subiu por ella, e, lá do alto, começou a brochar o painel. A mão tremia-lhe; copioso suor de febre inundava-lhe o rosto; mas, energico e resignado, ia lentamente passando e repassando a brocha unctada de colla. O berreiro da multidão echoava longe, como um som abafado de trovão que vai rolando pelo infinito. Os sacristães desceram do côro e vieram collocar-se defronte do logar em que estava o mestre, mudos e cheios de curiosidade; ao lado da escada, o aprendiz seguia com os olhos admirados a total devastação daquelle trabalho. Grande parte da pintura tinha desapparecido, e, nos ponctos em que o colorido ainda brilhava, grossas lagrimas de colla corriam apressadamente, vertiginosamente, terminando em pequeninos globulos escuros. Fóra, no céo sereno e azul, a luz sorria. Era uma manhã tranquilla e fresca. Estava concluido o sacrificio: daquella composição, que tanto cuidado lhe dera, que tantas esperanças lhe alimentara, restava unicamente o panno e um pouco de colla. Mudo e pallido, mais pallido ainda, desceu da escada, entregou a brocha ao aprendiz e murmurou apenas: — *Está consummado*... Nesse momento, volveu o olhar para as paredes lateraes da egreja, como si procurasse alguma cousa. Lá estavam os bustos dos 12 Apostolos. Tambem eram obra sua... Quem sabe si mais tarde não teriam a mesma sorte que teve o painel do altar-mór? Seus olhos encheram-se de lagrimas, que desciam pelas faces entristecidas, como si brotassem do coração essas lagrimas pesadas, essas gottas de uma chaga incuravel. Em 1850, dezenove annos depois, o artista Caetano Ribeiro restaurou o painel, lavando a camada de colla que o precursor lhe sobrepuzera...» Na sua substanciosa monographia, inserta na «Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro» (III, 547-557) e intitulada «Memoria sôbre a antiga escola de pintura fluminense», Manuel de Araujo Porto-Alegre dá José Leandro como tendo tido o berço em Magé, e, em seguida, resume assim a actividade artistica do antigo e celebre colorista: — «Foi no tempo do reinado o melhor pintor historico e o mais fiel retratista da épocha: nesta ultima parte, tinha um dom particular, pois bastava ver o individuo uma só vez, para conservar suas feições e pinta-lo ao vivo. Trabalhou muito, e não ha quasi oratorio na cidade que não tenha uma Conceição ou Sancto do seu pincel. Elle decorou o tecto da varanda da acclamação de el-rei d. João VI; fez todos os quadros da Capella Imperial; pintou o tecto da capella-mór da egreja do Bom-Jesús; e, no concurso que houve entre todos os pintores, levou

a palma na execução do quadro do altar-mór da Capella Imperial, onde retratou de uma maneira admiravel toda a familia real.» Além de rectificar o caso do concurso, do escripto do barão de Sancto-Angelo ainda se conclue que José Leandro foi forçado a um auto-iconoclasmo, na questão da téla do altar-mór da egreja do Carmo, pois assim affirma o auctor citado: — «Ha dez annos que o quadro do altar-mór da Capella Imperial foi victima desta imprevidencia; e, para maior iniquidade, o proprio artista foi obrigado a subir ao altar do sacrificio. Desde esse dia fatal, José Leandro não teve mais saúde: exilou-se voluntariamente, e em Campos acabou seus dias». Ora, como o probidoso Porto-Alegre leu o seu trabalho a 30 de Novembro de 1841, em sessão do Instituto Historico, é facil ver que não se póde acceitar a data proposta por Teixeira de Mello para o fallecimento de José Leandro. Em vez de *1846*, talvez se deva ler *1836*. e

1862.— Toma posse do cargo de presidente da provincia de Mato-Grosso Herculano Ferreira Penna, cujo antecessor fôra Antonio Pedro de Alencastro. A 15 de Julho do anno seguinte foi substituido por Alexandre Manuel Albino de Carvalho.

9 DE FEVEREIRO

1630.— Por uma pinaça, enviada pelo governador das Ilhas de Cabo-Verde, chega nesta data ao Recife a noticia de haver partido daquelle archipelago a grande expedição hollandeza, destinada á conquista de Pernambuco. Mathias de Albuquerque, a quem a metropole apenas fornecera ridiculos recursos, limitou-se a prohibir que os habitantes da villa se retirassem della para o interior, a examinar e abastecer de munições os fortes, a fazer saïr do porto os navios já carregados e a chamar ás armas os individuos que, por crimes, andavam homiziados no sertão.

1730.— Carta régia, pela qual d. João v extranhava que d. Lourenço de Almeida, capitão-general de Minas Geraes, houvesse retardado a communicação do descobrimento de diamantes, realizado no anno anterior, e investindo aquelle representante da corôa de poderes amplos e illimitados para regular o novo e importante ramo de rendimentos, tão util á Fazenda real.

1749.— Eleito a 18 de Maio de 1748, para succeder a d. frei Guilherme de S. José, chega nesta data a Belém do Pará o seu 3º bispo, d. frei Miguel de Bulhões e Sousa (não Guilherme de Bulhões, como erradamente escreve Varnhagen, na «Historia Geral do Brasil», II, 1.220), que cinco dias depois toma posse do seu alto cargo. Foi quem, a 24 de Dezembro de 1755, iniciou

a construcção da nova cathedral de Belém do Pará, obra que só se acabou ao tempo do 5° bispo, d. frei João Evangelista Pereira da Silva (17 de Novembro de 1772 a 14 de Maio de 1782, dia em que falleceu em sua diocese). Transferido para o bispado de Leiria (Portugal), partiu d. frei Miguel de Bulhões e Sousa para Lisbôa a 12 de Septembro de 1760, tendo como successor d. frei João de S. José e Queiroz (que chegou á sua séde episcopal a 31 de Agosto de 1761 e nesse mesmo dia se empossou do cargo).

1822.— Tendo-se compromettido a divisão portugueza de Avilez a embarcar no dia 7 e a partir no dia 12 de Fevereiro para Lisbôa, e não havendo dado cumprimento a esse pacto até ao dia 9, o principe d. Pedro, de bordo da fragata *União* (depois *Piranga*), mandou notificar áquelle commandante que, si no dia seguinte, ao amanhecer, não estivesse iniciado o embarque de suas tropas, «não lhe daria mais quartel em parte nenhuma». Foi ante essa resolução peremptoria do regente do Brasil que na madrugada de 10 começou o transporte das fôrças lusitanas da Praia-Grande para bordo dos navios, saïndo barra fóra no dia 15 (veja essa data).

1826.— *Batalha naval de Corales*.— A frota de guerra do Brasil, que, sob o commando de Rodrigo Lobo (veja 16 de Dezembro de 1843), operava no Rio da Prata, investe por duas vezes a esquadra argentina, commandada pelo almirante Brown, pondo-a em fuga. A nossa frota compunha-se das 13 unidades seguintes: corvetas *Liberal* (22 canhões, com a insignia do vice-almirante Rodrigo Lobo), *Itaparica* (22 canhões, commandante o chefe de divisão Diogo Jorge de Brito) e *Maceió* (18 canhões); brigues *29 de Agosto* (18 canhões), *Caboclo* (18 canhões), *Real Pedro* (18 canhões), *D. Januaria* (14 canhões) e *Rio da Prata* (10 canhões); brigue-escuna *Pará* (8 canhões); canhoneira *Leal Paulistana* (6 canhões); escunas *Liberdade do Sul* e *Conceição*; barca n. 8 (1 rodizio); e lancha *Montevideana*. A esquadra argentina, sob as ordens do almirante Brown e formando duas divisões, respectivamente commandadas por Espora e Rosales, constava das seguintes 19 naus, com o total de 110 canhões: corveta *25 de Mayo* (navio-chefe, 28 canhões); brigues *Congreso Nacional* (18 canhões), *República Argentina* (18 canhões), *General Belgrano* (16 canhões) e *General Balcarce* (16 canhões); escunas *Sarandi* (3 canhões) e *Pepa* (3 canhões); e 12 barcas-canhoneiras (com 2 peças de 24 a pôpa e prôa e 3 por banda). Eis como o capitão de mar e guerra Henrique Boiteux, em seu recente trabalho «Os nossos almirantes», descreve a batalha (pags. 125-126): — «No dia 9 de Fevereiro foi avistada ao amanhecer, saïndo em linha de fila e com amuras a bombordo, do porto de Bunos-Aires, a esquadra inimiga, numerando os 19 navios já mencionados e montando

110 canhões. Fundeados estavam os nossos ao largo de Buenos-Aires, muito proximos aos bancos que orlam a entrada do porto; ao ser apercebida a saïda do inimigo, fez o almirante signal para suspender. Para ganhar barlavento, navegou a nossa esquadra até ás 7 horas com amuras a bombordo, quando fez a capitanea signal para *amurar papafigos* e *caçar joanetes*; vinham pela pôpa dos nossos, um tanto distanciados, os navios de Brown. A's 10 horas, fez signal Rodrigo Lobo para virar de bordo e começar a caça, e, a 1 hora e 30 minutos, fez o signal — *O almirante lembra a gloria da nação neste dia e espera que todos se batam com o mais decisivo valor*, e logo depois — *Atacar o inimigo, logo que cada um pudér*. A's 2 horas e 45 minutos, como mais veleiras, avizinharam-se do inimigo a *Liberal* e a *Itaparica*, iniciando o combate contra a *25 de Mayo* e os 3 brigues e sustentando-o com galhardia. Abandonaram os brigues inimigos a liça, exemplo seguido pelas canhoneiras, ao comprehenderem que a retaguarda lhes ia ser cortada, fugindo para o porto. Isolado, o chefe argentino tambem se retirou. A's 5 horas da tarde, conseguiram ainda uma vez os nossos acercar-se do inimigo. A *Liberal* e o *29 de Agosto* cortam a prôa á *25 de Mayo* e ao *Congreso*, e durante hora e meia os castigaram. Soffreu a nossa esquadra a morte do commandante do *29 de Agosto*, que mais de perto seguia o almirante platense; a *Liberal* teve o mastaréo da gata partido e um rombo no costado, afóra outras pequenas avarias; a *Itaparica*, o gurupés partido e feridos o commandante e 1 official; o *D. Januaria* perdeu o mestre e teve 1 ferido; na *Maceió*, 1 marinheiro morto e 2 feridos. Dêsse combate, o *Correo Nacional* e o *Mensagero Argentino* falam de 6 mortos e 15 feridos na sua esquadra. Depois dêste combate, foi a nossa esquadra fundear entre os bancos Ortiz e Chico». O commandante do *29 de Agosto*, que perdêmos nesta batalha, era o 1° tenente João Rodrigues Glidden. Em sua parte official, o vice-almirante Rodrigo Lobo declara que foram nullos os serviços dos brigues *Caboclo* e *Rio da Prata*, nos dous combates. Era a primeira vez que a esquadra argentina de Brown ousava affrontar a nossa, e o resultado, como se viu, foi-lhe de todo desfavoravel.

1827.— *Combate naval de Juncal.*— Começado na vespera, fóra interrompido por fortissimo pampeiro o combate que se travara entre a frota argentina do almirante Brown e a 3ª divisão da esquadra brasileira (chamada «flotilha do Uruguái»), que operava no Rio da Prata e estava ao mando do capitão de fragata Jacintho Roque de Senna Pereira (depois chefe de divisão). Uma escuna mercante, a cujo bordo estava um official argentino prisioneiro, foi, tangida pela impetuosidade do vento, parar em meio da frota de Brown, a quem o dicto offi-

cial forneceu amplas informações a respeito da esquadra imperial, incitando-o a reencetar a peleja. Na manhã de 9, apanhando ainda totalmente dispersa a divisão brasileira, accommette-a a esquadra argentina, formada em linha e favorecida pelo vento. Assim, apesar dos prodigios de valor, effectuados por Senna Pereira na escuna *Oriental* e pelo tenente Jorge Brown na escuna *Bertioga*, e que mereceram encomios do proprio almirante argentino, foi a nossa flotilha completamente desbaratada. Cumpre, entretanto, notar que, além das duas embarcações, cujos nomes acabamos de citar e do brigue-escuna *D. Januaria* (commandante 1° tenente Antonio Pedro de Carvalho e immediato Francisco Manuel Barroso, depois heróe do Riachuelo e barão do Amazonas), os demais vasos da 3ª divisão brasileira não passavam de pequenos hiates ou saveiros transformados em canhoneiras. Rodrigo Pinto Guedes (depois barão do Rio da Prata), que era então o commandante de todas as nossas fôrças navaes em operações na guerra da Cisplatina, inseriu tambem logo depois (7 de Março), em seu acervo de derrotas, mais a da expedição dirigida pelo capitão Shepperd a Carmen de Patagones.

1853.— Fallece em Ouro-Preto, já em avançada edade, pois nascera a 8 de Novembro de 1767, d. Maria Joaquina Dorothéa de Seixas, a celebrada *Marilia de Dirceu* das «Lyras» de Thomaz Antonio Gonzaga. Era filha de Balthazar João Mayrink e de d. Maria Dorothéa Joaquina de Seixas. Morreu solteira e foi sepultada na matriz de Antonio Dias, bairro em que residia na antiga Villa-Rica.

1865.— Tendo feito atacar a nossa cidade de Jaguarão pelo general Basilio Muñoz e coronel Timoteo Aparicio, a 27 de Janeiro de 1864 (veja essa data), o govêrno de Aguirre, fazendo constar que naquelle combate fôra tomada uma bandeira brasileira, mandou arrasta-la e infama-la pelas ruas de Montevidéo (veja 23 de Fevereiro de 1865).

1867.— Fallece na cidade de S. Gabriel (Rio Grande do Sul) o general João Propicio Menna Barreto, barão de S. Gabriel. Durante a *guerra dos Farrapos*, serviu na Guarda-Nacional, entrando em 1846 para o quadro do exército, com o posto de coronel. Em 1864, já marechal de campo, foi quem invadiu o Estado Oriental, apoderando-se de Paisandú depois de um assalto que durou 52 horas, e marchando em seguida sôbre Montevidéo, que não teve necessidade de investir, por haver aquella praça capitulado no dia 20 ás fôrças navaes do visconde de Tamandaré. Era filho do marechal João de Deus Menna Barreto, visconde de S. Gabriel (veja 27 de Agosto de 1849).

1868.— Depois de José Coelho da Gama Abreu, toma posse da presidencia da provincia do Amazonas Jacintho Pereira Rego,

cujo successor foi (a 16 de Novembro do mesmo anno) João Wilkens de Mattos (depois barão de Marauiá).

1888.— Succedendo a Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, empossa-se da presidencia da provincia do Paraná José Cesario de Miranda Ribeiro, que a occupou menos de cinco mezes, pois foi substituido, a 4 de Julho do mesmo anno, por Balbino Candido da Cunha, medico e natural da cidade de S. João del Rey.

10 DE FEVEREIRO

1721.— Simão da Cunha Gago, descendente de Braz Cardoso, o fundador de Mogi das Cruzes (veja L. G. da Silva Leme, «Genealogia Paulistana», vol. v, pags. 181), fez nesta data ao collegio dos Jesuitas de S. Paulo, doação de suas sortes de terras com 1.500 braças de testada, que possuia no termo da referida villa. Aquelle Paulista, segundo Azevedo Marques, foi quem, andando á cata de minas, descobriu a serra e mattas de Aiuruoca, onde assentou morada e edificou egreja, dando assim origem á povoação, que com aquelle mesmo nome é hoje cidade (desde 20 de Julho de 1868) de Minas-Geraes. Attribue-se, entretanto, o descobrimento das riquezas mineraes de Aiuruoca a João de Siqueira Affonso, em 1706.

1756.— *Batalha de Caaibaté*.— Caaibaté (vocabulo guarani que significa «monte alto») passou a chamar-se depois «Campo da Cruz» (veja 15 de Fevereiro de 1827). Foi alli que Gomes Freire de Andrada (conde de Bobadella), tendo antes reunido suas tropas ás hispanholas (veja 22 de Dezembro de 1755), destroçou o exército de Guaranis, que, organizado pelos Jesuitas e sob a direcção de Nicoláo Nhanguirú, se oppunha á entrega dos Septe-Povos das Missões do Uruguai a Portugal, e, portanto, á demarcação dos limites do tractado de 13 de Janeiro de 1750. As fôrças luso-hispanholas ascendiam a cêrca de 2.500 homens, enquanto os Indios dispunham apenas de 1.600 homens e 8 canhões de taquara. Transformou-se este combate numa verdadeira hecatombe, porque, tendo tido os Portuguezes e Hispanhóes sómente 4 mortos e 41 feridos (entre estes ultimos, o governador de Buenos-Aires, d. José de Andonaegui, contuso numa perna), a perda dos Guaranís foi de 1.200 mortos e 154 prisioneiros. Foi essa a última peleja da chamada «guerra guaranitica», cuja inutilidade se manifestou bem depressa, quando logo depois, em 1761, se annullou o tractado de Madrid. Em consequencia da referida campanha, fundou d. José Joaquín de Viana em 1756 o Salto e em 1757 Maldonado, hoje cidades da Banda Oriental do Uruguái.

1771.— Nasce na Bahia d. Marcos Antonio de Sousa, depois deputado á Constituinte portugueza e á Constituinte brasileira.

Falleceu, como bispo do Maranhão, a 29 de Novembro de 1842 (veja essa data).

1792.—Em vista do parecer de 17 medicos, entre os quaes Francisco de Mello Franco, que consideraram a rainha d. Maria I como incapaz de continuar a gerir os negocios do reino, por se lhe haverem aggravado os symptomas de insania mental, — o principe d. João, por ser herdeiro presumptivo da corôa, visto haver fallecido seu ermão mais velho, o principe d. José, assumiu nesta data a direcção da monarchia portugueza; mas só a 15 de Julho de 1799, uma vez declarada incuravel a molestia da soberana, foi que tomou elle o titulo de « Regente do Reino ». Fallecendo d. Maria I, no Rio de Janeiro, a 20 de Março de 1816, tomou d. João o titulo de rei.

1811.—Desmoronamento de parte do morro do Castello, em consequencia de chuvas torrenciaes, soterrando várias casas do becco do Cotovello e fazendo grande número de victimas. Como ameaçassem ruina as antigas muralhas do castello de S. Sebastião, o principe-regente (depois d. João VI) mandou arrasa-las, afim de evitar novas e talvez maiores desgraças. Taes desabamentos e enxurradas deram origem á expressão « agua do monte », que se vinculou ao *folk-lore* nacional, qual se póde ver na cantiga popular do « Vem cá, Bitú ».

1821.—Tendo chegado á Bahia, onde governava o conde de Palma, a noticia do movimento constitucionalista de Portugal, concertaram-se os 3 commandantes dos corpos de linha, os tenentes-coronéis Manuel Pedro de Freitas Guimarães (da artilharia), Francisco José Pereira (da cavallaria) e Francisco de Paula de Oliveira (da infantaria) e organizaram um pronunciamento militar, que estalou na madrugada dêste dia, reunindo-se as tropas no largo do Palacio, donde mandaram intimar as auctoridades principaes a proclamar e jurar as novas instituições. O capitão-general mandou contra elles o marechal Felisberto Caldeira Brant, com uns 160 soldados, sob o commando do major Hermogenes Francisco de Aguiar. Foram estas fôrças recebidas com uma descarga, de que resultou, além da victimação de alguns paizanos, a morte do referido major Hermogenes e de 9 soldados, assim como 20 e tantos homens feridos gravemente (entre os quaes o major Castro e o alferes Argollo, que falleceu dias depois). Retiradas as fôrças legaes, realizou-se uma reunião na Camara municipal, sendo proclamada a Constituição portugueza e eleita uma Juncta provisoria, que ficou assim composta (o conde de Palma recusou a presidencia) : — presidente, o desembargador Luiz Manuel de Moura Cabral; vice-presidente, Paulo José de Mello de Azevedo e Brito (depois senador pelo Rio Grande do Norte e fallecido em 1848); secretarios, o medico José Lino Coutinho e o desembargador José Caetano de Paiva Pereira; e membros, o tenente-

coronel Francisco de Paula de Oliveira, o tenente-coronel Francisco José Pereira, o deão José Fernandes da Silva Freire, Francisco Antonio Filgueiras e José Antonio Rodrigues Vianna. Para governador das armas, foi escolhido o tenente-coronel Manuel Pedro de Freitas Guimarães, acclamado brigadeiro.

1838.— Fallecimento do visconde de Caeté (José Teixeira da Fonseca Vasconcellos), que foi eleito por Minas-Geraes deputado á Assembléa Constituinte Brasileira e pela mesma provincia escolhido senador a 22 de Janeiro de 1826 (veja essa data), quando se organizou a Camara alta do Imperio.

1839.— Pelo regente Pedro de Araujo Lima (depois marquez de Olinda) é nesta data apresentado para o alto cargo de bispo da diocese do Rio de Janeiro d. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo (depois conde de Irajá). Nascera no Recife a 17 de Março de 1796 e falleceu a 11 de Junho de 1863. Deixou alguns trabalhos impressos, entre os quaes um compendio de Direito Canonico e outro de Theologia Moral.

1888.— Succedendo a Joaquim Cardoso de Andrade, toma posse do cargo de presidente da provincia do Amazonas Joaquim de Oliveira Machado, que teve como substituto (a 1° de Julho do anno seguinte) o barão de Solimões (Manual Francisco Machado).

1901.— Fallecimento, no Rio de Janeiro, de Urbano Duarte, escriptor notavel e pertencente á Academia Brasileira. Urbano Duarte de Oliveira era major do exército e nascera na Chapada (Bahia) em 1850.

11 DE FEVEREIRO

1599.— O navio hollandez *Eendracht*, da pequena esquadra commandada por Ollivier van Noort, approxima-se da barra do Rio de Janeiro, para proteger um desembarque de 70 homens perto do Pão de Assucar. Chegados á terra, foram estes repellidos por uma emboscada e voltaram em desordem para as suas lanchas, com a perda de alguns prisioneiros e feridos. O forte de N. S. da Guia (depois Sancta-Cruz), unico que havia na barra, abriu então um violento fogo sôbre as lanchas e o *Eendracht*, obrigando-os a voltar para a linha da esquadra hollandeza, fundeada desde o dia 5 deante da barra. No dia seguinte, van Noort velejou para a ilha de S. Sebastião. Francisco de Mendonça e Vasconcellos era a esse tempo o governador do Rio de Janeiro.

1618.— Morre na cidade de S. Luiz do Maranhão o capitão-mór governador Jeronymo de Albuquerque Maranhão, filho natural de Jeronymo de Albuquerque (cunhado do primeiro donatario e senhor de Pernambuco) e da india Maria

do Espirito-Sancto, filha do cacique Arco-Verde. Nascera em Olinda em 1548. O seu ultimo nome foi por elle adoptado depois da victoria que alcançou sôbre os Francezes em Guaxenduba, quando encarregado da reconquista do Maranhão (veja 19 de Novembro de 1614).

1813.— O tenente Francisco Xavier de Barros, com 12 soldados apenas e alguns paizanos armados, repelle, no presidio de Sancta-Maria de Araguaia, quatro assaltos dos Indios Cherentes, Chavantes e Carajás, colligados. Barros commandava esse presidio, fundado por elle no anno anterior. Os Indios cessaram o combate á tarde, e foram emboscar-se nas matas proximas. Durante a noite, o tenente, que recebera trez ferimentos, retirou-se com o que restava do destacamento e dos habitantes do presidio (38 homens, mulheres e creanças), descendo o rio, em montarias, até S. João das Duas-Barras, mas a maior parte da pequena expedição pereceu durante essa viagem.

1823.— Combate de artilharia entre as fôrças brasileiras, que occupavam a posição do Cabrito, e algumas canhoneiras portuguezas. Tiroteio na Soledade, entre tropas brasileiras e portuguezas (guerra da independencia, na Bahia).

1827.— O tenente-coronel Manuel da Fonseca Lima (depois general e barão de Suruhí) ataca e põe em fuga um corpo de 250 Argentinos e Orientaes, que guarnecia o posto de Barbero, nos arredores de Montevidéo.

1849.— Tomada de Goiana pelos revolucionarios de Pernambuco, sob o commando do dr. Peixoto de Brito, que entre elles tinha o titulo de general. Ficaram prisioneiros o coronel Cypriano José de Almeida, do exército, e a guarnição por este commandada.

1851.— Primeira presidencia de Augusto Leverger (depois barão de Melgaço) na provincia de Matto-Grosso.

1866.— O exército brasileiro do general Osorio chega a Tala-Corá (provincia de Corrientes) e ahi acampa.

1870.— Fallecimento do conselheiro José Feliciano de Castilho, na cidade do Rio de Janeiro. Nascera em Lisboa no dia 4 de Março de 1812. Este erudito polygrapho portuguez, depois de ter sido jornalista e membro da Camara dos Deputados em sua patria, fixou residencia no Rio de Janeiro em 1847. Entre nós, appareceu algumas vezes na imprensa, tomando parte brilhante nas discussões litterarias e politicas. Foi sempre desinteressado defensor de todas as causas generosas e humanitarias. A da abolição deveu-lhe grandes serviços em 1871.

12 DE FEVEREIRO

1655.— Toma posse do cargo de governador da capitania da Parahiba João Fernandes Vieira, que tanto acabava de notabilizar-se na expulsão dos Hollandezes. Administrou-a até Agosto do anno seguinte, sustentando á sua custa a infantaria, com a qual despendeu 20.000 cruzados.

1663.— E' desta data a patente real que nomeou capitão-mór do Rio Grande do Norte, por 6 annos, a Valentim Tavares Cabral (ou Valentim Tavares da Costa Cabral, como opinava Gonçalves Dias, no seu *Catalogo*, publicado na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XVII, 27). Cabral era Pernambucano (di-lo o referido acto regio, *in* «Capitães-móres e governadores do Rio Grande do Norte», de Vicente de Lemos, paginas 90-93), teve como antecessor a Antonio Vaz e como successor a Antonio de Barros Rego, nomeado por patente real de 13 de Fevereiro de 1668 e que só se empossou do govêrno a 21 de Janeiro de 1670.

1694.— Carta régia ordenando ao governador da capitania do Rio de Janeiro que resolvesse a beneficio de seus vassallos a representação dos officiaes da Camara da villa de S. Paulo contra a ida de Indios das aldêias reaes ao descobrimento do ouro dos rios («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo», XVIII, 295).

1700.— Neste anno (qual se vê da excellente monographia do barão de Ramiz Galvão, «Apontamentos historicos sôbre a Ordem Benedictina em geral e em particular sôbre o mosteiro de N. S. do Monserrate da Ordem do Patriarcha S. Bento, desta cidade do Rio de Janeiro», *in* «Rev. do Inst. His. e Geogr. Bras.», XXXV, p. 2ª, 324), e não no de 1630, como tão erroneamente affirma Teixeira de Mello em suas «Ephemerides», — fallece em sua cella do mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro, frei Ricardo do Pilar, nascido em Colonia. Ignora-se a data em que veiu á luz do mundo; mas sabe-se que entrou na vida conventual por 1670 e que professou em 24 de Maio de 1695, sendo abbade o padre-mestre frei João de Sancta-Anna Monteiro. Quando frei Ricardo do Pilar expirou, era abbade de S. Bento do Rio de Janeiro o padre-mestre dr. frei Gabriel do Desterro. Frei Ricardo do Pilar, depois dos adventicios hollandezes vindos á nossa terra no octennio de Mauricio de Nassau, é o mais antigo artista de que se tem noticia em nossa Historia. Mas, á similhança dos Hollandezes, nenhuma influencia exerceu na Pintura brasileira, não tendo nem deixando discipulos, porquanto, como bem assignala Laudelino Freire («Um Seculo de Pintura»,

fasc. 1º, pags. XIII), passou «a existencia dentro das quatro paredes do claustro a que se condemnara, entregue ao mysticismo morbido, que de todo o afastava do convivio com os seus similhantes». Eis o que delle diz, em sua «Memoria sôbre a antiga eschola de Pintura fluminense» (*in* «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», III, 550-551) o illustre Manuel de Araujo Porto-Alegre (depois barão de Sancto-Angelo): — «O pintor historico mais antigo, que conhecemos até hoje, é frei Ricardo do Pilar; este célebre artista produziu muitos painéis, que se acham espalhados por alguns templos desta cidade; elle é o auctor dos quadros do tecto e paredes lateraes da egreja dos Benedictinos, a unica egreja em regra do Rio de Janeiro; mas aquelle que funda a sua gloria é o painél que representa a imagem do *Salvador*, collocado no altar da bella sacristia do convento. Muito além de Giotto e Cimabue, aquella imagem produz em nossa alma a mais elevada inspiração religiosa; ha nella uma magia incomprehensivel de expressão e harmonia: a sublimidade da poesia mystica, a crença só podem produzir similhantes maravilhas, e, sem estes sentimentos angelicos, a terra não possuiria o retrato do *Salvador* por André del Sarto, o *Ecce-Homo* de Cigoli e o *Nascimento de Jesús-Christo* de Siqueira. Fr. Ricardo do Pilar é o quinquagesimo-segundo mortal que acolheu o claustro de S. Bento; viveu naquella casa mais de 30 annos e professou em 24 de Maio de 1695; e no dia 12 de Fevereiro de 1700 entregou sua alma a Deus. O *Dietario Benedictino* memora a acquisição daquelle monge na Ordem com uma solennidade e uma pompa, que honram a corporação. Era natural de Colonia, em Flandres, e deslisou a sua vida entre a uncção edificante da Religião e o perfume das Bellas-artes: nunca vestiu camisa, sustentava-se de legumes; a sua ração, dava-a aos desgraçados encarcerados, e os seus provimentos, repartia-os com os pobres; um simples habito cobria suas carnes. Tinha docilidade de animo, clareza de entendimento, e era versado na lingua latina». E, para concluir, leia-se o que sôbre frei Ricardo do Pilar escreve L. G. Duque-Estrada, em sua «Arte brasileira» (pags. 33-35): — «A vida dêsse monge recorda a serena existencia de fra Giovanni da Fiesole. Como o piedoso decorador da capella de Orvieto, segundo as expressões de Vasari, frei Pilar foi um homem simples e sancto nos seus costumes. Separado para todo o sempre das paixões mundanas, envergando sôbre o calor da carne o frio e soturno hábito de monge, alliviava os soffrimentos dos desgraçados com a doçura da sua palavra, com a resignação da sua alma, com a incomparavel bondade do seu coração; e á tarde, antes de soar o toque de recolher, dirigia-se á portaria, para dividir com a turba de pobres os provimentos que recebia. Era um

allucinado religioso: magro, alto, pallido, concentrado; não trazia outras vestes além do hábito, e alimentava-se sómente de legumes. De todas as suas obras, que foram muitas, unicamente nos chega perfeita a imagem do *Salvador*, que está collocada no altar-mór da sacristia do mosteiro: do fundo escuro do painel destaca-se a elevada estatura de Christo, empallidecida pelo tempo, porém ainda bella. No seu rosto voltado para o céo transparece uma vaga, suavissima castidade, que espiritualiza a sua imponente figura antiga, de cujos hombros pende, em curvas longas, o panno pesado da chlamyde. Christo, aquella doce alma de açucena, parece fallar aos céos; levanta os braços; extende as mãos, amparadas, voltadas de palmas para cima, e apresenta ao Padre-Eterno, como provas do supplicio, a cicatriz dos cravos: — *Eli! Eli! eis as provas do martyrio!* Deviam ser essas, effectivamente, as palavras do Nazareno, na imaginação do artista, quando a sua mão vagarosa e calma ia fazendo surgir do painel a figura. Expressa admiravelmente um pensamento a última obra de frei Pilar. Os annos escoaram-se lentos na solidão do claustro; nas cinzas do coração apenas reluzia uma scintilla: amara a religião, cumprira os preceitos por ella estatuidos, fôra bom, resignado e fiel. Bom e immensamente bom; resignado e immensamente resignado, fôra tambem o filho de Maria; e, durante tantos annos, a tranquillidade da sua existencia, a esperança do seu espirito eram alimentadas pela doutrina toda espiritual e toda pura daquelle que fôra annunciado á Virgem-Mãe por Gabriel, nas risonhas alturas de Nazareth. Agora, sentia os passos apressarem-se para a tumba, alli, deante dos seus olhos contemplativos, na face daquellas paredes desbotadas pelo ar do tempo. Alguma cousa de celeste adejava na sua phantasia, desde manhã, quando o sol sorria lá na linha do mar, até ao caïr da noite, quando o badalar do carrilhão, na torre do mosteiro, repercutia no silencio das cellas. Era a concepção dêsse painel. Executou-o, e morreu; morreu como os crentes das catacumbas, como os apostolos da paz, a sorrir, confiado na recompensa dos justos. Falta ao desenho dessa figura, incontestavelmente importante, um traço mais seguro: falta-lhe vigor. E', antes, correcto, vagaroso e feliz, fazendo perceber um pulso fraco e timido, uma persistencia enorme para vencer o contôrno, uma predilecção superior pelo acabamento. Desconta-se, em consideração á epocha e ao meio em que a obra foi executada, a incorrecção de relêvo que se nota da bacia aos pés, incorrecção disfarçada pelas dobras do manto, porém perceptivel á vista experimentada. Contudo, o tronco, os braços, a physionomia, são feitos com talento e habilidade; e tal é a felicidade no acabamento dessas partes, que faz suppor ter frei Ricardo do Pilar estudado o desenho

na sua terra natal, onde, muitos annos antes de vir elle á colonia, Frans Floris, Mabuse, Coxie e van Orley imitavam com notabilidade o estylo italiano».

1739.— Substituindo a Gomes Freire de Andrada (depois conde de Bobadella), que administrou a capitania de S. Paulo desde 1° de Dezembro de 1737 até 12 de Fevereiro de 1739 (veja 26 de Julho de 1733), toma posse do cargo de capitão-general daquella circunscripção politica d. Luiz de Mascarenhas (depois conde de Alva), cujo govêrno se extinguiu em virtude do alvará de 9 de Maio de 1748, pelo qual foi a capitania de S. Paulo subordinada ao govêrno do Rio de Janeiro, e assim permanecendo até 6 de Janeiro de 1765, que foi quando começou a governar S. Paulo o morgado de Matheus, d. Luiz Antonio de Sousa Botelho Mourão.

1761.— Pacto entre Portugal e Hispanha, annullando o tractado de 13 de Janeiro de 1750 (veja essa data).

1828.— O 1° presidente da provincia da Parahiba foi Philippe Nery Ferreira (9 de Abril de 1824), substituido por Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça, que se empossou do cargo nesta data e teve por successor Manuel Joaquim Pereira da Silva (a 6 de Agosto de 1830).

1864.— Fallecimento do conselheiro Pedro de Alcantara Bellegarde, no Rio de Janeiro. Filho do capitão (depois major) C. N. George de Bellegarde e de d. Maria Antonia de Niemeyer Bellegarde, nasceu a 3 de Dezembro de 1807, a bordo da nau *Principe Real* (onde o pae commandava o destacamento de artilharia), uma das que traziam para o Brasil a familia de Bragança, e teve por padrinho o principe d. Pedro de Alcantara, donde o nome que lhe foi posto. Doutor em sciencias mathematicas, marechal de campo, lente das antigas Escholas Militar e Eschola Central (hoje Polytechnica), director e professor da Eschola de Architectos de Niterói (por elle organizada em 1836), foi ministro da Guerra e interino da Marinha do Gabinete de 6 de Septembro de 1853 (presidido pelo marquez do Paraná), e, a 9 de Fevereiro de 1863, substituiu a João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú na pasta da Agricultura do Gabinete de 30 de Maio de 1862 (presidido pelo marquez de Olinda). Além de várias commissões importantes que exerceu e de diversos trabalhos que escreveu e publicou (especialmente livros didacticos sôbre Mathematica elementar), Pedro de Alcantara Bellegarde foi tambem, em 1838, um dos fundadores do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em cuja «Revista» (XXXVII, p. 2ª, 404-409) vem a sua biographia.

1879.— Toma posse do cargo de presidente da provincia de S. Paulo Laurindo Abelardo de Brito, que teve por successor a Floriano Carlos de Abreu e Silva (em 7 de Abril de 1881).

13 DE FEVEREIRO

1668.— Tractado de paz entre Portugal e Hispanha, pondo termo á guerra começada pela revolução de 1° de Dezembro de 1640. A Hispanha reconheceu então a independencia de Portugal. Era regente dêste último reino o principe d. Pedro, depois rei, com o nome de Pedro II.

1827.— *Acção do Vacacahí*, citada como uma grande victoria argentina por alguns escriptores do Rio da Prata.— Consistiu no seguinte: O tenente Marcellino Ferreira do Amaral, á frente de 70 milicianos de cavallaria, surprehendeu juncto ao Vacacahí um destacamento argentino de 100 homens, que fugiram, perdendo 2 officiaes e 20 soldados, mortos durante o choque e a perseguição. Acudiu, porém, o coronel Lavalle, com 700 homens de cavallaria, e o tenente Amaral retirou-se, incorporando-se ao seu commandante major Gabriel Gomes Lisbôa, que apenas tinha 200 milicianos. Não podendo fazer frente a Lavalle, proseguiu Lisbôa na retirada. até reunir-se ao coronel Bento Manuel Ribeiro, chefe da brigada a que pertencia. Nessa retirada tivemos 2 mortos e 3 feridos. Lavalle retrocedeu, logo que avistou a columna de Bento Manuel.

1835.— Succedendo a José Joaquim Geminiano de Moraes Navarro, toma posse do cargo de presidente da provincia de Sergipe Manuel Ribeiro da Silva Lisbôa. A 9 de Março do anno seguinte substituiu-o Bento de Mello Pereira.

1840.— Os capitães Piauhilino e Ribeiro Soares, com 500 homens (guardas-nacionaes e voluntarios do Piauhí), atacam as trincheiras da fazenda do Sobradinho, perto de Pastos-Bons (Maranhão), defendidas pelo caudilho Valerio. O combate, iniciado ás 11 horas da manhã, só terminou á tarde com a tomada dessas trincheiras. Os vencedores tiveram 46 mortos e 120 feridos, entrando no número dos prisioneiros o intrepido commandante Piauhilino (veja o dia seguinte).

1849.— *Combate de Pau-Amarello* (nome de um engenho entre Goiana e Itambé, em Pernambuco).— O tenente-coronel Feliciano Antonio Falcão (depois general) ahi derrota uma columna de revolucionarios, dirigida pelo commandante geral dr. Peixoto de Brito. Foi morto o caudilho João Ignacio Ribeiro Roma, que entre os revoltosos tinha o posto de briga-

deiro. Este combate, começado ás 6 horas da tarde, terminou ás 2 da madrugada. Nelle se distinguiram, entre outros officiaes, o capitão Hermenegildo Porto-Carrero e o segundo-tenente Hermes da Fonseca.

1855.—Fallecimento do naturalista viajante e desenhista dr. Theodoro Descourtilz, na povoação do Riacho (Espirito-Sancto). Representou com muita fidelidade em aquarellas, que foram chromolithographadas, as principaes aves do Brasil.

1866.—Segunda presidencia de Augusto Leverger (barão de Melgaço) em Matto-Grosso. Teve por successor, a 2 de Fevereiro do anno seguinte, José Vieira Couto de Magalhães

1868.—Durante a noite, o capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho fórça a passagem das baterias de Curupaití, com os monitores *Pará* (primeiro-tenente Custodio de Mello), *Alagôas* (primeiro-tenente Maurity) e *Rio-Grande* (primeiro-tenente Antonio Joaquim), incorporando-se aos encouraçados que, sob o commando do almirante Inhaúma, estavam entre essas baterias e as de Humaitá. Os Paraguaios ainda tinham 20 canhões em Curupaití, mas apenas 2 balas acertaram no *Rio-Grande*. As canhoeiras *Iguatemí* e *Ipiranga*, dirigidas pelo chefe Affonso de Lima, responderam ao fogo do inimigo.

1889.—Fallece o notavel estadista barão de Cotegipe (João Mauricio Wanderley), senador pela então provincia da Bahia, onde nascera a 23 de Outubro de 1815. Succedendo a Francisco Gonçalves Martins (depois visconde de S. Lourenço), presidiu á sua provincia natal desde 20 de Septembro de 1852 até ser substituido por Alvaro Tiberio de Moncorvo Lima, que se empossou a 23 de Agosto de 1855. De 14 de Junho de 1855 até 8 de Outubro de 1856 occupou a pasta da Marinha, no Gabinete de 6 de Septembro de 1853, presidido pelo marquez de Paraná; foi titular effectivo da pasta da Marinha e interino da de Extrangeiros, no Ministerio de 16 de Julho de 1868, presidido pelo visconde de Itaborahí; no Gabinete de 25 de Junho de 1875, sob a presidencia do duque de Caxias, passou da pasta de Extrangeiros para a da Fazenda; e a 20 de Agosto de 1885 formou um dos mais operosos Gabinetes da monarchia, conservando-se no poder, apesar da tremenda crise por que passava o paiz(em consequencia da campanha abolicionista e da questão militar), até 10 de Março de 1888, em que subiu o Ministerio presidido pelo conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira.

14 DE FEVEREIRO

1630.— Avista-se de Olinda e do Recife a expedição hollandeza do general Hendrick Corneliszoon Loncq, que vinha interprender Pernambuco. Compunha-se dos navios seguintes (as palavras entre aspas são as traducções dos nomes neerlandezes e os algarismos indicam o número dos canhões): — *Amsterdam* (42, com o pavilhão do general Loncq, commandante em chefe da expedição), *Hollandschen Thuyn* («Jardim Hollandez», 38, almirante Ita, 2° commandante da esquadra). *Princesse Aemilia* (38, vice-almirante van Trappen Bancker), *Uytrecht* (35, contra-almirante Melck Meyd), *Swol* (24, commandeur van Uytgeest), *Faem* («Fama», 36), *Salmander* (36), *Hollandia* (34), *Provintie van Uytrecht* (30), *Swart Leeuwe* («Leão Negro» 24), *Amersfoort* (26), *Overyssel* (26), *Geele Sonne* («Sol Amarello», 24), *Fortuyn* (10), *Vergulde Valck* («Falcão Dourado», 26), *Campen* (22), *Domburgh* (22), *Leeuwinne* («Leôa», 18), *Groot Galeon* («Galeão Grande», 20), *Tertholen* (28), *Gulde Sonne* («Sol Dourado», 20), *Leeuwe* («Leão», 16), *Swaen* («Cysne», 22), *Goude Leeuwe* («Leão de ouro», 18), *Neptunus* (28), *Eendracht van Dordrecht* («Concordia de Dordrecht», 20), *Munnickendam* (33), *Enchuysen* (28),*Groen-Wijf* («Hortelã», 16), *t'Wapen van Hoorn* («As armas de Hoorn», 16), *Jonghe Mauritius* («Joven Mauricio», 18), *Groeninghen* (32), *Het Wapen van Nassauw* («As armas de Nassau», 26), *Omlandia* (28), *Graef Ernest* («Conde Esnesto», 26), *Matanza* (20); patachos *Brack* («Braco», cão de caça, 14), *Swarte Ruyter* («Cavalleiro Negro», 14),*Eenhoorn* («Unicorne», 10), *Voghel Phoenix* («Passaro Phenix», 12), *Halve Maen* («Meia Lua», 14), *Muyden* (14), *Moorinne* («Moura», 16), *Post Pferdt* («Cavallo de posta», 14), *Meerminne van Zelandt* («Serêia da Zelandia», 8), *Eendracht van Derveer* («Concordia de Derweeren», 14), *Oragnie-Boom* («Larangeira», 14), *David* (14), *Salm* («Salmão», 16), *Ovijewaer* («Cegonha», 12), *Vos* («Raposa», 14), *Swaluwe* («Andorinha», 10), *Otter* («Lontra», 14), *Havick* («Açor», 12), *Spaensch Fregat* («Fragata Hispanhola», 10) e *Kleyne Fortuyn* ou *Fransch Preysjen* («Pequena Fortuna» ou «Presa Franceza», 3). Total: 56 naus e patachos (com 1.175 canhões, além de 13 pinaças, armadas cada uma com 4 ou 6 peças, o que elevava a 69 o número de vélas e a 1.235 o de boccas de fogo. Laet («Iaerlick Verhael») e Netscher («Les Hollandais au Brésil») omittiram alguns dêsses navios. O pessoal compunha-se de mais de 7.280 homens, sendo 3.780 marinheiros e 3.500 e tantos soldados, estes ultimos sob o commando do coronel Diederick van Waerdenburch (algarismos de Laet e

do «Bref Recit», que accompanha a gravura de Visscher, então publicada em Amsterdam, com o titulo «De Stadt Olinda de Pharnambuco, verovert den E. Generaes Hendrick C. Loncq. Anno 1630». Quasi um mez depois, a 11 de Março chegaram mais 665 soldados, com o tenente-coronel Alexandre Seton, nos navios seguintes: *Oragnien* (34), *Wassende Maen* («Crescente», 22), *Tiger* (24), *Sonne-Bloem* («Gyrasol», 16), *Adam en Eva* (16), *Concordia* (14?), *Ouden St. Jan* («Velho S. João», 12), *Diemen* (14?) e *Ouden Oragnie-Boom* («Velha Larangeira», 14). Ao todo: 9 navios, com cêrca de 180 canhões. Para se oppor a esta formidavel expedição, o general Mathias de Albuquerque, chegado poucos mezes antes (18 de Outubro), dispunha apenas de 1.500 homens, sendo 160 de tropa regular (inclusive 27, que trouxera da Europa), 650 milicianos de Olinda e do Recife, 300 de Paratibi, S. Lourenço e Iguarassú, 2 companhias formadas com a gente do mar, e 200 Indios do principal Antonio Philippe Camarão. Os unicos fortes eram os de S. Francisco da Barra (16 canhões) sôbre a ponta Norte da muralha natural que fórma o porto, e o de S. Jorge (24 canhões), situado no local em que está hoje a egreja do Pilar (bairro do Recife). O da Barra, tambem chamado então Forte do Mar ou da Lagem, fôra terminado em 1614; o de S. Jorge era um velho forte «fabricado mais para defender-se dos Indios que das nações do Norte», diz o auctor das «Memorias Diarias», e ficava fóra da povoação do Recife, que naquella epocha tinha apenas 150 casas e armazens e uns 500 moradores. Mathias de Albuquerque cercara com trincheiras e palissadas essa povoação, accrescentara 2 baterias ao forte de S. Jorge, e começara tambem a proteger com trincheiras a então villa de Olinda, que contava 200 casas, 5 conventos, 7 egrejas e obra de 2.700 habitantes. Só as trincheiras do lado do mar estavam terminadas. Um forte, começado no isthmo, tinha apenas promptos os alicerces. Na ilha de Sancto-Antonio, chamada antes de Antonio Vaz, havia apenas o convento de Franciscanos, algumas casas e um estaleiro. Na povoação do Recife havia 4 peças; e em Olinda outras tantas. No Poço amarrou Mathias de Albuquerque 2 linhas, de 8 navios cada uma, para serem incediados, quando o inimigo tentasse a entrada. Na Barreta postou 1 navio, armado com 10 peças. Dos nossos 1.500 homens, 650 guarneciam os 2 fortes e as trincheiras do Recife e de Olinda, e os outros foram mandados para a praia do Páo-Amarello ou ficaram ás ordens do general, para acudirem aos ponctos ameaçados (veja o dia seguinte).

1636.—O capitão Francisco Rebello, destacado de Porto-Calvo com 400 homens, avança contra as trincheiras que os

Hollandezes tinham na Barra-Grande. O commandante destas Jan Taliban Duynkercker, abandona-as precipitadamente, embarcando para Serinhaen, onde estava acampado o seu general. O fogo dos navios inimigos apenas occasionou a morte de 1 soldado nosso. Rebello, depois de incendiar os quartéis e destruir as trincheiras, voltou para Porto-Calvo.

1676.— Tomada de Villa-Rica, no Paraguái, pelos Paulistas, sob o commando de Francisco Pedroso Xavier (natural de Parnahiba, onde falleceu em 1679).— Nessa occasião, destruiram elles tambem as aldêias proximas, que eram S. Pedro, Tereccani, S. Francisco, Ibirapajara, Candelaria e Sancto-André Mbaracajú. Quando regressavam, foram alcançados pelo sargento-mór Juan Diaz de Andino (com 400 soldados de cavallaria e mais de 600 Indios), na serra de Maracajú; mas repelliram o ataque e chegaram a S. Paulo com a prêsa realizada na incursão (4.000 indigenas captivados, cavalgaduras e bens das egrejas saqueadas). Essa Villa-Rica, destruida por Pedroso Xavier, ficava sôbre a margem esquerda do Jejuí, no logar chamado Tapuitá, territorio da actual Republica do Paraguái; não deve, pois, ser confundida com a primeira Villa-Rica, que estava na foz do Corumbatahí, affluente do Ivahí, territorio brasileiro, e que foi destruida pelos Paulistas em 1632: esta era a Villa-Rica de Guairá, e aquella a Villa-Rica del Espíritu-Santo. Os habitantes desta segunda Villa-Rica, que puderam escapar, transferiram-se para as vizinhanças de Ajos e depois foram fundar a terceira Villa-Rica, que é a que ainda hoje existe com este nome no Paraguái.

1828.— Succedendo a d. Nuno Eugenio de Lossio Seiblitz, toma posse da provincia de Alagôas Candido José de Araujo Viana (depois marquez de Sapucahí). Foi o segundo depois da Independencia do Brasil. A 1° de Janeiro do anno seguinte substituiu-o Manuel Antonio Galvão.

1834.— Fallecimento do visconde de Alcantara (João Ignacio da Cunha), senador, conselheiro de Estado e duas vezes ministro no reinado de d. Pedro I (occupou a pasta da Justiça nos Gabinetes de 4 de Dezembro de 1829 e de 5 de Abril de 1831).

1839.— O govêrno revolucionario do Rio Grande do Sul (Republica Riograndense) retira-se de Piratinim, mudando a sua séde para Caçapava.

1840.— *Segundo combate de Sobradinho* (Maranhão).— Os insurgentes (*balaios*), destroçados no sangrento combate da vespera, tentam reconquistar as trincheiras perdidas, e são repellidos pelo capitão Ribeiro Soares, perdendo 80 mortos. Os legalistas (guardas-nacionaes e voluntarios do Piauhí a

alguns do Maranhão) tiveram 19 mortos e 27 feridos, sendo dos primeiros o valente capitão Bento José Moreira, e 3 alferes.

1863.—Succedendo a Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, toma posse da presidencia da provincia do Rio de Janeiro Polycarpo Lopes de Leão, que, a 3 de Maio do anno seguinte, foi substituido por João Crispiniano Soares.

15 DE FEVEREIRO

1502.—Os navios de André Gonçalves e de Amerigo Vespucci, que, por ordem do rei d. Manuel, exploravam pela primeira vez o litoral brasileiro, do cabo de S. Roque para o Sul, depois de terem descoberto o Rio de Janeiro (a 1° de Janeiro), o porto de S. Vicente (a 22 de Janeiro) e outros logares da costa, foram ter ao porto de Cananéa e ahi deixaram o degredado bacharel Duarte Peres («... un hidalgo portugués, llamado el bachiller Duarte Pérez...», diz Ruy Diaz de Gusmán, na «Argentina», liv. I, cap. VIII). De Cananéa foram seguindo para o Sul, e detiveram-se em um porto, donde saïram nesta data (15 de Fevereiro). Segundo a carta de Vespucci a Soderini, ficava este porto na altura de 32° (seria então o Rio Grande do Sul); mas o barão de Humboldt, no seu magistral «Examen critique», entende, pelas indicações astronomicas, que houve êrro de impressão, e que Vespucci estaria então aos 38°, 10′ de latitude, isto é, um pouco ao Sul do cabo Corrientes, provincia de Buenos-Aires. O Visconde de Porto-Seguro («Am. Vesp., son caractère», paginas 110, e «Nouvelles recherches», pags. 8) suppõe que, em vez de 38°, devia ser 37° (neste caso a ponta Medano, provincia de Buenos-Aires). E' impossivel averiguar com exactidão este poncto; mas o que não soffre dúvida é que o douto Candido Mendes («Rev. do Inst.», XI, p. 2ª, pags. 195 e segs.) enganou-se, affirmando que esses navios portuguezes não passaram de Cananéa. No planispherio de Cantino (1502), está marcado e escripto o «cabbo de scta. Maria», e, portanto, fica perfeitamente justificada a supposição contida nas seguintes linhas de Porto-Seguro («Hist. Ger.», pags. 83 do vol. I): —«De Cananéa seguiu a frotilha para o Sul até ao cabo de Sancta-Maria, ao qual deu então talvez este nome, que pouco tempo depois encontramos dado tambem ao rio que hoje denominamos da Prata: porventura por haverem a elle chegado a 2 de Fevereiro, dia da Purificação da Virgem...» O planispherio, a que nos referimos, foi feito em Lisbôa antes de 19 de Novembro de 1502, porque esta é a data em que Alberto Cantino escreveu a Escole d'Este, duque de

Ferrara, annunciando a remessa. Na parte relativa ao nosso litoral, só podia ter sido traçado segundo indicações de algum dos companheiros de viagem de Gonçalves e Vespucci, chegados a Lisboa no dia 7 de Septembro desse anno. Do planispherio de Cantino ha um bello *fac-simile,* annexo á obra de Harrisse, «Les Côrte-Real»; nelle já apparece, com o nome de Quaresma, a ilha depois chamada de Fernando de Noronha, e que Porto-Seguro acreditava ter sido descoberta pelo São João do anno seguinte.

1630.—*Ataque do Recife e desembarque dos Hollandezes em Páo-Amarello* (veja em 14 de Fevereiro informações sôbre as fôrças do inimigo e as nossas).—Ao meio-dia, o general Loncq começou o ataque do Recife com 2 divisões, compostas de 17 navios, montando ao todo 259 canhões e conduzindo tropas de desembarque, enquanto outra divisão de 18 navios, entre grandes e pequenos, com 423 canhões, e as 13 pinaças, com 60 canhões, iam desembarcar na praia de Páo-Amarello, ao Norte de Olinda, o coronel Waeerdenburch. Dous outros navios, o *Domburgh* (22 peças, commandante Cornelis Loncque) e o *Jonge Mauritius* (18 peças, commandante Jan Louwenszoon), foram tentar a entrada pela Barreta, mas ahi encontraram o unico navio armado que tinhamos, de 10 peças e 60 homens. Era commandado pelo Pernambucano Nuno de Mello e Albuquerque, sendo seu immediato o alferes Bento Ferraz. Este navio bateu-se durante mais de 6 horas, até que, arrombado pelas balas inimigas, foi a pique, obstruindo a passagem. As 2 divisões, que, sob o commando do general Loncq e do almirante Ita, atacaram o Recife, compunham-se dos navios seguintes (os algarismos indicam o número de canhões): *Leeuwinne* (18), *Swarte Leeuwe* (24), *Vergulde Falck* (26), *Eendracht van Dordrecht* (20), *Swaen* (22), *Tertholen* (28), formando a 1ª divisão, e *Spaensch Fregat* (10), *Swarten Ruyter* (14), *Vos* (14), *Eendracht van Derveer* (14), *Fortuyn* (10), *Brack* (14), *Voghel Phoenix* (12), *Eenhoorn* (10), *Ovijewaer* (12), *Meerminne van Zelandt* (8) e *Kleyn Fortuyn* (3). Esses navios não puderam entrar, por encontrarem a barra obstruida, e limitaram-se a canhonear os fortes, despachando lanchas, que foram repellidas. Do nosso lado, sustentaram o combate de artilharia os fortes de S. Francisco da Barra (capitão Manuel Pereira de Aguiar, 16 peças) e de S. Jorge (capitão Antonio de Lima, 24 peças) e 1 bateria de 4 peças na povoação do Recife, onde commandava o sargento-mór Pedro Corrêia da Gama. O general Mathias de Albuquerque esteve no forte de S. Jorge e no Recife, para animar a defesa. A' noite, os navios inimigos suspenderam o ataque. Mais feliz foi a divisão commandada pelo contra-almirante Melck Meydt, pois, sem oppo-

sição alguma, poude desembarcar, á tarde, na praia de Páo-Amarello, o coronel Waerdenburch, com 2.948 soldados e marinheiros e 2 peças (veja o dia seguinte).

1635.—Luiz Barbalho, que estava com 170 homens no engenho de Sancta-Anna de Muribéca, é atacado por 1.250 Hollandezes, dirigidos por Segismundt van Schkoppe, e consegue retirar-se, pelejando até ao abrigo de um bosque. Tivemos, apenas, 6 mortos, 1 prisioneiro e alguns feridos.

1641.—Chega á cidade da Bahia uma caravella, com a noticia da revolução portugueza do 1° de Dezembro, em que o duque de Bragança fôra acclamado rei, com o nome de d. João IV. Faziam parte da guarnição da cidade um terço de Hispanhóes e outro de Napolitanos, e, por isso, o vice-rei, marquez de Montalvão, procedeu com grandes cautelas, pondo incommunicavel aquelle navio, reunindo as tropas do paiz e as portuguezas, então commandadas pelo mestre-de-campo Joanne Mendes de Vasconcellos (por provisão régia de 10 de Janeiro dêsse anno, fôra nomeado mestre-de-campo general). Estando seguro do apoio de todos os commandantes portuguezes e das principaes auctoridades, fez no mesmo dia a acclamação do novo rei. As tropas hispanholas e napolitanas conservaram-se em seus quartéis, pedindo apenas transporte para a Europa, o que lhes foi concedido mezes depois. A urca, que as conduzia, viu-se obrigada a arribar á Parahiba, e ahi os Hollandezes conservaram prisioneiro o mestre-de-campo Hector de la Calce e todos os officiaes.

1801.—Nascimento de Candido Baptista de Oliveira, em Porto-Alegre (Rio Grande do Sul).—Graduou-se em Mathematicas em Coimbra, viajou pela Europa, foi lente de Mechanica na Academia Militar do Rio de Janeiro, deputado, inspector geral do Thesouro (de 1831 a 1834 e de 1836 a 1839), ministro dos Extrangeiros (1839) e da Marinha (1848), ministro do Brasil em Turim (1836), Petrogrado (1841) e Vienna (até 1844). Desde 1850, teve assento no Senado, e foi pouco depois nomeado conselheiro de Estado. Publicou algumas memorias sôbre assumptos mathematicos e um livro com o titulo «Systema financial do Brasil».

1822.—Partem do Rio de Janeiro 7 navios mercantes, conduzindo para Lisbôa as tropas portuguezas do general Avilez (veja 9 e 10 de Fevereiro). Saïram comboiados pelas corvetas *Maria da Gloria e Liberal.* Ficou a nossa capital livre dessa fôrça, que, em 1821, introduzira aqui o systema dos pronunciamentos á hispanhola. Dous dos transportes, o *São José Americano* e o *Trez Corações*, arribaram á Bahia, e ahi desembarcaram 381 praças (27 de Março), que foram assim reforçar as tropas do general Madeira.

1823.— *Combate nas linhas avançadas da Bahia, entre as tropas brasileiras do general Labatut e as portuguezas do general Madeira.* — O combate deu-se em dous ponctos: na Conceição (brigada Barros Falcão), avançando os nossos até á Soledade, e na Cruz do Cosme (brigada Gomes Caldeira). Neste último poncto, as nossas tropas tomaram uma trincheira e regressaram conduzindo um canhão que ahi havia. Tivemos 3 mortos, 14 feridos e 1 extraviado; e os Portuguezes, 4 officiaes e 50 soldados mortos ou feridos, entrando no número dêstes o major Dordaz e no dos mortos 1 alferes. Tal é a summa das descripções brasileiras. A do general Madeira é muito differente. Segundo elle, «os insurgentes foram desalojados das posições que occupavam e obrigados a retirar em desordem». E accrescenta: «A perda do inimigo foi consideravel: a artilharia da Legião Constitucional causou-lhe muito estrago; as nossas tropas portaram-se com a maior dignidade; nós tivemos pequenas perdas».

1825.— Manuel Clemente Cavalcanti de Albuquerque assume a presidencia da provincia de Sergipe.

1827.— *Acções de Sanga-Funda e Passo do Umbú* (em um dos seus boletins, o general argentino Alvear converteu estes choques em um grande combate e victoria da sua cavallaria). — O coronel Bento Manuel Ribeiro, com 858 milicianos de cavallaria, tinha sido destacado pelo general em chefe, marquez de Barbacena, para observar de perto os movimentos do exército argentino. Na manhã dêste dia, escrevera elle a Barbacena (carta datada dos campos da estancia do Páo-Fincado): — «O carretame do inimigo baixou hoje pelo campo da Cruz (é o campo da batalha de Caaibaté, veja 10 de Fevereiro), entre o banhado de Jacaré e Cacequi: é certa a retirada por S. Simão. Eu hoje vou ficar em Ibicui, no Passo do Umbú, pôr as minhas cavalhadas em segurança, e fazer-lhes guerrilhas, até que passem o Passo no fundo do Loreto, e vou saïr adeante...» Dirigiam-se os nossos para o Passo do Umbú, quando pela retaguarda appareceu o general Lucio Mancilla, á frente de uma divisão de cavallaria de 1.190 homens. Bento Manuel accelerou a marcha, encarregando o major Gabriel Gomes Lisbôa de cobrir o seu movimento com 3 esquadrões e atacar a vanguarda inimiga, si achasse opportunidade. No logar denominado Sanga-Funda, o major Gomes Lisbôa investiu á espada, destroçando completamente essa vanguarda, e foi reunir-se ao seu chefe, que já havia tomado posições na margem direita do Passo do Umbú (Ibicui). Mancilla tentou passar o rio, mas foi repellido pelos nossos atiradores, retirando-se depois de algum tiroteio. Nos choques e nas escaramuças dêste dia, tivemos 10 mortos (1 alferes) e 11 feridos. O boletim argentino diz que o general Mancilla teve 10 mortos

e 12 feridos. O nome desta supposta victoria foi dado a uma das ruas da cidade de Buenos Aires («Colle de Ombú»).

1829.— Posse de João José Guimarães e Silva, que foi o segundo presidente da provincia do Piauhi após a Independencia do Brasil.

1841.— Fallecimento de d. Romualdo de Sousa Coelho, 8º bispo do Pará (veja 7 de Fevereiro de 1762).

1847.— Fallecimento do marechal de campo marquez de Baependi (Manuel Jacintho Nogueira da Gama), conselheiro de Estado e senador do Imperio.— Nasceu na cidade de São João del Rey a 8 de Septembro de 1765 e falleceu na do Rio de Janeiro. Lente de Mathematicas na Academia de Marinha de Lisbôa, exerceu depois outros empregos e commissões em Portugal e no Brasil. Em 1823 começou a figurar com brilho na vida politica, depois de obter a sua reforma no serviço militar. Foi deputado á Constituinte, um dos redactores da Constituição do Imperio no Conselho de Estado (1823), ministro da Fazenda (17 de Julho a 10 de Novembro de 1823) 21 de Janeiro de 1826 a 15 de Janeiro de 1827, 5 a 7 de Abril de 1831) e presidente do Senado (1838).

1869.— Chega infermo ao Rio de Janeiro o marechal marquez de Caxias, procedente do Paraguái, onde commandara em chefe, desde 18 de Novembro de 1866 até 18 de Janeiro dêste anno, as fôrças brasileiras, levando-as de victoria em victoria até Assumpção, e restabelecendo as nossas communicações com Mato-Grosso pelo rio Paraguái. Em recompensa dos grandes serviços que acabava de prestar, teve pouco depois o titulo de duque, a grã-cruz da Ordem de Pedro I e a medalha do Merito militar.

1870.— Fallecimento, no Rio de Janeiro, do senador e conselheiro de Estado, visconde de Jequitinhonha, nascido a 23 de Março de 1794 na cidade da Bahia.— Chamava-se Francisco Gomes Brandão e com esse nome formou-se em Direito na universidade de Coimbra, accrescentando então o de Montezuma, que lhe davam os seus condiscipulos; e, por accasião do movimento da Independencia, passou a assignar-se Francisco Gê Acaiaba de Montezuma. Na Bahia, fez-se jornalista em 1822, mas a typographia do seu periodico foi destruida, nesse mesmo anno, por officiaes e soldados portuguezes. Montezuma seguiu para Cachoeira e foi secretario do govêrno que se installou alli durante a guerra da Independencia. Dissolvida a Constituinte, de que era membro, foi desterrado para a Europa com os Andradas, e só volveu ao Brasil em 1831. Na Camara dos Deputados e na imprensa, tornou-se então um dos mais ardentes adversarios dos vencedores de 7 de Abril. Pu-

blicou por esse tempo, entre outros pamphletos, «A Liberdade das republicas», em defesa das instituições e contra a propaganda federalista (1833). De 16 de Maio a 19 de Septembro de 1837, foi ministro da Justiça e Extrangeiros no último Gabinete do regente Feijó. Combateu logo depois, até 1840, os Ministerios do novo partido conservador, contribuindo para a revolução parlamentar da Maioridade. Por alguns mezes occupou o cargo de ministro do Brasil em Londres. Separou-se, desde 1841, de todas as ligações partidarias, ora apoiando, ora combatendo os Gabinetes dos dous grandes partidos constitucionaes. Foi o primeiro orador parlamentar que, em nosso paiz, atacou de frente os importadores de escravos africanos, e teve tambem a honra de ser um dos precursores da propaganda abolicionista. Em 17 de Maio de 1865 apresentou ao Senado varios projectos para a extincção gradual da escravidão: um delles declarava abolida a escravidão no fim de 10 annos para os escravos maiores de 25 e no fim de 15 annos para todos os mais.

16 DE FEVEREIRO

1630. — *Combate do Rio-Doce e perda de Olinda* (veja 14 e 15 de Fevereiro). Na vespera, como ficou dicto, desembarcara em Pau-Amarello, trez leguas ao Norte de Olinda, o coronel Diederick van Waerdenburch, com 2.948 Hollandezes e 2 pequenas peças de campanha. O general Mathias de Albuquerque foi espera-lo na margem direita do rio Doce, com 850 homens (550 de infantaria, quasi todos milicianos, 200 Indios com o seu principal Antonio Philippe Camarão, e 100 milicianos a cavallo). Os Hollandezes avançaram na manhã deste dia, repartidos em trez corpos: o da vanguarda (934 homens), dirigido pelo tenente-coronel van der Elst; o do centro (1.049 homens), pelo tenente-coronel van Steyn Callenfels; e o da retaguarda, pelo major Foulcke Houncques. Vendo-se atacados por fôrças tão superiores, oppuzeram os nossos a fraca resistencia, que era de esperar de tropas collecticias. As lanchas canhoneiras do inimigo dirigiram-se para a nossa retaguarda, e esse movimento produziu a maior desordem entre os milicianos. Dispersaram-se muitos, e o general viu-se obrigado a retroceder para Olinda, onde apresentou a defesa possivel com a pouca gente que lhe restava. Os Hollandezes apoderaram-se do Collegio dos Jesuitas e ficaram senhores da villa. Tivemos neste combate e no do rio Doce uns 150 mortos e feridos, entrando em o numero dos primeiros os capitães Salvador de Azevedo, que defendia o Collegio, e Antonio Pereira Themudo, que pereceu combatendo nas ruas de Olinda. Os Hollandezes tiveram de 50 a 60 mortos. O general Albu-

querque retirou-se para o Recife, e no mesmo dia numerosas lanchas do inimigo desembarcaram novas tropas no isthmo, ao Sul de Olinda (veja o dia seguinte).

1639.— O capitão-mór Pedro Teixeira começa em Quito a sua viagem de regresso para o Pará. Accompanhavam-n-o varios religiosos, entre os quaes o padre Christoval de Acuña, jesuita auctor da relação desta viagem («Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas»). Teixeira, que partira de Cametá em 28 de Outubro de 1637 (veja esta data), terminou a sua famosa expedição no dia 12 de Dezembro de 1639.

1680.— Fallece, em Haarlem, Frans Post, notavel pintor hollandez que passou em Pernambuco todo o decennio do govêrno de Mauricio de Nassau e foi o primeiro que reproduziu na téla a natureza do Brasil.

1751.— Resolução régia creando um Tribunal da Relação no Rio de Janeiro (Pizarro, «Memorias, VIII, 179). O districto da nova Relação extendia-se, pelo litoral, desde o Espirito-Sancto até á Colonia do Sacramento, no Rio da Prata, e, pelo interior, até aos confins de Minas-Geraes, Goiaz e Mato-Grosso. Installou-se no dia 15 de Julho de 1752.

1793.— Nascimento de Francisco Muniz Tavares (veja 23 de Outubro de 1875).

1822.— Decreto de d. Pedro, principe-regente do Reino do Brasil, convocando um Conselho de Procuradores Geraes das Provincias, nomeados pelos eleitores de parochia. José Bonifacio era ministro do Reino, desde 16 de Janeiro dêste anno.

— Na cidade da Bahia, o brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello, nomeado governador das armas, procura obter que as auctoridades civis o reconheçam nesse character. A guarnição divide-se então em dous partidos: as tropas européas e pequena parte das brasileiras apoiam o novo governador; a maior parte das tropas do paiz continuam a obedecer ao ex-governador das armas, brigadeiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães. As tropas portuguezas conservaram-se em armas, e municiadas, em seus quartéis, desde este dia; as brasileiras puzeram-se tambem de promptidão, no dia seguinte (veja 18 a 21 de Fevereiro).

1824.— João Antonio Rodrigues de Carvalho, o primeiro presidente de Sancta-Catharina após a Independencia do Brasil, toma posse nesta data. Teve por successor Francisco de Albuquerque Mello, a 12 de Março de 1825.

1840.— Insurreição em Paranaguá (Piauhi), dirigida por Sebastião José de Aguiar, Manuel Lucas de Aguiar e outros. Uma proclamação, assignada dous dias depois por esses cau-

dilhos, começava assim: — «Habitantes de Paranaguá ! Meus amados patricios ! A orgulhosa sanha, suggerida do centro do palacio de Oeiras, como as fumegantes labaredas das incendiadas fornalhas da Babilonia, é quem tem promovido a desgraça desta provincia». E terminava: — «Viva a nossa religião catholica ! Viva o nosso amado Imperador, o senhor dom Pedro II ! Vivam os benemeritos da patria ! Vivam os briosos Bemtevis !»

1861. — Fallece d. Antonio Joaquim de Mello, bispo de S. Paulo, onde nascera (em Itú) a 29 de Septembro de 1791.

1864. — Zacharias de Góes e Vasconcellos toma posse da sua cadeira de senador pela provincia da Bahia.

17 DE FEVEREIRO

1531. — Depois do combate que tivera deante da ilha de Sancto Aleixo (veja 1° e 2 de Fevereiro), Pero Lopes de Sousa procurou velejar para o Norte, demandando o «porto e o rio de Pernambuco», mas, contrariado pelos ventos, apenas poude chegar neste dia ao seu destino. O capitão-mór Martim Affonso de Sousa só entrou no porto dous dias depois (19 de Fevereiro), e dahi enviou Diogo Leite, antes do 1° de Março, com 2 caravellas, para explorar a costa do Maranhão, despachando ao mesmo tempo para Lisbôa 1 dos 3 navios francezes capturados (veja 31 de Janeiro e 2 de Fevereiro). O «porto de Pernambuco», de que falla o «Diario da Navegação» de Pero Lopes de Sousa, não era o do Recife, mas sim o da barra Sul do canal de Itamaracá. A esse porto e ao canal (ou rio de Sancta-Cruz) davam os maritimos então o nome de Pernambuco (*Paranã-mbucú*), que ainda se encontra em cartas marinhas do fim do seculo XVI e mesmo do seculo XVII (exemplo, a de João Teixeira). A denominação extendeu-se muito, sómente depois que Duarte Coelho fundou «Olinda de Pernambuco», na capitania que lhe fôra doada em 1534. Todo o territorio dessa capitania, que elle quiz chamar Nova Lusitania, ficou conhecido então por Pernambuco. Em 1531, o porto, depois denominado «Recife de Pernambuco», tinha o nome de Arrecife de S. Miguel (leia-se attentamente o citado «Diario da Navegação», desde 17 de Fevereiro até 1° de Março). Estas mudanças de nome, occorridas com o tempo, têm dado logar a dúvidas e confusões quanto ao local do primeiro estabelecimento portuguez em Pernambuco, e levaram até o visconde de Porto-Seguro a suppôr que houve duas feitorias fundadas por Christovam Jacques, uma no logar depois denominado Marcos (no canal de Itamaracá), outra no porto do Recife. A casa de feitoria, de que fala Pero Lopes de Sousa

em 1531, estava assentada no «rio de Pernambuco», isto é, no canal de Itamaracá, «cincoenta passos» ao Sul dos *marcos* ou padrões, que foram estabelecidos posteriormente, para indicar os limites das capitanias doadas ao mesmo Pero Lopes e a Duarte Coelho (cf. as duas cartas de doação). Ficava, por tanto, sôbre a terra firme e não longe do porto depois denominado *dos Marcos*. Já existia em 1526, pois alli estiveram arribados, desde 3 de Junho até 29 de Septembro dêsse anno, os 4 navios do capitão-general Sebastião Caboto, em viagem para o Sul, e tambem, desde Novembro, d. Rodrigo de Acuña, abandonado em terra, perto do rio de S. Francisco, pela nau hispanhola *S. Gabriel*, do seu commando. O pessoal da feitoria constava então de 13 Portuguezes. Em Dezembro de 1530 foi ella saqueada por um galeão francez, e Martim Affonso de Sousa a encontrou, em Fevereiro de 1531, abandonada. Ao partir para o Sul (1º de Março), deixou na casa da feitoria uns 6 homens. Em 1532 Jean du Peret, capitão do navio francez *La Pélerine*, venceu esses Portuguezes e os Indios seus alliados, construindo no logar um forte, que foi tomado, mezes depois, por Pero Lopes de Sousa (veja 27 de Agosto de 1532). Digamos de passagem que uma heliogravura, mandada fazer pela nossa Bibliotheca Nacional, segundo desenho de V. Meirelles, representa um dos marcos, «a 200 passos de distancia do rio Iguarassú». Uma nota, que ahi se lê, diz que o marco «está incompleto, faltando a corôa sôbre o escudo», e remette o leitor para o desenho de uma corôa fechada. Antes de 1580, como o mostram as séries de moédas portuguezas anteriores, as corôas reaes não eram fechadas: consistiam apenas em um circulo com florões e perolas; e, portanto, o marco em questão não está incompleto, pois por cima do escudo se vê a corôa real aberta, como ella era então, embora grosseiramente feita e gasta pelo tempo.

1630.— Incendio dos armazens do Recife e dos navios mercantes que estavam no porto. Foram incendiados á 1 hora da madrugada, por ordem do general Mathias de Albuquerque, que não podia defender a posição (veja 14 a 16 de Fevereiro). O general, deixando pequenas guarnições nos fortes da Barra e de S. Jorge e na bateria do Recife, foi acampar no pontal de Asseca, logar hoje coberto pelas aguas (ficava na margem direita do Beberibe, no poncto de confluencia dêste rio com o Capiberibe), collocou um posto avançado juncto á ermida de Sancto-Amaro, e, para hostilizar os Hollandezes nos arredores de Olinda, formou as 4 primeiras «companhias de emboscadas», a cargo de Francisco Rebello e outros trez capitães. No pontal de Asseca, aguardou Albuquerque que fossem chegando os habitantes do interior, por elle appellidados ás armas, e, só depois de perdidos os fortes da Barra e de São

Jorge, mudou o quartel-general para a paragem em que começou a construir o forte denominado Arraial do Bom-Jesús (veja 4 de Março). Neste mesmo dia 17, o general Loncq, commandante em chefe das fôrças de mar e terra enviadas contra Pernambuco, e o almirante Ita, segundo chefe da expedição, fizeram a sua entrada solenne em Olinda. Os Hollandezes estavam occupados em fortificar rapidamente a villa (veja 19 de Fevereiro).

1635.—O capitão Affonso de Albuquerque é obrigado a abandonar S. Lourenço da Mata, sendo atacado por um corpo numeroso de Hollandezes, sob o commando do coronel Arcizewski. O destacamento do capitão Albuquerque, composto apenas de 70 homens, teve 4 mortos e 7 feridos.

1649.—Luiz de Magalhães assume o cargo de governador do Estado do Maranhão.

—O exercito hollandez sai do Recife para offerecer batalha ao que o sitiava (veja 19 de Fevereiro).

1678.—Ignacio Coelho da Silva toma posse do posto de capitão-general do Maranhão.

1766.—O vice-rei conde da Cunha assigna os estatutos do Hospital dos Lazaros do Rio de Janeiro, que acabava de fundar.

1777.—O coronel do mar Roberto Mac Donall (veja 19 de Fevereiro de 1776), commandante da esquadra portugueza do Sul, estava fundeado entre as ilhas do Arvoredo e da Galé (costa de Sancta-Catharina), com os navios seguintes:—naus *Sancto-Antonio* (depois *Martim de Freitas* e ultimamente *Pedro I*), *Ajuda*, *Prazeres* (cada uma com 64 canhões) e *Belém* (50 canhões); fragatas *Nazareth* (40 canhões), *Principe do Brasil* (34 canhões), *Pilar* (26 canhões) e *Graça Divina* (22 canhões); 2 sumacas e 1 hiate. O bergantim *Invencivel* (18 canhões), que cruzava, fez signal de estar á vista a expedição hispanhola, annunciada de Lisbôa. Enviando lanchas com este aviso ao governador de Sancta-Catharina, Mac Donall fez-se logo de véla: ao meio dia avistou «septe embarcações do inimigo, e pelas 3 da tarde foi impossivel conta-las» (seu officio de 19 de Fevereiro, no Archivo do Conselho Ultramarino). A expedição hispanhola, saïda de Cádiz a 13 de Novembro, navegara para a ilha de Trinidad, e ahi se detivera desde 17 até 30 de Janeiro. Compunha-se de 6 naus, 1 chambequin (hoje fragata), 7 fragatas (hoje corvetas), 2 paquebotes, 2 bombardeiras, 1 bergantim e 1 sétia (20 navios de guerra), com 674 canhões, 5.148 marinheiros e 1.308 soldados de marinha, além de 97 transportes. Estes e os navios de guerra conduziam um exercito de 9.383 homens, que vinham vingar os revezes de

1.º e 2 de Abril de 1776, fazendo a conquista de Sancta-Catharina, Rio Grande do Sul e Colonia do Sacramento. O referido exército compunha-se de dous batalhões do regimento de Córdova, outros tantos do de Zamora e um batalhão de cada um dos regimentos seguintes: Toledo, Saboia, Guadalajara, Sevilla, Murcia, Ibernia, Princesa e Cataluña; um regimento de dragões e um corpo de artilharia, com 29 peças de artilharia de sitio, 8 morteiros, 30 peças de campanha e 4 obuzes. No Rio da Prata já estavam, além das tropas do paiz, um batalhão do regimento de Galicia, as naus *Astuto* (64 canhões) e *Sancto Domingo* (70 canhões), 2 fragatas (40 canhões as 2), 3 navios armados (60 canhões), o bergantim *Santiago* (16 canhões) e a sétia *Misericordia* (14 canhões). Segundo um documento official hispanhol (Mss. do Museu Britannico, Addison 6.893, numero 19, fol. 102), eram estes os navios de guerra saïdos de Cádiz sob o commando do marquez de Casa Tilly (a relação publicada pelo visconde de S. Leopoldo tem varios erros): — naus *Poderoso, Monarca, San-Josef, San-Dámaso* (70 canhões cada uma), *América* e *Septentrión* (estas de 64 canhões); chambequin *Andaluz* (32 canhões), fragatas *Venus, Liebre* (ambas de 28 canhões), *Santa-Margarita, Santa-Teresa, Clara* (estas 3 de 26 canhões), *Santa-Rosa* e *Júpiter* (de 22 e 18 canhões, respectivamente); paquebotes *Guarnizo* e *Marte* (16 canhões cada um); bombardeiras *Santa-Casilda* e *Santa-Eulalia* (cada uma com 6 canhões e 2 morteiros); bergantim *El Hopp* (10 canhões); e sétia *Santa-Ana* (6 canhões). Dous brulotes accompanhavam a esquadra e um terceiro foi preparado em caminho. Durante a viagem, foram apresadas trez embarcações mercantes portuguezas. Quando a expedição chegou á vista de Sancta-Catharina, tinham-se separado da esquadra e comboio o bergantim de guerra *El Hopp*, 2 brulotes e 16 transportes; e uma sétia mercante tinha sido despachada para Montevidéo, de sorte que a frota constava então de 19 navios de guerra, 1 brulote e 82 navios de comboio, ao todo 102 vélas. Em Março incorporaram-se a essa esquadra, em Sancta-Catharina, as naus *Santo-Agustin* e *Sério* (de 70 canhões cada uma) e a fragata *Magdalena* (26 canhões). Foi este um dos mais poderosos armamentos mandados contra o Brasil durante o periodo colonial. Commandava as fôrças de terra e mar o general d. Pedro de Ceballos (veja 26 de Dezembro de 1778), primeiro vice-rei nomeado para o Rio da Prata. Em carta de 24 de Fevereiro, o general Antonio Carlos Furtado de Mendonça (commandante das fôrças portuguezas reunidas em Santa-Catharina) dizia ao vice-rei do Brasil (Archivo do Conselho Ultramarino): — «O poder dos Castelhanos é sem questão desproporcionado, pois, trazendo elles 10.000 homens, que defensa poderemos fazer com uma tropa que não

chega a 2.000, em que entram auxiliares e ordenanças...?» Das fortificações que havia na ilha, se dará conta em outro logar (veja 20 de Fevereiro de 1777). Em uma das presas, o general hispanhol encontrou officios e cartas contendo informações preciosas: — «Por ellas supimos el número de tropas con que la isla de Santa Catalina estaba guarnecida; su distribución en las diversas fortalezas de ella; las baterías, atrincheramientos y demás que habian aumentado á su antigua fortificación; la escasez de una especie de víveres y la abundancia de otros y la calidad de todo, y supimos finalmente la fuerza y destino de su escuadra («Noticia individual de la expedición»)». Desde 17 até 19 de Fevereiro, estiveram as duas esquadras á vista uma da outra. Neste ultimo dia refrescou o vento, e a hispanhola seguiu para a ilha (veja 20 de Fevereiro).

1787.— Nascimento de José Clemente Pereira (veja 10 de Março de 1854).

1819.— Nascimento de Francisco Adolfo de Varnhagen, depois visconde de Porto-Seguro. Nasceu em Ipanema, perto de Sorocaba, e falleceu em Vienna d'Austria (veja 29 de Junho de 1878).

1822.— E' eleita, na cidade da Fortaleza, a segunda Juncta de Govêrno do Ceará. A primeira, presidida pelo major Francisco Xavier Torres, governava desde 31 de Julho de 1821. A nova Juncta teve por presidente o desembargador José Raimundo do Paço Porbem Barbosa, e della fazia parte o referido major, commandante das armas. Governou na capital até 23 de Janeiro de 1823, data em que foi deposta, entrando na cidade, accompanhado de fôrças, o Govêrno temporario organizado em Icó.

1827.— Inauguração da estrada de Sanctos ao rio Cubatão, ligando-se á antiga estrada que ia da povoação do Cubatão (primitivamente Porto de Sancta-Cruz) á cidade de S. Paulo. Até então a communicação entre aquelles dous ponctos se fazia por agua.

1828.— Combate naval de Barracas, perto de Buenos-Aires. O brigue americano *Sicily*, que tentava forçar o bloqueio, vendo-se perseguido de perto por alguns dos nossos navios, foi encalhar bem juncto da praia de Barracas, entre La Boca (arrabalde oriental de Buenos-Aires) e a ponta de Quilmes. Enquanto a tripolação era conduzida para bordo dos nossos navios, chegou, em protecção do *Sicily*, uma esquadrilha argentina, sob o commando do capitão Nicolas George (grego), composta das escunas *18 de Enero, 29 de Diciembre, Uruguay, Guanaco, 11 de Junio* e *30 de Julio* e de 6 canho-

neiras (ns. 1, 7, 8, 10, 11 e 12). Um practicante de piloto (e não commandante ou immediato da *Paula*, como disseram jornaes argentinos) e um escrivão, que tinham sido deixados no *Sicily* pelos nossos escaléres, caïram prisioneiros. O capitão de mar e guerra James Norton, commandante da 2ª divisão brasileira, passou-se para bordo do *Caboclo* (com. James Inglis), e abriu o fogo sôbre o inimigo ás 9 horas da manhã, com este brigue e o *29 de Agosto* (com. José Lamego Costa), o brigue-escuna *9 de Janeiro* (com. J. Williams), as escunas *Paula* (com. Thomas Read) e *Providencia* (com. Antonio Leocadio do Couto), a bombardeira *14 de Outubro* (com. Augusto Leverger, depois barão de Melgaço), e as canhoneiras *Grenfell* (com. Isidoro Nery) e *1° de Dezembro* (com. Bernardino José de Almeida). O brigue *29 de Agosto* encalhou no mais renhido da acção e foi atacado por varios navios inimigos. A *Grenfell* (era seu immediato o segundo-tenente Joaquim José Ignacio, depois visconde de Inhaúma) tomou posição na pôpa dêsse navio e obrigou os contrarios a afastar-se. Não havendo agua sufficiente para os brigues, Norton levou a sua insignia para a escuna *Paula* e continuou a acção com os navios menores. A' 1 ½ da tarde, a escuna argentina *29 de Diciembre* recebeu um rombo ao lume da agua, e poz-se fóra de combate, passando por cima do Banco de la Ciudad. A agua ia diminuindo tanto, que a pequena escuna argentina *Guanaco* e a canhoneira n. 11 encalharam. Norton suspendeu o fogo á tarde, e foi dar fundo á pequena distancia, na altura de Quilmes, para esperar outra maré. A's 9 ½ da noite, os Argentinos incendiaram o brigue americano e retiraram-se para os Pozos, deixando abandonada a canhoneira n. 11, que na manhã seguinte foi tomada pelas nossas lanchas, apesar do fogo de fuzilaria, dirigido da praia de Barracas. Como não era possivel faze-la safar, foi incendiada a canhoneira, levando-se para bordo do navio-chefe uma peça de alcance, as armas de mão e a bandeira e flammula. Tivemos neste pequeno combate 2 mortos, 3 feridos gravemente e 7 levemente, sendo um delles o chefe Norton. Os Argentinos tiveram perda maior, contando entre os feridos o commandante de uma canhoneira e 2 capitães de infantaria.

1830. — Fallecimento do maestro Marcos Antonio Portugal, na cidade do Rio de Janeiro, onde desde 1808 era mestre da Capella real, depois (1822) Capella imperial. Nascido em Lisbôa em 1762, adoptara em 1822 a nacionalidade brasileira. Seus primeiros ensaios, como compositor de musica sacra, datam de 1781. Com uma pensão do principe d. João (depois João VI) foi aperfeiçoar-se na Italia, e ahi adquiriu reputação, compondo 8 operas, 6 burletas e 7 farças (1793-1799), que foram cantadas no *Scala* de Milão, em Veneza, Florença, Na-

poles, Verona e Ferrara. Para os theatros de Lisbóa compoz (1800-1809) 13 operas, 11 burletas, 7 farças, 9 cantatas e 8 entremezes. O catalogo de suas missas e outras composições religiosas é muito extenso (veja «Revista do Instituto Historico», t. XXII). Compoz em 1808 um hymno da nação portugueza, e, em 1822, ao mesmo tempo que o imperador dom Pedro I, a musica para o hymno da Independencia de Evaristo da Veiga; mas a composição do imperador foi a que ficou adoptada como hymno nacional brasileiro até 1841, data em que o hymno de Pedro II, composto por Francisco Manuel para a ceremonia da coroação, fez exquecer os dous outros, e tornou-se o hymno official e popular.

1832.— Fórma-se no arraial de S. Felix, defronte da villa da Cachoeira (Bahia), um ajunctamento de homens armados, e, em acta lavrada neste dia, resolvem que «a provincia se governasse independente», que fosse convocada uma assembléa constituinte provincial, fuzilado o ex-imperador Pedro I em qualquer logar em que apparecesse, e extinctas as prisões em navios e presigangas. O presidente da provincia, Honorato José de Barros Paim, encarregou o coronel visconde de Pirajá de restabelecer a ordem naquella povoação, e isto ficou conseguido 10 dias depois, sendo aprisionados muitos dos sediciosos.

1838.— Os revolucionarios da cidade da Bahia saem, em numero de 3.000 homens, e atacam as posições de Cajazeiras, Boa-Vista e Campina. São repellidos na primeira pelo tenente-coronel Manuel Antonio da Silva e nas duas ultimas pelo tenente-coronel Antonio Corrêia Seara (depois general). Os legalistas tiveram 15 mortos e 30 feridos (veja o dia seguinte).

1844.— Assume a presidencia de Sergipe Manuel Vieira Tosta (depois marquez de Muritiba), que teve por successor (a 15 de Julho do mesmo anno) José de Sá Bittencourt Camara.

1872.— Toma posse da presidencia de Sergipe Luiz Alvares de Azevedo Macedo, que é substituido (a 16 de Julho do mesmo anno) por Joaquim Bento de Oliveira Junior.

1889.— Decreto promulgando a convenção de 15 de Março de 1886, firmada entre o Brasil e outros Estados, para a troca de documentos officiaes e publicações scientificas e literarias.

18 DE FEVEREIRO

1580.— Nesta data soube-se em Sanctos que 4 navios de guerra francezes tinham sido repellidos pelos fortes do Rio de Janeiro: — «No dia 18 (de Fevereiro) o capitão de Sanctos

veio a bordo do nosso navio, e por elle soubemos que 4 grandes navios de guerra francezes tinham estado no Rio de Janeiro e haviam tomado 3 canoas, sendo, porém, repellidos pelos seus castellos e fortes... No dia 22, 2 das canoas que os Francezes tomaram no Rio de Janeiro chegaram a Sanctos e referiram que os 4 navios francezes tinham passado para o Sul, dirigindo-se, segundo suppunham, para o estreito de Magalhães» (Griggs, *in* Hackluyt, III, 705; Porto-Seguro, «Historia Geral», 337, onde se enganou na data, escrevendo 18 de Maio). Um anno depois, 3 outros navios francezes, portadores de cartas do Prior do Crato, foram recebidos como inimigos pela artilharia das fortalezas e não puderam communicar com a terra. Salvador Corrêia de Sá era o capitão-mór governador do Rio de Janeiro (1578-1598). Nesse tempo, o unico forte que havia na barra era o de N. S. da Guia (depois Sancta-Cruz). Dentro do porto havia, á beira-mar, o de Sancta-Cruz no logar onde hoje está a egreja da Cruz dos Militares, e no morro da cidade o castello de S. Sebastião. Em 1601 começou-se a fortificar a poncta occidental da barra. Em 1618, além dos 3 fortes citados, havia o de S. João, na barra, e o de Santiago, na poncta em que está hoje o arsenal de guerra.

1637.—*Batalha de Comendaituba* (ribeiro que se lança no rio das Pedras, abaixo de Porto-Calvo, em Alagoas). O general conde de Bagnuoli estava em Porto Calvo, com o exercito de Pernambuco, composto de 2.000 homens (500 Portuguezes europeus, 300 Hispanhóes, 120 Napolitanos, 700 Pernambucanos, 300 Indios do Camarão e 80 Pretos de Henrique Dias). Contra elle marchou o principe Mauricio de Nassau, com 4.400 homens (3.000 soldados, 800 marinheiros e 600 Indios), tendo ás suas ordens os coroneis von Schkoppe e Arciszewski. A batalha feriu-se nas margens do Comendaituba, entre esse exercito e 1.180 homens, que Bagnuoli destacara sob o commando do tenente de mestre-de-campo-general (tenente-coronel) Alonso Ximénez de Almirón. A's ordens dêste estavam o sargento-mór Martim Ferreira, o capitão-mór Camarão, o governador Henrique Dias e alguns dos nossos melhores capitães (Francisco Rebello, João Lopes Barbalho, Estevam de Tavora e outros). Os Hollandezes deveram á sua grande superioridade numerica a victoria, que facilmente alcançaram neste dia. A nossa perda foi de uns 60 mortos (6 officiaes, sendo um delles o sargento-mór dos pretos), 50 feridos, entre os quaes Lopes Barbalho e Henrique Dias (este, ferido pela sexta vez, soffreu com estoicidade no mesmo dia a amputação de metade do braço esquerdo, dizendo que «no outro lhe ficavam muitos para servir ao seu Deus e ao seu rei»), 4 officiaes e uns 50 soldados prisioneiros, além de muitos extraviados, que só dias depois se foram reunindo. Os Hol-

landezes apenas tiveram 6 mortos e 45 feridos. Neste combate e durante a retirada distinguiu-se muito a Brasileira d. Clara Camarão, mulher do celebre commandante dos Indios, a cujo lado pelejou «montada em um cavallo, e tão clara se mostrou nesta gentileza, que deixou escurecida a memoria das Zenobias e Semiramis», diz Rafael de Jesús («Castrioto Lusitano», pags. 143). Não podendo resistir ao grande poder do inimigo, retirou-se Bagnuoli, levando a pouca gente que lhe restava, menos 410 Hispanhóes e Napolitanos, que deixou no forte de Porto-Calvo, com o commandante da artilharia Miguel Gibertón, para demorar a marcha do inimigo. Este forte capitulou no dia 6 de Março. Em 25 de Fevereiro, Bagnuoli chegou á villa da Magdalena (hoje cidade das Alagoas); a 10 de Março continuou a retirada para o S. Francisco; a 17 alcançou o Penedo. A passagem do rio occupou os dias 18 a 26 de Março. No dia 27 entrou Nassau no Penedo, onde se deteve, e quatro dias depois o nosso pequeno exercito acampava em S. Christovam (Sergipe). Ahi se conservou Bagnuoli até 14 de Novembro, mandando fazer incursões pelo territorio que o inimigo occupava; depois, ameaçado por fôrças consideraveis, seguiu para a Torre de Garcia d'Avila, e assim poude soccorrer e salvar a cidade da Bahia, quando Nassau a foi atacar (veja 16 de Abril a 25 de Maio de 1638).

1647.— Um destacamento hollandez, commandado pelo capitão Munster, é surprehendido na ilha de Itaparica pelas tropas da Bahia (Porto-Seguro, «Historia das Luctas», citando documento hollandez; são muito raros os documentos portuguezes conhecidos sôbre a guerra durante os governos do conde da Torre, marquez de Montalvão e Telles da Silva).

1649.— O general Barreto de Meneses marcha do Arraial-Novo, para dar batalha ao exercito hollandez que occupara a collina oriental (Prazeres) nos montes Guararapes. Segundo Porto-Seguro, o general Barreto de Meneses marchou «provavelmente pelo caminho da Ibura e Zumbi». Como até hoje não ha uma planta topographica dos montes Guararapes e seus arredores, só os moradores e practicos do logar poderão resolver esta e outras questões.

1772.— Primeira sessão da Academia Scientifica do Rio de Janeiro, fundada pelo vice-rei marquez do Lavradio. Foi seu presidente o licenciado José Henriques de Paiva, medico. Esta associação trabalhou até Abril de 1779, animando o estudo das sciencias naturaes e prestando bons serviços á agricultura.

1822.— Desde o dia 16 de Fevereiro (veja essa data) reinava grande agitação na cidade da Bahia, em consequencia da attitude das tropas da guarnição. O 1° regimento de in-

fantaria, a legião de caçadores e o regimento de artilharia da Bahia, compostos de officiaes e soldados do paiz, apoiavam o brigadeiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães (tenente-coronel, acclamado brigadeiro em 10 de Fevereiro de 1821), que exercia interinamente o cargo de governador das armas. As tropas européas, muito mais numerosas, e o esquadrão de cavallaria da Bahia, reconheciam e apoiavam o novo governador das armas nomeado, brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello. As fôrças dos dous partidos estavam de promptidão e municiadas. Nesta data, a Juncta de Govêrno, empossada no dia 2, e a Camara Municipal, com o fim de evitar um conflicto, reuniram-se, e, depois de demoradas negociações, resolveram, já na madrugada de 19, que o govêrno das armas, até decisão do rei e das côrtes, fosse exercido por uma Juncta Militar, de que o general Madeira seria presidente e o general Freitas Guimarães membro, devendo fazer parte dessa Juncta outros cinco membros, dous nomeados por cada um dos generaes e o quinto sorteado. Madeira acceitou, com certas restricções, este alvitre, a que Freitas Guimarães não adheriu. Na tarde de 18 este havia collocado piquetes perto do quartel do 12° batalhão (portuguez). Madeira distribuira tambem destacamentos para cobrir o quartel, e alguns tiros foram trocados entre as avançadas dos dous partidos (veja o dia seguinte).

1838.— Os revolucionarios da cidade da Bahia, dirigidos por Sergio Velloso, atacam pela segunda vez a posição de Cajazeira (veja o dia anterior) e são repellidos pelo tenente-coronel Alexandre Gomes de Argollo Ferrão (depois general e barão de Cajahiba), que commandava uma brigada, composta dos batalhões provisorios 1°, 2° e 4° (guardas nacionaes e voluntarios). Os insurgentes tiveram 300 mortos e feridos (entre os primeiros, um tenente-coronel e um major) e perderam uma peça, assim como as posições de Gesteira, José Marques e Camillo. O juiz de direito Francisco Gonçalves Martins (depois senador e visconde de S. Lourenço) esteve no fogo, ao lado de Argollo. Dos legalistas, ficaram mortos ou feridos 80 (dous capitães e um alferes mortos) (veja o dia seguinte).

1846.— Primeira visita do imperador d. Pedro II e da imperatriz d. Teresa-Christina á provincia de S. Paulo. Neste dia desembarcam em Sanctos, vindos do Rio Grande do Sul e Sancta-Catharina na esquadra commandada por Grenfell.

1852.— Entrada triumphal do exercito alliado na cidade de Buenos-Aires, depois da batalha de Monte-Caseros, que poz termo á longa dictadura do general Rosas. Dêsse exercito fazia parte uma divisão de 4.000 Brasileiros (veja 3 de Fevereiro),

sob o commando do general Manuel Marques de Sousa, depois conde de Porto-Alegre.—«Neste dia (escreveu Sarmiento), Buenos-Aires esteve sublime. Era um monumento da grandeza humana, evocada dentre o sangue e as ruínas... O triumpho chegou á praça, onde, na frontaria grega da cathedral, se tinha levantado uma archibancada, para dar assento a 800 senhoras das mais distinctas. Os vivas ao general, ao Libertador, eram cordiaes, enthusiasticos, incessantes; porém a fatal questão de *gôsto*, capitalissima onde ha mulheres elegantes, diminuia a seriedade dos sentimentos. Passaram batalhões de Buenos-Aires com os chiripás e camisas vermelhas, desalinhados, e fatigantes, pela monotonia desta côr, tão offensiva á vista. Deus fez verdes as folhas das arvores; si as houvesse feito vermelhas, ter-nos-hia dado outra especie de olhos. Chegaram os batalhões orientaes, precedidos pelo coronel Cesar Diaz, vestido com gôsto e rodeado de um pequeno estado-maior de jovens elegantes. Desfilaram aquelles batalhões, com calças, casaca e kepi manufacturados em París, de cores escuras com todo o equipamento das tropas européas, e um movimento de prazer, de felicidade e de enthusiasmo novo irrompeu de todas as partes, em seu transito. Viam afinal tropas *decentes*, — esta era a palavra, — e na lembrança das matronas evocava-se a memoria dos nossos antigos exercitos, dos veteranos da guerra do Brasil, daquelles terriveis couraceiros de Lavalle, daquelles pennachos, barretinas, cordões e medalhas dos heróes de cem batalhas. Chegaram os Brasileiros, e então o sentimento publico se exaltou por outra causa. O general Mancilla, por sentimento mal cabido naquellas circunstancias, tinha feito indicar ao general vencedor que não entrassem os Brasileiros na cidade, para não humilha-la; e o proprio general Urquiza tinha tractado de diminuir a parte de gloria que lhes coube em Caseros. Os Brasileiros queixavam-se, e o povo quiz dar-lhes satisfacção. A todos os navios surtos no porto tinham sido pedidas bandeiras brasileiras, que foram collocadas nas ruas, e a apparição do general Marques de Sousa, tão joven, tão culto, tão sympathico, foi o signal de nova recrudescencia de enthusiasmo. Encontrei depois esse meu digno amigo perto da Recoleta, voltando com o seu estado-maior para o acampamento, e apenas podia falar, tão commovido estava pela gratidão.—*Não esperava, amigo*, — me disse elle, — *taes manifestações! Que povo! e que felicidade te-lo conhecido!* Vinte dias depois, quando embarcou, a população de Buenos-Aires, as senhoras e os jovens, encheram os arredores do mólhe, fizeram-n-o desta vez chorar de prazer, e os vivas e os lenços agitados no ar accompanharam-n-o, até que o seu escalér chegou ao navio que o devia conduzir» («Campaña en el ejército grande aliado»).

1869.— Chega infermo ao Rio de Janeiro o almirante visconde de Inhaúma, procedente do Paraguái, onde commandara a esquadra brasileira, desde 22 de Dezembro de 1866 até 16 de Janeiro de 1869. Falleceu poucos dias depois (veja 8 de Março).

1871.— Francisco Ferreira Corrêia toma posse da presidencia da provincia do Espirito-Sancto.

1875.— Fallecimento do poeta Luiz Nicoláo Fagundes Varella, nascido em 17 de Agosto de 1841, na freguezia da Piedade, depois villa do Rio-Claro, provincia do Rio de Janeiro. Falleceu em Niterói e foi sepultado no cemeterio de Maruhí.

19 DE FEVEREIRO

1630.— Os navios menores da esquadra hollandeza tentam novamente (veja 15 de Fevereiro) entrar no porto do Recife, mas encontram a barra obstruida por várias embarcações carregadas de pedras, que ahi tinham sido mettidas a pique. Trava-se, durante este reconhecimento, ou tentativa de ataque, um vivo combate entre a esquadra inimiga e os fortes.

1649.— *Segunda batalha de Guararapes, ganha sôbre os Hollandezes pelo general Barreto de Meneses* (a primeira foi a 19 de Abril do anno precedente). O exército dêsse general, deduzidas as guarnições que ficaram no Arraial e nos reductos da linha de sitio, compunha-se de 2.750 combatentes, sendo 2.600 de infantaria e 150 de cavallaria. Os infantes formavam cinco terços, de que eram chefes os mestres-de-campo André Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira e Francisco de Figueirôa, o capitão-mór d. Diogo Pinheiro Camarão e o governador Henrique Dias; a cavallaria formava dous esquadrões commandados pelos capitães Antonio da Silva e Manuel de Araujo de Miranda. Não podendo ainda o general von Schkoppe montar a cavallo ou mesmo caminhar facilmente, em consequencia do ferimento recebido na batalha anterior, foi o exército hollandez dirigido, nesta sortida, pelo coronel van den Brinck. As fôrças sob o seu commando constavam de 3.510 officiaes e soldados de infantaria, 300 marinheiros com 6 peças, e 400 indios e pretos, apresentando, portanto, um total de 4.200 homens (6.400, segundo os escriptores portuguezes). Os principaes sub-chefes eram os coroneis van den Branden e Willem Hautijn, o tenente-coronel Klaes Klaeszoon e quatro outros, o vice-almirante Gielissen, que commandava os marinheiros e a artilharia (naquelle tempo, chamava-se vice-almirante o segundo commandante de uma esquadra, podendo ser um simples capitão), e Pero Poty, com-

mandante dos indios do partido hollandez. As extensas descripções contemporaneas, que possuimos, desta e da primeira batalha, assim como as dissertações explicativas publicadas nestes ultimos annos, continuarão a ser, como até aqui, palavreado incomprehensivel, enquanto o nosso Govêrno, ou o Instituto Archeologico Pernambucano, não mandar levantar uma planta em grande escala, tomando por modêlo as do estado-maior francez, do territorio comprehendido entre o meridiano de Jaboatão e Moribeca a Oéste, o mar a Léste, e os rios Capiberibe e Pirapama, ao Norte e ao Sul. A derrota dos Hollandezes, conforme os seus proprios documentos officiaes, foi mais completa ainda que a do anno anterior. Perderam toda a artilharia, 11 bandeiras, entre as quaes o estandarte-general (a carta de Schkoppe, de 10 de Março, apenas confessa a perda de 5 canhões e 5 bandeiras), um número consideravel de armas de mão, e tiveram, entre mortos e feridos, um coronel (Brinck foi morto), 4 tenentes-coroneis, 4 majores, 35 capitães, 32 tenentes, 26 alferes, 2 cirurgiões e 942 inferiores e soldados. Total: 1.046 homens (957 mortos e 89 prisioneiros). Mas no mappa de que são extrahidos estes algarismos, e que só tracta do exército regular, não se faz menção dos feridos, nem das perdas que soffreram os marinheiros, indios e pretos. O vice-almirante Gielissen foi morto, o coronel Hautijn ferido, e o chefe dos indios ficou prisioneiro (era sobrinho do nosso illustre Camarão, já então fallecido). A perda dos Hollandezes deve, portanto, ter sido approximadamente de 1.100 mortos, 600 feridos e 110 prisioneiros (este algarismo é dado em uma relação portugueza), ou 1.800 homens fóra de combate (3.000, diz essa relação). A nossa, segundo Rafael de Jesús, foi de 47 mortos e 207 feridos; mas, não indicando este chronista a que tiveram os terços ou regimentos de indios e pretos, póde ser calculada em 60 mortos e 250 feridos. Entre os primeiros contava-se o sargento-mór Paulo da Cunha Souto-Mayor (o famoso guerrilheiro, cuja cabeça Mauricio de Nassau puzera a premio em 1641) e o capitão de cavallaria Manuel de Araujo de Miranda; entre os feridos, Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira (ambos mui levemente), Henrique Dias (seu oitavo ferimento), os capitães Cosme do Rego Barros (este morreu do ferimento), Paulo Teixeira, Manuel de Abreu, João Soares de Albuquerque, Jeronymo da Cunha do Amaral, Estevam Fernandes, Manuel Antonio de Carvalho, João Lopes e Alvaro de Azevedo Barreto. As bandeiras, tomadas nesta batalha, bem como 19 das tomadas na primeira, foram remettidas logo ao governador-geral, conde de Villa Pouca de Aguiar, e por elle enviadas da Bahia para Lisbôa. O unico monumento que perpetúa a memoria das duas jornadas de Guararapes é a egreja

de N. S. dos Prazeres, levantada pelos Benedictinos no logar da capella, que, com esse intenção, o general vencedor fizera construir no mais oriental daquelles montes (veja o dia seguinte).

1650.—A primeira frota annual da Companhia Geral do Commercio do Brasil passa neste dia á vista do Recife, navegando para a Bahia, onde chega a 7 de Março. Saïra de Lisboa a 4 de Novembro. O conde de Castel-Melhor (João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa) era o general desta frota, e Pedro Jacques de Magalhães o almirante. Deante do Recife, alguns navios portuguezes trocaram tiros com os hollandezes, que ahi cruzavam.

1737.—Entra no Rio Grande de S. Pedro, nome que tinha então o Rio Grande do Sul, a expedição que ia occupar militarmente esse canal e tomar posse da lagôa Mirim. Vinha da Colonia do Sacramento e era commandada pelo brigadeiro José da Silva Paes. Compunha-se dêsse general, um commissario de mostras, um thesoureiro, um ajudante e 251 officiaes e soldados de infantaria (Rio de Janeiro e Bahia), artilharia (Rio) e cavallaria (dragões de Minas-Geraes). Depois foram chegando outros destacamentos, vindos tambem da Colonia ou do Rio de Janeiro e Bahia. O general Silva Paes desembarcou na costa Sul do canal, e construiu logo o forte de Jesús-Maria-José, a Léste do sacco da Mangueira (e não no Chuí, como disse o auctor do «Diccionario topographico do Rio Grande do Sul»). Essa foi a posição do primeiro forte, segundo documentos officiaes e uma planta levantada por Silva Paes, da qual o geographo d'Anville se utilizou, para corrigir e completar á sua carta da America do Sul. Meia legua a Oéste, foi erguido o forte de Sancta-Anna, mudado depois (entre os annos de 1747 e 1750), com o nome de S. Pedro, para o sitio em que ora se acha a cidade do Rio-Grande. Em 28 de Septembro, depois de promptos esses dous fortes e estabelecida a guarda do Tahim, Silva Paes seguiu embarcado para a lagôa Mirim, explorou as suas margens, construiu o reducto de S. Miguel e collocou uma guarda no Chuí (Chueú, escreve elle). Regressando, chegou ao forte de «Sancta Anna do Rio Grande de S. Pedro» no dia 1º de Novembro, e ahi encontrou a noticia de terem sido expedidas ordens para a suspensão das hostilidades. No dia 9 um alferes castelhano apresentou-se á guarda do Tahim, trazendo essas ordens e uma carta do governador de Buenos-Aires.—«Dei muitas graças a Deus (escrevia Silva Paes), que tanto a tempo eu tivesse disposto a minha viagem e conseguido deixar debaixo das guardas e fortalezas, para Sua Magestade, o melhor terreno que tem toda a Pampa, e de donde se proviam de gado e de courama, não só os da Colonia, como os mesmos

Castelhanos, pois desde o Curral Alto até o Chueú, que são mais de trinta leguas, é onde pastam o melhor de 1.500 cabeças de gado» (carta de 7 de Março de 1738 ao vice-rei conde das Galvêas). O brigadeiro Paes partiu em 15 de Dezembro de 1737 para Sancta-Catharina e dahi para o Rio de Janeiro, deixando no govêrno militar do Rio Grande do Sul o mestre-de-campo André Ribeiro Coutinho, como elle perfeito soldado e homem de letras. Desde que tomou posse do Rio Grande, comprehendeu Silva Paes a importancia da sua conquista, teve a intuição do grande futuro dessa bella parte do Brasil e desvelou-se em adoptar as providencias mais urgentes para o seu desenvolvimento e colonização. Em carta de 12 de Abril de 1737, dirigida a Gomes Freire de Andrade, mostrava que a occupação do Rio Grande era muito mais util ao Brasil que a de Montevidéo: — «O ponto é crear gente de cavallo e que saiba fazer o serviço como cá se costuma... Já se acham corridas mais de duzentas vacas, espero cresça o numero e já se acham marcadas para Sua Magestade mais de mil, que faço conta passal-as a outra parte para um rincão de admiraveis pastos, d'onde andam tambem as cavalhadas; quero ver se se póde juntar alguma eguada para que, pela producção d'estes gados, se sustente a guarnição, e sobeje, e haja cavallaria para todo o serviço; eu procuro que todos saibam andar a cavallo, que é muito preciso... Como a terra da entrada d'este rio é baixa, faço tenção levantar na ponta do norte um grande atalaião de madeira para servir de baliza... e hei de procurar descobrir algum morador que seja pescador e pratico da barra para que viva junto d'ella, e sirva de piloto da barra para as embarcações...» Outra carta, de 21 de Junho, mostra que já tinha estabelecido estancias e invernadas e que se occupava de organizar o regimento de dragões, servindo de casco 120 que trouxera (pedia 150 ou 200 soldados da Colonia do Sacramento, «já costumados a laçar e campear»). — «V. Ex. me pergunta (dizia elle) que interesses poderá ter Sua Magestade d'este novo estabelecimento; e, ainda que eu não posso dar inteira informação porque todo me entrego a segurar este porto e a sua guarnição, por ora sempre me parece póde dar mais que quaesquer dos outros até esse Rio, por ser capaz a terra de dar admiraveis fructos, poderem se estabelecer cortumes de toda a casta de couros e solas, que melhor que em outras partes aqui se curtem, proverem-se de muitos gados as terras do norte por se poderem buscar a esses campos de Xueú para cá, que dentro de tres dias se podem conduzir; de se fazer quantidade de charque, courama e peixe secco, e ainda poderem aqui vir commerciar os Castelhanos, e introduzirem-nos com muita facilidade os Minuanes os cavallos que quizermos. Tambem me seguram ha-

verem minas nas cabeceiras d'este Rio Grande, porém isto necessita-se de maior averiguação, e, finalmente, para a conservação da Colonia esta é a unica porta por d'onde se lhe póde introduzir soccorro» (carta de 21 de Junho de 1737 a Gomes Freire de Andrada). Cumpre notar que, em 1735, uma colonia militar, fundada no Rio Grande em fins do anno precedente, pelo mestre-de-campo Domingos Fernandes, enviado da Colonia do Sacramento, fôra destruida pelo commandante hispanhol Estevan del Castillo, e que, desde o seculo XVII, os nossos Paulistas talavam livremente todo o territorio ao Norte do Jacuhí. Em 1636 (veja 3 e 25 de Dezembro), elles destruiram as missões dos Jesuitas hispanhóes desde o Rio-Pardo até o Araricá; em 1637, a de Ibituruna, perto do logar em que está hoje Cruz-Alta; em 1638, depois das victorias de Caáro, Caazapá-guazú (ambas as povoações ficavam sobre o Ijuhï-mirim), Caazapá-mini, entre o Ijuhí e o Piratiní) e San-Nicolás (no Piratiní), repelliram os jesuitas e seus indios para a margem direita do Uruguái. De 1687 a 1707, voltaram estes e restabeleceram sete missões perto da margem esquerda. De 1715 a 1718, começaram a formar-se os primeiros estabecimentos dos Lagunistas, ao Norte do Jacuhí. Em 1725 já havia a povoação de Sancto-Antonio da Patrulha. Em 1726, o tenente de mestre-de-campo-general David Marques Pereira, por ordem do capitão-general de S. Paulo, foi entender-se com Francisco de Brito Peixoto, capitão-mór da Laguna, para «dar calor á povoação do Rio Grande de S. Pedro, e fazer com que se adeantasse a dita povoação». Mas foi sómente á expedição do illustre general Silva Paes que devêmos a posse definitiva do Rio Grande do Sul, isto é, da parte oriental, porque a occidental, regada pelos affluentes do Uruguái, só foi conquistada na guerra de 1801. O general Silva Paes esteve ainda por duas vezes no Rio Grande, sendo governador de Sancta-Catharina com jurisdicção sôbre esse territorio. O visconde de Santarém cita as seguintes palavras, que encontrou em uma informação de d'Anville sôbre o distincto engeneheiro militar Silva Paes, no Archivo do Ministerio dos Negocios Extrangeiros de França (vol. CVI da «Corresp. de Portugal», fls. 274): — «Cet homme, d'un mérite peu commun, selon ce que j'en puis juger par une carte qu'il avait dressée de son gouvernement jusque vers le cap S^te^ Marie, a fourni à une carte de l'Amérique Méridionale des morceaux particuliers qui la distinguent, cette carte m'ayant été communiquée par l'ambassadeur de Portugal D. Louis da Cunha, et j'en conserve la copie» (Santarém, «Quadro elementar das relações diplomaticas», VIII).

1752. — Parte do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul o capitão-general das capitanias do Rio de Janeiro, Minas-

Geraes e S. Paulo, Gomes Freire de Andrada, ulteriormente conde de Bobadella. Ia presidir, por parte de Portugal, aos trabalhos da demarcação de limites, pouco depois interrompidos pela guerra do Uruguái, emprehendida para submetter os Guaranis das missões jesuiticas.

1776.—Os Hispanhóes occupavam, desde 1762, a villa do Rio-Grande e toda a margem meridional do Rio Grande do Sul. Tinham ahi a fortaleza de S. José da Barra, as baterias do Mosquito (ou de Sancta-Barbara), Trindade e Mangueira, e forte de Jesús, na ilha do Ladino, e as trincheiras da villa. Fundeados em linha, entre as baterias do Mosquito e Trindade, estavam os 5 navios seguintes, sob o commando do capitão de fragata Francisco Xavier de Morales:—corveta *Dolores* (20 canhões), brigues *Santiago* (16 canhões) e *Pastoriza,* sétias *Misericordia* e *San-Francisco* (os 3 ultimos de 14 canhões cada um), e no sacco da Mangueira a sétia *Santa-Matilde* (16 canhões) e a sumaca *Santo-Antonio.* O coronel Manuel Tejada commandava todas as fôrças hispanholas, ahi reunidas. A margem septentrional era occupada pelo exercito portuguez, sob o commando do tenente-general João Henrique de Böhm e composto principalmente de tropas brasileiras (do Rio de Janeiro, S. Paulo e Rio Grande do Sul). Tinhamos nesta margem as baterias de S. Pedro da Barra, S. Jorge (ou dos Dragões), Conceição (no Pontal do Norte), Patrão-mór (ou Figueiras) e S. José do Norte. Acima de S. José do Norte, estava a esquadrilha portugueza do capitão de mar e guerra Jorge Hardcastle, composta dos bergantins *Bellona, Dragão* (construidos em Porto-Alegre) e *Invencivel,* da sumaca *Sacramento* e do hiate *S. José* (os 3 ultimos tinham forçado a entrada em 4 de Abril de 1775). Neste dia 19 de Fevereiro, o coronel do mar Roberto Mac Duall, commandante da esquadra portugueza do Sul (os «coroneis do mar» chamaram-se depois «chefes de divisão»), passando a sua bandeira para a fragata *Graça,* forçou a entrada do Rio-Grande, indo reforçar a esquadrilha de Hardcastle. A ordem de marcha dos navios portuguezes foi esta:—chalupa *Expedição* (tenente do mar Jeronymo Silva, 12 canhões, 70 homens), fragata *Graça* (capitão-tenente Kasselberg, 22 canhões, 200 homens), corveta *Victoria* (capitão-tenente Corrêia de Mello, 14 canhões, 90 homens), fragata *Gloria* (capitão de mar e guerra Pegado, 20 canhões, 90 homens), corveta *Penha* (tenente do mar Rosa Coelho, 8 canhões, 70 homens), sumacas *Bom-Jesús* (tenente da armada Lopes Xavier), *Monte* (tenente da armada B. Ribeiro) e *Belém* (tenente do mar Medeiros; cada uma das 3 sumacas tinha 10 canhões e 70 homens) e bergantim *Bom-Successo* (primeiro-piloto Silva Duarte, 8 canhões, 40 homens). Total: 9 navios, 114 canhões, 770 homens. A in-

fantaria que guarnecia esses navios era do regimento de Sancta-Catharina. Dêstes navios, sossobrou, arrombada, a chalupa *Expedição,* salvando-se a gente que a guarnecia, e encalharam a sumaca *Bom-Jesús* e a corveta *Penha.* A primeira safou, mas tornou a encalhar juncto á bateria hispanhola do Mosquito e ficou perdida. Foram salvas a guarnição e 5 peças. Os outros 6 navios forçaram a entrada, passando a tiro de pistola dos inimigos e respondendo aos tiros dos seus canhões. A's 5 horas da tarde fundeavam no porto do Patrão-mór. A corveta *Penha,* «debaixo de todo o fogo que a fortaleza inimiga (da Barra) lhe fazia, conseguiu pôr-se em nado e fazer-se á vela pelas 5 horas e meia da tarde, e passar só pelo fogo de todas as fortalezas e navios, defendendo-se de todos, sempre á vela... e foi fundear entre as mais embarcações da esquadra no forte do Patrão-mór pelas 7 da tarde». A esquadra portugueza teve 11 mortos (entre os quaes o capitão-tenente Frederico Kasselberg, commandante da *Graça*) e 30 feridos. Dêstes, morreram no hospital 4, sendo um delles o capitão de mar e guerra Antonio José Pegado, commandante da *Gloria.* A bordo dos navios hispanhóes houve 16 mortos (entre elles o commandante da *Pastoriza* e o immediato da *San-Francisco*) e 24 feridos (5 officiaes), «los más de peligro, sin que se haya tenido en consideración los levemente lastimados de contusiones». No dia seguinte, 5 lanchas hispanholas abordaram o *Bom-Jesús* e levaram 4 peças. A' noite, foi esse navio incendiado por 2 granadeiros nossos. Os Hispanhóes declararam-se vencedores neste combate, em que 7 navios portuguezes forçaram, debaixo do fogo de 88 canhões e da fuzilaria de terra, a passagem de um canal de difficil navegação: — «dejando á nuestra escuadra la gloria del vencimento, y la satisfacción de haber conseguido una victoria que, combinadas las circumstancias, no tendrá semejantes em muchos siglos». Levantaram então uma nova bateria, a que deram o nome de Triumpho. Esta e todas as outras caïram em poder dos nossos, nos dias 1° e 2 de Abril. O chefe Mac Duall, deixando sob o commando de Hardcastle os 13 navios, reunidos no porto do Patrão-mór, seguiu para bordo da nau *Sancto-Antonio,* que cruzava deante da barra.

1810. — Tractado de alliança e amizade entre o principe-regente d. João (depois d. João VI) e o rei da Grã-Bretanha e Irlanda, Jorge III. Nesse tractado, o principe reconheceu a injustiça do commercio de escravos e prometteu adoptar providencias para a sua abolição gradual.

— Convenção assignada no Rio de Janeiro, entre o conde de Linhares e lord Strangford, para o estabelecimento de uma linha de paquetes mensaes entre Falmouth e o Rio de Janeiro.

Só em 1851 (veja 7 de Fevereiro) começou a primeira linha de paquetes a vapor entre a Europa e o Brasil.

1822.—*Combate entre tropas brasileiras e portuguezas na cidade da Bahia* (veja o dia anterior). A's 6 ½ da manhã, as avançadas do brigadeiro Freitas Guimarães rompem o fogo contra as do batalhão n. 12, portuguez, na praça da Piedade. O tenente-coronel Francisco José Pereira, commandante dêste batalhão, repelle o ataque, apodera-se de 5 peças e obriga a tropa brasileira a recolher-se ao forte de S. Pedro. Dessa posição continuaram os partidarios do general Freitas Guimarães a resistir, sustentando fogo contra os do general Madeira, que logo poz em movimento todas as fôrças do seu commando, travando-se outros combates no Campo da Polvora e juncto ao quartel da legião de caçadores, combates em que levaram a melhor as tropas européas, mais numerosas. Estas tiveram 40 e tantos mortos, e as brasileiras mais de 60. A soldadesca do partido do general Madeira entregou-se então aos maiores excessos, invadindo casas particulares e o convento das religiosas da Lapa. A abbadessa, Joaquina Angelica, foi morta por uma baionetada. O velho capellão do convento foi deixado por morto a coices de espingarda. Distinguiram-se nesses actos de crueldade, diz o chronista Accioli, «o esquadrão de cavallaria, pela maior parte composto de Brasileiros, e a maruja, armada de ordem de general Madeira» (veja o dia seguinte).

1835.—Rompimento de Francisco Pedro Vinagre, commandante das armas do Pará, contra o presidente Felix Antonio Clemente Malcher. Eram as duas auctoridades acclamadas depois da sedição de 7 de Janeiro (veja essa data), que começara pelo assassinato do presidente Lobo de Sousa, do commandante das armas Silva Santiago e do chefe da estação naval, capitão de fragata Inglis, distinctissimos officiaes. Com os sediciosos estava o primeiro-tenente Germano Aranha (veja 9 de Fevereiro de 1827), que muito influiu para que os seus camaradas da marinha reconhecessem os factos consummados e a auctoridade dos dous caudilhos. Informado Francisco Vinagre de que Malcher tencionava prendê-lo, dirigiu-se, na manhã dêste dia, para o Arsenal de Guerra, e ahi poude repellir o ataque de 300 homens, que contra elle foram enviados. Derrotados os assaltantes, Vinagre os perseguiu até ao Castello, onde Malcher se refugiou, com os seus partidarios. As fôrças de que dispunha Francisco Vinagre, engrossadas por muitos homens do povo, cercaram esse forte e o Hospital Militar, occupando o Seminario Episcopal e as casas vizinhas. Por ordem de Malcher, o primeiro-tenente José Eduardo Wandenkolk, que exercia o cargo de capitão do porto e commandava interinamente a estação

naval, rompeu o fogo contra o Arsenal de Guerra, o palacio do bispo, o Seminario e outros edificios occupados pelas fôrças de Vinagre. Wandenkolk conservou-se a bordo da corveta *Defensora*, commandada por seu irmão, o primeiro-tenente João Maria Wandenkolk. Além dêsse, sustentaram o fogo durante todo o dia os seguintes navios: — brigue *Cacique* (primeiro-tenente Lopes da Silva), escuna *Bella-Maria* (segundo-tenente Secundino Gomensoro), escuna *Alcantara*, barca *Independencia* (primeiro-tenente J. T. Sabino) e hiate *Mundurucú* (primeiro-tenente F. de Borja). — «Que espectaculo triste e revoltante (disse o então primeiro-tenente Oliveira Figueiredo) era o ver uns poucos de navios de guerra brasileiros despejarem sem piedade, sobre uma cidade tambem brasileira, suas artilharias, por ordem e com o fim de sustentar na presidencia a um criminoso, chefe dos sediciosos assassinos de 7 de Janeiro!» (depoimento, em 25 de Julho de 1835, perante o conselho de investigação). A' noite, Malcher retirou-se para bordo da esquadra, deixando a defesa do Castello entregue ao primeiro-tenente da armada, Antonio Maximiano da Costa Cabedo (veja o dia seguinte).

1838. — Um corpo de legalistas, commandado pelo major Manuel da Rocha Galvão, ataca e toma o poncto das Armações (arredores da cidade da Bahia).

1840. — Em Boa-Vista, no Parnahiba, os tenentes Frederico Guilherme Buttner e José Luiz de Queiroz repellem um ataque dos revolucionarios do Maranhão e Piauhí.

1842. — Morre na cidade da Bahia o padre Francisco Agostinho Gomes, alli nascido em 4 de Julho de 1769. Deputado ás Côrtes Constituintes de Lisbôa, foi tambem eleito para a Constituinte brasileira e para a Camara dos Deputados na 1ª legislatura, mas não tomou parte nos trabalhos das duas ultimas assembléas. Foi um erudito, de grande nomeada entre os seus contemporaneos, mas só publicou alguns artigos sôbre sciencias naturaes e uma «Memoria apologetica», esta quando a Camara dos Deputados rejeitou, em 1836, o tractado de commercio entre o Brasil e Portugal.

1868. — Forçamento da passagem de Humaitá por 6 encouraçados brasileiros, sob o commando do capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho, e tomada do Reducto-Cierva pelo marechal Caxias.

1878. — Ulysses Machado Pereira Vianna toma posse da presidencia da Parahíba.

1885. — Succedendo a Carlos Honorio Benedicto Ottoni, assume a presidencia da provincia do Ceará Sinval Odorico de Moura, que foi substituido, a 1° de Outubro do mesmo anno, por Miguel Calmon du Pin e Almeida.

20 DE FEVEREIRO

1567.— Fallecimento de Estacio de Sá. Morreu do ferimento recebido na tomada de Uruçú-mirí (20 de Janeiro) e foi sepultado no arraial por elle fundado em 1565 (veja 28 de Fevereiro) e a que dera o nome de «cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro». Os seus ossos, trasladados daquelle logar (Praia-Vermelha) para a egreja de S. Sebastião em 1583, foram exhumados em 16 de Novembro de 1862 e restituidos á mesma sepultura em 20 de Janeiro de 1863, na presença do imperador d. Pedro II e de varios membros do Instituto Historico.

1630.— O forte de S. Jorge, do Recife, repelle um assalto nocturno dos Hollandezes (sôbre o local do referido forte, (veja 14 de Fevereiro de 1630). A guarnição compunha-se apenas de 37 homens, sob o commando do capitão Antonio de Lima, entrando naquelle número o capitão Affonso de Albuquerque e os alferes Jacintho Barreto e Antonio Borges. O assalto foi dirigido pelo tenente-coronel Hartman Godfrid van Steyn-Callenfels, que nelle empregou 600 homens, e retirou-se ao cabo de duas horas, com a perda de 20 mortos e 50 feridos (algarismos da parte official hollandeza; Duarte de Albuquerque eleva a 1.500 o numero dos Hollandezes e dá-lhes 300 mortos, feridos e prisioneiros). Dos defensores do forte ficaram mortos 5 (entre elles o alferes Borges e o voluntario Francisco Guedes Pinto) e feridos 8. A bateria de 4 peças, que ainda tinhamos na entrada da povoação do Recife, auxiliou a defesa. Era commandada por Lourenço Vaz Cerveira.

1649.— O general Barreto de Meneses volta ao Arraial-Novo, com o seu exército vencedor da batalha da vespera, e é recebido «com salvas dos presidios e com tumultuosa acclamação de vivas, que sem descanso davam os moradores» (Rafael de Jesús). Os nossos mortos tinham sido sepultados pela manhã no campo de batalha, menos o sargento-mór Paulo da Cunha Souto-Mayor, cujo corpo foi levado á egreja do Rosario da Varzea, onde foi dado «á terra com os funeraes da piedade e da milicia, deixando a falta da sua companhia a todos maguados e saudosos».

1705.— 50 homens, commandados por Leonel Gama e Luiz Tenorio de Molina, saïdos da Colonia do Sacramento em 2 lanchões armados pelo general Veiga Cabral, desembarcam em Martín-García, obrigam a guarda hispanhola a fugir com a perda de alguns mortos e prisioneiros, e apoderam-se dos armazens que o inimigo tinha nessa ilha. Dias depois, esses

lanchões bateram-se com 2 do inimigo. Um dos nossos foi a pique, salvando-se toda a guarnição; um dos Hispanhóes foi tomado por abordagem e o outro fugiu.

1777.—A expedição hispanhola, dirigida pelo general Ceballos (102 navios), dá fundo na enseada de Canavieiras, ilha de Sancta-Catharina (veja 17 e 22 de Fevereiro). A esquadra portugueza do chefe Mac Duall já não avistava neste dia a inimiga. Reunidos em conselho os commandantes, só um, José de Mello Brayner, votou para que se atacasse a hispanhola, apesar da sua enorme superioridade de fôrças. Todos os outros declararam que, «sendo as ordens de Sua Magestade contrarias ao ataque», votavam para que se fossem receber novas ordens do vice-rei marquez do Lavradio. De accôrdo com estes pareceres, seguiu a esquadra para o Rio de Janeiro. A ordem a que se referiam os commandantes consultados, transmittida pelo vice-rei, dizia assim:—«Sendo, porém, que as forças navaes que ahi temos e poderemos ter hão de ser sempre muito inferiores ás dos Castelhanos depois de ahi chegar aquella sua numerosa expedição, é preciso que V. Ex. previna desde logo ao chefe da esquadra de S. M. que deve evitar toda a occasião de concorrer a mesma esquadra com a armada castelhana, e muito mais o perigo de ser a primeira sorprendida na bahia da ilha de Sta. Catharina, onde não poderá evitar nem a sorpresa nem o combate com forças desiguaes». O seguinte trecho do officio de 9 de Março, do chefe Mac Duall, é resposta a censuras que lhe faziam:—«Na esquadra, desde o primeiro official até ao ultimo pagem, sempre estiveram todos promptissimos para fazer a sua obrigação; mas passa de toda a comprehensão humana como tres náus de 64 peças, uma das quaes tão pôdre e incapaz que está em perigo de lhe cahir a coberta ao porão com a sua mesma artilharia, e uma náu de 50, deviam intentar o atacar cinco náus castelhanas de 70 e duas de 64; nem como quatro navios mercantes nossos muito pequenos, armados em guerra, deviam intentar o atacar dez fragatas castelhanas (duas das quaes vindas de Montevidéo) de 30 peças para cima cada uma, com brulotes de fogo...» A esquadra de Mac Dual saïu depois do Rio de Janeiro e cruzou na costa de Sancta-Catharina, quando a ilha já estava occupada pelo inimigo. Nesses cruzeiros fez várias presas, entre as quaes a sétia *Santa-Ana* (de 6 canhões) e a nau *Santo-Agustín* (de 70 canhões) (veja 20 de Abril). Em um delles, deu-se, na noite de 17 de Junho, por inadvertencia, o ataque da nau *Prazeres* (commandante J. de Mello Brayner) contra a *Ajuda* (commandante d. Francisco Xavier Telles) e a *Sancto-Antonio* (navio-chefe). Reconhecendo-se afinal, cessaram o combate, mas entre os mortos contava-se o commandante da nau *Ajuda*, parente e amigo

intimo de Mello Brayner. Celestino Soares («Quadros navaes», I, 64) procurou descrever esta acção em um dos seus folhetins, mas enganou-se na data, nos nomes dos navios e commandantes e em muitas circunstancias.

1821.—Por decreto de 8 de Julho de 1820, fôra o territorio de Sergipe d'El-Rey desligado da Bahia, formando uma capitania independente. Foi seu primeiro governador o brigadeiro Luiz Antonio da Fonseca Machado, que, não querendo adherir á revolução constitucional, entregou nesta data o govêrno ao tenente-coronel Carlos Cesar Burlamaqui. Este, que tambem não quiz prestar o juramento prévio á Constituição, foi deposto por tropas portuguezas, que marcharam da Bahia. Sergipe voltou então a ficar na dependencia do govêrno da Bahia, até á chegada da expedição do Rio de Janeiro, commandada pelo general Labatut. Apresentando-se este no Penedo em 28 de Septembro de 1822, o povo de Villa-Nova levantou-se (2 de Outubro), proclamou a independencia, e dispersou-se a tropa que alli estava reunida para oppor-se á passagem de Labatut.

1822.—As tropas do general portuguez Madeira sitiavam incompletamente, desde a vespera, o forte de S. Pedro, na cidade da Bahia, occupado pelo general Freitas Guimarães. Vendo este que a resistencia seria inutil, ordenou aos seus officiaes e soldados que, pelo baluarte maritimo, se fossem evadindo para o interior. Na estrada de Brotas, o maior dêsses destacamentos foi alcançado pelo 2° batalhão da Legião Constitucional e dispersou-se depois de rapido tiroteio, ficando prisioneiros 80 e tantos. A' noite, um tenente-coronel saïu do forte de S. Pedro, para tractar da rendição, já duas vezes intimada pelo general Madeira. Quando, no dia seguinte, alli entraram as tropas portuguezas, só encontraram o general Freitas Guimarães, um tenente-coronel, dous outros officiaes e alguns cadetes. A rivalidade que existia entre Brasileiros e Portuguezes, explorada em proveito proprio por Freitas Guimarães, produziu o conflicto de 19 de Fevereiro, em que ficaram vencedores os Europeus. Em 25 de Junho começou na Cachoeira a reacção contra a prepotencia das tropas portuguezas.

1827.—*Batalha de Ituzáingo, tambem chamada do Passo do Rosario* (geralmente apparece aquella palavra escripta *Ituzaingó* (mas esta graphia é hispanhola).—Menos de uma legua a Léste do Passo do Rosario, no rio de Sancta-Maria, o terreno apresenta tres linhas de lombas, chamadas cochilhas de Sancta-Rosa, quasi parallelas ao rio. Essas lombadas terminam ao Sul, no banhado de Ituzáingo, por onde passa a estrada de S. Gabriel para o Passo do Rosario (Olmedilla,

no seu mappa da America do Sul, deu erradamente o nome de *Ytuzaingó* ao Ibicuhí-mirim de Sancta-Anna, tributario da margem esquerda do Santa-Maria). O exercito argentino-oriental, commandado pelo general Carlos Maria de Alvear, occupava as duas lombadas de Oéste, mais proximas do Passo do Rosario; o brasileiro, dirigido pelo tenente-general marquez de Barbacena, que ia em marcha de S. Gabriel para o Passo do Rosario, tomou posição na lombada oriental. O valle, entre essas alturas, era cortado em quasi toda a sua extensão por um barranco ou sanja, que só dava facil passagem em alguns logares, e seguia a direcção Norte-Sul das collinas. Foi nesse valle e sôbre as duas lombadas parallelas que se deu a batalha. — «A distancia entre as duas posições (diz a legenda na planta desenhada pelo capitão, depois coronel, Seweloh) é no alcance do calibre 6, de mais ou menos mil passos» (Seweloh, «Erinnerungen an den Feldzug 1827 gegen Buenos-Ayres», mss. da nossa coll.). O exército brasileiro compunha-se de 6.338 homens, assim divididos: — estado-maior, 25; infantaria, 2.294; cavallaria, 3.734, artilharia, 285; mas estavam empregados na guarda e conducção do parque, hospital, bagagens e cavalhada, 469 homens (361 de cavallaria, 68 de infantaria e 40 de artilharia), doentes que haviam ficado em S. Gabriel, 271 (183 de cavallaria, 83 de infantaria e 5 de artilharia) e presos, 6 (4 de cavallaria e 2 de infantaria). O numero de combatentes era, portanto, de 5.638 (estado-maior, 25; escolta do general, 46 homens de cavallaria; infantaria, 2.141; cavallaria, 3.186; artilharia, 240), ou de 5.776, contando-se os empregados. A 1ª brigada ligeira, do coronel Bento Manuel Ribeiro, não incluida nesses algarismos, compunha-se então de 1.101 homens de cavallaria, depois de reforçada com algumas companhias de guerrilhas, tiradas da 2ª brigada ligeira. Desde o dia 6 fôra destacado aquelle coronel para observar a direcção da marcha do inimigo, que quasi todos os chefes riograndenses acreditavam em plena retirada. Na manhã dêste dia 20, estava em frente ao Passo do Umbú, no Ibicuhí do Monte-Grande, entre a margem esquerda dêste rio e a direita do Caciquí, a 6 ou 7 leguas do campo de batalha, onde poderia ter chegado pelas 11 horas (mss. do barão de Caçapava), porque um dos seus piquetes avançados deu aviso, ás 7 ½, de que ouvia fogo de artilharia e mosquetaria na direcção do Passo do Rosario, a S.S.O.; mas Bento Manuel, em vez de procurar reunir-se ao seu general, afastou-se para Léste, indo acampar á noite em frente ao Passo de S. Pedro. Na lombada de que acima se fez menção, collocou-se o exército brasileiro. A' direita, ficou a divisão do general Sebastião Barreto, composta da 1ª brigada de infantaria (coronel Leitão Bandeira, 1.496 homens) e da 1ª e

2ª de cavallaria (coronel Egydio Calmon, 431 homens; e coronel Araujo Barreto, 466); á esquerda, a divisão do general Callado, composta da 2ª brigada de infantaria (coronel Leite Pacheco, 645 homens) e da 3ª e 4ª de cavallaria (coronel Barbosa Pita, 662 homens; e coronel Thomaz da Silva, 477). Em frente da nossa esquerda, tiroteavam com a direita do inimigo um corpo de voluntarios de cavallaria, commandado pelo general barão de Serro-Largo (550 homens) e a 2ª brigada ligeira (coronel Bento Gonçalves, 352 homens). A artilharia (11 peças de calibre 6 e 1 obuz cylindrico de 6 pollegadas) tinha por commandante geral o coronel Thomé Madeira, e foi repartida em baterias, assim dispostas da direita para a esquerda: — 4 baterias de 2 boccas de fogo cada uma (do 1º corpo de artilharia montada do Rio de Janeiro), commandadas pelo segundo-tenente Mallet, primeiro-tenente Portuguez Pereira e capitães Corrêia Caldas e Lopo Botelho, com a 1ª divisão; 4 peças do 4º corpo de artilharia de posição (Sancta-Catharina), dirigidas pelo major Samuel da Paz, com a 2ª divisão; uma destas peças foi destacada para a frente, ficando ás ordens do barão de Serro-Largo. Cada brigada compunha-se de 2 ou 3 corpos, mas sobretudo os de cavallaria estavam tão incompletos, que nenhum delles daria a fôrça de 2 esquadrões europeus (effectivo de um regimento de cavallaria em França, tempo de paz, 866 homens, em 5 esquadrões). Foram estes os corpos que tomaram parte na batalha: — 1ª divisão (brigadeiro Sebastião Barreto): 1ª brigada de infantaria (coronel Leitão Bandeira): batalhões de caçadores n. 3 (Rio de Janeiro, major J. Chrysostomo da Silva), n. 4 (Rio de Janeiro, tenente-coronel Freire de Andrade) e n. 27 (Allemães, major L. M. de Jesús); 1ª brigada de cavallaria (coronel Egydio Calmon): 1º regimento de cavallaria (Rio de Janeiro, tenente-coronel Sousa da Silveira) e 24º de milicias (Guaranís de Missões, major Severino de Abreu); 2ª brigada de cavallaria (coronel Araujo Barreto): 4º regimento de cavallaria (Rio Grande do Sul, tenente-coronel M. Barreto Pereira Pinto), esquadrão de lanceiros imperiaes (allemães, capitão von Quast) e 40º regimento de milicias de Sancta-Anna do Livramento, chamado regimento de Lunarejo, tenente-coronel José Rodrigues Barbosa); — 2ª divisão (brigadeiro Callado): 2ª brigada de infantaria (coronel Leite Pacheco): batalhões de caçadores n. 13 (Bahia, tenente-coronel Moraes-Cid) e n. 18 (Pernambuco, coronel Lamenha Lins); 3ª brigada de cavallaria (coronel Barbosa Pita): 6º regimento de cavallaria (Rio Grande do Sul, major Bernardo Joaquim Corrêia), esquadrão da Bahia (major Pinto Garcez) e 20º regimento de milicias (Porto-Alegre, coronel J. J. da Silva); 4ª brigada de cavallaria (coronel Thomaz da Silva): 3º regimento de cavallaria (S. Paulo,

tenente-coronel Xavier de Sousa) e 5° (Rio Grande do Sul, tenente-coronel Philippe Nery de Oliveira); 2ª brigada ligeira (coronel Bento Gonçalves): 21° regimento de milicias (villa do Rio-Grande, major M. Soares da Silva) e 39° (villa de Serro-Largo, tenente-coronel Isas Calderon). O corpo commandado pelo marechal-de-campo barão de Serro-Largo compunha-se de voluntarios, em grande parte desertores indultados. A fôrça que guardava as bagagens, commissariado e hospital, sob o commando do coronel Jeronymo Gomes Jardim, constava de 127 lanceiros do Uruguái (Guaranís de Missões) e de destacamentos de varios corpos. Era chefe do estado-maior o marechal-de-campo Gustavo Brown, ajudante-general o brigadeiro Soares de Andréa (depois barão de Caçapava), e quartel-mestre-general o tenente-coronel Antonio Elisiario de Miranda e Brito. O exército da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata (hoje Republica Argentina) compunha-se de 7.644 homens de cavallaria, 1.674 de infantaria e 485 de artilharia, com 18 peças. Total: 9.803 homens. Tinha, portanto, fôrça quasi dupla do brasileiro, e era-lhe muito superior em cavallaria (nesta arma, a sua fôrça era trez vezes superior á nossa). Além dessa vantagem, tinha a de estar descansado no campo de batalha que escolhera, ao passo que o nosso exército, avançando a marchas forçadas, caminhava desde 1 hora da madrugada, quando, ás 6 da manhã, o encontrou, e assim teve de entrar em acção. A direita do exercito inimigo, commandada pelo general Lavalleja, compunha-se de 4.545 homens de cavallaria, sendo 3.255 Orientaes (regimento n. 9, dragões orientaes, dragões libertadores, milicias de Maldonado, Paisandú, Pando, Colonia e Mercedes e esquadrão de S. José) e 1.290 Argentinos (regimentos ns. 8 e 16, ambos de lanceiros, e esquadrão de couraceiros). Essas fôrças eram commandadas, segundo a ordem em que vão aqui mencionadas: as orientaes, pelos coroneis Manuel Oribe e Servando Gómez, tenente-coronel Ignacio Oribe, coronel Leonardo Oliveira, tenentes-coroneis Raña e Burgueño, coronel Arenas e tenente-coronel Adriano Medina; as argentinas, pelos coroneis Juan Zufriátegui e J. Olavarria e tenente-coronel Anacleto Medina. No centro, commandado pelo general Soler, estavam 3.949 homens das trez armas: batalhões de caçadores n. 1 (Buenos-Aires, coronel M. Corrêa), n. 3 (Entre-Rios, coronel E. Garzón), n. 2 (Orientaes, coronel Alegre) e n. 5 (Salta e Jujui, coronel Felix Olazabal) (fôrça dos 4 batalhões, 1.674 homens), o regimento de artilharia ligeira (Buenos-Aires, 485 homens, coronel T. Iriarte), e, em segunda linha, a reserva de cavallaria (1.790 homens), composta dos regimentos n. 1 (provincias de Cuyo e Córdova, general Frederico Brandzen), n. 2 (coronel J. M. Paz) e n. 3 (Buenos-Aires, coronel Angel Pacheco). A esquerda, commandada pelo general Julián Laguna,

era formada apenas pela brigada de cavallaria do coronel Lavalle (1.309 homens), composta do seu regimento, que era o n. 4 (Buenos-Aires, couraceiros), do de Colorados de Conchas (provincia de Buenos-Aires, coronel Vilela) e do esquadrão allemão (coronel barão Heine). No exercito argentino, as divisões eram chamadas «corpos de exercito» e as brigadas tinham o nome de «divisões». Era chefe do estado-maior o general Lucio Mancilla, e do corpo de engenheiros o coronel Trolle, francez. Na sua «Exposición» (Buenos-Aires, 1827), defendendo-se das censuras contidas na Mensagem do Govêrno, Alvear diz que só tinha nesta campanha 6.200 homens, mas é porque não inclue naquelle algarismo os Orientaes do general Lavalleja. Ao passo que assim diminue as suas fôrças, exaggera as nossas, elevando-as a 10.000 homens (Lavalleja calculou-os em 8.000, carta de 22 de Fevereiro, na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro). Os mappas officiaes brasileiros, remettidos ao Ministerio da Guerra antes e depois da batalha, e os mappas argentinos que caïram em nosso poder (um delles assignado por Ger. Espejo), dão algarismos muito differentes dos que apresentou Alvear em sua defesa. A's 7 1|2 da manhã começou o fogo de artilharia. Pouco depois, por ter os cavallos cansados, segundo disse, o coronel Bento Gançalves deixou a posição, que occupava no valle, ao lado do barão de Serro-Largo, e foi postar-se na extrema direita da nossa linha. O marquez de Barbacena, de accôrdo com o general Brown, resolveu tomar a offensiva, e este levou ao ataque do centro inimigo a 1ª divisão. Começaram então as cargas de cavallaria. A pequena brigada do coronel Miguel Pereira de Araujo Barreto repelliu e perseguiu na direita os Colorados de Conchas, distinguindo-se muito nesta carga o 40° de milicias, do tenente-coronel José Rodrigues Barbosa; na esquerda, os voluntarios do barão de Serro-Largo, apoiados pelo brigada Barbosa Pita, destroçaram uma columna de cavallaria de que fazia parte o regimento n. 9, de Manuel Oribe, o qual, indignado contra os seus soldados, «arrancó bruscamente sus charreteras de coronel, exclamando: — *Quien manda soldados que huyen, no és digno de llevar estas insignias!*» (Berra, «Bosquejo histórico de la República Oriental», 1ª ed., pags. 131). O regimento argentino n. 8 (lanceiros, coronel Zufriátegui), encarregado por Lavalleja de um ataque de flanco sôbre os voluntarios do barão de Serro-Largo, «en lugar de esta evolución, hizo la de volver cara...» (carta de Lavalleja, acima citada). A brigada de infantaria do coronel Leitão Bandeira avançava («de un modo formidable», diz o boletim argentino) sôbre o centro inimigo. Alvear enviou contra esses trez batalhões o general Brandzen, francez de nascimento, veterano das guerras de Napoleão e da independencia (era coronel no exercito argentino e general peruano). Brandzen, com o 1° regimento

(680 homens), lançou-se contra o quadrado do 4º de caçadores; os coroneis Paz (2º regimento, 540 homens) e Pacheco (3º regimento, 564 homens) contra os do 3º e 27º. Essa carga foi repellida com grande perda do inimigo, caindo mortos, juncto aos nossos quadrados, o general Brandzen e o tenente-coronel Bezares (do 2º regimento). A brigada de Araujo Barreto, levando á sua frente o general Sebastião Barreto, perseguiu os fugitivos. O 1º regimento argentino teve 14 officiaes e 200 soldados fóra de combate (Wright, «Biogr. de Brandzen»). Isto pasava-se ás 11 horas. Pouco depois, na nossa esquerda, os dragões orientaes (coronel Servando Gómez) e o esquadrão de couraceiros (tenente-coronel Anacleto Medina) atacavam de flanco e destroçavam o corpo de voluntarios do barão de Serro-Largo, que, envolvido com o inimigo, correu sôbre os batalhões de caçadores ns. 13 e 18. O general Callado formou com estes um só quadrado e viu-se forçado a fazer fogo sôbre amigos e inimigos. Ahi caïu mortalmente ferido o barão de Serro-Largo. As brigadas de cavallaria Barbosa Pita e Thomaz da Silva perseguiram o inimigo em sua retirada. Os voluntarios dispersos foram levar a noticia do seu revés á guarda da bagagem. Já então numerosos esquadrões inimigos appareciam nos dous flancos do nosso exercito, dirigindo-se para a retaguarda. «Os fugitivos do barão de Serro-Largo, os lanceiros do Uruguai (Guaranís) e o inimigo, todos á mixtura, caïram sôbre a bagagem e parque e tudo roubaram, levando depois o inimigo as carretas de bagagem e parque para dentro de um banhado» (Barão de Caçapava, «Batalha do Rosario», mss.). As duas brigadas de infantaria continuavam a repellir as cargas de cavallaria inimiga. 4 peças que haviamos perdido (uma dellas na derrota do corpo de voluntarios, 3 na carga dos lanceiros do coronel Olavarria), foram logo retomadas pelo 5º regimento (tenente-coronel Philippe Nery) e pelo 20º de milicias (coronel J. J. da Silva). A's 12 1|2, o coronel Lavalle, á frente do regimento n. 4 (couraceiros), dos Colorados de Conchas e do esquadrão allemão (1.300 homens), caïu sôbre a brigada Egydio Calmon, composta do 1º regimento de 1ª linha (297 homens) e do 24º de milicias (134 homens, quasi todos Guaranís). Este ultimo, morto o commandante, foi lançado fóra do campo de batalha; mas o primeiro bateu-se á espada, até ser soccorrido, merecendo neste combate os elogios de todos os seus chefes o major Cabral, depois barão de Itapagipe.— «Maravilhou-me (disse o maior heróe dêsse dia) a resignação, bravura e brio dos que compunham o galhardo 1º regimento de cavallaria da Côrte; poucos voltaram do combate, porém um só não voltou a cara ao inimigo». («O marechal Leitão Bandeira a seus caros filhos», Niterói, 1854, pags. 5). O general Sebastião Barreto, com a 2ª brigada de cavallaria e o 21º de milicias, á cuja frente ia o coronel Bento Gonçalves,

acudiu aos restos do 1° regimento e perseguiu o inimigo até ao alto de suas posições. O 39° de milicias (tenente-coronel Calderon), que fazia parte da brigada de Bento Gonçalves, já tinha abandonado o campo de batalha: segundo alguns, porque fôra cortado; segundo o barão de Caçapava e Elisiario Brito, porque aquelle coronel ordenara a Calderon que seguisse para o Jaguarão. Bento Gonçalves e Bento Manuel já eram por esse tempo caudilhos influentes no Rio Grande do Sul, e o governo e os generaes fechavam os olhos aos seus actos de indisciplina. A ultima carga da cavallaria argentina contra a da nossa 1ª divisão foi commandada pelo coronel Paz, que nella soffreu grandes perdas e foi repellido (o boletim argentino diz o contrario, mas o general La Madrid confirma as descripções brasileiras, em suas «Observaciones sobre las Memorias Póstumas del General Paz», pags. 256: — «...en la carga que dió el general Paz en esa batalla, fué rechazado y se vió obligado á retirarse á una larga distancia»). Com o destrôço do corpo de voluntarios e do 24° de milicias, a retirada do 39° e as grandes perdas soffridas pelo 1° regimento, estando perdidos os carros de munições e tendo a cavallaria inimiga incendiado o campo em nossa retaguarda, o marquez de Barbacena ordenou, á 1 hora, que a 1ª divisão voltasse do valle, onde se achava, para a posição que occupava primitivamente. O fogo continuou frouxo, conservando-se o inimigo em suas posições, porque a sua cavallaria muito soffrera nas cargas successivas. O commandante geral da nossa artilharia, segundo o testimunho do general em chefe e do estado-maior, perdera no fim da batalha toda a presença de espirito. O mesmo succedeu ao commandante da artilharia argentina, que, «...cuando vió la dispersión de los Orientales, y que perseguidos por la caballeria imperial venian sobre la bateria, montó á caballo y se puso en salvo hasta el fin da la acción» (veja «El Liberal», de Buenos-Aires, ns. 46 e 51, de 25 de Abril e 13 de Maio de 1828). Feridos dous commandantes de baterias na nossa direita, coube a um jovem official, o segundo-tenente Emilio Mallet (depois general e barão de Tapeví), a honra de commandar dêsse lado a nossa artilharia. A's 2 horas da tarde, não havia mais que 8 ou 12 cartuchos por patrona ou cofre de artilharia, e os dous exercitos continuavam immoveis, cada um na posição que occupava ao começar a batalha. O marquez de Barbacena fez soar então o toque de retirada. — «O inimigo, apesar de ter quasi o dôbro das nossas fôrças, não nos levou fóra do campo de batalha, sinão porque nos faltaram as munições...» (informações, de 29 de Outubro de 1874, do general E. L. Mallet ao visconde do Rio-Branco, mss.). — «Marchou então o exército com a direita em frente, já reduzido a cêrca de 4.700 praças, segundo a minha lembrança, repellindo atiradores e cargas de cavallaria, com ver-

dadeira disciplina, sangue-frio não vulgar e valor, poupando as munições, não dando tiro sem emprêgo; e, porque os cavallos e parelhas, e mesmo a tropa carecia de algum repouso, fez alto; puzeram-se as competentes linhas de atiradores onde convinha, tiraram-se os freios aos cavallos e muares para pastarem sôbre os cabrestos, e, passadas mais de duas horas, continuou a marcha, deixando o inimigo, mal que anoiteceu, de acompanhar o exército imperial» (general Elisiario Brito, «A batalha do campo do Rosario», mss.).—«Esta retirada foi executada á custa de muitos exforços, na maior ordem, mostrando os soldados grande serenidade e sangue-frio, como eu nunca esperava ver no Brasil; e, si o exército de Buenos-Aires era muito superior em patriotismo, tactica, organização e fôrça numerica, nós não nos mostrámos inferiores na brilhante disposição da nossa retirada, para o que muito concorreu a calma e inexcedivel coragem do general em chefe (Seweloh, «Erinnerungen», 3ª pag. do fol. 16).—«O inimigo incendiou o campo por onde tinhamos de marchar. Uma forte columna de cavallaria veiu cortar-nos o passo, e uma voz forte e sonora, á sua frente, gritou: *Viva la Patria!* Este brado foi logo respondido com o grito geral de *Viva o Imperador!*, e com um marche-marche tão cheio de furor, que o inimigo deu costas e foi buscar longe o abrigo de outras fôrças» (barão de Caçapava, mss. cit.). O exército brasileiro acampou, á meia-noite, no Passo do Caciquí, conduzindo toda a sua artilharia, menos uma peça, que foi abandonada durante a marcha, por ter as rodas quebradas; no dia seguinte (21), proseguiu a retirada para o Passo de S. Lourenço, no Jacuhí, onde chegou a 2 de Março, ficando em S. Sepé parte da cavallaria, com o general Barreto. O exercito argentino não incommodou essa retirada, e na mesma tarde de 20 contramarchou, indo acampar no Passo do Rosario, onde deixara suas bagagens; apenas o general Lavalleja, com 2.000 homens de cavallaria, acompanhou de longe o nosso exercito, até ás 6 1|2 da tarde, sem disparar um tiro. O boletim n. 5, de Alvear, diz que «una gran parte de la caballería siguió en persecución del enemigo hasta media noche» e que «el resto del ejército campó sobre unas isletas inmediatas á Caciquey». O general Luiz Monuel de Lima e Silva («Campanhas de 1825 a 1828», mss.), por informações de moradores do Passo do Rosario, desmente essas inexactidões do boletim; porém ha testimunho mais insuspeito ainda, o do general argentino Paz, que, em carta de 26 de Maio de 1828, escreveu o seguinte:—«Me llené de un profundo pesar, cuando la tarde de la batalla contramarchamos al Passo del Rosario y permanecemos la maior parte del 21... El 22 á media noche llegamos á Caciquey» («Papeles varios sobre Buenos-Aires», vol. de 1811-1835, n. 78, na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro). O exército ar-

gentino entrou em S. Gabriel no dia 26 e ahi descansou trez dias. No 1º de Março começou a sua retirada para Corrales, territorio da actual Republica do Uruguái. A nossa perda na batalha, segundo a relação official, foi de 172 mortos (general barão de Serro-Largo; majores Severino de Abreu, commandante do 24º de cavallaria, e Bento José Galamba, fiscal do 4º de caçadores; 4 capitães, 3 tenentes, 1 ajudante, 3 alferes, 1 cirurgião e 157 inferiores e soldados), 91 feridos, que accompanharam o exército em sua retirada (general Gustavo Brown, levemente; tenentes-coroneis Lamenha Lins, commandante do 18º de caçadores, Freire de Andrade, do 4º, e Albano de Oliveira Bueno, de milicias; 3 capitães, 3 tenentes, 1 ajudante, 3 alferes e 77 inferiores e soldados) e 74 prisioneiros, quasi todos feridos (2 cirurgiões-móres, 1 capitão de artilharia, 1 primeiro-tenente de artilharia, 1 alferes de cavallaria e 69 inferiores e soldados). Total: 347 homens. Mas, como nesses algarismos não se comprehende a perda que tiveram o corpo de voluntarios, o 24º e o 39º de milicias e a guarda da bagagem, póde-se calcular que houve uns 200 mortos, 150 prisioneiros ou feridos deixados no campo, 91 feridos que accompanharam o exercito, e 800 dispersos ou extraviados, entre os quaes os doentes que estavam no hospital. Com os extraviados, tivemos fóra de combate 1.300 homens, pois o exército se retirou com 4.700 combatentes. O exercito argentino propriamente dicto teve 147 mortos (general Brandzen, tenente-coronel Bezares, 16 capitães e subalternos) e 231 feridos (23 officiaes, entre os quaes o coronel Olavarria e outro chefe); a cavallaria oriental teve 64 mortos (9 officiaes, sendo um delles o major Berro) e 100 feridos (10 officiaes, entrando nesse número o coronel Leonardo Olivera e o tenente-coronel Adriano Medina). Total: 211 mortos (1 general, 2 chefes e 24 outros officiaes), e 331 feridos (4 chefes e 29 capitães e subalternos), ou sejam 542 homens fóra de combate. Tanto o officio dirigido por Alvear ao ministro da Guerra, como o boletim n. 5, assignado pelo seu chefe do estado-maior, dizem que foram tomadas aos Brasileiros 2 bandeiras e 10 peças de artilharia. Durante a batalha, apenas os 5 batalhões de caçadores levaram suas bandeiras, e nenhuma dellas se perdeu: os quadrados da nossa infantaria repelliram todas as cargas do inimigo. Os corpos de cavallaria, porém, entraram em combate sem os seus estandartes, depositados em S. Gabriel na bagagem, e foi em alguma das carretas da retaguarda que o inimigo encontrou as 2 insignias, a que se referem os citados documentos. Quanto á artilharia, a declaração dos dous generaes foi uma inqualificavel invenção. Todos os officios escriptos pelos generaes e chefes brasileiros logo depois da batalha, todas as descripções escriptas mais tarde por Brasileiros (generaes L. M. de Lima e Silva, barão de Caçapava, Elisiario Brito e Emilio Mallet,

in mss. da nossa coll.) e por officiaes extrangeiros ao nosso serviço, são accordes em declarar que apenas abandonámos na retirada *uma peça*, que não podia ser conduzida. Como o testimunho dos officiaes extrangeiros, que estiveram na batalha, será considerado mais imparcial e veridico, transcreveremos aqui o que elles dizem sôbre esta questão da artilharia. O capitão Seweloh (depois coronel) afirma que apenas uma peça foi abandonada: — «Encravámos e abandonámos *uma peça*, cujas rodas se quebraram». E, tractando da marcha do dia 21, accrescenta: — «Os *11 canhões* eram puxados pelos restos do 24° de cavallaria, por meio de laços, para ajudar as mulas» («Erinnerungen», mss. já cit., pags. 3ª do fol. 16 e 1ª do fol. 21; dêste mss. foi publicada uma traducção no t. XXXVII da «Revista do Instituto», mas sem as numerosas plantas do original que possuimos. O auctor anonymo dos «Beiträge zur Geschichte des Krieges zwischen Brasilien und Buenos-Ayres in den Iahren 1825-1828 von einem Augenzeugen» (attribue-se este trabalho ao capitão barão Carl de Leenhof) analysa a parte official do general argentino: — «Alvear diz, na sua participação muito laconica de 21 de Fevereiro: *O exercito republicano encontrou-se com o imperial no campo de Ituzaingo; este ultimo teria 8.500 homens e combateu por 6 horas; deixou no campo de batalha 1.200 cadaveres e 10 canhões; a nossa perda não chega a 400 homens*». E' possivel que 1.200 mortos e feridos tenham ficado no campo de batalha, mas não 1.200 mortos sómente, e naquelle número de mortos e feridos devem estar comprehendidas as perdas dos dous exercitos... Quanto aos 10 canhões tomados, este algarismo resulta de algum engano de copista, ou de um dêsses erros intencionaes dos que, redigindo boletins, não consideram caso de consciencia um zero de mais ou de menos, pois, na verdade, apenas *uma peça* não poude seguir a retirada, pelo mau estado do seu reparo: não foi, portanto, tomada pelo inimigo, mas caïu em seu poder» (pags. 234, *in fine*). O tenente Car Seidler («Zehn Jahre in Brasilien», pags. 154 do vol. I, diz: — «... Os soldados, ainda que mortos de cansaço, puxavam 11 canhões... Apenas *um canhão*, cujas rodas se quebraram, caïu em poder do inimigo. Este foi o seu unico trophéo da jornada...» Porém ha documento ainda mais importante e decisivo. E' uma carta autographa do general Lavalleja, datada de 26 de Março, na qual se lê o trecho seguinte: — «... Dije en mi anterior que se habian tomado al enemigo cinco piezas de artillería, pero esta noticia fué por la relación que me hizo el general al día seguiente de la acción (no mesmo dia 21, annunciava ao seu govêrno a tomada de 10 peças e a Lavalleja a tomada de 5). Es verdad que nosotros en varias cargas dejamos á nuestra retaguardia piezas de artillería,, pero probablemente deben haberlas vuelto á tomar

los enemigos, *pues no aparece más que una*» («*Memoria de la* expedición del general Lavalleja...», autographos da coll. Angelis, *in* Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro).

1835.— Continua o combate, em Belém do Pará, entre os partidarios de Francisco Vinagre e os de Malcher (veja o dia anterior). A esquadra recomeçou, pela madrugada, o fogo, que suspendera na noite anterior (veja o dia seguinte).

1854.— Succedendo a Joaquim Villela de Castro Tavares toma posse do cargo de presidente da provincia do Ceará Vicente Pires da Motta, que a 13 de Outubro do anno seguinte foi substituido por Francisco Xavier Paes Barreto.

1865.— Bloqueada a praça de Montevidéo desde 2 de Fevereiro, 18 dias depois capitula, entregando-se ás tropas brasileiras, que se compunham de 8.498 homens, dos quaes 4.498 de infantaria. Expirado a 14 de Fevereiro o periodo governamental de d. Atanasio C. Aguirre, foi eleito no dia seguinte d. Tomás Villalba, com quem assignou o ministro do Brasil, conselheiro José Maria da Silva Paranhos (depois visconde do Rio-Branco), a 20 de Fevereiro, o convenio que punha termo á intervenção do Brasil no Estado Oriental do Uruguái. Em virtude dêsse pacto, transferiu d. Tomás Villalba o poder ao general d. Francisco Caraballo, que, 24 horas depois, o resignava em mãos do general d. Venancio Flores, o qual, entrando triumphalmente em Montevidéo no dia seguinte, assumiu ahi o titulo de «Governador provisorio». A Republica do Uruguái, até então nossa inimiga, passou a ser nossa alliada contra o Paraguái, firmando-se para isso, com ella e a Argentina, o tractado de 1° de Maio de 1865. O convenio de 20 de Fevereiro de 1865 deu ensejo á immediata demissão do representante brasileiro que o negociara e provocou largos debates na imprensa e no parlamento (veja «Biographia de José Maria da Silva Paranhos» pelo barão do Rio-Branco, a qual, deixada inédita, está sendo estampada na «Revista Americana», anno VI, 1917).

21 DE FEVEREIRO

1560.— Tendo partido da Bahia a 16 de Janeiro, chega nesta data á bahia de Guanabara, trazendo a seu bordo o governador-geral Mem de Sá, a esquadrilha portugueza que, sob o commando de Bartholomeu de Vasconcellos, se destinava a expulsar os Francezes, aqui installados desde 1555. O combate, porém, só se iniciou a 15 de Março (veja essa data).

1755.— Por procuração, toma posse do cargo de coadjutor e futuro successor do bispo do Rio de Janeiro (era então d. frei Antonio do Desterro Malheiro) d. Vicente da Gama Leal, que

não veiu nunca á sua diocese, exercendo em Portugal outro posto rendoso e elevado.

1795.—Nascimento de Francisco Manuel da Silva, no Rio de Janeiro. O notavel musico, auctor do *Hymno Nacional,* falleceu nesta mesma cidade a 18 de Dezembro de 1865 (veja essa data).

1820.—Nasce em Belém do Pará Hilario Maximiano Antunes de Gurjão, que, ferido gravemente na batalha de Itororó (8 de Dezembro de 1868), onde como general commandou uma das divisões do nosso exército, veiu a fallecer em Humaitá, a 17 de Janeiro de 1869 (veja essa data).

1822.—Rende-se afinal, na manhã dêste dia, o forte de S. Pedro, entregando-se á prisão o brigadeiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães, que logo depois foi deportado para Portugal, seguindo a bordo da galera *S. Gualter*. Quanto ás victimas dessas luctas sangrentas de 19 e 21 de Fevereiro de 1822, na Bahia, eis o que diz Varnhagen («Historia da Independencia», pags. 364):—«Foram muitas as mortes e quasi innumeraveis as desgraças soffridas pela cidade. Calculou-se o número dos mortos em mais de 60 das tropas brasileiras e 40 e tantos das portuguezas. Invadiram-se muitas casas, atropelaram-se cidadãos tranquillos, e foram até pelos sectarios de Madeira profanados claustros. A abbadessa da Lapa morreu brutalmente assassinada na poncta de uma baioneta. As freiras das Mercês foram obrigadas, em meio do fogo, a deixar o seu convento e a passar-se para o da Soledade». Chegando ao Rio de Janeiro, nos primeiros dias de Março, a noticia dêsses tristes acontecimentos, foram promovidas e realizadas pelos Brasileiros pomposas exequias, a que compareceram o principe-regente e a esposa, prégando eloquentemente o padre-mestre frei Sampaio.

1824.—No palacio da presidencia da provincia de Pernambuco reuniram-se nesta data os representantes das camaras municipaes de Olinda, Recife, Iguaraçú, Páo de Alho, Cabo, Limoeiro e Serinhaen, resolvendo que continuasse no govêrno Manuel de Carvalho Paes de Andrade, «visto não ter logar a posse pretendida pelo capitão-mór Francisco Paes Barreto, por estar o negocio affecto a Sua Magestade Imperial, pela representação dirigida pelo collegio eleitoral, congregado aos 8 dias do mez de Janeiro dêste anno» («Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXIX, p. 2.ª, 157). Esta deliberação provocou o pronunciamento militar, dirigido pelos majores Antonio Corrêia Seara e Bento José Lamenha Lins, a 20 de Março, e aos demais successos que precederam a proclamação da *Confederação do Equador,* feita a 2 de Julho.

1827.— Succedendo a Manuel do Nascimento Castro e Silva, toma posse, nesta data, do cargo de presidente da provincia do Rio Grande do Norte José Paulino de Almeida Albuquerque, que teve como substituto Joaquim Vieira da Silva e Sousa (veja o dia seguinte).

1835.— Ao amanhecer, o commandante Eduardo Wandenkolk, de accôrdo com as decisões tomadas em um conselho de officiaes da esquadra fundeada deante de Belém do Pará (veja 19 e 20 de Fevereiro de 1835), manda propor a Francisco Pedro Vinagre a suspensão immediata das hostilidades e uma convenção de paz, cuja unica condição era a entrega da presidencia da provincia ao membro mais votado do Conselho do govêrno ou a quem o povo escolhesse. Eduardo Francisco Nogueira Angelim, que estava preso a bordo desde o dia 19, e era amigo de Vinagre, foi posto em liberdade para o fim especial de encarregar-se da negociação. Um escalér com bandeira de parlamento levou-o á terra, e, pouco depois do seu desembarque, foram arvoradas no Arsenal de Guerra, e em outras posições, bandeiras brancas. Vinagre reuniu logo um conselho, que tomou as seguintes resoluções: demissão do tenente-coronel Felix Antonio Clemente Malcher, «pelas arbitrariedades e actos inconstitucionaes que practicara durante o seu govêrno»; annullação da acta de 7 de Janeiro; acclamação do mesmo Francisco Pedro Vinagre para presidente, «até que se apresente aquelle que fôr nomeado pela Regencia em nome de Sua Magestade, continuando egualmente a estar encarregado do commando das armas, como dantes». Neste sentido, lavrou-se uma acta, que começava a ser assignada, quando se ouviram tiros, e, depois, descargas successivas, para o lado do Castello. Cada um dos dous partidos imputou ao contrário a responsabilidade dessa quebra do armisticio. O certo é que os partidarios de Vinagre investiram o Castello e o Hospital Militar, apoderando-se dessas duas posições, e que, dos defensores, só escaparam com vida os poucos que, a nado, tiveram fôrças para alcançar os navios surtos no porto. O primeiro-tenente Cabedo morreu pelejando. Todos os navios de guerra e os mercantes retiraram-se então do ancoradouro da cidade e foram fundear perto de Una. Vinagre encarregou a um capitão da Guarda-Nacional de ir até á esquadra, em um lanchão bem guarnecido, levar o relatorio do que se passara em terra e reclamar a entrega de Malcher e de todas as pessôas que, por ordem dêste, se achavam retidas a bordo. Esta requisição foi attendida; mas, quando o lanchão se approximava de terra, recebeu Malcher, de uma canôa que saíra ao seu encontro, um certeiro tiro, que o matou instantaneamente. O govêrno de Francisco Pedro Vinagre extendeu-se de 21 de Fevereiro a 26 de Junho, data em que tomou posse o marechal Manuel Jorge Rodrigues (depois barão de Taquarí).

1853.— Segundo affirma Teixeira de Mello em suas «Ephemerides», nesta data é que chega ao Rio de Janeiro «o famoso diamante achado na Bagagem, Minas-Geraes, e ao qual se deu o nome de *Estrella do Sul*. Pertencia a Casemiro José de Moraes. Foi depositado no Banco Commercial e avaliado em cêrca de 2.000:000$000 da nossa moeda».

1861.— Fallece, na cidade do Serro, Minas-Geraes, Aureliano José Lessa, nascido em Diamantina no anno de 1828. As suas «Poesias posthumas», editadas por um ermão em 1873, revelam quanto era delicado o seu estro, não obstante os defeitos que lhe aponcta Silvio Roméro, na «Historia da Literatura brasileira».

1865.— Fallece em Porto-Alegre Felix Xavier da Cunha, que nascera no Rio Grande do Sul a 16 de Septembro de 1833. A' similhança de Aureliano Lessa, morreu muito moço este inspirado cytharedo, cujas «Poesias» só vieram a lume em 1874, graças tambem á feliz lembrança de um ermão. Foi egualmente publicado o seu drama «Victor».

1880.— E' desta data o decreto (assignado pelo marquez de Paranaguá, ministro da Guerra do Gabinete de 5 de Janeiro de 1878) approvando o regulamento para o serviço de fortificações do Imperio e para o das guarnições.

22 DE FEVEREIRO

1512.— Fallece em Sevilha, onde exercia o cargo de pilòto-mór do rei de Hispanha, o célebre Amerigo Vespucci, que por mais de uma vez esteve no Brasil, logo após o descobrimento dêste paiz, e teve a fortuna de dar nome a todo o continente revelado por Christovam Colombo. Naturalizara-se hispanhol e desposara Maria Cerezo, que sobrevivendo-lhe, teve a pensão vitalicia de 10.000 maravedis.

1777.— O commandante da posição fortificada de Poncta-Grossa, ameaçado pela esquadra de d. Pedro Ceballos, recorre ao governador de Sancta-Catharina. Este, o commandante das armas Antonio Carlos de Mendonça Furtado e o brigadeiro José Custodio de Sá Faria, reunidos em conselho, accordaram uniformemente em que não era possivel soccorrer aquella fortaleza, que por isso teve de ser abandonada no dia 24 (veja essa data).

1804.— Toma posse da diocese do Maranhão o bispo d. Luiz de Brito Homem, que fallece a 10 de Dezembro de 1813, tendo tido como successor d. frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazareth.

1814.— E' degollado, por ordem de Artigas, a quem servia contra os seus proprios patricios, o tenente-coronel Manuel Pinto Carneiro, nascido no Rio Grande do Sul e official do exército daquelle caudilho (veja 22 de Dezembro de 1811).

1822.— Installa-se nesta data, na cidade de Porto-Alegre, a Juncta governativa da provincia do Rio Grande do Sul, tendo como presidente o capitão-general brigadeiro João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun (depois duque de Saldanha, em Portugal) e como vice-presidente o marechal de campo João de Deus Menna Barreto.

1832.— Succedendo a José Paulino de Almeida Albuquerque, toma posse, neste dia, do cargo de presidente da provincia do Rio Grande do Norte Joaquim Vieira da Silva e Sousa, que foi substituido (a 23 de Janeiro de 1833) por Manuel Lobo de Miranda Henriques.

1839.— E' referendado nesta data pelo ministro da Guerra Sebastião do Rego Barros o decreto, que dá nova organização ao exército brasileiro.

1840.— Empossa-se da presidencia da provincia do Pará João Antonio de Miranda, que succede a Bernardo de Sousa Franco (depois visconde de Sousa Franco) e é substituido (a 4 de Novembro do mesmo anno) por Tristão Pio dos Sanctos.

1846.— Fallecimento do conego Januario da Cunha Barbosa, no Rio de Janeiro, onde nascera a 10 de Julho de 1780. — Redigiu, com Joaquim Gonçalves Ledo, o *Revérbero Constitucional Fluminense*, prestando assignaladas serviços á causa da independencia do Brasil, e foi um dos fundadores do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 1838. Em 1822, foi impresso em Londres o seu poema «Niterói». O busto do conego Januario da Cunha Barbosa, que existe no Instituto Historico, foi feito por Silva Guimarães (Teixeira de Mello affirma que foi por Fernando Petrich) e inaugurado solennemente (com o do marechal Raimundo José da Cunha Mattos) a 6 de Abril de 1848.

— No mesmo logar, dia, mez e anno, fallece Antonio Francisco Dutra e Mello, que nascera no Rio de Janeiro a 8 de Agosto de 1823. Foi um extraordinario trabalhador, que, ao expirar em plena mocidade (e virgem, segundo a tradição) deixou grande número de producções, entre as quaes se distinguiam as poeticas. Foi amigo de João Maximiano Mafra (que lhe fez o retrato, esculpido em Pariz por Hopwood) e de Manuel de Araujo Porto-Alegre, que começou a imprimir-lhe a «Collecção de poesias» (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXXVI, p. 2ª, 185-200).

1868.— Fallecimento de Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, senador por Pernambuco. Fez parte do Gabinete de

2 de Março de 1861 (presidido pelo marquez de Caxias) e dos de 24 de Maio de 1862 e 3 de Agosto de 1866 (presididos por Zacharias de Góes e Vasconcellos), occupando as pastas de Extrangeiros e da Agricultura.

1873.—Substituindo a Pedro Affonso Ferreira, toma posse da presidencia da provincia do Piauhí Gervasio Cicero de Albuquerque e Mello, cujo successor foi Adolfo Lamenha Lins (a 27 de Abril do anno seguinte).

1903.—Fallece no Rio de Janeiro Victor Meirelles de Lima, nascido a 1° de Agosto de 1832 em Sancta-Catharina. Eis o que Laudelino Freire, em seu excellente trabalho «Um seculo de pintura» (fasc. IV, pags. 143-145), diz daquelle grande artista:—«Teve por primeiro mestre o engenheiro argentino d. Mariano Moreno, com que começara a aprender desenho aos 10 annos de edade. A' vista da precoce revelação do seu genio artistico, o conselheiro Jeronymo Francisco Coelho o trouxe para a cidade do Rio de Janeiro, em cuja Academia de Bellas-Artes se matriculara a 3 de Março de 1847. Foi alumno muito applicado, conquistando todos os premios escholares, inclusive o premio de viagem, que alcançara no concurso de 1852. A 10 de Abril do anno seguinte partiu para a Europa, installando-se em Roma, onde, por conselho de Agostinho da Motta e Grandjean Ferreira, se fizera discipulo do professor Minardi... Mais tarde, resolvera Victor tomar como professor o sr. Consoni, da Academia de S. Lucas, com quem, porém, estudou muito pouco tempo. Estando a findar-se o prazo da sua pensão, esta lhe fôra prorogada pelo então director Porto-alegre, que o aconselhara a transferir-se para Pariz, o que fez em Novembro de 1857. Ahi tambem não fôra feliz com o primeiro mestre que escolhera, o sr. Léon Cogniet, passando a estudar com Gastaldi... De 1861 a 1879, que foi a phase aurea das suas manifestações, produziu intensamente e exerceu uma acção sem egual no magisterio artistico, quer official, quer particular. A sua vasta producção está principalmente representada na *Batalha dos Guararapes*, *Combate naval de Riachuelo*, *Passagem de Humaitá*, *Moema*, *Primeira missa no Brasil*, *S. João no carcere*, *Degollação*, *Flagellação do Christo*, *O Juramento da princeza-regente*, em innumeros esbocetos e estudos, e em 83 retratos de personagens illustres... Como professor, nenhum o excedeu na competencia, na dedicação e nos serviços que prestou; nenhum exerceu acção mais util no desenvolvimento do ensino da Pintura, conseguindo, como elle conseguiu, formar maior número de discipulos. A sua vida, dedicou-a toda a seus alumnos e ao cultivo ardoroso da sua arte. Nos seus ultimos annos, pouco antes de fallecer, tentou novo genero de Pintura, até então não executado entre nós, dando-nos, através de exforços inauditos, os seus inolvi-

daveis panoramas. O govêrno do paiz nunca foi indifferente ao merecimento do artista e nunca deixou de o cercar de justa protecção: deu-lhe várias encommendas remuneradas, adquiriu-lhe diversos quadros para a Galeria Nacional e cumulou-o de honras e distincções, taes como o hábito de Christo, a commenda da Rosa e outras».

23 DE FEEREIRO

1700.— O primeiro guarda-mór das minas de ouro, descobertas no quinquennio final do seculo XVII, foi José de Camargo Pimentel, nomeado por Sebastião de Castro Caldas; o segundo foi Garcia Rodrigues Velho, já nomeado por Arthur de Sá Meneses; e este governador, a 23 de Fevereiro de 1700, foi quem nomeou Manuel Lopes de Medeiros para o cargo de guarda-mór das «Minas dos Cataguazes», escolhendo logo depois (a 6 de Março) para o posto de guarda-mór da «Repartição do Rio das Velhas» ao tenente-general Manuel de Borba Gato (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo», XVIII, 406 e 475-476).

1839.— Fallece no Rio de Janeiro o marechal Raimundo José da Cunha Mattos, que nascera em Faro (Portugal) a 2 de Novembro de 1776. Além dos serviços que prestou á sua Patria de origem, foi um devotado amigo do Brasil, tendo sido um dos fundadores do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a cuja installação sobreviveu apenas cêrca de tres mezes. Deixou varios mappas e escriptos historicos, que sobremodo o recommendam. Teixeira de Mello, Sacramento Blake e outros dão-lhe o passamento a 2 de Março, por ter sido na sessão dêsse dia que o conego Januario da Cunha Barbosa communicou a triste noticia ao Instituto Historico.

1844.— Fallece em Sanctos o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, que alli fôra baptizado a 27 de Junho de 1775, anno em que nasceu naquella cidade paulista. Era ermão e genro de José Bonifacio, o patriarcha da Independencia. Formara-se em Mathematicas na Universidade de Coimbra e fôra nomeado inspector das minas e mattas da capitania de S. Paulo. Em 1821 foi, na sua provincia natal, secretario da Juncta de Govêrno, a qual tinha por presidente João Carlos Augusto do Oyenhausen (depois marquez de Aracatí) e por vice-presidente José Bonifacio. Em consequencia das luctas que terminaram pela «bernarda de Francisco Ignacio», occorrida a 23 de Maio em S. Paulo, retirou-se dalli Martim Francisco, que, apenas chegado ao Rio de Janeiro, foi logo (a 4 de Julho) chamado a gerir a pasta da Fazenda do Gabinete de 16 de Janeiro de 1822, presidido por seu ermão e que se conservou no poder até 17 de Julho de 1823. Desempenhava esse elevado cargo, quando

foi eleito, pela provincia do Rio de Janeiro, deputado á Constituinte. Dissolvida esta a 12 de Novembro, foi deportado para a Europa, com seus ermãos e amigos mais devotados. Voltando do exilio, elegeu-o Minas-Geraes seu representante na Camara temporaria (2ª legislatura, 1830-1833), o que tambem depois fez S. Paulo (4ª legislatura, 1838-1841). Constituindo o 1º Gabinete após a Maioridade, foi elle o titular da pasta da Fazenda, durante o curto periodo de vida do Ministerio, isto é, de 24 de Julho de 1840 a 23 de Março de 1841. Tinha sido eleito por S. Paulo para a Camara dissolvida antes de reunir-se, em 1842. Referindo-se a Martim Francisco em sua «Historia da Independencia» (a pags. 169), Varnhagen, embora lhe aponete defeitos, diz que, «felizmente para a sua memoria, grangeou sempre reputação da mais illibada probidade». Morreu pobre. Deixou algumas memorias e discursos, entregues á publicidade, e alguns dos seus escriptos lhe valeram o fazer parte do quadro social do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

1865.—D. Venancio Flores, governador provisorio da Republica do Uruguái, em attenção aos serviços que lhe prestou o Imperio, dá, neste dia, a mais solenne reparação ao insulto de que fôra objecto a bandeira brasileira a 7 de Fevereiro (veja essa data), nas ruas de Montevidéo. A satisfacção official consistiu em ser içada no forte de S. José, ás 9 horas da manhã, a nossa bandeira, em meio de uma salva de 21 tiros. Na mesma data declarou sem effeito os decretos expedidos pelo govêrno de Aguirre, que suspendiam o *exequatur* aos agentes consulares do Imperio e annullavam os tractados existentes entre o Brasil e o Uruguái.

1878.—Succedendo a Joaquim Bento de Oliveira Junior, toma posse do cargo de presidente da provincia do Paraná Rodrigo Octavio de Oliveira Meneses, a quem substituiu (em 23 de Abril do anno seguinte) Manuel Pinto de Sousa Dantas.

24 DE FEVEREIRO

1684.—Estala a rebellião maranhense, dirigida por Manuel Beckman. Este, auxiliado por cêrca de 60 cumplices, aproveitando-se de uma procissão religiosa que se realizava á noite, depõe o capitão-mór Balthasar Fernandes (que substituia em S. Luiz ao governador do Estado, Francisco Sá e Meneses, então no Pará), organiza, para governar a capitania, uma Juncta triunviral, expulsa os Jesuitas e declara extincta a Companhia do Commercio do Maranhão, creada em 1682 na metropole e que tinha o monopolio da importação e exportação. Pouco durou esse estado de cousas, porque chegando a S. Luiz, em 15 de Maio do anno seguinte, o novo governador,

Gomes Freire de Andrade, já estava de todo amortecido o impeto revolucionario. Aberta a devassa e condemnados á pena última os cabeças do movimento sedicioso, — Manuel Beckman (victima de traição de um seu protegido, Lasaro de Mello) e Jorge de Sampaio foram decapitados na capital maranhense, a 2 de Novembro de 1685 (veja essa data), tendo sido executado em effigie Francisco Dias Deiró.

1775. — Nasce na quinta de Olaia (termo da villa de Ourém, Portugal) Francisco Cordeiro da Silva Torres e Alvim, que adoptou como Patria o Brasil, onde, depois de importantes serviços, falleceu com o posto de marechal de campo e o titulo de visconde de Jerumirim.

1777. — Fallece em Lisbôa, aos 62 annos de edade e após 27 annos de reinado, — cujo esplendor proveiu principalmente do seu grande ministro, o marquez de Pombal, — d. José, que deixa a corôa á sua filha d. Maria, a primeira soberana dêsse nome e a primeira mulher que subiu ao throno portuguez.

— Em virtude de um conselho que se reuniu na noite de 23 para 24, ficou resolvido o abandono da fortaleza de Ponta-Grossa (veja 21 de Fevereiro), atacada por 6 regimentos, com 12 peças, das tropas hispanholas, além da esquadra de Ceballos, que estava á vista. Occupam-n-a, portanto, nesta data, os Castelhanos, que tambem investem a fortaleza de Sancta-Cruz (veja o dia seguinte).

1823. — São elevadas nesta data á categoria de cidades, por decreto imperial, todas as villas que eram capitaes de provincias.

1824. — Ignacio Accioli de Vasconcellos, primeiro presidente da provincia do Espirito-Sancto, toma posse neste dia. Teve por successor (a 23 de Novembro de 1829), o então visconde da Praia-Grande, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, depois marquez.

1827. — *Combate naval do Banco das Palmas.* — Commandava as fôrças brasileiras o chefe de divisão João Carlos Pedro Prytz (veja 18 de Novembro de 1862) e muito se distinguiu nesse encontro o capitão de mar e guerra João Francisco de Oliveira Botas (veja 18 de Dezembro de 1833). Eis como Garcez Palha relata essa acção em suas «Ephemerides navaes»: — «A's 9 horas da manhã, a esquadra de Brown suspende do fundeadouro de Conchillas, para atacar os brasileiros surtos em Quilmes, e ás 4 ½ da tarde travou-se o combate, que se prolongou até ao pôr do sol. João Antonio de Oliveira Botas, que tão célebre se tornara no Reconcavo da Bahia em 1823, confirma mais uma vez, a bordo do *Pirajá*, a reputação, que gosava, de valente e denodado. Segundo as partes officiaes ar-

gentinas, tiveram nossos adversarios 7 homens mortos e 10 feridos. Os imperiaes perderam nesse dia a escuna *2 de Dezembro*, do commando de José Narciso Brum. Incendiada durante o combate, ardeu tão rapidamente, que de sua tripulação apenas 3 praças puderam ser salvas e recolhidas pela escuna *Sarandí*».

1838.—*Combate de S. Gonçalo* (guerra dos Farrapos).—Em número de mais de 1.000 homens das tres armas, tentam os rebeldes, commandados por Netto e Crescencio, forçar a passagem do rio S. Gonçalo, em cuja margem construiram, para aquelle fim, uma bateria. Foi esta posição bombardeada pelas canhoneiras ns. 1 e 6, ao mando, respectivamente, dos primeiros-tenentes Manuel Maria de Bulhões Ribeiro e Antonio José Francisco da Paixão, que collocaram aquellas embarcações ao alcance da metralha do inimigo. Durou o fogo desde as 4 horas da tarde até ao escurecer, vendo-se os rebeldes na contingencia de abandonar o forte, que, segundo Garcez Palha, «*cheio de sanguinolentos vestigios do combate, foi arrasado*».

1849.—Succedendo a Antonio Joaquim de Siqueira, toma posse do cargo de presidente da provincia do Rio Grande do Norte Benevenuto Augusto de Magalhães Taques, que foi substituido (a 2 de Dezembro do mesmo anno) por José Pereira de Araujo Neves.

1860.—Installa-se o Instituto Historico e Geographico Riograndense, sob a presidencia do tenente-general barão de Porto-Alegre (depois conde).

1868.—Os encouraçados *Bahia* e *Barroso* e o monitor *Rio-Grande*, sob o commando do barão da Passagem, tendo percorrido 65 leguas, nesta data se approximam de Assumpção; e, cumprida assim a sua missão de reconhecimento tanto do rio como da capital paraguaia, regressa a esqadrilha no dia 26 ao ancoradouro de Tají.

1876.—Succedendo a Antonio dos Passos Miranda, empossa-se da presidencia da provincia de Sergipe João Ferreira de Araujo Pinho, a quem substituiu (em 15 de Março de 1878) Francisco Ildefonso Ribeiro de Meneses.

25 DE FEVEREIRO

1652.—Attendendo a um pedido dos respectivos colonos, a metropole, por provisão desta data, declara extincto o Estado do Maranhão, ficando cada uma das capitanias da corôa, Maranhão e Pará, sujeita a um capitão-mór, nomeando-se para aquella Balthasar de Sousa Pereira e para a segunda Ignacio do Rego Barreto. Durou pouco esta situação, porque novo acto

regio, de 25 de Agosto de 1654, restaurou o Estado do Maranhão, qual era antes da provisão de 25 de Fevereiro de 1652.

1680.—São descobertas, neste dia, as minas de ouro de lavagem do ribeirão de Curitiba pelo paulista Salvador Jorge Velho, que morreu opulento em Parnahiba a 27 de Novembro de 1705.

1761.—A 3 de Septembro de 1759, foram os Jesuitas declarados proscriptos, exterminados, desnaturalizados e expulsos de Portugal e seus dominios; e, como um consectario natural dessa medida, uma carta régia de 25 de Fevereiro de 1761 mandou que fossem confiscados e incorporados na corôa todos os bens pertencentes aos padres da Companhia de Jesús, excepto os applicados ao culto divino ou sujeitos a encargos pios.

1777.—Cumprindo ordens de d. Pedro de Ceballos, dirige-se d. Ventura Caro á fortaleza de Sancta-Cruz, da ilha de Sancta-Catharina, onde só encontra o commandante, accompanhado de 5 pessôas, que são immediatamente aprisionadas. Occupa-a e guarnece-a o referido capitão hispanhol, que no mesmo dia se apodera do forte da ilha de Ratones, por tambem acha-lo abandonado.

1778.—E' declarada extincta, por uma carta régia desta data, a «Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão», instituida em 1755 com o capital de 1.200.000 cruzados e que, segundo Varnhagen («Historia Geral», II, 967), «fez surgir estas duas capitanias do definhamento em que jaziam». Durou quasi um seculo a liquidação das contas da referida empresa.

1800.—Succedendo a Tristão da Cunha e Meneses (este e seu ermão Luiz da Cunha e Meneses administraram a capitania desde 1778) toma posse do govêrno de Goiaz d. João Manuel de Meneses, que foi substituido, 4 annos depois, pelo conde de Palma (veja 26 de Fevereiro de 1804).

1807.—E' elevado á categoria de capitania-geral o territorio do Rio Grande do Sul, com a denominação de «Capitania de S. Pedro», subordinada ao vice-rei do Estado do Brasil. Nomeado na mesma data para seu primeiro capitão-general, só em 9 de Outubro de 1809 é que d. Diogo de Sousa recebe o govêrno das mãos do seu antecessor Paulo José da Silva Gama (depois barão de Bagé). A nova capitania teve Porto-Alegre como capital. D. Diogo de Sousa exerceu o cargo até 1814.

1814.—Por alvará regio desta data, é creada na capitania de Goiaz (e não na de Matto-Grosso, como erradamente affirma T. de Mello em suas «Ephemerides») a villa de S. João da Palma, erecta no mesmo logar da antiga povoação denominada Barra da Palma, que fôra destruida pelos Indios na occasião em que os habitantes estavam na egreja a ouvir missa (veja

«Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXXVII, p. 1ª, 332 e 335).

1826.—W. Brown, com a sua esquadra, composta da fragata *25 de Mayo* (capitanea, 36 canhões), dos brigues *Congresso, República, Belgrano* e *Balcarce* (16 canhões cada um dos dous primeiros e 14 cada um dos dous ultimos) e da escuna *Sarandí* (7 canhões), entra na enseada da Colonia do Sacramento, que já estava sitiada por 400 homens, ao mando de d. Ramón de Cáceres, e, por um officio, intima ao commandante da praça, que era o brigadeiro Manuel Jorge Rodrigues (depois barão de Taquarí), a rendição da mesma, ao que respondeu o general brasileiro que—«a sorte das armas é que decide da sorte das praças» (veja o dia seguinte).

1834.—Nascimento (que Blake attribue a 25 de Janeiro) de Agrario de Sousa Meneses, na cidade da Bahia, onde falleceu a 23 de Agosto de 1863, fulminado por uma congestão cerebral. Escreveu muitas peças theatraes, entre ellas o drama historico em verso «Calabar».

1878.—Succedendo a Henrique Pereira de Lucena (depois barão de Lucena), assume a presidencia da provincia da Bahia o barão Homem de Mello, que teve como substituto, no anno seguinte (a 20 de Janeiro) Antonio de Araujo Aragão Bulcão.

26 DE FEVEREIRO

1629.—Segundo assevera Azevedo Marques («Apontamentos», II, 228), nesta data é que fallece Francisco Lopes Pinto, um dos fundadores e proprietarios da fundição de ferro de Biraçoiaba (que é hoje a fabrica de Ipanema), da qual era socio d. Antonio de Sousa, filho do governador d. Francisco de Sousa. Por morte de Francisco Lopes Pinto, extingue-se a pequena fundição de ferro que elle havia montado em Ibirapuera (hoje Sancto-Amaro), de parceria com o seu cunhado Diogo de Quadros.

1676.—Fallecimento de Diogo Gomes Carneiro, em Lisbôa. Nascera no Rio de Janeiro a 9 de Fevereiro de 1618 (ou 1628, segundo J. M. de Macedo, no seu «Anno biographico») e foi nomeado «chronista-mór dos Estados do Brasil». Publicou alguns trabalhos, versões ou originaes, estes desde o titulo eivados de gongorismo.

1804.—Succedendo a d. João Manuel de Meneses (veja o dia anterior), toma posse do govêrno da capitania de Goiaz d. Francisco de Assis Mascarenhas (conde de Palma e depois marquez de S. João da Palma), que é substituido (a 26 de Novembro de 1809) por Fernando Delgado Freire de Castilho.

1808.— Parte da Bahia, com destino ao Rio de Janeiro, a esquadra portugueza que alli aportara a 22 de Janeiro e que trazia a seu bordo o principe-regente d. João, depois d. João VI.

1816.— Errando na data e na denominação do navio, a este dia attribue Teixeira de Mello, em suas «Ephemerides», a chegada dos artistas francezes que, sob a direcção de Lebreton, vieram installar no Rio de Janeiro uma Academia de Bellas-Artes, quando o certo é que aportaram á capital brasileira em 26 de Março de 1816 (veja essa data).

1821.— Pronunciamento da guarnição militar do Rio de Janeiro em favor do movimento constitucionalista de Portugal. Delle tambem faziam parte os padres Marcellino José Alves Macambôa (bacharel pela Universidade de Coimbra) e Francisco Romão de Góes, além de outros Portuguezes. Conseguiram os revoltosos que d. João VI, por um decreto antedatado, adoptasse a constituição que estava sendo elaborada pelas Côrtes de Lisbôa e que o soberano e os principes jurassem solennemente o dicto pacto politico. Eis como Varnhagen, na «Historia da Independencia» (pags. 67-68), depois de relatar as imposições, para aquelle e para a mudança de Ministerio e de altos funccionarios, feitas pelos sublevados, narra o exito que alcançaram: — «Pelas 7 horas, voltou o principe de S. Christovam, trazendo, além do decreto de revogação, com a data de 24 em vez de 26, a lista dos 12 novos ministros e altos funccionarios, que entre applausos foi recebida pela multidão. Foram, pois, nomeados: o vice-almirante Ignacio da Costa Quintella para a pasta do Reino; o vice-almirante Joaquim José Monteiro Torres para a da Marinha; Silvestre Pinheiro Ferreira para a dos Extrangeiros e Guerra; o conde da Louzã, d. Diogo Meneses, para presidente do Erario; o bispo capellão-mór era feito presidente da Mesa da Consciencia; Antonio Luiz Pereira da Cunha, intendente geral da Policia; José Caetano Gomes, thesoureiro-mór; o velho e integro desembargador Sebastião Luiz Tinoco, fiscal do Erario; José da Silva Lisbôa, inspector geral dos estabelecimentos literarios; João Rodrigues Pereira de Almeida, director do Banco pela Fazenda Real; o velho José de Oliveira Barbosa, commandante da Policia; o visconde de Assêca, presidente da Juncta do Commercio. Faltava substituir o general das armas, e Silvestre Pinheiro Ferreira lembrando o nome do seu amigo Carlos Frederico de Caula, em logar do *Grão-de-bico*, foi este acceito por todos.» E, depois de estampar na integra o decreto datado de 24 de Fevereiro de 1821, assim conclue Porto-Seguro: — «A circunstancia da ante-data, num decreto arrancado á Magestade naquelle mesmo instante, pareceu a alguns, e talvez não sem razão, digna de censura. Em seguida, foi convocada a municipalidade ao vizinho edificio do theatro, onde o principe, seu ermão d. Miguel e os militares

e povo passaram a prestar juramento; o que tambem depois executou el-rei, a quem o principe real foi pessoalmente rogar que viesse com elle ao Rocio, donde logo se viu conduzido ao Paço da Cidade, em meio de enthusiasticos tumultos, para elle extranhos e pouco agradaveis».

1826.—*Ataque á Colonia do Sacramento.*—Acha-se este episodio narrado pelo dr. Muzzio no *Correio Mercantil* de 9 de Março de 1856, donde tambem o extractou Garcez Palha para as suas «Ephemerides Navaes»:—«Ao amanhecer do dia 26, todos estavam em seus postos: Mariath no reducto do Tambor, com Manuel Jorge Rodrigues; os segundos-tenentes Antonio Leocadio do Couto na bateria de Sancta-Rita, Joaquim José Ignacio a bordo e José Ignacio de Sancta-Rita na bateria de S. Pedro. A esquadra bonaerense approximava-se pelo lado de SE., debaixo do mais vivo fogo, a que intrepidamente respondia. Ao passar a ponta de S. Gabriel, o brigue *Belgrano*, afastando-se da formatura, encalhou, e, apesar dos exforços das embarcações pequenas mandadas em seu auxilio, e do denodo de seu commandante, a quem uma bala do forte de Sancta-Rita cortou a existencia, quando tractava de salvar o vaso que lhe fôra confiado, adernou sôbre BB. e foi abandonado, depois de mortos 9 e feridos 8 homens de sua guarnição. Tal fracasso, como era natural, produziu enorme confusão. As guarnições, occupadas em soccorrer o *Belgrano*, desguarneceram as peças, e a fôrça argentina tornou-se o alvo inerme dos nossos projecteis. Ao almirante Brown occorreu então o mais luminoso expediente. Içou bandeira parlamentaria e dirigiu ao governador uma nova intimação:—*Me parece que es llegado el momento que tendrá efecto el ofrecimiento que hice al Sr. Gobernador en el día de ayer; por consiguiente, espero que en el momento se decida por la justa intimación, y si no sufrirá toda severidad que merece la tenacidad del Sr. Gobernador.*—*Diga ao Sr. General que o dicto, dicto,*—foi a laconica resposta que obteve a insolita nota, e o combate começou de novo, fortemente sustentado pelos Argentinos, que pouco depois se retiraram, indo fundear entre as ilhas de Hornos e fóra do alcance da artilharia da praça. Durante a noite, receioso o capitão-tenente Mariath de que uma enchente inesperada, ou qualquer represa, fizesse nadar o brigue *Belgrano*, tentou incendia-lo. Fez partir com esse fim a escuna *Conceição*; mas, perseguida de perto, longe de lograr seu intento, foi esse navio obrigado a fazer prôa para Montevidéo, levando assim ao vice-almirante a noticia do que se estava passando na Colonia». E termina lamentando que Rodrigo Lobo se deixasse ficar na mais completa inacção, depois de receber aquelle aviso, permittindo que se tornasse precaria a situação daquella praça tão importante.

1835.—Fallecimento do dr. Antonio Gonçalves Gomide, que, por occasião de ser organizada a Camara vitalicia do Imperio, em 22 de Janeiro de 1826, foi escolhido para representar nella a sua provincia natal, Minas-Geraes. Era medico e escriptor, como o patenteiam as suas «Maximas moraes», publicadas postumamente por uma neta.

1845.—Fallecimento do padre Francisco de Brito Guerra, a quem Diogo Antonio Feijó, então Regente do Imperio, escolhera em 10 de Junho de 1837 para representar no Senado a provincia do Rio Grande do Norte.

1846.—Entrada solenne de d. Pedro II e de d. Teresa-Christina, com a sua comitiva, na cidade de S. Paulo.

1875.—Fallece o senador Antonio Rodrigues Fernandes Braga, que, desde 1° de Junho de 1870, representava no Senado a provincia do Rio Grande do Sul. Era magistrado aposentado.

27 DE FEVEREIRO

1711.—Carta régia dirigida ao governador da capitania do Rio de Janeiro, pela qual d. João V determinava a fórma de remessa para as Minas e de venda dos escravos africanos, os quaes, quando vindos de Angola, pagariam de imposto 6$000, e, quando procedentes da Costa da Mina, 3$000 (doc. avulso do Archivo Nacional).

1777.—Tendo assentado, em conselho de officiaes, abandonar-se a ilha de Sancta-Catharina, cujas principaes posições fortificadas já estavam em poder do inimigo, o governador Pedro Antonio de Gama Freitas e o marechal de campo Antonio Carlos Furtado de Mendonça, commandante das armas, passam-se para o continente, com as fôrças de que dispunham, no intuito de incorporar-se ao exército do Rio Grande do Sul, —de modo que nesta data effectua d. Pedro de Ceballos a occupação total da ilha. Eis como Varnhagen («Historia Geral», II, 959) julga acertadamente esse facto:—«Desertou vergonhosamente para o inimigo o tenente José Henriques Cunha; e capitularam o dicto commandante Furtado de Mendonça, José Custodio de Sá e Faria e o coronel do regimento de Pernambuco Pedro Moraes de Magalhães; e, ainda que foram quasi todos absolvidos, mais honrosa lhes ficara a absolvição, si tivessem *combatido* por ella. José Corrêia da Silva, alferes do citado regimento de Magalhães, não querendo passar pela vergonha de render-se, se metteu ao sertão, e foi ter a Pernambuco, com o panno da bandeira que não consentiu ver deshonrada» (veja a «Defesa de Antonio Carlos Furtado de

Mendonça», na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.» XXIX, p. 1ª, 291-331).

1814.—E' nomeado o sargento-mór (depois coronel) Frederico Guilherme de Varnhagen para dirigir a fabrica de ferro de S. João de Ipanema, cargo no qual só se empossa a 21 de Fevereiro do anno seguinte.

1826.—Chega á Bahia d. Pedro I, que alli restaura a calma, perturbada na capital e em toda a provincia pelas animosidades entre nacionaes e portuguezes.

1832.—Succedendo a Bernardo José da Gama (depois visconde de Goiana), toma posse da presidencia da provincia do Pará o brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, cujo substituto, José Mariani, não logrou assumir o exercicio do cargo, por lhe haverem impedido o desembarque em Belém. Mariani accusou de tal violencia o brigadeiro Machado de Oliveira, e este defendeu-se por um opusculo que foi editado no Pará em 1833.

1856.—A Ignacio Joaquim Barbosa succede, nesta data, na presidencia da provincia de Sergipe, Salvador Corrêia de Sá e Benevides, que teve por substituto (em 5 de Agosto do anno seguinte) João Dabney de Avellar Brotero.

1868.—*Reconhecimento, assalto e tomada de Laureles.*—Todas essas operações foram executadas, com o mais feliz resultado, por uma fôrça de cavallaria, ao mando do general Victorino José Carneiro Monteiro, a quem prestaram inestimaveis auxilios, nessa jornada, os tenentes-coroneis Vasco Antunes da Fontoura Chananeco e Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa. A divisão da nossa esquadra, que havia forçado a passagem de Humaitá, secundou a occupação de Laureles, a última posição fortificada que os Paraguaios ainda possuiam entre Humaitá e Jacaré.

1828.—A Francisco de Carvalho Soares Brandão succede, nesta data, na presidencia da provincia do Rio Grande do Sul, José Leandro de Godoy e Vasconcellos, que no mesmo anno (a 28 de Outubro) é substituido por José Antonio de Sousa Lima (depois barão de Sousa Lima).

1890.—Fallece no Rio de Janeiro o barão de Tautphoeus. Tanto era erudito quanto modesto esse notavel pedagogo allemão, que fez parte do corpo docente do Collegio Pedro II e foi um dos fundadores da Sociedade Central de Immigração.

28 DE FEVEREIRO

1565.—Desembarca na bahia de Guanabara, com a expedição destinada a expulsar os Francezes que aqui se haviam installado, Estacio de Sá, que logo lança os fundamentos da

cidade (veja 1° de Março de 1565), transferida em 1567 para o morro depois chamado do Castello.

1592.—E' doada, nesta data, aos frades franciscanos, no Rio de Janeiro, a ermida de Sancta-Luzia, da qual se transferiram pouco mais tarde para o morro de Crispim da Costa, depois chamado de Sancto-Antonio (veja 12 de Abril de 1585). A 20 de Fevereiro de 1607 foi que chegou ao Rio de Janeiro a leva de Franciscanos destinada á fundação do convento; chefiava-a o custodio frei Leonardo de Jesús e della faziam parte 4 religiosos, entre os quaes frei Vicente do Salvador, a quem se deve a primeira «Historia do Brasil».

1640.—«Com uma geral satisfacção dos seus moradores», na phrase de Berredo («Annaes», liv. x, cap. 748), toma posse do govêrno da capitania do Pará o capitão-mór Pedro Teixeira, que acabava de realizar a exploração do rio das Amazonas (1637-1639). Exerceu o cargo até 26 de Maio do anno seguinte, data em que o passou a Francisco Cordovil Camacho. Poucos dias depois morria Pedro Teixeira, com grande magua dos habitantes do Pará.

1644.—Graças ao heroismo de Antonio Muniz Barreiros (que morreu antes de findar-se a campanha a que se votara) e do sargento-mór Antonio Teixeira de Mello, vêem-se os Hollandezes forçados a evacuar a ilha do Maranhão, que haviam occupado a 25 de Novembro de 1641 (veja essa data). Encravaram os invasores a artilharia do forte de S. Luiz, partindo immediatamente em dous navios velhos que estavam no porto; e, deixando no Ceará uma pequena guarnição, ás ordens de Gedeon Morritz, seguiram por terra para o Rio Grande do Norte.

1692.—E' desta data a carta régia, pela qual communicava d. Pedro II á Camara de Natal haver nomeado capitão-mór da capitania do Rio Grande do Norte, por tres annos, a Sebastião Pimentel. Enganou-se Teixeira de Mello, em suas «Ephemerides Nacionaes», attribuindo a este dia a posse do referido capitão-mór, a qual só se verificou a 22 de Agosto de 1692 (veja Vicente de Lemos, «Capitães-móres e governadores do Rio Grande do Norte», I, 59). Falleceu Pimentel no exercicio do cargo, a 3 de Outubro de 1693, substituindo-o, a titulo de interino, Agostinho Cesar de Andrade, até ser provido effectivamente Bernardo Vieira de Mello, herôe da tomada dos Palmares.

1796.—Fallece, em seu posto de governador da capitania de Matto-Grosso, João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que o exercia desde 20 de Novembro de 1789. Assumiu o govêrno uma Juncta provisoria, até á chegada do novo governador, Caetano Pinto de Miranda Montenegro (depois mar-

quez da Praia-Grande), que tomou posse do cargo a 6 de Novembro de 1796.

1827.—Naufragio da corveta *Duqueza de Goiaz* na entrada da barra do Rio-Negro (Republica Argentina).—Informado de que aquelle poncto era o depósito dos objectos tomados aos navios mercantes brasileiros pelos corsarios argentinos, organizou o almirante Rodrigo Pinto Guedes (depois barão do Rio da Prata), afim de capturar ou incendiar as embarcações que encontrasse alli, uma expedição composta de 2 corvetas, *Duqueza de Goiaz* e *Itaparica*, e 2 escunas, *Escudeira* e *Constança*, confiando-a ao capitão de fragata Sheperd. Ao enfrentar a barra do Rio-Negro, a *Duqueza de Goiaz* (que era o navio capitanea) bateu sôbre um banco e submergiu-se com tal rapidez, que a custo poude ser salva uma parte da sua tripulação. A *Itaparica*, que encalhou no mesmo poncto, poude safar-se dias depois, para caïr em poder dos inimigos a 7 de Março (veja essa data).

1828.—Succedendo a Pedro José da Costa Barros, assume a presidencia da provincia do Maranhão Manuel da Costa Pinto. Foi este o terceiro presidente que teve aquella provincia, substituindo-o (a 14 de Janeiro de 1829) Candido José de Araujo Viana (depois marquez de Sapucahí).

—Fallece José de Sá Bittencourt e Accioli, na então villa de Caeté (Minas-Geraes), onde nascera em 1755 (em 1752, segundo Teixeira de Mello). Bacharelou-se em sciencias naturaes na Universidade de Coimbra, e, de retôrno ao Brasil, entregava-se á Ceramica e a estudos de Siderurgia, quando, denunciado como inconfidente, teve de fugir em 1789 de Minas para a Bahia, onde foi preso, julgado e absolvido (dizendo-se que devido a duas arrobas de ouro, com que uma sua tia e protectora o soccorreu em tal emergencia). Estabeleceu-se na Bahia com uma fazenda de plantio de algodão, producto sôbre o qual escreveu e publicou em 1798 uma curiosa memoria, e ainda realizou alli várias explorações officiaes em minas metallicas e nas salitreiras de Monte-Alto. Chamado á terra do berço pela bondosa tia, herdou-lhe a fortuna e alli ficou residindo. Partidario decidido da separação politica do Brasil, auxiliou a lucta pela independencia travada na Bahia, para onde mandou um batalhão, que organizou em Minas-Geraes, no qual alistara 3 filhos seus, entregando-o ao commando do mais velho, o tenente-coronel José de Sá Bittencourt Camara. Além do trabalho relativo ao algodão, escreveu e publicou outras monographias sôbre as jazidas de ferro de Caeté e sôbre as salitreiras de Monte-Alto.

1830.—E' assassinado na Bahia o visconde de Camamú, que, desde 11 de Outubro de 1827, era presidente e commandante das armas daquella provincia.

1845.—Tendo sido decretada, para os que depuzessem as armas, ampla amnistia, em 18 de Dezembro de 1844 (veja essa data), David Canavarro, chefe dos rebeldes do Rio Grande do Sul, depois de reunir em Ponche-Verde um conselho de officiaes de todo o seu exército e obtido o assentimento dos mesmos, proclama a acceitação da mencionada amnistia, nos termos do referido decreto imperial. A 1° de Março (veja essa data), o barão de Caxias proclama, a seu turno, a pacificação da provincia, da qual era presidente e commandante das armas desde 9 de Novembro de 1842.

1854.—E' nesta data que se inicia no Rio de Janeiro o hábito de festejar o carnaval por meio de carros allegoricos e cavalgatas, em logar do antigo entrudo a esguichos de agua e laranginhas de cera.

1858.—Substituindo a Augusto Leverger (depois barão de Melgaço), assume nesta data a presidencia da provincia de Matto-Grosso Joaquim Raymundo de Lamare, que teve por successor (a 19 de Outubro do anno seguinte) Antonio Pedro de Alencastro.

1873.—Fallece em Niterói Joaquim Caetano da Silva, nascido na povoação de Cerrito, hoje cidade de Jaguarão (Rio Grande do Sul) a 2 de Outubro de 1810. Depois de ter concluido em França os seus estudos de humanidades, graduou-se em Medicina pela Faculdade de Montepellier, e, regressando ao Brasil em 1838, foi immediatamente nomeado professor de Portuguez, Rhetorica e Grego do Collegio Pedro II, succedendo em 1839 ao bispo de Anemuria como reitor do dicto estabelecimento de ensino. Em 1851 leu no Instituto Historico, do qual era socio, e em presença do imperador, a sua «Memoria sôbre os limites do Brasil com a Guiana Franceza, conforme o sentido exacto do art. 8° do tractado de Utrecht» (estampada na «Revista», XIV, 421-512). No mesmo anno foi nomeado encarregado de negocios do Brasil perante o govêrno da Hollanda, e em 1854 consul geral no mesmo reino. Além de várias monographias philologicas, medicas e historicas, deu a lume em Pariz, em dous tomos, a sua excellente obra intitulada «L'Oyapock et l'Amazone», na qual, dando o maior elasterio possivel ás suas idéas exaradas na memoria de 1851, deixou patentes os direitos do Brasil ao territorio que lhe disputava a França e que se chamava o «contestado do Amapá». Falando dêsse tabalho verdadeiramente magistral e que tanto serviu ao barão do Rio-Branco para a victoria que nos alcançou naquelle importante e longo pleito, assim se exprimiu J. M. de Macedo, em seu «Anno biographico»: —«Como historica, geographica e diplomatica, essa obra bastaria para a gloria do dr. Silva; mas exalta-se ainda nella o alto mereci-

mento do sabio brasileiro, que a escreveu em francez, como se ufanaria de a ter escripto o mais provecto literato da França».

1877.—Toma assento no Senado, como representante da provincia de Pernambuco, o conselheiro João Alfredo Corrêia de Oliveira, escolhido pela carta imperial de 4 de Janeiro do mesmo anno.

29 DE FEVEREIRO

1536.—Tem esta data o foral passado a Pero de Góes da capitania de 30 leguas, que d. João III lhe doara a 28 de Janeiro do mesmo anno, entre a barra de Macahé (onde terminava o quinhão de Martim Affonso de Sousa) e o baixo dos Pargos ou Itapemirim. Pero de Góes era ermão do célebre Damião de Góes, e de sua letra era o «Diario da Navegação» de Pero Lopes de Sousa, publicado em 1839 por Varnhagen.

1804.—Nasce em Nice Hercules Florence. Vindo para o Brasil em 1824, logo no anno seguinte tomou parte na expedição Langsdorff, de volta da qual desposou uma filha de Francisco Alvares Machado de Vasconcellos, o notavel politico paulista, estabelecendo-se em Campinas, onde falleceu a 27 de Março de 1879. Habil desenhista, precedeu a Daguerre e Diepce no invento dos processos de fixar a figura humana, dos quaes surgiu a Photographia; imaginou diversos systemas de impressão, tendo fundado a primeira typographia que houve em Campinas e na qual se editou o orgam da revolução de 1842; inventou a polygraphia e o papel inimitavel; e foi o primeiro que estudou aprofundadamente, tentando systematiza-la, a linguagem dos animaes inferiores. Além da interessante memoria a esse respeito, intitulada «Zoophonia» (traduzida pelo depois visconde de Taunay e inserta na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXXIX, p. 2ª, 321-336), escreveu tambem o «Esboço da viagem feita pelo sr. de Langsdorff no interior do Brasil desde Septembro de 1825 até Março de 1829» (tambem vertida a vernaculo pelo depois visconde de Taunay e estampada na mesma «Rev.», XXXVIII, p. 1ª, 355-469, e p. 2ª, 231-301, e XXXIX, p. 2ª, 157-182), trabalho que lhe valeu o ser admittido em 1877 no benemerito gremio fundado em 1838. Com o titulo «Um heróe da sciencia — Hercules Florence», publicou Estevam Leão Bourroul em 1901 um vultuoso estudo historico-literario sôbre o sabio francez, que passou em nossa Patria a maior parte da sua longa e utilissima existencia.

1812.—Na então villa (hoje cidade) do Rio-Pardo (Rio Grande do Sul), nasce José Martins da Cruz Jobim, que falleceu no Rio de Janeiro a 23 de Agosto de 1878. Foi medico

da imperial camara em 1831, lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1833 e director da mesma eschola desde 1841 até 1878. Na 7ª e 8ª legislaturas representou a sua provincia natal na Camara dos Deputados, mas em 1851 passou a representar no Senado a provincia do Espirito-Sancto. Publicou varios trabalhos sôbre Medicina e Historia.

1824.— Toma posse da presidencia da provincia de Minas-Geraes José Teixeira da Fonseca e Vasconcellos (depois visconde de Caeté). Foi o primeiro presidente que teve aquella provincia depois de proclamada a independencia do Brasil. Teve por successor (a 18 de Dezembro de 1827) João José Lopes Mendes Ribeiro.

1828.— Eis como relata Garcez Palha, em suas «Ephemerides Navaes», o que nesta data aconteceu a um navio brasileiro: — «O brigue *Bomfim,* do commando do segundo-tenente Justino Venancio da Fonseca, vindo do Pará, conduzindo recrutas e praças de 1ª linha, bate-se desde 7 horas da manhã até ao meio-dia com uma escuna-corsario de Buenos-Aires. Depois de estar com o panno todo cortado por balas e o costado muito arruinado, depois de ter acabado a munição de balas e de ter feito fogo carregando as peças com *raspas, cavilhas, chavetas, estopares* e *taxas de bombas,* e, finalmente, não tendo mais polvora, rende-se o navio, que é saqueado pela tripulação da escuna. Tudo quanto era possivel remover, foi conduzido para o corsario, as peças lançadas ao mar, e só deixaram a giba, intimando o commandante que fizesse exfôrço para encalhar, pois, si de novo o encontrassem, incendiariam o navio. O segundo-tenente Venancio da Silva foi ainda perseguido no dia 4 por outro brigue, que o obrigou a encalhar e salvar a guarnição, desembarcando-a. Depois de novo saque, retirou-se a gente do brigue bonaerense, continuando a *Bomfim* a sua derrota para o Rio de Janeiro».

1865.— Os Paraguaios, que haviam invadido a provincia de Matto-Grosso e occupado na vespera Dourados, chegam nesta data a Albuquerque, cuja guarnição se compunha apenas de 18 homens, commandados pelo tenente Antonio João Ribeiro, que, intimado a render-se, oppõe aos inimigos a mais heroica resistencia, succumbindo gloriosamente com todos os seus companheiros. No mesmo dia, a cavallaria paraguaia, que marchava devastadoramente sôbre Nioac, perseguiu um contingente de cavallaria brasileira, composto de cento e poucos homens, sob o commando do coronel Dias da Silva, a quem se deve a habil retirada feita por sua pequena fôrça.

1868.— E' desta data o decreto (assignado pelo ministro da Marinha, Affonso Celso de Assis Figueiredo, depois visconde

de Ouro-Preto), reorganizando o serviço de Fazenda nos corpos de marinha.

1888.—E' dêste dia o decreto (assignado pelo ministro da Agricultura, Rodrigo Silva) approvando o Regulamento da E. F. D. Pedro II (hoje E. F. Central do Brasil).

1° DE MARÇO

1531.—(A 3 de Dezembro de 1530 partia de Lisboa a frota commandada por Martim Affonso de Sousa, nomeado governador das terras do Brasil e encarregado de fundar uma colonia á margem do rio da Prata. Navegando rumo do Sul, e depois de muitos dias, eis o que seu ermão Pero Lopes de Sousa relata, em seu «Diario da Navegação», com referencia á data que nos serve de epigraphe: — «Sexta-feira primeiro dia do mes de março, com tres naos; sc.: a nao Capitaina; e o galeam *Sam Vicente*, de que era capitam Pero Lobo Pinheiro; e em outra nao de França, que tomamos, ia eu, a que puz nome — *Nossa Senhora das Candeas* — pela tomarmos no mesmo dia de Nossa Senhora: e com o dito vento faziamos o caminho ao sul, e a quarta do sueste. Mandou o capitam I ao galeam *Sam Vicente* que se chegasse bem a terra, até ver se no arrecife de Sam Miguel estavam algũas naos» (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXIV, 21-22). Diz Varnhagen, ao annotar o «Diario da Navegação», que o dia 1° de Março de 1531 caïu numa quarta-feira, e não numa sexta-feira, como affirma Pero Lopes de Sousa.

1532.—E' desta data a carta que de Ruão dirigiu a d. João III o dr. Diogo de Gouvêia, sobre a necessidade urgente de povoar-se o Brasil. Eis um trecho bastante expressivo do que dizia o illustre diplomata: — «A verdade era dar, Senhor, as terras a vossos vassalos, que tres annos ha que si V. A. as dera aos dous de que vos falei; a saber o irmão do Capitão da Ilha de S. Miguel, que queria ir com dois mil moradores lá a povoar, e de Christovão Jacques com mil, já agora houvera quatro ou cinco mil creanças nascidas, e outros moradores da terra casados com os nossos, e é certo que após estes houveram de ir outros moradores, e si, Senhor, vos estorvarão por dizerem que enriquecerião muito... Quando os vossos vassalos forem ricos, os reinos não se perdem por mais se ganhar... porque quando lá houver sete ou oito povoações, estes serão o bastante para defender aos da terra que não vendão o brasil a ninguem e non o vendendo as naus não hão querer lá ir para virem de vazio» (veja Codice n. 170 da Torre do Tombo, existente no archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a pags. 189). Como é sabido, só

annos depois seguiu o monarcha tão salutares conselhos, dividindo o Brasil em capitanias.

1544.— Pedro Martins Namorado toma posse do cargo de juiz pedaneo da villa de Sanctos. Accompanhou depois (em 1565) Estacio de Sá ao Rio de Janeiro, e foi tambem aqui o primeiro juiz ordinario, pedaneo ou da terra. Residiu na Casa de Pedra, na hoje Praia do Flamengo, que foi tambem conhecida pela denominação de Praia de Pedro Martins Namorado.

1565.— Tendo desembarcado na bahia de Guanabara, Estacio de Sá, nesta data, lança os fundamentos da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro na varzea entre o Pão de Assucar e o morro de S. João, outr'ora chamado Cara de Cão.

1567.— Mem de Sá transfere o assento da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro do ponto em que a fundara Estacio de Sá, e que por isso passou a chamar-se Cidade Velha, para o actual morro do Castello, outr'ora chamado morro do Descanso, Alto da Sé, Alto de S. Sebastião e morro de S. Januario. No «Instrumento» de seus serviços, apresentado a d. Sebastião, explica Mem de Sá os motivos que o compelliram áquella transferencia.

1585.—A occupação e conquista da Parahiba ainda se não achavam plenamente asseguradas, apesar das intenções dos governadores Luiz de Brito e Almeida, Lourenço da Veiga e Manuel Telles da Silva e dos serviços de Fernão da Silva (ouvidor-geral), Fructuoso Barbosa, Diogo Flores Valdez, Francisco Castrejon e outros. A' vista das difficuldades que alli oppunham á posse portugueza tanto os Indios Potiguaras como os Francezes, resolveu o ouvidor-geral Martim Leitão pôr-se á frente de uma expedição, destinada a aplainá-las. Em Pernambuco, onde se achava, reuniu 500 homens brancos e muitos selvagens reduzidos, e dalli foi que partiu, conforme nos refere frei Vicente do Salvador, assim dizendo em sua «Historia do Brasil»: — «Com este exercito, que foi a mais formosa coisa que Pernambuco viu, nem sei si verá, foi o Ouvidor dormir no Campo de Igarassú. Ao quarto dia, que foi o primeiro de Março (1585), foi dormir além do rio Taporemas. Cinco dias depois chegou a expedição á campina da Parahyba».

1612.— São desta data duas cartas do governador geral do Brasil ao rei Phillippe III (II de Portugal): — na primeira, dá boa informação do Maranhão, dizendo ser terra muito fertil e utilissima para o contracto, opinando que redundaria em beneficio da corôa o repartirem-se em districtos aquelles territorios; e na segunda elle se queixa do bispo d. Constantino Barradas, a quem, por desobediente, devia

o papa remover quanto antes do Brasil (veja pags. 77-84 e 87 do Codice n. 170 da Torre do Tombo, no archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro).

1627.— Expulsos da Bahia em 1625, os invasores hollandezes, graças á poderosa esquadra de d. Fadrique de Toledo Osorio, volta nesta data o almirante Pieter Heyn a atacar a cidade do Salvador, onde então governava Diogo Luiz de Oliveira. Entrega-se ao inimigo a frota portugueza ancorada no porto, onde o audaz marinheiro batavo se demora 24 dias, retornando alli, ainda uma vez, a praticar novas depredações.

1631.— E' tomado aos Inglezes, nesta data, o forte Philippe, á margem esquerda do Amazonas, pela expedição commandada por Jacome Raimundo de Noronha (veja 28 de Janeiro de 1631).

1747.— Nasce em Jaraguá (Goiaz) Joaquim Xavier Curado, que falleceu no Rio de Janeiro a 15 de Septembro de 1830 (veja essa data), no posto de tenente-general e com o titulo de conde de S. João das Duas-Barras.

1795.— Nascimento de Felix Emilio Taunay (depois barão de Taunay) em Montmorency (França). Falleceu no Rio de Janeiro a 10 de Abril de 1881. Foi um dos preceptores de d. Pedro II e, de 1821 a 1851, regeu a cadeira de paizagem da Academia de Bellas-Artes, da qual foi director de 1834 a 1851. Além de várias télas suas existentes em galerias européas (como *Cora e Alice, Fingal enterrando o neto, O rei Artho e o bardo, Vista da praia de d. Manuel, A cascata da Tijuca* e outras), possue a Pinacotheca Nacional os seguintes quadros do barão de Taunay: *A descoberta de Poços de Caldas, A morte de Turenne, O caçador e a onça, Retrato de d. Pedro II adolescente, A mãe de agua, Carvoeiros na matta virgem*, sendo estes dous ultimos considerados como obras-primas de realismo. Foi um dos auctores do primeiro panorama do Rio de Janeiro. Eis como seu illustre sobrinho, o dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, remata a apreciação que delle faz no seu trabalho «A Missão artistica de 1816», estampado na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXIV, p. 1ª, 47-48: — «Propugnador incansavel de grandes reformas sociaes, como a grande naturalização, e da transformação esthetica e racional do horrendo Rio de Janeiro de outr'ora, pelo alargamento e rectificação de ruas, prolongamento da rua Larga de S. Joaquim ao mar, abertura de uma grande avenida que ligasse o Paço de S. Christovam á cidade, formação de *squares*, arborização da cidade, — escreveu o barão de Taunay numerosissimas brochuras e artigos, sem que conseguisse grande cousa, mas preparando terreno para as idéas novas e sobretudo esteando a sua reputação de artista e de estheta aos

olhos dos posteros, que lhe comprehendem bem o vehemente protesto contra a incuria da administração municipal do Rio e a rotina dos governantes que recusaram acceder a tão generosas e desinteressadas solicitações em prol da grandeza e progresso do Brasil».

1813.— Fallece no Rio de Janeiro o celebre brasileiro Valentim da Fonseca e Silva, de quem se ignora a data do nascimento, sabendo-se apenas que era filho de um fidalgo portuguez e de uma creoula brasileira. Foi sepultado na egreja do Rosario. É sobremodo difficil resumir as producções do habil mestre de Toreutica, cujo nome ficou perpetuamente vinculado ao Passeio Publico, onde, ao lado de suas obras, foi recentemente erguida a sua herma. Para informações minuciosas, cumpre ler-se a sua biographia, quer traçada por Manuel de Araujo Porto-Alegre (depois barão de Sancto-Angelo), quer pelo dr. Moreira de Azevedo (*in* «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XIX, 369-375, e XXXII, p. 2ª, 235).

1822.— Installação da Juncta provisoria de Govêrno da provincia do Espirito-Sancto, a qual ficou assim composta: presidente, José Nunes da Silva Pires; vice-presidente, Luiz Silva Alves de Azambuja Susano; e vogaes, José Ribeiro Pinto, Sebastião Vieira Machado, José Francisco de Andrade Almeida Monjardim.

1823.— Na freguezia de Bom-Jardim, municipio de Sancto-Amaro, da provincia da Bahia, nasce José Antonio Saraiva, que alli falleceu a 21 de Julho de 1895. Depois de ter sido deputado provincial e geral, passou a representar no Senado a sua provincia natal desde 1869. Presidiu as provincias de Piauhí, Alagôas, Pernambuco e S. Paulo. Occupou a pasta da Marinha nos Gabinetes de 4 de Junho de 1857 e 12 de Maio de 1865; a do Imperio, no de 2 de Março de 1861; e foi o presidente do conselho dos Ministerios de 29 de Março de 1880 e de 6 de Maio de 1885, nos quaes geriu a pasta da Fazenda. Desempenhou em 1864 a missão diplomatica perante o govêrno de Aguirre. Em 15 de Novembro de 1889, para elle foi que appellou a monarchia, para ver si ainda era possivel evitar a sua quéda. Eleito pela Bahia seu representante no Senado da Republica, renunciou o cargo logo depois de haver tomado assento. Em razão do grande prestigio politico de que gosou, houve quem o denominasse «vice-imperador». Acha-se no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ainda quasi de todo inédito, o grande e importante archivo do eminente estadista.

1826.— *Segundo ataque á Colonia do Sacramento.* — Auxiliado por Lavalleja, emprehende o almirante Brown esse

novo commettimento. Depois de 3 ½ horas de porfiado combate, são derrotados os atacantes.

1828.— Inaugura-se nesta data o curso juridico installado em S. Paulo. A primeira aula dada alli foi a de Direito Natural, de que era cathedratico o dr. José Maria de Avellar Brotero (veja 11 de Agosto de 1827). Sôbre a fundação das Faculdades de Direito do Brasil publicou o dr. Carlos Honorio de Figueiredo uma extensa memoria na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXII, 507-526.

1844.— Succedendo a Caetano Silvestre da Silva, assume nesta data a presidencia da provincia de Alagôas Anselmo Francisco Peretti, que é substituido (a 1° de Julho do mesmo anno) por Bernardo de Sousa Franco (depois visconde de Sousa Franco).

1845.— O barão (depois duque) de Caxias proclama a pacificação da provincia do Rio Grande do Sul (veja 18 de Dezembro de 1844 e 28 de Fevereiro de 1845).

— Nesta mesma data, nasce na Bahia Rosendo Muniz Barreto, que falleceu no Rio de Janeiro a 18 de Fevereiro de 1897. Era, qual o pae, um distincto poeta, e serviu, como medico, durante a maior parte da guerra do Paraguái. Deixou impressos varios trabalhos literarios e historicos.

1850.— Alexandre Joaquim de Siqueira toma posse da presidencia da provincia de Minas-Geraes. Succedeu a José Ildefonso de Sousa Ramos (depois visconde de Jaguarí) e foi substituido (a 17 de Julho do mesmo anno) por José Ricardo de Sá Rego.

1870.— *Terminação da guerra do Paraguái.*— Nomeado o conde d'Eu para commandante em chefe das fôrças alliadas em operações contra o govêrno do Paraguái, inicia-se a última phase da prolongada campanha. Vencidos os inimigos em Peribebuí, Caraguatahí e Campo-Grande (Nhun-guaçú), ainda são perseguidos em todas as direcções pelo general Camara. Consegue este surprehender a Solano López no acampamento de Cerro-Corá. Eis como vem relatada na parte official a morte do dictador paraguaio: — «Surprehendido em seu último entrincheiramento, cercado por todos os lados, não poude o inimigo resistir. Abandonando-se á fuga, lançou-se o dictador para o interior do matto, onde, de perto, um punhado de bravos o persegue. Exhausto e ferido, apeou-se do cavallo e tentou transpor o riacho Aquidabanigui; mas, caïndo de joelhos na barranca, ahi exhalou o último suspiro».

1873.— A Joaquim Floriano de Godoy succede, nesta data, como presidente da provincia de Minas-Geraes, Venancio José de Oliveira Lisbôa, que é substituido (a 23 de Outubro do anno seguinte) por João Antonio de Araujo Freitas Henriques.

1879.—Decreto promulgando o accôrdo entre o Brasil e o Uruguái para execução das cartas rogatorias.

1881.—Fallece no Rio de Janeiro o senador Candido Mendes de Almeida, nascido em S. Bernardo do Brejo (Maranhão) a 14 de Outubro de 1818. Representou por diversas vezes a sua provincia natal na Camara dos Deputados, tendo sido escolhido senador em 1871. Distincto jurisconsulto e notavel historiographo, são muitos os escriptos que publicou e que lhe attestam a actividade em taes ramos do saber humano.

2 DE MARÇO

1572.—Depois de 14 annos de agitada e proficua administração, fallece na cidade da Bahia o terceiro governador-geral, Mem de Sá. Os serviços que prestou á Patria, perpetuou-os Mem de Sá no «Instrumento» (*in* «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro», XXVII, 129-229), que apresentou ao rei d. Sebastião e que apoiou com o testimunho de pessôas insuspeitas, entre as quaes o bispo d. Pedro Leitão. E' documento que dilucida varios ponctos da nossa Historia. De Mem de Sá falla com louvor o padre Manuel da Nabrega, assim como frei Vicente do Salvador; e, em tempos mais proximos, assim se exprimia o visconde de Porto-Seguro a respeito do successor de Duarte da Costa: — «A situação crítica em que estava o Brasil pedia um governador activo, entendido e sobretudo honesto. Todos estes dotes reunia o desembargador Mem de Sá, fidalgo da casa e do conselho do rei, ermão do conhecido poeta Francisco de Sá de Miranda e que no cargo de chefe da administração geral do Brasil sustentou os creditos de que já gosava como homem de grande coração, zelo e prudencia, accompanhado de letras e experiencia de paz e de guerra». De Mem de Sá escreveu a biographia Joaquim de Sancta-Rosa de Viterbo num trabalho intitulado «A Familia do poeta Sá de Miranda». Mem de Sá foi sepultado no cruzeiro da egreja do Collegio dos Jesuitas da cidade do Salvador.

1630.—Depois de um assédio e bombardeio, que duraram 4 dias, a guarnição do forte de S. Jorge, de que era capitão Antonio de Lima, rende-se aos Hollandezes, commandados pelo almirante Loncq e pelo general Waerdenburch. Dèste modo, os Neerlandezes ficaram senhores tanto da povoação como do porto de Recife.

1641.—Em carta dirigida nesta data ao principe Mauricio de Nassau, o marquez de Montalvão, vice-rei do Brasil,

participa-lhe a revolução de 1° de Dezembro, de 1640, que elevou ao throno de Portugal o duque de Bragança, com o nome de d. João IV.

1759.— Assume o govêrno do Estado do Maranhão o capitão-general Manuel Bernardo de Mello e Castro, que teve por successor (a 16 de Julho de 1761) Joaquim de Mello e Povoas.

1806.— E' desta data o officio em que o governador do Rio Grande do Sul, Paulo José da Silva Gama, dirigindo-se ao conde de Villa-Verde, tracta do cultivo do trigo naquella região do Sul do Brasil (veja «Documentos relativos á historia da capitania, depois provincia, de S. Pedro do Rio Grande do Sul», colligidos pelo barão Homem de Mello, *in* «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XLI, p. 1ª, 297-298).

1809.— Ao conde de Aguiar, ministro do principe-regente d. João, depois d. João VI, o governador do Rio Grande do Sul, Paulo José da Silva Gama, dá informações sôbre o reconhecimento de minas de ouro e outros metaes preciosos, existentes, ao que se dizia, em grande abundancia nas terras daquella capitania («Docs.» citados).

1814.— Em um predio situado á rua do Nuncio (hoje Padre José Mauricio), esquina da do Sabão (hoje General Camara), fallece nesta data o padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, notavel poeta e excellente prégador, nascido no Rio de Janeiro a 24 de Novembro de 1762. Foi sepultado na casa do capitulo do convento de Sancto-Antonio e sôbre a sua lousa foi gravada suggestiva inscripção, lavra do poeta José Eloy Ottoni. Seus ossos, porém, desappareceram, conforme communicou ao Instituto Historico Joaquim Norberto de Sousa Silva, que naquelle cenobio procedera a reiteradas pesquisas.

1817.— Chegam ao Rio de Janeiro noticias enviadas a d. João VI pelo general Carlos Frederico Lecór (depois visconde da Laguna) de que no dia 19 de Janeiro o cabildo de Montevidéo lhe entregara as chaves dessa praça, entrando elle, em meio dos applausos da população, na referida cidade, a 20 do mesmo mez.

1821.— Decreto de d. João VI suspendendo a censura prévia e prescrevendo disposições convenientes para as publicações que dahi em deante tivessem de ser feitas.

1841.— E' assassinado na Bahia (onde nascera a 27 de Junho de 1792) o brigadeiro reformado José Eloy Pessôa (*da Silva,* accrescenta Blake). Graduara-se em Mathematicas e Philosophia na Universidade de Coimbra, governara Sergipe por occasião das luctas em prol da independencia do Brasil,

tendo presidido depois, de 1837 a 1839, a mencionada provincia, que tambem representou na Camara dos Deputados. Era dotado de solido preparo, qual se vê dos trabalhos que deixou, entre os quaes a «Memoria sobre a escravatura e projecto de colonização dos Europeus e pretos no Imperio do Brasil» (Rio de Janeiro, 1826). Pertenceu ao quadro social do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

1843.— Succedendo a Honorio Hermeto Carneiro Leão (depois marquez de Paraná), toma posse da presidencia da provincia do Rio de Janeiro João Caldas Viana, que foi substituido (a 12 de Abril do anno seguinte) por Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho (depois visconde de Sepetiba).

1850.— Na Gavea (Rio de Janeiro), no logar chamado Olaria, onde edificara uma casa de residencia, fallece nesta data o architecto Augusto Henrique Victor Grandjean de Montigny, nascido em Pariz a 15 de Julho de 1776. Viera para o Brasil entre os artistas que compuzeram a missão de 1816, e sôbre elle traçou o dr. Affonso Taunay as paginas 174-189 da sua monographia inserta na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.» LXXIV, p. 1ª, onde se lê que Montigny foi docente livre da Academia de Bellas-Artes e, convidado mais tarde a dirigi-la, declinou dessa honra em favor de Felix Emilio Taunay. Eis o que narra o citado escriptor a respeito da morte do notavel architecto: — «A 2 de Março de 1850, fallecia Grandjean de Montigny, não de febre amarella, como pretendem alguns biographos, o que, aliás, seria pouco provavel, attendendo á sua longa acclimação no Rio de Janeiro e aos 74 annos de edade. Victimou-o o brutal entrudo. Resfriou-se, e dahi lhe veiu um pleuriz que o matou. Pediu *in extremis* que o sepultassem ao lado da primeira mulher, motivo pelo qual jaz nas catacumbas do convento de Sancto-Antonio». O habil artista desposara em segundas nupcias a uma senhora brasileira, d. Luiza Panasco. Mas não deixou descendentes. A sua obra principal foi o edificio da antiga Academia de Bellas-Artes (hoje Ministerio da Fazenda), mais tarde ampliado por Bittencourt da Silva, seu discipulo.

1861.— Organiza-se nesta data o 16º Gabinete do 2º Imperio, ficando assim composto: — presidente do conselho, o marquez de Caxias, que occupou tambem a pasta da Guerra; Imperio, Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato (visconde de Niterói), interino, substituido successivamente por José Antonio Saraiva e José Ildefonso de Sousa Ramos (visconde de Jaguarí); Justiça, Sayão Lobato; Extrangeiros, José Maria da Silva Paranhos (visconde do Rio-Branco), interino, substituido successivamente por Antonio Coelho de Sá e Albuquerque e Benevenuto Augusto de Magalhães Taques; Fa-

zenda, Silva Paranhos; Marinha, Joaquim José Ignacio (visconde de Inhaúma); e Agricultura, Joaquim José Ignacio, substituido por Manuel Felizardo de Sousa e Mello. Em opposição a este Ministerio, separam-se do partido conservador o marquez de Olinda, José Thomaz Nabuco de Araujo, Zacharias de Góes e Vasconcellos e José Antonio Saraiva, formando-se a chamada «Liga», que em 1862 elevou ao poder os liberaes, senhores da situação até ao golpe de Estado de 16 de Julho de 1868.

1864.—Succedendo a Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, toma posse da presidencia da provincia da Bahia Antonio Joaquim da Silva Gomes, que a 30 de Novembro do mesmo anno é substituido por Luiz Antonio Barbosa de Almeida.

1867.—Vigoroso bombardeio do forte de Curupaití pela esquadra brasileira.

1868.—Por cêrca de 1.500 Paraguaios, que desceram de Humaitá em canôas jungidas duas a duas e occultas por grandes camalotes, são abordados alta madrugada os nossos couraçados *Lima Barros* e *Cabral*, que formavam a vanguarda da esquadra. Os inimigos só foram repellidos depois de vigorosa resistencia e do auxilio dos outros navios brasileiros, *Silvado*, *Herval*, *Brasil* e *Mariz e Barros*. Foi avultada a perda dos Paraguaios, que, além de perto de 400 mortos, tiveram 11 canôas apresadas e muitas outras mettidas a pique. Nós tivemos 8 mortos, 52 feridos e 8 contusos. Tivemos a lamentar a morte do capitão de mar e guerra Joaquim Rodrigues da Costa, tendo ficado gravemente feridos o capitão de fragata Garcindo, commandante do Lima Barros, o capitão-tenente Foster Vidal e o primeiro-tenente João de Gomensoro Wandenkolk, que veiu a fallecer.

1872.—E' desta data o decreto de concessão da estrada de ferro S. Paulo e Rio de Janeiro, inaugurada a 7 de Julho de 1877 (veja essa data).

1886.—Fallece em S. Paulo o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, nascido em Mucidan (arrabalde de Bordéos), durante o exilio do pae homonymo, a 10 de Junho de 1825. Representou a provincia de S. Paulo, durante muito tempo, na Camara dos Deputados e fez parte do Gabinete de 3 de Agosto de 1866, no qual occupou a pasta de Extrangeiros e depois a da Justiça. Antes de ser nomeado cathedratico da Faculdade Juridica de S. Paulo, escreveu e publicou um livro de poesias, assim como um drama «Januario Garcia, o sete-orelhas».

3 DE MARÇO

1522.—D. João III confirma a doação da ilha de S. João feita por d. Manuel a Fernando de Noronha em 24 de Janeiro de 1504.

1534.—Ao partir para a India, Martim Affonso de Sousa deixa como procuradora de negocios, inclusive dos das capitanias do Brasil, sua mulher d. Anna Pimentel (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo», VI, 294).

1603—Auto mandado lavrar em Olinda por Diogo Botelho sôbre as fortificações daquella villa. Recebera aquelle governador-geral uma carta em que o soberano portuguez o avisava de que um filho do prior do Crato intentava vir ao Brasil, e, por isso, ordenava a Diogo Botelho que fortificasse Olinda e realizasse a compra de armamentos já auctorizada a Manuel Mascarenhas Homem.

1615.—Chega á Europa, nesta data, Diogo de Campos Moreno, que tinha saïdo do Maranhão a 4 de Janeiro do mesmo anno, assim como Mathieu Maillant, emissarios ambos ás côrtes de Hispanha e França, afim de se resolver a questão da posse daquella região brasileira. Aproveitou-se Diogo de Campos Moreno dos dous mezes que gastou na viagem, para escrever a «Jornada do Maranhão», inserta pelo barão de Studart na «Rev. do Inst. do Ceará». XXI, 209-330.

1635.—Começa nesta data o assédio posto ás fortalezas do Arraial do Bom-Jesús por Arcizewski e de N. S. de Nazareth do Cabo de Sancto-Agostinho por Siegesmundt van Schkoppe. A capitulação só se deu a 8 de Junho e 2 de Julho do mesmo anno (veja essas datas).

1661.—Reconhecendo os serviços prestados por Salvador Corrêia de Sá e Benevides, governador do Rio de Janeiro, os Paulistas, que no anno anterior o haviam desrespeitado, convidam-n-o a dirigir-se á villa de S. Paulo, dando-lhe por esse modo satisfacção das offensas practicadas em 1660.

1681.—Lourenço Castanho Taques, Luiz Porrate Penedo e João Franco Viegas assignam com a Camara paulistana uma escriptura, pela qual se obrigavam a fazer á propria custa, dentro de um anno, a estrada de S. Paulo a Sanctos, tendo em remuneração o privilegio de venderem dentro do termo da villa de S. Paulo os liquidos do reino (vinhos, aguas-ardentes, azeite e vinagre) por espaço de 12 annos (veja «Actas da Camara da Villa de S. Paulo», VII, 105-108, ed. do Archivo Municipal de S. Pualo).

1687.—O paulista Domingos Jorge Velho assigna em Pernambuco com o governador da capitania o contracto, mediante o qual se dispunha a destruir o quilombo dos Palmares.

1700.—E' desta data o «Regimento para as minas de ouro», feito em S. Paulo por Arthur de Sá e Meneses, governador-geral da Repartição do Sul (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo», XVIII, 407-415).

1741.—Alvará pelo qual os pretos dos quilombos, toda vez que fossem aprisionados para ser restituidos aos donos, deviam ser marcados na espadua com um *F*, por meio de ferro em brasa.

1755.—Carta régia creando a capitania do Rio-Negro. Foi dirigida por d. José a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador e capitão-general do Grão-Pará e Maranhão (*in* «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXI, p. 1ª, 59-63).

1817.—Prisão de varios Europeus, por se haverem conjurado contra a causa da liberdade pernambucana, visto haverem offerecido a quantia de 32:000$ pela fortaleza das Cinco-Pontas e soltura dos officiaes nella retidos (Teixeira de Mello, «Ephemerides Nacionaes, pags. 131 do vol. I).

1838.—Succedendo a Francisco Ribeiro de Castro, toma posse da presidencia da provincia do Maranhão Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo.

1839.—Substituindo ao presidente acima citado, assume o govêrno do Maranhão Manuel Felizardo de Sousa e Mello, cujo successor foi Luiz Alves de Lima (depois duque de Caxias), que poz termo á *balaiada* (veja 7 de Fevereiro de 1840).

1863.—Fallece em Ouro-Preto o conselheiro Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, que representou a provincia de Minas-Geraes quer na Camara dos Deputados, quer no Senado (a partir de 1857). Presidiu a provincia de S. Paulo em 1856 e por duas vezes a natal (em 1853 e 1862). Foi ministro da Justiça do Gabinete de 4 de Maio de 1857, presidido pelo marquez de Olinda.

1865.—Nesta data é abandonado pelos Brasileiros o forte de Corumbá ante a invasão de Matto-Grosso pelos Paraguaios, que já se haviam apoderado de Dourados, Coimbra, Miranda e Albuquerque.

—Tambem nesta data é que chega ao Rio de Janeiro a noticia do convenio de 20 de Fevereiro (veja essa data), entre o Brasil e a Banda Oriental do Uruguái, e que foi firmado pelo conselheiro José Maria da Silva Paranhos (depois visconde do Rio-Branco) e o general d. Venancio Flores. O Go-

vêrno brasileiro festejou esse acontecimento, illuminando-se a capital do Imperio, cujas ruas foram percorridas por bandas de musica.

1885.— A Custodio José Ferreira Martins succede, nesta data, na presidencia da provincia do Espirito-Santo, Laurindo Pitta de Castro, que no mesmo anno (a 2 de Outubro) foi substituido por Antonio Joaquim Rodrigues.

1887.— Fallece no Rio de Janeiro o dr. João José da Silva, nascido na mesma cidade a 5 de Julho de 1835. Foi cathedratico de Pathologia Geral na Faculdade de Medicina, tendo escripto e publicado quatro theses.

4 DE MARÇO

1568.— Nesta data assignou Mem de Sá a nomeação de seu sobrinho Salvador Corrêia de Sá para governador da cidade do Rio de Janeiro. Transferida a povoação das proximidades do morro Cara de Cão para o morro do Castello, o governador-geral ainda se conservou na nascente cidade por mais de 14 mezes, tomando várias providencias, que constam do «Instrumento» dos seus serviços, apresentado a d. Sebastião. Ahi refere elle, entre outras cousas, o seguinte: — «Por me vjr novas que o gentio da capitania do espirito santo estaua alevantado e tinha mortos muitos branquos foi necessarjo hillo socorer e fuj com parecer dos capitães e moradores da terra / e deixar (*deixei*) por capitão da dita cidade do Rio de Janeiro a saluador corea de saa meu sobrinho o qual inda agora sostento á minha custa...» Isto escrevia elle em 1570, como se vê dos «Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro», XXVII, 136.

1630.— Mathias de Albuquerque dá inicio á construcção do Forte Real do Bom-Jesús, tão conhecido nas guerras contra os Hollandezes, quando a Companhia das Indias Occidentaes resolveu a occupação de Pernambuco.

1698.— A Camara e o povo da villa de S. Paulo pedem á metropole a creação de um govêrno independente da capitania do Rio de Janeiro.

1700.— Tractado provisional entre d. Pedro II, rei de Portugal, e Luiz XIV, rei da França, para evacuação e demolição dos fortes que os Portuguezes haviam construido ao Norte do Amazonas, desde o cabo do Norte até ao rio Oyapock ou de Vicente Pinzón.

— Bando de Arthur de Sá e Meneses, governador e capitão-general da Repartição do Sul, vedando aos mestres e

officiaes dos engenhos de assucar o se passarem para as Minas.

1720.— O papa Clemente XI separa da diocese de S. Luiz do Maranhão a terra de Sancta-Maria de Belém do Grão-Pará, «creando a cidade e erigindo nella em cathedral a egreja de Nossa Senhora da Graça» (*in* pags. 389 do t. I do «Anno Historico» de frei Francisco de Sancta-Maria).

1768.— Nasce na Bahia José Joaquim Carneiro de Campos, que, tendo sido quem escreveu o projecto que foi adoptado para a Constituição Politica do Imperio do Brasil e tendo sido um dos tres regentes de 1831, era senador pela sua provincia natal e tinha o titulo de marquez de Caravellas, quando falleceu no Rio de Janeiro a 8 de Septembro de 1836 (veja essa data).

1802.— Nasce em Macacú (Rio de Janeiro) Manuel de Valladão Pimentel, que se notabilizou na clinica medica, tendo sido professor da Faculdade do Rio de Janeiro; aqui falleceu a 30 de Novembro de 1882, com o titulo de barão de Petropolis.

1823.— Installação do «Govêrno temporario», do Ceará, eleito na vespera e que tinha a seguinte composição: — presidente, Francisco Pinheiro Landim; secretario, Miguel Antonio da Rocha Lima; vogaes, Tristão Gonçalves de Alencar (que, mezes depois, passou a assignar-se Tristão Gonçalves de Alencar Araripe), padre Vicente José Pereira e Joaquim Felicio Pinto de Almeida Castro. José Pereira Filgueiras continuou como commandante das armas. Foi este Govêrno que resolveu organizar um exército, afim de libertar o Piauhí e o Maranhão do dominio das tropas portuguezas, para o que effectivamente concorreu, pois as fôrças cearenses, então levantadas, contribuiram até para a expulsão dos soldados lusitanos que guarneciam Caxias (veja «Historia da Independencia», de Varnhagen, pags. 453-454, nota do barão do Rio- Branco).

1852.— Entra no porto da Bahia o vapor de guerra *Conflict,* de bandeira ingleza, a bordo do qual estava o ex-dictador argentino d. Juan Manuel de Rosas, que, fugitivo, após a derrota de Monte-Caseros, ia abrigar-se na Inglaterra, onde falleceu em 1877.

1880.— Sinval Odorico de Moura toma posse da presidencia da provincia do Piauhí. Foi seu antecessor João Pedro Belfort Vieira e a 12 de Maio de 1882 teve como substituto Miguel Joaquim de Almeida e Castro.

5 DE MARÇO

1557.— Revoga a metropole a concessão, que havia feito aos donatarios das capitanias do Brasil, da vintena do páo-brasil que das mesmas procedesse e fosse vendido em Portugal.

1616.— Chega nesta data a Pernambuco Alexandre de Moura, que expulsara os Francezes do Maranhão, guarnecera os fortes daquella ilha, dera terras a diversos individuos, instituira o conselho da Camara, mandara fundar Belém do Pará e passára o govêrno a Jeronymo de Albuquerque.

1637.— Foi nesta data que capitulou ás tropas hollandezas a guarnição, commandada por Miguel Giberton, deixada em Porto-Calvo pelo conde de Bagnuoli, quando este, perseguido pelo exército do principe Mauricio de Nassau, fôra obrigado a retirar-se para o interior.

1668.— Tentativa de morte contra o prelado do Rio de Janeiro, d. Manuel de Sousa e Almada, empossado no cargo desde 1659. Os seus inimigos assestaram-lhe contra a residencia uma peça de artilharia carregada a bala e puzeram-lhe um morrão acceso sufficientemente longo, de modo que disparasse, quando já estivessem a grande distancia os auctores do attentado. Assim de facto aconteceu, mas d. Manuel de Sousa e Almada não foi victimado, porquanto o projectil não atravessou a frontaria da casa, deixando apenas o orificio, que por muito tempo se conservou alli. O predio em questão estava situado, conforme assegura monsenhor Pizarro em suas «Memorias historicas», entre a ermida de S. José e o edificio da Cadêia Publica (mais tarde, 1823, Camara dos Deputados).

1777.— Nasce na Bahia Manuel Ferreira de Araujo, militar illustre e que ainda mais se notabilizou pela sua actividade jornalistica, pois redigiu a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o *Espelho* e o *Patriota* (que foi a primeira revista scientifica e literaria, publicada na capital brasileira). Falleceu no Rio de Janeiro a 24 de Outubro de 1838.

1809.— Decreto firmado pelo principe-regente d. João, depois d. João VI, organizando no Brasil a Repartição dos Correios.

1824.— Toma posse nesta data o primeiro presidente que teve a provincia de Sergipe, depois da Independencia do Brasil, e que foi Manuel Fernandes da Silveira. A 15 de Fevereiro do anno seguinte succedeu-lhe naquelle cargo Manuel Clemente Cavalcanti de Albuquerque.

1826.— Libertam-se nesta data, por serem elles em grande número e haverem habilmente preparado o golpe contra a es-

colta que os conduzia os Brasileiros que tinham caïdo prisioneiros dos Orientaes na batalha de Sarandí (veja 12 de Outubro de 1825).

1843.—Zarpa do porto do Rio de Janeiro, nesta data, a divisão naval que devia ir a Napoles buscar a imperatriz do Brasil, d. Teresa-Christina, princeza italiana que já havia desposado alli, por procuração, o imperador do Brasil, d. Pedro II.

1862.—Fallece no Rio de Janeiro o coronel Conrado Jacob de Niemeyer, nascido em Lisbôa a 28 de Outubro de 1788. Prestou serviços ao Imperio, por occasião das revoluções republicanas de 1817 e 1824, estaladas em Pernambuco. Deixou varios trabalhos, especialmente plantas e cartas chorographicas. Foi socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

6 DE MARÇO

1565.—Provisão régia ordenando que as náos destinadas ás Indias, que não pudessem chegar ao seu destino, regressassem a Portugal sem arribar ao Brasil. Esta medida, como é facil comprehender, visava a evitar a fuga das tripulações para a nova terra descoberta aquem-Atlantico.

1570.—Desta data é uma carta que o governador-geral do Brasil dirigiu á rainha d. Catharina, viuva de d. João III e regente do reino durante a menoridade do seu neto d. Sebastião. No referido documento, assim se exprimia Mem de Sá, tractando do Brasil:—«Esta terra não se póde nem se deve regular pelas leis e estylos do Reino. Si Vossa Alteza não fôr muito facil em perdoar, não terá gente no Brasil; e, porque o ganhei de novo, desejo que se elle conserve...»

1651.—O major Jacome Bezerra, com 12 homens apenas, toma uma lancha hollandeza que navegava do Recife para o forte da Barreta e na qual estava a mulher do commandante do referido forte, a qual foi feita prisioneira.

1817.—Rompe em Pernambuco a revolução republicana, que dalli se extendeu a Alagôas, Parahiba, Rio Grande do Norte e Ceará. Foi consideravel o número de pessôas que tomaram parte saliente nesse movimento, algumas das quaes soffreram a pena capital e outras gemeram longamente as torturas de rigorosa prisão. Os chefes da revolução foram os seguintes: Domingos José Martins, padre João Ribeiro Pessôa de Mello Montenegro, Domingos Theotonio Jorge, José de Barros Lima, padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, José Ignacio de Abreu e Lima (o «padre Roma»), dr. José

Luiz de Mendonça, padre Pedro de Sousa Tenorio, Manuel José Corrêia de Araujo e Antonio Gonçalves da Cruz (o Cabugá). Entre os implicados no levante, contaram-se Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva, que era então ouvidor de Olinda, e o notavel lexicographo brasileiro Antonio de Moraes e Silva. Dos varios trabalhos escriptos sôbre esse memoravel facto da nossa Historia, merece logar de destaque a extensa memoria de monsenhor Francisco Muniz Tavares, que acaba de ser reeditada e enriquecida de notas devidas a Oliveira Lima, por occasião de commemorar-se o centenario da mallograda revolução, e graças á iniciativa do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

1826.— Reconhecimento do Imperio do Brasil pelo govêrno da Prussia.

1835.— Lei pela qual foi escolhida a Villa Real da Praia-Grande para capital da provincia do Rio de Janeiro. Só mais tarde (a 2 de Abril de 1836) foi que aquella localidade teve o predicamento de cidade, com o nome de Niterói.

1838.— E' elevada á categoria de cidade a villa de S. João del Rey (veja 8 de Outubro de 1713).

1843.— Fallece no Rio de Janeiro o marquez de S. João da Palma, d. Francisco de Assis Mascarenhas, que é sepultado nas catacumbas de S. Francisco de Paula. Governara successivamente Goiaz (1804-1809), Minas-Geraes (1809-1814), São Paulo (1814-1817) e Bahia (1818-1821). Por occasião de constituir-se a Camara vitalicia do Imperio (a 22 de Janeiro de 1826), foi escolhido para representar nella a provincia de S. Paulo. Figura o seu retrato na grande téla da «Coroação de d. Pedro II», existente no salão de conferencias do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e obra de Manuel de Araujo Porto-Alegre (depois barão de Sancto-Angelo): está á esquerda do throno e empunha o bastão symbolico do cargo de mordomo-mór.

1849.— A Antero José Ferreira de Brito (depois barão de Tramandahí) succede, nesta data, na presidencia da provincia de Sancta-Catharina, Antonio Pereira Pinto, que é substituido (a 24 de Janeiro do anno seguinte) por João José Coutinho.

1850.— Assume nesta data a presidencia da provincia do Rio Grande do Sul José Antonio Pimenta Bueno (depois marquez de S. Vicente). Seu antecessor fôra Francisco José de Sousa Soares de Andréa (depois barão de Caçapava), e a 4 de Novembro do mesmo anno foi substituido por Pedro Ferreira de Oliveira.

1878.— Fallece em S. Paulo o dr. Joaquim Bento de Oliveira Junior, que fôra presidente da provincia de Sergipe (1872-1873) e da do Paraná (1877-1878).

1880.—E' desta data o decreto creando uma Eschola Normal Primaria no Municipio Neutro.

1881.—Fallece em Petropolis o conselheiro dr. Luiz da Cunha Feijó, visconde de Sancta-Isabel, que nascera no Rio de Janeiro a 1° de Junho de 1817. Foi cathedratico e director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e deixou varios trabalhos publicados, tendo sido socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

1882.—Succedendo a Sancho de Barros Pimentel, nesta data assume a presidencia da provincia do Paraná Carlos Augusto de Carvalho, que a 17 de Agosto do anno seguinte é substituido por Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.

1886.—Decreto (assignado pelo barão de Cotegipe, ministro de Extrangeiros) promulgando o tractado para reconhecimento dos rios Pequiri-guaçú e Sancto-Antonio (Chapecó ou Pequirí-guaçú e Chopim ou Sancto-Antonio-guaçú) e do territorio que os separava e estava em litigio entre o Brasil e a Republica Argentina.

1909.—Fallece no Rio de Janeiro o notavel scientista João Barbosa Rodrigues, nascido na mesma cidade a 22 de Junho de 1842. Em commissão do Govêrno imperial, explorou o valle do Amazonas e entre os seus mais assignalados serviços deve ser contada a pacificação dos Crichanás. Foi simultaneamente abalisado na Botanica, na Ethnographia e na Archeologia do Brasil. Além de algumas producções literarias, deixou publicadas muitas obras daquellas especialidades, que lhe grangearam justa nomeada além das fronteiras da Patria, nos mais elevados meios culturaes do mundo.

7 DE MARÇO

1570.—Por alvará desta data foi nomeado Antonio Salema para a alçada do Brasil, tendo de ordenado 300$ annuaes e mais 120$ para mantimento de 10 homens que deviam accompanha-lo (veja doc. do archivo do Inst. Hist. e Geogr. Bras.) Partiu do reino a 6 de Junho do mesmo anno e estava em Pernambuco em correição, quando recebeu a nova de ter sido despachado governador das capitanias do Sul, em consequencia da divisão do Brasil, ordenada por d. Sebastião a 10 de Dezembro de 1572.

1584.—Não obstante haver a metropole approvado a proposta de Salvador Correia de Sá, governador do Rio de Janeiro, para ser construida uma fortaleza na ilha da Lage,— o rei de Portugal em carta desta data diz que, consultando melhor o caso, ordenava a construcção de dous fortes nos

promontorios da barra (veja doc. do archivo do Inst. Hist. e Geogr. Bras.).

1609.— E' creada nesta data a Relação da Bahia. Extincta em 1626, foi restabelecida em 1652.

1616.— Tendo seguido do Maranhão para o Pará, na expedição de Francisco Caldeira Castello-Branco, — Pedro Teixeira é por este encarregado, nesta data, de levar a Jeronymo de Albuquerque uma carta communicando a chegada dos exploradores ao Pará.

1630.— E' desta data a resolução da Consulta de Estado sôbre a ilha de Fernando de Noronha, em consequencia das informações enviadas por Mathias de Albuquerque. Dissera este que os Hollandezes, quando em viagem para as Indias e Angola, tinham deixado naquella ilha alguns negros, que alli haviam levantado casas e estavam cultivando tabaco e algodão, parecendo que os inimigos tractavam tambem de fortificar aquelle poncto. Consoante com o voto do Conselho Ultramarino, foi negada a Mathias de Albuquerque a ajuda por este pedida, afim de ir desalojar os occupantes daquella ilha, permittindo-se-lhe fazê-lo com as fôrças que pudesse ajunctar, e não devendo cuidar de estabelecer-se alli, por ser a ilha não só doentia, como falta de agua.

1709.— Por patente régia desta data é nomeado governador do Rio de Janeiro Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que tomou posse do cargo a 11 de Junho do mesmo anno. Conservou-se apenas cinco mezes no cargo, porque a 3 de Novembro foi removido para a recemcreada capitania de S. Paulo e Minas do Ouro. Anteriormente havia elle governado o Pará (1685-1690) e o Estado do Maranhão (1690-1701).

1711.— Carta régia agradecendo a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho e aos Paulistas o zêlo que revelaram por occasião do ataque de Duclerc contra o Rio de Janeiro.

1721.— Fallece no Rio de Janeiro o bispo d. frei Francisco de S. Jeronymo. Por um documento existente no Archivo da Sancta-Casa de Misericordia, prova-se que foi em 1701 a posse daquelle antiste da egreja fluminense, a quem Pizzarro, Teixeira de Mello, Varnhagen e outros attribuem o ter assumido o cargo em 1702. Fez edificar o paço episcopal no morro da Conceição e fundou o convento das freiras da Ajuda, além de varios outros serviços que prestou.

1724.— E' fundada na Bahia, pelo vice-rei Vasco Fernandes Cesar de Meneses, a Academia Brasilica dos Esque-

cidos, a primeira sociedade literaria que houve no Brasil (veja 4 de Fevereiro de 1725).

1739.—O brigadeiro José da Silva Paes inicia o seu govêrno em Sancta-Catharina, elevada a capitania, mas sujeita á do Rio de Janeiro (veja 2 de Fevereiro de 1749).

1808.—Chega ao Rio de Janeiro o resto da esquadra portugueza que trazia para o Brasil a familia de Bragança. O desembarque só se effectuou no dia seguinte.

1821.—D. João VI resolve partir para Portugal e manda lavrar um decreto nomeando d. Pedro regente do Brasil, além de convocar, por todo o Brasil, deputados ás Côrtes de Lisbôa, adoptando-se para as eleições varios artigos da Constituição hispanhola, que para o mesmo fim haviam sido adoptados em Portugal.

1825.—Decreto imperial concedendo amnistia aos que na provincia de Alagôas foram julgados comparticipes da Confederação do Equador. Na mesma data é suspensa a Commissão Militar de Pernambuco, sendo amnistiados os réos não pronunciados.

1827.—*Mallôgro da expedição Sheperd a Carmen de Patagones.*—Eis como o almirante Tamandaré, que foi testimunha presencial do triste acontecimento, narra, em carta já muitas vezes publicada, o que se passou nesta data:—«O capitão de fragata James Sheperd, commandante da primeira expedição, depois de haver perdido a *Duqueza de Goiaz* á entrada do rio Negro e de estar 8 dias inactivo dentro do dicto rio, ignorando que nelle houvesse fôrças navaes inimigas e vendo-se contrariado pelos ventos e correntezas, que se oppunham á viagem das nossas fôrças até á Villa del Carmen, resolveu desembarcar o maior número de praças que pudesse armar com espingardas, para com ellas marchar sôbre a dicta villa e apoderar-se da fortaleza e embarcações mercantes que estivessem no porto. Nesse sentido deu elle suas ordens, e eu, como commandante da escuna *Constança*, tive de as cumprir, sendo esta a razão por que, ás 2 horas da manhã do dia 7 de Março de 1827, entreguei interinamente o commando daquella escuna ao conselheiro Joaquim José Ignacio, então segundo-tenente, com só 16 praças disponiveis, e estas mesmas por não haver espingardas para as armar, pois todas as que havia tinham sido distribuidas pela gente de desembarque. A fatal decepção por que passou o capitão de fragata Sheperd, quando, ao chegarmos á Villa del Carmen, viu ser a nossa fôrça hostilizada por 5 embarcações inimigas, fe-lo conhecer a imprudencia que havia commettido em se ter aventurado á empresa de marchar sôbre aquella villa sem preciso conhecimento dos

seus recursos de defesa; e, reconhecendo a grave falta que commettera, deixando desguarnecidas as escunas *Constança* e *Escudera*, resolveu a retirada de nossa fôrça, para tentar com ella defender as escunas, si ellas pudessem chegar antes das embarcações inimigas. Sheperd morreu aos primeiros tiros das guerrilhas inimigas, sendo logo substituido pelo capitão-tenente Guilherme Eyre, que effectuou a retirada o mais acceleradamente possivel, mas assim mesmo improficua pois apenas chegámos a avistar nossas escunas, quando já lhes não restavam meios de defesa e eram prêsa do inimigo, muito superior em número de navios, artilharia e guarnições. Todas as praças que pertenceram a essa expedição sabem do valor com o que o conselheiro Joaquim José Ignacio secundou os exforços do primeiro-tenente Poutier, commandante da *Escudera*, repellindo o ataque do inimigo, e que, mesmo depois de se ter rendido a *Escudera*, s. exc. correu na escuna do seu commando rio abaixo, tentando reuni-la á corveta *Itaparica*, ancorada a 9 milhas de distancia. As praças dêsse tempo sabem egualmente que, tendo-se aterrorizado a pouca guarnição que tinha a escuna, algumas praças pediam que as rendessem ao inimigo e que um marinheiro ousou arriar a bandeira, no que foi impedido por s. exc., que sôbre elle atirou uma cutilada. Havendo, porém, encalhado a escuna e sendo abordada pelas fôrças inimigas, coube ao conselheiro Joaquim José Ignacio a sorte de ser prisioneiro de guerra, com a triste, mas gloriosa, circunstancia para s. exc. de, ainda depois de vencido, querer um official inimigo mata-lo, por haver s. exc. acutilado o marinheiro que tentou arriar a bandeira».

1849.— Toma posse do cargo de presidente da provincia do Espirito-Sancto Antonio Joaquim de Siqueira, que, a 9 de Agosto do mesmo anno, é substituido por Philippe José Pereira Leal.

1856.— Tractado de amizade e commercio entre o Brasil e a Confederação Argentina.— Assegurava a livre navegação dos rios Paraná, Uruguái e Paraguái, nas partes pertencentes ás duas soberanias contractantes, ainda mesmo em caso de guerra entre as nações do Prata; e, além de outras disposições confirmava a independencia da Banda Oriental e o reconhecimento da soberania da Republica do Paraguái.

1859.— A João Dabney de Avellar Brotero succede nesta data, como presidente da provincia de Sergipe, Manuel da Cunha Galvão, que é substituido, a 15 de Agosto do anno seguinte, por Thomaz Alves Junior.

1863.— Fallece Sebastião do Rego Barros, nascido em Pernambuco a 18 de Agosto de 1803. Fez na Europa o seu curso

de Engenharia militar, chegando no exército brasileiro ao posto de tenente-coronel. Além de representar por muitos annos a sua provincia natal na Camara dos Deputados, presidiu a provincia do Pará de 1853 a 1856 e foi ministro da Guerra no Gabinete de 19 de Septembro de 1837 e no de 10 de Agosto de 1859.

1864. — Succedendo a Antonio Barbosa Gomes Nogueira, toma posse da presidencia da provincia do Paraná José Joaquim do Carmo, que é substituido (a 18 de Novembro do mesmo anno) por André Augusto de Padua Fleury.

1865. — Pelo Gabinete, do qual era presidente Francisco José Furtado, teve o conselheiro José Maria da Silva Paranhos (depois visconde do Rio-Branco), nesta data, dispensa do cargo de plenipotenciario da missão diplomatica especial de que fôra encarregado no Rio da Prata. Allegava o nosso Govêrno que lhe não merecia a approvação o convenio de 20 de Fevereiro do mesmo anno (veja essa data).

1871. — E' organizado nesta data o 26° Gabinete do 2° Imperio, por ter caïdo o anterior, presidido pelo então visconde de S. Vicente, aos golpes da imprensa liberal. Ficou assim composto: presidente do conselho e ministro da Fazenda, tendo tambem occupado em comêço a pasta da Guerra, o visconde do Rio-Branco; Imperio, João Alfredo Corrêia de Oliveira (que no Gabinete anterior occupara a mesma pasta e usava ainda o nome de João Alfredo Corrêia de Oliveira Andrade); Justiça, o visconde de Niterói, substituido, a 20 de Abril do anno seguinte, por Manuel Antonio Duarte de Azevedo; Marinha, Manuel Antonio Duarte de Azevedo, substituido a 18 de Maio de 1872 por Joaquim Delfino Ribeiro da Luz (por não ter acceitado o cargo Augusto Olympio Gomes de Castro, nomeado em 20 de Abril de 1872); Guerra, Domingos José Nogueira Jaguaribe, substituido a 20 de Abril de 1872 por João José de Oliveira Junqueira; e Agricultura, Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, substituido em 20 de Abril de 1872 pelo visconde de Itaúna (Candido Borges Monteiro), que, a 26 de Agosto do mesmo anno, cedeu o logar a Francisco do Rego Barros Barreto, e este, a seu turno, foi substituido em 28 de Janeiro de 1873 por José Fernandes da Costa Pereira Junior. A esse Ministerio, que, como se deprehende das datas acima, foi em grande parte remodelado em 20 de Abril de 1872, coube a gloria de fazer triumphar no parlamento, apesar da mais energica opposição dos interessados em manter o regime servil, a lei de 28 de Septembro de 1871, chamada vulgarmente « lei do ventre livre », porque foi em virtude della que ninguem mais nasceu escravo no Brasil.

1878.— A Agesiláo Pereira da Silva succede nesta data, na presidencia da provincia do Amazonas, o barão (depois visconde) de Maracajú, que a 15 de Novembro do anno seguinte foi substituido por José Clarindo de Queiroz.

1879.— Na presidencia da provincia do Espirito-Sancto, que tinha sido occupada por Manuel da Silva Mafra, empossa-se nesta data Elyseu de Souza Martins, que a 6 de Agosto do anno seguinte tem como successor Marcellino de Assis Fortes (depois barão de S. Marcellino).

1882.— Toma posse da presidencia da provincia do Maranhão José Manuel de Freitas, que foi um dos raros juizes abolicionistas do Brasil. Succedera a Cincinnato Pinto da Silva e foi substituido por Ovidio João Paulo de Andrade (a 25 de Septembro do anno seguinte).

1888.— Decreto (assignado pelo barão de Cotegipe, ministro interino do Imperio) mandando observar o novo regulamento expedido para execução do art. 2° da lei n. 1.829 de 9 de Septembro de 1870, na parte que estabelece o registo civil dos nascimentos, casamentos e obitos.

8 DE MARÇO

1616.— Parte de Belém para Lisbôa o capitão André Pereira Themudo, encarregado por Francisco Caldeira Castello-Branco de levar ao rei a noticia do bom resultado da expedição ao Pará. E' o primeiro chronista do Pará, porque, segundo informa Manuel Barata, logo que chegou a Portugal, alli escreveu a «Relação do que ha no grande rio das Amazonas novamente descoberto».

1685.— Tendo-se espalhado rumores de que o povo de S. Paulo pretendia expulsar outra vez os Jesuitas, reunem-se os homens bons na casa do conselho, onde elegem o bispo d. José de Barros Alarcão e o capitão-mór Pedro Taques de Almeida para tractarem com o provincial da Companhia de Jesús, padre Alexandre de Gusmão, o qual com elles combinou «que o procurador da Companhia de Jesús, que estava para ir a Roma, se encarregaria de solicitar e alcançar permissão para se poder ir ao sertão trazer Indios ao gremio da Egreja e educa-los na fé, podendo dêste modo os moradores possui-los e te-los em seu poder». Similhante accôrdo foi ratificado pela carta régia de 9 de Novembro de 1690, mas com a restricção de que não era permittido entrar com *bandeiras* no sertão sinão em auxilio dos padres, que fossem prégar a fé e que só era permittido trazer os Indios que voluntariamente quizessem vir.

1694.—E' desta data a lei, pela qual foi estabelecida na Bahia a primeira Casa da Moéda. Extincta em 1699, não tardou a ser restabelecida em 1714.

1808.—Desembarcam no Rio de Janeiro o primeiro-regente d. João, depois d. João VI, e as demais pessôas da familia real, que vindas de Portugal tinham ido aportar á Bahia. A rainha d. Maria I só desembarcou no dia seguinte. Das «Memorias para a historia do reino do Brasil», escriptas pelo padre (depois conego) Luiz Gonçalves dos Sanctos, constam interessantes pormenores sôbre o episodio da entrada dos primeiros dynastas do Velho-Mundo na capital brasileira.

1823.—Por uma carta de lei desta data foi elevada á categoria de cidade a villa das Alagôas.

1824.—Inaugura-se nesta data o primeiro govêrno regular da provincia do Rio Grande do Sul, com a posse do cargo de presidente, tomada por José Feliciano Fernandes Pinheiro (depois visconde de S. Leopoldo), o erudito auctor dos «Annaes da capitania de S. Pedro», editados no Rio de Janeiro em 1819.

1848.—Sóbe ao poder, nesta data, o 8° Gabinete do 2° Imperio, ficando assim composto:—presidente do conselho, o visconde de Macahé, que tambem occupou a pasta do Imperio; Justiça, José Antonio Pimenta Bueno (depois marquez de S. Vicente); Extrangeiros, Antonio Paulino Limpo de Abreu (depois visconde de Abaeté); Fazenda, Limpo de Abreu, substituido a 14 de Maio do mesmo anno por José Pedro Dias de Carvalho; Marinha, Manuel Felizardo de Sousa e Mello, interinamente, tendo sido a pasta effectivamente preenchida a 14 de Maio do mesmo anno por Joaquim Antão Fernandes Leão; e Guerra, Manuel Felizardo de Sousa e Mello. Este Ministerio durou apenas 2 mezes e 23 dias.

1856.—Succedendo a Sebastião Machado Nunes, toma posse, nesta data, da presidencia da provincia do Espirito-Sancto José Mauricio Fernandes Pereira de Barros, que foi substituido (a 18 de Junho do anno seguinte) por Olympio Carneiro Viriato Catão.

1864.—Assume a presidencia da provincia de S. Paulo, da qual é filho, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (depois barão Homem de Mello), ainda felizmente vivo, apesar de passados 53 annos, o que quer dizer quanto era moço, quando foi chamado áquelle cargo de confiança. Precedera-o nelle Vicente Pires da Motta e foi substituido, a 7 de Novembro do mesmo anno, por João Crispiniano Soares.

1866.—No hospital de Corrientes fallece nesta data o commandante geral da artilharia do exército brasileiro em

operações contra o Paraguái, Antonio Manuel de Mello, nascido na cidade de S. Paulo a 2 de Outubro de 1802. Além de lente da Academia Militar e director do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, o brigadeiro Antonio Joaquim de Mello tambem occupou postos politicos, pois por duas vezes foi chamado a gerir a pasta da Guerra, nos Gabinetes de 22 de Maio de 1847 (presidido por Manuel Alves Branco, depois visconde de Caravellas) e 30 de Maio de 1862 (presidido pelo marquez de Olinda), no qual substituiu a Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão (depois visconde de Santa-Teresa).

1868.—Fallece na Bahia o conselheiro Jonathas Abbott, um dos maiores anatomistas que têm havido no Brasil. Nascera em Londres a 3 de Agosto de 1796 e viera creança para a Bahia, naturalizando-se brasileiro e prestando logo serviços nos movimentos de 1821 e 1837. Publicou várias monographias sôbre Medicina, uma «Grammatica ingleza» e algumas traducções de obras literarias (veja «Brasil Historico», tomo III, da 2ª série, pags. 141-143).

1869.—Tendo chegado gravemente enfermo do Paraguái, onde acabava de prestar ao Brasil os mais assignalados serviços, fallece no Rio de Janeiro o almirante Joaquim José Ignacio, visconde de Inhaúma. Nascera em Lisbôa a 30 de Julho de 1808 e viera aos 2 annos para a nossa Patria, onde, ao effectuar-se a Independencia, já elle era aspirante a guarda-marinha. Além de sua proficua actividade nas campanhas que o Brasil teve de sustentar no Prata, ainda foi chamado a altos postos da politica, pois geriu a pasta da Marinha do Gabinete de 2 de Março de 1861 (presidido pelo marquez de Caxias) e nesse mesmo Gabinete inaugurou o Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, creado pela lei n. 1.067, de 28 de Julho de 1860, installando-se a respectiva secretaria a 11 de Março de 1861, e Manuel Felizardo de Sousa e Mello só assumiu essa pasta a 21 de Abril do mesmo anno.

—Nesta mesma data fallece no Recife o general José Ignacio de Abreu e Lima, que alli nascera a 6 de Abril de 1796, e era filho do «padre Roma». Espirito ardoroso, offereceu sua espada á causa da libertação da Colombia e da Venezuela, onde se bateu com grande bravura. De regresso ao Brasil, tomou parte muito activa em polemicas politicas e religiosas. Escreveu, além de várias memorias sôbre diversos assumptos, um «Compendio da Historia do Brasil», que lhe valeu a acerba critica de Varnhagen, e uma «Synopsis ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da Historia do Brasil». Até depois de morto ainda suscitou questões, pois

lhe foi negada sepultura em sagrado, sendo recolhido no cemeterio inglez do Recife.

1873.— Assume a presidencia da provincia de Sergipe Manuel do Nascimento da Fonseca Galvão, que é substituido por Antonio dos Passos Miranda (a 15 de Janeiro do anno seguinte). Precedera-o Joaquim Bento de Oliveira Junior, a quem já nos referimos.

1878.— Succedendo a João José Ferreira de Aguiar, toma posse, nesta data, da presidencia da provincia do Ceará, José Julio de Albuquerque Barros, que é substituido a 2 de Julho de 1880 por André Augusto de Padua Fleury.

9 DE MARÇO

1500.— Parte de Lisbôa a esquadra que, sob o commando de Pedro Alvares Cabral, descobriu em 22 de Abril as terras do Brasil. Tem sido assumpto de larga discussão a intencionalidade ou fortuidade de tal descobrimento. No debate tem-se empenhado Joaquim Norberto, Gonçalves Dias, Machado de Oliveira, Baldaque da Silva, Zephyrino Candido, Augusto de Carvalho, Oliveira Freitas e outros. Mas o problema não póde ser documentalmente resolvido, enquanto não fôr encontrado o mappa-mundi, que, segundo o mestre João, physico de el-rei, «tyene pero vaaz bisagudo e por ay podra ver vosa alteza el sytyo desta terra...» Faustino da Fonseca, em seu trabalho sobre o «Descobrimento do Brasil», dá um perfil do mappa de Bisagudo.

1535.— Chega a Pernambuco Duarte Coelho Pereira, donatario da capitania que mais prosperou ao Norte do Brasil.

1583.— Chegam á Bahia, depois de uma viagem de 66 dias, os padres jesuitas Christovam de Gouvêia e Fernão Cardim e o ermão Barnabé Tello.

1588.— Nesta data foi nomeado governador-geral do Brasil Francisco Giraldes, que trouxe um Regimento em 50 artigos e mais 3 em uma apostilla (*in* «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXVII, p. 1ª, 220-236).

1773.— O tenente-coronel (depois brigadeiro) Theodosio Constantino de Chermont despacha para Lisbôa, pelo navio *S. Pedro Gonçalves*, 30 saccas de arroz branco, por elle cultivado e descascado em seu engenho. Foi essa, segundo Manuel Barata («A antiga producção e exportação do Pará», pags. 13), a primeira remessa que daquelle genero se fez do Pará para a Europa.

1817.— governo republicano de Pernambuco expede nesta data um decreto abolindo tributos sôbre lojas de fazendas, molhados, embarcações etc.

1819.—Fallece em Niterói o conde das Galvêas, d. Francisco de Almeida de Mello e Castro, que foi ministro de d. João VI no Brasil. Foi o seu cadaver transportado no dia seguinte para a côrte e sepultado na egreja de S. Francisco de Paula. Affirma Teixeira de Mello haver verificado taes noticias na *Gazeta do Rio de Janeiro*, folha contemporanea, o que quer dizer que é errada a data de 1° de Março attribuida por Mello Moraes («Brasil Historico», t. II da 2ª série, pags. 157) ao traspasse do notavel fidalgo lusitano.

1822.—Apresenta-se á barra do Rio de Janeiro a esquadra portugueza chefiada por Francisco Maximiano de Sousa e cujas tropas, em número de 1.250 praças, eram commandadas pelo coronel Antonio Joaquim Rosado. Compunha-se da nau *D. João VI*, fragata *Real Carolina*, 2 charrúas e 2 transportes. As fôrças, que trazia, vinham render as da divisão de Jorge de Avilez, e a frota destinava-se a conduzir para a Europa o principe d. Pedro. Este, porém, mal chegou a esquadra á bahia de Guanabara, mandou que ella fundeasse entre as fortalezas da barra e que os seus dous commandantes viessem apresentar-se-lhe, sendo em tudo obedecido. Francisco Maximiano de Sousa e Antonio Joaquim Rosado não só assignaram um termo, obrigando-se a não embaraçar quaesquer disposições do govêrno do principe, como tambem se viram na contingencia de entregar-lhe a fragata *Real Carolina* (depois *Paraguaçú*). Além disso, cêrca de 400 praças da expedição portugueza se passaram para o serviço do Brasil. A 23 de Março já a frota lusitana, assim desfalcada, retornava a Portugal.

1836.—Succedendo a Manuel Ribeiro da Silva Lisbôa, assume nesta data a presidencia da provincia de Sergipe Bento de Mello Pereira que, a 16 de Janeiro do anno seguinte, foi substituido por José Mariano de Albuquerque Cavalcanti.

1848.—Fallece na Bahia o dr. Antonio Ferreira França, nascido na mesma cidade a 14 de Janeiro de 1774 (segundo Blake, em 1771). Foi figura de destaque no parlamento brasileiro, pelas altas idéas politicas e humanitarias, que esposou e defendeu (veja 14 de Janeiro de 1774).

1852.—A provincia de Pernambuco, em vez de Victor de Oliveira, passa a ser administrada por Francisco Antonio Ribeiro, que lhe assumiu nesta data a presidencia, sendo substituido, a 23 de Abril do anno seguinte, por José Bento da Cunha e Figueiredo (depois visconde do Bom Conselho).

1863.— Fallece nesta data, aos 80 annos de edade, monsenhor Ignacio Marcondes de Oliveira Cabral, que na 10ª legislatura (1857-1860), fôra eleito por S. Paulo seu representante na Camara dos Deputados. Pertencia a uma das mais distinctas familias de Pindamonhangaba e gosava de grande e merecido prestigio no seio do partido liberal da sua provincia.

1886.— Fallece nesta data o barão de Parima (Francisco Xavier Lopes de Araujo). Engenheiro distincto, serviu não só na guerra do Paraguai, como tambem na commissão de limites entre o Brasil e a Republica de Venezuela.

1889.— Succedendo a Manuel do Nascimento Machado Portella, toma posse, nesta data, do cargo de presidente da provincia da Bahia Antonio Luiz Affonso de Carvalho, que foi substituido a 14 de Junho do mesmo anno por José Luiz de Almeida Couto, tendo sido este o último presidente da referida provincia na phase imperial.

10 DE MARÇO

1534.— São firmadas por d. João III, nesta data, as cartas de doação das capitanias de Pernambuco e S. Thomé, respectivamente a Duarte Coelho Pereira e Pero de Góes da Silveira.

1553.— Alvará régio concedendo a d. Duarte da Costa, segundo governador-geral do Brasil, mais 200$ annuaes além dos 400$, que percebia o seu antecessor.

1566.— Nesta data é nomeado Christovam de Barros para capitão-mór da frota que devia vir de Lisbôa em soccorro do Rio de Janeiro, ainda occupado pelos Francezes.

1641.— Chegam ao Rio de Janeiro, enviadas da Bahia pelo vice-rei marquez de Montalvão, as primeiras noticias da revolução de 1° de Dezembro de 1640, e, dias depois, o governador Salvador Corrêia de Sá e Benevides recebe carta de d. João IV confirmando esse facto. E' o novo soberano reconhecido como legitimo rei de Portugal e acclamado no Rio de Janeiro, em meio de festas pomposas (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», V, 319-327).

1649.— São approvados nesta data os estatutos da celebre Companhia Geral do Commercio do Brasil. Tinha o monopolio da venda do vinho, bacalháo, azeite e farinha de trigo. Auxiliou a expulsão dos Hollandezes, ainda senhores de uma parte de Pernambuco (veja 4 de Novembro de 1649). Varnhagen («Historia das luctas com os Hollandezes no Brasil», 358) dá 8 de Março de 1649.

1719.— Em Extremoz (Portugal) fallece nesta data, com signaes de sanctidade, José Borges de Barros, que nascera na cidade da Bahia a 18 de Março de 1657. Barbosa Machado recenseia-lhe as obras religiosas que publicou, e o auctor da «Selecta Brasiliense» (*apud* «Ephemerides Nacionaes» de Teixeira de Mello) equipara-o a um novo Pico de la Mirandola, pois assim o descreve: — «Teve tão portentosa memoria, que, ouvindo proferir mil vocabulos, os repetia fielmente, ou pela sua ordem, ou retrogradamente. Occasiões houve em que, sendo ouvinte de um sermão, recolhido á casa o mandava escripto a quem o tinha recitado, sem lhe faltar uma palavra. Na arte de escrever foi espantoso, pois, além de formar os charactéres com summa perfeição, escrevia com duas penas em uma mão, fazendo ao mesmo tempo duas regras differentes, dissimilhantes uma da outra, e até com o pé formava charactéres tão perfeitos, como o fazia com a mão. Imitava com tal similhança as letras, ainda das peiores, que se assombravam de as verem tão identicas aquelles que as tinham escripto».

1732.— E' desta data uma carta régia prohibindo que das capitanias do Brasil passassem mulheres a Portugal, sem que antes obtivessem permissão do soberano.

1804.— Nasce na Bahia o poeta repentista Francisco Muniz Barreto, fallecido na mesma cidade a 2 de Junho de 1868.

1817.— E' publicado nesta data o manifesto da revolução pernambucana. Intitulava-se *Preciso* e foi redigido pelo dr. José Luiz de Mendonça. Referindo-se a esse curioso documento assim se exprimiu o dr. Pedro Souto Maior (*in* «Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pern.», XIV, 17): — «Esta publicação tem valor duplo na Historia, como documento politico e por ser o primeiro fructo de uma typographia, que jazia abandonada, havia dous annos no Recife, quando a Republica lhe veiu dar vida».

1826.— Fallece em Lisbôa, com 59 annos de edade, pois nascera a 13 de Maio de 1767, o rei d. João, que, por virtude do tractado de 29 de Agosto de 1825, era tambem imperador honorario do Brasil. Correu que morrera envenenado e a esse boato deu credito, entre outros, A. de M. Vasconcellos de Drummond, nas «Annotações á sua biographia».

1854.— Nasce na fazenda do Morro-Grande, termo de Pirahi (Rio de Janeiro) Lucio Drummond Furtado de Mendonça, que se distinguiu no jornalismo, no conto e na poesia, assim como na magistratura, pois falleceu no posto de ministro do Supremo Tribunal Federal.

— Fallece subitamente, á rua do Catete, o conselheiro José Clemente Pereira, nascido em Portugal a 17 de Fevereiro de

1787. Abraçando sinceramente a causa do Brasil, foi um dos que mais trabalharam pela independencia da nossa Patria, como presidente do Senado da Camara do Rio de Janeiro. No Gabinete de 20 de Novembro de 1827 substituiu a Pedro de Araujo Lima (depois marquez de Olinda) na pasta do Imperio e a 5 de Agosto de 1829 occupou interinamente a pasta da Guerra, tendo sido processado por motivo do exercicio de tal cargo, em que lhe foram apontados graves abusos de poder, mas em 1832 foi submettido a julgamento perante o Senado e absolvido unanimemente. Em 1842 tomou assento na Camara vitalicia do Imperio, como representante da provincia do Pará, tendo sido eleito tambem por Alagôas e pelo Rio de Janeiro. Como deputado, chegou egualmente a ser eleito por tres provincias (Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas), e foi um dos auctores dos projectos de que resultaram o Codigo Criminal de 1830 e o Codigo Commercial do Imperio do Brasil. Além dos serviços politicos, outros ainda assignalados prestou elle como provedor da Sancta Casa de Misericordia, pois foi durante a sua administração e mercê da sua iniciativa que se fundou o Hospicio Pedro II (Hospicio de Alienados), onde existe a sua estatua em marmore, feita por Petrich. José Clemente Pereira, a exemplo dos Andradas, não teve nenhum titulo nobiliarchico; mas a sua viuva recebeu o de condessa da Piedade por acto de 13 de Março de 1854.

1856.— Tendo Zacharias de Góes e Vasconcellos inaugurado a presidencia da provincia, que, com o nome de provincia do Paraná, foi creada pela lei n. 704 de 29 de Agosto de 1853, — a 10 de Março de 1856 succedeu-lhe Vicente Pires da Motta, que a 11 de Novembro do anno seguinte foi substituido por Francisco Liberato de Mattos.

1868.— A Espiridião Eloy de Barros Pimentel succede nesta data, como presidente da provincia do Rio de Janeiro, Americo Brasiliense de Almeida Mello (auctor do excellente compendio «Licções de Historia Patria» e depois presidente de S. Paulo e ministro do Supremo Tribunal Federal), que a 30 de Julho do mesmo anno foi substituido por Benevenuto Augusto de Magalhães Taques.

1873.— Fallece na Gavea (arrabalde do Rio de Janeiro) o sabio Custodio Alves Serrão, nascido em Alcantara (Maranhão) a 2 de Outubro de 1799. Carmelita professo aos 15 annos, obteve breve de secularização em 1840. Foi naturalista notavel, conhecendo o grego e as linguas orientaes. Entre os cargos mais importantes que exerceu, contam-se os de director do Museu Nacional e do Jardim Botanico. Deixou publicados alguns trabalhos (veja biographia escripta por A. Henrique Leal, no «Pantheon Maranhense», IV).

1879.—Depois da administração de Francisco Ildefonso Ribeiro de Meneses inicia-se nesta data, na provincia de Sergipe, a de Theophilo Fernandes dos Santos, a quem succedeu no cargo de presidente, a 28 de Julho do anno seguinte, Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.

1884.—Fallece em Ouro-Preto, onde nascera a 15 de Agosto de 1827, Bernardo Guimarães, que foi um dos bons poetas e um dos primeiros romancistas brasileiros. Além de livros de versos e de alguns dramas, que escreveu e publicou, a sua principal e justa nomeada proveio dos romances intitulados «O ermitão do Muquem», «O seminarista», «O garimpeiro», «A escrava Isaura», «O indio Affonso», «Mauricio ou os Paulistas em S. João del Rey» e a excellente colletanea «Lendas e tradições da provincia de Minas-Geraes». E' preciso registar que o talentoso Mineiro tambem foi professor e magistrado, tendo sido juiz numa das comarcas da provincia de Goiaz, onde colheu os elementos com que traçou o primeiro dos romances acima citados, talvez a sua obra-prima.

1888.—Fórma-se nesta data o 35° Gabinete do 2° Imperio e o penultimo da monarchia no Brasil. Ficou constituido pela maneira seguinte:—presidente do conselho, João Alfredo Corrêia de Oliveira, que tomou para si a pasta da Fazenda; Imperio, José Fernandes da Costa Pereira Junior, substituido (em 4 de Janeiro do anno seguinte) por Antonio Ferreira Vianna; Justiça, Antonio Ferreira Vianna, substituido (tambem na data acima) por Francisco de Assis Rosa e Silva; Extrangeiros, Antonio da Silva Prado, a quem succedeu, em 27 de Junho de 1888, Rodrigo Augusto da Silva; Marinha, Luiz Antonio Vieira da Silva, substituido pelo barão de Guahí, que, nomeado a 4 de Janeiro de 1889, só se apresentou a 8 de Fevereiro, tendo servido interinamente, durante esse espaço de tempo, o ministro da Guerra, Thomaz José Coelho de Almeida; Agricultura, Rodrigo Augusto da Silva, tendo sido a pasta occupada por Antonio da Silva Prado de 27 de Junho de 1888 a 5 de Janeiro de 1889. Vê-se do exposto que, para chegar até 7 de Junho de 1889, teve o Gabinete de 10 de Março de reorganizar-se quasi completamente nos primeiros dias de 1889. A grande gloria dêsse Ministerio consiste na lei de 13 de Maio de 1888, que para sempre libertou o Brasil da mancha innominavel da escravidão africana.

11 DE MARÇO

1635.—Do forte de Nazareth, situado no cabo de Sancto-Agostinho, são repellidos os Hollandezes em dous ataques successivos, que contra o mesmo realizaram.

1778.—Tractado (que se celebrou no sitio do Prado) entre Portugal e Hispanha, de amizade e segurança dos respectivos dominios na America do Sul. Não passava de uma ratificação do tractado de Sancto-Ildefonso (de 1° de Outubro de 1777).

1784.—Para execução do tractado de Sancto-Ildefonso, os commissarios portuguezes e hispanhóes assentam o primeiro marco á margem septentrional do arroio Chuí. O marco portuguéz foi assentado á foz do Itabim, ficando considerado neutro todo o territorio intermedio. O commissario castelhano era d. José Varella y Ulloa, e os commissarios portuguezes eram o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, o coronel de engenheiros Francisco João Roscio, os mathematicos Alexandre Eloy Portelly, e Francisco das Chagas Sanctos e os astronomos Joaquim Felix da Fonseca Manso e José de Saldanha.

1793.—Nasce Geraldo Leite Bastos, na cidade do Rio de Janeiro, onde fallece (na mesma casa da freguezia de Sancta-Rita, em que nascera) a 15 de Julho de 1863. Recebeu ordens de presbytero, foi official-maior da secretaria do Senado e tomou parte activa na politica, attribuindo-se-lhe o pamphleto editado em 1841 com o titulo «O Brasil indignado contra o projecto anti-constitucional sôbre a privação de suas attribuições, por um philo-patricio».

1808.—Depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, organiza o principe-regente d. João, depois d. João VI, o primeiro Ministerio que se constituiu no Brasil e que ficou assim composto: Reino e Fazenda, d. Fernando José de Portugal (depois conde e marquez de Aguiar), que succedera ao conde de Resende como vice-rei do Brasil; Extrangeiros e Guerra, d. Rodrigo de Sousa Coutinho (depois conde de Linhares); Negocios Ultramarinos e Marinha, o conde de Anadia (d. João Rodrigues de Sá e Meneses). Fallecendo o conde de Linhares, que tinha a direcção geral da politica do Ministerio, em 26 de Janeiro de 1812, foi substituido por Antonio de Araujo de Azevêdo, conde da Barca; e, expirando este em 21 de Junho de 1817, foi a pasta confiada a Thomaz Antonio de Villa-nova Portugal tres dias depois, sendo della desannexada então a da Fazenda, de que foi nomeado titular João Paulo Bezerra. Completou-se essa primeira remodelação do Gabinete, entrando o conde dos Arcos para a pasta da Marinha e sendo para a da Guerra e Extrangeiros escolhido o conde (depois duque) de Palmella, que só veio tomar posse della a 23 de Dezembro de 1820. A última organização ministerial de d. João VI no Brasil foi feita a 22 de Abril de 1821, para o govêrno do principe-regente d. Pedro. Da penultima, organizada pelo decreto (antedatado) de 24 de

Fevereiro de 1821, já demos noticia na «Ephemeride» de 26 de Fevereiro.

1820.— Nascimento de Antonio Candido da Cruz Machado (depois visconde do Serro-Frio), na cidade do Serro (Minas-Geraes). Representou a provincia natal na Camara dos Deputados e em 1874 passou a representa-la no Senado. Foi presidente das provincias de Goiaz (1853), Maranhão (1855) e Bahia (1873). Deve-se-lhe um projecto de divisão administrativa do Brasil, pelo qual seria accrescido o número das provincias do Imperio. Deixou publicados alguns trabalhos parlamentares.

1827.— Fallece o marquez de Nazareth (Clemente Ferreira França), nascido na Bahia em 1774. Era então ministro da Justiça do Gobinete de 15 de Janeiro (fôra-o tambem do de 10 de Novembro de 1823). Pertencia ao Conselho de Estado e desde a organização do Senado (a 22 de Janeiro de 1826) ahi representava a sua provincia natal.

— Effectua-se nesta data a troca das ratificações da convenção entre o Brasil e a Grã-Bretanha para a extincção do trafico de Africanos (veja 23 de Novembro de 1826).

1831.— De sua segunda viagem á provincia de Minas-Geraes regressa nesta data ao Rio de Janeiro o imperador d. Pedro I. Para festejar-lhe a chegada, realizam os Portuguezes luminarias e festas, que dão motivo aos disturbios conhecidos pela denominação de «Noites das garrafadas» (veja «Aurora Fluminense» e escriptos de Luiz Francisco da Veiga e de Silverio Candido de Faria).

1857.— Em viagem para a Europa, fallece nesta data o dr. Eduardo Ferreira França (filho do célebre dr. Antonio Ferreira França), nascido na cidade da Bahia a 8 de Junho de 1809. Representou a provincia natal na Camara dos Deputados e distinguiu-se como cathedratico da Faculdade de Medicina da Bahia. Entre os trabalhos que publicou, merece menção especial o intitulado «Investigações de Psychologia», ao qual rendeu plena justiça o severo critico Silvio Roméro, em sua «Philosophia no Brasil».

1878.— A Antonio dos Passos Miranda succede, nesta data, na presidencia da provincia das Alagôas, Francisco de Carvalho Soares Brandão, substituido (a 28 de Dezembro do mesmo anno) por Cincinato Pinto da Silva.

1882.— Assume a presidencia da provincia de Pernambuco José Liberato Barroso. Antecedera-o José Antonio de Sousa Lima (depois barão de Sousa Lima). E' substituido a 17 de Novembro do mesmo anno por Francisco Maria Sodré Pereira.

1884.— A' administração de José Lustosa da Cunha Paranaguá succede nesta data a de Theodoreto Carlos de Faria

Souto, na provincia do Amazonas. Durou apenas 7 mezes essa gestão, porque a 11 de Outubro do mesmo anno passou a presidencia a ser occupada por José Jansen Ferreira Junior.

12 DE MARÇO

1511.— E' desta data (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXIV, 104) o traslado do regimento dado a Christovam Pires capitão da náo *Bretôa* (assim chamada, conforme Varnhagen, por ter sido construida nos estaleiros da Bretanha). O referido traslado foi feito pelo escrivão Duarte Fernandes. Como piloto, vinha João Lopes de Carvalho, que depois accompanhou a Fernando de Magalhães na primeira viagem de circumnavegação do globo. A viagem redonda da náo *Bretôa* durou 8 mezes, a contar do dia da partida de Lisbôa, que foi a 22 de Fevereiro de 1511.

1537.— Duarte Coelho Pereira, donatario da capitania de Pernambuco, dá a Olinda um foral, que foi confirmado mais tarde pelo acto régio de 17 de Março de 1557.

1543.— D. João III approva nesta data o accôrdo feito por Vasco Fernandes Coutinho e Pero de Góes da Silveira sôbre os limites entre as capitanias de Espirito-Sancto e S. Thomé.

1588.— E' desta data o regimento dado a Balthasar Rodrigues de Sousa, como provedor-mór da Fazenda do Brasil.

1799.— Carta régia ordenando ao governador do Ceará que, de accôrdo com o do Pará, examinasse os rios que, correndo da primeira das citadas capitanias, levassem as suas aguas ao Amazonas.

1806.— Toma posse do cargo de governador da capitania de S. José do Rio-Negro o capitão de mar e guerra José Joaquim do Paço, substituido por Manuel Joaquim do Paço em 1818.

1807.— Nasceu na freguezia do Rio-Fundo, termo de Sancto-Amaro (Bahia), Francisco Gonçalves Martins, que falleceu no posto de senador do Imperio e com o titulo de visconde de S. Lourenço, a 10 de Septembro de 1872 (veja essa data).

1822.— João Carlos de Saldanha (depois duque de Saldanha em Portugal), presidente da Juncta governativa da provincia do Rio Grande do Sul, communica nesta data a José Bonifacio que o povo daquella região se oppunha á execução dos decretos n. 124 e n. 125 das Côrtes de Lisboa.

1825.— Nesta data é substituido o primeiro presidente que teve a provincia de Sancta-Catharina depois da procla-

mação da independencia do Brasil, João Antonio Rodrigues de Carvalho, por Francisco de Albuquerque Mello, a quem succedeu, em 14 de Janeiro de 1830, Miguel de Sousa Mello e Alvim.

1826.— Chega nesta data a Montevidéo, a bordo da fragata *Piranga*, o almirante Rodrigo Pinto Guedes (depois barão do Rio da Prata), que substitue, no commando da esquadra imperial em operações contra a Argentina e o Uruguái, ao vice-almirante Rodrigo Lobo.

— Nasce nas aguas da Bahia, a bordo da náo *Pedro I*, o depois tenente-coronel Francisco Maria dos Guimarães Peixoto (veja 1° de Maio de 1868).

1838.— A Bernardo José Pinto Gavião Peixoto, que vinha governando desde 2 de Agosto de 1836, succede na presidencia da provincia de S. Paulo Venancio José Lisbôa, que, por sua vez, é substituido por Manuel Machado Nunes (a 11 de Julho do anno seguinte).

1857.— Assume a presidencia da provincia do Amazonas Angelo Thomaz do Amaral, que succede a João Pedro Dias Vieira e é substituido (a 10 de Novembro do mesmo anno) por Francisco José Furtado.

1867.— Fallece no Rio de Janeiro o dr. Joaquim Pinto Netto dos Reis, barão de Carapebús, nascido em Campos, onde exerceu o cargo de promotor publico, o primeiro que teve aquella comarca.

1878.— A Americo de Moura Marcondes de Andrade é nesta data dada posse da presidencia da provincia do Rio Grande do Sul, substituindo a Francisco de Faria Lemos. A 26 de Janeiro do anno seguinte, passou o govêrno a Felisberto Pereira da Silva.

13 DE MARÇO

1531.— Entra na Bahia de Todos os Sanctos a esquadra de Martim Affonso de Sousa. Eis o que refere Pero Lopes de Sousa, no «Diario da Navegação» (*in* «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXIV, 23-24): — «Domingo 13 dias do mez de Março pela manhã eramos de terra quatro leguas: e como nos achegamos mais a ella reconhecemos ser a Bahia de Todo los Santos; e ao meio dia entramos nella. Faz a entrada norte-sul: tem tres ilhas: hûa ao sudoeste, e outra ao norte, e outra ao noroeste: do vento sulsudoeste he desabrigada. Na entrada tem sete, oito braças de fundo, a lugares pedra, a lugares area; e assi tem o mesmo fundo dentro da bahia, onde as naos sorgem. Em terra, na ponta do padram, tomei o sol em treze graos e hum quarto. Ao mar da ponta do padram se faz

hûa restinga d'area, e a lugares pedra: entre ella e a ponta podem entrar naos; no mais baxo da dita restinga ha braça e mea. Aqui estivemos tomando agua e lenha, e corregendo as naos, que dos temporaes que nos dias passados nos deram, vinham desaparelhadas. Nesta bahia achamos hum homem portugues, que havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e deu rezam larga do que nella havia. Os principaes homês da terra vieram fazer obediencia ao capitam I; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailos; amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitam I. lhes deu muitas dadivas. A gente desta terra he toda alva; os homês mui bem dispostos, e as mulheres mui fermosas, que nam ham nenhûa inveja ás da Rua Nova de Lixbôa. Nam tem os homês outras armas senam arcos e frechas; a cada duas leguas tem guerra hûs com os outros. Estando nesta bahia no meo do rio pellejaram cincoenta almadias e hûa banda, e cincoenta da outra; que cada almadia traz secenta homês, todas apavezadas de pavezes pintados como os nossos: e pellejaram desd' o meo dia até o sol posto: as cincoenta almadias, da banda de que estavamos surtos, foram vencedores; e trouxeram muitos dos outros captivos, e os matavam com grandes cerimonias, presos per cordas, e depois de mortos os assavam e comiam: nam tem nenhum modo de fisica: como se acham mal nam comem, e poem-se ao fumo; e assi pelo conseguinte os que sam feridos. Aqui deixou o capitam I dous homês, para fazerem experiencia do que a terra dava, e lhes deixou muitas sementes». Claro está que o portuguez, a que se refere Pero Lopes de Sousa como existente na Bahia desde 22 annos atraz, era o célebre Diogo Alvares, o *Caramurú*.

1586.— Fallece em Portugal, para onde regressara em 1577 e onde exercia o cargo de desembargador dos aggravos, o dr. Antonio Salema, que em 1572 governara as capitanias do Sul do Brasil. Durante a sua administração, não só bateu os Indios do Cabo-Frio, alliados dos Francezes, que alli haviam fundado uma feitoria, como tambem installou no Rio de Janeiro o engenho de El-Rey, que, vendido a Domingos de Amorim Soares, passou mais tarde a Rodrigo de Freitas Castro.

1635.— Em companhia de Domingos Fernandes Calabar e commandando 280 homens, parte o almirante hollandez Lichthardt a atacar Porto-Calvo, onde estava o conde de Bagnuoli.

1695.— O capitão-general de Pernambuco, Caetano de Mello e Castro, participa ao govêrno da metropole que fôra degollado o Zumbí, chefe do quilombo dos Palmares, deprehendendo-se de tal documento não passar de lenda o suicidio do famoso negro.

1752.— E' desta data a carta patente, pela qual o rei d. José

nomeou Thomaz Luiz Osorio para o posto de tenente-coronel do Regimento de Dragões da guarnição do Rio Grande do Sul.

1838.—Nesta data, continuando no dia 14 e prologando-se até ao dia 15, realizam-se os ultimos combates da guerra civil, que, com a denominação de «Sabinada», estalara na Bahia a 7 de Novembro de 1837 (veja essa data).

—Sóbe á scena no Rio de Janeiro, pela primeira vez, em beneficio da actriz Stella Sesefreda dos Sanctos, a tragedia «Antonio José» ou «O poeta e a inquisição», lavra de Domingos José Gonçalves de Magalhães (depois visconde de Araguaia).

1851.—Segundo incendio do theatro S. Pedro de Alcantara, no Rio de Janeiro (veja 12 de Outubro de 1813).

1853.—Fallece no Rio de Janeiro, onde era parocho da freguezia do Sacramento, o conego José Antonio Marinho, nascido no Porto do Salgado (Minas-Geraes) a 7 de Outubro de 1803. Possuia grande cultura intellectual e tomou parte na revolução de 1842 na sua provincia natal, que tambem representou na Camara dos Deputados. Entre os trabalhos que publicou, merece particular menção a «Historia do movimento politico que no anno de 1842 teve logar na provincia de Minas-Geraes».

1879.—Succedendo a Eliseu de Sousa Martins, nesta data assume o cargo de presidente da provincia do Rio Grande do Norte Rodrigo Lobato Marcondes Machado, que a 1° de Maio do anno seguinte é substituido por Alarico José Furtado.

1882.—Fallece no Rio de Janeiro, em edade muito avançada, o cirurgião Jacintho Rodrigues Pereira Reis, natural de Minas-Geraes, onde tomara parte na revolução de 1833. Deixou impressos alguns trabalhos.

1886.—E' desta data o decreto (assignado pelo barão de Cotegipe, ministro de Extrangeiros) promulgando os actos addicionaes á convenção postal universal de 1° de Junho de 1878 e ao respectivo regulamento, concluidos em Lisbôa a 21 de Março de 1885.

14 DE MARÇO

1630.—Os Hollandezes são atacados em Agua-Fria e batidos por Mathias de Albuquerque.

1647.—E' desta data o «Parecer do padre Antonio Vieira sôbre as cousas do Brasil, principalmente da restauração da capitania de Pernambuco» (*in* «Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras.», LVI, p. 1ª, 85-102). E' o chamado «Papel forte», pelo qual o famoso Jesuita opinava se entregasse Per-

nambuco aos Neerlandezes, voto felizmente vencido nos conselhos da corôa e a que os bravos Pernambucanos deram o mais formal desmentido.

1731. — Carta régia concedendo a patente de capitão-mór e governador das terras por elle descobertas, a Bartholomeu Bueno da Silva (o *Anhanguêra* junior), que acabava de revelar as grandes jazidas de ouro do territorio de Goiaz, onde falleceu em 1776, em edade muito avançada.

1813. — Nasce na cidade do Rio de Janeiro José Maria do Amaral, depois diplomata illustre, que falleceu em Niterói a 23 de Septembro de 1885 (veja essa data).

1822. — Nasce em Napoles d. Teresa-Christina, filha do rei das Duas-Sicilias, Francisco I (1777-1830) e da rainha d. Maria-Isabel (1789-1848). Casou em 4 de Septembro de 1843 com d. Pedro II, imperador do Brasil, tendo elle 18 e ella 21 annos de edade.

1826. — Pela madrugada faz-se de véla para Buenos-Aires a esquadra commandada pelo almirante Brown, que, desde 26 de Fevereiro, estava atacando a Colonia do Sacramento. As perdas dos nossos, occorridas na defesa da referida praça, foram de 32 homens mortos (entre os quaes 1 major) e 52 feridos (2 officiaes). Os Argentinos perderam cêrca de 500 homens, além dos estragos que soffreram todas as suas embarcações.

1843. — Succedendo a Pedro Rodrigues Fernandes Chaves (depois barão de Quarahim), toma posse, nesta data, da presidencia da provincia da Parahiba, Ricardo José Gomes Jardim, que a 2 de Dezembro do mesmo anno é substituido por Agostinho da Silva Neves.

1844. — E' expedido nesta data o decreto imperial numero 342, concedendo amnistia a todos os implicados nas revoluções politicas de S. Paulo e Minas-Geraes.

1847. — Na freguezia de Muritiba, pertencente á antiga comarca da Cachoeira, da provincia da Bahia, nasce nesta data Antonio de Castro Alves, o grande poeta da Abolição, fallecido na cidade do Salvador aos 24 annos de edade, em 6 de Julho de 1871.

1848. — Assume a presidencia da provincia de Minas-Geraes José Pedro Dias de Carvalho, cujo antecessor fôra Quintiliano José da Silva. Esteve apenas tres mezes e dias no cargo, pois foi substituido a 22 de Junho do mesmo anno por Bernardino José de Queiroga.

1868. — Decreto assignado pelo ministro da Marinha, Affonso Celso de Assis Figueiredo (depois visconde de Ouro-

Preto), determinando que a bordo do vapor *Amazonas* e de alguns encouraçados se ice no mastro de prôa a fita do Cruzeiro e se fixe no centro da roda do leme a venéra de official da mesma Ordem.

1893.—Fallece no Rio de Janeiro, onde nascera a 9 de Agosto de 1821, o visconde de Sousa Fontes (José Ribeiro de Sousa Fontes), cathedratico da Faculdade de Medicina e que, no serviço do exército, chegou ao posto de marechal de campo. Foi 2° Secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em cuja «Revista» (XIX, 509-527) inseriu uma interessante memoria com o titulo «Quaes foram os animaes introduzidos na America pelos conquistadores?».

15 DE MARÇO

1521.—Carta régia ordenando fossem destruidos todos os exemplares das Ordenações Manuelinas, pertencentes ás edições de 1512 e 1514, sob pena de degredo aos que o não fizessem.

1560.—Inicia-se o ataque á fortaleza de Coligny (depois Villegaignon) por ordem do governador-geral Mem de Sá, entrado no Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro de 1560, a bordo da esquadrilha commandada por Bartholomeu de Vasconcellos. Sôbre o combate, que durou dias, dão noticia circunstanciada a «Historia do Brasil» de frei Vicente do Salvador e o «Instrumento» a que já temos feito mais de uma referencia. Não houve negociações de especie alguma entre Mem de Sá e os Francezes. Estes abandonaram o forte e aquelle se limitou a arrasa-lo, visto não dispor de gente, nem de munições, para guarnece-lo e defende-lo convenientemente. Tão pouco dispunha o governador-geral de gente para fundar povoação.

1678.—Na cidade do Salvador, toma posse, nesta data, do govêrno do Estado do Brasil, Roque da Costa Barreto, nomeado por carta patente de 3 de Fevereiro do anno anterior. Durante a sua administração, que se extendeu por 4 annos, foram feitas na Bahia muitas obras, entre as quaes a da Casa da Polvora, levantada no Campo do Desterro. A 3 de Maio de 1682 foi substituido naquelle alto posto por Antonio de Sousa de Meneses.

1705.—Sebastião da Veiga Cabral, governador da Colonia do Sacramento, que vinha resistindo heroicamente ao sitio e bombardeio por parte dos Hispanhóes, evacua nesta data a referida praça, em cumprimento de ordens do rei de Portugal (veja 1° de Septembro e 17 de Outubro de 1704).

1725.— Segue para Portugal o governador da capitania do Rio de Janeiro, Ayres de Saldanha de Albuquerque Coutinho Mattos e Noronha. Durante a sua administração, iniciada a 18 de Maio de 1719, foi construida a fonte da Carioca, juncto á ladeira de Sancto-Antonio. Só a 10 de Maio de 1725 foi que se empossou o seu successor, Luiz Vahia Monteiro.

1789.— E' desta data a primeira denuncia da Conjuração Mineira, dada ao visconde de Barbacena por Joaquim Silverio dos Reis.

1816.— Nasce na cidade do Rio de Janeiro Antonio da Costa, que se doutorou em Montpellier, vindo a tornar-se um dos mais notaveis cirurgiões brasileiros. Publicou alguns trabalhos.

1836.— No rio Cajusuba, em frente á villa de Abaeté, no Pará, trava-se nesta data um combate entre as fôrças legaes e os *cabanos*, que são completamente destroçados. Enquanto aquellas soffrem apenas a perda de 2 mortos e 6 feridos, os revolucionarios, além de 16 homens, perdem 4 peças e 2 morteiros, 8 granadeiras, 5 clavinas, 1 batelão, 1 lancha e várias igarités.

1860.— Fallece em Rumo da Lage, municipio da Parahiba do Sul, o conselheiro Luiz Antonio Barbosa, que, eleito senador pela provincia de Minas-Geraes e escolhido a 15 de Novembro de 1859, não chegara a tomar assento na Camara alta do Imperio.

— Fallece no Rio de Janeiro o padre José Martiniano de Alencar, nascido no Ceará a 27 de Outubro de 1798. Tomou parte na revolução pernambucana de 1817. Deputado á Constituinte brasileira, foi deportado em companhia dos Andradas. Em 1832, foi eleito senador pelo Ceará, tendo sido escolhido pela Regencia para a Camara vitalicia. Presidiu por duas vezes a sua provincia natal, de 1834 a 1837 e 1840 a 1841.

1878.— Assume nesta data a presidencia de Sergipe Francisco Ildefonso Ribeiro de Meneses.

1881.— Succedendo a João Marcellino de Sousa Gonzaga, toma posse da presidencia da provincia do Rio de Janeiro Martinho Alvares da Silva Campos, que um anno depois (a 16 de Março de 1882) foi substituido por Bernardo Avelino Gavião Peixoto.

16 DE MARÇO

1557.— Chega ao Rio de Janeiro, para soccorrer a nascente colonia fundada por Villegaignon, a expedição com-

mandada por Bois-le-Comte, a qual tinha sido organizada em Honfleur. Della fazia parte o pastor protestante Jean de Léry, auctor muito conhecido de uma historia dessa occupação.

1560.— Termina o combate começado no dia anterior, entre Portuguezes e Francezes, na bahia do Rio de Janeiro, abandonando este o forte de Coligny (depois de Villegaignon), que Mem de Sá manda immediatamente arrasar (veja 22 de Novembro de 1767).

1570.— Provisão régia concedendo exempção de tributos aos engenhos que fossem construidos dentro de dez annos. Ficava tambem estabelecido que o assucar pagaria apenas 10 % á entrada no reino.

1683.— Carta régia ordenando que se verificasse si eram cumpridas as obrigações constantes das datas de terras no Brasil, pois seriam dadas a outras pessoas as sesmarias que não estivessem cultivadas e povoadas dentro dos prazos legaes.

1699.— E' desta data a provisão de procurador da Fazenda Real nas Minas dos Cataguazes e seu districto, passada a Domingos da Silva Bueno por Arthur de Sá e Meneses, governador da Repartição do Sul (*in* «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo» XVIII, 371-372).

1737.— E' assignado em Pariz o armisticio entre Portugal e Hispanha, que trouxe como consequencias immediatas a occupação do Rio Grande do Sul por José da Silva Paes e o levantamento do cêrco, que d. Miguel Salcedo sustentara durante 22 mezes contra a Colonia do Sacramento, cuja heroica resistencia foi dirigida por Antonio Pedro de Vasconcellos.

1743.— Ordem régia a Gomes Freire de Andrada, pela qual ficava elle auctorizado a mandar construir casa para residencia dos governadores da capitania de Minas-Geraes. A planta do palacio-fortaleza da antiga Villa-Rica (hoje Ouro-Preto) foi feita pelo brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoim, notavel engenheiro militar que nasceu na Colonia do Sacramento em 1698 e falleceu em 1770.

1797.— E' desta data o alvará régio, pelo qual o serviço dos correios passou a constituir administração do Estado.

1816.— Nasce na cidade da Bahia José Maria da Silva Paranhos, que, quando falleceu no Rio de Janeiro, a 1° de Novembro de 1880, era senador pela provincia de Mato-Grosso e tinha o titulo de visconde do Rio-Branco. Eis, além de outros que não tiveram tão assignalado relêvo, os serviços que prestou na vida pública, de accôrdo com a resumida relação feita por Sacramento Blake: — «Foi secretario da missão es-

pecial encarregada ao marquez de Paraná em 1851 no Rio da Prata, passando a ministro residente no anno seguinte, e foi por vezes nomeado plenipotenciario e enviado extraordinario nas Republicas Argentinas, do Uruguái e do Paraguai, sendo quem concluiu em 1865 o accôrdo da questão pendente, havia longos annos; foi quem firmou depois o accôrdo para organizar-se um govêrno provisorio no Paraguái, em cuja occasião escreveu dous *memoranda*, considerados como modelos no genero, e, finalmente, o accôrdo preliminar da paz. Foi presidente do Rio de Janeiro; deputado por essa provincia, pelo Municipio Neutro e por Sergipe; foi ministro da Marinha de 15 de Dezembro de 1853 a 14 de Junho de 1855, ministro dos Extrangeiros desta data a 4 de Maio de 1857, cabendo-lhe a gloria de protestar contra actos violentos do cruzeiro inglez, protesto a que com elogio se referiram varios membros da Camara dos Lords, entre os quaes lord Malmesbury, e occupou essa pasta depois por várias vezes, assim como a da Guerra de 12 de Dezembro de 1858 a 12 de Fevereiro de 1859 e de 7 de Março a Junho de 1871. Organizando o Gabinete de 7 de Março de 1871, no qual occupou a pasta da Fazenda, nelle conquistou seu maior titulo de gloria, a refórma do elemento servil, que com ingente exfôrço realizou com a promulgação da lei de 28 de Septembro...»

1817.—Com o fugitivo governador de Pernambuco, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, chegam ao Rio de Janeiro as primeiras noticias da revolução republicana estalada naquella provincia. O futuro marquez da Praia-Grande foi preso e recolhido á fortaleza da ilha das Cobras.

1833.—A André de Albuquerque Maranhão Junior succede nesta data, como presidente da provincia da Parahiba, Antonio Joaquim de Mello, que, a 20 de Maio de 1836, é substituido por Basilio Quaresma Torreão.

1836.—Assume a administração da provincia da Bahia, que deixara Francisco de Sousa Martins, o presidente nomeado pelo segundo Gabinete de Feijó, Francisco de Sousa Paraiso, que teve de deixar o cargo em consequencia da revolução estalada a 7 de Novembro de 1837 (veja essa data) e conhecida pela denominação de «Sabinada». A 19 de Novembro de 1837 foi substituido por Antonio Pereira Barreto Pedroso.

1838.—Termina nesta data a «Sabinada», pois de manhã capitulou a última fortaleza que ainda estava em poder dos revoltosos. O presidente da provincia, Barreto Pedroso, dirige ás tropas legaes e aos habitantes da Bahia uma eloquente proclamação a proposito do auspicioso facto.

1846.—O imperador d. Pedro II parte da cidade de S. Paulo, afim de visitar o interior daquella provincia: em 19, chega ao Ipanema; em 22, a Porto-Feliz; em 23, á cidade de Itú; em 26, a Campinas; em 30, a Jundiahi; e em 31 estava de novo na cidade de S. Paulo.

1861.—A José Francisco Cardoso succede nesta data, como presidente da provincia do Paraná, Antonio Barbosa Gomes Nogueira, substituido a 7 de Março de 1864 por José Joaquim do Carmo.

1882.—Tomam posse, nesta data, dous presidentes de provincia: José Barbosa Torres (a 29 de Outubro do mesmo anno substituido pelo (depois barão de Guarajá), das Alagôas, e Bernardo Avelino Gavião Peixoto (a quem succedeu, em 31 de Outubro do anno seguinte, José Leandro de Godoy e Vasconcellos), do Rio de Janeiro.

17 DE MARÇO

1531.—A esquadra de Martim Affonso de Sousa, que, forçada pelos ventos, arribara de novo á Bahia, nesta data levanta ferro outra vez e prosegue em sua marcha para o Sul.

1637.—Sabendo o conde de Bagnuoli que a fortaleza de Porto-Calvo caïra em Poder de Mauricio de Nassau, abandona a Alagôa do Norte, onde estacionava, e segue para a villa de S. Francisco (hoje cidade de Penedo), ordenando ao tenente-general Alfonso Ximénez de Almirón que atravessasse o rio com alguns terços e acampasse em territorio da capitania de Sergipe. A marcha da columna de Bagnuoli começara a 10 de Março, e só a 17 foi que chegou á margem esquerda do rio S. Francisco.

1699.—Conforme a opinião do conselheiro José Mariano de Azeredo Coutinho, nesta data é que começa a funccionar a Casa da Moéda do Rio de Janeiro, estabelecida pela carta régia de 12 de Janeiro de 1698. Mas, pelo documento estampado na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo», XVIII, 366-367, vê-se que o funccionamento da Casa da Moéda no Rio de Janeiro devia durar apenas um anno, segundo a ordem contida na carta régia de 12 de Novembro de 1698, dirigida por d. Pedro II a Arthur de Sá e Meneses, governador e capitão-general da Repartição do Sul (veja 2 de Dezembro de 1858).

1751.—Tendo sido desmembrado de S. Paulo o territorio de Matto-Grosso e elevado a capitania independente por acto regio de 25 de Septembro de 1748, sendo nomeado primeiro

governador della d. Antonio Rolim de Moura (depois conde de Azambuja), que tomou posse do cargo a 17 de Janeiro de 1751. O êrro de Teixeira de Mello, que em suas «Ephemerides Nacionaes» attribue tal facto a 17 de Março de 1751, é evidenciado pelo documento inserto na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LV, p. 1ª, 395-398.

1797.—Alvará regio officializando o serviço dos correios no Brasil (veja 2 de Maio de 1798).

1825.—São suppliciados no largo da Prainha (Rio de Janeiro), por volta do meio-dia, João Guilherme Ratcliffe, Joaquim da Silva Loureiro e João Metrowich, implicados na Confederação do Equador que estalara em Pernambuco a 2 de Julho do anno anterior. A data verdadeira da execução é 17 de Março de 1825, como se vê dos documentos estampados por Mello Moraes no «Brasil Historico» (I, 2ª série, 238), e não 15 de Março de 1825, como affirma o barão do Rio-Branco, de quem entretanto se deve ler a interessantissima nota á recente «Historia da Independencia» de Varnhagen (pags. 436-437).

1827.—São trocadas, em Londres, as ratificações da convenção entre o Brasil e a Grã-Bretanha para extinguir-se o tráfico de Africanos (veja 19 de Maio de 1826).

—O primeiro presidente da provincia da Bahia, depois de proclamada a independencia do Brasil, foi Francisco Vianna (depois barão do Rio de Contas); o segundo foi o visconde de Queluz (depois marquez, João Severiano Maciel da Costa); o terceiro foi d. Nuno Eugenio de Lossio Seiblitz, que tomou posse nesta data, sendo substituido, a 11 de Outubro do mesmo anno, pelo infeliz visconde de Camamú. O «Brasil Historico» (II, 2ª série, 142-144) de Mello Moraes encerra dados interessantes sobre d. Nuno de Lossio Seiblitz.

1831.—Em consequencia dos successos de dias anteriores, conhecidos pela denominação de «noites das garrafadas», varios senadores e deputados dirigem a d. Pedro I, nesta data, uma vigorosa representação pedindo uma desaffronta aos brios nacionaes.

1853.—Fallece em Niterói José de Assis Alves Branco Muniz Barreto, que nascera na Bahia a 27 de Septembro de 1819. Foi o 4º director da Bibliotheca Publica (hoje Bibliotheca Nacional) do Rio de Janeiro. Segundo escreveu Joaquim Norberto de Sousa Silva (com o pseudonymo de «Fluviano») na *Revista Popular*, aquelle illustre Brasileiro foi «um dos mais intrepidos propugnadores das idéas liberaes».

1854.—Fallece no Rio de Janeiro, aos 19 annos de edade,

o cégo José Alves de Azevedo. Foi o primeiro que no Brasil professou a systema de instruir e tornar uteis os individuos feridos pela cegueira physica.

1864.— Em sua edição desta data, o jornal *Espectador da America do Sul*, referindo-se á representação trazida do Rio Grande do Sul pelo general Netto, concita vehementemente o Govêrno imperial a defender os Brasileiros domiciliados no Uruguái contra o despotismo de Aguirre e assim termina o seu appêllo a d. Pedro II: — « Temos direito á vossa protecção, ou devemos contar sómente comnosco? »

1873.— Toma assento no Senado, como representante da Bahia, o conselheiro João José de Oliveira Junqueira.

1881.— Fallece em Goiaz, commandando um presidio militar, o major honorario João Detzi, grego de nascimento, que, depois de exercer funcções magisteriaes, se alistou no exército, tendo servido na guerra do Paraguái.

1882.— Toma posse da presidencia da provincia do Amazonas José Lustosa da Cunha Paranaguá.

18 DE MARÇO

1632.— Parte do Arraial do Bom-Jesús, commandando um terço de 300 Napolitanos, o conde de Bagnuoli, que por ordem de Mathias de Albuquerque levanta, juncto ao Cabo de Sancto-Agostinho, uma fortaleza, destinada a defender aquelle poncto, por onde então se fazia o commercio de Pernambuco. O forte, alli edificado pela dicta expedição, compunha-se de 4 baluartes e comprehendia uma ermida dedicada a Nossa Senhora de Nazareth, donde a denominação, que elle tomou, de forte de Nossa Senhora de Nazareth do Cabo de Sancto-Agostinho.

1633.— Commandados pelo coronel Rembach, atacam os Hollandezes e tomam o posto, que os nossos se haviam descuidado de fortificar, do passo dos Afogados. Apressaram-se os inimigos a construir nelle um forte abaluartado, artilhando-o com 12 peças, e que tomou o nome de Principe Guilherme.

1654.— Chega a Lisbôa André Vidal de Negreiros, levando a noticia da restauração de Pernambuco. Em outra embarcação seguia o benedictino frei João da Resurreição, que ia com aquelle mesmo fim, por parte de João Fernandes Vieira. Entrando ambos na foz do Tejo, conta Vicente Ferrer (« Guerra dos Mascates », pags. 62) que o frade teve meios de desembarcar na mesma noite e de logo obter uma audiencia do so-

berano, ao passo que Vidal de Negreiros só poude faze-lo no dia seguinte.

1675.—Em virtude da cessão feita por Antonio Luiz Coutinho da Camara, foi nesta data doada, por carta régia, a capitania do Espirito-Sancto a Francisco Gil de Araujo, que, em companhia de muitos colonos, da Bahia se passou para as suas novas terras, incrementando-lhes o progresso. Foi quem fundou a villa de Guaraparim e falleceu aos 24 de Dezembro de 1685 (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXIV, 231).

1694.—Carta régia declarando que seria remunerado com o fôro de fidalgo ou hábito de qualquer Ordem todo aquelle que descobrisse no Brasil minas de ouro ou prata.

1711.—*Homicidio de Duclerc.*—Vencido em 19 de Setembro de 1710 no seu ataque ao Rio de Janeiro, João Francisco Duclerc foi recolhido preso ao Collegio dos Jesuitas, donde, a seu pedido, passou para a casa do tenente Thomaz Gomes da Silva, sita na esquina da rua da Quitanda com a do general Camara. Tinha elle a cidade por menagem. A 18 de Março de 1711 foi elle assassinado por pessoas que se disfarçaram para a práctica do crime, ignorando-se tambem os motivos de tal acto de violencia, que tem sido attribuido a requestas amorosas. Eis o attestado de obito, que, apesar de não trazer assignatura (veja «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», tomo especial, consagrado ao 1° Congresso de Historia Nacional, p. 1ª, 509), foi passado pelo cura da Candelaria, padre Bartholomeu de França:—«Em dezoito de Março, das sete para as oito horas da noite, de mil setecentos e onze annos, mattarão o general dos francezes que entrarão a tomar esta cidade, o qual matarão dous rabuçados que lhe entrarão pela porta dentro estando na cama, e dous ficarão guardando a porta na escada, e tinha sentinellas para que não passeasse e não lhe valerão, e chamouse João Francisco, que era o nome da pia, e o nome de guerra era Moçu de Cré, está enterrado na cappella de Sam Pedro da egreja de Nossa Senhora da Candelaria, porque morava na Rua que se chama da Candelaria, da Cruz para o Campo, em huãs casas que forão de João de Azevedo».

1767.—E' desta data a carta régia mandando estabelecer no Rio de Janeiro o Real Erario.

1797.—Por ordem régia desta data, são encarregados de examinar as minas existentes nas comarcas do Serro-Frio e Sabará o dr. José Vieira do Couto e o bacharel José Teixeira da Fonseca Vasconcellos (depois visconde de Caeté).

1822.—Empossa-se a nova Juncta do Rio Grande do Norte: padre Manuel Pinto de Castro, presidente; Manuel Antonio Moreira, secretario; João Marques de Carvalho, Agostinho Leitão de Almeida e Thomaz de Araujo Pereira, membros. Este ultimo, que só entrou em exercicio a 16 de Septembro, foi o primeiro presidente da provincia, cargo que assumiu a 5 de Maio de 1824 (os enganos da « Historia da Independencia » de Porto-Seguro são facilmente corrigidos pela documentação colligida pelo dr. A. Tavares de Lyra, *op. cit.*).

1823.—E' elevada á categoria de cidade a villa de Victoria, capital da então provincia do Espirito-Sancto.

1850.—Fallece no Rio de Janeiro o senador José Thomaz Nabuco de Araujo, pae do conselheiro do mesmo nome e avô de Joaquim Nabuco (veja 19 de Março de 1878).

—Na mesma data fallece o deputado por Minas-Geraes Antonio Gomes Candido, ermão do illustre medico Francisco de Paulo Candido, tambem deputado pela mesma provincia. Substituiu-o na Camara o dr. Manuel de Mello Franco.

1878.—Victima da febre amarella, fallece no Rio de Janeiro o illustre scientista Carlos Frederico Hartt, nascido em 1840 no Canadá (cidade de Fredericktown).

—Tomam posse, nesta data, dous presidentes de provincia: José Joaquim do Carmo, da do Pará; e Eliseu de Sousa Martins, da do Rio Grande do Norte.

1879.—Assume a presidencia da provincia de Goiaz Aristides de Sousa Espinola, que, a 1° de Fevereiro de 1881, é substituido por Joaquim de Almeida Leite Moraes.

1894.—Fallece no Rio de Janeiro Ladisláo de Sousa Mello e Netto, nascido em Maceió (Alagôas) a 27 de Junho de 1838. Foi um dos raros Brasileiros que se dedicaram com carinho á Anthropologia, á Archeologia e á Ethnographia. Dirigiu proficientemente o Museu Nacional e deixou um grande número de memorias scientificas que lhe valeram, com justiça, renome universal.

19 DE MARÇO

1534.—Nascimento de José de Anchieta (veja 9 de Junho de 1597).

1605.—Em carta a Diogo Botelho, agradece-lhe o rei os serviços por elle já prestados no Brasil, especialmente os relativos aos Indios e ás minas da capitania de S. Vicente, ordenando, finalmente, que d. Francisco de Sousa regressasse a Portugal.

1612.— Parte do porto de Cancale, na Bretanha, a expedição commandada por Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière, e destinada a conquistar o Maranhão. Compunha-se de 3 navios (*Régent*, *Charlotte* e *Sainte-Anne*) e trazia cerca de 500 homens. A 11 de Julho, segundo as investigações do barão de Studart, chegava essa frota em frente á enseada de Mucuripe.

1681.— Parte de S. Paulo, no encalço da expedição de Fernão Dias Paes, o administrador geral das minas d. Rodrigo de Castello-Branco, que, em fins de Outubro do mesmo anno, é assassinado nas proximidades do arraial do Sumidouro por Manuel de Borba Gato (genro de Fernão Dias Paes) ou por escravos desse famoso bandeirante paulista.

1720.— A metropole manda estabelecer em Minas-Geraes uma Casa da Moéda, que durou até 1735.

1752.— D. Antonio Rolim de Moura, governador de Matto-Grosso, funda no sitio denominado Pouso-Alegre a capital da referida capitania, dando-lhe o nome de Villa-Bella.

1763.— Da Colonia do Sacramento sai d. Pedro de Cevallos com o intuito de conquistar o Rio Grande do Sul. Compunha-se de 6.000 homens o exército que commandava.

1796.— Toma posse do bispado de S. Paulo, por procurador, d. Matheus de Abreu Pereira, que fez a sua entrada solenne na diocese a 31 de Maio do anno seguinte. Nascera na ilha da Madeira a 8 de Agosto de 1742 e falleceu em São Paulo a 5 de Maio de 1824, tendo feito parte do triumvirato encarregado do govêrno daquella provincia em 1822.

1823.— Assume nesta data o commando da esquadra brasileira, surta no Rio de Janeiro, lord Cochrane, chegado do Chile, a convite de d. Pedro I. Doucos dias depois, a 26, era nomeado 1° almirante da armada nacional.

1831.— E' desta data o penultimo Gabinete do 1° Imperio e com o qual acreditou d. Pedro I resolver a grave crise politica, então em seu auge e terminada com a abdicação. Compunha-se dos seguintes Brasileiros: Bernardo José da Gama (visconde de Goiana), na pasta do Imperio; Francisco Caneiro de Campos, na de Extrangeiros; Manuel José de Sousa França, na da Justiça; Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti de Albuquerque, na da Fazenda; José Manuel de Moraes, na da Guerra; e José Manuel de Almeida, na da Marinha. Este Ministerio sustentou-se no poder sómente até 5 de Abril, data em que foi substituido pelo Gabinete dos «medalhões», que precipitou a jornada de 7 de Abril.

1855.— Fallece José Lino de Moura, o primeiro thesoureiro que teve o Instituto Historico. Exerceu o cargo com tanta dedicação, que, para não ser suspensa a publicação da «Revista», forneceu os meios do seu proprio bolso.

1875.— Fallece nesta data, quasi nonagenario, o barão de Antonina. Chamava-se João da Silva Machado e nascera no Rio Grande do Sul em 1782. Logo depois de creada a provincia do Paraná, foi por ella eleito seu representante no Senado, onde, graças á escolha imperial, tomou assento em 1854.

1878.— Fallece no Rio de Janeiro o conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo, que desde 1853 representava no Senado a provincia da Bahia, onde nascera a 14 de Agosto de 1813. Representou Pernambuco em a Camara dos Deputados e presidiu a provincia de S. Paulo de 1851 a 1852. Fez parte de tres organizações ministeriaes, em todas ellas occupando a pasta da Justiça: a 6 de Septembro de 1853, no Gabinete do marquez de Paraná; a 12 de Dezembro de 1858, no do visconde de Abaeté; e no de 12 de Maio de 1865, presidido pelo marquez de Olinda. Por causa dos seus profundos conhecimentos e longa experiencia da vida pública, foi em questões de Administração e de Jurisprudencia, uma das vozes mais acatadas que se fizeram ouvir, durante a monarchia, no Conselho de Estado e no Senado. Além de varios outros trabalhos juridicos, deve-se-lhe o projecto de Codigo Civil, cuja elaboração lhe foi confiada por acto do Poder Legislativo. Era pae de Joaquim Nabuco, que, para honrar dignamente a memoria do egregio genitor, sôbre elle traçou a substanciosa obra intitulada «Um Estadista do Imperio».

1888.— Succedendo a Manuel de Araujo Góes, nesta data toma posse da presidencia da provincia de Sergipe Olympio Manuel dos Sanctos Vital, cuja administração foi muito curta, pois a 30 de Julho do mesmo anno passava o cargo a Francisco de Paula Prestes Pimentel.

1889.— Fallece no Rio de Janeiro o marechal de campo Severiano Martins da Fonseca, barão de Alagôas.

20 DE MARÇO

1570.— E' desta data a primeira lei portugueza favoravel á liberdade dos incolas do Brasil. Eis, segundo Varnhagen («Historia Geral», II, 322), o que determinava o rei d. Sebastião: — «Defendo e mando que daqui em deante se não use nas dictas partes do Brasil dos modos que se até ora usou em fazer captivos os dictos gentios, nem se possam captivar

por modo nem maneira alguma, salvo aquelles que forem tomados em guerra justa que os Portuguezes fizerem aos dictos gentios, com auctoridade e licença minha, ou do meu governador nas dictas partes, ou aquelles que costumam saltear os Portuguezes, ou a outros gentios, para os comerem, assim como são os que se chamam Aimorés, e outros similhantes». Esta lei foi modificada logo em 1573.

1688.— Carta régia prohibindo que os senhores castiguem cruelmente seus escravos, e sim com moderação e conforme as leis, pois já não é pouco serem os mesmos privados da sua liberdade. Por ella foi tambem permittido aos governadores o punirem os senhores que commettessem crueldades com os escravos, mas foi abolida pela carta régia de 23 de Fevereiro de 1689.

1690.— Carta régia mandando atalhar os vexames e crueldades practicados contra os missionarios e os gentios pelos moradores das terras de S. Paulo.

1736.— E' desta data a ordem do Govêrno portuguez prohibindo que no Brasil e demais dominios ultramarinos fosse introduzido todo e qualquer tabaco extrangeiro.

1761.— Na capital de Sancta-Catharina, então villa do Desterro e hoje cidade de Florianopolis, nasce nesta data Joaquim Francisco do Livramento, vulgarmente conhecido pela denominação de *Irmão Joaquim*. Foi o Vicente de Paulo do Brasil. Sem receber ordens sacras de especie alguma, votou-se desde cedo á fundação de edificios piedosos, para isso grangeando, dentro e fóra da patria, os necessarios recursos. A' sua infatigabilidade nessa cruzada philanthropica é que se devem o Asylo de sua terra natal e os seminarios de orphams da Bahia (S. Joaquim) e de Jacuecanga. Era epileptico e falleceu em Marselha no anno de 1829 (na «Rev. do Inst Hist. e Geogr. Bras.», VIII, 391-401, vem inserta uma sua biographia. onde se lhe attribue o nascimento a 22 de Março).

1816.— Fallece no Rio de Janeiro a rainha d. Maria I, que desde 10 de Fevereiro de 1792 estava afastada do exercicio dos seus direitos magestaticos, em consequencia de soffrer de molestia incuravel. Nascera a 17 de Dezembro de 1734.

1819.— Nasce no Rio de Janeiro Antonio Pereira Pinto, que falleceu a 5 de Julho de 1880. Presidiu as provincias do Espirito-Sancto (1848) e de Sancta-Catharina (1849), e, além de outros trabalhos que escreveu e publicou, deixou os «Apontamentos para o Direito Internacional ou collecção completa dos tractados celebrados pelo Brasil com differentes nações extrangeiras, accompanhada de uma noticia historica e do-

cumentada sôbre as convenções mais importantes», obra de grande valia, que foi subvencionada pelo Govêrno imperial.

1823.— São elevadas á categoria de cidades: Villa-Rica, capital da provincia de Minas-Geraes, passando a chamar-se Ouro-Preto; e a villa do Desterro, capital da provincia de Sancta-Catharina.

1824.— Os majores Bento José Lamenha Lins e Antonio Corrêia Seara, insurreccionando-se á frente dos batalhões de infantaria de linha que commandavam (o 1° e o 3°) no Recife, prendem e recolhem na fortaleza do Brum a Manuel de Carvalho Paes de Andrade, que continuava a occupar a presidencia da provincia de Pernambuco, apesar de estar nomeado para este cargo o morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto. Eis o que a esse proposito refere Varnhagen, na sua «Historia da Independencia» (pags. 418-419): — «Oppoz-se, porém, a estes, com artilharia e os corpos de milicias, o governador das armas, Falcão de Lacerda, que muito se distinguira na campanha da Bahia. Mediando, porém, a Camara de Olinda, o commandante da fortaleza soltou Paes de Andrade, que tomou de novo posse de governador, retirando-se Paes Barreto para o Sul da provincia, com as tropas que se resolveram a segui-lo». Pouco depois, a 2 de Julho, proclamava Paes de Andrade a Confederação do Equador.

1830.— Fallece em Pariz Nicoláo Antonio Taunay, que alli nascera a 10 de Fevereiro de 1755. Foi um dos melhores artistas vindos em 1816 para o Brasil, onde se conservou até principios de 1821, regressando então á terra do berço. Sôbre elle escreveu o seu digno descendente dr. Affonso d'Escragnolle Taunay uma extensa monographia, inserta na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», LXXVIII, p. 2ª. E' vultuosa a collecção de télas devidas ao illustre pintor, de quem ficaram em nosso paiz relativamente poucas. Na galeria da Eschola Nacional de Bellas-Artes existem as seguintes: «O theatro de La Folie», «Herminia e os pastores», «O mensageiro da paz», «O largo da Carioca visto de Sancto-Antonio», «Vista da bahia de Botafogo», «Vista tirada do convento de Sancto-Antonio», 2 retratos de Hippolyto Taunay, 2 retratos de Carlos Taunay, 2 retratos de Felix Taunay, 2 retratos de Theodoro Taunay, retrato da criada grave Jeanneton, 2 retratos de Adriano Taunay e 4 esboços «Os evangelistas». Em poder de particulares consta a existencia dos seguintes: «O vendedor de cavallos», «Festa napolitana», «Vista tirada da estrada da Tijuca», «Bazar oriental», «Pastor a tocar flauta» (attribuido), «A partida do filho prodigo», «Francesco Francia» e «Os gansos de frei Philippe».

1837.—A José Rodrigues Jardim, que tivera longa administração, succede nesta data, como presidente da provincia de Goiaz, Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, que a 4 de Septembro de 1839 teve por substituto d. José de Assis Mascarenhas.

1855.—Fallece na Bahia (onde nascera a 10 de Outubro de 1780) o senador pela mesma provincia (desde a organização da Camara vitalicia em 1826) Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra-Branca. Além de poeta, foi diplomata, tendo sido o primeiro representante do Brasil em França e quem negociou extra-officialmente o casamento de d. Pedro I com a princeza d. Amelia de Leuchtenberg.

1869.—Fallece em Liverpool, onde exercia o cargo de consul geral do Brasil, o almirante John Pascoe Grenfell, nascido no condado de Surrey (Inglaterra) a 30 de Septembro de 1800. Veio para o Brasil em 1823, dahi em deante tomando parte activa na vida do nosso paiz, a cujo serviço falleceu. Eis os factos mais importantes que se lhe devem na carreira militar: combate de 4 de Maio nas costas da Bahia; perseguição da esquadra portugueza, que conduzia para a Europa as fôrças do general Madeira; independencia do Maranhão; pacificação das luctas civis de Pernambuco e do Pará; campanha da Cisplatina (1825-1828); e campanha contra Rosas (1850-1852).

1890.—E' lançado ao mar, nesta data, o cruzador *Almirante Tamandaré*, construido em nosso paiz e mediante planos do capitão-tenente João Candido Brasil. Segundo um cálculo do *Jornal do Commercio*, devia ficar, depois de inteiramente prompto, em 3.700:000$000.

21 DE MARÇO

1635.—Tendo os Hollandezes, que sitiavam o Arraial do Bom-Jesús, começado a fortificar um outeiro nas proximidades daquella posição, são embaraçados no intento por uma fôrça de 270 homens dos nossos, que desalojam o inimigo e destroem as obras já por elle feitas. O commandante do Arraial do Bom-Jesús era André Marin, e o dos Neerlandezes era o coronel Arcizewski.

1637.—Sai do Recife, nesta data, a expedição hollandeza destinada a atacar a cidade da Bahia. Compunha-se de 7.800 homens, embarcados em 40 navios. Commandava-a o principe Mauricio de Nassau. Ao mesmo tempo, outra divisão da frota neerlandeza, ao mando do general Siegismundt van Schkoppe, vai assaltar S. Christovam (Sergipe), que é incendiada, depois de barbaro saque.

1777.— Chegam ao Rio de Janeiro, onde, por ordem do vice-rei marquez de Lavradio, são immediatamente presos e recolhidos em diversas fortalezas, o general e demais officiaes superiores que haviam entregado a d. Pedro Ceballos a praça de Sancta-Catharina.

1838.— Succedendo a José de Miranda Ribeiro (depois visconde de Uberaba), toma posse da presidencia da provincia de Minas-Geraes Bernardo Jacintho da Veiga, que foi substituido a 22 de Agosto de 1840 por Sebastião Barreto Pereira Pinto.

1843.— Em sua residencia de Great-Hall, perto de Keswick (Inglaterra), fallece o poeta e historiador Robert Southey, nascido em Bristol no anno de 1774. Só em 1862 foi editada no Rio de Janeiro a traducção (feita pelo dr. Luiz J. de O. Castro e annotada pelo conego J. C. Fernandes Pinheiro) de sua « History of Brazil », publicada em Londres de 1810 a 1819. Eis como o orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (*in* « Rev. », VI, 557), Manuel de Araujo Porto-Alegre (depois barão de Sancto-Angelo), referindo-se ao passamento do illustre escriptor britannico, apreciou com justiça aquelle seu trabalho: — « Em 1795, Roberto Southey foi a Portugal, e na classica Lusitania, á vista das recordações dos seculos XV e XVI, dessas conquistas que talvez um dia só existam na historia e na epopéa do Homero da peninsula, em contacto com as memorias de um passado tão grandioso, e encarando o futuro destino da America, se inspirou para escrever a historia da nossa Patria, monumento precioso para nós... »

— Suicida-se no Rio de Janeiro o conselheiro e consul geral da Russia no Brasil, Henrique Julio de Wallenstein, nascido em Hogue (Silesia Prussiana) no anno de 1790. Viera em fins de 1832 para o Brasil, onde desposou uma patricia nossa e aqui permaneceu até morrer. Homem de grande cultura intellectual, pertenceu ao quadro social do Instituto Historico e Geographico Brasileiro desde a fundação dêste gremio (veja « Rev. », VI, 111-117, biographia de Wallenstein, escripta pelo conego Januario da Cunha Barbosa).

1850.— Fallece no Rio de Janeiro, victimado pela febre amarella, o senador pela provincia da Bahia Manuel Antonio Galvão, nascido na cidade do Salvador a 3 de Janeiro de 1791. Começou a vida como caixeiro. Foi plenipotenciario do Brasil na Inglaterra (1835-1839), presidiu as provincias de Alagôas (1829), Espirito-Sancto (1830), Minas-Geraes (1831) e Rio Grande do Sul (esta por duas vezes, em 1831 e 1846), foi ministro do Imperio no Gabinete de 1° de Septembro de 1839,

e no de 2 de Fevereiro de 1844 occupou a pasta da Justiça, em substituição do visconde de Caravellas. Tomou assento no Senado em 1844. Morreu em honradissima pobreza.

1851.— Fallece no Rio de Janeiro o barão de Monte-Sancto, Luiz José de Oliveira Mendes, nascido na Bahia a 21 de Junho de 1779. Quando se organizou o Senado, a 22 de Janeiro de 1826, foi escolhido para representar alli a provincia do Piauhí e presidiu a Camara vitalicia do Imperio de 1847 a 1850.

1863.— Faz sua entrada solenne na diocese de S. Paulo o bispo d. Sebastião Pinto do Rego, que alli falleceu a 30 de Abril de 1868, sendo substituido por d. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho.

1879.— Fallece em Caxambú o dr. Caetano Furquim de Almeida, nascido em Camandocaia (hoje cidade de Jaguarí, Minas-Geraes) a 11 de Novembro de 1816. Foi um dos vultos proeminentes do commercio brasileiro.

1891.— Fallece em Barbacena (Minas-Geraes) d. Antonio de Macedo Costa, nascido em Maragogipe (Bahia) a 7 de Agosto de 1830. A 23 de Março de 1860 foi nomeado bispo do Pará, cargo que ainda desempenhava com grande dedicação, quando irrompeu a questão episcopo-maçonica, em consequencia da qual foi condemnado (assim como d. frei Vital, bispo de Olinda) a 4 annos de prisão com trabalho, pena commutada em prisão simples pelo poder moderador e da qual cumpriu uma parte na fortaleza da ilha das Cobras. Antes disso, havia tomado parte, com assignalado brilho, no Concilio ecumenico de 1869, em que foi proclamado o dogma da infallibilidade do papa. Os bispos brasileiros foram amnistiados por decreto imperial de 17 de Septembro de 1875. Em 1890, em consequencia das renuncias do marquez de Monte-Paschoal e do conde de Sancta-Fé, foi d. Antonio de Macedo Costa elevado, por Leão XIII, á alta dignidade de arcebispo da Bahia, não tendo logrado sentar-se no solio metropolitano do Brasil, por motivo da infermidade que logo depois lhe arrebatou a vida. Publicou grande número de pastoraes e algumas obras historicas, revelando notavel erudição e perfeito conhecimento do vernaculo.

22 DE MARÇO

1619.— Não se sabe si Pero de Góes da Silveira, donatario da capitania de S. Thomé, falleceu em Portugal ou em S. Paulo, como presume Taques. Seu filho e successor, Gil de Góes da

Silveira, e a mulher dêste, d. Francisca de Aguilar Manrique, por escriptura lavrada em Lisbôa a 22 de Março de 1619, cederam á corôa os direitos que tinham á dicta donataria, mediante uma tença de 100$000.

1681.— Pelo marquez de Cascaes é elevada nesta data á categoria de capital da capitania de S. Vicente a villa de S. Paulo, em logar da villa de S. Vicente (veja Azevedo Marques, «Aponctamentos», II, 241).

1714.— Entra a barra de Lisbôa a náo *Nossa Senhora do Carmo e Sancto-Elias*, que pouco antes tivera que sustentar porfiado combate com piratas argelinos. A bordo della regressava para Portugal o ex-governador de Minas-Geraes, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Na referida peleja distinguiu-se por seu heroismo d. Rosa Maria de Siqueira, esposa do desembargador Antonio da Cunha Souto-Maior, que estivera como syndicante em S. Paulo e alli acabava de ser victima de uma assuada.

1812.— Nasce em Itapicurú-mirim (Maranhão) João Francisco Lisbôa, que falleceu na capital portugueza a 26 de Abril de 1863. Foi um dos maiores escriptores do Brasil. O seu «Jornal do Timon», os «Aponctamentos para a historia do Maranhão» e a «Vida do padre Antonio Vieira» evidenciam a sua grande erudição e admiravel conhecimento da lingua patria.

1833.— Estala em Ouro-Preto, nesta data, uma forte sedição militar, que depõe o presidente da provincia, Manuel Ignacio de Mello e Sousa (depois barão do Pontal), que a governava desde 22 de Abril de 1831, prendendo-o, assim como ao vice-presidente, Bernardo Pereira de Vasconcellos, e ao deputado (depois senador) José Bento Leite Ferreira de Mello, obrigando-os a saïr daquella capital. Vasconcellos, libertado pelo povo de Queluz, foi installar o govêrno da provincia em S. João del Rey. O inglorio pronunciamento foi suffocado pouco depois (a 19 de Maio) por fôrças, que a Regencia enviou do Rio de Janeiro, sob o commando de José Maria Pinto Peixoto. E a 4 de Julho de 1833 tomava conta da presidencia José de Araujo Ribeiro (depois visconde do Rio-Grande).

1861.— José Fernandes da Costa Pereira Junior succede, na presidencia da provincia do Espirito-Santo, a Antonio Alves de Sousa Carvalho (depois visconde de Sousa Carvalho).

1867.— Fallece no Rio de Janeiro o conselheiro João José de Carvalho, nascido na mesma cidade a 24 de Fevereiro de 1806. Cathedratico da Faculdade de Medicina, chamou-lhe «o Larrey brasileiro» o orador do Instituto Historico. Deixou publicados alguns trabalhos de valia.

1869.—E' nomeado commandante em chefe das fôrças brasileiras em campanha contra o govêrno do Paraguái o conde d'Eu, que septe dias depois embarca para o Sul no vapor *Alice*.

1875.—Toma posse da presidencia da provincia de Minas Geraes Pedro Vicente de Azevedo, que a 10 de Janeiro do anno seguinte é substituido pelo barão da Villa-da-Barra.

1876.—Francisco de Faria Lemos inicia nesta data a sua administração, como presidente da provincia do Ceará, onde teve como successor, a 10 de Janeiro do anno seguinte, Caetano Estellita Cavalcanti Pessôa.

1882.—Succedendo a Pedro Leão Velloso, toma posse da presidencia da provincia do Ceará Sancho de Barros Pimentel, a quem substituiu, em 12 de Dezembro do mesmo anno, o barão de Guajará (Domingos Antonio Raiol).

23 DE MARÇO

1536.—E' desta data a bulla, pela qual o papa Paulo III, com annuencia do rei d. João III, estabeleceu em Portugal o tribunal da Inquisição, que arrebatou ao Brasil um número consideravel de filhos, entre os quaes o célebre poeta Antonio José da Silva.

1688.—Tendo o governador do Maranhão enviado á metropole amostras de ferro, preparado em S. Luiz, uma carta régia desta data declarou-lhe que não convinha continuar em similhante manufactura, por ser o ferro a melhor droga que de Portugal podia vir para o Brasil (*in* «Rev. do Inst. Geogr. e Hist. da Bahia», XI, 43).

1702.—Carta régia mandando dar terras, exemptas de dizimos por 5 annos, aos Paulistas que haviam tomado parte na destruição do quilombo dos Palmares, na villa de Anadia, por elles fundada no sertão de Alagôas.

1732.—Grande incendio, pela madrugada dêste dia, no mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro.

1789.—O visconde de Barbacena, governador da capitania de Minas-Geraes, em consequencia da denúncia que lhe fôra dada por Joaquim Silverio dos Reis, manda suspender o lançamento da derrama (para pagamento dos quintos atrazados devidos á Corôa pelos mineiros), frustrando dêsse modo o pretexto de que iam servir-se os Inconfidentes para a projectada rebellião.

1794.—Nasce na Bahia Francisco Gomes Brandão Montesuma, depois Francisco Gê Acaiaba de Montesuma, visconde de Jequitinhonha, que, depois de uma vida politica das mais

agitadas e proficuas, falleceu no Rio de Janeiro a 15 de Fevereiro de 1870 (veja essa data).

1828.— Tomada do brigue argentino *Niger* pelo capitão de fragata James Inglis, commandante do *Caboclo*.— A's 11 1|2, tendo chegado ao alcance da voz, Inglis ordenou ao inimigo que se rendesse, e, ante a recusa dêste, mandou romper o fogo, que se tornou activissimo de ambos os lados. O *Niger* por tres vezes tentou passar pela pôpa do *Caboclo*, mas este se conservou prolongado com o costado daquelle, á distancia de meio tiro de pistola, até que o obrigou a render-se. O brigue argentino tinha saïdo de Buenos-Aires no mesmo dia, trazendo, além do commandante, 6 officiaes, 6 capitães de presas e 80 homens, dos quaes morreram 5 na acção, ficando 12 mais ou menos feridos.

1837.— E' preso no passo do Tapeví o presidente da provincia do Rio Grande do Sul, brigadeiro Antero José Ferreira de Brito, pelo commandante das armas da mesma provincia, brigadeiro Bento Manuel Ribeiro, que assim abraça outra vez a causa dos republicanos «Farrapos».

1841.— Sobem ao poder os conservadores, com o Gabinete desta data (o segundo do 2° Imperio), que ficou assim composto: — Imperio, Candido José de Araujo Viana (marquez de Sapucahí); Justiça, Paulino José Soares de Sousa (visconde de Uruguái); Extrangeiros, Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho (visconde de Sepetiba); Fazenda, Miguel Calmon du Pin e Almeida (marquez de Abrantes); Marinha, o marquez de Paranaguá (Francisco Villela Barbosa); e Guerra, José Clemente Pereira. Este Ministerio sustentou-se até 20 de Janeiro de 1843, devendo-se-lhe as leis de creação do Conselho de Estado (23 de Novembro de 1841) e de reforma do Codigo do processo criminal (3 de Dezembro de 1841), que provocaram as revoluções de 1842 em S. Paulo e Minas-Geraes.

1843.— Toma posse da presidencia da provincia de Minas-Geraes, que acabava de ser conflagrada pela revolução liberal, o brigadeiro Francisco José de Sousa Soares de Andréa (depois barão de Caçapava). Foi substituido a 1° de Julho do anno seguinte por João Paulo dos Sanctos Barreto.

1868.— Os melhores navios paraguaios, *Taquarí* e *Igureí*, são destruidos pelos encouraçados brasileiros *Bahia* e *Barroso* e monitores *Rio Grande* e *Pará*, sob o commando do barão da Passagem. O *Taquarí* estava encostado a um banco, ao Norte da ilha do Araçá, quando foi submergido pelos certeiros canhões do *Bahia*; e o *Igureí* foi posto a pique pelo *Barroso* e *Rio Grande*, que o descobriram sob as baterias do Timbó.

1869.— Em remuneração aos serviços que acabava de prestar ao Brasil na campanha do Paraguái, é concedido ao

marquez de Caxias o titulo de duque. Além de Luiz Alves de Lima, que não tinha sangue real nas vêias, só duas outras pessôas alcançaram, no Brasil, aquella elevada honorificencia: a duqueza de Goiaz (filha natural de d. Pedro I com a marqueza de Sanctos) e o duque de Sancta-Cruz, Augusto de Leuchtenberg (ermão da segunda imperatriz do Brasil), que depois casou com d. Maria II, rainha de Portugal.

1874.— Segundo affirma Teixeira de Mello, em suas «Ephemerides Nacionaes», nesta data é que fallece, na cidade de Niterói, a actriz Estella Sesefreda dos Sanctos, viuva do grande artista nacional João Caetano dos Sanctos. Nascera no Rio Grande do Sul a 14 de Janeiro de 1810, e, vindo para o Rio de Janeiro aos 12 annos de edade, aqui se estreiara, em 1833, no papel de protagonista da comedia «Camilla ou o subterraneo». Morreu velha e em extrema pobreza.

1887.— Succedendo a Ernesto Adolfo Vasconcellos Chaves, assume nesta data a presidencia da provincia do Amazonas Conrado Jocob de Niemeyer, que é substituido a 10 de Janeiro do anno seguinte por Francisco Antonio Pimenta Bueno.

24 DE MARÇO

1582.— Entra no Rio de Janeiro a grande esquadra commandada por Diogo Flores Valdez, que se destinava ao estreito de Magalhães. Nella vinham Pedro Sarmiento, Diego de la Ribera e Alonso de Sotomayor.

1633.— Por ser uma quinta-feira sancta, os Hollandezes, a conselhos de Calabar, atacam ás 11 horas do dia o Arraial do Bom-Jesús. Commandava-os o coronel Rembach, á frente de 1.500 homens de infantaria. Os nossos, commandados por Mathias de Albuquerque e o conde de Bagnuoli, em número apenos de 350 soldados, derrotam heroicamente os invasores, dos quaes 15 caem prisioneiros e mais de 400 ficam mortos no campo de batalha. Entre os feridos contavam-se o coronel Rembach e o major Padburg: aquelle foi carregado pelos seus para o Recife, onde morreu; quanto a Padburg, ficou abandonado, não mais havendo noticias delle, segundo as informações neerlandezes. Nas fôrças pernambucanas houve 25 mortos e 40 feridos.

1685.— Parte de Lisbôa, nomeado governador do Maranhão, Gomes Freire de Andrade, que trazia poderes para suffocar a revolta alli estalada no anno anterior sob a direcção de Manuel Beckman.

1822.— Faz-se de véla para Portugal a esquadra que, por ordem das Côrtes, tinha chegado ao Rio de Janeiro no dia 5, afim de buscar o principe d. Pedro.

1843.— E' desta data o tractado que d. Tomás Guido, como representante da Republica Argentina perante o govêrno do Brasil, assignou no Rio de Janeiro com o ministro de Extrangeiros Honorio Hermeto Carneiro Leão (depois marquez de Paraná) e que se destinava principalmente a pôr termo á guerra dos «Farrapos». Ratificado por parte do Imperio do Brasil a 27 do mesmo mez e anno, não o foi por parte de d. Juan Manoel Rosas, presidente da Confederação Argentina. E' provavel que esta recusa do dictador argentino tenha em muito influido para a attitude posterior da politica brasileira em relação ao Rio da Prata.

1861.— Succedendo a João Silveira de Sousa, toma posse da presidencia da provincia do Maranhão Pedro Leão Velloso, que um mez depois (a 25 de Abril) é substituido por Francisco Primo de Sousa Aguiar.

1867.— Atravessa nesta data o rio Uruguái o 3º corpo do exército, sob o commando do intrepido general Osorio, então barão do Herval. Compunha-se de guardas-nacionaes do Rio Grande do Sul e tinha sido organizado durante a presidencia de Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (depois barão Homem de Mello).

25 DE MARÇO

1590.— Por escriptura desta data, Diogo de Brito Lacerda dôa a frei Pedro Ferraz e frei João Porcalho, os primeiros Benedictinos chegados ao Rio de Janeiro em 1581, « o outeiro da ermida da Conceição, edificada por Aleixo Manuel, o velho». Devido a levantarem alli o mosteiro de S. Bento, o morro tomou logo esta nova denominação, que ainda conserva (veja 11 de Septembro de 1589).

1605.— Carta régia a Diogo Botelho, governador geral do Brasil, agradecendo-lhe a maneira por que, durante 42 dias, defendeu a cidade da Bahia contra o ataque de navios hollandezes. Refere-se este documento á expedição de van Carden.

1715.— Fallece o padre Prudencio do Amaral, jesuita, nascido no Rio de Janeiro em 1675. Escreveu em latim um poema sobre o assucar.

1735.— Gomes Freire de Andrada começa a governar a capitania de Minas-Geraes (veja 26 de Julho de 1733).

1752.— Partem da Bahia os desembargadores Augusto Telles dos Sanctos Capello, Manuel da Fonseca Brandão e outros, que vinham estabelecer a Relação do Rio de Janeiro, creada pela resolução régia de 13 de Outubro de 1751.

1769.— E' inaugurada a fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, á barra da bahia de Paranaguá, construida sob a

direcção do tenente-coronel Affonso Botelho de Sampaio e Sousa, de ordem de d. Luiz de Sousa Botelho Mourão, governador da capitania de S. Paulo. Tinha sido começada em 1767.

1802.—E' desta data o tractado de Amiens, entre Portugal, Hispanha e França: a Hispanha ficaria de posse da praça de Olivença; Portugal conservaria o territorio das Missões á margem esquerda do Uruguái e toda a parte occidental do Rio Grande do Sul ao Norte do rio Quarahim; e os limites entre o Brasil e a Guiana Franceza seriam traçados pelo curso do rio Araguarí e por uma recta tirada dêste até ao rio Branco.

1822.—A conselhos de José Bonifacio, o principe d. Pedro segue para a provincia de Minas-Geraes, afim de conciliar os animos exaltados e chamar á obediencia a Juncta governativa, o que consegue com grande facilidade.

1824.—E' jurada no Rio de Janeiro a Constituição Politica do Imperio do Brasil. Realizou-se essa ceremonia na Capella Imperial. Foi reproduzida, em grande téla, pelo notavel pintor Debret.

— Primeiro incendio do theatro S. Pedro de Alcantara, na mesma noite em que, para commemorar o juramento da Constituição, se representava alli o drama sacro « Vida de Sancto-Hermenegildo ».

1835.—Nascimento de Gentil Homem de Almeida Braga, em S. Luiz do Maranhão (veja 25 de Julho de 1876).

1838.—Inaugura-se nesta data o Imperial Collegio de Pedro II, creado por decreto de 2 de Dezembro de 1837, firmado pelo ministro do Imperio, Bernardo Pereira de Vasconcellos.

1852.—Inauguração do theatro lyrico, denominado Provisorio, no Rio de Janeiro, cantando-se a opera *Macbeth*, de Verdi.

1854.—Começa nesta data, em algumas ruas do Rio de Janeiro, a illuminação a gaz.

1855.—O govêrno da Republica do Paraguái, que havia entregado os passaportes ao nosso encarregado de negocios Philippe José Pereira Leal, declara ao chefe da esquadrilha brasileira, Pedro Ferreira de Oliveira, que fôra enviado a Assumpção em missão especial, não ter tido intenção de offender o Imperio, tanto que estava disposto a receber aquelle ou outro qualquer representante do Brasil.

1866.—Uma parte da esquadra brasileira bombardeia o forte paraguaio de Itapirú.

1881.—Succedendo a Antonio de Araujo Aragão Bulcão, toma posse, nesta data, da presidencia da provincia da Bahia,

João Lustosa da Cunha Paranaguá (depois marquez de Paranaguá), que, cêrca de um anno mais tarde (a 29 de Março de 1882), é substituido por Pedro Luiz Pereira de Sousa.

1884.—E' proclamada nesta data a libertação final de todos os escravos existentes no territorio da provincia do Ceará. No anno anterior haviam sido libertados em massa os escravos existentes em Baturité e Icó.

1895.—Fallece no Rio de Janeiro o marechal Antonio Enéas Gustavo Galvão, barão do Rio-Apa.

1896.—Fallecimento do ministro do Supremo Tribunal de Justiça, Americo Brasiliense de Almeida e Mello, nascido em S. Paulo a 8 de Agosto de 1833. Além de outros cargos politicos que lhe foram confiados na terra natal, que tambem representou na Camara dos Deputados, presidiu á provincia da Parahiba (1866-1867) e a provincia do Rio de Janeiro (1868), tendo sido nomeado em 1882 lente da Faculdade de Direito de S. Paulo. Proclamada a Republica, teve elle ensejo de governar o seu Estado na quadra difficil da sua organização para o novo regime, e depois foi nomeado para o mais alto Tribunal do paiz. Entre outros trabalhos, que escreveu e publicou, merece menção especial o intitulado «Lições de Historia Patria».

26 DE MARÇO

1539.—Pero de Góes da Silveira e Vasco Fernandes Coutinho accordam, nesta data, em que o limite das capitanias do Espirito-Sancto e S. Thomé fosse o rio Tapemiri (Itapemirim), o que foi approvado pelo rei de Portugal em 12 de Março de 1543.

1630.—Loncq é atacado por uma guerrilha de Camarão. O general hollandez é derrotado e ferido, escapando porém, graças á velocidade do seu cavallo, e recolhendo-se á villa de Olinda. Dos 300 homens, que compunham a sua escolta, 36 ficam mortos no campo da acção, 6 são feridos e alguns caem prisioneiros do terço de Indios de Camarão, dispersando-se os restantes. Entre os mortos achou-se o ministro protestante Jacob Martini.

1662.—Succedendo a d. Pedro de Mello, toma posse do cargo de governador e capitão-general do Maranhão Ruy Vaz de Siqueira, que é substituido, a 22 de Junho de 1667, por Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (o velho).

1687.—A Gomes Freire de Andrade, que puzera termo á revolta capitaneada por Manuel Beckman, succede nesta data, como governador e capitão-general do Maranhão, Arthur de

Sá e Menezes, que depois tanto se illustrou no govêrno do Rio de Janeiro. Succedeu-lhe, a 17 de Maio de 1690, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, filho homonymo do acima citado.

1700.—Bando de Arthur de Sá e Meneses, governador e capitão-general do Rio de Janeiro, prohibindo que fossem para as Minas os escravos de lavradores de canna e mandioca.

1776.—Depois de 27 dias de bloqueio, rende-se ao major Rafael Pinto Bandeira o forte de Sancta-Tecla, vendo-se a guarnição hispanhola obrigada a capitular por falta de viveres.

1816.—A bordo do navio americano *Calpe*, partido do Havre a 22 de Janeiro de 1816, chega ao Rio de Janeiro a colonia de artistas francezes, com que poude d. João VI organizar, a 12 de Agosto do mesmo anno, a Eschola Real de Sciencia, Artes e Officios, origem da actual Eschola Nacional de Bellas-Artes. Esse grupo de artistas era assim composto: Joaquim Lebreton, do Instituto de França, chefe da colonia emigrada; João-Baptista Debret, pintor de historia; Nicoláo-Antonio Taunay, pintor de batalhas; Augusto-Maria Taunay, esculptor; Augusto-Henrique-Victorio Grandjean de Montigny, architecto; Simão Pradier, gravador; Francisco Ovide, professor de Mechanica; Carlos-Henrique Levavasseur e Luiz-Symphoriano Meunié, auxiliares de Grandjean de Montigny; Francisco Bonrepos, auxiliar de Augusto Taunay; e Pedro Dillon, secretario. A esses cumpre junctar os seguintes mestres de officios, vindos na mesma expedição: Nicoláo Magliori Enout, serralheiro; João-Baptista Level, empreiteiro de obras de ferraria; Pilite e Fabre, curtidores; Luiz-José Roy e seu filho Hippolyto, carpinteiros. Pouco depois chegaram os dous ermãos Marcos e Zephyrino Ferrez, esculptores.

1817.—Por um cabo de policia é preso nesta data, ao aportar á barra de Itapoan (Bahia) a jangada que o transportava, o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, vulgarmente conhecido por «Padre Roma», que ia tentar obter a adhesão daquella provincia ao movimento republicano estalado em Pernambuco (veja 29 de Março de 1817).

1866.—Os encouraçados *Tamandaré*, *Brasil*, *Barroso* e *Bahia* bombardeiam o forte de Itapirú, assim como uma chata que fundeara sob a protecção das baterias paraguaias. O *Tamandaré*, depois de alguns disparos, mette uma bala no paiol de polvora da chata, inutilizando-a totalmente.

1870.—A Pedro de Barros Cavalcanti de Albuquerque succede nesta data, como presidente da provincia do Rio Grande do Norte, Silvino Elvidio Carneiro da Cunha (depois barão de Abiahí), que é substituido a 17 de Agosto do anno seguinte por Delfino Augusto Cavalcanti de Albuquerque.

1876.— A bordo do paquete inglez *Hevelius* seguem nesta data para a America do Norte, afim de assistir á exposição de Philadelphia, o imperador d. Pedro II e a imperatriz d. Teresa-Christina. Começa, portanto, a segunda regencia da princeza imperial d. Isabel.

1886.— Succedendo a Amphiloquio Botelho Freire de Carvalho, toma posse, nesta data, da presidencia da provincia de Alagôas Geminiano Brasil de Oliveira Góes, que a 8 de Novembro do mesmo anno é substituido por José Moreira Alves da Silva.

27 DE MARÇO

1635.— Arcizewski, com grande fôrça, investe pela segunda vez o Outeiro do Conde, que não lograra tomar no dia 21, e, apesar da resistencia energica dos nossos, apodera-se da posição. Artilhou-a immediatamente com 3 meios-canhões, que desde logo fizeram immenso mal ao Arraial do Bom-Jesús.

1637.— Continuando a perseguir o conde de Bagnuoli, que batia em retirada, o principe Mauricio de Nassau chega nesta data á villa de S. Francisco (hoje cidade de Penedo), onde manda levantar, no morro que domina a povoação, uma fortaleza de 4 baluartes, á qual deu o nome de Mauricio. Artilhou-a com 7 peças de bronze e nella poz uma guarnição de 1.600 homens, sob o commando do general Siegesmundt van Schkoppe.

1734.— E' desta data, segundo Teixeira de Mello affirma em suas «Ephemerides Nacionaes», uma carta régia «determinando que os magistrados não casem no Brasil sem licença de el-rei, sob pena de serem riscados do serviço, suspensos e logo remettidos para o reino pelos governadores.

1822.— Desembarcam na cidade da Bahia 206 homens do 15° regimento de infantaria da divisão commandada pelo general Jorge de Avilez. Iam a bordo do navio *S. José Americano*, que, desgarrado do comboio saído do Rio de Janeiro a 15 de Fevereiro, arribara á Bahia no dia 18 de Março. Os soldados portuguezes foram conduzidos festivamente entre archotes (pois que o desembarque se realizou á noite), pelos seus patricios, até aos aquartelamentos que lhes eram destinados. Com os soldados que desembarcaram do transporte *Trez-Corações*, subiu o total a 381 praças (veja 15 de Fevereiro de 1822).

1866.— Continúa o combate no Passo da Patria.— Collocando uma chata artilhada defronte dos nossos navios de guerra, os Paraguaios rompem o fogo, a que responde efficazmente o encouraçado *Tamandaré*, do commando de Mariz e

Barros. Refere Garcez Palha em suas «Ephemerides Navaes»: — «Desde as 10 horas da manhã até ás 4 da tarde, permaneceu este navio batendo-se com o forte e a chata, sem grandes avarias e sem perda de gente; a essa hora, porém, já regressando para o seu logar na linha, uma bala, batendo na cortina de correntes que protegia uma portinhola, penetra na casamata, produzindo medonha catastrophe; 34 pessôas, entre officiaes e praças, são victimadas pelo projectil de 68 e pelos elos das correntes. Mortos e completamente desfigurados ficaram immediatamente o immediato do navio, primeiro-tenente Vassimon, o commissario Accioli, o escrivão Alpoim e 10 praças; mortalmente feridos, o commandante Mariz e Barros, o primeiro-tenente Silveira e 4 imperiaes-marinheiros; feridos levemente, além de outros, os segundos-tenentes José Victor de Lamare e Dionysio Manhães Barreto, que assume o commando do encouraçado».

1867.—E' assignado em La Paz, pelo representante do Brasil, Philippe Lopes Netto, e pelo representante da Bolivia, d. Mariano Donato Muñoz, um tractado regularizando as fronteiras dos dous paizes. Reconhecia como base o *uti-possidetis*, e, em vez de fronteiras artificiaes, entendeu, com vantagem para a Bolivia, que o direito das zonas de influencia dos dous Estados podia razoavelmente ser limitado pelo parallelo da confluencia do Beni-Mamoré (10°,20'), desde esse poncto a E. até ao Javarí, a O., cuja nascente se suppunha estar em latitude mais elevada. Esse pacto, que deu origem á questão do Acre e quasi provocou uma guerra entre a nossa Patria e aquella Republica andina, foi denunciado pelo Brasil e depois substituido pelo tractado que recebeu a denominação de «tractado de Petropolis», por ter sido firmado nessa cidade a 17 de Novembro de 1903.

1872.—São desta data quatro importantes decretos (todos elles assignados por Manuel Francisco Corrêia, ministro de Extrangeiros): — n. 4.910, promulgando o tractado definitivo de paz entre o Imperio do Brasil e a Republica do Paraguái; n. 4.911, promulgando o tractado de limites entre o Brasil e o Paraguái; n. 4.912, promulgando o tractado para entrega de criminosos e desertores entre o Brasil e o Paraguái; e n. 4.913, promulgando o tractado de amizade, commercio e navegação, entre o Brasil e o Paraguái.

1879.—Fallecimento de Hercules Florence, em Campinas (S. Paulo). Nascera em Nice (França) a 29 de Fevereiro de 1804 (veja essa data).

1882.—Succedendo a Manuel Pinto de Sousa Dantas Filho, nesta data toma posse do cargo de presidente da provincia do Pará João José Pedrosa. Falleceu menos de dous mezes depois

dêsse acto (a 15 de Maio), sendo substituido por Justino Ferreira Carneiro.

1888.—Assume a presidencia da provincia da Bahia Manuel do Nascimento Machado Portella. Succedeu a João Capistrano Bandeira de Mello e foi substituido, a 9 de Março do anno seguinte, por Antonio Luiz Affonso de Carvalho.

28 DE MARÇO

1646.—Camarão escreve aos de sua raça, Antonio Paraupaba e Pedro Potï, exhortando-os a abandonar as fileiras dos Hollandezes e a passar-se para os Portuguezes. Allegava motivos religiosos, assim como o progresso de Pernambuco sob a dominação lusitana. Paraupaba e Potí haviam sido levados para a Hollanda, em 1625, pela esquadra de Boudewijn Hendrikson (quando este em vão viera em soccôrro dos invasores da Bahia), e se educaram alli, abraçando o protestantismo e tornando-se devotados amigos dos Neerlandezes.

1700.—Regressando de Portugal, chega ao Rio de Janeiro o bispo desta diocese, d. José de Barros e Alarcão. Tinha sido chamado ao reino, afim de defender-se de irregularidades que commettera, e das quaes existem provas no Archivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Graças a bôas escoras politicas, obteve logo permissão para retornar á séde do seu episcopado, mas falleceu pouco depois, sendo sepultado no mosteiro de S. Bento, donde seus restos mortaes foram transportados para a egreja de Sancta-Iria, em Sacavem (Portugal).

1709.—E' desta data uma carta régia ordenando que fossem presos e remettidos para Portugal todos e quaesquer religiosos, que viessem para o Brasil sem licença do soberano.

1812.—Nasce em Cabo-Frio (Rio de Janeiro) Antonio Gonçalves Teixeira de Sousa, notavel poeta e romancista, que falleceu no Rio de Janeiro a 1° de Dezembro de 1861 (veja essa data).

1834.—Nasce em Queluz (Minas-Geraes) Lafayette Rodrigues Pereira, que vem a tornar-se um dos mais notaveis jurisconsultos e estadistas do Brasil. Presidiu as provincias do Ceará (1864) e Maranhão (1865); foi ministro da Justiça do Gabinete de 5 de Janeiro de 1878 e presidiu o Ministerio de 31 de Maio de 1883, no qual occupou a pasta da Fazenda. Em 1879 foi escolhido senador pela provincia de Minas-Geraes; e em 1882 foi feito conselheiro de Estado.

1835.—A villa de Campos dos Goitacazes, da provincia do Rio de Janeiro, é elevada á categoria de cidade, com a de-

nominação de S. Salvador de Campos (veja 19 de Agosto de 1627).

1859.—E' concluida a demarcação dos limites entre o Brasil e o Uruguái, com base nos tractados de 15 de Maio de 1852 e actas de 15 de Junho de 1853 e 6 de Abril de 1856.

1864.—Fallece no Rio de Janeiro o conselheiro Francisco Xavier Paes Barreto, que nesse mesmo anno acabava de entrar para o Senado, como representante de Pernambuco, sua provincia natal. Presidira as provincias da Parahiba (1854), Ceará (1855), Maranhão (1857) e Bahia (1858). Foi ministro da Marinha do Gabinete de 10 de Agosto de 1859 (presidido por Angelo Moniz da Silva Ferraz, barão de Uruguaiana) e occupou a pasta de Extrangeiros do de 15 de Janeiro de 1864 (presidido por Zacharias de Góes e Vasconcellos).

1866.—Em consequencia dos ferimentos recebidos no combate do dia anterior, fallece nesta data o bravo commandante do encouraçado *Tamandaré*, primeiro-tenente Antonio Carlos Mariz e Barros. Nascera no Rio de Janeiro a 7 de Março de 1835 e era filho do chefe de esquadra (depois almirante e visconde de Inhaúma) Joaquim José Ignacio.

—Continúa o bombardeio entre os encouraçados da nossa esquadra, *Brasil, Bahia* e *Barroso*, e o forte paraguaio de Itapirú, auxiliado por outra chata artilhada, posta sob a protecção das suas baterias.

1880.—Em succesSão ao Ministerio de 5 de Janeiro de 1878, presidido pelo visconde de Sinimbú, sóbe nesta data ao poder o 28° Gabinete do 2° Imperio. Ficou assim constituido: presidencia do conselho e pasta da Fazenda, José Antonio Saraiva; Imperio, barão Homem de Mello (substituido, em 3 de Novembro de 1881, por Manuel Pinto de Sousa Dantas); Justiça, Manuel Pinto de Sousa Dantas; Extrangeiros, Pedro Luiz Pereira de Sousa (substituido, em 3 de Novembro de 1881, por Franklin Americo de Meneses Doria, barão de Loreto); Marinha, José Rodrigues de Lima Duarte; Guerra, visconde de Pelotas (substituido, em 15 de Maio de 1881, pelo barão de Loreto); e Agricultura, Manuel Buarque de Macedo (substituido successivamente, em 31 de Agosto e 3 de Novembro de 1881, por Pedro Luiz Pereira de Sousa e José Antonio Saraiva). A este Gabinete, que se sustentou no govêrno até 21 de Janeiro de 1882, cabe a gloria de ter realizado (decreto de 9 de Janeiro de 1881) a melhor reforma da legislação eleitoral do Imperio.

29 DE MARÇO

1549.—Chega á bahia de Todos-os-Sanctos o primeiro governador-geral do Brasil Thomé de Sousa, saïdo de Lisboa

a 1° de Fevereiro (veja essa data). São muito interessantes as informações dadas sôbre esse facto pela carta do padre Manuel da Nobrega, inserta na «Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», v, 457-460, e da qual extrahimos os trechos seguintes: — «Chegamos a esta Bahia a 29 do mez de Março de 1549. Andamos na viagem oito semanas. Achamos a terra de paz, e quarenta ou cincoenta moradores na povoação que antes era. Receberam-nos com grande alegria... Espero em Nosso Senhor fazer-se fruito, posto que a gente da terra vive toda em peccado mortal. E não ha nenhum que deixe de ter muitas negras, das quaes estão cheios de filhos, e é grande mal... Dos sacerdotes ouço cousas feias. Parece-me que devia V. Revm. de lembrar a S. A. um Vigario Geral, porque sei que mais moverá o temor da justiça que o amor do Senhor... A terra cá achamo-la bôa e sã. Todos estamos de saúde, Deus seja louvado, mais sãos do que partimos...»

1817. — E' fuzilado na Bahia o padre Roma (José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima), summariamente julgado e condemnado á pena última por uma commissão militar presidida pelo conde dos Arcos. Conta-se que o filho, que tambem estava preso numa fortaleza daquella cidade, foi arrastado a assistir o supplicio do pae! O padre Roma nascera no Recife em 1768, e, tendo recebido ordens sacras, obteve um breve de secularização, dedicando-se ao exercicio da advocacia em sua terra natal, quando se tornou comparticipe da revolução republicana de 1817.

1823. — Por decreto desta data o imperador d. Pedro I declara em estado de bloqueio o porto da Bahia, ficando prohibida «a entrada de todas e quaesquer embarcações nacionaes ou extrangeiras, de guerra ou mercantes, enquanto alli existirem tropas portuguezas».

1850. — Fallece no Pará, victimado pela febre amarella, Antonio Ladisláo Monteiro Baena, que nascera em Lisbôa entre 1781 e 1782. Viera para o Brasil em 1803, como ajudante de campo do conde dos Arcos, então nomeado capitão-general do Pará. Adheriu á causa da independencia da nossa Patria, onde se deixou ficar e á qual prestou assignalados serviços, tanto nas armas como nas letras. Morreu no posto de tenente-coronel de artilharia e deixou, entre outros trabalhos, o «Compendio das éras da provincia do Pará» e «Ensaio chorographico sôbre a provincia do Pará», duas obras de alta valia, editadas em 1838 e 1839, e que lhe valeram o ser logo admittido no quadro social do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

1858. — Inaugura-se o trafego da estrada de ferro D. Pedro II (hoje Central do Brasil), entre a estação, sita

na praça da Acclamação, e Queimados. Benzeu a locomotiva o bispo diocesano, d. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo (conde de Irajá). Foi grande o regosijo da população do Rio de Janeiro, que festejou devidamente o inestimavel melhoramento. Era presidente da directoria da empresa encarregada da construcção da importante via-ferrea o conselheiro Christiano Benedicto Ottoni, cuja memoria foi por isso perpetuada no bronze de uma estatua.

1879.—Tem esta data o decreto n. 7.229, firmado pelo ministro de Extrangeiros, visconde de Sinimbú, promulgando a convenção postal universal, celebrada em Pariz a 1° de Junho de 1878.

1882.—Pedro Luiz Pereira de Sousa assume nesta data o exercicio do cargo de presidente da Bahia. Teve elle como successor, na referida provincia, João Rodrigues Chaves, em 14 de Abril de 1884.

1887.—Fallece em Caxambú o conselheiro Martinho Alvares da Silva Campos, senador por Minas-Geraes. Nascera em Pitanguí, na referida provincia, a 21 de Novembro de 1816. Presidiu a provincia do Rio de Janeiro em 1881 e foi o presidente do conselho do Gabinete de 21 de Janeiro de 1882, anno em que tambem tomou assento no Senado. Foi, incontestavelmente, uma das figuras de maior relêvo da politica brasileira, durante o último periodo de existencia da monarchia.

1889.—Fallece em S. Paulo um dos melhores poetas que teve o Brasil, Theophilo Dias. Nascera em Caxias (Maranhão) a 8 de Novembro de 1854 e era sobrinho do grande Gonçalves Dias. Na terra natal publicara a collectanea de versos «Flores e amores»; mas as suas mais inspiradas poesias foram dadas a lume em S. Paulo, de 1878 a 1888: «Cantos tropicaes», «Lyra dos verdes annos», «Fanfarras» e «A comedia dos deuses».

1897.—Fallecimento do almirante Joaquim Marques Lisboa, marquez de Tamandaré. Nascera no Rio Grande do Sul. Começou a vida militar a 4 de Março de 1823, quando foi admittido, como voluntario, a bordo da fragata *Niterói*, tomando logo parte em várias acções que se travaram nas aguas da Bahia, para que fosse assegurada a independencia do Brasil. Mais tarde serviu em todas as nossas luctas civis e nas guerras que tivemos de sustentar no Rio da Prata, colhendo novas glorias na campanha contra o Paraguái.

30 DE MARÇO

1570.—Tem esta data uma carta, dirigida á rainha d. Catharina por Mem de Sá, que assim dizia áquella sobe-

rana: — «Esta terra não se póde regular pelas leis e estilos do reino. Si V. A. não fôr muito facil em perdoar, não terá gente no Brasil, e, porque o ganhei de novo, desejo que se elle conserve».

1625. — A esquadra luso-hispanhola, commandada por d. Fadrique de Toledo Osorio, avança para dentro do porto da Bahia, tomando a barra de Noroéste a Suéste, afim de impedir que se escapasse a frota hollandeza, a qual, em número de 25 navios, se limita a tomar posição sob as baterias da praça.

1634. — Realiza-se nesta data um novo ataque dos Hollandezes contra o Arraial do Bom-Jesús. Repelliu-os bravamente Mathias de Albuquerque.

1816. — Chega ao Rio de Janeiro, commandada pelo general Carlos Frederico Lecór (mais tarde visconde da Laguna), a divisão chamada dos «Voluntarios Reaes», composta de 4.830 combatentes e que se destinava ás fronteiras meridionaes do Brasil, para onde seguiu a 12 de Junho.

1818. — Alvará (cuja auctoria foi attribuida a Thomaz Antonio de Villa-nova Portugal) pelo qual d. João VI declara «criminosas e prohibidas todas e quaesquer sociedades secretas, de qualquer denominação que ellas sejam, ou com os nomes e fórmas já conhecidos, ou debaixo de qualquer nome ou fórma, que de novo se disponha ou imagine, pois que todas e quaesquer deverão ser consideradas de ora em deante como feitas para conselho e confederação contra o rei e contra o Estado». E' claro que esta medida foi tomada por d. João VI em consequencia do papel culminante, que a Maçonaria desempenhara na revolução republicana do anno anterior em Pernambuco. O alvará de 30 de Março de 1818 foi revogado pela carta de lei de 20 de Outubro de 1823.

1828. — Nasce em S. Paulo Olegario Herculano de Aquino e Castro, que falleceu no Rio de Janeiro a 10 de Agosto de 1906, no posto de presidente do Supremo Tribunal Federal e de presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Representou a sua provincia natal na Camara dos Deputados (1867 e 1878), presidiu a provincia de Minas-Geraes (1884) e em 1889 obteve o titulo de conselheiro de Estado. Como historiador e jurisconsulto, publicou trabalhos de subido valor.

1843. — Celebra-se em Napoles o casamento de d. Pedro II, imperador do Brasil, com a princeza d. Teresa-Christina-Maria de Bourbon. Representou o soberano brasileiro, mediante procuração, o conde de Syracusa, ermão da noiva. Só a 1° de Julho é que foi feita a entrega solenne da imperatriz do Brasil ao embaixador extraordinario do impe-

rador, José Alexandre Carneiro Leão (depois visconde de S. Salvador de Campos), partindo no dia seguinte as duas divisões, napolitana e brasileira, em demanda do Rio de Janeiro, aonde chegaram a 3 de Septembro.

1862.—Marcada para o dia 25, commemorativo da Constituição do Imperio, só a 30 de Março foi que se realizou a inauguração da estatua equestre do imperador d. Pedro I, na praça da Constituição (antiga Rocio e hoje praça Tiradentes). Fundiu-a em bronze, calcando-a em plano, ligeiramente modificado, devido a João Maximiano Mafra, um excellente artista francez, Louis Rochet, discipulo de David d'Angers e fallecido em 1878. Deve-se-lhe tambem a fundição da estatua de José Bonifacio, homenagem devida á iniciativa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

1872.—Accompanhado de sua esposa, chega de sua primeira viagem á Europa o imperador d. Pedro II, que desembarca no dia seguinte.

31 DE MARÇO

1557.—E' desta data uma carta em que Villegaignon refere a Calvino os motivos por que preferiu fundar a colonia franceza numa ilha e não no continente.

1560.—Chega á villa de S. Vicente depois de ter batido os Francezes no Rio de Janeiro, o governador-geral Mem de Sá, e alli ordena que ninguem frequente o caminho de Piraiquê, por ser infestado de Indios selvagens, e sim o caminho do padre José (assim chamado, por te-lo aberto Anchieta), para as communicações com as localidades do alto da serra.

1621.—Fallecimento de Philippe III de Castella e II de Portugal. Nascera em Madrid a 14 de Abril de 1578 e subira ao throno em 13 de Septembro de 1598, por morte de seu pae, Philippe II. Foi elle quem asignou com a Hollanda, em 1609, a tregua de 12 annos. Succedeu-lhe seu filho Philippe IV, que contava apenas 16 annos.

1625.—Sem encontrar resistencia por parte dos Hollandezes, desembarca na cidade da Bahia, afim de restaura-la do poder daquelles invasores, um exército de 4.000 homens (2.000 Hispanhóes, 1.500 Portuguezes e 500 Napolitanos), sob o commando de d. Fadrique de Toledo Osorio. Apoderam-se logo de dous baluartes, artilhando-os com 37 boccas de fogo e repellindo os Neerlandezes que tentaram obstar a fortificação dos postos tomados. Com essa fôrça expedicionaria

tambem desembarcou o novo governador do Estado do Brasil, d. Francisco de Moura. Um pintor hispanhol, Felix Castells, que seguramente fez parte da expedição, reproduziu numa téla, existente no Museu do Prado, o desembarque de d. Fadrique na Bahia.

1784.—Nascimento de José Lino Coutinho, na Bahia, onde falleceu a 25 de Julho de 1836 (veja essa data).

1866.—Nesta data marcham para a margem do Paraná os voluntarios paulistas, que iam tomar parte na campanha do Paraguái.

1869.—Sae no *Jornal do Commercio* desta data o «Manifesto do Centro Liberal», assignado por José Thomaz Nabuco de Araujo, Bernardo de Sousa Franco, Zacharias de Góes e Vasconcellos, Antonio Pinto Chichorro da Gama, Francisco José Furtado, José Pedro Dias de Carvalho, João Lustosa da Cunha Paranaguá, Theophilo Benedicto Ottoni e Francisco Octaviano de Almeida Rosa. E' um documento de alta e inestimavel valia para o estudo da politica do Imperio. Por um pouco mais, os seus eminentes signatarios, todos com grandes responsabilidades nos destinos do paiz, teriam chegado á franca apostolização da Republica. Limitaram-se, porém, ao grito de—*refórma ou revolução!* O Centro Liberal foi constituido pela união de «liberaes historicos» e «progressistas», e o referido «Manifesto» foi a mais eloquente resposta ao gravissimo êrro commettido por d. Pedro II ao dar o golpe de Estado de 16 de Julho de 1868.

1880.—São escolhidos senadores pela provincia do Rio Grande do Sul o conselheiro Gaspar da Silveira Martins e o tenente-general visconde de Pelotas.

1884.—A Assembléa provincial do Amazonas resolve extinguir a escravidão africana, decretando para esse fim as medidas convinhaveis.

1° DE ABRIL

1641.—Amador Bueno da Ribeira, acclamado rei pelos habitantes da então villa de S. Paulo, resiste aos amigos e partidarios e promove a acclamação de d. João IV, já reconhecido na Bahia, Rio e Sanctos. No dia 3 foi d. João IV acclamado em S. Paulo.

1680.—Carta de lei do principe-regente, depois rei d. Pedro II, abolindo a escravidão dos Indios.

1776.—*Combate do Rio-Grande.*—O general João Henrique de Böhm, commandante do nosso exército do Sul, acam-

pado na margem esquerda do canal do Rio Grande, faz atacar pela madrugada os fortes e baterias dos Hispanhóes na margem opposta. O forte de Sancta-Barbara (Mosquito) é levado de assalto pelo então major, depois general, Soares Coimbra, natural do Rio de Janeiro; o forte da Trindade, abaixo da ponta da Mangueira, pelo major Carneiro de Figueiredo. Entram no combate tropas de Portugal e do Rio de Janeiro. A divisão naval do capitão de mar e guerra Hardcastle desce o rio, para atacar a esquadrilha hispanhola e apoiar o ataque dos fortes: os Hispanhóes abandonam pela manhã os fortes do Ladino da Mangueira, continuando os combates de artilharia nos do Triumpho e da Barra; ás 4 da tarde abandonam o do Triumpho e ás 8 da noite cessa o fogo da fortaleza da Barra, que é incendiada pelo seu commandante. Da esquadrilha hispanhola, apenas 3 navios conseguem saïr a barra; 3 naufragaram e 2 foram incendiados.

1808.—Alvará do principe-regente, depois rei d. João VI, permittindo no Estado do Brasil e dominios ultramarinos o estabelecimento de todo o genero de manufacturas, sem exceptuar alguma, e ficando revogado o alvará de 5 de Janeiro de 1785.

1818.—Continuam o sitio e ataque de S. Carlos, nas Missões de além-Uruguai, pelas tropas brasileiras do general Chagas Sanctos (guerra contra o dictador José Artigas, chefe da Confederação do Uruguai). A posição era defendida pelo tenente-coronel Serapio Rodríguez, Correntino. O ataque começara no dia 31 de Março.

1847.—Morre no Rio de Janeiro o senador marquez de Lages (João Vieira de Carvalho). Serviu como official de engenheiros no Rio Grande do Sul, distinguindo-se na batalha de Catalán. Depois foi ministro da Guerra, durante as campanhas da Independencia, de Pernambuco e do Rio da Prata, no reinado de d. Pedro I, e por duas vezes ainda occupou o mesmo cargo no periodo das nossas guerras civis, durante as regencias de Feijó e Araujo Lima (marquez de Olinda).

1857.—Fallece no Rio de Janeiro o marechal do exército João Chrysostomo Calado, que, depois de haver servido nas campanhas da Peninsula, da Cisplatina e do Rio Grande do Sul (nestas ultimas, commandando uma divisão), foi general em chefe do exército que fez triumphar na cidade da Bahia, em 1838 (combates de 13, 14 e 15 de Março), a causa da lei e da união nacional.

2 DE ABRIL

1504.—Amerigo Vespucci parte de Cabo-Frio, deixando ahi fundada uma feitoria, e segue para Lisbôa (veja 18 de Junho de 1504).

1648.—Proclamação do Supremo Conselho do Govêrno, no Recife, em nome dos Estados-Geraes e do principe de Orange, convidando os Brasileiros de Pernambuco e capitanias vizinhas a depor as armas, antes que saïssem a campo as fôrças hollandezas, e offerecendo perdão geral, exceptuando dêste o commandante Hoogstraten. Dezesepte dias depois feriu-se a segunda batalha dos Guararapes.

1776.—*Reconquista do Rio-Grande.*—Pela madrugada, os Hispanhóes evacuaram, em consequencia dos revezes do dia anterior, a então villa do Rio Grande, e abandonaram tambem o forte do arroio Tahim. Ao amanhecer entraram as nossas tropas na villa; e, no dia seguinte, passou-se para alli o general João Henrique de Böhm. Todo o territorio, que haviamos perdido em 1763, tornou assim ao nosso poder. Nos fortes e nos armazens da villa foram encontrados 129 canhões e 56 pedreiros. Ficaram tambem em nosso poder 13 embarcações artilhadas e 98 lanchas e canhões. Parte da artilharia dos navios naufragados poude ser salva. Todo o exército (6.200 homens) passou para a margem direita do Rio Grande. O general Böhm, que alcançou a victoria, servia no Brasil desde 1767, e fôra escolhido por Pombal para commandar o exército do Sul. Era allemão e dos mais distinctos officiaes do conde de Lippe. Falleceu na nossa capital, a 22 de Dezembro de 1783, e foi sepultado no convento de Sancto-Antonio.

1817.—Benção das bandeiras da Republica proclamada em Pernambuco.—Effectuou-se a ceremonia no campo do Erario, no Recife. No mesmo dia partiu do Rio de Janeiro a esquadra do chefe de divisão, depois almirante, Rodrigo Lobo, para o bloqueio de Pernambuco.

1818.—*Combate de cavallaria deante de S. Carlos.*—Foi derrotado pelo tenente-coronel Joaquim Ferreira Braga o caudilho Aranda, que trazia aos sitiados um refôrço de 300 Correntinos, esperando fazer levantar o sitio. Aranda foi morto pelo tenente Luiz de Carvalho.

1838.—Grandes manifestações de regosijo e illuminação geral na cidade do Rio de Janeiro, pela noticia da restauração da cidade da Bahia.

1854.—Inauguração do actual Banco do Brasil.

1866.— Continuam os combates de artilharia, começados a 23 de Março, entre a esquadra brasileira e os Paraguaios, em Itapirú (Passo da Patria), no Paraná. Já tinham sido destruidas 2 chatas do inimigo e tomada 1. No dia 2, mostrou-se outra, que foi destruida a 10.

3 DE ABRIL

1637.— Pela primeira vez, Salvador Corrêia de Sá e Benevides foi nomeado governador do Rio de Janeiro. Tomou posse a 19 de Septembro, succedendo a Rodrigo de Miranda Henriques.

1818.— *Tomada de S. Carlos.*— Após quatro dias de assedio, o general Chagas Sanctos ordenou o ataque da egreja e collegio, onde o inimigo estava entrincheirado. Tendo a nossa infantaria começado a derrubar o telhado da egreja, renderam-se os contrarios, ficando prisioneiros 323 officiaes e soldados correntinos, entre os quaes o tenente-coronel Serapio Rodríguez. O major Camillo Machado Bittencourt, do regimento de infantaria de Sancta-Catharina, ferido no assalto, falleceu quatro dias depois. Uma bandeira tomada em S. Carlos foi remettida para o Rio de Janeiro. A povoação foi incendiada.

— No mesmo dia e anno foi aprisionado no Arroio-Valentín (Banda Oriental), pelo tenente Oliverio Ortiz, do exército do general Curado, em marcha para Paisandú, o commandante Juan Antonio Lavalleja, depois general da Republica Oriental.

1823.— Parte do Rio de Janeiro para a Bahia (guerra da Independencia) a esquadra brasileira, sob o commando do almirante lord Cochrane.

1832.— Sedição militar no Rio de Janeiro, promovida pelo partido *exaltado*, com o fim de depôr a Regencia, dissolver as duas Camaras e convocar Constituinte. Foi chefe do movimento o então tenente-coronel Manuel Frias de Vasconcellos. Os sediciosos reuniram-se no antigo Campo de Sancta-Anna, então denominado « Campo da Honra »; mas no mesmo dia foram logo atacados e aprisionados pelo corpo de Permanentes (Policia), sob o commando do major Luiz Alves de Lima (depois duque de Caxias), escolhido pelo ministro Feijó para dirigir o ataque.

1840.— Ordem do dia do coronel J. F. de Moraes Cid annunciando a pacificação do Piauhí.

1866.— Continúa o fogo de alguns navios e da nossa bateria de Corrales contra Itapirú.

4 DE ABRIL

1635.— Sortida dos capitães de emboscada, Gaspar André e Antonio Gomes, no arraial do Bom-Jesús (Pernambuco). O coronel Arciszewski, commandante das tropas hollandezas sitiantes, foi ferido por bala de fuzil dos atiradores da fortaleza.

1775.— Trez navios de guerra portuguezes, sob o commando de George Hardcastle, forçam a entrada do Rio Grande do Sul, respondendo ao fogo das baterias hispanhólas da margem esquerda.

1816.— D. João VI passa em revista, no largo do Paço, a infantaria da divisão de Voluntarios Reaes, chegada de Lisbôa a 30 de Março, sob o commando do tenente-general Lecór (depois visconde da Laguna).

1819.— Nasce no Rio de Janeiro a princeza Maria da Gloria, depois rainha d. Maria II, de Portugal.

1831.— Sedição militar na Bahia contra o general Callado, commandante das armas. Os sediciosos reuniram-se no forte e praça do Barbalho: o general, com as tropas fiéis, no forte de S. Pedro. O presidente resolveu a retirada do general para o Rio de Janeiro, com o que este se conformou promptamente, embarcando a 6. No mesmo dia, o presidente passou o govêrno ao substituto legal.

1832.— *Combate de Icó* (*guerra civil do Ceará*).— O major Francisco Xavier Torres, com as tropas do govêrno, derrota o coronel de milicias Pinto Madeira, que se revoltara, protestando contra a revolução de 7 de Abril de 1831. Durou o combate 6 horas, havendo sido muito sangrento.

1852.— O exército brasileiro do general Caxias, então acampado nos arredores da Colonia do Sacramento, começa a marcha de regresso para a fronteira do Rio Grande do Sul, terminadas felizmente as duas campanhas do Uruguai e de Buenos-Aires.

1866.— Continuam os combates de artilharia no Passo da Patria.

1869.— Fallece em Assumpção o general Jacintho Machado Bittencourt, natural de Sancta-Catharina. Commandou uma brigada de infantaria no comêço da guerra do Paraguái, e na primeira batalha de Tuiutí (24 de Maio de 1866) succedeu no commando da terceira divisão ao general Sampaio, mortalmente ferido. A contar de 16 de Agosto de 1868, commandou um corpo do exército. Achou-se em todos os grandes

conflictos da guerra. Em 1867, tomou as trincheiras da Lagôa-Piris, e em 1868 dirigiu as tropas brasileiras que, em tôrno da Laguna-Véra, pelejaram contra a guarnição de Humaitá, desde 26 de Julho até 5 de Agosto. A heroica firmeza com que na noite de 21 de Dezembro de 1868, em Lomas-Valentinas, sustentou as posições conquistadas nesse dia, tornou para sempre memoravel o seu nome na nóssa historia militar.

5 DE ABRIL

1625.—D. Fadríque de Toledo começa a bater as trincheiras dos Hollandezes, na Bahia, assestadas em S. Bento as primeiras peças das baterias de sitio. A' noite tentam os Hollandezes incendiar com brulotes os navios que de mais perto faziam o bloqueio.

1779.—O marquez do Lavradio, vice-rei do Brasil desde 4 de Novembro de 1769, entrega o govêrno a seu successor Luiz de Vasconcellos e Sousa, o qual exerceu o cargo até 9 de Julho de 1790 (Pizarro, v, 257). Estas duas administrações foram das mais exclarecidas que teve o Brasil colonial. A Luiz de Vasconcellos deve a nossa capital, entre outros melhoramentos, o Passeio Publico, inaugurado em 1783, o chafariz do largo do Paço, a fonte das Marrecas e um cáes, demolido em 1841. Ambos aquelles vice-reis protegeram as sciencias, as letras e as artes, e fomentaram, quanto podiam, a agricultura e o commercio. O relatorio de Lavradio, de 19 de Junho de 1779, e o de Luiz de Vasconcellos, de 20 de Agosto de 1789, compendiam os serviços dos dous estadistas, constituindo documentos da maior valia para a historia daquelles tempos.

1816.—Morre no Rio Grande do Sul o tenente-coronel Manuel dos Sanctos Pedroso, commandante de guerrilhas, «terror dos revolucionarios hispanhóes e fiel vassallo de Sua Magestade», diz a noticia remettida ao rei pela Secretaria da Guerra. A Pedroso, a José Borges do Canto, ambos Rio-Grandenses, e ao Paulista Gabriel Ribeiro de Almeida, devemos a gloriosa conquista da vasta provincia das Missões Orientaes, na guerra de 1801.

1831.—Neste e nos dias anteriores, alguns membros do partido *liberal exaltado* promoveram no Rio de Janeiro ajunctamentos e concionaram á frente dos quartéis dos dous corpos de artilharia de posição, excitando á revolta officiaes e soldados. Em varios ponctos da cidade deram-se conflictos entre Brasileiros e Portuguezes, de que resultaram ferimentos e mortes. Vendo o imperador d. Pedro I que o Gabinete liberal, organizado a 19 de Março, não lograra pôr termo á agitação,

despediu os seus ministros á tarde dêste dia, e formou um Gabinete reaccionario, de que fazia parte Villela Barbosa, marquez de Paranaguá.

1865.—Começa a subir o rio Paraná a primeira divisão naval brasileira, destinada a bloquear o Paraguái.

1866.—Durante a noite o general Osorio fez occupar por um corpo de tropas, ao mando do tenente-coronel Villagran Cabrita, o banco de Itapirú, tambem denominado ilha da Redempção. O tenente-coronel José Carlos de Carvalho e os primeiros tenentes de engenhiros André Rebouças e Bernardino Madureira começaram desde logo a dirigir os trabalhos da contrucção de trincheiras.

6 DE ABRIL

1625.—O fogo entre as baterias dos sitiantes e as fortificações da Bahia, começado a 5 de Abril, continúa até o dia 28, em que os Hollandezes propoem capitulação. No dia 9, as armadas de Hispanha e Portugal e a esquadra de Napoles approximam-se da cidade e dão fundo a tiro de canhão. Achando-se em terra d. Fadrique de Toledo, á frente do exército sitiador, ficara d. Juan Fajardo com o commando supremo das fôrças navaes.

1718.—Descobrimento das primeiras minas de ouro em Mato-Grosso, juncto do Coxipó-mirim, por Paschoal Moreira Cabral, Antonio Pires de Campos, João Antunes Maciel, Domingos Rodrigues do Prado e outros Paulistas.

1773.—Combate de artilharia entre os fortes portuguezes da margem esquerda do Rio Grande e os hispanhóes, da margem opposta.

1821.—Adhesão da provincia do Maranhão á revolução constitucional de Portugal.

1827.—O almirante argentino Brown sae do ancoradouro de Buenos-Aires, durante a noite, com 4 navios da sua esquadra, pretendendo illudir o nosso bloqueio. A's 11 horas, a corveta *Maceió* fez o signal: — « Apparecem navios de mais ». Obedecendo aos signaes do almirante Pinto Guedes, parte da nossa esquadra desce o rio, para impedir a saïda dos adversarios (veja 7 e 8 dêste mesmo mez).

— O tenente-coronel Calderon, com 100 homens, derrota uma partida argentina no Cuñapirú.

1831.—Com o annúncio da mudança ministerial effectuada nas vespera, augmenta a agitação popular na cidade do Rio de Janeiro. Pela manhã espalha-se falsa noticia de

haver o novo Gabinete expedido ordem de prisão contra o senador Vergueiro, deputado Evaristo da Veiga e outros chefes da opposição. Os ajunctamentos, formados em varios ponctos da cidade, foram-se dirigindo para o antigo campo de Sancta-Anna. A' 1 hora da tarde, a reunião constava de cêrca de 600 pessôas. A's 3, já estavam no campo mais de 2.000. A's 5, eram calculados em 3 a 4.000 o número de populares alli reunidos, com os quaes estavam os deputados Odorico Mendes e Vieira Souto, e o redactor do *Republico*, Borges da Fonseca. Foram chamados os juizes de paz das differentes parochias da cidade, e á tarde dirigiram-se elles, em commissão, a São Christovam, onde, recebidos pelo imperador, pediram em nome do povo a reintegração do Ministerio demittido.

D. Pedro I recusou attender á reclamação. Ao anoitecer, todos os deputados (23), que haviam assignado a representação de 17 de Março, entre os quaes Evaristo da Veiga, Carneiro Leão, Custodio Dias, Henriques de Resende, Limpo de Abreu e Alencar, reuniram-se ao povo. Uma deputação foi pedir ao general Francisco de Lima e Silva, que estava no quartel do Campo, a sua intervenção juncto ao imperador. A's 9 da noite, esse general, que, já por vezes, havia expedido ao imperador noticias do que ia occorrendo, foi pessoalmente a S. Christovam pedir-lhe que cedesse deante da manifestação popular, mas nada conseguiu. Quando regressou ao Campo, as tropas começavam a fraternizar com o povo. Chegaram em primeiro logar os dous corpos de artilharia de posição, tendo á frente o brigadeiro Francisco de Paula e Vasconcellos, pouco depois o primeiro batalhão de granadeiros. A's 11 ½, fez a sua entrada no Campo o batalhão do imperador, chegado de S. Christovam. Então o general Francisco de Lima encarregou o major Frias e Vasconcellos de annunciar ao imperador que já não era sómente o povo, mas tambem a tropa, que reclamava a mudança de Ministerio, e de pedir-lhe que, a julgar impossivel a reintegração dos ministros demittidos, escolhesse outros, tirados do partido liberal. D. Pedro I já havia mandado procurar Vergueiro para formar novo Ministerio, e por isso reteve o major Frias, aguardando a chegada daquelle senador.

1838.— Fallece no arrabalde de S. Domingos (de Niterói) o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, o grande ministro da Independencia. Nascera em Sanctos a 13 de Junho de 1763.

1866.— Começa o combate de artilharia entre o banco de Itapirú, occupado pelos Brasileiros, e o forte paraguáio do mesmo nome. Continúa o combate até 16 de Abril (veja «Ephemeride» de 10).

7 DE ABRIL

1623.— Nasce na Bahia o poeta satirico Gregorio de Mattos.

1625.— Chega ao porto da Bahia, com voluntarios de Pernambuco, um navio armado no Recife. Antes de entrar, batera-se, na altura do morro de S. Paulo, com um navio hollandez de maior fôrça.

1649.— O capitão Antonio Borges de Uchôa repelle os Hollandezes, que o atacaram na estancia de João de Mendonça, a Oeste da Passagem da Magdalena (arredores do Recife).

1752.— Chega ao Rio Grande o general Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, e alli passa em revista as tropas que deviam proteger a demarcação dos limites.

1818.— *Combate de Guabijú* (Banda Oriental do Uruguái), em que o general João de Deus Menna Barreto derrota a infantaria de Artigas, ao mando do tenente-coronel Pablo Castro.— A perda dos contrarios foi de 430 mortos e prisioneiros, 1 bandeira e 1 canhão. Com este revés, Artigas levantou precipitadamente o seu campo, retirando-se para o Queguaí.

— No mesmo dia o general Chagas Sanctos destruiu a povoação de Apóstoles, nas Missões de além-Uruguái.

1827.— *Começa o combate naval de Monte-Santiago*.— Dos navios com que saíra na vespera o almirante argentino Brown, 2, os brigues *Independencia* e *Republica*, encalharam, e outro, a barca *Congreso*, fugindo dos nossos caçadores, refugiou-se na Ensenada. A escuna *Sarandí* tomou posição juncto dos navios varados. O almirante Pinto Guedes (barão do Rio da Prata), ouvindo os tiros, reuniu-se a Norton, que dirigia a perseguição. Por ordem do almirante, entraram em acção os brigues *Pirajá* (commandante Botas), *Independencia ou Morte* (Clare) e *29 de Agosto* (Rafael de Carvalho), as escunas *D. Paula* (Costa Pereira), *Conceição* (Wilson) e *Itaparica* (Petra de Bittencourt) e o hiate *29 de Agosto* (Carvalho e Mello). Ao meio-dia approximou-se a corveta *Liberal*, levando o capitão de mar e guerra Norton, encarregado de dirigir o fogo. A pouca agua e a falta de vento tornaram impossivel nesse dia um combate decisivo. A's 5 horas o almirante fez signal de «Cessar o fogo» e «Vigiar de perto os movimentos do inimigo».

1831.— Não tendo sido encontrado o senador Vergueiro (veja «Ephemeride» do dia anterior), o imperador d. Pedro I

recolheu-se por alguns minutos, e, sem consultar seus ministros, redigiu e assignou o decreto de abdicação, entregando-o, pouco antes de uma hora da madrugada, ao major Frias e Vasconcellos. Na mesma madrugada foi o então principe imperial acclamado imperador pelo povo e tropa, reunidos no campo, que, desde ahi, e por alguns annos, passou a ter o nome de «Campo da Honra». Ao amanhecer, d. Pedro I, a imperatriz d. Amelia, a rainha de Portugal, a marqueza e marquez de Loulé, e as pessoas da comitiva imperial embarcaram na praia de S. Christovam, em escaléres inglezes e francezes, que os conduziram para bordo da nau ingleza *Warspite*. Partiram do porto do Rio de Janeiro no dia 13. A's 10 ½ da manhã o general Francisco de Lima e Silva apresentou-se no Paço do Senado, onde estavam reunidos em assembléa geral os membros das duas Camaras, e, introduzido no salão, entregou ao presidente, marquez de Caravellas, o decreto de abdicação. Retirando-se o general, procedeu-se immediatamente á nomeação da Regencia provisoria, que deveria governar, em nome do joven imperador d. Pedro II, até á eleição da Regencia permanente. Foram eleitos: o senador marquez de Caravellas, por 40 votos; o general Francisco de Lima e Silva, por 35; e o senador Vergueiro, por 30. A cadeira da presidencia passou a ser occupada pelo senador Silva Coutinho, bispo do Rio de Janeiro, em cujas mãos prestaram juramento os membros da Regencia.

1835.—Effectuou-se em todo o Brasil a eleição do Regente unico, creado pelo Acto Addicional, e que devia succeder á Regencia trina, eleita pela assembléa geral de 17 de Junho de 1831. Foi eleito com 2.826 votos o padre Diogo Feijó. Seu principal competidor, Hollanda Cavalcanti (visconde de Albuquerque), obteve 2.251 votos. Os outros suffragios dividiram-se por 268 nomes, sendo estes os cidadãos mais votados: Costa Carvalho (marquez de Monte-Alegre), 847; Araujo Lima (marquez de Olinda), 760; general Francisco de Lima e Silva, 629; Paes de Andrade, 605; e Bernardo de Vasconcellos, 595.

1836.—Rendição de Pelotas aos dissidentes do Rio Grande do Sul, dirigidos por João Manuel de Lima e Silva. Commandava os legalistas o então major Manuel Marques de Sousa (conde de Porto-Alegre), o qual houve de render-se, após energica resistencia a fôrças muito superiores e depois de informado da derrota do coronel Albano de Oliveira. Este chefe ficou tambem prisioneiro e foi fuzilado pelos vencedores. Era um antigo official de milicias, que muito se distinguira como commandante de guerrilhas nas campanhas contra Artigas e como tenente-coronel na guerra de 1825 a 1828, sendo então ferido na batalha de Ituzáingo.

8 DE ABRIL

1640.— Sae de Lisboa a esquadra, que leva á Bahia o primeiro vice-rei nomeado para o Brasil, marquez de Montalvão. Chega a 21 de Junho.

1812.— O coronel, depois general, Oliveira Alvares, da Legião de S. Paulo, derrota no Passo de Alcorta, do rio Negro (Banda Oriental), os caudilhos Germano Machain e Rubio Márquez.

1821.— Eleição primaria de eleitores de parochia no Rio de Janeiro. Foram as primeiras eleições desse genero a que se procedeu no Brasil, observando-se, na falta de outras, por decisão do Govêrno, as instrucções das Côrtes hispanholas.

1823.— Entra em Caxias a vanguarda do pequeno exército do governador das armas, Fidié, que se conservava fiel a Portugal. No dia 17 chegou esse chefe e começou a fortificar-se no morro da Taboca, onde dentro em pouco foi assediado pelos independentes, ao mando do tenente-coronel Alecrim (veja 31 de Julho).

1827.— *Combate naval de Monte-Santiago.*— Continúa a acção, iniciada na vespera. Só ás 11 da manhã, ajudados pela viração que se levantou, puderam os nossos navios renovar o combate. As pequenas escunas *D. Paula* (Costa Pereira), *Conceição* (Wilson), *Itaparica* (Petra de Bittencourt), *Maria Thereza* (Ed. Wandenkolk), e, depois, a *Rio* (Cowen), foram dar fundo em duas linhas, nos logares designados por Norton. Entraram tambem em combate, mas á distancia maior, e não ao mesmo tempo, as corvetas *Liberal* (Hayden) e *Maceió* (Raposo), o lúgar *Principe Imperial* (França Ribeiro) e os brigues *Caboclo* (Inglis), *29 de Agosto* (Rafael de Carvalho) e *Rio da Prata* (Lamego). Nunca, entretanto, estiveram no fogo mais de 8 navios brasileiros, porque era preciso ter sempre alguns destacados para Oeste, vigiando a *Congreso*, na Ensenada. A's 11 ½ foi morto o commandante Rafael de Carvalho. Ao meio-dia retirou-se a *Liberal*, porque fazia muita agua e tinha quasi exgottado as munições. A's 2, o *Rio da Prata*, estando no mesmo caso, foi chamado pelo almirante, fundeado a grande distancia. Com a enchente da maré, a fragata *Paula* (Parker) seguiu rebocada para o logar da acção, mas, chegada á distancia de tiro, encalhou ás 2 horas e só poude fazer trabalhar as peças de prôa. Pelas 4 horas o *Independencia*, muito destroçado e consumidos os projécteis, arriou a bandeira e foi abordado pelos nossos escaléres e lanchas. Ao anoitecer o almirante argentino fez incendiar o *República*, e durante a noite conseguiu fazer sua retirada para Buenos-Aires na *Sarandí*, evadindo-se tambem da Ensenada a

Congreso. O *Independencia*, que não poude ser desencalhado, foi destruido, por ordem do almirante brasileiro, no dia 9. Esse navio montava 24 peças e caronadas, e o *República* 18.

1837.— Occupação de Caçapava pelos republicanos do Rio Grande do Sul, commandados por Netto, e rendição do coronel João Chrysostomo da Silva. Foi este acontecimento a primeira consequencia da defecção de Bento Manuel.

1870.— O general paraguaio Caballero, que se mantinha em armas ainda depois da morte do dictador López, foi alcançado neste dia, perto de Bella-Vista, no Apa, pelo major Francisco Marques Xavier, e rendeu-se quando os nossos iam começar o ataque. Tinha apenas 54 homens.

9 DE ABRIL

1595.— Na noite anterior os corsarios James Lancaster e Venner haviam fundeado deante do Recife (29 de Março é a data em Hackluyt, mas cumpre attender á correcção gregoriana). Na manhã dêste dia desembarcam, apoderam-se do forte do Bom-Jesús, no isthmo de Olinda, e, logo depois, da povoação do Recife (veja 10 de Maio).

1818.— O exército do general Curado chega a Purificación (Hervidero), que era até então a residencia habitual de Artigas. Acha deserta a povoação, e vae acampar uma legua adeante, no arroio Chapicoí.

1822.— O principe-regente d. Pedro chega a Villa-Rica, que desde essa occasião passou a ter o titulo de cidade, sendo-lhe restituido o primitivo nome de Ouro-Preto. No dia 1° chegara o principe a Barbacena e no dia 3 a S. João del Rey. Com essa viagem cessou a resistencia da Juncta Governativa de Minas-Geraes, ficando reconhecida em toda a provincia a auctoridade do Govêrno do Rio de Janeiro.

1831.— *Te-Deum* na então capella imperial, em acção de graças pela acclamação do imperador d. Pedro II, no dia 7. O joven imperador foi apresentado ao povo, de uma das janellas do Paço da cidade, por José Bonifacio. Uma estampa de Debret representa a scena.

1836.— O general Andréa e o então capitão de mar e guerra Mariath chegam á ilha de Tatuocá, onde, no dia 11, o primeiro assume a presidencia da provincia do Pará e o govêrno das armas, e o segundo o commando das fôrças navaes em operações.

10 DE ABRIL

1762.— O conde de Bobadella recebe noticia de sua nomeação para vice-rei do Brasil. Conserva-se no Rio de Janeiro, para attender á defesa da Colonia do Sacramento e do Rio Grande do Sul, e morre no primeiro dia do anno seguinte. Desde Abril dêste anno ficou, pois, o Rio de Janeiro sendo de facto a capital do Brasil, até que a carta régia de 27 de Janeiro de 1763 tornou definitiva essa transferencia da séde do govêrno.

1817.— Começa o bloqueio do Recife, por 3 navios, expedidos da Bahia sob o commando do capitão de fragata Rufino Peres Baptista.

1828.— Tomada da escuna argentina de guerra *Unión* pelo brigue escuna *Constança* (commandante Senna Pereira).

1865.— Partem de S. Paulo as primeiras tropas da expedição a Mato-Grosso.

1866.— *Combate do banco de Itapirú ou ilha da Redempção* — As tropas que, sob o commando do tenente-coronel Villagran Cabrita, occupavam a ilha desde a noite de 5, compunham-se do 7° batalhão de Voluntarios da Patria, de S. Paulo (depois 35° de Voluntarios), do 14° batalhão provisorio de linha (guardas-nacionaes do Municipio Neutro), de 100 praças do batalhão de engenheiros e de um contingente do 1° batalhão de artilharia, com 4 peças e 4 morteiros, formando o total de pouco mais de 900 homens. Na madrugada dêste dia foi assaltada a ilha por 1.266 Paraguaios, em duas expedições (batalhões 9° e 3°, e um destacamento de cavallaria a pé), ao mando de Leonardo Riveros. O general Díaz, que devia embarcar com as seguintes expedições, não poude partir, porque as canhoneiras *Henrique Martins* e *Greenhalg*, mettendo-se entre a ilha e o forte de Itapirú, começaram a destruir as canôas, impedindo a passagem. Após renhido combate, foram repellidos os assaltantes, com perda de 900 homens, entre mortos e prisioneiros, na ilha ou no canal, durante a fuga. Apenas uns 300 homens, pela maior parte feridos, puderam tornar ao acampamento de López. Terminado o combate, o commandante Villagran Cabrita foi morto por uma bomba lançada de Itapirú, no momento em que ia assignar a parte official da victoria que alcançara. A nossa perda foi de 155 mortos e feridos.

11 DE ABRIL

1685.— *Combate de Serinhaen.*— Pela segunda vez atacam os Hollandezes o engenho da Palma (o primeiro ataque havia sido a 18 de Março). Desta vez, a pequena guarnição foi

obrigada a retirar-se; mas, acudindo o general Mathias de Albuquerque, renovou-se o combate nas margens do Serinhaen, sendo repellido e derrotado o inimigo.

1713.— Tractado particular de Utrecht, entre Portugal e a França. Pelo artigo 8°, a França renunciou ás suas pretenções «sôbre as terras chamadas do cabo do Norte e situadas entre o rio das Amazonas e o Japoc ou Vicente Pinzón» (veja 9 de Junho de 1815).

1812.— O capitão Adolfo Charão derrota nas pontas do Daimán um troço de cavallaria do exército de Artigas.

1824.— Morre no Recife o auctor do «Diccionario da Lingua Portugueza», Antonio de Moraes e Silva. Nascera em 1756, na cidade do Rio de Janeiro.

1826.— *Combate naval deante de Montevidéo.*— Avistando-se navios suspeitos, a fragata *Niterói* (commandante Norton) e quatro pequenas escunas preparam-se para saïr-lhes ao encontro. Pouco depois, ás 12 ½ a fragata *25 de Maio,* que estava mais perto e trazia a bandeira franceza, arvorou a argentina e o pavilhão do almirante Brown. A *Niterói* partiu accompanhada das escunas, e a *25 de Maio* velejou em retirada, navegando á bolina com amuras a bombordo. O vento soprava de Léste. Norton soltou todo o panno, e as escunas não puderam accompanhar-lhe o andar. A's 3, estando á distancia de tiro de peça, a *Niterói* começou o fogo. A's 3 e 10 minutos, o brigue *República,* que vinha de Sudoeste, passou pela prôa dos combatentes, disparando uma banda á *Niterói,* e virou de bordo nas aguas da *25 de Maio.* Os 2 navios argentinos conservaram-se sempre pelo través de barlavento da *Niterói,* a meia distancia de tiro. A's 6 arribaram, pretendendo passar pela prôa da fragata brasileira; ella, porém, arribou ao mesmo tempo, e largou toda a sua banda, com o que orçaram immediatamente os contrarios e fizeram fôrça de véla. A *Niterói* sómente suspendeu a caça á noite, quando de todo perdeu de vista os 2 navios. A fragata brasileira e a argentina eram da mesma fôrça: a *Niterói* montava 38 boccas de fogo; a *25 de Maio,* 36. Ambas tinham sido primitivamente navios de commercio. O *República* tinha 18 peças e caronadas.

— No mesmo dia a escuna *D. Paula* (commandante Antonio Leocadio de Oliveira) defendeu-se bem, juncto da barra de Sancta-Lucia, do ataque de um brigue inimigo; mas, em outro poncto do rio, a barca argentina *Congreso* apresou a nossa escuna *Isabel Maria* e 1 hiate de mantimentos.

1838.— Assassinato do presidente do Rio Grande do Norte, Manuel Ribeiro da Silva Lisbôa.

1847.— Inauguração da Bibliotheca Fluminense.

12 DE ABRIL

1585.—Desembarcam no Recife os frades Franciscanos, que, sob a direcção de frei Melchior de Sancta-Catharina, deviam fundar conventos em Pernambuco e em outras capitanias. Muito antes haviam estado os Franciscanos no Brasil, pertencendo a essa ordem os primeiros missionarios enviados de Portugal após o descobrimento; mas só em 1585 fundaram em Olinda o seu primeiro convento. A 28 de Fevereiro de 1592 foi-lhes doada no Rio de Janeiro a ermida de Sancta-Luzia, e a 9 de Abril de 1607 o morro de Crispim da Costa, depois chamado de Sancto-Antonio. A egreja de Sancto-Antonio, por elles construida, ficou terminada em 1616. No sitio do actual largo da Carioca e da rua da Guarda-Velha, havia uma lagôa, que tomou o nome do convento. Em 1710 e 1711, quando os Francezes atacaram o Rio de Janeiro, ainda existia a lagôa de Sancto-Antonio, estando apenas aterrada a parte que se chamou campo de Sancto-Antonio, onde está o largo da Carioca.

1812.—O coronel Thomaz da Costa repelle no Tapibí-Grande (Banda Oriental) um ataque das tropas de Buenos-Aires, commandadas pelo então coronel Soler.

1827.—Sortida do coronel de milicias João Ramos, da guarnição da Colonia. Surprehende e derrota os sitiantes; mas, ferido na refrega ás 5 horas da madrugada, morre ás 2 da tarde.

1828.—Pequeno combate, sem resultado, deante de Buenos-Aires, entre 3 navios brasileiros, ao mando do capitão de fragata James Inglis, e 3 argentinos, dirigidos pelo almirante Brown.

1832.—Sedição militar na Barra do Rio-Negro (depois Manáos), na qual é assassinado o coronel Joaquim Philippe dos Reis, commandante militar da comarca.

1856.—Inauguração dos trabalhos da estrada de rodagem, aberta pela Companhia União e Industria, entre Petropolis e Juiz-de-Fóra.

1867.—Fallece no Rio Grande do Sul o brigadeiro honorario David Canavarro (veja 22 de Agosto de 1793).

1869.—*Acção de Inhanducá.*—O 11° batalhão de infantaria (tenente-coronel Manuel José de Meneses) e 160 homens de cavallaria derrotam uma fôrça paraguaia.

13 DE ABRIL

1775.—Uma quadrilha hispanhola, ao mando de Morales, fórça a entrada do Rio Grande, soffrendo o fogo das nossas

baterias da margem esquerda, e dá fundo sob a protecção dos fortes hispanhóes. Essa esquadrilha foi destruida a 1° de Abril do anno seguinte.

1831.— Pela manhã, deixam o porto do Rio de Janeiro a fragata ingleza *Volage* (commandante lord Colchester), a corveta franceza *La Seine* e a brasileira *D. Amelia.* A fragata conduzia para a Europa d. Pedro I e a imperatriz d. Amelia. Na corveta *La Seine* iam a joven rainha de Portugal, d. Maria II, a marqueza de Loulé, sua tia, e o marquez (depois duque) de Loulé. A corveta *D. Amelia* (commandante Eyre) perdeu de vista os outros navios e regressou ao Rio de Janeiro, ao cabo de alguns dias, sem ter cumprido a sua commissão. D. Pedro, que, desde a sua segunda abdicação, passou a usar o titulo de duque de Bragança, chegou a Cherbourg no dia 9 de Junho. Mezes depois, a 10 de Fevereiro de 1832, partiu de Belle-Isle, com os emigrados portuguezes e os voluntarios extrangeiros, que foram combater em Portugal contra d. Miguel, pelo restabelecimento do regime constitucional.

1851.— Morre no Rio de Janeiro o general Bento Corrêia da Camara, um dos chefes brasileiros que mais se haviam distinguido nas campanhas de 1811 a 1820. Nascera a 26 de Julho de 1786, no Rio Grande do Sul.

1865.— A esquadra paraguaia aborda e toma 2 canhoneiras argentinas, fundeadas no porto de Corrientes. No dia seguinte foi occupada a cidade pelo general paraguaio Robles. Essa aggressão obrigou o govêrno argentino a acceitar a alliança, que já lhe havia proposto o Brasil. O tractado foi assignado a 1° de Maio.

14 DE ABRIL

1633.— Francisco Rebello, prisioneiro dos Hollandezes desde 28 de Novembro do anno anterior, chega ao Arraial. Logrou libertar-se, lançando-se a nado de bordo de um navio, em que era custodiado.

1821.— Revolta militar e popular na cidade da Fortaleza, sendo governador do Ceará o capitão de mar e guerra Francisco Alberto Rubim. O major Jeronymo Delgado Esteves, á frente da tropa de linha e de parte da população, exigiu que se jurasse immediatamente obediencia ao rei e á futura Constituição, ficassem vencendo soldo dobrado os officiaes e soldados, e fosse suspenso o pagamento do imposto sôbre a aguardente, até decisão do rei. Convocados pelo governador os vereadores e os homens principaes da terra, foram acceitas todas estas imposições.

1823.—Revolta na cidade de Belém do Pará a favor da independencia do Brasil. Os sublevados, dirigidos pelo major Boaventura Ferreira da Silva, dispersaram-se, não achando apoio na maior parte da guarnição. Entre os paizanos, então presos, contava-se o joven Bernardo de Sousa Franco, depois senador do Imperio e ministro.

1832.—Revolta do tenente-coronel Francisco José Martins, em Pernambuco. Fica senhor do bairro do Recife e do forte do Brum, cuja guarnição adhere ao movimento. O presidente da provincia, reunindo as milicias dos outros bairros e apoiado pela marinha, domina facilmente a sublevação.

1863.—Fallece no Rio de Janeiro o senador Hollanda Cavalcanti, visconde de Albuquerque, nascido em Pernambuco a 21 de Agosto de 1792. Foi o principal candidato da opposição nas eleições de 1835 e 1837 para regente do Imperio e um dos principaes promotores da revolução parlamentar de 1840.

1869.—O marechal conde d'Eu, nomeado general em chefe do exército brasileiro em operações no Paraguái, chega a Assumpção. Assume o commando no dia 16.

15 DE ABRIL

1625.—Salvador Corrêia de Sá e Benevides chega á Bahia, com algumas embarcações, levando aos sitiantes refôrço de voluntarios do Rio de Janeiro e do Espirito-Sancto. Em viagem, tivera occasião de coadjuvar a defesa da Victoria contra o almirante Pieter Heyn. Contava, então, pouco mais de 30 annos o futuro restaurador de Angola.

1644.—Morre no Rio de Janeiro o mestre-de-campo Luiz Barbalho Bezerra, o mais illustre dos commandantes brasileiros, no primeiro periodo da guerra contra os Hollandezes. A marcha que realizou em 1640, desde o Rio Grande do Norte até á Bahia, vencendo em varios recontros a opposição que encontrou no percurso do extenso territorio occupado pelos Hollandezes, constitue episodio dos mais gloriosos da nossa historia militar. Sua última victoria, uma das mais sangrentas dessa guerra, foi alcançada no rio Real a 10 de Septembro do mesmo anno. Luiz Barbalho era natural de Pernambuco. Ao fallecer, occupava o cargo de governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro. Foi sepultado na capella-mór da egreja dos Jesuitas, no morro do Castello.

1828.—O general Gustavo Brown, chefe do estado-maior do exército brasileiro no Rio Grande do Sul, atravessa o Ja-

guarão e desaloja de Las-Cañas o coronel Andrés Latorre e o general Julián Laguna, apoderando-se dos acampamentos dêstes chefes.

— No mesmo dia, o general Rivera invade pelo Quarahim o nosso territorio.

1866.— Proclamação do general Osorio ao 1° corpo do exército brasileiro, acampado na margem esquerda do Passo da Patria. «Soldados», dizia elle, «é facil a missão de commandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever. O nosso caminho está alli em frente!» A' noite começam a embarcar as primeiras tropas, todas brasileiras, destinadas á operação da passagem do Paraná.

16 DE ABRIL

1636.— Tomada do Engenho-Velho, juncto ao Pirapama, por Francisco Rebello.

1638.— Entra na Bahia de Todos-os-Sanctos a esquadra de Joan van der Mast, conduzindo o conde Mauricio de Nassau e as tropas destinadas ao ataque da cidade da Bahia. O governador-geral, Pedro da Silva, confia a defesa da praça ao general conde de Bagnuoli. A' tarde, começa o desembarque dos Hollandezes na praia de Itacaranha.

1641.— Deposição do marquez de Montalvão, na Bahia, por injusta suspeita de não haver adherido lealmente á revolução da independencia de Portugal. Ficam investidos do govêrno interino o bispo Sampaio, o mestre-de-campo Luiz Barbalho e o provedor-mór Lourenço de Brito.

1648.— O general Francisco Barreto de Meneses assume no Arraial-Novo o govêrno de Pernambuco e o commando em chefe do exército em operações. Trez dias depois, ganha a primeira batalha de Guararapes. Barreto contava então pouco mais de 30 annos, tendo nascido pelo de 1616, provavelmente em Lima ou seus arredores, quando seu pae occupava o cargo de governador de Calláo. Não era, portanto, velho general, como têm repetido alguns dos nossos escriptores.

1763.— O exército hispanhol do general Ceballos toma posições á frente da trincheira de Sancta-Teresa, onde commandava o coronel Thomaz Luiz Osorio. Este tinha 320 homens e o general hispanhol 6.000 (veja «Ephemeride» de 19).

1822.— Fallece em Coimbra o bispo dessa diocesse, d. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, conde de Arganil, antigo reitor e reformador da Universidade. Este illustre Brasileiro era natural de Marapicú. Eleito deputado pelo Rio de

Janeiro ás Còrtes Constituintes de Lisbòa (o mais votado da lista), pediu dispensa do cargo pouco antes de morrer, sendo substituido pelo supplente Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá.

1826.—Creação da Ordem Imperial de Pedro I. Além de alguns dos membros da familia imperial, só dous Brasileiros foram admittidos nessa Ordem; o marquez de Barbacena, no primeiro reinado; e o duque de Caxias, quando regressou do Paraguái.

1827.—A vanguarda do exército argentino occupa Bagé. No dia 18, todo o exército argentino, ao mando do general Alvear, acampa alli. O general Sebastião Barreto, com pequena columna de cavallaria, observava os movimentos do inimigo (veja «Ephemeride» de 23).

1828.—Escaléres brasileiros queimam, debaixo do fogo da bateria do Salado, um navio que violara o bloqueio.

1833.—Combate nas ruas da cidade de Belém do Pará, ficando vencedor o partido que se oppunha á posse do presidente Mariani e do commandante das armas, Corrêia de Vasconcellos, nomeados pela Regencia. O coronel Machado de Oliveira, que era apoiado por aquelle partido, continuou no govêrno da provincia.

1866.—Pela manhã, a esquadra brasileira, sob o commando do almirante Tamandaré, approximou-se da margem direita do Paraná, nas vizinhanças de Itapirú e Passo da Patria, e começou o bombardeiamento das posições occupadas pelo exército do dictador López. A's 8 ½ partiram os transportes que levavam o general Osorio e os primeiros 10.000 homens (todos brasileiros, divisões dos generaes Argollo e Sampaio), destinados a conquistar para os exercitos alliados logar seguro de desembarque no territorio inimigo. O general Osorio foi o primeiro que saltou em terra, accompanhado apenas por alguns homens, na margem esquerda do Paraguái, meia legua acima da ponta da confluencia. Pouco depois travou-se combate entre as primeiras companhias, que desembarcaram, do 2º de Voluntarios (Rio de Janeiro), ao mando do major Diodoro da Fonseca, e a columna paraguáia dos commandantes Hermosa e Venegas. Outras fôrças brasileiras foram chegando, e, reunidas ás que levavam de vencida os contrarios, adeantaram a perseguição até Laguna-Sirena, em cuja margem meridional Osorio fez alto ás 2 horas da tarde. Só á noite começaram a desembarcar os nossos alliados.

1869.—O marechal conde d'Eu assume em Luque o commando do exército brasileiro em operações contra o dictador do Paraguái.

1870.—Ordem do dia, datada de Humaitá, na qual o conde d'Eu se despede do exército, ao partir para o Brasil.

17 DE ABRIL

1832.—*Sedição promovida no Rio de Janeiro pelo partido reaccionario ou restaurador, com o fim de depor a Regencia*—Na vespera, á tarde, alguns dos conspiradores procuraram seduzir a guarda do Arsenal de Marinha, composta de guardas-nacionaes da freguezia do Sacramento, mas acharam-n-a firme no cumprimento do dever. Um dos conspiradores foi preso; os outros puderam fugir. Avisado, o Govêrno tomou logo energicas providencias, convocando a Guarda Nacional, o batalhão dos officiaes-soldados, o corpo de Permanentes (Policia) e um esquadrão de Minas, então destacado na capital. A defesa da cidade foi confiada ao brigadeiro Pinto Peixoto, commandante da Guarda Nacional. Diogo Feijó era ministro da Justiça, e occupavam as pastas da Guerra e da Marinha o coronel Fonseca Lima (barão de Suruhí) e Rodrigues Torres (visconde de Itaborahí). Os reaccionarios, tentando desembarcar no cáes da Gloria, foram repellidos pelo batalhão da freguezia de S. José, dirigido pelo juiz de paz, commandante José Alves Pinheiro. A fôrça principal dos sublevados, reunida na Quinta da Boa-Vista, constava de uns 500 homens, com 2 peças, ao mando do hannoveriano Hoiser, barão de Bulow. Avançou esta columna pelo Aterrado, esperando penetrar no Campo; mas já estava perto do Rocio-Pequeno, quando foi atacada por uns 200 homens de cavallaria, pertencentes á Guarda Nacional, ao corpo de Permanentes e ao esquadrão de Minas, ao mando do capitão Mascarenhas Peçanha. Os sublevados retrocederam em desordem e só fizeram alto além da ponte do Aterrado, no caminho de S. Christovam. Ahi foram completamente destroçados pela mencionada fôrça de cavallaria e pelo batalhão de guardas-nacionaes do Sacramento, dirigido pelo seu tenente-coronel, dr. Saturnino de Sousa e Oliveira, e pelo major Luiz Alves de Lima (depois duque de Caxias). O capitão Mascarenhas Peçanha, ferido no combate, falleceu dias depois.

1839.—O major Francisco Pedro de Abreu (depois brigadeiro honorario e barão de Jacuhí) é ferido e rechassado, atacando Garibaldi, que se encerrara em uma casa na barra do Camaquan, lagôa dos Patos.

1866.—*Combate de Laguna-Sirena*—As tropas, com que o general Osorio havia desembarcado na vespera, bivacaram entre a Laguna-Sirena e a margem direita do rio Paraná. Alli foram atacadas, ás 8 ½ da manhã, por 4.000 Paraguaios, commandados pelo tenente-coronel Basilio Benítez, que soffreu

completa derrota, com perda de 500 mortos e feridos, 2 peças e 1 bandeira. Osorio teve neste dia 337 mortos e feridos. O coronel oriental Palleja escreveu no seu «Diario»: — «Hasta ahora el bravo Osorio ha hecho, el sólo, el gasto con sus Brasileros, que se han cubierto de gloria, tanto ayer como hoy: justicia al mérito».

18 DE ABRIL

1630.— O capitão Francisco Gomes de Mello surprehende e derrota um destacamento hollandez juncto das Cacimbas, na ilha de Sancto-Antonio.

1648.— O exército hollandez, augmentado com tropas recem-chegadas da Europa, sae do Recife, para dar batalha aos sitiadores.

1736.— O alferes João Baptista Ferreira, saïndo da colonia do Sacramento com 2 bergantins e 1 lanchão, desembarca no Porto das Vaccas, onde se apodera dos armasens dos Hispanhóes e de 2 navios, um dos quaes encalhara e fôra incendiado pelos nossos.

1760.— Expulsão dos Jesuitas da Bahia.

1830.— Morre no Rio de Janeiro o padre José Mauricio Nunes Garcia, organista da Capella Imperial. Primou em composições de Musica sacra. Nascera na mesma cidade aos 22 de Septembro de 1767.

1848.— Fallecimento do conselheiro Saturnino de Sousa e Oliveira Coutinho, senador do Imperio. Bateu-se no Rio de Janeiro em defesa da Regencia (17 de Abril de 1832), e presidiu por duas vezes a provincia do Rio Grande do Sul, durante a guerra civil (1839-1840, 1841-1842).

1866.— Os alliados avançam além do forte de Itapirú, occupando-o nesse dia.

1870.— Entrada triumphal da brigada do coronel Francisco Lourenço de Araujo no Rio de Janeiro. Era o quarto contingente que regressava do Paraguai e compunha-se dos batalhões de voluntarios 35° (S. Paulo), 42° (Pernambuco) e 46° (Guarda Nacional da Bahia). Lourenço de Araujo, que pertencia á Guarda Nacional e servira com distincção durante os cinco annos da guerra, foi então nomeado brigadeiro honorario e barão de Sergí.

19 DE ABRIL

1648.— *Primeira batalha dos Guararapes.*— O pequeno exército, com que o general Barreto de Meneses saïra no dia

18 a esperar os Hollandezes, constava de 2.200 homens, commandados por Vidal Negreiros, Fernandes Vieira, Camarão, Henrique Dias e Antonio da Silva. O exército do inimigo, dirigido pelo general Sigesmundt van Schkoppe, compunha-se de 4.500 homens, segundo Netscher. Os nossos tomaram a offensiva, investindo os regimentos inimigos e lograram rompe-los. A batalha durou cinco horas e foi das mais sangrentas de que ha noticia, a considerar como pequenas foram as forças que nella se empenharam. A participação official hollandeza declarou a perda de 515 mortos e 523 feridos, quasi todos deixados no campo. O general Schkoppe recebeu ferimento grave, e 74 dos seus officiaes incluindo commandantes, com excepção de 1, ficaram fóra de combate. Do nosso lado, contaram-se 80 mortos e 400 feridos. O inimigo perdeu 33 bandeiras e estandartes e abandonou 2 peças na retirada. Ficou morto no campo o coronel Haus, prisioneiro o coronel Keerweer, e feridos os coroneis Hautyn e van Elts.

1763.— A nossa trincheira de Sancta-Teresa rende-se ao general hispanhol Ceballos (veja 16 de Abril). No mesmo dia rende-se o forte de S. Miguel, onde só tinhamos 30 e tantos homens.

1825.— Lavalleja desembarca no Arsenal-Grande, com 32 companheiros, para combater a dominação brasileira na Banda Oriental, então Provincia Cisplatina. Reunem-se-lhe logo uns 200 dos seus partidarios. A insurreição, promovida em Buenos-Aires, não tinha por fim a independencia da Banda Oriental, mas sim a incorporação dêsse territorio ás Provincias Unidas do Rio da Prata, depois Republica Argentina.

1866.— O dictador Solano López retira-se do campo entrincheirado do Passo da Patria, com a maior parte do seu exército. Fica guardando essa posição o general Brúguez.

1870.— Morre em Porto-Alegre o capitão-tenente reformado Manuel Joaquim de Sousa Junqueira, que muito se distinguira na guerra com a Republica Argentina (veja 23 de Abril de 1828) e na guerra civil do Rio Grande do Sul.

20 DE ABRIL

1632.— Deserção de Domingos Fernandes Calabar.

1638.— O exército hollandez, havendo desembarcado em Itacaranha a 16, apresenta-se, á 1 hora da tarde, deante da cidade da Bahia, ameaçando-a pelo lado da Ermida de Sancto-Antonio, além das Portas do Carmo. Pela manhã o general

Bagnuoli mandara levantar alli uma trincheira avançada. Tambem por ordem sua foram evacuados os pequenos fortes de Agua de Meninos e Rosario, os quaes não poderiam ser defendidos, desde que o inimigo tomara posição dominante.

1648.— O nosso exército marcha dos Guararapes e torna a occupar á tarde os postos da linha de sitio. O general Barreto de Meneses encarrega a Henrique Dias de expellir de Olinda os Hollandezes, levando para esta acção o terço de homens pretos, algumas companhias de pardos e uma de soldados brancos (veja «Ephemeride» de 21).

1775.— Nasce em Lisbôa o marquez de Alegrete, que foi capitão-general do Rio Grande do Sul, e ganhou em 1817, na Banda Oriental, a victoria de Catalán. Falleceu a 21 de Janeiro de 1828 (veja essa data).

1777.— Tomada da nau hispanhola *Santo-Agustín*, de 70 peças, na altura de Sancta-Catharina, pelas naus portuguezas *Sancto-Antonio*, de 64, e *Prazeres*, de 62. Na *Sancto-Antonio* estava o commandante da esquadra, Mac-Douall.

1817.— Proclamação do govêrno provisorio de Pernambuco, annunciando que a patria estava em perigo e chamando ás armas todos os cidadãos. Na vespera chegara a noticia de um revés no Porto de Pedras e da marcha accelerada das tropas da Bahia.

1818.— Chega a S. Borja o general Chagas Santos, com as tropas que haviam alcançado a victoria de S. Carlos.

1821.— A's 4 horas da tarde reuniram-se na Praça do Commercio os eleitores de parochia do Rio de Janeiro. O presidente communicou á assembléa, por ordem do ministro Silvestre Pinheiro Ferreira, as resoluções tomadas acêrca da partida do rei para Portugal e das instrucções ao principe real, que ficaria no Brasil como regente do reino. A reunião tornou-se tumultuaria, penetrando no recincto muitos cidadãos que não eram eleitores e tomaram parte na discussão. Nomeou-se commissão para ir a S. Christovam pedir ao rei a promulgação immediata da Constituição hispanhola. Os ministros estavam com d. João VI, quando a deputação foi recebida, e concordaram na assignatura de um decreto, que dava plena satisfacção ao requerimento da assembléa (veja «Ephemeride» de 21).

1832.— Tomada de S. Miguel (Ceará) pelos legalistas, debaixo do commando de Francisco Fernandes Vieira.

1839.— Nascimento de Aureliano Candido Tavares Bastos, em Alagôas (veja 3 de Dezembro de 1875).

1840.—*Combates de Tabatinga* (Maranhão).—O major Luiz José Ferreira toma alli as trincheiras dos insurgentes.

1867.—Tomada da fazenda da Machorra (Apa) pelo tenente-coronel Juvencio de Meneses.

21 DE ABRIL

1500.—Pedro Alvares Cabral, o capitão-mór da primeira armada que, após a expedição de Vasco da Gama, mandara á India o rei d. Manuel, encontra plantas marinhas, primeiro indicio da proximidade de terra.

1638.—Rende-se pela manhã o nosso forte da ponte de Monte-Serrate, que não poderia ser soccorrido pelos defensores da cidade da Bahia. A's oito horas da noite lança Mauricio de Nassau as suas tropas sôbre a cidade, fazendo-as assaltar a trincheira de Sancto-Antonio, sendo repellido com grande perda pelo general Bagnuoli, que fôra pessoalmente animar a intrepida resistencia, sustentada pelo mestre de campo Luiz Barbalho. Neste combate foi ferido, pela septima vez durante a guerra, o capitão pernambucano Estevam de Tavora, que succumbiu dias depois.

1792.—*Execução de Tiradentes, um dos conjurados de 1789, em Minas-Geraes, a prol da independencia do Brasil.*—Foi suppliciado no campo de S. Domingos, da cidade do Rio de Janeiro, como se vê da certidão seguinte:

«Francisco Luiz Alvares da Rocha, desembargador dos aggravos da Relação desta cidade e escrivão da commissão expedida contra os réus da conjuração formada em Minas-Geraes: Certifico que o réu Joaquim José da Silva Xavier foi levado ao logar da forca levantada no campo de S. Domingos e nella padeceu morte natural, e lhe foi cortada a cabeça e o corpo dividido em quatro partes; e, do como assim passou na verdade, lavrei a presente certidão, e dou a minha fé. Rio de Janeiro, 21 de Abril de 1792. (Assignado) *Francisco Luiz Alvares da Rocha*».

O campo de S. Domingos era muito extenso, nos primeiros annos do seculo XVIII. Em 1710 e 1711, por occasião das invasões francezas, dava-se aquelle nome, ou o de campo do Rosario, a toda a planicie entrecortada de charcos que se extendia além da actual rua de Uruguaiana, então limite da cidade pela parte do interior; mas, já pelo meio do seculo, como se vê de uma planta de 1769, do engenheiro Roscio, existiam quarteirões de casas na parte central do antigo campo. Desde então só ficou o nome de S. Domingos ao campo, que

se extendia da actual rua da Alfandega aos morros da Conceição e Livramento. Foi alli, nas proximidades da egreja de S. Domingos, que se levantou a forca. Si a execução houvesse sido effectuada, como pretendem alguns, no espaço comprehendido entre as ruas da Constituição, Regente, visconde do Rio-Branco e Nuncio, a certidão diria « Campo da Lampadosa » e não « Campo de S. Domingos ». Dava-se, desde meiados do seculo XVIII e ainda em fins dêsse seculo, o nome de « Campo da Lampadosa » ao espaço occupado pela praça que depois se chamou do Rocio e se prolongava então até o Campo de Sancta-Anna. O Campo de S. Domingos, de 1792, estava separado do Campo da Lampadosa pelos quarteirões, já habitados, que demoram entre a rua da Alfandega e a da Constituição, com o seu prolongamento no antigo Largo do Rocio, depois Praça da Constituição (veja « Determinação do logar em que foi supplicíado o Tiradentes » por Miguel Lemos, que demonstra ter sido entre as ruas do visconde do Rio-Branco e da Constituição, onde estava uma empreza funeraria).

1805.— Morre no Rio de Janeiro o astronomo e explorador dr. Antonio Pires da Silva Pontes, natural de Mariana (Minas-Geraes).

1821.— O decreto declarando que a Constituição hispanhola vigoraria no Brasil até á promulgação da que decretassem as Côrtes de Lisbôa, teve a data de 21 de Abril, porque foi assignado depois da meia-noite de 20 para 21. Com a noticia da concessão obtida, tornou-se mais tumultuaria ainda a assembléa popular, reunida na Praça do Commercio. Depois de desordenada discussão, resolveu-se impedir a partida da familia real para a Europa, apresentar ao rei uma lista de quatro nomes para novo Ministerio e eleger uma Juncta ou Conselho de Govêrno. O general Curado e o coronel Moraes foram despachados para intimar aos commandantes das fortalezas que, sob pena de morte, não deixassem saïr nenhum navio mercante ou de guerra. O general Avilez, tendo assumido o commando das armas, reuniu então as tropas da guarnição no largo do Paço e do Rocio e encarregou o brigadeiro Carretti de dispersar a reunião. Uma companhia de caçadores de Portugal, ao mando do major Peixoto, apresentou-se ás 4 horas da madrugada deante da Praça do Commercio, e, sendo insultado por alguns do povo, deu uma descarga e penetrou de baioneta calada no edificio. Muitos cidadãos foram mortos ou feridos, entre estes o juiz de fóra José Clemente Pereira, que recebeu várias baionetadas e uma cutilada na cabeça. « Não se tendo procedido a legal acto de achada das armas na Praça », escreveu o visconde de Cairú, « nem a conselho de

guerra contra os que fizeram a matança sem ordem, mal determinando-se devassa de justiça, que, não teve resultado, o mysterio de iniquidade ficará sempre incognito, verificando-se o que diz o pae da historia portugueza: *Assim acontece em casos de ignominia ao govêrno, onde tudo fica entre reis e ministros*».

1828.— Mariano Pinto, que apenas commandava 40 milicianos, é morto no passo do Ibicuhí, resistindo a uma fôrça muito superior, destacada contra elle pelo general Rivera. Este passo do rio ficou tendo, desde ahi, o nome do valente miliciano.

1843.— Chega a Napoles a divisão naval brasileira, commandada por Theodoro de Beaurepaire, conduzindo o embaixador extraordinario, conselheiro José Alexandre Carneiro Leão, depois visconde de S. Salvador de Campos (veja 30 de Maio).

1867.— O coronel Camisão transpõe o rio Apa em Bella-Vista, invadindo o territorio paraguaio.

22 DE ABRIL

1500.— A' tarde, avistou Cabral a primeira terra do Brasil, divisando um monte, ao qual deu o nome de Monte Paschoal. Ao pôr do sol, fundeou a seis milhas da costa, na altura da foz do rio Cahí.

1636.— *Cambate de Piratigí* (Alagôas).— Martim Ferreira, commandante das nossas tropas em Sancta Luzia do Norte, encontra em marcha os Hollandezes, saïdos de Peripueira, e derrota-os.

1648.— *Tomada de Olinda por Henrique Dias* (veja 21 de Abril).— Segundo Santiago, feriu-se o combate a 22; e segundo Rafael de Jesús, a 23. Um número extraordinario da *Gazette de France* (n. 97, de 3 de Julho de 1648) noticiou aos Parisienses esta victoria de Henrique Dias e a que Barreto alcançara em Guararapes.

1821.— Por decretos desta data, d. João VI annullou o do dia anterior, relativo á Constituição hispanhola, mandou proceder á devassa acêrca dos acontecimentos de 20 a 21 na Praça do Commercio, e estabeleceu os poderes da Regencia e Govêrno Provisorio do Reino do Brasil, que ficaria confiado ao principe real d. Pedro.

1822.— Morre no Rio de Janeiro o tenente-general Manuel Marques de Sousa, pae e avô dos dous illustres generaes

do mesmo nome. Nasceu na cidade do Rio-Grande a 27 de Fevereiro de 1743.

1827.— Fundação da Sociedade de S. Lucas, no Rio de Janeiro, composta de artistas brasileiros e extrangeiros residentes no Brasil. Foi fundada por iniciativa do pintor Francisco Pedro do Amaral e apenas durou septe annos.

1828.— Tomada da escuna de guerra argentina *Honor* (commandante Wildblood) pelo lúgar *Principe Imperial* (commandante Rose), na costa do Salado.

1836.— O capitão Pinto Bandeira, á frente de 400 legalistas, é derrotado em Mostardas (Rio Grande do Sul) por Onofre Pires da Silveira Canto. Pinto Bandeira foi morto em combate, segundo uns; segundo outros, foi assassinado, estando prisioneiro.

1838.— Eleição do regente do Imperio, em consequencia da renúncia do padre Feijó. Foi eleito com 4.308 votos o regente interino, Pedro de Araujo Lima, depois marquez de Olinda, seguindo-se na ordem da votação os seguintes candidatos: Hollanda Cavalcanti (visconde de Albuquerque), 1.891; Antonio Carlos, 597; Costa Carvalho (marquez de Monte-Alegre), 581; general Francisco de Lima e Silva, 443; e outros menos votados.

1866.— O general Brúguez evacua, durante a noite de 22 para 23, o campo entrincheirado do Passo da Patria, cumprindo a ordem que recebera do dictador López. O bombardeamento feito pela nossa esquadra (disse o *Semanario*), tornara insustentavel aquella posição.

23 DE ABRIL

1500.— Os navios de Cabral approximam-se de terra e dão fundo á distancia de meia legua da costa (veja «Ephemeride» do dia anterior). O capitão Nicolau Coelho vae á terra e troca presentes com os Indios (veja 25 de Abril).

1636.— *Combate de S. Lourenço da Mata,* entre Francisco Rebello, que commandava 450 homens, e uma divisão de 1.200 Hollandezes, ao mando de Jacob Stachower.— Rebello teve de retirar-se para Porto-Calvo. No mesmo dia travou-se outro combate nas margens do Una, onde foi repellido o coronel Sigismundt van Schkoppe por Manuel Dias de Andrade e Camarão.

1683.— A então villa de S. Paulo ficou sendo, desde este dia, séde do govêrno da antiga capitania de S. Vicente.

1811.—Foram abertas as primeiras aulas da Academia Militar do Rio de Janeiro, presente o ministro conde de Linhares.

1815.—Fallecimento do explorador e naturalista brasileiro, dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, em Lisbôa (veja 27 de Abril de 1756).

1817.—Rodrigo Lobo reune-se aos do bloqueio de Pernambuco, com os navios que levara do Rio de Janeiro, assumindo o commando da esquadra.

1821.—Proclamação de d. João VI, na antevespera do seu embarque para a Europa.

1827.—O general Sebastião Barreto, com 760 homens de cavallaria, bate-se em retirada, no Rincão do Camaquam-Chico, com o general argentino Alvear, que o fôra atacar com 2.433 homens. O caminho escolhido para essa retirada, quasi sempre estreito e escabroso, não permittia que Alvear desenvolvesse a sua columna para flanquear a nossa, de sorte que nada conseguiu e teve o desgôsto de ver os seus primeiros esquadrões destroçados por uma carga da retaguarda de Barreto. Em carta de 20 de Abril tinha dicto este general ao marquez de Barbacena:—«Si o inimigo por aqui se conservar e não me atacar em fôrça, por aqui hei de estar, retirando-me no último caso».

1828.—*Combate naval da barra de S. Luiz, na lagôa Mirim.*—O segundo-tenente Sousa Junqueira, com 3 canhoneiras, ataca a esquadrilha argentina, composta de egual número de canhoneiras e de 1 lanchão; rende o navio-chefe, que era o *Lavalleja* e obriga os outros a refugiar-se no arroio de S. Luiz. Ahi foram elles destruidos pelas suas guarnições. O commandante inimigo, capitão-tenente Calixto Silva, ficou prisioneiro.

1829.—Embarque do general Andréa em Montevidéo, com as ultimas tropas brasileiras que occupavam essa cidade, depois do tractado preliminar de paz.

1866.—Fôrças do exército alliado occupam o acampamento paraguaio do Passo da Patria, evacuado durante a noite.

24 DE ABRIL

1646.—*Defesa de S. Lourenço de Tijucopapo* (Pernambuco).—Atacada por Willem Lambertsz, foi defendida a povoação pelo sargento-mór Agostinho Nunes. Trez assaltos forem repellidos. As mulheres de Tijucopapo auxiliaram a defesa, batendo-se no reducto, ao lado dos maridos e filhos.

1736.—*Combate da Conceição*, nos arredores da Colonia do Sacramento, no qual ficaram vencedoras nossas tropas, commandadas pelos capitães Theodosio Gonçalves Negrão e Ignacio Pereira da Silva. Foi morto o commandante inimigo, sargento-mór Francisco Netto.

1763.—*Entrada dos Hispanhóes na villa do Rio-Grande.*—O governador Eloy de Madureira já a tinha abandonado, com a noticia da rendição de Sancta-Teresa.

1808.—Nascimento de João Caetano dos Santos, o grande actor, no Rio de Janeiro.

1812.—*Combate de Japejú* (Corrientes).—O capitão Gabriel Machado derrota fôrça muito superior, que o atacara.

1824.—Morre na Tijuca o esculptor francez Augusto Taunay, um dos mais distinctos artistas contractados em 1815 para a fundação da Eschola de Bellas-Artes no Rio de Janeiro.

1830.—Inauguração solenne da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, fundada a 28 de Maio de 1829. Hoje tem o nome de Academia de Medicina.

25 DE ABRIL

1500.—Os navios menores da esquadra de Cabral, reconhecendo a costa, da foz do Cahí para o Norte, fundearam a 24 na enseada da Corôa-Vermelha (depois bahia de Sancta-Cruz e bahia Cabralia). Os navios maiores, que haviam ancorado nesse dia uma legua ao largo, reuniram-se no dia 25 aos exploradores. Foram dos primeiros a saltar em terra Bartholomeu Dias, Nicoláo Coelho e Pero Vaz de Caminha.

1562.—Carta de Braz Cubas ao rei, annunciando que descobrira ouro perto de S. Paulo («Historia Geral», I, 290, nota).

1647.—Combate naval na altura da Parahiba, no qual o almirante Banckert aprisiona a Francisco Barreto de Meneses.

1767.—Nascimento de Luiz Gonçalves dos Sanctos, no Rio de Janeiro. Foi padre e escreveu as «Memorias historicas do Brasil, durante os annos em que o Rio de Janeiro foi a capital da monarchia portugueza». Falleceu a 1° de Dezembro de 1844 (veja essa data) na mesma cidade.

1777.—Uma emboscada do capitão Cypriano Cardoso de Barros Leme destroça os Hispanhóes, que haviam desembarcado em Villa-Nova (Sancta-Catharina).

1819.—O coronel André Artigas atravessa o Uruguái e invade, pela segunda vez, o territorio brasileiro de Missões,

A 9 de Junho foi batido em Itacorubí. ficando prisioneiro alguns dias depois.

1822.— Chega ao Rio de Janeiro, de volta de sua viagem a Minas, o principe-regente d. Pedro.

1836.— Tomada de Vizeu (Pará) pelo primeiro-tenente Luiz Sabino, commandante da canhoneira *D. Francisca.*

1850.— Fallecimento do senador visconde de Macahé (Almeida Torres), um dos chefes do partido liberal. Foi por vezes ministro de Estado e presidente de Conselho.

1852.— Manuel Antonio Alvares de Azevedo morre na cidade do Rio de Janeiro. Nascera em S. Paulo a 12 de Septembro de 1831.

26 DE ABRIL

1500.— Primeira missa celebrada no Brasil, no ilhéo da Corôa-Vermelha, por frei Henrique de Coimbra, depois bispo de Ceuta (veja 1º de Maio).

1821.— Pela manhã parte do Rio de Janeiro a esquadra que conduzia á Europa o rei d. João VI. Começa neste dia o govêrno do então principe-regente d. Pedro.

— Neste mesmo dia houve uma revolta militar em Porto-Alegre. O govêrno interino, presidido pelo tenente-general Marques de Sousa, cedeu ás imposições da tropa, mas ao cabo de alguns dias conseguiu destacar e dividir pela fronteira o batalhão que primeiro se levantara e remetter preso para o Rio de Janeiro o padre Francisco Souto Maior, principal promotor do pronunciamento (veja no tomo XLII da «Revista do Instituto Historico» o «Indice Chronologico», de Homem de Mello).

1833.— Levante de 80 presos politicos no Forte do Mar (Bahia). Ferem o commandante e ficam senhores do forte, fraternizando com elles a maior parte da pequena guarnição. Ahi resistem ao bombardeamento das baterias de terra e da corveta *Regeneração*, começado no dia 27, e só se entregam no dia 29.

1863.— Morre em Lisbôa, com 51 annos de edade, o escriptor maranhense João Francisco Lisbôa.

27 DE ABRIL

1630.— Combate na ilha de Sancto-Antonio, entre uma emboscada de Pernambucanos e os Hollandezes, sendo destroçados estes ultimos .

1756.— Nascimento de Alexandre Rodrigues Ferreira, na cidade da Bahia. O notavel naturalista e explorador falleceu em Lisbôa a 23 de Abril de 1815.

1809.— Morre no Rio de Janeiro o pintor fluminense Manuel da Cunha.

1825.— O general Fructuoso Rivera, que saïra da Colonia com uma escolta, afim de reunir as nossas fôrças e combater a insurreição de que era chefe Lavalleja, foi surprehendido por este e aprisionado. Após conferencia com o seu antigo amigo, resolveu adherir á revolução e prometeu facilitar a surpresa dos destacamentos brasileiros, valendo-se da auctoridade que nelles tinha como commandante geral da campanha (veja 1° de Maio).

1840.— Morre repentinamente, estando á frente da cavallaria imperial no Passo do Azeredo, perto de Porto-Alegre, o general Bonifacio Isas Calderón.

1865.— O exército brasileiro do general Osorio parte dos arredores de Montevidéo, em marcha para Paisandú.

28 DE ABRIL

1625.— Sitiados na Bahia, fazem os Hollandezes as primeiras aberturas para ajuste da capitulação (veja 30 de Abril).

1638.— Francisoc Rebello derrota um destacamento hollandez em Itapoan (Bahia).

1823.— Combate de S. José dos Matões (Maranhão), ficando vencedores os Independentes.

1824.— Pereira Filgueiras, á frente de muitos milicianos, entra na cidade da Fortaleza, para depor o presidente Costa Barros.

1826.— A fragata brasileira *Imperatriz*, de 54 boccas de fogo, fundeada deante do porto de Montevidéo, é atacada pelo almirante argentino Brown, que tinha ás suas ordens 7 navios montando 116 boccas de fogo. O ataque começou a 1 hora da noite de 27 para 28 de Abril e durou apenas um quarto de hora, retirando-se então os Argentinos deante da energica defesa que encontraram e por verem que os outros navios da nossa esquadra já estavam em movimento (nos jornaes do tempo publicou-se inexactamnete que o combate durara cinco quartos de hora). Foi morto no começo da acção o commandante da *Imperatriz*, capitão de fragata Luiz Barroso Pereira, natural de Minas-Geraes, mas teve digno substituto na pessoa de seu immediato Rebello da Gama, de valor já provado em

heroico combate que sustentara nas costas da Guiana Franceza.

1877.— Recepção enthusiastica feita pela cidade do Rio de Janeiro ao general Osorio, marquez de Herval, que vinha tomar posse da sua cadeira no Senado .

1889.— Fallecimento do poeta e jornalista Constantino do Amaral Tavares, na Bahia.

29 DE ABRIL

1640.— Chega ao porto da Bahia a esquadra do almirante Lichthardt, conduzindo 2.500 homens, ao mando de Tourlon, encarregado por Mauricio de Nassau de devastar o Reconcavo, levando a ferro e fogo quanto encontrasse. Eram represalias exercidas pelo governador hollandez, em consequencia das ordens dadas a Camarão pelo conde da Torre. Esta expedição só deixou o porto da Bahia no dia 30 de Maio.

1754.— O coronel Thomaz Luiz Osorio, commandante do forte do Rio-Pardo, repelle um ataque dos Guaranís das Missões jesuiticas, commandados por Sepé. Das 4 peças que os assaltantes tinham, 2 foram tomadas. A guarnição compunha-se de infantaria do Rio de Janeiro, dragões do Rio-Grande e aventureiros de S. Paulo e Sancta-Catharina.

1824.— Deposição do presidente do Ceará, Costa Barros, e eleição de Alencar Araripe, pela Assembléa convocada por Pereira Filgueiras na cidade da Fortaleza (veja 28 de Abril).

1833.— Após trez dias de resistencia renderam-se os presos politicos que se haviam apoderado do Forte do Mar, na Bahia. Tinham alli arvorado a 27 uma bandeira azul com banda diagonal branca, dando vivas á Republica Federal.

1836.— Tomada de Igarapé-Mirim (Pará) pelo primeiro-tenente Barroso (depois almirante e barão do Amazonas). Segundo Garcez Palha, esta acção deu-se a 1° de Maio.

1869.— A divisão de monitores, commandada pelo capitão-tenente Jeronymo Francisco Gonçalves, fórça a passagem de Guaraio, no Manduvirá (Paraguái).

1870.— Chega ao Rio de Janeiro o marechal conde d'Eu, terminada a guerra do Paraguái.

30 DE ABRIL

1531.— Martim Affonso de Sousa chega á bahia do Rio de Janeiro, onde estaciona até 1° de Agosto. Alli fez construir 2 bergantins, primeiras embarcações construidas por Europeus no Brasil.

1625.— Assignatura da capitulação dos Hollandezes na cidade da Bahia. A' noite, o general d. Fadrique de Toledo, segundo o ajustado, fez occupar a porta do Carmo. Os trophéos desta victoria, recebidos no dia seguinte, consistiram em 215 canhões, 35 pedreiros, 18 bandeiras e estandartes e 6 navios, unicos que os rendidos conservavam, tendo sido destruida a maior parte da sua esquadra durante o assedio, que durou um mez.

1804.— Nasce no Recife Antonio Peregrino Maciel Monteiro, depois barão de Itamaracá.

1822.— Um artigo publicado por Gonçalves Lédo no *Revérbero Constitucional* produziu no Rio de Janeiro o mais vivo enthusiasmo. Os dous redactores, Lédo e Januario Barbosa, receberam cumprimentos de muitos cidadãos e foram victoriados nas ruas.

Rompendo com todas as convenções, que até então guardavam os patriotas brasileiros, animou-se Lédo a suggerir ao principe-regente a necessidade de proclamar desde logo a independencia do Brasil.

1823.— O primeiro-tenente Oliveira Botas, na canhoneira *25 de Junho*, accompanhado pelas canhoneiras *Pedro I* (segundo-tenente José Antonio Gonçalves), *Leopoldina* (segundo-tenente André Avelino Pereira) e *Villa de S. Francisco*, protege a entrada de 4 barcos no Cotegipe, conduzindo reforços das villas de Boipeba e Valença. Na volta, combate desde 1 hora da tarde até 8 da noite com 1 escuna e 8 canhoneiras portuguezas. Destas, 2 foram mettidas a pique; os outros navios inimigos retiraram-se, e Oliveira Botas poude regressar para Itaparica.

1825.— Foram executados na cidade da Fortaleza, por sentença da Commissão Militar, o coronel de milicias Andrade Pessôa e o padre Albuquerque e Mello (vulgo *Mororó*), compromettidos na insurreição republicana de 1824. Além dêsses, soffreram no Ceará a pena capital Luiz Ignacio de Azevedo, Francisco Ibiapina e Feliciano Carapinima. Os dous principaes chefes da revolução já não existiam: o presidente Tristão Pereira de Alencar Araripe tinha sido morto em combate a 31 de Outubro de 1824; e o commandante das armas José Pereira Filgueiras havia fallecido em S. Romão, no S. Francisco (Minas-Geraes), ao ser conduzido preso para o Rio de Janeiro.

1838.— Uma divisão do exército imperial no Rio Grande do Sul, commandada pelo general Sebastião Barreto, é completamente derrotada no Rio-Pardo pelo exército republicano, ás ordens do general Bento Manuel Ribeiro.

1854.— Inauguração da estrada de ferro de Mauá, primeira construida no Brasil. Essa obra foi devida á iniciativa

e exforços de Irineu Evangelista de Sousa, que então teve o titulo de barão e depois o de visconde de Mauá.

1 DE MAIO

1500.— Ceremonia da posse da terra descoberta por Pedro Alvares Cabral. Foi celebrada então a segunda missa no Brasil, deante da grande cruz de madeira plantada perto da praia, presentes Cabral, commandantes, officiaes, tropa e muitos indigenas. O quadro — *Primeira missa no Brasil,* — do nosso Victor Meirelles, representa essa scena.

— Tem a data dêste dia a célebre carta de Pero Vaz de Caminha, narrando ao rei d. Manuel o descobrimento da sua ilha da Vera-Cruz, logo depois chamada Terra de Sancta-Cruz (1501) e tambem Brasil (1503).

1625.— Occupação da cidade da Bahia pelo exército de d. Fadrique de Toledo, que a libertára do dominio hollandez,

1632.— Saque de Iguarassú pelo coronel Waerdenburch, guiado por Domingos Calabar. Ao embarcarem os Hollandezes no canal de Sancta-Cruz, foram atacados por Fernando de la Riba Aguero, soffrendo alguma perda.

1633.— Succumbe no Recife, dos ferimentos recebidos deante do Arraial, o coronel Laurens van Rembach, commandante em chefe das tropas hollandezas. Succede-lhe no commando o allemão Siegismundt van Schkoppe.

1808.— Manifesto do principe-regente d. João, datado do Rio de Janeiro e dirigido aos govêrnos das nações amigas, expondo os motivos que haviam obrigado a côrte portugueza a passar-se para o Brasil e declarando guerra a Napoleão.

1819.— Combate no Piratinim (Missões), entre as tropas do tenente-coronel Arouche e as do coronel Andrés Artigas.

1825.— O general Fructuoso Rivera, cuja defecção era ainda ignorada, apresenta-se em S. José (Banda Oriental) ao coronel brasileiro Borba, commandante de um corpo de milicias de S. Paulo e, entretendo-o, dá logar a que Lavalleja cerque o acampamento e aprisione essa fôrça.

1829.— Nascimento de José de Alencar, na cidade de Fortaleza.

1842.— Decreto dissolvendo a Camara de Deputados e convocando outra para 1º de Novembro. Foi a primeira vez que a Corôa usou dessa sua attribuição, desde o juramento da Constituição de 1824. A novidade do acto produziu grande impressão no paiz. Na Inglaterra, a Camara dos Communs nunca chega ao termo da legislatura: é sempre dissolvida.

1850.— Morre no Rio de Janeiro o grande estadista Bernardo Pereira de Vasconcellos, nascido em Ouro-Preto, então Villa-Rica, a 27 de Agosto de 1795. Foi no reinado de Pedro I e no periodo das regencias o verdadeiro mestre do parlamentarismo no Brasil. Ninguem combateu com mais constancia do que elle pelo estabelecimento do govêrno livre. Chefe da opposição parlamentar de 1826 a 1831, recusou então uma pasta de ministro: depois da revolução de 7 de Abril, foi por vezes ministro de Estado, creou o partido conservador em 1836 e oppoz-se em 1840 á revolução parlamentar da Maioridade.

1865.— E' assignado em Buenos-Airas o tractado de alliança, entre o Brasil, a Republica Argentina e a Oriental do Uruguái contra o dictador do Paraguái, que, sem declaração de guerra, havia invadido o territorio brasileiro e argentino e ameaçava o oriental. O conselheiro Francisco Octaviano foi o plenipotenciario brasileiro negociador dêsse tractado.

1868.— *Acção de Timbó-Chico* (margem esquerda do Paraguái).— O major Almeida Côrte-Real, com o 25° batalhão de voluntarios, derrota uma fôrça paraguáia.

— Fallecimento do tenente-coronel de infantaria Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, um dos mais brilhantes officiaes que tem tido o exército brasileiro. Nasceu a 12 de Março de 1826, a bordo da náo *Pedro I*, nas aguas da Bahia, e foi educado na França. No ataque de Paisandú e na guerra do Paraguái recebeu varios ferimentos. Falleceu no Rio de Janeiro, de molestia contrahida em campanha.

2 DE MAIO

1500.— Cabral fez-se de véla, deixando as costas do Brasil. No mesmo dia despacha para Lisbôa, com a noticia do descobrimento, um navio commandado por André Gonçalves.

1570.— Frei Pedro de Palacios, fundador da ermida de Nossa Senhora da Penha, é alli sepultado nesta data (Jaboatão, Liv. Antepr., paragrapho 44). O processo da canonização dêsse religioso capucho foi começado em 1616, mas não teve conclusão. A ermida de que se tracta, perto de Villa-Velha do Espirito-Sancto, passou pouco depois a chamar-se da Penha, sendo em seu logar edificado um convento.

1798.— Começa a funccionar na cidade do Rio de Janeiro, segundo Teixeira de Mello, o Correio Geral. Esta será a data em que o serviço dos correios passou a constituir administração do Estado, em virtude do alvará de 17 de Março de 1797, porque já em 1663 haviam sido estabelecidos no

Brasil os officios de correios-móres, com regimento de 25 de Janeiro do mesmo anno. Aos 19 de Dezembro de 1663 foi nomeado correio-mór do Rio de Janeiro o alferes Cavalleiro Pessôa (Pizarro, III, 225).

1812.—O exército brasileiro do capitão-general d. Diogo de Sousa chega á barra do arroio S. Francisco, no Uruguái. onde acampa. Tinha atravessado, nesta segunda campanha, todo o territorio da Banda Oriental, desde Maldonado.

1817.—Combate do engenho Utinga (Pernambuco), entre milicianos e voluntarios monarchistas, ao mando do capitão de milicias Barroso, e os republicanos de Pernambuco, commandados por Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

1818.—A' noite, o riograndense Vasco Antunes Maciel, á frente do povo da Colonia do Sacramento, prende o governador delegado do general Artigas e aprisiona parte da guarnição. O chefe de divisão Noronha, que bloqueava a porto, envia aos insurgidos um refôrço de marinheiros, ao mando do capitão de fragata Diogo Jorge de Brito. Desde esta dia, até 3 de Dezembro de 1828, ficou no nosso poder a Colonia.

1823.—Pequena acção no engenho da Conceição, perto da cidade da Bahia (guerra da Independencia), em que fica vencedora uma companhia do batalhão de libertos.

1826.—D. Pedro IV (Pedro I do Brasil), por decreto datado do Rio de Janeiro, abdica na sua filha d. Maria da Gloria a corôa de Portugal, depois de haver dado áquelle reino, a 29 de Abril, uma carta constitucional.

1854.—Entrada, em Montevidéo, do general Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, á frente de uma divisão de 4.000 homens do exército brasileiro, que foi occupar aquella cidade, a pedido do Govêrno da Republica.

1866.—*Batalha do Estero-Bellaco*.—Os generaes Flores e Osorio repellem e destroçam os Paraguaios, dirigidos pelo coronel (depois general) Díaz. Os alliados tiveram 1.560 homens fóra de combate (1.103 Brasileiros, 400 e tantos Orientaes e 49 Argentinos); 4 peças de artilharia brasileira, collocadas na extrema vanguarda, foram arrebatadas pelo inimigo no primeiro impeto do ataque; 1 bandeira oriental foi tomada. A perda dos Paraguáios foi de cêrca de 2.500 homens fóra de combate, 2 bandeiras (1 tomada pelos Brasileiros) e 4 canhões (3 tomados pelos Brasileiros).

1868.—*Primeiro combate de Iuasií*.—O coronel Barros Falcão, com 2.500 homens do exército brasileiro, desembarca em Iuasíí, no Chaco, e repelle um ataque dos Paraguáios.

Tivemos 137 mortos e feridos, incluindo 2 marinheiros. Os Paraguáios deixaram no campo 105 mortos.

— No mesmo dia conseguiu o inimigo dispersar em Andaí a vanguarda da columna argentina, que desembarcara rio abaixo.

1870.— Chega ao Rio de Janeiro a brigada de voluntarios do coronel Pinheiro Guimarães, depois brigadeiro honorario. Era o quinto contingente de tropas que voltava do Paraguái. Compunha-se dos batalhões de voluntarios da Patria n. 27 (cidade do Rio de Janeiro), n. 33 (provincia do Rio), e n. 44 (corpo policial da provincia do Rio.

3 DE MAIO

1652.— O sargento-mór Antonio Dias Cardoso destroça os Hollandezes na margem esquerda do Tigipió (Pernambuco).

1660.— Nasce na cidade da Bahia Sebastião da Rocha Pitta, o auctor da «Historia da America Portugueza», publicada em 1730.

1818.— Com a escuna *Oriental*, fórça Senna Pereira, no Uruguái, o Passo de Vera (a data dêste feito foi erroneamente citada nas «Memorias e Reflexões», que publicou o filho de Senna Pereira).

1823.— Abertura da Assembléa Constituinte pelo imperador d. Pedro I.

— Combate, nas linhas da Bahia, entre as tropas brasileiras que sitiaram a cidade, ao mando do general Labatut, e as tropas do general Madeira. Foi apenas um reconhecimento ou simulacro de ataque.

1824.— Juramento da Constituição do Imperio, na Bahia.

1826.— A esquadra argentina de Brown perseguida pela brasileira de Rodrigo Lobo, atavessa o banco Ortiz. A fragata *Niterói* (commandante Norton), aventura-se tambem sôbre o banco e encalha. Nessa posição, bateu-se com a fragata argentina *25 de Maio*, que, tentando atacar o navio brasileiro, tambem varou. Os 2 navios conseguiram safar quasi ao mesmo tempo. A esquadra argentina seguiu direcção de Buenos-Aires, e a *Niterói* foi incorporar-se a Rodrigo Lobo, obedecendo aos signaes que este fazia.

1840.— Batalha de Taquarí, entre o exército imperial, ao mando do general Manuel Jorge Rodrigues, e o republicano do Rio Grande do Sul, dirigido por Bento Gonçalves. O general Rodrigues teve o titulo de barão do Taquarí, em recompensa dêsse feito de armas.

4 DE MAIO

1635.— Luiz Barbalho repelle os Hollandezes no reducto Paes Barreto, obra avançada da fortaleza de Nazareth do Cabo.

1761.— Decreto de d. José I, exemptando de direitos de exportação o café. Foi mme. Claude d'Orvilliers quem offereceu em Caiena ao major Palheta, no anno de 1727, as primeiras sementes de café introduzidas no Brasil e plantadas no Pará. A carta régia de 8 de Agosto de 1732 recommendou a propagação do cultivo do café no Pará e no Maranhão. Em 1748 o Pará contava 17.000 cafeeiros; em 1767 já exportava para a Europa alguns milhares de arrobas de café. Em 1761 o paraense João Alberto Castello-Branco, chanceller da Relação do Rio de Janeiro, introduziu nesta cidade as primeiras mudas de café, vindas do Pará. Fizeram-se as primeiras plantações no jardim dos Capuchinhos, rua dos Barbonos, hoje rua Evaristo da Veiga, e na quinta do inglez John Hopman, em Mata-porcos. Dahi espalhou-se a cultura ao interior do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas. Na Bahia, o plantio começou em Villa-Viçosa, com algumas mudas fornecidas pelos Capuchinhos do Rio de Janeiro. Em 1781 Hopman exportou algum café; mas foi sómente a partir de 1817 que a exportação começou a avultar.

1817.— Poclamação da Republica no Crato (Ceará), por José de Alencar, seu ermão Tristão Gonçalves Pereira de Alencar (depois Alencar Araripe), frei Francisco de Sancta-Anna Pessoa e Ignacio Tavares Gondim. Foi no dia 11 restaurada a auctoridade do rei nesta villa pelo capitão-mór José Pereira Filgueiras.

1823.— Encontro da esquadra brasileira, ao mando de lord Cochrane, com a portugueza, dirigida pelo chefe de esquadra Pereira de Campos, nas aguas da Bahia. A brasileira compunha-se de 1 náo, 2 fragatas, 2 corvetas, 1 brigue e 1 brigue-escuna, — ao todo, 7 navios, com 242 boccas de fogo; a portugueza, de 1 nau, 2 fragatas, 1 charrúa, 7 corvetas, 1 brigue e 1 sumaca, — ao todo 13 navios, com 396 boccas de fogo. Lord Cochrane atacou a linha portugueza, cortando alguns de seus navios; mas não foi bem secundado, e fez signal de retirada, depois de um rapido combate. Tivemos apenas 13 feridos, entre os quaes o capitão de fragata Crosbie, commandante da nau *Pedro I*, e o primeiro-tenente James Shepherd, quatro annos depois morto no Rio-Negro da Patagonia. A perda dos contrarios foi maior, pois só na charrúa *Princeza Real* tiveram 2 mortos e 15 feridos, sendo 40 o número de feridos na esquadra.

1826.— Prestam juramento no Senado os primeiros senadores do Imperio que formaram aquella Camara. Entre elles, sobresaïam o visconde de Cairú (Silva Lisboa), o marquez de Caravellas (J. J. Carneiro de Campos), de Paranaguá (Villela Barbosa), de Baependí (M. J. Nogueira da Gama), de Queluz (Maciel da Costa), de Barbacena (Caldeira Brant), o visconde de S. Leopoldo (Fernandes Pinheiro), Francisco Carneiro de Campos, o visconde da Cachoeira (Carvalho e Mello), o naturalista Ferreira da Camara, os marquezes de Maricá, de Sancto-Amaro e de Valença, e o visconde da Pedra-Branca.

1844.— Tomam assento no Senado Rodrigues Torres (visconde de Itaborahí) e Costa Carvalho (marquez de Monte-Alegre).

1851.— Grenfell assume em Montevidéo o commando da esquadra, que o Brasil reunia no Rio da Prata, para a guerra contra os dictadores Rosas e Oribe.

1868.— *Combate de Andaí, no Chaco.*— O coronel Barros Falcão, entrincheirado, repelle um ataque de 3.000 Paraguaios, dirigidos por Manuel Montiel. A perda dos assaltantes foi de 356 mortos e alguns prisioneiros, além de 600 e tantos feridos, que puderam ser conduzidos para Timbó. A nossa foi apenas de 26 mortos e feridos.

5 DE MAIO

1563.— Nobrega e Anchieta chegam á aldeia de Iperoí, em missão de paz juncto dos Tamoios confederados contra os colonos portuguezes.

1625.— *Te-Deum* na cidade da Bahia e festejos pela sua restauração ao dominio do rei de Portugal e Hispanha.

1637.— E' ferido o capitão João de Almeida, indio, em um encontro com os Hollandezes, no qual ficou vencedor. Morre dias depois.

1682.— Carta régia do regente d. Pedro (depois rei d. Pedro II) auctorizando os Paulistas Manuel Fernandes de Abreu, Jacintho Moreira Cabral e Martim Garcia Lombria a estabelecer fundições de ferro em Araçoiaba. Taes minas foram descobertas em 1589 pelo Paulista Affonso Sardinha, primeiro Brasileiro que fundiu, posto que em pequena escala, algum ferro.

1808.— Creação da Real Academia dos Guardas-Marinha, no Rio de Janeiro (hoje Eschola Naval), pelo principe-regente d. João, depois rei d. João VI.

1817.—O general Bernardo da Silveira repelle em Toledo (Banda Oriental) a cavallaria de Fructuoso Rivera.

1831.—Sedição militar no Recife, para depôr o commandante das armas.

1836.—A expedição que subia o rio Guamá (Pará) troca tiros com os insurgentes entrincheirados no engenho Pernambuco (veja 7 de Maio).

1840.—Combate de Carnahubal (Maranhão), no qual são derrotados os insurgentes pelo capitão Fernando Antonio Carneiro.

—Combate de Callengue (Maranhão). O capitão Francisco Affonso Xaxier de Bastos, com 110 homens, resiste durante dous dias aos ataques de 450 insurgentes. No dia 7 chega o tenente-coronel Francisco Dias Carneiro e derrota os sitiantes.

1861.—Fallece o tenente-coronel José Maria Pinto Peixoto, que, em 1832 e 1833, á frente da Guarda Nacional, dominara as sedições e revoltas que se haviam manifestado na cidade do Rio de Janeiro e em Minas-Geraes.

1880.—Morre na Lagoa-Sancta o sabio dinamarquez dr. Pedro Guilherme Lund.

6 DE MAIO

1644.—O conde João Mauricio de Nassau entrega o govêrno do Brasil Hollandez ao Supremo Conselho do Recife. No dia 11 segue viagem por terra, indo embarcar na Parahiba.

1736.—Installação da Academia dos Felizes no palacio do Govêrno, no Rio de Janeiro. O capitão-general governador era então Gomes Freire de Andrada, depois conde de Bobadella.

1817.—O general Bernardo da Silveira, em marcha de Toledo para Montevidéo, repelle um ataque da cavallaria de Fructuoso Rivera. Distingue-se neste choque o coronel Saldanha, depois marechal e duque em Portugal.

1818.—A esquadrilha do Uruguái fórça o Passo de Vera e reune-se ao seu commandante, Senna Pereira.

1819.—Bento Gonçalves derrota e aprisiona no Cordovez o coronel oriental Fernando Otorguez, das tropas do general Artigas.

1826.—O imperador d. Pedro I abre a primeira sessão da primeira legislatura do Imperio.

1829.— Morre no Rio de Janeiro o grande orador sagrado e poeta frei Francisco de S. Carlos. Nascera na mesma cidade a 13 de Agosto de 1763.

1867.— Tomada do acampamento paraguaio da Invernada da Laguna pelo major José Thomaz Gonçalves. A este encontro deram os Paraguaios o nome de Combate do Arroio Primeiro.

7 DE MAIO

1836.— 3 escunas, ao mando do primeiro-tenente Francisco de Paula Osorio, forçam a passagem do engenho Pernambuco, no Guamá (Pará). No mesmo dia um corpo de voluntarios desembarca e toma o engenho Bom-Intento. Durante a noite, o primeiro-tenente Barroso, depois barão de Amazonas, apodera-se de uma gambarra com uma peça, perto da cidade de Belém.

1840.— *Combates das Matas de Curumatá e Egypto* (Piauhí).— O coronel Feliciano de Moraes Cid leva de assalto 6 acampamentos entrincheirados dos *balaios*, sob o commando de Raimundo Gomes. Ficam fóra de combate, nesse dia, 500 insurgentes. Cid é ferido.

— *Combate de Callengue* (Maranhão).— O tenente-coronel Francisco Dias Carneiro derrota os *balaios*, que desde o dia 5 atacavam, sem exito, o capitão Xavier de Barros.

1868.— No Rio de Janeiro fallece Eusebio de Queiroz, o estadista energico que conseguiu reprimir o tráfico de Africanos no Brasil.

1880.— Morre na fazenda de Sancta-Monica o marechal duque de Caxias, veterano da guerra da Independencia e do sitio de Montevidéo, e pacificador do Maranhão, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, commandante em chefe do exército brasileiro na guerra contra os dictadores Oribe e Rosas e no periodo mais difficil da guerra do Paraguái. Nascera na Estrella (Rio de Janeiro), a 25 de Agosto de 1803. Foi o general brasileiro que commandou fôrças mais numerosas, tendo sob a sua direcção o maior exército que o Brasil tem formado, a esquadra em operações, as tropas argentinas e o contingente oriental, durante o assedio das linhas de Passo-Pucú e Humaitá e as campanhas do Tebicuarí e do Pikisirí. O Brasil deveu-lhe muitas das suas mais brilhantes e disputadas victorias, entre as quaes avultam as do Itororó, Avahí e Lomas-Valentinas. Foram trophéos das suas campanhas no Paraguái 24 bandeiras e 353 canhões. Trez vezes o Wellington brasileiro esteve á frente do Govêrno de sua patria, como presidente do Conselho de Ministros (veja 9 de Maio de 1880).

1888.—O Gabinete presidido pelo conselheiro João Alfredo Corrêia de Oliveira propõe á Camara dos Deputados a extincção immediata da escravidão. A requerimento do deputado Joaquim Nabuco é nomeado especial commissão, que, no mesmo dia, dá parecer favoravel á proposta do Govêrno.

8 DE MAIO

1705.—Nasce Antonio José da Silva, na cidade do Rio de Janeiro.

1758.—Alvará de d. José I (ministro o marquez de Pombal) tornando extensivas a todo o Brasil as leis de 1755 acêrca da liberdade dos Indios, expedidos para o Estado do Maranhão.

1782.—Fallecimento do marquez de Pombal.

1835.—O segundo-tenente Elisiario dos Sanctos (depois barão de Angra), que commandava uma lancha e um escaler, é atacado na ponta de Burajuba (Pará) por um lanchão e uma montaria ao mando de Manuel Nogueira. Repelle o ataque e toma aquellas embarcações, ficando levemente ferido.

1836.—Tomada do engenho Pernambuco (Guamá, Pará) pelos legalistas.

1840.—Defesa de Carnahubeiras (Maranhão) pelo capitão Ignacio Portugal de Almeida, que é ferido no combate. A canhoneira *Legalidade* auxilia a defesa.

1856.—Fallecimento do visconde de Jerumirim (marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres e Alvim).

1867.—Começa a retirada da Laguna, dirigida pelo coronel Camisão.

1868.—Segundo combate de Iuasií (Chaco). O tenente-coronel Genuino de Sampaio repelle nesse logar dous ataques dos Paraguaios. Perda dos Brasileiros: 91 officiaes e soldados, mortos ou feridos, e 2 marinheiros feridos. Perda dos Paraguaios: 111 mortos e prisioneiros.

1875.—Morre no Rio de Janeiro o senador visconde de Sousa Franco, um dos chefes do partido liberal.

9 DE MAIO

1624.—A esquadra hollandeza do almirante Jacob Willekens entra pela manhã no porto da Bahia. Compunha-se de 26 navios, com 509 peças, mas um delles, montando 22

peças, só entrou no dia 11. A cidade de S. Salvador da Bahia era então cercada de trincheiras e tinha duas portas: a de S. Bento ao Sul, a do Carmo ao Norte. Os conventos dessas duas ordens ficavam *extramuros*. Contava 1.400 casas e 12.000 habitantes. Nas trincheiras da cidade alta estavam assestadas 6 peças; e na casa do governador havia 4, de reserva, para serem empregadas onde fosse necessario. Na cidade baixa tinham sido levantados, pouco antes, 2 reductos na praia, o da Ribeira e o de S. Fernando, guarnecidos de 18 peças. Os fortes exteriores eram: o forte novo, depois chamado de S. Marcello ou do Mar, começado então, e que consistia apenas em uma cêrca de fachina e cestões com 6 peças; o fortim de Sancto-Alberto, em Agua de Meninos, tinha 2 peças; o forte da Poncta de Monserrate, chamado de S. Philippe de Itapagipe, 6 peças; e o forte de Sancto-Antonio da Barra, 7 peças. Total 49 canhões. Os 3 ultimos fortes não podiam auxiliar a defesa da cidade, porque estavam muito distantes. Naquelle tempo a boa distancia de combate, para o tiro de ponto em branco, variava de 91 a 152 metros. O governador Diogo de Mendonça Furtado reunira 2.000 e tantos homens, dos quaes apenas 1.600 armados de mosquetes, incluindo 80 de tropa regular. 3 navios mercantes, dos 15 que estavam no porto, foram armados e guarnecidos. Os Hollandezes desembarcaram entre o forte de Sancto-Antonio e a cidade, encontrando pequena opposição até ao convento de S. Bento. Tentaram penetrar pela porta dêsse lado e foram repellidos. No mar, o vice-almirante Piet Heyn apoderou-se da maior parte dos navios mercantes e atacou o forte novo, onde o capitão Lourenço de Brito Corrêia resistiu intrepidamente; mas, destruidas pela artilharia da esquadra as fracas defesas dessa posição, foi ella abordada e levada de assalto pelo proprio Piet Heyn, á frente de 280 marinheiros. Durante a noite o terror apoderou-se dos habitantes, e a fuga para o interior começou. O governador não poude conter a deserção dos homens de armas, e, apesar de abandonado, resolveu conservar-se no seu posto (veja «Ephemeride» do dia 10).

1774.—Nasce em Sanctos José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois visconde de S. Leopoldo.

1819.—O general Chagas Sanctos é repellido no ataque de S. Nicolau (Rio Grande do Sul). E' morto o joven tenente-coronel Arouche, natural de S. Paulo, auctor da «Memoria Historica da Campanha de 1816».

1855.—Decreto approvando o contracto para a construcção da primeira secção da Estrada de Ferro Pedro II.

1880.—Funeraes do duque de Caxias no Rio de Janeiro. O illustre guerreiro foi sepultado no cemeterio de Catumbí,

sem as honras militares a que tinha direito, porque as dispensara em testamento, pedindo que o seu caixão fosse conduzido por simples soldados.

1888.—A proposta do Govêrno abolindo a escravidão é approvada na Camara dos Deputados por 83 votos contra 9, para entrar em última discussão.

10 DE MAIO

1595.—O corsario James Lancaster encarrega o seu immediato Edmundo Burke de atacar o reducto dos Pernambucanos (no isthmo de Olinda?). Burke marchou com 275 Inglezes e Francezes, indo ás suas ordens os chefes das duas esquadras francezas, Wenner e Jean Noyer. Foi repellido com a perda de 35 mortos e muitos feridos. Entre os primeiros, Burke, Noyer, os capitães Cotton, John Baker e Rochel, francez. Na mesma noite Lancaster fez-se de vela com 11 navios, diz Southey (segundo os nossos chronistas, foi a 5 de Maio este combate).

1624.—Entram os Hollandezes na cidade da Bahia e aprisionam o governador Diogo de Mendonça Furtado, que apenas tinha a seu lado o ouvidor-geral e 16 officiaes e soldados, unicos que se conservaram fiéis ao dever. Foram tambem aprisionados varios Jesuitas, que se haviam deixado ficar no seu collegio. Os fugitivos, reunidos na aldêia do Espirito-Sancto, depois Abrantes, nomearam capitão-mór o desembargador Mesquita de Oliveira; mas, passados alguns dias, foi este deposto, assumindo o Govêrno o bispo d. Marcos Teixeira, que logo organizou a resistencia e começou a hostilizar os Hollandezes.

1756.—Os Guaranís das Missões são desalojados das trincheiras do arroio Chuiebí pelo general Gomes Freire de Andrada.

1779.—Tiradentes, compromettido na conspiração de Minas, é preso no Rio de Janeiro, em uma casa da rua dos Latoeiros, hoje de Gonçalves Dias, onde se occultara.

1808.—Nasce Manuel Luiz Osorio, em Conceição do Arroio (Rio Grande do Sul).

1819.—Alvará conferindo o titulo de Villa-Real da Praia-Grande á povoação de S. Domingos da Praia-Grande. Tinha então 13.000 habitantes, incluindo os das freguezias que ficaram formando o termo da villa. Reuniu-se nella, em 1835, a primeira assembléa legislativa da provincia do Rio de Janeiro. Por lei de 6 de Março dêste anno, da mesma

assembléa, foi escolhida para capital da provincia, e por outra lei, de 2 de Abril de 1836, teve o predicamento de cidade, com o nome de Niterói.

1827.— Tomada de Cerro-Largo. O tenente-coronel Bonifacio Calderón (depois brigadeiro) ataca pela madrugada o coronel Ignacio Oribe e obriga este chefe a render-se. A perda dos Orientaes foi de 155 mortos e prisioneiros, entre estes 16 officiaes.

1842.— Começa a rebellião dos liberaes de S. Paulo, oppondo-se em Sorocaba, com fôrça armada, á posse das auctoridades creadas pela lei de 3 de Dezembro de 1841 (veja 17 de Maio).

1888.— A proposta do Govêrno extinguindo a escravidão é approvada em última discussão na Camara dos Deputados e remettida ao Senado.

11 DE MAIO

1638.— Nesta data chegou á cidade da Bahia a noticia da morte do capitão João de Mattos Cardoso, que illustrara o nome na defesa do Cabedello. Contava oitenta annos. Foi assassinado em sua casa, no Reconcavo, por soldados hollandezes.

1644.— O conde de Nassau parte de Mauritzstadt (bairro de Sancto-Antonio, no Recife) e dirige-se por terra á Parahiba, onde o esperava a esquadra que o devia conduzir á Europa.

1817.— Contra-revolução monarchista na villa do Crato (Ceará) (veja 4 de Maio).

1830.— Fallece no Recife o capitão de mar e guerra Francisco Rebello da Gama, notavel pelo combate heroico que sustentou em 1819 contra um corsario oriental e pela defesa da fragata *Imperatriz,* em 1826. No primeiro dêsses combates recebeu trez balas de pistola e trez cutiladas na cabeça.

1837-1838.— Começa neste dia, em 1837, o segundo assédio de Porto-Alegre pelos republicanos do Rio Grande do Sul, e em 1838 o terceiro assédio.

1846.— Toma assento no Senado o general conde de Caxias, depois marechal e duque.

1867.— *Combate do Passo de Bella-Vista.*— O coronel Camisão repelle um ataque dos Paraguaios, dirigidos por Martim Urbieta e Blas Montiel. O inimigo deixou no campo mais de 80 mortos. A columna brasileira teve 19 mortos e 32 feridos.

1888.— E' lido no Senado o projecto de lei declarando extincta a escravidão no Brasil, remettido pela Camara dos Deputados. A commissão especial, nomeada pelo presidente do Senado, dá no mesmo dia parecer favoravel á proposição.

12 DE MAIO

1500.— Sossobram, por effeito de tempestade, 4 dos navios da esquadra de Cabral, que, havendo descoberto o Brasil, navegava para o Cabo da Boa-Esperança. Bartholomeu Dias pereceu no naufragio.

1648.— Salvador Corrêia de Sá e Benevides parte do Rio de Janeiro com a expedição destinada á reconquista de Angola. Chega a Quincombo no dia 12 de Julho, e desembarca em Loanda a 15 de Agosto. A expedição foi organizada com 6 navios fretados no nosso porto, 4 comprados á sua custa por Corrêia de Sá e 5 enviados da Bahia pelo conde de Villa Pouca de Aguiar. As tropas de desembarque eram formadas por 900 homens, alistados no Rio de Janeiro.

1763.— O general hispanhol Ceballos faz a sua entrada na villa do Rio Grande, da qual já as suas tropas estavam de posse desde o dia 24 de Abril, e, apesar de haver recebido no dia 8 aviso official do armisticio ajustado entre as côrtes de Madrid e Lisbôa, manda occupar a margem esquerda do canal do Rio Grande.

1818.— O caudilho Encarnación, das fôrças de Artigas, apresenta-se deante da Colonia do Sacramento, e é repellido pela cavallaria de voluntarios dessa praça, ao mando de Vasco Antunes, e pelos marinheiros de Diogo Jorge de Brito.

1826.— O almirante Rodrigo Pinto Guedes, depois barão do Rio da Prata, assume, em Montevidéo, o commando da esquadra brasileira em operações contra a Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, hoje Argentina. Succedeu ao vice-almirante Rodrigo Lobo.

1835.— Por ordem do presidente do Pará, Angelo Custodio Corrêia, que estava a bordo da fragata *Imperatriz*, foi atacada neste dia a cidade de Belém, dominada por Francisco Vinagre. A esquadra respondeu ao fogo começado pelos insurgentes, forçando-os a desamparar as fortificações. Desembarcaram então os marinheiros, guardas-nacionaes e voluntarios, ao mando do major Aires Carneiro. Os marinheiros, dirigidos pelo primeiro-tenente Moraes e Valle (Rafael) e pelos segundos-tenentes Elisiario dos Sanctos e Ferreira da Veiga, levaram de vencida os contrarios, mas, não sendo apoiados pelos guardas-nacionaes, tiveram de retirar-se.

A expedição reembarcou em desordem e, havendo recomeçado o fogo de artilharia de terra, o vice-presidente ordenou que a esquadra fosse fundear na bahia de Sancto-Antonio. A marinha teve 62 homens fóra de combate e os guardas-nacionaes e voluntarios 16 mortos e feridos, sem contar os afogados.

1836.—Tomada do engenho S. Domingos, no Capim (Pará), pela expedição do primeiro-tenente Francisco de Paula Osorio.

1837.—Fallecimento de Evaristo Ferreira da Veiga, no Rio de Janeiro, onde nascera. O illustre deputado liberal, redactor da *Aurora Fluminense* morreu com 38 annos.— «Evaristo (disse com razão Ribeirolles) era homem de character. Foi o instructor, guia, e, póde dizer-se, a consciencia do partido liberal moderado. Em 1830, sobretudo, sua influencia foi decisiva. Elle formara a terrivel opposição, que libertou o paiz das influencias extrangeiras». Dous homens, ambos do partido liberal moderado, foram naquelle tempo os grandes directores da opinião pública no Brasil: Bernardo de Vasconcellos e Evaristo da Veiga.

1840.—Lei da interpretação do Acto Addicional.

1888.—Entra em discussão no Senado o projecto de lei, declarando extincta a escravidão no Brasil. Na mesma sessão é approvado por 46 votos contra 6, para entrar em última discussão no dia immediato.

13 DE MAIO

1767.—Nasce em Lisbôa o principe d. João, depois regente de Portugal e rei do Reino-Unido de Portugal, Brasil e Algarves, com o nome de d. João VI.

1808.—Pelo principe d. João foi creada no Rio de Janeiro a Imprensa Régia, que, após a independencia, foi denominada Typographia Nacional e recentemente Imprensa Nacional. No mesmo anno da creação, a 10 de Septembro, começou a publicar a *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro periodico que teve a capital do Brasil. Já em 1747 fundara Antonio Izidoro da Fonseca, na cidade do Rio de Janeiro, sob os auspicios do capitão-general Gomes Freire de Andrada, uma typographia, que foi supprimida por ordem do Govêrno de Lisbôa.

— Creação da fábrica de polvora no Jardim Botanico, mais tarde transferida para a Estrella.

1811.—Fundação da bibliotheca da Academia Naval do Rio de Janeiro e da Bibliotheca Publica da Bahia.

1822.—D. Pedro, principe-regente do Reino do Brasil, acceita o titulo de Defensor Perpetuo do Brasil, que lhe foi offerecido pela municipalidade e pelo povo do Rio de Janeiro.

1836.—Pela manhã o capitão-tenente Petra de Bittencourt ataca e toma a bateria da Pedreira, no Guamá, defendida pelo caudilho Eduardo Angelim. A' tarde o commandante da esquadra, Mariath, dirige o desembarque, em Belém do Pará, das tropas legalistas commandadas pelo tenente-coronel Sousa. Os insurgentes oppoem fraca resistencia, retirando-se para os arredores da cidade.

1888.—Approvada em última discussão no Senado a proposição que declarava extincta a escravidão no Brasil, foi no mesmo dia sanccionada por s. a. a sra. d. Isabel, princeza imperial, então regente. Na cidade do Rio de Janeiro e em todo o Brasil foi acolhido o grande acto no meio das mais vivas mostras de regosijo popular. As festas no Rio de Janeiro duraram por dias. A proposta de lei havia sido apresentada á Camara dos Deputados pelo Ministerio organizado a 10 de Março sob a presidencia do senador por Pernambuco e conselheiro de Estado, dr. João Alfredo Corrêia de Oliveira.

14 DE MAIO

1630.—O almirante hollandez Ita é atacado de surpresa no isthmo de Olinda pelo capitão João Mendes Flores, mas escapa, fugindo com os dispersos de sua escolta e perdendo o bastão de commando. Os Hollandezes declararam haver tido 32 mortos na refrega. (Não é verdadeira a data de 11 de Maio que vem nas «Memorias Diarias»).

1633.—Henrique Dias apresenta-se ao general Mathias de Albuquerque, no arraial do Bom-Jesus, offerecendo os seus serviços e os varios homens pretos que o accompanhavam, para a guerra contra os Hollandezes. E' logo nomeado capitão. Uma carta régia da mesma data concedeu a Antonio Philippe Camarão o uso de brasão de armas e o titulo de capitão-mór, com o commando de todos os Indios do Brasil e o soldo de sua patente.

1818.—Bento Manuel Ribeiro, com 560 homens das tropas escolhidas de S. Paulo e Rio Grande do Sul, cumprindo as instrucções que recebera do general Curado, atravessa o Uruguái, durante a noite, na Vuelta de S. José, para ir destruir as baterias que Artigas fizera levantar na margem direita, territorio de Entre-Rios (veja 15 de Maio).

1830.— Fallece no Rio de Janeiro monsenhor Pizarro, natural da mesma cidade, auctor das «Memorias Historicas da Capitania do Rio de Janeiro».

1836.— Tomada da fazenda da Trafaria, no rio Capim (Pará), pela expedição do primeiro-tenente F. de Paula Osorio.

1845.— Morre no Rio de Janeiro o general Manuel Jorge Rodrigues, barão de Taquarí, glorioso defensor da Colonia do Sacramento em 1826. Foi sepultado no cemeterio de Catumbí.

15 DE MAIO

1635.— *Sortida no Arraial, dirigida por João Arias de Macedo.*— Tomam os nossos uma trincheira dos sitiantes, degollando muitos dos que a defendiam.

1645.— Os dous chefes da insurreição pernambucana contra o dominio hollandez, João Fernandes Vieira e Antonio Cavalcanti, assignam na varzea do Capiberibe os primeiros diplomas, conferindo postos militares.

1793.— Morre no Rio de Janeiro o compositor fluminense Manuel da Silva Rosa.

1817.— *Acção de Merepe e batalha do Trapiche de Ipojuca.*— Domingos José Martins, um dos membros do Govêrno provisorio do Recife, é surprehendido e desbaratado pelo capitão Antonio José dos Sanctos, das milicias de Penedo, ao atravessar com 300 homens o rio Merepe. A' tarde trava-se combate no engenho Trapiche de Ipojuca, entre as tropas expedicionarias da Bahia e Alagoas, ao mando do general Cogominho de Lacerda, e as republicanas de Pernambuco, commandadas pelo capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque. As últimas retiram-se em desordem, á noite, perdendo a artilharia e bagagem, e deixando muitos prisioneiros. Foi o último combate desta guerra civil.

1818.— Bento Manuel Ribeiro, descendo rapidamente pela margem direita do Uruguái, em Entre-Rios, derrota na Calera de Barquín o coronel Gorgonio de Aguiar, e em Perucho-Berna o tenente-coronel Faustino Tejera; encontra abandonada a bateria do Passo de Vera, e prosegue em marcha victoriosa na direcção do Arroyo de la China (veja «Ephemeride» de 16 de Maio).

1828.— Inauguração da Academia das Sciencias Juridicas e Sociaes de Olinda, muitos annos depois transferida para

o Recife e reorganizada sob a denominação de Faculdade de Direito.

1836.— Tomada do engenho Taperuçú, no rio Capim (Pará), pela expedição do primeiro-tenente Francisco de Paula Osorio.

1860.— Começam os trabalhos de construcção da estrada de ferro de Sanctos a Jundiahí.

1862.— Morre no Recife o coronel reformado Bento José Lamenha Lins, que desempenhara papel importante na guerra civil de 1824 em Pernambuco, defendendo a causa da união brasileira, e servira com distincção na campanha de 1827 contra os Argentinos.

1871.— A Camara dos Deputados elege especial commissão, encarregada de dar parecer acêrca da proposta do Govêrno, apresentada no dia 12 para a abolição gradual da escravidão. Vence a lista ministerial por pequena maioria.

16 DE MAIO

1818.— Bento Manuel Ribeiro (veja 15 de Maio) entra na povoação do Arroyo de la China, hoje Concepción del Uruguay, e apodera-se dos navios inimigos e dos depositos de armamento e munições estabelecidos naquelle poncto por Artigas e Ramírez. Sae logo depois ao encontro dêste ultimo general, que vinha em marcha com 600 homens de cavallaria, obriga-o a retroceder e persegue-o por espaço de algumas leguas. Neste dia e no anterior, com 560 homens, conseguiu Bento Manuel derrotar 1.300 Entre-rianos, orgulhosos da victoria que a 25 de Março haviam alcançado sôbre as tropas de Buenos-Aires. Ficaram prisioneiros 366 homens, entre os quaes o coronel Gorgonio Aguiar e outros chefes e officiaes. Foram destruidas as 3 baterias da Calera de Barquín, Perucho-Berna e Passo de Vera, tomados 8 canhões, 500 espingardas, 1 estandarte, 13 embarcações, varias carretas com armamento e munições e muitos outros despojos de guerra.

— Decreto de d. João VI, approvando as condições acceitas pelo agente do cantão de Friburgo para estabelecimento de uma colonia de Suissos na real fazenda do Morro-Queimado. A colonia tomou o nome de Nova-Friburgo.

1823.— *Capitulação de S. Bernardo do Brejo* (Maranhão). — O commandante geral do districto, capitão Severino Alves de Carvalho, que combatia pela união com Portugal, recusa reconhecer a independencia do Brasil, declarando não poder faltar ao juramento de fidelidade que prestara: obtém dos

sitiantes condições honrosas e retira-se com a guarnição para a capital da provincia. Os sitiantes eram commandados por Salvador Cardoso de Oliveira.

1837.— O regente Feijó constitue Ministerio com Manuel Alves Branco (primeiro visconde de Caravellas), o qual, succedendo ao Gabinete Limpo de Abreu (visconde de Abaeté), governa até que, a 19 de Septembro do mesmo anno, é pela primeira vez elevado o novo partido conservador.

1839.— Morre em Lisbôa o conselheiro Thomaz Antonio de Villanova Portugal, que fôra ministro de d. João VI no Rio de Janeiro e prestara ao Brasil serviços notaveis. Nascera em Thomar a 18 de Septembro de 1755. Morreu em extrema pobreza, amparado por um protegido seu, um Brasileiro, José Antonio da Costa.

17 DE MAIO

1803.— *Sedição em Villa-Bôa de Goiaz,* (depois cidade de Goiaz).— A Camara prende o governador, d. João Manuel de Meneses, mas este reage e manda prender os camaristas. No mesmo dia ficou restabelecida, sem derramamento de sangue, a auctoridade do governador, sendo executada a ordem que motivara a revolta.

1827.— *Occupação da Ponta de Léste, no Rio da Prata, pelo tenente-coronel Salustiano Severino dos Reis.*— A fôrça brasileira avança rapidamente até Maldonado e dispersa a inimiga, aprisionando o tenente-coronel Escobar. 2 bandeiras, abandonadas pelos fugitivos, foram remettidas para o Rio de Janeiro. Só tivemos 1 morto e 1 ferido.

— No mesmo dia, o corsario argentino *Vencedor de Ituzaingo,* fundeado deante da ilha Grande, mandou á terra 3 lanchas, com marinheiros armados, para saquear a fazenda de Dous-Rios. O proprietario, que armara os seus escravos, repelliu o ataque, e tomou 1 das lanchas, fazendo 14 prisioneiros. Foi morto 1 escravo.

1842.— Rafael Tobias de Aguiar, coronel da Guarda-Nacional, é acclamado, em Sorocaba, presidente da provincia de S. Paulo pelos liberaes, resolvidos a resistir pelas armas á execução da lei n. 261, de 3 de Dezembro de 1841. O presidente legal, barão (depois marquez) de Monte-Alegre, já havia pedido ao Govêrno, no dia 13, a remessa de tropas para combater a rebellião (veja 19 de Maio).

1846.— Fallece na Bahia, aos 54 annos de edade, o brigadeiro honorario Antonio de Sousa Lima, que em 1823, na guerra da independencia, defendera gloriosamente a ilha de Itaparica.

1864.— O viscondo de Jequitinhonha apresenta ao Senado um projecto de lei, pelo qual a escravidão ficaria extincta no fim de dez annos, sendo indemnizados os senhores pelos serviços a que seriam obrigados os escravos durante aquelle periodo. Já em 1830 apresentara Antonio Ferreira França á Camara dos Deputados um projecto, que, a ser convertido em lei, houvera posto termo á escravidão em 1831 (veja 18 de Maio).

18 DE MAIO

1635.— Henrique Dias, em uma sortida do Arraial, derrota juncto do Outeiro do Barbosa um destacamento de 120 Hollandezes.

— Os sitiantes da fortaleza de Nazareth do Cabo atacam, á noite, a Trincheira d'Agua, e são repellidos pelos capitães Paulo Nunes, Francisco de França e Pedro Teixeira.

1638.— Assalto das trincheiras de Sancto-Antonio, na Bahia, pelos Hollandezes, sob o commando do principe Mauricio de Nassau. A posição foi defendida pelas tropas de Pernambuco e da Bahia, dirigidas pelo general Bagnuoli. O mestre-de-campo Luiz Barbalho, saïndo do reducto que occupava, á direita da posição assaltada, investiu pela retaguarda o inimigo e espalhou a confusão nas suas fileiras. Este combate feriu-se durante a noite, que era de luar. Nassau teve 335 homens fóra de combate, sendo 104 mortos e 231 feridos. Entre os primeiros, contaram-se os coroneis Eichtbrecht, Boward e Hollinger, o engenheiro Berchen e outros 5 officiaes; entre os feridos, o então major Hinderson e mais 8 officiaes. A nossa perda foi de 60 mortos e mais de 100 feridos, incluindo 1 official morto e 16 feridos; 4 dêstes, entre os quaes o valente capitão de emboscadas Sebastião do Souto, morreram dos ferimentos (veja 25 de Maio).

1773.— Nascimento, no Rio de Janeiro, de Mariano José Pereira da Fonseca, depois marquez de Maricá.

1817.— Dissolução do Govêrno provisorio de Pernambuco. Martins Pessoa (Domingos Theotonio Jorge) assume a dictadura, abandona á noite os bairros do Recife e Sancto-Antonio e concentra as suas tropas na Soledade.

1825.— Lord Cochrane parte do Maranhão, na fragata *Piranga*, e, seguindo para a Inglaterra, deixa o serviço do Brasil.

1830.— O dr. Antonio Ferreira França, deputado pela Bahia, apresenta á Camara um projecto de abolição gradual, que extinguiria a escravidão a 25 de Março de 1881. A 16 de Junho de 1831 o mesmo deputado propoz a libertação dos es-

cravos da nação e renovou sem resultado a sua proposta de 1830. A 8 de Junho de 1833 apresentou outro projecto, declarando que o ventre não transmittia a escravidão.

19 DE MAIO

1638.— Succumbe na Bahia, aos ferimentos recebidos na vespera, Sebastião do Souto, que desde 1635 servia com distincção contra os Hollandezes, havendo dirigido duas incursões no territorio occupado pelos invasores.

1756.— Rende-se a povoação de S. Miguel, em Missões, cercada pelo governador Viana, á frente de tropas de Buenos-Aires e do Brasil. Entre os prisioneiros estava o padre Thadeu Henis, que foi o verdadeiro director militar dos Guaranís revoltados e escreveu em latim a historia dessa guerra.

1801.— Combate na costa da Bahia, ao Norte de Sancta-Cruz, entre a corveta portugueza *Andorinha*, de 24 caronadas, commandante Ignacio da Costa Quintella, e a fragata franceza *La Chiffone*, de 44 boccas de fogo, commandante Guyeisse. O combate durou mais de seis horas. Sendo abordada a *Andorinha*, o commandante Quintella desceu ao paiol, declarando que faria voar o seu navio, e assim alcançou a retirada dos Francezes, que lhe permittiram continuar a viagem até á Bahia. A *Andorinha* ficou quasi completamente desmantelada neste desegual combate.

1826.— José Clemente Pereira apresenta á Camara dos Deputados um projecto, abolindo o tráfico de Africanos em 31 de Dezembro de 1840.

— No mesmo anno, o imperador d. Pedro I ratificou a convenção de 23 de Novembro, negociada no Rio de Janeiro com a Grã-Bretanha, pelo marquez de Inhambupe, ministro dos Negocios Extrangeiros. A convenção declarava extincto o trafico trez annos depois da troca das ratificações. A formalidade da troca deu-se em Londres a 17 de Março de 1827, de sorte que, a partir de 1830, o tráfico de Africanos deixou de ser entre nós operação licita.

1831.— Fundação, no Rio de Janeiro, da Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional. Seu primeiro presidente foi Odorico Mendes; mas Evaristo da Veiga, que modestamente guardou para si o logar de secretario, foi o verdadeiro promotor e a alma dessa associação, cuja poderosa influencia se fez sentir em todas as grandes questões politicas do Brasil, até 1836. Muitas succursaes suas foram formadas nas provincias, principalmente nas do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas. A primeira iniciativa da Sociedade Defensora, perante

os poderes publicos, foi a representação de 1° de Junho de 1831, pedindo á Camara dos Deputados a creação da Guarda Nacional.

A Sociedade começou a publicar um periodico de propaganda, *O Homem e a America*, acêrca do qual escreveu Evaristo da Veiga as seguintes linhas, na sua «Aurora Fluminense», de 28 de Outubro de 1831: — «*O Homem e a America* tem já sido dado á luz e respira aquelle espirito de liberdade justa, legal, adversa ás violencias, á sedição e ao despotismo militar,que tem presidido aos trabalhos da associação».

1832.—Nascimento de Antonio Augusto de Mendonça, poeta lyrico bahiano.

1833.—O general Pinto Peixoto, á frente dos guardas-nacionaes e voluntarios de Minas e do Rio de Janeiro, depois de curto assedio, domina a sedição militar e politica de 22 de Março, contra a auctoridade da Regencia. Antes da chegada daquelle general, tinha Bernardo de Vasconcellos organizado, em S. João del Rey, resistencia á rebellião. O joven Theophilo Ottoni, reunindo muitos voluntarios do Serro, foi dos liberaes que tomaram armas pela defesa da legalidade.

1840.—O major Pedro Paulo de Moraes Rego repelle em Ladeira (Maranhão) um ataque de insurgentes *balaios*.

1842.—O general Caxias embarca no Rio de Janeiro para Sanctos, com as primeiras tropas enviadas pelo Govêrno para combater a insurreição dos liberaes de S. Paulo.

1847.—Fallecimento do conselheiro Joaquim Gonçalves Lédo na sua fazenda do Sumidouro, municipio de Macacú, onde desde alguns annos vivia afastado da politica. Foi o principal director do partido liberal fluminense, em 1821 e 1822; emulou com José Bonifacio e tornou-se naquelle tempo uma das mais bellas e sympathicas figuras da nossa politica, pelo ardor patriotico com que promoveu a agitação da independencia e o estabelecimento do regime constitucional entre nós. Seus artigos no *Revérbero Constitucional* inflammaram o enthusiasmo de todas as classes sociaes no Rio de Janeiro e tiveram immenso echo em todo o Brasil. Foi Lédo quem inspirou todas as grandes manifestações populares daquelles dous annos na nossa capital, quem resolveu o Govêrno a convocar uma Constituinte e quem dirigiu alguns dos principaes documentos politicos, como o manifesto de 1° de Agosto de 1822, dirigido por d. Pedro *aos povos do Brasil*. O processo, mandado instaurar contra elle e seus amigos por José Bonifacio, levou-o a emigrar para Buenos-Aires e, por isso, não tomou parte nos trabalhos da Constituinte. De 1826 a 1831 foi deputado da opposição liberal e um dos melhores oradores da Camara. Joaquim Gonçalves Lédo nascera na cidade do Rio de Janeiro a 11 de Agosto de 1781.

1855.— Circular do Ministerio da Justiça prohibindo a admissão de noviços nas ordens religiosas. Desde ahi, os Brasileiros que quizeram seguir a vida monastica foram obrigados a professar no extrangeiro. Ainda ha poucos annos morreu em convento dos arredores de Londres um Brasileiro, que lá foi fazer os votos da vida de sua eleição, encontrando em terra de protestantes a liberdade, que lhe era recusada na Patria.

20 DE MAIO

1506.— Christovam Colombo morre em Valladolid.

1654.— O commandante Joris Garstman faz entrega do forte do Ceará ao capitão Alvaro de Azevedo, em cumprimento da capitulação assignada no Recife pelo general hollandez.

1817.— Rodrigo Lobo, commandante da esquadra que bloqueava Pernambuco, desembacara no Recife, já occupado desde a manhã pelos seus marinheiros.

1821.— Eleição primaria em S. Paulo, para a escolha dos deputados ás Côrtes Constituintes de Lisbôa. O processo eleitoral foi então de trez graus, em todo o Brasil.

1840.— O major Pedro Paulo de Moraes Rego ataca e toma a trincheira que os *balaios* occupavam em Ladeira (Maranhão). O major Luiz José Ferreira apodera-se das trincheiras de Tabatinga, na estrada de Preguiças (Maranhão).

1865.— Barroso assume em Goya, no rio Paraná, o commando das duas divisões navaes brasileiras, que iam bloquear as posições occupadas pelos Paraguaios.

1866.— Tomada da trincheira de Passo-Cidra, no Estero-Bellaco, pelo 2° batalhão de infantaria, commandante Wanderley Lins, que fazia a vanguarda do general Flores. A posição era defendida pelo tenente-coronel paraguaio Avelino Cabral.

1880.— Morre, no Rio de Janeiro, d. Anna Nery, que mereceu, durante a guerra do Paraguái, o nome de « Mãe dos Brasileiros ». Esta senhora nasceu na Cachoeira (Bahia), em 1815, e era viuva do capitão de fragata Isidoro Nery. Partiu da Bahia em 1865, accompanhando o 10° batalhão de voluntarios (depois 41°), commandado pelo seu ermão Mauricio Ferreira, e com o mesmo corpo regressou á Patria, em Maio de 1870. Trez filhos seus serviram no Paraguái: um como official, os outros como medicos do exercito e da armada, morrendo este ultimo antes de terminada a guerra. D. Anna Nery empregou-se no tractamento dos feridos e doentes brasileiros, assim nos hospitaes de Corrientes, Humaitá e Assumpção, como na sua residencia,

que transformou em enfermaria e asylo de infelizes e orfams. O Govêrno imperial concedeu-lhe pensão e a medalha creada para recompensar serviços extraordinarios prestados á Humanidade.

21 DE MAIO

1648.—Henrique Dias repelle, na Estancia (arredores do Recife), um ataque do coronel hollandez Brinck.

1817.—Os capitães Martins Pessôa (Domingos Theotonio Jorge), Barros Lima e Pedroso, chefes da insurreição pernambucana, fogem do engenho «Paulista», durante a noite, abandonando os seus soldados e partidarios alli acampados. Com este acontecimento, vendo de todo perdida a causa pela qual se sacrificara, o padre João Ribeiro Pessôa de Mello Montenegro suicida-se juncto da capella do engenho. O francez Tollenare, que vivia em Pernambuco por esse tempo, e o inglez Koster, que em 1813 conheceu o padre Ribeiro Pessôa, falam delle com grande sympathia.—«Na verdade, diz Koster, nunca encontrei homem de maneiras mais agradaveis. E' geralmente querido de quantos o conhecem e sobretudo as classes baixas do povo têm por elle verdadeira adoração. Nossas relações foram longas e contínuas... e nunca lhe ouvi palavra aspera em referencia a ninguem: suas maneiras e o tom da sua voz mostravam sempre que a bondade é nelle a grande qualidade predominante».

1822.—Exequias na egreja de S. Francisco de Paula, do Rio de Janeiro, pelo repouso dos Brasileiros mortos na Bahia a 19 e 20 de Fevereiro. Prégou frei Francisco de Sampaio. O principe-regente d. Pedro e a princeza d. Leopoldina assistiram á ceremonia.

1823.—Deposição do general Pedro Labatut, commandante em chefe do exército brasileiro que sitiava a cidade da Bahia (guerra da independencia). Foi deposto e preso, no acampamento de Pirajá, pelos officiaes da brigada da esquerda, em consequencia da prisão do commandante da mesma brigada, coronel Gomes Caldeira, remettido debaixo de guarda para Itaparica no dia 19. Labatut havia prendido esse coronel por ter verificado que elle conspirava contra sua auctoridade de general em chefe. Assumiram conjunctamente o commando do exército os chefes das brigadas do centro e da direita, coronel Lima e Silva (José Joaquim) e tenente-coronel Barros Falcão. A noticia desta revolta militar deante do inimigo produziu impressão penosissima na provincia da Bahia. O Govêrno interino da Cachoeira nomeou commandante em chefe o coronel Lima e Silva, até a decisão do imperador, e em proclamação pediu ás tropas que obedecessem ao novo chefe e se conser-

vassem fiéis ao dever militar.— «Vós, defensores da Independencia e do Imperio, dizia a proclamação, destituistes o brigadeiro Pedro Labatut, rompendo assim o vinculo da obediencia que lhe devieis: o echo deste rompimento, em desar da nossa união, nas linhas inimigas; a consequente acephalia do exército em campanha e auso que tal acontecimento podia dar a novos, mas baldados planos dos cruéis Lusitanos; tudo isto constituia difficil e perigosa a nossa posição naquelle momento. Convinha remover e prevenir com promto remedio suas terriveis consequencias. Fundado na vontade presumida do nosso grande imperador, o Conselho interino do Govêrno acaba de applicar esse remedio. O vosso illustre camarada coronel José Joaquim de Lima e Silva está nomeado commandante em chefe do exército... Seria offensivo da vossa honra e disciplina e da vossa lealdade e patriotismo, si ora vos não mostrassemos, com a vehemencia e com a fôrça de incontestaveis e solidos argumentos, a obrigação, em que vos achaes, de confiar, obedecer e acatar o vosso novo commandante em chefe, e de continuardes a ser fiéis e leaes e sinceros amigos da causa do Brasil e do nosso magnanimo e augusto imperador. A subordinação é a verdadeira essencia e a mais terrivel fôrça dos exercitos...» (veja 25 de Outubro de 1824).

1862.— O Gabinete conservador, presidido pelo marquez (depois duque) de Caxias, soffre um revés na Camara dos Deputados e demitte-se. O deputado Zacharias de Góes e Vasconcellos, chefe da opposição, formada de liberaes e conservadores dissidentes, é encarregado pelo imperador de organizar um novo Gabinete (veja 24 de Maio).

1869.— O coronel Silva Tavares (depois brigadeiro honorario e barão de Itaquï) derrota em S. Pedro uma fôrça paraguaia.

1872.— Na discussão da resposta á fala do throno, fica em minoria na Camara dos Deputados o Gabinete presidido pelo visconde do Rio-Branco, sendo approvada por 51 votos contra 50 uma emenda da opposição. Por decreto do dia seguinte foi dissolvida a Camara e convocada para Dezembro a Assembléa Geral.

22 DE MAIO

1737.— *Combate naval de Martín-García.*— A flotilha de Buenos-Aires, de que era chefe d. Juan Bonete, após combate começado na vespera, é destruida pela nossa flotilha da Colonia do Sacramento, commandada por Alvaro de Brito do Rego.

1823.— *Combate naval da Olaria* (guerra da independencia), entre 3 canhoneiras da flotilha de Itaparica, ao mando

do primeiro-tenente João Francisco de Oliveira Botas, e 7 canhoneiras portuguezas. A acção durou das 2 ás 5 horas da tarde, retirando-se os nossos adversarios de então com a perda de 1 canhoneira de 5 peças, tomada pela *25 de Junho*, (5 canhões), na qual tinha a sua insignia o commandante Botas. Os outros navios brasileiros, que neste combate tomaram parte, foram: a *Villa de S. Francisco* (1 rodizio), commandante Fortunato Alvares de Sousa, e a *D. Januaria* (5 canhões), commandante Philippe Alvares dos Sanctos. O almirante lord Cochrane promoveu a capitão-tenente o commandante Botas e destinou 1.000 pesos fortes para serem distribuidos ás guarnições dos 3 navios.

1840.— *Combate de Ribeira* (Maranhão).— O major Joaquim Pereira Chaves Gralhada, que commandava 360 homens, derrota uma divisão de 1.000 insurgentes.

1847.— Manuel Alves Branco, depois visconde de Caravellas, organiza o Gabinete liberal, que succedeu ao de 5 de Maio de 1846 (Hollanda Cavalcanti), tambem liberal. Governou até 8 de Março de 1848, passando o poder a outro Ministerio do mesmo partido.

1854.— Eusebio de Queiroz toma assento no Senado.

23 DE MAIO

1535.— Vasco Fernandes Coutinho toma posse da capitania que lhe fôra doada, desembarcando com pequena expedição de immigrantes no lado meridional da bahia de Sancta-Luzia, descoberta em 1501 por André Gonçalves e Amerigo Vespucci, e ahi levanta um forte e as primeiras habitações da villa, que denominou do Espirito-Sancto. A capitania ficou tendo este nome.

1625.— Pedro Teixeira, tendo ás suas ordens os capitães Pedro da Costa Favella e Jeronymo de Albuquerque, ataca e toma o forte hollandez de Maniutuba, na foz do Xingú. O commandante inimigo Oudaen (não Housdan, como escreveram Berredo e Varnhagen) consegue fugir, com parte da guarnição, em uma lancha, para a ilha de Tucujús (veja 24 de Maio).

1644.— O principe João Mauricio, conde de Nassau, que na vespera embarcara na Parahiba, segue nesse dia viagem para a Europa, deixando para sempre o Brasil Hollandez, onde governara com brilho durante septe annos e quasi septe mezes (veja 23 de Janeiro de 1637).

1645.— Compromisso assignado na Varzea (Pernambuco) por João Fernandes Vieira, Antonio Cavalcanti e outros 16 conjurados, contra o dominio hollandez. Nesse documento pro-

testavam concorrer com suas fazendas e pessoas «em serviço da liberdade», e, diziam elles, «em restauração da nossa patria».

1792.— Partem do Rio de Janeiro 2 navios, conduzindo 11 dos degredados da conjuração da Inconfidencia em Minas-Geraes. No navio *Nossa Senhora da Conceição Princeza do Brasil* partiu para Moçambique o poeta Gonzaga. O outro navio levou para Angola o poeta Alvarenga Peixoto e o dr. Alvares Maciel.

1822.— José Clemente Pereira, presidente do Senado da Camara do Rio de Janeiro, entrega ao principe-regente d. Pedro uma representação, pedindo em nome da Municipalidade e do povo a convocação de uma Assembléa Constituinte. Clemente Pereira era amigo e partidario de Gonçalves Lédo, principal promotor desse requerimento (veja 8 de Junho).

— Motim na cidade de S. Paulo, motivado pela portaria de 10 de Maio, de José Bonifacio, chamando ao Rio de Janeiro o presidente da Juncta Governativa, Oyenhausen, e o ouvidor Costa Carvalho. O povo exigiu que esses dous funccionarios continuassem no exercicio dos cargos e reclamou a retirada de Martim Francisco e do brigadeiro Jordão, membros da Juncta. Foram cumpridas estas decisões da assembléa popular. Martim Francisco partiu para o Rio de Janeiro. O coronel de milicias Francisco Ignacio de Sousa Queiroz foi o chefe desse pronunciamento, sôbre o qual José Bonifacio mandou abrir devassa, sendo deportados para varios ponctos da provincia e para o Rio de Janeiro os principaes adversarios do partido andradista.

1826.— Acção pouco importante e sem resultado entre a 2ª divisão da esquadra brasileira do Rio da Prata, commandante Norton, e a esquadrilha argentina do almirante Brown. Só ás 5 horas da tarde quando entrava o sol, poude Norton abrir fogo na distancia de tiro de canhão, perseguindo o inimigo quasi até encalhar. Brown, que estava nas balisas exteriores de Buenos-Aires, manobrou para attrahir aos bancos a nossa esquadra, e Norton desistiu do ataque. Tivemos 2 mortos e 2 feridos; e os Argentinos, 6 mortos e 22 feridos, segundo uma carta de Buenos-Aires.

1833.— Começou nesta data o Ministerio organizado por Aureliano de Sousa (depois visconde de Sepetiba). Succedeu ao de Vergueiro e governou até 14 de Janeiro de 1835.— Durante esta administração foi discutido e votado o Acto Addicional á Constituição Politica do Imperio.

1840.— Lopes Gama, depois visconde de Maranguape, organiza novo Gabinete, composto, como o precedente, de conservadores. Foi o ultimo Ministerio da regencia de Araujo Lima (marquez de Olinda) e durou até á revolução parla-

mentar da Maioridade (veja 22 e 23 de Julho). Desde 12 de Maio tinha a opposição liberal começado a agitar a questão da maioridade do joven imperador, para derribar o regente.

1842.— Chega á cidade de S. Paulo o general Caxias, e occupa-se desde logo em organizar a defesa e preparar as fôrças que deviam marchar para o interior.

1858.— Morre na Penha, arredores da cidade de S. Paulo, o illustre orador parlamentar, dr. Gabriel José Rodrigues dos Sanctos. Nascera nessa mesma cidade a 1° de Abril de 1816.

24 DE MAIO

1582.— Pero Lopes de Sousa, vindo de S. Vicente, chega ao porto do Rio de Janeiro, onde estaciona até 4 de Julho. Então parte para a Europa, e de caminho toma dous navios francezes e um forte tambem francez em Pernambuco (veja 4 de Julho e 4 de Agosto).

1625.— Após a victoria do dia anterior, Pedro Teixeira desembarca na ilha de Tucujús (Amazonas), onde os Inglezes, commandados por Philipp Pursell, tinham trez fortins. Os dous primeiros foram tomados quasi sem resistencia, fugindo os defensores. Adeantando-se então, teve o capitão Favella de sustentar viva peleja com os Inglezes e Hollandezes, que lhe vinham ao encontro. Os dous chefes inimigos, Pursell e Oudaen, ficaram no campo entre os mortos. O outro fortim rendeu-se a Pedro Teixeira.

1630.— Antonio Ribeiro de Lacerda, cumprindo as instrucções do general Mathias de Albuquerque, assalta e toma pela madrugada o forte Ernestus, que os Hollandezes levantaram na ilha de Sancto-Antonio (Recife). As duas divisões, que formavam a columna de ataque, eram commandadas por Luiz Barbalho e Antonio Ribeiro da Franca. Quasi todos os officiaes que guardavam a posição foram mortos ou feridos, entre estes o tenente-coronel van der Elst e o engenheiro Commersteyn. As peças foram descavalgadas e atiradas do alto das trincheiras, retirando-se em seguida os nossos. Ribeiro de Lacerda, ferido no ataque, morreu dous dias depois. Este feito de armas levou o chefe inimigo Waerdenburch a declarar em officio que combatia contra um povo *valoroso e agil*.

1635.— Sortida do capitão Diogo Rodrigues da guarnição da fortaleza de Nazareth. Derrota um destamento hollandez na povoação de Jangadas e volta com alguma prêsa.

1824.— *Combate de Itabaiana* (Parahiba).— O coronel Estevam José Carneiro da Cunha (depois general e senador) apodera-se de Itabaiana e obriga á retirada as fôrças insur-

gentes de Pernambuco e da Parahiba, que eram commandadas pelo tenente-coronel Albuquerque Mello Montenegro.

1827.—O coronel Bento Gonçalves, com 220 milicianos, derrota no Passo de S. Diogo um troço de cavallaria argentina, retomando-lhe a cavalhada que levava para a Banda Oriental.

1828.—Tomada do corsario argentino *Feliz*, brigue-escuna de 11 peças, na costa do Salado. Este corsario bateu-se em retirada, perseguido pelo brigue *Niger*, commandante Thomaz Craig, e encontrou-se com o *Caboclo*, commandante James Inglis, que o tomou por abordagem. Foi incorporado á nossa esquadra, conservando o mesmo nome.

1840.—Tomada da villa de Pastos-Bons, pelo tenente-coronel Diogo Lopes de Araujo Salles, commandante de uma divisão de tropas do Govêrno.

1844.—Dissolução da Camara dos Deputados, cuja maioria era conservadora. Governava desde 2 de Fevereiro o Gabinete liberal organizado por Almeida Torres, depois visconde de Macahé.

1862.—Tendo o imperador acceitado a demissão do Gabinete Caxias, em consequencia da votação do dia 21, ficou organizado o novo Ministerio, composto de liberaes e de conservadores dissidentes, sob a presidencia de Zacharias de Góes e Vasconcellos (veja 28 de Maio).

1866.—*Primeira batalha de Tuiuti* (a segunda foi ferida a 3 de Novembro de 1867). O exército alliado apresentou nessa batalha 32.000 homens, sendo 21.000 Brasileiros, sob o commando do general Osorio, então barão de Herval, 10.000 Argentinos e 1.200 Orientaes. O general Mitre commandava os Argentinos e era ao mesmo tempo o general em chefe dos exercitos alliados; o general Venancio Flores dirigia os Orientaes e tinha ás suas ordens algumas fôrças destacadas do exército brasileiro e do argentino. O centro e a esquerda da linha dos alliados eram occupados pelos Brasileiros, e no centro estavam tambem as tropas orientaes. Os Argentinos formavam a ala direita do exército alliado. Contra os Brasileiros e Orientaes o dictador Lopez lançou 18.000 homens, em 3 divisões, commandadas pelo general Barrios, coronel Díaz e tenente-coronel Marcó; e contra os Argentinos a divisão do general Resquín, composta de 6.300 homens. As divisões brasileiras de infantaria eram commandadas pelos generaes Argollo, Sampaio, Guilherme de Sousa e Victorino Monteiro. A artilharia, pelo general Andréa. As 2 divisões de cavallaria, pelo general Menna Barreto (José Luiz) e coronel Tristão Pinto; a brigada ligeira de voluntarios de cavallaria, pelo general Netto. Era chefe do estado-maior, no exército de Osorio, o general

Jacintho Pinto de Araujo Corrêia. A derrota do dictador López foi completa. Ficaram no campo 6.000 Paraguaios mortos e 370 prisioneiros, e entraram para os seus hospitaes 7.000 feridos. Foram tomados pelos Brasileiros 4 canhões, 2 bandeiras e 1 estandarte; pelos Orientaes, 1 bandeira; pelos Argentinos, 3 estandartes. Os Orientaes perderam a bandeira de um dos seus batalhões; e os Argentinos, 2 estandartes de cavallaria. A perda do pessoal no exército alliado foi de 3.913 mortos e feridos, sendo: Brasileiros 3.011, Argentinos 606 e Orientaes 296. O principal exfôrço do inimigo foi dirigido contra a divisão do general Antonio de Sampaio, que por isso soffreu grandes perdas. Sampaio foi ferido mortalmente e falleceu em viagem para Buenos-Aires. Foram feridos levemente os generaes Osorio e Guilherme de Sousa; mortos, os commandantes Rocha Galvão, do 3° de voluntarios (Bahia), e Innocencio Cavalcanti de Albuquerque, do 55° (Pernambuco), além de 60 outros officiaes; feridos, 169 officiaes brasileiros, entre os quaes Guimarães Peixoto (do 1° de infantaria), dr. Pinheiro Guimarães (do 4° de voluntarios do Rio de Janeiro), Mallet (do 1° regimento de artilharia) e mais 11 commandantes.

1883.— Começa a governar o Gabinete liberal presidido pelo senador Lafayette Rodrigues Pereira. Succedeu ao Ministerio Paranaguá, tambem liberal, e passou o poder ao Gabinete Dantas (6 de Junho de 1884), do mesmo partido.

25 DE MAIO

1638.— A' noite embarca furtivamente com as tropas o principe João Mauricio de Nassau, que desde 20 de Abril assediava a cidade da Bahia. As grandes perdas, soffridas nos assaltos de 21 de Abril a 18 de Maio e nos combates diarios com a artilharia dos sitiados, obrigaram-n-o a essa retirada, na qual abandonou 4 peças de calibre 24 dos seus aproches, muitas armas e instrumentos de sapa, e toda a artilharia dos pequenos fortes de S. Bartholomeu e Agua de Meninos, que havia occupado. Philippe IV festejou muito esta victoria e recompensou os seus principaes heróes. Ao governador-geral, Pedro da Silva, deu o titulo de conde de S. Lourenço; ao general conde de Bagnuoli, a dignidade de principe e o feudo de Monteverde em terra do Otranto; a d. Antonio Philippe Camarão e a Luiz Barbalho concedeu commendas rendosas na ordem de Christo. Os restos do general Bagnuoli, que tanto se illustrou naquelle tempo, descansam em sepultura ignorada, no convento do Carmo, da cidade da Bahia.

1645.— Henrique Dias atravessa o rio Real e invade o territorio occupado pelos Hollandezes, para apoiar a insur-

reição projectada em Pernambuco. Camarão marchou pelo mesmo tempo, pois a 1° de Junho transpunha o S. Francisco, segundo aviso do commandante hollandez de Penedo.

1826.— Combate sem resultado, nas balisas exteriores de Buenos-Aires, entre a divisão brasileira do chefe Norton e a esquadra argentina do almirante Brown. Esta acção começou ao pôr do sol, como a do dia 23. Apenas 5 navios brasileiros tomaram parte no combate, e, entrada a noite, Norton fez-se ao largo, para evitar a proximidade dos bancos. Não tivemos nenhuma perda. Os Argentinos tiveram 2 mortos e 3 feridos.

1827.— *Acção de Pedras-Altas* (*Rio Grande do Sul*).— O guerrilheiro José Theodoro, dirigindo a vanguarda do tenente-coronel Calderón (depois general), derrota na cochilha de Pedras-Altas um destacamento da columna do general argentino Lavalle. Este, por estarem muito cansados os cavallos, segue em retirada, perseguido por Calderón até ao Passo dos Carros, no Candiota. As escaramuças dessa perseguição cessaram á noite. Lavalle, que foi ferido, commandava 891 homens de cavallaria regular; e Calderón, 400 milicianos. O general Alvear deu a esta pequena acção o nome de «combate del Yerbal» e transformou-a em victoria dos seus commandados.

1865.— *Combate de Corrientes*.— A cidade dêste nome estava occupada por 1500 Paraguaios, sob o commando do major Martínez. A esquadra brasileira, commandada por Barroso, abriu fogo sôbre o inimigo e protegeu o desembarque das tropas argentinas do general Paunero. Com ellas desembarcaram tambem 346 Brasileiros, sendo 307 homens do 9° de infantaria, sob o commando do capitão Pedro Affonso Ferreira, morto dias depois em Riachuelo, e 39, com 2 peças, do 1° batalhão de artilharia, sob o commando do primeiro-tenente Tiburcio de Sousa. Essas fôrças tomaram a cidade, depois de tenaz resistencia dos Paraguaios. A perda do inimigo foi de 203 homens, 3 peças e 1 bandeira; a dos alliados, de 160 mortos e feridos. No dia seguinte, o general Paunero evacuou a cidade, porque o exército paraguaio do Sul estava em marcha para ataca-lo.

1869.— O coronel Manuel Cypriano de Moraes, da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul, surprehende o acampamento paraguaio de Cerro-León, pondo em fuga as tropas que alli se achavam. Ficaram mortos ou prisioneiros cêrca de 60 Paraguaios. Entre os ultimos estava Cyrillo Rivarola, que depois foi o membro mais influente do Govêrno provisorio de Assumpção.

1871.—O imperador d. Pedro II e a imperatriz d. Teresa-Christina partem para a Europa, ausentando-se do Brasil pela primeira vez. Começa neste dia e termina a 30 de Março de 1872 a primeira regencia da princeza imperial d. Isabel, sendo então presidente do Conselho de Ministros o visconde de Rio-Branco.

26 DE MAIO

1625.—A esquadra do almirante Boudewyn Hendriksoon, que vinha em soccorro dos Hollandezes, já então rendidos na Bahia, apparece deante do porto, mas não transpõe a entrada, como suppoz Varnhagen. Navegando em linha com prôa ao Nordeste e vento do Sueste, chegou quasi á altura do cabo de Sancto-Antonio e, por ter divisado nos fortes a bandeira portugueza, virou em roda pela contramarcha. As esquadras de Hispanha, Portugal e Napoles, que estavam á vela dentro do porto, começaram a caça e trocaram algumas descargas com a inimiga; mas, sobrevindo a noite, e tendo encalhado alguns navios nos baixos de Itaparica, d. Fadrique de Toledo ordenou a retirada para o porto. Os Hollandezes seguiram para o morro de S. Paulo e foram depois para a Parahiba (veja 20 de Junho). Cumpre advertir que a data de 26 de Maio é de Laet e de Guerreiro. A de 23, em Tamayo, deve ser attribuida a êrro de imprensa.

1818.—Decreto de d. João VI creando no Rio de Janeiro o Museu, que depois teve o nome de nacional:—«...querendo propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes no Reino do Brasil: Hei por bem que nesta Côrte se estabeleça um Museu Real...» Este decreto foi referendado pelo ministro Villa-Nova Portugal. Frei José da Costa Azevedo foi o primeiro director do Museu.

—Combate do arroio de San-Juán (Banda Oriental), em que o general Sebastião Pinto de Araujo Corrêia derrota o coronel Encarnación, partidario de Artigas. O chefe inimigo foi morto. A nossa victoria foi devida principalmente ao arrôjo do capitão Gaspar Pinto Bandeira, commandante de um esquadrão de voluntarios do Rio Grande (veja 1° de Julho de 1818, data em que este official foi morto).

—Manuel Marques de Sousa, então coronel, surprehende e dispersa em Canelones a divisão do coronel Manuel Artigas.

1824.—Reconhecimento da independencia do Imperio do Brasil pelos Estados-Unidos da America, sendo recebido neste dia pelo presidente James Monroe o nosso encarregado de negocios, José Silvestre Rebello.

1840.— Combate do Matão-Grande ou de Bella-Agua (Maranhão). O capitão Joaquim Pereira Chaves Gralhada resiste, desde as 7 da noite até ás 3 horas da madrugada, aos ataques dos insurgentes, e consegue po-los em fuga. O commandante legalista foi ferido nesta acção.

1843.— Batalha de Ponche-Verde, em que o general Bento Manuel Ribeiro repelle o exército republicano do Rio Grande do Sul, dirigido pelo presidente Bento Gonçalves e pelo general David Canavarro.

1848.— O Gabinete liberal do visconde de Macahé soffre um revés na Camara dos Deputados, por occasião do voto de graças. Votaram com o Govêrno 44 deputados, e contra 50. O Senador Paula Sousa, tambem liberal, foi encarregado pelo imperador de formar outro Ministerio (veja 31 de Maio).

1865.— Fallecimento de Candido Baptista de Oliveira (veja 15 de Fevereiro de 1801).

1867.— A columna do coronel Camisão, em retirada do Apa, teve neste dia de abandonar á sua sorte os doentes de cholera-morbo, que já não podia transportar.

1869.— Pequeno choque em Paraguarí, entre a cavallaria do coronel Vasco Alves Pereira e os Paraguáios. Reconhecimento de Ascurra pelo marechal conde d'Eu.

27 DE MAIO

1635.— Sortida, em Nazareth do Cabo (Pernambuco), dos capitães de emboscada João Lopes Barbalho e Antonio Bezerra. Degollaram 20 inimigos e trouxeram aos sitiados alguns cavallos e viveres.

1811.— Morre na ilha Terceira o mineralogista José Vieira Couto, nascido no Rio de Janeiro em 1762.

1812.— Armisticio illimitado, assignado em Buenos-Aires, entre João Rademaker, representante do principe-regente de Portugal, e o Govêrno provisorio das Provincias Unidas do Rio da Prata. Este armisticio poz termo á intervenção armada do Brasil em favor do general hispanhol que commandava em Montevidéo.

1823.— O coronel José Joaquim de Lima e Silva, depois general e visconde de Magé, assume, por nomeação do Govêrno interino da Cachoeira, o commando em chefe do exército brasileiro que sitiava a cidade da Bahia, então occupada pelas tropas portuguezas do general Madeira. O exército sitiador compunha-se então de 9.515 homens, sendo 7.973 de infan-

taria, 1.289 de artilharia e 253 de cavallaria. Eram da Bahia 7.072 homens, do Rio de Janeiro 1.344, de Pernambuco e da Parahiba 979, e de Alagôas 120. Além dessas fôrças tinhamos na ilha de Itaparica 2.547 homens de infantaria e artilharia, sob o commando do tenente-coronel Antonio de Sousa Lima, depois brigadeiro honorario, e 710 marinheiros formavam a guarnição da flotilha de Itaparica, commandada pelo capitão-tenente João Francisco de Oliveira Botas. Subiam, pois, a 12.772 homens as fôrças brasileiras deante da Bahia, sem contar a esquadra commandada por lord Cochrane. O general Madeira tinha na cidade 10.500 homens, apoiados por uma esquadra numerosa, mas já então a escassez de viveres ia tornando insustentavel a sua posição.

1827.—Sortida na Colonia do Sacramento. O coronel Vasco Antunes Maciel dispersa os sitiantes, queima-lhes o acampamento, e regressa com alguns prisioneiros e a presa que poude transportar.

28 DE MAIO

1503.—A esquadra de Affonso de Albuquerque, em viagem para a India, toca em um porto brasileiro. Com elle ia Duarte Pacheco. Em 1506 Albuquerque fez de novo escala no Brasil, dessa vez no cabo de Sancto-Agostinho.

1537.—Bulla do papa Paulo III (Alexandre Farnese), em favor da liberdade dos Indios da America. Em uma cópia na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, esta bulla tem a data de 23 de Maio (veja 2 de Junho de 1537). O breve de 22 de Abril de 1639, de Urbano VIII (Maffeo Barberini), mandou publicar no Brasil a bulla de Paulo III, o que produziu graves disturbios e sublevações no Rio de Janeiro, Sanctos e S. Paulo (veja 22 de Junho de 1640).

1638.—A esquadra hollandeza deixa o porto da Bahia, conduzindo para o Recife o principe João Mauricio de Nassau e as tropas que tomaram parte no mallogrado ataque daquella cidade (veja 25 de Maio).

1827.—Morre no Rio-Pardo o general Patricio José Corrêia da Camara, visconde de Pelotas.

1842.—Tiroteio entre as fôrças do general Caxias e as dos insurgentes de S. Paulo, juncto ao ribeirão Jaguarahé. As últimas retiram-se na direcção de Sorocaba.

1858.—Fallecimento, no Rio de Janeiro, do tenente-general Antonio Corrêia Seara. Distinguiu-se na guerra da independencia, nas campanhas de 1824 em Alagôas e Pernam-

buco, na de 1838 na Bahia, de 1839 a 1842 no Rio Grande do Sul, e foi o pacificador de Alagôas em 1844. Nasceu em Pernambuco a 2 de Janeiro de 1802.

1862.— O Ministerio organizado no dia 24 pelo conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos acha-se em minoria na Camara dos Deputados e apresenta a sua demissão ao imperador. O marquez de Olinda acceita a missão de formar novo Gabinete (veja 30 de Maio).

1866.— Pequeno combate juncto da Laguna-Tranquera, em Tuiutí, no qual o general Victorino Monteiro repelle os Paraguáios.

1889.— Morre na cidade do Rio de Janeiro, onde nascera a 26 de Junho de 1825, o senador Francisco Octaviano de Almeida Rosa, chefe do partido liberal fluminense. O jornalista e poeta estimado foi director politico do *Correio Mercantil* desde 1853 até 1865, e tornou então o escriptorio dessa folha o principal centro literario e artistico do Rio de Janeiro.

29 DE MAIO

1635.— Sortida, em Nazareth do Cabo (Pernambuco), dirigida pelos capitães João Lopes Barbalho e Antonio Bezerra. Voltam com alguns viveres, rompendo a linha inimiga.

1638.— *Te-Deum* na Bahia, em reconhecimento da victoria alcançada sòbre o principe João Mauricio de Nassau (veja 25 de Maio).

1827.— Combate entre o brigue-transporte *Ururao*, commandado pelo primeiro piloto José de Sousa Pico, e o corsario argentino *Vencedor de Ituzáingo*, perto da barra da Victoria. O corsario foi repellido.

1828.— Tomada do brigue-escuna argentino *Ocho de Febrero*, commandante Espora. Foi atacado de perto pela escuna *Bella Maria*, commandante Marques Lisbôa (marquez de Tamandaré), e pela canhoneira *26 de Fevereiro*, commandante Usher, apoiadas a maior distancia pela canhoneira *Grenfell*, commandante Isidoro Nery, e pelo brigue *Constança*, commandante Parker.

1840.— O capitão Domiciano José Aires repelle em Meritiba um ataque dos insurgentes do Maranhão.

1851.— Tractado de alliança entre o Brasil, a Republica Oriental do Uruguái e o Estado de Entre-Rios. Os alliados comprometteram-se a expellir da Banda Oriental o general Oribe, que sitiava a cidade de Montevidéo e dominava nos

outros departamentos da Republica, apoiado pelas tropas do dictador argentino Rosas.

1867.— Bombardeamento de Curupaití pelo almirante Inhaúma.

— Morreram da cholera-morbo, neste dia, na margem esquerda do rio Miranda, juncto do Passo do Jardim, o coronel Camisão e o tenente-coronel Juvencio de Meneses, primeiro e segundo commandantes da expedição do Apa.

30 DE MAIO

1640.— Parte da Bahia para o Recife a esquadra hollandeza do almirante Lichthardt, conduzindo as tropas que durante um mez devastaram o Reconcavo, incendiando aldêias, engenhos e plantações e degollando quantos habitantes indefesos encontrava (veja 29 de Abril).

1645.— Carta anonyma de Sebastião de Carvalho, Fernão do Valle e Antonio de Oliveira, denunciando ao Supremo Conselho Hollandez no Recife os chefes da insurreição projectada em Pernambuco e a marcha das fôrças de Henrique Dias e Camarão. Os membros do Conselho não deram muito credito á denúncia, e só no dia 12 de Junho ordenaram as primeiras prisões.

1816.— Com o duque de Luxemburgo, embaixador extraordinario de Luiz XVIII, chegam ao Rio de Janeiro o naturalista francez Auguste de Saint-Hilaire e o compositor allemão Sigismundo Neukomm. Este demorou-se na nossa capital até á volta de d. João VI para a Europa em 1821. Saint-Hilaire percorreu durante seis annos as provincias do Rio de Janeiro, Minas, Bahia (parte Sul), S. Paulo (comprehendendo o territorio do Paraná), Sancta-Catharina, Rio Grande do Sul e Cisplatina, e consagrou os ultimos trinta annos da sua vida á publicação da parte historica dessas viagens e de notaveis trabalhos acêrca da Flora brasileira.

1820.— O primeiro-tenente Francisco Pedro Limpo, da esquadrilha do Uruguái, entra com a escuna *Olana* no Gualeguaychú, reune-se á escuna *Luiz de Camões* e, após trez horas de fogo, afugenta as tropas de Ramírez. Desembarca então e toma 2 balandras armadas, que estavam em terra.

1855.— Morre em Porto-Alegre o marechal do exército, reformado, Bento Manuel Ribeiro, um dos mais famosos commandantes de cavallaria que temos tido. Tomou parte em todas as guerras do Sul, desde 1801 até 1851. Nas campanhas de 1817 a 1820 alcançou as victorias de Belém, Calera de

Barquín, Perucho-Berna, Arroyo de la China, Queguay-Chico e Arroyo-Grande. Esse foi o periodo brilhante de sua vida de soldado, quando seguia os preceitos de disciplina ensinados e mantidos pelo illustre general Curado. Bento Manuel Ribeiro nasceu em 1783 em Sorocaba.

1862.—Fica organizado o Ministerio do marquez de Olinda (veja 28 de Maio). Foi o terceiro Gabinete presidido por este estadista, que então se alliou ao partido liberal e governou até 15 de Janeiro de 1864.

1869.—Combate de Tupium. O general Camara (visconde de Pelotas) derrota a divisão paraguaia do coronel Manuel Galeano. Perda do inimigo: 800 mortos e prisioneiros, 12 canhões e 3 bandeiras. Perda dos Brasileiros: 126 mortos e feridos.

31 DE MAIO

1767.—O coronel Manuel Jorge Gomes de Sepulveda (tinha então officialmente o nome de José Marcellino de Figueiredo) avança contra S. José do Norte, por ordem do governador Sá e Faria, e fica senhor das posições que os Hispanhóes occupavam na margem esquerda do Rio Grande do Sul, desde 1763.

1780.—O general Sepulveda (ainda com o nome de José Marcellino de Figueiredo) entrega o govêrno da capitania do Rio Grande do Sul ao seu successor, general Veiga Cabral. Sepulveda governou desde 23 de Abril de 1759 até 26 de Outubro de 1761, e pela segunda e última vez de 11 de Junho de 1763 até esta data. Foi elle quem estabeleceu a capital em Porto-Alegre.

1834.—A' meia-noite de 30 para 31 de Maio, aos gritos de «Mata bicudo», foram assassinados em Cuiabá os residentes portuguezes e brasileiros adoptivos: a cidade ficou em poder dos bandidos que executaram essa especie de Saint-Barthelemy, aconselhada pelo deputado Antonio Luiz Patricio da Silva Manso. A' noite todas as casas foram obrigadas a pôr luminarias, festejando esta covarde matança de homens desarmados. Um dos assassinados era o capitão José Antonio de Azevedo, cuja viuva, vendo ameaçada pela plebe a sua vida e a de seus filhos, viu-se forçada a illuminar tambem a casa. A matança continuou depos (veja 4 de Septembro).

1848.—Começa a governar o Ministerio presidido por Paula e Sousa, último da situação liberal inaugurada a 2 de Fevereiro de 1844. Governou até 29 de Septembro de 1848, data em que subiu ao poder o partido conservador, com o Gabinete Olinda.

1º DE JUNHO

1565.— Estacio de Sá repelle no arraial de S. Sebastião (Praia-Vermelha, Rio de Janeiro) um ataque dos Francezes e Tamoios.

1808.— Apparece em Londres o primeiro numero do *Correio Brasiliense* fundado e redigido por Hippolyto José da Costa Pereira. A publicação continuou até Dezembro de 1822 e ficou formando uma collecção de 29 volumes *in-octavo* (veja 13 de Agosto de 1764 e 11 de Septembro de 1823).

1822.— Decreto do principe-regente d. Pedro, depois imperador do Brasil, convocando para o dia seguinte os procuradores das provincias.

— Uma sublevação no Recife obriga a Juncta Provisoria do Govêrno de Pernambuco, presidida por Gervasio Pires Ferreira, a reconhecer a auctoridade do principe-regente d. Pedro.

1860.— Morre em Niterói o emigrado politico Charles de Ribeyrolles, antigo redactor do jornal *La Reforme*, de Paris. No Rio de Janeiro escreveu o *Brasil Pittoresco*, publicado por Victor Frond.

1869.— O general João Manuel Menna Barreto desaloja os Paraguaios dos desfiladeiros de Sapucahí.

2 DE JUNHO

1573.— Bulla de Paulo III (Alexandre Farnese) declarando que os indigenas da America são homens livres e racionaes e podem, portanto, entrar para o gremio da Egreja Catholica (veja 22 de Junho de 1640).

1640.— Povo e Camara de S. Paulo intimam os Jesuitas a que se recolham ao collegio do Rio de Janeiro, marcando-lhes para a partida o prazo de seis dias. A expulsão, porém, sómente se tornou effectiva no dia 13 de Julho, e foi motivada pela condemnação do captiveiro dos Indios, obtida de novo em Roma pelo padre Dias Taño (veja 22 de Junho).

1822.— Primeira reunião dos procuradores geraes das provincias do Brasil, sob a presidencia do principe-regente d. Pedro.

— Installação da sociedade secreta « Nobre Ordem dos Cavalleiros da Sancta-Cruz, denominada Apostolado ». Compunha-se de 100 membros, entre os quaes d. Pedro, José Bonifacio, Lédo e o general Nobrega. D. Pedro era « Archonte-rei » e José Bonifacio seu logar-tenente. O « Apostolado » celebrou

sessões até 15 de Maio de 1823. Nesta sociedade preponderava José Bonifacio, ao passo que no Grande-Oriente era mais numeroso o partido de Lédo. Entretanto, por indicação de Lédo, fôra José Bonifacio eleito grão-mestre a 28 de Março. D. Pedro só entrou para a Maçonaria no dia 13 de Julho (loja «Commercio e Artes»).

1827.— O coronel Bento Gonçalves derrota, juncto da Estancia do Sego, um destacamento da columna do general argentino Lavalle.

1836.— Combate no rio S. Gonçalo (Rio Grande do Sul), sustentado contra as baterias dos insurgentes pelo vapor *Liberal* (segundo-tenente Joaquim Raimundo de Lamare) e pelas canhoneiras *Oceano* (segundo-tenente Santos Marques) e *São Pedro Duarte* (segundo-tenente Junqueira). Os 2 primeiros navios bateram-se contra 2 baterias no passo e fóz do arroio de Pelotas, e o outro com a bateria do Passo dos Negros, todas estabelecidas durante a noite na margem esquerda do S. Gonçalo. A *S. Pedro Duarte* ficou quasi inteiramente destruida e foi abandonada pelo seu commandante e pela pequena guarnição que lhe restava. Os outros navios soffreram grandes avarias, mas conseguiram fazer calar o fogo dos contrarios. A' noite os insurgentes afastaram-se da margem, levando as suas peças e mais 2 que retiraram da canhoneira abandonada. João Manuel de Lima e Silva, que os commandava, foi gravemente ferido neste combate.

1868.— Morre na Bahia o poeta repentista Francisco Muniz Barreto, nascido na mesma cidade a 10 de Março de 1804.

3 DE JUNHO

1820.— Vencido Artigas e pacificada a Banda Oriental, o general Curado despede-se, em S. José, do exército que commandara durante quatro annos de campanha.

1822.— Os procuradores geraes de provincia requerem ao principe d. Pedro a reunião de uma Assembléa Constituinte Brasileira. No mesmo dia foi lavrado o decreto de convenção.

1823.— Reconhecimento das linhas da Bahia pelo exército brasileiro, sob o commando de José Joaquim de Lima e Silva. Tivemos apenas 49 mortos e feridos nesta acção, que foi a última da guerra da independencia na Bahia (veja 2 de Julho).

1826.— Nascimento de Laurindo Rabello, no Rio de Janeiro.

1876.— Fallece em Paris o visconde de Inhomirim (Francisco de Salles Torres Homem), gloria da tribuna parlamentar e da imprensa brasileira.

1881.— Fallece no Rio de Janeiro o advogado Agostinho Marques Perdigão Malheiro (veja 5 de Junho de 1824).

4 DE JUNHO

1608.— Inauguração dos trabalhos de construcção do convento de Sancto-Antonio, no Rio de Janeiro. Ficaram terminadas as obras em 1616 (veja 12 de Abril de 1585).

1641.— Morre em Belém do Pará o capitão Pedro Teixeira, célebre pelas victorias que alcançara no Amazonas e mais ainda pela sua exploração do grande rio, realizada de 1637 a 1639.

1852.— As tropas brasileiras, que fizeram as campanhas do Estado Oriental e de Buenos-Aires, entram no territorio nacional, pelo Jaguarão. O general em chefe, Caxias, em ordem do dia desta data, agradece ao Exercito e á Guarda-Nacional os serviços prestados nessa guerra, em que foram libertadas as republicas do Prata.

5 DE JUNHO

1641.— O marquez de Montalvão, deposto do cargo de vice-rei do Brasil, é embarcado na Bahia e remettido debaixo de prisão para Lisbôa (veja 15 de abril).

1821.— *Pronunciamento militar no Rio de Janeiro.*— As tropas portuguezas, sob o commando do general Avilez, reunem-se no largo do Rocio, exigindo o juramento das bases decretadas pelas Côrtes para a Constituição do Reino-Unido, e a demissão e deportação, para Lisbôa, do ministro conde dos Arcos. O principe-regente d. Pedro apresentou-se no logar da reunião e declarou que precisava ouvir a Camara e os eleitores. Convocados estes e tambem varios officiaes dos corpos brasileiros de primeira e segunda linha, acceitou a assembléa todas as exigencias da guarnição européa. O principe demittiu o conde dos Arcos e nomeou ministro do Reino o desembargador Alves Diniz, continuando com as suas pastas os outros trez ministros. Foi eleita no mesmo dia uma Juncta Consultiva de Govêrno. Quatro mezes depois (4 de Outubro), d. Pedro demittiu o ministro Alves Diniz, e a 16 de Janeiro poude formar outro Ministerio, com José Bonifacio, e desembaraçar-se da tropa portugueza, apoiando-se nos corpos brasileiros.

1824.— Nascimento de Agostinho Marques Perdigão Malheiro, na Campanha da Princeza, Minas-Geraes.

1827.— O major Luiz Alves de Lima (duque de Caxias), de emboscada em Morono, perto de Montevidéo, com uma companhia do Batalhão do Imperador, destroça um corpo de cavallaria oriental.

— Combate entre a divisão naval do capitão de mar e guerra J. F. de Oliveira Botas e a esquadrilha argentina do almirante Brown. As duas forças bateram-se desde a poncta de Lara até Quilmes, navegando os Argentinos muito perto da costa. O chefe brasileiro foi ferido nessa acção.

1837.— O general Sebastião Barreto é surprehendido e destroçado, no arroio Sancta-Barbara, pelo general Bento Manuel Ribeiro, então ao serviço da revolução riograndense.

1843.— David Canavarro, general das tropas republicanas do Rio Grande do Sul, é repellido em Alegrete pelo coronel Francisco de Arruda Camara, e começa a sitiar essa posição.

1880.— Inauguração dos trabalhos de construcção da via-ferrea de Paranaguá a Curitiba, com assistencia do imperador d. Pedro II, da imperatriz e do ministro da Agricultura, Buarque de Macedo.

6 DE JUNHO

1647.— Carta régia, de d. João IV, dando á cidade do Rio de Janeiro o titulo de «leal».

1729.— Nascimento de Claudio Manuel da Costa no sitio da Vargem do Itacolumi, freguezia da Villa do Carmo, depois cidade de Mariana.

1755.— Carta de lei (d. José I e Pombal) revalidando as leis anteriores, particularmente a de 1° de Abril de 1680, em favor da liberdade dos Indios.

1759.— Fundação da «Sociedade Brasileira dos Academicos Renascidos», na cidade da Bahia.

1775.— E' assentada a primeira pedra da egreja da Candelaria, do Rio de Janeiro.

1819.— O tenente-coronel José de Abreu, depois general e barão de Serro-Largo, derrota em Itacorubí uma divisão de tropas de Corrientes, sob o commando do coronel Andrés Artigas. A perda dos Correntinos foi de 430 mortos e prisioneiros e 1 peça, unica que tinham no combate. Andrés Artigas fugiu gravemente ferido e foi capturado 18 dias depois. O segundo commandante, tenente-coronel Pedro Sánchez, ficou

prisioneiro. Com a noticia da completa derrota do seu caudilho, os inimigos evacuaram precipitadamente as povoações que occupavam no districto brasileiro de Missões, ficando repellida a segunda invasão ordenada por José Artigas (veja 25 de Abril).

1824. — Defesa da Barra-Grande (Alagôas) contra as tropas do govêrno revolucionario do Recife, dirigidas pelo tenente-coronel José Antonio Ferreira. As fôrças entrincheiradas na Barra-Grande eram commandadas pelos então majores Lamenha Lins e Seara, que obedeciam ao presidente Francisco Paes Barreto. Nos dias 7 e 8, Ferreira renovou com o mesmo máo exito os seus ataques. O brigue *Bahia* apoiou a defesa.

1826. — Fallecimento do senador visconde da Cachoeira (desembargador Luiz José de Carvalho e Mello), um dos melhores estadistas da epocha da independencia.

1881. — Fallecimento de José Ferreira de Meneses, fundador da *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro, e ardente partidista da abolição.

7 DE JUNHO

1494. — Tractado de Tordesillas.

1797. — Nascimento, na Bahia, de Manuel Alves Branco, depois visconde de Caravellas.

1828. — O major Luiz Alves de Lima (depois duque de Caxias) sae de Montevidéo com uma columna de tropas, põe em fuga as fôrças inimigas que bloqueavam a praça e regressa com alguns prisioneiros.

1839. — Nascimento de Tobias Barreto de Meneses, em Campos, sôbre o rio Real (Sergipe). Falleceu no Recife a 27 de Junho de 1889 (veja esta data).

1842. — O coronel Amorim Bezerra derrota em Venda-Grande, perto de Campinas, um corpo de insurgentes de São Paulo, ao mando de Antonio Joaquim Vianna.

1868. — O general João Manuel Menna Barreto reconhece, debaixo de fogo, os váos do arroio Yacaré (Passo Posta e Passo Estancia). Pouco adeante, no Passo-Ovejas, o coronel Vasco Alves Pereira derrota uma força paraguaia.

1870. — Morre no Rio de Janeiro o marquez de Olinda (Pedro de Araujo Lima), que representou papel importante na nossa Politica, desde as Côrtes Constituintes de Lisbôa. Foi regente do Imperio e muitas vezes ministro e presidente

do Conselho. Nasceu no engenho Antas, perto de Serinhaen, a 22 de Dezembro de 1793 (veja esta data).

1889.— Sobe ao poder o partido liberal, com o Ministerio organizado neste dia pelo visconde de Ouro-Preto.

8 DE JUNHO

1545.— Braz Cubas toma posse do cargo de capitão-mór da capitania de S. Vicente (Madre de Deus, «Memorias», pagina 103) e concede no dia 19 o predicamento de villa ao porto de Sanctos (foral approvado por Thomé de Sousa em 8 de Fevereiro de 1552), que elle começara a povoar pelo anno de 1543, em que, segundo a inscripção em sua campa, fundara ahi uma Casa de Misericordia, primeiro estabelecimento dêsse genero creado no Brasil (veja 25 de Septembro de 1536).

1568.— Segundo Azevedo Marques, Heliodoro Euban foi morto neste dia, em 1569, combatendo contra os Francezes em Cabo-Frio. Quanto ao anno, ha evidente êrro, pois o combate, descripto por Simão de Vasconcellos, em que Salvador Corrêia de Sá tomou por abordagem um navio francez, no porto de Cabo-Frio, deu-se em 1568. Tambem é certo que este Heliodoro Euban não era nascido em Portugal, como pretende o auctor da «Nobiliarchia Paulistana»: era allemão e filho do poeta e historiador Helius Eubanus Hessus (veja Hans Staden, que foi seu hospede em S. Vicente, cap. XVIII; e Porto-Seguro, «Historia Geral», vol. I, pags. 274). Heliodoro Euban era administrador do engenho de assucar de Giuseppe Adorno, abastado colono de S. Vicente, membro de uma familia que dera varios doges á republica de Genova. A artilharia do navio tomado em Cabo-Frio foi assentada no forte de Nossa Senhora da Guia, mandado construir por Salvador Corrêia de Sá na poncta oriental da barra do Rio de Janeiro, forte que depois se chamou de Sancta-Cruz. O chefe indio Martim Affonso Arariboia foi recompensado com o habito da Ordem de Christo, pela parte que teve neste feito de armas e pela victoria que alcançara pouco antes, no mesmo anno, repellindo em sua aldêia um ataque dos Francezes e Tamoios, que, com alguns navios, lanchas e canôas, haviam entrado no porto do Rio de Janeiro, ainda então sem defesa alguma na barra (Vicente do Salvador, III, 14; Simão de Vasconcellos, «Chronica», III, 136). Uma planta do nosso porto, desenhada naquelle tempo por Jacques de Vaudeclaye mostra que a aldêia atacada pelos Francezes ficava em S. Christovam e não do lado oriental da Bahia. Na planta em questão a aldêia tem o nome de «Araroue».

1615. — *Capitulação da fortaleza do Arraial do Bom-Jesus, em Pernambuco.* — Construida em Março de 1630, affrontou durante cinco annos o poder dos invasores e repelliu trez ataques (14 de Março de 1630, 24 de Março de 1633 e 30 de Março de 1634). Succumbiu afinal, depois de um rigoroso assédio e bombardeamento de trez mezes (veja 3 de Março de 1635). Esta última resistencia foi dirigida pelo tenente de mestre-de-campo-general (tenente-coronel) André Marin. Commandava os sitiantes o coronel Arciszewki. A guarnição obteve as condições mais honrosas concedidas na guerra e foi quasi toda transportada para as ilhas Terceira e de S. Vicente, levando as suas bandeiras e armas, menos os canhões; porém os moradores, refugiados no forte, ficaram excluidos da capitulação e tiveram de pagar o seu resgate. Durante o assédio, foram mortos ou feridos 240 dos defensores da praça, isto é, mais de um terço da guarnição. «Foi esta (disse J. de Laet) uma importantissima victoria para o nosso dominio no Brasil, porque homens de tanta bravura foram assim afastados delle» («Hist... van den West-Indische Comp.» pagina 465).

1644. — Posse do segundo prelado do Rio de Janeiro, padre Antonio de Marins Loureiro. O seu antecessor, Lourenço de Mendonça, soffreu a mais viva hostilidade, porque se oppunha á escravidão dos Indios. A 13 de Septembro de 1632 os interessados no commercio de escravos attentaram contra a sua vida (veja essa data). O segundo prelado não foi mais feliz. Teve de fugir de S. Paulo para não ser assassinado, e depois correu eguaes perigos no Rio de Janeiro. Seguindo para o Espirito-Sancto, em visita pastoral, alli foi envenenado e enlouqueceu.

1662. — Henrique Dias, o valente negro pernambucano, morre no Recife e é sepultado no convento de Sancto-Antonio. Foi um dos heróes da guerra hollandeza, servindo á frente do seu corpo de pretos, desde 14 de Maio de 1633 até á expulsão dos invasores em 1654. Achou-se em quasi todas as grandes occasiões dessa guerra: foi ferido oito vezes, e legou aos nossos soldados os mais honrosos exemplos de bravura, disciplina e patriotismo. Com o Camarão, tomou Goiana (11 de Agosto de 1636) e repelliu Arcizeswski em Terra-Nova (21 e 22 de Agosto); depois, operando só, levou de assalto o forte de Guaraíras (6 de Janeiro de 1648), rendeu o de Cunhaú (7 de Janeiro), retomou Olinda (22 de Abril) e repelliu na sua estancia dous ataques do inimigo (21 de Maio e 18 de Agosto de 1648). Até á independencia, os batalhões compostos de soldados e officiaes pretos tinham no Brasil o nome de batalhões de «Henrique Dias» ou simplesmente de «Henriques».

1711.—Carta régia em que d. João v confirma o perdão concedido em seu nome pelo bispo de Olinda aos habitantes de Pernambuco, que se haviam sublevado contra o governador Sebastião de Castro Caldas (veja 17 de Outubro e 7 de Novembro). Dez dias depois de assignada essa carta régia em Lisbôa, começou em Pernambuco a guerra civil, chamada dos *Mascates* (veja 18 de Junho de 1711).

1815.—O principe-regente d. João ratifica no Rio de Janeiro o tractado assignado em Vienna, no dia 22 de Janeiro, pelos seus plenipotenciarios e o do rei da Grã-Bretanha. Por esse ajuste ficou abolido o tráfico em todos os logares da Costa da Africa, ao norte do Equador, compromettendo-se Portugal a fixar posteriormente a data da extincção do tráfico em todos os dominios portuguezes. Já pelo tractado de 19 de Fevereiro de 1810, assignado no Rio de Janeiro, havia d. João reconhecido «a injustiça e má politica do commercio de escravos», e promettera adoptar providencias para a sua gradual abolição.

1843.—O tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu (barão de Jacuhí), entrincheirado em uma cêrca de pedras, juncto ao arroio Sancta-Maria-Chica, resiste victoriosamente com 150 guardas-nacionaes aos ataques de 600 homens, dirigidos por João Antonio da Silveira, general dos republicanos riograndenses. Abreu teve 33 homens mortos ou feridos e recebeu dous golpes de espada na cabeça e um de lança na mão direita. Da columna de Silveira ficaram fóra de combate uns 100 homens, sendo feridos Portinho, Onofre, Canto e outros officiaes.

1869.—O general João Manuel Menna Barreto apodera-se das trincheiras de Sapucahí defendidas pelo tenente-coronel Bernal. Duas bandeiras paraguaias, tomadas neste combate, foram remettidas pelo general em chefe, conde d'Eu, á egreja da Cruz dos Militares do Rio de Janeiro.

9 DE JUNHO

1597.—Morre na aldêia de Reritiba o padre José de Anchieta, nascido em S. Christobal de la Laguna, então capital de Tenerife, a 19 de Março e baptizado a 7 de Abril de 1534. Anchieta entrou para a Companhia de Jesús a 1° de Maio de 1553. Desde esse anno viveu no Brasil, como missionario. Foi um dos fundadores de S. Paulo e seu defensor, quando atacado pelos selvagens; desarmou, com o padre Nobrega, a confederação das tribus dos Tamoios, ficando como refém entre elles; concorreu para a fundação da cidade do Rio de

Janeiro, accompanhando a expedição que expulsou da nossa bahia os Francezes e os Tamoios; fundou a Casa de Misericordia do Rio de Janeiro; creou escholas e formou aldêias de Indios, attrahidos á civilização pela sua palavra e pelo seu exemplo. Foi prégador, poeta e naturalista, e mereceu, como o padre Nobrega, o sobrenome de «Apostolo do Brasil». A aldêia em que falleceu, no Espirito-Sancto, passou a chamar-se Benevente, desde que teve o predicamento de villa no seculo XVIII. Ha poucos annos, a Assembléa Legislativa Provincial mudou-lhe o nome pelo de Anchieta.

1636.—O capitão-mór Camarão, incumbido pelo conde de Bagnuoli de devastar o territorio occupado pelos Hollandezes, sae do acampamento de Porto-Calvo, em marcha para Pernambuco, com uma columna de 400 homens, composta principalmente de Indios. Bateu-se com o inimigo em Goiana (11 de Agosto) e Terra-Nova (21 e 22 de Agosto), e esteve de volta a 26 de Septembro.

1647.—Fallecimento do general Mathias de Albuquerque, conde de Alegrete. Morreu em Lisbôa e foi sepultado na egreja da Trindade (Sousa, «Historia Genealogica da Casa Real»). Era filho terceiro de Jorge de Albuquerque Coelho, natural de Olinda. Nasceu pelo anno de 1590. Militou em Flandres, ás ordens de Spinola; foi governador de Pernambuco e governador-geral do Brasil; e, na invasão hollandeza, teve o commando em chefe das nossas fôrças em operações, desde 1630 até 1635. Na guerra da independencia de Portugal obrigou os Hispanhóes a abandonar o assédio de Olivença, tomou o castello de Alcouchel e ganhou as batalhas de Montijo e de Telena.

1815.—Assignatura do acto final do Congresso de Vienna, cujo artigo 107 tractava nos seguintes termos da restituição da Guiana Franceza, conquistada em 1809 pelo Brasil:—«Sua Alteza Real, o Principe-Regente do Reino de Portugal e do Brasil, para manifestar de maneira incontestavel a sua consideração particular para com Sua Magestade Christianissima, obriga-se a restituir a Sua Dicta Magestade a Guiana Franceza *até o rio Oiapock, cuja emboccadura está entre o quarto e o quinto grão de latitude septentrional, limite que Portugal considerou sempre como o que fôra fixado pelo tractado de Utrecht*. A epocha da entrega desta colonia a Sua Magestade Christianissima será determinada, assim que as circumstancias o permittirem, por uma convenção particular entre as duas Côrtes; e proceder-se-á amigavelmente, com a maior brevidade, á fixação definitiva dos limites das Guianas Portugueza e Franceza, conforme o sentido exacto do artigo 8° do tractado de Utrecht». Os plenipotenciarios francezes accei-

taram a restituição nestes termos, que precisavam com clareza o limite maritimo do Oiapock, ficando apenas por fixar a linha interior de fronteiras; mas, apesar disso, a França renovou as suas antigas pretenções a outro limite maritimo, e a questão continúa ainda hoje sem decisão.

1845.—Chegam ao Rio os primeiros colonos que foram fundar Petropolis (veja 19 de Septembro de 1854).

10 DE JUNHO

1580.—Morte de Luiz de Camões.

1627.—O almirante hollandez Piet Heyn entra com a sua esquadra no porto da Bahia. Desta vez nada intenta contra a cidade, defendida por Diogo Luiz de Oliveira, limitando-se a practicar hostilidades nos seus arredores (veja 12 e 15 de Junho e 14 de Julho).

1822.—Desembarque dos Portuguezes em Itaparica (Accioli, II, 123-124).

1827.—A fragata *Isabel*, commandante Beaurepaire, captura na costa do Salado o corsario argentino *Hijo de Julio*, commandante Bibois.

1840.—O major José Philippe de Miranda derrota em Veados um corpo de insurgentes do Maranhão.

1842.—Começa a insurreição dos liberaes em Minas-Geraes, sendo acclamado presidente da provincia, em Barbacena, o veador José Feliciano Pinto Coelho, depois barão de Cocaes. O presidente, Bernardo Jacintho da Veiga, cuidou desde logo de reunir guardas-nacionaes e voluntarios para resistir á rebellião.

1865.—*Combate de S. Borja.*—Os Paraguaios do corpo de exército do coronel Estigarribia começam a atravessar o Uruguái, hostilizados por 300 e tantos guardas-nacionaes ao mando do tenente-coronel Ferreira Guimarães. Sôbre a villa de S. Borja já marchavam 2.000 dos invasores, com 4 peças, dirigidos pelo major José López, quando acudiu o então coronel João Manuel Menna Barreto, á frente do 1° batalhão de voluntarios (da cidade do Rio de Janeiro). As nossas fôrças, embora muito inferiores em numero (800 homens, incluindo os guardas-nacionaes), conseguiram conter o inimigo, obrigando-o a retroceder para o Passo de S. Borja. Menna Barreto cobriu a villa até á noite, e deu assim tempo para que a população se retirasse. O 1° de voluntarios teve 36 mortos e feridos; e a guarda-nacional, 10.—« A' intrepidez do coronel

Menna Barreto e do 1º batalhão de voluntarios (escreveu o vigario de S. Borja) devo eu, devem as trez quartas partes dos moradores de S. Borja o não termos caïdo prisioneiros dos Paraguaios». O inimigo só se animou a fazer a sua entrada na villa dous dias depois do combate.

1880.—Celebração do tricentenario de Camões, em Portugal e no Brasil. Brilhantes festas no Rio de Janeiro. Exposição camoneana na Bibliotheca Nacional. Assentamento da primeira pedra do novo edificio do Gabinete Portuguez de Leitura. Discurso de Joaquim Nabuco, talvez a mais bella das suas producções literarias.

11 DE JUNHO

1557.—Morte do rei d. João III. Este soberano dividiu em capitanias o Brasil e promoveu a sua primeira colonização.

1646.—Durante esta noite e as de 12, 13 e 14, as nossas tropas, que sitiavam o Recife, fizeram demonstrações e muito fogo contra o forte dos Afogados, o reducto Kijk e a casa da Boa-Vista, com o fim de attrahir a attenção do inimigo, enquanto Vidal e Vieira iam atacar Itamaracá (veja 15 de Junho).

1809.—O Rio de Janeiro dos tempos coloniaes tinha o aspecto de uma cidade do Oriente. As casas de um e mais andares apresentavam *muxarabis*, isto é, rotulas em saccada (em francez «moucharabi», de «mashrebiyeh», segundo Maspero). Um edital, desta data, do intendente geral de policia, Paulo Vianna, ordenou a remoção dos *muxarabis*, dentro do prazo de oito dias, devendo ser substituidos por grades de ferro ou balaustres de madeira.

1826.—O capitão de mar e guerra James Norton, á frente da 2ª e 3ª divisões da esquadra brasileira, tenta atacar, no ancoradouro de Pozos, em Buenos-Aires, a esquadra argentina do almirante Brown. A acção, começada á tarde, não passou de uma *naumachia*, na qual, sem nenhum resultado, foram consumidas, de parte a parte, munições de guerra, como succedeu na tentativa de ataque de lord Nelson contra a flotilha franceza de Boulogne, em 4 de Agosto de 1808. Norton partiu de Quilmes com 31 navios; mas quasi todas as escunas e canhoneiras atrazaram-se e não puderam tomar parte no fogo. Os navios maiores, pelo seu calado, tiveram de dar fundo muito fóra de alcance. Os navios argentinos, fundeados nos Pozos, eram 11 a principio e 17 pouco depois, com o refôrço de 6, chegados da Banda Oriental por cima do banco das Palmas. A grande distancia que separava os combatentes, em

consequencia da largura do banco entre o canal das Balisas Exteriores, em que estavam os nossos navios, e o ancoradouro interior dos Pozos, tornava inuteis as caronadas (195 na esquadra brasileira, 38 na argentina) e só permittia o emprêgo das peças, isso mesmo com a maxima elevação e com tiro incertissimo. Os 31 navios brasileiros (contando os distanciados, fóra de combate) só tinham 77 peças; os 17 argentinos montavam 88. Na esquadra argentina houve um morto; na brasileira, nenhum morto ou ferido e nenhuma avaria. Os navios que mais se puderam approximar foram as escunas *D. Paula* (Norton e Senna Pereira), *Providencia* (Wenceslau Lisbôa) e *Itaparica* (Petra Bittencourt), o brigue *Caboclo* (Grenfell) e o brigue-escuna *Januaria* (A. P. de Carvalho). O sol entrou ás 4.51, e Norton fez signal de reunir, desistindo da sua tentativa. O almirante Brown transformou esta inutil canhonada em um renhido combate, dizendo que com fôrças muito inferiores repellira um ataque dos Brasileiros.

1840.—O coronel Manuel dos Sanctos Loureiro, da Guarda-Nacional riograndense, derrota, juncto do arroio Salso, o caudilho Fileno de Oliveira Sanctos e continúa a sua marcha sôbre S. Gabriel (veja 12 de Junho). Fileno Sanctos foi morto neste encontro.

1847.—Fallecimento do principe imperial d. Affonso, no palacio da Boa-Vista.

1863.—Morte do conde de Irajá, d. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo, bispo do Rio de Janeiro.

1865.—*Batalha naval do Riachuelo* (ganha pela esquadra brasileira do chefe de divisão Francisco Manuel Barroso da Silva, sôbre a paraguaia, commandada pelo capitão de mar e guerra Pedro Ignacio Meza).—A esquadra brasileira compunha-se das seguintes corvetas e canhoneiras, todas a vapor: *Amazonas* (navio-chefe, commandante Theotonio de Brito, 6 canhões), *Jequitinhonha* (chefe da 3ª divisão, commandante J. J. Pinto, 8 canhões), *Beberibe* (commandante Bonifacio de Sancta-Anna, 7 canhões), *Parnahiba* (commandante Gracindo de Sá, 7 canhões), *Belmonte* (commandante J. F. de Abreu, (8 canhões), *Mearim* (commandante Elisiario Barbosa, 7 canhões), *Iguatemí* (commandante Macedo Coimbra, 5 canhões), *Ipiranga* (commandante Alvaro de Carvalho, 7 canhões), e *Araguarí* (commandante Hoonholtz, 4 canhões). Total: 9 navios com 59 canhões e 2.287 homens, dos quaes 1.113 dos corpos de marinha e 1.174 do exército, formando estes a brigada do coronel Bruce, depois general. A esquadra paraguaia constava das seguintes canhoneiras e chatas: vapores, *Ta-*

cuarí (navio-chefe, commandante Martínez, 8 canhões), *Paraguarí* (commandante José Alonzo, 8 canhões), *Igureí* (commandante Remigio Cabral, 5 canhões), *Iporá* (commandante Antonio Ortiz, 4 canhões), *Marquéz de Olinda* (commandante Ezequiel Robles, 8 canhões), *Jejuí* (commandante Aniceto Lopéz, 2 canhões), *Salto-Oriental* (commandante Vicente Alcaraz, 4 canhões), e *Pirabebé* (commandante Toribio Pereyra, 2 canhões); 6 chatas, cada uma com um canhão. Total: 8 vapores, 6 chatas, 47 canhões e 2.500 marinheiros e soldados. Em terra, sôbre as barrancas do Riachuelo, tinham os Paraguaios 30 canhões do 2° regimento de artilharia, commandados por Búrguez (*Semanario*, n. 578), apoiados pelos fogos de varios batalhões de infantaria. Os Paraguaios perderam nesta batalha os vapores *Paraguarí, Marquéz de Olinda, Salto-Oriental* e *Jejuí*, e todas as chatas, ficando fóra de combate 1.500 homens. Os commandantes Ortíz, Alcaráz e Robles foram mortos (este último falleceu, estando prisioneiro). O chefe Meza foi morrer em Humaitá, no dia 15, dos ferimentos que recebera. Nós perdemos a corveta *Jequitinhonha*, que encalhou debaixo dos fogos das baterias inimigas e teve de ser incendiada dous dias depois. No pessoal, a nossa perda foi de 247 mortos e feridos (123 da armada, 124 do exército). Entre os officiaes mortos, figuravam o primeiro-tenente Oliveira Pimentel e o capitão Pedro Affonso Ferreira. O valente marinheiro Marcilio Dias foi morto neste dia. As bandeiras do *Paraguarí, Marquéz de Olinda, Salto-Oriental* e as de 4 chatas ficaram no poder dos vencedores. O chefe Barroso, depois almirante, foi agraciado com o titulo de barão do Amazonas.

12 DE JUNHO

1614.—Manuel de Sousa d'Eça repelle, no fortim do Rosario, em Jericoacoara, um ataque dos Francezes, dirigidos por Du Prat.

1627.—O almirante hollandez Piet Heyn apodera-se, no rio Pitanga (Bahia), de alguns navios mercantes. Um delles era defendido por 150 homens, commandados pelo capitão Francisco Padilha, que se tornara famoso no assédio da Bahia em 1624. «Esta gente (diz o chronista hollandez J. de Laet) defendeu-se intrepidamente, oppondo tal resistencia aos navios, que os nossos não ousavam aborda-los, e sem duvida teriam voltado costas sem haverem feito cousa alguma, si o almirante Pieter Pieterszoon Heyn, que, passando ao hiate *Yos* se reunira a elles, os não impellisse quasi á fôrça contra os Portuguezes». Padilha e quasi todos os seus companheiros foram mortos neste combate.

1641.—Tractado entre Portugal e Hollanda, assignado em Haya. Estipulava a suspensão de hostilidades por espaço de 10 annos. Nenhuma das duas partes respeitou o ajustado.

1707.—Reunião do synodo diocesano, convocado pelo arcebispo da Bahia, d. Sebastião Monteiro da Vide. Nelle foram acceitas, no dia 8 de Julho, as «Constituições primeiras do arcebispado da Bahia».

1812.—O tenente-coronel Ignacio dos Sanctos Abreu, depois de um combate de quatro horas, derrota juncto ao arroio Laureles (Banda Oriental) os Charruas e Minuanos de Artigas.

1816.—O general Carlos Frederico Lecór, depois visconde de Laguna, parte do Rio de Janeiro, com a nomeação de commandante em chefe do exército destinado á occupação da Banda Oriental do Uruguái. Na mesma occasião partiu a infantaria da divisão portugueza dos Voluntarios Reaes.

1817.—São fuzilados na Bahia, por sentença de uma commissão militar, os seguintes membros do Governo provisorio da revolução pernambucana: Domingos José Martins, negociante, natural do Espirito-Sancto, edade 33 annos; padre Miguel Joaquim de Almeida e Castro, professor de Rhetorica, natural do Rio Grande do Norte, 48 annos; e dr. José Luiz de Mendonça, natural de Porto Calvo, 25 annos.

1819.—O conde de Figueira, capitão-general do Rio Grande do Sul, entra em S. Nicoláo (Missões brasileiras) e, encontrando a povoação abandonada desde a vespera pelos Correntinos, destaca contra os fugitivos um corpo de cavallaria (veja 13 de Junho). Em S. Nicoláo deixou o inimigo 4 peças de artilharia.

1823.—O almirante lord Cochrane entra á noite no porto da Bahia, com a náo *D. Pedro*, a fragata *Carolina* (depois *Paraguassú*) e a corveta *Maria da Gloria*. Tencionava atacar a náo *D. João VI*, mas, faltando-lhe o vento, voltou com a vasante da maré, passando por entre os navios portuguezes, que estavam mais ao largo.

1831.—A fragata *Volage*, que conduzia o duque de Bragança (d. Pedro I do Brasil), chega a Cherburgo. Quasi ao mesmo tempo entrou em Brest a corveta *La Seine*, com a rainha de Portugal, d. Maria II (veja 12 de Abril).

1840.—O coronel Loureiro (veja 11 de Junho) entra em S. Gabriel. Os insurgentes tinham evacuado essa povoação, abandonando 3 boccas de fogo.

1855.—Sousa Franco toma assento no Senado.

13 DE JUNHO

1624.—Um destacamento hollandez é destroçado, perto da cidade da Bahia, pelo capitão Manuel Gonçalves.

1643.—O alferes João da Paz, que commandava 2 lanchas, ataca e toma 1 lancha hollandeza com 2 peças, na costa da ilha do Maranhão. Ficam prisioneiros 27 inimigos.

1645.—Rompimento da insurreição pernambucana contra o dominio hollandez.

1682.—Entrada solenne do primeiro bispo do Rio de Janeiro, d. José de Barros Alarcão.

1763.—Nascimento de José Bonifacio de Andrada e Silva, em Sanctos.

1805.—Nascimento de Manuel Marques de Sousa (terceiro dêste nome), depois conde de Porto-Alegre. Falleceu no Rio de Janeiro a 18 de Julho de 1875 (veja essa data).

1819.—O major José Maria da Gama (depois general e barão de Saican) alcança e destroça, no Passo de S. Isidro (Uruguái), a retaguarda dos Correntinos, que haviam abandonado S. Nicoláo. O inimigo perdeu nessa refrega 1 peça e 54 mortos e prisioneiros (veja 12 de Junho).

—No mesmo dia, a partida do tenente Fabiano Pinto derrotou em Sancto-Christo o tenente-coronel Vicente Tiraparé, ficando morto este chefe, um dos mais audazes das tropas de Artigas.

1832.—Os chefes legalistas José do Valle e Manuel de Araujo Cortez derrotam em Cobra (Ceará) o caudilho Queiroz, partidario de Pinto Madeira.

1836.—Calderón e Silva Tavares repellem, no forte de S. Miguel, o caudilho Crescencio, das fôrças insurgentes do Rio Grande de Sul.

1842.—Morre no Rio de Janeiro o general marquez de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes), senador do Imperio. Nasceu a 19 de Septembro de 1772, nos arredores de Mariana, Minas-Geraes, e representou papel importante na nossa historia politica, diplomatica e militar. Foi general em chefe do exército brasileiro em operações no Rio Grande do Sul em 1827, e nessa campanha perdeu a batalha de Ituzáingo, empenhada com fôrças muito inferiores contra os Argentinos e Orientaes.

1845.—Morre em Pariz o almirante barão do Rio da Prata (Rodrigo Pinto Guedes), nascido em Grediz a 17 de Julho de 1762. Foi sepultado no cemeterio de Montmartre. Distinguiu-se na marinha portugueza durante as guerras com a França, e,

como major-general da esquadra do marquez de Niza, que operou no Mediterraneo ás ordens de Nelson, mereceu a estima e o louvor dêste grande marinheiro. Commandou a nossa esquadra em operações contra as Provincias Unidas do Rio da Prata, desde Maio de 1826 até á conclusão da guerra em 1828. O unico combate que dirigiu então em pessôa foi o de Monte-Sanctiago (7 e 8 de Abril de 1827). Durante o seu commando soffrêmos os dous revéses do Juncal (9 de Fevereiro de 1827) e o de Patagones (7 de Março); mas os melhores navios da esquadra argentina e muitos corsarios foram destruidos em outros combates geraes ou parciaes.

1865.—O fogo das baterias volantes de Riachuelo tinha arruinado completamente, no dia 11, a nossa corveta *Jequitinhonha*. Todos os exforços, empregados para tira-la do banco em que jazia, foram inuteis. Barroso resolveu então, no dia 13, abandona-la. A guarnição passou-se para a *Mearim* (Elisiario Barbosa) e *Araguarí* (Hoonholtz), e, quando se começava a encravar os canhões, os paraguaios romperam de terra um vivo fogo de artilharia e fuzilaria, a que as nossas duas canhoneiras responderam, incorporando-se pouco depois á esquadra. Tivemos neste dia 5 mortos e 8 feridos.

—O general Bartholomeu Mitre entrega a presidencia da Republica Argentina ao vice-presidente dr. Paz, e parte para o acampamento da Concordia.

1868.—*Tomada de Corumbá.*—A praça era defendida por 313 Paraguaios, ao mando do tenente-coronel Hermogenes Cabral, e pelos vapores de guerra *Anhambahí* e *Rio-Apa*. Foi tomada de assalto pelo tenente-coronel Antonio Maria Coelho (depois general e barão de Anhambahí), á frente de 430 homens. A guarnição foi posta em fuga, perdendo 152 homens e prisioneiros, 6 canhões e 1 bandeira. O tenente-coronel Cabral foi morto. Tractou logo o commandante brasileiro de responder ao fogo dos vapores, que haviam começado a bombardear a povoação, e conseguiu força-los á retirada, com grandes avarias. Custou-nos este feito de armas 30 mortos e feridos, apenas. Cêrca de 500 Brasileiros foram libertados. No dia 23 chegou a Corumbá o presidente de Mato-Grosso, Couto de Magalhães. Informado de que a variola começava a fazer estragos nas fileiras da columna expedicionaria e de que brevemente iam chegar tropas paraguaias, ordenou o abandono immediato de Corumbá. A evacuação teve logar no dia 24.

1875.—Inauguração da estrada de ferro de Macahé a Campos.

1880.—Inauguração da Eschola de Bellas-Artes da Bahia,

14 DE JUNHO

1801.—Nascimento de Pedro Guilherme Lund, em Copenhagen. Este modesto sabio viveu no Brasil desde 1827 e falleceu em Lagôa-Sancta (Minas-Geraes) a 5 de Maio de 1880. De 1841 a 1843, continuando os seus estudos sôbre a Paleontologia brasileira, descobriu em cavernas calcareas, das vizinhanças de Sancta-Luzia, restos humanos da épocha quaternaria, quando a existencia do homem prehistorico era ainda desconhecida ou contestada na Europa. Deixou trabalhos importantes e um nome hoje geralmente conhecido no mundo inteiro entre os scientistas.

1818.—Uma columna de cavallaria, ao mando de Bento Manuel Ribeiro, repelle em Chapicuí (Banda Oriental) a de Fructuoso Rivera, que pretendera arrebatar as cavalhadas do exército do general Curado.

1839.—Nascimento de Antonio Carlos Gomes, em Campinas.

1857.—Inauguração da estatua de José Clemente Pereira, na sala de honra do Hospicio dos Alienados, então chamado Hospicio de Pedro II. A estatua, trabalhada em marmore, foi offerecida pelo imperador.

1866.—A's 11 da manhã a artilharia paraguaia, dirigida pelo general Brúguez, rompe um vigoroso bombardeamento sôbre o centro e esquerda do acampamento alliado em Tuiutí, empregando mais de 30 canhões e lançando para cima de 3.000 projecteis. O exército brasileiro teve 72 mortos e feridos; o oriental, 31.

1875.—Inauguração dos trabalhos de construcção da estrada de ferro de Carangola.

15 DE JUNHO

1635.—Os capitães Antonio Bezerra e João Lopes Barbalho, saïndo da fortaleza de Nazareth do Cabo pela madrugada, emboscam-se no campo do Lazaro, meia legua adeante, e ao escurecer atacam a espada uma guarda dos sitiantes, e degollam 38 homens.

1646.—André Vidal e Fernandes Vieira, que a 13 haviam partido do Arraial-Novo para atacar os Hollandezes da ilha de Itamaracá, chegam no dia 14 ao porto dos Marcos, onde estava o hiate *Spreeuw*, de 4 peças e guarnecido por 30 homens. Na madrugada de 15 mandam contra esse navio 2 botes, cada um levando 12 homens escolhidos. Uma destas pequenas em-

barcações foi a pique; a outra, commandada pelo sargento Francisco Martins Cachadas, conseguiu abordar e render o *Spreeuw*, depois de vivo combate. Guarnecida logo a presa, Vidal e Vieira foram em busca de 2 outros navios inimigos, as caravellas *Lichthart* e *Hamel*, postadas a grande distancia uma da outra no canal de Itapiçuma. Os inimigos abandonaram precipitadamente esses navios, incendiando o primeiro delles; o segundo ficou em poder dos nossos. Outro, o hiate *Gulde Rhee*, que estava na entrada Norte do canal, correu a refugiar-se sob a protecção do forte de Orange. No mesmo dia o capitão Antonio Gonçalves Tição desembarcou na ilha e começou a devastar as plantações (veja 21 de Junho).

1828.—D. Pedro I demitte o ministro da Guerra, general Bento Barroso Pereira, em consequencia da revolta de soldados extrangeiros, suffocada no dia 11. Este acto do imperador levou todos os outros ministros, menos o dos Extrangeiros (marquez de Aracatí) a apresentar as suas demissões. Eram elles os deputados Araujo Lima (Olinda), Calmon (Abrantes), Teixeira de Gouvêia e o chefe de divisão Diogo de Brto (Gabinete de 20 de Novembro de 1827). Os deputados Costa Carvalho (Monte-Alegre) e Vasconcellos, convidados, não acceitaram a missão de formar novo Ministerio. Chamado então o deputado José Clemente Pereira, organizou um Gabinete, que governou até 4 de Dezembro de 1829.

1836.—Reacção em Porto-Alegre contra o govêrno revolucionario. Foi promovida pelo então major Manuel Marques de Sousa, depois coronel e conde de Porto-Alegre. Elle e outros prisioneiros, secundados pela população, levantaram-se e prenderam o vice-presidente Marciano Pereira, o governador militar Silvano José Monteiro de Araujo e os principaes revolucionarios. O velho marechal João de Deus Menna Barreto (visconde de S. Gabriel) assumiu o commando da praça. Desde ahi até á terminação da guerra civil, a cidade de Porto-Alegre conservou-se no poder da auctoridade legal.

1840.—Combate de Frecheiras (Piauhí).—Os insurgentes (*balaios*), commandados por Domingos Ferreira de Veras, são completamente derrotados pelas fôrças combinadas do Ceará, Piauhí e Maranhão, ao mando dos tenentes-coroneis Francisco Xavier Torres e Manuel Antonio da Silva.

16 DE JUNHO

1556.—Naufragio da náo *Nossa Senhora da Ajuda*, nos baixos de d. Rodrigo. Esse navio, saïdo da Bahia no dia 2, conduzia a Lisbôa o primeiro bispo do Brasil, d. Pedro Fernandes Sardinha, o deão, dous conegos e alguns homens e se-

nhoras principaes da Bahia. Os naufragos foram todos mortos e devorados pelos selvagens, juncto da margem esquerda do rio S. Miguel).

1630.—Luiz Barbalho ataca, por ordem de Mathias de Albuquerque, as obras do forte que os Hollandezes começavam a construir e ao qual deram o nome de Bruyn (Brum). O combate durou duas horas, retirando-se os nossos com alguma perda (nas «Memorias Diarias», esta acção tem a data de 13 de Junho; e Porto-Seguro attribue-lhe a dta de 18 de Julho, em que houve outro combate).

1695.—O governador do Rio de Janeiro, Sebastião de Castro Caldas, remette para Lisbôa amostras de ouro do territorio depois chamado de Minas-Geraes. As primeiras minas ahi descobertas pelos Paulistas foram as de Itaberaba em 1694, depois as de Ouro-Branco, na serra de Itatiáia, e as de Ouro-Preto.

1818.—O major Antero José Ferreira de Brito (depois tenente-general) ataca e rende em Castilhos (Banda Oriental) o tenente-coronel Latorre, das fôrças do general Artigas.

1827.—O major Luiz Alves de Lima (depois duque de Caxias) sae de Montevidéo, á noite, com 150 homens, atravessa a linha dos sitiantes e assalta e toma no porto do Buceo um lanchão inimigo.

1828.—O brigue brasileiro *Niger*, de 11 boccas de fogo, commandante Thomaz Craig, ataca e persegue no Rio da Prata o brigue corsario argentino *General Brandzen*, de 17 canhões, commandado por George C. de Kay, e tripolado por Americanos e Inglezes. Voltava dos Estados-Unidos, depois de ter feito muitas presas. Com a canhonada, acudiram outros navios da divisão Norton, e o *General Brandzen* foi encalhar debaixo dos fogos da bateria de Ponta de Lara. O *Niger* e os navios de maior calado tiveram que fundear ao largo. Por ordem de Norton, o brigue-escuna *2 de Julho* (William Mac Erwing), a bombardeira *19 de Outubro* (Augusto Leverger, depois barão de Melgaço) e a escuna *União* (Cecil Browning) foram atacar o corsario e deram fundo na distancia de tiro de pistola. Ao cabo de vinte minutos de fogo, a guarnição do corsario arriou a bandeira e fugiu para a praia, que estava bem perto. Nessa occasião o brigue-escuna *9 de Janeiro* (John Williams), indo reunir-se aos combatentes, encalhou. Continuou o combate entre os nossos navios e a bateria, enquanto se trabalhava para safar a presa e o *9 de Janeiro*. Norton dirigiu-se em um escaler para bordo dêste ultimo navio, e ahi uma bala partiu-lhe o braço direito, que no mesmo dia teve de ser amputado. Na manhã seguinte ordenou o chefe brasileiro que fossem in-

cendiados os 2 navios encalhados, por ser impossivel salva-los. Essa ordem recebeu prompta execução, mas o commandante do *9 de Janeiro* e 3 marinheiros demoraram-se a bordo e foram aprisionados, quando o inimigo, vindo de terra, tentou extinguir o incendio. A nossa perda foi de 32 mortos e feridos e 4 prisioneiros. Por este combate teve Norton uma pensão e a dignitaria da Ordem Imperial do Cruzeiro. Leverger e Craig foram nomeados cavalleiros da mesma Ordem.

1831.— O deputado dr. Antonio Ferreira França apresenta um projecto, estabelecendo que o govêrno do Brasil fosse vitalicio na pessôa do imperador d. Pedro II e depois temporario na pessôa de um presidente das Provincias Confederadas do Brasil. A Camara decidiu que o projecto não fosse discutido.

1884.— Fallecimento do visconde de Niterói, Francisco de Paula de Negreiros Sayão Lobato.

17 DE JUNHO

1624.— O coronel Johan van Dorth, governador hollandez da cidade da Bahia, indo explorar os arredores da praça, é assaltado em Agua de Meninos pelo capitão Francisco Padilha e morto de um golpe de espada por este official. O successor de van Dorth foi tambem morto em uma emboscada dirigida pelo mesmo Padilha (veja 3 de Septembro). Este intrepido guerrilheiro era natural do Brasil, provavelmente da Bahia, e morreu gloriosamente, combatendo contra o célebre almirante Piet Heyn (veja 12 de Junho de 1627).

1645.— *Primeiro encontro de armas, na guerra da restauração de Pernambuco.*— O capitão-mór Amador de Araujo, senhor do engenho Tabatinga, e o pardo Domingos Fagundes, logo depois nomeado capitão, atacam e aprisionam o destacamento hollandez de Ipojuca, e apoderam-se de duas embarcações que iam transporta-lo para o Recife. Este ataque deu-se no dia 17, e não no dia 19. O tenente Jacob Flemming, citado pelo visconde de Porto-Seguro, não estava ahi: partiu do Recife para Ipojuca, em consequencia da noticia dessa aggressão. Domingos Fagundes já tinha 14 annos de campanha e 3 ferimentos.

1791.— Nascimento da poetiza Delphina Benigna da Cunha, em S. José do Norte (Rio Grande do Sul). Falleceu em 1857.

1823.— Na Constituinte, o deputado Andrade Lima propoz neste dia que os presidentes de provincia fossem nomeados pelo corpo eleitoral e confirmados pelo imperador: não havendo candidatos, ficaria ao chefe de Estado o direito de nomear

quem lhe parecesse. Carneiro de Campos (depois marquez de Caravellas) propoz que os presidentes fossem escolhidos pelo imperador em listas triplices apresentadas pelas junctas eleitoraes das provincias. Depois explicou que essa sua proposta visava sómente ao periodo de transição que então atravessava o Brasil, antes da Constituição, pois que nessa epocha, e desde 1821, já eram electivos os governos provinciaes. Em 17 de Septembro o deputado Antonio Ferreira França propoz que o artigo 2° do projecto de Constituição fosse modificado, dizendo-se: «comprehende confederalmente as provincias». Falaram a favor os deputados Carneiro de Campos (marquez de Caravellas), Montezuma (visconde de Jequitinhonha), Alencar e Ferreira França; contra, os deputados Carvalho e Mello (visconde da Cachoeira), Silva Lisboa (visconde de Cairú), Henriques de Rezende, Sousa França, Vergueiro, Paula e Sousa, Lopes Gama (visconde de Maranguape) e Costa Barros.

1831.—Desde 7 de Abril governava uma regencia provisoria. Neste dia, a Assembléa Geral, presentes 35 senadores e 88 deputados, elegeu a regencia permanente. Foram eleitos: o general Francisco de Lima e Silva, com 81 votos; e os deputados Costa Carvalho (depois marquez de Monte-Alegre), com 75, e Braulio Muniz, com 65.

1841.—Morre no Rio de Janeiro o conselheiro José de Resende Costa, deputado por Minas-Geraes na Constituinte e na primeira legislatura do Imperio. Compromettido na conjuração mineira de 1789 para a independencia do Brasil, foi então preso e em 1792 remettido para Cabo-Verde, onde cumpriu a pena de 10 annos de degredo.

1864.—Notas do ministro dos Negocios Extrangeiros do Paraguái, dirigidas ao do Brasil e ao conselheiro Saraiva, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em missão especial no Rio da Prata, offerecendo a mediação do dictador Solano López para o ajuste amigavel dos desaccordos entre os governos do Brasil e da Republica Oriental. O sr. Saraiva respondeu, em 24 de Junho, agradecendo o offerecimento e declarando que esperava obter amigavelmente do Govêrno oriental a solução das questões pendentes. No mesmo sentido respondeu o ministro dos Negocios Extrangeiros, Dias Vieira, em 7 de Julho.

1880.—O Imperador do Brasil é convidado para nomear um representante seu, incumbido de presidir ao tribunal arbitral de Washington, que devia julgar as reclamações apresentadas aos Estados-Unidos por algumas potencias européas. Coube essa missão ao visconde de Arinos.

18 DE JUNHO

1504.—Amerigo Vespucci chega a Lisbôa, com 77 dias de viagem (veja sua carta a Soderini) desde Cabo-Frio. Partira, portanto, a 2 de Abril. Esta foi a segunda e ultima expedição de Vespucci ao Brasil. Na primeira saïu de Lisbôa a 10 de Maio de 1501, na esquadrilha commandada por André Gonçalves, e entrou de volta no mesmo porto a 7 de Septembro do anno seguinte. A 10 de Maio de 1503 partiu de Lisbôa, commandando um dos navios da esquadrilha de Gonçalo Coelho, e, desde 10 de Agosto, na ilha de Fernando de Noronha, seu navio e outro separaram-se do chefe da expedição. Com elles regressou Vespucci, depois de ter estacionado 5 mezes em Cabo-Frio. O célebre cosmographo florentino foi o primeiro explorador da costa brasileira, desde o cabo de S. Roque até Cananéa, o chefe da primeira entrada de Europeus pelo interior do Brasil, o primeiro escriptor que falou á Europa das maravilhas da nossa natureza (carta a Lourenço de Medicis, publicada em 1504) e o fundador do primeiro estabelecimento europeu no Brasil, a feitoria de Cabo-Frio, onde deixou 24 homens e 12 peças. Gonçalo Coelho, que seguira para o Sul, construiu tambem um forte na bahia do Rio de Janeiro. Ambas as fortificações foram destruidas poucos annos depois pelos Tamoios. Thevet, que esteve entre os selvagens do Rio de Janeiro em 1550 e 1555, falla da destruição do forte de Cabo-Frio («Singularitez...», fls. 42 da 1ª ed.), e Créspin («Histoire des Martyrs», ed. de 1597, fls. 401) dá noticia da quéda de outro forte («une tour de pierre en la riviére... de Januario»). «Après quelques années (diz elle), iceux (os Portuguezes) se portèrent si mal à l'endroit des dits habitants naturels, que par iceux fut la plus grande partie exterminée, saccagée et mangée. Les autres s'enfuièrent dans la haute mer dans un bateau. Depuis les susdits n'ont osé y habiter, car leur nom y est demeuré si odieux que jusques aujourd'hui ils ont en délices et volupté de manger de la teste d'un Portugalois».

1653.—O capitão Paulo Teixeira ataca e dispersa os Hollandezes, juncto á Estancia de Aguiar (arredores do Recife).

—Por esse tempo, houve um combate em Sancta-Isabel, no rio de S. Francisco, em que venceu, mas foi morto, o capitão Francisco Barreiros.

1711.—Reacção dos habitantes do Recife, pela maior parte Portuguezes europeus, contra os habitantes de Olinda e naturaes da terra, que em Novembro do anno anterior haviam obrigado o governador Caldas a fugir. O bispo d. Manuel Alvares Costa, que era o governador interino, foi posto debaixo

de guarda, e na mesma occasião foram presos o ouvidor e o sargento-mór Bernardo Vieira de Mello. Os reaccionarios occuparam desde logo os fortes do Brum, do Buraco e das Cinco-Pontas. João da Motta e o mestre de campo Domingos Rodrigues Carneiro ficaram governando no Recife. O bispo conseguiu fugir no dia 21 e foi reunir-se aos de Olinda. Começou então a guerra chamada dos *Mascates*. Os partidarios de Olinda foram sitiar o Recife, rompendo as hostilidades no dia 27.

1814.—Decreto do principe-regente, declarando abertos a todas as nações os portos dos seus Estados, em consequencia da terminação da guerra com a França. Este decreto referia-se unicamente á reabertura do commercio e navegação com a França.

1822.—Decreto regulando o julgamento dos delictos de imprensa no Brasil, assignado pelo principe-regente d. Pedro e referendado por José Bonifacio. Fundando-se na «lei suprema da salvação pública», e não querendo, dizia o principe, «offender a liberdade bem entendida da imprensa que... tantos bens tem feito á causa sagrada da liberdade brasilica», determinava elle que os delictos de imprensa fossem julgados por um jury de 8 membros, escolhidos pelos accusados dentre 24 cidadãos nomeados pelo corregedor do crime na Côrte e os ouvidores nas provincias. As penas seriam impostas por esses magistrados, segundo as decisões do jury. O procurador da Corôa e Fazenda seria o promotor nas causas de imprensa. Dos julgados haveria appellação para o principe-regente.

1823.—Capitulação da guarnição portugueza da villa de Itapicurú-mirim, commandada pelo tenente-coronel José Coelho. No dia 10 um ataque dos sitiantes brasileiros, dirigidos por Salvador Cardoso de Oliveira, foi repellido; mas, passando-se para os nossos no dia 17 o tenente-coronel José Felix Pereira de Burgos, com a fôrça que commandava, o tenente-coronel Coelho entendeu que esta deserção tornava impossivel a defesa da villa. Os sitiantes ganharam, com a capitulação, 9 peças.

1834.—O Senado rejeita a proposição da Camara dos Deputados, prohibindo ao ex-imperador d. Pedro I «a entrada no territorio do Brasil ou a residencia em qualquer parte delle, mesmo como extrangeiro e individuo particular». Si o contrario fizesse, seria «tido e tractado como inimigo e aggressor da nação brasileira». O projecto fôra apresentado por Venancio Henriques de Resende e approvado em ultima discussão na Camara dos Deputados a 30 de Maio, reunindo 61 votos contra 19. Um illustre escriptor brasileiro enganou-se, attribuindo o projecto de banimento a Antonio Ferreira França. Este deputado, que era republicano federalista, fallou e votou

contra, proferindo entre outras as seguintes palavras: — «D. Pedro I foi o auctor da independencia e da liberdade do Brasil. Supponhamos que este homem tem necessidade de vir para o Brasil, sem hostilizar-nos. Eu por certo hei de lhe abrir a porta».

1840. — O tenente Fortunato José da Costa, com 40 homens, tinha sido collocado pelo presidente do Maranhão, coronel Alves de Lima (depois duque de Caxias) em uma casa fortificada no logar denominado Gaiola, margem esquerda do Monim. Atacado nesta data por 300 homens, sob o commando de Raimundo Gomes, resistiu durante 18 horas, conseguindo repellir o inimigo. — «Grande foi o exemplo do tenente Fortunato José da Costa..., a quem o presidente, confiando o ponto do Gaiola, só com 40 praças, ordenou que morresse antes do que se rendesse, fosse qual fosse o numero dos rebeldes que o atacassem», disse Magalhães, visconde de Araguaia, na sua «Memoria historica da revolução do Maranhão».

— Francisco Pedro de Abreu, barão de Jacuhí, surprehende na Estancia do Salgado (Arroio-Velhaco) o general Antonio de Sousa Neto. Este consegue fugir, perdendo o seu poncho e toda a bagagem, alguns mortos e prisioneiros. Foi morto neste encontro o coronel Affonso José de Almeida Côrte-Real, um dos melhores officiaes do exército republicano riograndense.

1841. — O general João Paulo dos Sanctos Barreto, estando em marcha, repelle no banhado de Inhatium um ataque do exército republicano do Rio Grande do Sul. Distinguiram-se neste conflicto os commandantes João Propicio Menna Barreto (barão de S. Gabriel), Francisco Pedro de Abreu (barão de Jacuhí) e Arruda Camara.

1842. — Decreto suspendendo as garantias constitucionaes no municipio neutro e provincia do Rio de Janeiro, em consequencia da insurreição dos liberaes em S. Paulo e Minas.

1855. — Morre no Rio de Janeiro o senador Manuel de Carvalho Paes de Andrade, que dirigira em Pernambuco a revolução republicana e separatista de 1824.

1863. — Laudo dos rei dos Belgas, Leopoldo I, favoravel ao Brasil, na questão que motivara o rompimento das relações diplomaticas com a Grã-Bretanha.

1865. — *Combate da passagem de Mercedes.* — O general Robles, commandante em chefe do exército paraguaio em Corrientes, estabelecera baterias na barranca de Mercedes, um pouco acima do Empedrado, com o fim de cortar todas as communicações entre a esquadra brasileira vencedora em Riachuelo e a base de operações dos alliados. Isso obrigou o

chefe Barroso, cuja missão era bloquear as posições occupadas pelos Paraguaios, a descer o rio, para não ficar bloqueado. Desde que o inimigo avançava para o Sul, no territorio de Corrientes, era preciso que Barroso seguisse na mesma direcção, até á linha de frente, que o exército alli mantinha em terra. No dia 18 forçou elle a passagem de Mercedes, apesar do fogo de 36 canhões e dos batalhões de infantaria ns. 20, 21 e 23. Tivemos apenas 14 mortos e feridos, figurando entre os primeiros o commandante Bonifacio de Sancta-Anna. A esquadra foi fundear no Chimbolar, entre Empedrado, ao Norte, e Bella-Vista, ao Sul. As peças montadas na barranca de Mercedes eram dirigidas pelo general Robles em pessôa.

19 DE JUNHO

1822.—Instrucções do ministro José Bonifacio regulando o processo da eleição da Constituinte, convocada por decreto de 3 de Junho. O systema adoptado foi o da eleição indirecta: os cidadãos solteiros maiores de 20 annos e todos os cidadãos casados nomeariam nas assembléas parochiaes os eleitores (eleição primaria) e estes, reunidos nas cabeças dos districtos, então designados, nomeariam os deputados (eleição secundaria). Nas assembléas parochiaes o suffragio era muito extenso, sendo reconhecido o direito de voto aos analphabetos, e sem condição alguma de renda. Só eram excluidos os filhos-familias, os que recebessem salarios ou soldadas, os religiosos de ordens regulares, os extrangeiros não naturalizados e os criminosos. As assembléas parochiaes seriam presididas pelo presidente da Municipalidade, com assistencia do parocho, ou pelos vereadores em exercicio, e até pelos transactos, quando no termo da cidade ou villa houvesse duas ou mais freguezias. Os secretarios e escrutinadores seriam propostos pelo presidente e approvados ou rejeitados pelos votantes. Finda a eleição, todas as listas de votos seriam fechadas, selladas e remettidas com as actas ao presidente da Camara. As eleições secundarias eram tambem dirigidas por funccionarios electivos. Reunido o collegio eleitoral na cabeça do districto sob a presidencia da auctoridade civil mais graduada, começava nomeando por acclamação quatro eleitores para secretarios e escrutinadores, e elegendo por escrutinio secreto um presidente, tambem eleitor. A apuração geral dos votos era feita pela Camara Municipal da capital da provincia. Assim foram feitas as segundas eleições geraes, a que se procedeu no Brasil: as primeiras foram as de 1821, para deputados ás Côrtes de Lisbôa. Antes de 1821, as unicas eleições populares (indirectas) eram no Brasil as dos membros das municipalidades,

isso desde o seculo XVI, isto é, desde a fundação das nossas mais antigas cidades e villas.

1828.—O almirante argentino Brown sae de Buenos-Aires com uma esquadrilha de escunas e canhoneiras e dirige-se a Ensenada, navegando muito perto da costa. Alguns navios da 2ª divisão brasileira, então sob o commando de Oliveira Botas, puderam approximar-se mais e fizeram fogo com as suas peças de alcance.

1840.—O caudilho Raimundo Gomes é derrotado em Vereda (entre o Monim e o Iguará), pelo tenente Antonio de Sampaio.

1860.—Morre no Recife o general José Joaquim Coelho, barão da Victoria, nascido em Lisbôa a 25 de Septembro de 1797, um dos mais illustres soldados que tem tido o exército brasileiro.

1865.—Os Paraguáios, tendo saqueado S. Borja, começam neste dia a sua marcha para Itaquí.

1880.—Morre no Rio de Janeiro o jurisconsulto Antonio Pereira Rebouças. Seus serviços ao Brasil começaram na epocha da independencia. Foi jornalista na Bahia, e representou papel muito notavel nas discussões da Camara dos Deputados, durante a Regencia. Nascera em Maragogipe a 10 de Agosto de 1798.

20 DE JUNHO

1625.—Chega á bahia da Traição a esquadra do almirante Boudevyn Hendrikszoon, procedente das costas da Bahia (veja 26 de Maio). Alli desembarcaram os Hollandezes e fizeram 3 entrincheiramentos, entrando em relações com os indigenas. Mathias de Albuquerque expediu contra elles algumas fôrças, sob o commando de Francisco Coelho de Carvalho (veja 4 de Julho).

1657.—O mestre-de-campo-general Francisco Barreto de Meneses (o vencedor dos Guararapes e restaurador de Pernambuco) toma posse, na Bahia, do cargo de governador e capitão-geral do Estado do Brasil. Governou até 24 de Junho de 1663 e falleceu em Lisbôa a 24 de Janeiro de 1688 (veja 16 de Abril de 1648).

1699.—Desde 1671 tinha o eremita Antonio de Caminha construido, dentro de um bosque, no outeiro até então chamado da Ponta da Carioca, uma pequena e fragil capella, dedicada a Nossa Senhora da Gloria. Os romeiros dessa ermida formaram pouco depois uma ermandade, e o dr. Claudio Gurgel

do Amaral, que havia comprado ao capitão Gabriel da Rocha Freire as terras do outeiro, doou-as por escriptura desta data aos ermãos de Nossa Senhora da Gloria, com a condição de levantarem naquelle logar outra ermida permanente, onde elle doador e seus descendentes deveriam ser sepultados. O novo templo, que é a actual egreja de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro, começou a ser construido em 1714.

1818.— O furriel Antonio Pinto da Silva, entrincheirado em uma casa, no Passo de Sancta-Maria (Uruguái), com 14 milicianos, resiste durante 8 horas aos ataques de 132 Correntinos das fôrças de Artigas. Chegando o general Chagas Sanctos, o inimigo poz-se em fuga, perdendo nos differentes ataques e na retirada 81 mortos e feridos.

1827.— O marquez de Barbacena entrega o commando do exército em operações no Rio Grande do Sul ao general Gustavo Brown.

1842.— O general Caxias entra em Sorocaba. Na vespera tinham-se dispersado os insurgentes, fugindo o seu chefe, Rafael Tobias de Aguiar, para o Rio Grande do Sul, onde foi aprisionado cinco mezes depois, em Passo-Fundo. Restabelecida a ordem nos districtos do Oéste e Norte de S. Paulo, Caxias voltou para a capital. A rebellião mantinha ainda alguma fôrça armada nos districtos de Léste, onde se deu, em Silveiras, no dia 12 de Julho, o último combate dessa guerra civil.

1870.— Accôrdo preliminar de paz com o Paraguái, assignado em Assumpção.

21 DE JUNHO

1563.— Nobrega parte de Iperoí para S. Vicente. Anchieta contínúa, como refem, entre os Tamoios, até 14 de Septembro (veja 5 de Maio).

1629.— O capitão Pedro da Costa Favella parte de Belém do Pará (Berredo, 254) com a missão de tomar ou render o forte de Taurege (Torrego), construido pelos Inglezes na margem esquerda do Amazonas. Nada consegue e suspende as hostilidades, retirando-se para a aldêia de Mariocaí. O forte de Torrego só foi tomado, no dia 24 de Outubro, por Pedro Teixeira.

1632.— Pela madrugada os Hollandezes saem do forte de Waerdemburch, na Ponta da Asseca (margem direita do Beberibe), e atacam a estancia de Nossa Senhora da Victoria, defendida por Martim Soares Moreno. Acode o general Mathias de Albuquerque, e repelle o inimigo. Na mesma occasião o capitão Manuel Ribeiro Corrêia, com 20 homens, embarcados

em jangadas, toma por abordagem e queima um navio hollandez fundeado juncto á ilha do Cheira-Dinheiro (ilha do Nogueira).

1640.— Chega á Bahia, com 74 dias de viagem, a esquadra commandada pelo marquez de Montalvão, primeiro vice-rei nomeado para o Brasil. As datas que até aqui têm sido dadas para a sua posse são inacceitaveis (Miralles dá 26 de Maio; Accioli e Porto-Seguro, 5 de Junho).

1645.— O general Hendrick van Haus, commandante em chefe das tropas hollandezas, parte do Recife para combater a insurreição pernambucana (data de M. van den Broeck).

1646.— Com as vantagens alcançadas na manhã de 15, Vidal e Vieira encarregaram o capitão Antonio Gonçalves Tição de devastar as plantações da ilha de Itamaracá; depois, passaram-se estes dous chefes para a ilha com as suas tropas. No dia 21 os Hollandezes evacuaram os entrincheiramentos da villa Schkoppe (villa da Conceição), abandonando 18 peças. Vidal e Vieira, informados de que iam chegar grandes reforços aos Hollandezes, voltaram para o arraial, deixando começadas as obras de um forte no porto de Marcos. O sargento-mór Antonio Dias Cardoso conservou-se na ilha até ao dia 29, recolheu a artilharia da villa Schkoppe e destruiu as suas trincheiras.

1817.— Morre no Rio de Janeiro o ministro conde da Barca (Antonio de Araujo de Azevedo), nascido em Ponte de Lima a 14 de Maio de 1754. Foi enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal na Hollanda, Russia e França, e promoveu a fundação da Academia de Bellas-Artes do Rio de Janeiro. Publicou algumas traducções em verso e outros escriptos literarios e politicos. Sua escolhida livraria foi comprada pelo Governo e incorporada á Bibliotheca Real, hoje Nacional. Foi o mais illustre dos estadistas portuguezes que auxiliaram d. João VI nos seus projectos de promover o adeantamento e grandeza do Brasil. «Temos esperança (disse o conde da Barca a Neukomm) de fundar um novo imperio nesta America» («Memorias» de Neukomm).

1827.— O tenente José Theodoro da Silva (Juca Theodoro) ataca e dispersa em Aceguá (Banda Oriental) a escolta do general Alvear, commandante em chefe do exército argentino. O general poude escapar, perdendo 16 homens, entre mortos e prisioneiros.

1844.— Ataque da villa do Jaguarão pelos republicanos do Rio Grande do Sul, ao mando do coronel Antonio Manuel do Amaral. Foram repellidos por um destacamento de marinheiros, á cuja frente se poz o primeiro-tenente Antonio Affonso de Lima, commandante da escuna *Ibicuhí*, por um es-

quadrão da Guarda Nacional, ao mando do capitão Balbino Francisco de Sousa, e por alguns cidadãos que se armaram. A referida escuna e os lanchões *Gaivota* e *Torres* apoiaram a defesa. O coronel Amaral foi morto neste combate.

1845.— Fallecimento de Bernardo Jacintho da Veiga, presidente da provincia de Minas-Geraes, durante a revolução de 1842. Era ermão de Evaristo da Veiga.

1864.— Fallecimento do senador visconde de Maranguape (Caetano Maria de Paiva Lopes Gama).

22 DE JUNHO

1552.— Chega á Bahia o primeiro bispo do Brasil, d. Pedro Fernandes Sardinha, suppliciado quatro annos depois pelos selvagens (veja 16 de Junho de 1556).

1633.— Capitulação da villa da Conceição de Itamaracá, sitiada pelos Hollandezes, ao mando de Sigismundo van Schkoppe. Governava ahi o mesmo capitão-mór Salvador Pinheiro, que a havia defendido em 1631. A villa passou a chamar-se Schkoppe, durante o dominio hollandez.

1640.— Convenção assignada no collegio dos Jesuitas do Rio de Janeiro, entre os padres Dias Taño, procurador dos missionarios do Paraguái, e Tucuman, Pedro de Moura, visitador-geral da provincia do Brasil, José da Costa, reitor do collegio do Rio de Janeiro, e Matheus Dias, procurador do mesmo collegio, de uma parte, e da outra, a Municipalidade e os procuradores do povo do Rio de Janeiro. Esta convenção pôz termo aos motins que se deram na cidade, por terem os Jesuitas publicado o breve de 22 de Abril de 1639, de Urbano VIII, innovando as bullas de 1637 (28 de Maio e 2 de Junho) em favor da liberdade dos Indios. O collegio foi atacado e invadido pelos partidarios da escravidão, conseguindo a custo Salvador Corrêia de Sá, então governador, conter os aggressores e salvar a vida dos Jesuitas. Foram estes forçados assim a concordar na suspensão das ordens da Curia romana. Em Sanctos e S. Paulo produziram-se eguaes desordens com a publicação do breve. A 31 de Julho foram os Jesuitas expulsos de S. Paulo.

1646.— Aportam ao Recife (data de Nieuhoff) 2 navios hollandezes, o *Valk*, e o *Elisabeth*, com a noticia da proxima chegada de reforços. A praça estava sitiada, desde o anno anterior, por Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros, e os viveres escasseavam. A noticia do proximo soccorro foi muito festejada, cunhando-se então uma medalha, de que só foram tirados

dous exemplares, com a seguinte inscripção em hollandez: — «O Recife foi salvo pelo *Valk* e pelo *Elisabeth*». Esta medalha e as moedas obsidionaes dêsse anno no Recife são os mais antigos documentos numismaticos cunhados no Brasil.

1832. — *Combate de Missão-Velha* (Ceará) — O presidente da provincia, José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, derrota o coronel Pinto Madeira, chefe da insurreição restauradora.

1840. — Raimundo Gomes, um dos caudilhos da insurreição maranhense, é derrotado em Cantinho pelo tenente Antonio de Sampaio.

1841. — Combate pouco importante, no Passo de S. Borja, do rio Sancta-Maria, entre o exército imperial, ao mando do general João Paulo dos Sanctos Barreto, e as tropas republicanas do Rio Grande do Sul.

1874. — Fica terminado, no Recife, o assentamento do cabo submarino transatlantico, e começa neste dia a correspondencia telegraphica entre o Brasil e a Europa. No dia 19 de Janeiro tinha sido inaugurado o cabo sub-marino costeiro entre o Rio de Janeiro e Pará.

23 DE JUNHO

1645. — Primeiros tiroteios entre as tropas hollandezas (coronel Haus) e os insurgentes de Pernambuco (Amador de Araujo), juncto ao engenho Tabatinga e ao rio Penderama.

1810. — Tendo o principe-regente d. João (depois dom João VI) escolhido para o estabelecimento da Bibliotheca Real, que resolvera fundar no Rio de Janeiro, o edificio do Hospital do Carmo, foi essa decisão communicada pelo ministro conde de Aguiar, em officio de 23 de Junho de 1810, á Ordem Terceira que mantinha o Hospital e que o transferiu então para o Recolhimento do Parto. Em principios de 1811 a Bibliotheca Real foi franqueada ao público. Depois da Independencia, tomou o nome de Bibliotheca Imperial e Publica, e em 1858 foi removida para o edificio que actualmente occupa, no largo da Lapa.

1827. — Um destacamento do corsario argentino *Presidente* desembarca na Ponta dos Castelhanos, da Ilha Grande, e ahi é repellido e destroçado por alguns milicianos, ao mando de Bento José Gomes.

1865. — E' lançado dos estaleiros do Arsenal de marinha do Rio de Janeiro o *Tamandaré*, um dos encouraçados que alli eram construidos, primeiro navio dêsse genero que caïu ao mar na America do Sul. Em Maio de 1868 dizia o ministro

da Marinha Affonso Celso (visconde de Ouro-Preto), fallando do Arsenal de marinha do Rio de Janeiro: — «Em menos de trez annos, de seus estaleiros caïram ao mar uma corveta de madeira, trez encouraçados, seis monitores e duas bombardeiras, além da reconstrucção quasi completa de uma fragata e duas canhoneiras...»

1866. — Morre em Pisa, na Italia, com 56 annos, o senador barão de Quarahim, Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, natural do Rio Grande do Sul e chefe do partido conservador da sua provincia.

1870. — Morre na Bahia o marechal de campo Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, visconde de Itaparica, nascido na mesma cidade em 8 de Agosto de 1821. Começou a servir, como voluntario, em 1837, no assedio da Bahia, e muito se distinguiu na guerra do Paraguái, commandando a princípio uma divisão e depois um corpo de exército, até á batalha de Itororó, em que foi ferido (6 de Dezembro de 1868). Em 21 de Março de 1868 tomou as trincheiras do Sauce, o que obrigou o general Barrios a abandonar as extensas linhas de Curupaití, Rojas e Angulo, e logo depois as de Passo-Pucú e Espinillo.

24 DE JUNHO

1503. — Suppõe Varnhagen ter sido descoberta neste dia por Fernando de Noronha a ilha, a que este chamou de S. João, e que pouco depois ficou conhecida pelo nome de seu descobridor. Mas no mappa de Cantino, enviado em Novembro de 1502 a Ercole d'Este duque de Ferrara, já figura aquella ilha com o nome de Quaresma.

1639. — O coronel Bento Rodrigues de Oliveira, chefe da vanguarda do capitão-mór Pedro Teixeira, encarregado da exploração do rio Amazonas, chega ao Paiamino, povoação dos Hispanhóes, situada sôbre o rio do mesmo nome, affluente da margem direita do Napo. Pedro Teixeira só alli chegou a 15 de Agosto (veja esta data e 3 de Julho).

1645. — Edital de João Fernandes Vieira, chamando ás armas os Pernambucanos. Vieira estava então na Matta do Brasil.

— Amador de Araujo e Domingos Fagundes, emboscados juncto ao engenho Tabatinga, destroçam um destacamento hollandez ao mando de Wenzel Smit, das fôrças do coronel Hendrick van Haus, que na vespera entrara em Ipojuca.

1792. — Parte do Rio de Janeiro para Lisbôa a fragata *Golfinho,* conduzindo alguns dos condemnados da conjuração

mineira de 1789: o conego Luiz Vieira, o padre Manuel Rodrigues da Costa e outros ecclesiasticos, e com elles Domingos Vidal Barbosa, José de Resende Costa (pae e filho) e João Dias da Motta. Estes ultimos foram remettidos para a ilha de Sanctiago de Cabo-Verde, ficando presos em Lisboa os ecclesiasticos.

1819.— O general Andrés Artigas, derrotado por José de Abreu em Itacorubí (veja 6 de Junho), é aprisionado neste dia no Passo de Sancto-Isidro, do Uruguái, pelo sargento Joaquim Antonio de Sanctiago, do regimento de infantaria de Sancta-Catharina. Andrés Artigas, vulgarmente chamado Andresito, era guaraní, nascido em Missões, e filho adoptivo do general José Artigas. Nos seus primeiros annos tinha o nome de Andrés Tacuarí. Duas vezes foi derrotado no Rio Grande do Sul (1816 e 1819), mas em Corrientes obteve victorias sôbre os partidarios de Buenos-Aires, repelliu os Paraguaios, e foi governador da provincia ou governou-a por meio de homens da sua confiança. Falleceu prisioneiro na fortaleza de Sancta-Cruz do Rio de Janeiro.

1820.— Nascimento de Joaquim Manuel de Macedo em Itaborahí.

1839.— Morre em S. João del Rey o ex-deputado Baptista Caetano de Almeida, redactor do *Astro de Minas* (1827-1830) e fundador da Bibliotheca e da Casa de Misericordia daquella cidade.

1842.— O major Pedro Paulo de Moraes Rego derrota em Salto, perto de Arêias, um corpo de insurgentes de São Paulo, ao mando de Anacleto Ferreira Pinto.

1855.— Fallece na Bahia o poeta Luiz Joaquim Junqueira Freire, nascido na mesma cidade a 31 de Dezembro de 1832.

1865.— O exército brasileiro do general Osorio começa a passar da margem esquerda para a direita do Uruguái, indo reunir-se ao argentino no acampamento da Concordia.

25 DE JUNHO

1631.— Por ordem de Mathias de Albuquerque, o capitão Luiz Barbalho atravessa o Beberibe e desaloja os Hollandezes do Perrexil, no isthmo de Olinda, onde começavam a construir um reducto, a que deram o nome de Juffrou de Bruyn. Barbalho arrasou as obras; mas no dia 30 os Hollandezes, voltando com grandes fôrças, recomeçaram e con-

cluiram a construcção. Esse reducto teve depois o nome de forte do Buraco.

1723.— Nascimento, na Bahia, de Antonio da Costa e Lima, depois d. Thomaz da Encarnação da Costa e Lima, 10° bispo de Olinda. Deixou alguns trabalhos estimados, entre os quaes a «Historia Ecclesiæ Lusitaniæ» (Coimbra, 1759).

1822.— Sublevação na villa da Cachoeira (Bahia) contra a auctoridade do general portuguez Madeira. Foi promovida pelos coroneis de cavallaria miliciana José de Garcia Pacheco e Rodrigo Antonio Falcão Brandão (depois barão de Belém). A Camara Municipal e o povo procederam á acclamação solenne do principe real d. Pedro, reconhecendo-o como «Regente e Defensor Perpetuo do Reino do Brasil». Uma canhoneira portugueza dirigiu então, e nos dias seguintes, alguns tiros de metralha contra o povo (veja 28 de Junho). Em Cachoeira organizou-se no dia 26 uma «Juncta interina conciliatoria e de defesa», tendo por presidente Antonio Teixeira de Freitas Barbosa (depois barão de Itaparica) e por secretario o joven advogado Antonio Pereira Rebouças. A essa Juncta succedeu um Conselho interino de govêrno, composto de representantes das villas que adheriram á independencia (veja 22 de Septembro).

1835.— Desembarque do general Manuel Jorge Rodrigues (depois barão de Taquarí) em Belém do Pará.

1837.— Sortida do brigadeiro Cunha. Sac de Porto-Alegre e combate na Fortaleza. Foi morto o major Mazarredo, commandante do 8° batalhão.

1850.— Promulgação do Codigo do Commercio.

1874.— Começa a revolta dos fanaticos *Muckers*, dirigidos por João Jorge Maurer. Entrincheiraram-se no bosque de Ferrabraz, municipio de S. Leopoldo, e só foram vencidos no dia 2 de Agosto. Em um dos combates foi morto o commandante das fôrças do Govêrno, coronel Genuino de Sampaio, que fôra um dos mais distinctos commandantes de batalhão na guerra do Paraguái.

1875.— Fica organizado um novo Ministerio conservador, presidido pelo marechal duque de Caxias. Succedeu ao de 7 de Março de 1871, presidido pelo visconde do Rio-Branco, e governou até 5 de Janeiro de 1878.

26 DE JUNHO

1620.— Nascimento de Antonio de Sá, na cidade do Rio de Janeiro. Pertenceu á Companhia de Jesús e emulou com o

padre Antonio Vieira na tribuna sagrada. Falleceu em 1678 (1° de Janeiro).

1818.— Bento Manuel Ribeiro parte do acampamento do general Curado, em Hervidero, para surprehender o general José Artigas no Queguaí (veja 4 de Julho).

1825.— Nascimento de Francisco Octaviano de Almeida Rosa, na cidade do Rio de Janeiro.

1827.— A escuna brasileira *Isabel* (um rodizio), commandada pelo primeiro-tenente Vioget, é tomada na altura de Castillos, após prolongado combate, pelo brigue-corsario argentino *General Brandzen* (8 peças), commandante De Kay. Servia na guarnição da *Isabel* o joven segundo-tenente Junius de Villeneuve, que depois tão conhecido se tornou no nosso jornalismo.

1836.— No Acará, o segundo-tenente de marinha Philippe José Pereira Leal e o ajudante Pedro Ivo Velloso da Silveira perseguem, perto de Turí, um trôço de insurgentes do Pará. Leal foi ferido.

1865.— Combate de Botuhí (Rio Grande do Sul). Uma columna paraguaia de 500 homens, ao mando do major José López, é atacada e perseguida por duas brigadas da Guarda Nacional, brasileiras, commandadas pelo coronel Antonio Fernandes Lima e pelo tenente-coronel Sezefredo de Mesquita. Os Paraguaios formam quadrados e retiram-se, atravessando um pantano. A perda do inimigo foi de 400 mortos, feridos e extraviados, e de 2 bandeiras. Os nossos tiveram 118 homens fóra de combate.

27 DE JUNHO

1499.— O navegador hispanhol Alonso de Hojeda avista uma terra alagada. O visconde de Porto-Seguro suppõe que essa terra era a das boccas do Assú ou do Apodí, no Rio Grande do Norte.

1633.— Os Hollandezes da guarnição de Itamaracá, que haviam desembarcado no continente, são neste dia repellidos, juncto do Araripé, pelos capitães d. Fernando de la Riba Aguero e Antonio de Figueiredo Vasconcellos.

1637.— O almirante hollandez Lichthardt é repellido, atacando a villa de S. Jorge dos Ilhéos. Segundo o escriptor das «Memorias Diarias», o chefe inimigo recebeu um ferimento nesse combate.

1711.— Sortida das tropas do Recife contra os postos dos Olindenses na Boa-Vista. A principio obtêm vantagens, mas afinal são repellidas pelo capitão Carlos Ferreira.

1835.—Morre em Pariz o general brasileiro Joaquim de Oliveira Alvares, que commandou a Legião de S. Paulo nas campanhas de 1811 a 1820, chamadas da Cisplatina, ganhou a batalha de Carumbé sôbre o general José Artigas (27 de Outubro de 1816) e teve parte principal na de Catalán. Foi ministro da Guerra na epocha da Independencia, assim como alguns annos depois, durante o reinado de Pedro I. Em sua mocidade, sendo segundo-tenente de marinha e commandante do cahique *Leão*, que apenas tinha 2 peças e 20 homens, bateu-se nas costas de Portugal contra uma escuna franceza de 10 canhões, e resistiu até ir a pique, tendo podido evitar o combate, porque estava a pequena distancia de um porto. Jaz no cemeterio do Père-Lachaise, em Pariz.

—Lei provincial, elevando á categoria de cidade as villas do Rio Grande e S. Francisco de Paula, esta última com o nome de Pelotas.

1842.—O coronel José Tromaz Henriques atravessa o Parahiba para a margem esquerda e desaloja do Registro do Parahibuna os insurgentes de Minas-Geraes.

1843.—Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí) surprehende Piratinim e aprisiona José Mariano de Mattos e Joaquim Pedro Soares, dous dos principaes chefes da insurreição riograndense.

1880.—Inauguração da estação de Barbacena, na estrada de ferro então denominada «Pedro II» e hoje «Central do Brasil».

1889.—Fallecimento de Tobias Barreto de Meneses, na cidade do Recife. Nasceu em Campos do Rio-Real, Sergipe, a 7 de Junho de 1839.

28 DE JUNHO

1697.—O forte de Macapá, que se rendera aos Francezes em Maio, é nesta data retomado pelas fôrças do Pará, ao mando de Francisco de Sousa Fundão e João Martins de Mendonça.

1720.—Insurreição, nos arredores de Villa-Rica (depois Ouro-Preto), contra o systema de cobrança do imposto do ouro. Os insurgidos ficaram senhores da villa, e o governador, conde de Assumar, que estava ausente, attendeu no dia 2 de Julho a todas as exigencias por elles feitas; mas, desde que dispoz de fôrças, reprimiu severamente a revolta (veja 16 de Julho).

1805.—Nascimento de Bernardo de Sousa Franco, no Pará.

1822.—Os milicianos e o povo da Cachoeira (Bahia), dirigidos pelo coronel José Garcia Pacheco, tomam depois de prolongado combate a canhoneira portugueza, que desde o dia 25 disparava tiros contra a villa. Este combate foi o primeiro da guerra da independencia na Bahia (veja 25 de Junho).

1850.—Morre no Rio de Janeiro o chefe de divisão Jacintho Roque de Senna Pereira. Foi ministro da Marinha e director da Eschola da Marinha. Distinguiu-se em varios combates no Rio da Prata, sobretudo em 1826 e 1828. Em 1827, commandando a flotilha do Uruguái, soffreu completa derrota perto da ilha do Juncal (9 de Fevereiro). As «Memorias e Reflexões sobre o Rio da Prata por um official de marinha brasileira», trabalho cuja publicação ficou interrompida, tractam dos seus serviços militares. Foram redigidas por seu filho, o jornalista Emilio Senna.

1850.—Inauguração da primeira secção da estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco.

29 DE JUNHO

1565.—Parte do Recife para Lisbôa o navio *Sancto-Antonio*, conduzindo Jorge de Albuquerque Coelho e o poeta Bento Teixeira Pinto, ambos naturaes de Olinda (veja 3 de Septembro).

1646.—O capitão Francisco Lopes Estrella ataca duas lanchas hollandezas na barra do Tigipió, apodera-se de uma e põe em fuga a outra, em que ia o governador da fortaleza dos Afogados.

1817.—Desembarca no Recife a expedição do Rio de Janeiro, sob o commando do general Luiz do Rego Barreto. A insurreição já tinha sido vencida desde o combate de 15 de Maio no Trapiche de Ipojuca.

1819.—Chega ao Rio de Janeiro o coronel oriental Fernando Otorgués, aprisionado no combate de 6 de Maio dêsse anno.

1839.—Os insurgentes do Rio Grande do Sul evacuam precipidatamente a bateria de Itapuan, abandonando uma peça

1860.—O general Portinho vence a opposição dos Paraguaios no Passo-Jutí.

1878.—Morre em Vienna d'Austria o ministro do Brasil, Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto-Seguro, auctor da «Historia Geral do Brasil» e de muitas outras obras e monographias, quasi todas referentes ao Brasil. Nasceu em Ipanema a 17 de Fevereiro de 1819.

30 DE JUNHO

1722.— Parte de S. Paulo para o descobrimento de minas de ouro em Goiaz a bandeira de Bartholomeu Bueno da Silva, denominado, como seu pae, o «Anhanguêra». Nessa expedição, fundou elle o arraial de Sancta-Anna, depois Villa-Bôa e cidade de Goiaz. Desde fins do seculo XVI os Paulistas haviam penetrado nesse territorio, fazendo guerra de exterminio aos indios Caiapós do «Rio Pacaubava» (Rio Grande ou Araguaia), «que corre para o Amazonas» (Techo, «Hist. Prov. Paraquariæ). Depois andaram em explorações por ahi os Paulistas Manuel Corrêia (1647), Paschoal Paes de Araujo (1672 ou 1673), Bartholomeu Bueno da Silva (o primeiro «Anhanguêra») e Antonio Pires de Campos, ambos em 1682.

1828.— O tenente Joaquim Teixeira Nunes derrota no Camaquan-Chico um destacamento argentino, apoderando-se de 3.000 bois e muitos cavallos. Este official miliciano serviu depois como tenente-coronel no exército republicano riograndense; tomou a Laguna em 1839, venceu em Sancta-Victoria e foi derrotado em Curitibanos e Arroio-Grande, ficando morto neste ultimo combate (veja 28 de Novembro de 1844). Garibaldi combateu ás suas ordens.

1836.— Primeiro assalto de Porto-Alegre pelos insurgentes, ao mando de Bento Gonçalves. O ataque durou trez horas e foi repellido pelo marechal João de Deus Menna Barreto, visconde de S. Gabriel.

— Combate de Turí-mirim, no qual os insurgentes do Pará, dirigidos por Angelim, foram derrotados pelo tenente-coronel Joaquim José Luiz de Sousa.

1866.— Os Paraguaios bombardeiam pela segunda vez o acampamento dos Brasileiros e Orientaes em Tuiutí. Responderam as nossas baterias, produzindo uma explosão e alguns incendios no acampamento paraguaio.

1887.— Partem para a Europa o imperador d. Pedro II e a imperatriz d. Teresa-Christina. Começa neste dia, e termina a 22 de Agosto de 1888, a terceira regencia da sra. d. Isabel.

1º DE JULHO

1591.— Provisão do prelado administrador ecclesiastico do Rio de Janeiro, Balthasar Simões Pereira, determinando que os vigarios se não intromettessem nas eleições da ermandade da Sancta Casa de Misericordia. Esse documento, citado por Simão de Vasconcellos, é o mais antigo que se conhece sôbre a Misericordia do Rio de Janeiro. O mesmo chro-

nista accrescenta que «se entende teve ella principio pelos annos de 1582, ou poucos annos antes, porque neste chegou áquelle porto uma armada de Castella...» A Casa de Misericordia do Rio de Janeiro, segundo Vasconcellos, foi fundada pelo padre José de Anchieta, e, si o foi quando estacionaram no Rio de Janeiro alguns navios da esquadra de Flores Valdéz, deve attribuir-se-lhe a fundação ao anno de 1582. Um alvará de 8 de Outubro de 1605, existente no archivo da Sancta Casa, diz que ella fôra fundada sessenta annos antes, isto é, em 1545; mas similhante proposição não resiste á analyse, pois sabe-se que antes da chegada de Villegaignon, em 1555, os unicos habitantes da bahia do Rio de Janeiro eram indios Tamoios. A cidade só foi fundada em 1567, depois de lançados os primeiros alicerces por Estacio de Sá em 1565.

1647.— O capitão-mór do Pará, Sebastião de Lucena de Azevedo, expulsa do Maricarí os Hollandezes, que se haviam fortificado alli, sob o commando de Van der Goes (Berredo, «Annaes», §§ 938-939).

1818.— Acção de Pichinango (Banda Oriental), em que foi derrotado e morto, resistindo a fôrças muito superiores, o capitão Gaspar Pinto Bandeira. A retirada dos nossos foi dirigida pelo então tenente Domingos Crescencio. Commandava os Orientaes o coronel Juan Ramos, que em 1828 (veja 12 de Abril) foi morto combatendo pelo Brasil.

1829.— Morre no Rio de Janeiro o naturalista frei Leandro do Sacramento, nascido no Recife em 1777. Era director do Jardim Botanico e Passeio Publico e professor de Botanica.

1839.— Saque de Caxias por Balaio, Ruivo e outros bandidos (guerra civil no Maranhão).

1840.— Rebeldes tomam a povoação de S. Pedro, na Serra-Grande (Ceará).

1850.— Desde este dia o govêrno do Brasil começou a pagar uma subvenção ao de Montevidéo para sustentar a defesa da praça contra o dictador argentino, general Rosas. Esta foi a origem da divida da Republica Oriental do Uruguái para com o Brasil, divida que ainda hoje figura nos balanços do nosso Thesouro. O Brasil substituiu-se naquella occasião á França, cujo govêrno suspendera a subvenção que pagava. Em 1851 deu-se a intervenção armada do Brasil, ficando então salva a independencia da Republica Oriental e a do Paraguái, e libertado o Rio da Prata.

1866.— Morre em Corrientes o brigadeiro honorario Antonio de Souza Netto, commandante de uma brigada de vo-

luntarios de cavallaria. A' frente dessa fôrça, esteve no assédio de Paisandú e nas batalhas do Estero-Bellaco e Tuiutí. Netto fôra general e, por algum tempo, commandante em chefe do exercito republicano do Rio Grande do Sul, durante a guerra civil, terminada em 1845.

2 DE JULHO

1635.—*Capitulação da fortaleza de Nazareth do Cabo de Sancto Agostinho.*—Era commandada por Pedro Corrêia da Gama e Luiz Barbalho Bezerra. O assédio, dirigido por Siegesmundt van Schkoppe, commandante em chefe das tropas hollandezas, começou a 3 de Março. A defesa durou, portanto, quatro mezes, e só terminou quando de todo faltavam viveres. A guarnição saïu com todas as honras da guerra e foi transportada para as possessões hispanholas das Antilhas.

1720.—O conde de Assumar, governador de Minas-Geraes, capitula com os sublevados de Villa-Rica, enquanto reunia fôrças para submettê-los (veja 28 de Junho e 16 de Julho).

1817.—*Combate de Apóstoles* (nas Missões de além-Uruguái).—As tropas brasileiras do general Chagas Sanctos atacam e destroçam, na praça dessa povoação, uma columna de milicianos correntinos ao mando do coronel Aranda, tomando-lhe 1 bandeira, mas não conseguem vencer a resistencia dos que combatiam entrincheirados na egreja e no collegio. Enquanto estava empenhada a acção, o major José Maria da Gama (depois general e barão de Saican) atacou e dispersou alguns esquadrões, que, sob o commando do coronel Andrés Artigas, vinham em soccorro de Aranda. As nossas tropas, entrincheirando-se nas casas proximas da posição occupada pelo inimigo, sustentaram o fogo até á manhã seguinte, em que, ás 11 horas, o general Chagas Sanctos ordenou a retirada. O general foi ferido neste combate.

1823.—*Evacuação da cidade da Bahia pelas tropas portuguezas e entrada triumphal do exército brasileiro sitiador.*—A lucta entre os Bahianos e o general portuguez Ignacio Luiz Madeira de Mello começara a 25 de Junho, com a insurreição da villa da Cachoeira. Em poucos dias a insurreição ganhou a provincia inteira, menos a capital, dominada por forte guarnição, composta de veteranos da guerra da Peninsula e dos corpos milicianos, pela maior parte formados de residentes europeus. O rompimento das hostilidades deu-se a 28 de Junho. Desde esse dia o govêrno interino, constituido na Cachoeira, começou a organizar os corpos de vo-

luntarios, que, com os reforços de Pernambuco, Parahiba, Alagôas e Rio de Janeiro, formaram o exército libertador (veja a sua composição na «Ephemeride» de 27 de Maio de 1823). No meiado de Julho de 1822, o tenente-coronel de milicias Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, depois visconde de Pirajá, começou o bloqueio terrestre da capital, dirigindo as fôrças brasileiras sitiantes até 20 de Outubro. Dessa data até 27 foram ellas commandadas pelo coronel de milicias Rodrigo Antonio Falcão Brandão, depois barão de Belém. No dia 27 de Outubro o general Pedro Labatut, chegado do Rio de Janeiro, assumiu o commando do exército e conservou-se nelle até 21 de Maio de 1823, dia em que foi deposto por uma sedição militar promovida pelo coronel Gomes Caldeira, victima um anno depois dos exemplos de indisciplina que dera aos seus commandados (veja 25 de Outubro de 1824). Foi durante o commando de Labatut que os Brasileiros alcançaram as duas principaes victorias dessa guerra, em Pirajá (8 de Novembro de 1822) e Itaparica (7 de Janeiro de 1823). O coronel José Joaquim de Limá e Silva, depois general e visconde de Magé, succedeu a Labatut por nomeação do govêrno provisorio da Cachoeira (veja 27 de Maio de 1823), quando pela impossibilidade do abastecimento de viveres a posição do general portuguez já se havia tornado insustentavel em cidade tão populosa, sitiada havia quasi um anno pelo exército brasileiro e bloqueada desde principios de Maio de 1823 pela esquadra do commando de lord Cochrane. Durante alguns dias, e sobretudo a 1° de Julho, embarcaram os residentes portuguezes e as familias que preferiram regressar para a Europa, e ás 4 horas da madrugada de 2 de Julho, ao signal de um tiro de peça disparado do forte de Sancto-Alberto, partiram de differentes ponctos da cidade as lanchas e escaléres, que a um tempo conduziam na maior ordem para bordo dos navios, préviamente designados, os corpos do exército de Portugal, em numero de 6.000 homens. Os milicianos, que formavam um total de 4.000 homens, foram licenciados, ficando apenas alguns em armas, para policiarem a cidade. A's 11 horas da manhã, fez-se de véla a frota que conduzia essas tropas e alguns milhares de emigrantes portuguezes. Compunha-se de 30 navios de combate, charrúas e transportes armados, montando 698 boccas de fogo, e 41 navios mercantes; ao todo, 71 vélas. Eram estes os navios de guerra, ou armados em guerra, e o numero de boccas de fogo de cada um: — náo *D. João VI* (74), com o pavilhão do chefe de esquadra Pereira de Campos; fragatas *Constituição* (54), depois chamada *Diana*, e *Perola* (46); corvetas *Calypso* (22), *Regeneração* (22), depois chamada *Galatéa*, *Dez de Fevereiro* (26), depois chamada *Urania*, *Activa*

(22), *Constituição* (26), chamada antes e depois *Conceição e Oliveira*, *S. Gualter* (26), *Principe do Brasil* (24), e *Restauração* (26); brigues *Audaz* (18) e *Promptidão* (16); sumaca *Conceição* (8) e escuna *Emilia* (8); charrúas e transportes armados, *Princeza Real* (28), *Principe Real* (20), *Tritão* (16), *Orestes* (18), *Conde de Peniche* (16), *Canôa* (16), *S. Domingos* (26), *Grão-Pará* (16), *D. Affonso* (20), *Flor do Tejo* (20) *Leal Portuguez* (18), *Conde da Palma* (20), *Bizarria* (18) *Duque da Victoria* (16), e *Vinagre* (12).

A' 1 hora da tarde o exército brasileiro fez a sua entrada na capital, tendo sido precedido por dous corpos de exploradores. Lord Cochrane cruzava fóra da barra com a náo *Pedro I* (commandante Crosbie) e a corveta *Maria da Gloria* (commandante Beaurepaire). A esses navios reuniram-se, no dia 3, as fragatas *Niterói* (commandante Taylor) e *Carolina*, depois *Paraguassú* (commandante Thompson), e o brigue *Bahia* (commandante Bartholomeu Hayden). Foram esses cinco navios os que perseguiram alguns dias a frota dos nossos então adversarios. A *Niterói* seguiu até á foz do Tejo, deante da qual cruzou algum tempo, encetando a sua viagem de regresso a 12 de Septembro. Dos 71 navios saïdos da Bahia, apenas 40 entraram em Lisbôa e no Porto, sendo apresados pela esquadra brasileira, no mar ou no porto do Maranhão, onde alguns se refugiaram, 30 navios, e incendiado um. Ficaram prisioneiros 2.029 officiaes e soldados, isto é, a terça parte das forças que evacuaram a praça, e foram tomadas e remettidas por lord Cockrane para o Rio de Janeiro 6 bandeiras de corpos (infantaria n. 1, n. 5, n. 6 e n. 12, caçadores n. 2 do 2° batalhão da legião constitucional lusitana), além de 7 bandeiras de navios de guerra e transportes armados. Da Marinha real apenas foram apresados o brigue *Promptidão*, a escuna *Emilia* (no Maranhão) e as charrúas *Principe Real* e *Conde de Peniche*, e, dentre os transportes armados, as galeras *Leal Portugueza* (depois *Carioca*) e *Bizarria*. O *Grão-Pará* foi por duas vezes capturado, sendo-lhe cortados os mastros grande e de mesena, e lançada ao mar toda a sua artilharia e o armamento da tropa, mas conseguiu escapar e entrou em Lisbôa. O povo da Bahia festeja ainda hoje, todos os annos, o dia 2 de Julho, commemorando com o mesmo enthusiasmo patriotico dos primeiros tempos a recuperação da sua capital e o termo glorioso da guerra da Independencia no Reconcavo. Durante essa lucta, a firmeza com que o general Madeira se oppoz ás tropas brasileiras levantou em tôrno do seu nome muitos odios e injustiças. Elle soube resistir a todas as seducções e propostas vantajosas que lhe foram feitas por um emissario do Govêrno do

Rio de Janeiro, e preferiu cumprir nobremente o seu dever de soldado portuguez. Sua memoria é, portanto, digna da estima de quantos sabem prezar o brio militar.

1824.— Proclamação de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, chefe da revolução pernambucana, convidando as provincias do Norte a formarem republica independente com o nome de «Confederação do Equador». Desde 20 de Março havia começado em Pernambuco a guerra civil, tendo-se opposto Paes de Andrade á posse de Francisco Paes Barreto (depois marquez do Recife), presidente da provincia nomeado pelo imperador. Paes Barreto fortificou-se em Barra-Grande e ahi esperou os reforços que pedira ao Governo imperial. Esta rebellião separatista ficou vencida em Pernambuco a 17 de Septembro, rendendo-se a 28 de Novembro os seus ultimos partidarios, que haviam penetrado no Ceará.

1842.— O coronel da Guarda Nacional João da Motta Teixeira repelle em Caeté os insurgentes de Minas-Geraes, commandados por Manuel Joaquim Lemos, e defende essa villa até á madrugada de 7, retirando-se então.

1843.— Partem de Napoles as divisões navaes brasileira e napolitana, que conduziam ao Rio de Janeiro a imperatriz do Brasil, d. Teresa-Christina (veja 3 de Septembro).

1863.— Morre no Rio de Janeiro o almirante reformado Frederico Mariath. Distinguiu-se nas guerras do Rio da Prata de 1818 a 1828, commandando navios e divisões, e commandou em chefe as fôrças navaes em operações no Pará, Bahia, Sancta-Catharina e Rio Grande do Sul, no periodo das nossas guerras civis. Os feitos mais gloriosos da sua vida militar foram os dous combates de 18 de Janeiro de 1827 no Banco de Sancta-Anna, perto de Martin-Garcia, contra o almirante argentino Brown, e o combate de 15 de Novembro de 1839 na Laguna, no qual destruiu a esquadrilha dos republicanos separatistas do Rio Grande do Sul, ao mando de Garibaldi.

3 DE JULHO

1638.— O capitão-mór Pedro Teixeira, que a 28 de Outubro do anno anterior saïra de Cametá para a exploração do rio Amazonas e reconhecimento da communicação fluvial com a cidade de Quito, chega nesta data á foz do Aguarico, na margem oriental e esquerda do Napo. Alli deixa elle um destacamento ao mando do capitão Pedro da Costa Favella, e continúa a subir o Napo, como já o tinha feito a sua vanguarda, dirigida pelo coronel Bento Rodrigues de Oliveira,

que desde 24 de Junho estava em Paiamino (veja 15 de Agosto).

1842.— Na fragata *Paraguassú* partem do Rio de Janeiro para Lisbôa os deportados politicos Limpo de Abreu (depois visconde de Abaeté), Salles Torres Homem (depois visconde de Inhomirim), conego Geraldo Leite Bastos, dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, dr. França Leite e José Francisco Guimarães. As garantias constitucionaes estavam suspensas no Rio de Janeiro, em S. Paulo e Minas-Geraes, em consequencia da insurreição dos liberaes nas duas ultimas provincias. Governava então o Ministerio do marquez de Paranaguá (Villela Barbosa). Estas foram as ultimas deportações politicas no tempo do imperio, e as unicas decretadas no segundo reinado. No de d. Pedro I, antes da Constituição, foram deportados os seguintes cidadãos, todos para a França: — a 20 de Dezembro de 1822 (Ministerio de José Bonifacio), José Clemente Pereira, conego Januario da Cunha Barbosa e general Luiz Pereira da Nobrega; a 20 de Novembro de 1823 (Ministerio de Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá), José Bonifacio, Martim Francisco, Antonio Carlos, Montezuma, Belchior Pinheiro de Oliveira, José Joaquim da Rocha e os dous ermãos Vasconcellos de Drummond.

1868.— Pequeno combate sustentado pelo tenente-coronel Tiburcio de Sousa, enquanto procedia, com o 14° de infantaria e uma ala do 1° ao reconhecimento do Reducto do Guaicurú, no Chaco. Tivemos 37 mortos e feridos.

1882.— Começa o Ministerio liberal do visconde, depois marquez de Paranaguá (segundo desse titulo). Succedeu ao de Martinho Campos (21 de Janeiro de 1882) e passou o govêrno ao do conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira (24 de Maio de 1883).

4 DE JULHO

1532.— O capitão Pero Lopes de Sousa parte do Rio de Janeiro para Lisbôa, com a náo *Sancta-Maria das Candêias* e o galeão *S. Vicente*, e nessa viagem toma em Pernambuco mais 2 navios francezes e um forte no canal de Itamaracá (veja 4 e 27 de Agosto).

1625.— Francisco Coelho de Carvalho derrota juncto ao Mamanguape uma columna de Hollandezes e Indios, sob o commando do capitão Swart (veja 20 de Junho e 1° de Agosto).

1789.— Suicidio do poeta Claudio Manuel da Costa, na cidade de Villa-Rica (Ouro-Preto). O primeiro martyr da con-

juração mineira para a independencia do Brasil falleceu com 60 annos, tendo nascido na Vargem do Itacolumi, freguezia da villa do Ribeirão do Carmo, depois Marianna, a 6 de Junho de 1729.

1818. — Bento Manuel Ribeiro, á frente de 550 cavalleiros e infantes das tropas de S. Paulo e Rio Grande do Sul, cumprindo as instrucções do general Curado, ataca e surprehende ás 4 horas da madrugada o general José Artigas, que estava acampado com 1.500 homens das trez armas na margem esquerda do Queguaí-Chico. A fôrça inimiga dispersou-se, fugindo para os bosques vizinhos. A sua perda foi de 100 mortos e 170 prisioneiros; a nossa, de 32 mortos e feridos.

— A posse do conde da Figueira, como capitão-general do Rio Grande do Sul, não se effectuou nesta data, segundo se lê na «Historia Geral» do visconde de Porto-Seguro, mas sim a 19 de Outubro.

1823. — As fortalezas da Bahia, cuja artilharia havia sido encravada quasi toda pelas tropas portuguezas (veja 2 de Julho), deram neste dia uma salva geral, que foi accompanhada pela de todos os navios da esquadra ingleza commandada por sir Thomas Hardy. Foi este o primeiro cumprimento militar, que a nova bandeira do Brasil recebeu de extrangeiros.

— Apresamento do brigue de guerra *Promptidão* e da charrúa *Leal Portuguez* (depois *Carioca*) pela fragata Carolina (depois *Paraguassú*), nas margens da Bahia.

— A Relação do Rio de Janeiro absolve os presos politicos processados por ordem de José Bonifacio, exceptuado tão sómente o portuguez Soares Lisbôa, redactor do *Correio do Rio*. O imperador d. Pedro I amnistiou este condemnado, que no anno seguinte fundou em Pernambuco outro jornal revolucionario (o *Desengano Brasileiro*) e pereceu no combate de Couro de Anta.

1828. — Apresamento do corsario argentino *Peruano* pela corveta *Maria Isabel*, commandante Grenfell, na altura do Cabo-Frio.

1846. — Fallecimento de Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, deputado liberal e um dos melhores oradores parlamentares que temos tido. Alvares Machado nasceu em S. Paulo a 21 de Dezembro de 1791 e morreu no Rio de Janeiro.

1879. — Fallecimento, em Pariz, do senador Firmino Rodrigues da Silva, jornalista conservador e poeta, nascido na cidade de Niterói em 1816.

5 DE JULHO

1819.—O coronel José Maria de Almeida, depois general, surprehende em Rocha um corpo de tropas orientaes, aprisionando o commandante, Leonardo Oliveira, 41 officiaes e soldados e o frade José de Azevedo, secretario de Artigas. Foi tomado 1 estandarte.

1823.—Apresamento da charrúa portugueza *Conde de Peniche* pela corveta *Maria da Gloria* e brigue *Bahia*.

1828.—Partem do Rio de Janeiro para a Europa a fragata *Imperatriz* e a corveta *D. Francisca.* A fragata conduzia a joven rainha de Portugal, d. Maria II. Em consequencia da usurpação de d. Miguel, voltou a rainha para o Rio de Janeiro no anno seguinte com a imperatriz d. Amelia.

—Neste mesmo dia 5 de Julho entrou no porto do Rio de Janeiro o contra-almirante francez barão Roussin com a náo *Jean Bart* e as fragatas *La Terpsichore* e *L'Aréthuse* e o brigue *La Railleuse*. Já estavam no nosso porto as corvetas *L'Isis* e *Lesbye* e o brigue *L'Iris,* que faziam parte da divisão naval franceza do Brasil e Rio da Prata. No dia 8 chegou de Montevidéo o brigue *Le Cygne,* e no dia 18 a fragata *La Magicienne*. O almirante Roussin tinha instrucções para empregar a fôrça, a ser necessario, mas começou por pedir em termos moderados a restituição dos navios mercantes francezes apresados pela nossa esquadra do Rio da Prata. O Governo imperial attendeu promptamente á reclamação, porque não podia luctar com a França. E' inexacto que Roussin houvesse apresentado de morrões accesos a sua reclamação e que as duas Camaras estivessem dispostas a resistir. Não havia possibilidade de resistencia efficaz, pois só tinhamos no porto a náo *Pedro I,* a fragata *Principe Imperial,* a corveta *Carioca,* os brigues *Pampeiro* e *Pirejá,* e a canhoneira *Despique Paulistano.* A relação acima, dos navios francezes, corrige os equivocos do almirante Julien de la Gravière em trabalho publicado ha pouco («L'Expédition du Tage», *Revue des Deux-Mondes,* 1887). Não foi façanha digna da admiração dêsse escriptor a entrada de Roussin no Rio de Janeiro. Estavamos em paz com a França, e os navios de guerra das potencias amigas entravam sem nenhum embaraço nos nossos portos militares.

1831.—O deputado Diogo Antonio Feijó é nomeado ministro da Justiça. Dias depois, teve de fazer frente a uma sedição militar, e obteve da Regencia a modificação de quasi todo o Ministerio (veja 12 e 16 de Julho). Nas seguintes linhas da *Aurora Fluminense* encontra-se o juizo de Evaristo

da Veiga acêrca do ministro Feijó: — «No Brasil um patriota conhecido pela firmeza de character e rectidão de espirito, de tal merito que aos mesmos anarchistas foi impossivel recusar-lho, não duvidando sacrificar-se pela patria em perigo, tomou em circunstancias delicadissimas a pasta da Justiça, e tem ahi feito apparecer uma fôrça de alma, uma constancia que antes delle não fôra conhecida netre nós. Não se fizeram mais vergonhosas capitulações com o crime ufano de suas victorias. Os olhos da população ameaçada voltaram-se para este homem forte e integro; é delle que aguardam as providencias com que a sociedade se mantenha sem risco de ser invadida por hordas de barbaros; e a confiança veiu finalmente coroar os exforços do digno membro da administração pública...»

1836. — O segundo-tenente Fernando Lazaro de Lima, marchando do engenho Pernambuco na margem direita do Guamá, derrota em Mazagão um bando de insurgentes (veja o dia seguinte).

1841. — Convenção secreta sôbre auxilios reciprocos, celebrada entre Bento Gonçalves, chefe da insurreição separatista no Rio Grande do Sul, e o general Fructuoso Rivera, então presidente da Republica Oriental do Uruguái.

1878. — Morre em Pariz d. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo de Olinda, nascido em Pedras de Fogo a 27 de Novembro de 1844.

6 DE JULHO

1823. — Apresamento do transporte de guerra *Bizarria* pela náo *Pedro I* e corveta *Maria da Gloria.*

1836. — O segundo-tenente Fernando Lazaro de Lima derrota em Caraparú, perto da margem direita do Guamá, um corpo de anarchistas do Pará.

1839. — Os revolucionarios do Rio Grande do Sul são desalojados da Barra e Carniça (arredores da Laguna) por um honrado nome na nossa Historia politica e litteraria. Nascera *Itaparica* e por algumas lanchas armadas.

1845. — Antonio Carlos de Andrada Machado toma posse da sua cadeira de senador.

1847. — Morre em Porto-Alegre o general visconde de S. Leopoldo (José Feliciano Fernandes Pinheiro), deixando honrado nome na nossa Historia politica e litteraria. Nascera em Sanctos a 9 de Maio de 1774.

1866. — Fallece dos ferimentos recebidos na primeira batalha de Tuiutí o general Antonio de Sampaio, natural do

Ceará. Morreu no rio Paraná, em viagem de Corrientes para Buenos-Aires, e foi sepultado nesta última cidade, sendo os seus restos mortaes transladados trez annos depois para o Rio de Janeiro e depositados no Asylo de Invalidos da Patria. Na batalha de 24 de Maio de 1866, em Tuiutí, foi á divisão do general Sampaio que coube a honra de fazer frente ao principal ataque dos Paraguaios.

1871.—Morre na Bahia, aos 24 annos de edade, Antonio de Castro Alves, o poeta das «Espumas Fluctuantes», da «Cachoeira de Paulo-Affonso» e dos «Escravos».

7 DE JULHO

1822.—Installação, na cidade da Bahia, do govêrno provisorio (Conselho interino de govêrno), que, durante a guerra da Independencia, funccionava na Cachoeira.

1823.—Apresamento da charrúa *Principe Real* pela náo *Pedro I*.

1865.—Os Paraguaios entram em Itaquí.

1877.—Inauguração da estrada de ferro S. Paulo e Rio (233 kilometros), entre a cidade de S. Paulo e a estação da Cachoeira, da estrada de ferro Central do Brasil então chamada de «Pedro II». O decreto da concessão foi assignado a 2 de Março de 1872.

8 DE JULHO

1706.—Ordem régia mandando fechar uma pequena typographia estabelecida no Recife, sequestrar os impressos e admoestar os proprietarios e typographos.

1785.—Nasce no Rio de Janeiro Francisco de Lima e Silva, general, commandante das tropas imperiaes na campanha de Pernambuco em 1824, membro da regencia do Imperio desde 7 de Abril de 1831 até 12 de Outubro de 1835 e senador do Imperio. Falleceu a 2 de Dezembro de 1853.

1827.—O primeiro-tenente de artilharia Antonio de Almeida repelle e derrota um destacamento argentino na ilha de S. Sebastião. A fôrça inimiga, que pertencia á guarnição de um corsario, embarca em desordem, deixando 10 mortos, quasi todos Inglezes ou Norte-americanos. Para vingar o pequeno revés, o commandante do corsario manda queimar em outro poncto da ilha a casa de uma fazenda.

1869.—O general Portinho obriga os Paraguaios a abandonar o Piraporarú e atravessa esse rio.

1875.— Fallece no Rio Grande do Sul o dr. Manuel Pereira da Silva Ubatuba, a quem se deve a preparação do «extractum carnis», que se tornou um dos primeiros artigos de exportação daquella parte do Brasil.

9 DE JULHO

1501.— Carta do rei d. Manuel, datada de Cintra, annunciando aos principes catholicos o descobrimento da «Terra de Sancta-Cruz» por Pedro Alvares Cabral.

1632.— Assalto e tomada do forte inglez de Cumaú, na ponta de Macapá (Amazonas), pelo capitão Pedro Bayão de Abreu (veja 14 de Julho de 1632).

1645.— João Fernandes Vieira chega ao engenho Covas, onde se conserva até 31 de Julho com os voluntarios pernambucanos que reunira para a guerra contra os Hollandezes. No mesmo dia fazem juncção, a meio caminho de S. Lourenço da Matta e Maciape, os commandantes hollandezes Hendrick van Haus e Jan Blaer, que o procuravam.

1648.— Por uma carta desta data, dos governadores hollandezes no Recife, sabe-se que elles fizeram saïr para cruzar nas aguas da Bahia a esquadra do almirante de Witte. Com essa esquadra sustentaram renhido e desegual combate, deante da barra da Bahia, depois de 27 de Julho, os galeões portuguezes *Rosario* e *S. Bartholomeu*, pertencentes á esquadra de Luiz da Silva Telles (e não do conde de Castel-Melhor). O *S. Bartholomeu* foi tomado após heroica resistencia, tendo-se mettido entre os navios inimigos para soccorrer o *Rosario*. Este último, já desmantelado, soffreu a abordagem dos navios *Gysseling*, em que estava o vice-almirante Mathys Gielinsen, e *Utrecht*, capitão Jacob Pouwell. O commandante do *Rosario*, vendo-se perdido, mandou lançar fogo ao paiol: o seu navio voou em pedaços, e os dous hollandezes foram a pique. De tão heroico feito, diz Porto-Seguro, «apenas temos conhecimento por um officio de Schkoppe, e sentimos que, com a noticia delle, nos não seja possivel transmittir o nome do destemido e abnegado official, que lançou fogo ao paiol e deixou, nas aguas do Brasil, ás gerações futuras, um exemplo de tão nobre heroismo». O commandante do *Rosario* era frei Pedro Carneiro, da Ordem de Malta, e o do *Bartholomeu*, tambem morto neste combate, chamava-se Francisco Brandão. A bordo do *Rosario* estava o joven d. Affonso de Noronha, segundo filho do conde de Linhares (Ericeira, «Portugal Restaurado», II, 255; Sancta-Teresa, «Guerre del Brasile» II, 133; J. Barb. Machado, «Fastos politicos e militares», I, 611).

1790.— Toma posse do seu cargo, no Rio de Janeiro, o conde de Resende, vice-rei do Brasil. Succedeu a Luiz de Vasconcellos, e passou o govêrno a d. Fernando José de Portugal, depois marquez de Aguiar, no dia 14 de Outubro de 1801.

1868.— O encouraçado *Barroso*, commandante Arthur Silveira da Motta (depois barão de Jaceguái), estando fundeado perto da ilha de Monterita, é abordado durante a noite por 20 canôas paraguaias, conduzindo 260 homens, ao mando do major Cabriza. O ataque foi repellido antes da chegada do monitor *Rio Grande*, que estava aguas abaixo e subiu, metralhando as canôas que fugiam. Nessa occasião travou-se lucta entre um grupo de Paraguaios e a guarnição do monitor, sendo morto o commandante dêste, Antonio Joaquim, e feridas 6 praças. No *Barroso* ficaram feridos 1 official e 5 praças. Poucos Paraguaios puderam voltar ao seu acampamento. Foram aprisionados 24 officiaes e soldados inimigos, e tomadas 18 canôas, muito armamento, granadas de mão e tubos cheios de um mixto asphyxiante.

1869.— Fallecimento do barão de Cocaes (José Feliciano Pinto Coelho da Cunha), acclamado presidente de Minas-Geraes pelos revolucionarios de 1842.

10 DE JULHO

1562.— Os Guaianás, Tupís e Carijós, dirigidos por Araraí atacam neste dia e no seguinte a villa de S. Paulo, e são repellidos por Tibireçá. Este principal, sogro de João Ramalho, era ermão de Araraí (veja 25 de Dezembro).

1592.— Abertura do testamento de Gabriel Soares de Sousa, «capitão-mór e governador da conquista e descobrimento do Rio de S. Francisco», vereador da camara da Bahia e auctor do precioso «Tratado descriptivo do Brasil em 1557». Gabriel Soares falleceu pouco antes, ao chegar com a sua expedição ás nascentes do Paraguassú.

1631.— O capitão Francisco Gomes de Mello repelle, no posto dos Afogados, um ataque dos Hollandezes, dirigidos pelo tenente-coronel Steyn Callenfels.

1633.— Os Hollandezes da guarnição de Itamaracá são repellidos no Araripe pelos capitães Riba Aguero, Figueiredo e Vasconcellos, Rebello da França e Babilon de Sousa.

1780.— Nascimento de Januario da Cunha Barbosa, no Rio de Janeiro (veja 22 de Fevereiro de 1846).

1817.— São enforcados no Recife trez dos chefes da insurreição pernambucana: os capitães Domingos Theotonio

Jorge Martins Pessôa, José de Barros Lima e o vigario Pedro de Sousa Tenorio.

1836.—O primeiro-tenente Francisco Ferreira dos Sanctos toma no rio Mojú uma gambarra artilhada.

1840.—O major João da Rocha Moreira toma, depois de vivo combate, as trincheiras da fazenda Buritî (Piauhí), perto de Piracuruca.

1862.—Fallecimento, no Rio de Janeiro, de Justiniano José da Rocha, nascido na mesma cidade a 8 de Novembro de 1812. Fez os seus estudos no lyceu Henri IV de Pariz e na Faculdade de direito de S. Paulo, e redigiu no Rio de Janeiro o *Chronista* (1836-1839), o *Brasil* (1840-1842) e o *Regenerador* 1860-1862), orgams do partido conservador. Foi o primeiro dos jornalistas brasileiros do seu tempo.

1865.—O imperador d. Pedro II parte para a fronteira do Rio Grande do Sul, invadida pelos Paraguaios. Accompanha-o o ministro da guerra Ferraz, depois barão de Uruguaiana.

1871.—Começa na Camara dos Deputados a discussão da proposta do Govêrno, adoptando medidas para a abolição gradual da escravidão.

1882.—Fallece em Roma o visconde de Araguaia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, nascido na cidade do Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1811. Não é preciso dizer a leitores brasileiros quem foi o cantor da «Confederação dos Tamoios», nem lembrar a proeminencia do seu vulto, como poeta e escriptor, durante uma épocha literaria que figurará sempre com honra na nossa Historia. Nestas rapidas notas commemorativas, deixamos de dar indicações biographicas, ao mencionar nomes populares, salvo quando podemos apresentar alguma informação nova ou pouco conhecida.

11 DE JULHO

1635.—O major Calabar, ao serviço dos Hollandezes, chega a Porto-Calvo, levando refôrço de tropas ao governador Picard (veja 12, 19 e 22 de Julho).

1711.—Carta régia, dando predicamento de cidade á villa de S. Paulo.

1836.—As canhoneiras ns. 3 e 4 e o cutter *Guaraní*, descendo o rio de S. Gonçalo, no Rio Grande do Sul, forçam a passagem do forte que os revolucionarios haviam levantado na margem esquerda e reunem-se ao vapor *Liberal* e ás canhoneiras ns. 1, 2 e 5. Do meio-dia até á noite, o chefe

Grenfell ataca o forte com esses navios, mas sem causar-lhe grande damno.

1867.— *Combate do Alegre* (Mato-Grosso).— O vapor paraguaio *Salto de Guairá*, commandante Romualdo Núnez, apodera-se do pequeno vapor *Jaurú* e trava combate com os atiradores do 1° batalhão da Guarda-Nacional, commandado pelo tenente-coronel Antonio José da Costa. Acode então o vapor *Antonio João*, commandante Balduino de Aguiar; bate-se com os dous, põe em fuga o *Salto* e retoma por abordagem o *Jaurú*. Tivemos 20 mortos e feridos da marinha e 13 da guarda-nacional. O official paraguaio que commandava o *Jaurú* foi morto, e o commandante do *Salto* ficou ferido.

12 DE JULHO

1635.— O general Mathias de Albuquerque, em marcha de Pernambuco para Alagôas, toma posição no outeiro de Amador Alvares, deante de Porto-Calvo. A' tarde o commandante hollandez, major Alexandre Picard, é destroçado, quando procedia a um reconhecimento. Os nossos, adeantando-se na perseguição, assaltam e tomam o forte exterior da Egreja-Velha (6 peças), mas são repellidos no ataque da Egreja-Nova. O reducto de Varadouro e os outros postos anteriores foram abandonados, sem resistencia, pelo inimigo. Começa desde essa noite o assédio de Porto-Calvo. Os Hollandezes evacuam, pouco depois, a Egreja-Nova e concentram-se no forte principal (veja 19 de Julho).

1648.— Chega a Quincombo a expedição do Rio de Janeiro, saïda a 12 de Maio, destinada a expulsar os Hollandezes de Angola. Commandava-a Salvador Corrêia de Sá e Benevides (veja 15 de Agosto).

1829.— Fallece em Lisbôa o tenente-general d. Diogo de Sousa, conde de Rio-Pardo (d. Diogo Martim Affonso de Sousa Telles de Meneses), nascido na mesma cidade a 17 de Maio de 1775. Era doutor em Mathematicas pela Universidade de Coimbra e foi capitão-general de Moçambique, do Maranhão e do Rio Grande do Sul e vice-rei da India. Seu govêrno no Rio Grande do Sul (1809-1814) foi dos mais notaveis que teve aquella capitania. D. Diogo de Sousa commandou o exército brasileiro nas campanhas de 1811 a 1812, e ás licções de severa disciplina que soube dar aos nossos officiaes deve-se attribuir em grande parte a série de victorias que alcançámos no Rio Grande do Sul, Uruguái, Corrientes e Entre-Rios, até 1820.

1834.— Votação na Camara dos Deputados acêrca da elegibilidade dos presidentes de provincia. A proposta foi rejei-

tada por 62 votos contra 25. Votaram contra ella todos os deputados de S. Paulo, Minas e Rio, quasi todos os da Bahia e a maior parte dos de Pernambuco e Ceará. Entre os deputados que se oppuzeram á proposta contavam-se Vasconcellos, Carneiro Leão, Rodrigues Torres, Nabuco, d. Romualdo de Seixas, Alvares Machado e Chichorro.

1837.—Os anarchistas (*cabanos*) do Amazonas são batidos no seu campo entrincheirado de Icuipiranga pelo padre Antonio Manuel Sanches de Brito.

1840.—O capitão Portella derrota um troço de rebeldes na Serra-Grande (Ceará).

1842.—O coronel Manuel Antonio da Silva derrota em Silveiras um corpo de insurgentes de S. Paulo, sob o commando de Anacleto Ferreira Pinto. Foi o último combate dessa guerra civil.

13 DE JULHO

1553.—Chega á Bahia o 2° governador-geral do Brasil, d. Duarte da Costa, e com elle José de Anchieta.

1566.—Renhido combate naval perto de Paquetá, no qual uma flotilha de canôas, ao mando de Belchior de Azeredo, capitão-mór do Espirito-Sancto, derrota outra muita numerosa dos Tamoios, dirigida pelo principal Guaixara. Este cacique foi morto no combate.

1632.—Os Hollandezes são repellidos em Salinas (arredores do Recife) pelo general Mathias de Albuquerque.

1640.—Os Jesuitas são expulsos de S. Paulo pelo povo e Municipalidade, revoltados contra a publicação das ordens da Sancta-Sé a favor da liberdade dos Indios (veja 2 e 22 de Junho de 1640).

1643.—Pedro de Albuquerque, o herói do Rio-Formoso (veja 7 de Fevereiro de 1633), toma pósse do govêrno do Estado do Maranhão.

1827.—Sortida na Colonia do Sacramento, em que o coronel Vasco Antunes Maciel dispersa e persegue os sitiantes.

1855.—Morre em Niterói o 2° visconde de Caravellas, Manuel Alves Branco, nascido na cidade da Bahia a 7 de Junho de 1797, senador do Imperio, por vezes ministro de Estado e presidente do Conselho em 1847 e 1848. Foi o redactor do Codigo do Processo Criminal e um dos collaboradores do Acto Addicional de 1834. Quando ministro dos Negocios Extrangeiros, celebrou com a Inglaterra um tractado, que o Parla-

mento não approvou, para a repressão do tráfico de Africanos. Deixou poesias estimadas.

1867.—Começa em Itapirú o desembarque do 3° corpo do exército brasileiro, organizado no Rio Grande do Sul durante a presidencia do conselheiro barão Homem de Mello. Era commandado por Osorio, então barão do Herval.

14 DE JULHO

1627.—O almirante hollandez Piet Heyn deixa o porto da Bahia, onde estacionava desde 10 de Junho. Desta vez nada intenta contra a cidade, achando-a bem defendida por Diogo Luiz de Oliveira.

1632.—Por ordem de Feliciano Coelho de Carvalho, o capitão Aires de Sousa Chichorro aborda e toma com algumas canôas, perto da ponta de Macapá, um navio inglez, no qual levava Roger Frey reforços para o forte de Cumaú, tomado pelos nossos no dia 9.

1811.—Morre no convento de Sancto-Antonio do Rio de Janeiro frei José Mariano da Conceição Velloso, nascido em Minas-Geraes em 1724, auctor da «Flora Fluminense» e por algum tempo director da Typographia do Arco do Cégo, em Lisbôa.

1822.—Parte do Rio de Janeiro para a Bahia uma divisão naval ao mando de Rodrigo Delamare, conduzindo o general Pedro Labatut e alguma tropa, armamento e munições. Labatut ia commandar o exército que se organizava para combater o general portuguez Madeira.

1827.—O major Luiz Alves de Lima (depois duque de Caxias) dispõe nos arredores de Montevidéo algumas emboscadas e com ellas destroça destacamentos do inimigo.

1831.—No dia 12 de Julho tinha-se rebellado, no Rio de Janeiro, o batalhão 26° de infantaria. O ministro Feijó conseguiu dominar a revolta e fazer embarcar o batalhão para a Bahia; mas, na noite de 14, o corpo de policia e a maior parte dos batalhões de linha levantaram-se seduzidos por alguns dos membros do partido conhecido então pelo nome de *exaltados*, e, desobedecendo ao commandante das armas, general José Joaquim de Lima e Silva, occuparam a praça da Constituição e o antigo campo de Sancta-Anna. Entre as exigencias da tropa e dos corypheus do partido *exaltado* figurava a da deportação de 89 cidadãos. Feijó tomou energicas providencias para resistir aos sediciosos e reuniu no Paço da Cidade a familia imperial, a Regencia, os membros do Ministerio e as

duas Camaras, que, desde a manhã de 15 até 20, se conservaram em sessão permanente. Os representantes da nação mostraram naquelles dias difficeis a mais honrosa coragem civica. «As nossas deliberações não podem ser reconhecidas livres (disse Bernardo de Vasconcellos), desde que se tem violado o artigo da Constituição que determina a obediencia passiva da tropa. Mas o Brasil ha de ser salvo... Mostremos aos inimigos da ordem pública que os representantes da nação não se aterram». Carneiro Leão, Evaristo da Veiga, Rebouças e outros deputados apoiaram fortemente o Govêrno. Em poucas horas Feijó reuniu uma fôrça de 3.000 cidadãos armados. O 5° batalhão de infantaria, a artilharia de marinha e o primeiro corpo de artilharia de posição conservaram-se fiéis ao Govêrno, e o general Moraes organizou nessa occasião o batalhão de Officiaes-soldados. No dia 16 Lino Coutinho, Bernardo de Vasconcellos e Manuel da Fonseca Lima e Silva foram nomeados ministros do Imperio, da Fazenda e da Guerra, e a 17 o deputado Sebastião do Rego Barros assumiu o commando do corpo municipal. Enfim, no dia 22, Feijó annunciava ás Camaras o completo restabelecimento da ordem.

1836.— Tomada do Almeirim (Pará) pelas fôrças do Govêrno.

1839.— Os lanchões *Rio-Pardo* e *Seival*, commandados por Garibaldi, saem do rio Tramandahi e dirigem-se para a Laguna. Esses lanchões, pertencentes á flotilha dos republicanos riograndenses (veja 15 de Julho), tinham sido conduzidos em carretas por espaço de dez leguas, desde a lagôa dos Patos até o Tramandahi. As difficuldades da operação realizada por Garibaldi têm sido muito exaggeradas por alguns escriptores nacionaes. Na guerra entre o Brasil e as Provincias Unidas do Rio da Prata, os corsaristas Fournier e Soriano, em duas differentes occasiões, fizeram viajar por terra varios lanchões, desde Maldonado até a lagôa Mirim. A Historia offerece-nos exemplos de empresas similhantes e de muito maior monta. Basta lembrar que em 1439 os Venezianos transportaram em carretas, desde Roveredo até Torbole, no lago da Guarda, uma esquadrilha de 31 navios, entre os quaes 6 grandes galeras.

1866.— Um escalér de ronda da esquadra brasileira, abaixo do Curuzú, é despedaçado pela explosão de um torpedo paraguaio. Pereceram o primeiro tenente A. M. do Couto, e 7 marinheiros.

15 DE JULHO

1633.— O capitão hollandez Cloppenburgh ataca um engenho na Varzea, e é repellido pelo capitão Francisco Rabello. Henrique Dias recebe nesse combate o seu primeiro ferimento.

1752.—Começa a funccionar o Tribunal da Relação do Rio de Janeiro, creado pela resolução régia de 16 de Fevereiro de 1751.

1824.—O capitão Meira Lima repelle em Alhandra (Parahiba) um ataque dos revolucionarios de Pernambuco.

1825.—O coronel Vasco Antunes Maciel, saïndo da Colonia do Sacramento, põe em fuga os sitiantes, após rapido combate juncto da Quinta do Rico.

1827.—O mesmo coronel Maciel apodera-se de um pequeno corsario argentino no arroio do Rosario e retoma duas presas.

1833.—Diogo Antonio Feijó toma assento no Senado.

1839.—Naufragio do lanchão *Rio Pardo* deante da barra do Araranguá (veja 14 de Julho). Garibaldi, que o commandava, e 14 homens da guarnição puderam salvar-se.

1866.—Osorio entrega ao general Polydoro Jordão o commando do 1° corpo do exército brasileiro em Tuiuti.

—Morre no Rio de Janeiro o senador e conselheiro de Estado visconde de Uruguái (Paulino José Soares de Sousa), nascido em Paris a 4 de Outubro de 1807. Entre os eminentes serviços dêsse illustre estadista, avulta a formação da alliança de 1851, que livrou o Brasil de um perigoso vizinho, expulsando do Rio da Prata o dictador Rosas.

1868.—O tenente-coronel José Fernandes de Sousa Doca derrota em frente ao passo Benítez uma fôrça avançada dos Paraguaios. O inimigo teve 40 mortos; e a guarda-nacional riograndense, 11 mortos e feridos.

1889.—Tiros disparados á noite por um extrangeiro contra a carruagem que conduzia o imperador d. Pedro II e a imperatriz.

16 DE JULHO

1645.—Matança na capella de Cunhaú (Rio Grande do Norte), executada por Indios do partido hollandez, ao mando de Jacob Rabbi. (A data em Rafael de Jesús é a mesma que dá Nieuhoff, mas o dia 16 de Julho foi sexta-feira e não domingo, como diz aquelle chronista).

1651.—Parte do Arraial-Novo o capitão João Barbosa Pinto com uma columna de 300 homens. Dias depois apodera-se do forte hollandez de Guarairas (Arez), no Rio Grande do Norte.

1720.—O conde de Assumar, capitão-general de Minas-Geraes, entra em Villa-Rica (Ouro Preto) á frente de 2.000

homens, e, apesar de haver transigido com os chefes da rebellião (veja 28 de Junho e 2 de Julho), manda queimar as casas dos principaes revolucionarios e executar Philippe dos Sanctos. Preso dias antes na Cachoeira, quando fallava ao povo, «Philippe dos Sanctos (disse Assumar) confessou de pleno todos os seus crimes dos levantamentos, e deante de todo o povo foi enforcado, e seus quartos postos em todos os logares aonde tumultuou». No mesmo documento lê-se esta confissão do capitão-general: «Eu, senhor, bem sei que não tinha jurisdicção para proceder tão summariamente, e que não o podia fazer sem convocar os ministros da comarca...».

1756.— Nasce na cidade da Bahia José da Silva Lisbôa, depois visconde de Cairú. Este illustre Brasileiro falleceu no Rio de Janeiro a 20 de Agosto de 1835.

1831.— Modificação ministerial reclamada por Feijó, durante a crise politica occasionada pela revolta da maior parte da guarnição do Rio de Janeiro (veja 14 de Julho). Entraram para o Gabinete os deputados Bernardo de Vasconcellos e Lino Coutinho e o coronel Manuel da Fonseca Lima e Silva. Feijó era ministro desde o dia 6. Dos antigos ministros só conservaram as suas pastas o senador Francisco Carneiro de Campos e o general José Manuel de Almeida.

1836.— Nasce em Alcantara (Maranhão) Antonio Joaquim Franco de Sá.

1840.— O coronel Antonio Soares de Paiva, da guarda-nacional, defende victoriosamente S. José do Norte contra as tropas separatistas do Rio Grande do Sul, dirigidas por Bento Gonçalves. O combate durou 7 horas. A guarnição compunha-se de 599 homens e teve 243 fóra de combate, ficando ferido o coronel Paiva e morto o tenente-coronel Jovita, de artilharia. Bento Gonçalves perdeu 380 dentre 1.400 homens, com que entrou em acção. O lanchão *Torres*, commandado pelo capitão-tenente Gama Rosa, auxiliou a defesa.

— Os rebeldes do Maranhão atacam, de 15 a 16, a villa de Jurumenha, e são repellidos. Os legalistas tiveram 12 mortos e 30 feridos.

1865.— D. Pedro II chega ao Rio Grande, em viagem para a fronteira do Uruguái, invadida pelos Paraguaios.

1866.— *Tomada do Boqueirão do Sauce.*— O dictador Solano López tinha mandado construir 2 trincheiras avançadas no Boqueirón-Naró, ou Boqueirão do Sauce, e em Punta-Carapá, dentro do bosque que se extendia entre as trincheiras paraguaias do Potrero-Sauce, o Potrero-Pires e a extrema esquerda do acampamento brasileiro de Tuiutí. Na manhã de 16, por ordem do general Polydoro Jordão, a divisão do ge-

neral Guilherme de Sousa assaltou e tomou a trincheira do Boqueirão do Sauce, defendendo em seguida a posição conquistada contra os ataques do general paraguaio Aquino. Das 9 ½ da manhã até ás 11 da noite coube a direcção do combate ao general Argollo, que com outros batalhões foi render os do general Sousa. Quatro novos ataques dos Paraguaios, dirigidos pelo coronel Jiménez, foram então repellidos. Das 11 da noite em deante a posição passou a ser defendida pela divisão do general Victorino Monteiro e pela brigada argentina do coronel Coneza. Os Brasileiros tiveram neste dia 1.899 mortos e feridos, e os Argentinos, 61. Foram mortos o coronel Machado da Costa, commandante do 31° de voluntarios, que era o corpo policial da cidade do Rio de Janeiro, e o tenente Martini, do 14° de linha, composto principalmente de guardas-nacionaes da mesma cidade. A perda dos Paraguaios foi de 2.500 homens, dentre 7.000 que tomaram parte na acção sob o commando do general Díaz. O general Aquino, ferido neste combate, falleceu trez dias depois.

1868.—*Reconhecimento de Humaitá pelo exército alliado, sob o commando do marechal Caxias.* O 3° corpo brasileiro (general Osorio) reconheceu a esquerda das linhas inimigas, o 2° corpo (general Argollo) a direita, e os Argentinos (general Gelly y Obes) o centro. Osorio chegou até á contra-escarpa do fosso de Humaitá e teve, principalmente na retirada, 1.010 mortos e feridos; Argollo teve 12; e Gelly Obes, 1 só ferido. A esquadra brasileira do almirante Inhaúma bombardeou as baterias paraguaias e teve 9 mortos e feridos. Total da nossa perda nesse dia: 1.031 homens fóra de combate. Os Paraguaios eram commandados pelo coronel Martínez e tiveram 300 mortos e feridos. Oito dias depois, abandonava Martínez as fortificações de Humaitá.

— Sóbe ao poder o partido conservador, com o Gabinete presidido pelo visconde de Itaborahí. Este Ministerio succedeu ao de 3 de Agosto de 1866 e governou até 29 de Septembro de 1870.

1884.—Fallecimento do conselheiro Pedro Luiz Pereira de Sousa, nascido em Araruama (Rio de Janeiro) a 13 de Dezembro de 1839.

17 DE JULHO

1661.—Os Jesuitas, e entre elles o célebre padre Antonio Vieira, são presos e expulsos do Pará pelo povo amotinado. A impopularidade desses religiosos no Pará e Maranhão, como no Rio de Janeiro e S. Paulo, provinha da sua opposição á escravização dos Indios.

1823.— O Gabinete de Joaquim José Carneiro de Campos, depois marquez de Caravellas, succede ao de José Bonifacio.

1867.— Reconhecimento do Passo de Candelaria, no Paraná, pelo general Portinho. A nossa artilharia obriga a do general Núnez a abandonar essa posição.

18 DE JULHO

1630.— Os Hollandezes, após 3 horas de combate, são repellidos em Salinas, nas cercanias do Recife, pelo general Mathias de Albuquerque (Nas « Memorias Diarias » este combate tem a data de 11 de Julho).

1697.— Morre no collegio dos Jesuitas da Bahia o padre Antonio Vieira.

1825.— O commandante de guerrilhas, Llerena, Oriental ao serviço do Brasil, repelle nos arredores de Montevidéo um assalto nocturno dirigido por Manuel Oribe. Ficou prisioneiro o capitão inimigo Manuel Lavalleja.

1840.— O major Ernesto Emiliano de Medeiros destroça no Carnahubal o caudilho Raimundo Gomes, o qual foge quasi sem sequito, perdendo a bandeira.

1841.— Sagração e coroação do imperador d. Pedro II, que a 23 de Julho do anno anterior fôra proclamado maior e assumira as rédeas do Govêrno.

1847.— Fallece no districto de Pedras-Brancas (Rio Grande do Sul) o general Bento Gonçalves da Silva (nascido no Triumpho a 23 de Septembro de 1788), chefe da insurreição riograndense de 1835 a 1845.

1850.— Fallece no Rio de Janeiro o chefe de divisão Pedro Antonio Nunes.

1866.— *Ataque do Potrero-Sauce.*— Pela manhã a divisão brasileira do general Victorino Monteiro e a brigada argentina do coronel Cesario Domínguez apoderam-se da trincheira Carapá (veja 16 de Julho), e, reforçadas pelas tropas orientaes do general Flores, que toma a direcção do combate, atacam as trincheiras do Potrero-Sauce, defendidas pelo general paraguaio Díaz. Victorino Monteiro é ferido e entrega ao general Guilherme de Sousa o commando das fôrças brasileiras; o general Emilio Mitre reune-se aos combatentes com alguns batalhões argentinos, e, pelo lado do Potrero-Pires, o general José Luiz de Menna Barreto apoia o ataque em que Flores se empenhara; mas não foi possivel desalojar do Potrero-Sauce o inimigo, que recebera grandes reforços. Os Brasileiros tiveram 1.723 mortos e feridos; os Argentinos, 688; e os Orientaes, 250. Os batalhões que maior perda suffreram foram

o 3° (Bahia) e o 7° de voluntarios (S. Paulo). O 3° de voluntarios teve 302 mortos e feridos, e 178 o 7°.

1868.— *Combate de Acaiuasa, no Chaco*.— O coronel Martinez de Hoz, encarregado de reconhecer o reducto Corá, partiu de Andaí com o batalhão argentino Rioja (tenente-coronel Gaspar Campos) e os brasileiros 3° e 8° de linha (tenentes-coroneis A. P. de Oliveira e A. J. Bacellar). Chegando a duas pontes que havia no caminho do reducto, deixou ahi os Brasileiros e adeantou-se com o batalhão argentino. Um pouco além, no logar denominado Acaiuasa, foi este assaltado pelo general Caballero, ficando logo prisioneiros o coronel Martínez de Hoz e o tenente-coronel Campos. Os Argentinos dispersaram-se completamente, e, perseguidos pelo inimigo, foram caïr entre os 3° e 8°, que, entretanto, sustentaram o combate até á chegada do general Rivas com o batalhão 14° de linha, tambem brasileiro, commandado pelo major J. J. de Magalhães. Estes 3 corpos (1.200 homens) conseguiram repellir os Paraguaios. Tiveram os Brasileiros 67 mortos, 221 feridos e 2 extraviados; e os Argentinos, 65 mortos, 15 feridos e 35 prisioneiros. A perda dos Paraguaios foi de 260 mortos e prisioneiros, além dos feridos.

1875.— Fallece no Rio de Janeiro o tenente-general conde de Porto-Alegre (Manuel Marques de Sousa), um dos mais illustres guerreiros que ha tido o Brasil. No comêço da revolução do Rio Grande do Sul, em 1835, elle era major e contava 9 annos de campanha nas guerras contra os nossos vizinhos do Rio da Prata. Durante a guerra civil, só terminada em 1845, seu nome brilhou, como os de Abreu, Andrade Neves, Menna Barreto e Osorio, entre os dos mais intrepidos defensores da unidade nacional. Depois, sendo já general, fez a campanha de 1851 e 1852 no Uruguái e Buenos-Aires, commandou o centro do exército alliado na batalha de Monte-Caseros, e de 1865 a 1868 foi o glorioso commandante do 2° corpo do exército brasileiro na guerra contra o dictador do Paraguái, renunciando todos os vencimentos a que havia direito. A' frente dêsse exército, dirigiu o assédio de Uruguaiana até á rendição dos Paraguaios (18 de Septembro de 1865), tomou de assalto as trincheiras de Curuzú (2 de Septembro de 1866), soffreu dias depois, ás ordens do presidente Mitre, um duro revés no ataque de Curupaití (22 de Septembro), repelliu o inimigo no Estado-Rojas (24 de Septembro de 1867), repelliu o inimigo gunda batalha de Tuiuti (3 de Novembro de 1867). O conde de Porto-Alegre, nascido no Rio Grande do Sul a 13 de Junho de 1805, era filho do brigadeiro Manuel Marques de Sousa e neto do tenente-coronel do mesmo nome, ambos distinctos nas guerras do Rio da Prata.

19 DE JULHO

1617.—Começa o govêrno de Ruy Vaz Pinto na capitania do Rio de Janeiro. Alguns chronistas attribuem erradamente a este governador a introducção dos primeiros escravos africanos. Segundo o padre Anchieta, já em 1585 havia 100 escravos de Guiné na cidade do Rio de Janeiro e seus arredores. O primeiro contracto para a introducção de Africanos foi assignado em 1583 entre o governador Salvador Corrêia de Sá e João Gutiérrez Valerio.

1635.—Capitulação dos Hollandezes em Porto Calvo. O assédio, dirigido pelo general Mathias de Albuquerque, começara na noite de 12 de Julho. Os prisioneiros, em numero de 420, incluindo o seu commandante Alexandre Picard, foram embarcar na Bahia para a Hollanda. Calabar, excluido da capitulação, foi executado no dia 22.

1852.—Fallecimento do general Feliciano Antonio Falcão, distincto na defesa da legalidade durante o periodo das nossas guerras civis. Nasceu em S. Luiz do Maranhão a 31 de Maio de 1810 (veja biographia no « Pantheon Maranhense »).

1874.—O coronel Genuino de Sampaio ataca e toma (veja 25 de Junho) a casa em que estavam entrincheirados os fanaticos *muckers*. Tivemos 33 homens fóra de combate (veja a « Ephemeride » de 20).

1880.—Fallecimento de Eduardo José Nogueira Angelim, um dos caudilhos da insurreição paraense, denominada — Guerra dos *Cabanos*. Nascera em Aracatí a 6 de Julho de 1813.

20 DE JULHO

1646.—Um corpo de Hollandezes é batido no engenho de Marcos André, junto do Capiberibe, pelos capitães Francisco Berenguer, Antonio Borges de Uchôa e Francisco Lisbôa. Rafael de Jesús enganou-se, dizendo que este combate foi ferido no posto dos Marcos (canal de Itamaracá).

1697.—Fallecimento de Bernardo Vieira Ravasco na cidade da Bahia, onde nascera em 1617.

1711.—Os sitiados do Recife atacam o presidio de Sancto Amarinho, dos Olindenses, e são repellidos, ficando entretanto morto o commandante desse posto, Manuel Nunes (Guerra dos *Mascates*).

1777.—Estevam Ribeiro de Resende, depois marquez de Valença, nasce em S. João del Rey.

1800.— Nascimento, em Porto-Alegre, de José de Araujo Ribeiro, depois visconde do Rio-Grande.

1818.— Bento Gonçalves da Silva, então capitão de guerrilhas, surprehende e destroça o commandante Francisco Antonio Delgado, em Las-Canas (Banda Oriental), aprisionando este chefe e varios officiaes e soldados. No mesmo dia repelle e persegue o commandante Tomás Latorre, que com outra fôrça oriental e os dispersos pretendera libertar Delgado.

1836.— *Segundo assalto de Porto-Alegre pelos revolucionarios do Rio Grande do Sul.*— São repellidos pelo general Chagas Sanctos e perseguidos até Moïnhos de Vento, onde tentam levantar trincheiras, que foram tomadas e destruidas. No dia 24 chega Bento Manuel Ribeiro em soccôrro dos defensores da cidade.

1838.— Nascimento de Joaquim Serra, no Maranhão.

1842.— O coronel Mariano Joaquim de Avila, da Guarda-Nacional, repelle em Araxá um ataque dos insurgentes de Minas-Geraes.

1847.— Decreto creando a presidencia do Conselho de Ministros. Até então os organizadores de ministerios não tinham titulo algum, que os distinguisse dos seus collegas.

1869.— O general Portinho chega ao Passo-Xará, do Tebicuarí, e reconhece as fôrças da divisão paraguaia do coronel Vernal (veja 21 de Julho).

1874.— Os *muckers*, derrotados na vespera, emboscam-se e fazem algum fogo contra o acampamento das fôrças do Govêrno. E' morto no tiroteio o coronel Genuino de Sampaio, commandante dessas fôrças.

21 DE JULHO

1549.— Fallecimento de Martim Affonso de Sousa, capitão-mór da esquadra portugueza no Brasil desde 1531 até 1533 e fundador da capitania de S. Vicente (1532), depois chamada S. Paulo. Na India, para onde partiu em 1534, obteve várias victorias, sendo a principio capitão-mór do mar e depois governador das possessões portuguezas (1541-1546). Falleceu em Lisbôa e foi sepultado no convento de S. Francisco (Sousa, «Hist. Gen.», XII, p. 2ª, pag. 1.106).

1759.— Carta régia ordenando a expulsão dos Jesuitas do Brasil. A lei de 3 de Septembro do mesmo anno aboliu em Portugal e seus dominios a Companhia de Jesús.

1800.— Nascimento de Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba. Nasceu em Itaipú, perto da actual cidade de Niterói.

1821.— Attentado contra a vida do general Luiz do Rego Barreto, governador de Pernambuco. O general recebeu varios ferimentos.

1839.— Os revolucionarios do Rio Grande do Sul apresentam-se no lado meridional da barra da Laguna e são desalojados, após curto combate, pela escuna *Itaparica* e pelo lanchão *Lagunense*.

1852 — Morre em S. Luiz do Maranhão o naturalista Antonio Correia de Lacerda, nascido em Portugal.

1868.— Os encouraçados *Cabral* (commandante Alves Nogueira) e *Silvado* (Gracindo de Sá), este último levando o pequeno monitor *Piauhi* (Ed. Wandenkolk) atracado ao seu costado de bombordo, forçam pela madrugada a passagem de Humaitá, indo incorporar-se á divisão que desde 19 de Fevereiro estava rio acima. Os encouraçados *Brasil, Lima Barros, Mariz e Barros, Herval* e *Colombo,* dirigidos pelo chefe do estado-maior Alvim, bombardearam as baterias de Humaitá, protegendo assim a passagem. Os 3 navios foram tocados por poucas balas e quasi nenhuma avaria tiveram.

1869.— O general Portinho, avançando do Passo-Xará (veja 20 de Julho), derrota em Bare-Cuê a divisão do commandante Vernal. A nossa perda foi de 67 mortos e feridos; a dos Paraguaios, de 140 mortos e prisioneiros, além de muitos feridos.

22 DE JULHO

1621.— Carta régia creando officiaes do Tribunal da Inquisição no Brasil, citada por J. de Vasconcellos nas suas «Datas Celebres».

1635.— Execução de Domingos Fernandes Calabar em Porto-Calvo, por sentença do conselho de guerra (veja 19 de Julho). Este traidor, que desertara para o inimigo a 20 de Abril de 1633, tinha o posto de major do exército hollandez quando foi aprisionado. Era natural de Porto-Calvo (veja 26 de Julho).

1711.— Combate da Barreta, em que os Olindenses, sob o commando do capitão-mór Pedro Corrêia Barreto, repellem um desembarque dos sitiados do Recife.

1729.— D. Lourenço de Almeida, governador da capitania de Minas Geraes, expede para Lisbôa alguns diamantes brutos.

Duas outras remessas haviam sido feitas nas frotas de 1727 e 1728; mas o governador ainda em 1729 não tinha certeza de que fossem diamantes, pois em portaria desta data diz: « Porquanto tenho noticia de que em varios rios e ribeiros da comarca do Serro do Frio têm apparecido e vão apparecendo umas pedrinhas brancas, que se entendem são diamantes...» Essas pedras eram empregadas como tentos de jogo pelos mineiros de Tijuco, hoje Diamantina. Outros attribuem essa verificação a Bernardo da Fonseca Lobo.

1823.— Morre em Ubatuba o dr. Francisco de Mello Franco, auctor do poema heroi-comico « O Reino da estupidez » e de alguns trabalhos sôbre Hygiene. Nascera em Paracatú a 17 de Septembro de 1757.

1839.— O lanchão *Imperial Catharinense*, commandante José de Jesús, descendo o rio Tubarão, é atacado pelos revolucionarios riograndenses, no poncto denominado Carniça. O commandante resiste e, exgottadas as munições, queima a embarcação. O lanchão *Lagunense*, que subia o mesmo rio, foi tomado pelo *Seival*, em que estavam Garibaldi e Griggs. Recebendo estas noticias e sabendo que os revolucionarios dispunham de grandes fôrças, o coronel Villas-Bôas (Vicente Paulo de Oliveira) ordenou que os outros navios da esquadrilha imperial saïssem barra fóra, e resolveu evacuar a villa da Laguna durante a noite. A escuna *Cometa* conseguiu saïr; mas os outros navios, que eram a escuna *Itaparica* e o lanchão *Sancta-Anna*, encalharam e assim foram atacados pelo inimigo, rendendo-se na manhã do dia seguinte.

1840.— Desde o principio deste anno, com o fim de pôr termo á regencia de Araujo Lima, depois marquez de Olinda, a opposição liberal levantara a questão da declaração da maioridade do imperador d. Pedro II, que apenas contava 15 annos. No Senado, Hollanda Cavalcanti, depois visconde de Albuquerque, apresentou nesse sentido um projecto, que caïu no dia 20 de Maio. Nas sessões de 20 e 21 de Julho os deputados Limpo de Abreu, depois visconde de Abaeté, Manuel Antonio Galvão e Antonio Carlos de Andrada renovaram a questão. Carneiro Leão, depois marquez de Paraná, *leader* da maioria conservadora, combateu o projecto por inconstitucional. Elegeu-se, entretanto, uma commissão especial para dar parecer. No dia 22, o regente completou o Gabinete com a nomeação de Bernardo de Vasconcellos para a pasta do Imperio, e resolveu, por proposta dos ministros, adiar a reunião das Camaras. A leitura do decreto de adiamento deu logar a protestos da opposição e produziu grande agitação na cidade. A convite de Antonio Carlos, muitos deputados, seguidos pelo povo, dirigiram-se ao paço do Senado, e ahi se reuniram aos senadores,

sob a presidencia do marquez de Paranaguá (Villela Barbosa). Uma deputação foi enviada ao joven imperador, para pedir-lhe que entrasse logo no exercicio das suas attribuições. O regente e os ministros estavam com o imperador, quando a deputação chegou, e, á vista do pronunciamento de tantos representantes da nação e das manifestações populares, ficou resolvida a convocação da Assembléa geral para o dia seguinte. De accôrdo com essa decisão, redigiu-se logo um decreto, assignado pelo regente e referendado pelo ministro Vasconcellos, que depois desse acto resignou o seu cargo. Os outros membros do Gabinete continuaram a despachar o expediente até ao dia 24, em que foram lavrados os decretos de nomeação dos novos ministros. A expressão — « Gabinete das nove horas », — que se lê em alguns escriptores, é impropria, porque só Vasconcellos é que foi ministro apenas nove horas. Os seus collegas governavam desde 18 e 23 de Maio.

1851. — Morrem, no Recife, o coronel reformado José de Barros Falcão de Lacerda, e no Rio de Janeiro o professor da Academia de Bellas-Artes, Zephyrino Ferrez. Ao coronel Barros Falcão foi devida principalmente a victoria de Pirajá (8 de Novembro de 1822), na guerra da Independencia. Zephyrino Ferrez, que veiu para o Rio de Janeiro a chamado de d. João VI, com outros artistas francezes, foi um dos fundadores da Academia de Bellas-Artes e o introductor da gravura de medalhas no Brasil.

1867. — Começa a marcha do flanco, de Tuiuti para Tuiú-Cuê, realizada pelo marechal Caxias com o fim de interceptar, ou antes de difficultar as communicações entre as posições occupadas pelo dictador Solano López e o interior do Paraguái. O exercito alliado não era bastante numeroso para investir completamente as extensas linhas do inimigo, dentro das quaes acampavam 30.000 homens. Caxias marchou com 28.521 Brasileiros (3° e 1° corpos de exército dos generaes Osorio e Argollo), 6.016 Argentinos (segundo o mappa que apresentou o seu general Gelly y Obes) e 600 Orientaes (general Enrique Castro). Os Brasileiros levaram 48 canhões; os Argentinos, 13; e os Orientaes, 8. Em Tuiutí e Passo da Patria ficou o general Porto-Alegre, com 10.331 Brasileiros (2° corpo de exército) e 72 canhões, e 700 homens do exército argentino (incluindo a legião uruguaia) e 12 boccas de fogo. No Chaco tinhamos 1.098 homens do exército brasileiro, dirigido, por Gurjão, além dos fuzileiros navaes e imperiaes marinheiros. No Aguapehí estava a divisão brasileira do general Portinho (2.500 homens). Em Corrientes havia ainda uma fôrça brasileira, guardando os depositos e hospitaes. O numero de empregados e doentes, não comprehendidos nos algarismos acima, subia a

14.695. Além dessas fôrças, que formavam o exército alliado em operações no Sul do Paraguái, tinhamos a esquadra e, ao Norte, as fôrças que defendiam Mato-Grosso.

23 DE JULHO

1635.— Destruidas as fortificações de Porto-Calvo, o general Mathias de Albuquerque prosegue em sua marcha para Sancta Luzia do Norte, na lagôa Mondaí tambem chamada então Alagôa do Norte. Desta e da Alagôa do Sul ou Paraigera (depois lagôa Manguaba) veiu o nome de Alagôas, dado á região que naquelle tempo formava a parte meridional da capitania de Pernambuco. Duarte Coelho de Albuquerque, escrevendo em hispanhol as suas «Memorias Diarias», traduziu essas denominações, dizendo sempre «Laguna del Norte» e «Laguna del Sud». Na versão portugueza dessa obra (versão muito descuidada e por vezes infiel), foi mantida a denominação hispanhola, e dahi o engano de alguns escriptores modernos, acreditando que no seculo XVII o territorio de Alagôas tinha o nome de «Lagunas». Mathias de Albuquerque chegou a Sancta-Luzia no dia 29 de Julho.

1811.— O general Manuel Marques de Sousa (o primeiro dêsse nome), commandando a vanguarda do exército de d. Diogo de Sousa, entra em Serro-Largo.

1819.— O commandante da esquadrilha do Uruguái, Jacintho Roque de Senna Pereira, com 4 lanchas, põe em fuga as da provincia de Sancta-Fé e entra no Gualeguaychú, onde toma um lanchão e queima outro que alli estava sendo construido por ordem de Ramírez. Na descida do rio, foi hostilizado pelos Entrerianos e respondeu ao fogo que estes faziam. Senna Pereira e 3 soldados foram feridos.

1835.— Anarchistas do Pará (*cabanos*), em numero de 800 e dirigidos pelo ex-sargento Portilho, de municipaes, atacam e tomam a villa de Vigia, apesar da heroica resistencia da Guarda Nacional e dos habitantes, sob o commando do tenente-coronel Raimundo Antonio de Sousa Alvares. Este commandante, 1 major, 3 capitães, 1 alferes e mais de 70 Guardas-Nacionaes, foram mortos. Os rebeldes assassinaram depois quantos habitantes puderam alcançar, e saquearam a villa.

1839.— Os republicanos do Rio Grande do Sul, dirigidos por Joaquim Teixeira Nunes, occupam a villa da Laguna, evacuada na noite anterior pelas fôrças do Govêrno. A escuna *Itaparica* e o lanchão *Sancta-Anna*, que haviam encalhado na vespera, renderam-se a Garibaldi. Alguns navios mercantes

ficaram em poder dos vencedores. Só no dia 15 de Novembro foi restaurada a auctoridade legal na Laguna, com a victoria naval alcançada por Mariath sôbre Garibaldi.

1840.— A's 10 ½ da manhã, reunida a assembléa geral no paço do Senado, o presidente, marquez de Paranaguá (Villela Barbosa), em nome da representação nacional, proclama a maioridade do imperador d. Pedro II. A's 3 ½ da tarde, comparece o joven imperador e presta o juramento prescripto pelo art. 103 da Constituição do Imperio. Seja dicto de passagem que esta revolução parlamentar de 22 de Julho foi a unica revolução que houve no Rio de Janeiro em 1840. Não se conhece outra.

1870.— Morre no Rio de Janeiro o senador Francisco José Furtado, nascido em Oeiras a 13 de Agosto de 1818. Foi presidente do Conselho de Ministros desde 31 de Agosto de 1864 até 12 de Maio de 1865. Durante o seu Ministerio, ficou terminada, pela convenção de 20 de Fevereiro de 1865, a nossa campanha no Estado Oriental, e deram-se, em Novembro e Dezembro de 1864, os primeiros insultos e aggressões do dictador do Paraguái contra o Brasil. Um decreto do Ministerio Furtado determinou a creação de batalhões de voluntarios da patria, e foi com esses corpos de voluntarios e a Guarda Nacional que o Brasil poude completar os seus exércitos em operações. A fôrça de linha não passava de uns 14.000 homens, quando principiou a guerra.

24 DE JULHO

1645.— Edital de João Fernandes Vieira, «primeiro acclamador da liberdade e governador das armas na restauração e restituição de Pernambuco a seu legitimo senhor», declarando que os que não assentassem praça dentro de quatro dias seriam tidos por inimigos da patria e assegurando que os extrangeiros e judeus, que procurassem o amparo das armas libertadoras, encontrariam todo o favor e defesa, e, si preferissem, teriam livre passagem para outras provincias. Segundo Rafael de Jesús, este edital tinha a data de 24 de Julho, geralmente acceita até aqui; mas, segundo Sanctiago (e parece mais natural), a 24 de Junho.

1840.— Fica organizado neste dia o Ministerio chamado da Maioridade. Pertencia ao partido liberal e governou até 23 de Março do anno seguinte, data em que voltou ao poder o partido conservador. O Gabinete ficou constituido com os dous ermãos Andradas (Antonio Carlos e Martim Francisco), Limpo de Abreu (depois visconde de Abaeté), Aureliano Cou-

tinho (depois visconde de Sepetiba), e os ermãos Hollanda Cavalcanti (Antonio, depois visconde de Albuquerque, e Francisco de Paula). Os 4 primeiros eram deputados; e os dous últimos, senadores.

1868.— O chefe de divisão barão da Passagem sóbe o rio Paraguái com os encouraçados *Bahia, Silvado* e *Alagôas,* e força as baterias de Isla-Fortin. O *Barroso, Rio Grande* e *Piauhí,* fundeados rio abaixo, bombardeiam as baterias inimigas e o acampamento de S. Fernando. Commandava em Isla-Fortín o tenente-coronel Thompson. Durante o dia as baterias de Humaitá fazem muito fogo sôbre a esquadra brasileira e os acampamentos dos alliados. A' noite a guarnição, commandada pelo coronel Martínez, começa a passar para a ponta Acaunguazú, no Chaco.

25 DE JULHO

1633.— Escaramuças entre tropas de Pernambuco, dirigidas pelos capitães Antonio André, Estevam de Tavora e Manuel Antonio Corrêia, e uma columna hollandeza que, saïndo do forte de Afogados, foi reconhecer um dos caminhos do arraial de Bom-Jesús.

1773.— O governador do Rio Grande do Sul, Manuel Jorge Gomes de Sepulveda (com o peseudonymo de José Marcellino de Figueiredo, (veja 31 de Maio de 1767), em officio desta data pediu ao vice-rei marquez de Lavradio a transferencia da séde do govêrno, que era em Viamão, para o Porto dos Casaes. Neste mesmo dia deu Sepulveda, pela primeira vez, o nome de Porto-Alegre ao Porto dos Casaes. O vice-rei auctorizou a mudança da capital, em carta de 6 de Septembro (Homem de Mello, «Ind. Chron.»).

1824.— Chega a Feitoria, depois S. Leopoldo (Rio Grande do Sul), a primeira expedição de colonos allemães. Fernandes Pinheiro (mais conhecido pelo titulo de visconde de S. Leopoldo, que recebeu dous annos depois) era o presidente da provincia.

— A corveta *Maria da Gloria,* commandante Theodoro de Beaurepaire, captura no Porto de Pedras o brigue *Constituição ou Morte* e a escuna *Maria da Gloria,* pertencentes aos revolucionarios de Pernambuco. O commandante do brigue era o Maltez João Metrovitch e o immediato o Portuguez Guilherme Ratcliff. A escuna era commandada pelo pernambucano Joaquim da Silva Loureiro.

1836.— Morre na cidade da Bahia o conselheiro dr. José Lino Coutinho, nascido na mesma cidade a 31 de Março de

1784. Foi dos mais distinctos oradores nas Côrtes Constituintes de Lisbôa em 1822, e na nossa Camara dos Deputados a partir de 1826. Membro procminente da opposição durante o reinado de Pedro I, pertencia ao partido liberal moderado e foi ministro do Imperio, desde 16 de Julho de 1831 até 3 de Janeiro de 1832.

1839.— Proclamação da Republica Catharinense na villa da Laguna. O Govêrno, que então alli crearam as fôrças revolucionarias do Rio Grande do Sul, dissolveu-se a 15 de Novembro do mesmo anno, com a retirada dessas fôrças.

1842.— Vencida a rebellião dos liberaes na provincia de S. Paulo, o general Caxias parte de Silveiras para Minas-Geraes, e assume no dia 30 o commando em chefe das fôrças em operações nesta ultima provincia.

1868.— Na manhã deste dia, a guarnição de Humaitá, commandada pelo coronel Martínez, tinha terminado a passagem para a ponta Acaunguazú, no Chaco. Ficaram em Humaitá alguns piquetes e 2 bandeiras arvoradas, para que os sitiantes não suspeitassem que a praça estava deserta. A primeira fôrça alliada que entrou em Humaitá foi a 5ª divisão de cavallaria brasileira, commandada pelo coronel Camara (depois marechal e visconde de Pelotas). A's 4 ½ da tarde, fez a sua entrada o marechal Caxias. As divisões dos generaes Machado Bittencourt e Rivas, que se achavam no Chaco, receberam o refôrço de varios batalhões brasileiros, e a esquadra começou a metralhar o inimigo (veja as « Ephemerides » dos dias seguintes até 5 de Agosto).

1876.— Morre em S. Luiz do Maranhão o jornalista e poeta Gentil Homem de Almeida Braga, nascido na mesma cidade a 25 de Março de 1835.

25 DE JULHO

1612.— A expedição franceza, dirigida por Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière, chega á ilha Upaonmiri, tendo partido de Cancale a 19 de Março. A essa pequena ilha deram os Francezes o nome de Sancta-Anna, que ainda hoje conserva. No dia 6 de Agosto a expedição foi desembarcar na ilha do Maranhão.

1635.— Sigismundt van Schkoppe entra em Porto-Calvo, 7 dias depois de haver capitulado a guarnição hollandeza, e 4 depois da retirada de Mathias de Albuquerque. Manda immediatamente reunir os restos mutilados de Domingos Fernandes Calabar, e sepulta-os na egreja da povoação, prestando

ao morto honras fenebres superiores ás que tinha direito como major.

1645.—Chega a Quicombo (Angola) a expedição do Rio de Janeiro, commandada por Francisco Souto Maior, e vae desembarcar em Cabo-Ledo, onde levanta 2 reductos. Por ordem sua, marcha para o interior Gaspar Borges de Madureira, e ganha uma victoria sôbre os pretos da rainha Ginga, auxiliados pelos Hollandezes. Souto Maior enfermou e morreu em Maio de 1646.

1733.—O general Gomes Freire de Andrada, depois conde de Bobadella, toma posse do cargo de governador e capitão-general da capitania do Rio de Janeiro, e exerce-o até 1° de Janeiro de 1763, dia em que falleceu. O seu govêrno durou, portanto, mais de 29 annos. A capitania de Minas-Geraes ficou sujeita á sua jurisdicção desde 25 de Março de 1735, e a de S. Paulo desde 1° de Dezembro de 1737 até 12 de Fevereiro de 1739, e de Agosto de 1748 em deante Gomes Freire de Andrada governou assim a maior parte do Brasil, isto é, o Rio de Janeiro, Minas, Goiaz, S. Paulo, Mato-Grosso, Sancta Catharina, o Rio Grande do Sul e a Colonia do Sacramento. Por ordem sua foram fundados pelo general Paes os primeiros estabelecimentos portuguezes ao Sul do Rio Grande. Annos depois commandou naquellas partes o exército brasileiro durante a campanha contra os Guaranís das Missões, e a partir de 10 de Abril de 1762 foi vice-rei do Brasil, com residencia no Rio de Janeiro. Seu govêrno foi dos mais brilhantes que teve o Brasil portuguez.

1823.—Apresenta-se na barra do Maranhão, com a náo *D. Pedro* I, o almirante lord Cochrane, e aprisiona o brigue *D. Miguel*, que fôra ao seu encontro, suppondo ser essa náo a *D. João* VI. No mesmo dia o almirante expede uma proclamação aos habitantes e um officio á Juncta de Govêrno da capital, annunciando-lhe que a esquadra brasileira ia chegar com tropas de desembarque e convidando os membros da Juncta a reconhecer a independencia do Brasil.

1842.—O brigadeiro Manuel Alves de Toledo Ribas, atacado em Queluz pelos revolucionarios de Minas sob o commando de Antonio Nunes Galvão e Francisco José da Silva Alvarenga, defende-se durante o dia e abandona á noite essa posição.

1868.—As tropas paraguaias saïdas de Humaitá, entrincheiram-se em Isla-Poí, lingua de terra, coberta de denso bosque e cortada de esteiros, entre a ponta de Acaunguazú, defronte de Humaitá, e a lagôa Verá. Na manhã de 26 co-

meçaram os combates e abordagens com as canôas paraguaias, tendo sido lançados ahi os primeiros escaléres da esquadra. O numero dessas embarcações nunca chegou a 60, como disse Thompson. A flotilha da lagôa compunha-se de 2 lanchas e 4 escaléres, guarnecidos por marinheiros, e 25 canôas e 2 pontões, tripolados por destacamentos de infantaria. Os Argentinos guarneceram 5 dessas canôas, fazendo o serviço desde Porto-Bethel até ao centro da linha occupada pelos escaléres e lanchas da marinha; dahi á margem septentrional, seguia-se a linha de canôas guarnecidas pelo exército brasileiro. Commandava os escaléres e canôas dos Brasileiros o capitão-tenente Stepple, e as 5 canôas argentinas o major Ignacio Bueno. A nossa perda nesses combates de canôas (até á rendição do inimigo) foi de 37 officiaes e marinheiros e 40 officiaes e soldados (77 homens), mortos e feridos; a dos Argentinos, segundo os officios diarios que o general Rivas mandava ao marechal Caxias, foi de 19 mortos e feridos, embora annos depois um phantasioso mappa official, organizado em Buenos-Aires, attribuisse aos nossos alliados a seguinte perda: — «Combates en las lagunas del Chaco, 1868: — Muertos: Generales 2, Gefes 2, Oficiales 27. Tropa 278; Total 309; — Heridos: Gefes 3, Oficiales 16, Tropa 58; Total 77». Além dos combates nas aguas da lagôa, houve constante tiroteio em terra e um ataque no dia 28. As fôrças alliadas, que cercavam o inimigo em Isla-Poí, eram formadas por 8.000 Brasileiros (batalhões 1°, 3°, 5°, 7°, 8°, 10°, 14° e 16° de linha, 27°, 29°, 50°, 53°, e 55° de voluntarios, várias baterias de artilharia e contingentes de sapadores) e 1.800 Argentinos, commandados pelo general Rivas. O general Jacintho Machado Bittencourt commandava os Brasileiros. Os Paraguaios renderam-se no dia 5 de Agosto. De 25 de Julho até aquella data, os Brasileiros tiveram 590 homens fóra de combate; e os Argentinos, 23.

1874. — Combate entre voluntarios de S. Leopoldo (Rio Grande do Sul), dirigidos por João Daniel Collin, e os fanaticos *Muckers*, nas matas de Ferrabraz.

1879. — Fallecimento do senador visconde do Rio-Grande, José de Araujo Ribeiro, presidente da provincia do Rio Grande do Sul desde Dezembro de 1835 até Janeiro de 1837 (com interrupção de alguns dias em Julho de 1836) e por muito tempo ministro do Brasil na Inglaterra e em França. Foi Araujo Ribeiro quem organizou a reacção contra o movimento revolucionario de 1835, no Rio Grande do Sul. Deixou varios manuscriptos e um livro, que é documento da sua vasta erudição.

27 DE JULHO

1645.— Chega a Tamandaré a esquadrilha de Jeronymo Serrão de Paiva, conduzindo da Bahia os 2 terços dos mestres-de-campo André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno. Desembarcam no dia seguinte.

1736.— Combate no Rio da Prata, entre um patacho hispanhol vindo da Corunha e o bergantin portuguez *Palomita Real,* commandante Guilherme Kelly. No meio da acção chega outro bargantim da Colonia do Sacramento, commandado pelo alferes João Baptista Ferreira, do Rio de Janeiro, e toma por abordagem o navio hispanhol. O commandante dêste, capitão de fragata Juan Antonio de la Colina, ficou prisioneiro. Um incendio produzido no patacho hispanhol não poude ser extincto. Colina era um valente official e conquistou grande nome na marinha hispanhola, depois dêste revés.

1823.— Capitulação da Juncta de Govêrno do Maranhão. No mesmo dia lord Cochrane desembarca 200 marinheiros para manter a ordem na capital, e no dia seguinte tem logar a proclamação da independencia e do imperio. Cumpre notar que os unicos ponctos assim libertados por lord Cochrane foram a capital e Alcantara, e não a provincia inteira, como elle disse. Em Caxias resistiam ainda os Portuguezes, mas capitularam no dia 31 de Julho, antes de terem noticia (só chegou a 10 de Agosto) dos acontecimentos da capital. A guarnição portugueza de S. Luiz do Maranhão, composta de 500 homens, recebera no dia 15 um refôrço de 325, chegados da Bahia. Foram apresados 10 navios de guerra: o brigue *D. Manuel* (18 boccas de fogo), o brigue-escuna *Emilia* (8 boccas de fogo) e 8 canhoneiras. As outras prêsas foram 4 galeras, 2 brigues, 1 escuna e 3 sumacas, que se haviam separado da frota saïda da Bahia no dia 2 de Julho. Alguns dêsses navios levaram para Lisbôa a guarnição portugueza.

1824.— Sortida na Barra-Grande (Alagôas), dirigida pelo major Francisco José Martins, das tropas imperiaes. Os revolucionarios de Pernambuco, commandados pelo tenente-coronel José Antonio Ferreira, abandonam o seu acampamento e retiram-se para Pernambuco.

1868.— Continuam os combates na lagôa Verá e em torno de Isla-Poí (Chaco). Alguns encouraçados bambardeiam o Timbó.

28 DE JULHO

1637.— Carta régia, concedendo distincções honorificas aos capitães Francisco Rebello, Sebastião do Souto e Henrique

Dias, pela intrepidez com que se houveram na batalha de Comandaituba, a 18 de Fevereiro desse anno.

1645.— Desembarque de André Vidal de Negreiros e Martim Soares Moreno em Tamandaré, com os 2 terços do seu commando (veja 27 de Julho). No mesmo dia o coronel Hendrik van Haus marcha de Moribeca em busca de João Fernandes Vieira, que estava no engenho de Covas (veja 31 de Julho).

1767.— Parte de Araritaguaba, depois Porto-Feliz, em São Paulo, a expedição que foi fundar o forte dos Prazeres de Iguatemí.

1819.— Fallece no acampamento do general Curado, no Rincón de Aedo, o capitão de milicias Gabriel Ribeiro de Almeida, que, com Sanctos Pedroso e Borges do Canto, conquistou em 1801 o territorio das Missões de aquem-Uruguai. Era natural de Sorocaba e ermão de Bento Manuel Ribeiro.

1823.— Proclamação e juramento da independencia e do imperio, na cidade de S. Luiz do Maranhão.

1836.— Os rebeldes do Pará são repellidos atacando Cametá, neste e nos dias 29 e 31 de Julho. A alma da defesa foi o intrepido juiz de paz, padre Prudencio das Mercês Tavares.

1840.— Toma assento no Senado o conselheiro Miguel Calmon du Pin e Almeida, depois visconde e marquez de Abrantes.

1843.— Parte de Belém do Pará o pequeno vapor de guerra *Guapiassú*, commandado pelo capitão-tenente José Maria Nogueira, e dirige-se á Barra do Rio-Negro, depois Manáos, aonde chega no dia 6 de Agosto. A 19 de Septembro emprehendeu a sua viagem de regresso, e fundeou no Pará no dia 24. Este foi o primeiro vapor que sulcou as aguas do Amazonas. Em 1853 (veja 22 de Septembro) outro vapor, o *Marajó*, subiu da Barra do Rio-Negro até Nauta.

1868.— Continuam os combates na lagôa Verá e em Isla-Poí. O coronel Pedra, seguindo por um estreito desfiladeiro, atacou a mata em que estavam os Paraguaios em Isla-Poí. Avançaram com elle os batalhões 5° de linha e 50° e 55° de voluntarios, e soffreram grandes perdas, que nunca foram publicadas em ordem do dia. Por uma carta do almirante sabe-se que Pedra teve mais de 300 homens fóra de combate. Foi morto o tenente-coronel Antonio Carlos de Magalhães, do 5°, ermão do dr. Couto de Magalhães, e ficaram feridos o tenente-coronel Albuquerque Bello e o major Pedro Alves de Alencar.

1878.— Fallecimento do joven literato cearense Raimundo da Rocha Lima.

1884.—A Camara dos Deputados approva, por 59 votos contra 52, uma moção contrária ao projecto de abolição gradual, apresentado na sessão de 15 pelo conselheiro Rodolfo Dantas e apoiado pelo Ministerio. Votaram contra o Govêrno 42 conservadores, 16 liberaes e 1 republicano; e, a favor, 48 liberaes e 4 conservadores (veja 30 de Julho).

29 DE JULHO

1635.—O general Mathias de Albuquerque chega a Sancta Luzia do Norte (veja 23 de Julho) e reune-se ahi ao general Bagnuoli. Porto-Seguro enganou-se escrevendo « 29 de Agosto » em vez de « 29 de Julho ». Os dous generaes resolvem mudar o acampamento para a margem meridional da Alagôa do Sul, onde estava a povoação de Nossa Senhora da Conceição, logo depois villa da Magdalena e mais tarde cidade de Alagôas (veja 5 de Agosto de 1591), e chegam a esse poncto no dia 2 de Agosto. As avançadas ficaram no Rio-Doce, sendo ahi construida uma trincheira no logar denominado Poço.

1642.—Alvará de d. João IV, ordenando que os governadores do Rio de Janeiro não interviessem nas eleições da Camara, e excluindo desta os judeus e os mechanicos.

1800.—Uma divisão naval franceza, commandada pelo capitão Landolphe, tendo cruzado alguns dias perto da barra do Rio de Janeiro, fez algumas prêsas e seguiu nesta data para o Norte. Na altura de Porto-Seguro encontrou-se com a esquadra do commodore inglez Rowley Bulteel, e no combate renderam-se 2 fragatas francezas. Os prisioneiros foram entregues no Rio de Janeiro ao vice-rei conde de Resende. Refere o commandante Landolphe que foi bem tractado, porque era pedreiro-livre. Um dos filhos do vice-rei levou-o a uma festa maçonica. « Introduzido no recincto do templo (diz elle, em suas « Memorias »), ouvi com muito prazer o discurso do veneravel; mas o que me encheu de admiração foi ver nesse logar, entre os primeiros chefes militares e administradores da colonia, personagens revestidos das primeiras dignidades da Egreja ».

1819.—O capitão de guerrilhas Bento Gonçalves da Silva derrota, nos serros de Sancta-Anna, um destacamento de Correntinos, commandado por José López (López Chico), do exército do general Artigas. O inimigo teve 83 mortos e prisioneiros; e os nossos, apenas 10 mortos e feridos.

1822.—Combate no Funil (Bahia), em que são repellidas pelos atiradores brasileiros 3 canhoneiras das fôrças do

general Madeira. Esses navios conduziam o capitão Taborda, que não desembarcou, porque viu os nossos receberem reforços (dirigidos por Lima).

1826.— A's 11 horas da manhã o capitão de mar e guerra James Norton dá fundo nas Balisas Exteriores de Buenos-Aires, com 11 navios da 2ª divisão do seu commando e 4 da 3ª, commandada pelo capitão de fragata Senna Pereira. Eis os nomes dos navios, seus commandantes, e o número de boccas de fogo: fragata *Niterói* (chefe Norton, commandante Parker, 38); corvetas *Maria da Gloria* (Theodoro de Beaurepaire, 30); *Itaparica* (Eyre, 20), *Maceió* (J. I. Maia, 20), e *Liberal* (Barth. Hayden, 22), brigues *Caboclo* (Grenfell, 18), *29 de Agosto* (Rafael de Carvalho, 18), e *Pirajá* (Carter, 18), escunas *Conceição* (Thompson 4), *D. Paula* (Leocadio de Oliveira, 4), e *Itaparica* (Petra Bittencourt, 1), todos da 2ª divisão; barca-canhoneira escuna *Leal Paulistana* (chefe Senna Pereira, commandante Antonio Carlos Ferreira, 8); hiates *9 de Janeiro* (Germano Aranha, 2), *12 de Outubro* (Roberto Steel, 2); e *7 de Março* (F. de Paula Osorio, 3), estes 4 pertencentes á 3ª divisão. As escunas *Conceição* e *D. Paula* conservaram-se á véla, durante a noite, nas vizinhanças do canal que conduz para o ancoradouro dos Pozos. Soprava brisa fresca de N. E. e N. A's 10 ½ a *Conceição* deu signal da saïda do inimigo. Minutos depois, a fragata argentina *25 de Mayo* foi avistada a barlavento da *Niterói*, e trocou alguns tiros com esta, com o *Caboclo* e outros navios. Os Brasileiros, obedecendo aos signaes de Norton, largaram as amarras sôbre boia e velejaram com amuras a bombordo. Na altura da ponta de Lara, a *Niterói*, que ia em gáveas, atravessou a gata e fez signal de reunião. A escuridão não permittia descobrir os navios inimigos. Ao amanhecer foi que se poude empenhar o combate (veja 30 de Julho). O almirante argentino tinha saïdo dos Pozos com os navios seguintes: fragata *25 de Mayo* (almirante commandante Espora, 36 boccas de fogo), brigue-barca *Congreso* (Fisher, 18), brigues *Independencia* (Bathust, 22), *República* (Clark, 16), *Balcarce* (N. George, 14) e corsario *Oriental-Argentino* (P. Dautant, 13), escunas *Sarandí* (Pinedo, 8), *Rio* (Rosales, 1), e *Pepa* (Dandreys, 1), e 9 canhoneiras (9 boccas de fogo).

1832.— O coronel José Teixeira da Fonseca derrota, na villa de Sousa (Parahiba), um corpo de partidarios de Pinto Madeira.

1836.— Segundo ataque dos anarchistas do Pará contra Cametá (veja 28 de Julho).

1839.— Naufragio do cutter de guerra *Maruhí* na lagôa dos Patos. Entre outros passageiros pereceu o coronel José

Rodrigues Barbosa, um dos mais intrepidos commandantes de cavallaria que temos tido.

1846.— Nasce na cidade do Rio, de Janeiro a princeza d. Isabel, depois princeza imperial do Brasil e por trez vezes regente do Imperio. Durante as suas regencias, começou em 1871 e terminou em 1888 a reforma abolicionista no Brasil.

1848.— Fallecimento do coronel visconde de Pirajá, Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, commandante das fôrças brasileiras da Bahia, no começo da guerra da Independencia.

1868.— Continuam os combates na lagôa Verá e em Isla-Poí.

30 DE JULHO

1609.— Lei de Philippe III (II de Portugal) declarando «todos os gentios do Brasil livres, conforme o direito e seu nascimento natural, assim os que já forem baptizados como os que ainda viverem como gentio..., os quaes todos serão tractados e havidos por pessôas livres, como são...» (Coll. de Coimbra e de Andrade).

1778.— Evacuação da ilha de Sancta-Catharina pelos Hispanhóes, em cumprimento do disposto no tractado de Sancto-Ildefonso, de 1° de Outubro do anno anterior. O governador Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara, depois general e visconde de Mirandella, tomou posse da ilha, recebendo-a do general Vaugham.

1808.— Nascimento de Joaquim José Ignacio, que morreu vice-almirante e visconde de Inhaúma, tendo commandado a esquadra brasileira no Paraguái.

1826.— *Combate naval de Lara-Quilmes.*— Ao amanhecer estavam fundeados na altura da Ponta de Lara os seguintes navios brasileiros (veja «Ephemeride» do dia anterior): fragata *Niterói*, corvetas *Maria da Gloria*, *Itaparica* e *Maceió*, brigues *Caboclo*, *Pirajá* e *29 de Agosto* e escuna *Leal Paulistana*, e, a alguma distancia a Léste, a corveta *Liberal*, que logo velejou para incorporar-se á fôrça principal. Os outros navios demoravam a sotavento, alguns na distancia de casco alagado. Soprava pequena brisa do Norte, 8 navios argentinos estavam fundeados a barlavento, em linha quasi parallela á nossa: a fragata *25 de Mayo*, o brigue-barca *Congreso*, os brigues *Independencia*, *República*, *Balcarce* e *Oriental-Argentino*, e as escunas *Rio* e *Sarandí*. O brigue *Pirajá*, que ficava entre a nossa linha e a inimiga, rompeu o fogo. As duas esquadras puzeram-se em movimento quasi ao mesmo tempo:

a argentina virou em roda e orçou com amuras a estibordo; a brasileira virou por davante, e a *Niterói* e o *Caboclo*, que iam na frente, cortaram a linha inimiga, ganhando barlavento e approximando-se, até á distancia de tiro de pistola, da *25 de Mayo*. Esta metteu em cheio e os outros navios argentinos orçaram em retirada, fazendo todos fôrça de véla. O combate reduziu-se assim a uma activa perseguição. A *25 de Mayo*, separada da sua esquadra, foi atacada de barlavento pela *Niterói* e pelo *Caboclo*, e de sotavento pela *Maria da Gloria*. A *Leal Paulistana* accompanhou-a de perto, batendo-lhe a pôpa com o rodizio de prôa. O fogo de um dos brigues inimigos cortou no *Caboclo* o braço grande e fez-lhe atravessar a gávea, sendo então ferido o commandante Grenfell. Depois dêste acontecimento, o *Caboclo* atrazou-se. A's 10 ½ a fragata inimiga, quasi completamente desmantelada, arribou até ter o vento pela alheta. A *Niterói* arribou tambem, e nessa occasião tocou no fundo. A *Maria da Gloria* já tinha sido obrigada a virar por falta de agua. A *Liberal*, muito atrazada, não podia alcançar mais o inimigo. O *Pirajá* tambem manobrara mal e ficara distanciado. A corveta *Itaparica* tinha desarvorado o mastaréu do velacho, atacando os brigues inimigos que fugiam. Os outros navios brasileiro, que eram o *29 de Agosto*, a *Leal Paulistana* e a *Maceió* continuavam a caça, accompanhando os brigues e as escunas argentinas, de sorte que a *25 de Mayo* poude escapar, indo encalhar sôbre o banco de La Ciudad, onde foi protegida pelas suas canhoneiras e pelos fugitivos que se foram aos poucos reunindo. A's 11 horas Brown passou o seu pavilhão para o *República*, e Norton fez o signal de levantar a caça e reunir. Alguns dos navios inimigos foram encalhar no banco de Camarones. Tivemos neste combate 6 mortos e 24 feridos, entre estes o capitão de fragata Grenfell e o primeiro-tenente Rafael de Carvalho, commandantes do *Caboclo* e do *29 de Agosto*, e o segundo-tenente James Taylor, official da *Niterói*. A perda que os nossos adversarios tiveram no pessoal não é bem conhecida. Sabe-se apenas que foi muito grande a bordo da *25 de Mayo*. O *Correio Nacional*, de Buenos-Aires, disse no dia 1º de Agosto: «...por las relaciones particulares, parece que no excede de 30 muertos y 70 heridos». O *Mensagero Argentino* (3 de Agosto) e o *British Packet* (n. 1, de 4 de Agosto) reduziram a 48 os mortos e feridos; mas um anno depois, este último (n. 46, de 17 de Junho de 1827) dava outro algarismo, 55 mortos e feridos. A fragata *25 de Mayo* nunca mais poude servir. Quando entrou nos Pozos, rebocada pelas canhoneiras, as unicas vélas, que tinha, eram o traquete, o velacho e a rabeca.

1832.—Importante sessão na Camara dos Deputados, em que se discute o projecto apresentado nesse dia para que ella se convertesse em Assembléa Nacional e decretasse reformas constitucionaes. Feijó, irritado contra a opposição do Senado, aconselhou á Regencia e aos seus amigos politicos esse golpe de Estado. A maioria da Camara (partido liberal-moderado) acceitou em reunião secreta a proposta, e alguns dos seus membros promoveram manifestações aos juizes de paz, da Guarda Nacional e da officialidade do exército, creando assim na capital uma agitação que pudesse explicar o acto revolucionario. Mas, no momento da execução, o deputado Carneiro Leão (marquez de Paraná) teve a coragem de separar-se de seus amigos politicos, e o discurso que então proferiu modificou completamente a opinião da maioria. Suspensa a sessão, ás 9 horas da noite, foi no dia seguinte retirado o projecto. O Ministerio apresentou a sua demissão, e outro ficou organizado no dia 3 de Agosto.

1840.—Os rebeldes atacam na feitoria de S. Pedro, em Piracuruca, os legalistas, e são repellidos.

1842.—O general Caxias, que partira do Rio de Janeiro, reune-se no rio do Peixe, affluente do Parahibuna, á columna commandada pelo coronel Cid, e assume o commando do exército em operações na provincia de Minas-Geraes. D'ahi segue para S. João del Rey; mas informado, a meio caminho, de que o exército dos revolucionarios se dirigia para Ouro-Preto, fórça as marchas, passando por Barbacena, onde reune á sua columna a do coronel Leite Pacheco, e no dia 6 de Agosto entra na capital. Os revolucionarios, que já estavam nos arredores de Ouro-Preto, retiram-se na direcção de Sabará (veja 12 e 20 de Agosto).

1867.—Os Paraguaios abandonam a trincheira do Passo-Canôa, fazendo alguns tiros em retirada e lançando foguetes a Congrève.

1868.—Continuam combates e tiroteios na lagôa Verá e em Isla-Poí. A' noite houve abordagens mais animadas que as dos dias anteriores entre escaléres brasileiros e canôas paraguaias.

1884.—Neste dia o conselheiro M. P. de Sousa Dantas, presidente do Conselho de Ministros, annunciou á Camara dos Deputados que ella seria dissolvida, e pediu-lhe que apressasse a votação das leis annuas, para que o conflicto entre o Gabinete e o Parlamento (veja 28 de Julho) pudesse ser resolvido quanto antes pelo corpo eleitoral. Votada a lei do orçamento, foi dissolvida a Camara por decreto de 3 de Septembro. A eleição, a que se procedeu, não modificou sensi-

velmente a fôrça relativa dos partidos na Camara. A 4 de Maio de 1885 o Gabinete achou-se de novo em minoria. Votaram então contra o Govêrno 52 deputados (43 conservadores, 8 liberaes e 1 republicano) e a favor 50 (45 liberaes, 3 conservadores e 2 republicanos). O Ministerio retirou-se; mas as idéas, que elle defendera, ficaram victoriosas, sendo votada nessa mesma sessão a segunda lei de abolição, promulgada a 28 de Septembro de 1885.

31 DE JULHO

1615.— Tendo Jeronymo de Albuquerque annunciado a La Ravardière, commandante dos Francezes na ilha do Maranhão, que, em obediencia ás ordens recebidas, via-se obrigado a romper a tregua de 27 de Novembro de 1614, respondeu-lhe o chefe francez que evacuaria a ilha dentro de cinco mezes, e em penhor de sua fé entregou nesta data o forte de S. José de Itaparí.

1645.— O exército pernambucano, que acampava desde 9 de Julho no engenho de Covas, marcha para o monte das Tabocas, onde vae esperar o ataque do inimigo (veja 3 de Agosto). O visconde de Porto-Seguro diz, com razão, que este monte fica a pequena distancia da actual cidade de Victoria, primitivamente Sancto-Antão; mas, por inadvertencia, salta na transcripção algumas palavras que são decisivas. O que se lê em Moreau é isto: «retranchés sur la montagne Santantan, autrement la montagne Camarron» (pags. 71). Outras citações podem ser feitas: Nieuhoff, que tambem estava no Recife, e é melhor auctoridade que Moreau, falla egualmente no monte de Sancto-Antão («*berg Santantan*», pags. 154 da «Braziliaense Zeed en land Reyzen»); Montanus diz «den berg Santantan» («America», pags. 510); Commelyn escreve «Sancto-Antonio» («Fred. Hend. van Nassau», pags. 187 do 2° volume); e o «Journael de Arnhein» diz «Sancto-Anthonio». Os nossos chronistas contemporaneos dão indicações mais precisas: Calado declara que o monte fica perto de uma egreja do «glorioso Sancto-Antão» («Val. Lucideno», pags. 205); em Rafael de Jesús lê-se: «Hua legoa e meya deste monte, para o norte, existia hua ermida dedicada a Sancto Antão» («Cast. Lusit.», pags. 290); Diogo Lopes de Sanctiago diz mais claramente: «Um monte alto e empinado que estava legua e meia de distancia de uma ermida de Sancto Antão para baixo, para a parte do Sul, donde está um tabocal» («Historia da Guerra de Pernambuco», l. II, cap. IX). Em uma das cartas que accompanham a conhecida obra de Barlaeus está assignalada a posição da er-

mida de Sancto-Antão, perto da margem esquerda do Tapacorá. Diremos, de passagem, que os preciosos documentos geographicos, vulgarmente denominados mappas de Barlaeus, são devidos a George Marcgraff, e não passam de fragmentos incompletos de uma magnifica carta, hoje rarissima, ornada de cartuchos, brasões, tropheus e paizagens, na qual se lê o seguinte: «Brasiliæ Geographica & Hydrographica Tabula Nova, continens Præfecturas de Ciriji, cum Itapuama de Paranambuco Itamarica Paraiba & Potigi vel Rio Grande. Quam proprijs observationibus ac demensionibus, diuturna peregrinationi a se habitis, fundamentaliter superstruebat & delineabat Georgius Marggraphius, Germanus, anno Christi 1643». Triste é dizê-lo: ainda hoje, quem quer estudar a zona maritima desde o Rio Grande do Norte até Sergipe, encontra no mappa do illustre Marcgraff valiosas indicações geographicas, que debalde procuraria nas cartas brasileiras, mesmo as mais recentes, todas levantadas em escala muito menor.

1646.— Chegam ao Recife 2 navios da esquadra do almirante Jost van Trappen Bancker, que vinha em soccôrro dos Hollandezes no Brasil. Um dos navios conduzia Sigiesmundt van Schkoppe, que já militara no Brasil e voltava nomeado commandante em chefe das tropas hollandezas. O primeiro navio dessa esquadra chegou ao Recife no dia 14 de Julho; os outros entraram nos dias 8 e 12 de Agosto, e posteriormente. Traziam um grande refôrço de tropas, e os membros do novo Conselho de Govêrno, de que era presidente Walter van Schonenburgh. Este desembarcou no dia 12 de Agosto.

1795.— Fallecimento de José Basilio da Gama, em Lisbôa. Foi sepultado na egreja do extincto convento da Boa-Hora, em Belém. Nascera em 1740 na então villa de S. José do Rio das Mortes, hoje cidade de S. José del Rey.

> «Serás lido, *Uruguái*! Cubra os meus olhos
> Embora um dia a escura noite eterna,
> Tu, vive e gosa a luz serena e pura!
> Vae aos bosques da Arcadia, e não receies
> Chegar desconhecido áquella areia...»

O poeta tinha razão no seu «Exegi monumentum». O Uruguay é e será sempre lido nos dominios da lingua portugueza, mas até hoje não ha entre nós um bronze ou marmore levantado em honra de Basilio da Gama, de Durão e de tantos outros dos mais illustres Brasileiros. Nem mesmo em algumas placas das ruas da cidade do Rio de Janeiro esses nomes são recordados, quando nellas se lêm os de muitos homens me-

diocres ou nullos, e até os de nacionaes e extrangeiros que combateram pelo desmembramento da Patria brasileira.

1821. — Tractado de incorporação da provincia oriental do Uruguái ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, devendo aquelle territorio formar um Estado diverso dos outros da União, sob o nome de Estado Cisplatino. Foi assignado em Montevidéo pela barão da Laguna (general Lecór, depois visconde da Laguna), representando d. João VI, e pelo presidente e deputados do Congresso Oriental.

1823. — *Capitulação de Caxias* (guerra da Independencia). — No dia 17 de Abril entra nessa villa o governador das armas do Piauhí, João José da Cunha Fidié, com as tropas que se haviam batido em Genipapo (13 de Março). A sua vanguarda havia occupado Caxias no dia 8. Essas fôrças constavam de 1.200 homens, pela maior parte milicianos. Fidié fortificou-se no morro de Taboca, onde foi sitiado e hostilizado por milicianos e voluntarios do Ceará, Piauhí e Maranhão, sob o commando do tenente coronel João da Costa Alecrim. Em meiados de Julho (não em Maio) chegou o «exército auxiliador do Ceará, Piauhí e Pernambuco», e, com esse refôrço, ficou elevado o numero dos sitiantes a 8.000 (e não 18.000). O capitão-mór José Pereira Filgueiras, Sergipano domiciliado no Ceará, era o commandante em chefe, com o titulo de general, mas fazia parte de uma chamada «Juncta da delegação expedicionaria», a qual se compunha delle como presidente, do brigadeiro Manuel de Sousa Martins (depois visconde de Parnahiba), presidente do Govêrno provisorio do Piauhí, e dos tenentes-coroneis Tristão Gonçalves Pereira de Alencar, que pouco depois começou a assignar-se Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, delegado da Juncta de Govêrno do Ceará, Joaquim de Sousa Martins, commandante das armas de Piauhí, e Luiz Pedro de Mello Cesar, commandante das tropas pernambucanas. Com as deserções de milicianos brasileiros, ficou Fidié reduzido a uns 700 homens. Não podendo prolongar a resistencia, entregou elle o commando ao tenente-coronel Luiz Manuel de Mesquita no dia 27. A capitulação foi assignada no dia 31, tendo sido rejeitadas na vespera as condições propostas pelos sitiados. A guarnição saïu das trincheiras no dia 1° de Agosto e depoiz as armas. Ficaram no poder do exército brasileiro 20 e tantas peças e 5 bandeiras.

1836. — Terceiro ataque de Cametá pelos rebeldes (veja 28 de Julho).

1865. — Não tinhamos acima do Salto do Uruguái navios de guerra, por occasião da invasão paraguaia. Foram então armados o rebocador *Uruguái* e 2 lanchões, que ficaram sob o

commando do primeiro-tenente Floriano Vieira Peixoto. Neste dia estreiaram-se elles, mettendo a pique várias canôas e interceptando as communicações entre as fôrças paraguaias de Estigarribia e Duarte. O mesmo fizeram a 1° e 2 de Agosto.

1867.— A vanguarda do exercito alliado, em marcha sob o commando de Caxias (veja 22 de Julho), acampava em Tuju-Cuê. Pouco adeante, entre os laranjaes de Guaiaiví, avistaram-se ao amanhecer 2 columnas inimigas de infantaria e cavallaria, dirigidas pelos commandantes Medina e Rolón. O general Osorio ordenou o ataque. A artilharia, apoiada pelos atiradores do 55° de voluntarios, rompeu o fogo, e os generaes Andrade Neves e J. L. Menna Barreto, á frente de corpos de cavallaria, avançaram rapidamente sôbre os flancos do inimigo, que foi logo posto em fuga, perdendo 102 mortos e prisioneiros, 3 estativas de foguetes, muitas armas e cavallos. Tivemos neste rapido combate 31 mortos e feridos.

1868.— Continuam os tiroteios na Laguna-Verá. A' noite 20 canôas paraguaias, vindas da margem occidental, atacaram a nossa linha de escaléres e canôas. Só 10 conseguiram romper a linha e chegar a Isla-Poí, 5 foram tomadas e as outras mettidas a pique. Tivemos 13 mortos e feridos. As 10 canôas, que passaram, foram tomadas ou destruidas na noite seguinte.

1° DE AGOSTO

1624.— O capitão Manuel Gonçalves ataca e derrota, nas vizinhanças do forte de S. Philippe de Itapagipe, um destacamento hollandez, que escoltava o commandante dêsse forte. O chefe inimigo ficou prisioneiro. A refrega deu-se em Monserrate, nome que posteriormente teve o forte então chamado de S. Philippe. Naquelle tempo dava-se o nome de Itapagipe a toda a peninsula em que estão as pontas de Monserrate e Itapagipe. Só depois foi construida nesta última ponta o forte de S. Bartholomeu, que já existia em 1638 e passou a ser designado pelo nome de Itapagipe.

1625.— Os Hollandezes que occupavam a bahia da Traição embarcam nesse dia abandonando as suas trincheiras e os Indios seus alliados (veja 4 de Julho e 5 de Agosto).

1640.— O mestre-de-campo coronel Luiz Barbalho ataca e toma, depois de trez horas de combate, um entrincheiramento de Hollandezes no rio Real. O documento da Bibliotheca Nacional de Madrid, que dá conta desta victoria, diz que ficaram prisioneiros 1 mestre-de-campo e 1 sargento-mór inimigos. O major era van den Branden; do coronel não ha noticia.

1645.— São executados no Recife, como cumplices na insurreição contra o dominio hollandez, os Brasileiros Gonçalo Cabral, de Goiana, e Thomaz Paes, de Tigipió.

1734.— Parte de Cuiabá uma expedição, sob o commando de Manuel Rodrigues Carvalho, composta de 28 canôas de guerra, 80 e tantas canôas e balsas de transporte, e 842 homens, 400 dos quaes chegados de S. Paulo. A flotilha desceu o Paraguái e derrotou a dos Guaicurús e Paiaguás, alliados, ficando captivos 292 Indios.

1818.— A escuna *Maria Isabel,* commandada pelo segundo-tenente Valadim, e 2 lanchas artilhadas, bombardeiam Mercedes, no rio Negro (Banda Oriental do Uruguái), obrigam os atiradores inimigos (200 homens) a abandonar as suas trincheiras e apresam 2 balandras.

1822.— Decreto de d. Pedro, principe-regente do reino do Brasil, declarando inimiga qualquer fôrça armada que viesse de Portugal e se não submettesse á intimação de regressar immediatamente.

— E' tambem dêsse dia o « Manifesto aos povos do Brasil », assignado por d. Pedro e redigido por Gonçalves Lédo, documento onde se lê o seguinte trecho: — « Não se ouça entre nós outro grito que não seja — *União !* do Amazonas ao Prata não retumbe outro écho que não seja — *Independencia !* Formem todas as nossas provincias o feixe mysterioso que nenhuma fôrça póde quebrar. Desappareçam de uma vez antigas preoccupações, substituindo o amor do bem geral ao de qualquer provincia ou cidade ! » — Um dos maiores empenhos da geração energica, que fez a independencia e a liberdade do Brasil, foi o prompto e completo restabelecimento da unidade nacional, despedaçada pela revolução de 1821 e pelos decretos das Côrtes Constituintes de Lisbôa. Os homens eminentes, que então dirigiam a opinião no Brasil, queriam uma Patria grande, unida e íntegra, não uma colligação precaria de provincias rivaes, exploradas por mesquinhas ambições de campanario.

1823.— Entrada do exército libertador em Caxias (veja a « Ephemeride » do dia precedente).

1836.— Tomada de Oeiras (Pará) pelos legalistas. Foi retomada pelos insurgentes 19 dias depois e pelos legalistas a 20 de Septembro.

1840.— O major José de Sousa Martins ataca e destroça, em Sancta-Maria e S. Domingos, os rebeldes de Paranaguá. Dêstes ficaram mortos mais de 100.

— E' aprisionado pelo tenente Antonio da Costa Araujo, no logar Salobro, o caudilho Ruivo (Francisco Lopes Castello-Branco).

1865. — Morre na cidade do Rio de Janeiro o chronista Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, Brasileiro adoptivo, nascido em Coimbra em 1808, auctor das «Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia», da «Chorographia Paraense» e outros trabalhos.

1867. — O general Mitre chega a Tujucuê e reassume o commando em chefe do exército alliado.

— Continuam os tiroteios e combates na laguna Verá. A' noite 10 canôas paraguaias, carregadas de officiaes e soldados, tentaram passar de Isla-Poí para a margem occidental. Foram atacadas por escaléres e canôas brasileiras, sob o commando do capitão-tenente Stepple, e por 5 argentinas, dirigidas pelo major Bueno. Ficaram em nosso poder 8 das canôas; a 9ª foi mettida a pique e a outra retrocedeu. Tivemos 14 mortos e feridos; e os nossos alliados, 10. Os Paraguaios soffreram grande perda neste combate. Um estandarte foi encontrado em uma das canôas apresadas pela lancha do *Brasil*.

1869. — Reconhecimento da subida de Ascurra, pelo conde d'Eu; de Pedrosa, pelos Argentinos; e de Cabanas, pelo coronel Nery.

2 DE AGOSTO

1625. — Parte da Bahia a armada de d. Fadrique de Toledo, que libertara do dominio hollandez a capital do Brasil. Chega a Pernambuco no dia 21, e 4 dias depois segue para a Europa.

1635. — O general Mahias de Albuquerque chega a Alagôa do Sul (Alagôas) com os restos de exército de Pernambuco (veja 29 de Julho).

1645. — Começa o assédio de Serinhaem por tropas da Bahia, sob o commando de Paula da Cunha Souto Maior (veja 6 de Agosto).

— Cumprindo ordens de Fernandes Vieira, um destacamento captura, nas vizinhanças do monte das Tabocas, o célebre jesuita Manuel de Moraes, que se fizera ministro calvinista e casara mais de uma vez. Manuel de Moraes fôra por isto queimado em estatua no auto-da-fé de 6 de Abril de 1642, em Lisbôa. Dizem chronistas contemporaneos que o ex-jesuita, ao ser aprisionado, se mostrou muito arrependido dos erros passados e que, no combate do dia seguinte, com um

crucifixo na mão, estimulou os brios dos nossos voluntarios. Com as confissões, abjurações e penitencias, que fez em Lisbôa, e as recommendações dos directores da guerra em Pernambuco, conquistou a indulgencia do tribunal do Sancto-Officio, escapando á pena de morte, e no auto-da-fé de 15 de Dezembro de 1649 foi «recebido com habito perpetuo, sem remissão, com insignias de fogo, e suspenso para sempre de ordens». Falleceu em 1651, segundo Azevedo Marques. Nascera em São Paulo no anno de 1586.

1828.— 4 pequenos corsarios brasileiros da Colonia do Sacramento, sob o commando de Francisco Sardo, tomam por abordagem, na Punta-Chaparro, o lúgar de guerra argentino *Martín García*.

1836.— Grenfell, com alguns navios da esquadrilha imperial, fórça a passagem de Itapuan, abaixo de Porto-Alegre, e chega a esta cidade.

1851.— De accôrdo com o Govêrno de Montevidéo, o commandante em chefe da esquadra brasileira no Rio da Prata, Grenfell, desembarca 300 homens do 6° de caçadores, que vão guarnecer o forte do Cerro. Esta foi a primeira fôrça brasileira que pisou então o territorio oriental, tendo-se compromettido o Brasil a expulsar as tropas do dictador argentino, commandadas pelo general Oribe (veja 4 de Agosto e 4 de Septembro).

1868.— Continuam os tiroteios na laguna Verá. A' noite 14 canôas paraguaias tentaram passar da margem occidental para Isla-Poí: só uma escapou, sendo as outras tomadas pela nossa flotilha de escaléres e canôas.

1874.— Último combate com os fanaticos *muckers*, nas matas do Ferrabraz, perto de S. Leopoldo (veja 25 de Junho). Já estavam então muito reduzidos em número, e foram todos mortos ou capturados pelo capitão Sanctiago Dantas.

1875.— Publica-se o primeiro número da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

3 DE AGOSTO

1645.— *Batalha do Monte das Tabocas* (veja 31 de Julho). — Pelas 2 horas da tarde, o coronel Hendrick van Haus deu comêço ao combate, atacando as posições occupadas por João Fernandes Vieira. Os nossos eram superiores em número, porém, armados de espingardas de caça, espadas velhas, cutelos de monte, chuços e forcados. Quatro ataques foram repellidos durante a acção, até ao escurecer. A' noite os Hollan-

dezes marcharam em retirada para S. Lourenço da Mata. A' nossa perda foi de 28 mortos e 37 feridos, sem contar as dos Pretos e Indios. O *Journael*, impresso em Arnheim, dous annos depois, diz que os Hollandezes tiveram 30 a 40 mortos e 163 feridos, isto é, 200 e tantos homens fóra de combate, o que combina com o cálculo de Matheus van den Broecke. Esta victoria, a primeira que alcançava a insurreição pernambucana de 13 de Junho, foi completada com a de Casa-Forte, 14 dias depois.

1801.—José Borges do Canto e Gabriel Ribeiro de Almeida partem da Guarda de S. Pedro com 40 aventureiros, para hostilizar os Hispanhóes no districto das Missões Orientaes do Uruguái. Pouco antes, havia marchado na mesma direcção Manuel dos Sanctos Pedroso, com 20 outros voluntarios, que facilmente desalojaram a guarda hispanhola de S. Martinho. Em poucos dias Pedroso, Canto e Ribeiro de Almeida fizeram a conquista dessa bella região (veja 13 de Agosto).

1818.—Decreto concedendo privilegio ao general Caldeira Brant (depois marquez de Barbacena) e a outros, para a introducção e emprêgo de barcos de vapor nos rios e costa da Bahia. O general fez construir á sua custa um vapor, que no dia 4 de Outubro do anno seguinte foi inaugurado, fazendo a viagem da Bahia a Cachoeira. Foi o primeiro barco dêsse genero que houve no Brasil. Em 1821 havia um no Rio de Janeiro, o *Bragança*. Os primeiros vapores que teve a nossa marinha de guerra foram o *Correio Imperial*, comprado em Londres em 1825, e o *Correio Brasileiro*, em Liverpool, no anno seguinte. A ilha de Itaparica teve desde 1817 um engenho a vapor.

1832.—Em consequencia dos grandes acontecimentos politicos de 3 e de 31 de Julho, retiram-se todos os membros do Gabinete de que faziam parte Feijó e Vasconcellos, e forma-se nesta data um Ministerio incompleto, com os deputados Hollanda Cavalcanti (depois visconde de Albuquerque) e Araujo Lima (marquez de Olinda) e o senador Barroso Pereira. Este Gabinete durou apenas um mez e alguns dias até 13 de Septembro.

1839.—Fallece no Rio de Janeiro o tenente-general Carlos Frederico Lecór, visconde da Laguna, nascido em Lisbôa em 1767. Na guerra da Peninsula commandou uma divisão sob as ordens de lord Wellington, e, vindo para o Brasil, invadiu em 1816 a Banda Oriental do Uruguái, occupou Montevidéo e dirigiu as operações até conseguir a incorporação desse territorio ao Brasil. Foi capitão-general e governador da Banda

Oriental, depois Provincia Cisplatina, desde 1810 até 1826, e durante algum tempo commandou o exército do Rio Grande do Sul. Accusam-n-o de imprevidente e de ter concorrido para a perda da provincia annexada os que não conhecem a sua honrosissima correspondencia official. Elle por vezes pediu reforços em 1824 e 1825, e annunciou os manejos que se faziam em Buenos-Aires para promover a insurreição dos habitantes do campo. O Govêrno do Rio de Janeiro não poude attender ás suas representações, por estar então absorvido com a repressão da revolta nas provincias do Norte. O visconde da Laguna foi excellente soldado; mas no Brasil, desde a revolução de 1821, as tropas portuguezas se indisciplinaram, dando exemplos funestos, que foram imitados pelas brasileiras e occasionaram em grande parte os nossos revéses militares na guerra extrangeira de 1825 a 1828. Tanto este illustre e honrado general como a sua viuva, não obstante bens herdados, morreram na mais completa pobreza.

1839.— Em Azenha, nos arredores de Porto-Alegre, o coronel Philippe Nery de Oliveira, que apenas tinha ás suas ordens o 8° batalhão de caçadores e o esquadrão de cavallaria de Andrade Neves, foi atacado neste dia por 2.000 homens de cavallaria e infantaria do exército republicano, e resistiu até que, acudindo o 2° e o 3° de caçadores, os contrarios desistiram do ataque. Nery de Oliveira foi ferido.

1842.— Tomada de Lagôa-Sancta (Minas-Geraes), pelo coronel Manuel Antonio Pacheco, da Guarda Nacional. O commandante governista recebeu um ferimento neste combate.

1854.— Morre no Recife o visconde de Goiana, Bernardo José da Gama, que representou papel importante em Pernambuco, por occasião da Independencia, e em 1831 foi membro do Gabinete, cuja demissão deu logar á revolução de 7 de Abril. Nascera na mesma cidade a 20 de Agosto de 1782.

1866.— Começa o terceiro Gabinete, presidido por Zacharias de Góes e Vasconcellos. Governou até 16 de Julho de 1868. Este Ministerio reuniu no Paraguái recursos militares que habilitaram os nossos generaes de terra e mar a reassumir a offensiva, depois do revés de Curupaití e da retirada da maior parte do pequeno exército argentino. A esquadra forçou a passagem de Curupaití e de Humaitá, e Caxias conseguiu quebrar a resistencia das extensas linhas, que por tanto tempo detiveram os alliados. Eram ministros da Guerra e da Marinha os conselheiros Paranaguá e Affonso Celso.

1867.— *Combate de Arroyo Hondo*, em que o brigadeiro Andrade Neves derrota uma columna paraguaia, dirigida pelo

commandante Rojas. A primeira carga da nossa cavallaria da Guarda Nacional deu-se em Penimbú, uma legua ao Sul de Arroyo-Hondo. Andrade Neves perseguiu os fugitivos até Posta-Chuchú, além do Arroyo.

1868.— Continuam os tiroteios na laguna Verá.

4 DE AGOSTO

1532.— Pero Lopes de Sousa ataca e toma, juncto da ilha de Sancto-Aleixo, um navio francez e logo depois outro que se dirigia para um forte no canal de Itamaracá (veja 4 de Julho e 27 de Agosto).

1578.— *Batalha de Kasr-el-Kebir* (*Alcacer-Kibir*), na qual é morto o rei d. Sebastião de Portugal. Nessa batalha muito se distinguiram os dous ermãos Duarte e Jorge de Albuquerque Coelho, nascidos em Olinda. Ficaram ambos feridos e prisioneiros, e resgataram-se dous annos depois, morrendo então o primeiro, que era senhor da capitania de Pernambuco. Jorge de Albuquerque Coelho succedeu a Duarte, vindo a ser o terceiro donatario dessa capitania. Deixou alguns escriptos e foi pae de dous filhos illustres: Duarte de Albuquerque Coelho, marquez de Basto, primeiro conde e quarto senhor de Pernambuco, auctor das «Memorias diarias de la guerra del Brasil», e Mathias de Albuquerque, conde de Alegrete, general na guerra de Pernambuco contra os Hollandezes e na da independencia de Portugal contra os Hispanhóes.

1633.— Os Hollandezes, sob o commando de Siegesmundt van Schkoppe, marcham dos Afogados e tomam posições na margem direita do Capiberibe, para atacar o Arraial. Durante a marcha Francisco de Almeida Mascarenhas, Luiz Barbalho e outros capitães derrotaram a vanguarda inimiga e só se retiraram, quando em auxilio dos vencidos chegou uma forte divisão (veja 8 de Agosto).

1851.— O general José Fernandes dos Sanctos Pereira transpõe o Jaguarão com parte da 3ª divisão do exército brasileiro, e invade o Estado Oriental do Uruguái. Essa divisão marchou a encontrar-se com o grosso do exército commandado pelo marechal Caxias (veja 4 de Septembro). O Brasil estava alliado ao Govêrno de Montevidéo contra o general Oribe, logar-tenente de Rosas.

1864.— *Ultimatum* apresentado pelo ministro do Brasil, conselheiro Saraiva, ao Govêrno de Montevidéo. O ministro das Relações Exteriores da Republica respondeu, desattendendo ás reclamações e devolvendo a nota brasileira. O conselheiro

Saraiva replicou no dia 10, annunciando que iam ser dadas instrucções ao almirante Tamandaré e ao general do exército estacionado na fronteira, para que procedessem a represalias, e devolveu tambem a nota do ministro das Relações Exteriores.

1868.— Continuam os tiroteios na laguna Verá e em tôrno de Isla-Poí. O padre Esmerat, capellão da esquadra brasileira, vae como parlamentario a Isla-Poí pedir, em nome da religião, ao coronel Martínez que não prolongasse a sua inutil resistencia. O commandante paraguaio prometteu responder no dia seguinte.

5 DE AGOSTO

1591.— Por escriptura dessa data Pedro Homem de Castro, procurador de Jorge de Albuquerque Coelho, terceiro senhor da capitania de Pernambuco, cede a Diogo de Mello de Castro uma sesmaria, comprehendendo cinco leguas de costa da barra das Alagôas para o Sul e septe leguas para o sertão. Diogo de Mello, que era cégo, fundou então a villa de Sancta-Luzia (depois Sancta Luzia do Norte), juncto á margem meridional da Lagôa do Norte ou Lagôa Mondaí. Só em 1611 começou a formar-se a povoação de N. S. da Conceição (actual cidade das Alagôas) juncto á Alagôa do Sul ou Paraigera, depois Lagôa Manguaba. No mappa da «Razão do Estado», de 1611, Campos Moreno só menciona Sancta-Luzia, e o visconde de Porto-Seguro cita uma escriptura de 25 de Novembro do mesmo anno, em que se declara que a villa estava sendo fundada então («que se ora faz»). A povoação de N. S. da Conceição foi incendiada pelos Hollandezes em 1633. Quatro annos depois Duarte de Albuquerque deu-lhe o predicamento de villa e o nome de Magdalena, que não prevaleceu. Em 1823 teve o titulo de cidade.

1625.— A esquadra hollandeza do almirante Boudewyn Hendrikzoon, que ainda estava na bahia da Traição, fez-se de véla, deixando o Brasil (veja 1° de Agosto). No mesmo dia Francisco Coelho de Carvalho derrota os indios que haviam tomado o partido dos Hollandezes.

1646.— Os capitães João Soares de Albuquerque e Braz Soares repellem um ataque dos Hollandezes contra Olinda. O general inimigo van Schkoppe foi ferido nesse combate.

1795.— Nascimento, em Pernambuco, de Caetano Maria Lopes Gama, depois visconde de Maranguape.

1808.— Nasce no Rio-Pardo João Propicio Menna Barreto, que foi general e barão de S. Gabriel e commandou o exér-

cito brasileiro na tomada de Paisandú e no assédio de Montevidéo, em 1865.

1858.—Abertura da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, no edificio para onde foi transferida, á rua do Passeio. O principe-regente, depois rei d. João VI, foi o fundador dêsse estabelecimento (veja 23 de Junho de 1810).

1865.—*Rendição dos restos da guarnição de Humaitá, refugiada em Isla-Poí, no Chaco.*—Renderam-se, depois de 10 dias de resistencia, 1.327 homens, commandados pelo coronel Francisco Martínez. Além de espingardas e espadas, entregaram os rendidos 6 peças e 4 bandeiras. Antes de estabelecido o bloqueio na lagôa Verá, tinham passado para o Timbó 500 feridos e doentes; nas noites de 25 e 26 de Julho passaram 1.200 homens. Foram mortos nos combates, dentro de Humaitá ou em Isla-Poí e na lagôa, 1.000 e tantos homens. Os prisioneiros e desertores foram mais de 100. Estes algarismos sommados dão o número total da guarnição de Humaitá em fins de Março dêsse anno. Em Humaitá, o inimigo abandonou 182 canhões; com os 6 entregues em Isla-Poí, 188. Foi esta a perda dos alliados desde o começo do assédio (23 de Março de 1868), até 5 de Agosto: Brasileiros: mortos, 574; feridos, 1.777; extraviados, 11; total, 2.362. Argentinos: mortos, 69; feridos, 46; prisioneiros, 74; total, 160. Orientaes: 0. Mas os trophéus foram repartidos egualmente pelas trez nações alliadas, e essa divisão deu logar a uma discussão desagradavel, pretendendo o commissario argentino que ao seu paiz fosse entregue o melhor canhão.

1869.—O coronel Francisco Lourenço de Araujo, da Guarda Nacional da Bahia, desaloja os Paraguaios de 2 trincheiras, no desfiladeiro de Sapucahí. O inimigo abandona 2 peças.

1883.—Fallecimento do conselheiro Antonio Pereira Barreto Pedroso, que, como presidente da Bahia, prestou notaveis serviços á causa da união nacional, por occasião da revolta em 1837 na capital.

6 DE AGOSTO

1612.—Sob o commando de Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière (veja 26 de Julho) desembarcam os Francezes na ilha do Maranhão, e ahi, ajudados pelos Indios, assentam os fundamentos da cidade de S. Luiz. Muitos fidalgos faziam parte desta expedição, protegidos pela regente Maria de Medicis. La Ravadière, François de Razille, senhor des Aumeles, e Nicolas de Harlay-de-Sancy, barão de La Molle e de

Gros-Bois, traziam a nomeação de «tenentes-generaes do rei nas Indias Occidentaes e terras do Brasil». Em 1614, Jeronymo de Albuquerque ganhou sôbre os invasores a victoria de Guaxenduba (19 de Novembro), e no anno seguinte (2 de Novembro) La Ravardière capitulou.

1645.— Capitulação dos Hollandezes, que occupavam Villa-Formosa de Serinhaen, sob o commando de Samuel Lambert e Cosme de Moucheron. A villa estava sitiada, desde o dia 2, por Paulo da Cunha Souto-Maior. Vidal de Negreiros foi pessoalmente dirigir o assédio, quando se deu a capitulação.

— Christovam Lins ataca e toma um navio hollandez, no rio Manguaba (Alagôas).

1661.— Tractado de Haya, estabelecendo as condições da paz entre Portugal e a Republica das Provincias Unidas da Hollanda.

1763.— Convenção assignada na povoação do Rio Grande, determinando a linha divisoria entre os terrenos occupados pelos Hispanhóes e Portuguezes ao Norte do canal do Rio Grande, durante o armisticio celebrado na Europa.

1788.— O vice-rei Luiz de Vasconcellos manda estabelecer a real feitoria do linho canhamo no logar onde depois se fundou a colonia de S. Leopoldo (Rio Grande do Sul).

1822.— Manifesto do principe-regente d. Pedro, dirigido ás nações amigas, expondo os acontecimentos do Brasil. Foi redigido por José Bonifacio.

1826.— Combate de Caraguatá (Banda Oriental do Uruguái), em que o major Antonio de Medeiros Costa derrota um corpo de cavallaria oriental, sob o commando de Claudio Berdun.

— Nesta mesma data o capitão Gabriel Gomes Lisbôa destroça em Toropasso uma divisão de Correntinos, commandada por José López (López Chico, depois general correntino).

1827.— O general Duarte Corrêia de Mello sae da linha exterior e persegue durante uma legua os sitiantes. Estes perderam 8 mortos; nós, 1 ferido. Foram elogiados o major Lima e o capitão Antonio Caldas.

1838.— E' assassinado na Barra do Rio-Negro (Manáos) o governador militar Antonio Aires Bararuiá.

1840.— Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí) surprehende e derrota, perto de Capivarí, um destacamento de revolucionarios, e aprisiona o immediato de Garibaldi.

1842.— O general Caxias, tendo forçado as marchas, entra em Ouro-Preto, quando o exército dos dissidentes já

estava nas vizinhanças dessa cidade. Com a sua chegada, os contrarios marcham em retirada para Sabará.

1867.— Reconhecimento de Curupaití pelo encouraçado *Barroso*, commandante Silveira da Motta.

1869.— O coronel Wanderley Lins occupa a picada de Costapucú, na subida de Valenzuela, e obriga á retirada os Paraguaios que a defendiam.

7 DE AGOSTO

1553.— Fallecimento do primeiro donatario e povoador da capitania de Pernambuco, Duarte Coelho. Falleceu em Olinda, segundo Jaboatão (1, 129), ou em Lisbôa, segundo Vicente Salvador (II, 9). Jaboatão indica o anno de 1554, mas Porto-Seguro observa que já a 10 de Maio dêsse anno era passada a carta de confirmação em favor de seu filho («Historia Ger.», I, 271).

1645.— Os sitiantes de Penedo, commandados por Christovam Lins, tomam um caravellão (capitão Jan Hoen), que subia o S. Francisco com viveres para os Hollandezes. Pouco depois uma canôa dos sitiantes ataca e toma uma lancha.

1681.— Glorioso combate em que quasi todos os defensores da Nova Colonia do Sacramento, no Rio da Prata, succumbem, pelejando 1 contra 17. Esse estabelecimento fôra fundado seis mezes antes em um pequeno promontorio (veja 22 de Janeiro) por d. Manuel Lobo, governador da capitania do Rio de Janeiro, e era protegido apenas por um quadrilatero de estacadas, tendo do lado de terra 2 baluartes e 1 fosso. Havia no forte 18 peças, 6 pedreiros e 2 meios canhões. A guarnição compunha-se de 200 homens do Rio de Janeiro e S. Paulo, e supportou um assédio de alguns mezes, repellindo todas as intimações dos contrarios para que se rendesse. Os sitiantes eram 3.560 (260 Hispanhóes de Buenos-Aires, Corrientes e Sancta-Fé e 3.300 Guaranís das missões jesuiticas), sob o commando do coronel Antonio de Vera Mojica, nomeado para esta acção pelo governador de Buenos-Aires, José Garro. As privações eram grandes na praça: «Se supo la necesidad de bastecimentos con que estaban, que era mucha», diz um manuscripto contemporaneo. Na madrugada de 7 de Agosto os sitiantes marcham ao assalto, indo á frente os Guaranís divididos em 3 columnas, commandadas pelo sargento-mór Ignacio Amandaú e pelos mestres-de-campo Christoval Capí e Francisco Curitú. Repellidos no primeiro assalto, voltaram á carga, e, tendo penetrado na praça, foram lançados fóra, depois de viva peleja. Na terceira investida entraram de novo, e a multidão acabou por esmagar os poucos

defensores que restavam, e que ainda resistiram até á ultima extremidade. O combate durou duas horas. Dos nossos foram mortos 112, entre elles todos os capitães e subalternos, menos d. Francisco N. de Lancastre, que ficou ferido e prisioneiro. Quasi todos os soldados que o inimigo aprisionou estavam feridos. O governador d. Manuel Lobo, gravemente enfermo, foi capturado em sua cama e conduzido, com os poucos prisioneiros, para Buenos-Aires, onde falleceu (em Buenos-Aires, e não em Lima, affirma Miralles). O inimigo teve 36 mortos e 96 feridos. Manuscriptos contemporaneos salvaram do olvido os nomes de alguns dos nossos heróes: os capitães Manuel Galvão, Manuel de Aguiar e Simão Farto (este último de S. Paulo, o primeiro do Rio de Janeiro), o capitão-engenheiro Antonio Corrêia Pinto, o tenente Bartholomeu Sanches e d. Joanna Galvão. O capitão Manuel Galvão «era valentíssimo portugués», diz a «Relación de lo sucedido» (manuscripto da Bibliotheca Nacional). «Aunque se via tan caido Galban, y le prometian los nuestros quartel, peleaba tan desesperado, que no tomó otro consejo que morir». Xarque refere a morte heroica da mulher de Galvão: «Imitó sus altos espíritus la mujer, que a su lado jugaba el acero tan ligera, que parecia un rayo: y viendo muerto el marido, la convidaban con la vida los Castellanos, porque merecia su varonil animo coronarse con prolongados siglos: peró la matrona intrepida tuvo por descrédito de su lealtad al Rey y amor a su esposo salir viva de la batalla, donde avia este rendido el alma, por lo que no cesó de pelear, hasta que imitó con gloriosa muerte a su consorte». Charlevoix, escrevendo sôbre informações dos Jesuitas das Missões disse: «Leur général était digne de commander de si braves gens... Un de leurs capitaines, nommé Manuel Galvam, couroit dans tous les rangs, animoit de sa voix, et par son exemple les soldats à se souvenir qu'ils étaient Portugais, nom si souvent formidable aux Espagnols, et fit de si belles actions, que ses ennemis mêmes, le voiant tomber mort de plusieurs blessures, ne purent s'empêcher de lui donner des regrets et des larmes. Ce brave homme avait pour épouse une heroine, qui, l'épée à la main, combattit à ses cotés tant qu'il vécut. Dès qu'il fut mort, les Espagnols, pleins d'admiration pour sa vertu, lui crièrent de se rendre; mais, uniquement occupée du desir de venger son mari, elle se jetta au milieu de la melée et y trouva la mort qu'elle semblait chercher». Em 1828, um pequeno corsario brasileiro, armado na Colonia, recebeu o nome de *D. Joanna Galvão*. Foi a unica e passageira homenagem prestada por nós a essa heroina. A Colonia do Sacramento voltou ao dominio portuguez em 1683, em virtude do tractado de 7 de Maio de 1681.

1827.— A' noite o major Luiz Alves de Lima (depois duque de Caxias) surprehende e põe em fuga, nos arredores de Montevidéo, um destacamento inimigo, commandado por Pancho Oribe.

1830.— Nasce em Maragogipe d. Antonio de Macedo Costa, que foi bispo do Pará e falleceu arcebispo da Bahia em 1891.

1831.— Sedição militar em Belém do Pará. O presidente, visconde de Goiana, é deposto e deportado, e outros cidadãos são remettidos presos para varios ponctos da provincia.

1852.— Decreto auctorizando a construcção da estrada de ferro do Recife ao S. Francisco.

1868.— O reducto Corá no Chaco, que foi reconhecido pelas nossas tropas, tinha sido evacuado durante a noite pelos Paraguaios, que ahi abandonaram um canhão de 32 e outro de 24.

8 DE AGOSTO

1587.— Azevedo Marques enganou-se, suppondo que foi por este tempo o combate naval em S. Vicente, entre Andrés Hygino e o célebre Edward Fenton (não Fulton). A data verdadeira é 24 de Janeiro de 1583 (Vicente do Salvador, IV, 1º e 2º; Hackluyt, IV, 263-77; «Mons'ons Naval Tracts», em Churchill, III, 402).

1633.— Ao amanhecer, subiam o Capiberibe o patacho hollandez *Exter*, commandante Jacob Huyghens, e 3 lanchões, conduzindo artilharia e munições para as tropas que desde o dia 4 ameaçavam o Arraial. Essas embarcações foram logo atacadas pelos capitães Paes de Mello, Luiz Barbalho e Pino. O general Mathias de Albuquerque expediu reforços para o sitio do combate, e o capitão Domingos Dias Bezerra abordou e tomou o patacho, lançando-se então ao rio os inimigos que guarneciam os lanchões. Os nossos incendiaram essas embarcações, e conduziram para o Arsenal 11 peças de artilharia e 3 bandeiras. Com este revés, Schkoppe desistiu de atacar o Arraial, e, levantando os seus acampamentos, voltou para o Recife.

1709.— Uma nota manuscripta de Francisco Leitão Ferreira dá conta da experiencia de um aerostato, feita neste dia pelo padre Bartholomeu de Gusmão, natural de Sanctos: — «Fez a experiencia em 8 de Agosto dêste anno de 1709, no pateo da Casa da India, deante de S. M. e muita fidalguia, com um globo que subiu suavemente á altura da sala das Embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo material

que ardia, e a que applica o fogo o mesmo inventor. Esta experiencia se fez dentro da sala das audiencias». Devia ser, portanto, uma machina muito pequena. Outros documentos, citados por Freire de Carvalho (t. XII da «Rev. do Inst.»), tornam incontestavel que o ensaio foi feito nesta data, muito antes das experiencias dos ermãos Montgolfier (1783); mas o segredo de Gusmão não ficou conhecido, e, assim, o nosso compatriota só póde ser classificado entre os precursores da invenção. Antes delle, outros espiritos investigadores procuraram resolver o problema da navegação aerea. Basta citar o projecto de 1670 do jesuita Lana e as experiencias de aviação feitas antes e depois, sobretudo as de Giovanni Battista Dante, no seculo XV.

1732.—Carta régia ao capitão-general do Estado do Maranhão, recommendando a propagação da cultura do café e da canella.

1821.—Nasce na Bahia Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, depois visconde de Itaparica e general. Era filho do barão de Cajahiba, tambem general (veja 23 de Junho de 1870, data do seu fallecimento).

1823.—Nasce no Rio de Janeiro o poeta Antonio Francisco Dutra e Mello.

1840.—O capitão Ribeiro Soares, com 60 homens, derrota 300 rebeldes juncto ao Parnahiba.

1882.—Fallece em Montevidéo o glorioso vencedor de Riachuelo. O almirante Francisco Manuel Barroso da Silva, barão do Amazonas, nasceu em Lisbôa a 29 de Septembro de 1804, mas veiu muito joven para o Brasil: fez na nossa terra a sua educação e foi um bom e grande Brasileiro. Saïdo da antiga Academia de Marinha do Rio de Janeiro, distinguiu-se nas campanhas navaes do Rio da Prata, de 1826 a 1828, achando-se então em 20 combates, e assignalou-se ainda muito na campanha do Pará em 1836. Já official general da armada, fez a campanha do Uruguai e Rio da Prata, em 1864 e 1865, e as do Paraná e Paraguai em 1865 e 1866. Nestas últimas, commandou a esquadra brasileira nos combates de Corrientes (25 de Maio de 1865), na batalha naval do Riachuelo (11 de Junho), no forçamento das passagens de Mercedes (18 de Junho) e Cuevas (12 de Agosto), tomando depois parte nos combates de Passo da Patria, Curuzú e Curupaití. Os restos mortaes dêste illustre e honrado marinheiro, que ligou o seu nome á mais brilhante das victorias navaes do Brasil, descansam ainda hoje em terra extrangeira.

9 DE AGOSTO

1616.— O capitão Pedro Teixeira toma por abordagem, no Amazonas, um navio hollandez, recebendo trez gloriosos ferimentos. A artilharia inimiga foi collocada no forte de Belém do Pará.

1711.— Quarta sortida dos defensores do Recife. Ameaçam todos os postos dos sitiantes olindenses e atacam o de Sancto-Amarinho, onde são repellidos pelo sargento-mór Antonio Moreira de Vasconcellos.

1784.— Nascem neste dia: na cidade do Rio de Janeiro, Francisco José Carvalho, em religião frei Francisco de Monte-Alverne (veja 2 de Dezembro de 1858); e, na cidade de São Paulo, Diogo Antonio Feijó (veja 9 de Novembro de 1843).

1839.— Ataque de Arêias, porto de Icatú (Maranhão), em que a vanguarda dos legalistas, commandada pelo major (depois brigadeiro) Feliciano Antonio Falcão, repellida a principio, consegue afinal desalojar os rebeldes das suas posições. Falcão é ferido. Distingue-se muito neste combate o então tenente Antonio de Sampaio. Os legalistas tiveram uns 60 mortos e mais de 100 feridos.

10 DE AGOSTO

1630.— Os Hollandezes, com grande fôrça, atacam e tomam a trincheira que Luiz Barbalho estava construindo no Buraco de Sanctiago, á margem direita do Beberibe. Acóde o general Mathias de Albuquerque e expulsa-os da posição.

1632.— Fallecimento de Martim de Sá, tenente-general dos reaes exercitos, vice-almirante das costas do mar do Sul. Era filho do segundo capitão-mór do Rio de Janeiro, Salvador Corrêia, e pae de Salvador Corrêia de Sá e Benevides. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro; mas, por isso mesmo, é inadmissivel a data de 1555, que Pizarro dá para o nascimento. Foi por trez vezes governador do Rio de Janeiro: de 17 de Julho de 1602 a Junho de 1608 (no dia 8 já era governador Affonso de Albuquerque), de 1618 a 20 de Julho de 1620 (este segundo govêrno foi omittido por Porto-Seguro), e de 11 de Junho (não Julho) de 1632 até á sua morte.

1647.— O mestre-de-campo Francisco Rebello, chamado o Rebellinho, é morto, atacando os fortes hollandezes das Amoreiras, em Itaparica (forte Pistoe e forte Beaumont). Foi este ataque nocturno um dos maiores revéses que soffrêmos

durante a guerra hollandeza, e tornou-se ainda maior pela perda de Francisco Rebello. Entraram no combate 1.200 homens, dos 3 terços da Bahia, commandados pelos mestres-de-campo Rebello, João de Araujo e Hoogstraten. Tivemos 130 mortos e 500 feridos. Os Hollandezes eram commandados por Siesgsmundt van Sckoppe.

1823.— Nascimento de Antonio Gonçalves Dias, em Oeiras.

— O commandante Grenfell chega á barra do Pará com o brigue *Maranhão*, e envia á Juncta do Govêrno officios do almirante lord Cochrane (veja o dia seguinte).

1836.— Um destacamento de marinheiros, voluntarios e soldados de linha, sob o commando do segundo-tenente Fernando Gomes Ferreira da Veiga, desembarca defronte da fazenda de Pernambuco, no rio Capim (Pará), e é destroçado pelos *Cabanos*. Foi morto o segundo-tenente Ferreira da Veiga.

1859.— Começa a governar o Gabinete conservador, presidido pelo conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, depois barão de Uruguaiana. Esta administração terminou a 2 de Março de 1861.

1864.— Nota do ministro brasileiro Saraiva, annunciando ao Govêrno de Montevidéo que as fôrças navaes e terrestres do Imperio iam dar começo ás represalias, annunciadas no *ultimatum* do dia 4.

1869.— Tiroteios em Barrero-Grande, entre a divisão do coronel Manuel de Oliveira Bueno e uma columna paraguaia, que logo se poz em retirada.

11 DE AGOSTO

1636.— Tomada do reducto hollandez de Goiana por d. Antonio Philippe Camarão.

1645.— Fernandes Vieira levanta o seu acampamento do monte das Tabocas (veja 3 de Agosto), e marcha na direcção de Gurjaú, para fazer juncção com as tropas bahianas de Vidal de Negreiros e Soares Moreno.

— Evacuação de Sancto-Antonio do Cabo pelos Hollandezes.

— Christovam Lins de Vanconcellos aperta o sitio de Porto-Calvo. No dia 24 chega Lourenço Carneiro de Araujo com reforços da Bahia, e assume o commando dos sitiantes (veja a capitulação, 17 de Septembro).

— Insurreição dos habitantes do districto de Penedo contra os Hollandezes. Valentim da Rocha Pitta foi o chefe dessa insurreição, que começou pelo ataque de uma pequena

escolta e depois pelo de um destacamento saïdo do forte Mauritius. No mesmo dia chegaram do Rio Real as tropas da Bahia, sob o commando do capitão Nicolau Aranha Pacheco, e começou o assédio do forte (capitulação no dia 18 de Septembro.

1796.— Antonio Mariano Borges, capitão de ordenanças dos pardos da villa de Porto-Seguro, tendo ás suas ordens apenas 17 homens emboscados perto de Sancta Cruz, repelle e derrota 120 marinheiros francezes, obrigando-os a voltar em desordem para as suas lanchas.— Este facto, referido por Accioli («Mems. hists. da Bahia», I, 272), é confirmado por Jurien de la Gravière («Souvenirs d'un amiral», I, 320 e segs). Os navios, a que pertencia esse destacamento, eram a corveta *La Chevrette* (commandante Rivière) e os brigues *L'Espoir* e *L'Epervier*. Dêste último era commandante Pierre Jurien de la Gravière. Borges foi promovido a major e recebeu o habito de Christo.

1815.— Alvará do principe-regente d. João, declarando que pelo de 1° de Abril de 1808 ficara tambem revogada a carta régia de 30 de Agosto de 1776, podendo, portanto, os ourives de ouro e prata exercer livremente a sua profissão no Brasil.

1823.— Reconhecimento da independencia e do imperio na cidade de Belém do Pará (veja o dia anterior).

1827.— Carta de lei creando os dous cursos juridicos de S. Paulo e Olinda, este último transferido annos depois para o Recife. Era então ministro do Imperio o visconde de S. Leopoldo. «Ao tempo deste meu Ministerio (disse o illustre Brasileiro, nas suas «Memorias») pertence o acto que reputo o mais glorioso da minha carreira politica, e que me penetrou do mais intimo júbilo que póde sentir o homem público no exercicio de suas funcções. Refiro-me á installação dos dous cursos juridicos de S. Paulo e Olinda, consagração definitiva da idéa que eu aventára na Assembléa Constituinte, em sessão de 14 de Junho». A Faculdade de direito (então curso juridico) de S. Paulo foi installada no dia 1° de Março de 1828; a de Olinda, a 15 de Maio do mesmo anno.

1840.— O major Ignacio Pinto de Almeida Castro derrota os rebeldes em Mombaba, na Serra-Grande (Ceará). No mesmo dia deram-se pequenos choques em Regalo da Vida, Mocambo e Brejinho.

1867.— *Combate de Palmares.*— Um comboio que partira de Tujutí ás 7 horas da manhã, escoltado por 60 homens de cavallaria, foi atacado por 300 a 400 Paraguaios emboscados nos Palmares, perto do Estero-Rojas. Aos primeiros tiros

acudiram de Tuiutí 3 corpos de cavallaria e 2 batalhões de infantaria, estes ultimos sob o commando do coronel Antonio da Silva Paranhos, que dirigiu o ataque, por ser o mais graduado dos officiaes presentes. Quasi todas as carretas foram retomadas. Tivemos 27 mortos e feridos; e os Paraguaios, 100 mortos e prisioneiros.

12 DE AGOSTO

1531.— Martim Affonso de Sousa chega com a sua esquadra a Cananéa. Foi alli que conheceu, no dia 17, segundo o «Diario» de seu ermão, um bacharel portuguez que vivia entre os Indios desde 1501. O nome desse bacharel encontra-se na «Argentina» de Ruy Díaz de Gusmán (cap. VIII), chronista que obteve informações de seu pae e outros contemporaneos e terminou aquelle manuscripto em 1612. O bacharel chamava-se Duarte Peres, e fôra degredado pelo rei d. Manuel. Porto-Seguro enganou-se, attribuindo a Charlevoix a primeira indicação do nome de Duarte Peres e desdenhando-a, porque só a encontrou nesse escriptor do seculo passado.

1646.— Os Hollandezes são repellidos perto de Olinda pelos capitães Antonio da Rocha Damas e Braz Soares.

1816.— Decreto de d. João VI, creando no Rio de Janeiro algumas aulas de Bellas-Artes e fixando os ordenados dos professores francezes, contractados para a fundacção dessa Eschola. Os artistas francezes tinham chegado a 26 de Fevereiro dêsse anno. Tal foi a origem da Academia de Bellas-Artes do Rio de Janeiro, installada solennemente a 5 de Novembro de 1826. O ministro conde da Barca muito concorreu para a vinda dos artistas francezes e para essa fundação.

— Tomada e occupação de Sancta-Teresa (Banda Oriental do Uruguái) pelo major Manuel Marques de Sousa, depois general (segundo dêsse nome).

1819.— Inauguração dos trabalhos de construcção do templo anglicano da rua dos Barbonos, hoje rua Evaristo da Veiga, no Rio de Janeiro.

1832.— Morre no Rio de Janeiro o senador marquez de Sancto-Amaro (José Egydio Alvares de Almeida).

— O major Francisco Fernandes Vieira derrota, nas vizinhanças de S. Matheus (Ceará), os partidarios de Pinto Madeira.

1834.— Promulgação do Acto Addicional á Constituição do Imperio.

1837.— *Combate do Triumpho,* em que o coronel da Guarda Nacional Gabriel Gomes Lisbôa foi vencido por fôrças muito superiores, ao mando de Netto, um dos caudilhos da

revolução riograndense.—«Rende-te, coronel valente», bradou um dos inimigos, dirigindo-se a Gomes Lisbôa, no fim da acção, quando a derrota era completa e elle apenas tinha a seu lado alguns homens intrepidos.—«Um coronel brasisileiro não entrega a sua espada a rebeldes», foi a sua resposta. E preferiu morrer combatendo.—Gomes Lisbôa era riograndense e serviu em corpos de milicias, ou de segunda linha, nas campanhas de 1811 e 1812 e de 1816 a 1820, no Rio-Grande do Sul e na Banda Oriental do Uruguai. Distinguiu-se ainda nas campanhas de 1825 a 1828. Em 1826 (6 de Agosto), desbaratou em Toropasso os Correntinos, dirigidos por López Chico («el virtuoso general d. José López», como lhe chamou um biographo); em 1827, com 200 homens apenas, resistiu a 700 Argentinos, commandados pelo general Lavalle (13 de Fevereiro, perto de Vacacahí); e, dous dias depois, destroçou em Sanga-Funda, perto do passo de Ombú, a vanguarda do general Mancilla (veja 13 e 15 de Fevereiro de 1827).

1842.—Os coroneis da Guarda Nacional Manuel Antonio Pacheco (de Sabará), Francisco Antonio Branco (do Serro) e João da Motta Teixeira (de Caeté) defendem Sabará contra um ataque do exercito revolucionario; mas, ás 2 da madrugada, evacuam a villa.

1851.—O vapor *D. Affonso*, que conduzia o commandante em chefe da nossa esquadra no Rio da Prata, Grenfell, troca alguns tiros com a bateria argentina de Ramalho, no Paraná.

1865.—*Combate de Cuevas.*—Duas divisões da esquadra brasileira e um pequeno vapor argentino, partindo de Chimboral, descem o rio Paraná e forçam a passagem das baterias de Cuevas, onde Brúguez tinha 30 e tantos canhões, algumas estativas de foguetes a Congrève e 3.000 atiradores de infantaria. A esquadra era commandada por Barroso, barão do Amazonas, e foi fundear no Rincón de Soto. Os Brasileiros tiveram 21 mortos e 38 feridos; e o vapor argentino, 3 mortos e 6 feridos. Esse vapor era o *Guardia Nacional*, que se tornou famoso pelas exaggerações com que a imprensa de Buenos-Aires deu conta do combate. «Esse fué el único buque que se comportó bizarramente», escreveram ainda annos depois os commentadores argentinos de Thompson.

1869.—*Assalto e tomada de Piribebuí.*—A's ordens do general conde d'Eu estavam o 1º e o 2º corpos do exército brasileiro, commandados pelos generaes Osorio (marquez do Herval) e Victorino Monteiro (barão de S. Borja), e a divisão argentina do coronel Luiz Maria Campos. O batalhão 23º de voluntarios, da cidade do Rio de Janeiro, foi o primeiro que galgou a trincheira inimiga.—Os Paraguaios perderam

700 mortos, 1.100 prisioneiros, entre os quaes 300 feridos, 14 canhões, 1 morteiro e 14 bandeiras tomadas pelos Brasileiros (14, e não 8 ou 12, como foi publicado), e 4 canhões tomados pelos Argentinos. O commanante inimigo tenente-coronel Caballero foi morto. A perda dos alliados elevou-se a 557 homens fóra de combate, assim divididos: — Brasileiros, 33 mortos e 405 feridos e contusos; legião paraguaia, 1 ferido. Estes algarismos, differentes dos que foram publicados em ordem do dia no Diario do exército, resultam do exame minucioso das partes officiaes de todos os commandantes. Quatro das bandeiras tomadas foram entregues aos nossos alliados. Nos exercitos europeus não ha este costume, introduzido entre nós desde os combates do Passo da Patria, de fazer presentes de bandeiras. Os trophéos pertencem á nação que os conquista, e são conservados com o maior cuidado e respeito em algum templo ou museu militar. — No assalto de Piribebuí foi morto o general João Manuel Menna Barreto, que commandara as fôrças brasileiras nos combates de S. Borja (10 de Junho de 1865), Potrero-Obella (29 de Outubro de 1867), Tají (2 de Novembro de 1867), Jacaré (7 de Junho de 1868), Sapucahí (1° e 8 de Junho de 1869), e se distinguira em muitos outros combates, particularmente no dia 21 de Dezembro de 1868, em que se apoderou das trincheiras do Pikisirí, atacando-as de flanco por ordem de Caxias, e ficando senhor do mais de 30 canhões. 11 bandeiras inimigas tomadas pelas tropas que elle commandava, foram remettidas para o Rio de Janeiro (6 de Tají, 3 de Pikisirí, 2 de Sapucahí). João Manuel Menna Barreto era riograndense e filho do marechal visconde de S. Gabriel.

— No mesmo dia da tomada de Piribebuí, o coronel Camillo Mercio Pereira forçou a subida de Altos, desalojando de um reducto o commandante Céspedes, que ficou entre os mortos. O coronel Mercio Pereira fazia a vanguarda dos generaes Emilio Mitre e Auto Guimarães, tendo ás suas ordens 1 batalhão e 1 esquadrão de cavallaria brasileiros e 2 pequenos batalhões argentinos. Os Brasileiros tiveram 14 mortos e 31 feridos; e os Argentinos, 10 feridos. O inimigo deixou no campo 45 mortos.

1886. — Morre no Rio de Janeiro o senador visconde de Bom-Retiro (Luiz Pedreira do Couto Ferraz), nascido na Bahia a 7 de Maio de 1818, ex-ministro do Imperio e presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

13 DE AGOSTO

1645. — Juncção das fôrças de d. Antonio Philippe Camarão e Henrique Dias, vindas do rio Real, com as de Fer-

nandes Vieira, acampadas em Gurjaú. Antonio Cavalcanti é dahi destacado com 300 homens para as bandas de Iguarassú e Goiana (veja 19 de Septembro).

— No mesmo dia, Vidal de Negreiros entra em Sancto-Antonio do Cabo (portanto, antes de Vieira, apesar de dizerem o contrário Rafael de Jesús, Calado e Sanctiago.

1646.— Os Hollandezes são batidos perto da estancia de Aguiar (ou Engenho-Mingau), por Philippe Camarão, Fernandes Vieira e Vidal. Os dous ultimos acudiram com reforços do Arraial e só tomaram parte na perseguição.

— Na noite dêste dia os Hollandezes occuparam a Barreta e ahi começaram a construir um forte (data de Nieuhoff, preferivel á de 15 de Agosto em Rafael de Jesús).

1774.— Nasce na Colonia do Sacramento Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, o redactor do *Correio Brasiliense*, de Londres (veja «Ephemeride» de 1° de Junho de 1808 e 11 de Septembro de 1823).

1782.— Nascimento de Antonio José do Amaral, no Rio de Janeiro. Representou papel importante na nossa Politica desde 1821, foi redactor da *Astréa* e deputado, e falleceu a 21 de Abril de 1840. Deixou varios filhos illustres, entre os quaes José Maria do Amaral, já fallecido.

1811.— Neste dia nasceu na cidade do Rio de Janeiro Domingos José Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaia (veja 10 de Julho de 1882).

1824.— Chega ao porto de Jaraguá a esquadra de lord Cochrane, marquez do Maranhão, conduzindo as tropas do Rio de Janeiro sob o commando do general Francisco de Lima e Silva.

14 DE AGOSTO

1630.— Os Hollandezes começaram a construir, na madrugada dêste dia, o forte a que deram o nome de Fredrick Hendrick, vulgarmente chamado por elles Vijfhoek (Cinco Pontas), juncto ás Cacimbas da ilha de Sancto-Antonio. Camarão os atacou, por ordem de Mathias de Albuquerque, mas não conseguiu impedir a continuação dos trabalhos.

1790.— Nasce em Pernambuco Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, que foi professor da Eschola de Medicina do Rio de Janeiro e barão de Iguaraçú. Falleceu a 29 de Abril de 1846.

1813.— Nasce na Bahia José Thomaz Nabuco de Araujo, o illustre estadista e jurisconsulto, fallecido a 19 de Março de 1878.

1819.— O tenente das guerrilhas Albano de Oliveira (veja 7 de Abril de 1836) derrota, no arroio Carpinteria, um destacamento oriental ao mando de Santander.

1828.— O brigue *15 de Agosto*, commandado pelo primeiro-tenente Philippe Marques de Figueiredo, bate-se, perto de Cabinda, com um corsario argentino, ou pirata, e obriga-o a fugir.

1835.— Nas ruas da cidade de Belém começa neste dia, e termina na noite de 22 para 23, um dos mais renhidos combates da guera civil paraense. Pelas 10 horas da manhã a cidade foi invadida por 2.987 *cabanos*, dirigidos por Antonio Vinagre. O presídente da provincia, general Manuel Jorge Rodrigues, dispunha de uns 1.000 homens de tropa e marinhagem, além de 400 paizanos armados, que acabava de reunir (Voluntarios Nacionaes). Duas corvetas extrangeiras (ingleza e portugueza) desembarcaram parte de suas guarnições e auxiliaram a defesa. Os *cabanos* entrincheiraram-se em várias casas, interceptando a communicação entre o arsenal e o palacio, posições occupadas pelos legalistas. Neste primeiro dia o fogo durou das 10 horas da manhã ás 6 da tarde. Foi tomada 1 peça aos *cabanos* (veja os dias seguintes até 23).

1840.— Morre no Rio de Janeiro o conselheiro Balthasar da Silva Lisbôa, auctor dos «Annaes do Rio de Janeiro», nascido na Bahia a 6 de Janeiro de 1761.

1851.— A esquadra brasileira, commandada por Grenfell, troca alguns tiros com a bateria de S. Nicoláo, no Paraná, guarnecida por tropas do dictador argentino Rosas.

1879.— Morre na Bahia o poeta Antonio Augusto de Mendonça, nascido na mesma cidade a 19 de Maio de 1832.

15 DE AGOSTO

1635.— O general Crestofle d'Artischou Arciszewsky (era assim que esse official polaco escrevia o seu nome), á frente de um divisão de tropas hollandezas, chega a Peripueira (Alagôas) e levanta dous reductos, um juncto á praia, outro em uma eminencia juncto á ermida de S. Gonçalo.

1638.— O capitão-mór Pedro Teixeira chega a Paiamino, onde desde 24 de Junho se achava a sua vanguarda, dirigida pelo coronel Bento Rodrigues de Oliveira.

1645.— Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias, marchando de Gurjaú, reunem-se em Sancto-Antonio do Cabo a Vidal de Negreiros, que já ahi se achava desde o dia 13 (veja essa data), tendo avançado de Tabatinga com uma parte das

tropas da Bahia. Soares Moreno marchara de Tabatinga para Algodoaes, afim de sitiar a fortaleza do Pontal de Nazareth, no Cabo de Sancto-Agostinho. Fernandes Vieira recebeu então a commissão de mestre-de-campo (coronel), assignada pelo governador-geral do Brasil, e ordem dêste para que o Govêrno de Pernambuco e a direcção da guerra pertencessem a Vidal de Negreiros e a elle Fernandes Vieira, nomeados para esse fim «mestres-de-campo e governadores, com poderes de capitão-general». Porto-Seguro observa, com razão, que, dahi em deante até assumir o commando o general Barreto de Meneses (16 de Abril de 1648), foi Vidal de Negreiros o verdadeiro director da guerra, embora digam o contrário os panegyristas de Vieira. A assignatura de Vidal figura sempre nos documentos officiaes antes da de Vieira, e por vezes sem a dêste, mesmo estando ambos presentes, como no dia 17, em Casa-Forte.

1647.— Partem de Setubal duas esquadras com destino ao Brasil. A primeira, composta de 10 galeões e 24 transportes, dirigiu-se á Bahia, tendo por general Antonio Telles de Meneses, conde de Villa-Pouca de Aguiar, e por almirante Luiz da Silva Telles; a segunda, de 6 navios, sob o commando de Salvador Corrêia de Sá e Benevides, seguiu para o Rio de Janeiro. Naquelle tempo, o commandante em chefe de uma esquadra tinha em Portugal e na Hispanha o titulo de general, e o seu immediato o de almirante.

1648.— O general Salvador Corrêia de Sá e Benevides desembarca perto de S. Paulo de Loanda com as tropas que levava do Rio de Janeiro (veja 12 de Maio), e marcha sôbre o forte de Sancto-Antonio. Os Hollandezes evacuam essa posição, e os nossos, perseguindo-os a mão-tente, penetram na cidade. Com a artilharia retirada do forte de Sancto-Antonio e 4 peças, que trouxera de bordo, começa Corrêia de Sá a bater a fortaleza do morro de S. Miguel, onde o inimigo se concentrara (veja 17 de Agosto).

1792.— Nascimento de Antonio de Sousa Lima, o defensor de Itaparica, durante a guerra da Independencia (veja 17 de Maio de 1846).

1827.— Nascimento de Bernardo Guimarães, em Ouro Preto.

1835.— Continúa durante o dia o combate começado na vespera, nas ruas de Belém do Pará.

1851.— Com a approximação da vanguarda do general Fernandes dos Sanctos Pereira, as tropas de Oribe, commandadas por Dionysio Coronel, evacuam precipitadamente Serro-Largo. No mesmo dia foi a villa occupada por fôrças brasileiras.

1867.— O almirante Joaquim José Ignacio, logo depois barão e visconde de Inhaúma, fórça a passagem de Curupaití, á frente dos encouraçados seguintes: *Brasil* (com o pavilhão de almirante, capitão de bandeira Salgado, depois barão de Corumbá), *Mariz e Barros* (commandante Netto de Mendonça), *Tamandaré* (commandante Elisiario Barbosa), *Colombo* (commandante Bernardino de Queiroz), *Bahia* (com a insignia do chefe Rodrigues da Costa, capitão de bandeira Pereira dos Sanctos), *Cabral* (commandante Jeronymo Gonçalves), *Barroso* (commandante Silveira da Motta, depois barão de Jaceguái), *Herval* (commandante Mamede Simões), *Silvado* (commandante Macedo Coimbra), e *Lima Barros* (com a insignia do chefe Alvim, capitão de bandeira Garcindo de Sá). O aviso *Lindóia* subiu atracado ao costado de bombordo do *Brasil*, e a chata *Riachuelo*, rebocada pelo *Colombo*. Os quatro encouraçados, que se seguiam ao *Brasil*, formavam a 3ª divisão (chefe Rodrigues da Costa); os cinco ultimos, a 1ª divisão (chefe Alvim, depois barão de Iguatemí). O chefe de divisão Elisiario dos Sanctos (depois almirante e barão de Angra) approximou-se de Curupaití com 6 canhoneiras e 2 bombardeiras, e rompeu o fogo sôbre as baterias inimigas. No rio, 2 estacadas de madeira, varios batelões afundados, 10 torpedos collocados entre o banco e o Chaco, e em terra 29 canhões, defendiam o passo. Os encouraçados, porém, contra a espectativa do inimigo, passaram a tiro de pistola da barranca fortificada, em pouco fundo, deixando a grande distancia o canal em que estavam os torpedos, e receberam no costado e obras mortas 256 balas. Tivemos apenas 25 homens fóra de combate (3 mortos e 22 feridos e contusos). Elisiario Barbosa, um dos commandantes feridos, perdeu o braço esquerdo. No mesmo dia ás 2 da tarde os canhões da bateria de Londres, em Humaitá, troaram pela primeira vez em acção de guerra, respondendo ao fogo da nossa esquadra. Mezes depois, 10 de Novembro, começou-se a construcção de uma via-ferrea no Chaco, para facilitar as communicações entre a esquadra encouraçada e a de madeira. O almirante deu-lhe o nome de caminho de ferro Affonso Celso, em honra do ministro da Marinha, que preparara os elementos para esta passagem de Curupaití e para a de Humaitá.

1869.— Installação do Govêrno provisorio do Paraguai, em Assumpção. A eleição dêsse Govêrno foi promovida pelo Brasil, empenhado em manter a independencia do Paraguái.

16 DE AGOSTO

1501.— A esquadra portugueza de André Gonçalves e Amerigo Vespucci, vinda de Lisbôa, avista o cabo a que deu o

nome de S. Roque, e começa dalli para o Sul a exploração da costa brasileira. Do dia 17 a 24 permaneceu a esquadra deante do cabo de S. Roque.

1637. — O mestre-de-campo Luiz Barbalho Bezerra chega á Bahia, procedente de Lisbôa, conduzindo alguns reforços.

1639. — O capitão-mór Pedro Teixeira, de volta de Quito, chega á foz do Aguarico no Napo, e toma posse da margem esquerda dêste ultimo rio, em nome de Philippe IV, para servir de divisa entre os dominios de Portugal e Castella.

1645. — As tropas pernambucanas haviam aprisionado a mulher do capitão Blaer e a do capitão Hick. Em represalia, Blaer capturou na Varzea tres senhoras pernambucanas: a esposa de Francisco Berenger de Andrada (sogra de Fernandes Vieira), a de Antonio Bezerra e a de Antonio Lopes. Recebendo esta noticia e a de estarem as prisioneiras em poder do coronel Haus, no engenho de Nassau (Casa-Forte), Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira, á 1 1|2 da tarde, partem de Sancto-Antonio do Cabo, e, forçando as marchas, chegam quasi á meia noite ao engenho S. Sebastião, na Varzea, perto da margem direita do Capiberibe (veja o dia seguinte).

1710. — As fortalezas da barra do Rio de Janeiro avistam a esquadra franceza do capitão de fragata François du Clerc.

1835. — Continúa em Belém do Pará o combate começado no dia 14. A's 4 1|2 da madrugada os *cabanos* lançam-se ao ataque do arsenal, e trava-se ahi furiosa peleja por mais de 3 horas. Ao amanhecer as fragatas *Campista* e *Imperatriz*, as corvetas *Regeneração* e *Racehorse* (ingleza) e *Elisa* (portugueza), varreram os dous flancos do arsenal e reduziram a ruinas as casas vizinhas. Só então, tendo soffrido enormes perdas, os *cabanos* desistiram do ataque dessa posição, indo bater-se, com o mesmo arrojo, em outros ponctos da cidade occupados pélos seus. O fogo durou o dia inteiro.

1851. — Morre no Rio de Janeiro o senador Paula e Sousa (Francisco de P. e S. Mello), ex-presidente do Conselho de Ministros e um dos chefes do partido liberal. Nascera em Itú a 15 de Julho de 1791.

1866. — Morre no Rio de Janeiro o general Manuel Felizardo de Sousa e Mello, senador do Imperio e por vezes ministro da Guerra.

1868. — Os couraçados *Brasil* (almirante Inhaúma), *Cabral* e *Tamandaré*, levando atracados ao costado 3 transportes a vapor, forçam a passagem de Timbó.

1869. — Batalha de Campo-Grande, ganha pelo marechal conde d'Eu sôbre o general Bernardino Caballero. Empenha-

ram-se nesta acção, a principio, o general Vasco Alves, com 1 brigada da 3ª divisão de cavallaria (Guarda Nacional), logo depois o general em chefe e o general João Luiz Menna Barreto com a 3ª divisão de infantaria (general Pedra), a artilharia (coronel Mallet), e, afinal, por outro lado, o general Victorino Monteiro, com as divisões de cavallaria (Guarda-Nacional) do general Camara e coronel M. de Oliveira Bueno e 3 batalhões de infantaria da divisão do general Resin. Caballero perdeu 2.000 mortos, 1.300 prisioneiros e 1.000 dispersos, que se apresentaram ao exército brasileiro, 23 canhões e 6 bandeiras. A nossa perda consistiu em 62 mortos e 389 feridos (451 homens). No dia seguinte, o pequeno exército argentino (uns 3.000 homens) reuniu-se ao brasileiro.

— Fallecimento de Faustino Xavier de Novaes, no Rio de Janeiro.

17 DE AGOSTO

1645.— *Combate de Casa-Forte.*— Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira atravessam o Capiberibe (veja o dia anterior) e atacam os Hollandezes entrincheirados no Engenho de Nassau, chamado pelos nossos, desde essa occasião, Casa-Forte, nome que ainda conserva o logar, hoje um dos suburbios do Recife. Camarão cortou a retirada ao inimigo, occupando os caminhos que conduziam para o Recife. Depois de algumas horas de resistencia, quando os nossos iam incendiar a casa do engenho, capitularam os Hollandezes, com a condição de terem a vida salva. Vidl accrescentou de seu punho nesse documento: — « Estes senhores irão para o Cabo ou Ipojuca, afim de embarcarem na armada... Concedemos que os officiaes conservem as suas espadas, o que promettemos sob palavra de christãos.— (assignado) *André Vidal de Negreiros* ». Renderam-se 322 homens, incluidos neste número uns 100 Indios e o coronel Hendrik van Haus, commandante em chefe das tropas hollandezas no Brasil, Johan Listry, commandante geral dos Indios, Blaer e mais 9 officiaes. Durante o combate teve o inimigo 37 mortos, entre os quaes 1 tenente. A nossa perda foi de 18 mortos e 35 feridos, sendo dos primeiros um alferes, e dos segundos Henrique Dias (seu septimo ferimento nessa guerra) e os capitães Domingos Fagundes (pardo) e Gomes Taborda. Os Indios rendidos, quando saïam, ainda armados, foram atacados e exterminados pelos nossos. Depois desta victoria, que completou a do dia 3, Vidal de Negreiros deixou Fernandes Vieira deante do Recife, e foi reforçar Soares Moreno, que sitiava o forte do Pontal de Nazareth.

1648.— Salvador Corrêia de Sá e Benevides assalta a fortaleza do morro de S. Miguel, em S. Paulo de Loanda (veja 15 de Agosto), e é repellido. As tropas brasileiras, que elle

commandava, constavam de 900 homens: 323 ficaram fóra de combate (163 mortos e 160 feridos); mas, apesar desse revés, conservaram os nossos as suas posições deante da fortaleza, e dispunham-se a segundo assalto, quando o inimigo, no dia seguinte, propoz capitulação.

1710.— A esquadra franceza do capitão de fragata François du Clerc, trocando alguns tiros com a fortaleza de Sancta Cruz, desiste de forçar a entrada da barra do Rio de Janeiro, e segue para a ilha Grande. Compunha-se, segundo um documento no archivo do Ministerio da Marinha em Pariz, dos navios seguintes: *L'Oriflamme*, de 60 peças, *L'Atalante* e *La Diane*, de 44, *La Valeur*, de 40, *La Venus*, de 20 e 1 balandra. Traziam uns 1.000 homens de desembarque, de tropas da marinha.

1825.— Combate, perto das muralhas da Colonia do Sacramento, entre 300 Brasileiros, commandados pelo coronel João Ramos, e 400 Orientaes, dirigidos por Lavalleja. Estes retiraram-se com alguma perda. A nossa foi apenas de 24 mortos e feridos.

1833.— Paula e Sousa toma assento no Senado.

1835.— Quarto dia de combate em Belém do Pará. Os legalistas já tinham mais de 250 mortos e feridos, sendo muito maior a perda dos *cabanos*, mas estes recebiam quasi todos os dias reforços. Antonio Vinagre foi morto e Eduardo Angelim assumiu o commando. Este caudilho, natural do Ceará, contava então 23 annos. «Muito bravo, mas muito malvado», dizia delle o chefe Taylor.

1841.— Nascimento do poeta Luiz Nicoláo Fagundes Varella, em Piedade (depois Rio-Claro), na então provincia do Rio de Janeiro. Falleceu a 18 de Fevereiro de 1875.

1864.— Fallecimento do poeta Manuel Odorico Mendes, nascido em S. Luiz do Maranhão a 24 de Janeiro de 1799. Falleceu nos arredores de Londres.

1865.— *Batalha de Jataí* (Corrientes), na qual o exército alliado da vanguarda, sob o commando do general Venancio Flores, destruiu a divisão paraguaia do commandante Pedro Duarte.— Flores tinha ás suas ordens 2.440 Orientaes e 8 peças, 4.500 Argentinos e 24 peças (general Paunero) e 1.450 homens do exército brasileiro, isto é, os batalhões 5° e 7° de linha e 3° de voluntarios, que formavam a brigada do coronel Coelho Kelly, e o 16° de voluntarios (coronel Fidelis Paes da Silva), incorporado á infantaria oriental. A columna paraguaia de Duarte compunha-se apenas de 3.220 homens: 2.000 ficaram mortos ou feridos e 1.200 prisioneiros. 4 bandeiras foram tomadas pelos Orientaes e Argentinos. Perdas dos al-

liados: Orientaes, 51 mortos e 177 feridos; Argentinos, 13 mortos e 86 feridos; Brasileiros, 19 mortos e 34 feridos. Total: 83 mortos e 297 feridos.

1867.—Fallecimento do senador marquez de Itanhaen (Manuel Ignacio de Andrade Souto-Maior Pinto Coelho), que foi tutor do imperador d. Pedro II e suas ermãs (depois da demissão de José Bonifacio pelo Regencia) até 1840.

1880.—Fellecimento do literato Franklin Tavora, nascido em Pernambuco a 13 de Janeiro de 1842. Falleceu no Rio de Janeiro.

18 DE AGOSTO

1648.—O coronel hollandez Brinck ataca a Estancia, defendida por Henrique Dias, e é repellido.

—Os Hollandezes da fortaleza do Morro de S. Miguel, em S. Paulo de Loanda, propõem capitulação (veja o dia seguinte), que foi assignada no dia 21.

1711.—Sebastião Pinheiro Camarão, partidario dos Portuguezes europeus do Recife, derrota no Sebiró, juncto ao engenho Genipapo, os Olindistas commandados pelo mestre-de-campo Christovam de Mendonça Arraes. Este e varios officiaes ficaram prisioneiros.

1831.—Lei creando a Guarda Nacional, sujeitá ao ministro da Justiça. A mesma lei extinguiu os corpos de milicias e de ordenanças, que dependiam do ministro da Guerra, e os guardas municipaes que acabavam de ser creados (6 de Junho do mesmo anno de 1831). Os alistados nos corpos extinctos passaram a servir na Guarda Nacional, que tinha por missão —«Defender a Constituição, a liberdade, a independencia e a integridade do Imperio, manter a obediencia ás leis, conservar e restabelecer a ordem e tranquillidade pública, e auxiliar o exército de linha na defesa das fronteiras e costas». O mesmo art. 1° da lei, que isto dispunha, accrescentava:—«Toda deliberação tomada pelos guardas-nacionaes acêrca dos negocios publicos é um attentado contra a liberdade e um delicto contra a Constituição». A Guarda-nacional brasileira, creação dos liberaes de 1831, prestou relevantissimos serviços á ordem pública e foi um grande auxiiar do exército de linha nas nossas guerras extrangeiras de 1851 a 1852 e de 1864 a 1870. Hoje, o Brasil é um dos raros paizes que não têm milicias nem reservas que possam ser chamadas ás armas, e isto quando, com o armamento moderno e a facilidade de communicações, é cousa provada que nas guerras extrangeiras a victoria pertencerá sempre á nação que puder mais rapidamente mobilizar tropas, reuni-las na fronteira e assumir a offensiva.

1835.— Quinto dia de combate nas ruas de Belém do Pará.

1838.— Proposta feita em sessão da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, pelo general Cunha Mattos e pelo conego Januario da Cunha Barbosa, para a creação de um Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Foi approvada no dia seguinte, e a 21 de Outubro inaugurou-se o Instituto.

1869.— *Combates de Caguijurú e de Caraguataí.*— Na mata de Caguijurú, entre Barrero-Grande e Caraguataí, estavam entrincheirados 2.000 Paraguaios, sob o commando do tenente-coronel Vernal. O general Victorino Monteiro, depois barão de S. Borja, atacou e tomou essas trincheiras, á frente da 1ª divisão de infantaria do general Resin. O inimigo perdeu 260 mortos (Vernal foi um delles), 530 prisioneiros, muitos delles feridos, 12 canhões e 1 bandeira. O general Camara (visconde de Pelotas) avançou rapidamente sôbre Caraguataí, com 4 corpos da 2ª divisão de cavallaria, derrotou perto dessa povoação uma columna de 200 homens, tomou mais um canhão e perseguiu os fugitivos até ao Manduvirá-Ihú ou Tobatirí. A nossa perda nesses combates foi de 13 mortos, 143 feridos e 31 contusos. Com a approximação do general Camara, os Paraguaios incendiaram os ultimos vapores da sua esquadra, refugiados no Manduvirá-Ihú. Eram o *Iporá*, *Salto de Guairá*, *Rio-Apa*, *Pirabebê*, *Anhambahí* e *Paraná*. Detonações successivas annunciaram ás nossas tropas a destruição total dessas canhoneiras.

19 DE AGOSTO

1627.— O governador do Rio de Janeiro, Martim de Sá, conce nesta data sesmarias, nos campos dos Goitacás, aos trez ermãos capitães Gonçalo, Manuel e Duarte Corrêia de Sá, e aos capitães Miguel Aires Maldonado, Antonio Pinto, João de Castilhos e Miguel Riscado. Essas concessões extendiam-se do rio dos Bagres ou Macahé até ao Parahiba do Sul, em terras que pertenciam á antiga capitania de S. Thomé, cedidas á corôa em 1619 por Gil de Góes da Silveira, herdeiro do donatario (escriptura de 22 de Março, cit. pelo visconde de Porto-Seguro, «Hist. Ger.», I, 460). Os septe capitães afugentaram, depois de muitos combates, o mesmo gentio que no seculo anterior havia destruido a villa da Rainha, fundada no Parahiba do Sul por Pero de Góes, e formaram os primeiros estabelecimentos de criação nos districtos de Macahé e Campos. O general Salvador Corrêia de Sá e Benevides adquiriu depois algumas terras ao Sul do Parahiba, e os Jesuitas, Benedictinos e Carmelitas tambem se estabeleceram alli. A capella de S. Salvador, mandada levantar por Sá e Benevides, ficava dez leguas

distante da margem meridional do Parahiba. Balthasar Lisbôa dá para a fundação dessa capella o anno de 1652. E' possivel que, estando ausente do Brasil, o general a houvesse mandado construir então, mas a sua fazenda de assucar deve ter sido fundada antes de 1643. Nas vizinhanças dessa capella formou-se uma povoação, que em 1678 foi transferida para o logar em que ora se acha a cidade de Campos. Em 1662 os moradores da primitiva povoação formaram uma republica, nome que, mesmo em documentos officiaes portuguezes, se dava por esse tempo ao govêrno municipal, e onze annos depois, por ordem do ouvidor-geral em correição, dr. João Velho de Azevedo, installaram solennemente a villa, participando o facto ao ouvidor da comarca do Rio de Janeiro em 2 de Septembro de 1673. Outras povoações do Brasil crearam illegalmente, como Campos em 1662, o govêrno municipal. Nesse caso está Pindamonhangaba, que em uma só noite, em 1704, levantou o pelourinho e elegeu os officiaes da Camara, separando-se do municipio de Taubaté. O resultado da queixa, elevada ao rei pela Camara de Taubaté, foi a carta régia de 10 de Julho de 1705, confirmando o voto popular que creara o novo municipio. Muitos documentos dos seculos XVI, XVII e XVIII, mostram a independencia e altivez com que as Camaras e os procuradores do povo fallavam aos governadores e mesmo ao rei, defendendo os privilegios municipaes ou queixando-se dos delegados da corôa. Assim, o procurador da camara do Pará, Manuel Guedes Aranha, apresentou em Lisbôa, no anno de 1653, um «Papel politico», no qual dizia que «si os governadores representavam as pessoas reaes, as republicas (Camaras e Senados) representavam os primeiros governos do mundo.— A carta régia de 17 de Julho de 1674 creou nas margens do Parahiba do Sul duas capitanias em favor do visconde de Asseca e de seu ermão João Corrêia de Sá. Com o correr dos tempos, ficaram as duas reunidas com o nome de capitania do Parahiba do Sul ou de Campos dos Goitacás. Mudada a villa de Campos para o logar onde hoje se acha a cidade, revoltaram-se por vezes os habitantes contra os procuradores do donatario ou contra as auctoridades civis e a propria Camara. As revoltas mais importantes foram as de 1720 e 1748. Em ambas luctaram enfurecidos os partidos locaes, ensanguentando as ruas da villa. A revolta de 1720, dirigida por Bartholomeu Bueno, foi reprimida a custo por tropas mandadas do Rio de Janeiro. Na de 1748, contra a posse do procurador do donatario, dizem que até as mulheres combateram, distinguindo-se uma heroïna popular, Benta Pereira, pelo furor com que a cavallo perseguia os defensores do donatario. As auctoridades foram depostas, elegendo-se novos officiaes da Camara; mas, pouco depois, em Julho, chegou com 300 homens de tropa o mestre-de-campo João de Almeida, enviado pelo governador

Gomes Freire de Andrada, e a revolta ficou dominada. Entretanto, como procurador do povo de Campos, tinha ido a Lisbôa, antes ou depois dêstes acontecimentos, Sebastião da Cunha Coutinho Rangel (pae do bispo Azeredo Coutinho), e essa missão concorreu provavelmente para que o proprio donatario desistisse da posse da capitania, entrando em accôrdo com o Govêrno (provisão do Conselho Ultramarino de 1° de Junho de 1753 e carta de padrão, de 14 do mesmo mez e anno). Desde 28 de Março de 1835 Campos ficou tendo o titulo de cidade.

1827.— O general Lavalleja, á frente de 1.113 Argentinos e Orientaes, ataca pela madrugada o reducto da Ponta de Léste, em Maldonado, defendido por 240 Brasileiros e 13 bocas de fogo, ao mando do tenente-coronel Salustiano Severino dos Reis. O inimigo foi repellido com perda. «Este ha sido un pequeno contraste, que mui pronto lo pagarán con usura los enemigos», disse Lavalleja, em carta dêsse dia, que é conservada na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (veja 28 de Agosto).

1835.— Sexto dia de combate na cidade de Belém do Pará.

1868.— O marechal Caxias marcha de Parê-Cuê, com o 1° e o 3° corpos do exército brasileiro e o contingente oriental, para atacar as posições occupadas pelo dictador Solano López no Tebicuarí. Ficam em Humaitá o 2° corpo brasileiro e as tropas argentinas.

1879.— José Bonifacio de Andrada e Silva, o moço, toma assento no Senado.

20 DE AGOSTO

1782.— Nascimento de Bernardo José da Gama, depois visconde de Goiana. Nasceu no Recife, e falleceu na mesma cidade a 3 de Agosto de 1854.

1822.— Em sessão do Grande Oriente, presidida por Joaquim Gonçalves Lédo, pronuncía este um discurso em que declara ser chegada a occasião de proclamar-se a independencia e a realeza constitucional no Brasil. O assumpto é discutido nesta sessão e na de 23 de Agosto, sendo então nomeados emissarios para as provincias. Já então d. Pedro tinha sido acclamado grão-mestre. No dia 14 de Septembro, chegando de S. Paulo, toma posse do cargo.

1823.— Decreto do imperador d. Pedro I, concedendo a Maria Quiteria de Jesús o soldo de alferes de linha, pela intrepidez com que, alistando-se no exército libertador da Bahia, se distinguira nas mais arriscadas occasiões de combate, segundo participação do commandante em chefe do mesmo exér-

cito. O imperador collocou-lhe ao peito a insignia de cavalleiro da Ordem imperial do Cruzeiro. Graças a Mrs. Graham, foi conservado o retrato da heroïna bahiana, que, segundo essa escriptora, era filha do fazendeiro Gonçalves de Almeida, estabelecido « no rio do Peixe, freguezia de S. José, obra de quarenta leguas da Cachoeira para o sertão » (« Journal of a voyage to Brazil...» by Maria Graham. Londres, 1824, pags. 292-294).

1827.— Tomada da escuna corsario argentina *Estrella del Sud*, commandante Andréa, pela canhoneira brasileira *Grenfell*, commandante o segundo-tenente Francisco Xavier de Brum. O combate deu-se na altura do cabo de Sancta-Maria. A *Grenfell*, construida no arsenal de Sanctos, estava armada em escuna e ia reunir-se á nossa esquadra do Rio da Prata.

1835.— Septimo dia de combate na cidade de Belém do Pará.

1836.— Oeiras, no Pará, cae novamente em poder dos *cabanos* (veja a retomada a 20 de Septembro).

1840.— O tenente-coronel Diogo Lopes de Araujo Salles assalta e toma as trincheiras de Detraz-da-Serra, termo de Pastos-Bons, defendidas por 1.200 rebeldes. Tiveram estes 78 mortos, 28 prisioneiros, e perderam muitas armas, munições e cavallos. Os legalistas tiveram 75 mortos e feridos (veja 23 de Agosto).

1842.— *Batalha de Sancta-Luzia, ganha pelo general Caxias*.— O exército dos liberaes mineiros compunha-se de 3.300 homens, com 1 peça de artilharia, commandados por Antonio Nunes Galvão, Francisco Joaquim de Alvarenga e Manuel Joaquim de Lemos, e occupava a povoação (hoje cidade) de Sancta-Luzia, várias trincheiras que dominavam as estradas de Sabará e da Lapa, e a Ponte-Grande, no rio das Velhas. Caxias commandava pouco mais de 2.000 homens, pela maior parte guardas-nacionaes (2 batalhões de linha, 2 de guardas-nacionaes do Rio de Janeiro, 4 de Minas, 2 esquadrões de cavallaria da Guarda-Nacional do Rio e 2 peças de artilharia). Dividiu essas fôrças em 3 columnas. A do centro, sob o seu commando immediato (800 homens), avançou pela estrada de Sabará e teve de ir vencendo a resistencia dos liberaes desde o corrego do Tamanduá; a da esquerda (460 homens) ameaçou a Ponte-Grande e retirou-se depois de algum tiroteio; a da direita (800 homens), commandada pelo coronel da Guarda-Nacional José Joaquim de Lima e Silva (conde de Tocantins), penetrou na povoação pela estrada da Lapa, e com esse ataque de flanco e retaguarda decidiu o combate, em que estava empenhado Caxias. As fôrças do Govêrno tiveram 72 mortos e

feridos; e as da insurreição, uns 60 mortos, muitos feridos e 300 prisioneiros, inclusos 10 dos principaes chefes.

Esta batalha poz termo á guerra civil de Minas-Geraes. As trincheiras dos dissidentes tinham sido levantadas sob a direcção do engenheiro Wisner von Morgenstern, que depois passou a servir no Paraguái, e, pela segunda vez, foi prisioneiro de Caxias em Lomas-Valentinas. Por muito tempo depois desta batalha, os liberaes foram designados pelo nome de «luzias». Os conservadores eram chamados «saquaremas», porque o logar dêsse nome, na provincia do Rio de Janeiro, mostrou-se em todas as eleições um baluarte inexpugnavel do partido. Os liberaes de S. Paulo e Minas tinham recorrido ás armas para libertar, segundo diziam, o joven imperador da coacção em que estava, dominado pelo Ministerio, e para evitar que fosse anniquilada a Constituição e rebaixado o throno com a execução das leis de creação do Conselho de Estado e da reforma do Codigo do Processo.

1865.— O general barão de Porto-Alegre (depois visconde e conde) chega ao acampamento deante de Uruguaiana e assume no dia seguinte o commando em chefe do exército brasileiro do Rio Grande do Sul.

1868.— Os Paraguaios evacuam o seu campo entrincheirado de Timbó, no Chaco, abandonando nelle 8 canhões.

1878.— Fallecimento do senador Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, nascido em Sobral a 19 de Abril de 1809. Exerceu o cargo de chefe de policia de Pernambuco em quadra difficil, e publicou sôbre os acontecimentos dêsse tempo um livro interessante («Chronica da rebelliāo praieira de 1848 e 1849»).

1885.— Fica organizado o Gabinete presidido pelo barão de Cotegipe. Com este Ministerio, que succedeu ao do conselheiro Saraiva e governou até 10 de Março de 1888, voltaram ao poder os conservadores.

21 DE AGOSTO

1636.— *Combate de Terra-Nova.*— O capitão-mór d. Antonio Philippe Camarão, tendo ás suas ordens 300 Indios, uns 100 pretos commandados por Henrique Dias e alguns brancos dirigidos pelos capitães de emboscadas Antonio de Sousa e Antonio Nunes Bezerra, repelle neste e no dia seguinte os ataques do coronel Artischau Arciszewski, que commandava fôrças muito superiores. Apesar de seu orgulho de vencedor da batalha de Mata-Redonda (18 de Janeiro de 1636), Arcis-

zewski recuou deante da energica defesa de Camarão, e retirou-se para S. Lourenço da Mata. Os combates de 21 e 22 de Agosto (não de 23 e 24, como diz o auctor das «Memorias Diarias») foram feridos em Terra-Nova, entre Alagôa-Secca e a margem esquerda do Tracunhaen (veja em Barleus o mappa de Marcgraff), e não em S. Lourenço da Mata (cf. Laet, «Iaerlijk Verhael», 520; e Montanus, «America», 462).

1648.— E' assignada a capitulação dos Hollandezes que occupavam a fortaleza do morro de S. Miguel, em S. Paulo de Loanda (veja 15, 17 e 18 de Agosto). Os rendidos eram 1.100 Europeus (Hollandezes, Francezes e Allemães) e alguns pretos. Depois de desarmados, ficaram muito surprehendidos, vendo a diminuta fôrça de que dispunha o general Salvador Corrêia de Sá e Benevides. Dous navios da expedição fluminense seguiram logo para Benguella, que sem resistencia se entregou. Todo o reino de Angola voltou assim ao dominio de Portugal.

1711.— Os Portuguezes europeus saem de Recife em 14 lanchas, atacam a Boa-Vista, e são repellidos pelos Clindenses.

1792.— Nascimento de Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti, depois visconde de Albuquerque. Nasceu no engenho Pantorra, em Pernambuco, e falleceu a 14 de Abril de 1863 no Rio de Janeiro.

1806.— O conde dos Arcos, depois de um brilhante govêrno na capitania da Bahia, toma posse do cargo de vice-rei do Brasil, no Rio de Janeiro, e exerce-o até 7 de Março de 1808, dia da chegada do principe-regente d. João, depois rei d. João VI.

1817.— Alvará de d. João VI, concedendo privilegio por quatorze annos ao padre Manuel Aires de Casal, para a impressão da sua «Corographia Brasilica». A obra de Casal saïu da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, hoje Typographia Nacional. Quasi nada se conhece da vida dêste homem eminente, que nos legou tão notavel trabalho. Era presbytero secular do grão-priorado do Crato, viajou muito pelo Brasil e partiu para Lisboa em 1821, na esquadra que conduziu d. João VI. Dizem que nascera em 1754, e Innocencio da Silva affirma que em Portugal. Em uma das obras de Auguste de Saint-Hilaire, publicada em 1833, lê-se o seguinte: — «L'abbé Manoel Ayres de Casal, le père de la géographie brésilienne, languit à Lisbonne dans l'indigence, sans pouvoir publier la seconde édition de son excellent ouvrage sur le Brésil».

1822.— O general Labatut desembarca em Jaraguá (Alagôas), com as primeiras tropas do Rio de Janeiro, enviadas em auxilio dos Bahianos.

— A typographia do *Constitucional*, periodico redigido na cidade da Bahia por Montezuma (depois visconde de Jequitinhonha), é assaltada e destruida por officiaes e soldados do exército portuguez.

1827.— Um destacamento de cavallaria brasileira, ao mando do tenente Antonio Carlos de Soveral, derrota outro de Orientaes, perto de Montevidéo.

1835.— Oitavo dia de combate na cidade de Belém do Pará.

1841.— Tentativa de assassinato contra o presidente da provincia da Parahiba, Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, depois barão de Quarahim. Alguns tiros foram disparados de uma emboscada, ficando levemente ferido o presidente.

1865.— O general Porto-Alegre, (Manuel Marques de Sousa) assume o commando do exército brasileiro deante de Uruguaiana.— Chegam a Uruguaiana 2 canhoneiras e 2 chatas, sob o commando do capitão de fragata Lomba.— O general Flores começa a atravessar o rio Uruguái com as tropas alliadas que iam reforçar os sitiantes.

1869.— O coronel Carlos Bethbezé de Oliveira Nery, á frente, de tropas brasileiras e argentinas, derrota no Potrero-Recalde, perto do Arroyo-Hondo (affluente do Manduvirá-Ihú), uma columna paraguaia de 400 e tantos homens, commandada pelo major Olsursa y Hermosa. Foram tomados 3 canhões e muitas carretas. Dos alliados ficaram mortos 5 e feridos 26, sendo dêstes o commandante da infantaria argentina, coronel Ayala, e o commandante do 12° corpo de cavallaria da Guarda-Nacional brasileira, José Luiz da Costa Junior. Este foi o ultimo combate em que os nossos alliados tomaram parte, durante a guerra do Paraguái.

22 DE AGOSTO

1497.— Segundo o roteiro de Vasco da Gama, estando a sua esquadra neste dia a 200 leguas da ilha de S. Tiago de Cabo-Verde (isto é, 12° ou 240 leguas do Sul, pois as leguas dos maritimos portuguezes e hispanhóes daquelle tempo eram 16 2|3 do grão) e a 800 da costa da Africa (portanto, 48° ou 960 leguas ao Occidente), avistou aves que, ao chegar a noite, voaram para S. S. O. com muita firmeza, como si buscassem uma terra. Com estas indicações, conhecida a posição da ilha de S. Tiago, cuja ponta meridional fica a menos de 15° de latitude Norte, póde-se concluir que Vasco da Gama estava a menos de 3° ao Norte do Equador, e os 48° longitude Oéste da

costa africana, naquelle parallelo, o collocam na altura do Ceará, isto é, a 38° de longitude Oéste de Greenwich, afastado mais de vinte leguas da costa brasileira. Está claro que a posição não póde ser estabelecida com muita precisão, porque o « Roteiro » apenas dá numeros redondos, e é mesmo mais provavel que Vasco da Gama estivesse então a N.N.E. do Penedo de S. Pedro.

1636.— Segundo dia do combate de Terra-Nova (veja o dia anterior).

1645.— O capitão Francisco Barreiros aborda e toma, perto da fortaleza do Pontal de Nazareth, um navio hollandez commandado por Marten Thijsen.

1793.— Nasce, no Rio Grande do Sul, David José Martins, que depois de 1835 tomou o nome de Canavarro e falleceu, a 12 de Abril de 1867, brigadeiro honorario do exército. Foi um dos chefes militares da revolução riograndense de 1835 e commandou o seu exército nos ultimos annos da guerra civil. Fez a campanha de 1851 a 1852, á frente de uma divisão de cavallaria da Guarda-Nacional, e em 1865 dirigiu as operações da nossa fronteira do Uruguái, até á chegada do general Porto-Alegre.

1825.— A's 11 ½ horas da noite o general Fructuoso Rivera, á frente de 500 Orientaes, ataca a villa de Mercedes, defendida por uma pequena guarnição brasileira sob o commando do tenente-coronel Francisco de Paula de Avellar Cabrita, e pela canhoneira *D. Sebastião*, de que era commandante o primeiro-tenente Cypriano José Pires. Depois de algumas horas de fogo foi o inimigo repellido. Antes do ataque, e guiado por um desertor, filho do paiz, Rivera conseguira aprisionar 4 officiaes enfermos, 1 cadete e 4 soldados, que estavam em uma casa afastada do centro da villa (veja o dia seguinte). O commandante de Mercedes era pae de Villagram Cabrita, que contava então cinco annos de edade e foi morto em 1866 no Paraguái.

1835.— Nono e último dia de combate na cidade de Belém do Pará. Os *cabanos* iam ganhando terreno, conquistando casas, e já estavam perto do palacio. O general Rodrigues, tendo soffrido grandes perdas, annunciou ao chefe Taylor que estava resolvido a abandonar a capital durante a noite, passando-se para a esquadra.— Taylor e o commandante da corveta ingleza foram pessoalmente dirigir o embarque da « valerosa guarnição do Trem (arsenal), que tres vezes repelliu o inimigo ». A's 3 da madrugada os restos da fôrça governista estavam embarcados, tendo-se inutilizado as munições e tudo quanto foi possivel, mas no palacio do Govêrno ficaram 6 peças abandonadas ao inimigo (veja 23 de Agosto). A perda na tropa e marinhagem,

incluindo a que tiveram os Inglezes e Portuguezes, andou por uns 400 a 500 mortos e feridos nos nove dias de combate. A dos *cabanos* foi provavelmente muito superior.

1840.— Decreto de amnistia, e proclamação do imperador d. Pedro II, dirigida aos Brasileiros que estavam em armas contra a auctoridade legal.

1888.— Chegam ao Rio de Janeiro, de volta da sua terceira viagem á Europa, o imperador d. Pedro II e a imperatriz d. Teresa-Christina. Termina neste dia a terceira regencia da princeza imperial d. Isabel, começada a 30 de Junho do anno anterior.

23 DE AGOSTO

1614.— Parte do Recife uma esquadrilha conduzindo tropa destinada á expulsão dos Francezes do Maranhão. Com ella ia o sargento-mór Diogo de Campos Moreno. No Rio Grande do Norte esses navios receberam a seu bordo um corpo de Indios e o capitão-mór Jeronymo de Albuquerque, chefe da expedição. Só no dia 26 de Outubro chegou a expedição a Guaxenduba, no Maranhão.

1616.— Nas « Memorias Diarias » de Duarte de Albuquerque encontram-se as datas de 23 e 24 de Agosto para os combates entre Camarão e Arciszewski. Preferimos as datas indicadas nos documentos hollandezes (veja 21 e 22 de Agosto).

1711.— Francisco Gil Ribeiro, do partido de Olinda, derrota em Goiana os partidarios dos Europeus do Recife (guerra dos *Mascates*).

1747.— Carta régia reconhecendo o direito do visconde de Asseca á capitania da Parahiba do Sul ou de Campos dos Goitacás. Essa decisão deu logar a uma revolta em Campos, no anno seguinte (veja 19 de Agosto de 1627).

1825.— O general José de Abreu approxima-se de Mercedes e obriga Rivera a afastar-se dos arredores dessa villa.

1808.— Alvará do principe-regente dando o predicamento de villa á povoação de Porto-Alegre (Rio Grande do Sul), « denominada ha muito villa ». Foi uma simples confirmação. Em Porto-Alegre, como em muitas outras povoações do Brasil, o govêrno municipal constituiu-se irregularmente. Segundo o « Indice Chronologico », de Homem de Mello, no dia 6 de Septembro de 1773 celebrou a sua primeira sessão a Camara de Porto-Alegre. Foi installada a 10 de Dezembro de 1810.

1835.— A's 3 horas da madrugada concluiu-se o embarque das tropas governistas que occupavam o arsenal e o palacio do Govêrno na cidade de Belém do Pará (veja 22 de Agosto).

Ao amanhecer Eduardo Angelim marchou ao ataque do palacio e, achando-o deserto, correu á praia e abriu fogo sôbre a esquadra. Todos os navios de guerra, nacionaes e extrangeiros, e os mercantes, abandonaram o porto e foram fundear nas proximidades da fortaleza da Barra. Os consules e quasi toda a população branca tinham embarcado. Angelim poude festejar a sua victoria, e ficou de posse da capital e de quasi toda a provincia. Só no anno seguinte, a 13 de Maio, foi expulso de Belém, e a 22 de Outubro aprisionado nas cabeceiras do Capim.

1836.— O coronel Francisco Xavier da Cunha, protegido por uma esquadrilha ao mando do capitão-tenente Guilherme Parker (2 patachos e 6 canhoneiras), desembarca perto do forte em frente á ilha do Junco, com 250 homens, pela maior parte da Guarda-Nacional, dispersa o acampamento do cabecilha David Alves Xavier e assalta e toma o forte, que era commandado por Simeão Barreto. Ficaram em poder dos legalistas 4 peças, 1 caronada e 2 bandeiras. A esquadrilha tomou um lanchão armado de uma caronada. Sendo já tarde e tornando-se o tempo tempestuoso, não foi possivel atacar logo o outro forte inimigo na ponta de Itapoan. A tomada do forte do Junco deu-se nesta data e não no dia 26 (veja 27 de Agosto).

1840.— Os rebeldes, batidos em Detraz-da-Serra (veja 20 de Agosto), levantam novas fortificações em Salobro. Eram 1.500 homens. São ahi atacados no dia 23 pelo tenente-coronel Diogo Lopes de Araujo Salles. O combate só terminou na madrugada de 24, pela completa victoria dos legalistas. Perda dos rebeldes: 300 homens; e dos legalistas: 50.

1863.— Morre na Bahia o escriptor dramatico Agrario de Sousa Meneses, nascido na mesma cidade a 25 de Fevereiro de 1834.

1878.— Fallecimento do senador José Martins da Cruz Jobim, director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nascido no Rio Pardo a 29 de Fevereiro de 1812.

24 DE AGOSTO

1554.— Os jesuitas Pedro Corrêia e João de Sousa, accompanhados de um leigo, partem de S. Vicente para a catechização dos Indios de Cananéa, e alli acabam martyres no mez seguinte. Pedro Corrêia, rico colono de S. Vicente, e, segundo parece, grande caçador de Indios, tinha sido convertido em 1550 pelo padre Leonardo Nunes, e entrara na Companhia de Jesús. Foi um dos fundadores do collegio de S. Paulo.

1624.— Os capitães Manuel Gonçalves e Luiz Pereira de Aguiar, emboscados perto do convento do Carmo, na Bahia, atacam e destroçam uma companhia de Hollandezes.

1631.— O capitão Luiz Barbalho, atravessando o Beberibe, lança fogo a um depósito de faxina, que os Hollandezes tinham ao abrigo do forte Bruyne.

1648.— Chega ao Arraial-Novo (arredores do Recife) o mestre-de-campo Francisco de Figueirôa, com o seu terço de infantaria das Ilhas.

— Por esse tempo, enfermou e morreu no Arraial o capitão-mór d. Antonio Philippe Camarão, um dos heróes da guerra hollandeza, na qual serviu com distincção desde 1630, achando-se nos principaes combates e batalhas e alcançando várias victorias, entre as quaes a de Terra-Nova, contra Arcizeswski (21 e 22 de Agosto de 1636), e a de Guajú (30 de Janeiro de 1646), contra Reinbergh e Bas. Quando foi baptizado, no dia 4 de Março de 1612, habitava a aldêia do Igapó, na margem esquerda do Potí, depois Potengí, no Rio Grande do Norte, e era chefe dos Potiguares. Foi sepultado na egreja do Arraial.

1828.— Tomada da corveta argentina *Gobernador Dorrego* (corsario), commandante Jean Soulin, pela corveta brasileira *Bertioga*, commandante Jorge Broom. Aprisionada, depois de combate, á saïda do Rio de Prata, foi encorporada á nossa esquadra em operações, passando a chamar-se *General Dorrego*, e ficou sob o commando do primeiro-tenente Leverger (depois barão de Melgaço).

1839.— Grenfell, commandante da esquadrilha imperial em operações no Rio Grande do Sul, desembarca no Camaquam, e apodera-se, no logar denominado Lagôa-Formosa, de tres lanchões dos dissidentes riograndenses. Eram o *Rio Pardo*, o *Independencia* e o *Setembrina*, que Garibaldi, ao partir para Sancta-Catharina, deixara sob o commando de Zephyrino Dutra.

1855.— Morre no Rio de Janeiro o general visconde de Magé, José Joaquim de Lima e Silva, nascido na mesma cidade a 26 de Julho de 1787. Commandou o exército brasileiro na Bahia, no último periodo da guerra da Independencia (veja 23 de Maio, 3 de Junhó e 2 de Julho de 1823).

1863.— Fallecimento do actor João Caetano dos Sanctos. Nasceu no Rio de Janeiro a 27 de Janeiro de 1808 e falleceu na mesma cidade. E' chamado com razão o « Talma brasileiro », e foi mais feliz que o grande actor francez, pois tem hoje um monumento na capital do Brasil. Na patria de Talma ha graduação nas homenagens públicas: alguns dos maiores auctores têm alli merecido monumentos; mas nenhum artista dramatico, nem mesmo o grande Talma, recebeu até hoje outra homenagem posthuma, além da collocação do seu busto ou retrato no salão de algum theatro.

25 DE AGOSTO

1625.—Do Lamarão, ou ancoradouro exterior do Recife, partem para a Europa as esquadras de d. Fadrique de Toledo, com as tropas da expedição que expulsou da Bahia os Hollandezes.

1650.—O capitão Antonio Borges Uchôa repelle um ataque dos Hollandezes na Estancia do Mendonça, arredores do Recife.

1803.—Nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva, depois duque de Caxias. Nasceu na Estrella, então provincia do Rio de Janeiro (veja 7 de Maio de 1880).

1822.—Entrada solenne do principe-regente d. Pedro na cidade de S. Paulo. No dia 5 de Septembro segue para Santos.

1840.—Na tarde deste dia soffrem os rebeldes do Piauhí uma derrota completa na Baixa-Fria (guerra dos *balaios*).

1878.—Morre em Ouro-Preto o poeta João Salomé Queiroga, natural de Diamantina.

26 DE AGOSTO

1640.—Fallece na cidade da Bahia e é sepultado na egreja do convento do Carmo o mestre-de-campo-general Gioan Vincenzo Sanfelice, conde e depois principe de Bagnuoli. Veiu ao Brasil em 1625, como sargento-mór de 1 terço de Napolitanos, e regressou para a Hispanha no mesmo anno, depois da restauração da Bahia, sendo então promovido ao posto de mestre-de-campo. Distinguiu-se ainda em Cádiz e na tomada de S. Kitts, e tornou ao Brasil em 1634, desembarcando em Alagôas, com algumas tropas. Desde ahi, representou papel importante na nossa guerra contra os Hollandezes e teve, a partir de 19 de Janeiro de 1636, o commando em chefe das tropas de Pernambuco. Com insignificantes recursos resistiu, como poude, aos progressos de um inimigo muito superior em número, e em 1638 coube-lhe a gloria de defender a cidade da Bahia, quando atacada pelo principe Mauricio de Nassau. Seu retrato encontra-se em Filamondo («Il genio belicoso de Napoli». Napoles 1691, 2 vols. *in-folio*).

1648.—Embarque dos Hollandezes que capitularam em S. Paulo de Loanda (veja 21 de Agosto).

1824.—Alencar Araripe, que estava de posse do Govêrno do Ceará, adhere á Confederação do Equador, proclamada em Pernambuco por Paes de Andrade.

1868.— O coronel João Niederauer derrota, no arroio Jaçaré, um corpo paraguaio de 400 homens de cavallaria.

— No mesmo dia eram fuzilados no acampamento de São Fernando, por ordem do dictador Solano López, o general Brúguez, o coronel Nunes e outros Paraguaios. A matança de nacionaes e extrangeiros, suspeitos de conspiração, começou em Junho e continuou até á morte do tyranno em Cerro-Corá. Ao receber a noticia do combate do Jacaré, Solano López levantou o seu acampamento de S. Fernando e marchou em retirada para o Pikisirí, deixando nesse acampamento o coronel Montiel, e, com uma divisão no reducto do Passo Real do Tebicuarí, 400 homens e 3 peças ao mando do major Rojas, e nas baterias de Isla-Fortín (foz do Tebicuarí) o major Moreno.

27 DE AGOSTO

1532.— Por este tempo (não é possivel precisar o dia), Pero Lopes de Sousa rende, depois de 18 dias de assédio, um fortim francez em Itamaracá. Tinha sido construido por Jean du Péret, capitão do navio *La Pelerine*, pertencente ao barão de Saint-Blancard, general das galeras francezas do Mediterraneo, e era commandado pelo capitão de la Motte. Lopes de Sousa guarneceu este pequeno forte, confiando-o a um Paulo Nunes, e no dia 4 de Novembro proseguiu em sua viagem para Lisbôa.

1795.— Nascimento de Bernardo Pereira de Vasconcellos, em Villa-Rica, depois Ouro-Preto (veja 1 de Maio de 1850).

1828.— Convenção preliminar de paz entre o Imperio do Brasil e a Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, hoje Republica Argentina. Foi assignada no Rio de Janeiro, sob a mediação da Grã-Bretanha. Os governos brasileiro e argentino renunciaram as suas pretenções sôbre a Banda Oriental do Uruguái, então chamada Provincia Cisplatina, e nella crearam um Estado independente, com o nome de Republica Oriental do Uruguai.

1836.— As tropas do coronel Francisco Xavier da Cunha estavam, desde o dia 23, a bordo da esquadrilha do capitão-tenente Guilherme Parker (veja essa data), esperando que o vento permittisse desembarque nas proximidades do forte da ponta de Itapoan, barra do Guahiba. Vendo-se ameaçados, os insurgentes evacuaram o forte, metteram a pique 3 navios que alli tinham, entre os quaes 2 de guerra, e abandonaram várias embarcações apresadas. Quando o coronel Cunha chegou ao forte, achou-o deserto, e nelle encontrou 5 peças, que, como as do forte do Junco, foram conduzidas para Porto-Alegre.

1840.— Nova derrota dos rebeldes do Piauhí pelo coronel Salles no Olho de Agua da Jurema. Perdem elles toda a bagagem, e os que não morrem no ataque entregam-se depois prisioneiros.

1849.— Fallece no Rio-Pardo, onde nascera em 1769, o marechal do exército João de Deus Menna Barreto, visconde de S. Gabriel, que se distinguira nas campanhas do comêço dêste seculo no Rio Grande do Sul e Rio da Prata, particularmente nas de 1816 a 1820, sendo já general. Obteve então as victorias de Ibiraocahí sôbre os Entrerianos (19 de Outubro de 1816) e Guabijú sôbre os Orientaes (7 de Abril de 1818), e commandou a nossa cavallaria na perseguição da de Rivera no arroio Rabón (16 de Outubro de 1818). Em 1836 dirigiu por alguns dias a defesa de Porto-Alegre contra os insurgentes. Alguns de seus filhos illustraram-se, como elle, na carreira das armas: o coronel José Luiz Menna Barreto, morto na surpresa do Rincón (24 de Septembro de 1825) e pae do general do mesmo nome, que se distinguiu na guerra do Paraguái; o general João Propicio, barão de S. Gabriel, que tomou Paisandú em 1865 (veja 9 de Fevereiro de 1867) e o general João Manuel, que alcançou várias victorias no Paraguái e foi morto no assalto de Piribebui (veja 12 de Agosto de 1869).

28 DE AGOSTO

1501.— A esquadrilha de André Gonçalves e Amerigo Vespucci chega ao cabo a que deu o nome de Sancto-Agostinho. Gonçalves e Vespucci faziam a exploração da costa brasileira do cabo de S. Roque para o Sul. Cumpre notar que o cabo de Sancto-Agostinho parece ser o de Sancta-Maria de la Consolación, descoberto no dia 26 de Janeiro de 1500 por Vicente Pinzón.

1647.— Parte do Recife uma esquadrilha de 5 navios, sob o commando do almirante Joost van Trappen Banckert, e com ella seguem para a Hollanda o conselheiro Haecx, o coronel Hinderson e Pierre Moreau, auctor da «Histoire des derniers troubles du Brésil». Banckert falleceu em viagem, 12 dias depois da partida.

1817.— Convenção com a França, estabelecendo as condições da restituição da Guiana Franceza, conquistada pelas tropas do Brasil em 1809 (veja 12 de Janeiro dêsse anno). Esta convenção completou o disposto no art. 107 do Acto Final do Congresso de Vienna (veja 9 de Junho de 1815).

1822.— Fogo entre o forte de Itaparica e as canhoneiras portuguezas. Uma pequena embarcação é mettida a pique, perecendo parte da guarnição.

1824.— Nesta noite a escuna *Leopoldina* bombardeou os fortes do Recife. Foi apenas uma demonstração de lord Cochrane para intimidar os revolucionarios, e nenhum effeito produziu.

1827.— Evacuação da Ponta de Léste, em Maldonado, pelo tenente-coronel Salustiano Severino dos Reis. Foi ordenada pelo general Magessi, barão de Villa-Bella, presidente e governador das armas da Provincia Cisplatina. Em officio de 26 de Julho o general annunciara ao ministro da Guerra que, por não poder contar com a protecção da esquadra, ia ordenar a evacuação da Ponta de Léste. Em outro officio, de 4 de Septembro, tracta ainda do assumpto. O almirante acconselhou o abandono dessa posição, e declarou que não podia distrahir navios para proteger o reducto que tinhamos alli.

1840.— O major José de Sousa Martins, ao entrar no Gilboez, ataca os rebeldes na fazenda Sancta-Maria, e os derrota, depois de encarniçado combate. No mesmo dia são elles batidos na fazenda Curicaca (veja 31 de Agosto).

1865.— Morre no Rio de Janeiro o almirante Luiz da Cunha Moreira, primeiro visconde de Cabo-Frio, nascido na Bahia a 1° de Outubro de 1777. Foi ministro da Marinha na epocha da Independencia, e organizou então as primeiras fôrças navaes que teve o Brasil. Recebeu em 1808 um ferimento, no combate do Approuague, durante a rapida campanha da Guiana Franceza.

1868.— Tomada do reducto do Passo-Real, no Tebicuarí, pelo brigadeiro honorario, barão do Triumpho (Andrade Neves). O inimigo perdeu 3 peças, 170 mortos e 93 prisioneiros, entre estes o major Rojas, commandante do reducto. Dos Brasileiros ficaram mortos 22 e feridos 117.

1871.— A Camara dos Deputados adopta, em última discussão, por 61 votos contra 35, a proposta do Govêrno, estabelecendo medidas para a abolição gradual da escravidão.

29 DE AGOSTO

1631.— O capitão Martim Soares Moreno assalta e toma á noite um reducto hollandez, na ilha de Sancto-Antonio.

1711.— Entra no porto do Rio de Janeiro um patacho inglez, trazendo a noticia da proxima chegada da expedição franceza, commandada por Duguay-Trouin. O governador Francisco de Castro Moraes resolve suspender a partida da frota do commercio, que estava ultimando o seu carregamento e devia saïr para Lisbôa no dia 3 de Septembro («Carta», de Velho,

em Pizarro, «Mems. Historicas do Rio de Janeiro», I, 53). Um bando do governador, lido no dia 27 (documento do Archivo Publico) dava instrucções para o embarque, nessa frota, dos prisioneiros francezes da expedição du Clerc. Os nossos chronistas e historiadores deixaram-se illudir pelas exaggerações de Duguay-Trouin, acreditando que de Portugal havia chegado uma esquadra com tropas de refôrço. O Rio de Janeiro não recebera auxilio algum da metropole (veja 12 de Septembro).

1821.— Installação, em Goiana (Pernambuco), de um Govêrno constitucional temporario», presidido por Francisco de Paula Gomes dos Sanctos, depois visconde de Goiana. A lucta, travada entre esse Govêrno e o general Luiz do Rego Barreto, terminou pelo embarque dêste com as tropas portuguezas, em virtude da convenção do Beberibe, de 5 de Outubro do mesmo anno.

1825.— Tractado de paz e alliança entre Portugal e o Brasil, assignado no Rio de Janeiro. Por esse tractado, d. João VI de Portugal reconheceu a independencia do Brasil.

— Neste mesmo dia, perto de Mercedes, o general Fructuoso Rivera escreveu ao coronel brasileiro José Rodrigues Barbosa, pedindo-lhe que o fosse ver. O general Abreu consentiu na entrevista, acreditando que Rivera pretendesse voltar para as nossas bandeiras; mas, chegando Rodrigues Barbosa ao campo inimigo, foi retido como prisioneiro.

1835.— Fallece, em viagem para o Brasil, perto da costa occidental da Nova-Zelandia, o chefe de divisão James Norton, nascido em Newhark-upon-Trent, em 1789. Morreu com 46 annos apenas este distincto marinheiro, que tão bons serviços prestou ao Brasil desde 1823. Na campanha de Pernambuco, em 1824, á frente de um corpo de marinheiros, apoderou-se do Recife; na guerra do Rio da Prata (1826-1828), commandou a divisão naval que bloqueava Buenos-Aires, alcançou várias victorias e assignalou-se em muitos combates, particularmente nos de 11 de Abril e 30 de Julho de 1826, 8 de Abril e 7 de Dezembro de 1837 e 16 de Junho de 1828. Neste último perdeu o braço direito, e no dia 17 de Fevereiro do mesmo anno foi levemente ferido. Norton destruiu então os melhores navios da esquadra argentina: a fragata *25 de Mayo*, os briges *Independencia*, *República* e *Congreso* e o corsario *General Brandzen*. Era dignitario da Ordem imperial do Cruzeiro e pertencia a um ramo collateral da familia de lord Grantley.

1852.— Começam os trabalhos de construcção da estrada de ferro de Mauá, primeira inaugurada no Brasil.

1853.— Lei destacando da provincia de S. Paulo a comarca de Curitiba, e formando com ella a provincia do Paraná. Em

1850 tinha sido restabelecida, com o nome de provincia do Amazonas, a antiga capitania do Rio-Negro, supprimida por occasião da Independencia.

30 DE AGOSTO

1642. — Antonio Telles da Silva toma posse, na Bahia, do cargo de governador-geral do Estado do Brasil (Miralles, 408). O seu successor, conde Villa-Pouca de Aguiar, chegou á Bahia no dia 22 de Dezembro e delle recebeu o Govêrno a 26 do mesmo mez. Telles da Silva promoveu e auxiliou a insurreição pernambucana de 1645 contra o dominio hollandez.

1828. — Combate sustentado contra a bateria argentina do Salado e contra uma canhoneira e um corsario (o *Empresa*), pelo brigue-escuna *2 de Julho*, commandante William Marc-Erwin, e a bombardeira *19 de Outubro*, commandante Augusto Leverger. Esses navios approximaram-se, por ordem do capitão de fragata Inglies, para proteger os escaléres que foram incendiar, debaixo dos fógos da bateria, 2 navios neutros. Eram o *Huzzar* e o *Lord Eldon*, que, forçando o bloqueio, tinham ido encalhar alli. Ficaram totalmente destruidos.

1835. — Tomada de Abaété por um corpo de guardas-nacionaes e voluntarios paraenses.

1849. — Fallecimento do general Thomaz Joaquim Pereira Valente, conde do Rio-Pardo (segundo do titulo). Esse general reprimiu a revolta das tropas extrangeiras no Rio de Janeiro em 1828, e commandou por pouco tempo o exército em operações no Rio Grande do Sul, durante a guerra civil.

1864. — Nota do ministro dos Negocios Extrangeiros do Paraguai, protestando contra o *ultimatum* brasileiro de 4 de Agosto e declarando que o seu Govêrno consideraria qualquer occupação do territorio da Republica Oriental por tropas brasileiras como attentatoria do equilibrio dos Estados do Prata.

31 DE AGOSTO

1740. — Morre em Lisbôa o 4° bispo do Rio de Janeiro, d. frei Antonio de Guadelupe, que fundara no anno anterior, nesta cidade, o Seminario Episcopal de S. José e o Collegio dos Orfams, de S. Pedro. «Toda a felicidade das Republicas (disse elle no preambulo dos Estatutos do Collegio), toda a concordia dos povos, toda a reforma da Christandade, todo o lustre das egrejas, e toda a observancia das religiões, tudo depende da boa creação dos filhos». O Collegio dos Orfams de S. Pedro

foi transferido em 1766 para um novo edificio, construido ao lado da egreja de S. Joaquim, e dentro de pouco tempo perdeu o antigo nome, passando a ser designado pelo de Seminario de S. Joaquim. Supprimido em 1818, foi restabelecido em 1821, e 10 annos depois, ficou entregue á direcção da Camara Municipal e transformado em eschola de primeiras letras e de artes e officios. Os alumnos, em logar das antigas prácticas religiosas, faziam exercicios militares, que os habilitassem a servir na Guarda-Nacional: o ministro Bernardo de Vasconcellos supprimiu esse estabelecimento em 1837, mandando fazer grandes obras e creando nesse local o Imperial Collegio de Pedro II.

1836.—A villa de Manáos liberta-se dos *cabanos*, que a dominavam desde 6 de Março. A reacção teve por chefes Gregorio Nazianzeno da Costa e o capitão da Guarda-Nacional João Ignacio Rodrigues do Carmo.

1840.—Combate no Piauhí e victoria do major José de Sousa Martins, perto da fronteira de Goiaz.

1864.—Começa o govêrno do Ministerio liberal, presidido pelo senador Furtado. Succedeu ao de 15 de Janeiro (Zacharias de Góes), que soffrera um revés na Camara dos Deputados, e, pela mesma razão, demittiu-se no anno seguinte, entregando o poder ao marquez de Olinda no dia 14 de Maio.

1866.—Os monitores commandados pelo barão da Passagem bombardeiam uma trincheira paraguaia no Tebicuarí.

1° DE SEPTEMBRO

1585.—A Camara da villa de S. Paulo dirige uma representação ao capitão-mór Jeronymo Leitão, mostrando a necessidade da guerra contra os Tupiniquins e os Carijós, por estar a terra pobre e sem escravaria e hostilizada pelos selvagens. Em 10 de Abril, as Camaras de Sanctos e S. Vicente haviam feito egual representação. O capitão-mór, attendendo a esses requerimentos, marchou á frente dos expedicionarios. Os Tupiniquins, segundo Techo («Hist. Provinciæ Paraquariæ»), tinham na região do Anhembí (Tieté) 300 aldêias e 30.000 sagittarios. Em seis annos de guerra, ficaram destruidas todas as aldêias. De 1592 a 1599, dirigidos por Affonso Sardinha e depois por Jorge Corrêia e João do Prado, fizeram os Paulistas outra grande guerra de exterminio contra os selvagens do rio Jeticaí, hoje rio Grande. Nos primeiros annos do seculo XVII (1601-1602), como se vê do «Roteiro» de Glimmer, os Paulistas já chegavam a Sabará. Uma terceira expedição, que parece ter tido por chefes Nicoláo Barreto e Manuel

Preto, foi mais para o Norte (1602) e devastou, durante cinco annos, as aldêias do Paraupaba, nome que se dava então ao Alto-Araguaia. Pretendem alguns que já em 1592 Sebastião Marinho tinha penetrado em Goiaz. As «bandeiras» que saïam de S. Paulo compunham-se de aventureiros das pacitanias de S. Vicente, Rio de Janeiro e Espirito-Sancto. Em 1630 começaram os ataques dos nossos bandeirantes contra as missões dos Jesuitas hispanhóes. Antonio Raposo Tavares foi o chefe dessas expedições, tendo sob o seu commando Frederico de Mello, Antonio Bicudo, Simão Alvares, Manuel Morato e outros.

1645.— Juncto ao Tebirí, affluente da margem esquerda do Parahiba, onde acampavam algumas tropas enviadas de Pernambuco por Vidal de Negreiros, ficou combinado com Lopo Curado Garro, Jeronymo de Cadena e Francisco Gomes Muniz, que estes convocassem no dia seguinte os seus amigos e adherentes, e soltassem o grito de rebellião contra a dominação hollandeza. O soccôrro de Pernambuco era commandado pelo parahibano Antonio Curado Vidal.

1700.— D. Maria Ursula de Abreu Lencastre, disfarçada em homem e tomando o nome de Balthasar do Couto Cardoso, assenta praça de soldado em Lisbôa. Contava então 18 annos de edade, e era natural do Rio de Janeiro e filha de João de Abreu e Oliveira. Parece que o desespêro de úm amor contrariado a levou a fugir da casa paterna, buscando uma diversão nas aventuras da guerra. Na India, a heroina brasileira distinguiu-se entre os mais intrepidos soldados, principalmente na tomada da fortaleza de Ambona (1705) e na conquista das ilhas de Ponelem e Corjuen (1706). Depois commandou um dos baluartes da fortaleza de Tschaul. Obtendo baixa a 12 de Maio de 1714, casou-se com um valente official portuguez, Arraes de Mello, e mereceu de d. João v uma pensão e o usufructo do Paço de Panguim. Falleceu em Gôa, cercada do respeito geral.

1704.— Começa o segundo sitio da Colonia do Sacramento pelos Hispanhóes, desta vez commandados por Balthasar García Ros.— A praça era defendida pelo brigadeiro Sebastião da Veiga Cabral, e resistiu até 15 de Março do anno seguinte.

1783.— Parte de Lisbôa o naturalista brasileiro dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, encarregado pela rainha d. Maria I de uma exploração scientifica no Brasil.— Chega ao Pará a 21 de Outubro e dá comêço á sua «viagem philosophica» pelas capitanias do Grão-Pará, Rio-Negro, Mato-Grosso e Cuiabá (1783-1792).

1811.—Bento Manuel Ribeiro, á frente de 60 milicianos, surprehende e toma Paisandú. A fôrça oriental, que a defendia, compunha-se de 180 homens, ao mando do capitão Bicudo, natural de Porto-Alegre. Este caudilho foi morto. Em 1865, quando as nossas tropas tomaram de novo Paisandú, morreu alli outro Brasileiro, Azambuja, que tambem combatia contra os seus compatriotas.

1838.—O então major Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí) é atacado no arroio Pitim por um corpo de insurgentes ao mando de Amaral Ferrador, e derrota-o, depois de renhida peleja. Abreu foi ferido neste recontro.

1839.—Começa o Ministerio de Manuel Alves Branco, depois visconde de Caravellas. A esse Gabinete succedeu o de 23 de Maio do anno seguinte, organizado por Lopes da Gama, depois visconde de Maranguape. Ambas pertenciam ao partido conservador, que estava no poder desde 19 de Septembro de 1837.

1842.—Grandes demonstrações de regosijo popular em Ouro-Preto, por occasião da chegada do general Caxias.

1866.—O 2° corpo do exército brasileiro, sob o commando do general Porto-Alegre, embarca na foz do Paraguái, a bordo de 11 transportes e 3 chatas, para atacar, de combinação com a esquadra brasileira do almirante Tamandaré, o forte de Curuzú. A's 11 e 45 da manhã a esquadra começa o bombardeamento dessa posição. No dia seguinte desembarcam as tropas de Porto-Alegre.

2 DE SEPTEMBRO

1645.—Os habitantes da capitania da Parahiba insurgem-se contra o dominio hollandez, acaudilhados por Lopo Curado Garro, Jeronymo Cadena e Francisco Gomes Muniz. Ficaram desde logo senhores da cidade da Parahiba, e muitos voluntarios começaram a reunir-se ás tropas de Pernambuco, acampadas no Teberi. Dias depois, essas forças marcharam para o engenho Sancto-André e ahi se entrincheiraram. O governador hollandez Paulo de Linge ficou reduzido aos fortes da barra (veja 11 de Septembro).

1673.—A Camara da villa de Campos annuncia ao ouvidor da comarca do Rio de Janeiro que o povo daquelle logar elegera os seus officiaes e installara a villa. Desde 1662 Campos possuia um Govêrno municipal, creado irregularmente (veja o que ficou dicto na «Ephemeride» de 19 de Agosto de 1627).

1737.— Termina o terceiro assédio da Colonia do Sacramento, começado pelos Hispanhóes do Rio da Prata a 3 de Outubro de 1735. Durou, portanto, um anno e onze mezes. A praça foi defendida com muito brio pelo brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, e soccorrida de tropas, viveres e munições por Gomes Freire de Andrada, governador do Rio de Janeiro e Minas-Geraes.

1744.— Não se conhece o dia do nascimento de Thomaz Antonio Gonzaga: este foi o do seu baptismo na cidade do Porto. Nascido accidentalmente na Europa, o poeta de Marilia era filho de pae e mãe brasileiros, passou na America a melhor parte de sua vida e figurou nos conciliabulos de 1789 para a independencia do Brasil.

1806.— Ordem do dia do general Curado, datada do Passo do Rosario, auctorizando os habitantes da fronteira a reunir-se em partidas de guerrilhas para atacar as fôrças de Artigas, fazer prêsas e vingar os insultos e roubos.

1866.— A esquadra continuou o bombardeamento começado na vespera. Quatro encouraçados adeantaram-se e bombardearam pela primeira vez a bateria de Curupaití, defendida pelo general Díaz. A's 2 da tarde o encouraçado *Rio de Janeiro* roçou em dous torpedos e foi submergido pela explosão: morreram o commandante Silvado, 3 outros officiaes e 50 praças, salvando-se a nado e nos escaléres e lanchas de alguns dos outros navios 62 homens. A's 3 da tarde tinham desembarcado abaixo da Guardia del Palmar as tropas do general Porto-Alegre. Eram 8.385 homens (710 de artilharia e pontoneiros, 4.141 de infantaria e 3.354 de cavallaria). O inimigo foi logo desalojado do Palmar, e neste primeiro combate tivemos uns 70 mortos e feridos (veja o dia seguinte).

3 DE SEPTEMBRO

1565.— Começa neste dia, na altura dos Açores, o combate entre o navio portuguez *Sancto-Antonio* e um corsario francez. O *Sancto-Antonio* era navio marcante e tinha apenas 2 peças. A defesa, dirigida por Jorge de Albuquerque Coelho, durou 3 dias. Afinal foi o *Sancto-Antonio* tomado por abordagem e largado pelos vencedores dias depois, porque estava totalmente destroçado. Os tormentos e privações que sofferam os tripolantes e passageiros, até que foram salvos por uma barca perto de Cascaes, constam da «Relação do naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho», escripta pelo piloto Affonso Luiz, segundo o auctor da «Historia Geral do Brasil», e até pouco tempo atrás attribuida ao

poeta Bento Teixeira Pinto. Jorge de Albuquerque Coelho, que foi guerreiro illustre e escriptor, era pernambucano, e delle fizemos menção em outro logar (veja 4 de Agosto de 1578.

1624.— Os capitães Francisco Padilha, Antonio de Moraes, Francisco Brandão e Antonio Machado, derrotam um corpo de Hollandezes nos arredores da Bahia, e são por esse feito armados cavalleiros pelo bispo d. Marcos Teixeira, que tinha então o govêrno das nossas tropas.

— No mesmo dia, os capitães Affonso Rodrigues Adorno e Pero de Campos abordam e tomam, em Itaparica, 2 lanchas armadas com 5 rouqueiras.

1631.— Sae da Bahia a armada hispano-portugueza, commandada por Oquendo (veja 12 de Septembro).

1641.— Parte da cidade da Parahiba para o interior uma expedição exploradora, dirigida por Elias Herckmann. Essa espedição seguiu ao longo do Mamanguape e chegou quasi ás nascentes do Araçagí.

1646.— *Capitulação do forte hollandez do Pontal de Nazareth.* — Este forte, ao Sul do cabo de Sancto-Agostinho, fôra construido pelos Hollandezes em 1634, e era por elles chamado «van der Dussen». Não deve ser confundido com o antigo forte portuguez de Nazareth, situado no proprio cabo, onde os nossos fizeram honrosa defesa até 2 de Julho de 1635, e que fôra destruido no mesmo anno. O mestre-de-campo Martim Soares Moreno sitiava o Pontal de Nazareth desde 15 de Agosto. No dia 23, com a chegada do mestre-de-campo Vidal de Negreiros, apertou-se o sitio. O commandante hollandez major Dieterick Hoogstraten, sem disparar um tiro, capitulou no dia 3 de Septembro, tendo antes mandado aviso a Vidal de Negreiros para que atacasse o forte da Barra, que estava mal guarnecido. Com os dous fortes, ganhámos 13 canhões. Renderam-se, além de Hoogstraten, 275 officiaes e soldados, que, quasi todos, aconselhados por elle, se puzeram ao serviço de Portugal. A esse traidor conferiu o governador-geral do Brasil a patente de mestre-de-campo e o commando do terço, de que fôra chefe o honrado Luiz Barbalho. Trez Hollandezes preferiram ficar prisioneiros: foram elles Isaac Zweers, depois vice-almirante, Abrahão van Milligen e Johan Boockhusen. Um outro, Klaes Klaeszoon, em vez de imitar o digno procedimento desses trez, annunciou-lhes que acceitava as proposições que lhe eram feitas, para poder mais facilmente voltar ás suas bandeiras, e pouco depois realizou esse projecto, passando-se para o Recife com 63 dos soldados do Pontal.— A data deste episodio da guerra hollandeza no Brasil é a que fica indicada (Domingo, 3 de Septembro),

segundo Calado (pags. 242), e não 8 de Septembro como se lê em van den Broeck, já então prisioneiro. Rafael de Jesús não declara a data, e apenas diz que o acontecimento foi festejado na Varzea no dia 8. Nieuhoff publíca cartas do dia 6, dirigidas por Soares Moreno a Telles da Silva e Serrão de Paiva, dando conta da capitulação.

— No mesmo dia da capitulação do Pontal, o capitão Francisco Barreiros abordou e tomou um navio hollandez, que entrou no porto do Cabo de Sancto-Agostinho.

1759. — Alvará de d. José I, declarando rebeldes e traidores os religiosos da Companhia de Jesús e expulsando-os de Portugal e seus dominios. — Em execução deste alvará e da carta régia de 21 de Julho, foram presos e expulsos os Jesuitas então existentes no Brasil.

1839. — O major Clementino de Sousa Martins põe em debandada 300 rebeldes, que guarneciam o poncto de Sancto-Antonio (guerra dos *balaios*).

1843. — Chegam ao Rio de Janeiro as divisões navaes brasileira e napolitana, que conduziam a imperatriz d. Tereza-Christina. O casamento tinha sido celebrado em Napoles, no dia 30 de Maio, sendo o imperador do Brasil representado pelo principe de Syracusa. O conselheiro José Alexandre Carneiro Leão, depois visconde de S. Salvador de Campos, foi o embaixador extraordinario encarregado de receber e accompanhar a imperatriz.

1856. — Mórre no Rio de Janeiro o illustre estadista marquez de Paraná, Honorio Hermeto Carneiro Leão, nascido em Jacuhí (Minas-Geraes), no dia 11 de Janeiro de 1801. Quando falleceu, era presidente do Conselho de Ministros no Gabinete de 5 de Septembro de 1858. Caxias, então ministro da Guerra, foi nomeado presidente do Conselho. Carneiro Leão foi eleito pela primeira vez deputado em 1830, e desde ahi representou papel importante na nossa Politica. Em 1832, separando-se dos seus amigos, impediu que a Camara dos Deputados se declarasse em convenção nacional para decretar reformas constitucionaes (veja 30 de Julho de 1832); em 1836 e 1837 concorreu para a formação do partido conservador e foi o seu *leader* na Camara até 1840; oppoz-se á declaração da maioridade do joven imperador, feita revolucionariamente pelo parlamento, e mostrou-se sempre estrenuo defensor da Constituição. Em 1841 entrou para o Senado, organizou o gabinete de 20 de Janeiro de 1843 e demittiu-se no anno seguinte por divergencia com o chefe do Estado; governou a provincia de Pernambuco em 1849, depois da guerra civil; foi em 1851 e 1852 o representante politico do Govêrno imperial no Rio da Prata, durante a guerra contra o dictador Rosas; e, final-

mente, presidiu o Gabinete de 5 de Septembro de 1853, um dos mais notaveis que temos tido.

1864. — Nota do ministro dos Negocios Extrangeiros do Paraguái, confirmando o protesto de 30 de Agosto contra a intervenção brasileira na Republica Oriental.

1866. — *Tomada de Curuzú pelo general barão de Porto-Alegre (depois conde de Porto-Alegre).* — Desde o dia 2 começara o ataque do forte de Curuzú, onde o coronel Jiménez tinha 2.830 homens e 13 peças. Neste dia, 3, a posição foi levada de assalto, e com ella perderam os Paraguaios toda a artilharia, 3 bandeiras, 832 mortos e prisioneiros, além de muitos feridos. As tropas barsileiras (2° corpo do exército, 8.300 homens) tiveram 160 mortos e 628 feridos (a infantaria, 641 homens fóra de combate; a cavallaria, 133; a artilharia e os pontoneiros, 14). Na vespera a infantaria tivera 12 mortos e uns 60 feridos. A perda no pessoal da esquadra, desde o dia 1°, consistiu em 57 mortos (53 no desastre do couraçado *Rio de Janeiro*) e 24 feridos. A tomada de Curuzú custou-nos, portanto, a perda de um couraçado e 941 homens fóra de combate. No mesmo dia algumas fôrças brasileiras do acampamento de Tuiutí reconheceram as posições de Chichi e Sauce. Tivemos 11 homens fóra de combate.

4 DE SEPTEMBRO

1504. — Carta de Americo Vespuccio (Amerigo Vespucci) a Soderini, descrevendo as suas viagens e entre ellas as duas que fizera ao Brasil. Foi publicada em Abril de 1507. Antes desta houve outra, dirigida a Lourenço de Medicis e publicada sem data no anno de 1504.

1639. — Carta-patente, assignada na Bahia pelo conde da Torre, nomeando Henrique Dias «para cabo e governador dos crioulos, negros e mulatos que servem e adeante servirem nesta guerra e em todo o Brasil», e marcando-lhe o soldo mensal de 40 cruzados. Um cruzado daquelle tempo equivalia a 3$432 no nosso actual padrão monetario. Quer isto dizer que o soldo mensal correspondia a 137$280 de hoje. Henrique Dias commandava, desde 1633, um corpo de soldados pretos e pardos, e contava, quando recebeu esta patente, seis annos de campanha e seis ferimentos. Até á terminação da guerra recebeu mais dous ferimentos.

1769. — Nascimento de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, em Barcellos.

1825. — Bento Manuel Ribeiro, á frente de uma brigada de cavallaria, destroça em Arbolito (Banda Oriental do Uru-

guái) o general Fructuoso Rivera. Com a noticia dêste combate, o general Lavalleja levanta o assédio da Colonia e corre para o interior.

1834.—São presos em Cuiabá os cabeças da sedição de 30 de Maio, auctores da matança de Portuguezes e Brasileiros adoptivos (data de Leverger, «Revista do Instituto Historico» de 1884, pags. 371).

1843.—Desembarque da imperatriz d. Teresa-Christina, no Rio de Janeiro.

1850.—Lei estabelecendo medidas para a repressão do tráfico de Africanos. Eusebio de Queiroz era ministro da Justiça, e, executando inflexivelmente a lei contra os poderosos contrabandistas, poz termo a esse vergonhoso commercio.

1851.—O general conde de Caxias (depois duque) entra no Estado Oriental, pela fronteira de Sancta-Anna do Livramento, com 16.000 homens. Em marcha, da fronteira do Jaguarão, estavam mais 4.000 homens (general Sanctos Pereira), que haviam invadido precedentemente.

1871.—Começa no Senado a discussão do projecto para a abolição gradual da escravidão.

5 DE SEPTEMBRO

1811.—O general Manuel Marques de Sousa (primeiro dêste nome) occupa o forte de Sancta-Teresa (Banda Oriental do Uruguái), e manda perseguir até Castillos e Rocha a fôrça inimiga que abandonara essa posição.

1850.—Creação da provincia do Amazonas, formada com a comarca do Alto-Amazonas, que pertencia á provincia do Pará. Essa comarca já havia formado, com o nome de S. José do Rio-Negro, uma capitania, depois provincia, distincta da do Grão-Pará.

6 DE SEPTEMBRO

1633.—Camarão e os capitães Antonio André e Estevam Alvares atacam o tenente-coronel hollandez Byma, que ia em marcha, e obrigam-n-o a recolher-se, com grande perda, á villa de Iguarassú.

1773.—Segundo o «Indice Chronologico do Rio Grande do Sul» (pelo barão Homem de Mello), neste dia celebrou-se «a primeira vereança na villa de Porto-Alegre» (veja 23 de Agosto de 1808).

1822.— Canhoneiras e lanchões portuguezes são repellidos, depois de um combate com o forte de Itaparica. Uma canhoneira perdeu um mastro.

1824.— Pronunciamento popular, na cidade do Natal, contra a Confederação do Equador. O presidente da provincia, Thomaz de Araujo Pereira, que auxiliara os revolucionarios de Pernambuco, demitte-se. Assume o Govêrno o presidente da Camara Municipal, Lourenço José de Moraes Navarro, triumphando assim no Rio Grande do Norte a causa da união nacional.

1837.— Toma assento no Senado o conselheiro Pedro de Araujo Lima, 13 dias depois regente do Imperio e mais tarde marquez de Olinda.

1853.— Começa a governar o Gabinete presidido pelo visconde, depois marquez de Paraná, que iniciou a politica chamada de conciliação (1853-1858). Os outros membros do Ministerio eram: Pedreira (visconde de Bom-Retiro), Nabuco de Araujo, Paranhos (visconde do Rio-Branco), Limpo de Abreu (logo depois visconde de Abaeté) e o general Bellegarde. Os dous ultimos deixaram o Gabinete e tiveram por successores Wanderley (barão de Cotegipe) e o general marquez (depois duque) de Caxias. A 3 de Septembro de 1856 falleceu o marquez de Paraná, e Caxias foi nomeado presidente do Conselho.

1867.— Em S. Solano, um destacamento de 57 guardas-nacionaes de cavallaria, sob o commando do capitão Chananéco, protegido por um banhado, resiste ao 21º regimento paraguaio de cavallaria, commandado pelo tenente-coronel Blas Montiel, que acabava de chegar da campanha do Apa. Acodem logo o general José Luiz Menna Barreto e o coronel Fernandes Lima, com uns 700 homens de cavallaria, e o inimigo é destroçado e perseguido. A perda dos Paraguaios foi de uns 160 mortos e prisioneiros. A nossa, de 9 mortos e feridos.

1871.— Fallecimento, no Rio de Janeiro, de Flavio Farnese, natural do Serro, companheiro de Lafayette Rodrigues Pereira e Pedro Luiz na redacção da *Actualidade*, folha liberal (1858-1864), e um dos fundadores do jornal *A Republica*, em 1870.

7 DE SEPTEMBRO

1502.— André Gonçalves e Americo Vespucio chegam a Lisbôa, tendo feito a primeira exploração do litoral brasileiro, desde o cabo de S. Roque até Cananéa.

1638.— Parte de Lisbôa para o Brasil, com escala pelas ilhas do Cabo-Verde, a armada do conde da Torre.

1710.— Os Francezes da expedição commandada por François du Clerc tentam um desembarque na villa da Ilha-Grande, hoje cidade de Angra dos Reis, e, repellidos pelo capitão João Gonçalves Vieira, bombardeiam até ao dia seguinte a povoação. E' ferido nesse combate um jovem fidalgo francez, de Saint-Amande.

1711.— *Combate de Garapú* (na guerra civil chamada dos *Mascates*, em Pernambuco).— O exército dos partidarios de Olinda, ao mando de Francisco Gil Ribeiro, ataca o dos partidarios do Recife, commandado por Sebastião Pinheiro Camarão, e obriga-o a fugir á noite, passando a nado a lagôa de Garapú. Este foi o último combate da guerra civil. O Recife continuou sitiado pelos Olindistas, e, com a chegada do novo governador, a 8 de Outubro, os partidos rivaes depuzeram as armas.

1722.— Morre na Bahia o arcebispo dessa diocese, d. Sebastião Monteiro da Vide, nascido em 1643 em Monforte, no Alemtejo. Este prelado publicou em 1707 as «Constituições do Arcebispado», approvadas pelo Synodo Diocesano da Bahia, que foi o segundo reunido no Brasil. O primeiro Synodo Brasileiro reuniu-se na mesma cidade no tempo do bispo d. Pedro Leitão, isto é, entre os annos de 1559 e 1575 («Historia Geral do Brasil», I, 325).

1822.— *Proclamação da independencia do Brasil por d. Pedro, então principe-regente do mesmo reino.*— O principe voltava de Sanctos, quando, juncto ao ribeiro Ipiranga, foi encontrado pelo sargento-mór de milicias, Antono Ramos Cordeiro, e pelo correio Paulo Bregaro, que lhe entregaram cartas e officios da princeza real d. Leopoldina e do ministro José Bonifacio, transmittindo as noticias trazidas de Lisbôa pelo navio *Trez-Corações*, que de lá partira a 3 de Julho. Soube então d. Pedro que não seria approvado pelas Côrtes o Acto Addicional á Constituição, proposto por Fernandes Pinheiro (depois visconde de S. Leopoldo), Antonio Carlos, Villela Barbosa (depois marquez de Paranaguá), Lino Coutinho e Araujo Lima (depois marquez de Olinda), relativo á organização particular e autonomica do reino do Brasil com um govêrno e um congresso especial. As Côrtes haviam declarado nullo e irrito o decreto do principe convocando procuradores geraes das provincias, tinham mandado responsabilizar e processar o ministerio do Rio de Janeiro e os membros da Juncta de S. Paulo. «Foram as noticias das decisões de que demos conta (diz o visconde de Porto-Seguro, na sua *Historia da Independencia*, manuscriptos ineditos), tomadas em fim de

Junho pelas Côrtes, dos insultos atirados aos deputados brasileiros no recincto das mesmas Côrtes pelo público das galerias, e pela plebe nas ruas, que agora fizeram cogular todas as medidas. Tornava-se urgente responder a taes provocações, antes que os novos decretos chegassem, transmittidos officialmente. D. Pedro não podia consentir que o seu primeiro ministro fosse assim submettido a trez ou quatro processos, por actos que haviam tido a sua approvação, e que elle, principe, havia sido já o primeiro a justificar em cartas escriptas a el-rei seu pae. Não podia admittir o inicio dessa éra de perseguições e de castigos, que as Côrtes queriam abrir no Brasil. Submetter-se a cumprir taes decretos, seria deshonrar-se, exquecendo o titulo que acceitara de Defensor Perpetuo do Brasil. Não era mais possivel contemporizar, e, juncto ao mesmo ribeiro Ipiranga, no meio daquellas vastas campinas vizinhas da primitiva Piratininga, de João Ramalho, lançou o brado de — Independencia ou Morte!, — que logo repercutiu em toda a extensão do territorio brasileiro. Assim salvou d. Pedro o Brasil, e tornou possivel a união de todas as provincias, pondo-se á frente do movimento separatista ». Foi pelas 4 ½ horas da tarde que d. Pedro proclamou a independencia. Com elle estavam, nesse momento, o padre Belchior Pinheiro de Oliveira, depois deputado á Constituinte, o secretario Luiz de Saldanha da Gama (depois marquez de Taubaté), o secretario particular Francisco Gomes da Silva, o major Francisco de Castro Canto e Mello, o correio Paulo Bregaro, dous creados particulares (João Carlota e João Carvalho), e a Guarda de Honra, assim composta: commandante, coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo; segundo commandante, capitão-mór Manuel Marcondes de Oliveira e Mello (depois barão de Pindamonhangaba); sargento-mór Domingos Marcondes de Andrade, tenente Francisco Bueno Garcia Leme, Miguel de Godoy Moreira e Costa, Manuel de Godoy Moreira, Adriano Gomes Vieira de Almeida, Manuel Ribeiro do Amaral, Antonio Marcondes Homem de Mello, Benedicto Corrêia Salgado (estes nove de Pindamonhangaba), Francisco Xavier de Almeida, Vicente da Costa Braga, Fernando Gomes Nogueira, João José Lopes, Rodrigo Gomes Vieira, Bento Vieira de Moura (estes seis de Taubaté), Flavio Antonio de Mello (de Parahibuna), Salvador Leite Ferraz (de Mogi das Cruzes), José Monteiro dos Santos, Custodio Leme Barbosa (estes dous de Guaratinguetá), sargento-mór João Ferreira de Sousa (de Arêias), Cassiano Gomes Nogueira, Floriano de Sá Rios, Joaquim José de Sousa Breves (estes trez de S. João Marcos), sargento-mór Antonio Ramos Cordeiro, que accompanhara o correio Bregaro, Antonio Pereira Leite, João da Rocha Corrêia, David Gomes Jardim (estes quatro de Rezende), Eleuterio Velho Bezerra e Antonio Luiz da Cunha

(ambos da cidade do Rio de Janeiro). O principe seguiu para a cidade de S. Paulo, onde logo se espalhou a noticia e começaram as demonstrações do enthusiasmo popular.

— Algumas fôrças portuguezas, saïdas da cidade da Bahia, tentam desembarcar no engenho de S. João, e são repellidas por destacamentos das tropas estacionadas em Pirajá.

1836.— Primeira representação do *Olgiato*, de Magalhães, no Rio de Janeiro.

1842.— Inauguração dos trabalhos de construcção do Hospicio de Pedro II, devido á iniciativa e aos exforços de José Clemente Pereira.

1864.— O vapor de guerra oriental *Villa del Salto*, perseguido pela corveta brasileira *Jequitinhonha*, encalha perto de Paisandú e é incendiada pela propria guarnição.

1866.— Bombardeamento feito pelos Paraguaios sôbre a parte do acampamento de Tuiutí, occupada pela divisão do general Argollo. Foi respondido pelas nossas baterias.

1867.— Ficam abertos, desde este dia, á navegação extrangeira, o rio Amazonas até á fronteira peruana, o Tocantins até Cametá, o Tapajós até Santarém, o rio Negro até Manáos, o Madeira até Borba, e o S. Francisco até Penedo. O decreto imperial de 7 de Dezembro de 1866, que adoptou esta sábia providencia, foi referendado pelo conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas, ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas no Gabinete de 3 de Agosto de 1866, presidido por Zacharias de Góes e Vasconcellos (veja 7 de Dezembro de 1866).

1868.— Reconhecimento das baterias de Angostura pelo almirante Inhaúma. O encouraçado *Silvado*, commandante José da Costa Azevedo (barão do Ladario), forçou duas vezes a passagem dessas baterias, subindo e descendo o rio. 3 officiaes do *Silvado* foram feridos.

1877.— Inauguração da estrada de ferro da Leopoldina.

1880.— Inauguração do parque da Acclamação no Rio de Janeiro, devido á intelligente iniciativa do conselheiro João Alfredo Corrêia de Oliveira, quando ministro do Imperio no Gabinete de 7 de Março de 1871.

8 DE SEPTEMBRO

1558.— Diogo de Moura, que escapara do desastre de Cricaré (22 de Maio) e chegara com os derrotados ao Espirito-Sancto, vence os Indios que cercavam a Villa-Nova. Esta povoação ficou tendo desde ahi o nome de Victoria.

1633.— O capitão Francisco de Almeida Mascarenhas ataca no Jaguarí, vulgo «Maria-Farinha», o coronel Schkoppe, obriga-o a pôr-se em retirada e persegue-o até Iguarassú. Já perto dessa villa, é morto Almeida Mascarenhas, assumindo então o commando o capitão Francisco Duarte. Durante a noite os Hollandezes passam-se furtivamente para a ilha de Itamaracá. Henrique Dias recebe o seu segundo ferimento nesse combate.

— No mesmo dia, o capitão João Paes de Mello repelle um ataque dos Hollandezes na barra da Jangada.

1743 e 1765.— No anno de 1743 nasceu neste dia em Campos, Azeredo Coutinho, bispo de Pernambuco, e depois bispo de Elvas (veja 12 de Septembro de 1821); e no anno de 1765, em S. João del Rey, Nogueira da Gama, depois marquez de Baependí (veja 15 de Fevereiro de 1847).

1770.— O tenente Candido Xavier de Oliveira e Sousa (depois general) começa a exploração dos campos de Guarapuava, já percorridos no seculo XVII pelos bandeirantes paulistas. No anno seguinte são esses campos occupados por outra expedição, sob o commando de Affonso Botelho de Sampaio.

1796.— Nascimento do poeta José da Natividade Saldanha, em Pernambuco.

1836.— Fallecimento, no Rio de Janeiro, do senador marquez de Caravellas, José Joaquim Carneiro de Campos, um dos redactores da Constituição de 1824, por vezes ministro de Estado no reinado de d. Pedro I e membro da Regencia Provisoria, depois da Abdicação. Nasceu na Bahia a 4 de Março de 1768.

1855.— E' morto no assalto e tomada de Malakoff o tenente do 1° regimento de zuavos francezes Edmundo de Villeneuve, natural do Rio de Janeiro, primeiro official que penetrou naquella posição. Apesar de ferido dias antes, quiz tomar parte nesse assalto. Era ermão do actual conde de Villeneuve, ultimamente ministro do Brasil na Belgica.

1856.— Morre no Rio de Janeiro o senador marquez de Valença, Estevam Ribeiro de Resende, nascido em S. João del Rey a 20 de Julho de 1777.

9 DE SEPTEMBRO

1645.— *Combate naval de Tamandaré* (entre a esquadra portugueza do capitão-mór Hieronymo Serrão de Paiva, que nesse porto desembarcara no dia 28 de Julho as tropas ba-

hianas, e a esquadra hollandeza do almirante Lichthard). — A primeira, protegida por 2 baterias construidas em terra, compunha-se de 7 navios maiores e patachos armados em guerra, na Bahia, e de 3 caravellas e 4 barcaças: a segunda era formada pelos navios *Uitrecht, Ter Veer, Zeelandia, Overyssel, Zouterlandia* e *Rhee*, charrúa *Leyden*, hiates *Eenhoorn* (a traducção é *Unicorne*, e não a que dá Porto-Seguro) e *Spreeuw*, além de algumas barcaças. A capitanea portugueza foi tomada por abordagem, ficando Serrão de Paiva ferido e prisioneiro. 2 embarcações maiores e 2 caravellas, que encalharam, puderam ser defendidas pelos fogos das baterias de terra; o navio conseguiu romper por entre o inimigo e chegar á Bahia com a noticia da derrota; 2 foram incendiados pelos Hollandezes e 3 levados por elles para o Recife. Serrão de Paiva era coronel de ordenanças e tinha o titulo de capitão mór da armada, isto é, commandante da esquadra.

1647. — Morre, em viagem do Recife para a Hollanda (partira a 28 de Agosto), o almirante Jost van Trappen Banckert. Seu cadaver, conduzido até á terra natal, foi sepultado na principal egreja de Vlissingen.

1820. — O municipio de Lages é desannexado da capitania de S. Paulo e encorporado na de Sancta-Catharina.

1827. — Um pequeno corsario argentino, o *Propheta Bandarra*, commandante Cesar Fournier, perseguido pela canhoneira *Leal Paulistana*, commandante Antonio Carlos Ferreira, lança-se sôbre a costa de Maldonado e naufraga. A guarnição salvou-se.

10 DE SEPTEMBRO

1611. — Lei de d. Philippe III, reconhecendo em principio a liberdade dos Indios, mas declarando legitimo o captiveiro dos que fossem aprisionados em justa guerra ou dos que fossem resgatados quando captivos de anthropophagos. Muitas e contradictorias foram as decisões sôbre a questão da liberdade dos indigenas. A lei de 6 de Junho de 1755 acabou com o captiveiro dos Indios no Brasil, mas as cartas régias de 13 de Maio, 5 de Novembro e 2 de Dezembro de 1808, auctorizando a guerra contra os de S. Paulo e Minas, determinaram que os prisioneiros ficassem em servidão por 15 annos. Finalmente, a lei de 27 de Outubro de 1831 revogou estas cartas régias, libertou todos os Indios que deviam ainda prestar serviços e collocou-os sob a protecção dos juizes de orfams.

1633. — Chega ao Arraial a noticia de haver entrado na Parahiba «o capitão Francisco de Souto Maior, com 2 navios em que trazia 70 soldados, tendo, antes de entrar aquella barra,

pelejado com 3 navios inimigos, e somente com o seu, porque o outro não tinha artilharia» (Duarte de Albuquerque, «Memorias Diarias»).

1640.—O mestre-de-campo (coronel) Luiz Barbalho Bezerra ataca ás 6 horas da manhã um forte hollandez no rio Real e toma-o á 1 hora da tarde. Os chronistas portuguezes, muito omissos sôbre os acontecimentos de 1639 a 1644, não dão noticia dessa victoria. Segundo um documento da Bibliotheca Nacional de Madrid (Sección de Ms. H, 23, fls. 600-601), Luiz Barbalho teve 80 mortos, além de feridos, cujo número não é indicado, mas que deviam ser uns 200 a julgar pelo total de mortos, sendo, portanto, este um dos combates mais sanvrentos da guerra contra os Hollandezes. Parece que a guarnição inimiga foi passada a espada, pois esse documento diz que ficaram mortos 800 homens, algarismo sem dúvida muito exaggerado. Por outros documentos que se guardam na Hollanda, sabe-se que Luiz Barbalho tinha ás suas ordens uns 1.200 homens, com Martim Soares Moreno, Camarão, Vidal de Negreiros, João Lopes Barbalho, João de Magalhães, d. Francisco de Moura e outros.

1765.—Alvará permittindo aos navios portuguezes o navegarem livremente entre Portugal e Brasil, ficando exemptos da obrigação de só o fazerem reunidos em frota.

1808.—Apparece neste dia a *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro periodico publicado no Brasil. Era a folha official.

1824.—O chefe de divisão David Jewett chega ao Lamarão do Recife com 2 fragatas e 1 brigue, reunindo-se á divisão de bloqueio que alli deixara lord Cochrane (1 fragata, 1 corveta e 1 escuna). Jewett assumiu o commando da fôrça naval (veja 12 de Septembro).

1827.—O corsario argentino *Rapido*, commandante José Maria Pinedo, é apresado pela fragata *Paula*, em que ia o chefe de divisão Diogo Jorge de Brito.

1836.—O coronel Silva Tavares, depois visconde de Serro-Alegre, é derrotado no Seival por Antonio Netto, um dos caudilhos da revolução riograndense. Um corpo de Orientaes, ao mando de Calengo, official do partido de Oribe, combateu em favor de Netto. Foi neste combate que o então major Caldwell perdeu um braço.

1837.—O coronel Bento Gonçalves da Silva foge do forte do Mar (Bahia), onde estava prisioneiro, e volta a tomar a direcção dos revolucionarios riograndenses. Durante a sua ausencia, tinham estes proclamado a Republica e a Independencia do Rio Grande do Sul.

1839.— O major Falcão, a pouca distancia do Itapicurú, bate as fôrças rebeldes do caudilho Raimundo Gomes.

1840.— O major Ernesto Emiliano de Medeiros derrota em Mata-Grande os rebeldes do caudilho Gavião.

1865.— O general Mitre, presidente da Republica Argentina, e o conselheiro Ferraz, nosso ministro da Guerra, chegam ao acampamento dos alliados deante de Uruguaiana.

1872.— Morre na cidade da Bahia o senador Francisco Gonçalves Martins, visconde de S. Lourenço, nascido em Rio-Fundo a 12 de Março de 1807, um dos melhores administradores que teve a Bahia e chefe durante muitos annos do partido conservador naquella provincia. Sob os seus auspicios appareceram na politica Zacharias de Góes e Vasconcellos, Nabuco e outros homens de talento, que foram dos mais illustres estadistas de nossa terra. Por isso dizia muitos annos depois no Senado o velho visconde de S. Lourenço que elle tinha sabido crear aguias. Por occasião das revoltas de 1837, na Bahia, e de 1848 em Pernambuco, prestou relevantes serviços, concorrendo poderosamente para a victoria da lei. Ligou o seu nome a muitos dos melhoramentos introduzidos na Bahia e foi ministro do Imperio no Gabinete Rodrigues Torres (visconde de Itaborahi), de 11 de Maio de 1852.

11 DE SEPTEMBRO

1589.— A ilha das Cobras chamava-se ainda em 1587 ilha da Madeira, « por se tirar della muita », diz Gabriel Soares. Alguns chronistas accrescentam que pertencia a um oleiro João Gutierres, e que, a 11 de Septembro de 1589, foi arrematada em praça pública de ausentes pelo mosteiro de S. Bento. Pelos dous primeiros frades benedictinos chegados ao Rio de Janeiro em 1581 (frei Pedro Ferraz e frei João Porcalho), poderia ter sido arrematada, mas não pelo mosteiro, que ainda não existia. Esses dous religiosos occupavam então provisoriamente a capella de Nossa Senhora do O', no logar em que foi construido depois o convento do Carmo, depois dependencia do Paço da Cidade. Só a 25 de Março de 1590 obtiveram por doação o « outeiro da ermida da Conceição, edificada por Aleixo Manuel, o velho », e ahi levantaram o mosteiro de S. Bento, que deu nova denominação ao morro. A primeira noticia certa, que temos, da occupação da ilha das Cobras, remonta ao primeiro govêrno do general Sá e Benevides, que ahi fez construir o pequeno forte de Sancta-Margarida, terminado em Março de 1641 (« Revista do Instituto », v, 324). Foi seu primeiro commandante o capitão Arthur de Sá. Em 1711, por occasião do ataque de Duguay-Trouin, havia na ilha o mesmo forte de

Sancta-Margarida com 8 peças de ferro e 1 bateria de 4 peças do mesmo metal (*Gazette de France*, n. 9, de 1712). Commandava a ilha o capitão Diogo Barbosa Leitão (veja 12 de Septembro de 1711). Em 1718, o forte tinha 26 peças; e o mesmo número em 1735. No anno seguinte o illustre brigadeiro José da Silva Paes deu a planta para a nova fortaleza de S. José, cuja construcção só ficou terminada em 1761.

1645.—Francisco Gomes de Mello, á frente dos voulntarios parahibanos e de algumas tropas de Pernambuco, derrota, no campo do Inhobim, o governador hollandez da Parahiba, Paulo de Lynge. O inimigo teve neste combate 77 mortos. Segundo o mappa de Marcgraff, o Inhobim é um pequeno affluente da margem esquerda do Parahiba.

1646.—Fernandes Vieira dirige, nesta data, uma carta a varios negociantes do Recife, exaggerando o número das fôrças brasileiras e mostrando-se disposto a combater, até á ultima extremidade, a dominação hollandeza. «Allegaes (dizia elle) que somos vassallos da Companhia; mas quando houve jamais povo conquistado, tractado como vós, peior que os mais vis escravos? Quebrámos as nossas cadeias e nenhuma obediencia vos devemos mais. Si não fôra a esperança, que tinhamos, de que chegaria essa opportunidade, ha muito que teriamos implorado o auxilio do rei de Hispanha ou de França, e, si elles não quizessem saber de nós, teriamos recorrido aos Turcos e Mouros... Não vos illudais, que não foi feito para vós o Brasil. Deus ha de proteger as nossas armas, e, si morrermos, perderemos as vidas em defesa da nossa sancta religião e da liberdade...» E' a esta carta, publicada por Nieuhoff (paginas 112), que alguns chronistas modernos deram o nome de proclamação e a data de 23 de Septembro.

1710.—Os Francezes, commandados pelo capitão de fragata François du Clerc, desembarcam na praia de Guaratiba e marcham para a cidade do Rio de Janeiro (veja 19 de Septembro).

1822.—11 lanchões portuguezes tentam desembarcar em Itaparica. São repellidos por Antonio de Sousa Lima, á frente de 50 atiradores.

1823.—Morre no arrabalde de Kensington, em Londres, o redactor e fundador do *Correio Brasiliense*, Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, nascido na Colonia do Sacramento a 13 de Agosto de 1774.

1827.—O brigue brasileiro *Cacique*, commandado pelo capitão de fragata George Manson, é tomado, na altura de Pernambuco, pelo brigue corsario argentino *General Brandzen*, commandante De Cay. O *Cacique* saïra ao encontro do corsario;

mas, no meio do combate, levantaram-se os marinheiros extrangeiros, e tornaram assim impossivel a resistencia á abordagem do inimigo. Este corsario foi destruido no anno seguinte pelo chefe brasileiro Norton (veja 16 de Junho de 1828).

1840.— Os postos de Conceição e Estanhado, defendidos pelo tenente-coronel João Rebello Cardoso, são atacados por 400 rebeldes, que desistem afinal da acção com a approximação da brigada do major Sousa Mendes. Os rebeldes eram commandados por Gavião, Coco, Tempestade e outros caudilhos. No mesmo dia o major Damasio Pinto da Veiga repelle em Frecheiras o caudilho Domingos Ferreira de Veras. Depois vae acudir ao posto do Rodeio, atacado por 300 pretos dirigidos por Cosme e Pinto Silva. Este combate terminou no dia 12, sendo os pretos repellidos até ás matas do Mutum.

1846.— Morre no Rio de Janeiro o senador marquez de Paranaguá, Francisco Villela Barbosa, estadista e poeta, nascido na mesma cidade a 20 de Novembro de 1769. Nas Côrtes de Lisbôa foi valente defensor dos direitos do Brasil; e, em sua terra natal, occupou o cargo de ministro de Estado em quadras summamente difficeis (10 de Novembro de 1823 a 16 de Janeiro de 1827, 4 de Dezembro de 1829 a 19 de Março de 1831, 5 a 7 de Abril de 1831, 23 de Março de 1841 a 20 de Janeiro de 1843). No seu primeiro Ministerio, dissolveu a Constituinte, promoveu a redacção e juramento da Constituição, restabeleceu a ordem nas provincias do Norte, onde havia sido proclamada a Confederação do Equador, organizou o Imperio, obteve o reconhecimento da Independencia pela antiga metropole e augmentou com muito empenho as nossas fôrças navaes. No seu terceiro e curto Ministerio, assistiu á revolução de 7 de Abril de 1831. No quarto Ministerio teve de dominar as rebelliões de S. Paulo e Minas, e reuniu os elementos necessarios para a pacificação do Rio Grande do Sul. Em 1840 concorreu poderosamente para a proclamação da maioridade do imperador d. Pedro II.

1851.— O barão de Jacuhi ataca e dispersa, meia legua ao Norte do Serro-Largo, a divisão do coronel Dionisio Coronel, das tropas do general Oribe.

1856.— O imperador d. Pedro II chega ao acampamento dos alliados deante de Uruguaiana. Já alli se achavam os generaes Mitre e Flores, presidentes da Republica Argentina e Oriental do Uruguai, o ministro da Guerra brasileiro Ferraz, o tenente-general Porto-Alegre, commandante em chefe do exército brasileiro do Rio Grande do Sul, e o almirante Tamandaré. Accompanhavam o imperador, como ajudantes de campo, o marechal Caxias e o tenente-general Cabral, depois barão de Itapagipe.

12 DE SEPTEMBRO

1631.—*Batalha naval dos Abrolhos* (entre a esquadra hispano-portugueza, ou, como então se dizia, a armada do general d. Antonio de Oquendo, almirante do Mar Oceano, e a esquadra hollandeza do general Adriaen Janszoon Pater).— A primeira, saïda da Bahia no dia 3, compunha-se de 20 navios de guerra, ou armados em guerra, com 439 peças (a relação em J. de Laet, transcripta por Netscher, tem alguns erros). Eram 12 galeões hispanhóes e 5 portuguezes, 1 urca e 2 patachos hispanhóes levando em sua conserva 24 navios carregados de assucar, que iam para a Europa, e 12 caravellas. Estas últimas transportavam 1.200 Portuguezes, Hispanhóes e Napolitanos, sob o commando do então mestre-de-campo conde de Bagnuoli, destinados a reforçar as nossas tropas de Pernambuco e da Parahiba. A esquadra hollandeza compunha-se de 16 navios, armados de 472 peças (13 naus e 3 patachos). Desviada do seu rumo por ventos contrarios, foi a frota de Oquendo caïndo para o Sul, e na manhã de 12 de Septembro estava oito leguas a Léste dos Abrolhos, pelo parallelo de 18°, quando a barlavento surgiu a esquadra de Pater. A's 9 horas da manhã começou a batalha e durou até ao anoitecer, retirando-se então os Hollandezes, já sob o commando do almirante Martin Thyszoon, que succedera ao general Pater, morto durante esta jornada, que foi o mais sangrento conflicto travado nos mares do Brasil. Oquendo repelliu o ataque do inimigo e ficou senhor das aguas da batalha. Foi, portanto, o vencedor, embora os seus navios ficassem quasi tão destroçados quanto os contrarios. Perderam os Hollandezes 2 das suas melhores naus, ambas incendiadas, montando ao todo 84 canhões (a capitanea *Prinz Willem* e a *Provintie van Uytrecht*), e Oquendo 3 navios com 66 canhões (*Santo-Antonio de Padua*, hispanhol, e *Prazeres Menor*, portuguez, que foram a pique, e *San-Buenaventura*, hispanhol, capturado). No pessoal, foi a perda dos Hollandezes de 750 mortos, mais de 350 feridos e alguns prisioneiros; a dos seus adversarios, de 800 mortos e prisioneiros e 400 feridos. O almirante hispanhol Francisco de Valecilla, gravemente ferido, pereceu, afundando-se com os destroços do *Santo-Antonio de Padua* (700 toneladas, 28 peças), que sustentara um terrivel combate contra a *Vereenighde Provintien*, do almirante Thyszoon (800 toneladas, 50 peças), e a *Provintie van Uytrecht* (600 toneladas, 38 peças). O *Sanctiago do Léste*, de 900 toneladas e 44 peças, em que tinha seu pavilhão o general Oquendo, bateu-se contra a *Prinz Willem* (1.000 toneladas, 46 peças) e a *Walcheren* (560 toneladas, 34 peças). Uma abordagem do galeão portuguez *Prazeres Menor* (305 toneladas, 18 peças) contra o *Walcheren*, foi repellida, e, ficando

aquelle navio á matroca, atravessou-se nas prôas dos 3, que combatiam atracados, e foi a pique com o choque das arfadas desses navios. O commandante do *Prazeres Menor*, Cosme do Couto Barbosa, ficou prisioneiro. O general Pater morreu afogado, não tendo querido salvar-se nas caravellas do Conde de Bagnuoli, que recolheram muitos homens das guarnições do *Prinz Willem* e da *Provintie van Uytrecht*.

1711.— A esquadra franceza de Duguay-Trouin, favorecida de um nevoeiro, approxima-se, sem ser vista, da barra do Rio de Janeiro e fórça a entrada. Compunha-se de 17 navios, montando 740 peças e alguns morteiros, com 5.764 marinheiros e soldados. As fortalezas e as baterias da barra, a de Villegaignon e 6 navios de guerra, ou armados em guerra, disputaram a passagem, na qual Duguay-Trouin teve 300 homens fóra de combate, sendo 80 mortos. A bateria de Villegaignon ficou destruida por uma explosão, em que pereceram os capitães Manuel Ferreira Estrella, João Pinto de Castro Moraes e um capitão de artilharia, além de 30 e tantos inferiores e soldados, e ficaram feridos 60 officiaes e praças («Historia Gen.», VIII, 127). A esquadra franceza foi fundear na Armação. Pela exposição do governador do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Moraes, e outros documentos ineditos da devassa a que se procedeu, vê-se que os navios portuguezes do sargento-mór de batalha do mar, Gaspar da Costa de Athayde, não estavam postados entre Sancta-Cruz e Bôa-Viagem, como foram representados na planta de A. Coquart («Mems. de Duguay-Trouin»), reproduzida, com ligeiras variantes, na «Historia Geral do Brasil», do visconde de Porto-Seguro. Esses navios achavam-se entre Villegaignon e a cidade, tendo a maior parte das guarnições, com o general Costa de Athayde, em terra, no trabalho da construcção de trincheiras. Os nossos chronistas e historiadores exaggeraram muito as fôrças de que dispunha o governador (veja 29 de Agosto de 1711). Eis a relação exacta dos fortes e baterias, segundo os documentos officiaes portuguezes. Na entrada da barra: — bateria da Praia de Fóra, 6 canhões de ferro; bateria da Praia-Vermelha, 12; fortaleza de Sancta-Cruz, commandada pelo sargento-mór Miguel Alves Pereira, 44 canhões, 6 dos quaes de bronze; fortaleza de S. João (comprehendendo as baterias de S. Martinho, S. Diogo, S. José e S. Theodosio), commandada pelo sargento-mór Antonio Soares de Azevedo, 30 canhões, sendo 8 de bronze (estas baterias não fizeram fogo, porque o commandante tinha licenciado a sua gente). No porto: — bateria de Villegaignon, commandada pelo capitão Manuel Ferreira Estrella, 20 canhões de ferro; bateria da Bôa-Viagem, 10, (a bateria de Gravatá já existia, mas estava desarmada); forte e bateria da ilha das Cobras, capitão Diogo Barbosa Leitão, 12.

Na cidade e seus arredores: — forte de S. Sebastião, capitão José Corrêia de Castro, 5; reducto de S. Januario, 11; reducto de Sancta Luzia, 5 (todos os 3 no morro do Castello); forte de Sanctiago, tambem chamado da ponta da Misericordia ou do Calabouço, 1; trincheiras do morro de S. Bento, 8 canhões: reducto da Prainha, sem artilharia. No morro da Conceição havia um entrincheiramento sem artilharia, para proteger a residencia do bispo. Do lado de terra corria uma trincheira, não de todo acabada, desde a lagôa de Sancto-Antonio ou do Boqueirão, no actual largo da Carioca, até á Prainha, ao longo do fosso, que já existia no anno anterior (veja 19 de Septembro de 1710). Nessa trincheira não havia peças. Assim, o número total de boccas de fogo, nos fortes, baterias e trincheiras, era de 174, sendo apenas 14 de bronze. Em vez de 10.000 homens de linha e 5.000 milicianos, de que falla Porto-Seguro, illudido pelas declarações de Duguay-Trouin (nunca houve em tempo algum, antes da Independencia, 10.000 homens de linha, reunidos em um só poncto do nosso territorio), em vez dessa fôrça, só tinha o governador 2.720 homens, 650 dos quaes, incluindo todos os artilheiros, occupavam os fortes e baterias da barra e do porto. Dividiam-se assim: Tropa regular: terço velho e terço novo de infantaria do Rio de Janeiro, 590 homens (mestre-de-campo Francisco Xavier de Castro Moraes e João de Paiva Souto Maior), e o terço da Colonia do Sacramento, 300 homens (sargento-mór Domingos Henriques); artilheiros, 50. Milicias: regimento da nobreza e privilegiados, 550 homens (coronel Manuel Corrêia Vasques), 2 regimentos de ordenanças, 780 homens (coroneis Balthasar de Abreu Cardoso e Crispim da Cunha). Tropas de marinha (do regimento da armada e do regimento da Juncta de Commercio), 400 homens desembarcados dos navios. A fôrça naval constava apenas da nau capitanea, cujo nome nos não é conhecido, da *S. Boaventura* (commandante Gillet du Bocage, avô do grande poeta), da *Barroquinha* (commandante Amaro José de Mendonça) e da *Prazeres*. Esta última pertencia á Juncta do Commercio; as outras 3, á marinha real; e montavam ao todo uns 130 canhões. Havia ainda 2 navios mercantes inglezes, que tinham algumas peças. Não podendo resistir á poderosa esquadra de Duguay-Trouin, ordenou Costa de Athayde o incendio dos 6 navios, que, largando as amarras, tinham ido encalhar na ponta da Misericordia, na ilha das Cobras e juncto a S. Bento. Na manhã de 13, o cavalheiro de Goyon, á frente de 500 homens, apoderou-se da ilha das Cobras, cujo commandante debalde havia pedido reforços, e, no dia seguinte, Duguay-Trouin, desembarcando na praia de S. Diogo com 3.800 homens, occupou sem resistencia as alturas de S. Diogo, Providencia e Livramento e fez estabelecer na ilha das Cobras e no morro do Pina, hoje Saúde,

baterias, que abriram o fogo contra as trincheiras de S. Bento e o forte de S. Sebastião. Na ilha das Cobras tinham os Francezes 5 morteiros e 18 canhões, e no morro da Saúde 10 canhões e 4 morteiros. Os documentos da Alçada mostram que Castro Moraes só podia responder ao fogo desses 37 canhões e morteiros, e ao da esquadra, com as 8 peças de S. Bento, 5 do forte de S. Sebastião e 1 do de Sanctiago. Os outros fortes e baterias ficavam muito distantes, e nenhum prestimo tinham para a defesa da cidade. Occupadas pelo inimigo as alturas de S. Diogo á Conceição, assim como a ilha das Cobras, a cidade podia ser facilmente destruida, e estava de facto perdida. Ainda assim, as baterias improvisadas em S. Bento sustentaram fogo continuado até ao dia 20, sob a direcção do sargento-mór de batalha do mar, que tinha ás suas ordens o capitão de mar e guerra Gillet du Bocage. Nos dias 17 e 18 houve pequenos combates, fóra das trincheiras, e no dia 20 (veja essas datas), começado o bombardeamento, o governador ordenou á noite a evacuação da cidade, que contava então 12.000 habitantes.

1816.— O furriel Athanasio Lopes e 13 milicianos, entrincheirados na casa da estancia de S. João Velho, recusam render-se ao coronel Andrés Artigas, que invadira o nosso districto de Missões pelo passo de Itaquí, e morrem todos combatendo.

1821.— Falleceu em Lisbôa o bispo de Elvas, o illustre economista d. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, que fôra bispo de Pernambuco e era então um dos deputados do Rio de Janeiro ás Côrtes constituintes da nação portugueza. Nascera em Campos dos Goitacás, a 8 de Septembro de 1743.

1823.— A fragata *Niterói*, commandante Taylor, depois de ter cruzado a entrada do Tejo, começa neste dia sua viagem de regresso para o Brasil. A *Niterói* foi o unico navio brasileiro que, por ordem de lord Cochrane, seguiu até á Europa a esquadra portugueza, saïda da Bahia no dia 2 de Julho.

1824.— O general Francisco de Lima e Silva, commandante em chefe das tropas imperiaes em operações na provincia de Pernambuco, partindo do engenho Suassuna, illude, por uma habil marcha de flanco, as fôrças dos revolucionarios commandadas pelo coronel Barros Falcão, que o esperavam na ponte dos Carvalhos, sobre o Jaboatão: desaloja do engenho Sancta-Anna a extrema direita do inimigo, avança acceleradamente para o Recife, e apodera-se da ponte de Motocolombó, do forte das Cinco-Pontas, do bairro de Sancto-Antonio e da ponte da Bôa-Vista (4 horas da tarde). A ponte do Recife tinha sido cortada, occupando outras tropas da revolução esse bairro e os fortes do Brum, Buraco e Picão. Pelas 5 horas da

tarde, Barros Falcão ataca a ponte de Motocolombó, em Afogados, e é repellido. O chefe da rebellião, Manuel de Carvalho Paes de Andrade, metteu-se á noite em uma jangada e foi asylar-se a bordo da fragata ingleza *Tweed*. As fôrças do general Lima constavam de 3 batalhões de caçadores do Rio de Janeiro, 4 de Pernambuco e 2 de Alagoas, 1 corpo de cavallaria e outro de artilharia de Pernambuco, e 1 esquadrão de cavallaria do Rio (veja os dias seguintes).

1831.— Nascimento do poeta Alvares de Azevedo (Manuel Antonio), na cidade de S. Paulo. Falleceu no Rio de Janeiro a 25 de Abril de 1852.

1836.— A revolução riograndense começara a 20 de Septembro de 1835. Nesta data, Antonio de Sousa Netto, acampado no Jaguarão, proclamou a republica e a independencia da provincia, mas a proclamação solenne só foi feita em Piratinim, no dia 6 de Novembro.

1839.— O major Manuel Clementino de Sousa Martins derrota os *balaios* em Sancta-Rita, tomando-lhes 2 peças.

1854.— Decreto creando o Instituto dos Meninos Cégos. Este decreto foi referendado pelo ministro Pedreira, depois visconde de Bom-Retiro. Quatro dias depois, foi inaugurado o estabelecimento.

1866.— Entrevista dos generaes Mitre e Flores com o dictador Solano López, em Jataití-Corá. O general brasileiro Polydoro Jordão não quiz assistir á conferencia.

1877.— Inauguração do engenho central de Quissamã, primeiro fundado no Brasil, por iniciativa do barão (depois conde) de Araruama.

13 DE SEPTEMBRO

1632.— O prelado do Rio de Janeiro, Lourenço de Mendonça, descobre um barril de polvora em baixo de sua cama, com mecha que ia ter á rua. Esse attentado foi attribuido aos negociantes de escravos indios, irritados contra a opposição do prelado.

1685.— Portaria de João da Cunha Souto-Maior, governador de Pernambuco, mandando abrir assento de soldado pago á imagem de Sancto-Antonio, do convento do Recife. Em 30 de Abril de 1717 o rei d. João v confirmou o posto de tenente, conferido pelo governador d. Lourenço de Almeida ao mesmo sancto. Tambem o Sancto-Antonio do convento do Rio de Janeiro começou por ter praça de soldado, e foi promovido a capitão no dia 18 de Septembro de 1710, pelo governador Francisco de Castro Moraes, quando du Clerc marchava contra a cidade.

1711.— Occupação da ilha das Cobras por 500 Francezes, commandados pelo cavalheiro de Goyon (veja 12 de Septembro).

1715.— Auto da fundação do Presidio, então indevidamente chamado Fecho dos Morros, á margem direita do Paraguái, e logo depois denominado Nova-Coimbra. Em vez de occupar o Fecho dos Morros, mais abaixo, como ordenara o governador Luiz Cáceres, o capitão Mathias Ribeiro da Costa levantou uma estrada de 1.300 metros do logar em que se começou, no anno de 1797, a construcção do forte de Nova-Coimbra.

1802.— Nascimento de Joaquim José Rodrigues Torres, illustre na nossa historia politica com o nome de visconde de Itaborahí. Nasceu no Porto das Caixas, e falleceu a 8 de Janeiro de 1872, na capital do Imperio.

1824.— Continúa o combate de artilharia e fuzilaria entre as tropas imperiaes do general Francisco de Lima, postadas na ilha de Sancto-Antonio, e as da insurreição pernambucana, entrincheiradas no bairro de Recife, e apoiadas pelo fogo dos fortes do Brum e do Buraco e pelo do brigue-escuna *Independencia ou Morte*. Além dêsse navio, tinham os revolucionarios, do lado do mar, uma galera armada e um brigue, que, com os dous mencionados fortes e o do Picão, responderam ao fogo das fragatas *Piranga* (chefe de divisão Jewett) e *Niterói* (commandante Norton). As tropas do coronel José de Barros Falcão de Lacerda, repellidas na vespera, em Motocolombó, tentaram neste dia entrar na cidade pela ponte da Boa-Vista, e soffreram nova repulsa, depois de sangrento combate, retirando-se para Olinda (veja 14 de Septembro).

1827.— Combate, á noite, na altura das Alcatrazes, entre o brigue *Pampeiro* (16 boccas de fogo, commandante Pedro Ferreira de Oliveira) e a escuna-corsario *Triunfo Argentino* (10 boccas de fogo, commandante Villiard). Este corsario, armado em Buenos-Aires, era tripolado por Francezes. Depois de vivo combate, fugiu a remos, favorecido pela cerração.

1830.— Fallece no convento de Sancto-Antonio, no Rio de Janeiro, o celebre prégador frei Francisco de Sancta-Teresa de Jesús Sampaio, nascido na mesma cidade em Agosto de 1778. «Oh Deus! tu conheces que o meu interesse sôbre a gloria do Brasil não nasce de pretenções nem de vistas particulares», disse o grande orador num sermão prégado a 7 de Março de 1822 na Capella Real. Entre os seus sermões mais eloquentes figuram os que prégou a 13 de Outubro e no 1° de Dezembro de 1822, na Capella Imperial, e a oração funebre no primeiro anniversario da morte da imperatriz d. Leo-

poldina. Frei Francisco de Sampaio foi um dos collaboradores da nossa independencia politica, e por alguns annos escreveu em jornaes do Rio de Janeiro.

1831.— Sedição militar e popular em S. Luiz do Maranhão. O presidente, Araujo Viana, depois marquez de Sapucahí, viu-se obrigado a transigir com os sediciosos. A 19 de Novembro houve outra revolta, que foi vencida pelo mesmo presidente.

1832.— Dissolve-se o Ministerio de 3 de Agosto dêste mesmo anno de 1832 e começa a governar um outro, organizado pelo senador Vergueiro.

14 DE SEPTEMBRO

1563.— O padre Anchieta, que se achava entre os Tamoios (veja 5 de Maio e 12 de Junho), parte neste dia da aldêia do chefe Cunhambebe para Bertioga. Este Cunhambebe era provavelmente filho do valente e feroz Indio do mesmo nome, fallecido entre os annos de 1554 e 1560. Thevet, que o conhecera em 1550, quando pela primeira vez esteve no Brasil com o capitão Testu, chama-o Quoniambec e accrescenta: « Qui est le nom de l'oiseau vaultour » (fls. 82 da « Histoire de deux voyages », ms. da Bibl. Nac. de Pariz). Nesse caso, o nome devia ser — « Cuimbáé-bebé » —, literalmente, « o valente voador ». A aldêia dêste chefe tinha o nome de Arirab (H. Stade, cap. 38), e ficava juncto á « rivière des Vases », de que falla Thevet, chamada pelos nossos Ariró.

1624.— O capitão Manuel Gonçalves soccorre na Bahia um navio que chegava de Portugal e ia ser tomado pelos Hollandezes.

1645.— Rafael de Jesús e outros chronistas descrevem com esta data a tomada de um navio hollandez no canal de Itamaracá. E' preferivel a data indicada por Nieuhoff (veja 20 de Septembro).

1711.— Duguay-Trouin desembarca com 3.800 homens na praia de S. Diogo (Sacco do Alferes) e occupa sem resistencia as alturas de S. Diogo, Providencia, Livramento e Saúde (veja 12 de Septembro).

1817.— Bento Manuel Ribeiro, destacado pelo general Curado, derrota no arroio Lenguas (Banda Oriental) o commandante Pascual Morera, e, continuando a sua marcha sôbre Belém, surprehende e aprisiona várias guardas avançadas do coronel Berdun (veja o dia seguinte).

1822.— Ao anoitecer o principe d. Pedro chega de São Paulo, onde proclamára a independencia do Brasil. Na mesma noite vae á Maçonaria e toma posse do cargo de grão-mestre.

1824.— Continúa o combate entre as tropas imperiaes e os revolucionarios de Pernambuco, entrincheirados no bairro do Recife. A' tarde suspende-se o fogo, por ter o general Lima mandado uma intimação aos contrarios e haver o chefe de divisão Jewett recebido uma carta de Paes de Andrade, datada do «acampamento das tropas patrioticas», mas na realidade escripta de bordo da fragata ingleza *Tweed*, onde estava asylado.

1831.— Revolta das tropas da guarnição do Recife.— Os sublevados ficam senhores do bairro do Recife e entregam-se ao saque e ao assassinato até ao dia 16, em que o coronel Lamenha Lins, á frente das milicias e de muitos voluntarios, consegue derrota-los.

1839.— O major Manuel Clementino de Sousa Martins, com as tropas do Piauhí, obtem completa victoria sôbre os *balaios*, em Baixão, perto do Morro-Agudo, mas recebe no fim do combate um ferimento, de que morre meia hora depois. O capitão Antonio de Sousa Mendes succede-lhe como chefe dessa columna.

1876.— Morre em Lisboa o poeta Luiz de Alvarenga Peixoto, nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1835. Além de muitas poesias, deixou um estudo biographico do visconde do Rio-Branco, publicado em fins de 1871.

1883.— Morre no Rio de Janeiro o visconde de Abaeté (Antonio Paulino Limpo de Abreu), deputado de 1826 até 1847 e dahi em deante senador. Foi por vezes ministro de Estado e occupou a presidencia do Conselho desde 12 de Dezembro de 1858 até 10 de Agosto do anno seguinte. Nascido em Lisbôa a 19 de Septembro de 1798, veiu para o Brasil em 1808.

15 DE SEPTEMBRO

1624.— Pequeno combate com os Hollandezes nos arredores da Bahia.

1636.— Morre em Cametá o primeiro governador do Estado do Maranhão, Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho. Seu govêrno começara a 3 de Septembro de 1626.

1793.— Nascimento de Candido José de Araujo Viana, depois marquez de Sapucahí. Nasceu em Congonhas do Sabará (veja 23 de Janeiro de 1875).

1817.—Bento Manuel Ribeiro, á frente de 90 homens apenas, surprehende em Belén (Banda Oriental) um corpo de 300 Entre-rianos, commandado pelo coronel José Antonio Berdun. Toda a fôrça inimiga rendeu-se, suppondo muito mais numerosos os Brasileiros. Não podendo escoltar tão grande número de prisioneiros, Bento Manuel limitou-se a conduzir para o acampamento do general Curado, no Quarahim, o coronel Berdún, o tenente-coronel Pedro Mosquera, 7 capitães e subalternos e uns 80 inferiores e soldados, deixando os outros em liberdade, sob promessa de não mais tomarem armas contra o Brasil. Os prisioneiros chegaram a Porto-Alegre no dia 10 de Outubro. O coronel Berdún fôra derrotado o anno precedente pelo general Menna Barreto (veja 19 de Outubro de 1816).

1821.—Apparece no Rio de Janeiro o primeiro número do *Revérbero Constitucional Fluminense*, periodico politico redigido por Joaquim Gonçalves Lédo e Januario da Cunha Barbosa. Este jornal muito concorreu para a proclamação da independencia e da monarchia constitucional.

1830.—Morre no Rio de Janeiro o tenente-coronel Joaquim Xavier Curado, conde de S. João das Duas-Barras, nascido em Jaraguá (Goiaz) no dia 1° de Março de 1747. Nas campanhas de 1811 e 1812 commandou uma divisão; e nas de 1816 a 1820 foi o general em chefe do exército brasileiro do Quarahim, que tantas victorias alcançou sôbre as tropas do general José Artigas, no Rio Grande do Sul, Banda Oriental e Entre-Rios. Entre essas victorias, sôbresaem: as de S. Borja, Ibiraocaí e Carumbé, a 3, 19 e 27 de Outubro de 1816; de Arapehí e Catalán, a 3 e 4 de Janeiro de 1817; de Guabijú, a 7 de Abril de 1818; as de Calera de Barquín, Perucho-Verna e Arroyo de la China, a 15 e 16 de Maio do mesmo anno; a do Queguaí-Chico, a 4 de Julho; e, no anno seguinte, a 28 de Outubro, a do Arroyo-Grande. Na batalha de Catalán, a mais disputada dessa guerra, o velho general esteve presente, tendo a seu lado o marquez de Alegrete, capitão-general do Rio Grande do Sul. Os outros combates aqui mencionados foram ganhos por generaes ou commandantes (Abreu, Menna Barreto, Oliveira Alvares e Bento Manuel), que serviam sob as suas ordens e executavam as instrucções delle recebidas. Em 1822 commandou as tropas brasileiras, que forçaram a divisão do general Avilez a abandonar o Rio de Janeiro e a partir para a Europa.

16 DE SEPTEMBRO

1645.—Carta de Paulo de Linge, governador hollandez da Parahiba, dirigida ao Supremo Conselho do Recife, annun-

ciando haver feito enforcar Fernão Rodrigues de Bulhões, que fôra offerecer-lhe dinheiro para entregar aos patriotas brasileiros a fortaleza do Cabedello.

1801. — O forte de Nova-Coimbra, em Mato-Grosso, não estava de todo terminado e tinha 110 homens de guarnição, debaixo do commando do tenente-coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, e, por unica artilharia, 1 peça de calibre 1, quando deante delle surgiu o governador do Paraguai, Lasaro de Ribera, com uma flotilha de 4 sumacas-canhoneiras e 20 canôas, conduzindo 600 homens de desembarque. Almeida Serra, sem hesitar, disparou os primeiros tiros. Então, 3 sumacas, cada uma com 2 canhões por banda, approximaram-se e sustentaram fogo continuado até á manhã do dia seguinte. Feito isto, mandou Ribera uma intimação, que foi repellida, e do dia 18 a 24 continuou a empregar exforços para ganhar o forte. O fogo mais violento e aturado foi o do dia 24, no qual, segundo parece, os Hispanhóes (Paraguaios) exgottaram as munições. A's 9 horas da noite dêsse dia, a esquadrilha começou a descer o rio, desistindo do ataque.

1816. — O major Joaquim Ferreira Braga, indo reconhecer o Rincão da Cruz, á frente de 200 milicianos do districto brasileiro de Missões, é destroçado no campo de S. João por 1.000 Correntinos e Guaranís commandados por Andrés Artigas.

1824. — Ultimas condições de rendição, apresentadas pelo general Francisco de Lima e Silva aos revolucionarios de Pernambuco. As tropas imperiaes, como ficou dicto, occupavam o bairro de Sancto-Antonio, desde o dia 12. Na manhã de 16 reuniram-se ao general várias lanchas e escaléres, conduzindo 300 marinheiros e soldados, sob o commando do então capitão de fragata James Norton.

1831. — O coronel Lamenha Lins, á frente de milicianos e voluntarios, vence no Recife as tropas que se haviam revoltado na noite de 14.

1842. — Ordem do dia do general Caxias, datada do Rio-Preto, agradecendo ao Exercito e á Guarda Nacional os serviços prestados na pacificação de Minas-Geraes.

1848. — Morre no Rio de Janeiro o marquez de Maricá, Mariano José Pereira da Fonseca, nascido na mesma cidade a 18 de Maio de 1773.

1854. — Inauguração do Instituto dos Meninos Cégos, no Rio de Janeiro, uma das creações do imperador d. Pedro II e do ministro Pedreira, depois visconde de Bom-Retiro. O dr. José Francisco Sigaud foi o primeiro director dêsse estabelecimento.

17 DE SEPTEMBRO

1645.— Capitulação dos Hollandezes em Porto-Calvo.— Renderam-se 156 homens, com o seu commandante Pierre Champ Fleury. O forte tinha 8 canhões, soffria apertado assédio desde 11 de Agosto e tinha sido hostilizado desde fins de Julho pelos habitantes do districto, dirigidos por Christovam Lins de Vasconcellos. O capitão Lourenço de Araujo, que chegara com reforços da Bahia, assumira o commando dos sitiantes.

1711.— O capitão Bento do Amaral Coutinho, que estava com 150 homens, sustentados á sua custa, na Bica dos Marinheiros (perto da actual ponte do Aterrado), desaloja o destacamento francez que occupava uma casa a meia encosta do Livramento, pela parte occidental. O governador mandou ordem para o immediato abandono da posição conquistada, certo de que os contrarios voltariam em grande fôrça (veja o dia seguinte).

1818.— Cartas de lei concedendo o predicamento de cidade ás villas de Cuiabá, Villa-Nova e Villa-Bôa. A segunda passou a chamar-se Mato-Grosso e a ultima Goiaz.

1824.— Não tendo recebido resposta á sua intimação da vespera, o general Francisco de Lima e Silva ordena o ataque do bairro do Recife ás 2 horas da madrugada. Para proteger a passagem do exército por essa ponte, o capitão de fragata James Norton (veja 29 de Agosto) desembarcou com 300 marinheiros e soldados entre as baterias da alfandega e da ponte, e, destacando contra a primeira uma parte das suas fôrças, lançou-se intrepidamente contra a segunda bateria e apoderou-se das peças com a unica perda de 13 mortos e feridos. Os revolucionarios, surprehendidos com a rapidez do ataque, puzeram-se em retirada, e o exército poude atravessar sem opposição a ponte. Norton perseguiu os fugitivos e rendeu o forte do Brum. As tropas do general Lima chegaram então, occuparam o forte do Buraco e entraram em Olinda ás 8 horas da manhã. Os revolucionarios tinham seguido para o interior, e só se renderam depois de varios combates, no territorio do Ceará (veja 28 de Novembro).

1859.— Fallece no Rio de Janeiro o conselheiro Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, nascido em Valporto (Portugal), deputado por S. Paulo ás Côrtes Constituintes de Lisbôa e á Assembléa Constituinte Brasileira, membro da Camara dos Deputados desde 1826 e senador do Imperio desde 1828. Fez parte da Regencia Provisoria em 1831 e por vezes occupou o

cargo de ministro de Estado. Foi o primeiro agricultor, que no Brasil empregou colonos europeus, estabelecendo-os em terras da sua fazenda de Ibicaba, em 1847.

18 DE SEPTEMBRO

1645.— Capitulação dos Hollandezes que guarneciam o forte Mauricio (Penedo), no rio S. Francisco. Renderam-se 266 homens, com o seu commandante Samuel van Koyn, tendo sido mortos 77, durante o assédio, que começou a 12 de Agosto e ficou completo no dia 23. Os sitiantes eram commandados pelo capitão Nicoláo Aranha Pacheco.

1711.— Durante á noite, os Francezes tornaram a occupar a casa perdida na vespera, na encosta occidental do morro do Livramento. Bento do Amaral Coutinho atacou-os de novo, e, com o capitão Manuel Gomes Barbosa, estava senhor da posição, quando recebeu ordem do governador para abandona-la. Tivemos 2 mortos e 7 feridos, segundo a representação da Camara, e os Francezes 30 mortos e feridos, segundo Duguay-Trouin. Commandava esse posto o official De Liesta, que na retirada foi reforçado pelas companhias dos capitães De Droualin e d'Auberville. Foi ferido o official de Pontlo-Coetlongon.

1822.— Decreto creando a bandeira e o novo escudo de armas do Brasil independente. Esse decreto foi referendado por José Bonifacio.

1835.— Os *cabanos* atacam a villa da Cachoeira, no Arari (ilha de Marajó), e são repellidos pelos majores Lobo d'Anvers e Antonio de Lacerda Chermont (depois visconde de Arari), da Guarda-Nacional.

1837.— O regente Feijó, resolvido a entregar o poder á opposição parlamentar, chama a uma conferencia o senador Pedro de Araujo Lima (depois marquez de Olinda), e, annunciando-lhe a sua decisão, nomeia-o ministro do Imperio, para que, na fórma da Constituição, assumisse a regencia do Imperio. Araujo Lima, que era um dos chefes da opposição na Camara dos Deputados, tinha sido escolhido senador no dia 5 de Septembro (veja o dia seguinte).

— Neste mesmo dia falleceu no Rio de Janeiro o presidente do Senado, marquez de Inhambupe (Antonio Luiz Pereira da Cunha), nascido na Bahia a 6 de Abril de 1760, um dos redactores da Constituição do Imperio e por vezes ministro no reinado de Pedro I.

1860.— Fallece em S. Paulo o senador do Imperio, marquez de Monte-Alegre (José da Costa Carvalho), nascido na

Bahia a 7 de Fevereiro de 1796. Membro da Constituinte Brasileira em 1823, um dos chefes da opposição na Camara dos Deputados desde 1826 até 1831, e redactor do *Pharol Paulistano* (1827-1831), fez parte da Regencia do Imperio desde 1831 até 1835, e do Senado a partir de 1839. Era o presidente de S. Paulo durante a rebellião dos liberaes nessa provincia, foi ministro do Imperio no Gabinete conservador de 29 de Septembro de 1848, organizado por Olinda, e de 6 de Outubro de 1849 a 11 de Maio de 1852 teve a presidencia do Conselho de Ministros. Durante esse seu Ministerio, ficou de facto abolido o trafico de Africanos, pela energia do ministro da Justiça, Eusebio de Queiroz, e celebrámos a alliança que libertou as republicas do Prata, pondo termo á longa dictadura de Rosas.

1865.— Rendição dos Paraguaios que occupavam a villa de Uruguaiana, sob o commando do coronel Antonio Estigarribia.— Renderam-se 5.515 homens, entregando 7 bandeiras e 6 canhões, na presença do imperador d. Pedro II, dos generaes Mitre, presidente da Republica Argentina, e Flores, governador provisorio da Republica Oriental. Estavam tambem presentes o marechal conde d'Eu e o almirante duque de Saxe, o marechal Caxias e o general Cabral (barão de Itapagipe). O exército alliado deante de Uruguaiana compunha-se de 17.346 homens, sendo Brasileiros 12.393, Argentinos 3.733, e Orientaes 1.220. Commandava o exército brasileiro o general barão (depois conde) de Porto-Alegre. A esquadrilha brasileira compunha-se de 5 vapores e 2 chatas: nella estava o almirante Tamandaré, commandante em chefe da esquadra em operações.

19 DE SEPTEMBRO

1637.— Salvador Corrêia de Sá e Benevides toma posse do cargo de governador da capitania do Rio de Janeiro, e exerce-o então pela primeira vez.

1645.— Chega ao Recife a noticia da morte de Antonio Cavalcanti, ferido em uma sortida em Goiana. Foi, com Fernandes Vieira, um dos promotores e chefes da insurreição pernambucana contra o dominio hollandez (veja 15 e 23 de Maio e 13 de Junho de 1645).

1710.— Neste dia a expedição franceza do capitão de fragata Jean François du Clerc penetrou na cidade do Rio de Janeiro e foi obrigada a render-se depois de porfiado combate.— A cidade tinha então 12.000 habitantes e occupava o espaço comprehendido entre o mar, os morros do Castello e

de S. Bento, e um fosso, chamado Valla, que ia da lagôa e campo de Sancto-Antonio (hoje largo da Carioca) até á Prainha. Corria esse fosso pelo local onde depois se formou a rua da Valla, hoje de Uruguaiana; na extremidade da rua de Antonio Vaz Viçoso (hoje de S. Pedro), mudava de direcção para chegar ao mar, passando entre o morro de São Bento e o da Conceição. A rua Direita ou da Cruz (hoje rua 1º de Março) era a unica que se extendia do Castello a São Bento. A casa do governador ficava ahi, em frente á rua do Palacio (hoje da Alfandega), tendo á esquerda o trapiche da cidade. Do lado do campo, a última rua parallela á Direita era a dos Ourives; da parte de S. Bento, a última rua perpendicular a essas duas era a de Antonio Vaz Viçoso. Entre esta última, a Direita e o morro de S. Bento, havia uma planicie e um pantano. As egrejas do Rosario e de S. Domingos e a chacara do Fogo, que deu o nome primitivo da actual rua dos Andradas, ficavam fóra dos limites da cidade, em uma planicie entrecortada de pantanos, chamada então campo de S. Domingos ou do Rosario. Dous caminhos conduziam dêsse lado para o interior; um terceiro, chamado caminho do Desterro (hoje rua Evaristo da Veiga) e, do morro dêsse nome em deante, azinhaga de Mata-Cavallos (rua do Riachuelo), começava perto da lagôa de Sancto-Antonio (antiga lagôa do Boqueirão, já muito reduzida), seguia as fraldas dos morros do Desterro (Sancta-Teresa) e, pela Mata dos Porcos (Mata-Porcos), ia ter ao Engenho Pequeno dos Padres (depois Engenho-Velho), á Tijuca e ao Engenho-Novo. O governador Francisco de Castro Moraes, guarnecidas as fortalezas, esperava o inimigo pelo lado do campo do Rosario, tendo ahi reunido, atrás do fosso, ou valla, uns 2.000 homens de tropa regular, milicianos e voluntarios; mas du Clerc, que vinha da Tijuca (desembarcara em Guaratiba no dia 11 com 1.000 homens), marchou por Mata-Cavallos, caminho do Desterro, caminho da Conceição da Ajuda (hoje rua da Ajuda), ruas do Parto (depois de S. José) e da Misericordia, praça do Carmo (largo do Paço) e rua Direita. Juncto ao Desterro (Sancta-Teresa), repelliram os Francezes alguns destacamentos de ordenanças, e, ao entrarem na cidade, foram hostilizados pela artilharia do forte de S. Sebastião, no Castello. «Continuant sa marche», — diz uma relação inédita de Arnoult de Vaucresson, dirigida ao ministro da marinha, conde de Pontchartrain, — «il entra (du Clerc) dans la ville, où l'on fit sur ses troupes un si grand feu des maisons qui estoient généralement garnies de mosqueterie, qu'elles ne savoient pour ainsi dire où donner de la teste. Elles arrivèrent cependant à la place d'armes, où il fust impossible á M. du Clerc les mettre en bataille, à cause du feu continuel que l'on faisoit

sur luy des maisons qui avoient vue sur la dite place... Il tourna vers une espèce de grand magasin fortifié de cinq pièces de canon, et garni de gens armés, qui estoit sur le bord de la mer (Trapiche da Cidade, na rua Direita), qu'il ataqua et enleva, malgré leur resistance: le Sr. de Boiron y monta le premier avec beaucoup de bravoure et d'intrepidité. Il fust dans le moment investy et attaqué de toutes parts par les ennemis en nombre si considerable, que voyant qu'il avait perdu d'un tiers de son monde, et qu'il ne luy restoient plus que sept officiers, après plusieurs pourparlers avec le gouverneur, il accepta l'offre qu'il luy fit de les recevoir prisonniers de guerre, pour sauver le reste des troupes». A relação portugueza na «Hist. Gen.» (t. VIII) concorda nos ponctos principaes com a descripção franceza: «Formaram-se (os Francezes) juncto ao convento do Carmo (largo do Paço), e, não podendo forçar-lhe as portas, já com perda de muita gente pelas ruas, e retaguarda, foram em demanda da casa dos governadores; e, sendo-lhes por muito tempo defendida a entrada com mortes de uma e outra parte, por uma companhia de estudantes, mas mettendo-se alguns Francezes no palacio e corpo de guarda, vieram todos a ficar prisioneiros ou mortos. Assim que o governador teve noticia que os inimigos entraram na cidade, fez marchar o mestre-de-campo Gregorio de Castro Moraes com o seu terço, e por outra parte o capitão Francisco Xavier de Castro, filho primogenito do coronel, governando este troço o seu sargento-mór Martim Corrêia de Sá. Chegaram estes corpos á rua Direita, onde ainda os estudantes embaraçavam os inimigos, e os nossos os atacaram tão vigorosamente, que, desamparando o corpo de guarda, se retiraram por uma travéssa para a parte da praia, e entraram em um armazem a que chamam Trapiche; e, ainda que se lhe disputou a entrada, ganharam 6 peças de artilharia, que alli estavam, que já lhe haviam no principio feito algum damno; aqui mataram o mestre-de-campo Gregorio de Castro Moraes com duas balas, e com outra feriram nos peitos, e em uma ilharga com uma baioneta, a seu filho Francisco Xavier, e tambem recebeu algumas feridas o capitão José de Almeida, havendo procedido com valor em toda a occasião. O governador intentou pôr fogo ao armazem. O capitão Antonio de Ultra da Silva, que com a cavallaria havia acudido ao conflicto, querendo adeantar-se de todos a entrar no armazem, foi morto. O commandante du Clerc, vendo-se neste apêrto, determinou capitular». Renderam-se ahi 650 Francezes, tendo sido mortos 280. Entre os ultimos estavam os officiaes e guarda-marinhas de Patreville, d'Irrumberry, de Proissy, de Rilly, de Varaise, de Miraillete e de la Mesanchère (foram 11 os officiaes mortos); entre os prisioneiros

feridos, o cavalheiro de la Sausaye, commandante da fragata *La Valeur*, o conde de Ruis, de la Rigoudière, du Fay d'Issondun, de Coigne, o marquez de Linars, de Préfontaine, o marquez d'Assigny e de St. Leger; entre os não feridos, o commandante du Clerc, de Courcy, de la Salle, de la Caillandière, de Chandolan, Monclerc de Peyre, de Pont de Villene, de Laval de Montmorency, de Tolède, de Villedon, des Fontaines e de Pradelles (foram 41 os officiaes prisioneiros, muitos delles feridos). Do nosso lado, houve 200 mortos e feridos. Os mortos foram 70, incluindo «quinze ou dezeseis negros, uns que pelejaram, outros que quizeram ver, cuidando que era festa», disse o cura da Sé. Na relação dêsses mortos encontram-se os nomes do mestre-de-campo e do capitão de ordenanças de cavallaria, acima citados (este último era de S. Gonçalo), do ajudante Gaspar Queiroga, do professor José de Faria, dos estudantes Pedro da Costa, Francisco Telles, Antonio Moreira, Francisco Pelleja (filho do desembargador Pelleja, que fôra ouvidor em S. Paulo) e José Ferreira (filho do imaginario Francisco Ferreira), do pintor Manuel Gomes Torres, do organista da Sé Antonio Maciel, de um caixeiro e de varios operarios, que sem dúvida pertenciam aos corpos de ordenanças. A companhia dos estudantes, que tanto se distinguiu, era commandada pelo capitão Bento do Amaral Coutinho, «uma das pessoas principaes desta cidade» dizia uma representação da Camara (veja 23 de Septembro de 1711). Luiz XIV confiou no anno seguinte a Duguay-Trouin o desfôrço deste revés (veja 12 e 20 de Septembro de 1711).

1740.— Morre em Goiaz, na maior pobreza, o capitão Bartholomeu Bueno da Silva, chamado o «Anhanguêra», segundo dêsse nome (veja 30 de Junho de 1722). Era natural de Parnahiba, em S. Paulo.

1743.— La Condamine chega á cidade de Belém do Pará, tendo descido o Amazonas.

1798.— Nascimento de Limpo de Abreu, depois visconde de Abaeté (veja 14 de Septembro de 1883).

1822.— Combates no Cabrito e Cruz do Cosme, perto da cidade da Bahia, entre tropas brasileiras e portuguezas.

1835.— Primeira escaramuça na guerra civil do Rio Grande do Sul. Os revolucionarios, em numero de 400, estavam reunidos perto da ponte de Azenha, suburbio de Porto-Alegre. O major visconde de Camamú foi reconhecer, com 20 homens de cavallaria da Guarda-Nacional, e caïu em uma emboscada, voltando ferido e destroçado.

1836.— Ataque de Oeiras (Pará) pelo primeiro-tenente Carlos Rose, commandante do brigue *Brasileiro* (5 peças),

tendo ás suas ordens, além dos marinheiros, um corpo de tropas, sob o commando do primeiro-tenente de artilharia Hygino José Coelho. A posição era defendida por 800 *cabanos* (veja o dia seguinte).

1837.— Diogo Feijó demitte-se da regencia do Imperio, que exercia desde 12 de Outubro de 1835. Nesse sentido, dirige um officio ao conselheiro Pedro de Araujo Lima, depois marquez de Olinda, que elle acabava de nomear ministro do Imperio e era um dos chefes da opposição parlamentar. Na mesma occasião entregou ao seu successor legal uma proclamação aos Brasileiros.

O regente interino Araujo Lima formou no mesmo dia o seu Gabinete com os ministros seguintes, todos membros da Camara dos Deputados e do partido conservador: Imperio e Justiça, Bernardo Pereira de Vasconcellos; Fazenda, Calmon; depois marquez de Abrantes; Extrangeiros, Maciel Monteiro, depois barão de Itamaracá; Guerra, Sebastião do Rego Barros; Marinha, Rodrigues Torres, depois visconde de Itaborahí. Pela primeira vez subiu ao poder com este Gabinete o partido conservador, recentemente formado pela fusão de uma fracção consideravel do partido liberal-moderado com o partido reaccionario, chamado «restaurador» desde 1831 até 1834.

1839.— Francisco Pedro de Abreu (barão de Jacuhí) surprehende e destroça, no Arroio dos Ratos, o coronel José Manuel de Leão. Este caudilho ficou morto na refrega.

—No Maranhão, pequenos combates em Mariquita e São Pedro (guerra dos *balaios*).

1854.— Lei da Assembléa legislativa provincial do Rio de Janeiro, dando o predicamento de cidade á villa de Petropolis. Esta colonia de Allemães, fundada nove annos antes em terras da fazenda imperial do Corrego-Secco, fôra elevada a villa por lei provincial de 20 de Maio de 1846. Petropolis deveu a sua fundação ao imperador d. Pedro II, a Aureliano Coutinho, visconde de Sepetiba, então presidente do Rio de Janeiro ,a Paulo Barbosa, mordomo da Casa Imperial, e ao engenheiro Julio Frederico Koeller.

20 DE SEPTEMBRO

1645.— O capitão Simão Mendes, com 2 pequenas embarcações guarnecidas de 100 homens, toma por abordagem um patacho hollandez de 4 peças, depois de porfiado combate, na barra de Catuama. Livre a passagem, as nossas tropas, commandadas por Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira, desembarcam na parte septentrional da ilha de Itamaracá. Henrique

Dias ficara commandando as fôrças que sitiavam o Recife (veja o dia seguinte).

1711.— Na vespera, o governador do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Moraes, respondendo á intimação de Duguay-Trouin, declara estar disposto a defender até á ultima extremidade a praça que lhe fôra confiada. Neste dia houve dous conselhos de guerra, convocados pelo governador. Os mestres-de-campo Francisco Xavier de Castro Moraes e João de Paiva Souto-Maior, commandantes do terço velho e do novo, foram de parecer que se abandonasse a praça, por ser impossivel a defesa. De voto contrário foram o juiz-de-fóra, dr. Luiz Fortes de Bustamante, e o coronel de ordenanças, Bartholomeu de Abreu Cardoso. A discussão tornou-se calorosa, havendo troca de insultos entre este coronel miliciano e o mestre-de-campo Castro Moraes.— O sargento-mór Domingos Henriques, commandante do terço da Colonia do Sacramento, e os capitães dêsse terço, consultados pelo governador, todos a uma voz responderam que se não devia largar a praça. Entretanto, apenas entrada a noite, que foi de medonha trovoada e chuva, pequeno bombardeamento geral foi feito sôbre a cidade pelas baterias de terra e pela esquadra de Duguay-Trouin (veja em 12 de Septembro informações sôbre as fôrças dos adversarios). A's 11 horas o governador mandou ordens reiteradas aos commandantes, para que largassem seus postos e o accompanhassem para o interior. Até então o bombardeamento só tinha produzido uns 20 mortos, entre os quaes o sargento-mór Martim Corrêia Vasques, da familia Corrêia de Sá. Desde esse momento tudo foi confusão na cidade: a população, vendo-se abandonada da tropa, entrou a emigrar. « E toda a gente », diz uma testimunha ocular, « se foi mettendo por esses caminhos e matos, onde, si houvera de se individuar os desarranjos, fomes, mortes de creanças, desamparo de mulheres, e toda a qualidade de miserias, fôra um nunca acabar.... ajunctando-se a mais terrivel noite de chuva e escuro que se póde considerar, que poz os caminhos de sorte, que em algumas partes se passava com agua pelos peitos, e pareciam os passageiros o espectaculo de um naufragio ».

1835.— Esta é a data geralmente attribuida ao rompimento da revolução riograndense; mas já na vespera estavam reunidos os revolucionarios nos arredores de Porto-Alegre. O presidente, Antonio Rodrigues Fernandes Braga, só dispunha, na capital, de 270 homens (50 permanentes, 20 homens de cavallaria de linha e 200 guardas-nacionaes e paizanos armados). No porto estavam 2 escunas de guerra. No dia 20 os paizanos começaram a desertar, e, ás 11 horas da noite, todos os permanentes se passaram para o inimigo, menos o seu brioso commandante, Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto e o te-

nente Alvarenga. Vendo-se sem fôrças para resistir, abandonou o presidente a capital e seguiu embarcado para a cidade do Rio-Grande. No dia seguinte, o coronel Bento Gonçalves da Silva, chefe da revolução, fez a sua entrada em Porto-Alegre.

1836.— Tomada de Oeiras (Pará) pelo primeiro-tenente da armada Carlos Rose. O combate começara na vespera e nelle tiveram os legalistas 20 mortos e 85 feridos (veja 19 de Septembro).

1853.— Chega ao Rio de Janeiro, procedente de Liverpool, o paquete inglez *Brasileiro*, inaugurando as viagens da segunda linha regular de vapores transatlanticos. O mais antigo serviço postal a vapor entre a Europa e o Brasil é o da Royal Mail, que a 9 de Janeiro de 1851 expediu de Southampton o seu primeiro paquete. Antes dessa linha, havia desde 1810 a de paquetes de Falmouth, que eram navios de véla.

1867.— O general Andrade Neves (era brigadeiro honorario e pertencia á Guarda-Nacional), deixando na villa do Pilar (Paraguái) o tenente-coronel Manuel Rodrigues de Oliveira, ataca e derrota pouco adeante, na margem direita do Nhembucú, o commandante Rojas. Quasi ao mesmo tempo Rodrigues de Oliveira repellia os reforços trazidos pelos vapores *25 de Mayo* e *Igurei*. Uma chata carregada de soldados foi apanhada a laço pela Guarda-Nacional riograndense. O inimigo perdeu 174 mortos e prisioneiros, 2 peças, 2 estandartes e muito armamento e munições. A nossa perda foi de 31 mortos e feridos. Em recompensa dêsse feito de armas, recebeu Andrade Neves o titulo de barão do Triumpho.

1869.— O coronel Hermes da Fonseca, á frente do 6° batalhão de infantaria, apodera-se de um desfiladeiro na serra de Caáguazú. Tivemos apenas 2 mortos e 10 feridos. Vencida essa resistencia, as tropas do general Resin transpuzeram a serra e occuparam a povoação de S. Joaquim, cumprindo as instrucções do marechal conde d'Eu. No dia 18 do mez seguinte o coronel Hermes da Fonseca succedeu a Resin no commando dessa columna, que por vezes soffreu grandes privações, pela difficuldade no transporte de viveres.

21 DE SEPTEMBRO

1631.— O conde de Bagnuoli chega a Barra-Grande (Alagôas), com 10 das caravellas que conduziam refôrço de tropa e artilharia ao general Mathias de Albuquerque (veja 12 de Septembro). 2 caravellas que faltavam tinham ido ter, uma ao Rio Grande do Norte, e a outra ao Rio-Formoso. Duarte de Albuquerque Coelho, conde e senhor de Pernambuco, ia em companhia de Bagnuoli.

1645.— Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira, que na vespera tinham desembarcado em Itamaracá com 800 homens, atacam pela manhã e tomam á tarde as trincheiras da villa da Conceição, então chamada villa Schkoppe. As fôrças inimigas, compostas principalmente de Indios, refugiaram-se no intrincheiramento da egreja, no alto do morro, e ahi resistiram victoriosamente a trez ataques, nos dias 22 e 23. Neste último dia chegou ao forte de Orange, com reforços, o conselheiro Bullestraten, e Vidal e Vieira desistiram do ataque, evacuando a ilha na noite de 24 para 25. A nossa perda foi de 67 mortos e, segundo Rafael de Jesús, 70 feridos. No número dêstes, entraram o governador Camarão e o mestre-de-campo Hoogstraten, que estava ao nosso serviço, combatendo contra os seus compatriotas.

1711.— Na manhã dêste dia, estando quasi deserta a cidade do Rio de Janeiro (veja a «Ephemeride» do dia anterior), foram os prisioneiros da expedição du Clerc dar disso aviso a Duguay-Trouin, e este mandou logo occupar o morro de S. Bento e o do Castello, fazendo pouco depois a sua entrada, á frente dos granadeiros. No dia 23 rendeu-se a fortaleza de Sancta-Cruz, e houve um pequeno combate, em que foi morto Bento do Amaral Coutinho (veja essa data). O sargento-mór de batalha do mar (chefe da esquadra ou contra-almirante) Gaspar da Costa de Athayde reuniu no Engenho-Novo, neste mesmo dia 21, as tropas que por ordem do governador haviam evacuado a cidade, e ahi formou um campo entrincheirado. Pouco depois chegaram reforços de Parati e Ilha-Grande (Angra dos Reis), sob o commando de Francisco do Amaral Gurgel (580 homens); outros estavam em marcha de Minas-Geraes; mas, tendo Duguay-Trouin declarado que arrasaria a cidade, si não fosse resgatada por uma contribuição de guerra, o governador, aconselhado pelos Jesuitas, comprometteu-se, no dia 10 de Outubro, a pagar o resgate. Cinco dias depois chegava ao alto da serra o governador de Minas, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, «com perto de 6.000 homens da melhor e mais luzida gente que têm as dictas Minas, assim forasteiros como paulistas, formados em dez terços, trez de auxiliares, seis de ordenança, e o pago novamente levantado... assim mais um regimento de boa cavallaria», dizia o mesmo governador, em carta de 26 de Novembro dirigida ao rei. Eram os adversarios da recente guerra civil dos *Emboabas*, que, congraçados, vinham em soccôrro do Rio de Janeiro; mas a convenção de resgate estava assignada, e de nada serviram esses reforços. Paga a ultima prestação no dia 4 de Novembro, Duguay-Trouin evacuou no mesmo dia a cidade, conservando porém as fortalezas da barra até o dia 13, em que com a esquadra se fez de véla para a França. Antonio de Albuquerque,

a requerimento da Camara e do povo, assumiu o govêrno e tomou posse da cidade no dia 4 de Novembro.

1724.— Posse do 1º bispo do Pará, d. frei Bartholomeu do Pilar.

1816.— Começa neste dia e termina a 3 de Outubro o assédio de S. Borja pelo coronel Andrés Artigas. Os sitiantes eram 2.000 Corrientinos e Guaranís, com 2 peças; os sitiados, 220 homens, com 10 peças, sob o commando do general Francisco das Chagas Sanctos (130 milicianos riograndenses e guaranís, e 90 homens do regimento de infantaria de Sancta-Catharina) (veja 28 de Septembro e 3 de Outubro).

— O tenente-coronel José de Abreu (depois general e barão do Serro-Largo), que fôra destacado pelo general Curado para soccorrer S. Borja, repelle, no passo de Japejú e no de Sancta-Maria do Ibicuhí, as tropas correntinas do commandante Pantaleón Sotelo e uma esquadrilha de 2 escunas-canhoneiras e varios lanchões, commandada por Justo Yegro.

1819.— O coronel Vasco Antunes Maciel, da guarnição da Colonia do Sacramento, surprehende e derrota em Colla o commandante oriental Marcellino Casco, ficando prisioneiro este caudilho e 49 dos seus gaúchos.

1821.— Reconhecimento e simulacro de ataque feito pelas fôrças brasileiras da Juncta do Govêrno de Goiana (veja 29 de Agosto) sôbre o Recife e Olinda, onde estavam entrincheiradas as tropas portuguezas. Commandava as primeiras o coronel José Camello Pessôa de Mello e as segundas o general Luiz do Rego Barreto, que confiara a defesa ao coronel Cayola. Desde ahi, sitiados esses dous ponctos, ficou toda a provincia na obediencia da Juncta de Goiana (veja 29 de Septembro e 1º e 5 de Outubro).

1826.— O aventureiro francez Cesar Fournier, que tinha uma patente de corso concedida pelo Govêrno de Buenos-Aires, aborda e toma durante a noite, em Maldonado, a nossa escuna-canhoneira *Leal Paulistana*, de 2 rodizios, 6 caronadas e 66 homens. Fournier realizou essa surpresa com 3 lanchas apenas e 27 marnheiros inglezes, norte-americanos e francezes. O commandante da canhoneira, primeiro-tenente Antonio Carlos Ferreira, e 2 marinheiros ficaram feridos; outro saltou ao mar e afogou-se. Dos abordantes, só 1 foi ferido. A presa, conduzida a Buenos-Aires, foi comprada pelo Govêrno argentino e recebeu o nome de *Maldonado*. Trez mezes depois, querendo repetir a façanha no mesmo logar da sua victoria, foi Fournier repellido, como devia te-lo sido na noite de 21 de Septembro, si a bordo da *Leal Paulistana* houvesse disciplina, e, portanto, vigilancia e respeito ao cumprimento do dever militar (veja

16 de Dezembro). — Este é o unico exemplo de um navio de guerra brasileiro surprehendido e tomado por lanchas, episodio bem triste, porém que não justifica as injurias então lançadas á nossa marinha, e repetidas, ha poucos annos, por certa imprensa de Buenos-Aires. A *Leal Paulistana* era uma pequena escuna, e com lanchas, guarnecidas de Inglezes e Chilenos, tomou lord Cochrane 1 grande fragata hispanhola, protegida pelos fortes de Calláo, no Pacifico. Tambem os nossos antepassados tomaram por vezes, a nado ou em botes, navios inimigos, e a esta vergonhosa surpresa podemos oppôr algumas victorias do mesmo genero, compradas mais difficilmente por Salvador Corrêia de Sá, Pedro Teixeira, Francisco Barreiros, Martim Cachadas e outros heróes (veja 8 de Junho de 1568, 9 de Agosto de 1616, 8 de Agosto de 1633, 22 de Agosto e 3 de Septembro de 1645, 15 de Junho de 1646, datas que nos occorrem neste momento). O commandante da *Leal Paulistana* era official de valor, provado em varios combates e acabava de ser condecorado com a insignia do Cruzeiro. A 13 de Junho de 1828 voltou para a nossa esquadra, trocado por um official argentino prisioneiro, e pouco depois recebeu o commando do brigue-escuna *Dous de Julho*, com o qual saïu de Montevideo para o Rio de Jaeniro em Fevereiro de 1829, e pereceu no naufragio dêsse navio, de que nunca mais se houve noticia.

1835. — Fallecimento de João Braulio Muniz, nascido no Maranhão em Março de 1796, um dos trez membros da Regencia do Imperio, eleita a 17 de Junho de 1831. Falleceu no Rio de Janeiro.

— Os revolucionarios do Rio Grande do Sul, dirigidos pelo coronel Sarmento Menna, atacam o Rio-Pardo e são repellidos pelos capitães José Ferreira de Azevedo e José Joaquim de Andrade Neves, que morreu brigadeiro honorario e barão do Triumpho, depois de illustrar o seu nome nas campanhas desta longa guerra civil e nas do Paraguái. Durante 17 dias foi a posição defendida com fôrças muito inferiores. Afinal, tiveram os legalistas de capitular no dia 8 de Outubro.

1840. — Em Chapadinha é repellido um furioso ataque dos rebeldes (guerra dos *balaios*).

1861. — Inauguração do primeiro dique na ilha das Cobras. As obras da abertura começaram em 1824, por ordem do illustre estadista Villela Barbosa, marquez de Paranaguá, mas proseguiram lentamente e soffreram várias interrupções. Afinal, foram terminadas pelo engenheiro Henry Law, em virtude de contracto que com elle celebrou o ministro da Marinha, Paranhos, em 25 de Abril de 1854.

22 DE SEPTEMBRO

1645.— Rendição do forte hollandez de Sergipe d'El-Rey (S. Christovam), commandado peol tenente Hans Vogals. Estava sitiado por tropas da Bahia, sob o commando do capitão d. João de Sousa e rendeu-se quando se acabaram os viveres.

— Segundo dia do combate perto da Conceição de Itamaracá, então villa Schkoppe (veja 21 de Septembro).

1719.— Fallecimento do padre Belchior de Pontes, da Companhia de Jesús, nascido em S. Paulo em 1643. Falleceu e foi sepultado no Collegio dos Jesuitas dessa cidade.

1767.— Nascimento de José Mauricio Nunes Garcia, na cidade do Rio de Janeiro (veja 18 de Abril de 1830).

1816.— O capitão Alexandre Luiz de Queiroz, destacado com 330 homens de cavallaria pelo general Curado, derrota em Sancta-Anna um troço de 200 Orientaes, e pouco depois bate-se em retirada contra uma columna de 800 homens. Uma emboscada de Bento Manuel Ribeiro deteve a marcha do inimigo.

1822.— Apuração geral da eleição de deputados á Constituinte pela cidade e provincia do Rio de Janeiro. Esse trabalho foi feito no mosteiro de S. Bento pelo Senado da Camara, « presentes os eleitores e homens bons ». Saïram eleitos o barão de Sancto-Amaro (depois marquez), Goulão, Sousa França, Gonçalves Lédo, Nogueira da Gama (depois marquez de Baependí), Pereira da Cunha (depois marquez de Inhambupe), o bispo do Rio de Janeiro e Furtado de Mendonça.

— Installação, na Cachoeira, do Conselho interino do Govêrno da provincia da Bahia, formado com os deputados das villas que adheriram ao Govêrno do principe-regente d. Pedro (ainda não tinha chegado á Bahia a noticia da proclamação da independencia). Esse Govêrno, tendo por presidente o capitão-mór Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque (depois barão de Jaguaripe) e por secretario o bacharel Brandão Montezuma (depois Acaiaba de Montezuma e visconde de Jequitinhonha), succedeu á Juncta interina de defesa (25 de Junho) e transferiu-se para a cidade da Bahia a 7 de Julho do anno seguinte.

1835.— O major Chermont, da Guarda-Nacional paraense, é repellido em um ataque que dirigia contra os *cabanos*, fortificados perto da villa da Cachoeira (ilha de Marajó).

— No mesmo dia o tenente-coronel Silva Tavares (mais tarde visconde de Serro-Alegre), tambem da Guarda-Nacional, derrota, juncto á capella do Herval (Rio Grande do Sul), o coronel Rafael Verdun, immigrado politico, que o atacara á

frente de uma partida de gaúchos orientaes ao serviço da revolução riograndense.

1842.— O presidente de Minas-Geraes, Bernardo Jacintho da Veiga, agradece aos guardas-nacionaes mineiros, fluminenses e paulistas os serviços prestados na pacificação da provincia.

1853.— Parte da cidade da Barra do Rio-Negro (Manáos) para Nauta o *Marajó*, primeiro vapor que percorreu essa secção do rio Amazonas. Dez annos antes realizara-se a primeira viagem a vapor pelo grande rio, desde Belém do Pará até á barra do rio Negro (veja 28 de Julho de 1843).

1866.— *Assalto de Curupaití pelos Argentinos e Brasileiros, sob o commando do presidente Bartholomeu Mitre e do general Porto-Alegre.*— No dia 3, o general Porto-Alegre tinha tomado de assalto o forte de Curuzú. A demora que houve em reforça-lo, devida á longa discussão e ás divergencias entre os generaes alliados, deu logar a que o dictador López augmentasse e melhorasse as fortificações de Curupaití, tornando inexpugnavel essa posição. A primeira linha de defesa consistia em um fosso de 12 palmos de largura sôbre 10 de profundidade, com o correspondente parapeito. A segunda, que começou a ser construida no dia 7 ou 8 pelo engenheiro Wisner de Morgenstern, ficava em plano mais elevado, e accompanhava a crista da escarpa natural, ou barranca, que, partindo da margem esquerda do rio Paraguái, vae terminar na lagôa Méndez ou López. Ahi o fosso ficou tendo 27 palmos de largura e 18 de profundidade. O terreno que os alliados tinham de percorrer, para chegar a essas trincheiras, era cortado de sanjas e coberto de moutas e espinhos. A posição estava defendida pelo general Díaz, que tinha ás suas ordens 14 batalhões de infantaria (6.000 homens) e as guarnições necessarias para 32 canhões, assestados nas baterias do rio, e para 58, collocados na trincheira do lado de terra. Para o assalto reuniram-se, sob o commando do presidente Mitre, 9.000 Argentinos e 10.000 Brasileiros, commandados estes pelo general Porto-Alegre. A esquadra brasileira do almirante Tamandaré começou, ás 7 horas da manhã, o bombardeamento. A's 12 e ½ o exército lançou-se ao ataque, indo na direita os Argentinos, com os generaes Emilio Mitre e Paunero, e na esquerda os Brasileiros, sob o commando do general Albino de Carvalho e do coronel Augusto Caldas. Os alliados chegaram até ao fosso da segunda linha. Uns 40 homens do exército brasileiro conseguiram penetrar em Curupaití e tomar 4 peças, mas foram exterminados. A's 2 e ¼ o presidente Mitre ordenou a retirada dos Argentinos. A's 3, começou a das tropas brasileiras. « En la derecha (paraguaya) se sostuvieron más tiempo con el apoyo de la escuadra » (disse

o *Semanario*). Perdas dos Argentinos: 2.082 mortos, feridos e extraviados; dos Brasileiros: 2.011, incluindo as perdas da esquadra (35 homens). Foram mortos os seguintes commandantes brasileiros: Sousa Barreto (10° de voluntarios), Antunes de Abreu (46° de voluntarios), Fabricio de Mattos (32° de voluntarios), Hippolyto Fonseca (36° de voluntarios), Sousa de Mello (29° de voluntarios) e Castilho Reis (4° da Guarda-Nacional). Os Argentinos tiveram 5 commandantes mortos: Rosetti, Alejandro Díaz, Charlone, Fraga e Salvadores. Os Paraguios apenas tiveram 250 homens fóra de combate, sendo 54 mortos.

23 DE SEPTEMBRO

1630.—O general Mathias de Albuquerque obriga os Hollandezes a abandonarem o campo de Salinas, na margem direita do Beberibe, depois de 3 horas de escaramuças.

1634.—O combate sustentado por Alvaro Fragoso de Albuquerque no reducto da barra do Cunhaú deu-se a 23 de Outubro, e não nesta data, como escreveu por equívoco o auctor das « Memorias Diarias ».

1645.—Ultimo ataque dirigido por Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira contra o entrincheiramento da egreja perto da villa de Conceição de Itamaracá. Neste dia chegam reforços aos Hollandezes do forte Orange (veja 21 de Septembro).

1646.—Relativamente a uma supposta proclamação de Fernandes Vieira, publicada nesta data, veja-se o que ficou dicto com referencia á sua carta de 11 de Septembro.

1711.—Bento do Amaral Coutinho, o valente chefe dos estudantes fluminenses por occasião da invasão de du Clerc, voltava de um reconhecimento á fortaleza de S. João, quando, perto da lagôa da Sentinella, no poncto de juncção dos caminhos de Mata-Cavallos (hoje rua do Riachuelo) e de Capueraçú (na actual rua do Conde d'Eu), encontrou duas companhias de granadeiros francezes. Logo as atacou; mas, acudindo duas outras commandadas pelos capitães de Brugnon e de Cheridan, foram os nossos destroçados. Amaral Coutinho morreu pelejando. No dia 21 recebera do general Costa de Athayde, no Engenho-Novo, a commissão de mestre-de-campo. Era « uma das pessoas principaes desta cidade », disse a Camara, na representação dirigida ao rei (veja 19 de Septembro de 1710, 17 e 18 de Septembro de 1711). Pizarro enganou-se, suppondo que esta refrega tivesse occorrido juncto ao outeiro da Gloria.

1788.—Nascimento de Bento Gonçalves da Silva, chefe da revolução separatista e republicana do Rio Grande do Sul, ter-

minada em 1845. Nasceu na povoação do Triumpho e falleceu no dia 18 de Junho de 1846 em Pedras-Brancas (veja 25 de Septembro de 1835).

1822.— Combate entre os nossos atiradores e uma peça em S. João de Manguinho (Itaparica) e 14 canhoneiras portuguezas. Estas retiram-se levando uma canhoneira desarvorada.

1825.— O major Cepeda saïndo, á noite, da Colonia do Sacramento com 100 homens do exército brasileiro, surprehende, a duas leguas da praça, o acampamento do coronel Arenas. A fôrça inimiga dispersoũ-se, deixando 26 mortos e prisioneiros.

1827.— O brigue de guerra argentino *Patagones* (6 boccas de fogo, commandante George Lewis Love) ataca e toma, na altura da barra do Marahú (Bahia), o transporte brasileiro *Pojuca* (2 canhões), commandado pelo piloto José Lourenço da Silva. O brigue *Imperial Pedro* (16 boccas de fogo), commandante primeiro-tenente Joaquim Leal Ferreira, conseguiu alcançar no mesmo dia esses 2 navios, e batendo-se contra ambos, rendeu o *Patagones*, cujo commandante ficou morto. O *Pojuca* fugiu e foi armado em guerra pelos Argentinos com o nome de *Honor*. No dia 22 de Abril do anno seguinte voltou ao nosso poder, capturado pelo lugre *Principe Imperial*, commandante Carlos Rose.

1850.— Morre em Assumpção, no Paraguái, o general José Gervasio Artigas, nascido em Montevidéo a 19 de Junho de 1764. Este caudilho, depois de haver expulsado da Banda Oriental, em 1815, as tropas de Buenos-Aires, tornou-se chefe da Confederação Uruguaia, formada da provincia Oriental, e das de Entre-Rios, Corrientes, e Missões de além-Uruguái. Intitulava-se «Chefe dos Orientaes e Protector dos Povos Livres». De 1816 a 1820 sustentou guerra contra o Brasil, e, derrotado sempre pelas tropas brasileiras e portuguezas, continuou a vencer as de Buenos-Aires, conseguindo extender a sua influencia até Sancta-Fé. Em 1820 os seus gaúchos, dirigidos pelos generaes Francisco Ramírez, governador de Entre-Rios, e Estanisláo López, governador de Sancta-Fé, derrotaram em Cepeda (1° de Fevereiro) o general Rondeau, director da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata, e entraram na cidade de Buenos-Aires; mas, pouco antes, tinha o conde da Figueira, captão-general do Rio Grande do Sul, dado o golpe final no poder militar de Artigas, ganhando a batalha de Tacuarembó (22 de Janeiro). Ramírez revoltou-se contra o caudilho oriental, derrotou-o em Entre-Rios e Corrientes, e obrigou-o a procurar asylo no Paraguái, onde foi preso pelo dictador Francia. Annos depois, foi posto em liberdade; mas nunca mais regressou á Patria, temendo sem dúvida os numerosos

inimigos que alli fizera, durante a sua barbara tyrannia. Depois de morto, varios escriptores procuraram rehabilitar a sua memoria, considerando-o o primeiro heróe da independencia oriental.

— Nota do general Thomaz Guido, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Confederação Argentina (tinha então este nome a Republica Argentina), pedindo os seus passaportes ao ministro dos Negocios Extrangeiros, Paulino de Sousa, depois visconde de Uruguái. No dia 30 foram concedidos os passaportes, e a 2 de Outubro partiu para Buenos-Aires o representante do dictador Rosas. Arana, seu ministro das Relações Exteriores, publicou então um despacho, dizendo que se alegrava de ver o ministro Guido « saïr de um paiz, cujo desleal e perfido Gabinete, inimigo asqueroso da America, tanto offendia a Confederação Argentina ».

1868. — *Combate da ponte do Surubií*, em que o general barão do Triumpho (Andrade Neves) repelle e derrota 2 corpos paraguaios de cavallaria e infantaria, commandados pelo coronel Montiel e pelo tenente-coronel Roa. A's ordens de Andrade Neves tomaram parte neste combate o então coronel Pedra, commandante da 2ª divisão de infantaria, o coronel Fernando Machado, que commandava 1 brigada dessa divisão, e o coronel Niederauer, commandante de outra de cavallaria (3 batalhões de infantaria de linha, 3 de voluntarios e 4 corpos de cavallalria da Guarda-Nacional). Tivemos 89 mortos, 203 feridos e 2 prisioneiros. O inimigo deixou no campo 128 mortos, 11 prisioneiros, e perdeu 1 estandarte.

1885. — Fallece perto de Niterói, onde desde alguns annos vivia retirado, o conselheiro José Maria do Amaral, nascido na cidade do Rio de Janeiro a 14 de Março de 1813, filho do jornalista Antonio José do Amaral (veja 13 de Agosto de 1782). Desempenhou missões diplomaticas no Rio da Prata e Paraguái, em quadras difficeis, e foi distincto poeta e escriptor.

24 DE SEPTEMBRO

1645. — Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira retiram-se da ilha de Itamaracá, levando os seus feridos e a artilharia do navio tomado (veja 21 de Septembro).

1658. — Morre em Madrid o marquez de Basto, conde e quarto senhor de Pernambuco, Duarte de Albuquerque Coelho, nascido em Lisbôa a 22 de Dezembro de 1591. Era filho do brasileiro Jorge de Albuquerque Coelho e ermão do general Mathias de Albuquerque, conde de Alegrete. Esteve em Pernambuco e na Bahia de 1631 a 1638, e publicou em 1654, em Madrid, as « Memorias diarias de la guerra del Brasil ».

1801. — Nono e ultimo dia da defesa de Nova-Coimbra (veja 16 de Septembro). A esquadrilha hispanhola bombardeou o forte com mais vigor neste dia, e á noute velejou em retirada.

1816. — O major Manuel Marques de Sousa (segundo dêste nome e depois general), á frente de 80 homens de cavallaria da legião de S. Paulo e de milicias do Rio Grande, derrota no Chafalote, affluente da lagôa de Castilhos, a vanguarda de Rivera, commandada pelo capitão Julián Muníz e composta de 300 homens (« pouco mais de 200 », disse Rivera). A perda dos Orientaes foi de 19 mortos e 24 prsioneiros; a nossa, de 3 mortos e 10 feridos. O commandante brasileiro pertencia ao exército do general Lecór e não ao do general Curado, que então operava nas fronteiras do Quarahim e do Uruguái.

1825. — Na manhã dêste dia o general Fructuoso Rivera, penetrando no Rincón de las Gallinas ou de Haedo, perseguiu um destacamento brasileiro de 50 homens, que guardava a entrada dessa peninsula, formada pelas aguas do rio Negro e do Uruguái, e apoderou-se de uma reserva de 6.000 cavallos que alli tinha o general José de Abreu (barão de Serro-Largo), então acampado perto de Mercedes, na margem opposta do rio Negro. Os tiros de 2 navios da esquadrilha do Uruguái, commandados por Senna Pereira, detiveram o inimigo, e parte do destacamento poude salvar-se a bordo dêsses navios, com a perda de uns 20 mortos e prisioneiros. Rivera tinha 250 homens de cavallaria (300 ou 400, segundo a versão brasileira), e occupava-se em fazer reunir a cavalhada, quando recebeu aviso de que entrava no Rincón, avançando na maior desordem, uma columna brasileira. Vendo-se sem retirada possivel, reuniu a sua gente e emboscou-a um pouco acima do arroio Pantanoso. « Yo tenia la mayor confianza de que los enemigos debian ignorar el que nos hubiesemos introducido ya en el Rincón, y por conseguinte que se nos aproximaria como quien venia a encontrarse con sus amigos », disse Rivera, ao dar conta da surpresa. Os Brasileiros, accrescentava, « venian haciendo las marchas más extraordinarias y precipitadas que podia imaginarse ». O general Abreu, em officio de 12 de Septembro, dirigido ao ministro da Guerra, annunciava estar esperando a encorporação dêsses 400 homens, e não 700, como escreveu Rivera, para augmentar a importancia da sua victoria. Eram 2 regimentos incompletos de cavallaria de milicias, compostos de Guaranís do districto de Missões, o 24° com 190 homens, e o 25° com 230, commandados pelos coroneis José Luiz Menna Barreto e Jeronymo Gomes Jardim. Encontraram-se em Paisandú, e desde ahi marchavam pelo mesmo caminho, mas sem accôrdo algum, porque o coronel Menna Barreto, apesar de mais moderno, não se quiz apresentar ao coronel Jardim.

Forçando as marchas e cansando os cavallos, cada um dêsses coroneis procurava chegar antes do outro ao Rincón. Foi assim que Rivera, caïndo repentinamente sobre o 25° regimento, o destroçou completamente e, meia legua adeante, encontrou o 24°, que tambem foi surprehendido em marcha, com os cavallos em misero estado. O coronel Menna Barreto, cercado de alguns officiaes e milicianos, não quiz accompanhar os outros na fuga; recusou render-se, e morreu combatendo. A nossa perda foi de uns 120 mortos e prisioneiros, pois é poncto averiguado que os 2 corpos derrotados apenas tinham um effectivo de 420 homens e que o coronel Jardim, reunindo os dispersos, fez a sua retirada para o Arapehí á frente de 300 (veja 14 de Outubro). Além do coronel José Luiz Menna Barreto, morreram nesta surpresa 15 officiaes brasileiros. O coronel contava apenas 27 annos e muito se distinguira nas campanhas de 1816 e 1820. Era filho do marechal João de Deus Menna Barreto, visconde de S. Gabriel e ermão dos generaes João Propicio (barão de S. Gabriel) e João Manuel Menna Barreto. Deixou um filho, José Luiz, que tambem foi general, e ,como estes dous ultimos, se assignalou na nossa última guerra. O combate do Rincón foi o primeiro revés que soffremos, depois de continuadas victorias nas campanhas do Sul, desde 1801 até 1820, quando tinhamos sôbre os nossos vizinhos a superioridade da disciplina e da instrucção militar. Dias depois (12 de Outubro), deu-se o combate do Sarandí, mais desastroso do que este.

1834.— Fallece em Queluz (Portugal), no mesmo palacio em que nascera a 12 de Outubro de 1798, d. Pedro, duque de Bragança, que fôra regente do reino do Brasil (1821-1822) e logo depois imperador constitucional do Brasil com o nome de Pedro I (1822-1831) e rei de Portugal com o de Pedro IV (1826). Morreu com 36 annos apenas esse principe illustre, que facilitou e dirigiu a evolução da independencia politica do Brasil, conseguindo então a unificação nacional, que não teria sido obtida sem o prestigio do seu nome e o apôio que, como herdeiro da corôa, encontrou em todas as classes conservadoras. Depois de haver presidido entre nós ao estabelecimento do regime constitucional e de ter abdicado duas corôas, foi combater á frente dos liberaes, na terra do seu nascimento. Acabava apenas de destruir ahi o absolutismo, vencendo o usurpador d. Miguel, quando a morte o colheu. No Brasil passara elle a maior parte da sua vida, dos 9 aos 32 annos de edade.

1849.— Morre na cidade da Bahia o general Pedro Labatut, nascido em Cannes (França). Este general commandou o exército brasileiro na Bahia durante a guerra da Independencia, desde 27 de Outubro de 1822 até 21 de Maio do anno seguinte, data em que foi deposto por uma sedição militar.

Depois commandou as tropas que terminaram a pacificação do Ceará em 1832 e dirigiu uma expedição infeliz contra os revolucionarios do Rio Grande do Sul (1840-1841). Durante o seu commando na Bahia, as tropas brasileiras alcançaram as victorias de Pirajá (8 de Novembro de 1822) e de Itaparica (7 de Janeiro de 1823). Os restos mortaes de Labatut foram trasladados, no dia 4 de Septembro de 1853, para a matriz de Pirajá.

1867.— *Combate do Estero-Rojas*, entre algumas tropas do 2° corpo do exército brasileiro sob o commando do general visconde de Porto-Alegre, depois conde, e 1 divisão paraguaia, commandada pelo tenente-coronel Vallois Rivarola. Os Paraguaios haviam-se emboscado, para atacar o comboio de viveres que ia de Tuiutí para Tuju-Cuê, protegido pelo general Albino de Carvalho, que tinha ás suas ordens 1.600 homens de infantaria (4 batalhões de voluntarios, formando a brigada do coronel Caldas), 704 de cavallaria (brigada do coronel Vasco Alves, com 1 corpo de caçadores a cavallo e 2 da Guarda-Nacional) e 2 peças de artilharia. Estas fôrças empenharam-se na acção e impediram que o inimigo tomasse as carretas de viveres. Chegando o general Porto-Alegre, assumiu a direcção do combate e recebeu o refôrço de 1.500 homens de infantaria (4 batalhões de voluntarios). Vallois Rivarola desistiu do ataque: tinha sob o seu commando 6 batalhões de infantaria, 3 regimentos de cavallaria, 4 canhões e 1 estativa de foguetes. A nossa perda, segundo as relações officiaes, foi de 38 mortos, 283 feridos e 140 extraviados, mas sabe-se que o inimigo só fez 30 prisioneiros, e, portanto, 110 dos extraviados devem ser incluidos entre os mortos. O general Albino de Carvalho, o coronel Vasco Alves (barão de Sancta-Anna do Livramento), os tenentes-coroneis Araujo Bastos (segundo commandante da brigada de cavallaria) e Amorim Rangel (commandante do 49° de voluntarios), foram feridos. Entre os mortos, contavam-se 12 officiaes, entrando nesse número os majores Vasco Pereira da Costa e Fonseca Lyra, commandantes do 13° de cavallaria da Guarda-Nacional e do 28° de voluntarios, e o capitão Luiz Gomes Ribeiro de Avellar Werneck, do mesmo corpo de voluntarios. Este official, que se alistara no começo da guerra, era natural do Rio de Janeiro e possuia grande fortuna.

25 DE SEPTEMBRO

1536.— D. Anna Pimentel, procuradora de seu marido Martim Affonso de Sousa, concede nesta data ao fidalgo cavalleiro Braz Cubas as terras de Geribatiba (hoje Jurubatuba), entre a serra do Cubatão e o mar. Por esse tempo, já Paschoal Fernandes e Domingos Pires, associados, se tinham estabelecido, sem cartas de sesmaria, na costa fronteira, isto é, na ilha

de S. Vicente, a Léste do ribeiro de S. Jeronymo, depois chamado de Montserrate. No 1° de Septembro de 1539, por carta passada em S. Vicente, Antonio de Oliveira, representante do donatario, regularizou essa posse. Braz Cubas comprou a Paschoal Fernandes o seu quinhão, e pelo anno de 1543 começou a fundação de Sanctos. A 19 de Junho de 1545, sendo capitão-mór da capitania de S. Vicente, concedeu ao porto de Sanctos o predicamento de villa (veja 8 de Junho de 1545).

1797.— Nascimento de José Joaquim Coelho, em Lisbôa. Serviu com muita distincção no exército brasileiro, tomando parte nas campanhas de 1821 (Pernambuco), 1822 e 1823 (Bahia), 1824 (Alagôas e Pernambuco), 1828 (Rio Grande do Sul), 1832 a 1835 (Pernambuco), 1838 (Bahia), 1848 e 1849 (Pernambuco). Na de 1838, á frente de 1 brigada, apoderou-se das posições de Campina (13 de Março); na de 1848 e 1849, sendo já general, commandou em chefe, obteve as victorias de Catuca (10 de Dezembro de 1848), Cruangí (20 de Dezembro) e do Recife (2 de Fevereiro de 1849), e venceu a revolta do partido liberal, restabelecendo a ordem na provincia de Pernambuco. Falleceu no Recife a 19 de Junho de 1860, com o posto de tenente-general e o titulo de barão da Victoria.

1835.— Manifesto do coronel Bento Gonçalves da Silva, procurando justificar a rebellião de que se fez chefe no Rio Grande do Sul (veja 20 de Septembro). Nesse documento declarava respeitar o juramento que prestara «ao nosso codigo sagrado, ao throno constitucional e á conservação da integridade do Imperio»; mas, no anno seguinte, estando ausente e prisioneiro, seus partidarios proclamaram a Republica e a independencia do Rio Grande do Sul. Conseguindo voltar á sua provincia, Bento Gonçalves acceitou a nova direcção dada ao movimento revolucionario e combateu contra a união brasileira até 1845.

1840.— Francisco Pedro de Abreu (barão de Jacuhí) surprehende e aprisiona um destacamento dos revolucionarios do Rio Grande do Sul, em Roça-Velha. O chefe inimigo, capitão Maximo, foi morto. Garibaldi acabava de separar-se delle e ouviu as descargas desta investida.

1848.— Fallecimento do poeta Paulo José de Mello e Azevedo e Brito, nascido na Bahia em 1779. Era senador do Imperio e falleceu no Rio de Janeiro.

1855.— Morre em Niterói o senador visconde de Sepetiba, Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, nascido em Itaipú a 21 de Julho de 1800, illustre e energico estadista, que de 1833 a 1848 representou papel muito importante na nossa Po-

litica. Foi ministro de Estado em tempos difficeis (1833-1835, 1840-1843), e ligou o seu nome a muitos melhoramentos e progressos da provincia do Rio de Janeiro, a que presidiu de 1844 a 1848.

26 DE SEPTEMBRO

1633.— O sargento-mór Ruy Calaza Borges, de milicias, e 5 homens, que se haviam recolhido a uma casa abandonada juncto aos Guararapes, são surprehendidos por 1 corpo de Hollandezes, e morrem combatendo.

1636.— Camarão chega ao acampamento do general Bagnuoli em Porto-Calvo, escoltando mais de 2.500 habitantes de Pernambuco, dos que preferiram evitar, pela emigração, o dominio extrangeiro (veja 9 de Junho de 1636).

1826. O coronel Vasco Antunes Maciel, da guarnição da Colonia do Sacramento, surprehende e derrota em Colla 1 destacamento de partidarios de Artigas.

1828.— A escuna argentina *Sarandí* saïndo do fundeadouro dos Pozos, em Buenos-Aires, com bandeira de parlamento, traz ao chefe da 2ª divisão brasileira, Norton, a noticia da conclusão do tractado preliminar de paz de 27 de Agosto e salva a bandeira brasileira. A fragata *Niterói* responde a essa saudação. No dia 30 Norton notifica ao capitão do porto de Buenos-Aires o levantamento do bloqueio.

1877.— Chegam ao Rio de Janeiro, de volta de sua viagem aos Estados-Unidos e á Europa, o imperador d. Pedro II e a imperatriz d. Teresa-Christina. Termina neste dia a segunda regencia da princeza imperial d. Isabel, começada a 26 de Março de 1876. Durante esse tempo, foi presidente do Conselho de Ministros o marechal duque de Caxias, que occupava esse cargo e o de ministro da Guerra desde 25 de Junho de 1875.

27 DE SEPTEMBRO

1624.— O capitão Manuel Gonçalves, defendendo um engenho nos arredores da Bahia, repelle os Hollandezes.

1816.— José de Abreu, depois barão do Serro-Largo, derrota em Ituparaí um corpo de Correntinos da divisão de André Artigas.

1819.— Combate entre a escuna *Correio do Pará* (7 boccas de fogo, 45 homens), commandada pelo primeiro-tenente Francisco Rebello da Gama, e o corsario *Congreso* (14 boccas de fogo, 140 homens) perto da ilha de La Mère, na costa da Guiana

Franceza. O corsario arvorava a bandeira do Uruguái e era tripolado por Francezes e Norte-Americanos. O *Correio do Pará* resistiu intrepidamente e estava inteiramente destroçado, quando foi tomado por abordagem e logo abandonado pelos inimigos, porque ia indo a pique. Nas mesmas condições estava o corsario. A escuna poude assim entrar em Caienna, onde foi fabricada, e no dia 7 de Novembro deu fundo no Pará. A guarnição teve neste combate 30 mortos e feridos e alguns contusos. O commandante Rebello da Gama recebeu varios ferimentos graves na cabeça, por tiros de pistola e golpes de espada (veja 28 de Abril de 1826 e 11 de Maio de 1830).

1855.—O imperador d. Pedro II, accompanhado do presidente do Conselho, marquez de Paraná, do ministro do Imperio, Pedreira (visconde do Bom-Retiro) e dos camaristas de serviço, visita durante 8 horas as infermarias públicas do Rio de Janeiro, em que eram tractados os cholericos.

1883.—Fallecimento do almirante Elisiario Antonio dos Sanctos, barão de Angra. Nasceu em Lisbôa a 15 de Novembro de 1806; começou a servir como grumete na Marinha brasileira em 24 de Septembro de 1822; terminou o curso da Academia de Marinha em 1826. Campanhas: de 1827 e 1828, no Rio da Prata; de 1835 e 1836, no Pará (ferido a 8 e 12 de Maio de 1835); de 1849, em Pernambuco; de 1866 a 1868 e de 1869, no Paraguái (ferido a 22 de Septembro de 1866). No 1° de Julho de 1866 foi nomeado commandante da 2ª divisão da esquadra em operações no Paraguái; a 20 de Dezembro do mesmo anno, chefe do estado-maior da esquadra; a 9 de Julho de 1867, commandante da 2ª grande divisão, que ficou abaixo de Curupaití, quando os couraçados forçaram a passagem dessas baterias; a 4 de Fevereiro de 1868 deixou por doente esse commando e regressou para o Rio de Janeiro; de 6 de Fevereiro a 15 de Dezembro de 1869, commandou em chefe a esquadra em operações no Paraguái.

28 DE SEPTEMBRO

1532.—Carta do rei d. João III, dirigida a Martim Affonso de Sousa, annunciando-lhe que dividira o Brasil em capitanias de 50 leguas de costa, com o fim de promover a sua colonização, e que a elle Martim Affonso doara desde logo uma repartição de 100 leguas de littoral e a Pero Lopes de Sousa outra de 50 leguas.

1711.—Parte de Minas-Geraes o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, á frente de 6.000 homens, em soccôrro do Rio de Janeiro. No dia 21 (veja essa data), recebera a noticia da chegada dos Francezes e 7 dias depois

tinha reunido essa fôrça, composta principalmente de milicianos. Hoje não poderiamos mobilizar tropas tão rapidamente, quando é poncto averiguado que a rapidez da mobilização e do ataque são as primeiras condições da victoria. O Brasil é um dos rarissimos paizes que não têm milicias ou reservas militares.

1816.— Os Corrientinos e Guaranís do coronel Andrés Artigas assaltam S. Borja, e são repellidos pelo general Chagas Sanctos (veja 21 de Septembro e 3 de Outubro).

1840.— Um corpo de revolucionarios do Rio Grande do Sul, commandados por Joaquim Mariano Aranha, é repellido no rio das Canôas, em Sancta-Catharina, pelo capitão Taborda, da Guarda-Nacional rio-grandense, alli collocado pelo coronel Antonio Manuel de Mello e Albuquerque.

1842.— O general Caxias é nomeado presidente e commandante das armas do Rio Grande do Sul, depois de haver pacificado as provincias de S. Paulo e Minas-Geraes (veja 9 de Novembro de 1842 e 1° de Março de 1845).

1864.— Fallecimento do poeta Laurindo José da Silva Rabello, nascido na cidade do Rio de Janeiro a 3 de Junho de 1826.

1871.— E' approvada, em última discussão, no Senado, e no mesmo dia sanccionada pela princeza imperial regente, d. Isabel, a lei que declarou livres os filhos de mãe escrava, e creou um fundo applicavel á libertação dos escravos.

1872.— Benção da egreja parochial da Gloria, no Rio de Janeiro, construida na praça Duque de Caxias.

1877.— Abre-se no Rio de Janeiro a exposição da « Batalha de Avahí », quadro de Pedro Americo de Figueiredo. Este quadro e o da « Primeira batalha dos Guararapes », de Victor Meirelles, foram pintados por encommenda do conselheiro João Alfredo Corrêia de Oliveira, quando ministro do Imperio.

1880.— E' inaúgurada no Rio de Janeiro a « Sociedade Brasileira contra a escravidão », fundada por Joaquim Nabuco, André Rebouças, Joaquim Serra e alguns outros abolicionistas.

1885.— Segunda lei estabelecendo providencias para a emancipação gradual dos escravos. Iniciada e defendida na Camara dos Deputados pelo Gabinete Saraiva, foi sustentada no Senado pelo Gabinete Cotegipe.

29 DE SEPTEMBRO

1804.— Nascimento de Francisco Manuel Barroso, depois barão do Amazonas (veja 8 de Agosto de 1882).

1821.— Decretos das Côrtes Constituintes de Lisbôa, ordenando o regresso do principe-regente do Brasil, d. Pedro, e creando em cada provincia do Brasil uma Juncta provisoria de Govêrno, e um commando militar independente. Essas Junctas de Govêrno e os governadores das armas dependeriam directamente do Govêrno Real e das Côrtes. Eram ambos os decretos promulgados em cartas de lei de 1° de Outubro. A carta de lei extinguindo os tribunaes creados no Brasil por d. João VI não têm esta data, mas sim a de 13 de Janeiro de 1822.

— O coronel José Camello Pessôa de Mello, commandante das tropas que obedeciam á Juncta de Goiana (veja 21 de Septembro), ameaça as trincheiras de Olinda, onde commandava o coronel portuguez Cayola. O fogo durou 4 horas.

1848.— Sobe ao poder o partido conservador, com o Ministerio organizado pelo visconde (depois marquez) de Olinda. O partido liberal governava desde 2 de Fevereiro de 1844. O gabinete de 29 de Septembro de 1848 ficou assim constituido: Olinda, presidente do Conselho e ministro dos Negocios Extrangeiros; Monte-Alegre, (Costa Carvalho), Imperio; Eusebio de Queiroz, Justiça; Rodrigues Torres (depois visconde de Itaborahi), Fazenda; Manuel Felizardo de Sousa e Mello, Guerra e interino da Marinha. No anno seguinte tomou posse do cargo de ministro da Marinha o conselheiro Tosta (depois marquez de Muritiba). Este Ministerio teve de luctar contra a insurreição do partido liberal em Pernambuco. Vencida esta, em 1849, o chefe do Gabinete demittiu-se (6 de Outubro), por achar-se em divergencia com todos os seus collegas, que julgavam indispensavel a intervenção armada do Brasil no Rio da Prata.

1870.— Organização do Gabinete conservador presidido pelo visconde (depois marquez) de S. Vicente (Pimenta Bueno). Succedeu ao do visconde de Itaborahi, de 16 de Julho de 1868, e governou apenas durante alguns mezes das férias parlamentares, até 7 de Março de 1871.

30 DE SEPTEMBRO

1592.— Affonso Sardinha é eleito, pelos officiaes e «homens bons» da villa de S. Paulo, capitão da guerra contra os Indios. Esta foi a segunda grande guerra dos Paulistas, e durou 7 annos. Depois de Sardinha commandaram Jorge Leitão e João do Prado.

1642.— Na noite dêsse dia rompe a insurreição contra o dominio hollandez no Maranhão. Antonio Muniz Barreiros,

chefe dos sublevados, surprehende e aprisiona os guardas de 5 engenhos no Itapicurú (veja o dia seguinte).

1828.—Levantamento do bloqueio das costas argentinas pela esquadra brasileira. Começara esse bloqueio no dia 21 de Dezembro de 1825.

1853.—Fallecimento de Auguste de Saint-Hilaire em La Turpinière. Nascera em Orléans a 4 de Outubro de 1779 (veja 30 de Maio de 1816).

1° DE OUTUBRO

1614.—A expedição de Jeronymo de Albuquerque, que ia combater os Francezes da ilha do Maranhão, chega ao fortim da bahia das Tartarugas ou Jererécoara, hoje Jericoacara, construido pelo mesmo Albqueque em 1613. Cumpre não confundir este fortim com o do Amparo, levantado em 1607 por Martim Soares Moreno juncto ao rio Ceará.

1642.—Antonio Muniz Barreiros surprehende e toma, pela madrugada, o forte hollandez do Calvario, no Itapicurú, depois de ter aprisionado o commandante Maximiano Schade, que dormia fóra dêsse forte.

1645.—Uns 50 moradores do Rio Grande do Norte tinham-se fortificado, depois da matança de Cunhaú (16 de Julho), na casa de Fernando Mendes, no Potengí, perto do logar em que está hoje a povoação de S. Gonçalo, e ahi repelliram um ataque do feroz Jacob Rabbi, israelita allemão, muito popular entre os Indios do partido hollandez. Rabbi poz então em apertado sitio o fortim, cujos defensores foram obrigados a capitular no dia 1° de Outubro. Quem commandava os Indios era o mencionado chefe, e não Johan Listry, aprisionado em Casa-Forte no dia 17 de Agosto (veja 3 de Outubro).

1762.—Os Hispanhóes, que bloqueavam a Colonia do Sacramento desde 6 de Julho, começaram a investi-la neste dia. Dirigiu este assédio (o quarto que soffria a praça) o general Ceballos. Era governador da Colonia o brigadeiro Vicente da Silva da Fonseca (veja 30 de Outubro).

1777.—Tractado preliminar de Sancto-Ildefonso (La Granja), fixando os limites entre os dominios portuguezes e hispanhóes na America.—Este tractado ficou nullo, porque a demarcação não se ultimou, e occorreu a guerra de 1801, em que o Brasil, pelo direito de conquista, alargou as suas fronteiras. Depois, sobreveiu a independencia das possessões portuguezas e hispanholas na America, ficando indecisas as fronteiras, e prevalecendo, portanto, na falta de tractados, o direito da posse.

1821.—Algumas tropas da Juncta de Goiana, sob o commando dos majores Manuel de Azevedo do Nascimento e Manuel do Nascimento Monteiro, atacaram e tomaram neste dia a povoação de Affogados, arrabalde do Recife; mas, cumprindo as ordens recebidas, retiraram-se pouco depois, porque ao seu encontro marchava o general portuguez Luiz do Rego.

1822.—No dia 26 ficára prompta a nossa trincheira do Manguinho (Itaparica), com 1 peça de 12. Neste dia houve fogo com as canhoneiras, e foi posta fóra de combate a *10 de Fevereiro*, retirando-se as outras.

1827.—Apparece no Rio de Janeiro o primeiro número do *Jornal do Commercio*. Succedeu ao *Spectador Brasileiro* (1824-1827), e este á *Estrella Brasileira* (1823-1824).

1830.—Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí) surprehende e aprisiona, no Cahí, o commandante Duarte Canavarro.

1868.—A's 4 horas da madrugada o chefe de divisão, barão da Passagem (Delphim de Carvalho), parte do ancoradouro de Palmas, com os encouraçados *Tamandaré, Bahia, Barroso* e *Silvado*, e, subindo o rio Paraguái, fórça as baterias de Angostura, commandadas pelo tenente-coronel Jorge Thompson. Ao amanhecer, os outros encouraçados, dirigidos a principio pelo capitão de mar e guerra Mamede Simões, bombardeiam a primeira bateria de Angostura e parte das trincheiras do Pikisirí. O almirante Inhaúma adeanta-se na canhoneira *Belmonte*, e commanda o fogo, enquanto o exército do marechal Caxias procedia ao reconhecimento da linha de Pikisirí. O general Osorio approximou-se da direita inimiga, onde commandava o coronel Hermosa, e os generaes Guimarães (José Auto) e o barão do Triumpho (Andrade Neves) avançaram sôbre o centro, defendido pelo general González. Outras columnas reconheceram a esquerda inimiga, mas só estas 2 tiveram de combater. No centro, o general Guimarães tomou uma trincheira avançada do inimigo. As tropas, que fizeram este reconhecimento, tiveram 166 homens fóra de combate; e a esquadra, 4.

2 DE OUTUBRO

1624.—Installação da villa de N. S. da Conceição da Ilha-Grande, depois cidade de Angra dos Reis, pelo capitão João de Moura Fogaça. A primitiva povoação já existia pelo anno de 1590, no logar denominado Villa-Velha, na ponta fronteira á ilha Gipoia, uma legua distante da actual cidade. Desde 1593 era parochia. Cumpre notar que frei Gaspar da Madre-de-Deus errou, attribuindo a Martim Affonso de Sousa o descobrimento dêsse porto em dia de Reis de 1532. A esquadrilha

dêsse capitão-mór partiu no dia 1° de Agosto de 1531 do Rio de Janeiro para S. Vicente, e não tocou em Angra dos Reis, descoberta por André Gonçalves e Amerigo Vespucci no dia 6 de Janeiro de 1502.

1645.—A' meia-noite de 1° para 2 de Outubro, os Hollandezes assaltaram alguns dos destacamentos que tinhamos na margem direita do Beberibe. Os nossos recuaram até á estancia do capitão João Soares de Albuquerque, e, recebendo ahi algum refôrço, voltaram sôbre o inimigo e o perseguiram, até que ficou ao abrigo dos seus fortes.

1810.—Nasce na povoação do Cerrito (hoje Jaguarão) Joaquim Caetano da Silva, auctor do magistral trabalho «L'Oyapock et l'Amazone». Falleceu em Niterói no dia 28 de Fevereiro de 1873.

1827.—Escaléres brasileiros capturaram, debaixo dos fogos da bateria da Ensenada, o brigue americano *Brutus*, que, forçando o bloqueio, ahi fôra encalhar, perseguido pelas escunas *Bella Maria* (Guilherme Parker), *Conceição* (Wilson), *Paula* (Th. Read) e *Rio* (Gonçalves Camacho) e pela canhoneira *Primeiro de Dezembro* (Joaquim Engenio Avelino). Esses navios sustentam fogo contra a bateria argentina, e, não conseguindo fazer safar o brigue, queimam-n-o na manhã seguinte.

—Naufragio da fragata brasileira *Paula*, perto de Cabo-Frio.

1836.—Os revolucionarios do Rio Grande do Sul, sob o commando do coronel Bento Gonçalves da Silva, vendo-se apertados pelas tropas do Govêrno, commandadas por Bento Manuel Ribeiro, occuparam o morro do Fanfa, na margem direita do Jacuhí, e a ilha do Fanfa. Pretendiam ganhar a margem direita, mas a esquadrilha imperial do chefe Grenfell, impediu a passagem. Compunha-se do vapor *Liberal*, escuna *Legalidade* e canhoneiras numeros 3, 5, 6 e 7 (veja 3 de Outubro).

1858.—Morre no Rio Grande do Sul o marechal barão de Caçapava (Francisco José de Sousa Soares de Andréa), pacificador do Pará em 1836 e de Sancta-Catharina em 1839.

1859.—O imperador d. Pedro II e a imperatriz partem do Rio de Janeiro, para visitar, pela primeira vez, algumas das provincias do Norte.

1869.—Decreto do Govêrno Provisorio do Paraguái, extinguindo a escravidão. Este decreto foi lavrado a pedido do marechal conde d'Eu, generalissimo das fôrças brasileiras em operações contra o dictador Solano Lópes. O número dos escravos existentes no Paraguái era muito pequeno. Desde 1842 tinha sido decretada a liberdade dos nascituros.

3 DE OUTUBRO

1645.—Os moradores do Rio Grande do Norte, que haviam capitulado no fortim de Potengí (veja 1° de Outubro), e outros que estavam prisioneiros na fortaleza Ceulen (Reis-Magos), são conduzidos pelos Hollandezes até á foz do Uruguassú, affluente da margem direita do Potengí (*Huruauassú*, segundo Calado; *Uruguaguassú*, no mappa de Marcgraff), e ahi entregues nesta data aos selvagens do principal Antonio Paraupaba. Lopo Curado Garro descreveu o horroroso assassinato de todos esses prisioneiros, entre os quaes podem ser citados Estevam Machado de Miranda, Vicente de Sousa Pereira, Francisco Mendes Pereira, João da Silveira, Simão Corrêia, vigario Ambrosio Rodrigues Ferro, Antonio Villela o Moço, José Porto, Francisco Bastos, Diogo Pereira, João Martins, Antonio Baracho (começaram cortando-lhe a lingua e outras partes do corpo), Matheus Moreira (abriram-n-o pelas costas, para arrancar-lhe o coração), Manuel Alvares Ilha e Antonio Fernandes. Estes últimos não foram martyrizados, porque, tendo facas de ponta, se lançaram contra os algozes, matando e ferindo alguns, e succumbiram pelejando.

1653.—Parte de Lisbôa a frota annual da Companhia Geral do Commercio do Brasil. Compunha-se de 64 navios, incluindo os mercantes. Pedro Jacques de Magalhães, depois visconde da Fonte-Arcada, era o seu general (isto é, commandante em chefe) e Francisco de Brito Freire o almirante (isto é, segundo commandante ou immediato do general). Essa frota chegou ao Lamarão do Recife no dia 20 de Dezembro, e, auxiliando o exército do general Barreto de Meneses, contribuiu para a capitulação dos Hollandezes (26 de Janeiro de 1654) e completa libertação do territorio, que ainda occupavam os invasores no Norte do Brasil.

1735.—Começa neste dia o terceiro assédio da Colonia do Sacramento pelos Hispanhóes de Buenos-Aires. Terminou no dia 2 de Septembro de 1737. A praça foi victoriosamente defendida pelo brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, graças aos continuados soccorros de tropa e viveres, remettidos pelo capitão-general do Rio de Janeiro e Minas-Geraes, Gomes Freire de Andrada, depois conde de Bobadella.

1816.—*Combate de S. Borja, em que o tenente-coronel José de Abreu (depois marechal-de-campo e barão de Serro-Largo) derrota a divisão do coronel Andrés Artigas.*—Abreu tinha sido destacado do Ibirapuitan pelo general Curado, para soccorrer o general Chagas Sanctos, commandante do districto das Missões Brasileiras. Desde o dia 21 Andrés Artigas sitiava este último general em S. Borja, com 2.000 Correntinos e Guaranís, e no dia 28 tinha soffrido grande perda em um

assalto que dera ás nossas trincheiras. No dia 21 Abreu repelliu, na foz do Ibicuhí, a divisão de Pantaleón Sotelo; no dia 27 derrotou um troço de inimigos em Ituparaí; e na manhã de 3 de Outubro apresentou-se deante de S. Borja, com 693 homens das 3 armas, Riograndenses e Paulistas, e 2 peças. Andrés Artigas foi completamente desbaratado, perdendo 470 mortos e prisioneiros, as 2 peças que tinha, toda a bagagem e 2.000 cavallos. Os inimigos fugiram, uns pelo Passo de S. Borja, outros na direcção de Botuhí. Em perseguição dêstes, marchou uma columna de cavallaria, commandada pelo capitão Paula Prestes (veja 4 de Outubro), e contra os outros o general Chagas expediu a artilharia, a infantaria de S. Paulo que viera com Abreu, e a de Sancta-Catharina que estava na villa. A artilharia, assestada na margem e dirigida pelo tenente Luz, de S. Paulo, afugentou a canhoneira de Justo Yedros e metteu a pique outra carregada de fugitivos. Em menos de um mez, foram assim expulsos os invasores do districto de Missões.

1836.— Primeiro dia da *batalha do Fanfa* (veja 2 de Outubro).— Trava-se o combate de artilharia, sustentado pelas tropas de Bento Manuel Ribeiro e pela esquadrilha de Grenfell contra as baterias estabelecidas por Bento Gonçalves no morro e na ilha do Fanfa (veja 4 de Outubro).

1838.— Bernardo Pereira de Vasconcellos toma posse da sua cadeira de senador por Minas-Geraes.

1851.— Morre no Rio de Janeiro o poeta José Eloy Ottoni, nascido na villa do Principe, hoje cidade do Serro, no dia 1° de Dezembro de 1764.

1867.— *Combate de Parê-Cuê* (chamado pelos Paraguaios combate de Isla-Tají, nome do pequeno capão de mato entre S. Solano e Parê-Cuê, denominado pelos nossos soldados «Capão das Dúvidas»).— Uma columna de cavallaria paraguaia, composta de 2.500 homnes (seis regimentos), atacou nesse logar o coronel Fernandes Lima, que apenas tinha 400 homens da 6ª divisão de cavallaria. Acudiram logo os generaes Andrade Neves (barão do Triumpho) com 1.000 homens da 2ª divisão, e José Luiz Menna Barreto, com 800 da 1ª, assim como o resto da 6ª divisão. O general Menna Barreto ficou com o commando das divisões reunidas. Entraram assim em acção 2.600 homens da Guarda-Nacional riograndense). O 50° batalhão de voluntarios (Pernambuco), commandado pelo tenente-coronel Albuquerque Bello, avançou acceleradamente e poude fazer algumas descargas. O combate e a perseguição duraram apenas 3|4 de hora, perdendo os Paraguaios 500 mortos, 200 prisioneiros e 8 estandartes. Os nossos mortos e feridos foram 170.

4 DE OUTUBRO

1501.—André Gonçalves e Amerigo Vespucci, explorando pela primeira vez a costa brasileira do cabo de S. Roque para o Sul, reconhecem a foz do grande rio a que deram o nome de S. Francisco.

1650.—Geralmente dizem os nossos chronistas que o forte de S. Marcello ou do Mar, na Bahia, foi construido pelo conde de Castel-Melhor, em cumprimento de uma carta régia desta data. Nisso ha engano. O forte do Mar foi começado pelo anno de 1623, no govêrno de Diogo de Mendonça Furtado. Em Maio de 1624, conforme diz o padre Antonio Vieira («Annua do Brasil»), não estava acabado, e só egual com as ondas, sem mais outro reparo que uns cestões, parte cheios de terra, parte vazios. No dia 9 de Maio dêsse mez e anno foi tomado pelo almirante hollandez Piet Heyn. Segundo Tamayo, tinha apenas 6 peças e 50 cestões. Em 1638, quando o principe Mauricio de Nassau atacou a Bahia, o forte existia, provavelmente terminado entre os annos de 1627 e 1630. A carta régia de 1650 tracta, portanto, de uma reconstrucção. Posteriormente, em 1716, o forte foi augmentado, segundo os planos do general Massé, e melhorado em principios dêste seculo, durante o govêrno do conde dos Arcos.

1807. Nascimento de Paulino José Soares de Sousa, depois visconde de Uruguái. Nasceu em Pariz e falleceu no Rio de Janeiro (veja 15 de Julho de 1866).

1816.—O capitão Paula Prestes, destacado por José de Abreu, com 230 homens (veja 3 de Outubro) alcança, juncto á barra do Botuhí, 700 dos vencidos de S. Borja, e, depois de viva peleja, obriga-os a fugir desordenadamente. Nesse mesmo dia a nossa guarda do Passo de Sancta-Maria repelliu um ataque do inimigo.

1819.—Viagem inaugural do primeiro barco a vapor que houve no Brasil, pertencente ao general Caldeira Brant (depois marquez de Barbacena). A viagem foi feita da Bahia á Cachoeira.

1836.—Segundo dia da *batalha do Fanfa* (veja 2 e 3 de Outubro).—Na vespera, houve apenas combate de artilharia; neste dia, por ordem de Bento Manuel Ribeiro, o coronel Gabriel Gomes Lisbôa, da Guarda-Nacional, atacou o morro do Fanfa, e o coronel Francisco Xavier da Cunha (depois general) desembarcou na ilha occupada pelo inimigo. A esquadrilha de Grenfell apoiou o ataque. O morro do Fanfa foi logo tomado, e á tarde cessou o combate na ilha, rendendo-se os revolucionarios. Ficaram prisioneiros uns 900 homens, entre

os quaes o chefe da insurreição, coronel Bento Gonçalves da Silva, Onofre Canto e o conde Tito Livio Zambeccari. Foram tomadas 4 peças e recebidas dos rendidos outras 11.

1870.—Fallece no Recife o senador conde da Boa-Vista (Francisco do Rego Barros), nascido no engenho Trapiche a 3 de Fevereiro de 1802. Assentou praça em 1817. Terminou os seus estudos em Pariz, e foi presidente de Pernambuco desde 1837 até 1844, com pequena interrupção de alguns mezes em 1841. Dessa intelligente e fecunda administração perduram varios monumentos e a mais honrosa memoria. De 1865 a 1866, durante a guerra do Paraguái, o conde da Boa-Vista governou a provincia do Rio Grande do Sul. Era brigadeiro reformado do exército.

1879.—Morre no Rio de Janeiro o tenente-general Manuel Luiz Osorio, marquez do Herval, senador do Imperio e então ministro da Guerra. Este honrado general, uma das mais puras glorias do exército brasileiro, nasceu em Conceição do Arroio (Rio Grande do Sul) a 10 de Maio de 1808. Assentou praça de cadete na cavallaria de S. Paulo a 1° de Maio de 1823; esteve no assédio de Montevidéo (1823), durante a guerra da Independencia; foi promovido a alferes em 1824, e fez as campanhas de 1825 a 1828 na Banda Oriental e no Rio Grande do Sul, distinguindo-se nos combates de Arbolito e de Sarandí e na batalha de Ituzáingo (é inexacto que tivesse estado no combate do Rincón). Promovido a tenente por actos de bravura naquella batalha, conservou-se fiel ao dever militar, combatendo pela victoria da lei e da união nacional, durante a guerra civil de 1835 à 1845 no Rio Grande do Sul, e em 1844 era tenente-coronel. Com este posto e no commando do 2° regimento de cavallaria, fez as campanhas do Uruguái e Buenos-Aires, em 1851 e 1852, e muito se assignalou pelas suas brilhantes cargas na batalha de Monte-Caseros. Era brigadeiro e commandante de uma divisão, quando o exército imperial invadiu o Estado Oriental em 1864, e esteve no assédio de Paisandú e de Montevidéo. De 1° de Março de 1865 a 15 de Julho de 1866 commandou o 1° corpo de exército em operações contra o Paraguái, desembarcou no territorio inimigo, derrotando em Confluencia e Laguna-Sirena as tropas que o dictador López mandou ao seu encontro (16 e 17 de Abril de 1866), decidiu em favor dos alliados a batalha do Estero-Bellaco (2 de Maio), e teve parte principal na primeira batalha de Tuiutí (24 de Maio de 1866), sendo levemente ferido nestas duas. Voltou do Brasil para o Paraguái em 1867, á frente do 3° corpo de exército, destroçou o inimigo em Tujú-Cuê (31 de Julho de 1867), dirigiu varios reconhecimentos ordenados pelo marechal Caxias sôbre as linhas inimigas, de

um dos quaes resultou o mortifero combate de 16 de Julho de 1868, nas trincheiras de Humaitá, e foi gravemente ferido na batalha do Avahí (11 de Dezembro de 1868). Em 1869 tornou ao Paraguái, e, sob o commando do general conde d'Eu, esteve no assalto de Peribebuí. Em 28 de Abril de 1877, teve recepção verdadeiramente triumphal, quando veiu tomar posse da sua cadeira no Senado brasileiro. Nenhum outro general brasileiro foi mais justamente popular e querido do que Osorio, grande e illustre pela bravura, pela lealdade e pelo patriotismo.

1880.— Decreto de concessão da estrada de ferro do Rio-Claro.

5 DE OUTUBRO

1557.— Fallecimento de Diogo Alvares, o Caramurú. Falleceu na povoação do Pereira, ou Villa-Velha, hoje arrabalde da Victoria, na cidade da Bahia, e foi sepultado no Collegio dos Jesuitas. Naufragara em 1510 na Bahia, e desde essa occasião alli viveu.

1615.— Parte de Pernambuco a esquadrilha de Alexandre de Moura, conduzindo um refôrço de tropas a Jeronymo de Albuquerque, encarregado da expulsão dos Francezes do Maranhão (veja 1° de Novembro, data da chegada ao Maranhão).

1762.— Começa o bombardeamento da Colonia do Sacramento pelos Hispanhóes (veja 1° e 30 de Outubro).

1801.— O capitão Antonio Rodrigues Barbosa, transpondo o Jaguarão, derrota um destacamento hispanhol na Guarda da Lagôa.

1821.— Convenção de Beberibe, entre a Juncta de Govêrno de Goiana, presidida por Bernardo José da Gama, e a do Recife, de que era presidente o general Luiz do Rego Barreto. Ficou resolvida a eleição de um novo govêrno, para succeder ás Junctas rivaes (veja 26 de Outubro).

1822.— Evadem-se de Lisbôa os deputados brasileiros Antonio Carlos de Andrada Machado, Diogo Feijó, Costa Aguiar, Bueno, Lino Coutinho, Agostinho Gomes e Barata, os 3 ultimos deputados pela Bahia, os outros por S. Paulo. Seguem para Falmouth, no paquete inglez, e ahi publicam um manifesto.

1829.— Fundação da Imperial Sociedade Amante da Instrucção, no Rio de Janeiro.

1844.— Insurreição em Alagôas contra o govêrno dos liberaes. Os sublevados entram em Maceió e obrigam o presidente Bernardo de Sousa Franco a refugiar-se a bordo do hiate *Caçador*.

1865.—Morre no Rio de Janeiro o senador marquez de Abrantes, Miguel Calmon du Pin e Almeida, nascido em Sancto Amaro (Bahia) a 26 de Outubro de 1794. Seus serviços á patria começaram por occasião da guerra da Independencia, sendo elle então membro do último govêrno provisorio de Cachoeira. Deputado pela Bahia desde a Constituinte, entrou para o Senado em 1840, foi por vezes ministro da Fazenda (1827-1829, 1837-1839, 1841-1843), e dos Negocios Extrangeiros (1829-1830, 1862-1864), e desempenhou uma missão diplomatica na Europa de 1844 a 1846, de que produziu a intervenção anglo-franceza no Rio da Prata contra o dictador Rosas. Era ministro dos Negocios Extrangeiros, quando os insultos do ministro Christie obrigaram o Imperio a romper as relações diplomaticas com a Grã-Bretanha. Essa desintelligencia teve solução honrosa para o Brasil, por decisão arbitral do rei dos Belgas. O marquez de Abrantes será sempre contado entre os melhores estadistas e oradores parlamentares, que tem tido o Brasil.

1868.—Reconhecimento de Angostura pelo commandante Marques Guimarães, do encouraçado *Colombo*.

1877.—Fallece na cidade do Rio de Janeiro, onde nascera a 24 de Dezembro de 1832, o brigadeiro honorario Francisco Pinheiro Guimarães. Tinha obtido triumphos como escriptor dramatico e romancista, quando em 1865 se alistou para servir na guerra do Paraguái. Foi-lhe confiado o commando de um dos corpos de voluntarios fluminenses, tornou-se dos melhores chefes da nossa infantaria, recebeu glorioso ferimento na primeira batalha de Tuiutí e muito se distinguiu nessa e em outras acções de empenho até á terminação da guerra, regressando então com o commando de uma brigada de voluntarios á cidade natal, que o recebeu enthusiasticamente. Tornou-se tambem notavel na tribuna da Camara dos Deputados, como membro da opposição liberal.

6 DE OUTUBRO

1633.—Os capitães Domingos Corrêia e Antonio Cardoso (Indio), á frente de 90 homens, derrotam juncto aos Guararapes um destacamento hollandez, muito superior em número.

1737.—Parte do Recife o coronel João Lobo de Lacerda, que vae desalojar os Francezes da ilha de Fernando de Noronha. Conseguiu esse resultado sem resistencia, e deu comêço á construcção dos fortes dessa ilha, que desde essa occasião ficou presidiada.

1831.— Levante do corpo de artilharia de marinha aquartelado na ilha das Cobras. O capitão-tenente José Joaquim Faustino, reunindo alguns guardas municipaes e 30 cidadãos armados, rompeu o fogo contra os sublevados, que á noite tentaram desembarcar no Arsenal de Marinha (veja 7 de Outubro).

1837.— Proclamação do novo regente do Imperio, Pedro de Araujo Lima, depois marquez de Olinda, chamando á concordia os revolucionarios do Rio Grande do Sul.

— Nascimento do poeta Bruno Seabra, no Pará.

1845.— Parte do Rio de Janeiro uma esquadra sob o commando de Grenfell, conduzindo ao Rio Grande do Sul o imperador d. Pedro II e a imperatriz d. Teresa-Christina. Essa excursão terminou a 15 de Abril, visitando os imperantes aquella provincia e depois as de Sancta-Catharina e S. Paulo.

1849.— O presidente do Conselho e ministro dos Negocios Extrangeiros, visconde de Olinda (depois marquez), deixa o Ministerio, por achar-se em desaccôrdo com todos os seus collegas e com o imperador, que julgavam necessaria a intervenção armada do Brasil no Rio da Prata. O ministro do Imperio, Monte-Alegre, foi nomeado presidente do Conselho, e Paulino de Sousa (depois visconde de Uruguái) ministro dos Negocios Extrangeiros. Foi durante essa administração que o tráfico de Africanos ficou de facto abolido, graças á energia de Eusebio de Queiroz, ministro da Justiça, e que o Brasil libertou as republicas do Prata, destruindo as dictaduras de Rosas e Oribe.

1859.— Chegada do imperador e da imperatriz do Brasil á cidade da Bahia.

1879.— Funeraes de Osorio no Rio de Janeiro (veja 4 de Outubro).

7 DE OUTUBRO

1645.— Foi assignado neste dia, segundo Rafael de Jesús («Castrioto Lusitano», pags. 403), o chamado manifesto do direito com que os moradores de Pernambuco se levantaram contra a dominação hollandeza. Esse documento, que é uma representação dirigida ao rei d. João IV, encontra-se no «Valoroso Lucideno», de Calado (pags. 139-148), mas sem data. Terminava com estas palavras: «... e assim, com toda a submissão prostrados aos pés de Vossa Magestade, tornamos a pedir soccôrro e remedio com tal brevidade, que nos não obrigue a desesperação, pelo que toca ao culto divino, a buscar em outro principe catholico o que de Vossa Magestade esperamos».

— Tem a mesma data a certidão da acclamação de Fernandes Vieira para governador (em Calado, 247-252), assignada no Arraial-Novo pelos capitães e outros cabos da milicia de Pernambuco, os «officiaes da camara e da republica» das villas de Olinda, Serinhaen, Iguarassú e da cidade da Parahiba, os ecclesiasticos e as pessôas principaes de Pernambuco.

1650. — O capitão Manuel de Aguiar, que defendia com um destacamento de tropas da Bahia a estancia de Aguiar, proxima ao forte de Afogados, repelle um ataque dos Hollandezes, saïdos dêsse forte (em 1650, não em 1649).

1831. — Reunem-se no Arsenal de Marinha, sob o commando do general José Maria Pinto Peixoto, as fôrças do Govêrno, para combater o corpo de artilharia de marinha, que se sublevara na ilha das Cobras (veja 6 de Outubro). Alguns navios de guerra, dirigidos pelo chefe de divisão João Taylor, e uma bateria postada no adro do mosteiro de S. Bento romperam o fogo sôbre a ilha, e logo depois partiram em lanchas 3 columnas de officiaes-soldados, guardas-municipaes e guardas-nacionaes, commandadas pelo coronel João Paulo de Sanctos Barreto, major Luiz Alves de Lima (depois duque de Caxias) e Manuel Antonio Airosa. A fortaleza foi facilmente tomada, ficando prisioneiros 200 sublevados. Um guarda-municipal, morto neste assalto, foi sepultado com grande pompa, inspirando a sua morte o enthusiasmo dos poetas daquelle tempo.

1840. — Os revolucionarios do Rio Grande do Sul, sob o commando de Portinho, são repellidos no rio das Canôas (Sancta-Catharina) pelo capitão Taborda, que obedecia ao coronel Mello e Albuquerque, da Guarda-Nacional rio-grandense.

8 DE OUTUBRO

1605. — Relativamente ao alvará desta data, no archivo da Sancta-Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, veja-se o que ficou dicto na «Ephemeride» de 1° de Julho de 1591.

1624. — Morre no acampamento do Rio-Vermelho, perto da Bahia, d. Marcos Teixeira, 5° bispo do Brasil. De 15 de Maio a 12 de Septembro dêsse anno, este prelado exerceu o govêrno civil e militar, organizando e dirigindo as fôrças que sitiaram os Hollandezes, senhores da cidade da Bahia, desde o dia 9 de Maio.

1711. — Desembarca no Recife o novo desembargador Felix José Machado de Mendonça, e é recebido com muitas demonstrações de júbilo pelos dous partidos rivaes, terminando então a guerra civil, chamada dos *Mascates*. No dia 10 o bispo,

que era o governador acclamado pelo partido da nobreza e dos naturaes da terra, entrega o govêrno a Machado de Mendonça.

1713.— Segundo Azevedo Marques, foi installada neste dia a villa de S. João del Rey. Saint-Hilaire, porém, fundando-se em noticias extrahidas dos livros da Camara, affirma que a installação se fez no dia 8 de Dezembro. Ha grandes divergencias sôbre a data deste acontecimento (19 de Janeiro de 1718, em Pizarro, mesmo dia no anno de 1713 em Milliet de Saint-Adolphe). S. João del Rey chamava-se até 1713 Arraial do Rio das Mortes, e teve origem em um acampamento de mineração ahi estabelecido em 1684 pelos Paulistas Thomé Portes del Rey, Bartholomeu Bueno de Siqueira, Antonio Rodrigues de Arzão e Manuel de Borba Gato. Recebeu o predicamento de cidade a 6 de Março de 1838. Foi a quarta villa creada em Minas-Geraes.

1799.— Nascimento de Evaristo Ferreira da Veiga, na cidade do Rio de Janeiro (veja 12 de Maio de 1837, data do seu fallecimento).

1819.— O coronel Manuel Marques de Sousa (depois general e segundo dêsse nome) ataca e dispersa o acampamento de Paso de la Arena, em que estavam reunidos 400 Orientaes, sob o commando de Filippe Duarte. Ficaram mortos ou prisioneiros 83 dos contrarios, havendo do nosso lado 3 mortos. Marques de Sousa commandava a vanguarda da columna do general Jorge de Avilez.

1844.— O commandante Hippolyto Cardoso derrota em Sancta-Anna (Rio Grande do Sul) o caudilho Bernardino Pinto.

1868.— A divisão de encouraçados, dirigida pelo barão da Passagem, rompe o fogo contra os infantes paraguaios que a hostilizavam acima de Angostura e os põe em fuga. O encouraçado *Silvado*, commandante Costa Azevedo (depois barão do Ladario) desce o rio, forçando as baterias de Angostura.

9 DE OUTUBRO

1771.— Lançamento do brigue *Bellona*, construido no Porto dos Casaes, depois Porto-Alegre. A este brigue reuniram-se outros navios de guerra, formando a esquadrilha que auxiliou o exército até á expulsão, em 1776, dos Hispanhóes que occupavam a villa e a canal do Rio Grande do Sul.

1809.— D. Diogo de Sousa (depois conde do Rio-Pardo), 1° capitão-general nomeado para a capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul, toma posse do seu cargo em Porto-Alegre. Succedeu ao chefe da esquadra Paulo Gama, (depois barão de

Bagé), e entregou o govêrno ao marquez de Alegrete no dia 13 de Novembro de 1814. Sôbre d. Diogo de Sousa veja «Ephemeride» de 12 de Julho de 1829.

1821.— E' ratificada neste dia pelo general Luiz do Rego a convenção de Beberibe, assignada no dia 5.

1853.— Naufragio do vapor mercante *Pernambucano*. O commandante encalhara o vapor em frente ao arroio da Cruz, entre a poncta de Sancta-Marta Grande e a barra do Araranguá. Pereceram 42 pessôas. O marinheiro Simão, preto, fez a nado, debaixo de horivel temporal, 26 passagens entre o navio e a praia, salvando 13 vidas. O Govêrno concedeu-lhe uma medalha de honra. Na *Illustration Française* encontrou-se o retrato dêsse heróe (tomo II, de 1853, pags. 448).

10 DE OUTUBRO

1553.— Fallecimento de Pero do Campo Tourinho, donatario da capitania de Porto-Seguro e fundador da villa dêste nome (1536) e das de Sancta-Cruz e Sancto-Amaro, esta última destruida em 1564 pelos selvagens.

1711.— Convenção para o resgate do Rio de Janeiro, então occupado pelos Francezes (veja 12, 20 e 21 de Septembro). Foi assignada perto da lagôa da Sentinella, no local em que está hoje o Aterrado, pelo mestre-de-campo João de Paiva Souto Maior, representando o governador Francisco de Castro Moraes, e por Duguay-Trouin. Cinco dias depois, chegava ao Alto da Serra, em marcha para o Rio de Janeiro, Antonio de Albuquerque, á frente de 6.000 homens, Paulistas e forasteiros de Minas-Geraes (veja 4 e 13 de Novembro).

1780.— Nascimento de Domingos Borges de Barros (depois visconde da Pedra-Branca). Nasceu no engenho S. Pedro, Bahia (veja 20 de Março de 1855).

1805.— Fallece em Porto-Alegre o brigadeiro do corpo de engenheiros Francisco José Roscio. Viera para o Brasil em 1767, como ajudante de ordens do marechal-de-campo engenheiro Jacques Funck, e, depois de longa permanencia no Rio de Janeiro e uma viagem a Lisbôa, seguira para o Rio Grande do Sul em 1792. Foi segundo commissario da demarcação de limites e, de 1801 a 1803, governador do Rio Grande do Sul, cabendo-lhe então o commando em chefe das nossas tropas nos ultimos dous mezes da guerra de 1801. Roscio deu os planos primitivos da egreja da Candelaria do Rio de Janeiro.

1817.— Chegam a Porto-Alegre o coronel José Antonio Berdun, o tenente-coronel Pedro Mosquera e outros officiaes

entrerianos, aprisionados por Bento Manuel em Belém (veja 15 de Septembro).

1827.— Installação da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, fundada no Rio de Janeiro por Ignacio Alvares Pinto de Almeida.

1844.— Os insurgentes evacuam a cidade de Maceió (veja 5 e 11 de Outubro).

1856.— Morre na cidade do Rio de Janeiro o dr. José Francisco Sigaud, nascido em Marselha a 2 de Dezembro de 1796, primeiro director do Instituto dos Meninos Cégos. Publicou, entre outros trabalhos, um livro ainda hoje interessante, com o titulo «Du climat et des maladies du Brésil».

1866.— O marechal Caxias é nomeado commandante em chefe de todas as forças brasileiras, terrestres e navaes, em operações contra o Govêrno do Paraguái.

1868.— O encouraçado *Brasil*, commandante Salgado (depois barão de Corumbá), e o monitor *Alagôas* forçam as baterias de Angostura, subindo o rio Paraguái.

11 DE OUTUBRO

1492.— As 3 caravellas de Christovam Colombo, navegando em busca das Indias Occidentaes, encontraram neste dia indicio seguro de terra proxima e habitada, pois apanharam ramos de arvores, juncos cortados e dous bastões, um dos quaes lavrado a fogo. Pelas 10 horas da noite Colombo avistou por vezes uma luz (veja o dia seguinte).

1651.— Os Hollandezes são repellidos na estancia de Aguiar, fronteira ao forte dos Afogados, pelo capitão Manuel de Aguiar.

1823.— Apresenta-se deante de Montevidéo e começa a bloquear o porto uma divisão naval brasileira, commandada pelo capitão de mar e guerra Pedro Antonio Nunes, depois chefe de divisão (veja 21 de outubro).

1831.— A Camara dos Deputados rejeita um projecto que auctorizava as provincias a decretar cada uma a sua Constituição particular. Esse projecto fôra apresentado pelos deputados Antonio e Ernesto Ferreira França, Alves Branco e Fernandes da Silva.

1844.— O presidente de Alagôas, refugiado desde o dia 5 a bordo do hiate *Caçador*, desembarca em Maceió. Desembarcaram tambem algumas tropas, chegadas da Bahia e de Pernambuco.

1851.— Capitulação do general Manuel Oribe, ou antes, convenção de paz celebrada entre elle e o general Urquiza,

governador de Entre-Rios. Oribe estava no Paso del Molino, e Urquiza tinha o seu quartel general no Pantanoso. As tropas argentinas e orientaes, que serviram ás ordens de Oribe, passaram a obedecer a Urquiza e ao Govêrno de Montevidéo, alliado do Brasil. O grosso do exército brasileiro, commandado pelo marechal Caxias, estava então no Passo de Polanco, margem esquerda do Jí, e a 3ª divisão (general Sanctos Pereira) no Passo d'El-Rei, do mesmo rio.

12 DE OUTUBRO

1492.— *Descobrimento do Novo-Mundo, depois chamado America.*— A's 2 horas da madrugada o marinheiro Rodrigo de Triana, da caravella *La Pinta*, avistou ao luar uma praia de arêia na distancia de duas leguas. O commandante Martim Alonso Pinzón fez o signal convencionado, annunciando aos outros 2 navios de Christovam Colombo o descobrimento esperado. Ao amanhecer verificaram ser esta terra uma ilha de 15 leguas de extensão. Os selvagens chamavam-n-a Guanahaní; Colombo deu-lhe o nome de S. Salvador. Segundo Peschel, Muñoz e Becker, é a ilha Watling, do grupo das Bahama; o capitão Fox opina pela ilha Samana, e Varnhagen (visconde de Porto-Seguro) pela Mayaguana ou Mariguana, ambas do mesmo archipelago. Ha outras opiniões, mas essas trez hypotheses são as mais acceitaveis, sobretudo a primeira.

1753.— Nascimento de José de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo, na cidade do Rio de Janeiro (veja 14 de Maio de 1830).

1798.— Nasce em Queluz (Portugal) o principe d. Pedro, que foi regente e imperador do Brasil (Pedro I), rei de Portugal (Pedro IV) e regente desse reino (veja 24 de Septembro de 1834).

1808.— Creação do Banco do Brasil no Rio de Janeiro. Esse foi o primeiro estabelecimento bancario creado em nosso paiz.

1811.— O exército brasileiro, commandado por d. Diogo de Sousa, chega a Maldonado.

1813.— Inaugura-se no Rio de Janeiro o Theatro Real de S. João, depois Theatro de S. Pedro de Alcantara, trez vezes destruido por incendio (25 de Março de 1824, 13 de Março de 1851 e 27 de Janeiro de 1856) e outras tantas reconstruido. O mais antigo theatro do Rio de Janeiro foi a Casa da Opera, perto do largo do Capim (praça do General Osorio), dirigida pelo padre Ventura. Já existia no govêrno do vice-rei conde da Cunha (os nossos chronistas dão-n-o

erradamente como fundado no tempo do vice-rei Lavradio). Bougainville, que esteve no Rio de Janeiro de Junho a Julho de 1767, diz o seguinte: «Elle (o vice-rei) fez-nos preparar um camarote na opera. Em uma sala bastante bonita, pudemos ver as obras-primas de Metastasio, representadas por uma companhia de mulatos, e ouvir diversos trechos dos grandes mestres da Italia, executados por uma orchestra regida por um padre corcunda em vestes sacerdotaes». A Casa da Opera foi destruida por um incendio depois de 1769, sendo já vice-rei o marquez do Lavradio, e então um musico, Manuel Luiz, construiu a Opera Nova, juncto ao palacio dos Vice-Reis. Esse theatro fechou-se em 1813, passando o edificio a ser occupado por creados do Paço, e, posteriormente, até 1889, pela thesouraria da Casa Imperial.

1822.—*O principe d. Pedro é acclamado imperador constitucional do Brasil.*—O Senado da Camara do Rio de Janeiro, em circular de 17 de Septembro, havia convidado as Camaras das provincias vizinhas a tomar parte nessa ceremonia, que se effectuou no campo até então chamado de Sancta-Anna. Em frente ao Museu, havia naquelle tempo um palacete. Foi da varanda dêste edificio que o joven imperador se apresentou ao povo. As tropas da guarnição e os regimentos de milicias, apresentando um total de 6.000 homens, reuniram-se deante do palacete, sob o commando do illustre general Curado, pouco depois conde de S. João das Duas-Barras. Depois do discurso de José Clemente Pereira, presidente do Senado da Camara, e da resposta do imperador, a artilharia deu uma salva de 101 tiros. Debret representou em uma lithographia a scena da acclamação.

1825.—*Combate de Sarandí e destrôço completo de uma divisão de cavallaria brasileira, commandada pelo então coronel Bento Manuel Ribeiro.*—Bento Manuel, marchando de Montevidéo com 1.150 homens de cavallaria de linha e de milicias, incluso o refôrço que alli recebera, fez juncção nas immediações de Minas com o coronel Bento Golçalves da Silva, que commandava 354 milicianos, e seguiu rapidamente em procura do general Lavalleja, chefe da revolução oriental. Na manhã de 12 de Outubro atravessou o arroio de Castro, affluente do Jí, e foi encontrar o inimigo no logar denominado Orqueta de Sarandí, cabeceiras do arroio Sarandí, tributario da margem esquerda do Castro. O general Fructuoso Rivera já se tinha reunido a Lavalleja, de sorte que os Orientaes puderam apresentar 2.600 homens de cavallaria, alguns atiradores a pé e 1 peça. Bento Manuel, orgulhoso com as passadas victorias, mudou de cavallos e lançou-se á carga com 1.411 homens, todos de cavallaria (S. Leopoldo enganou-se, dizendo que tinhamos infantaria). Os esquadrões de linha, commandados

pelo coronel Alencastre, romperam o centro do inimigo (coronel Manuel Oribe) e dispersaram a sua reserva (coronel Leonardo Olivera), mas a nossa direita (coronel Bento Gonçalves) foi rechassada pelo general Rivera e a esquerda, atacada tambem de frente e flanco por fôrças superiores, ficou derrotada. No Passo de Sarandí, Bento Manuel sustentou-se 2 horas, até que se lhe reuniram Bento Gonçalves e muitos dos dispersos, e com 550 homens fizeram esses dous chefes a sua retirada, pelo Passo de Polanco do rio Ji, para Sancta-Anna do Livramento. Com elles seguiram o tenente-coronel Bonifacio Isas Calderón e os majores Philippe Nery de Oliveira e Albano de Oliveira Bueno. Alencastre, cercado pelo inimigo, capitulou, depois de 3 horas de combate, ficando prisioneiro, com 36 officiaes e uns 400 soldados. No dia seguinte, ainda os Orientaes fizeram alguns prisioneiros no Perdido (major Oliveira e 125 homens) e no Maciel (tenente-coronel Pedro Pinto e 1 soldado). Ao todo, ficaram prisioneiros 575 homens (entre elles 25 oficiaes e 133 feridos), e, como em differentes direcções se puderam salvar 730 homens, segue-se que os nossos mortos não deviam ter chagado a 200 (segundo a parte official de Lavalleja, foram 572). Os Orientaes tiveram 35 mortos e 90 feridos. Este combate e a surpresa do Rincón no dia 24 de Septembro obrigaram o coronel Abreu (barão do Serro-Largo), que estava em Mercedes, a retroceder para a fronteira do Rio Grande do Sul, ficando os revolucionarios orientaes de posse de todo o territorio de sua patria, menos as 2 praças de Montevidéo e da Colonia. Entre os officiaes prisioneiros, figuravam 1 coronel (Joaquim Antonio de Alencastre, de 1ª linha), 3 tenentes-coroneis (Pedro Pinto de Araujo Corrêia, de 1ª, João Marques da Silva Prates e Manuel Soares da Silva, de milicias) e 2 majores (Theodoro Burlamaqui, de 1ª linha, e Antonio José de Oliveira). Nunca em combate algum, nem antes nem depois dêste, soffrêmos tão grande perda em prisioneiros. Em 5 de Março do anno seguinte, todos os officiaes superiores aqui mencionados, menos o major Oliveira, libertaram-se no rio Paraná, assim como muitos capitães, subalternos, cadetes e soldados, revoltando-se contra a escolta que os conduzia, em um barco, para Sancta-Fé.

1826.— O major Guilherme José Lisbôa, que estava postado no reducto Rondeau (arredores de Montevidéo), descobre e repelle uma fôrça oriental, que se emboscara para ataca-lo.

1832.— Fallecimento do general Estevam José Carneiro da Cunha, senador pela Parahiba.— Compromettido na revolução de 1817 (era então tenente-coronel), refugiou-se na Inglaterra, e só regressou ao Brasil depois da proclamação do regime constitucional. Em 1824, commandando na Parahiba as fôrças que combatiam em favor do Imperio e da união na-

cional, alcançou sôbre os partidarios da Confederação do Equador a victoria de Itabaiana (24 de Maio).

1835.—Diogo Antonio Feijó, o energico ministro da Justiça de 1831 a 1832, toma posse do cargo de regente do Imperio, para que fôra eleito a 7 de Abril dêste mesmo anno de 1835 (veja esta data). No manifesto, que publicou 12 dias depois de sua posse, lê-se o seguinte trecho: «A progressiva introducção de colonos tornará inutil a escravidão, e com a cessação desta a moral e a fortuna dos cidadãos muito hão de ganhar». Feijó renunciou a regencia do Imperio 2 annos depois (veja 19 de Septembro de 1837).

1840.—Fallece no Rio de Janeiro o general Francisco das Chagas Sanctos, nascido na mesma cidade a 17 de Septembro de 1763.—Membro da commissão de demarcação de limites, foi de 1811 a 1821 commandante do districto de Missões, e muito se distinguiu nas campanhas de 1811 e 1812 (era então coronel) e de 1816 a 1820 (brigadeiro), durante as quaes resistiu victoriosamente ás invasões dos Correntinos e Guaranís, e invadiu por vezes o territorio das Missões de além-Uruguái. Seus principaes feitos militares são: a defesa de S. Borja (veja 21 e 28 de Septembro e 3 de Outubro de 1816), o ataque de Apóstoles (2 de Julho de 1817), a tomada de S. Carlos (veja 30 de Março a 3 de Abril de 1818) e a defesa de Porto-Alegre (Julho de 1836).

1851.—Tractados entre o Brasil e a Republica Oriental do Uruguái, assignados no Rio de Janeiro, de alliança, limites, commercio e navegação, e subsidio. Pelo último dêsses tractados, o Brasil comprometteu-se a pagar ao Govêrno de Montevidéo uma subvenção mensal, destinada á defesa da Republica contra o dictador argentino.

1856.—Morre em Niteroi, aos 69 annos de edade, o marechal-de-campo reformado Manuel Antonio Leitão Bandeira, que se distinguiu na campanha de Pernambuco em 1824 (commandante de batalhão) e nas de 1826 a 1828 no Rio Grande do Sul (commandava uma brigada de infantaria). Na batalha de Ituzaingo (20 de Fevereiro de 1827), repelliu com 3 batalhões do seu commando todas as cargas da cavallaria argentina. Foi deante de um dos seus quadrados que morreu o general Brandzen, Francez ao serviço do govêrno de Buenos-Aires.

1864.—Dando comêço ás represalias annunciadas no *ultimatum* de 4 de Agosto, do ministro Saraiva, uma brigada do exército brasileiro, commandada pelo general José Luiz Menna Barreto, penetra no Estado Oriental e no dia 14 entra na villa de Mello (Serro-Largo), achando-a abandonada da sua guarnição. No dia 24 retira-se Menna Barreto, e vae reunir-se no Pirahí-Grande ao exército commandado pelo general João

Propicio Menna Barreto (depois barão de S. Gabriel). Esse exército só rompeu a marcha de invasão no dia 1º de Dezembro.

13 DE OUTUBRO

1711.— O governador de Minas-Geraes, Antonio de Albuquerque, que estava em marcha para auxiliar a defesa do Rio de Janeiro,recebe a noticia de estarem os Francezes de posse desta cidade desde 21 de Septembro. A esquadra de Duguay-Trouin partiu do Rio de Janeiro no dia 13 de Novembro (não a 13 de Outubro).

1822.— Uma esquadrilha portugueza (brigue *Audaz,* barca *Constituição,* 11 canhoneiras e 3 lanchões) reconhece alguns ponctos fortificados da ilha de Itaparica, onde commandava Antonio de Sousa Lima (veja o dia seguinte).

1832.— O coronel Joaquim Pinto Madeira, chefe da insurreição cearense contra o Govêrno da Regencia, apresenta-se ao general Labatut, no acampamento de Correntinho. O general havia convidado os insurgentes a depor as armas, garantindo-lhes a vida salva. Essa promessa, porém, não valeu a Pinto Madeira, que, depois de vagar pelas prisões de outras provincias, foi reclamado pelos seus inimigos politicos do Ceará e por elles condemnado á morte e executado na villa do Crato (veja 28 de Novembro de 1834). Pinto Madeira, coronel das antigas milicias e homem muito influente no sertão do Ceará, insurgira-se contra a ordem de cousas creada pela revolução de 7 de Abril de 1831.

1869.— O marechal conde d'Eu chega a S. Estanisláo com o grosso do exército brasileiro em operações contra o dictador do Paraguái. No dia 15 prosegue a marcha, e vae acampar no Potrero-Capivarí, onde o principe conserva o seu quartel-general desde 17 de Outubro até 2 de Dezembro. Foi por esse tempo e nesse acampamento de Potrero-Capivarí e de S. Joaquim que o exército soffreu durante dias as maiores privações, pela demora na remessa dos viveres. Em officio de 28 de Outubro, dizia o conde d'Eu: « A presente crise é mais uma prova da necessidade da organização de um commissariado, que permitta á administração militar prover por si mesmo o fornecimento das fôrças em operações, para que os movimentos do exército não estejam dependentes de uma poderosa casa commercial, cujos interesses, por maior lealdade que se supponha em seus representantes, nunca podem ser identificados com os interesses da nação brasileira.»

14 DE OUTUBRO

1630.—Um destacamento hollandez é repellido em Salinas (hoje Sancto-Amaro, Recife) pelo capitão de emboscadas Manuel Ribeiro.

1801.—D. Fernando José de Portugal e Castro (depois conde e marquez de Aguiar) toma posse, no Rio de Janeiro, do cargo de vice-rei do Estado do Brasil, e exerce-o até 21 de Agosto de 1806. Depois da chegada da Familia Real em 1808, foi ministro dos Negocios do Reino até 24 de Janeiro de 1817, dia do seu fallecimento no Rio de Janeiro. Na Impressão Régia da nossa capital fez imprimir, em 1810 e 1812, a sua traducção da «Critica» e dos «Ensaios Moraes», de Alexandre Pope. O marquez de Aguiar morreu na maior pobreza. Nascera em Lisbôa a 4 de Dezembro de 1752.

1818.—Nascimento de Candido Mendes de Almeida, em S. Bernardo do Brejo, Maranhão (veja 1º de Março de 1881).

1822.—4 canhoneiras portuguezas (veja dia anterior) rompem o fogo contra as trincheiras do Manguinho e do Porto dos Sanctos, na ilha de Itaparica. Dirigiu o combate de artilharia e fuzilaria em terra o sargento-mór José Joaquim Salustiano Ferreira. Ao cabo de 5 horas retiraram-se as canhoneiras.

1825.—O coronel Jeronymo Gomes Jardim, em retirada para o Arapehí, com 300 homens dos 2 regimentos guaranís derrotados no Rincón (veja 24 de Septembro), estava acampado juncto ao arroio Tanguerupá, affluente do Arapehí. Na noite dêste dia o capitão Cutí, reunindo os officiaes e soldados da sua companhia, convidou-os a desertar para o exército da revolução oriental. Só o tenente Teixeira recusou fazê-lo, declarando que nunca seria traidor, e desfechou um tiro de pistola, caïndo morto aos golpes dos levantados. Por ordem do capitão, fizeram estes algumas descargas, e os outros guaranís, despertando com os tiros, fugiram em desordem. Cutí saqueou a salvo o acampamento e marchou na direcção de Paisandú. Ao amanhecer o coronel Jardim reuniu os dispersos, e procurou, sem exito, alcançar os desertores.

1850.—Um corpo de 800 Paraguaios ataca a guarda brasileira do Pão de Assucar (Fecho de Morros, em Mato-Grosso), composta de 25 homens sob o commando do tenente Francisco Bueno da Silva. A guarda retira-se, fazendo fogo, e perde neste conflicto 3 homens mortos. Os aggressores tiveram 1 official e 8 soldados mortos e feridos. Poucos dias depois, o mesmo destacamento, reforçado com os indios Guaicurús, dos capitães Lixagota e Lapagate, e sob o commando do capitão José Joaquim de Carvalho, vingava esse insulto, apoderando-se, por

surpresa, do forte paraguaio denominado Olympo ou Bourbon, e o capitão Quidauani, outro cacique Guaicurú, invadia o Paraguái pelo Apa e capturava grande porção de gado. Essas hostilidades foram practicadas em plena paz. O Govêrno imperial contentou-se com as explicações dadas pelo dictador Carlos López e com as represalias exercidas pelos nossos. Muito antes do ataque tinha ordenado a evacuação do Pão de Assúcar. No mesmo anno, a 25 de Dezembro, foi assignado em Assumpção um tractado de alliança defensiva entre o Brasil e o Paraguái contra a Confederação Argentina, governada então pelo dictador Rosas.

1851.— Nota do ministro das Relações Exteriores do Paraguái, adherindo em nome do dictador Carlos López á alliança celebrada entre o Imperio do Brasil, a Republica Oriental do Uruguái e os Estados de Entre-Rios e Corrientes. O Paraguái adheriu, mas não concorreu com tropas para a guerra, que libertou os Estados do Prata.

1864.— Uma brigada brasileira, dirigida pelo general José Luiz Menna Barreto, entra na villa de Mello (Serro-Largo). A guarnição, que obedecia ao Govêrno de Montevidéo, abandonara a villa, logo que as nossas tropas se approximaram (veja 12 de Outubro de 1864).

1870.— Chegam a Porto-Alegre os restos do general João Manuel Menna Barreto, morto no asssalto de Peribebui (veja 12 de Agosto de 1869).

15 DE OUTUBRO

1565.— Combate entre 14 canôas, guarnecidas de soldados saïdos do acampamento de Estacio de Sá (Praia-Vermelha), e 64 canôas dos Tamoios, juncto á ponta da Carioca (morro da Viuva). Estes fogem afinal, perdendo 4 embarcações. Estacio de Sá reune então as suas fôrças, ataca uma aldêia e obriga o inimigo a render-se. Ficam prisioneiros 300 Indios.

1817.— O nosso destacamento de S. Fernando, no Uruguái (Missões), commandado pelo furriel Antonio José Jardim, é atacado e vencido pelos Correntinos, partidarios de Artigas. O destacamento compunha-se de 45 homens: ficaram mortos ou feridos e prisioneiros, 31.

1822.— Primeiro ataque das canhoneiras portuguezas contra a ilha da Maré (Bahia), repellido pelo capitão Antonio Dias de Oliveira e Andrade (veja 16 e 22 de Outubro).

1823.— Sublevação militar e popular em Belém do Pará. A tropa levanta-se á noite contra os seus officiaes, e, reforçada por muitos desordeiros, depõe o presidente da Juncta de

Govêrno, Geraldo José de Abreu, acclamando presidente o conego Gonçalves Campos. Depois, soldados e homens do povo, dirigidos por um cadete e um musico, começam a arrombar e saquear casas e lojas de Portuguezes. O saque e os assassinatos continuaram no dia seguinte.

1864.— Casamento da princeza imperial d. Isabel com o principe Gastão de Orléans (conde d'Eu).

1868.— Os encouraçados *Silvado* (capitão de fragata Costa Azevedo, depois barão de Ladario) e *Lima Barros* (capitão de fragata Joaquim Francisco de Abreu) e o monitor *Rio Grande* forçam as baterias de Angostura, subindo o Paraguái, e vão reunir-se á divisão do barão da Passagem.

1875.— Nasce em Petropolis o principe do Grão-Pará, d. Pedro de Alcantara, filho da princeza imperial d. Isabel.

1881.— Começam os trabalhos de construcção da estrada de ferro do Rio-Claro (S. Paulo).

16 DE OUTUBRO

1630.— O capitão Simão de Figueiredo repelle, na trincheira do Rio-Doce (Pernambuco), um ataque dos Hollandezes.

1636.— O capitão Francisco Rebello apodera-se do engenho Espirito-Sancto, na margem direita do Samuraguaí, affluente do Parahiba. Morre, combatendo valerosamente na defesa dêsse engenho, o conselheiro Ippo Cyssens, governador hollandez da Parahiba e membro do Supremo Conselho do Recife.

1640.— O coronel hollandez Koen toma Camamú, onde encontra fraca resistencia, e queima a povoação e 2 pequenos barcos. No dia 17 segue para o Espirito-Sancto, e ahi é repellido nos dias 28 e 30.

1645.— Combate na Carreira dos Mazombos, hoje Arrombados, entre Boa-Vista e Olinda. Os Hollandezes são ahi destroçados, atacando as emboscadas dos capitães Antonio Gonçalves Tição, Antonio Borges Uchôa, Domingos Fagundes, Francisco Ramos, João Soares de Albuquerque, João Barbosa, Paulo Velloso e Paulo da Cunha Souto Maior.

1816.— O capitão de guerrilhas, Manuel Joaquim de Carvalho, á frente de 112 homens de cavallaria, derrota no arroio Zapallar um destacamento de 124 Orientaes, commandados pelo tenente Bonifacio Isas Calderón. Este official, depois de 1820, serviu lealmente ao Brasil e morreu com o posto de brigadeiro (veja 27 de Abril de 1840).

1818.— O general João de Deus Menna Barreto (depois visconde de S. Gabriel), que com 600 homens de cavallaria

fazia a vanguarda do general Curado, ataca no arroio Rabon o então coronel Fructuoso Rivera, que commandava 650, e obriga-o a pôr-se em retirada. No primeiro choque e durante a perseguição, perdeu Rivera uns 100 mortos, feridos e extraviados. A nossa perda foi apenas de 6 mortos e feridos.

1822.— Segundo ataque das canhoneiras contra a ilha da Maré (Bahia), repellido pelo capitão Antonio Dias de Oliveira e Andrade (veja 15 e 22 de Outubro).

1823.— Continuam os saques e assassinatos em Belém do Pará, começados na noite de 15. O capitão-tenente John Pascoe Grenfell (não Greenfel, como se tem escripto) desembarca, na noite dêste dia, com um corpo de marinheiros. As milicias e muitos habitantes armados reunem-se a Grenfell, que assim consegue no dia seguinte restabelecer a ordem e desarmar os soldados dos 3 regimentos de infantaria de linha, e de cavallaria e artilharia.

1829.— Chega ao Rio de Janeiro a divisão naval commandada pelo capitão de mar e guerra João Carlos Pedro Pritz, composta das fragatas *Imperatriz* (Pritz) e *Isabel* (capitão de mar e guerra James Norton) e da corveta *Maria Isabel* (capitão de mar e guerra John Pascoe Grenfell). Esta última entrou na vespera. A bordo da primeira fragata vinham a segunda imperatriz do Brasil, d. Amelia de Leuchtemberg, e a rainha de Portugal, d. Maria II (veja o dia seguinte).

1866.— O tenente-coronel Tiburcio de Sousa, á frente de uma ala do 16º de infantaria, derrota um destacamento paraguaio que estava emboscado perto de Vuelta de Angostura, no Chaco.

17 DE OUTUBRO

1704.— Desde o dia 1º de Septembro os Hispanhóes de Buenos-Aires bloqueavam a nossa praça da Colonia do Sacramento, defendida pelo general Sebastião da Veiga Cabral. Neste dia apresentou-se deante della o exército inimigo, commandado por Balthasar Garcia Ros. Compunha-se de 2.000 homens de linha ou de milicias, de Buenos-Aires, Sancta-Fé, Corrientes e Cordova, e 4.000 Guaranís, das Missões. Ros mandou uma intimação para que a praça se rendesse dentro de 24 horas, sem o que seria levada de assalto e não se daria quartel. Veiga Cabral respondeu que estava prompto para receber o assalto e esperava que o não demorassem. Uma fôrça inimiga adeantou-se para reconhecer as baterias, e retirou-se, apenas estas abriram fogo. A guarnição compunha-se de 600 homens do Rio de Janeiro e da Bahia. Este foi o segundo assédio soffrido pela Colonia, e terminou a 15 de Março do anno seguinte.

1710.— O governador de Pernambuco, Sebastião de Castro Caldas, é ferido por um tiro disparado de uma casa da rua de Sancto-Antonio, no Recife (veja 7 de Novembro).

1801.— Combate de cavallaria perto do Passo da Perdiz (Jaguarão), em que o capitão Antonio Xavier de Azambuja, tendo sob o seu commando o capitão Antonio Rodrigues Barbosa, derrota uma partida hispanhola de 160 homens. Do inimigo ficaram mortos 52 e prisioneiros 82, entrando no número dêstes 31 feridos. A partida brasileira compunha-se de 200 homens.

1822.— Pequeno combate de cavallaria juncto ao engenho Conceição (arredores da Bahia), em que o alferes Manuel Alves do Nascimento repelle um esquadrão portuguez.

1823.— O capitão-tenente Grenfell (veja 15 e 16 de Outubro), depois de aprisionar e desarmar os soldados e paizanos que practicaram roubos e assassinatos em Belém do Pará, manda fuzilar 5 dêsses bandidos, (2 sargentos, 2 soldados e 1 paizano). O conego Gonçalves Campos, considerado instigador do levante da tropa, no dia 15 esteve a poncto de ser executado tambem. Grenfell o remetteu preso para o Rio de Janeiro. A Juncta de Govêrno dissolveu no mesmo dia os corpos de linha (3 regimentos de infantaria, 1 corpo de cavallaria e outro de artilharia), organizou com os soldados que não haviam tomado parte nas desordens o regimento imperial, e reforçou os corpos de milicias com muitos cidadãos armados, que se apresentaram voluntariamente.

1824.— Na noite deste dia começa na cidade de Fortaleza a contra-revolução, dirigida pelo presidente interino Azevedo e Sá.

1829.— Decreto imperial, creando a Ordem da Rosa. Celebra-se neste dia na Capella Imperial o casamento do imperador d. Pedro I com a princeza d. Amelia, filha do duque de Leuchtemberg, (principe Eugenio de Beauharnais).

1868.— Reconhecimento da linha de Pikisirí, pelo coronel Fernando Machado de Sousa.

1869.— Fallecimento de Theophilo Benedicto Ottoni, nascido no Serro (Minas-Geraes) a 27 de Novembro de 1807. Democrata e luctador politico desde a sua mocidade, Theophilo Ottoni foi durante alguns annos o mais popular dos chefes do partido liberal. Estreou-se como jornalista e figurou com brilho na assembléa legislativa de Minas-Geraes (1835-1840), na Camara dos Deputados (1838-1841, 1844-1848, 1860-1864), e no Senado (1864-1869). Foi um dos chefes da revolução liberal de 1842 em Minas-Geraes.

18 DE OUTUBRO

1517.— Nascimento de Manuel da Nobrega em Portugal.

1570.— Fallece, no Collegio dos Jesuitas do Rio de Janeiro, o padre Manuel da Nobrega, que, como Anchieta, mereceu o titulo de «Apostolo do Brasil». Vivia no Brasil desde 29 de Março de 1549, e foi o primeiro superior e provincial dos Jesuitas na America. Falleceu no dia em que completava 53 annos.

1629.— Mathias de Albuquerque chega ao Recife, e começa os preparativos de defesa da capitania de Pernambuco, feudo de Duarte de Albuquerque, seu ermão. Governou-a, e commandou as nossas tropas em operações contra os Hollandezes até 30 de Novembro de 1635.

1776.— Nascimento de João Alves Carneiro no Rio de Janeiro. Foi o cirurgião mais popular do seu tempo na nossa capital e o principal fundador da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, depois Academia de Medicina. Falleceu no dia 18 de Novembro de 1837.

1798.— Fallece em Caasembe, sôbre o lago Moero, o dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, então governador do rio de Sena, na capitania de Moçambique. Lacerda partira no dia 3 de Julho dêsse anno para explorar uma via de communicação entre Moçambique e Angola. Anteriormente, tinha feito explorações no interior do Brasil, em Mato-Grosso e S. Paulo. Era de familia paulista, mas não se sabe onde nasceu, si em S. Paulo, Bahia ou Pará.

1872.— As escunas *Bella Maria* (commandante Parker), *Paula* (Read) e *Rio* (Camacho) capturam na entrada do ancoradouro dos Pozos, em Buenos-Aires, o brigue sardo *Asunta*, que tentava forçar o bloqueio. Essas escunas e o brigue *Maranhão* (Anderson) sustentam das 10 ás 12 um pequeno combate de artilharia contra as escunas argentinas *Sarandí*, (almirante Brown), *Juncal* e *Presidente* (Corsario), que se approximaram tentando salvar o brigue apresado.

1860.— Fallecimento do poeta Casimiro de Abreu, perto da barra de S. João, onde nascera no dia 4 de Janeiro de 1837.

1869.— O coronel João Nunes da Silva Tavares (depois brigadeiro honorario e barão de Itaquí) desaloja do Passo Acapitigó os Paraguaios (veja o dia seguinte).

19 DE OUTUBRO

1632.— Escaramuças em Tacaruna (arredores do Recife) com uma emboscada dos Hollandezes, primeira que faziam. Foi ferido neste recontro o capitão Estevam de Tavora.

1739.—E' queimado nas fogueiras da Inquisição, em Lisbôa, o célebre poeta comico Antonio José da Silva, nascido na cidade do Rio de Janeiro a 8 de Maio de 1705. Na mesma occasião soffreram egual supplicio sua mãe, Lourença Coutinho, e sua mulher, Leonor Maria de Carvalho.

1763.—O conde da Cunha (d. Antonio Alvares da Cunha) toma posse do cargo de vice-rei do Brasil, no Rio de Janeiro, e exerce-o até 17 de Novembro de 1767. Este vice-rei creou no Rio de Janeiro o Arsenal de Marinha e o trem de artilharia, depois Arsenal de Guerra, melhorou as fortalezas, fundou o Hospital dos Lazaros e conseguiu a expulsão das tropas hispanholas que occupavam a margem septentrional do Ro Grande do Sul. Foi com a sua protecção que o padre Ventura abriu a Casa da Opera, primeiro theatro que teve o Rio de Janeiro (veja 12 de Outubro de 1813).

1816.—*Combate do Ibiraocahí* (affluente do Ibicuhí), ganho pelo general João de Deus Menna Barreto, depois visconde de S. Gabriel, sôbre o coronel José Antonio Berdún. Este chefe, um dos de mais reputação no exército do general Artigas, commandava 800 Entre-rianos, 300 de infantaria e 500 de cavallaria. Menna Barreto, destacado pelo general Curado, a cujo exército pertencia, tinha ás suas ordens 510 homens, sendo 320 de cavallaria miliciana e voluntarios do Rio Grande do Sul (tenente-coronel Antonio Pinto da Fontoura e major Francisco Barreto Pereira Pinto), 150 granadeiros de Sancta-Catharina (major Camillo Machado Bittencourt) e 40 artilheiros de S. Paulo e de Sancta-Catharina (tenente Bento José de Moraes e alferes Rego Capistrano). A nossa perda foi apenas de 24 mortos e feridos; e a do inimigo, 262 mortos e prisioneiros. O general Menna Barreto recebeu um ferimento leve.

1818.—O conde da Figueira, d. José de Castello-Branco Corrêia e Cunha Vasconcellos e Sousa, toma posse do cargo de governador e capitão-general da capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Succedeu ao marquez de Alegrete e governou até 22 de Septembro de 1820. O conde da Figueira repelliu victoriosamente a segunda invasão de Andrés Artigas no districto de Missões (1819) e a última invasão do dictador José Artigas. Alcançou então a victoria decisiva de Taquarembó (22 de Janeiro de 1820), que pôz termo ao dominio dêste caudilho na Banda Oriental do Uruguai. Nasceu em Salvaterra de Magos a 5 de Fevereiro de 1788, e falleceu em Lisbôa a 16 de Março de 1872.

1854.—Depois de muitos annos de silencio, frei Francisco de Montalverne, a pedido do imperador d. Pedro II, reapparece, já cégo,, no pulpito da Capella Imperial, e produz

neste dia o seu célebre panegyrico de S. Pedro de Alcantara. Araujo Porto-Alegre descreveu com eloquencia a profunda impressão que causou este acontecimento.

1869.— O coronel João Nunes da Silva Tavares (depois general e barão de Itaquí), commandando a vanguarda do general Camara (visconde de Pelotas), derrota no Passo Maranjaí parte da divisão do coronel Canhete. Logo depois, o general Camara segue ao encontro dêste coronel, que commandava 900 homens, e desbarata-o completamente no Passo Itapitanguá. Os Paraguaios perderam 2 canhões, 3 bandeiras, 80 mortos e 195 prisioneiros. Tivemos apenas 4 mortos e 27 feridos.

20 DE OUTUBRO

1633.— Data provavel do incendio da povoação de Nossa Senhora da Conceição da Alagôa do Sul, hoje cidade de Alagôas, pelos Hollandezes. Tentaram estes depois destruir tambem a villa de Sancta-Luzia da Alagôa do Norte, mas foram repellidos pelo capitão Antonio Lopes Filgueiras, que nesse combate perdeu a vida.

1822.— Declaração dos deputados Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva e José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada, escripta em Falmouth, expondo os motivos que os obrigaram a abandonar as Côrtes Constituintes de Lisbôa e a retirar-se da capital portugueza (veja «Historia da Independencia» de Porto-Seguro, pags. 529-530). Teixeira de Mello dá, erradamente, a data de 22 de Novembro de 1822.

1823.— Neste dia o capitão-tenente Grenfell remetteu para bordo do brigue *Diligente*, depois *Palhaço*, fundeado deante do Pará, 256 soldados e paizanos dos que figuraram nos roubos e assassinatos dos dias 15 e 16. Grenfell, procedendo assim, cumpriu a requisição feita pela Juncta de Govêrno do Pará, no officio seguinte: «Illustrissimo Senhor.— As prisões da cadêia estão cheias com os scelerados dos dias 15 e 16 do corrente; e, além de não caberem mais, exigem um grande número de milicianos para os guardar; as outras prisões são fracas e cedem á fôrça: portanto, lembra-se a Juncta Provisoria que o brigue *Diligente* sirva de presiganga, para onde se passem os presos que, com uma pequeaa guarda, se podem conter, ficando aquelle navio entre os de guerra.— Deus Guarde a Vossa Senhoria.— Pará, no Palacio Imperial, 18 de Outubro de 1823.— Illustre Senhor Jonn Pascoe Grenfell (assignados os membros da Juncta: Geraldo José de Abreu, presidente; José Ribeiro Guimarães, secretario; João Henriques de Mattos e Felix Antonio Clemente Malcher»).— Os

presos foram postos no porão do *Diligente* e confiados á guarda de um destacamento de marinheiros, sob o commando do segundo-tenente Joaquim Lucio de Araujo. A' noite, devorados de sêde, tentaram subir para o convés; o tenente Lucio de Araujo os repelliu e mandou fechar as escotilhas. No dia seguinte, sendo estas abertas, verificou-se que tinham perecido 254 presos; apenas 4 respiravam, e dêstes só 1 poude ser salvo. Em officio de 23 de Outubro, dizia a Juncta ao ministro do Imperio, José Bonifacio: «... De noite amotinaram-se, quizeram forçar as escotilhas, o que obrigou a guarnição a dar-lhes uma descarga, em que, com o mais extraordinario phrenesí, lançando-se uns contra os outros, se esganaram e afogaram, escapando sómente 4, como consta do auto de corpo-de-delicto e da devassa a que por semelhante respeito se procedeu. A tropa restante continúa a estar desarmada, nem podemos por ora ter confiança nella; o serviço da praça é feito por milicias e as rondas nocturnas por cidadãos armados. O capitão-tenente Grenfell, commandante do brigue *Maranhão,* tem, com a fôrça de mar, contribuido muito para a segurança e defesa da cidade, e podemos affirmar que, sem a sua cooperação, esta cidade estaria reduzida a um montão de ruinas. Tão relevantes serviços tem a Juncta Provisoria a honra de rogar a Vossa Excellencia seja servido levar ao conhecimento de Sua Magestade».—Ao capitão-tenente Grenfell nenhuma responsabilidade podia caber pela desgraça occorrida a bordo do *Diligente*; entretanto, quando chegou ao Rio de Janeiro, conduzindo a fragata *Imperatriz,* foi submettido a conselho de guerra. Só depois de absolvido em última instancia (19 de Abril de 1826), foi Grenfell promovido a capitão de fragata (8 de Maio) pelos distinctos serviços prestados na guerra da Independencia. Mezes depois, perdia um braço, batendo-se pelo Brasil no Rio da Prata (30 de Julho de 1826), e por serviços posteriores conquistava um dos maiores nomes da nossa Historia naval.

1836.—Eduardo Angelim, caudilho da insurreição paraense, seus ermãos e outros chefes, são aprisionados juncto á lagôa do Porto-Real, nas cabeceiras do rio Capim, pelo capitão Joaquim Francisco de Mello (veja 17 e 23 de Agosto de 1835 e 19 de Julho de 1880).

1839.—Garibaldi, commandante da esquadrilha dos revolucionarios riograndenses, sae da Laguna com 2 escunas e 1 palhabote, para fazer prêsas nas costas de S. Paulo (veja 25 de Outubro, 2, 3 e 15 de Novembro).

1851.—Carneiro Leão (depois visconde e marquez de Paraná) é nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em missão especial juncto aos governos dos Estados

Oriental do Uruguái e de Entre-Rios e Corrientes. No dia 31 de Outubro chega a Montevidéo, e a 21 de Novembro assigna o tractado de alliança entre o Brasil e esses Estados, para a expulsão do dictador argentino Rosas.

1859.— O imperador d. Pedro II e a imperatriz visitam a cochoeira de Paulo-Affonso.

1864.— Accôrdo secreto de Sancta-Lucia entre o almirante Tamandaré e o general Venancio Flores, chefe da revolução oriental.

21 DE OUTUBRO

1531.— A esquadrilha de Martim Affonso de Sousa, em viagem para o Rio da Prata, soffre um temporal. A capitanea e um bergantim dão á costa juncto ao Chuí, salvando-se a nado o capitão-mór e as guarnições, menos 7 homens.

1630.— Os capitães Luiz Barbalho, Antonio de Madureira e Antonio de Araujo derrotam juncto ao Beberibe um corpo de Hollandezes.

1633.— Um destacamento hollandez, commandado pelo tenente-coronel Byma (170 homens), é atacado e perseguido pelo capitão Luiz Barbalho, desde o Muribeca, até ás vizinhanças do forte de Afogados, e ahi investido, ao anoitecer, por outro corpo, sob a direcção do major Pedro Corrêia da Gama. Os Hollandezes refugiaram-se na casa de Mingaia, e á noite conseguem passar-se para o forte, tendo perdido 89 homens.

1783.— Chega a Belém do Pará o naturalista dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, e logo depois dá começo á exploração scientifica de que fôra incumbido.

1822.— Pequeno combate juncto ao engenho Conceição (arredores da Bahia), em que o capitão Pedro Ribeiro repelle um destacamento portuguez. No dia seguinte voltaram os Portuguezes e incendiaram o engenho.

1823.— A praça de Montevidéo estava occupada pelas tropas portuguezas do general Lecór (então barão e logo depois visconde da Laguna). No dia 11 de Outubro chegou da Colonia do Sacramento uma divisão naval brasileira, que deu começo ao bloqueio do porto. Era commandada pelo capitão de mar e guerra Pedro Antonio Nunes, depois chefe de divisão, e compunha-se dos navios seguintes: corveta *Liberal*, navio chefe (22 boccas de fogo), commandante Antonio Salema Garção; brigues *Cacique* (18, commandante Antonio Joaquim do Couto), *Guaraní* (16, commandante James Nicholl) e *Real Pedro* (14, commandante Francisco Bibiano de Castro); escunas *Leopoldina* (12, commandante Francisco da Silva Lobão) e *6 de Fe-*

vereiro (1 peça, commandante Francisco de Paula Osorio). Total: 6 navios, montando 83 peças e caronadas. Na manhã de 21 saïram do porto, com o fim de atacar a divisão brasileira e obriga-la a levantar o bloqueio, os seguintes navios portuguezes: corvetas *Conde dos Arcos* (26 boccas de fogo, commandante José Maria de Sousa Soares, ao mesmo tempo chefe dessa divisão naval) e *Restauradora*, chamada antes *General Lecór* (16, commandante João Caetano de Bulhões Leotte), brigue *Fausto*, depois *Liguri* e primitivamente *Liguria* (16, commandante Procopio Lourenço de Andrade) e escuna *Maria Teresa* (14, commandante Pedro Antonio da Silva). Ao todo: 4 navios e 72 peças e caronadas. O combate durou até ás 4 da tarde, hora em que os navios portuguezes, virando no bordo de terra, fizeram fôrça de véla, seguidos de perto por 4 dos navios brasileiros. Quasi todos soffreram avarias importantes, e o *Fausto* foi obrigado a encalhar perto da cidade, para não ir a pique. Os Portuguezes tiveram alguns mortos e feridos: entre os primeiros, 1 official; e, entre os segundos, 1 piloto e 1 escrivão. Na divisão brasileira houve apenas 2 feridos a bordo do *Guaraní* (Livro de quarto dêsse brigue) e avarias de certa importancia na *Liberal* e nas duas escunas. 3 dias depois, o general d. Alvaro da Costa enviava propostas ao general brasileiro para a evacuação da praça, e no dia 18 de Novembro ficava ajustada a convenção entre os 2 generaes.

1827.— Naufragam na bahia de S. Braz (Patagonia) a corveta *Maceió*, commandada pelo capitão de fragata Guilherme Eyre. e o brigue *Independencia ou Morte*, de que era commandante o capitão-tenente Francis Clare. Dessa expedição, enviada pelo almirante barão do Rio da Prata, para destruir ou tomar o corsario *Gaviota*, antes *Condessa da Ponte*, apenas escapou o brigue *Caboclo*, commandado pelo primeiro-tenente James Inglis, que conduziu para Montevidéo uns 99 homens da guarnição do *Independencia ou Morte*, inclusive o commandante Clare, e 22 da *Maceió*. Morreram afogados uns 40, e salvaram-se, chegando á praia ou a bordo do *Gaviota*, 83, que assim ficaram prisioneiros. Nesse número estavam o capitão de fragata Eyre e alguns outros officiaes.

1838.— Installação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Na sala das sessões da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional reuniram-se os primeiros intellectuaes convidados para a fundação do Instituto e elegeram presidente o visconde de S. Leopoldo e secretarios o conego Januario da Cunha Barbosa e o dr. Emilio Maia. Foi designada tambem a commissão de estatutos. A 25 de Novembro foram estes apresentados e acceitos, e no dia 1° de Dezembro celebrou o Instituto a sua primeira sessão ordinaria.

1867.— *Combate de Tatajibá, ganho pelo general Victorino Monteiro (depois barão de S. Borja) sôbre o general Bernardino Caballero.*— O marechal Caxias tinha collocado as 4 divisões de cavallaria do 1° e 3° corpos juncto ao Arroio-Hondo e a S. Solano, occultando-as de modo a poderem surprehender e atacar a cavallaria paraguaia, que todos os dias saïa de Humaitá. Appareceu, com effeito, Caballero, com 1.700 homens, e ás 10 e 20 da manhã Caxias deu o signal de ataque. A divisão que primeiro chocou com os Paraguaios foi a 5ª, de Victorino Monteiro (1.500 homens), a quem coube a direcção geral do ataque; logo depois, a divisão do general Andrade Neves, barão do Triumpho (1.007 homens), atacou de flanco o inimigo, e este se poz em fuga precipitada, perseguido até perto das trincheiras de Humaitá. As divisões 1ª e 6ª (general João Manuel Menna Barreto e coronel Fernandes Lima) só puderam tomar parte na perseguição. Caballero perdeu 583 mortos e 178 prisioneiros, muitos dêstes feridos, e 2 estandartes. A nossa perda foi de 123 mortos e feridos, assim repartidos pelas divisões: Victorino Monteiro, 51; barão do Triumpho, 62; Menna Barreto, 9; Fernandes Lima, 1.

1888.— Sessão solenne, em que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro celébra o seu 50° anniversario.

1889.— Morre em Petropolis o visconde de Mauá, Irineu Evangelista de Sousa, por muitos annos banqueiro e industrial no Brasil e no Rio da Prata, e iniciador de muitos progressos no nosso paiz. Nascera no Arroio-Grande, do Jaguarão, a 28 de Dezembro de 1813.

22 DE OUTUBRO

1689.— Nascimento do 4° principe do Brasil, d. João, rei de Portugal, com o nome de d. João v desde 9 de Dezembro de 1706 até 31 de Julho de 1750: Foi durante o seu reinado que se extendeu a colonização do nosso interior até Mato-Grosso, que occupámos militarmente Sancta-Catharina e Rio Grande do Sul, e que foi assignado em Madrid o tratado de limites de 1750, annullado no seguinte reinado.

1822.— As canhoneiras portuguezas são repellidas, atacando a ilha da Maré e o porto de S. Braz. (Bahia). O primeiro poncto era defendido pelo capitão Antonio Dias de Oliveira e Andrade, e o segundo pelo capitão Pedro Ribeiro.

1835.— Bento Gonçalves da Silva entra na cidade do Rio Grande, com as fôrças revolucionarias. O presidente da provincia, Fernandes Braga, que embarcara na vespera, seguiu no dia 23 para o Rio de Janeiro.

1845.— Nota do ministro dos Negocios Extrangeiros, Limpo de Abreu (depois visconde de Abaeté), dirigida ao ministro britannico no Rio de Janeiro, protestando, em nome do Govêrno Imperial, contra a lei de 8 de Agosto dêsse anno (*bill* Aberdeen), que sujeitava os navios e subditos brasileiros, suspeitos de se empregarem no tráfico de Africanos, ao julgamento dos tribunaes inglezes.

1858.— Fallecimento do marechal do exército Antonio Elisiario de Miranda e Brito. Foi distincto official de engenheiros, fez as campanhas de 1827 e 1828 no Rio Grande do Sul contra os Argentinos e as de 1836 e 1839 na guerra civil da mesma provincia. De 1837 a 1839, foi presidente do Rio Grande do Sul e commandante em chefe das tropas imperiaes em operações.

23 DE OUTUBRO

1634.— O reducto da Barra do Cunhahú, defendido pelo capitão Alvaro Fragoso de Albuquerque, que apenas tinha 22 homens e 4 peças, é atacado por 228 Hollandezes e muitos Indios, sob o commando do coronel Arciszewski. O primeiro assalto, dado antes de romper o dia, foi repellido; no segundo ganharam os inimigos a posição, depois de energica resistencia, em que ficaram mortos 11 dos nossos e feridos outros, entre os quaes o capitão.

1688.— Levante dos soldados dos 2 terços de infantaria da cidade da Bahia, exigindo o pagamento dos soldos atrazados. Só voltaram para os quartéis depois de pagos e com a segurança, dada por escripto, de que ficavam perdoados.

1815.— Nascimento de João Mauricio Wanderley, depois barão de Cotegipe. Nasceu na villa da Barra do Rio Grande, juncto ao S. Francisco, e falleceu na cidade do Rio de Janeiro a 13 de Fevereiro de 1889 (veja esta data).

1846.— Fallecimento do conselheiro Manuel do Nascimento Castro e Silva, ministro da Fazenda desde 14 de Janeiro de 1835 até 16 de Maio de 1841 e senador desde 1841.

1875.— Fallecimento do conselheiro monsenhor Francisco Muniz Tavares, em Parnamirim, arredores da cidade do Recife. Na mesma cidade nascera a 16 de Fevereiro de 1793. Em 1817 tomou parte na revolução pernambucana, cuja historia escreveu muitos annos depois; foi contrário á revolução de 1824; representou importante papel nas Côrtes Constituintes da nação portugueza em 1822, na Assembléa Constituinte Brasileira em 1823 e na Camara dos Deputados. De 1847 em deante abandonou de todo a vida politica. Em 1862, promoveu a fundação do Instituto Archeologico Pernambucano.

24 DE OUTUBRO

1629.— O capitão Pedro Teixeira, que assediava com fôrças do Pará o forte inglez de Tauregi, pelos nossos chamado «Torrego», derrota um corpo inimigo, que vinha em soccôrro dos sitiados. O assédio começara no dia 24 de Septembro, em que Teixeira ahi desembarcou, vencendo a opposição do inimigo. Duas sortidas foram repellidas, e, vencido o soccôrro que esperava, rendeu-se no mesmo dia o commandante do forte, James Pursell, com 80 soldados e alguns Indios. Arrasada a forticação, seguiu Teixeira para a aldêia de Mariocaï, depois villa de Gurupá (veja 26 de Outubro). A guarnição ingleza foi conduzida para o Pará e seu chefe remettido para Lisbôa. O forte de Tauregi ficava na margem esquerda do Amazonas, juncto ao rio hoje chamado Toheré. Cumpre não confundir este James Pursell com Philip Pursell, morto em combate na ilha de Tucujús (veja 23 e 24 de Maio de 1625).

1636.— Martim Soares Moreno derrota, juncto ao rio Formoso, um corpo de Hollandezes.

1646.— Parte do Recife para S. Francisco o almirante hollandez Lichthardt, conduzindo o coronel Hinderson e tropas de desembarque. Os nossos incendeiam o forte e povoação do Penedo, e retiram-se para a margem direita, onde os vêm reforçar algumas tropas da Bahia, sob o commando do mestre-de-campo Francisco Rebello, que a 15 de Dezembro ganha a victoria de Urambú (veja esta data).

1823.— O general Alvaro da Costa, commandante da guarnição portugueza de Montevidéo, não tendo conseguido repellir no dia 21 a divisão naval brasileira que bloqueava o porto, abre negociações com o general barão da Laguna (Lecór, depois visconde da Laguna) para a capitulação da praça (veja 18 de Novembro).

1838.— Morre no Rio de Janeiro o brigadeiro Manuel Ferreira de Araujo Guimarães, nascido na Bahia a 5 de Março de 1777. Redigiu na capital do Brasil a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1813-1821), *O Espelho* (1821-1823) e o *Patriota* (1813-1814), primeira revista publicada no Brasil; foi lente da Academia de Marinha e deputado á Constituinte de 1823.

1857.— O collegio D. Pedro II, fundado pelo ministro Bernardo de Vasconcellos 20 annos antes, é dividido em internato e externato, formando 2 estabelecimentos distinctos.

1877.— Fallece em Porto-Alegre o marechal de campo barão de S. Borja, Victorino José Carneiro Monteiro, nascido

no Recife em 1816. Fez as campanhas: de 1823 e 1833, em Pernambuco, sendo gravemente ferido; de 1837 a 1845, no Rio Grande do Sul, em que recebeu segundo ferimento (Inhatium, 13 de Junho de 1841); de 1864 a 1865, no Estado Oriental do Uruguái, commandando uma brigada; e de 1865 a 1870, contra o dictador do Paraguai, dirigindo uma divisão até 1868 e dahi em deante um corpo de exército. Nas campanhas do Paraguái, teve parte distincta em muitas batalhas, foi gravemente ferido no ataque de Sauce (18 de Julho de 1866) e alcançou as victorias de Tatajibá (21 de Outubro de 1867) e de Caguijurú (18 de Agosto de 1869).

25 DE OUTUBRO

1801.— A divisão do coronel Manuel Marques de Sousa (depois general, 1° dêste nome) atravessa o Jaguarão, para ir atacar o forte hispanhol do Serro-Largo (veja 30 de Outubro).

1824.— O coronel Felisberto Gomes Caldeira, governador das armas da Bahia, é assassinado em sua casa por um destacamento do 3° batalhão de caçadores dessa provincia, commandado por 2 alferes. Caldeira, vendo a sua casa cercada, apresentou-se á janella, e contra elle foi disparada uma descarga aos gritos de «Morra Felisberto». Os assassinos arrombaram então duas portas da casa, e invadindo-a, encontraram banhado em sangue, mas de pé, o governador das armas. O alferes Jacintho Soares de Mello intimou-lhe ordem de prisão, e Caldeira, «sem se alterar, respondeu-lhe que não duvidava ir preso, contanto que lhe désse palavra de honra de o livrar de todo e qualquer insulto, que os soldados lhe pudessem fazer; o alferes Jacintho isso prometteu, porém a palavra de honra militar, este penhor de tamanho peso entre os que sabem presa-lo, foi vilmente trahida», diz o chronista Accioli. Quando o coronel chegava ao patamar da escada, foi insultado pelo alferes José Pio de Aguiar Gurgel, e, por ordem dêste e do outro alferes, os soldados acabaram de mata-lo. «Para maior vergonha (continúa Accioli), os sicarios e assassinos... soltaram no quartel do batalhão 3° foguetes do ar, ao passar pelo seu portão o isolado cadaver...» Os batalhões 1° e 2° de caçadores (Leite Pacheco e Argollo) e o batalhão de Minas-Geraes, não tomaram parte na anarchia militar, que se seguiu a este vergonhoso acontecimento. Os corpos de milicia da capital, do Reconcavo e da ilha Itaparica, reuniram-se para apoiar o presidente Francisco Vicente Vianna; e o coronel Antero José Ferreira de Brito, chegado de Pernambuco, assumiu o commando da tropa de linha, que se conservava fiel

ao dever militar. Afinal foi embarcado o 3° de caçadores e dissolvido por decreto de 16 de Novembro, sendo nomeada uma commissão militar, que julgou os réus do covarde assassinato. Por sentença dessa commissão, foram executados 1 major e 1 alferes (15 de Janeiro e 22 de Março de 1825), tendo-se evadido vários officiaes inferiores e soldados, compromettidos no levante. Cumpre notar que o coronel Felisberto Gomes Caldeira foi victima da indisciplina que fomentara nos corpos de linha. Em 1823, deante do inimigo, tramou a deposição do general em chefe Labatut, e, quando este já se achava preso, acconselhou o seu fuzilamento, dizendo que « os generaes não se prendiam, mas sim matavam-se ». Em Julho do mesmo anno de 1823, já libertada a cidade da Bahia, promoveu uma manifestação dos commandantes e officiaes contra a posse do general Moraes, nomeado governador das armas, e logo depois, em guerra aberta com o coronel José Joaquim de Lima e Silva, obrigou este chefe a renunciar ao commando das armas, para evitar um conflicto entre as tropas da guarnição. Afinal alcançou a posição que ambicionava, e na qual acabou tão tragicamente.

1834.—A expedição que subia o Acará, desaloja os insurgentes emboscados em Guaiabal sob o commando de Francisco Vinagre. Compunha-se do brigue *Cacique*, escuna *Bella Maria* e 3 lanchões artilhados, sob o commando do capitão de fragata James Inglis, e de perto de 300 homens commandados pelo coronel Manuel Sebastião Marinho Falcão. O coronel foi morto neste combate (veja 27 e 28 de Outubro).

1839.—A corveta *Regeneração*, commandante Joaquim Leal Ferreira, avista deante de Cananéa os 3 navios com que Garibaldi saïra da Laguna no dia 20, e persegue-os, sem poder alcança-los, neste e no dia seguinte.

1843.—O tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu (barão de Jacuhí) á frente de 1 esquadrão de cavallaria da Guarda-Nacional e de 250 caçadores, commandados por Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, derrota em Cangussú 400 insurgentes, dirigidos pelos generaes Bento Gonçalves e Netto. Ficaram em poder dos vencedores a cavalhada do inimigo, 1 estandarte e muitas armas.

1844.—O tenente-coronel Antonio Fernandes Lima, da Guarda-Nacional, derrota no Quaró um corpo de insurgentes do Rio Grande do Sul, commandados por Bernardino Pinto,

1864.—O almirante Tamandaré declara bloqueados os portos de Paisandú e Salto.

1868.—No Chaco, perto da Vuelta de Angustura, o alferes Frazão Gomes de Carvalho, accompanhado de 2 orde-

nanças, é atacado por 2 officiaes paraguaios, com os quaes se bate, ficando estes mortos.

1869.— O major Francisco Antonio Martins, da Guarda-Nacional, derrota no Passo-Itá, do Ipané, um destacamento paraguaio.

1883.— E' assassinado deante da Repartição da Policia, no Rio de Janeiro, por um grande grupo de homens armados, o redactor do *Corsario*, Apulchro de Castro, natural da Bahia.

26 DE OUTUBRO

1614.— Chega a Guaxenduba, na bahia de S. José, a expedição que sob o commando de Jeronymo de Albuquerque ia combater os Francezes, estabelecidos na ilha do Maranhão. O logar de Guaxenduba, perto da foz e margem direita do Munim, é designado hoje pelo nome de Villa-Velha, porque ahi esteve a villa de Aguas-Boas. Em Guaxenduba assentou Albuquerque o seu arraial ou campo fortificado, e ganhou a victoria de 19 de Novembro dêsse mesmo anno.

1629.— Chegava o capitão Pedro Teixeira com as tropas, que 2 dias antes haviam rendido o forte de Tauregi, e com os prisioneiros inglezes, á aldêia de Mariocaí (10 annos depois villa de Gurupá), quando o capitão Nort, que trazia reforços para o inimigo em 2 navios maiores, 1 patacho e 2 ou 3 lanchas, tentou um desembarque. Repellido este ataque, foram os Inglezes fundar o forte de Cumaú, na ponta de Macapá, só conquistado pelos nossos a 9 de Julho de 1632.

1821.— Eleição da Juncta Provisoria do Govêrno de Pernambuco, de que foi presidente Gervasio Pires Ferreira. Fez-se essa eleição em virtude da convenção do Beberibe, de 5 de Outubro. No mesmo dia embarcaram para Lisbôa as tropas portuguezas e o illustre general Luiz do Rego Barreto, até então governador. Com elle seguiu viagem o joven Rodrigo da Fonseca Magalhães, depois célebre na historia politica de Portugal.

1827.— *Combate entre o brigue-transporte «Ururáo» (2 peças, 4 caronadas e 49 homens), commandado pelo piloto Manuel João, e o corsario argentino escuna «Presidente» (8 peças e 70 Inglezes e Americanos, commandante Thomas Allen)*.— O *Ururáo* navegava para Montevidéo, e com elle ia de conserva a galera *Santista* (equipagem, 16 homens). A's 4 da tarde começou o combate, na altura do cabo de Sancta-Maria, e durou 1 hora e 40 minutos, na distancia de tiro de pistola, sendo afinal tomado por abordagem o transporte bra-

sileiro. Teve este 24 mortos e feridos; e o corsario, 8. O commandante e o immediato do *Ururáo* ficaram mortos; e o commandante do *Presidente*, ferido. Sôbre o intrepido piloto Manuel João lê-se o seguinte na relação do combate, escripta pelos vencedores: «The captain, a Brazilian, killed by the boarders, was a very brave man». Tomado o brigue, foi capturada a galera, e o *Presidente* seguiu com as 2 prêsas para o Salado. Ahi foram esses navios atacados e incendiados pelos Brasileiros, escapando apenas o corsario (veja 17 de Novembro). O *Ururáo*, que não era navio de combate, tinha por duas vezes pelejado victoriosamente com corsarios argentinos (veja 15 de Dezembro de 1826 e 29 de Maio de 1827).

1868.— Uma ala do 24° de voluntarios (tenente-coronel Diodoro da Fonseca) e outra do 16° de linha (tenente-coronel Tiburcio de Sousa) derrotam os Paraguaios, emboscados juncto á Vuelta de Angostura, no Chaco. Segundo informações do general Tiburcio de Sousa, a quem recorrêmos, pela deficiencia dos documentos officiaes publicados, tiveram os Brasileiros nessa pequena acção 25 mortos e feridos, e os Paraguaios 28 mortos e prisioneiros.

1876.— Fallece em S. Paulo o conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, senador do Imperio. Este grande orador e distincto poeta nasceu em Bordeaux a 8 de Novembro de 1827. Era filho de Martim Francisco e neto de José Bonifacio.

27 DE OUTUBRO

1633.— *Combate, juncto á bahia Formosa, entre 2 navios portuguezes e 3 hollandezes.*— Francisco de Vasconcellos da Cunha commandava um dos navios portuguezes e Fernando da Silva e Miranda outro. Vinham de Portugal com um soccôrro de tropa e comboiavam 5 caravellas, que não tomaram parte na acção. O navio de Miranda, muito destroçado, encalhou e poude descarregar, porque Vasconcellos da Cunha, continuando a bater-se, afugentou o inimigo (veja 29 de Outubro).

1640.— A esquadra hollandeza (7 navios) do coronel Koen apresenta-se deante do porto da Victoria, no Espirito-Sancto. No mesmo dia Koen, com 2 patachos e 4 lanchas, ataca 2 navios carregados de assúcar e toma-os apesar do fogo de 2 baterias. No dia seguinte é repellido, com grande perda, no ataque da villa (veja 28 e 30 de Outubro e 13 de Novembro).

1645.— Decreto do rei d. João IV, elevando a principado o Estado do Brasil. Desde ahi até 9 de Janeiro de 1817, o her-

deiro presumptivo da corôa teve o titulo de principe do Brasil. De 16 de Dezembro de 1815 até á independencia, o Brasil foi reino, unido ao de Portugal e Algarves.

1735.— Provisão régia, auctorizando a fundação do Seminario de S. José, no Rio de Janeiro, requerida pelo bispo d. frei Antonio de Guadelupe.

1816.— *Combate de Carumbé, ou dos Serros de Sancta-Anna, ganho pelo brigadeiro Joaquim de Oliveira Alvares sôbre o general José Artigas, chefe da Confederação do Uruguai, formada das provincias Oriental, Entre-Rios e Corrientes.*— Oliveira Alvares, destacado pelo tenente-general Curado para reconhecer o acampamento de Artigas, tinha sob o seu commando 760 homens e 2 peças, estando assim composta a sua columna: 311 homens de infantaria da legião de S. Paulo (tenente-coronel Joaquim Mariano Galvão de Moura Lacerda), 409 de cavallaria do regimento de dragões (major Sebastião Barreto Pereira Pinto), do de milicias do Rio-Pardo (major Francisco Barreto Pereira Pinto), da legião de S. Paulo (capitães Antonio Simplicio da Silva e José da Silva Brandão) e de guerrilhas (capitães João Paes, Alexandre Luiz de Queiroz, João Machado e alferes Jacintho Guedes de Oliveira), e 40 de artilharia a cavallo da legião de S. Paulo(tenentes Bento José de Moraes e Antonio Soares de Gusmão). Esta pequena columna foi atacada por 1.600 homens, sendo 1.100 de cavallaria, dirigidos pelo coronel Andrés Latorre, e pelos commandantes Balthasar Ojeda, Domingos Ignacio Gatelli e Domingos Manduré, e 500 de infantaria, commandados pelo tenente-coronel Ramon Toribio Fernández. O inimigo foi completamente derrotado, perdendo 600 mortos e prisioneiros (dentre os primeiros, Ramon Fernández; entre os segundos, Gatelli, sobrinho de Artigas, e 3 outros officiaes), 2 estandartes, 7 caixas de guerra, grande número de armas e de cavallos. A nossa perda foi de 29 mortos e 55 feridos (84 homens fóra de combate). O general Artigas escapou, graças á velocidade do seu cavallo, e pernoitou em uma ilha do Arapehí, com 85 homens que o accompanharam, entre os quaes Latorres e o frade Monterroro, seu secretario. Este foi o unico combate que Artigas dirigiu em pessôa durante a guerra, só terminada em 1820.

1822.— O general Pedro Labatut, nomeado commandante em chefe do exército brasileiro na Bahia, chega á Feira de Capuama. No dia 29 muda o seu quartel-general para o Engenho-Novo.

1831.— Lei revogando as cartas régias de 5 de Novembro, 13 de Maio e 12 de Dezembro de 1808, que sujeitava á condição de servos, por espaço de 15 annos, os Indios aprisio-

nados em guerra nas provincias de S. Paulo e Minas. A lei, votada pela Assembléa Geral, libertou os que estavam em servidão, pôz termo á guerra que se fazia aos selvagens e collocou todos os Indios do Brasil sob a protecção dos juizes de orfams.

— Nesta data receberam o gráo de bacharel os primeiros estudantes que concluiram o curso de Direito na Faculdade de S. Paulo.

1832.— Levante do batalhão 10° de caçadores na cidade da Bahia, e á frente dêste levante estava o commandante do batalhão. « Muitos honrados officiaes (diz Accioli) lhe fizeram várias reflexões. Outros metteram a sua espada na bainha, declarando que o não accompanhavam... O sempre honrado batalhão 9°, sob o commando do então tenente-coronel Antonio Corrêia Seara, tornou-se credor dos maiores elogios.» O presidente da provincia, Honorato José de Barros Paim, e o commandante das armas, general Antero José Ferreira de Brito, tomaram logo energicas providencias, apoiando-se no batalhão 9° e nos guardas municipaes. O batalhão 10° foi obrigado a embarcar, desarmado, na fragata *Defensora*, e, no campo grande do forte de S. Pedro, o tenente-coronel Seara, recebido com descargas, dispersou uma reunião de desordeiros, aprisionando muitos, e entre elles alguns officiaes. Por acto da Regencia, de 26 de Novembro do mesmo anno, foi dissolvido o batalhão 10° de caçadores.

1834.— Durante a noite os insurgentes do Pará fazem fogo sôbre os navios do capitão de fragata Inglis, que subiam o Acará. Houve alguns mortos e feridos a bordo. O fogo dos navios afugentou em pouco tempo os insurgentes (veja 25 e 28 de Outubro).

1867.— O coronel Camillo Mercio Pereira, da Guarda-Nacional riograndense, derrota em Ibarra o commandante paraguaio Salinas. No mesmo dia, perto da villa do Pilar, o major argentino Ascuna foi derrotado pelo commandante paraguaio Rojas.

28 DE OUTUBRO

1630.— Os Hollandezes queimam a casa da Asseca (arredores do Recife), e na retirada são hostilizados pelo capitão de emboscadas Bartholomeu Favilla.

1637.— Parte de Cametá a expedição de Pedro Teixeira, « capitão-mór, por Sua Majestade, das entradas e descobrimentos de Quito e do rio das Amazonas ». Levava um regimento (instrucções) dado pelo rei. Devia fazer a exploração do rio Amazonas, descobrir uma communicação fluvial com

Quito e escolher o limite mais conveniente entre os dominios das duas corôas e o local para uma povoação na linha divisoria (veja 24 de Junho, 3 de Julho e 15 de Agosto de 1638, 16 de Agosto e 12 de Dezembro de 1639).

1640. — *Ataque feito pelos Hollandezes, sob o commando do coronel Koen, contra a villa, hoje cidade da Victoria, capital do Espirito-Sancto, defendida pelo capitão-mór João Dias Guedes.* — Distinguiram-se muito neste combate o capitão Domingos Cardoso e o voluntario Antonio do Couto e Almeida, nomeado depois capitão-mór. Na villa havia apenas 2 peças (Koen dizia que 5), 30 fuzileiros, 2 companhias de Indios armados de arcos e flechas, e homens do povo armados de piques e chuços. O coronel Koen atacou por differentes ponctos com 400 soldados, e foi repellido em 2 assaltos. Teve 60 mortos e 89 feridos. Entre os primeiros, o capitão Wolff; entre os segundos, o então major Hendrik van Haus (depois vencido em Tabocas, prisioneiro em Casa-Forte e morto na primeira batalha de Guararapes) e os capitães Tack e Bebetz. « Quasi todos os officiaes foram mortos ou feridos; os soldados fugiram vergonhosamente duas vezes », disse o coronel Koen. Depois de hora e meia de combate, desistiu do ataque (veja 30 de Outubro).

1645. — O capitão Gomes do Rego, soccorrido pelos capitães Jeronymo da Cunha do Amaral e Sebastião Ferreira, defende victoriosamente contra um assalto dos Hollandezes o posto fortificado da casa de Sebastião de Carvalho. Pela planta de Goliat vê-se que esta casa ficava na margem direita do Gequiá, no poncto em que confluem os 2 braços superiores dêsse rio, a meio kilometro da actual estrada da Victoria.

1678. — Morre em Setubal o primeiro visconde de Asseca, Martim Corrêia de Sá, natural do Rio de Janeiro, filho do general Salvador Corrêia de Sá e Benevides, tambem Fluminense. Distinguiu-se na guerra da independencia de Portugal.

1819. — *Combate do Arroio-Grande, ganho por Bento Manuel Ribeiro sôbre Fructuoso Rivera.* — Bento Manuel, destacado pelo general Curado, que então se achava no Rincón, commandava 600 homens de cavallaria do regimento de dragões, do de milicias do Rio-Pardo e da legião de S. Paulo. Rivera marchava com mais de 600 Orientaes, tambem de cavallaria, para hostilizar as guardas avançadas do acampamento brasileiro, quando encontrou Bento Manuel no Arroio-Grande, affluente da margem direita do rio Negro. A columna brasileira lançou-se á carga, e com o seu choque pronunciou-se logo a derrota na linha inimiga. Rivera teve 108 mortos e 96 prisioneiros, entrando no número dos primeiros 1 capitão

e 1 tenente, e no dos segundos 1 major, 7 capitães e 5 tenentes e alferes. A nossa perda foi apenas de 7 mortos e feridos. Um dos mortos foi o capitão José Cardoso de Sousa. Distinguiram-se, entre outros, nesse combate, o tenente Gabriel Gomes Lisbôa, que morreu gloriosamente na guerra civil do Rio Grande do Sul (veja 12 de Agosto de 1837) e o soldado Antonio Fernandes de Lima, notavel durante a mesma guerra civil e a guerra do Paraguái, commandando nesta última uma divisão de cavallaria.

1822.— O imperador d. Pedro I acceita a demissão pedida pelos membros do Ministerio, de que faziam parte José Bonifacio e Martim Francisco, e chama para o novo Gabinete homens extranhos aos dous partidos rivaes, que eram o de José Bonifacio e o de Lédo (veja 30 de Outubro).

1839.— O tenente-coronel José Fernandes dos Sanctos Pereira, protegido por alguns navios da esquadra, desembarca em Pinheira (Sancta-Catharina) e derrota um corpo de revolucionarios do Rio Grande do Sul, commandado por Joaquim Teixeira Nunes.

1841.— Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí) surprehende S. Gabriel, aprisiona o destacamento que defendia este logar e apodera-se do armamento que Fructuoso Rivera enviara aos revolucionarios riograndenses.

1856.— Fallece na Bahia o chefe de esquadra José Joaquim Raposo. Na guerra da Independencia, serviu durante o bloqueio da Bahia a bordo da náo *Pedro* I; nas campanhas navaes do Rio da Prata, de 1826 a 1828, distinguiu-se em vários combates, particularmente no de Monte-Sanctiago, commandando a corveta *Maceió*. Dirigiu o bombardeamento contra o forte do Mar, em Abril de 1833; fez parte da campanha do Pará, em 1835; commandou a esquadra imperial durante o ataque da cidade da Bahia, em Março de 1838; e foi o chefe das fôrças navaes em operações no Rio Grande do Sul, desde 25 de Março de 1844 até 7 de Janeiro de 1845.

1868.— O encouraçado *Cabral* e o monitor *Piauhí* bombardeiam as baterias de Angostura.

29 DE OUTUBRO

1633.— Entram na bahia Formosa 5 navios hollandezes, e, depois de prolongado combate, deixam destruido o navio de Vasconcellos da Cunha, que alli fundeara no dia 27.

1842.— O general Caxias parte do Rio de Janeiro para ir tomar o commando do exército em operações no Rio Grande do Sul (veja 9 de Novembro de 1842 e 1° de Março de 1845).

1867.— *Tomada das trincheiras de Potrero-Óbella pelo general João Manuel Menna Barreto* (a traducção «Potreiro-Ovelha» é errada, pois nesse caso seria em hispanhól «Oveja»).— Um batalhão paraguaio, commandado pelo capitão González, estava «fortemente entrincheirado atrás de trez ordens de fossos e parapeitos, em vantajosa posição, deante de uma estreita picada de mato virgem, com os dous flancos apoiados em banhados quasi invadeaveis e cobertos de abatizes». O general Menna Barreto dirigiu o ataque. Por ordem sua foi a posição accommettida de frente pelo coronel Salustiano dos Reis (depois general e barão de Camaquam), com os batalhões 2° e 7° de linha e 33° de voluntarios, e de flanco pelo 8°, 9° e 24° de voluntarios. Os Paraguaios perderam 87 mortos, sendo um delles o commandante González, e 56 prisioneiros. Da fôrça brasileira ficaram fóra de combate 395 homens (85 mortos e 310 feridos).

1869.— O coronel Fidelis Paes da Silva derrota em Abagiba o destacamento do capitão Rios, e em Sancto-Izidro de Curuguatí a columna do major Francisco Adorno. Os Paraguaios perderam nessas duas refregas 89 mortos (6 officiaes), 168 feridos e prisioneiros e 3 bandeiras.

30 DE OUTUBRO

1628.— A esquadra hollandeza do almirante Dirch Symonszon van Uytgeest ataca, na altura do cabo de Sancto-Agostinho, alguns navios portuguezes, 2 dos quaes, carregados de assúcar, páo-brasil e tabaco, são tomados depois do combate. No dia seguinte captura outros 2. Esta esquadra já havia estado em Abril na costa de Pernambuco, e ahi fizera 2 prêsas (Laet, liv. v).

1640.— O coronel hollandez Koen, repellido no dia 28 na Victoria, ataca neste dia a Villa-Velha do Espirito-Sancto. Os capitães Adão Velho e Gaspar Saraiva oppoem-se ao desembarque; mas, vendo que dos navios inimigos partiam grandes reforços, abandonam a villa (veja 2 de Novembro).

1647.— Fica terminada a bateria de Sancto-Antonio Novo, entre Sancto-Amaro e Bôa-Vista, na margem esquerda do Capiberibe. Essa obra foi construida por ordem de Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira. No dia 6 de Novembro desmascarou-se a fortificação e rompeu o fogo sôbre o forte Waerdenburgh ou Driehocch (Tres-Ponctas), Mauritzstadt e o Recife. «Logo que o inimigo derrubou o bosque que a cercava (diz Nieuhoff), nós descobrímos pelo fogo e pelo troar dos seus canhões, que começaram a fulminar sem descanso

a cidade e produziram consternação, que não poderia facilmente ser descripta, refugiando-se muita gente nas adegas, para evitar as balas inimigas. Eu assisti a espectaculos verdadeiramente tristes. Uma sobrinha do almirante Lichthardt, que estava de visita a uma sua amiga recemcasada, teve as duas pernas arrancadas por uma bala, que ao mesmo tempo matou a noiva... Fui testimunha desta desgraça. Pouco depois escapei de egual desastre, pois, enquanto conversava com alguns moradores, estando eu a rondar, dous delles foram mortos por uma bala e outro teve as duas mãos despedaçadas no momento em que accendia o cachimbo...» «Plusieurs maisons ont été rasées, force Hollandois tués et blessés, la fille même du defunt amiral Lichthardt, s'amusant à coudre dans un lieu bas de sa maison, y fut emportée...», referiu um fidalgo francez na *Gazette de France*, n. 41 (extraordinario) de 20 de Março de 1648. Segundo a mesma auctoridade, a bateria tinha 12 peças de bronze, tomadas, com 35 outras, aos Hollandezes. Este forte, tendo ficado quasi desguarnecido por occasião da primeira batalha dos Guararapes (19 de Abril de 1648), foi occupado pelos Hollandezes, que o melhoraram e lhe deram o nome de Althenar. Só a 19 de Janeiro de 1654 voltou ao nosso poder.

1762.— *Capitulação da praça da Colonia do Sacramento, bloqueada pelos Hispanhóes desde 6 de Junho de 1761, investida desde 1º de Outubro de 1762 e batida e bombardeada desde 5 do mesmo mez* (quarto e penultimo assédio da Colonia pelos Hispanhóes).— Era governador da praça o brigadeiro de infantaria Vicente da Silva da Fonseca, desde 17 de Fevereiro de 1760. A guarnição compunha-se de 700 homens, incluindo os habitantes armados. Uma mulher portugueza pelejou com distincção na trincheira (Funes, III, 99). Os sitiantes, commandados pelo general d. Pedro de Zeballós, eram 2.700 de tropa regular e de milicias e 1.200 Guaranís. Duas brechas tinham sido abertas em 7 e 16 de Outubro; no dia 28 o governador mandou propor capitulação. Foi esta concedida e assignada no dia 30, obtendo a guarnição as honras da guerra. O general hispanhól escreveu do seu punho: «Pela honrosa defensa que ha feito, se lhe concede saïr a embarcar-se pela porta do collegio, com suas armas, bandeiras largas, bala em bocca, mecha accesa e tambor batente, cada soldado com doze tiros de fuzil, cada granadeiro com uma granada, duas peças de campanha com doze tiros, porém nenhum morteiro, e isto tudo poderá executar até ao dia 2 de Novembro o mais tardar». Em uma relação contemporanea, lê-se o seguinte: «Solo resta finalizar este diario con la noticia de que el gobernador de la plaza, imediatamente

que la rindió, complimentó S. E., quien correspondió con esplendor y finesa; peró aquel caballero no se ha dejado ver, y el dia primero por la noche se embarcó, dejando contristados a quantos le han visto en el estado a que le ha reducido el sentimiento de perder la plaza y el cuidado con que ha vivido en todo el tiempo del sitio por ver la exorbitante fuerza con que el le atacaba... Lo cierto es que es hombre de mucho honor, y de valor y animo fuerte: y aunque en su defensa se ha notado falta de pericia militar, sin embargo no ha dejado de conocerse su merito». O auctor da «Breve Noticia da Colonia do Sacramento e seu último ataque» (mss. do Instituto) diz que, durante o ataque, o brigadeiro Fonseca se conservou sempre nas brechas, trabalhando como o último soldado e procurando a morte. Entretanto, accusado pelo conde de Bobadella e seus amigos de não haver prolongado a resistencia até á chegada de reforços, foi remettido preso para Lisbôa, e alli falleceu na prisão do Limoeiro em 1772. Porto-Seguro o cobre de baldões, dizendo que entregou a praça quando estavam apenas em começo as baterias inimigas e não havia brecha, — proposições todas inexactas.

1801. — *Capitulação do forte hispanhól de Serro-Largo, commandado pelo capitão José Bolanos.* — Havia no forte 4 peças e 590 homens. Na tarde de 29 foi cercado pelo coronel Manuel Marques de Sousa (depois general, 1° dêsse nome), que commandava 800 homens. Na manhã de 30 a nossa artilharia (4 peças) rompeu o fogo; ao cabo de meia hora, o inimigo propoz capitulação. Assignada no mesmo dia, saïu no seguinte a guarnição hispanhola, com a promessa de não servir contra Portugal durante essa guerra.

1822. — Attendendo ás representações que lhe foram dirigidas pelos procuradores geraes das provincias (menos Lédo), por milhares de cidadãos do Rio de Janeiro e por vários commandantes e officiaes dos corpos da guarnição, o imperador reintegrou nos cargos de ministros do Imperio e da Justiça o conselheiro José Bonifacio e Martim Francisco, cujas demissões havia acceitado no dia 28 (veja esta data). Lédo, então chefe do partido liberal fluminense, occultou-se em S. Gonçalo. Sua vida correu perigo nos dias 29 e 30. Capangas armados proferiram gritos de morte contra elle, e um conego Thomaz José de Aquino, não duvidou declarar na devassa, a que se procedeu, que «elle testimunha (28 de Outubro), pondo-se de pé, e em altas vozes, gritou que, si era necessario para a salvação de sua patria e dos seus concidadãos a morte de Lédo, elle testimunha naquelle mesmo instante lhe ia romper as entranhas, uma vez que lhe perdoassem o assassinato» (veja «Historia da Independencia» de Porto-Seguro, pag. 228).

1837.—O coronel Loureiro, legalista, é batido em Espinilho pelo general Bento Manuel Ribeiro, que então servia á revolução riograndense.

31 DE OUTUBRO

1615.—Jeronymo de Albuquerque, cumprindo as ordens que lhe foram transmittidas por Alexandre de Moura, cérca neste dia a fortaleza dos Francezes, chamada de S. Luiz, na ilha do Maranhão (veja 1° de Novembro).

1776.—Tomada da trincheira hispanhola de S. Martinho, em Cima da Serra, pelo então major Rafael Pinto Bandeira.

1824.—*Acção de Sancta-Rosa, perto de S. Bernardo de Russas.*—Nella foi derrotado e morto o presidente republicano do Ceará, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Commandavam as fôrças imperiaes (cavallaria de milicias) o major João Nepomuceno Quixabeira e o capitão Manuel Antonio de Amorim.

1837.—Combate de Vaccaria, em que o chefe legalista Candido Alano derrota e aprisiona o caudilho Lara.

1860.—Fallecimento do conde de Dundonald e marquez do Maranhão, nascido a 14 de Dezembro de 1775 em Annsfield, Lanarkhire. Era almirante reformado da marinha britannica, e, antes de herdar o titulo escossez, isto é, quando tinha o de lord Cochrane, fôra almirante brasileiro, prestando serviços importantes durante a nossa guerra da Independencia.

1° DE NOVEMBRO

1501.—Descobrimento da bahia de Todos-os-Sanctos pela esquadrilha de André Gonçalves, que se compunha de 3 caravellas, uma das quaes commandada pelo célebre piloto e cosmographo florentino Amerigo Vespucci. A esquadrilha deteve-se 5 dias nesse porto, proseguiu depois em sua viagem de exploração para o Sul.

1549.—Segundo um assento em catalogo antigo dos governadores, citado por Jaboatão (p. 2ª, vol I, addit, 2), foi neste dia solennemente installada a cidade do Salvador, depois chamada de S. Salvador da Bahia de Todos-os-Sanctos, tomando Thomé de Sousa posse do cargo de governador-geral do Estado. Cumpre, porém, advertir que Thomé de Sousa desembarcara no dia 29 de Março juncto das ruinas da capella da Victoria, onde estivera a primitiva povoação, fundada pelo donatario Francisco Pereira Coutinho, e que um mez depois

(em fins de Abril) mudara o seu acampamento e dera comêço á fundação da nova cidade no alto da montanha, entre o logar que depois se chamou Terreiro de Jesus e o largo do Theatro, hoje praça Castro Alves. Ahi traçou as ruas e praças, e fez construir casas cobertas de palha, dentro de uma cêrca, que logo substituiu por muralhas de taipa, com 2 albarrãs para o lado do mar e 4 para o do interior. Dentro dessas muralhas o padre Manuel da Nobrega levantou a capella de N. S. da Ajuda, que foi a primeira matriz, e obteve para local do collegio um teso extra-muros, chamado então Monte Calvario. Dous caminhos em ladeira (do Pau de Bandeira e da Misericordia) foram abertos entre as portas da cidade e a praia. No dia 13 de Junho (festa de *Corpus-Christi*), a nova cidade já estava fundada, pois em carta de 9 de Agosto diz Nobrega: « Outra procissão se fez no dia de *Corpus-Christi*, mui solenne, em que jogou toda a artilharia que estava na cêrca, as ruas muito enramadas, houve dansas e invenções á maneira de Portugal ». Em carta do dia seguinte, accrescenta: « Póde-se já contar umas 100 casas, e se começa a plantar cannas de assucar, e muitas outras cousas para o mistér da vida ». A data indicada por Jaboatão para a installação da nova cidade (1° de Novembro de 1549) póde ser exacta; mas Nobrega nenhuma menção faz dessa ceremonia, e sabe-se que nesse mesmo dia elle embarcou para Porto-Seguro na esquadra que viera visitar a costa (veja a sua carta de 6 de Janeiro de 1550). O rei d. Manuel deu por armas á cidade do Salvador, em 1553, « uma pomba branca em campo verde, com um rollo á roda, branco, com letras de ouro que dizem — *Sic illa ad arcam reversa est*, — e a pomba tem 3 folhas de oliva no bico ». (Gabriel Soares, p. II, cap. V). Porto-Seguro (pags. 242) descreveu incompletamente e de modo diverso essas armas.

1615.— A esquadra do capitão-mór Alexandre de Moura (7 galeões e 2 caravellas, conduzindo um refôrço de 900 homens) dá fundo no porto de S. Luiz de Maranhão. Daniel de la Touche, cavalheiro e senhor de la Ravardière, occupava com 200 Francezes a fortaleza de S. Luiz, guarnecida de 17 peças e sitiada desde a vespera pelas tropas de Jeronymo de Albuquerque Maranhão. Moura mandou logo occupar a ponta de S. Francisco por Bento Maciel Parente, que ahi se entrincheirou com rapidez. A essa fortificação improvisada chamou-se Quartel de S. Francisco ou Forte do Sardinha (veja 2 de Novembro).

1651.— O capitão Manuel de Aguiar, saïndo do seu posto no engenho Mingáo (estancia do Aguiar), derrota um destacamento hollandez e persegue-o até perto do forte Prins Willem (Afogados).

1773.— Nascimento de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva. O celebre orador nasceu em Sanctos e falleceu na cidade do Rio de Janeiro a 5 de Dezembro de 1845 (veja essa data).

1814.— Morre na cidade do Rio de Janeiro o poeta Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, advogado e professor de Rhetorica. Durante o govêrno do vice-rei conde de Resende, esteve preso durante dous annos e meio, por suspeito de conspiração. Nascera em Villa-Rica (depois Ouro-Preto) em 1749. Foi sepultado na egreja de S. Pedro (veja « Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.», XXXVIII, p. 1ª, 151-152).

1818.— O sargento-mór (depois coronel) Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen inaugura neste dia os trabalhos da fabrica de ferro de Ipanema, fundindo 3 cruzes monumentaes, que foram plantadas nas vizinhanças da fabrica. A maior dessas cruzes foi assentada no alto do morro do Araçoiaba.

— Parte de Montevidéo para o Rio de Janeiro a corveta portugueza *Maria Teresa*, commandada por d. Nuno José de Sousa Manuel de Meneses. Conduzia o general Sebastião Pinto de Araujo Corrêia, que na Banda Oriental alcançara as victorias de India-Muerta (19 de Novembro de 1816), e do Arroyo de San-Juan (26 de Maio de 1818). Esse navio desappareceu completamente em naufragio, de que nunca houve noticia.

1864.— Morre no Rio de Janeiro o marechal João Paulo dos Sanctos Barreto, nascido na mesma cidade a 28 de Abril de 1788. Foi por vezes ministro da Guerra, e commandou o exército imperial em operações no Rio Grande do Sul desde Novembro de 1840 até Agosto de 1841.

1880.— Fallece na cidade do Rio de Janeiro o visconde do Rio-Branco, José Maria da Silva Paranhos, nascido na cidade da Bahia a 16 de Março de 1819.

2 DE NOVEMBRO

1614.— 2 lanchões francezes, dirigidos por du Prat, indo reconhecer o acampamento de Jeronymo de Albuquerque em Guaxenduba (veja 26 de Outubro), são afugentados pela caravella de Sebastião Martins.

1615.— La Ravardière apresenta-se no quartel de S. Francisco (veja 1° de Novembro) e declara a Alexandre Moura « que elle estava prestes para entregar o forte que possuia em nome de Sua Magestade Christianissima». Neste sentido lavrou-se um termo, assignado por Alexandre de Moura e por Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière. O forte em questão era o de S. Luiz, na ilha do Maranhão (veja 3 de Novembro).

1640.— Os capitães Adão Velho e Gaspar Saraiva, reforçados pelo capitão-mór João Dias Guedes, atacam a retomam Villa-Velha do Espirito-Sancto (veja 28 e 30 de Outubro). Os Hollandezes recolhem-se aos seus navios, e deixam o porto no dia 8.

1685.— Em S. Luiz do Maranhão são decapitados o fazendeiro Manuel Beckman e o procurador do povo Jorge de Sampaio, promotores da revolta de 24 de Fevereiro do anno anterior. Na mesma occasião foi executado em estatua Francisco Dias Deiró.

1738.— Fallecimento de Sebastião da Rocha Pitta, auctor da «Historia da America Portugueza». Falleceu na cidade da Bahia, onde nascera a 3 de Maio de 1660.

1776.— Nascimento de Raimundo José da Cunha Mattos, general e escriptor brasileiro. Nasceu em Faro (Portugal) e falleceu a 23 de Fevereiro de 1839 no Rio de Janeiro (veja esta data).

1880.— Nascimento de Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão, na cidade do Rio de Janeiro. Foi general e visconde de Sancta-Teresa (veja 13 de Janeiro de 1879).

1830.— Morre no Rio de Janeiro o chefe de esquadra Diogo Jorge de Brito. Distinguiu-se na occupação da Colonia do Sacramento (veja 2 e 12 de Maio de 1818) e no combate naval de 9 de Fevereiro de 1826 contra a esquadra argentina. Era então chefe de divisão e 2° commandante da esquadra brasileira em operações. Occupou depois por algum tempo o cargo de ministro da Marinha e o de director geral dos Correios.

1839.— O capitão tenente Garibaldi, commandante da esquadrilha dos revolucionarios rio-grandenses, volta do seu cruzeiro nas costas de S. Paulo com a escuna *Rio Pardo*, o palhabote *Seival* (cada um dêsses navios montava 1 peça de 9) e 3 navios mercantes apresados, as sumacas *Bizarria* e *Elvira* e 1 hiate, quando, na altura da ilha de Sancta-Catharina, foi atacado pelo patacho *Andorinha* (2 peças de 18), commandado pelo capitão-tenente Francisco Romano da Silva. O *Andorinha* represou a *Elvira* e o hiate, e perseguiu até á noite os outros navios. No mesmo dia a sumaca *Formiga*, que era outra prêsa das 4 que Garibaldi fizera, foi retomada em Cananéa (veja 3 de Novembro).

1849.— Fallece no Rio de Janeiro o vice-almirante reformado Theodoro de Beaurepaire, natural de Toulon, ermão do conde de Beaurepaire, que foi general do exército brasileiro. Durante a guerra da Independencia, commandando a corveta *Maria da Gloria*, esteve no bloqueio da Bahia e concorreu para

o apresamento dos transportes armados *Conde de Peniche* e *Bizarria*. Na guerra civil de Pernambuco, em 1824, capturou o brigue *Constituição ou Morte* (depois chamado *Beaurepaire*) e a escuna *Maria da Gloria*; nas campanhas navaes de 1825 e 1828, contra o govêrno de Bueno-Aires, achou-se em varios combates, e com a sua corveta *Maria da Gloria* concorreu, no dia 30 de Julho de 1826, para a destruição da fragata argentina *25 de Mayo*, capturou os corsarios argentinos *Pampero* (15 de Março de 1827) e *Hijo de Julio* (9 de Julho de 1827) e represou varios navios mercantes. Em 1837 e 1838, sendo chefe de divisão, commandou as fôrças navaes em operações na Bahia. Deixou esse commando em Fevereiro, por desintelligencia com o presidente da provincia. Em 1843 commandou a divisão naval que trouxe de Napoles a imperatriz d. Teresa-Christina.

1858.— Inauguração do monumento a José Clemente Pereira no cemeterio de S. Francisco Xavier.

1867.— *Tomada de Tají pelo general João Manuel Menna Barreto*.— Foram destroçados neste combate 1.500 Paraguaios, commandados por Villamayor e protegidos pelos vapores *25 de Mayo* (6 canhões), *Igurei* (5 canhões) e *Olimpo* (4 canhões) e por 1 chata (1 canhão). A nossa artilharia, tomando posição na barranca, metteu a pique o *Olimpo* e a chata, e produziu o incendio do *25 de Mayo*. A *Igurei*, com uma roda quebrada, deixou-se caïr aguas abaixo. Teve o inimigo 900 homens fóra de combate e perdeu 16 canhões (11 dos navios destruidos e 5 que transportavam), 6 bandeiras, e 93 feridos. Desde esse dia ficaram cortadas as communicações fluviaes entre Humaitá e Assumpção.

1868.— Sossobra juncto ao Serrito do Paraná a lancha *Pimentel*, morrendo nesse desastre o capitão de mar e guerra Guilherme José Pereira dos Sanctos.

3 DE NOVEMBRO

1615.— Neste dia completou-se a capitulação do forte de S. Luiz do Maranhão. ficando La Ravardière entendido de que deveria entrega-lo «com toda a artilharia, munições e petrchos, sem por isso Sua Magestade ficar obrigado a lhe pagar nada de sua Real Fazenda» (veja 31 de Outubro a 2 de Novembro). A' tarde foi o forte entregue pelos Francezes e occupado pelas tropas de Alexandre de Moura, general da armada, e pelas de Jeronymo de Albuquerque Maranhão.

1630.— Durante a noite o capitão de emboscadas Manuel Ribeiro Corrêia, com alguns homens embarcados em 3 jangadas, lança fogo a um navio hollandez, fundeado no poço do Recife,

deante do forte de S. Jorge. O incendio foi atalhado pelo inimigo, que logo acudiu em muitas lanchas.

1821. — O Ceará adhere á revolução constitucional portugueza, ficando organizada neste dia uma Juncta de Govêrno, presidida pelo major Francisco Xavier Torres.

1822. — O general Labatut, que no dia 28 de Outubro estabelecera o seu quartel-general no Engenho-Novo (Reconcavo), reforça, no dia 3 de Novembro, as tropas que sitiavam a cidade da Bahia. Em Pirajá e logares circunvizinhos collocou uma brigada; e, em Itapoã, outra.

1825. — Nota do ministro das Relações Exteriores da Republica das Provincias Unidas do Rio da Prata (depois Republica Argentina), dirigida ao ministro dos Negocios Extrangeiros do Brasil, annunciando que o Congresso argentino, em sessão de 25 de Outubro, declarara incorporada á Republica a provincia Oriental, a que chamavamos Cisplatina, e accrescentando que o Govêrno de Buenos-Aires estava assim compromettido a prover á defesa e á segurança da mesma provincia e, por todos os meios, tractaria de apressar a evacuação dos dous unicos ponctos militares, que ainda occupavam as tropas brasileiras. Esses ponctos eram as praças de Montevidéo e Colonia do Sacramento. O Govêrno imperial respondeu a essa nota com o manifesto e declaração de guerra de 10 de Dezembro (veja 27 de Agosto de 1828).

1839. — Garibaldi, perseguido na vespera pelo patacho *Andorinha,* collocou-se juncto á ponta de Imbituba (Sancta-Catharina) com a escuna *Rio-Pardo,* o palhabote *Seival* e a escuna *Bizarria,* unica presa que lhe restava. Em terra, 200 atiradores e 1 peça protegeram esses navios, que foram atacados pelos patachos *Andorinha* (2 peças, 45 homens) e *Patagonia* (1 peça, 4 caronadas. 62 homens) e pela escuna *Bella-Americana* (1 peça, 2 caronadas, 38 homens), commandados pelo capitão-tenente Francisco Romano da Silva e pelos primeiros-tenentes Jorge Benedicto Ottoni e João Custodio d'Houdain. O cambate começou 10 minutos depois do meio-dia e terminou ás 4 e 45 da tarde. Os navios imperiaes afastaram-se, indo os 2 patachos fundear em frente da enseada e seguindo a *Bella-Americana* para a ilha de Sancta-Catharina, afim de pedir tropas, que desalojassem as fôrças de terra, e pequenas canhoneiras, que, sem perigo de encalhe, pudessem chegar á posição occupada pelo inimigo. O tempo era de aguaceiros com vento S. S. E. fresco. No dia 4 bordejaram os 2 patachos e trocaram alguns tiros com o inimigo. Durante a noite Garibaldi incendiou a prêsa e pela madrugada conseguiu escapar com os seus 2 navios e entrar na Laguna (veja 15 de Novembro).

— Combate de Encatada (Sancta-Catharina), em que o tenente-coronel José Fernandes dos Sanctos Pereira (depois general) ataca e destroça os revolucionarios do Rio Grande do Sul, commandados pelo coronel Joaquim Teixeira Nunes.

1840. — Os insurgentes do Rio Grande do Sul, commandados por Joaquim Pedro Soares, invadem a villa do Triumpho e rompem o fogo contra uma canhoneira. Voltam depois para o Cahí.

1864. — Morre no naufragio do brigue *Ville de Boulogne* o poeta Antonio Gonçalves Dias, nascido em Caxias a 10 de Agosto de 1823. Esse brigue, procedente do Havre, perdeu-se, batendo na Corôa dos Ovos, perto da bahia de Cumã, no Maranhão.

1867. — *Segunda batalha de Tuiutí* (a primeira deu-se a 24 de Maio de 1866). — O tenente-general visconde (depois conde) de Porto-Alegre commandava o 2° corpo do exército brasileiro, então composto de 7.800 homens, e tinha mais ás suas ordens um contingente argentino de 700 homens, dirigidos pelo coronel Baez. Essas tropas defendiam as trincheiras de Tuiutí, Protero-Pires e Passo da Patria. Neste último poncto estavam 500 homens do 2° corpo; nas avançadas e nas trincheiras da esquerda e centro, 2.600 homens; em um fortim isolado na extrema direita, além dos reductos argentinos, o 4° batalhão de artilharia (major Cunha Mattos); em marcha para Tuiú-Cuê, escoltando as carretas de viveres, 1.600 homens, commandados pelo coronel Antonio da Silva Paranhos. Foi, portanto, com menos de 2.700 homens que o general Porto-Alegre poude receber o ataque do general Barrios, o qual tinha ás suas ordens 9.000 homens, segundo Resquín. Os Paraguaios surprehenderam e tomaram, ás 4 horas e 45 minutos da madrugada, os 3 reductos argentinos, dispersando completamente a fôrça que os guarnecia; apoderaram-se do fortim da extrema direita, aprisionando o 4° de artilharia, e avançando sôbre o reducto central, onde Porto-Alegre, tendo ás suas ordens os generaes Albino de Carvalho e Andréa, apresentou energica defesa, repellindo todos os assaltos. Na linha Negra (extrema esquerda), foram tambem repellidos os Paraguaios pelo tenente-coronel de voluntarios Albuquerque Maranhão. Ouvindo os tiros, a columna do coronel Paranhos retrocedeu e veiu tomar parte no combate; do Passo da Patria acudiram tambem reforços, e Porto-Alegre, saïndo do reducto central, tomou a offensiva e poz em completa derrota o inimigo, que em grande número se distrahira no saque e incendio dos abarracamentos do commercio. Os Paraguaios já transpunham, fugindo em desordem, a primeira linha do entrincheiramento, quando chegaram os primeiros reforços de Tuiú-Cuê, consistindo em

1.300 homens de cavallaria brasileira, commandados pelo general Victorino Monteiro, e, pouco depois, 400 Argentinos, commandados pelo general Hornos. A batalha durou 4 horas. Os Paraguaios tiveram 4.000 mortos, feridos e prisioneiros (mortos 2.227, prisioneiros 155) e perderam, além de muito armamento, 1 bandeira e 1 estandarte, tomados pelos Brasileiros. A perda dos alliados foi de 294 mortos (259 Brasileiros, 35 Argentinos), 1.316 feridos, (1.165 Brasileilros, 151 Argentinos). Total: 2.045 homens (1.818 Brasileiros, 227 Argentinos). Repartiram-se assim as perdas das fôrças brasileiras: — tropas que combateram no reducto central e centro do acampamento, ás ordens immediatas do general Porto-Alegre, 984 homens fóra de combate (143 mortos, 788 feridos, 53 extraviados); reducto na extrema direita, 266 (10 mortos, 256 prisioneiros do 4° de artilharia); direita, columna do coronel Paranhos, 482 (93 mortos, 310 feridos, 79 extraviados); extrema esquerda, Linha Negra, commandada pelo tenente-coronel Albuquerque Maranhão, 66 (6 mortos, 57 feridos, 3 extraviados); reforços chegados de Tuiú-Cuê com o general Victorino Monteiro, expedidos pelo marechal Caxias, 20 (7 mortos, 10 feridos, 3 extraviados). Perderam os Brasileiros 1 canhão Withworth, que estava no reducto da extrema direita, e 1 bandeira; e os Argentinos, 12 canhões e 3 estandartes. Esses trophéos foram tomados pelo inimigo no primeiro impeto do ataque, em que levou a melhor, pelo descuido e falta de resistencia dos 3 reductos argentinos. Occupados estes pelos Paraguaios, ficou aberto o centro do acampamento e cortado o reducto do 4° de artilharia. O tenente-general Porto-Alegre foi contuso e o brigadeiro José Luiz Menna Barreto ferido. Entre os nossos mortos contaram-se os commandantes Landulfo da Rocha Medrado (32° de voluntarios), José Maria Eduardo (pontoneiros), Estevam Caetano da Cunha (41° de voluntarios) e Caetano da Costa Araujo e Mello (43° de voluntarios).

— Fallece em Passo-Pucú o coronel Frederico Carneiro de Campos, nomeado em 1864 presidente de Mato-Grosso, e retido em prisão pelo dictador Solano López, com os passageiros do paquete *Marquez de Olinda* (veja 12 de Novembro de 1864).

— Fallecimento da marqueza de Sanctos na cidade de Sanctos, na cidade de S. Paulo.

1889.— Morre no Rio de Janeiro o visconde Vieira da Silva, senador pelo Maranhão e ex-ministro de Estado.

4 DE NOVEMBRO

1649.— Parte de Lisbôa a primeira frota da Companhia Geral do Commercio do Brasil. Commandava-a o conde de

Castel-Melhor (general da frota), nomeado governador-geral do Estado do Brasil, e era seu 2° commandante ou immediato (almirante) Pedro Jacques de Magalhães, depois visconde da Fonte-Arcada. Essa companhia, de creação recente, tivera os seus estatutos approvados por alvará de 10 de Março de 1649 (veja essa data).

1704.— O general Sebastião da Veiga Cabral repelle na Colonia do Sacramento um assalto dos Hispanhóes, commandados por Balthazar Garcia Ros. Uma bateria dos sitiantes começou neste dia a bater a praça.

1711.— Tendo sido paga a última prestação para o resgate do Rio de Janeiro, Duguay-Trouin evacua neste dia a cidade, mas conservando até o dia 13 os fortes da barra. No mesmo dia 4 faz a sua entrada o governador de S. Paulo e Minas-Geraes, Antonio de Albuquerque, e assume logo o govêrno da capitania do Rio de Janeiro, a pedido da Camara Municipal e do povo. Francisco de Castro Moraes, que não pudera defender a cidade, ficou assim deposto.

1769.— Toma posse do seu cargo, no Rio de Janeiro, o marquez de Lavradio, vice-rei do Estado do Brasil (veja 5 de Abril de 1779).

1835.— Os insurgentes do Pará atacam, desde este dia até 6 de Novembro, a povoação de Abaété, e são repellidos pelo capitão Luiz José de Araujo, da Guarda-Nacional, e pelo tenente de caçadores João Luiz de Castro. A escuna *Bella-Maria*, de que era commandante o primeiro-tenente Joaquim Manuel de Oliveira Figueiredo, auxiliou a defesa.

1844.— Combate de Atalaia, em que o general Antonio Corrêia Seara derrota os insurgentes de Alagôas.

— O coronel João Propicio Menna Barreto (depois general e barão de S. Gabriel) destroça, juncto ao arroio Catim, um corpo de 300 insurgentes, commandado por Jacintho Guedes da Luz, e obriga-o a refugiar-se na Republica Oriental, atravessando o Quarahim.

1860.— Carta de Victor Hugo, escripta da ilha de Guernesey e dirigida aos Brasileiros, enviando o epitaphio para o tumulo de Charles de Ribeyrolles e agradecendo a homenagem prestada a esse exilado politico (veja 1° de Junho de 1860): — « Sois homens de elevados sentimentos (dizia Victor Hugo), sois uma nação generosa. Tendes a dupla vantagem de uma terra virgem e de uma raça antiga. Um grande passado historico vos liga ao continente civilizador. Reunis a luz da Europa ao sol da America. E' em nome da França que eu vos glorifico ».

5 DE NOVEMBRO

1704.— Por ordem do general Sebastião da Veiga Cabral, governador da Colonia do Sacramento, o capitão Manuel Vaz Moreno faz uma sortida, pela madrugada, á frente de 40 fuzileiros e rodeleiros, surprehende uma bateria hispanhola, apodera-se de 7 peças, e com este ataque produz grande confusão no acampamento inimigo. Tornou-se distincto nesta acção o soldado bahiano Antonio Dias, que feriu e trouxe prisioneiro um capitão de cavallaria do habito de Sanctiago.

1801.— Fallece na então villa do Rio-Grande o general Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, que desde 31 de Maio de 1780 era governador da capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul e dirigia então as operações da guerra começada a 4 de Julho de 1801 contra os Hispanhóes, guerra, em que as nossas armas victoriosas alargaram os limites dessa parte do Brasil, fixados pelo tractado de 1777. «Morreu (disse o visconde de S. Leopoldo), mas sua memoria será duradoura neste paiz, que elle soube governar 21 annos com tanta dignidade: a patria lhe deve reconhecimentos pelos serviços militares e pelos expendidos na espinhosa commissão da demarcação de limites; sôbre tudo, o que fórma o seu titulo de gloria é o valor e ingenita constancia, com que sua alma guerreira, sem succumbir á ruina e desfallecimento de seu corpo, como indifferente ás leis da humanidade, traçou do leito da morte cada uma das operações e com suas mãos moribundas susteve o peso desta difficilima conjunctura». O brigadeiro Francisco João Roscio ficou com o govêrno da capitania e dirigiu as operações até á proclamação da paz. O Brasil guardou as suas conquistas, como a Hispanha conservou na Europa a praça de Olivença, que ganhara durante essa msema guerra,— ficando assim annullado o tractado de limites de 1777.

1808.— Decreto creando no Real Hospicio Militar do Rio de Janeiro uma Eschola anatomica, chirurgica e medica.

1815.— Nascimento de Zacharias de Góes e Vasconcellos na villa de Valença, da então capitania da Bahia (veja 28 de Dezembro de 1877).

— Nascimento de Luiz Carlos Martins Penna, na cidade do Rio de Janeiro (veja 7 de Dezembro de 1848).

1817.— Chega ao Rio de Janeiro a archiduqueza d. Leopoldina d'Austria, que casou com o principe real d. Pedro e foi a primeira imperatriz do Brasil.

1826.— Inauguração da Academia de Bellas-Artes do Rio de Janeiro (veja 12 de Agosto de 1816).

— Bento Manuel Ribeiro, á frente de uma brigada de cavallaria, composta de milicianos, ataca e destroça, juncto a Rosario del Mirinaí (Corrientes), o coronel Pedro Gomes Toribio, e persegue durante algumas leguas o coronel Felix Aguirre, cuja columna se dispersa completamente. Toribio foi morto e perdeu todo o fructo do saque, que fizera no territorio brasileiro. Tivemos neste combate 32 mortos e feridos. Aguirre era governador da provincia argentina de Misiones, comprehendida entre o Mirinaí, a Laguna-Iberá e o Uruguai. O general Pedro Ferré, governador de Corrientes, que estava acampado em Curuzú-Cuatiá, abandonou essa posição, ao saber da invasão.

1844.— O coronel (depois general) João Propicio Menna Barreto (mais tarde barão de S. Gabriel) destroça no arroio Catim o caudilho Jacintho Guedes da Luz e persegue-o até á fronteira do Quarahim (veja 14 de Novembro).

6 DE NOVEMBRO

1647.— Pela madrugada, alguns homens das tropas de Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira, que sitiavam o Recife, abordam e queimam um patacho hollandez fundeado no Capiberibe. Ao clarão do incendio, a nossa bateria de Sancto-Antonio rompe pela primeira vez os seus fogos contra as posições inimigas (veja 30 de Outubro).— Dias depois, 100 homens escolhidos atravessam o rio, penetram no palacio em que residira o principe de Nassau, e põem em fuga 2 companhias que guardavam esse edificio, matando 1 capitão e 24 soldados. Os assaltantes voltaram sem perda alguma.

1656.— Fallece em Lisbôa o rei d. João IV, fundador da dynastia de Bragança e restaurador da independencia de Portugal. Fôra acclamado rei no dia 1° de Dezembro de 1640. Succede-lhe no throno seu filho d. Affonso VI.

1696.— Ficam terminadas as obras de reconstrucção da fortaleza de Sancta-Cruz, da barra do Rio de Janeiro, ordenadas pelo governador Sebastião de Castro Caldas. Primitivamente, houve ahi o forte de N. S. da Guia, construido entre os annos de 1588 e 1598 por Salvador Corrêia de Sá. Em 1599, estava terminado e detinha a esquadra hollandeza de Olivier van Noort (veja 11 de Fevereiro). A fortaleza de S. João não existia então; ficou prompta em 1618. Em 1638, segundo informação do prelado d. Lourenço de Mendonça, Sancta-Cruz tinha 18 peças de ferro e S. João 8. A fortaleza da Lage é muito posterior; não existia ainda em 1711, quando Duguay-Trouin atacou o Rio de Janeiro. (Porto Seguro equivocou-se,

dizendo o contrário). Em Março de 1718 estavam em andamento as obras de construcção, só começadas depois das invasões francezas. A fortaleza de N. S. da Guia, na barra, só se chamou de Sancta-Cruz, depois da demolição do primitivo forte dêste nome, que ficava no logar em que hoje se levanta a egreja da Cruz dos Militares.

1704.— O general Sebastião da Veiga Cabral, governador da praça da Colonia do Sacramento, repelle um assalto dos Hispanhóes do Rio da Prata, commandados por Balthasar García Rós.

1766.— Nascimento de Luiz Nicoláo Fagundes Varella, na cidade do Rio de Janeiro. Foi deputado ás Côrtes Constituintes da nação portugueza, pela provincia do Rio de Janeiro, e lente da Faculdade de Direito de S. Paulo. Falleceu a 29 de Novembro de 1831.

1817.— Casamento do principe real d. Pedro (depois imperador d. Pedro I) com a archiduqueza da Austria, d. Leopoldina, no Rio de Janeiro.

1836.— Proclamação da independencia e da republica riograndense em Piratinim (veja 12 de Septembro de 1836). A insurreição começara em 19 de Septembro do anno anterior, mas só em 1836 tornou-se francamente separatista. Muitos dos mais illustres riograndenses combateram pela causa da união brasileira, durante os dez annos dessa guerra civil.

1843.— Segundo combate de Cangussú, em que os revolucionarios riograndenses, commandados pelo general Netto, são repellidos pelos tenentes-coroneis Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto e Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí). Os legalistas eram 300 homens do 8° batalhão de infantaria e de cavallaria da Guarda-Nacional: tiveram poucos mortos e feridos, sendo um dêstes o então alferes Fidelis Paes da Silva. O general Netto, que commandava 600 homens das 3 armas, teve 90 fóra de combate.

1853.— Juan Francisco Giró, pouco antes deposto da presidencia da Republica Oriental, refugia-se na Legação do Brasil em Montevidéo, onde permanece por espaço de um mez, sendo depois conduzido para bordo de um dos navios da divisão naval brasileira pelo ministro Paranhos, depois visconde do Rio-Branco.

7 DE NOVEMBRO

1710.— Foge do Recife, embarcando para a Bahia, o governador de Pernambuco, Sebastião de Castro e Caldas. Depois do attentado contra a sua vida (17 de Outubro), ordenara elle

a prisão de varios Pernambucanos, que se haviam mostrado contrarios á concessão do predicamento e dos privilegios de villa, obtidos pela antiga povoação do Recife. No dia 3 de Novembro, o capitão-mór de Sancto-Antão, Pedro Ribeiro da Silva, atacou e aprisionou o destacamento que o ia capturar. Em S. Lourenço da Mata e outros logares sublevaram-se os povos e marcharam contra o Recife, á voz daquelle caudilho. Com a fuga do governador, ficaram triumphantes os adversarios dos mercadores do Recife, foi dissolvida a Camara Municipal da nova villa, e na cidade de Olinda o Senado da Camara e a nobreza reuniram-se em congresso, para escolher o governador interino. O sargento-mór Bernardo Vieira de Mello (o vencedor dos negros dos Palmares) propoz que Pernambuco se declarasse em republica, similhante á de Veneza, mas a idéa não foi acceita, e devolveu-se o govêrno ao bispo d. Manuel Alvares da Costa, que era o successor indicado pelo rei. Mezes depois (veja 18 de Junho de 1711), sublevaram-se os habitantes do Recife e os seus partidarios do interior, começando então a guerra civil chamada dos *Mascates*, só terminada no dia 8 de Outubro de 1711.

1831.— Lei declarando livres todos os escravos que entrassem no territorio ou portos do Brasil, vindos de paiz extrangeiro, e estabelecendo penas para os que transportassem, introduzissem, recebessem ou comprassem como escravos os individuos assim declarados livres. O tráfico de Africanos estava prohibido desde 13 de Março de 1831, em virtude da convenção de 23 de Novembro de 1826 entre o Brasil e a Grã-Bretanha, mas continuou a fazer-se em grande escala por contrabando (veja 4 de Septembro de 1850).

1837.— Rompe na cidade da Bahia a rebellião vulgarmente conhecida pelo nome de «Sabinada». As fôrças que o presidente da provincia, Francisco de Sousa Paraiso, reunira sob o commando do tenente-coronel Luiz da França Pinto Garcez, passaram-se para os sublevados, menos este chefe, 40 guardas-nacionaes, commandados pelo major Carvalhaes, e o destacamento de marinha, dirigido pelo 1° tenente Galhardo. Vendo-se na impossibilidade de resistir aos revolucionarios, o presidente abandonou a capital, recolheu-se aos navios de guerra com os officiaes e praças que se conservaram fiéis, e logo depois seguiu para o Rio de Janeiro, sem esperar o seu successor. Os revolucionarios proclamaram a independencia da Bahia e a republica, durante a menoridade do imperador d. Pedro II, e constituiram um Govêrno, acclamando: presidente, Innocencio da Rocha Galvão, que se achava nos Estados-Unidos; vice-presidente, João Carneiro da Silva Rego; secretario, o dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira; e commandante das armas,

o major Sergio José Velloso. O desembargador Honorato José de Barros Paim, vice-presidente da provincia, assumiu o Govêrno na cidade de Cachoeira, e começava a organizar a resistencia, quando chegou do Rio de Janeiro o novo presidente, dr. Antonio Pereira Barreto Pedroso, que no dia 17 tomou posse do seu cargo. As primeiras fôrças, que se reuniram para combater a revolta, tiveram por chefes o coronel visconde da Torre de Garcia d'Avila (Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque) e o tenente-coronel Alexandre Gomes de Argollo Ferrão (depois general e barão de Cajahiba). Foram chegando reforços de varios ponctos da provincia (guardas-nacionaes e voluntarios), de Pernambuco e do Rio de Janeiro, e nos dias 13, 14 e 15 de Março do anno seguinte deram-se os ultimos combates dessa guerra civil.

1848.— Começa neste dia a insurreição do partido liberal em Pernambuco, chamada « revolta praieira ». A' frente dêsse movimento armado estavam os deputados da provincia. Nunes Machado, que era um dêsses deputados, só chegou ao Recife, procedente do Rio de Janeiro, no dia 17, e muito reprovou o recurso ás armas; mas, accusado de se querer ligar aos conservadores, declarou que seguiria a sorte do seu partido, e foi morto em combate no dia 2 de Fevereiro do anno seguinte. Sôbre esta rebellião foram publicados dous livros: « Apreciação da revolta praieira », por Urbano Sabino Pessôa de Mello (liberal); e « Chronica da rebellião praieira em 1848 e 1849 », por Jeronymo Martiniano Figueira de Mello (conservador).

8 DE NOVEMBRO

1640.— O coronel hollandez Koen, repellido nas villas da Victoria e Espirito-Sancto ,faz-se de véla neste dia; mas é retido em frente da barra até ao dia 13, por falta de vento (veja 28 de Outubro e 2 de Novembro).

1660.— *Insurreição na cidade do Rio de Janeiro*.— O general Salvador Corrêia de Sá e Benevides, governador da capitania do Rio de Janeiro e da Repartição do Sul, partira para S. Paulo no dia 21 de Outubro, deixando Thomé Corrêia de Alvarenga no govêrno interino do Rio de Janeiro. Neste dia o capitão Jeronymo Barbalho Bezerra, á frente do povo, depoz Alvarenga, e acclamou governador a Agostinho Barbalho Bezerra. Este foi, por sua vez, deposto no dia 8 de Fevereiro de 1661, porque escrevera ao general e fôra por elle auctorizado a continuar no govêrno, como seu delegado. A Camara Municipal assumiu o govêrno, e a cidade continuou dominada pelos revolucionarios, até que, na madrugada de 10 de Abril, o general Sá e Benevides, accompanhado do mestre-de-campo

João Corrêia de Sá, seu filho, de alguns homens armados e dos homens de sua aldêia, investiu o corpo de guarda principal, apoderou-se delle, e depois, da Torre da Polvora, do forte de S. Sebastião (Castello) e do de Sanctiago (no logar em que está hoje o arsenal de guerra). Mandou immediatamente aviso ao general Manuel Freire de Andrade, commandante de uma esquadra que chegara do reino, e, desembarcando este com a infantaria e os marinheiros, foram capturados os principaes chefes da sedição. Formou-se sob a presidencia do governador uma Juncta de guerra, composta do citado general de esquadra, do seu immediato Francisco Freire de Andrade e do ouvidor Sebastião Cardoso de Sampaio. Essa Juncta condemnou o capitão Jeronymo Barbalho Bezerra a morrer no pelourinho, sendo a sentença executada ás 5 horas da tarde do mesmo dia. Sá e Benevides continuou no govêrno até 29 de Abril de 1662, data em que tomou posse o seu successor Pedro de Mello, sendo elle chamado a Lisbôa.

1812.— Nascimento de Justiniano José da Rocha na cidade do Rio de Janeiro (veja 10 de Julho de 1862).

1818.— Chega a Caiena a esquadra franceza do contra-almirante Bergeret, conduzindo o general conde Carra-Saint-Cyr, nomeado governador e incumbido de receber das auctoridades portuguezas a Guiana Franceza, que haviamos conquistado em 1809 (veja 12 de Janeiro) e que Portugal restituia á França, nos termos do art. 107 do acto final do Congresso de Vienna (veja 12 de Junho de 1815 e 28 de Agosto de 1817). João Severiano Maciel da Costa (depois marquez de Queluz) era então o governador dessa conquista.

1822.— *Combate de Pirajá* (guerra da Independencia na Bahia).— O general Pedro Labatut tinha estabelecido seu quartel-general no Engenho-Novo (28 de Outubro), e acabava de tomar o commando do exército brasileiro, que sitiava a cidade da Bahia, occupada pelas tropas do general portuguez Madeira. No dia 3 de Novembro Labatut reforçou as tropas sitiantes, collocando em Itapoã a brigada do coronel Gomes Caldeira e em Pirajá a do major (depois coronel) José de Barros Falcão de Lacerda. Esta última tinha destacamentos no engenho Cabrito, no Coqueiro, em Bate-Folha e outros ponctos. Na manhã de 8, quasi todas as posições dos Brasileiros foram atacadas ou ameaçadas, por terra e por mar. O combate principal deu-se em Pirajá, onde Barros Falcão, protegido por algumas obras, repelliu tres ataques do coronel João de Gouvêia Osorio, e occasionou-lhe grandes perdas, incommodando vivamente a sua retirada. Com o coronel Gouvêia Osorio estavam os batalhões 1° e 2° da legião constitucional lusitana, o 4° e o 12° de infantaria, e 1 contingente de

artilharia; Barros Falcão tinha sob o seu commando 1.300 homens dos corpos seguintes: batalhão de Pernambuco (major Joaquim José da Silva Sanctiago, a que estavam aggregados os milicianos do Penedo; 1 batalhão de milicianos da cidade do Rio de Janeiro (capitão Guilherme José Lisbôa); a legião de caçadores da Bahia (tenente Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, (depois general e barão de Cajahiba); o corpo de Henrique Dias (major Manuel Gonçalves da Silva); ½ companhia do 1º regimento de infantaria da Bahia (alferes Francisco de Faria Dutra) e 1 bateria de artilharia do Rio de Janeiro. E' difficil conhecer com exactidão as perdas dos combatentes, sendo muito contradictorios entre si os documentos e informações dos Brasileiros e Portuguezes. O general Labatut attribuiu aos nossos então adversarios a perda de 200 mortos (officio de 8 de Novembro), mas em outro documento (officio de 9 de Novembro) disse que ella fôra de «200 feridos e grande quantidade de mortos». Em uma carta da Bahia, publicada no supplemento n. 107 do periodico fluminense *O Espelho,* folha ministerial (numero de 26 de Novembro de 1822) lê-se que os Portuguezes tiveram 375 mortos e feridos, entrando 221 dêstes para os hospitaes. O chronista Accioli diz que a perda dos nossos contrarios foi de 80 mortos e egual número de feridos. Segundo o jornal portuguez *Edade de Ouro,* da Bahia, foram 30 os feridos e houve poucos mortos; segundo o general Madeira, os seus mortos, feridos e extraviados foram 64; segundo o *Diario do Govêrno,* de Lisbôa, foram 70 e tantos. Accrescenta a mesma folha: «Diz mais o general Madeira que de parte a parte se combatera com o maior denodo».

1827.— Nascimento de José Bonifacio de Andrada e Silva, 2º dêsse nome, filho de Martim Francisco e neto de José Bonifacio, então exilados politicos. Nasceu em Bordéos e falleceu em S. Paulo no dia 26 de Outubro de 1886.

1832.— E' desfechado um tiro de pistola contra o deputado Evaristo Ferreira da Veiga, quando em sua livraria, no Rio de Janeiro, conversava com alguns amigos. Evaristo da Veiga recebeu um ferimento leve.

9 DE NOVEMBRO

1624.— O capitão Manuel Gonçalves queima uma lancha hollandeza juncto ao forte então chamado de Itapagipe (era o da poncta de Monserrate).

1709.— Carta régia nomeando Antonio de Albuquerque governador da nova capitania de S. Paulo e Minas, então creada. A carta régia de 12 de Septembro de 1720 separou

de S. Paulo o territorio de Minas, creando ahi uma capitania independente.

1800.— Morre em Lisbôa o poeta repentista Domingos Caldas Barbosa, natural do Rio de Janeiro.

1817.— O brigue portuguez *Gaivota* (20 boccas de fogo, 160 homens), commandado pelo então capitão-tenente João Baptista Lourenço Silva, toma, depois de vivo combate, juncto á Punta de Piedras, no Rio da Prata, o brigue *Atrevido del Sud* (egual número de canhões, 240 homens), corsario de Buenos-Aires, commandado por John Handell e tripolado por Inglezes e Norte-Americanos. O *Gaivota* foi, annos depois, armado em corveta e teve na Marinha brasileira o nome de *Liberal*.

1842.— O general barão (depois duque) de Caxias assume a presidencia e o commando das armas da provincia do Rio Grande do Sul, devastada desde 1835 pela guerra civil (veja 1° de Março de 1845).

1843.— *Fallecimento do padre Diogo Antonio Feijó.*— Falleceu na cidade de S. Paulo, onde nascera em 9 de Agosto de 1784. Foi baptizado a 17 dêsse mesmo mez e anno, na Sé Cathedral. Feijó conquistou, pelos seus serviços á Patria, energia, honradez e desinteresse, um logar eminente na nossa Historia. Foi deputado ás Côrtes Constituintes da nação portugueza em 1822, deputado á nossa Assembléa Geral Legislativa desde 1826 até 1833, ministro da Justiça em quadra difficil, desde 5 de Julho de 1831 até 3 de Agosto do anno seguinte (veja essas datas), regente do Imperio desde 12 de Outubro de 1835 até 19 de Septembro de 1837 (veja essas datas e 7 de Abril de 1835) e senador desde 1833.

10 DE NOVEMBRO

1555.— Chega á bahia do Rio de Janeiro, que ainda não estava occupada pelos Portuguezes, uma expedição colonizadora franceza, dirigida por Nicolas Durand de Villegaignon, cavalheiro de Malta. Compunha-se de 2 navios armados e 1 transporte. Léry pretende que o primeiro logar do desembarque de Vellegaignon foi a Lage, chamada pelos Francezes Ratier. Thevet, em um manuscripto da Bibliotheca Nacional de Pariz, ridiculiza essa invenção, mostrando que no pequeno e alagado rochedo da barra não havia espaço para a colonia. Villegaignon desembarcou na ilha que ainda hoje conserva o seu nome, chamada então Serigipe pelos Tamoios e ilha das Palmeiras pelos Portuguezes. Ahi levantou um forte, a que deu o nome de Coligny, chamando ao paiz França An-

tarctica (veja 15 e 16 de Março de 1560). Nascido em Provins no anno de 1510, Villegaignon falleceu em Beauvais no dia 9 de Janeiro de 1571. Era sobrinho de Villiers de l'Isle Adam, grão-mestre da Ordem de Malta. Ferido em Argel, na expedição do imperador Carlos V, havia commandado esquadras francezas nas costas da Inglaterra e conduzido Maria Stuart á França (1548), assignalando-se ainda depois nas guerras de Malta. Quando chegou ao Brasil, já havia publicado dous livros: «Caroli V. imperatoris expeditio in Africam ad Argieram» (Pariz, 1542), e «De Bello Melitensi ad Carolum Cæsarem et ejus eventu Gallis imposito commentarius».

1645.— Combate do engenho Mingáo, no Jequiá (arredores do Recife), em que Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira repellem o coronel Joris Garstman, então commandante em chefe das tropas hollandezas (Rafael de Jesús dá a data de 9; mas várias patentes publicadas por Mello corrigem o pequeno equivoco).

1822.— Benção e distribuição da nova bandeira do Brasil aos corpos da guarnição do Rio de Janeiro. No mesmo dia a esquadra brasileira içou pela primeira vez o pavilhão (veja 18 de Septembro).

1823.— A sessão dêste dia na Assembléa Constituinte foi muito agitada, discutindo-se a representação de David Pamplona Côrte-Real, aggredido no dia 5 por official do exército, que lhe attribuia a auctoria de certos artigos do periodico *Sentinella*. O Gabinete Carneiro de Campos, de 17 de Julho, demittiu-se, e o imperador d. Pedro I formou outro, em que Villela Barbosa (depois marquez de Paranaguá) teve a principio as pastas do Imperio e Negocios Extrangeiros. No mesmo dia 10, á noite, os corpos de 1ª e 2ª linha, ou milicias, marcharam para S. Christovam, recebendo para isso ordem (veja 13 de Novembro). O ministerio Villela Barbosa passou por differentes modificações até ao dia 19 de Novembro, em que ficou definitivamente constituido.

1830.— Fallecimento do pintor fluminense Francisco Pedro do Amaral.

1869.— O major Francisco Antonio Martins, destacado pelo general Camara, á frente do 21° corpo de cavallaria da Guarda-Nacional, derrota em Sanguina-Cuê o commandante paraguaio Cañete.

11 DE NOVEMBRO

1614.— 4 navios francezes, saídos da ilha do Maranhão, sob o commando de Claude de Razilli, surprehendem e tomam

3 pequenos navios da esquadrilha de Jeronymo de Albuquerque, fundeados deante de Guaxenduba (veja 19 de Novembro).

1754.— O cacique guaraní Nicoláo Nenguirũ apodera-se, perto do Passo do Jacuhí, de algumas canôas de vivandeiros do exército do general Gomes Freire de Andrada. Foram logo retomados pelo tenente Vasco Alpoim.

1836.— Decreto do govêrno revolucionario do Rio Grande do Sul, mandando sequestrar os bens dos seus adversarios.

1844.— Fidelis Paes da Silva, official legalista, derrota em Porongos um destacamento dos dissidentes riograndenses.

1860.— Naufragio da corveta brasileira *D. Isabel* perto do cabo Espartel (Marrocos). Pereceram nesse naufragio o commandante, Bento José de Carvalho, mais 21 officiaes e 101 praças de guarnição.

12 DE NOVEMBRO

1653.— O capitão Francisco Pereira Guimarães derrota um troço de Hollandezes entre o Engenho Mingáo (Estancia do Aguiar), juncto do Jequiá, e o forte de Afogados. Dias depois, o capitão Manuel de Aguiar destroça no mesmo logar outro destacamento hollandez.

1823.— O imperador d. Pedro I dissolve a Assembléa Constituinte, declarando que convocaria uma outra para examinar o projecto de Constituição, que elle ia apresentar. Foram presos nesse dia os deputados José Bonifacio, Martim Francisco, Antonio Carlos (os trez ermãos Andradas), Montezuma, Belchior Pinheiro e José Joaquim da Rocha, os quaes, com dous filhos dêste último e os dous ermãos Meneses de Drummond, foram posteriormente deportados para a França (veja 20 de Dezembro). Os seguintes membros da extincta Assembléa foram egualmente presos e logo depois postos em liberdade: — Vergueiro, Muniz Tavares, Henriques de Resende, Carneiro da Cunha, Alencar, Cruz Gouvêia, Xavier de Carvalho e Andrade Lima.

1836.— Decreto do Govêrno revolucionario do Rio Grande do Sul, datado de Piratinim, creando o escudo de armas do Estado Rio-Grandense: — escudo quadrado, partido em banda (*tranché*), a primeira de sinople, a segunda de ouro, cortado por uma banda de góles. A descripção no decreto é differente, e escripta por algum professor de Geometria, nada entendido em Heraldica. A bandeira era formada de trez faixas horizontaes, verde a de cima, vermelha a do centro e amarella a inferior.

1848. — Os revolucionarios de Pernambuco apoderam-se da villa de Nazareth, depois de alguma resistencia do destacamento policial (50 praças), commandado pelo capitão Antonio de Albuquerque Maranhão.

1864. — Apresamento do paquete brasileiro *Marquez de Olinda* pelo vapor paraguaio *Taquarí*. Sem prévia declaração de guerra, o dictador do Paraguái ordenou esse insulto ao Brasil, considerou bôa prêsa o navio capturado, e reteve em prisão todos os tripolantes e os passageiros, entre os quaes o coronel Frederico Carneiro de Campos, nomeado presidente da provincia de Mato-Grosso.

13 DE NOVEMBRO

1615. — Segundo Pizarro (« Memorias Historicas », II, 133 e 211), o governador do Rio de Janeiro, Constantino de Meneláo, fundou nesta data a povoação de Cabo-Frio. Em carta de 1° de Outubro de 1615 (no t. XVIII, pags. 409, da « Rev. do Inst.» imprimiu-se erradamente 1625), Meneláo diz ao rei que recebera no Rio a sua ordem para o estabelecimento de duas fortalezas e de uma povoação em Cabo-Frio, e que ia partir dentro de 15 dias. Em Septembro elle estivera em Cabo-Frio, onde 5 navios inglezes tinham levantado um fortim, que foi evacuado precipitadamente á sua chegada, partindo logo os navios que estavam a receber páo-brasil. Anteriormente, e no mesmo anno de 1615, havia expulsado desse logar os tripolantes de vários navios hollandezes, fazendo alguns prisioneiros. Foi então que destruiu a chamada « Casa de Pedra », de que falla Pizarro, citando o « Roteiro » de Pimentel, que é de 1712. A denominação, porém, é muito mais antiga. Em um mappa do Rio de Janeiro, Cabo-Frio e seus arredores, desenhado em 1579 por Jacques de Vaudeclaye (« Le vrai pourtraict de Geneure et du Cap de frie », Bibliotheca Nacional de Pariz), está representada a « Maison de Pierre » sobre uma rocha na poncta do Sul da entrada do canal de Itajurú, isto é, na chamada Barra-Nova. Knivet visitou pelo anno de 1596 a Casa de Pedra (veja cap. III de sua « Rel.»). A ilha em que neste seculo se assentou o pharol, chamava-se Abuá: — « Ceste ysle s'appelle Le Bouha laquelle est fort haulte et se montre en forme de selle de cheval », diz J. de Vaudeclaye. Em Thevet lê-se: — « Il est appellé des sauvages Bouahé », e algumas linhas adeante: — « ... isle plus proche du dit cap de frie nommée Aboua » (« Hist. d'André Thevet angoumoisin, de deux voyages, etc.», ms. da Bibliotheca Nacional de Pariz, fs. 101 v.°).

1711. — Parte do Rio de Janeiro a esquadra franceza de Duguay-Trouin (veja 4 de Novembro).

1768.— Chega ao Rio de Janeiro, em viagem para o Pacifico, o célebre navegador James Cook.

1814.— O marquez de Alegrete (Luiz Telles da Silva Caminha e Meneses) toma posse do cargo de capitão-general da capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Succedeu a d. Diogo de Sousa (conde do Rio-Pardo) e governou até 10 de Outubro de 1818. Desde 1816 teve de attender ás operações da guerra contra o dictador oriental José Artigas. Commandou em chefe o nosso exército na batalha de Catalán (4 de Janeiro de 1817).

1823.— *Creação do Conselho de Estado pelo imperador d. Pedro I.*— Ficou assim composto (damos em seguida os titulos que posteriormente tiveram esses estadistas e homens politicos): — João Severiano Maciel da Costa (marquez de Queluz), Luiz José de Carvalho e Mello (visconde da Cachoeira), Clemente Ferreira França (marquez de Nazareth), Mariano José Pereira da Fonseca (marquez de Maricá), brigadeiro João Gomes da Silveira Mendonça (marquez de Sabará), tenente-coronel Francisco Villela Barbosa (marquez de Paranaguá), que já eram ministros desde o dia 10 (o 3º, o 4º e o 6º) ou entraram para o Gabinete até 19 de Novembro; o barão de Sancto-Amaro (depois marquez) e Antonio Luiz Pereira da Cunha (marquez de Inhambupe), chefes da opposição moderada na Constituinte dissolvida; Manuel Jacintho Nogueira da Gama (marquez de Baependí) e José Joaquim Carneiro de Campos (marquez de Caravellas), dous dos ministros que se demittiram no dia 10. Todos esses conselheiros de Estado eram Brasileiros natos. Por ordem do imperador, começaram elles a preparar um projecto de Constituição, que no dia 11 de Dezembro ficou prompto, para ser publicado e submettido ás Camaras Municipaes, antes de se-lo á nova Constituinte.

1872.— Approvação dos estatutos da Estrada de Ferro Mogiana. Os trabalhos de construcção da linha começaram no dia 28 de Agosto do anno seguinte.

14 DE NOVEMBRO

1637.— O general Bagnuoli marcha em retirada de Sergipe para a Torre de Garcia d'Avila e ahi acampa no dia 29, com as tropas de Pernambuco.

1645.— O capitão Klaes Klaeszoon, que simulara adherir á causa da revolução pernambucana, quando o commandante Hoogstraten entregou o forte de Ponctal (veja 3 de Septembro de 1645), deserta para os seus compatriotas hollandezes no

Recife, levando uns 60 soldados extrangeiros. Segundo Nieuhoff, este facto deu-se no dia 12; segundo Rafael de Jesús, 5 dias depois do combate de 10 de Novembro.

1704.— Assalto da Colonia do Sacramento pelos Hispanhóes (3° neste assédio), repellido pelo general Sebastião da Veiga Cabral. Os sitiantes começam a fazer minas.

1754.— Convenção de treguas, até nova determinação dos reis de Portugal e Hispanha, ou até que o exército hispanhól abrisse as operações, assignada no Passo do Jacuhí entre o general Gomes Freire de Andrada e os caciques das Missões do Uruguái. O general hispanhól Andonaegui suspendera a marcha e voltara para Buenos-Aires, em consequencia da opposição dos Guaranís, e recommendára a Freire de Andrada que regressasse para o Rio-Pardo.

1822.— A villa de Porto-Alegre, no Rio Grande do Sul, teve nesta data o predicamento de cidade.

1844.— O coronel Francisco Pedro de Abreu, á frente de 1.170 homens de cavallaria da Guarda-Nacional e do 8° batalhão de caçadores (tenente-coronel Luiz José Ferreira), surprehende pela madrugada o general David Canavarro, que, tendo ás suas ordens os generaes Netto e Silveira, estava acampado juncto aos serros de Porongos, entre as cabeceiras do arroio das Torrinhas e o Arroio Grande, affluentes do Camaquam. A surpresa foi completa: os dissidentes (1.200 homens) dispersaram-se, perdendo uns 100 mortos, 333 prisioneiros (35 officiaes), 5 estandartes, 1 canhão, quasi todas as armas, bagagens, archivo e mais de 1.000 cavallos. Os legalistas tiveram apenas 4 feridos, e contuso o tenente Fidelis Paes da Silva, da Guarda-Nacional. Fallando dêste feito de armas, um dos últimos da guerra civil, disse o general Caxias: — « E' sem dúvida a primeira vez que David Canavarro é surprehendido, o que até agora parecia impossivel pela sua incansavel vigilancia .»

— Neste mesmo dia o então coronel da Guarda-Nacional João Propicio Menna Barreto (depois general e barão de São Gabriel) destroçava no Guapitanguí o commandante Jacintho Guedes da Luz e o perseguia até ao Passo do Leão, no Quarahim. Os dissidentes passaram ahi para o territorio oriental.

1848.— *Combate de Mussupinho, em que o coronel José Vicente de Amorim Bezerra derrota um corpo de revolucionarios pernambucanos, commandado pelo coronel José Joaquim de Almeida Guedes.*— A fôrça legalista compunha-se de contingentes do exército, de policia e da Guarda-Nacional, e teve 23 mortos e 67 feridos; os dissidentes tiveram 43 mortos, 100 feridos e 56 prisioneiros. Foi este o primeiro combate

importante da guerra civil, começada em Pernambuco pela insurreição dos liberaes (veja 7 de Novembro).

1853.— Concessão de privilegio para a construcção da estrada de ferro da Bahia ao S. Francisco.

15 DE NOVEMBRO

1710.— O bispo de Olinda, d. Manuel Alvares da Costa, assume o govêrno da capitania de Pernambuco (veja 7 de Novembro).

1825.— Carta de lei de d. João VI, annunciando que transmittira os seus direitos sôbre o Brasil a d. Pedro, e que reconhecera a independencia do novo Imperio, reservando-se o titulo de imperador. Este é o trecho essencial: — «Houve por bem ceder e transmittir em meu sôbre todos muito amado e prezado filho d. Pedro de Alcantara, herdeiro e successor dêstes reinos, meus direitos sôbre aquelle paiz, creando e reconhecendo sua independencia com o titulo de Imperio, reservando-me, todavia, o titulo de imperador do Brasil. Meus designios sôbre este tão importante objecto se acham ajustados da maneira que consta do tractado de amizade e alliança, assignado no Rio de Janeiro em o dia 29 de Agosto do presente anno, ratificado por mim no dia de hoje».

1827.— Lei fundando a divida pública do Brasil e creando a Caixa de amortização.

1839.— *Combate naval da Laguna* (*guerra civil riograndense*.— Os revolucionarios riograndenses estavam senhores da villa da Laguna e seus arredores desde 23 de Julho. David Canavarro commandava as fôrças de terra (1.200 homens) e o capitão-tenente José Garibaldi era o chefe da esquadrilha, guarnecida principalmente por Italianos. O forte da Barra tinha 9 peças e era commandado pelo capitão Philippe Capote. A esquadrilha, disposta em semi-circulo, perto do forte, compunha-se dos navios seguintes: escunas *Itaparica* (5 peças, commandante João Henriques, dos arredores da Laguna, «Juan Henrique del paese de la Laguna», diz Garibaldi), *Rio-Pardo* ou *Libertadora* (1 rodizio de 9, Garibaldi) e *Caçapava* (1 rodizio de 12, John Griggs), canhoneira *Lagunense* (1 rodizio de 6, Manuel Rodrigues), 5 navios guarnecidos de atiradores, palhabote *Seival* (1 rodizio de 9, Lorenzo Valerigni) e lanchão *Sancta-Anna* (1 rodizio de 9, Ignacio Bilbáo). Canavarro evacuou a villa e passou-se para o Sul, ao saber que o tenente-coronel José Fernandes dos Sanctos Pereira avançava de Villa-Nova com 1 brigada (2° de infantaria, batalhão provisorio de Pernambuco, batalhão da Guarda-Na-

cional da Serra, cavallaria da Guarda-Nacional de Imbaú e do Desterro e 1 contingente de artilharia). Essa columna entrou sem resistencia na villa, pelas 5 horas da tarde, quando terminava o combate naval. A's 4, o capitão de mar e guerra, depois almirante, Frederico Mariath forçava a entrada da barra com os navios seguintes: canhoneira n. 14 (commandante Moreira da Silva, 2 boccas de fogo), lanchão n. 1 (commandante A. J. Pereira Leal, 2), lanchões ns. 2, 3 e 4 (cada um com 1 bocca de fogo, commandantes Rodrigues da Costa, J. M. da Silveira e Bernardo de Sousa), canhoneira n. 6 (commandante Gama Rosa, 2), canhoneira n. 13 (commandante F. Pereira Pinto, depois barão de Ivinheima, 2), patacho *S. José* (commandante J. de Jesús, 5), brigues-escunas *Eolo* (navio-chefe, commandante Paixão, 2) e *Cometa* (commandante Senna e Araujo, 6), escuna *Bella-Americana* (commandante d'Houdain), patacho *Desterro* (commandante Marcos Evangelista, 2), canhoneira *Bellico* (commandante M. J. Vieira, 1) e canhoneira n. 16 (commandante João M. Wandenkolk, 1). Ao todo, 14 navios, 31 boccas de fogo e 379 homens. O combate durou menos de 1 hora, e nelle pereceram todos os commandantes dos navios de Garibaldi, menos o seu chefe, que combateu, como sempre, intrepidamente. A *Caçapava* foi a pique; a *Lagunense*, o *Seival* e o *Sancta-Anna* foram tomados pela *Bella-Americana* e pelos lanchões ns. 1 e 3; a *Rio-Pardo* e a *Itaparica* foram incendiadas por Garibaldi. A perda dos vencedores foi de 17 mortos e 38 feridos, segundo a participação official de Mariath; mas elle proprio, em artigo publicado annos depois, deu algarismos muito maiores..

1848.— O capitão Sebastião Antonio do Rego Barros repelle, no Poço da Panella, um ataque dos revolucionarios de Pernambuco, commandados por João Ignacio Ribeiro Roma.

1889.— Proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

16 DE NOVEMBRO

1676.— Bulla de Innocencio XI, elevando o bispado da Bahia a arcebispado metropolitano do Brasil.

1823.— Manifesto do imperador d. Pedro I, dando as razões que teve para dissolver a Assembléa Constituinte e para convocar outra, a que ia submetter um projecto de Constituição mais liberal que o da extincta assembléa. A discussão dêsse projecto ficou terminada a 11 de Dezembro, no Conselho de Estado.

1824.— E' nomeada uma commissão militar para julgar na Bahia os assassinos do governador das armas, Felisberto

Gomes Caldeira, e os cabeças da sedição militar de 25 de Outubro (veja essa data).

1827.— *Combate do Salado* (primeiro dia).— O almirante barão do Rio da Prata encarregara o capitão de mar e guerra, João Carlos Pedro Prytz de retomar ou destruir o brigue *Ururáo* e a galera *Santista* (veja 26 de Outubro), que estavam no Salado. Prytz levou a fragata *Imperatriz*, de que era commandante, os brigues *Caboclo* (Inglis) e *Pirajá* (J. Baptista de Sousa), as escunas *Bella-Maria* (Parker), *Grenfell* (Nery) e *Paula* (Ths. Read) e a canhoneira *Victoria da Colonia* (C. L. Desuza). Os 4 ultimos abriram o fogo ás 2 horas da tarde contra a galera, o *Ururáo* e 1 sumaca armada, encalhados a tiro de metralha da bateria do Salado. Essas 3 embarcações e a bateria sustentaram o combate. A's 5 da tarde, 1 lancha, commandada pelo primeiro-tenente Diogo Ignacio Tavares, e 2 escaléres, dirigidos pelos segundos-tenentes Joaquim José de Aguiar e Luiz Brown, foram abordar a galera. O inimigo, porém, lançou fogo a esse navio e á sumaca (veja o dia seguinte).

1840.— Um corpo de legalistas, commandado pelo coronel Jeronymo Jacintho Pereira, é derrotado em S. Philippe por João Antonio da Silveira, um dos generaes da revolução riograndense.

1862.— Exhumação dos ossos de Estacio de Sá, primeiro fundador da cidade do Rio de Janeiro, fallecido a 20 de Fevereiro de 1567, do ferimento recebido na tomada do forte de Uruçúmirim, hoje Praia do Flamengo (veja 20 de Fevereiro de 1567).

1868.— O coronel Fernando Machado de Sousa persegue uma fôrça inimiga na esquerda (direita nossa) da linha do Pikisirí.

17 DE NOVEMBRO

1636.— *Combate no riacho Anatuba*, perto do Tapacurá e do engenho Sancto-Antonio (Pernambuco), em que os capitães Francisco Rabello e Sebastião do Souto e o governador Henrique Dias resistem a fôrças muito superiores, commandadas pelo coronel Arciszewski, empenhado em vingar o revés de 16 de Outubro. Os commandantes brasileiros puderam continuar a sua retirada para Porto-Calvo, conduzindo os seus feridos. Tiveram 37 mortos; e os Hollandezes, mais de 70.

1637.— Entrada dos Hollandezes, commandados por Sigismund van Schkoppe, em S. Christovam (Sergipe d'El-Rei). O general Bagnuoli tinha evacuado esse poncto no dia 14, retirando-se para a Torre de Garcia d'Avila.

1638.— Entra na Bahia o almirante hollandez W. Cornelissen Loos com uma esquadra de 12 navios, e durante alguns dias saqueia e queima vários engenhos. No dia 3 de Dezembro fez-se de véla, para cruzar.

1650.— Fundação da Sancta Casa da Misericordia do Pará.

1827.— *Segundo dia do combate do Salado.*— As nossas 4 escunas e canhoneiras ancoraram, ao amanhecer, a tiro de metralha do brigue *Ururáo*. Este e a bateria responderam ao fogo. A's 9 horas da manhã o inimigo incendiou o brigue, apenas viu que lanchas e escaléres o iam abordar. Os mesmos navios brasileiros foram depois atacar o corsario *Presidente*, que estava encalhado perto da bateria; mas, não podendo fazer-lhe muito damno na posição que occupava, o chefe Prytz suspendeu o combate ás 10 ½ da manhã.

1830.— Pela primeira vez o Senado e a Camara dos Deputados trabalharam reunidos em assembléa geral, dandose assim o caso de fusão das camaras, sabiamente previsto pela Constituição de 1824. Foram discutidas as emendas do Senado ao orçamento, ficando terminados o debate e a votação no dia 20.

1832.— Nasce na cidade do Rio de Janeiro Manuel Antonio de Almeida, auctor das «Memorias de um sargento de milicias» (veja 28 de Novembro de 1861).

1848.— O major Ignacio de Siqueira Leão Silva e Cruz, á frente de 150 homens, pela maior parte da Guarda-Nacional, ataca e toma o engenho de Cachoeira, perto de Serinhaem. Nesse combate achou-se, diz a ordem do dia, «o benemerito padre Joaquim Pinto de Campos, que voluntariamente exerce o seu ministerio ecclesiastico, e que, dando fôrça á causa da legalidade, infunde no ánimo dos povos amor ás instituições e ao monarcha, no da tropa subordinação e valor no combate, e no campo de batalha mui dignamente se portou, dirigindo palavras consoladoras aos infelizes que agonizavam».

1851.— Estando acampado juncto ao arroio de Cufré, em marcha do Passo de Cuello, no Sancta-Lucia, para a Colonia do Sacramento, o general conde de Caxias (depois marechal e duque) publíca uma ordem do dia, dando nova organização ao exército brasileiro em operações. Compunha-se este de 20.000 homens, do exército e da Guarda-Nacional.

18 DE NOVEMBRO

1757.— Última licença dada em Lisbôa para a impressão do «Ethiope resgatado», obra do padre Manuel Ribeiro Rocha,

natural de Lisbôa, « domiciliario na cidade da Bahia e nella advogado, e bacharel formado na Universidade de Coimbra». O nome de Manuel Ribeiro Rocha, exquecido durante as nossas luctas em favor da emancipação da raça negra, deve ser venerado como o do mais antigo abolicionista do Brasil. Todas as idéas que triumpharam em 1871 e 1888, elle as prégou desde o seculo XVIII naquelle livro precioso, muito antes de pronunciar-se Condorcet pela liberdade dos nascituros (1781), de escrever Clarkson a sua célebre dissertação de 1786, e antes tambem da resolução tomada pelos Quakers de libertarem os seus escravos (1° de Janeiro de 1788). Foi, portanto, um precursor de todos estes benemeritos da Humanidade e dos que posteriormente se illustraram, defendendo a grande causa, hoje vencedora em todo o mundo civilizado.—«Esta, pois, me metteu na mão a penna (dizia Rocha) para a formatura do opusculo presente, na primeira parte do qual mostro que se não podem commerciar, haver, e possuir estes pretos africanos por titulo de permutação ou compra, com acquisição de dominio, sem peccado, e gravissimos encargos de consciencia.» Só admittia o tráfico para resgatar os que já fossem captivos dos barbaros Africanos: «... resgatado da escravidão injusta, a que barbaramente reduziram os seus mesmos nacionaes». O senhor devia conservar em seu poder apenas durante certo prazo esses Africanos resgatados e « a titulo de redempção, com acquisição sómente do direito de senhor e retenção, para nos servirem, como escravos, até pagarem seu valor, ou até que com diuturnos serviços o compensem, ficando depois disso totalmente desobrigados e restituidos á natural liberdade com que nasceram». Os filhos das Africanas detidas em servidão, esses nasciam livres: «E ultimamente: que os partos das escravas remidas nascem ingenuos, e sem contrahirem a causa do penhor e retenção em que ellas existirem... Deve-se observar esta lei com a modificação de que fiquem servindo e obedecendo a seus patronos até terem a edade de 14 ou 15 annos: não por escravidão, sinão sómente por recompensa e gratificação do beneficio da creação e educação que delles receberam».— O que o padre Rocha propunha em 1757 era muito mais do que o obtido a tanto custo na lei brasileira de 28 de Septembro de 1871.

1823.— Convenção assignada no Pastoreio de Pereira, nascentes do arroio Miguelete, entre os delegados do general d. Alvaro da Costa de Sousa de Macedo, commandante das tropas que occupavam Montevidéo e se conservavam fiéis ao rei de Portugal, e os delegados do general Lecór, barão da Laguna (depois visconde), commandante em chefe do exército brasileiro que sitiava essa praça (guerra da Independencia). A convenção foi ratificada pelos dous generaes no dia seguinte. Por ella obrigou-se d. Alvaro de Macedo a embarcar para

Lisbôa com as tropas portuguezas, entregando a praça ao general brasileiro. Entre as fôrças que até ao último momento se conservaram fiéis a Portugal, e defenderam a praça, estavam o 1° e o 2° batalhões de libertos do Rio de Janeiro, incorporados ao exército imperial depois desta convenção e do embarque dos Portuguezes. Em consequencia da demora na promptificação dos transportes que deviam conduzir a guarnição européa, o exército brasileiro só poude fazer sua entrada em Montevidéo no dia 2 de Março do anno seguinte. A convenção de 18 de Novembro foi assignada pelo coronel Ignacio José Vicente da Fonseca, chefe de legião de S. Paulo, tenente-coronel Wenceslau de Oliveira Bello, commandante da artilharia do Rio de Janeiro (representantes do general brasileiro), coronel Philippe Nery Gurjão e major Ignacio da Cunha Gasparinho (representantes do general portuguez). Este Wenceslau de Oliveira Bello, segundo Balbi, foi um dos maiores mestres de esgrima de seu tempo.

1837.— Os revolucionarios da cidade da Bahia atacam o forte da ilha de Itaparica e são repellidos pelo coronel Antonio de Sousa Lima, depois brigadeiro.

— Fallecimento do cirurgião fluminense João Alves Carneiro (veja 1° de Outubro de 1776).

1848.— O coronel Manuel Pereira da Silva, da Guarda-Nacional, repelle em Pajeú de Flores, nos dias 18, 19 e 20, os insurgentos de Pernambuco commandados pelo coronel Francisco Barbosa Nogueira Paes.

1862.— Morre em Copenhagen o chefe de divisão João Carlos Pedro Prytz, nascido na mesma cidade a 16 de Agosto de 1789. Serviu com distincção na marinha da Dinamarca e na da França, durante as guerras do 1° Imperio francez, e na marinha brasileira desde 1825 até 1831, entrando para esta com o posto de capitão de mar e guerra. Durante as nossas campanhas navaes do Rio da Prata, de 1826 a 1828, commandou uma fragata, e por algum tempo a 2ª divisão. Foi chefe das fôrças brasileiras no combate naval do Banco das Palmas a 24 de Fevereiro de 1827, e no combate do Salado em 16 e 17 de Novembro do mesmo anno. Em 1828 levou para a Inglaterra a rainha de Portugal e no anno seguinte voltou commandando a divisão que trouxe ao Rio de Janeiro a 2ª imperatriz do Brasil e a mesma rainha.

1866.— O marechal marquez de Caxias (depois duque) assumiu em Tuiutí o commando em chefe do exército brasileiro e das fôrças navaes em operações no sul do Paraguái.

1869.— O tenente-coronel José Joaquim Teixeira de Mello derrota no arroio Guazú, affluente do Aquidaban, os majores paraguaios Franco e Urbieta.

19 DE NOVEMBRO

1614.— *Combate de Guaxenduba, ganho pelo capitão-mór Jeronymo de Albuquerque sôbre os Francezes que occupavam a ilha do Maranhão* (veja 6 de Agosto de 1612).— Albuquerque desembarcara 23 dias antes, na praia de Guaxenduba, bahia de S. José, e ahi construira um arraial ou campo entrincheirado, a que dera o nome de forte de S. Maria de Guaxenduba (sôbre a posição dêsse forte, veja a «Ephemeride» de 28 de Outubro de 1614). Suas fôrças constavam apenas de 300 soldados, brancos ou mixtiços, e de 200 indios. Com elle servia, na qualidade de 2° commandante, o sargento-mór do Estado do Brasil, Diogo de Campos Moreno, que foi o chronista portuguez desta campanha («Jornada do Maranhão»). Na madrugada de 19 de Novembro, La Ravardière apresentou-se deante de Guaxenduba com 7 navios e 50 canôas, e destas saltaram em terra, sob o commando de De Pizieux, 200 Francezes e 1.500 Indios, que começaram a levantar apressadamente varios entrincheiramentos, mas foram pouco depois assaltados, surprehendidos e rotos pelas nossas tropas. A vasante da maré não permittiu que La Ravardière desembarcasse com outra columna, que devia tomar parte no projectado ataque.— «Nos sauvages (disse o cirurgião parisiense De Lastre) abandonnent leur cornette, et se sauvent à la nage, à la faveur de nos vaisseaux qui estoient à la portée du mousquet d'eux. Plusieurs François taschent de faire le samblable, quelques-uns se sauvent, et la plus part sont assommez dans l'eaue par ces mullastres et sauvages Portugais. Il en fut fort tué au combat, car ils se battirent merveilleusement bien, mais estant separez et surpris de la façon, ils n'eurent le loisir le se pouvoir rallier». Ficaram mortos 115 Francezes e prisioneiros 9: entre os primeiros, de Pezieux (primo de Margarida de Montmorency, princeza de Condé), de Chabannes (primo de La Ravardière), de Rochefort, de Logeville, de Saint-Gilles, de La Haye, de Saint-Vincent, d'Ambreville, e de La Roche-Dupuis. Do nosso lado, houve 11 mortos (um delles Luiz de Guevara) e 18 feridos (nesse número entraram o capitão Antonio de Albuquerque, filho de Jeronymo de Albuquerque, 2 alferes e o fluminense Melchior Rangel). Os chronistas não mencionam a perda dos Indios dos dous partidos. Seguiu-se o troca de uma correspondencia, a principio arrogante, mas em que logo depois Albuquerque e La Ravardière procuraram exceder-se em cortezias. «Mais obriga aos cavalheiros portuguezes um termo cortez que a fôrça das armas, e assim dou á minha palavra de que, afóra a guerra que trazemos, tudo que fôr do gosto e serviço do Senhor de Ravardière, hei de faze-lo muito a poncto», dizia Albuquerque, em carta de 22 de Novembro. No dia seguinte

respondia-lhe La Ravardière: — « Sr. de Albuquerque. — A clemencia daquelle grande capitão de Albuquerque, vice-rei de Sua Magestade d. Manuel nas Indias Orientaes, apparece em vós, na cortezia que fazeis aos meus soldados francezes, e na sepultura que haveis dado aos meus mortos, entre os quaes tenho um que amei em vida como a ermão, porque era bravo e de bôa casa. Eu louvo a Deus, esperando que, si tornarmos ás mãos, tomará minha justa causa e minhas cousas nas suas...» O chefe francez mandou ao acampamento brasileiro o cirurgião De Lastre, para tractar de nossos feridos: « Jamais (escreveu este) je n'ay veu de si honestes gens, et si entiers comm'ils sont, mais ils avoient bien besoin de moi. M. de la Ravardière les a bien obligez de preferer leurs blessés aux siens, mais la France ne sera jamais sans courtoisie » (« Histoire véritable de ce qui s'est passé de nouveau entre les François et Portugais en l'isle de Maragnan » impressa em Pariz, sem o nome do auctor, em 1615, mas o nome do cirurgião está indicado na « Jornada do Maranhão » de Diogo de Campos Moreno). No dia 27 de Novembro ficou ajustada uma suspensão de armas, e nesse documento Jeronymo de Albuquerque assignou-se pela primeira vez « Albuquerque Maranhão ». O vencedor de Guaxenduba e restaurador do Maranhão era filho de Jeronymo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, primeiro senhor de Pernambuco. Sua mãe era uma India, filha do cacique Arco-Verde. Nasceu em Olinda em 1548 e falleceu em S. Luiz do Maranhão no dia 11 de Fevereiro de 1618.

1709. — Carta régia dando o titulo e privilegios de villa á povoação do Recife, ficando assim os seus habitantes, pela maior parte Portuguezes europeus, independentes da Camara da cidade de Olinda, cujos cargos eram occupados pela nobreza da terra. Na demarcação de limites, accentuaram-se as rivalidades e odios entre Pernambucanos e Portuguezes: deu-se então o attentado contra a vida do governador, parcial dos negociantes portuguezes (17 de Outubro de 1710), a insurreição dos partidarios de Olinda e a fuga do governador (7 de Novembro), a destruição do pelourinho e dissolução da Camara da nova villa (9 de Novembro), a sublevação e reacção dos habitantes do Recife (18 de Junho de 1711) e a guerra civil, chamada dos *Mascates*, que só terminou no dia 8 de Outubro de 1711.

1816. — *Batalha de India-Muerta, ganha pelo general Sebastião Pinto de Araujo Corrêia sôbre os Orientaes.* — A columna dêste general fazia a vanguarda do exército do general Lecór (depois barão e visconde da Laguna), que invadia, pelas fronteiras de Sancta-Teresa e do Serro-Largo, o territorio da Banda Oriental do Uruguái, dominado então pelo dictador Artigas. A batalha, que abriu ás tropas de Lecór o

caminho de Montevidéo, deu-se entre o Puesto de la Paloma e o Paso de la Coronilla, no arroio de India-Muerta. Sebastião Pinto commandava 957 homens das 3 armas, pela maior parte Portuguezes (722 de infantaria e artilharia com 1 obuz, 129 de cavallaria todos da divisão portugueza de Voluntarios Reaes, e 106 de cavallaria brasileira). O seu adversario, Fructuoso Rivera, tinha 1.700 homens de infantaria e cavallaria e 1 peça. O centro da linha portugueza (granadeiros e caçadores) era dirigido pelo general: no flanco esquerdo combateram 2 esquadrões do Rio Grande e de S. Paulo (major, depois brigadeiro, Manuel Marques de Sousa, segundo dêsse nome); no direito 2 esquadrões portuguezes (tenente-coronel João Vieira Tovar). A peleja durou 4 1|2 horas, ficando completamente destroçadas e dispersas as tropas orientaes. Rivera deixou no campo de batalha mais de 300 mortos e prisioneiros, grande número de armas, o unico canhão que possuia, e escapou seguido apenas de 100 homens. Os vencedores tiveram 29 mortos (2 officiaes) e 66 feridos (5 officiaes). O tenente-coronel Tovar perdeu um braço; os majores brasileiros Marques de Sousa e Galvão de Moura Lacerda (José Pedro) receberam contusões. O major Jeronymo Pereira de Vasconcellos, natural de Minas-Geraes, commandante dos caçadores portuguezes, muito se distinguiu. Este official era ermão de Bernardo Pereira de Vasconcellos; depois da Independencia, continuou a servir em Portugal, onde foi general, ministro da guerra em 1846 e visconde da Barca.

1826.— O coronel José Eloy Pessôa occupa a ilha de Gorrití, no porto de Maldonado, com um corpo de artilharia da Bahia.

1827.— Na enseada das Palmas (ilha Grande), o tenente José Fernandes da Silva, de milicias, repelle e destroça um destacamento que desembarcara do brigue argentino *Congreso* (commandante Cesar Fournier).

1831.— *Revolta na cidade de S. Luiz do Maranhão.*— Os revoltosos pediam a deportação de varios empregados, a demissão de todos os Brasileiros adoptivos e prohibição de desembarque contra os emigrados portuguezes. O presidente da provincia, Araujo Viana (depois marquez de Sapucahí), não quiz ceder, e os desordeiros foram batidos, sendo presos varios cabeças. Outros fugiram para as matas do Itapicurú, e ahi um ourives, Antonio João Damasceno, reuniu grande número de malfeitores, que infestaram durante alguns mezes o interior da provincia. A ordem foi afinal restabelecida pela energia do commandante das armas, tenente-coronel Ignacio Corrêia de Vasconcellos.

1833.— Morre no Rio de Janeiro o senador do Imperio,

marquez de Queluz (João Severiano Maciel da Costa). Nasceu na cidade de Mariana (Minas-Geraes) em 1769, e, depois de haver estudado Direito em Coimbra, foi magistrado em Portugal e no Brasil. De 1809 a 1817 governou a Guiana Franceza (dessa administração falla Vignal, com grande louvor, no seu «Coup d'œil sur Cayenne», Pariz, 1823). Em 1821 foi preso por alguns dias no Rio de Janeiro, com outros Brasileiros distinctos, e o almirante Pinto Guedes, em consequencia de uma denúncia de que procuravam induzir o povo a oppôr-se á partida do rei para Portugal. Accompanhou d. João VI até Lisbôa, mas as Côrtes Constituintes prohibiram a sua permanencia na capital. Publicou então em Coimbra um folheto: «Apologia que dirige á Nação Portugueza... João Severiano Maciel da Costa». No mesmo anno publicou a sua «Memoria sobre a necessidade de abolir a introducção dos escravos africanos no Brasil; sobre o modo e condições com que esta abolição se deve fazer; e sobre os meios de remediar a falta de braços que ella póde occasionar», Coimbra, 1821). Em 1823 fez parte da Assembléa Constituinte Brasileira.» Nomeado conselheiro de Estado a 13 de Novembro do mesmo anno, foi um dos redactores da Constituição do Imperio, e teve assento no Senado desde a organização dessa Camara em 1826, representando a provincia da Parahiba. Occupou o cargo de ministro do Imperio de 17 de Novembro de 1823 a 14 de Outubro do anno seguinte, a presidencia da Bahia em 1825 e 1826, e foi ministro dos Negocios Extrangeiros e da Fazenda desde 16 de Janeiro até 20 de Novembro de 1827. De 1828 a 1830 teve uma polemica com o almirante barão do Rio da Prata (Pinto Guedes) e publicou dous opusculos anonymos. O marquez de Queluz foi um dos mais notaveis estadistas do reinado de d. Pedro I.

1837.— O dr. Antonio Pereira Barreto Pedroso toma posse da presidencia da provincia da Bahia, na cidade da Cachoeira, e começa a empregar-se activamente na organização de fôrças para combater a rebellião de 7 de Novembro.

1838.— O então major Francisco Pedro de Abreu, (depois barão de Jacuhí) desembarca em Sancto-Amaro, no Jacuhí, derrota os insurgentes que guarneciam esse logar, aprisiona o «valente» Francisco Teixeira, que os commandava, e liberta a alguns dos prisioneiros do desastre do Rio-Pardo (30 de Abril), entre os quaes o major Lopo de Almeida Henriques Botelho e Mello, que naquelle combate dirigia a artilharia dos imperialistas.

1868.— Reconhecimento das linhas do Pikisirí pelo general Caxias e bombardeamento de Angostura pelos encouraçados *Herval*, *Mariz e Barros*, *Cabral*, *Colombo* e *Piauhí* sob o commando em chefe de Mamede Simões.

20 DE NOVEMBRO

1530.— Carta patente do rei d. João III nomeando Martim Affonso de Sousa capitão-mór da nova armada que mandava ao Brasil e dando-lhe poderes extraordinarios para fundar e reger uma colonia, dar terras de sesmaria e crear empregos de justiça.

1630.— Os capitães João de Amorim, Francisco Rebello, Manuel Soares Robles e Antonio Pereira derrotam um destacamento hollandez perto de Olinda.

1639.— Parte da Bahia a armada do capitão-general de mar e terra conde da Torre. Conduzia as tropas que, sob o commando do general principe de Bagnuoli, deviam desembarcar em Pernambuco (veja 12, 13, 14 e 17 de Janeiro de 1640). Durante a ausencia do conde da Torre, ficou occupando o cargo de governador-geral o conde de Obidos.

1769.— Nascimento de Francisco Villela Barbosa (depois marquez de Paranaguá), estadista e poeta. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro e falleceu a 11 de Septembro de 1846 (veja esta data).

1823.— Parte do Rio de Janeiro a charrúa *Luconia*, conduzindo para a França os deportados politicos conselheiro José Bonifacio, conselheiro Martim Francisco, Antonio Carlos (os 3 ermãos Andradas), Montezuma (depois visconde de Jequitinhonha), Belchior Pinheiro de Oliveira, José Joaquim da Rocha, todos deputados da Constituinte dissolvida (veja 12 de Novembro), e os 2 ermãos Vasconcellos de Drummond. Essas deportações (unicas que então foram feitas, sendo inexacta a extensa relação de nomes que publicou um historiador nacional) ficaram resolvidas em sessão de 15 de Novembro, do Conselho de Estado. Na mesma reunião fixou-se o *quantum* da pensão que deveria ser paga aos deputados, enquanto não pudessem regressar ao Brasil.

1826.— O almirante argentino Brown tentou passar entre a ilha de S. Sebastião e o continente, com a escuna *Sarandí* e a corveta *Chacabuco*, mas retrocedeu, tendo soffrido muitas avarias e a perda de alguns mortos e feridos pelo fogo da bateria do Rabo-Azedo (3 peças, capitão de milicias João Corrêia Alves Marzagão) e pelo do forte de Villa-Bella (7 peças, tenente-coronel Lopo da Cunha d'Eça e Costa). Ao regressar, foram os 2 navios argentinos hostilizados por aquella bateria e pela da Sipituba (3 peças).

1827.— Retiram-se os ministros que formavam o Gabinete do visconde de S. Leopoldo (de 16 de Janeiro), e fica organizado nesta data um novo Ministerio, com os deputados Araujo

Lima, Calmon (ulteriormente marquezes de Olinda e Abrantes) e Lucio Soares Teixeira de Gouvêa, os senadores marquez de Aracatí e general Bento Barroso Pereira, e o chefe de divisão Diogo Jorge Brito. Pela primeira vez foram chamados membros da Camara dos Deputados para os conselhos da Corôa; mas este Ministerio teve curta duração. No anno seguinte, tendo o imperador demittido o ministro da Guerra, todos os outros apresentaram as suas demissões, menos o marquez de Aracatí (15 de Junho de 1828). Continuou assim a lucta entre a maioria da Camara temporaria e a Corôa, lucta continuada na legislatura seguinte e que teve o seu desfecho com a revolução de 7 de Abril de 1831.

1830.— E' assassinado em S. Paulo o dr. João Baptista Libero Badaró, redactor do *Observador Constitucional*. «Morre um liberal, mas não morre a liberdade», disse elle, antes de expirar. Este assassinato, embora devido a vingança particular, produziu então a mais profunda impressão no paiz inteiro, porque Badaró era jornalista.

1835.— Os *cabanos* atacam Breves e são repellidos pelo capitão Pantoja (ferido no combate) e pelos fogos da escuna *Leal Cametaense* e do hiate *Mundurucú*. Estes navios eram commandados pelo segundo-tenente Philippe José Pereira Leal.

21 DE NOVEMBRO

1762.— Parte do Rio de Janeiro uma esquadra conduzindo tropas para a Colonia do Sacramento (veja 6 de Janeiro de 1763). No Rio de Janeiro não se sabia ainda da capitulação da praça (veja 30 de Outubro de 1762).

1824.— Morre envenenado, em Montevidéo, o brigadeiro Manuel Marques de Sousa, filho do tenente-general do mesmo nome e pae do tenente-general conde de Porto-Alegre (veja 18 de Julho de 1875). Nasceu no Rio Grande em 1780. Fez as campanhas de 1801, de 1811-1812, 1816-1820, e 1823-1824, a primeira no Rio Grande do Sul, as outras na Banda Oriental do Uruguái. Venceu em Chafalote (24 de Septembro de 1816), distinguiu-se na batalha de India-Muerta (19 de Novembro de 1816), aprisionou em Canelones o caudilho Manuel Artigas (1818), destroçou o inimigo no Paso de la Arena (8 de Outubro de 1819) e assignalou-se em varios outros pequenos combates nos arredores de Montevidéo, onde commandava a cavallaria brasileira.

1827.— O corsario *Oriental-Argentino*, commandante Bibois, encalha no banco de S. Thomé, costa do Rio de Janeiro. Faziam parte da guarnição muitos dos prisioneiros do Rio Negro da Patagonia (veja 7 de Março de 1827). Estes revolta-

ram-se e ficaram senhores do navio, voltando a servir na marinha brasileira.

1845.—O imperador d. Pedro II e a imperatriz d. Teresa-Christina desembarcam em Porto-Alegre, na sua visita ao Rio Grande do Sul, depois da pacificação da provincia (1° de Março).

1847.—Morre em Petropolis o engenheiro Julio Frederico Koeler, um dos fundadores daquella colonia, depois cidade.

1859.—Tractado de alliança, assignado em Montevidéo, entre o Brasil, a Republica do Uruguái e os Estados de Entre-Rios e Corrientes, tendo por fim «libertar o povo argentino da oppressão que supporta sob o dominio tyrannico do governador d. João Manuel de Rosas». Por parte do Brasil, foi negociador dêsse tractado o conselheiro Carneiro Leão (logo depois visconde e marquez de Paraná). O Brasil e seus alliados acabavam de libertar a Republica do Uruguái, destruindo o poder militar de Oribe, logar-tenente de Rosas, e restabelecendo em todos os departamentos provinciaes a auctoridade do govêrno legitimo, reduzido durante 10 annos á praça de Montevidéo. Por esse tractado ficou resolvida a invasão da provincia argentina de Buenos-Aires. A nova campanha terminou com a victoria decisiva de Monte-Caseros (3 de Fevereiro de 1852).

22 DE NOVEMBRO

1767.—«Ordem régia mandando concluir a bateria em roda da ilha de Villegaignon» (documento citado por Teixeira de Mello, em suas «Ephemerides»). Essa ilha era chamada Serigipe pelos Tamoios e ilha das Palmeiras pelos Portuguezes. Foi ahi que desembarcou e se estabeleceu o cavalheiro Nicolas Durand de Villegaignon (10 de Novembro de 1555), dando o nome de Coligny á fortaleza que então fez construir. Naquelle tempo, a ilha era alta e apresentava duas collinas, uma em cada extremidade. Assim é figurada em uma gravura na «Cosmographie» de Thevet. A fortaleza de Coligny foi tomada por Mem de Sá no dia 16 de Março de 1560 e logo arrasada. Em 1696 o governador Sebastião de Castro Caldas deu ahi comêço á construcção de uma bateria. Em carta de 15 de Março de 1705 dizia o governador d. Alvaro da Silveira que ella estava terminada. Quando a esquadra de Duguay-Trouin forçou a entrada do nosso porto, a bateria de Villegaignon, commandada pelo capitão Manuel Ferreira Estrella, ficou destruida por uma explosão (veja 12 de Septembro de 1711). Tinha então 20 canhões de ferro. Em 1735, segundo uma informação do general Paes, montava 18 peças. Gomes Freire de Andrada, depois de fazer arrasar as collinas, construiu o forte de São

Francisco Xavier, terminado em 1761, accrescentado e melhorado posteriormente. Depois da Independencia, a fortaleza de Villegaignon passou a ser guernecida por fôrças de mar.

1773.— Nascimento de José Saturnino da Costa Pereira. Nasceu como seu ermão Hippolyto na Colonia do Sacramento, de cuja guarnição fazia parte seu pae, o alferes de ordenanças Felix da Costa Furtado de Mendonça, proprietario no Rio Grande do Sul. O dr. Pedro Pereira Fernandes de Mesquita, auctor de uma «Relação da perda da Colonia em 1777» (t. XXXI da «Revista do Instituto»), era seu tio. José Saturnino foi tenente-coronel do Imperial Corpo de engenheiros, lente da Eschola Militar, senador por Mato-Grosso desde 1827, ministro da Guerra durante alguns mezes em 1837, na regencia de Feijó, e um douto e operoso escriptor. Publicou os seguintes trabalhos: «Tractado elementar de Mechanica», por Mr. Francoeur, traduzido... e augmentado... (Rio, 1812, *in-4°*), «Indagações do solido de maximo volume entre todos os de egual superficie» (no *Patriota*, 1813), «Diccionario topographico do Imperio do Brasil» (1834, *in-4°*), «Historia geral dos animaes» (1837-1839, 4 tomos, *in-8°* gr.), «Elementos de Geodesia, precedidos dos principios da Trigonometria spherica e Astronomia, necessarios á sua intelligencia...» (1840, *in-4°*), «Elementos de Mechanica» (1842, *in-8°* gr.), «Applicação da Algebra á Geometria ou Geometria analytica» (1842, *in-4°*); «Elementos de calculo differencial e de calculo integral» (1842, *in-8°* gr.), «Apontamentos para a formação de um roteiro das costas do Brasil», (1848, *in-8°*), todos citados por Innocencio da Silva, e um romance scientifico em 14 volumes, «O Collegio incendiado ou A recreiação moral e scientifica». O senador Costa Pereira falleceu na nossa capital a 9 de Janeiro de 1852.

1801.— O capitão (depois tenente-coronel) Manuel dos Sanctos Pedroso (veja 5 de Abril de 1816), atravessando o Uruguái no passo de S. Lucas, á frente de 80 homens, desbarata ahi a guarda inimiga e manda uma partida arrebanhar gado. Quando esta regressava com a prêsa, apresentou-se o coronel Spinola com uma columna de 300 Paraguaios. Pedroso accommetteu-os intrepidamente, pondo-os em desordenada fuga. As 3 peças, que o inimigo tinha, foram tomadas, e com ellas voltou Pedroso triumphante para S. Nicoláo, conduzindo muitos prisioneiros e gado.

1816.— A esquadra portugueza do então chefe de divisão Rodrigo Lobo dera fundo deante de Maldonado na tarde de 21, sendo já então conhecido nessa cidade o resultado da batalha de India-Muerta. Desembarcaram na manhã de 22, com o capitão de mar e guerra, conde de Vianna, 300 marinheiros e soldados, e a guarnição abandonou immediatamente o posto, dei-

xando abandonado o seu commandante, Francisco Aguilar, que assim concluiu com o chefe portuguez uma capitulação, na qualidade de «representante do povo e cidade de Maldonado». A ilha de Gorriti foi logo occupada e fortificada.

1839.—Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí) entra no Rio Pardo e põe em fuga os revolucionarios commandados pelo tenente-coronel Dornellas.

1868.—O encouraçado *Brasil,* commandante Salgado (barão de Corumbá), fórça as baterias de Angostura, descendo o rio Paraguái.

23 DE NOVEMBRO

1645.—Um corpo de Hollandezes, destacado dos fortes do Rio Grande do Norte e da Parahiba (360 homens), sob o commando de Berge, é repellido com grande perda em Cunhaú pelos capitães Diogo Pinheiro Camarão e João Barbosa Pinto.

1647.—Henrique Dias marcha do assédio do Recife para o Rio Grande do Norte (veja 5 e 6 de Janeiro de 1648).

1704.—Os Hispanhóes de Buenos-Aires, dirigidos por Balthasar Garcia Ros, assaltam durante a noite a praça da Colonia do Sacramento (4° assalto neste assédio), e são repellidos pelo general Sebastião da Veiga Cabral. Tiveram 30 mortos e mais de 100 feridos. Durante este combate o capitão de mar e guerra José de Ibarra Lescano, commandante da esquadrilha inimiga, conseguiu tomar o navio *Poupa Verde,* que Veiga Cabral armara com 12 canhões e que se defendeu, com honra, abordado pelo *N. S. del Rosario* (de 36 canhões), 1 sumaca, 1 lancha e 2 botes. Da guarnição pereceram 55 homens em uma explosão e ficaram prisioneiros 33, pela maior parte queimados ou feridos. Os Hispanhóes tiveram 21 mortos e feridos.

1826.—Convenção entre o Brasil e a Grã-Bretanha, declarando que, trez annos depois da troca das ratificações (foram trocadas a 13 de Março de 1827), ficaria prohibido aos Brasileiros o commercio de escravos na costa da Africa. A continuação dêsse commercio seria considerada e tractada como pirataria. Os marquezes de Inhambupe e de Sancto-Amaro foram os plenipotenciarios brasileiros negociadores desta convenção, recebida com muito desagrado e hostilidade pelos interessados na continuação do tráfico e até pela Camara dos Deputados. A partir de 13 de Março de 1830, deveria ter acabado o tráfico; mas continuou, apesar desta convenção e da lei de 7 de Novembro de 1831. Só depois da lei de 4 de Septembro de 1850 poude ficar supprimido o contrabando de escravos.

1835.— O major João da Gama Lobo d'Anvers é mortalmente ferido (expirou nessa tarde), atacando a fortaleza de Itaquan, na ilha de Marajó. A barca *Independencia* protegia esse ataque, em que os legalistas foram repellidos.

1841.— Lei creando o Conselho de Estado. O primeiro fôra instituido por decreto de 13 de Novembro de 1823 e supprimido pela lei constitucional de 12 de Agosto de 1834, sendo, porém, mantidos aos seus membros o respectivo ordenado. O segundo desappareceu com a queda do Imperio. Dessa corporação fizeram parte os nossos mais eminentes estadistas.

1856.— Por iniciativa do architecto Francisco Joaquim Bittencourt da Silva, a Sociedade Propagadora das Bellas-Artes resolve a fundação do Lyceu de Artes e Officios na cidade do Rio de Janeiro. Foi inaugurada esta utilissima instituição no dia 9 de Janeiro de 1858.

24 DE NOVEMBRO

1549.— Entra na enseada de Superaguí (Paranaguá) o navio hispanhol que conduzia Hans Staden, célebre pelos perigos que correu entre os nossos selvagens e pela curiosa relação que publicou das suas viagens ao Brasil. No anno antecedente estivera em Pernambuco (veja 28 de Janeiro de 1548). De Superaguí passou o seu navio para a ilha de Sancta-Catharina, e, estando alli fundeado e prestes a partir, começou a fazer agua e foi a pique. Hans Staden e seus companheiros viveram naquella ilha por espaço de dous annos. Em 1551 elle partiu em uma pequena embarcação, que naufragou na costa de Itanhaen. Foi bem acolhido em S. Vicente, e Braz Cubas confiou-lhe a defesa de um fortim levantado então na barra de Bertioga, sôbre a ilha de Sancto-Amaro, em frente ao forte de Sanctiago, que ficava na terra firme. O governador-geral Thomé de Sousa, visitando a capitania (1553), fez construir nesse mesmo logar (ponta da Armação) o forte de S. Philippe, de que Staden ficou sendo commandante. Em Dezembro, tendo-se este aventurado a saïr só em busca de caça foi assaltado pelos Tamoios e levado prisioneiro. Em muitos capitulos do seu livro refere elle os transes por que passou durante o seu captiveiro. Foi então que conheceu o terrivel Cunhambebe, fallecido entre os annos de 1554 e 1560, provavelmente pae do Indio do mesmo nome que Anchieta conheceu em 1563 (veja 14 de Septembro). Em 31 de Outubro de 1554 Hans Staden conseguiu libertar-se, partindo do Rio de Janeiro a bordo de um navio francez.

1631.— Os Hollandezes evacuam Olinda, incendiando todas as casas que não foram resgatadas pelas sommas por elles fixadas.

1762.— Nascimento do poeta Antonio Pereira de Sousa Caldas, na cidade do Rio de Janeiro (veja 2 de Março de 1814).

1801.— O capitão José Borges do Canto, com 110 homens, derrota perto de S. Borja 215 Hispanhóes, que, sob o commando de Rubio Dulce, pretendiam reconquistar aquella povoação.— A fôrça inimiga, composta de milicianos das Missões paraguaias entre o Uruguái e o Paraná, teve 80 mortos no combate ou afogados na passagem do rio, e deixou em poder dos vencedores 75 prisioneiros. Do nosso lado houve apenas 3 mortos e 4 feridos.

1826.— O imperador d. Pedro I parte para o Rio Grande do Sul, por Sancta-Catharina, accompanhado do ministro do Imperio visconde de S. Leopoldo, para activar as operações militares. Seguiu na náo *Pedro I*, accompanhada da fragata *Isabel*, da corveta *Duqûeza de Goiaz* e de varios transportes, que conduziam o 27° batalhão de caçadores allemães e um esquadrão de lanceiros tambem allemães.

1840.— O tenente-coronel João Nepomuceno da Silva, com o 5° de caçadores e 430 guardas-nacionaes de cavallaria, commandados pelo tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí) destroça, no Passo do Vigario, perto de Viamão, e persegue até ás lombas do Amorim o general Bento Gonçalves da Silva. Nesta acção foi morto o capitão de marinha Rossetti, Italiano ao serviço da revolução rio-grandense, amigo muito querido de Garibaldi.

25 DE NOVEMBRO

1641.— Uma esquadrilha hollandeza de 19 navios, sob o commando do almirante hollandez Lichthardt, entra, sem arvorar bandeira, no porto de S. Luiz do Maranhão, trocando alguns tiros com o forte. Expedida do Recife pelo principe Mauricio de Nassau, essa esquadra conduzia o conselheiro politico Pedro Bas e o coronel Koen, com uns 1.000 homens de tropa. O velho Bento Maciel Parente, governador do Maranhão, já tinha publicado solennemente a ordem do rei, para que se désse «boa entrada e o necessario, com todo o favor, aos navios dos Estados de Hollanda, ou de el-rei de França, que alli aportassem, porquanto tinha feito pazes com os dictos Estados e o christianissimo rei de França». Os Hollandezes occuparam a cidade e o forte, assignando com o governador uma convenção, que rasgaram logo no dia seguinte. Maciel Parente, remettido preso para o Rio Grande do Norte, falleceu pouco depois em Goiana, quando o conduziam para o Recife. A guarnição, composta apenas de 130 homens, foi desembarcada em S. Christovam das Antilhas. Apesar dos protestos de Portugal, guardaram os Hollandezes essa conquista, feita tão facil e

aleivosamente; mas, em 30 de Septembro do anno seguinte, levantaram-se os habitantes, dirigidos por Antonio Muniz Barreiros e Antonio Teixeira de Mello, e a 28 de Fevereiro de 1644 conseguiram a expulsão dos invasores.

1808.— Decreto do principe-regente d. João, permittindo que os extrangeiros estabelecidos no Brasil podessem possuir terras, como os nacionaes.

— O brigadeiro Philippe Nery de Oliveira desembarca em Rio-Pardo, enquanto o então major Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuhí), tendo marchado de Porto-Alegre com uma columna de cavallaria da Guarda-Nacional, penetrava na villa. Os revolucionarios, que a guarneciam e eram commandados pelo tenente-coronel Antonio Joaquim de Ornellas, fugiram para o interior, sendo então libertados 90 prisioneiros do combate de 30 de Abril e tomadas 4 peças, além de um precioso material de guerra. Septe dias depois, era Abreu promovido a tenente-coronel, e, na mesma occasião, outro intrepido commandante da Guarda-Nacional, José Joaquim de Andrade Neves.

1841.— Os tenentes-coroneis João Propicio Menna Barreto e Francisco Pedro de Abreu (depois barões de S. Gabriel e de Jacuhí), á frente de 700 homens de cavallaria e infantaria, atacam e derrotam no Rincão-Bonito (nascentes do Piquirí) um corpo de 400 revolucionarios riograndenses, sob o commando do coronel Agostinho de Mello, que conseguiu escapar, perdendo 120 homens mortos e 230 prisioneiros. Os legalistas tiveram apenas alguns homens feridos.

1848.— O coronel José Antonio Pessôa de Mello, commandando um pequeno corpo de guardas-nacionaes, ataca e toma a povoação de Una (Pernambuco), occupada pelos insurgentes.

1851.— O general Caxias chega á Colonia do Sacramento com o exército brasileiro em operações, composto de 20.000 homens. No dia 3 de Dezembro o ministro Carneiro Leão (depois marquez de Paraná) teve ahi uma conferencia com o general em chefe (veja 14 de Dezembro).

1865.— Fallece em Minas-Geraes o bispo resignatario do Pará, d. José Affonso de Moraes Torres, nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1805 (23 de Janeiro). Publicou alguns trabalhos estimaveis.

26 DE NOVEMBRO

1807.— D. João, principe-regente de Portugal, torna pública a resolução, que tomara, de mudar a côrte para o Brasil. O tenente-coronel Lecór (depois visconde da Laguna, no Brasil) chegara a Lisbôa, annunciando que o exército francez de Junot

tinha invadido Portugal. Lecór fizera destruir a ponte do Zezere, o que retardou de dous dias a marcha dos invasores. O regente, esperando evitar a invasão, tinha adherido em 25 de Outubro ao bloqueio continental, e reunido sôbre as costas todas as fôrças portuguezas, para fazer frente á Inglaterra. As fronteiras ficaram assim abertas, e por ellas penetraram Francezes e Hispanhóes, que o principe-regente suppunha seus alliados, e que, por um pacto secreto, acabavam de unir-se (tractado de Fontainebleau, de 27 de Outubro) para a conquista e partilha de Portugal. D. João, não podendo resistir, reatou relações com o ministro inglez, que estava a bordo da esquadra destinada a bloquear as costas de Portugal, e voltou á alliança ingleza, que não devera ter abandonado. No dia 29 a familia real, os membros do govêrno e a côrte partiram para o Rio de Janeiro, e no dia seguinte Junot entrava em Lisbôa.

1828.—Desembarca na cidade da Bahia o arcebispo d. Romualdo Antonio de Seixas (depois marquez de Sancta-Cruz), que desde 31 de Janeiro havia tomado posse do arcebispado, por procurador. No dia 28 de Novembro fez a sua entrada solenne.

1848.—Pequena refrega no engenho Cachoeira, perto de Una (Pernambuco), em que o tenente-coronel da Guarda-Nacional José Antonio Pessôa de Mello destroça os insurgentes.

1868.—Forçam a passagem das baterias de Angostura, commandadas pelo tenente-coronel George Thompson, os encouraçados *Brasil*, (commandante Salgado, depois barão de Corumbá, ferido nesta occasião) e *Cabral*, o monitor *Piauhí*, o pequeno vapor *Triumpho* e 1 lancha a vapor. Subiram de Palmas e foram reunir-se aos encouraçados que estavam acima de Angostura.

27 DE NOVEMBRO

1614.—Suspensão de armas, assignada entre Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière, commandante dos Francezes que occupavam a ilha do Maranhão, e Jeronymo de Albuquerque e Diogo de Campos Moreno, 1° e 2° commandantes da expedição brasileira que foi á reconquista dessa ilha. O chefe brasileiro, vencedor no dia 19, accrescentou ao seu nome de familia o appellido de «Maranhão», que já apparece nesta convenção de treguas (veja 31 de outubro, 1° e 2 de Novembro de 1615).

1688.—Provisão prohibindo que os governadores consentissem na collocação de retratos seus nas Camaras ou em quaesquer estabelecimentos publicos. Essa honra só poderia ser concedida pelo rei, á vista de representação das Camaras.

1807.— Nascimento de Theophilo Benedicto Ottoni no Serro, Minas-Geraes (veja 17 de Outubro de 1869).

1844.— Nascimento de Vital Maria Gonçalves de Oliveira, que foi bispo de Olinda (d. frei Vital) e falleceu em Pariz a 5 de Julho de 1878. Nasceu em Pedras de Fogo.

1868.— O marechal Caxias, que estava em Palmas, deante das linhas paraguaias do Pikisirí, muda o seu quartel-general para o Chaco, e ahi activa os preparativos da passagem e desembarque na retaguarda das posições inimigas (veja 5 e 6 de Dezembro).

28 DE NOVEMBRO

1630.— O general Mathias de Albuquerque derrota em Salinas (hoje Sancto-Amaro, no Recife) um corpo de Hollandezes.

1632.— O capitão Francisco Rebello (o «Rebellinho», depois mestre-de-campo) é aprisionado, caïndo em uma emboscada na ponte do Beberibe. Libertou-se poucos mezes depois, atirando-se ao mar de bordo do navio inimigo, em que se achava, e nadando até á terra (veja 14 de Abril de 1633).

1635.— Dá fundo deante de Jaraguá (Alagôas) a esquadra hispano-portugueza que conduzia o novo governador-geral do Brasil, Pedro da Silva, e o general Rojas, nomeado general do exército de Pernambuco (veja 30 de Novembro).

1824.— As fôrças principaes da ephemera Confederação do Equador, vencidas pelo general Francisco de Lima e Silva no Recife (veja 12 a 17 de Septembro), seguiram para a Parahiba, onde se reuniram aos revolucionarios dessa provincia, e marcharam na direcção do Ceará, sustentando alguns combates contra os partidarios do Imperio e da união nacional, que os perseguiam (combate do Couro de Anta, em que foi morto o portuguez João Soares Lisbôa, ex-redactor do *Correio do Rio* e no Recife redactor do *Desengano Brasileiro*, e combate do Agreste). Sob o commando de José Gomes do Rego Casumbá, penetraram no Ceará pela bacia do rio Figueiredo, perto de Quixossó, e só então souberam da morte de Alencar Araripe (31 de Outubro) e da rendição de Pereira Filgueiras (8 de Novembro). Tomaram então a direcção de Missão-Velha, hostilizadas pelas partidas cearenses, e, já em lucta com a fome, foram cercadas no Engenho do Juiz pelas milicias do Icó e logo depois pelo major Lamenha Lins. A 28 de Novembro renderam-se nesse logar.

1841.— Segunda convenção secreta de auxilios reciprocos (a primeira tem a data de 5 de Julho) entre Bento Gonçalves, chefe da revolução separatista do Rio Grande do Sul, e o ge-

neral Fructuoso Rivera, então presidente da Republica Oriental do Uruguái.

1844.—O tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu (barão de Jacuhí) derrota, no Arroio-Grande, o coronel Joaquim Teixeira Nunes, um dos mais bravos commandantes do exército da revolução rio-grandense. Teixeira Nunes foi morto nesta acção.

1848.—O tenente-coronel José Maria Ildefonso da Veiga Pessôa ataca e toma Nazareth, apesar da energica defesa feita pelos liberaes pernambucanos, sob o commando do capitão Leandro Cesar Paes Barreto. No mesmo dia o voluntario João Lins de Barros Wanderley derrotou 400 revolucionarios no engenho Cachoeira, e o capitão Francisco Cavalcanti de Albuquerque destroçou outra pequena columna no engenho Cocal. Ambos esses engenhos ficam perto do Una.

1861.—Naufragio do vapor *Hermes* nos recifes até então conhecidos pelo nome de Lages da Tabúa, ao Nordeste de Macahé, e hoje designados nas cartas marinhas pelo nome daquelle vapor. Nesse naufragio pereceu o joven escriptor fluminense Manuel Antonio de Almeida, auctor das «Memorias de um sargento de milicias» (veja 17 de Novembro de 1832).

1864.—*Capitulação do Salto, no Uruguái.*—Essa cidade, defendida pelo coronel Palomeque, que obedecia ao Govêrno de Montevidéo, estava sitiada pelo general Flores, chefe da revolução oriental, e bloqueada pelas canhoneiras *Itajahi* e *Mearim*, da marinha brasileira, commandadas pelo primeiro-tenente J. J. Pinto. Palomeque fugiu da praça antes da capitulação. Caïram em poder dos alliados 4 canhões e 250 prisioneiros, que acceitaram serviço no exército de Flores. O Salto ficou guarnecido por 300 Orientaes do partido de Flores e por 150 Brasileiros.

1869.—O coronel honorario Fidelis Paes da Silva derrota no Jejuí-Guassú a guarda avançada do tenente-coronel Quintana, segue rapidamente pela estrada da villa de Igatemí, e ataca e toma a ponte de Jejui-mi, apoderando-se de 2 peças e pondo em fuga as fôrças daquelle chefe (300 homens). Um soldado do 11° de infantaria tomou 1 bandeira inimiga. As nossas tropas entraram em Igatemí e avançaram até á fabrica de polvora de Itanerã, onde no mesmo dia o coronel Paes da Silva conseguiu ainda destroçar um destacamento de 100 homens. A fábrica foi então destruida pelo engenheiro Guilherme Carlos Lassance, que accompanhava a expedição. A nossa perda foi de 2 mortos e 16 feridos. Foram libertadas muitas familias paraguaias e alguns prisioneiros, em número de 4.000 pessôas. No dia 25 o dictador Solano López tinha levantado o seu acampamento de Itanerã, seguindo para Panadero. Com a

noticia do feliz resultado desta expedição, o marechal conde d'Eu, que desde 17 de Outubro tinha o seu quartel-general no Potrero-Capivarí, marchou no dia 2 de Dezembro, com o exército, para Curaguatí, e fez desta villa o centro das operações, desde 12 de Dezembro até 7 de Janeiro. O general Camara (depois visconde de Pelotas) tinha saïdo de Concepción no dia 25, com uma divisão das 3 armas para atacar o coronel Romero. No dia 26 terminou a passagem do rio Ipané, e marchou para o Sul. No dia 28 o inimigo ia em retirada. O sol era abrasador, e alguns dos nossos soldados caïram fulminados de apoplexia, outros extenuados, mas a perseguição continuou. Perto de Tacuara, o capitão Cypriano Nelsis da Cunha, com meio esquadrão de cavallaria, debandou o esquadrão do major Montiel, ficando este official ferido e prisioneiro. Adeante, em Cajita-Cuê, no esteiro de Piripucú, entre Belen-Cuê e Tacurupitá, os coroneis Bento Martins de Meneses e José Fernandes de Sousa Doca, á frente de 80 homens de cavallaria apenas, porque muitos cavallos afrouxaram com a marcha violenta dêste dia, atacaram e puzeram em fuga o regimento n. 13, do major Bogado, composto de 268 praças. Neste choque perdeu o inimigo um estandarte e 47 mortos e prisioneiros. A nossa cavallaria, que pertencia toda á Guarda-Nacional rio-grandense, teve apenas 5 homens feridos.

29 DE NOVEMBRO

1637.—As tropas do exército de Pernambuco, vindo de Sergipe, sob o commando do general Bagnuoli, acampam juncto á Torre de Garcia d'Avila.

1803.—Nascimento de Saturnino de Sousa e Oliveira Coutinho, na fazenda do Corrego-Secco, logar em que hoje está a cidade de Petropolis (veja 18 de Abril de 1848).

1806.—Nascimento de Manuel de Araujo Porto-alegre, no Rio-Pardo, Rio Grande do Sul (veja 30 de Dezembro de 1879).

1807.—Parte do Tejo a frota que conduzia ao Brasil a familia real portugueza, a côrte, os membros do Govêrno e principaes funccionarios (veja 27 de Novembro de 1807, 22 de Janeiro e 7 de Março de 1808). Era commandante em chefe dessa poderosa esquadra o vice-almirante Manuel da Cunha Souto-Maior, tendo por ajudante-general o chefe de divisão Joaquim José Monteiro Torres. Uma divisão da esquadra ingleza nas costas de Portugal accompanhou até ao Rio de Janeiro a familia de Bragança.

1826.—A divisão naval que conduzia a Santa-Catharina o imperador d. Pedro I avista a corveta argentina *Chacabuco*, commandante Bysson. A fragata *Isabel*, commandante Theodoro

de Beaurepaire, persegue-a até ao anoitecer, mas sem conseguir alcança-la.

1839.—O tenente-coronel Thomé Mendes Vieira perde e retoma no mesmo dia o entrincheiramento da Conceição, derrotando os anarchistas do Maranhão (*Balaios*). Esse logar fica perto da foz do Riachão, á margem direita do Parnahiba (Piauhí).

1842.—Morre na capital do Maranhão o 13° bispo daquella diocese, d. Marcos Antonio de Sousa, nascido na Bahia a 10 de Fevereiro de 1771. Foi por alguns annos vigario da freguezia da Victoria, na cidade da Bahia, e fez-se distincto entre os mais illustres deputados do Brasil ás Côrtes Constituintes de Lisbôa em 1822. Voltando á Patria, teve assento na Assembléa Constituinte de 1823, e trez annos depois foi escolhido bispo do Maranhão. Tomou posse do bispado em 1828. Seu nome parlamentar era Marcos Antonio. E' preciso não confundi-lo com o padre Marcos Antonio Monteiro de Barros, que foi senador por Minas-Geraes desde 1826 até 16 de Dezembro de 1852, dia em que falleceu.

1865.—O dictador do Paraguái, Solano López, estabelece o seu quartel-general no acampamento do Passo da Patria (veja 19, 22 e 23 de Abril de 1866).

1868.—Bombardeamento de Assumpção pelos encouraçados *Bahia* e *Tamandaré* e monitores *Alagôas* e *Rio-Grande*, sob o commando do barão da Passagem. A bateria inimiga fez apenas alguns tiros. A cidade já tinha sido evacuada pela população, por ordem do dictador López.

30 DE NOVEMBRO

1594.—Esta é a data indicada pelos nossos chronistas para a partida da esquadrilha de James Lancaster, que veio a Pernambuco; mas, estando ainda em vigor entre os Inglezes o calendario juliano, seria preciso fazer a correcção gregoriana, e dar ao acontecimento a data de 10 de Dezembro. Em Hackluyt, vê-se que Lancaster partiu de Londres em Outubro: «The well gouverned and prosperous voyage of Mr. James Lancaster begun with three ships and galley-fregat from London in October 1594». O armamento foi feito pela municipalidade de Londres e constava de 3 navios. Na ilha de Mayo incorporou-se á de Lancaster a esquadrilha do corsarista francez Venner (4 navios). No dia 9 de Abril de 1595 (30 de Março, calendario juliano), tomaram o forte do Bom-Jesús e a povoação do Recife. Trez ou quatro dias depois, reuniu-se-lhes a esquadrilha de 5 navios corsarios francezes, commandados por Jean Noyer. Deram-se varios pequenos combates entre os

Pernambucanos e as fôrças de Lancaster, durante a permanencia dêste no Recife. No dia 10 de Maio (30 de Abril, calendario juliano), ao partir, ordenou Lancaster que o seu vice-almirante Edmundo Baker atacasse, á frente de 275 Inglezes e Francezes, o entrincheiramento dos Pernambucanos. Foram repellidos com a perda de 35 mortos, entre os quaes o vice-almirante, o commandante francez Noyer, 2 capitães inglezes e 1 francez. No mesmo dia Lancaster fez-se de véla para a Europa. D. Philipe de Moura era o governador de Pernambuco. Lancaster, feito cavalheiro em 1603 (pelo que ficou sendo chamado Sir James), falleceu em 1620. O seu nome foi dado a um estreito na Bahia de Baffin.

1635.— A armada hispano-portugueza, que fundeara no porto de Jaraguá (Alagôas) em 28 de Novembro, compunha-se de 30 navios, sob o commando do general d. Lope de Hoces y Cordova (morto em 1639, em uma das batalhas do canal da Mancha entre Oquendo e Tromp). Partira do Tejo no dia 7 de Septembro, conduzindo o novo governador geral do Estado do Brasil, Pedro da Silva, e um refôrço de tropas portuguezas, hispanholas e napolitanas, com o mestre-de-campo general d. Luiz de Rojas y Borja, que vinha render no commando do exército de Pernambuco o general Mathias de Albuquerque. Neste dia 30 desembarcaram as tropas e o novo general. Mathias de Albuquerque, que estava acampado juncto a Conceição (hoje cidade das Alagôas), veio até Jaraguá, e entregou o commando do exército ao seu successor, partindo para a Bahia no dia 16 de Dezembro (veja 6 e 18 de Janeiro de 1636). O general Rojas trouxe para o heróe brasileiro Antonio Philippe Camarão o titulo de «dom» e o habito de cavalheiro da Ordem de Christo.

1646.— Morre quasi repentinamente no Penedo o almirante hollandez Jan Corneliszon Lichthardt, um dos mais bravos marinheiros da Republica das Provincias Unidas. O seu corpo foi conduzido para o Recife e sepultado com grande pompa, a 12 de Dezembro, na primitiva egreja de S. Pedro Gonçalves (Corpo-Sancto), então templo protestante.

1822.— Pequeno combate entre os atiradores da nossa trincheira de Bom-Jesús de Saubara (Bahia), commandados por Antonio Maria da Silva Torres, e 2 canhoneiras portuguezas.

1848.— *Combate de Maricota (perto de Goiana), em que os revolucionarios de Pernambuco são batidos pelo coronel José Vicente de Amorim Bezerra.*— Os vencidos tiveram 20 mortos e 50 feridos; os legalistas, 15 mortos e 35 feridos. Entre outros officiaes distinguiu-se neste combate o primeiro-tenente Ca-

misão, que 19 annos depois commandou a expedição do Apa. No mesmo dia foi repellido um ataque dos insurgentes contra o engenho Dous Ermãos (Apipucos) pelo 6° de caçadores, commandante João Guilherme de Bruce.

1852.—Ceremonia da benção do Hospicio de Pedro II, terminado então em grande parte.

1 DE DEZEMBRO

1640.—Revolução de Portugal contra o dominio hispanhol: o duque de Bragança á acclamado rei com o nome de d. João IV. A notícia chegou á Bahia no dia 15 de Fevereiro, ao Rio de Janeiro no dia 10 de Março seguinte, e, nessas datas, foi o novo rei reconhecido pelo marquez de Montalvão, vice-rei do Brasil, e por Salvador Corrêia de Sá e Benevides, governador das capitanias do Sul, sendo immediatamente acclamado nas duas cidades. Os festejos pela restauração da independencia de Portugal começaram no Rio de Janeiro a 31 de Março e terminaram a 7 de Abril. Em S. Paulo deu-se no dia 1° de Abril a tentativa de acclamação de Amador Bueno. Recusando este a posição que lhe offereciam, foi d. João IV acclamado no dia 3.

1764.—Nasce na villa do Principe, hoje cidade do Serro, em Minas-Geraes, o poeta José Eloy Ottoni.

1822.—*Sagração e coroação do imperador d. Pedro I.*— «O plano do ceremonial (diz Porto Seguro) foi apresentado por uma commissão composta de José Bonifacio, Sancto-Amaro, bispo d. José Caetano da Silva Coutinho, monsenhor Fidalgo e frei Antonio de Arrabida, antigo mestre do imperador. Adoptou-se parte do que tivera logar na sagração de Napoleão I, combinado com o que se practicava na Austria, inclusive a ceremonia da Hungria de fender o ar com a espada» («Historia da Independencia», manuscriptos). Debret pintou um grande quadro representando a ceremonia na Capella Imperial. No t. III da sua «Voyage Pittoresque au Brésil», ha uma reproducção lithographica do quadro, e no texto o artista indica quaes os principaes personagens alli retratados. Na falta de um esboceto explicativo, que em todos os museus é annexado ás télas em que ha retratos, o commentario do pintor, no citado tomo, tem grande valor historico.

—Decretos de creação da Ordem Imperial do Cruzeiro e de nomeação dos primeiros Brasileiros admittidos nessa Ordem. O tenente-general Curado e o deputado Antonio Carlos foram nomeados grã-cruzes. O imperador quiz dar o mesmo grau ao ministro José Bonifacio, mas este recusou, declarando que não lhe ficava bem, sendo ministro, receber uma

condecoração, creada por proposta sua. «Condecore V. M. o Antonio Carlos, si quizer, pois tambem é Andrada e não é ministro», accrescentou élle.

— Decreto creando uma Guarda de Honra, composta de 3 esquadrões: do Rio de Janeiro, S. Paulo (reunião em Taubaté), e Minas-Geraes (reunião em S. João del Rey).

1824.— Juramento da Constituição do Imperio no Recife.

1842.— Abertura do Congresso constituinte de Alegrete, convocado pelo chefe da revolução riograndense.

1844.— Na cidade do Rio de Janeiro, onde nascera a 25 de Abril de 1767, fallece o literato e theologo conego Luiz Gonçalves dos Sanctos. A sua obra compõe-se de 10 livros e 8 opusculos, comprehendendo as «Memorias para a Historia do Reino do Brasil» (2 volumes), 3 trabalhos publicados por occasião da nossa lucta da Independencia (um delles é simples traducção) e 13 sôbre assumptos theologico-canonicos.

1861.— Fallecimento de Antonio Gonçalves Teixeira e Sousa, na cidade do Rio de Janeiro. Nascido em Cabo-Frio a 28 de Março de 1812, foi carpinteiro e depois mestre-eschola. Publicou um poema epico «A Independencia do Brasil» (1847 e 1855), um poema romantico «Os tres dias de um noivado (1844), 2 volumes de cantos lyricos (1841-1842), 2 tragedias (além de uma traduzida) e 6 romances, o melhor dos quaes é a «Providencia» (5 volumes, 1854). Deixou outros trabalhos inéditos.

1864.— O exército brasileiro, commandado pelo general João Propicio Menna Barreto (depois barão de S. Gabriel), deixa o acampamento do Pirahí-Grande e invade a Republica Oriental, dirigindo as suas marchas sobre Paisandú. Compunha-se apenas de 5.711 homens das 3 armas, sem fallar em 1.200 voluntarios de cavallaria, que formavam a brigada do general Netto e já estavam em marcha para Paisandú (veja 15 e 29 de Dezembro).

2 DE DEZEMBRO

1631.— Parte do Recife uma esquadra hollandeza de 16 navios, conduzindo 1.600 homens, sob o commando do tenente-coronel Steyn-Callenfels, para o ataque da fortaleza do Cabedello, na Parahiba (veja 5, 6, 8, 9, 10 e 11 de Dezembro).

1808.— Carta régia ordenando ao governador do Espirito-Sancto que assegurasse a liberdade da navegação do rio Doce e contivesse os Botocudos, pela persuasão ou pela fôrça. Formou-se então uma divisão de tropas ligeiras, chamada do rio Doce, que começou a combater os selvagens.

1817.—Morre no Rio de Janeiro o prégador regio frei Antonio de Sancta-Ursula Rodovalho, nascido em Taubaté. Professara no convento de S. Francisco, da cidade de S. Paulo, no dia 1º de Novembro de 1762. Devia, portanto, ter nascido pelo anno de 1745.

1825.—No palacio da Bôa-Vista, cidade do Rio de Janeiro, nasce o principe imperial do Brasil, d. Pedro de Alcantara, depois imperador com o nome de d. Pedro II.

1837.—Decreto do regente Araujo Lima (marquez de Olinda) creando no Rio de Janeiro o Imperial Collegio de Pedro II. Era ministro do Imperio o grande estadista Bernardo Pereira de Vasconcellos, a quem se deve a fundação dêsse estabelecimento, inaugurado no dia 25 de Março de 1838. As aulas abriram-se no dia 2 de Maio (veja 31 de Agosto de 1740).

1848.—O capitão João dos Passos Nepomuceno repelle um ataque dos insurgentes de Pernambuco, entre o Arraial e Monteiro (arredores do Recife).

1853.—Morre na cidade do Rio de Janeiro, onde nascera a 5 de Julho de 1785, o general Francisco de Lima e Silva, senador do Imperio desde 1837, commandante em chefe das tropas em operações na provincia de Pernambuco em 1824 (veja 12 a 17 de Septembro desse anno) e membro da Regencia do Imperio desde 7 de Abril de 1831 até 12 de Outubro de 1835 (veja essas datas e 17 de Junho de 1831). Era pae do marechal duque de Caxias. Em 1840, foi agraciado com o titulo, que nunca usou, de barão da Barra-Grande.

1858.—Fallece em S. Domingos de Niterói o grande orador sagrado frei Francisco de Mont'Alverne, natural da cidade do Rio de Janeiro (veja 9 de Agosto de 1784 e 19 de Outubro de 1854).

—Inauguração dos trabalhos de construcção da nova Casa da Moéda do Rio de Janeiro. Sousa Franco era o ministro da Fazenda. O credito para as despesas fôra pedido em 1853, ao parlamento, pelo ministro Rodrigues Torres (visconde de Itaborahí). Em 1643 foram estabelecidas officinas para contramarcar as patacas no Rio de Janeiro, Bahia e Maranhão; mas a primeira Casa da Moéda, que teve o Rio de Janeiro (provisoria), começou a trabalhar no dia 17 de Março de 1699 e encerrou-se no anno seguinte, passando para o Recife os seus officiaes, que já haviam estado na Bahia (1694-1698). Em Pernambuco trabalharam até 1702, e em 1703 tornaram ao Rio de Janeiro, onde ficou definitivamente assentada uma officina monetaria. De 1714 a 1830, a Bahia teve um estabelecimento do mesmo genero e Villa-Rica outro, que fun-

ccionou de 1724 a 1735. Além dessas 3 casas para a cunhagem de numerario, houve casas de fundição de ouro em Villa-Rica, S. João del Rey, Villa do Principe (Serro-Frio), Sabará, Mato-Grosso e Goiaz. Foram abolidas pelo art. 23 da lei de 24 de Outubro de 1832. As moédas do tempo colonial, cunhadas nas officinas monetarias do Brasil, trazem as marcas — *R* (Rio), *B* (Bahia), *P* (Pernambuco), *M* (Minas), apparecendo essas letras repetidas, cantonando a cruz de Christo (portanto, 4 letras, nas moédas que têm essa cruz. Depois da Independencia, enquanto esteve aberta a Casa da Moéda da Bahia, as marcas *R* e *B* subsistiram. Para a moéda de cobre houve outras marcas; mas seria longo enumera-las. As mais antigas moédas cunhadas no Brasil foram as obsidionaes hollandezas do Recife, de 1646 (ouro) e 1654 (prata).

1861. — Abertura da primeira Exposição nacional, no edificio da Eschola Polytechnica.

— Inauguração da ultima secção do canal de Macahé a Campos.

1867. — O commandante do 26° de voluntarios, major Sebastião Tamborim, e varios officiaes e soldados, adeantando-se imprudentemente pela margem esquerda do arroio Caimbocá, entre Tají e Laurel, caem em uma emboscada dos Paraguaios. No curto combate que se trava, ficam mortos o referido commandante, 2 officiaes e 4 soldados, feridos 1 official e 1 soldado, e prisioneiros 5 soldados.

1868. — Revista passada pelo marechal Caxias ao exército, reunido no acampamento de Reducción-Cuê, no Chaco, margem direita do rio Paraguái, e destinado a atacar pela retaguarda as posições do dictador López, no Pikisirí e Lomas-Valentinas. O acampamento de Reducción-Cuê ficava juncto á foz do arroio Ipitã (tambem chamado pelos nossos arroio Villeta ou rio Negro). Não deve ser confundido esse arroio com o Araguaí, mais ao Norte, acima da barranca de Sancta-Helena, margem direita, fronteira á de Sancto-Antonio (margem esquerda). Por ordem do marechal Caxias fôra aberta uma estrada no Chaco, desde o porto de Sancta-Teresa, um pouco acima do acampamento dos alliados, em Palmas (margem esquerda), até Reduccion-Cuê. Em Palmas, na frente das linhas paraguaias do Pikisirí, ficaram: o general Gelly y Obes, com todo o exército argentino (4.354) homens), o general Enrique Castro, com as tropas orientaes (300 homens), e o coronel Antonio da Silva Paranhos, com 2.846 Brasileiros. O grosso do exército brasileiro, 22.000 homens, tinha-se passado para o Chaco. A infantaria e a artilharia foram transportadas no dia 5 pelos encouraçados, desde Reduccion-Cuê até a barranca de Sancto-Antonio, na margem esquerda; a

cavallaria, da barranca de Sancta-Helena á de Sancto-Antonio (veja 5 de Dezembro).

1869.—Inauguração do Instituto Archeologico Alagoano.

3 DE DEZEMBRO

1615.—Diz Barredo (§ 406) que, nesta data, partiu do Maranhão Francisco Caldeira Castello-Branco, para fundar um estabelecimento no Pará (a actual cidade de Belém do Pará); mas Porto-Seguro corrige a data, affirmando que a partida foi a 25 de Dezembro, segundo André Pereira, que ia na expedição («Hist. Ger.», I, 450).

1636.—Os Paulistas, dirigidos por Antonio Raposo Tavares, apoderam-se, depois de 6 horas de combate, da missão jesuitica de Jesús-Maria, no Jequé, hoje rio Pardo (Rio Grande do Sul).

1638.—Sae da Bahia a esquadra hollandeza, que alli entrara no dia 17 de Novembro, e que destruiu varios engenhos no Reconcavo.

1735.—Desde 28 de Novembro o governador de Buenos-Aires, Salcedo, bombardeava a praça da Colonia do Sacramento e batia as suas muralhas com 20 canhões e 2 morteiros, tendo conseguido abrir uma brécha de 200 palmos. O governador da praça, general Antonio Pedro de Vasconcellos, respondia com vigor ao fogo do inimigo. Neste dia foi morto por bala de fuzil o jesuita bavaro Thomaz Werle, que dirigia os Guaranís das Missões, no exército de Salcedo.

1808.—A expedição saïda do Pará contra a Guiana Franceza chega á bahia do Oiapock. As tropas desembarcam e occupam sem opposição a margem esquerda do rio (veja 15 de Dezembro). A expedição constava da corveta ingleza *Confiance* (20 boccas de fogo, commandante James Lucas Yeo, depois sir James), dos brigues *Voador* (18 canhões, capitão de fragata José Antonio Salgado) e *Infante D. Pedro* (18 canhões, capitão-tenente Luiz da Cunha Moreira, depois almirante e visconde de Cabo-Frio), escuna *General Magalhães* (12 canhões), cutters *Vingança* e *Leão* (8 canhões cada um), 3 barcas canhoneiras (1 canhão cada uma) e 3 pequenos transportes. Esses navios conduziam 700 homens de tropas brasileiras, 4 peças e 20 obuzes, sob o commando do tenente-coronel Manuel Marques d'Elvas Portugal (e não Marques de Sousa, como alguns têm escripto). O batalhão de Estremoz, que fazia parte da expedição, chegara ao Pará, procedente do Rio de Janeiro, em 1803, e compunha-se de soldados do Rio de Ja-

neiro, Minas e S. Paulo, tendo recebido em suas fileiras, como era natural, muitos Paraenses, durante os 5 annos de permanencia naquella parte do Brasil.

1822.— Combate nas linhas avançadas da Bahia, entre os sitiantes brasileiros e as tropas portuguezas do general Madeira. Na direita da nossa linha dirigiu o fogo o tenente-coronel Barros Falcão, travando-se a peleja perto do engenho da Conceição; na esquerda, em Itapoã, era commandante dos nossos o coronel Felisberto Gomes Caldeira. Por este lado, não tivemos perda notavel: os contrarios tiveram 7 mortos. Na direita, a nossa perda foi de 11 mortos e 20 e tantos feridos; a dos nossos adversarios, de 2 officiaes, 1 sargento e 20 soldados mortos e muitos feridos.

1828.— Evacuação da praça da Colonia do Sacramento pelas tropas brasileiras, em cumprimento da convenção preliminar de paz de 28 de Agosto dêsse anno. Durante essa guerra, começada em 1825, a praça foi victoriosamente defendida pelo general Manuel Jorge Rodrigues (depois barão de Taquarí), que alli repelliu um ataque do almirante argentino Brown. Quando abandonámos a Colonia, a guarnição estava interinamente sob o commando do general Victor Lourenço Angleviel de la Beaumelle.

1852.— Inauguração do Hospicio de Pedro II (veja 7 de Septembro de 1842).

1860.— Morre em Pariz o dr. Caetano Lopes de Moura, veterano da guerra peninsular, nascido na Bahia em 1780. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Pariz, depois da guerra, mas não exerceu a sua profissão e fixou-se naquella capital, onde trabalhou para alguns editores, fazendo traducções e compilações (mais de 50 volumes), escriptas com a rapidez que lhe impunham as necessidades da vida. Nos ultimos annos poude descansar, graças a uma pensão do imperador d. Pedro II.

1865.— O almirante Tamandaré toma posição deante de Paisandú, com as canhoneiras *Araguarí, Parnahiba, Belmonte* e *Ivahí*, e, de accôrdo com o general Flores, chefe da revolução oriental, resolve atacar a praça (veja 6 de Dezembro).

1875.— Fallecimento de Aureliano Candido Tavares Bastos, nascido na cidade de Alagôas a 20 de Abril de 1839. Falleceu em Nice e foi sepultado no cemeterio de S. João Baptista do Rio de Janeiro (2 de Maio de 1876). Illustrou-se na tribuna da Camara dos Deputados (1861-1868) e na imprensa, e teria sido dos mais notaveis estadistas da nossa terra, si não houvesse succumbido no vigor da mocidade. Algumas das

idéas que advogou na tribuna ou nas «Cartas do Solitario», no «Valle do Amazonas», nas «Reflexões sobre a immigração» e em outros escriptos, foram realizadas ainda em sua vida.

4 DE DEZEMBRO

1632. — O conde de Bagnuoli começa a bater, com alguma artilharia, o forte hollandez de Orange, na ilha de Itamaracá. Neste primeiro dia é repellido pelo capitão Fernando de la Riba Aguero um destacamento inimigo (veja 6 e 8 de Dezembro).

1634. — Apresenta-se deante do cabo Branco a expedição hollandeza, que ia atacar pela segunda vez a Parahiba. Saïra do Recife no dia 25 de Novembro e compunha-se de 29 navios, com cêrca de 500 canhões e 2.354 homens de desembarque, commandados estes pelo coronel (depois general) Siegesmundt van Schkoppe. As fôrças estavam sob o commando do almirante Jan Corneliszon Lichthardt. Juncto ao Jaguaribe, o governador da Parahiba, Antonio de Albuquerque Maranhão, tentou fazer frente ao inimigo com 500 homens apenas, mas foi obrigado a retirar-se, com a perda de 38 mortos e feridos, para a fortaleza do Cabedello. Desde logo começou Schkoppe a levantar as 2 baterias de ataque, e rompeu o combate de artilharia entre a esquadra e o Cabedello. A entrada do rio era defendida por essa fortaleza, pelo forte de Sancto-Antonio, na margem esquerda, e pela bateria da Restinga, na ilha do mesmo nome, tambem chamada então Cabeça-Secca ou ilha dos Monges-Benedictinos. O Cabedello (6 peças de bronze e 75 de ferro) era commandado pelo velho capitão João de Mattos Cardoso (veja 10 de Dezembro); o forte de Sancto-Antonio (5 peças de bronze e 19 de ferro), pelo capitão Pedro Ferreira de Barros (veja 9 de Dezembro). A defesa do Cabedello foi heroica e terminou no dia 19.

1810. — Carta régia do principe-regente d. João (João VI), creando no Rio de Janeiro a Academia Militar, depois Eschola Militar. As aulas foram abertas no dia 23 de Abril do anno seguinte.

— Carta régia creando o «estabelecimento montanistico de extracção do ferro das minas de Sorocaba», explorado por uma Companhia, e dirigido pelo sueco Carlos Gustavo Hedberg. Em 10 de Novembro de 1813 a Juncta Directora resolveu que se chamasse «Real Fabrica de S. João de Ipanema». — Em 27 de Septembro de 1814 o major (depois tenente-coronel) Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen ficou incumbido da direcção das obras, e no dia 1° de Novembro de 1818 a fundição começou a trabalhar (veja essa data). O tenente-coronel

Varnhagen, nascido em 1783 em Arolsen (Waldek), falleceu em Lisbôa no dia 15 de Novembro de 1842. Foi em Ipanema que nasceu, a 17 de Fevereiro de 1819, o seu illustre filho Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto-Seguro.

1816. — *Combate juncto ao arroio de Pablo-Páez* (affluente do Tacuarembó), na Banda Oriental do Uruguái, entre 200 Brasileiros e Portuguezes (uma companhia do batalhão do Rio Grande, alguns milicianos e guerrilhas e um esquadrão portuguezes), commandados pelo tenente-coronel Manuel Antonio Peçanha, e 800 Orientaes de cavallaria, dirigidos pelo coronel Fernando Otorgués. — Peçanha fazia a vanguarda da columna do general Bernardo da Silveira, que marchava do Serro-Largo para Minas, e formava a direita do exército de invasão, commandado por Lecór. No primeiro impeto os inimigos conseguiram destroçar uma parte do esquadrão portuguez, cujos soldados não estavam habituados a montar cavallos novos, mas afinal foram repellidos os gaúchos e, apparecendo ao longe os exploradores da columna principal, Otorgués retirou-se precipitadamente. A nossa perda foi de 13 Brasileiros e 10 Portuguezes mortos, 13 Brasileiros e 7 Portuguezes feridos (dêstes 1 official) e 12 Portuguezes extraviados, que se apresentaram depois. A perda do inimigo foi muito maior.

1824. — Juramento da Constituição do Imperio, no Ceará.

1829. — Começa o segundo Ministerio do marquez de Paranaguá (Villela Barbosa). Este Gabinete dissolveu-se no dia 19 de Março de 1831.

1843. — O tenente Joaquim Lacerda, legalista, á frente de 80 homens, dispersa em Encruzilhada um pequeno corpo de revolucionarios, dirigido por Bento Gonçalves. Neste choque foi morto o coronel Agostinho de Mello.

— No mesmo dia o capitão Manuel José de Albernaz destroçou, no Jaguarí-Oriental, uma partida de revolucionarios, commandada pelo capitão Urbano Barbosa, e apoderou-se da cavalhada que este guardava.

1864. — Desembarcam perto de Paisandú, e reunem-se ao pequeno exército do general Flores, por ordem do almirante Tamandaré, 200 homens do 1° de infantaria, e 200 fuzileiros navaes e imperiaes marinheiros, sob o commando do capitão Guimarães Peixoto, além de 3 peças de campanha e 1 estativa de foguetes (veja 6 de Dezembro).

5 DE DEZEMBRO

1631. — A expedição hollandeza, que saïra no dia 2 dêste mez do porto do Recife para atacar a Parahiba, chega ao seu

destino. No mesmo dia desembarca o tenente-coronel Steyn-Callenfels com 1.600 homens e começa a levantar uma trincheira, para bater em brecha a fortaleza do Cabedello. O governador da Parahiba, Antonio de Albuquerque Maranhão, estava nesse forte, de que era commandante o capitão João de Mattos Cardoso. No desembarque, disputado pelos nossos, perderam os Hollandezes 40 homens (veja 6 de Dezembro).

1826.—Nasce em Camanducaia, hoje cidade de Jaguarí (Minas-Geraes), Baptista Caetano de Almeida Nogueira. Falleceu na cidade do Rio de Janeiro a 21 de Dezembro de 1882, tendo publicado alguns trabalhos, que lhe conquistaram o primeiro logar entre os guaranistas, desde Anchieta e Montoya.

—O brigue transporte *Ururáo* (6 boccas de fogo), commandado pelo primeiro-tenente Joaquim Leão da Silva Machado, em viagem do Rio para a Bahia, repelle perto de Cabo-Frio um ataque do brigue-corsario *Oriental-Argentino* (13 boccas de fogo), commandante Pierre Dautant.

1833.—Desordens na cidade do Rio de Janeiro.—O povo invade a casa da Sociedade Militar, no largo de S. Francisco de Paula (onde é hoje a estação do tramway de S. Christovam), despedaça os móveis e atira-os á rua. As typographias do *Diario do Rio* e do *Paraguassú* foram tambem destruidas e muitas casas apedrejadas nessa noite, havendo em varios ponctos da cidade mortos e ferimentos.

1845.—Fallecimento do conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva. O grande orador da Independencia e da revolução parlamentar da Maioridade nasceu em Sanctos (1° de Novembro de 1773) e falleceu na cidade do Rio de Janeiro, sendo sepultado com grande pompa no mosteiro de S. Bento. Era ouvidor em Olinda, quando se deu a revolta de 1817 em Pernambuco. Ameaçado de prisão foi violentado a ficar no Recife, onde o nomearam conselheiro do govêrno, mas não exerceu o cargo. Vencida a revolta, esteve preso, desde 1817 até 1821, na cadêia da Bahia, e defendeu-se com grande altivez, demonstrando que não podia ter tido parte alguma nesse levante, constituindo-se «humilde cliente de demagogos, a mór parte tirados do pó e sem merito» (depoïmento de 28 de Novembro de 1818). Na cadêia fez-se mestre dos seus companheiros de prisão, transformando-a em Academia. Foi naquelles dias angustiosos que Antonio Carlos compoz o conhecido soneto em que dizia:

«Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Onde imperio não tem mando severo;

Nem da morte a medonha catadura
Incutir pode horror num peito fero,
Que aos fracos tão somente a morte é dura...»

Insinuaram-lhe que pedisse perdão ao rei, mas elle respondeu que só queria justiça e que perdão só se pedia a Deus. Deputado por S. Paulo ás Côrtes Constituintes de Lisboa, alli teve assento desde 11 de Fevereiro de 1822, e pugnou com brilho pela federação entre os reinos de Portugal e do Brasil, havendo neste uma constituição propria, um govêrno central e um parlamento. Tornou-se o chefe da minoria brasileira, de que faziam parte Villela Barbosa (depois marquez de Paranaguá), Lino Coutinho, Fernandes Pinheiro (depois visconde de S. Leopoldo), Feijó, Vergueiro, Muniz Tavares. Desde 23 de Septembro deixou de comparecer ás sessões; no dia 5 de Outubro partiu de Lisbôa, sem licença, com outros deputados para Falmouth, e dahi para o Brasil. Na Assembléa Constituinte de 1823, em que tiveram assento os homens mais eminentes do Brasil, redigiu o projecto de Constituição e foi o principe dos oradores: ministerial, enquanto José Bonifacio esteve no govêrno; ardente opposicionista, depois. Dissolvida a Constituinte, partiu para o exilio, em França (20 de Novembro de 1823), e, cinco annos depois, apresentou-se no Rio de Janeiro, e foi recolhido a uma fortaleza. A Relação do Rio de Janeiro, que em 4 de Julho de 1823 puzera em liberdade ministro poderoso, desta vez tambem absolveu Antonio Carlos (6 de Septembro de 1828), que assim poude voltar á cidade de seu nascimento. De 1831 a 1833 o illustre Paulista combateu, em artigos de jornaes e opusculos, a revolução de 7 de Abril, e nesse ultimo anno foi a Lisbôa pedir a d. Pedro que voltasse ao Brasil, para assumir a regencia do Imperio. O principe recusou, e Antonio Carlos conservou-se na Europa, regressando á Patria sómente em 1835. Trez annos depois foi eleito deputado por S. Paulo e brilhou no nosso parlamento, de 1835 a 1841 e de 1844 a 1845. Em 1838 apoiou o primeiro Gabinete conservador, organizado pelo regente Araujo Lima (Olinda); depois rompeu com o regente, combateu violentamente os conservadores, e promoveu em 1840 a declaração da maioridade do joven imperador. Foi ministro do Imperio desde 23 de Julho de 1840 até 23 de Março do anno seguinte. A 6 de Julho de 1845 tomou assento no Senado, representando a provincia de Pernambuco. Todos os contemporaneos de Antonio Carlos foram accordes em dar-lhe o primeiro logar entre os oradores brasileiros do seu tempo, assegurando que a sua palavra produzia sempre a mais viva impressão; mas não é possivel hoje julga-lo sinão por alguns escriptos, realmente de estylo castigado e brilhante, e

por alguns raros discursos publicados quasi integralmente. A Estenographia estava então muito atrazada em Portugal e no Brasil, de sorte que os «Diarios» das Côrtes de Lisbôa e das nossas Camaras apenas davam das discussões extractos muito resumidos e incorrectos. Um dos discursos mais conhecidos do grande orador paulista é o que proferiu na sessão de 10 de Novembro de 1823, da Constituinte, discutindo a representação de David Pamplona, aggredido no largo da Carioca por dous officiaes do exército, que lhe attribuiam a auctoria de certos artigos de opposição: — «Os cabellos se me eriçam (bradou Antonio Carlos), o sangue ferve-me em borbotões, á vista do infando attentado, e quasi machinalmente grito *Vingança!* Si não podemos salvar a honra brasileira, si é a incapacidade e não a traição do govêrno que acoroçoam os scelerados assassinos, digamos ao illudido povo que em nós se fia: Brasileiros, nós não vos podemos assegurar a honra e a vida; tomae vós mesmos a defesa da vossa honra e direitos offendidos! Mas será isto proprio de homens que estão na nossa situação? Não, decerto; ao menos eu trabalharei, enquanto tiver vida, por corresponder á confiança que em mim poz o povo brasileiro. Poderei ser assassinado: não é novo que os defensores do povo sejam victimas do seu patriotismo, mas meu sangue gritará — *Vingança*! e eu passarei á posteridade como o vingador da dignidade do Brasil». David Pamplona era um obscuro Brasileiro adoptivo, natural dos Açôres; mas a aggressão de que foi victima era um ataque á liberdade de imprensa, e por isso levantou então grandes protestos.

1868. — Desembarque do marechal Caxias em Sancto-Antonio, acima de Villeta, com os 3 corpos de exército dos generaes Jacintho Machado Bittencourt, Argollo (depois visconde de Itaparica) e visconde (ulteriormente marquez) do Herval (Osorio). Essas tropas, todas brasileiras, foram conduzidas de Reducción-Cuê, no Chaco, até ao logar do desembarque, pela divisão de encouraçados do barão da Passagem (Delphim de Carvalho), menos a cavallaria, transportada da barranca de Sancta-Helena para a de Sancto-Antonio. (Veja 2 de Dezembro). No dia seguinte feriu-se a batalha da ponte do Itororó.

1887. — Fallece em Lisbôa monsenhor Joaquim Pinto de Campos, nascido em Pajehú de Flores (Pernambuco) a 4 de Abril de 1819. Foi jornalista politico, escriptor literario, orador sagrado, e distinguiu-se tambem na tribuna da Camara dos Deputados (1857-1863, 1869-1877). Deixou muitos trabalhos impressos, orações sagradas, miscellaneas religiosas, livros e opusculos de polemica (resposta ao dr. Carlos Kornis de Totvarad, em que combateu o casamento civil; resposta

ao deputado Pedro Luiz; ao opusculo do general Abreu e Lima «O Deus dos Judeus e o Deus dos Christãos»; um opusculo politico «Os anarchistas e a civilização», em resposta a outro de Landulfo Medrado), «O sr. d. Pedro II, imperador do Brasil», biographia (Porto, 1871, *in-8°*), «Jerusalém» (Lisbôa, *in-8°* grande) e algumas traducções, entre as quaes a do «Inferno», de Dante (Lisbôa, 1887). Monsenhor Pinto de Campos militou sempre nas fileiras do partido conservador, ao qual prestou distinctos serviços, sobretudo entre os annos de 1848 e 1876 (veja 17 de Novembro de 1848). Apresentado cinco vezes á escolha imperial para uma cadeira no Senado, nunca foi escolhido, e retirou-se da politica, indo viver em Lisbôa com os pequenos recursos de que dispunha. Um mez antes de sua morte, estando já enfermo em Pariz, o sr. dr. Pedro II, tambem velho e enfermo, o foi visitar, sendo muito tocante, segundo dizem, essa scena de reconciliação.

1891.—Fallece em París o sr. d. Pedro II, ex-imperador do Brasil.

6 DE DEZEMBRO

1631.—A fortaleza do Cabedello estava defendida por 220 homens e tinha 18 peças. As tropas hollandezas, chegadas na vespera, começaram a construir trincheiras. A mais proxima foi neste dia atacada e destruida pelos nossos, perecendo no combate os capitães André da Rocha e Jeronymo de Albuquerque Maranhão (veja 5 e 8 a 11 de Dezembro).

1632.—Chegam reforços ao forte hollandez de Orange, na ilha de Itamaracá, sitiado desde o dia 4 por Bagnuoli (veja 8 de Dezembro).

1634.—200 homens, sob o commando de Pedro de Almeida Cabral, destacados do Arraial por Luiz Barbalho, destroçam em Apipucos um corpo de 400 Hollandezes. Distingue-se nesta acção Henrique Dias, e ficam feridos 3 dos nossos capitães.

1745.—Bulla creando os bispados de S. Paulo e Mariana e as prelazias de Goiaz e Cuiabá.

1827.—E' dispersado nos arredores de Montevidéo, pelas nossas avançadas, um piquete argentino, commandado pelo alferes José Wenceslao Paunero, ficando prisioneiro este official. No dia seguinte as nossas tropas aprisionam o major Aguirre e o capitão Paredes, do rgimento de Colorados, e no dia 7 os Argentinos e Orientaes caem em novas emboscadas, ficando prisioneiros o major Lorenzo Balcarce, o capitão Feliciano Marino, os tenentes Pedro Luna e Juan Fernandes Aguirre e 1 sargento. Commandava a nossa linha avançada,

deante de Montevidéo, o general Duarte Guilherme Corrêia de Mello. Durante o anno de 1827, com a unica perda de 5 mortos e 15 feridos, as suas fôrças occasionaram ás que o inimigo tinha de observação nos arredores da praça a perda de 67 mortos (3 officiaes) e 68 prisioneiros (10 officiaes). Nesses pequenos combates de postos avançados, muito sobresaïu o então major Luiz Alves de Lima (depois duque de Caxias), que nesse anno foi agraciado, por actos de bravura, com a commenda de Aviz.

1864.— O general Flores ataca Paisandú, com 600 infantes e 7 canhões do seu exército, e 400 Brasileiros e 3 peças, estes ultimos commandados pelo capitão Guimarães Peixoto (veja 3 e 4 de Dezembro). Uns 160 voluntarios brasileiros, sob o commando do estancieiro Bonifacio Machado, tomaram parte na acção. As canhoneiras *Araguarí, Parnahiba, Belmonte* e *Ivahí,* dirigidas pelo almirante Tamandaré, bombardearam a praça, que era defendida pelo coronel Leandro Gómez com 1.274 homens e 15 peças. O commandante Guimarães Peixoto foi ferido, mas continuou no combate. Horas depois desembarcou o almirante, com o refôrço de 100 imperiaes marinheiros e 1 peça (veja 7 de Dezembro).

1868.— *Batalha da ponte de Itororó, ganha pelo marechal Caxias sôbre os Paraguaios* (veja 2 e 5 de Dezembro).— Na vespera tinham desembarcado na barranca de Sancto-Antonio (margem esquerda do Paraguái) 18.667 homens do exército brasileiro (infantaria, 18.999; cavallaria, 926; artilharia e pontoneiros, 742). O marechal Caxias ordenara a occupação da ponte de Itororó; mas só na manhã de 6 foi essa ordem executada, quando já o inimigo defendia a posição. O general Osorio marchou de Sancto-Amaro na direcção de Nimbí e Ipené, fazendo um grande circuito, para alcançar a retaguarda do inimigo. Levou 5.000 homens das 3 armas, ficando, por conseguinte, 13.600 com o generalissimo; mas dêstes apenas 11.000 se empenharam na batalha, iniciada pelo general Argollo, sem aguardar a chegada de Osorio. A ponte era defendida pelo general Bernardino Caballero, com 5.000 homens e 12 canhões (infantaria, coronel Serrano; cavallaria, coronel Valois Rivarola; artilharia, major Moreno). Tomaram parte na batalha, em primeiro logar, a divisão de infantaria do general Salustiano dos Reis (3.300 homens), do 2° corpo (general Argollo), logo depois 2 brigadas (3.100 homens) da divisão do general Gurjão (2° corpo) e a cavallaria dos coroneis Niederauer e Vasco Alves (700 homens da Guarda-Nacional); mais foi preciso que o proprio general em chefe se empenhasse pessoalmente na acção, atravessando a ponte e levando ao fogo quasi todas as suas reservas. Assim avançou

tambem o general Jacintho Machado de Bittencourt, com a divisão de infantaria do coronel Nery (4.500 homens). A ponte, tomada e retomada varias vezes, ficou afinal em poder das nossas tropas, retirando-se Caballero, com a perda de 1.600 mortos e prisioneiros (algarismo de Resquín), de 1 bandeira (tomada pelo sargento Ferreira Campello, do 1° de infantaria) e 6 canhões (1 tomado pelo major Moraes Rego, á frente de algumas praças de 1° de infantaria; 3 tomados pelo mesmo batalhão; 1 pelo 28° de voluntarios; e outro pelo 51° de voluntarios). A nossa perda foi de 285 mortos (45 officiaes), 1.356 feridos (79 officiaes), 128 contusos (25 officiaes) e 95 praças extraviadas: total, 1.864 homens (149 officiaes). Estes algarismos differem dos que têm sido publicados officialmente até aqui, mas são rigorosamente exactos, e resultam do exame minucioso de todas as listas parciaes remettidas pelos commandantes (publicadas em ordem do dia, com muitas lacunas e confusões). Todos os algarismos das nossas perdas na campanha de Dezembro de 1868, apresentados neste nosso trabalho, são muito maiores que os dos resumos officiaes. Na batalha de Itororó ficaram feridos os generaes Argollo (visconde de Itaparica) e Gurjão (veja 17 de Janeiro de 1869, data em que falleceu dos seus ferimentos); foram mortos o coronel Fernando Machado de Sousa (commandante da 5ª brigada de infantaria), os commandantes do 2° e 10° de infantaria (tenentes-coroneis José Ferreira de Azevedo e Gabriel de Sousa Guedes) e do 40° de voluntarios (major Eduardo Emiliano da Fonseca); e foram feridos os seguintes commandantes: da 8ª brigada (coronel Hermes da Honseca); do 13° de infantaria (José Lopes de Barros, que morreu do ferimento); dos batalhões de voluntarios 24° (Diodoro da Fonseca), 26° (Barreto Leite), 32° (Enéas Galvão, depois barão do Rio-Apa) e 42° (Ribeiro Lima). Foram estes os batalhões que tiveram maior número de homens fóra de combate: 2° de linha (Ferreira de Azevedo), 160 homens; 32° de voluntarios (Enéas (Gabriel Guedes), 131; 13° de linha (Lopes de Barros), 125; 48° de voluntarios (Secundino Tamborim), 134; 10° de linha Galvão), 152; 24° de voluntarios (Deodoro de Fonseca), 141; 26° de voluntarios (Barros Leite), 109; 51° de voluntarios (Frias Villar), 104; e 1° de linha (Valporto), 102. O commandante Valporto, por morte de Fernando Machado, assumiu o commando da 5ª brigada. Os commandantes de brigadas de infantaria, presentes a esta batalha, foram Seixas, Barros e Vasconcellos (depois barão de Penalva), Lourenço de Araujo (depois barão de Sergí), Albuquerque Maranhão, Faria Rocha (todos estes, officiaes de voluntarios e da Guarda-Nacional), Fernando Machado, Hermes da Fonseca e Miranda Reis. A artilharia era commandada pelo tenente-coronel Gama Lobo

(depois barão de Batoví). Os commandantes da cavallaria estão citados acima. Era chefe do Estado-Maior o general Fonseca Costa (depois visconde da Penha).

— No mesmo dia da batalha, o general Osorio fez atacar e dispersar, pelo coronel Luiz José Pereira de Carvalho, um destacamento da divisão de Caminhos, postada perto de Capilla-Nimbí. Neste choque tiveram 3 mortos, 25 feridos e 5 contusos.

7 DE DEZEMBRO

1631. — Terceiro dia do primeiro assédio do Cabedello, pelos Hollandezes (veja 5 e 11 de Dezembro de 1631).

1634. — Ao amanhecer as tropas hollandezas dos coroneis Schkoppe e Arciszewski, desembarcadas no dia 4, tinham 3 postos fortificados, a pequena distancia da fortaleza do Cabedello, defendida pelo velho capitão João de Mattos Cardoso. Começa então o combate de artilharia com essas trincheiras, e continúa o bombardeamento do forte pela esquadra hollandeza do almirante Lichthardt (veja 4, 9, 10, 14, 16 e 19 de Dezembro).

1822. — E' preso no Rio de Janeiro, ao chegar de Minas-Geraes, o padre (depois conego) Januario da Cunha Barbosa. Tinha ido áquella provincia em commissão da Maçonaria, no mez de Septembro, para promover a acclamação do imperador d. Pedro I. Redigia com Joaquim Gonçalves Lédo o *Revérbero Constitucional*. Desde fins de Outubro o ministro José Bonifacio perseguia a Lédo e seus partidarios, suppondo que conspiravam contra a nova ordem de cousas, para cuja fundação tanto haviam concorrido. Lédo occultou-se em S. Gonçalo, e conseguiu escapar-se para Buenos-Aires. Muitos dos seus amigos estavam recolhidos nas fortalezas. Trez dêstes foram exilados para a França: o presidente da municipalidade, José Clemente Pereira; o general Luiz Pereira da Nobrega, que acabava de ser ministro da Guerra; e Januario da Cunha Barbosa (veja 20 de Dezembro). A Relação do Rio de Janeiro absolveu, em 4 de Julho do anno seguinte, as victimas da devassa que dera logar a estas prisões e deportações.

1825. — O coronel de milicias Bento Gonçalves da Silva, tendo ás suas ordens o tenente-coronel Bonifacio Calderón, ataca e dispersa no arroio de Conventos, perto do Serro-Largo, a divisão do coronel Ignacio Oribe. Os Orientaes perderam neste conflicto 44 mortos e prisioneiros e 1 bandeira.

1827. — O capitão de mar e guerra James Norton perseguira na vespera o brigue de guerra argentino *Congresó* (20 boccas de fogo), commandado pelo capitão-tenente Cesar

Fournier, e o brique mercante *Harmonia dos Anjos* (6 peças), por este apresado. Estes 2 navios foram encalhar na Ensenada, perto da Ponta de Lara, em frente á casa de Wight. Ao amanhecer dêste dia 7, Norton os atacou com a escuna canhoneira *Grenfell* (8 canhões, commandante Isidoro Nery), onde arvorou a sua insignia de chefe, as escunas *Paula* (4 canhões, commandante Thomaz Read) e *Bella-Maria* (5 canhões, commandante Parker) e as pequenas canhoneiras *Victoria da Colonia* (1 canhão, commandante Christiano Lourenço Desuza), *1° de Dezembro* (1 canhão, commandante Bern. J. de Almeida) e *Esperada* (1 canhão, commandante José Ferreira Guimarães). Pelas 11 horas, as guarnições inimigas fugiram para terra, em escaléres ou a nado, seguindo o exemplo de Fournier, que assim abandonou a bordo o cirurgião e 35 homens, 24 dos quaes mortalmente feridos. «Despues de una pobre defensa, fueron abandonados (disse o almirante argentino Brown, no seu *Memorandum*), más atento Fournier a sálvar sus cofres... que a pelear...» Os nossos escaléres, recolhendo os feridos e prisioneiros, trouxeram tambem as bandeiras dos 2 navios e a insignia de Fournier, que era um guião formado com as côres argentinas, tendo na faixa central branca o nome dêsse commandante. Os 2 navios ficaram muito arruinados, e, não sendo possivel pô-los a nado, foram incendiados. O *Congreso* tinha sido brigue-barca, mas desde Maio de 1827 modificaram-lhe a mastreação.

1828.— Com o almirante barão do Rio da Prata (Pinto Guedes) partem de Montevidéo a fragata *Piranga*, a corveta *Carioca* e outros navios menores, conduzindo para o Rio de Janeiro o batalhão do Imperador e contingentes de outros corpos. Eram as primeiras tropas que evacuavam aquella praça, em execução do disposto na convenção preliminar de paz de 27 de Agosto. Depois foram partindo os outros corpos, e ficou em Montevidéo sómente uma divisão sob o commando do general Andréa. Esta embarcou para o Brasil no dia 23 de Abril de 1829.

1840.— O presidente do Rio Grande do Sul, Alvares Machado (illustre orador paulista), rompe as negociações de paz, que abrira com o chefe da insurreição separatista naquella provincia.

1844.— Desembarca em Maceió o novo presidente da provincia de Alagôas, Lopes Gama (depois visconde de Maranguape). Toma posse no dia 9, succedendo a Sousa Franco, e os sediciosos immediatamente depõem as armas, ficando pacificada a provincia.

1848.— Fallecimento de Luiz Carlos Martins Penna, o creador da comedia nacional. Nasceu no Rio de Janeiro a 5

de Novembro de 1815 e falleceu em Lisbôa. De 1838 a 1846, foram representadas com grande applauso 20 composições suas: 18 comedias («O juiz de paz da roça», «O judas em sabbado da alleluia», «O moviço» etc., e 2 dramas, um dos quaes em verso. Nas páginas de nossa imprensa periodica publicou um romance («Duguay-Trouin»), folhetins e chronicas. Deixou em manuscripto 3 dramas e 2 comedias.

1864.— Continúa o ataque de Paisandú pelo almirante Tamandaré e o general Flores. Da esquadra brasileira foram desembarcadas mais 2 peças. Com as pequenas fôrças de que dispunham os sitiantes, esse ataque prematuro não podia dar, como não deu, resultado algum. Paisandú só foi efficazmente atacada, quando chegou o exército brasileiro, então em marcha.

1866.— Decreto imperial abrindo á navegação extrangeira, a começar de 7 de Septembro do anno seguinte, todo o curso brasileiro do Amazonas, o Tocantins até Cametá, o Tapajós até Santarém, o Madeira até Borba, o rio Negro até Manáos e o S. Francisco até Penedo. Foi referendado este decreto pelo então ministro da Agricultura, Commercio e Obras Públicas, conselheiro Manuel Pinto de Sousa Dantas.

1870.— Fallece na cidade do Rio de Janeiro o advogado Urbano Sabino Pessôa de Mello, nascido em Pernambuco em 1811. Figurou com honra na nossa Camara dos Deputados de 1838 a 1841, 1843 a 1848 e 1864 a 1866. Pertencia ao partido liberal. Em 1849 publicou um opusculo («Apreciação da revolta praieira»), defendendo a insurreição, em que não tomou parte, dos seus amigos politicos de Pernambuco. Figueira de Mello respondeu a esse livro, publicando a «Chronica da rebellião praieira».

8 DE DEZEMBRO

1616.— Terminada a egreja do convento de Sancto-Antonio do Rio de Janeiro, celebrou-se nesta data missa solenne, em acção de graças, na capella-mór.

1631.— Desembarcam no forte de Cabedello (veja 5 e 6 de Dezembro) 4 companhias de Hispanhóes, commandadas pelo capitão Juan de Xereda. Este chefe, apenas chegado, pediu licença para atacar as trincheiras dos sitiantes. No primeiro impeto conseguiu tomar uma trincheira, mas foi afinal obrigado a retirar.

1632.— Bagnuoli, por ordem do general Mathias de Albuquerque, levanta o assédio do forte Orange, na ilha de Itamaracá, e volta para o Arraial (veja 4 e 6 de Dezembro).

1633.—A esquadra hollandeza do almirante Lichthardt, saïda do Recife no dia 5, desembarca na Poncta Negra, ao Sul do Rio Grande do Norte, o tenente-coronel Byma, com 870 homens de tropa e o commissario Mathias van Ceulen. O almirante segue com os navios menores e fórça a entrada do rio, respondendo ao fogo do forte dos Reis-Magos (9 peças de bronze e 22 de ferro), commandado pelo capitão Pedro Mendes de Gouvêia. Na margem direita desembarcou um corpo de marinheiros, que se reuniu ás tropas de Byma, em marcha contra o forte. Repellida a intimação pelo commandante, começaram os Hollandezes a levantar baterias. Os defensores do forte eram apenas 85 homens (veja 10 e 12 de Dezembro).

1688.—Fallece em Lisbôa o general Pedro Jacques de Magalhães, visconde de Fonte-Arcada, que em 1654, commandando a frota da Companhia do Commercio do Brasil, cooperou para a capitulação do Recife e total expulsão dos Hollandezes (veja 20 de Dezembro de 1653 a 26 de Janeiro de 1654). Illustrou-se muito em Portugal, de 1659 a 1665, nas campanhas contra os Hispanhóes (victoria de Castello-Rodrigo, em 1664, sôbre o duque de Osuna etc.). Na Galeria degil Uffizî, em Florença, ha um retrato deste guerreiro.

1713.—Installação da Camara da villa de S. João del Rey, antes Arraial do Rio das Mortes (veja 8 de Outubro de 1713).

1800.—Toma posse do govêrno da capitania de Sancta-Catharina o coronel Joaquim Xavier Curado (depois tenente-general, conde de S. João das Duas-Barras). Governou até 5 de Junho de 1805, deixando honrosa memoria da sua administração (veja 15 de Septembro de 1830).

1816.—Um destacamento de 101 homens de cavallaria, ao mando do capitão portuguez José Maria Cerqueira (56 Portuguezes da divisão de voluntarios reaes, 90 Brasileiros e 28 Orientaes) é surprehendido e destroçado, juncto ao arroio Mataojo, por 200 Orientaes das fôrças de Artigas, sob o commando do capitão Venancio Gutiérrez. Escaparam apenas 9 homens, ficando mortos 68 (entre elles, o capitão Juan Mendoza, commandante da guerrilha oriental ao nosso serviço, e 24 prisioneiros (2 alferes).

1822.—Proclamação da Independencia e do Imperio na cidade do Recife. No dia 15 os fortes arvoraram pela primeira vez a nova bandeira nacional. O porto estava bloqueado por uma divisão portugueza, saïda da Bahia.

—O então segundo-tenente João Francisco de Oliveira Botas (veja 18 de Dezembro de 1833) sae da ilha de Itaparica com a canhoneira *Pedro I*, escoltando 18 barcos carregados de viveres até ao rio Cotegipe. No trajecto é atacado por 2 bri-

gues, 1 escuna e várias canhoneiras, e, batendo-se, consegue pôr a salvo, no porto do seu destino, as embarcações que protegia. A' noite regressa para Itaparica.

1826.— O imperador d. Pedro I chega a Porto-Alegre.

1827.— O almirante argentino Brown sae de Buenos-Aires com alguns navios, pretendendo dirigir-se á Enseada; mas, na altura de Quilmes, a 2ª divisão brasileira, sob o commando interino do capitão de mar e guerra Oliveira Botas, obriga-o a retroceder.

1839.— O major Pedro Paulo de Moraes Rego, com uma columna de 480 homens, ataca e toma, depois de 3 horas de combate, as trincheiras de Arêias, perto da villa do Brejo (Maranhão), defendidas pelos insurgentes.

1840.— Bento Gonçalves deixa neste dia Viamão e marcha em retirada para cima da Serra. Canavarro, que seguira adeante, chega nesta data á Vaccaria. Abreu (barão de Jacuhí) e Ourives hostilizaram a retirada dos revolucionarios, perdendo estes a artilharia e muita gente . Não menos desastrosa, pelo máo estado dos caminhos e falta de recursos, foi a marcha, por essa região, da columna de tropas do govêrno imperial, commandada pelo general Labatut.

1842.— Fallece na cidade do Rio de Janeiro o conselheiro Francisco Carneiro de Campos, nascido na cidade da Bahia pelo anno de 1799, ermão do marquez de Caravellas. Era magistrado, quando foi eleito deputado á Constituinte de 1823. Dissolvida esta, redigiu o projecto de Constituição, apresentado por seu ermão ao Conselho de Estado e acceito com pequenas modificações. Desde 1829 teve assento no Senado. Em 19 de Março de 1831 organizou o Ministerio liberal, despedido por d. Pedro I no dia 6 de Abril, o que deu causa ao levantamento popular, depois apoiado pelas tropas, e á abdicação do primeiro imperador. De 7 de Abril de 1831 a 3 de Agosto de 1832 foi ministro dos Negocios Extrangeiros.

1843.— Um destacamento de exploradores de cavallaria, ao mando do capitão Vasco Guedes, do exército do general Caxias, é destroçado, no Vacaquá, por fôrça cinco vezes superior, sob o commando de Urbano Barbosa.

1848.— O major Ignacio de Siqueira Leão Silva e Cruz, da Guarda-Nacional, ataca e derrota em Pocinho, perto do engenho Camorim (districto de Agua-Preta), um corpo de insurgentes de Pernambuco, commandado pelo capitão Pedro Ivo Velloso da Silveira.

1864.— Terceiro dia do ataque de Paisandú pelo almirante Tamandaré e general Flores. Os sitiantes suspendem o

fogo horas depois, por terem quasi exgottado as munições. Nos 3 dias tiveram os Brasileiros 12 mortos, 40 feridos e 1 extraviado; e Flores, 43 mortos e 50 feridos. Resolveu-se, então, esperar a chegada do exército brasileiro em marcha, que era o que se devêra ter feito desde o principio (veja 29 e 31 de Dezembro).

1873.— Morre na cidade do Recife o escriptor e poeta Antonio Joaquim de Mello, alli nascido no dia 2 de Fevereiro de 1794.

9 DE DEZEMBRO

1552.— Chega á cidade de S. Salvador da Bahia o 2° bispo do Brasil, d. Pedro Leitão. Falleceu na mesma cidade em 1575. Este prelado convocou o primeiro synodo brasileiro, ao qual só concorreram, entretanto, clerigos da Bahia, e accompanhou o governador-geral Mem de Sá na sua segunda campanha ao Rio de Janeiro, assistindo aos ultimos ataques contra os Tamoios e Francezes (1567) e á fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Foi elle quem conferiu ordens sacras a José de Anchieta.

1631.— O governador da Parahiba, Antonio de Albuquerque, manda levantar uma trincheira a 80 passos da fortaleza do Cabedello, para impedir que Steyn-Callenfells apertasse mais o assédio. A trincheira avançada foi construida sob a direcção do engenheiro Diogo Paes.

1633.— Segundo dia da defesa do forte dos Reis-Magos (Rio Grande do Norte) pelo capitão Pedro Mendes de Gouvêia.

1634.— A nossa bateria da Restinga, na Parahiba (veja 4 de Dezembro de 1634), incommodava muito aos sitiantes do Cabedello, e, por isso, o almirante Lichthardt resolveu toma-la. Na manhã dêste dia forçou elle a entrada do rio, com 7 patachos e hiates, que rebocavam 6 lanchões. Eram aquelles o *Sparwer* (6 peças), o *Spreeuw van Zeeland* (8 peças), o *Vleer Muys* (8 peças), o *Wind Hondt van Hoorn* (6 peças), *o Goudt Vinck* (8 peças), o *Spreeuw van Amsterdam* (10 peças) e o *Schuppe* (8 peças), este último de 120 toneladas, 60 de lastro, o 1° de 50 toneladas, o 2° e o 6° de 40, e os outros de 30. Com elles passou o intrepido almirante hollandez debaixo dos fogos das fortalezas do Cabedello (21 peças, mas nem todas para o lado do rio) e de Sancto-Antonio (24 peças), soffrendo pela prôa os tiros das 6 peças da bateria da Restinga, e foi desembarcar na ilha, á frente de 100 marinheiros. Atacada de vez, foi a bateria facilmente tomada. Os defensores, em número de 40, ficaram quasi todos mortos ou prisioneiros, sendo dêstes últimos o commandante, Pedro Ferreira de Barros.

1706.— Fallece no palacio de Alcantara o rei d. Pedro II, de Portugal, nascido a 26 de Abril de 1648. Governou, como regente do reino, desde 22 de Novembro de 1667 até 12 de Septembro de 1683, e dahi em deante com o titulo de rei. Durante o seu govêrno, foi assignada a paz com a Hispanha, ficando reconhecida a independencia de Portugal (1668); cresceu notavelmente a emigração portugueza para o Brasil; povoou-se em grande parte o nosso interior, com os descobrimentos de minas de ouro; deram-se os primeiros conflictos com os Francezes da Guiana; e foi fundada a Colonia do Sacramento, no Rio da Prata. O rei d. Pedro II creou a primeira Casa da Moéda no Brasil, a principio provisoria, funccionando successivamente (1694-1703) na Bahia, Rio de Janeiro e Recife (veja 2 de Dezembro de 1858), depois estabelecida definitivamente no Rio de Janeiro (1703). Nas Côrtes de 1668, reunidas em Lisbôa, o procurador do Estado do Brasil requereu que «nos postos de milicias que vagassem, nos officios de justiça e fazenda, nas egrejas, conesias e dignidades», fossem sómente providos os moradores do Brasil, «pois é justo», accrescentava, «que, despendendo seus paes e seus avós as fazendas, derramando seu sangue, e perdendo muitos a vida, sejam os postos, cargos e honras do dicto Estado concedidos a estes sujeitos, em quem concorrem as partes e qualidades necessarias». D. Pedro, então regente, respondeu: «Ao Conselho Ultramarino e Mesa de Consciencia mandarei advertir o que me pedis, que me parece justo», e lançou mais este despacho: «Veja-se na Mesa da Consciencia e Ordens esta cópia de um capitulo, que, entre outros, me offereceu em Côrtes o procurador do Estado do Brasil, para que, tendo-se noticia da resposta, que á margem delle lhe mandei dar, tenha lembrança a Mesa do que me representa aquelle Estado. Lisbôa, 3 de Agosto de 1668. (Rubrica)». Outra cópia foi remettida ao Conselho Ultramarino. Este principe começou a governar por um golpe de Estado, depondo seu ermão d. Affonso VI, declarado incapaz de sustentar a posição de rei e de marido, prendendo-o e tomando-lhe o throno e a mulher. O infeliz prisioneiro dizia, em carta de 12 de Agosto de 1668, ao papa: «Que dous ermãos não caibam em um só Imperio, não é novo, porque os primeiros que houve no mundo não couberam nelle, quando este estava vazio; mas que a mesma mulher esteja casada com ambos, sendo ambos vivos, é exemplo alheio da Egreja Catholica, e nem Herodes o chegou a dar».

1839.— Lei da Assembléa Legislativa de Alagôas, mudando a séde do govêrno provincial da cidade daquelle nome para a villa de Maceió, que então recebeu o predicamento de cidade. Em 29 de Outubro o presidente, dr. Agostinho da Silva Neves, querendo cumprir a ordem do Govêrno geral, que man-

dava transferir a Thesouraria para Maceió, foi deposto e preso pelo povo e tropa. O dr. João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú, 1° vice-presidente, assumiu a presidencia em Maceió, pediu auxllio de fôrças aos presidentes das provincias vizinhas, e entregou o govêrno ao presidente deposto, que os sediciosos haviam deportado. Chegaram tropas de Pernambuco, e em poucos dias estava pacificada a provincia, sem effusão de sangue, voltando o presidente Neves para a capital. Foi depois dêstes acontecimentos que a Assembléa votou a lei sanccionada nesta data.

1868.— O encouraçado *Mariz e Barros* fórça a passagem das baterias de Angostura, subindo o rio Paraguái. O commandante, capitão de fragata Augusto Netto de Mendonça, foi morto, e ficaram feridos ou contusos 3 officiaes e 9 marinheiros.

11 DE DEZEMBRO

1631.— Septimo dia da defesa do Cabedello, contra o primeiro ataque dos Hollandezes. Steyn-Callenfells lança as suas tropas ao assalto das nossas trincheiras avançadas. Trava-se renhido combate, acudindo reforços enviados pelo governador Antonio de Albuquerque Maranhão, e o inimigo é repellido com grande perda. Do nosso lado, houve 35 mortos e 24 feridos, sendo dos primeiros os capitães Juan de Xereda (Hispanhól), Aleixo de Aza e Belchior de Valladares, e o Franciscano descalço frei Manuel da Piedade, que já havia estado na reconquista da ilha do Maranhão, com Jeronymo de Albuquerque, pae do governador da Parahiba. Durante a noite de 11 para 12 embarcaram os Hollandezes, desistindo do ataque. Tiveram nesta tentativa mallograda uns 200 mortos e feridos. Os nossos mortos, desde o dia 5, foram 120 e os feridos 86.

1634.— Oitavo dia da defesa do Cabedello, no terceiro ataque dos Hollandezes. O governador da Parahiba, Antonio de Albuquerque Maranhão, que estava no forte de Sancto-Antonio, da margem opposta, continuava a mandar durante a noite soccorros de gente, munição e viveres em lanchas, que voltavam com os feridos. Nessas passagens havia quasi sempre combates, tendo o inimigo uma poderosa esquadra e muitas embarcações miúdas (veja 14, 16 e 19 de Dezembro).

1635.— Pedro da Silva (depois de 1638, conde de S. Lourenço) toma posse, na Bahia, do cargo de governador-geral do Estado do Brasil, e exerce-o até 23 de Janeiro de 1639, dia da posse do seu successor, conde da Torre (datas de Miralles). Durante o seu govêrno, a cidade da Bahia foi victoriosamente defendida pelo general Bagnuoli contra o ataque do principe Mauricio de Nassau.

1735.— Almeida Coelho («Memoria historica da provincia de Sancta-Catharina», pags. 62) diz que nesta data o governador de S. Paulo nomeou 2° commandante militar da ilha de Sancta-Catharina, Francisco Dias de Mello. Porto-Seguro tambem o dá como 2° capitão-mór, succedendo a Sebastião Rodrigues Bragança; mas nisso ha engano, explicavel pela obscuridade em que ainda se acha a historia da primitiva povoação da ilha. O mais antigo capitão-mór, de que temos noticia certa, é Salvador de Sousa, que exercia o cargo em 1711, por occasião da visita dos navios francezes *Le Joyeux* e *L'Isidore*. Em Abril de 1712, quando Frezier lá esteve, Sousa estava na ilha, mas Manuel Manso de Avellar era o capitão-mór, e informa-nos o viajante francez que esses commandantes eram ordinariamente mudados de 3 em 3 annos e obedeciam ao da Laguna. Assim, Salvador de Sousa teria governado de 1709 a 1711, e Manso de Avellar de 1712 a 1714. Almeida Coelho, na «Memoria historica da provincia de Sancta-Catharina», diz que, por fallecimento de Salvador de Sousa (teria, portanto, governado segunda vez), ficou com o govêrno o sargento Sebastião Rodrigues Bragança, e que a este succedeu Francisco Dias de Mello. Temos portanto, até este, 4 capitães-móres conhecidos. Depois, veiu em 1737 o capitão Antonio de Oliveira Bastos, último capitão-mór, começando em 1739 com o illustre general José da Silva Paes a série dos governadores. A ilha de Sancta-Catharina foi provavelmente descoberta em 1503 por Gonçalo Coelho. Os Portuguezes chamavam-n-a de ilha dos Patos, e ainda no comêço do seculo XVII davam-lhe este nome. Entre os indigenas, a Laguna (e não ilha de Sancta-Catharina) era designada por Ibiaçá, ou «terra cortada» (*Wiesaw*, escreve o Allemão Schmidel, cap. 31), e a bahia ou canal, por Jurumirim, ou «bocca pequena» (*Schirmirein*, escreve outro Allemão, Hans Staden, cap. 9). Solis (1515) deu o nome de Bahia de los Perdidos a uma em que esteve aos 27°, e que, por essa indicação da latitude, não é o porto da então chamada ilha dos Patos. Sebastião Caboto em 1526, e Diogo Garcia no anno seguinte, estiveram na ilha, em viagem para o rio da Prata. Foi Caboto quem lhe deu o nome de ilha de Sancta-Cathalina (o visconde de S. Leopoldo enganou-se, attribuindo a Velho Monteiro, no seculo XVII, a applicação dêste nome, que já se encontra no mappa de Diogo Ribero de 1529, nas relações de Schmidel, Hans Staden e Cabeza de Vaca, e em outros escriptos e mappas do s. XVII). Em 1531 Martim Affonso de Sousa passou á vista do «Porto dos Patos» («Diario da Navegação» de Pero Lopes de Sousa), mas não entrou nelle. Em 1535 os Hispanhóes de Iguape, de que era chefe Ruiz García de Mosquera, ameaçados pelos Portuguezes de S. Vicente (veja 22 de Janeiro de 1532), fugiram para a ilha de Sancta-Catharina, «cuja propriedade (diz, sem razão, o sr. Luiz Domínguez)

ninguem contestava á Hispanha». Portugal sustentava então o seu direito sôbre todo este litoral, inclusive a margem septentrional do Rio da Prata e, antes da occupação transitoria de Mosquera, as terras do continente e ilha de Sancta-Catharina haviam sido doadas, com as de Sancto-Amaro e Itamaracá, a Pero Lopes de Sousa (carta de doação, assignada em Evora a 11 de Septembro de 1534). Mosquera apenas esteve na ilha «alguns dias». (R. D. de Guzmán, «Argentina», liv. I, 8), e com os seus companheiros foi logo transportado para Buenos-Aires por Gonzalo de Mendoza. Em 1541 a expedição hispanhola do «adelantado» Cabeza de Vaca deteve-se na ilha durante alguns mezes, seguindo depois por terra para o Paraguái. Accompanharam-n'a 2 Franciscanos naufragos, Bernardo de Armenta e Alonso Lorón, que ahi viviam desde 1538 («Comentarios» de Cabeza de Vaca, cf. Jaboatão, liv. Antepr., cap. 8). Em Dezembro de 1549, quando Hans Staden chegou a Sancta-Catharina, encontrou alguns Hispanhóes vivendo com os Carijós. Pela sua narração sabemos que elle e os Castelhanos da mallograda expedição de Diego de Sanabria estiveram 2 annos na ilha, até que em 1551 a abandonaram, marchando a maior parte para o Paraguai e saïndo outros na pequena embarcação que naufragou em Itanhaen. Em 1550 o padre Leonardo Nunes, da Sociedade de Jesús, prégou o Evangelho aos Indios de Porto dos Patos; o mesmo fizeram em 1618 os Jesuitas João de Almeida e João Fernandes Gato, e, a partir de 1622, os padres Antonio de Araujo e João de Almeida. Em 1620 Martim de Sá, accompanhado de Indios e de Francisco de Moraes, depois Jesuita, visitou a ilha (certidão em Azevedo Marques, I, 204). Na annua de 1624 o padre Antonio Vieira tracta da «missão do rio dos Patos», onde andavam 2 Jesuitas, que tambem foram á terra firme, e ahi conheceram o principal Tubarão, cujo nome ficou perpetuado em rio daquellas partes. No seu «Papel Forte», de 1648, diz o padre Antonio Vieira, que a ilha de Sancta-Catharina contava 10 ou 12 moradores portuguezes. E' pois, fóra de dúvida que Francisco Dias Velho Monteiro, tendo partido de S. Paulo para Sancta-Catharina no dia 18 de Abril de 1672 (Azevedo Marques, I, 158), não foi o fundador do primeiro nucleo colonial na ilha. No anno de 1680 é que deve ter occorrido o ataque da povoação do Desterro por um pirata, ataque em que Velho Monteiro foi morto, pois o seu inventario fez-se no juizo de orphams de S. Paulo no anno seguinte, segundo Azevedo Marques. Em 1712 a população do districto da ilha contava apenas 147 habitantes brancos, além de alguns Indios e Negros, todos livres (Frezier). A povoação da Laguna é a segunda de Sancta-Catharina, por ordem de antiguidade. Foi fundada em 1684 por Domingos de Brito Peixoto.

1823.— O Conselho de Estado termina a discussão da Constituição do Imperio, mezes depois promulgada (veja em 13 de Novembro de 1823 os nomes dos conselheiros de Estado; em 25 de Março de 1824 o juramento).

1826.— Fallecimento de d. Leopoldina, primeira imperatriz do Brasil, nascida em 23 de Janeiro de 1797 em Vienna, filha de Francisco I, imperador da Austria. Falleceu no palacio de S. Christovam, estando então ausente no Rio Grande do Sul o imperador d. Pedro I. E' preciso não attribuir a este triste acontecimento, como se tem feito até aqui, o regresso do imperador. Ao ministro inglez Gordon, que o fôra encontrar em Sancta-Catharina, d. Pedro I já havia declarado que a sua visita ao Rio Grande do Sul seria curta. Quando o ministro visconde de S. Leopoldo chegou a Porto-Alegre no dia 14 de Dezembro, estava resolvida a viagem de regresso, e, em proclamação do dia 16, dizia o imperador: «A necessidade da minha presença na Côrte, para tractar de negocios de alta importancia e mandar-vos mais soccorros, faz com que me retire com brevidade, o que summamente sinto...» Nesta data, não se sabia em Porto-Alegre da molestia e morte da imperatriz. Só alguns dias depois, na cidade do Rio Grande, recebeu o imperador estas noticias pelo brigue americano *Emma*, saïdo do Rio de Janeiro no dia 13.

1864.— Parte de Assumpção a esquadra paraguaia, conduzindo as tropas enviadas, sob o commando de Barrios, contra Mato-Grosso (veja 27 de Dezembro). Por terra, seguiu com Resquín outra divisão, que invadiu o nosso territorio pelo Apa. Essas 2 divisões tinham um effectivo de 9.200 homens, com 18 canhões. A esquadrilha montava 57 peças. Só tinhamos, então, espalhados por toda a provincia, 875 homens do exército, incluindo os doentes; apenas 583 estavam na fronteira do baixo Paraguái e na de Miranda. A flotilha compunha-se de 5 pequenos vapores; mas só um, o *Anhambahí*, estava armado (2 peças). A Guarda-Nacional não tinha sido mobilizada, porque, como é sabido, o dictador Lopez começou as hostilidades, capturando o paquete *Marquez de Olinda* e ordenando a invasão sem prévia declaração de guerra. Foi com essa milicia que Leverger cobriu e defendeu a capital. Em Abril já estavam fazendo serviço 2.676 guardas-nacionaes, em Cuiabá, Melgaço, Poconé e Villa-Maria.

1868.— *Batalha do Avahí, ganha pelo marechal Caxias sôbre os Paraguaios, commandados pelo general Bernardino Caballero.* — O Avahí é um arroio, cuja foz fica na margem esquerda do Paraguái, pouco acima de Villeta. Wisner escreve *Avay*, e a relação official paraguáia *Abay* (de Abá, «homem», e *y*, «agua»). Esta última deveria ser a denominação adoptada. O dictador Solano López continuava no systema de

dividir e sacrificar ineptamente as suas fôrças. Quando Caxias desembarcou em Sancto-Antonio, as tropas paraguaias, reunidas na linha do Pikisirí e em Angostura, apresentavam um total de 20.800 homens, sendo, portanto, superiores em número ao exército que as ia atacar. Comprehende-se que o dictador quizesse disputar a passagem do Itororó, mas devia ter empregado maiores fôrças. O que não tem explicação é essa batalha campal, dada com fôrças tão inferiores. Caballero recebeu ordem de oppor-se, com 5.000 homens e 18 peças, ao exército brasileiro, que contava 18.963 homens e 26 peças (infantaria, 13.939; cavallaria, 4.100; artilharia, 428; engenheiros e pontoneiros, 466), e é forçoso reconhecer que nunca soldados cumpriram mais heroicamente o seu dever do que os Paraguaios, nesse dia, em que pelejaram sem o abrigo de trincheiras, defendendo successivamente duas posições, retirando-se em quadrado e resistindo, até que foram inteiramente exterminados. Apenas o general Caballero, o general Valois Rivarola (ferido) e uns 100 officiaes e soldados puderam voltar ao acampamento de López. Os mortos foram 3.600 e os prisioneiros 1.400, entrando nesse número 600 feridos. Entre os prisioneiros estavam 2 coroneis (Serrano e González), 1 tenente-coronel, 2 majores e muitos capitães e subalternos. Toda a artilharia inimiga e 11 bandeiras ficaram em nosso poder. O ataque foi iniciado pelo general Osorio, com as divisões de infantaria do coronel Guimarães (José Auto) e coronel Pedra (brigadas Wanderley Lins, Mesquita, Hermes da Fonseca e Caldas, 5.704 homens) e a de cavallaria do coronel Camara (brigadas Silva Tavares e Severino Ribeiro, 1.000 homens). A cavallaria do general João Manuel Menna Barreto (600 homens, brigada Oliveira Bueno) flanqueou a esquerda do inimigo; o general Andrade Neves, com 2 divisões de cavallaria, flanqueou a direita (2.500 homens das divisões de Niederauer e Vasco Alves, compostas das brigadas Isidoro de Oliveira, Gonçalves da Silva, Cypriano de Moraes, A. Alves Pereira e Bento Martins). A artilharia era dirigda pelo tenente-coronel Gama Lobo. Depois do ferimento de Osorio, o marechal Caxias, accompanhado do chefe do Estado-Maior, general Fonseca Costa, e do general José Luiz de Menna Barreto, commandante do 2° corpo do exército, fez reforçar os combatentes com a divisão de infantaria do coronel Oliveira Nery (brigadas Faria Rocha, Lourenço de Araujo e Albuquerque Maranhão, 4.275 homens). O general Jacintho Machado Bittencourt ficou commandando a infantaria da reserva (divisões Pereira de Carvalho e Salustiano dos Reis, compostas das brigadas Lopes de Oliveira, Miranda Reis, Valporto e Seixas, 3.960 homens). A nossa perda foi de 297 mortos (31 officiaes), 1.164 feridos (96 officiaes), 202 contusos (38 officiaes), 60 extraviados (1

official). Total: 1.729 homens (166 officiaes fóra de combate), dividindo-se assim: infantaria, 1.283 fóra de combate; cavallaria, 415; artilharia e engenheiros, 28; piquete do general em chefe, 1; Estado-Maior do 3° corpo do exército, 2. Entre os mortos, os tenentes-coroneis Antonio Pedro de Oliveira (3° de infantaria), Francisco de Lima e Silva (9° de infantaria), Luiz Joaquim de Sá Brito (4° de caçadores a cavallo), Candido Xavier Rosado (10° da Guarda-Nacional) e o major Domingos de Sá Miranda (44° de voluntarios). Entre os feridos, os coroneis João Niederauer (morreu no dia seguinte, pertencia á Guarda-Nacional riograndense), Pedra, Oliveira Nery, Caldas, Cypriano de Moraes e Oliveira Bueno, os tenentes-coroneis Wanderley Lins e Amaro Barbosa, e 6 majores commandantes de corpos. Foram estes os corpos presentes á batalha: pontoneiros, batalhão de engenheiros, 2° regimento de artilharia a cavallo, 1°, 2°, 3°, 4°, 8°, 9°, 10°, 12°, 13°, 14°, 15° e 16° batalhões de infantaria de linha; 23°, 24°, 25°, 26°, 28°, 29°, 31°, 32°, 33°, 34°, 36°, 38°, 39°, 40°, 41°, 42°, 44°, 46°, 47°, 48°, 49°, 50°, 51°, 52° e 55° de voluntarios (12 batalhões de infantaria de linha e 25 de voluntarios), 4° corpo de caçadores a cavallo, 2° regimento de cavallaria de linha, 2 esquadrões do 3° regimento; corpos de cavallaria da Guarda-Nacional, 1°, 6°, 7°, 9°, 10°, 11°, 13°, 14°, 16°, 17°, 18°, 19°, 20°, 21°, 23° e 24° (2 corpos e 2 esquadrões de linha e 16 corpos da Guarda-Nacional). As 11 bandeiras inimigas que, a pedido do marechal Caxias, foram collocadas na egreja da Cruz dos Militares, foram tomadas: 3 pelo 32° de voluntarios (cidade do Rio de Janeiro), 2 pelo 54° (Bahia), 2 foram encontradas no campo, e as restantes foram tomadas pelo 42° de voluntarios (antigo 11° de voluntarios de Pernambuco), 6° e 17° de cavallaria da Guarda-Nacional e 3° regimento de cavallaria de linha. O exército brasileiro foi acampar em Villeta, á margem do Paraguái, ficando assim em communicação directa com a esquadra encouraçada. As brilhantes cargas de cavallaria, que o coronel Camara (depois visconde de Pelotas) dirigiu nesta batalha, valeram-lhe a promoção ao posto de brigadeiro.

12 DE DEZEMBRO

1633.— Capitulação do forte dos Reis-Magos (Rio Grande do Norte), tendo a artilharia dos Hollandezes aberto brécha, que não podia ser defendida pela pequena guarnição (veja 8 e 10 de Dezembro). Os Hollandezes deram a este forte, reconstruido em 1637, o nome de Kastel Ceulen. Só voltou ao nosso poder em 1654.

1639.— O capitão-mór Pedro Teixeira chega a Belém do Pará, de volta de sua expedição a Quito.

1823.— Chegam ao Recife, sob o commando do coronel Barros Falcão, as tropas pernambucanas que haviam feito a campanha da Independencia na Bahia.

1839.— O regente Araujo Lima nomeia o coronel Luiz Alves de Lima e Silva (depois duque de Caxias) presidente e commandante das armas da provincia do Maranhão, então devastada pela guerra civil.

1858.— Fica constituido, sob a presidencia do visconde de Abaété (com a pasta da Marinha), um Ministerio conservador, de que eram membros: Salles Torres Homem (Fazenda), Sergio de Macedo (Imperio), Nabuco (Justiça), Paranhos (Extrangeiros) e Manuel Felizardo (Guerra). Com este Ministerio, discriminaram-se novamente os dous partidos, conservador e liberal, confundidos desde que Paraná iniciou a politica de conciliação (6 de Septembro de 1848), observada pelos seguintes Gabinetes (Caxias e Olinda). O Ministerio Abaété encontrou grande opposição na Camara dos Deputados, sendo ardentemente combatido o ministro da Fazenda, exforçado defensor da centralização economica. Não tendo obtido do imperador o adiamento das Camaras, o Ministerio demittiu-se, succedendo-lhe o de 10 de Agosto de 1859 (Ferraz).

1877.— Morre na cidade do Rio de Janeiro o brilhante orador parlamentar, jurisconsulto, publicista e romancista José de Alencar, nascido em Mecejana (Ceará) no dia 1° de Maio de 1829. Foi ministro da Justiça no Gabinete conservador do visconde de Itaborahí, desde 16 de Julho de 1868 até 10 de Janeiro de 1870, e deputado desde 1869 até 1877. Seria longo apresentar o catalogo das suas obras, e ocioso fazê-lo, tractando-se de tão popular e conhecido contemporaneo: basta lembrar que foi o primeiro escriptor brasileiro do seu tempo e o mais notavel romancista que o Brasil tem produzido.

1891.— Funeraes de d. Pedro II em Lisbôa.

13 DE DEZEMBRO

1501.— André Gonçalves e Amerigo Vespucci descobrem a bahia a que deram o nome de Sancta-Luzia e onde em 1535 Vasco Fernandes Coutinho fundou a villa do Espirito-Sancto.

1519.— Fernando de Magalhães chega á bahia do Rio de Janeiro, e prosegue no dia 27 a famosa viagem para as Indias, descobrindo a passagem do estreito que ficou tendo o seu nome. Pigafetta, que escreveu a relação dessa primeira circumnavegação do globo, refere que no Rio de Janeiro encontraram aves domesticas (gallinhas, gansos) e cannas de assucar. Foram, sem dúvida, introduzidas pelos Portuguezes

da expedição de Gonçalo Coelho, pois é sabido que este construiu na nossa bahia um forte (1504), destruido pouco depois pelos Tamoios (veja 18 de Junho de 1504). João Lopes de Carvalho, piloto-mór da expedição de Magalhães, já conhecedor de Cabo-Frio e do Rio de Janeiro (fôra piloto da náo *Bretôa*), levou consigo um filho que tivera de uma india do Rio de Janeiro (Gaspar Corrêia, « Lendas da India », II, 621). Foi portanto este joven mameluco o primeiro Brasileiro que fez uma viagem á roda do mundo.

1521.— Fallecimento do rei d. Manuel, em cujo reinado foi descoberto o Brasil e se fizeram as primeiras explorações do nosso litoral.

1802.— Nascimento de José Joaquim Rodrigues Torres, depois, visconde de Itaborahí. Nasceu no Porto das Caixas, e falleceu na cidade do Rio de Janeiro (veja 8 de Janeiro de 1872).

1823.— Chegam ao Recife os deputados da Constituinte dissolvida e publicam uma exposição dos acontecimentos. A Juncta de Govêrno demitte-se, e no mesmo dia é eleita outra, temporaria, de Manuel de Carvalho Paes de Andrade (veja 8 de Janeiro de 1824).

1835.— Fallece na Bahia o senador Manuel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá, nascido em Serro-Frio (Minas-Geraes) no anno de 1762, mineralogista estimado dos seus contemporaneos e companheiro de José Bonifacio em viagens scientificas.

1838.— O vaqueiro Raimundo Gomes Vieira Jutahí entra na villa de Manga do Iguará (Maranhão) e solta os criminosos detidos na cadêia. Começa assim a barbara guerra civil que devastou até 1841 as provincias do Maranhão, Piauhí e Ceará, conhecida por *balaiada*, do nome de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio, que se lançou nessa lucta para vingar a affronta que recebera, tendo sido suas filhas deshonradas por um official. Muitos outros caudilhos, entre os quaes Ruivo, Mulungueta, Pedregulho, Milhomens, Gavião, Macambira e Tempestade, mostraram-se tão ferozes quanto esses dous. Celebrizou-se tambem nessa guerra, á frente de 3.000 escravos armados, o preto Cosme, que se assignava « D. Cosme, tutor e imperador das liberdades *bem-te-vis* ».

1839.— Nascimento de Pedro Luiz Pereira de Sousa, no municipio de Araruama. O poeta da « Terribilis Dea » e do « Iago » falleceu a 16 de Julho de 1884.

1848.— Os revolucionarios de Pernambuco, sob o commando de Manuel Pereira de Moraes, tomam Goiana, retirando-se, depois de energica resistencia, os partidistas do Govêrno.

— No mesmo dia, o tenente Luiz Francisco Barbalho repelle, no convento de S. Francisco de Ipojuca, um ataque dos insurgentes.

1864. — O Govêrno de Montevidéo faz queimar na praça pública os tractados entre a Republica Oriental e o Brasil, declarados nullos por decretos desta data.

1868. — Morre em Munich o naturalista Carlos Frederico Philippe von Martius, que viajou pelo Brasil de 1817 a 1820, com Spix. A descripção dessa viagem foi publicada na lingua allemã, em dous interessantes volumes, nunca vertidos para o portuguez. Além de muitas monographias, deixou Martius uma obra monumental, a « Flora brasiliensis ». Nasceu em Erlangen (Baviera) no anno de 1794.

14 DE DEZEMBRO

1634. — Decimo-primeiro dia da defesa do Cabedello contra o terceiro ataque dos Hollandezes. Foi nesse dia que se deu o conhecido episodio dos ermãos Antonio e Francisco Peres Calháo. Iam elles em uma das lanchas forradas de couro, em que o governador Antonio de Albuquerque Maranhão mandava soccorros de viveres ao Cabedello. Antonio Peres, que dirigia o leme, foi ferido no braço direito: « Vendo isto seu ermão, e acudindo a querer substitui-lo no leme, Antonio Peres não consentiu, dizendo: — *Enquanto eu tiver outro ermão mais proximo* (que era o braço esquerdo), *não necessito de ajuda, nem desisto do meu officio e posto*. Passou o leme para a outra mão, e foi governando, até que outra bala, dando-lhe nos peitos, o postrou quasi morto. Mas Francisco Peres preferiu acudir primeiro ao leme que ao ermão, a quem desta vez julgou tambem parente mais remoto, mais estimulado pela opinião que pelo sangue. Bizarras competencias de valor e fidelidade. Para que em tudo se parecessem estes dous heróes, novo mosquetaço feriu-lhe egualmente a mão que segurava o leme, a que elle acudiu rapidamente com a outra, e assim foi dirigindo a chalupa, até metter o soccôrro no forte e voltar ao logar de onde saïra » (Duarte de Albuquerque, « Memorias diarias »).

1775. — Nasce em Annsfield (Lanarkshire, Escossia) Thomas, lord Cochrane, depois 10° conde de Dundonald. Falleceu no dia 31 de Outubro de 1860 em Kensington e foi sepultado na abbadia de Westminster. Serviu com distincção a sua Patria nas guerras contra a primeira republica e o primeiro imperio francez, depois combateu pela independencia do Chile, do Brasil e da Grecia. Na marinha brasileira teve o titulo de 1° almirante, desde 1823, retirando-se em 1825, sem licença, para a Europa. O imperador d. Pedro I o tinha agraciado desde 1823

com o titulo de marquez do Maranhão e a grã-cruz da ordem do Cruzeiro; como, porém, no Brasil as distincções honorificas não davam proveitos pecuniarios, o 11° conde de Dundonald, disse, na biographia de seu pae, o seguinte: — « All the rewards bestowed upon lord Cochrane, except the conformation of his patent first admiral, be it noted, *were unsubstantial* ». Muitos annos depois, o Govêrno Imperial pagou ao herdeiro do almirante uma forte somma, em recompensa dos serviços por este prestados ao Brasil.

1819. — *Combate do Ibirapuitã-Chico*, em que o general José de Abreu (depois barão do Serro-Largo), com 404 homens apenas, se defende de 2.500 Orientaes, Correntinos e Entrerianos, commandados por Andrés Latorre. Abreu conseguiu retirar-se para o Passo do Rosario, onde no dia 15 fez juncção com o general Bento Corrêia da Camara. Neste combate desegual perdêmos 80 homens. Era a terceira invasão do Rio Grande do Sul pelo dictador oriental José Artigas, e foi a última, ficando o seu exército destruido na batalha de Tacuarembó (22 de Janeiro de 1820).

1831. — Revolta do coronel de milicias Joaquim Pinto Madeira, no Ceará, contra a auctoridade da Regencia e em favor do ex-imperador d. Pedro I. Pinto Madeira foi vencido, e depois condemnado á morte por um jury composto de inimigos seus, sendo logo executado, sem interposição dos recursos a que tinha direito pela lei.

1839. — Combate de Sancta-Victoria, em que uma divisão de tropas imperialistas, ao mando do brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, é derrotada pelos republicanos separatistas do Rio Grande do Sul, dirigidos por Joaquim Teixeira Nunes e Joaquim Mariano Aranha. Com estes se achava o então capitão-tenente Garibaldi.

— O general Cunha morreu afogado ao atravessar o rio Pelotas, neste mesmo dia. Nascera em 1782 em Torres-Vedras, e militara com distincção nas campanhas da Peninsula, nas do Rio da Prata (desde 1816 até 1828) e na guerra civil riograndense (desde 1835). Deixou 2 filhos, que se tornaram conhecidos em nossa terra: Felix Xavier da Cunha e Francisco Xavier da Cunha.

1840. — Na villa do Sobral um grupo de militares e homens armados, dirigidos por 2 officiaes, ataca á noite a casa de residencia do senador Alencar, presidente da provincia, e é repellido com perda de alguns mortos e feridos.

1851. — Proclamação do general Caxias, dirigida á 1ª divisão do exército brasileiro, destinada a tomar parte na campanha de Buenos-Aires, e contra o dictador Rosas, indo incorporar-se ao exército commandado pelo general Urquiza. Neste

dia partiu a 1ª brigada dessa divisão, embarcando na Colonia do Sacramento, onde estava acampado o exército brasileiro desde 25 de Novembro. A 1ª divisão compunha-se de 4.020 homens das 3 armas, sob o commando do brigadeiro Manuel Marques de Sousa, depois tenente-general e conde de Porto-Alegre (veja 17 de Dezembro de 1851, 3 e 18 de Fevereiro de 1852).

15 DE DEZEMBRO

1646.—O mestre-de-campo (coronel) Francisco Rebello, que commandava as fôrças bahianas de observação na margem direita do S. Francisco, destroça completamente em Urambú o capitão Samuel Lambert, que o fôra atacar com 500 Hollandezes, destacados pelo coronel Hinderson, então no Penedo. Do inimigo apenas escaparam 30 e tantos homens; todos os outros, incluindo Lambert e mais 5 capitães, ficaram mortos ou prisioneiros. Esta foi a última victoria do «Rebellinho», morto a 10 de Agosto do anno seguinte, atacando os fortes das Amoreiras, em Itaparica.

1647.—O general Siegesmundt van Schkoppe evacua a ilha de Itaparica (nesta data, e não em Janeiro de 1648, como diz Porto-Seguro), para acudir ao Recife, que estava sendo bombardeado pela bateria de Sancto-Antonio Novo.

1649.—Auto-de-fé em Lisbôa, no qual foi «recebido com insignias de fogo», ficando para sempre suspenso de ordens, o ex-jesuita Manuel de Moraes (veja 2 de Agosto de 1645).

1650.—Os capitães Antonio Ferreira Machado e Apollinario Gomes Barreto derrotam um corpo hollandez em Salinas, á margem do Beberibe. Gomes Barreto foi morto durante a perseguição.

1808.—O commandante Yeo (Inglez) e o capitão-tenente Luiz da Cunha Moreira (depois almirante e visconde de Cabo-Frio) atacam e tomam o fortim de Approuague (Guiana Franceza).

1833.—José Bonifacio é suspenso das funcções de tutor do imperador d. Pedro II e das princezas, arrancado do Paço de S. Christovam e remettido para a ilha de Paquetá. A Regencia practicou esta violencia, por suspeitar que José Bonifacio conspirava contra o Govêrno. O marquez de Itanhaen succede a José Bonifacio naquellas funcções.

1861.—Fallecimento de Francisco de Paula Brito, livreiro-impressor, que no Rio de Janeiro animou os primeiros ensaios de muitos dos nossos escriptores e poetas, e soube fazer-se geralmente estimado. A sua loja de livros era um dos me-

lhores ponctos de palestra nesta cidade. Paula Brito, que versejava com facilidade, redigiu o periodico satirico *A Mulher de Simplicio*, e depois *A Marmota*, jornal de variedades literarias. Nascera no Rio de Janeiro a 2 de Dezembro de 1809.

1864.— A brigada de voluntarios brasileiros de cavallaria, commandada pelo general Netto, reune-se aos sitiantes de Paisandú (veja 29 de Dezembro).

1869.— O major Francisco Antonio Martins surprehende e dispersa o acampamento do coronel Canete em Iguassú-Guá (Paraguái), aprisionando este official e 40 e tantos soldados, e tomando 2 estandartes. Martins só tinha ás suas ordens 60 homens de cavallaria da Guarda-Nacional.

16 DE DEZEMBRO

1634.— Decimo-terceiro dia da defesa do Cabedello (terceiro assédio pelos Hollandezes). Foi morto neste dia o capitão Jeronymo Pereira, que commandava o forte desde o ferimento de Mattos Cardoso no dia 10. Assumiu o commando o capitão Gregorio Guedes Souto Maior. «Já então a artilharia contrária tinha desmontado muita da nossa, desmoronado a estrada coberta e arrasado quasi trez plataformas», diz Duarte de Albuquerque.

1635.— O general Mathias de Albuquerque parte de Alagôas para a Bahia. Desde 30 de Novembro entregara o commando do exército de Pernambuco ao general Rojas.

1822.— Juramento da Independencia e do Imperio na cidade de Goiaz.

1826.— O brigue *Rio da Prata* (2 peças de 9, 10 caronadas de 18, 71 homens), fundeado ao N. O. da ilha de Gorritti, no porto de Maldonado, é atacado ás 3 horas da madrugada por 1 lanchão de 20 remos e 8 baleeiras, que conduziam uns 200 homens, dirigidos pelo francez Cesar Fournier, corsario ao serviço dos Argentinos. As baleeiras foram repellidas pela metralha do brigue; mas o lanchão (51 homens) conseguiu atacar pela prôa, travando-se então um vivo combate a arma branca, em que ficaram mortos quasi todos os abordantes, prisioneiros 2 e em nosso poder o lanchão. A guarnição do brigue teve 2 mortos no combate, 3 que falleceram logo depois, 3 gravemente feridos e 9 levemente: total, 17 mortos e feridos. «Promovi (disse o almirante barão do Rio da Prata, em officio n. 133) o commandante José Lamego Costa a primeiro-tenente, o guarda-marinha Diogo Ignacio Tavares a segundo-tenente (foi quem com a sua vigilancia conheceu de noite, em distancia, que vinham os inimigos, e deu parte ao commandante,

que se poude prevenir em tempo), o piloto Pedro Ignacio Moroni a segundo-tenente de commissão, Jesuino Lamego Costa, que andava como voluntario e sem vencimentos (é ermão do commandante, muito bom piloto e de muita práctica de mar e de manobra) a segundo-tenente de commissão; o commissario e o escrivão receberam seus vencimentos, como si fossem de fragata. Todos estes se distinguiram nobremente, assim como o commandante do destacamento, o cabo de esquadra da 2ª companhia do 2° batalhão da imperial brigada de artilharia de marinha, Manuel José Vieira». Dos officiaes aqui citados, 2 chegaram ao posto de almirante: Diogo Ignacio Tavares, natural do Rio de Janeiro, e Jesuino Lamego Costa, natural da Laguna (senador do Imperio e 2° barão da Laguna).

1843.— Morre na cidade do Rio de Janeiro o almirante reformado Rodrigo José Ferreira Lobo, nascido em Portugal e Brasileiro desde a Independencia, a cuja causa, segundo Senna Pereira, prestou serviços distinctos, até com sacrificio da sua pequena fortuna pessoal. Era vice-almirante graduado desde 1819. Commandou a esquadra portugueza do estreito de Gibraltar em 1809, e bateu-se com a de Argel nos dias 26 de Abril e 4 de Maio. Respondeu a conselho de guerra por não ter capturado os navios inimigos, e foi absolvido. Em 1816, commandou a esquadra no Rio da Prata, e em 1817 a que bloqueou Pernambuco. De 28 de Maio de 1825 a 11 de Maio do anno seguinte, esteve no commando da esquadra brasileira em operações no Rio da Prata, e dirigiu-a no combate de 9 de Fevereiro de 1826 (veja essa data). Durante esse commando, o bloqueio não poude ser rigoroso, porque Lobo não teve á sua disposição os recursos que foram dados ao seu successor. Respondeu a conselho de guerra, e foi absolvido, como era de justiça que o fosse.

1868.— Os encouraçados *Silvado* (commandante Costa e Azevedo, depois barão do Ladario) e *Mariz e Barros* (commandante J. F. de Abreu) forçam as baterias de Angostura, descendo o rio.

17 DE DEZEMBRO

1548.— Regimento (instrucções) dado por d. João III a Thomé de Sousa, 1° governador-geral nomeado para o Brasil. «E' um modêlo de tino governativo, (diz Porto-Seguro), e mostra o conhecimento que já seu redactor, o conde da Castanheira, tinha do Brasil». Na mesma data foram dados os regimentos para provedor-mór da Fazenda e para os provedores e officiaes das capitanias. Esses documentos foram assignados em Almeirim, sendo provavelmente expedido na mesma occasião o regimento para o ouvidor-geral.

1817.—Morre em prisão o conhecido hydrographo José Fernandes Portugal, compromettido na revolta dêsse anno em Pernambuco.

1819.—Os generaes José de Abreu e Bento Corrêia da Camara repellem, no Passo do Rosario, as tropas do dictador José Artigas (Correntinos, Entrerianos e Orientaes).

1831.—Fundação da «Sociedade Federal», no Rio de Janeiro. Esta sociedade combatia a «Defensora da Liberdade e Independencia» (veja 10 de Maio), e era dirigida por Epiphanio José Pedroso.

1836.—O coronel João da Silva Tavares, estando de visita em casa de seu sogro, no Arroio-Grande, com alguns officiaes e praças da Guarda-Nacional, é cercado por um numeroso corpo de revolucionarios, sob o commando do tenente-coronel David José Martins, e obrigado a capitular. Este Martins mudou, pouco depois, o nome de familia, passando a assignar-se Canavarro. Silva Tavares foi conduzido para o Estado Oriental, e esteve com ferros aos pés durante 53 dias; mas conseguiu evadir-se, e continuou a combater pela causa da união nacional.

1851.—*Combate do Tonelero* (barrancas de Acevedo, margem direita do Paraná, entre Obligado e Ramallo, provincia de Buenos-Aires).—O chefe de esquadra Grenfell (depois almirante) conduzia, da Colonia para a ponta do Diamante a brigada de infantaria do coronel Pereira Pinto (Francisco Felix), nos vapores *D. Affonso* (navio-chefe, commandante Lamego Costa), *D. Pedro II* (J. R. De Lamare), *Recife* (Paixão) e *D. Pedro* (Lomba), aos quaes reunira as corvetas *D. Francisca* (Parker) e *União* (Vieira da Rocha) e o brigue *Calliope* (Alvim). Estes navios de véla, que formavam a divisão do capitão de mar e guerra Parker, fundeada em frente á villa de S. Pedro, foram rebocados pelos 3 primeiros vapores acima citados. Os 7 navios montavam 20 peças, 38 caronadas e 2 obuzes. Passaram na distancia de meio tiro de espingarda do alcantil de Tonelero, respondendo ao mal dirigido fogo de balas ardentes, metralha e fuzilaria dos Argentinos, partidarios do dictador Rosas. O general Lucio Mancilla, que era o chefe das forças postadas no Tonelero, declarou a Sarmiento ter lançado mais de 450 balas; entretanto, poucas avarias soffreram os navios, e no pessoal tivemos apenas 4 mortos e 5 feridos. Segundo depoimentos de prisioneiros, houve em terra 8 mortos e 19 feridos. Mancilla deu conta do occorrido nos seguintes termos: «Honra e gloria aos valentes e leaes federaes do exército do meu commando, que hoje nas barrancas de Acevedo, ás minhas immediatas ordens, disputaram com admi-

ravel denodo o passo do nosso magestoso grão-Paraná a 4 vapores, 2 corvetas, e 1 brigue do nosso vil e cobarde inimigo, o Govêrno Brasileiro, amo do louco traidor selvagem unitario Urquiza. Doze minutos depois do meio-dia apresentaram-se os dictos infames navios á frente de 16 peças, guarnecidas por 2 batalhões, 1 esquadrão de artilharia e outro de carabineiros do regimento n. 6, que, com aquella serenidade tão frequente nos decididos federaes, disputaram por 52 minutos em renhido combate a passagem da esquadra referida, que montava 50 peças de grosso calibre, sustentadas com fogo de infantaria entrincheirada em suas altas bordas...» Sarmiento, Mitre e Paunero eram passageiros a bordo do *D. Affonso*, e assistiram ao combate. Iam reunir-se ao exército de Urquiza, na campanha emprehendida pelo Brasil e seus alliados, com o fim de libertar o povo argentino. Os 3 navios da divisão Parker fundearam em frente á foz do Ramallo; os vapores seguiram rio acima e chegaram no dia 19 a Diamante, logar escolhido para a passagem do exército alliado. No dia 18 a corveta *D. Januaria* e os vapores *Paraense*, *Imperador* e *Uruguái*, que transportavam o resto da divisão do general Marques de Sousa, deram fundo abaixo do Tonelero. A divisão Parker descia pouco depois o rio, para de novo forçar a passagem e auxiliar a subida áquelles navios; mas Mancilla, acreditando que ia haver desembarque, abandonou as suas peças, e retirou-se precipitadamente para o interior.

1868.— O coronel Vasco Alves Pereira (depois brigadeiro honorario e barão de Sancta-Anna do Livramento) surprehende e derrota, em Sanja-Blanca (ou Sanja-Fernández, entre Villeta e Lomas-Valentinas), o 45° regimento de cavallaria paraguaia. Do inimigo ficaram mortos 140 e prisioneiros 54 homens (5 officiaes). O 20° regimento paraguaio, que estava de protecção, fugiu, e não poude ser alcançado. Para este ataque, effectuado pela madrugada, levou Vasco Alves 4 corpos de cavallaria da Guarda-Nacional, mas apenas 2 puderam accommetter o inimigo. O 13° e o 18º de cavallaria da Guarda-Nacional tiveram 4 feridos (1 official).

1882.— O curso superior do rio Iguassú, affluente do Paraná, começa a ser navegado por um pequeno vapor, o *Cruzeiro*, desde o porto de Amazonas, perto da villa da Palmeira, até o da União da Victoria, em Palmas, na extensão de 55 leguas.

18 DE DEZEMBRO

1634.— Decimo-quinto dia do ataque do Cabedello pelos Hollandezes (terceiro assédio). A fortaleza estava quasi intei-

ramente desmantelada, mas repelliu a nova intimação, feita neste dia pelo inimigo.

1833.— Morre na cidade da Bahia o capitão de mar e guerra João Francisco de Oliveira Botas. Começou a servir como contramestre do cáes do Arsenal de marinha da Bahia em 1809 e ajudante do patrão-mór (1816). Sendo segundo-tenente, recebeu durante a guerra da Independencia o commando da flotilha de Itaparica (28 de Novembro de 1822), e tornou-se famoso pelos combates que sustentou com a esquadrilha portugueza nos dias 8 e 23 de Dezembro de 1822, 7 de Janeiro (promovido pelo general Labatut a primeiro-tenente), 28 e 30 do mesmo mez, 8 e 9 de Março, 30 de Abril, 23 de Maio (promovido a capitão-tenente por lord Cochrane). Fez depois as campanhas do Rio da Prata, de 1826 a 1828, contra os Argentinos; distinguiu-se nos combates do Banco das Palmas (24 de Fevereiro de 1827) e Monte-Sanctiago (7 e 8 de Abril), e commandou, por vezes, durante as ausencias de Norton, a divisão que bloqueava Buenos-Aires. Dirigiu então as nossas fôrças em alguns combates, e foi ferido no de 5 de Junho de 1827. Era capitão de fragata desde 8 de Março de 1826; foi promovido a capitão de mar e guerra a 12 de Outubro de 1827.

1839.— Os revolucionarios sitiam no Estanhado a columna do Norte do Piauhí, commandada pelo major Antonio de Sousa Mendes (veja 4 de Janeiro de 1840).

1844.— Decreto do imperador d. Pedro II, concedendo amnistia a todos os compromettidos na rebellião separatista do Rio Grande do Sul, que depuzessem as armas (veja 28 de Fevereiro e 1° de Março de 1845).

1865.— Fallece no Rio de Janeiro o maestro Francisco Manuel da Silva, nascido na mesma cidade a 21 de Fevereiro de 1795. O hymno, que compoz para as festas da coroação do imperador d. Pedro II, em 1841, fiicou adoptado como Hymno Nacional. Antes dêsse, tinhamos o hymno chamado da Independencia, ou antes, dous hymnos desta denominação: um, composto por d. Pedro I; outro, por Marcos Portugal. Francisco Manuel foi o verdadeiro fundador do Conservatorio de Musica do Rio de Janeiro e da Sociedade Philharmonica.

1869.— Fallecimento do pianista e compositor Louis Moreau Gottschalk, nascido em Nouvelle-Orléans (1828). Falleceu na cidade do Rio de Janeiro.

19 DE DEZEMBRO

1634.— Capitulação da fortaleza do Cabedello, atacada desde o dia 4 pelo almirante Lichthardt e pelo então coronel

Siegesmundt van Schkoppe. As peças (21) estavam quasi todas desmontadas e a fortaleza em grande parte desmoronada. Foram mortos dentro dos seus muros 82 homens (entre elles, o 2° commandante Jeronymo Pereira e o capitão Domingos de Arriaga), e feridos 113 (o 1° commandante Mattos Cardoso, o capitão Francisco Peres do Souto, commandante da artilharia). A guarnição saïu com as suas bandeiras e armas, sendo-lhe concedidas as honras da guerra. No dia 23 capitulou o forte de Sancto-Antonio, e logo depois foi a cidade da Parahiba abandonada, ficando senhores os Hollandezes dêsse territorio. O Cabedello, reconstruido por elles, passou a chamar-se forte Margarita; á cidade deram o nome de Frederickstaadt. Os 3 fortes á entrada do Parahiba (Cabedello, Sancto-Antonio e Restinga) só voltaram ao nosso poder em 1654.

1843.—A villa do Jaguarão repelle um ataque dos revolucionarios riograndenses, dirigidos por Joaquim Teixeira Nunes. O commandante Barbosa Lomba, na escuna *Gravatahí*, muito se distinguiu nesta defesa da villa (veja 21 de Junho de 1844, segundo ataque).

1853.—Installação da provincia do Paraná.

1868.—Os encouraçados *Silvado* (commandante Costa Azevedo, depois barão do Ladario) e *Lima Barros* (commandante J. F. de Abreu) forçam a passagem das baterias de Angostura, subindo o rio Paraguái.

20 DE DEZEMBRO

1627.—Frei Vicente do Salvador (Vicente Rodrigues Palha) termina neste dia a sua «Historia do Brasil», recentemente publicada. Nasceu em Matuim (Bahia) em 1565, provavelmente no dia 20 de Dezembro, e falleceu pelo anno de 1638.

1637.—Os Hollandezes, commandados por Joris Gartsman e auxiliados por 200 Indios do principal Maniú («Algodão»), tomam o forte do Ceará. «Com as suas tropas e os Indios (diz Nieuhoff), marchou Garstman immediatamente contra o forte, o qual, após intrepida resistencia dos Portuguezes, que mataram muitos dos nossos soldados, foi levado de assalto, ficando prisioneiros alguns officiaes de distincção e a maior parte da guarnição». O commandante do forte era Bartholomeu de Brito.

1653.—Dá fundo deante de Olinda a frota annual da Companhia do Commercio do Brasil, depois de trocar algumas descargas com os navios hollandezes, que a foram reconhecer. Saïra de Lisbôa no dia 3 de Outubro, e compunha-se de 64

navios, inclusos os mercantes, sob o commando do general Pedro Jacques de Magalhães (depois visconde de Fonte-Arcada). O 2º commandante ou immediato (almirante) era Francisco de Brito Freire. A esquadra, segundo resoluções tomadas no conselho de guerra do dia 25, passou a auxiliar o exército, no ataque das fortificações do Recife.

1679.—Morre em Clèves o principe João Mauricio, conde de Nassau-Siegen, que fôra governador do Brasil Hollandez.

1778.—Nascimento de Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro (veja 17 de Septembro de 1859, data do seu fallecimento).

1810.—Morre na capital do Pará o governador dessa capitania, general José Narciso de Magalhães de Meneses, que organizara a expedição enviada em 1808 contra a Guiana Franceza (veja 12 de Janeiro de 1809).

1822.—Chegam ao Recife, vindos de Inglaterra, os deputados Diogo Feijó, Lino Coutinho, Barata, Agostinho Gomes e Silva Bueno, que com Antonio Carlos haviam saïdo occultamente de Lisbôa no dia 5 de Outubro.

—Parte do Rio de Janeiro para o Havre o brigue francez *La Cécile*, conduzindo os deportados politicos José Clemente Pereira, Januario da Cunha Barbosa e general Luiz Pereira da Nobrega, partidistas de Lédo. Este, que a principio se occultara em S. Gonçalo, conseguiu partir para Buenos-Aires. Regressaram ao Brasil no anno seguinte, depois que José Bonifacio deixou de ser ministro.

1848.—Combate de Cruangí, em que o general José Joaquim Coelho derrota uma divisão de revolucionarios de Pernambuco (1.200 homens), commandados por Manuel Pereira de Moraes. O general atacou com o 5º de fuzileiros, 1º e 6º de caçadores e 1 peça do 1º batalhão de artilharia. Ficaram mortos ou feridos 34 homens (2 officiaes) das fôrças do govêrno e 83 dos da insurreição.

—No mesmo dia houve um pequeno combate nas matas do engenho Pereira (Rio Formoso), em que ficaram vencedores os governistas.

1864.—O exército do general Flores e as fôrças brasileiras levantam o sitio de Paisandú e marcham ao encontro do general Sáa. Retirando-se este, é o assédio restabelecido no dia 25.

1869.—Os restos do general Antonio de Sampaio são depositados no Asylo de Invalidos da Patria.

1877.—Morre em Campinas o naturalista Joaquim Corrêia de Mello, nascido na cidade de S. Paulo a 10 de Abril de 1816.

21 DE DEZEMBRO

1501.—André Gonçalves e Amerigo Vespucci descobrem o cabo de S. Thomé.

1584.—Fallecimento do padre Manuel de Paiva, superior dos Jesuitas que fundaram o collegio de S. Paulo, origem da cidade do mesmo nome (veja 25 de Janeiro, 1556). Falleceu no Espirito-Sancto.

1632.—Luiz Barbalho repelle, no seu posto fortificado das Salinas, um ataque dos Hollandezes.

1791.—Nascimento de Alvares Machado na cidade de São Paulo. Este notavel orador liberal falleceu a 4 de Julho de 1846.

1825.—Manifesto do vice-almirante Rodrigo Lobo, commandante em chefe da esquadra brasileira no Rio da Prata, declarando bloqueados os portos argentinos.

1826.—Tomada da escuna de guerra argentina *Rio*, commandante Antonio Richitelli, perto de Conchillas, por alguns navios da divisão Senna Pereira.

1835.—Sessão inaugural da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, formada com os membros da Sociedade de Medicina (veja 24 de Abril de 1830).

1840.—Um corpo de legalistas, sob o commando do coronel José dos Sanctos Loureiro, é destroçado na estancia de S. José, em Missões, por Jacintho Guedes da Luz, coronel dos separatistas riograndenses.

1868.—*Primeiro dia da batalha de Lomas-Valentinas e tomada do Pikisirí.*—O exército do dictador Solano López, tendo perdido, desde 6 de Dezembro, perto de 7.000 homens nas batalhas de Itororó e Avahí, estava reduzido, segundo Resquín, a 13.000 combatentes. Occupavam as baterias e trincheiras de Angostura, sôbre o rio Paraguái, 700 homens (tenentes-coroneis George Thompson e Lucas Carillo); a linha do Pikisirí, 2.500 e tantos, sob o commando do coronel Hermosa; e as Lomas-Valentinas, 9.800, sob o commando do dictador, que tinha ás suas ordens os generaes Resquín e Caballero. Um entrincheiramento fechava parcialmente duas dessas collinas, a Loma de Acosta, mais septentrional, e a Loma de Ita-Ibaté, onde estava o quartel-general do dictador, entre aquella collina e a secção oriental da linha do Pikisirí. A face Nordéste dessas linhas de defesa chamava-se trincheira de Tacurutí; a face Norte, trincheira de Acosta; a de Oéste, trincheira do Quartel de Reserva ou trincheira Auxilio, porque

quasi em frente ficava a lomba dêsse nome. Os lados Sudéste e Sul estavam indefesos, mas os capões de mato não deixaram perceber isso á cavallaria das divisões Andrade Neves e Vasco Alves, que penetraram no Potrero-Marmol nessa manhã. O marechal Caxias, deixando em Villeta uma pequena guarnição, marchou para a lombada de Cumbarití, onde ás 9 da manhã a nossa artilharia começou a bombardear as posições de Lomas-Valentinas. Ao mesmo tempo as fôrças do exército alliado, que haviam ficado em Palmas, ao sul do Pikisirí, procediam a um reconhecimento, ameaçando por esse lado o inimigo. O exército do marechal Caxias compunha-se, nesse dia, de 19.415 homens, todos Brasileiros, e 26 canhões (pontoneiros, 306; artilharia, 408; infantaria, 14.690; cavallaria, 4.011). A's 3 da tarde foi dado o signal de avançar. O general João Manuel Menna Barreto, á frente de 3 corpos de cavallaria (700 homens) e 2 brigadas de infantaria (Mesquita e Oliveira Bueno, 2.000 homens), atacou de través e pela parte oriental a linha do Pikisirí, destroçando completamente as tropas do coronel Hermosa e apoderando-se de 32 canhões e 3 bandeiras. O combate, por esse lado, terminou ao escurecer. O general José Luiz Menna Barreto assaltou a trincheira de Lomas-Valentinas pelo lado occidental. Alguns dos seus batalhões penetraram nas posições inimigas e apoderaram-se de varios canhões, 3 dos quaes foram logo remettidos ao general em chefe, assim como 1 bandeira, mas os Paraguaios receberam reforços e reconquistaram o terreno perdido. Outros ataques foram tentados; mas, sendo grandes as nossas perdas, o general ordenou a retirada para a collina fronteira, quando a noite começava. A infantaria, que combateu por esse lado (5.900 homens), formava a divisão do general Auto Guimarães (brigadas Cesar da Silva, Hermes da Fonseca, Albuquerque Maranhão e Pinheiro Guimarães), e foi apoiada por 1 corpo de cavallaria. A trincheira de Acosta (Norte) foi atacada pelo general Jacintho Machado Bittencourt com 6.786 homens de infantaria das divisões Miranda Reis e Salustiano dos Reis (brigadas Pereira de Carvalho, Freire de Carvalho, Lourenço de Araujo, Faria Rocha, Valporto e Seixas), apoiados pela divisão de cavallaria do general Andrade Neves (brigadas Jacintho Pereira e Gonçalves Silva, 1.400 homens). A divisão de cavallaria do coronel Vasco Alves ficou de reserva na extrema direita do inimigo. O general Bittencourt conseguiu apoderar-se da trincheira e de 23 canhões (veja a sua parte official; a ordem do dia e o «Diario do Exército» dizem erradamente 14), travando-se por esse lado o mais encarniçado combate. Por ordem do marechal Caxias foram sustentadas as posições conquistadas, continuando alli o combate durante toda a noite e o dia 22. Nossas perdas foram enormes, mas as do inimigo muito

maiores, ficando completamente destruidos o batalhão de Rifleros e os regimentos Acaverán e Acaraia, que eram os da guarda de López, o regimento Acomorotí e muitos outros corpos. Durante toda a noite e o dia 22 tentaram os Paraguaios retomar essas posições, mas foram sempre repellidos. Depois continuou o tiroteio, conservando-se o inimigo entre os capões de mato da collina de Ita-Ibaté. A's 6 horas da tarde de 23 outras tropas foram render as do general Bittencourt, e o tiroteio proseguiu até ao ataque final no dia 27. Os Paraguaios perderam, nos 2 primeiros dias de batalha, 58 canhões, 8 bandeiras (officio de 26 de Dezembro, de Caxias) e 8.000 homens (algarismos de Resquín, na «Memoria» por elle offerecida ao duque de Caxias), ficando mortos os coroneis Valois Rivarola e Felipe de Toledo, os tenentes-coroneis Manoel Cabrera e Manoel Roa e muitos dos melhores commandantes. Pelos incompletos documentos publicados sabemos que o 31° de voluntarios (corpo policial da cidade do Rio de Janeiro) tomou 2 bandeiras e que 3 outras foram tomadas pelo 49° de voluntarios (Minas-Geraes), 15° de linha e 11° de cavallaria da Guarda Nacional (Rio Grande do Sul). A bandeira dos Rifleros da Guarda foi tomada por um sargento dêste último corpo. A nossa perda, desde o dia 21 até a tarde de 23, foi de 702 mortos (53 officiaes), 4.049 feridos (268 officiaes), 481 contusos (119 officiaes) e 573 extraviados (6 officiaes). Total, 5.805 homens fóra de combate (446 officiaes), sendo: 2 do Estado-Maior de 1 das columnas; 5.165 da infantaria; 569 de cavallaria (incluindo 5 do piquete do general em chefe); e 69 de artilharia e pontoneiros. Como succedeu em quasi todos os grandes combates dessa guerra, os corpos de voluntarios e da Guarda-Nacional, por serem mais numerosos que os do exército regular, pagaram o maior tributo de sangue: tiveram nesses 3 dias 3.908 homens fóra de combate (313 officiaes), ao passo que os corpos de linha perderam apenas 1.895 (131 officiaes), cumprindo notar que muitos batalhões de linha acabavam de ser reforçados com os restos de 6 corpos de voluntarios, dissolvidos depois das batalhas de Itororó e Avahí (26°, 28°, 42°, 44°, 48° e 55°, de voluntarios), e que no dia 23 foram ainda dissolvidos mais 11 dêsses corpos (24°, 25°, 29°, 32°, 33°, 34°, 36°, 39°, 41°, 47° e 49°), sendo as suas praças incorporadas aos batalhões de linha. Entre os mortos, contavam-se o coronel Albuquerque Maranhão, commandante da 10ª brigada de infantaria (era voluntario da Patria, bacharel em Direito e senhor de engenho na Parahiba); os tenentes-coroneis Manuel Jacintho Osorio, commandante de uma brigada de cavallaria, e Almeida Côrte-Real, do 25° batalhão de voluntarios; os majores commandantes Secundino Tamborim, Galdino Villas-Bôas e Carlos de Carvalho (1° e 12° de infantaria de linha e 50° de

voluntarios). Entre os feridos: o brigadeiro honorario barão do Triumpho (Andrade Neves), commandante da 2ª e 3ª divisões de cavallaria; o coronel Miranda Reis, commandante da 1ª divisão de infantaria; os commandantes de brigada Freire de Carvalho (voluntario) e Cesar da Silva; e 16 commandantes de corpos. Os batalhões que mais soffreram foram: o 25° (335 homens fóra de combate), 24° (223), 51° (266), (54° (219), 33° (205) e 34° (205), todos de voluntarios; e o 16° (231), 12° (223) e 1° (203), estes 3 últimos de linha. Tomaram parte nesta batalha os seguintes corpos: 1°, 2°, 3°, 4°, 8°, 9°, 10°, 11°, 12°, 13°, 14°, 15° e 16° de infantaria de linha (13 batalhões); 23°, 24°, 25°, 27°, 29°, 31°, 32°, 33°, 34°, 35°, 36°, 38°, 39°, 40°, 41°, 46°, 47°, 49°, 50°, 51° e 54° de voluntarios (21 batalhões); 2° e 3° regimentos de cavallaria de linha; 4° corpo de caçadores a cavallo; 1°, 6°, 7°, 8°, 9°, 10°, 11°, 13°, 14°, 15°, 17°, 19°, 20°, 21° e 24° de cavallaria da Guarda-Nacional (16 corpos da Guarda-Nacional e 3 de linha); 2° regimento de artilharia e corpo de pontoneiros. Com a tomada da linha do Pikisirí, ficou franca a passagem para as tropas alliadas do acampamento de Palmas (veja o dia seguinte), e ficaram completamente isolados os Paraguaios que occupavam as fortificações de Angostura. Esses resultados, juncto á tomada de uma parte do entrincheiramento de Lomas-Valentinas e á destruição de mais de dous terços do exército inimigo, mostram a importancia da victoria alcançada no dia 21 e sustentada com a mais heroica tenacidade até ao dia 27, em que foi tomada a segunda collina occupada pelo dictador. Na manhã dêste dia 21, antes do nosso ataque, o dictador Solano López mandou fuzilar, em Ita-Ibaté, seu ermão Benigno López, seu cunhado o general Vicente Barrios, o bispo Palacios, o deão José Bogado, o ex-ministro dos Negocios Extrangeiros José Berges, o coronel Paulino Alen, o consul portuguez Leite Pereira, o armador italiano Simão Fidanza e 3 senhoras: Dolores Recalde, Juliana Isfrán de Martínez e Maria de Jesús Egusquiza. Centenas de Paraguaios e de extrangeiros foram assim executados por ordem dêste barbaro; uns, porque eram suspeitos de conspiração; outros, por serem parentes de officiaes aprisionados pelos alliados.

22 DE DEZEMBRO

1647.—Chega á Bahia a esquadra do general conde de Villa-Pouca de Aguiar (Antonio Telles de Meneses), nomeado governador-geral do Brasil. Compunha-se de 10 galeões e 24 navios mercantes. Luiz da Silva Telles era o almirante (2° commandante). Villa-Pouca tomou posse do govêrno no dia 26 (Miralles, § 415).

1652.—A Camara e o povo de Belém do Pará oppõem-se á execução da ordem da metropole, que mandava pôr em liberdade os Indios illegalmente captivos. O governador Ignacio do Rego Barreto é obrigado a tractar com os sublevados, suspendendo a execução da ordem régia até decisão da côrte. No Maranhão deu-se o mesmo, e das duas capitanias partiram para Lisbôa procuradores do povo, encarregados de pedir ao rei a revogação dessa ordem.

1755.—O exército portuguez do capitão-general Gomes Freire de Andrade marcha de S. Gonçalo, para fazer juncção com o hispanhol do general Andonaegui e forçar á obediencia os Guaranís das missões jesuiticas. Eram brasileiras as tropas que formavam o exército de Freire de Andrada (do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, S. Paulo e Sancta-Catharina). Seguiram pela margem direita do Piratiní, e no dia 16 de Janeiro reuniram-se aos Hispanhóes no Rincão d'El-Rei, cabeceiras do rio Negro (veja 7 e 10 de Fevereiro de 1756).

1783.—Fallecimento do tenente-general João Henrique Bohm, nascido na Allemanha. Falleceu no Rio de Janeiro e foi sepultado no convento de Sancto-Antonio. Este general, um dos melhores officiaes do conde de Lippe, servia no Brasil desde 1767, e por alguns annos commandou no Rio Grande do Sul o maior exército que se reuniu no Brasil nos tempos coloniaes. Em 1776 reconquistou a margem meridional do canal do Rio Grande á villa dêste nome e todo o territorio de que os Hispanhóes se haviam apossado na campanha de 1763 (veja 1° e 2 de Abril de 1776). Delle fallaram, com louvor, o general Dumouriez, que com elle esteve em Portugal, e o viajante Langstoedt, que visitou a capital do Brasil.

1793.—Nascimento de Pedro de Araujo Lima (depois marquez de Olinda). Nasceu no engenho Antas, em Serinhaen (veja 7 de Junho de 1870).

1811.—O sargento-mór Manuel dos Sanctos Pedroso (veja 5 de Abril de 1816), que estava no Arapehí-Chico com um destacamento de 150 homens, é atacado por 952 Orientaes e Indios, commandados pelo tenente-coronel Manuel Pinto Carneiro. A energica resistencia de Pedroso conteve o inimigo, e permittiu que os nossos se retirassem com alguma perda para a serra do Jarao. Este ataque foi feito por ordem de Artigas, que assim violou o armisticio ajustado pouco antes com o govêrno de Buenos-Aires. Pinto Carneiro, que era riograndense e servia no exército de Artigas, foi degollado por ordem dêste caudilho no dia 22 de Fevereiro de 1814 (Calvia, «El protector nominal de los pueblos libres», pags. 58).

1848.— O capitão Francisco Cavalcanti de Albuquerque Mello repelle, no engenho Almecega (Pernambuco), um ataque feito por 200 Indios de Jacuipe e Agua-Preta, armados pelos revolucionarios.

1866.— O vice-almirante Joaquim José Ignacio (depois almirante e visconde de Inhaúma) assume o commando em chefe da esquadra brasileira em operações no Paraguái.

1868.— *Segundo dia da batalha de Lomas-Valentinas.*— A columna do general Jacintho Machado Bittencourt defende as posições conquistadas na lomba de Acosta, e repelle todos os ataques do inimigo. O general Caxias manteve-se a cavallo toda a noite de 21 para 22, percorrendo as linhas de fogo, e durante este dia foi por vezes visitar a trincheira occupada pelas tropas do general Bittencourt. O dictador López estava reduzido a 4.000 homens, emboscados nos capões de mato e arranchamentos da lomba de Itá-Ibaté, de onde continuavam a responder ao nosso fogo. Em Angostura, tinha elle mais de 1.900 homens, incluindo 1.170 dos derrotados no Pikisirí, mas estavam cercados e vigiados por 2 divisões de cavallaria e 1 brigada de infantaria sob o commando do general João Manuel Menna Barreto. As fôrças alliadas do acampamento de Palmas, atravessando a linha do Pikisirí, reuniram-se ao exército do marechal Caxias. Consistiam no exército argentino, então commandado pelo general Gelly y Obes (4.300 homens), na divisão do general Enrique Castro, composta de 400 Orientaes, na brigada de infantaria do coronel Paranhos e na de artilharia do coronel Mallet.

23 DE DEZEMBRO

1589.— Christovam de Barros derrota completamente em Sergipe os Indios do principal Mbapeva, que sitiavam a divisão de Alvaro Rodrigues (150 brancos e 1.000 Indios alliados).

1634.— Capitulação do forte de Sancto Antonio, na fóz do Parahiba, margem esquerda (veja 19 de Dezembro).

1822.— O commandante Botas (veja 18 de Dezembro de 1833), ensoberbecido com o resultado do combate do dia 8, sae de Itaparica com a canhoneira *Pedro I* e vae provocar a esquadrilha portugueza, composta de 13 navios, entre os quaes os brigues *Audaz* e *Promptidão*. Cercado, consegue escapar e refugiar-se em Amoreiras, ao abrigo da bateria dirigida pelo capitão Francisco Xavier de Barros Galvão, e ahi continúa o combate até á retirada do inimigo.

1868.—Prosegue o fogo de fuzilaria em Lomas-Valentinas, entre as fôrças brasileiras, postadas na lomba de Acosta, e as paraguaias, na lomba Itá-Ibaté. A's 6 horas da tarde as tropas do general Jacintho Machado Bittencourt, que sustentaram o fogo desde o dia 21, foram rendidas pelo contingente oriental e pela brigada do coronel Paranhos. No dia seguinte outras tropas brasileiras foram render estas. Os Argentinos observavam a esquerda das posições inimigas; os Brasileiros, o centro e a direita. O marechal Caxias foi á tarde reconhecer a parte oriental da posição occupada pelo inimigo.

24 DE DEZEMBRO

1634.—Os Hollandezes, senhores dos fortes da barra do Parahiba, entram na cidade dêste nome (veja 19 de Dezembro).

1821.—Representação da Juncta de S. Paulo, pedindo ao principe-regente d. Pedro que ficasse no Brasil. Esta mensagem só foi apresentada depois da resolução tomada pelo principe no dia 9 de Janeiro de 1822, a pedido do Senado da Camara e do povo do Rio de Janeiro.

1832.—Nascimento de Francisco Pinheiro Guimarães na cidade do Rio de Janeiro (veja 5 de Outubro de 1877).

1865.—O exército brasileiro, commandado pelo general Osorio, vindo da Concordia (Entre-Rios), acampa em Laguna-Brava (Corrientes), perto do Passo da Patria.

1866.—Os encouraçados *Brasil, Barroso* e *Tamandaré* e a canhoneira *Iguatemi* bombardeiam Curupaití, accompanhando o fogo das baterias de Curuzú. Os bombardeamentos entre estas duas posições eram quasi diarios.

1868.—Pouco antes das 6 ½ da manhã a bandeira de parlamentario nas avançadas brasileiras da collina de Acosta, uma das Lomas-Valentinas, fez cessar o tiroteio entre as linhas dos combatentes. O nosso parlamentario entregou ao paraguaio uma nota dos generaes alliados, dirigida ao dictador López. Esse documento, assignado pelo marechal Caxias e pelos generaes Gelly y Obes (Argentino) e Enrique Castro (Oriental), era uma intimação para que o dictador depuzesse as armas. «El ejército nacional, en grito unísono (diz a relação official paraguaia), protestó que vengaria este nuevo ultraje a la nacion y su gobierno, hecho precisamente en los momentos en que los buenos hijos de la patria estaban dando pruebas las más relevantes de las virtudes cívicas que los distinguen, peleando dia y noche por salvar la patria de las garras de esos mismos enemigos». A's 3 ½ da tarde foi en-

tregue nas nossas avançadas a resposta do dictador, declarando que estava disposto a tractar da paz sôbre bases egualmente honrosas para os belligerantes, mas não estava disposto a ouvir uma intimação de deposição de armas. Muitos exemplares impressos dos dous documentos foram lançados nas avançadas pelo inimigo. O fogo de fuzilaria e artilharia começou pouco depois.

25 DE DEZEMBRO

1562.—Morre em S. Paulo o célebre Martim Affonso Tibiriçá (este nome significa o «principal da terra», segundo Baptista Caetano), cacique dos Guaianases de Piratininga, convertido á fé catholica por Anchieta e Leonardo Nunes. Mezes antes defendera victoriosamente a nova villa de S. Paulo, quando atacada por Ararí, de quem era ermão (10 e 11 de Julho de 1562). «Morreu o nosso principal, grande amigo, e protector Martim Affonso», dizia Anchieta em carta de 10 de Abril do anno seguinte. Tibiriçá era sogro de João Ramalho.

1591.—A villa de Sanctos é assaltada e surprehendida por destacamentos do *Roebuck* (capitão Cocke), *Desire* (capitão John Davies) e *Blacke Pincsse*, navios da esquadra do corsario inglez Thomas Cavendish. Os moradores estavam reunidos na egreja, e nenhuma resistencia puderam oppôr. Cavendish, que ficara na ilha de S. Sebastião, chegou dias depois com o *Leicester* e o *Daintie*. Os Inglezes fortificaram-se em Sanctos, incendiaram varios engenhos no caminho de S. Vicente, e partiram para o Sul, ao cabo de dous mezes, levando tudo quanto tinha algum valor. Voltaram a Sanctos no anno seguinte; mas todos os que desembarcaram foram mortos, entrando nesse número os capitães Stafford, Southwell e Barker. No Espirito-Sancto foram repellidos com grande perda, e soffreram ainda pequenos revéses na ilha de S. Sebastião e na ilha Grande. Cavendish morreu em viagem, quando regressava para a Inglaterra.—As divergencias que se notam entre as datas de John Janes (Hackluyt, III, 842 e segs.) e Knivet (Purchas, IV, 1.201 e segs.) resultam principalmente da differença dos calendarios juliano e gregoriano. O dia 25 de Dezembro, entre os Portuguezes, que já haviam adoptado a reforma gregoriana, correspondia ao 15 de Dezembro do antigo estylo. Os Inglezes só adoptaram a reforma em 1752.

1599.—E' installada a villa do Natal no Rio Grande do Norte. A fortaleza dos Reis-Magos, começada a construir, ou terminada a 6 de Janeiro de 1598 por Manuel Mascarenhas Homem, ficou desde 24 de Junho do mesmo anno sob o commando de Jeronymo de Albuquerque. Foi este quem formou,

principalmente com Indios, a povoação que nesta data teve o predicamento de villa. Durante o dominio hollandez o principe Mauricio de Nassau deu-lhe o titulo de cidade.

1615.— Francisco Caldeira Castello-Branco parte de São Luiz do Maranhão com 3 navios e 150 homens, para occupar o Amazonas (data de André Pereira, que ia na expedição, citada pelo visconde de Porto-Seguro, «Historia Geral», I, pags. 450). Caldeira fundou então um forte e a povoação, que desde logo teve o nome de cidade de N. S. do Belém, no Pará.

1636.— Ataque e tomada da missão jesuitica de San-Christóbal, no rio Pardo (Rio Grande do Sul), pelos Paulistas. Antonio Raposo Tavares era o chefe dêsses bandeirantes.

1637.— Incendio de S. Christovam, em Sergipe d'El-Rey, pelos Hollandezes.

1653.— Reunem-se em Olinda os generaes Francisco Barreto de Meneses e Pedro Jacques de Magalhães, commandantes do exército e da esquadra, e os principaes cabos das fôrças portuguezas de terra e mar. Nesse conselho militar fica resolvido o ataque immediato das fortificações do Recife, ataque que poz termo glorioso á guerra contra o dominio hollandez no Brasil.

1824.— O almirante marquez do Maranhão (lord Cochrane), intervindo nas dissidencias politicas da provincia do Maranhão, depõe o presidente Miguel Ignacio dos Sanctos Freire Bruce e o substitue por Manuel Telles da Silva Lobo.

1826.— Fallecimento do brigadeiro Luiz Pereira da Nobrega de Sousa Coutinho. Foi ministro da Guerra em 1822, com José Bonifacio; mas deixou o Gabinete em 28 de Outubro, e, por ser partidista de Lédo, foi deportado para a França pelo mesmo José Bonifacio (veja 20 de Dezembro). Regressou ao Brasil no anno seguinte.

1831.— Morre em S. Paulo o tenente-coronel Candido Xavier de Almeida e Sousa, nascido na mesma cidade, explorador dos campos de Guarapuava (veja 8 de Septembro de 1870) e membro do Govêrno Provisorio que administrou a provincia de S. Paulo desde 10 de Septembro de 1822 até 2 de Janeiro do anno seguinte.

1850.— Tractado de alliança entre o Brasil e o Paraguái contra o general Rosas, dictador da Confederação Argentina. O Paraguái não concorreu com um só soldado para a guerra, começada no anno seguinte e terminada com a victoria de Monte-Caseros.

1868.— Por ordem do marechal Caxias, 46 bocas de fogo do exército brasileiro começam, ás 6 horas da manhã, a bom-

bardear as posições occupadas pelos Paraguaios em Itá-Ibaté, uma das Lomas-Valentinas. O bombardeamento durou 3 horas, sendo feitos mais de 3.000 tiros. A infantaria do general Jacintho Machado, apoiada por alguma cavallaria, adeantou-se, e teve uma viva refrega com o inimigo. A' tarde, a cavallaria do coronel Vasco Alves Pereira destroçou, entre o Peguahó e Lomas-Valentinas, um destacamento de 400 cavalleiros e infantes paraguaios. Ficaram mortos ou prisioneiros 230 inimigos.

26 DE DEZEMBRO

1634.—Luiz de Avelar, Henrique Dias, Antonio Bezerra e outros 4 capitães saïdos do Arraial com as suas companhias, destroçam um corpo de Hollandezes na Campina do Brito (Varzea do Beberibe). Os 3 citados capitães foram feridos, sendo esse o quarto ferimento que recebia Henrique Dias.

1645.—2 soldados pernambucanos vão, durante a noite, em uma jangada ao ancoradouro do Recife, e tentam incendiar 2 navios hollandezes por meio de pequenos brulotes. O navio *Swan* começou a arder, e houve no porto grande confusão. Um dos soldados, João Tavares, natural de Muribeca, foi ferido ao regressar.—Segundo Nieuhoff, deu-se esta occorrencia na noite de 26 de Dezembro; segundo Calado e Rafael de Jesús, em principios de Dezembro, mas não declaram o dia; Gama, escriptor dêste seculo, indicou arbitrariamente a data de 2 de Dezembro.

1778.—Morre no convento dos Capuchinhos de Córdova (Hispanha) o general d. Pedro de Ceballos, que fôra governador de Buenos-Aires, e depois 1° vice-rei do Rio da Prata. Este general, dispondo de fôrças muito superiores, apoderou-se em 1762 e 1763 da Colonia do Sacramento e de grande parte do Rio Grande do Sul, e em 1777 commandou a poderosa expedição que occupou a ilha de Sancta-Catharina e rendeu a Colonia. Seus nomes de familia eram muito numerosos: chamava-se d. Pedro Antonio de Ceballos Cortéz Calderón Coes Arebalo Barreda La Vega Porras Estrada y Escalante.

1843.—O tenente-coronel Demetrio Ribeiro surprehende e derrota em Sancta Rosa, perto do Botuhí, o general João Antonio Silveira e o coronel Onofre Pires da Silveira Canto, que estavam acampados com 500 homens das fôrças insurgentes do Rio Grande do Sul. Estes dispersam-se, perdendo 175 mortos e prisioneiros.

1864.—Morre na cidade do Rio de Janeiro o barão de Cairú (Bento da Silva Lisbôa), nascido na Bahia a 4 de Fe-

vereiro de 1791, filho do visconde de Cairú. Foi ministro dos Negocios Extrangeiros (1832 a 1834, 1846 a 1847) e desempenhou uma missão na Europa (1840-1842), durante a qual ajustou o casamento do imperador d. Pedro II com a princeza d. Teresa-Christina.

1867.—O batalhão 30° de voluntarios (tenente-coronel Apollonio Campello), que estava postado em Passo-Poí, fazendo as avançadas da nossa direita em S. Solano, é atacado durante a noite pelo major paraguaio Rivarola, e dispersa-se. Tivemos nesta surpresa 22 mortos e feridos; e os Paraguaios, 6. O general Andrade Neves conseguiu alcançar uma pequena parte da fôrça inimiga, occasionando-lhe a perda de 11 homens. Da nossa cavallaria ficaram mortos ou feridos 4, por tiros das baterias de Humaitá.

1868.—Continúa o fogo de fuzilaria entre as avançadas dos alliados e as paraguaias, em Itá-Ibaté (veja o dia seguinte).

27 DE DEZEMBRO

1519.—Fernando de Magalhães deixa a bahia do Rio de Janeiro (veja 13 de Dezembro) e prosegue em sua viagem de circumnavegação do globo.

1705.—Tractado de commercio entre Portugal e a Grã-Bretanha, conhecido na Historia por «Tractado de Methuen», nome do ministro britannico que o negociou em Lisbôa (Paul Methuen).

1812.—Nascimento de Eusebio de Queirós Coutinho Mattoso da Camara em S. Paulo de Loanda» (embora a sua certidão de baptismo o diga nascido no dia 26)». Este illustre estadista, que conseguiu pôr termo ao tráfico de Africanos no Brasil, falleceu a 7 de Maio de 1868 na cidade do Rio de Janeiro. Durante alguns annos foi o mais prestigioso dos chefes do partido conservador.

1819.—Os generaes José de Abreu (depois barão do Serro-Largo) e Bento Corrêia da Camara derrotam, perto do Itaquatiá, 800 Orientaes e Correntinos do exército de José Artigas.

1864.—*Primeiro dia da defesa do forte de Nova-Coimbra, em Mato-Grosso, contra o ataque dos Paraguaios, commandados pelo coronel Vicente Barrios (logo depois general)*.—O forte tinha 11 peças montadas em bateria (além de 20 peças armazenadas, quasi todas sem reparo), 125 officiaes e soldados de artilharia e 30 guardas-nacionaes, guardas da alfandega, presos

e Indios. Estava sob o commando do tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto-Carrero. A defesa foi auxiliada pela canhoneira *Anhambahí* (2 canhões, 34 homens), commandada pelo primeiro-tenente Balduino de Aguiar. As fôrças paraguaias compunham-se de 1.200 homens das 3 armas, com 12 peças raiadas e várias estativas de foguetes á Congrève e 8 canhoneiras a vapor, 2 escunas, 1 patacho e 2 lanchões, montando 57 canhões. A esquadrilha era commandada pelo capitão de fragata Meza. Este foi o primeiro combate entre Brasileiros e Paraguaios, na guerra iniciada pelo dictador Solano López (veja 28 de Dezembro).

1868.—*Batalha de Itá-Ibaté, nas Lomas-Valentinas.*— Na batalha dos dias 21, 22 e 23, o dictador Solano López tinha perdido mais de 8.000 homens e 58 canhões, ficando reduzido a 4.000 combatentes. Do dia 24 a 25 recebeu reforços vindos de Cerro-Léon e Caapucú (alguns batalhões de infantaria e 3 regimentos de cavallaria), de sorte que tinha neste dia 7.600 homens, nos capões de mato da collina de Itá-Ibaté. O exército brasileiro recebera tambem reforços, e apresentava um total de 15.954 homens (artilharia e pontoneiros, 1.738; cavallaria, 3.120; infantaria, 11.096), incluindo 707 homens de cavallaria, que, ás ordens do general Camara, ficaram observando Angostura. Ao amanhecer, as baterias do exército alliado começaram a bombardear as posições inimigas, e foram avançando com as columnas de ataque. O marechal Caxias dirigiu o ataque contra a direita e a retaguarda do inimigo, e o general Gelly y Obes contra o centro e a esquerda. Sob o commando de Caxias estavam: na extrema esquerda, 2.413 homens de cavallaria (divisão Vasco Alves e Caetano Gonçalves e na retaguarda do inimigo a divisão João Manuel Menna Barreto); na esquerda, 2.400 homens de infantaria argentina (general Rivas); no centro e direita, sob o commando do general José Luiz Menna Barreto, 4.739 de infantaria brasileira (divisão do general Auto Guimarães) e 1.500 de artilharia (coronel Mallet). O general Gelly y Obes tinha: na sua esquerda (centro do inimigo), o general Jacintho Machado Bittencourt, com 1.252 infantes brasileiros (divisão do general Salustiano Reis); no centro, o general Enrique Castro, com 600 infantes orientaes e 1.105 brasileiros (brigada Paranhos); na direita, 2.426 infantes argentinos (coronel Aguero). Total: 15.716 Brasileiros, 4.826 Argentinos e 600 Orientaes. O exército do dictador Solano López foi completamente destroçado, conseguindo elle fugir, seguido de uns 60 officiaes e soldados, pelo Potrero-Marmol e Paso de Jequití, para Cerro-León, aonde chegou na noite dêsse mesmo dia (veja 28 de Dezembro). Ficaram em poder dos alliados mais 26 canhões, 2 obuzes e 1 morteiro,

6 bandeiras (3 tomadas pelos Brasileiros, 2 e 1 estandarte pelos Argentinos) e tudo quanto havia no acampamento inimigo. No exército brasileiro, nenhum official superior foi morto ou ferido neste dia; os Argentinos tiveram 1 coronel morto (Florencio Romero, commandante do 4° de infantaria de linha), 3 tenentes-coroneis e 2 majores feridos, e perderam a bandeira de um batalhão, que o general Caballero conseguiu dispersar por meio de uma emboscada, já no Potrero-Mármol. Segundo as relações que pudemos encontrar, faltando as de muitos corpos, o exército brasileiro, desde o dia 24 até 27 de Dezembro, teve 678 homens fóra de combate, sendo mortos 81 (5 officiaes), feridos 480 (22 officiaes), contusos 111 (20 officiaes) e extraviados 6. As mesmas relações incompletas dão as seguintes perdas desde 6 até 27 de Dezembro: mortos, 1.366 homens (134 officiaes); feridos, muitos dos quaes falleceram, 7.075 (467 officiaes); contusos, 927 (201 officiaes); extraviados, 740 (7 officiaes). Total: 10.108 homens fóra de combate. Mas, pelo exame comparativo da fôrça prompta em 6 e 31 de Dezembro e dos reforços recebidos, vê-se que deviamos ter tido proximamente 11.500 fóra de combate, dentre 25.000 Brasileiros que tomaram parte nos combates desta campanha. Os Argentinos e Orientaes (4.700 homens) só co-operaram com as nossas tropas nos dias 22 a 27, e tiveram pequenas perdas. O dictador López tinha, no dia 6 de Dezembro, 20.800 homens, e recebeu nos ultimos dias um refôrço de 3.600. Total: 24.400 homens. Todo esse exército ficou destruido depois da rendição de Angostura no dia 30, escapando apenas alguns milhares de feridos e fugitivos. Em Angostura foram tomadas mais 16 peças e 3 bandeiras, de sorte que os trophéos da última campanha do marechal Caxias consistiram em 127 canhões (82 tomados pelos Brasileiros e 45 pelas fôrças alliadas, em 27 e 30 de Dezembro) e 29 bandeiras (23 tomadas pelos Brasileiros, 3 pelos Argentinos, 3 entregues em Angostura).

1873.— Inauguração das communicações telegraphicas, por meio de cabos submarinos, entre o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Pará.

28 DE DEZEMBRO

1813.— Nascimento de Ireneu Evangelista de Sousa (depois visconde de Mauá). Nasceu no Arroio-Grande, Rio Grande do Sul (veja 21 de Outubro de 1889).

1841.— Convenção secreta de auxilios de guerra entre Bento Gonçalves da Silva, chefe da revolução riograndense, e o general Fructuoso Rivera, presidente da Republica Oriental. Outra convenção do mesmo genero foi assignada a 5 de Julho dêsse anno.

1864.—*Segundo dia da defesa de Nova-Coimbra pelo tenente-coronel Porto Carrero.* — O fogo foi tão vigoroso neste dia, quanto no precedente. A's 2 horas da tarde o commandante Luiz González, á frente do 6° batalhão paraguaio (750 homens), assaltou o forte e foi repellido. Estando quasi de todo exgottadas as munições, Porto-Carrero reuniu conselho, em que ficou resolvida a evacuação do forte. Esta operação realizou-se á noite, seguindo a pequena guarnição para Corumbá, a bordo da *Anhambahí.* Parece incrivel que, dispondo de fôrças tão consideraveis, o chefe da esquadrilha inimiga não tivesse forçado a passagem do forte, para atacar aquella canhoneira. Os Paraguaios tiveram, nos 2 dias de ataque, 207 homens fóra de combate (42 mortos, 134 feridos e 1 prisioneiro). O seu fogo foi tão mal dirigido, que apenas tivemos 1 ferido.

1868.— O general João Manuel Menna Barreto commandava as fôrças alliadas que sitiavam Angostura. Na manhã dêste dia, o coronel Donato A'lvarez, á frente de 70 homens de cavallaria argentina, tomou e encravou 3 peças que estavam na extremidade occidental da linha do Pikisirí, não as transportando por serem muito pesadas, e porque a infantaria paraguaia se poz em marcha, para retoma-las. Os nossos alliados tiveram apenas 1 official ferido.

— Proclamação do dictador Solano López, datada de Cerro-León, aonde chegara na noite anterior, tendo fugido de Itá-Ibaté. Nesse documento encontram-se os seguintes trechos: «Derrotado em mi cuartel-general en Pikisirí, estoy en este campo... Nuestro Dios quiere probar nuestra fé y constancia, para darnos despues una patria más grande y más gloriosa, y vosotros, como yo, debeis sentiros nuevamente enardecidos con la sangre generosa que ayer bebió la tierra de nuestro nacimiento. Para vengarla, salvando la patria, aqui estoy. Un revés de fortuna no ha de ciertamente venir a imponer sobre el espíritu y abnegación del magnánimo pueblo... Hemos sufrido un contraste, pero la causa de la patria no ha sufrido, y sus buenos hijos se organizan en estos momentos, para luchar todaviá con mayor ahinco con el enemigo exterminador...» Esse barbaro, como Rosas e tantos outros tyrannos da America Hispanhola, apesar de apoiar-se unicamente na fôrça das armas, dizia-se presidente de uma Republica, e nos documentos officiaes dava-se como o executor das vontades de um povo livre.

1872.— Morre no Rio Grande do Sul o brigadeiro reformado barão de Saícã (José Maria da Gama Lobo Coelho d'Eça), natural de Sancta-Catharina. Serviu com muita distincção nas campanhas de 1816 a 1820, em Missões.

1877.—Fallecimento do senador Zacharias de Góes e Vasconcellos, um dos mais illustres estadistas e oradores parlamentares de que se honra o Brasil. Nasceu em Valença (Bahia) a 5 de Novembro de 1815 e falleceu no Rio de Janeiro. Lente na Faculdade de Direito do Recife desde 1840, appareceu na politica presidindo algumas provincias, foi eleito deputado em 1850 e teve a pasta da Marinha no Gabinete Rodrigues Torres (depois visconde de Itaborahí), de 1852 a 1853. Conservador até 1861, separou-se nesse anno dos seus amigos politicos e formou a chamada «liga constitucional», de conservadores e liberaes, que levou ao poder o novo partido liberal. Trez vezes teve a presidencia do Conselho, depois da victoria da liga. O seu primeiro Ministerio (1862) durou apenas alguns dias; e o segundo (1864), 6 mezes. O facto mais importante dêste govêrno foi a intervenção brasileira nos negocios da Republica Oriental, e o subsequente rompimento de relações com o Govêrno de Montevidéo. O terceiro gabinete de Zacharias de Góes governou de 3 de Agosto de 1866 a 16 de Julho de 1868, e prestou assignalados serviços á Patria, organizando, depois do revés de Curupaití, o brilhante exército e a poderosa esquadra, que venceram a resistencia de Humaitá e de suas linhas exteriores, e levaram as bandeiras do Brasil até á cidade de Assumpção. Este Ministerio fez estudar pelo Conselho de Estado os projectos do senador Pimenta Bueno (depois marquez de S. Vicente) para a abolição gradual da escravidão, e abriu á navegação extrangeira o Amazonas e uma parte do S. Francisco (veja 7 de Dezembro de 1866). De 1869 em deante, Zacharias de Vasconcellos esteve sempre em opposição, combatendo, na tribuna ou na imprensa, os ministerios conservadores, e até mesmo a reforma servil de 1871, que continha com mui ligeiras modificações as idéas dos projectos de Pimenta Bueno. Embora alliado aos liberaes, nunca abandonou as idéas da sua mocidade, e foi sempre um conservador auctoritario.

29 DE DEZEMBRO

1822.—*Demonstração ou reconhecimento, feito pelo general Labatut sôbre as trincheiras da cidade da Bahia, defendidas pelas tropas do general Madeira.*—Labatut dirigiu o fogo pelo lado da Conceição, e o coronel Felisberto Gomes Caldeira pelo de Itapoan. A perda dos Brasileiros foi pequena, e a dos Portuguezes não devia ter sido maior. Nesse dia tinham as tropas do general Madeira prestado juramento de obediencia á Constituição portugueza. Em proclamação desta data dizia o brioso general, nosso adversario: «Gozais hoje do espectaculo arrebatador de prestardes vossos juramentos á vista de vossos

inimigos, e sôbre essas mesmas baterias, onde defendeis o que juraes. Esse terreno, pois, que occupaes, será duas vezes o monumento eterno de vossa gloria. Ahi defendereis a dignidade da nossa patria e a vossa dignidade. O bronze que hoje annunciará aos inimigos da nação e do rei que vós sois fiéis ao que elles atraiçoaram, servirá para lançar entre elles mesmos o estrago e a morte, sempre que intentarem ver de perto as nossas armas triumphantes...»

1826.—A esquadrilha brasileira do Uruguái, sob o commando do capitão de fragata Jacintho Roque de Senna Pereira (3ª divisão da esquadra em operações), fundeada juncto á bocca do Jaguarí (rio Negro), repelle o primeiro ataque da esquadrilha argentina, dirigida pelo almirante Brown (veja o dia seguinte).

1844.—O commandante Vasco Alves Pereira, da Guarda-Nacional (depois barão de Sancta-Anna do Livramento), surprehende e derrota, juncto ao Quaró, o coronel Bernardino Pinto, que fica ferido e prisioneiro. Este foi o ultimo encontro de armas na guerra civil riograndense, e deu-se em territorio oriental. O Quaró é affluente da margem esquerda do Quarahim.

1849.—Tomam assento no Senado os conselheiros Paulino José Soares de Sousa (depois visconde do Uruguái), Manuel Felizardo de Sousa e Mello e Candido Baptista de Oliveira.

1860.—Morre na cidade da Bahia o arcebispo dessa diocese, d. Romualdo Antonio de Seixas, marquez de Sancta-Cruz, nascido em Cametá, Pará, no dia 7 de Fevereiro de 1787. Nomeado arcebispo em 1826, fez a sua entrada solenne na Bahia no dia 28 de Novembro de 1828. Illustrou-se por suas virtudes, por seus escriptos e pela sua eloquencia na tribuna sagrada e na da Camara dos Deputados. A collecção das suas obras fórma 6 volumes *in-8°* grandes. As suas «Memorias» (incompletas) foram publicadas em 1861.

1864.—Reúne-se ás fôrças brasileiras e orientaes, que sitiavam Paisandú, o exército brasileiro do general João Propicio Menna Barreto (depois barão de S. Gabriel). Marchara de Pirahí no dia 1° de Dezembro, e compunha-se apenas de 6.000 homens (infantaria, 1.900; artilharia, 200; cavallaria, quasi toda da Guarda-Nacional, 3.900). No assédio de Paisandú já tinhamos uns 500 homens de infantaria, do exército e da armada, e 1 brigada de voluntarios de cavallaria, com 1.200 homens. O general Flores, chefe da revolução oriental e nosso alliado, commandava 600 homens de infantaria e 2.400 de cavallaria. A esquadra brasileira estava sob o commando do almirante Tamandaré.

—Neste mesmo dia o capitão Martín Urbieta, á frente de 220 Paraguaios, ataca a colonia de Dourados na fronteira de Mato-Grosso. O tenente Antonio João Ribeiro, que commandava apenas um destacamento de 15 praças, recusa render-se e morre combatendo. «O tenente de infantaria, cidadão Manuel Martínez (disse Urbieta, em sua parte official), intimou-o a que se rendesse, mas o commandante brasileiro respondeu que, si lhe apresentassemos ordem do govêrno imperial, se renderia, mas sem ella não o faria de modo algum».

1866.—Bombardeamento de Curupaití pelos encouraçados *Brasil, Barroso* e *Tamandaré*, bombardeiras *Pedro Affonso* e *Forte de Coimbra* e canhoneira *Iguatemí.*

1868.—O exército alliado, marchando de Lomas-Valentinas, acampa em frente de Angostura (veja o dia seguinte).

30 DE DEZEMBRO

1614.—Martim de Sá, com algumas canôas, ataca e destroça, juncto á fóz do Guandú, ou rio da Marambaia, um destacamento que o almirante hollandez Joris van Spilbergen mandara á terra, e apodera-se de 3 lanchas. Ficaram mortos 22 Hollandezes e prisioneiros 14, entre estes o tenente François du Chesne (ferido), que, voltando depois para o seu paiz, esteve em 1624 e 1625 na cidade da Bahia, e foi dos officiaes inimigos que ajustaram e assignaram a capitulação dos Hollandezes (30 de Abril de 1625).

1804.—Introducção da vaccina na Bahia, por iniciativa de Felisberto Caldeira Brant Pontes (depois marquez de Barbacena). O dr. José Avelino Barbosa foi encarregado dêste serviço, sendo o puz vaccinico enviado pouco depois a outras cidades do Brasil.

1826.—Segundo dia do combate do Jaguarí, entre a esquadrilha brasileira do Uruguái, commandada por Senna Pereira, e a argentina do almirante Brown.—Esta última desistiu do ataque, retirando-se para Martín García. Os navios brasileiros combateram fundeados, tanto neste dia, como na vespera (veja 8 e 9 de Fevereiro de 1827).

1827.—O corsario argentino *General Mancilla* (6 boccas de fogo), commandante Henderson, perseguido por navios brasileiros, encalha na costa da Magdalena (Buenos-Aires) e é incendiado pela nossa escuna *Rio.*

1848.—O tenente-coronel Joaquim Manuel do Rego Barreto ataca e desaloja das posições que occupavam, no engenho

Gaipió (Ipojuca), os revoltosos de Pernambuco, commandados por Miguel Affonso Ferreira.

1862.—Nota do ministro britannico no Rio de Janeiro, William Douglas Christie, declarando que ia dar comêço a represalias, até obter a satisfacção que pedira pela prisão de alguns officiaes da fragata *Forte* e pela depredação dos salvados do navio *Prince of Wales*, na costa do Rio Grande do Sul. Cumprindo as instrucções do ministro, o almirante Warren capturou na barra do Rio de Janeiro 5 navios mercantes (veja 5 de Janeiro de 1863.—O Govêrno Imperial pagou, debaixo de protesto, a somma reclamada pelos salvados do *Prince of Wales*, mas recusou dar a satisfacção pedida pelo caso dos officiaes da *Forte*. O ministro brasileiro em Londres pediu os seus passaportes, e ficaram rôtas as relações diplomaticas entre os dous paizes. O laudo do rei dos Belgas, Leopoldo I, árbitro escolhido pelos dous governos, foi favoravel ao Brasil (18 de Junho de 1863). Por mediação do rei de Portugal e a exforços do seu ministro em Londres, conde de Lavradio, foram renovadas as relações diplomaticas entre o Brasil e a Grã-Bretanha, apresentando-se a d. Pedro II, no acampamento de Uruguaiana (23 de Septembro de 1865), o enviado extraordinario, mr. Thornton. «Estou encarregado (disse este) de exprimir a V. M. I. o pesar com que S. M. a Rainha viu as circunstancias que accompanharam a suspensão das relações de amizade entre as côrtes do Brasil e da Inglaterra, e de declarar que o Govêrno de S. M. nega toda a intenção de offender a dignidade do Imperio do Brasil, que S. M. acceita plenamente, sem reserva, a decisão de S. M. o rei dos Belgas, e que será feliz em nomear um ministro para o Brasil, logo que V. M. estiver prompto para renovar as relações diplomaticas...»

1868.—*Rendição dos Paraguaios que occupavam os reductos e baterias de Angostura.*—Eram 1.488 homens sãos (177 officiaes) e 421 feridos (13 officiaes), ao todo 130 officiaes e 1.777 inferiores e soldados (1.904 homens). Ficaram em poder dos alliados 16 canhões (um de 150, chamado *el Crollo*, 13 de 68 e 2 de 32), 3 bandeiras, muitas armas de mão e grande quantidade de munições. Esses trophéos e as 29 boccas de fogo tomadas no dia 27 em Itá-Ibaté foram repartidos egualmente pelas 3 nações alliadas, de accôrdo com o disposto no tractado de 1° de Maio de 1865. O exército brasileiro era commandado pelo marechal Caxias, e as tropas argentinas e orientaes pelos generaes Gelly y Obes e Castro. Os tenentes-coroneis George Thompson e Lucas Carrillo, que commandavam Angostura, tinham dirigido ao dictador López, no dia 28, um officio em que diziam: «Nos podremos mantener

por mucho tiempo aquí». E em *post-scriptum*: «Con la licencia de V. E., queremos defender esta posición hasta el último momento, y haremos todo esfuerzo para hacerlo: se nos ataca el enemigo, será infaliblemente rechazado (assignados: *George Thompson, Lucas Carrillo*)».

1879.—Fallecimento de Manuel de Araujo Porto-alegre, barão de Sancto-Angelo, pintor, architecto, orador academico e poeta. Nasceu em Rio-Pardo (26 de Novembro de 1806) e falleceu em Lisbôa.

1888.—Inauguração do tráfego em toda a extensão do caminho de ferro do Quarahim a Itaquí (180 kilometros).

31 DE DEZEMBRO

1753.—Morre em Lisbôa o illustre estadista Alexandre de Gusmão, doutor em Direito pelas universidades de Pariz e Coimbra, membro da Academia Real de Historia Portugueza, fidalgo da Casa Real, enviado extraordinario juncto á Sancta-Sé, secretario do rei d. João v. Teve grande influencia no reinado dêste principe, e foi verdadeiro inspirador do tractado de limites de 13 de Janeiro de 1750. Nasceu em Sanctos em 1695.

1825.—Os Orientaes, commandados pelo coronel Leonardo Oliveira, surprehendem a guarda brasileira de Sancta-Teresa (alferes Joaquim de Oliveira) e o destacamento de Chuí (major Ignacio José Cabral da Costa). Dos nossos ficaram mortos 1 capitão e 8 soldados de milicias; prisioneiros, o major Cabral da Costa, 2 tenentes, 1 alferes e 64 inferiores e soldados.

1832.—Nascimento de Luiz José Junqueira Freire, na cidade da Bahia.

1836.—Magalhães termina em Bruxellas o seu drama «Antonio José» (veja 13 de Março de 1838).

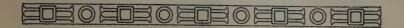
1843.—Combate da picada de S. Xavier, em que o major da Guarda-Nacional Agostinho Gomes Jardim repelle os revolucionarios riograndenses, commandados pelo general João Antonio da Silveira. O major Jardim foi morto no fim da acção, succedendo-lhe no commando o capitão Manuel José Albernaz.

1848.—Os deputados Nunes Machado, Peixoto de Brito, Villela Tavares e Antonio Affonso Ferreira, saïndo do Recife, vão reunir-se ás fôrças da insurreição liberal. Lopes Netto, Rego Monteiro e Faria ficam na capital, e Arruda Camara

(José Francisco) segue para o Norte da provincia. Neste mesmo dia assignam os 8 deputados uma proclamação. O documento não especificava as reformas reclamadas; mas, em uma declaração escripta, dizia o deputado Affonso Ferreira que os revolucionarios queriam: a convocação de uma Constituinte; Senado temporario; nova divisão territorial; presidentes de provincia e prefeitos departamentaes, nomeados pelas assembléas provinciaes em listá triplice e escolhidos pelo imperador; os logares de ministros, de membros do parlamento e dos tribunaes de justiça, occupados unicamente por Brasileiros natos; os empregados em cada departamento, nomeados pelos respectivos prefeitos; um só thesouro nas provincias, concorrendo estas com suas quotas para as despesas geraes. No «Manifesto ao Senado», datado de 1° de Janeiro de 1849 e assignado pelos «chefes das fôrças liberaes», declaravam estes que só deporiam as armas, quando estivesse installada uma Constituinte, que estabelecesse o voto livre e universal, o systema federal, a extincção do poder moderador e do direito de agraciar, inteira e effectiva independencia dos poderes constituidos, reforma do poder judicial e do systema de recrutamento, o commercio a retalho só permittido aos cidadãos brasileiros e a extincção da lei do juro convencional.

1864.—Começa neste dia o ataque de Paisandú pelos generaes João Propicio Menna Barreto (veja 29 de Dezembro) e Venancio Flores, apoiados pelos fogos de alguns navios da esquadra brasileira, sob o commando do almirante Tamandaré. Tomaram parte no ataque 2.200 Brasileiros de infantaria (3°, 4°, 6°, 12° e 13° batalhões, formando as brigadas Antonio de Sampaio e Carlos Resin, 1 ala do 1° de infantaria e contingentes de fuzileiros navaes e imperiaes-marinheiros), 12 peças de campanha do 1° regimento (200 homens), 16 desembarcadas da esquadra, 600 infantes orientaes e 7 peças de campanha do exército do general Flores. Total: 3.100 homens e 35 canhões. A praça era defendida por 1.086 Orientaes, sob o commando do general Leandro Gómez e tinha 15 canhões. O combate durou 52 horas, terminando na manhã de 2 de Janeiro de 1865.

—O coronel Resquín (depois general), á frente de 2.000 Paraguaios, persegue, desde o rio Feio até á ponte do Desbarrancado (Mato-Grosso), o coronel Dias da Silva, que commandava apenas 130 homens de cavallaria. Os nossos cortaram a ponte, e o inimigo, depois de animado tiroteio nesse logar, retirou-se para o rio Feio. Tivemos 8 mortos e 13 prisioneiros.

ACTAS DAS SESSÕES

SESSÃO SOLENNE ESPECIAL COMMEMORATIVA DO CENTENARIO DA REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE 1817, EM 6 DE MARÇO DE 1917

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 20 1|2 horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios:

Srs. conde de Affonso Celso, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, dr. Edgard Roquette Pinto, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, dr. Theodoro Sampaio, dr. Augusto Tavares de Lyra, almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, professor Basilio de Magalhães, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Amaro Cavalcanti, dr. Aurelino Leal, dr. Alexandre José Barbosa Lima, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, dr. Pedro Souto Maior, dr. Miguel Calmon, dr. Alfredo Valladão, Tobias L. Figueira de Mello, major dr. Liberato Bittencourt, marechal José Bernardino Bormann, general dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, dr. José Americo dos Santos, dr. Annibal Velloso Rebello, conde de Leopoldina, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, dr. Homero Baptista, dr. Eduardo Marques Peixoto, dr. João Coelho Gomes Ribeiro, coronel Jesuino da Silva Mello, dr. Nelson de Senna, Antonio de Barros Ramalho Ortigão, dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna e dr. Joaquim Nogueira Paranaguá.

O SR. M. FLEIUSS (*secretario perpetuo*) lê o seguinte expediente:

Carta do sr. barão Homem de Mello, 2º vice-presidente, ao socio sr. professor Basilio de Magalhães, pedindo representa-lo na sessão e remettendo o seguinte telegramma:

«Sr. barão Homem de Mello. O sr. presidente do Estado de S. Paulo pede a v. ex. a bondade de representar este Estado na festa do Centenario da Revolução Pernambucana de 1817. Cordiaes cumprimentos. *Oscar Rodrigues Alves,* secretario do Interior.»

— Telegramma do contra-almirante Henrique Boiteux, director da Eschola Naval, dizendo que por motivo de fôrça maior não póde comparecer.

— Telegramma do dr. Mario de Mello, 1° secretario do Instituto Archeologico Pernambucano, nos seguintes termos:

«Recife. O Instituto Archeologico, certo de que a Revolução de 1817 foi o movimento precursor da Independencia, cujos ideaes dignificam todos os Brasileiros, felicita v. ex. pela data de hoje, quando Pernambuco inteiro glorifica venerandos martyres. Saudações. *Mario Mello, secretario.*

Começaram imponentes festas do centenario, embora a manhã estivesse chuvosa. A assistencia da missa campal foi numerosa. Antes da missa o arcebispo abençoou a bandeira de Pernambuco, no mesmo local em que foi abençoada em 1817 a bandeira dos revolucionarios. Seguiu-se a collocação da pedra do monumento, obedecendo ao ceremonial do protocollo. O governador, o arcebispo, o general commandante da região e o prefeito argamassaram quatro angulos. Estiveram presentes os representantes de todos os Estados e associações civicas. Em seguida foi formado longo prestito iniciado pela bandeira pernambucana, conduzida por senhoritas. O forte de Brum salvou. As forças formaram em parada composta de treze unidades, inclusive, Marinha, Escoteiros, Tiros dos Estados vizinhos que accompanharam o prestito civico. Os soldados do 49° levavam ramilhetes na bocca das carabinas. Foram muito elogiados os Tiros Riograndenses do Norte e da Parahiba, este composto de 160 homens, inclusive 50 musicos. Terminado o prestito, o prefeito do Recife convidou as auctoridades a inaugurar a Eschola Luiz Mendonça, cuja cadeira foi dada á alumna mestra que maior numero de distincções obteve.

O *Diario de Pernambuco* distribuiu uma edição especial commemorativa. A' noitinha será inaugurada a exposição. O inglez Thomas Comber, visitando hontem a exposição de fructas e flores, disse que assistiu ás exposições de Londres, Paris e Lisbôa, e nenhuma era superior á que Pernambuco inaugura hoje. Saudações. *Mario Mello*, secretario.»

— Telegramma do sr. dr. Laudelino Freire, declarando sentir immenso não poder comparecer á sessão.

Logo depois o sr. conde de Affonso Celso (*presidente perpetuo do Instituto*), diz o seguinte:

«A sessão especial de hoje tem por objecto exclusivo a commemoração do movimento revolucionario que, ha exactamente um seculo, depoz o regimen absolutista da metropole e organizou o primeiro govêrno autonomo de nossa patria, o qual exerceu a sua auctoridade em tres dos actuaes Estados da União, revelou altos designios, procedeu com energia, bravura e honestidade, pagando com o holocausto de muitas preciosas vidas a aspiração de ver o Brasil independente e livre.

Antes, porém, de dar a palavra ao eminente orador incumbido da rememoração, proponho, e é tal o fundamento da

proposta que antecipadamente a considero adoptada — que, na acta da sessão, se consigne a intensa magoa do Instituto pela perda do seu eximio bibliothecario, dr. José Vieira Fazenda.

Espirito tão elevado, culto e encantador, quanto original, jamais quiz elle pertencer, como socio, ao nosso gremio.

Ninguem, entretanto, mais do que elle concorreu para a sympathia e prestigio de que, em todo o paiz, gosa o Instituto.

Enquanto viver a nossa corporação, perdurará nella a memoria do dr. Vieira Fazenda aureolada do respeito, reconhecimento e saudade.

Rendido este justo preito, cumpre-me declarar que o Instituto celebra hoje de duas maneiras a revolução de Pernambuco.

A primeira é a sessão solenne; a segunda é a distribuição da parte primeira do tomo septenta e nove de sua *Revista*, com a *Historia da Independencia*, por Varnhagen, cujos originaes, encontrados no archivo do barão do Rio Branco e por este annotados, foram gentilissimamente, em Maio do anno passado, offerecidos ao Instituto pelo prezado consocio, ministro das Relações Exteriores, dr. Lauro Müller.

Em menos de dez mezes examinaram-se, coordenaram-se, completaram-se os autographos, enriquecidos pelos commentarios do nosso glorioso ex-presidente perpetuo, redigiu-se minucioso e erudito relatorio sôbre a obra, compoz-se, imprimiu-se, ultimou-se o volume de 600 paginas.

Dessas 600 paginas, são occupadas 100 por notas originaes da commissão encarregada do serviço, e composta dos drs. Ramiz Galvão, Pedro Lessa, Max Fleiuss, Vieira Fazenda e Basilio de Magalhães, a que auxiliaram os srs. Rodolfo Garcia e Pedro Souto Maior, nosso actual bibliothecario.

O simples enunciado dos factos dispensa qualquer encarecimento da fórma sobremaneira diligente, distincta e escrupulosa como a commissão desempenhou o seu mandato.

Ordenam a verdade e a justiça que se destaquem os nomes do sr. Basilio de Magalhães que elaborou o relatorio e foi o principal auctor do trabalho, bem como o do sr. Max Fleiuss, secretario perpetuo.

A todos, os applausos e agradecimento do Instituto.

Devo tambem agradecer a dous preclaros artistas brasileiros, Rodolfo Amoedo e Antonio Parreiras, o primeiro dos quaes desenhou para a *Revista* bello retrato de Varnhagen e o segundo abrilhantou a nossa sala com o esbôço do inspirado quadro *O padre Miguelinho*, um dos heroes de 1817.

Agradeço, por fim, e mui particularmente, ao exmo. sr. dr. Alexandre José Barbosa Lima a boa vontade e delicadeza, com que annuiu ao convite que, em meu nome e no do Instituto, tive a honra de dirigir-lhe.

Filho de Pernambuco, de que, em epocha agitada, foi insignemente magistrado supremo; alliado por affinidade a um dos proceres de 1817; tribuno consagrado; notavel homem de sciencia e de lettras; imperterrito em suas convicções politicas; merecedor de geral estima, acatamento e admiração, por peregrinos predicados mentaes e moraes, s. ex. estava naturalmente indicado para a nobre missão, e em tudo apparelhado para executa-la de modo digno de s. ex., do Instituto e do acontecimento a commemorar.

O Instituto, ainda uma vez, cumpre hoje o programma civico a que se tem dedicado, nos seus quasi oitenta annos de existencia, mais do que nunca convencido da verdade deste conceito de um pensador: — augmenta-se a energia nacional quando se dá ao povo orgulho de sua historia.

Com satisfacção e desvanecimento, certo de que vai corresponder á nossa espectação, sinão ultrapassa-la, dou a palavra ao sr dr. Barbosa Lima.

Neste momento a banda do Corpo de Bombeiros, postada no saguão do edificio, executa o Hymno da Independencia, que é ouvido de pé por toda a assistencia.

Deixa o sr. dr. Barbosa Lima a sua poltrona de socio do Instituto para assumir a tribuna, sendo saudado pelo auditorio, que enche litteralmente o recincto.

O sr. dr. Barbosa Lima lê o seguinte discurso:

MEUS COMPATRIOTAS !

Malo periculosam libertatem... — TACITO.

Quiz a fatalidade historica que a um rebelde e obscuro inconfidente de 15 de Novembro, — devoto do heroïsmo lendario do incomparavel Pernambuco, houvesse hoje de ser dada a palavra para rememorar os feitos e evocar os martyres, confessores da fé republicana, paladinos da independencia brasileira, por egual inconfidentes e rebeldes, que a Legalidade de ha um seculo declarou infames.

Essa infamia é o que nós glorificamos hoje.

Esse crime é o que lhes dá, aos heroes de 17, a aureola maxima da virtude civica.

O que festejamos, o que aqui solennizamos, identificando-nos com as victimas augustas e condemnando a crueldade do verdugo alienigena, — o que applaudimos e louvamos é o que a magistratura da realeza chamou o attentado infando.

No sentir do piedoso e intrepido Tiradentes, o patibulo, como a cruz do seu Divino Salvador, não infama e não deshonra.

Tambem o cadafalso a que subiu o magnanimo Domingos

Theotonio transfigura-se para o Posteridade redimida num altar excelso.

«*A morte não me aterra,* — exclamava de sôbre o lugubre tablado o dictador generoso — *o que me aterra é a incerteza do juizo da Posteridade!*»

Alma spartana, tiveste a clara visão, que te entristecia, da longa noite em que afundavas.

A incerteza sacrilega ainda ahi está no coração escuro de muitos — quem diria! Brasileiros, alimentada pelos postulados da historiographia sêcca.

Nesta hora turva de inexcedivel desordem mental não somos, ah! não somos ainda aquella longinqua Posteridade, á qual está reservada a apotheose que definitiva canonizará o candido discipulo de Condorcet, — o virtuoso Ribeiro Pessôa —, o energico e abnegado Domingos Martins, o implacavel Rabello e o dictador clemente, o stoico Miguelinho, o intrepido e esclarecido Tenorio, o devotado Padre Roma, o sabio frei Joaquim do Amor Divino Caneca, e tantos, na milicia e no clero, e onde quer que em cada classe lavrou o incendio que o amor da Patria alimentava, e tantos, que, no dizer ingenuo do chronista enthusiasta, *fogosamente se desposaram com a Liberdade*.

Para que unanime se pudesse constituir o excelso Tribunal da Posteridade, ouvindo o supremo appêllo do amargurado martyr, um seculo, um tormentoso seculo de demolição doutrinaria, escasso tempo foi.

O centenario que aqui e alli raros congrega hoje os Brasileiros entre a desorientação mental e o desanimo dos corações sem norte, quasi despercebido perpassa, não sabido das multidões, que ainda são como aquelles — «pardos e caboclos» — das Alagôas inconscientes, combatendo nas hostes do *marinheiro* Cogominho contra os patriotas do Recife.

Encontrando uma geração de scepticos e de pessimistas, litterariamente divididos entre — «germanophilos e alliadophilos» — é o 6 de Março ainda hoje curioso thema de erudição esteril, relembrado e discutido apenas pelos Brasileiros doutores, — um que outro ufano e commovido, mas em maior numero muitos mais, sinão indifferentes, roïdos de restricções elegantes e empastados em psychologias complicadas. Os aulicos menos escrupulosos, certos historiographos que floresceram no Imperio, os reaccionarios que vêem o argueiro nos olhos da Republica e não enxergam a trave massiça nos olhos da Realeza, os utilitarios, que não crêem no ascendente progressivo da virtude, da abnegação e do heroïsmo têm pretendido tendenciosamente reduzir a proporções de um motim vulgar sem ideaes, de uma sedição de quarteis sem importancia, de um episodio mais que secundario na historia local de uma pequena provincia turbulenta, a gloriosa insurreição

que levantou o pavilhão hoje duas vezes victorioso da Independencia e da Republica.

Catando nos archivos os documentos que convêm aos seus fins preconcebidos, á maneira apaixonada do «desapaixonado» Taine, cerzindo, retalho a retalho, um theatral panno de bocca, apparentando uma superior frieza de scientista inaccessivel a emoções, sem veneração e, — ao que dizem, ou ao que em boa fé suppõem —, sem predilecções, sem *parti pris*, sem doutrina no labyrintho dos factos, julgam apprehender a verdade em regra, quando desfiguram, deformam e demittem os heróes e os sanctos.

E' assim a verdade historica, — variando de Taine, com o seu Rivarol, o seu Mallet du Pau e o seu desdem orléanista pelos postulados e resultados da Revolução, amesquinhando Danton, desconhecendo Hoche, diminuindo Carnot, contra a verdade historica segundo Aulard ou segundo Jean Jaurés, passando por Michelet, Mignet, Thiers e Robinet —, para não saïrmos das perspectivas que nos abre cada qual sôbre o formidavel scenario da Grande Crise, que fechou o seculo XVIII e renovou a face do mundo.

E' assim a verdade historica com Guizot apoiado em Clarendon, o historiador classico da Republica dos Puritanos, ou com Macaulay apreciando o 1688 na Inglaterra, nos antipodes doutrinarios do dionysiaco Carlyle, resuscitando o portentoso Cromwell.

Que muito é, pois, que tambem tenhamos de recusar fé aos testimunhos unilateraes que fazem a caricatura em vez de photographar fielmente os nossos Domingos Martins, padre João Ribeiro, frei Caneca?

São taes chronistas os que inspiraram a Carlyle no seu Cromwell o extraordinario capitulo «Anti-Dryasdust».

Essa pagina preciso é que em brasileiro se escreva para vindicar o incomparavel Tiradentes, que os nossos letrados com lamentavel irreverencia se comprazem em descrever, como numa pagina da Devassa régia, *estouvado, indiscreto e jactancioso*.

Como si o impavido heroe se pudesse ajustar ao figurino protocollar do equilibrado e circunspecto burguez «*que não se quer comprometter*», opportunista para quem o mundo como está, está muito bem, prompto sempre para *adherir*.

São esses sublimes imprudentes e temerarios os que na vanguarda tornam possiveis as victorias da civilização — chamem-se Tiradentes, padre Ribeiro, ou Theotonio, Domingos Martins ou, mais proximo, Benjamin e Diodoro.

Hajam, pois, os moços que na historia do nosso Brasil procuram estimulos de patriotas, hajam de precaver-se com Dryasdust — *der Geist der stets verneint*, o mephistophelico

espirito escarninho que tudo e sempre néga. Impassivel, Dryasdust não vibra, não sente, não se commove: compila e classifica. E', no dizer de Anatole France, o *meuble à tablettes*. Não reconstitúe uma epocha, não evoca os homens de carne e osso, na plenitude dos seus gestos e sentimentos. Mutila-os, não lhes ausculta o coração. Crê na omnipotencia do egoïsmo. Seperiormente erudito, sorri quando lê chroniças que fallam nas victorias do altruismo.

Carlyle, tentando reviver a épocha de Cromwell, adverte:

«Poucos heroïsmos mais nobres se viram jamais nesta Terra, e talvez, no fundo, nenhum se viu nunca mais nobre» — e todavia essa heroicidade se acha para nós hoje quasi totalmente perdida, afogada sob uma avalanche de Estupidez humana, como nenhum Heroïsmo jamais assim ficou. Intrinsecamente e extrinsecamente pode-se considera-lo como *inaccessivel ás gerações de* hoje. Intrinsecamente o *seu sentido espiritual tornou-se inconcebivel, incrivel para o espirito moderno,* — como tambem para nós pessimistas, que nos lamentamos sem coragem e sem fé, torna-se difficil comprehender e reviver os grandes dias pernambucanos de 1817...

Só a aguia do genio, pairando rente com o sol, póde devassar a immensa trajectoria da Humanidade para lhe descrever e prever as inflexões e assignalar na geometria da Historia os pontos obrigados da magestosa orbita infinita.

Quando o canhão de Valmy de novo ribomba e cada Patria se ergue gigantesca no coração dos heróes, como o Moisés de Miguel Angelo, pondo-se de pé a entestar com a cupola de S. Pedro, os vultos que emergem no Campo Sancto das glorias de cada nacionalidade invocados como numes tutelares que inspiram a fé e a furia, que decidem das batalhas e do destino de cada povo, chamam-se Cromwell e Danton.

Tenhamos bem abertos os olhos para as licções desse horrendo cataclysmo e voltemo-nos para os heróes que são nossos, nas gloriosas luctas em que houveram de empenhar-se para nos assegurar a liberdade e a independencia.

No sabio e judicioso dizer de Spinosa — «*non flere, non indignari, sed intelligere*» tentemos ver e comprehender a realidade do nosso estado d'alma collectiva. Considerando os ideaes mais complexos dos patriotas de 1817, nós os Brasileiros de hoje somos ainda os seus contemporaneos quasi, — tão pouco andámos, por tal fórma persistem, diluidos em mais vasta esphera, os conflictos latentes de interesses entre indigenas e alienigenas, o tumulto de idéas e sentimentos que se hostilizam, a incerteza na delimitação judiciosa das nossas fronteiras economicas, a debilidade rachitica da nossa defesa militar, as apprehensões, que salteiam o coração dos patriotas de hoje, tão poucos dignos do sancto legado de civismo militante exem-

plificado na vida e no martyrio dos Pernambucanos daquelles grandes dias.

Em 1817 em vão se dirá tivesse sido prematuro e precipitado o movimento, que apenas cinco annos depois triumpharia com a Independencia do Brasil. O que não estava maduro em 17 não estaria de sazão em 22, naquillo em que o tempo, e só o tempo, pudesse influir. Bem mais dilatado é o cyclo dessas mutações quando entregues ao tranquillo crescimento vegetativo, no caso traduzido na conquista de todas as vontades e no accôrdo de todas as consciencias.

Antes, em 1789, como depois, em 1831, e até 1849, com os Praieiros em Pernambuco com a agitação em prol da nacionalização do commercio a retalho, eram visiveis e cada vez mais fundas as linhas de clivagem que levaria á secessão, não sendo facil de procrastinar-se a reacção de brasileiros contra reinóes.

Certo não seria de trazer-se a recitar, desta tribuna augusta, exhaustiva monographia critica, numerando incidentes, esmiuçando documentos e friamente dissecando personalidades subalternas ou analysando como Carlyle, no Dryasdust, a physionomia heroica dos pro-homens da Revolução para apontar secundarios sinões de symmetria nas feições que o final martyrio estereotypou.

Pernambucano, profundamente emocionado, tentarei evocar para commover, rememorar para edificar, redizer, nas suas grandes linhas, o que foi o heroico movimento, digno da glorificação com que a Posteridade o vem sagrando, porque inspirado e realizado na direcção e no sentido do Progresso para preponderancia crescente do altruismo sôbre o egoïsmo ou, no dizer evangelico, da Graça sôbre a Natureza.

Com esse excelso ideal por labaro batalhavam doutrinando e congregando, aprendendo, prégando e semeando as theorias politicas victoriosas com Jefferson e Washington na America do Norte, com Danton e Condorcet na Convenção Franceza, e na America Meridional com Bolivar e Miranda, San Martin e Belgrano, evangelizava em Pernambuco o intemerato republico padre João Ribeiro Pessôa de Mello Montenegro; agremiava e organizava em despendioso proselytismo, viajando e conspirando, o energico e abnegado Domingos José Martins: ensinava e se multiplicava em fecundo apostolado o sabio carmelita frei Joaquim do Amor Divino Caneca, familiarizado com Erasmo e com os postulados audazes da Encyclopedia.

Estes sabiam e sentiam que a civilização triumpharia no Brasil, sómente quando realizados viessem a ser os sublimes *desiderata* de philosophia politica a que se devotavam, — ainda conhecendo que arriscavam a propria vida e não ignorando o horrendo supplicio do stoico proto-martyr da Inconfidencia, o incomparavel Tiradentes, cuja sancta memoria veneravam.

Em tôrno dessa trindade egregia foram se agrupando com ardor civico e não menor devotamento, o spartano padre Miguelinho — Miguel Joaquim de Almeida Castro, o orador cuja eloquencia não encontrava rival; o padre Roma — José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, o typo do convencional imperterrito; o esclarecido vigario de Itamaracá, padre Pedro de Sousa Tenorio; e dentre os militares, com particular destaque o capitão de artilharia Domingos Theotonio Jorge Martins Pessôa, o dictador magnanimo, e o bravo 2º tenente Antonio Henriques Rabello, o Cearense incorruptivel e o implacavel revolucionario, lembrando a figura inconfundivel de Saint-Just, e Barros Lima, o lendario — Leão Coroado — e innumeros adeptos outros do credo democratico, dos quaes succintamente diremos no opportuno passo.

Na propaganda a parte mais activa coube ao clero: — o nosso insigne consocio Oliveira Lima dirá que a revolução de 1817 foi quasi uma «revolução de padres»; « e que pelo menos constituiram o seu melhor elemento, o que mais provas deu de sinceridade, de exempção e de devotamento, e aquelle onde se recrutaram com poucas excepções os seus dirigentes».

Na biographia da frei Caneca, por Antonio Joaquim de Mello, encontra-se extenso rol de sacerdotes que se envolveram na insurreição, no total de 52, dos quaes 10 regulares, a começar nos tres que compunham o govêrno do bispado, *sede vacante*, a saber: o deão dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal, o conego M. Vieira Lemos Sampaio e o conego J. Rodrigues Maris e a terminar no donato Jacintho Luiz de Mello. Os acontecimentos deram maior realce, não falando nas figuras primaciaes que já destacámos, aos vultos que mais se assignalaram, do padre Antonio Pereira de Albuquerque, condiscipulo do padre João Ribeiro Pessôa e membro principal do govêrno provisorio da Parahiba; do padre Antonio de Albuquerque Azevedo, vigario de Goianinha, no Rio Grande do Norte, alma do movimento nessa capitania, bem como o vigario Feliciano Dornellas; de Antonio Jacome Beserra, tio de Domingos Theotonio, vigario collado da matriz de S. Frei Pedro do Recife «preso e brutalizado pelos marujos furiosos na queda da Liberdade» no dizer do padre Dias Martins, conhecido chronista da Revolução; e mais o padre João Barbosa Cordeiro, vigario da Freguezia de Porto Alegre, no Rio Grande do Norte, que tanto se celebrizou mais tarde como jornalista durante a Regencia e fogoso redactor da *Bussola de Liberdade*; e Francisco Muniz Tavares, o abalisado e judicioso auctor da *Historia classica da Revolução,* deputado que veio ser por Pernambuco ás Côrtes Constituintes de Lisbôa; José Martiniano de Alencar, á cuja intrepidez foi devida a proclamação da

ephemera republica no interior do Ceará; Ignacio de Almeida Fortuna, que auxiliou o padre Tenorio na tomada do forte de Itamaracá; o padre Venancio Henrique de Resende, deputado que foi á Constituinte do Imperio, na qual tomou assento como republicano, sem embargo das exigencias do regimento, e frei João Loureiro, guardião do Convento de S. Francisco, commandante de uma guerrilha de patriotas sob o nome de *Cachico*, quando foi preciso defender a Republica pelas armas; Antonio de Souto Maior, heroico chefe de guerrilha no combate da Pindoba; como José do Sacramento Brayner, que ainda mais célebre ficou, batendo-se em 1822 contra as tropas de Madeira, na Bahia, tendo organizado uma guerrilha dicta *Voluntaria do Padrão*, do nome da povoação em que fôra viver ao saïr das prisões depois de quatro annos, e tornando-se conhecido com o nome de o «*padre dos couros*» por envergarem um uniforme de couro os cem valentes mixtiços por elle commandados.

Como na Europa medieval talada e devastada pelos Barbaros após o fragoroso desabar do imperio romano, acolheram-se as letras, as artes e sciencias aos claustros e mosteiros e salvaram as ordens religiosas os thesouros intellectuaes da Humanidade, preservando-os até que surgisse Alcuino e Carlos Magno e por fim os Thomaz de Aquino e Rogerio Bacon, os Alberto Magno e Raimundo Lullio, assim ao clero, aos seminarios e conventos ficou reservado, no Brasil colonial, o perigoso manusear dos livros e o tracto com as sciencias dos raros documentos que lograram transpôr as barreiras do obscurantismo, que a Inquisição e depois a Mesa Censoria mantinham com ferocissima suspicacia.

Aos padres veio a caber assim uma natural preponderancia intellectual accrescida pelo ascendente moral que resultava do seu acatado ministerio, afeiçoando consciencias, sondando os corações e disciplinando vontades, no exercicio de um supremo magisterio espiritual. Essa influencia se mantem nos nossos costumes politicos até a dictadura austera de Diogo Feijó, que succumbe desilludido em 1842, como em 25 pereceu Caneca, guardadas as proporções entre a barbara legalidade do primeiro reinado e os processos, posto que severos e alguma vez crueis, como em 48, — mais humano do segundo imperador.

Nesse periodo os clerigos, abrasados no amor da Patria, não se julgavam incompativeis com a Maçonaria. Mais tarde se estabelecerá, com a supremacia aggressiva do poder civil, a lucta que terminou com a prisão dos bispos Frei Vital e d. Antonio, recolhidos a presidios militares como incursos no Codigo Penal.

E por fim, com a separação entre a Egreja e o Estado, o clero cada vez mais desnacionalizado pela superveniencia

grossense, que apoiasse o govêrno da União e com esta fidiluvial de elementos extrangeiros reaccionarios, vem involuindo e se desinteressando da actividade civica, minado pelas subcorrentes doutrinarias que trabalham na surda demolição da Republica.

Dous sabios brasileiros contemporaneos e collegas exerceram, um, directa e pessoal, outro, indirecta influencia consideravel para o advento da independencia brasileira — José Bonifacio —, o insigne Paulista, e — Arruda Camara —, o egregio naturalista e ardoroso republicano, natural da Parahiba.

José Bonifacio, nascido em 1763, tinha cêrca de 56 annos de edade, a maior parte vividos em Portugal, quando em 1819 regressou ao Brasil.

Protegido do duque de Lafões e secretario perpetuo da Academia Real de Sciencias de Lisbôa, tinha combatido os soldados de Napoleão quando invadiram Portugal, identificando-se com a causa da realeza, ameaçada pelo usurpador corso, a quem abominava.

«Insurgira-se afinal o povo portuguez contra a oppressão do invasor. Ardeu em guerra exterminadora, crudelissima, recorda Latino Coelho, — a Peninsula de aquem dos Pyreneus. Tornara-se Portugal um acampamento. Não podia o brioso professor ficar-se remansado, estudando os seus dilectos mineraes. Apercebem-se para a guerra os escholares. José Bonifacio é major, logo depois tenente-coronel e commandante do animoso e devotado batalhão. São nessa conjuncção os guerreiros das escholas os que na primeira plana se distinguem pelas audazes e bem succedidas entrepresas contra a Nasareth e a Figueira. Anda José Bonifacio briosamente empenhado na resistencia aos invasores. Incende-se no desculpavel e ardente phanatismo contra os inimigos de Portugal.»

Na ode que dedicou ao principe regente, no tempo da invasão dos Francezes, José Bonifacio fulminara a invasão napoleonica, dizendo de Bonaparte:

> **«Infame negro monstro**
> **Que o inferno creou, nutriu, cevou,**
> **A bella Lysia esmaga.**
> **Em gomo mata as debeis esperanças**
> **Gallicano graniso.»**

Identificado com Portugal e com o seu govêrno, não foi puro de cruentas iniquidades, refere Latino Coelho, o alçamento do povo portuguez contra os extranhos dominadores. A nota de — jacobino — apontava os infamados ao summario julgamento «plebe phanatizada». Cumpria quietar os animos re-

voltos a refrear a violencia e o attentado, vestidos na apparencia de sello patriotico. Passa José Bonifacio ao Porto com o officio de *Intendente da policia*.

«Pouco depois despedem-n'o do encargo, achacando-lhe ser fogoso, violento, apaixonado.»

Assim se identificára por muitos annos José Bonifacio com a administração e a politica da Patria portugueza, para com a qual nutriu os mesmos sentimentos de *loyalty*, que o descendente de inglez, nascido na Australia, alimenta para com a metropole longinqua. Para elle, era o Brasil uma provincia portugueza, como o seria o Algarves ou o Minho, nada obstando a interposição vastissima do oceano que separava da remota circumscripção administrativa a séde do govêrno central. Seriam os seus sentimentos como os de um Brasileiro de hoje, para quem o patriotismo não é forçoso que estivesse com os Matogrossenses ou Acreanos, que se quizessem emancipar, separando-se do Brasil. Assim se comprehende que pudesse hoje applaudir a repressão de um movimento de prematura independencia da sua provincia natal o Matogrossense que apoiasse o governo da União e com esta ficasse no exfôrço para impedir a mutilação da Grande Patria.

Acaso seria esta a orientação politica de José Bonifacio até 1821. Certo é que, em 20 de Março de 1817, — no mesmo mez em que se proclamava a Republica Brasileira em Pernambuco, recitava José Bonifacio em sessão solennissima da Academia Real de Lisbôa o panegyrico de d. Maria I, sem embargo da politica despiedosa e retrograda que characterizou o seu reinado, dolorosamente assignalado pela sentença da clementissima senhora, mandando esquartejar o immortal Tiradentes, pregoeiro e martyr do ideal politico cinco annos depois desse elogio levado a effeito com mais feliz inconfidencia, pelo eloquente e fiel subdito de d. João VI.

Respirando em Paris, durante a excursão scientifica que fez nos annos de 1790 e 1791, o ambiente revolucionario em que desabava a sociedade feudal, ruiam os privilegios dynasticos, proclamava-se a egualdade perante a Lei, e por fim abolia-se a realeza, conservou-se José Bonifacio, ao contrario de Arruda Camara, inaccessivel e insensivel, já não diremos ás seductoras declamações de Jean Jacques Rousseau, mas ás proprias doutrinas organicas de Diderot e Condorcet.

Regressou a Lisbôa saturado de sabedoria cosmologica, tendo no seu activo tres ou quatro especies novas mineraes, e recomeçou a saborear as excellencias da realeza absoluta, impassivel e indifferente ao heroïsmo dos Pernambucanos, identificado com a politica do — «inclyto Bragança» — o senhor d. João VI.

Em Agosto de 1820 repercutiu, porém, em Portugal o mo-

vimento em prol da monarchia limitada, characterizado na proclamação de Constituição de Cadix.

Em 26 de Fevereiro de 1821 no Rio de Janeiro jura d. João VI, vencido e coagido, a Constituição que as Côrtes de Lisbôa houvessem de fazer, e por decreto de 7 de Março «confessa que a Divina Providencia se dignara de conceder que se *começassem* a lançar as bases da *felicidade* da monarchia portugueza *mediante o ajunctamento* das *Côrtes geraes* para darem a todo o reino unido de Portugal, Brasil e Algarves uma constituição politica» — *conforme os principios liberaes* que pelo incremento das luzes se acham geralmente recebidas por todas as nações...

E mais que pelo decreto de 24 de Fevereiro de 1821, — notae, 70 annos depois promulgava-se dia por dia a Constituição da Republica Federativa — fôra servido jurar com toda a sua familia «observar, manter e guardar a Constituição *como fosse deliberada, feita e accordada pelas mencionadas Côrtes*...» — Jurava por antecipação o que não sabia que viria a ser.

Em S. Paulo, onde se achava José Bonifacio, alguns patriotas, diz Mello Moraes, aproveitando em 23 de Março a reunião dos corpos milicianos, tocaram a rebate e dando vivas á religião, a el-rei e á Constituição, proclamaram um govêrno provisorio. Reunidos os corpos, uma deputação de tres capitães foi mandada em nome do povo e tropa convidar para presidente da eleição ao conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, ao que este accedendo, proclamou de uma das janellas da Camara os nomes das pessoas que haviam de constituir o Governo Provisorio, sendo escolhido o egregio Paulista para vice-presidente.

Foi esse movimento precedido de um bando em que se dizia, — quatro annos apenas decorridos da sangrenta tragedia em que sossobrara a Revolução Pernambucana — : «*Os sagrados direitos do homem* — altamente proclamados *em Portugal, tendo — electrizado* — os corações paulistas, lhes inspiraram ardentissimo desejo de imitar tão generosos rasgos de patriotismo já dignamente correspondidos em *algumas provincias do Brasil*». E mais — «*Calcados, desde seus principios por um inalteravel* — systema de despotismo —, elles não desconheciam seus direitos; cedendo, porém, ao *duro imperio das circunstancias* (*), soffriam com resignação a seus tyrannos, e esperavam que a Providencia lhes depararia — *em algum tempo* — favoravel occasião de quebrarem os ferros de tão pesada escravidão»; — assim os — *sagrados direitos do homem* —

(*) Muito mais tarde esse «*duro imperio das circunstancias*» se chamará a doutrina dos *factos consummados*.

quando proclamados em Pernambuco, o inalteravel — *systema de despotismo* — e os — ferros da pesada escravidão — quando repellidos pelos patriotas de 17 não conseguiram electrizar os seus ermãos do Sul.

Dos martyres da gloriosa insurreição muitos tiveram ainda a felicidade de assistir a essa victoria dos seus ideaes assim consummada: os algozes de Theotonio e de Domingos Martins, iriam *adherindo* com Caetano Pinto no ministerio. Chegara a vez de José Bonifacio tambem organizar, em communhão com os — *Patriotas* — denominação affrontosa, apenas quatro annos atraz, um *Governo Provisorio*, em virtude de um *levante das tropas* no qual não houve victimas, como em 6 de Março, porque ninguem se oppoz á mão armada ao movimento. E esse Govêrno teve representantes e das várias classes, como a gloriosa Pentarchia Pernambucana.

D. Maria I embarcára precipitadamente em Lisboa nos paroxysmos da loucura, e ensandecida morreu, sem que houvesse recobrado a razão, na mesma cidade em que mandara suppliciar o imperterrito Tiradentes.

D. João VI, — João, o Justo — do hymno «*Valorosos Lusitanos*» cantado em tôrno dos patibulos de 17, jurára num collapso de terror uma Constituição imposta pela tropa amotinada, e regressava a Lisbôa, contra a sua vontade, fazendo um dos mais custosos sacrificios de que era capaz o seu paternal e regio coração.

Disfarçadamente, observa Oliveira Lima no monumental estudo que fez desse monarcha, disfarçadamente era um mandado de despejo, a que os acontecimentos iam fornecer cruel sancção.

Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, ministro de d. João VI, não olhava sinão para o Brasil, e até á ultima extremidade aconselhou a el-rei que o não deixasse. As «circunstancias» determinaram diversamente; el-rei resolveu partir, — *movido mais pelo medo de seu filho* e do *conde dos Arcos*, do que de *sua vontade* (Mello Moraes).

Segundo o testimunho da marqueza de Jacarepaguá, dama do Paço, citado por Mello Moraes, o bondoso algoz dos republicanos de 17 fôra surprehendido a chorar por mais de uma vez por não poder ficar no Brasil e haver de contentar-se com o seu *canapé da Europa*, como chamava a Portugal.

Antes de partir quiz a sua infausta estrella que o sangue dos patriotas mais uma vez assignalasse o seu genio politico: a reunião dos eleitores na Praça do Commercio fôra dissolvida por estupido tiroteio, sendo gravemente feridos o celebre padre Macambôa, José Clemente, e o brilhante Duprat. «Uma companhia de caçadores, postando-se defronte da entrada principal, descarregou no interior do edificio cin-

coenta tiros sem aviso prévio» (Gomes de Carvalho. *Os Deputados brasileiros nas Côrtes de 1821*). Era o anniversario da execução de Tiradentes.

Os commerciantes desertaram para todo sempre o edificio manchado de sangue e o denominaram, num cartaz afixado sôbre a porta, *Açougue dos Braganças*.

A realeza tinha os seus dias contados: nunca mais nenhum dos imperantes concluiu pacificamente o seu reinado...

A essa corrente de idéas, que trouxe a independencia politica congregada com o imperio e da qual é representante maximo José Bonifacio, contrapõe-se na nossa Historia o movimento que se inspirava nos ideaes republicanos, culminando na revolução pernambucana de 1817.

A independencia era a aspiração maxima dos patriotas. Não se havia de pensar que um dia viesse em que um herdeiro da corôa se rebellaria contra o proprio pae, pondo-se á frente das tropas e fazendo a guerra aos leaes vassallos do seu progenitor. A conjunctura temeraria não era de prever. Não se houvesse dado, e a independencia teria de realizar-se como em todas as demais patrias americanas, pela lucta heroica, sujeita a contingencias a que não refugiu Washington.

Com d. João VI no Rio, para que se tivesse a independencia forçoso era proclamar a Republica.

Era, diziam os proprios Paulistas em 1821, inalteravel o systema do despotismo que ainda durou quatro annos e que reverdeceu com Pedro I até o 7 de Abril.

Patriotas como Domingos Martins e doutrinarios como João Ribeiro, não se quedavam no indefinido esperar com resignação, que a Providencia lhes deparasse — occasião favoravel de quebrarem os ferros de pesada escravidão.

Arruda Camara, que se formara em Medicina na Eschola de Montpellier, tinha se familiarizado alli com as theorias politicas que em 1789 começaram de transformar o scenario europeu. Regressando a Pernambuco constituiu na sua residencia um centro de estudos scientificos, que veio a ser com o concurso do seu ermão o dr. Francisco de A. Camara, e dos ermãos Paula Cavalcanti e capitão André Dias de Figueiredo, dos padres Antonio Felix Velho Cardoso, Antonio de Albuquerque Montenegro e João Ribeiro Pessôa, o areopago de Itambé, donde irradiava a propaganda dos principios democraticos, ao impulso dos ensinamentos do sabio naturalista do Norte, que assim se contrapõe na nossa Historia ao sabio naturalista que era no Sul José Bonifacio, adepto da monarchia, ainda mesmo depois do 7 de Abril. Com a denominação de «*academias*» surgiram clubs, assim diriamos hoje, fócos de «*nova electricidade*» no dizer pinturesco do chronista padre Dias Martins. Dahi, na linguagem do decreto

de d. João VI expedido em Fevereiro de 1818, indultando os inconfidentes ainda não summariados, — « dahi teria excorrido o — *veneno* —, trazido de longe, das *opiniões destruidoras*, com o qual alguns *malvados* quizeram *infeccionar* a Nação Portugueza ». El-rei e muitos dos seus conselheiros viviam alarmados com os « *pedreiros livres* ». Não obstante a vigilancia policial, fundaram-se lojas maçonicas, de que frequentemente participavam os padres. Mais tarde por occasião das conspirações pela Independencia com d. Pedro I, não se dedignará José Bonifacio de frequentar as lojas maçonicas, alcançando todos os graus. Da Maçonaria faziam parte no Rio de Janeiro, trabalhando pela Independencia, entre outros, o conego Januario da Cunha Barbosa e frei Francisco de Sampaio.

Em Pernambuco multiplicavam-se na épocha da Revolução as associações secretas, em que a linguagem esoterica e os signaes cabalisticos davam aos iniciados a illusão de impenetraveis arcanos, enquanto amadureciam os projectos filiados á — sublime theoria *da emancipação das colonias*, que Domingos Martins aprendera nos clubs do general Miranda em Londres. Os militares em grande parte estavam filiados como « ermãos » nesses clubs democraticos, onde se conferiam *graus academicos*, melhor diriamos hoje maçonicos, aos iniciados nos « mysterios democraticos ».

Domingos Martins mantinha intelligencias com as *lojas* em Londres, de onde irradiavam as communicações incessantes ás « *officinas* » de Buenos Aires e de outras cidades na America do Sul.

Sabendo o que se havia passado no Rio da Prata e a agitação que alli ia levando de vencida os partidarios da metropole hispanhola, firmando-se a independencia daquella Republica, não julgava impossivel constituir-se tambem no Brasil uma republica, não como a aristocratica de Veneza, proposta um seculo antes, em 1710, pelo Pernambucano Bernardo Vieira de Mello, mas sim uma que tivesse por paradigma a dos Estados Unidos da America.

Nas excellentes annotações que o nosso eminente consocio Oliveira Lima publica, enriquecendo o livro classico do revolucionario que foi em 1817 o mais tarde monsenhor Muniz Tavares, se lê que em carta escripta do Rio de Janeiro para Buenos Aires pelo ex-director supremo don Carlos Alvear a seu amigo don Mathias Irigoyen, o movimento teve de estalar prematuramente e que se extendia ao longo da costa e atravez do interior. E, commentava o consul inglez Henry Chamberlain, que violara esse documento do qual tirou cópia literal « si as ramificações são tão extensas será necessario grande prudencia e habil energia para impedir uma revolução geral no Brasil, pois, conquanto exista um forte laço

de dedicação á pessoa do rei e á familia real, existe com relação aos europeus, particularmente aos fidalgos, um sentimento universal de antipathia, e o descontentamento lavra pela franca corrupção da gente no poder». Essa notavel carta, que tem a data de 25 de Abril de 1817 e que só seria lida pelo destinatario e por Pueyrredon, informa que o movimento se tramava desde muito nas lojas maçonicas de Pernambuco, mas que a explosão se deu mais cedo do que convinha pelo facto da prisão de alguns «ermãos». E mais que, tomados de surpresa e desconcertados com a iniciativa do conde dos Arcos os «ermãos» da Bahia nada puderam fazer.

Domingos Martins fôra pessoalmente acreditar juncto ao Grande Oriente da Bahia Domingos Theotonio, enquanto o coronel Suassuna seguiu para o Norte, Parahiba, Rio Grande e Ceará, por onde as lojas maçonicas se iam alastrando.

«E' muito provavel, diz ainda Oliveira Lima, que a Maçonaria nacional tenha sómente assumido mais definitivamente este character depois da acção internacional de Domingos Martins e de Antonio Gonçalves da Cruz, dicto o Cabugá, que seria mais tarde o embaixador da mallograda Republica juncto ao Governo dos Estados Unidos.»

Em 22 de Fevereiro de 1800 o exclarecido bispo Azeredo Coutinho, brasileiro, nascido em Campos, capitania da Parahiba do Sul, inaugurou o Seminario de Olinda, o qual realmente, opina Oliveira Lima, transformou as condições do ensino e com este as condições intellectuaes da capitania. Admittiam-se nelle estudantes que se não destinavam ás ordens sacras, mas que queriam fazer suas humanidades. Era professor de Desenho o padre João Ribeiro Pessôa, que, no sentir do erudito auctor da *Historia de Pernambuco*, póde ser considerado o protagonista da revolução de 1817.

Com a abertura do Seminario tornou-se mais franca desde 1808 a entrada de livros extrangeiros.

O auctor das *Revoluções em Pernambuco* observa a este respeito que os «Pernambucanos buscavam com ancia os novos catechismos; atiravam-se a elles com fogo, devoravam-nos com soffreguidão!» e conclusão: «Quem não esperaria de tanto enthusiasmo ver progressos espantosos?».

Douto e virtuoso prelado, Brasileiro de nascimento e de coração, de Azeredo Coutinho o sabio economista dirá Muniz Tavares, que os seus pensamentos não se circunscreviam ao estreito circulo das — *idéas rançosas* — ; com penetração havia escolhido professores eximios que consigo trouxe de Portugal, vindo entre estes o célebre padre Laboreiro.

Por iniciativa da «Academia» Suassuna, foi mais tarde a cadeira de Desenho transferida do Seminario de Olinda para o Recife, continuando occupada pelo padre João Ribeiro, a

quem foi confiada a administração do Hospital S. João de Deus annexo á egreja de Nossa Senhora do Paraiso. No salão principal do Hospital transformado em bibliotheca entrou a funccionar outra «Academia» — a Academia do Paraiso, de que fallam Dias Martins e Muniz Tavares, — a qual teve por sustentaculo o célebre morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, posteriormente marquez do Recife e emulo de Paes de Andrade, o presidente da ephemera Confederação do Equador.

A propaganda entrou a generalizar-se, extendendo-se ao Cabo, onde o morgado era capitão-mór, e Domingos Martins adquirira um engenho; a Olinda, onde desde 1815 era ouvidor Antonio Carlos, o qual fundou em sua casa uma «*Universidade democratica*, sendo elle proprio, no dizer de Dias Martins, uma «academia ambulante», alliciando proselytos como o faria José Luiz de Mendonça, que veio a ser membro do Governo Provisorio e o advogado mais conceituado do fôro pernambucano; tambem em Iguarassú, cujo capitão-mór Francisco Xavier Moraes Cavalcanti creou uma «*officina*» filial ás «academias», onde costumava ir perorar o versatil e facundo Antonio Carlos, e onde se proferia sem reservas o grito «*morram os marinheiros*», que na Revolução seria o *pendant* do terrivel «*Ça ira*», cantado nas ruas de Paris. E ainda na mesma villa o cirurgião Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto abriu em sua casa uma «*eschola secreta*» que em 1821 reinstallou como «*loja*» com o nome suggestivo «*Seis de Março*». No Recife mesmo as duas principaes lojas maçonicas que vieram a funccionar em 1814, depois da chegada da Europa dos seus respectivos fundadores, os negociantes A. Gonçalves da Cruz, o Cabugá, e Domingos Martins, foram o *Pernambuco do Oriente* e *Pernambuco do Occidente*, citando-se ainda a *Guatimosim* e a *Restauração e Patriotismo*, sommando ao todo as quatro de que falla Muniz Tavares e a uma das quaes, de natureza republicana, se refere Armitage na sua *Historia do Brasil* (Oliveira Lima — Annotações á Muniz Tavares).

No seu novo posto o padre João Ribeiro, o «homem mais interessante com quem se podia encontrar um viajante desejoso de informações do Brasil — no dizer de Tollenare, o «bondoso amigo dos desvalidos, digno, cortez e de uma extrema delicadeza de sentimentos, segundo as proprias expressões de Henry Koster, dotado de variada instrucção e não cessando de aprender, tanto no dominio das sciencias physicas, como no da Philosophia, — redobrou de exforços no seu apostolado democratico.

Segundo Koster, o povo professava por esse sacerdote uma profunda veneração, adorava-o; o que um mulato assim traduzia em delicioso conceito — «si vir uma criança caïr,

acode-lhe, levanta-a e limpa-lhe o rosto, não para que o vejam proceder deste modo, mas porque *o seu coração assim o manda* » (Koster, *Travels in Brasil*, 2° vol., pag. 14).

Em 24 de Outubro de 1810 Koster, chegando a Goiana, esteve com o dr. Arruda Camara, em quem reconhece o sabio naturalista e o homem exclarecido, que um govêrno previdente e provido deveria ter aproveitado em um paiz por desbravar, novo e inculto como o Brasil. Tendo professado como Carmelita descalço no convento de Goiana, em 23 de Novembro de 1783, com o nome de frei Manuel do Coração de Jesus, seguiu Arruda Camara para Portugal, matriculando-se na Universidade de Coimbra; mas não poude concluir alli os seus estudos em virtude das medidas rigorosas empregadas contra os estudantes, que se mostravam affeiçoados ás doutrinas proclamadas pela Revolução Franceza. Deixou por isso em meio os seus estudos de Philosophia e Medicina, emigrando para França, onde concluiu o curso na eschola de Montpellier, doutorando-se em Medicina. Por esse tempo obtendo da Curia Romana o breve de sua secularização, regressou a Lisbôa, onde foi eleito socio da Academia de Sciencias, sendo designado com José Bonifacio para viajar pela Europa, aperfeiçoando os seus estudos.

Em 1796 já se achava em Pernambuco, onde se entregou a pesquizas scientificas, que o não afastaram, entretanto, das suas nobres preoccupações patrioticas e aspirações politicas.

Escassa teria sido a instrucção do seu discipulo dilecto, o padre João Ribeiro, oriundo de familia pobre residente em Tracunhaem, si não chamasse a si como seu auxiliar o mestre insigne e sabio protector, que lhe foi Arruda Camara. Accompanhando o mestre nas suas excursões scientificas adquiriu João Ribeiro practicamente bastantes conhecimentos, e tornando-se perito no Desenho, grandemente ajudou o naturalista nos seus trabalhos, sobretudo de Botanica. Desejando ordenar-se entrou para o seminario de Olinda, onde leccionou, indo depois a Lisbôa aperfeiçoar os seus estudos no Collegio dos Nobres.

O naturalista e philosopho, que lhe affeiçoara o coração e o orientara no sentido dos ideaes democraticos, não só foi causa de que o seu dilecto confidente viesse a immortalizar-se como patriota incomparavel, sinão que nos dominios da sciencia de Linneu e Jussieu quiz agradecido que o nome do seu intelligente auxiliar ficasse nas paginas da Botanica systematica para quando, menos ingratos, os Brasileiros souberem reivindicar para o seu patrimonio scientifico as descobertas e invenções que o genio, a sagacidade e a pertinacia dos seus patricios houverem realizado.

Na Flora propria aos taboleiros do Nordeste brasileiro tem particular destaque pelas applicações industriaes, a que se presta, um interessante arbusto lactescente, cujas bagas saborosas não invejam os mais exquisitos fructos europeus. E' a *Riberia sorbilis*, como a deveriam conhecer os Brasileiros que estudam a Botanica descriptiva, cabendo-lhes desprezar com justificada ufania a usurpação pedantesca que fez, da mangabeira tão conhecida e estudada pelos nossos naturalistas, a *Hancornia speciosa*. Desmonetiza-se assim o ouro do nosso saber genuino, como si não devessemos afinal ter e defender nenhum dos foros de autonomia proprios ás fortes individualidades, que podem e querem viver por si com inconfundivel physionomia e accentuada personalidade estavel e definitiva.

Que o nome dado em homenagem ao sympathico e desditoso republico, repetido pelas gerações de academicos e industriaes, evocará, dicto e ouvido por Brasileiros, o sentimento de continuidade que vem quasi se apagando em nossa terra, varrida pelas rajadas de insalubre cosmopolitismo, contra o qual ha muito tempo nos deveriamos premunir, todos quantos queremos ter, amar e defender uma Patria grande, forte, eterna. Esse desvelo e carinhoso interesse do sabio pelo seu melhor discipulo manifestou-se ainda no seu leito de morte.

Para intelligencia destes actos, como contingente psychico de rara valia é o testamento politico de Arruda Camara, escripto sob fórma de charta intima de Itamaracá, em 2 de Outubro de 1810, ao padre João Ribeiro, documento que faz honra á mentalidade do mestre e do apostolo, ao seu largo descortino e ao seu exclarecido patriotismo.

Estão nessa charta excepcional os supremos conselhos ao discipulo e confidente, tão digno dessa memoravel expansão: menos de um mez depois de tê-la enviado, o sabio naturalista fallecia.

«João — a morte se me approxima a passos largos. Por temer ahi não chegar vivo, faço-te esta bem atribulado, pois conheço o meu estado.

A minha obra secreta, manda com brevidade para a America Ingleza ao nosso amigo N. por nella conter cousas importantes, que não convem ao feroz despotismo ter dellas o menor conhecimento...

Conduzam com toda a prudencia a mocidade em seus inspiros (*sic*), para que nenhuma provincia a exceda.

Tenham todo cuidado no adeantamento dos rapazes Francisco Muniz Tavares, Manuel Paulino de Gouvêa, José Martiniano de Alencar e Francisco de Brito Guerra, como assim acabem com o atraso da gente de côr; isto deve cessar, para

que logo que seja necessario se chamar aos logares publicos, haver homens para isso; porque, jámais póde progredir o Brasil sem elles intervirem collectivamente em seus negocios; não se importem com essa acanalhada e absurda *aristocracia cabunda*, que ha de sempre apresentar futeis obstaculos.

Com a monarchia ou sem ella deve a gente de côr ter ingresso na prosperidade do Brasil.

As phases por que tem de passar o Brasil mostrarão em que deve ficar o seu govêrno sôbre representantes da nação. Sou dos agricultores que não colheram os fructos do seu trabalho, mas a semente está plantada. Dona Barbara Crato (Barbara de Alencar, Pernambucana, residente no Crato, Ceará, mãe de José Martiniano de Alencar e Tristão Gonçalves de Alencar), devem olha-la como heroïna.

Remetta logo a minha *circular* aos amigos da America ingleza e *hispanhola; sejam unidos com esses nossos ermãos americanos, porque tempo virá de sermos todos um...*» (Pereira da Costa. *Dicc. Biograph. de Pernamb. Celebres*).

Em resumo, — o impulso doutrinario veio da emancipação das colonias tanto na America hispanhola como na ingleza, e da Revolução Franceza atravez de Arruda Camara, e de Miranda, collega este e emulo de Bolivar. Os apostolos e actores, em 17, são: Domingos Martins, que se inspira em Miranda, e padre João Ribeiro Pessoa, discipulo de Arruda Camara.

Sobrevivendo á — carnagem —, acconselhada por Paulo Fernandes Vianna, do Rio de Janeiro, á chacina das Commissões Militares, será Frei Caneca o legatario abnegado desse thesouro de ideaes longinquos.

Elle dirá, experimentado e prophetico, de Pernambuco, duas vezes mutilado, em 17 e 24: « Pernambuco, a cidade do refugio dos homens honrados, o baluarte da liberdade, o viveiro de martyres brasileiros, a bussola das *provincias arcticas*, a muralha impertransivel aos *Tartaros do Sul*, formidavel aos absolutos do Imperio, indomavel ás forças externas, — Pernambuco deve baquear pelo schisma, pela intriga e pela guerra civil» (*Carta* IX de Pithias a Damão). Esses Tartaros do Sul, *Principes da Tijuca*, como dizia alhures, seriam com Pedro I á frente os aulicos e retrogrados do partido portuguez no Rio, os *Villela, José Clemente*, etc.

E, precursor de Feijó, doutrinará:

« O povo se escandaliza de querer a tropa encher-se de um *espirito pretoriano* e levar a dianteira em negocios que são da sua inspecção.

Infeliz a patria onde o soldado é philosopho. As suas virtudes são: a fortaleza no corpo, o valor na alma, a paciencia

nos trabalhos, a vigilancia na campanha, a continencia nos costumes, a fidelidade á patria, subordinação aos chefes.

Quando, passando desta linha de demarcação, pretendem influir nos negocios civis e politicos, são despoticos, obstruem os vasos vitaes da sociedade, empecem o andamento regular das suas molas, são inimigos da patria e temerosos aos seus concidadãos.»

Taes eram os doutrinarios da Revolução Pernambucana. Esses os principios que inspiravam a sua acção social. Descendo agora ao terreno dos interesses, vejamos qual era a physionomia economica de Pernambuco em 17 e os motivos de ordem material ou de grosseiro egoïsmo ganancioso e cupido, que tornaram inevitavel o conflicto.

Dissemos linhas acima: Pernambuco duas vezes mutilado. Com effeito, por occasião da Revolução a capitania de Pernambuco com uma área quasi cinco vezes maior que Portugal, abrangia politicamente a de Itamaracá, e administrativamente a do Rio Grande do Norte, não exquecendo que nesse tempo Alagôas era comarca de Pernambuco, bem como o territorio á margem esquerda do S. Francisco, dependente da comarca de Jacobina, e traspassado á Bahia depois de 1824. Era uma área de cêrca de 435.000 kilometros quadrados, muito maior que o S. Paulo de hoje, e ficou reduzida a 128.000 kilometros quadrados, ou cêrca da terça parte, computando-se em 600.000 habitantes a sua população.

Maller, consul francez no Rio de Janeiro, informava em 25 de Março ao seu govêrno, communicando-lhe a explosão revolucionaria do dia 6:

«Ha mais de um anno que a guarnição de Pernambuco éra mal paga e mal alimentada pelo Govêrno.

Avidos especuladores monopolizavam os carregamentos que chegavam, — de pão e mandioca —, e os revendiam a *retalho* ao público, da maneira mais arbitraria.

Os clamores e as queixas geraes despertaram enfim o indolente Montenegro, que encarregou o brigadeiro Salazar de tomar algumas medidas para *conter* o monopolio e reprimir a desordem.

Este general commetteu o injusto dislate de propor ás tropas dar-lhes as rações de pão em especie, e de lhes abonar *16 soldos por cada sacco de mandioca, cujo preço no mercado era de 50 soldos*» (Oliveira Lima, *D. João VI*).

Depois de esmagada a insurreição, observa o mesmo auctor:

«O elemento portuguez, *novamente* preponderante na orientação politica, reclamava severidade na repressão, consubstanciando suas idéas de govêrno no regime militar arbitrario

applicado ao Brasil, porque inclinado á rebeldia e *muito especialmente* na *restauração do monopolio commercial.*

O corpo de negociantes do Recife expressara o seu júbilo, fazendo um dom de 30 contos de réis ao exercito libertador, e organizando em sua honra uma festa de espavento na matriz do Corpo Sancto, com *tres dias de lausperenne, dous sermões e duas bençãos do Sanctissimo por dia.*»

«A épocha de d. João VI, lê-se na mesma excellente monographia, estava destinada a ser na Historia brasileira, pelo que diz respeito á administração, *uma era de muita corrupção e peculato,* e quanto aos costumes privados uma *era de muita depravação e frouxidão* alimentadas pela escravidão. Seria preciso que soprasse o forte vento da Independencia para se entrever uma nesga do firmamento azul» (Idem, pag. 103).

M. Lopes Machado, escrevendo o prefacio da 2ª edição da *Historia* de Muniz Tavares, recorda que com a vinda de d. João VI em 1808, fugindo aos regimentos de Junot, ou após a hegira de d. João, como lhe chama o padre Dias Martins, — «estabeleceu-se o luto *obrigatorio* pela morte dos membros da Familia real com designação da fazenda, que se deveria usar, e contribuições *forçadas* para a dotação dos principes e princezas».

A emigração dos Portuguezes continuara em larga escala, e longe de mandar o Govêrno distribuir terras entre os que se amontoavam em varios pontos do littoral sem terem o que fazer, — *ordenava que em todas as capitanias onde aportassem ou permanecessem fossem sustentados pelas auctoridades e empregados nos cargos que vagassem.*

Nunes Machado dirá, subscrevendo com os deputados de Pernambuco seus correligionarios a proclamação chamando o povo ás armas e arvorando a bandeira de Revolução em Dezembro de 1848:

«Pernambucanos! chegou o momento de salvar os brios de nossa provincia; corramos, pois, ás armas, e mostremos ao Brasil que ainda somos os mesmos homens de todas as épochas durante tres seculos da nossa existencia.

Salvemos Pernambuco da ignominia de uma conquista, tanto mais ignobil, quanto tem por objecto dar ganho de causa aos Portuguezes — e apostrophava a quadrilha luso-guabirú.»

Armitage, assignalava que: — «de mixtura com essas vantagens (as provenientes de várias medidas administrativas, creação de tribunaes, bibliotheca, etc.), alguns males sobrevieram: um enxame de aventureiros, necessitados e sem principios, accompanhou a Familia real; foi necessario admitti-los nos differentes ramos de administração. A *rivalidade sempre prevaleceu entre os Portuguezes e Brasileiros natos,* e este

procedimento da parte do Governo Portuguez tendia a augmenta-la.

O desembargador João Osorio, escrivão da alçada, dizia em carta para a Côrte que o projecto da revolução era antigo em Pernambuco, mas que a explosão no dia 6 fôra intempestiva, obra do acaso. Refere-se aos manejos revolucionarios de Francisco de Paula Cavalcanti — o Suassuna —, e seu ermão em 1801 e ás idéas — começadas pelos dous Arrudas, medicos em Goiana —, e adverte « *O odio geral antigo e entranhavel dos filhos do Brasil contra os Europeus que chamavam — marinheiros* —, que cuidaram em augmentar invertendo os factos da historia da restauração passada sob os Hollandezes, foram as persuasões que serviram de mola para dar movimento ao detestavel e de que se serviram com especialidade no dia 6: — *idéas de egualdade — embutidas aos pardos e pretos* — lhes afiançaram o bom exito pelo augmento do seu partido, e contavam sem duvida com os mais *mações brasileiros* nas outras capitanias ».

O professor João Ribeiro accentúa: são os militares portuguezes os que mais justificam e inflammam os odios nativistas: grosseiros, soberbos e prepotentes, por toda a parte vão semeando o rancor e a cholera. O estado de penuria, a que chegou Portugal quando se lhe tirou o monopolio da colonia, fez varrer do solo a população semi-letrada, parasitaria ou sem emprêgo, que veio para o Brasil, allegando menos a escassez do que a saudade e fidelidade ao rei.

Alcançaram assim, mais do que no outro tempo, os empregos publicos e os logares do commercio e das industrias nascentes.

Th. Jefferson em Nimes, no Sul da França pouco antes de estalar a conjuração do Tiradentes, teria sido informado por José Joaquim de Maia, já então, que — « havia um odio implacavel entre Brasileiros e Portuguezes. A parte illustrada da nação, dizia, conhece tanto isto que tem por infallivel a separação ».

Não era o odio contra os extrangeiros em geral, mas sómente contra os reinóes, os Portuguezes vindiços que pela sua conducta prepotente alimentavam essa xenophobia crescente, causa de frequentes conflictos entre *pés de chumbo* e *pés de cabra* até por volta de 1850.

Na Bahia, em 8 de Novembro de 1822, Labatut assim se exprimira ainda em proclamação expedida do seu quartel general no Engenho Novo:

« Habitantes da Bahia! Até quando soffrereis os desaforados arrojos e impudencia sem limites de um punhado de *marotos portuguezes* que vos julgam eguaes em valor aos fracos negros do Malabar...

Até quando, Brasileiros em geral, supportareis esta cafila de escravos venaes das Côrtes de Lisbôa, etc...»

No Porto o presidente da Camara em proclamação que mandou publicar ainda em 5 de Julho de 1823 protestando contra os — « facciosos que dilaceraram o valoroso reino e por suas perfidias e machinações fizeram que o Brasil sacudindo o pesado jugo se declarasse independente, exclamava: «*Malvados! e que seria de nós si perdessemos o nosso rico Brasil?*

Com todos os beneficios que allegava ter paternalmente prodigalizado ao Brasil não se descuidou d. João VI de expedir em 14 de Outubro de 1808 ao juiz da alfandega um decreto pondo em inteira observancia a lei de 16 de Dezembro de 1794 e *as mais leis e ordens que esta manda guardar não admittindo a despacho livros nem papeis alguns impressos* sem que se apresente licença da Mesa do Desembargo do Paço do Brasil...

Por via de «*embargos*» graciosamente apresentados pelo — «povo fluminense» — d. João VI em 7 de Março de 1821 para que não embarcasse para Lisbôa, allega-se em um dos «provarás» que as terras do Brasil ficaram desde d. João III abandonadas á Divina Providencia, a metropole procurou abate-lo sempre e anniquila-lo, *prohibindo-lhe todas as fabricas e manufacturas e permittindo-lhe sómente a mineração e os engenhos de assucar pela precisão que tinham delle e do ouro*, — e mais não querendo que negociasse com outra nação; e outrosim, noutro «provará» — «que foi sempre tão conservado *este ciume* de Portugal para com o Brasil que até chegou ao ponto de se mandar *arrancar* as plantações das drogas do Oriente, que para elle tinham passado, e as do algodão, *demolindo-se* todos os *teares...*»

Para que, porém, se faça mais approximada idéa do que era a rivalidade rancorosa, que separava reinóes e pernambucanos, transcreveremos trechos da famosa carta escripta por um — marinheiro do Recife a um seu compadre no Rio de Janeiro, em 15 de Junho de 1817, quando já assassinados os patriotas. E' publicada por Mello Moraes, na sua *Historia das Constituições* e assignada por um certo — Cardoso Machado.

Conta elle «que, victoriosa a sedição, appareceu logo uma — tristeza geral, não se viam sinão casas fechadas, não apparecia *gente branca* pelas ruas; que o detestavel ouvidor Antonio Carlos era o mais atrevido contra Sua Magestade nas proclamações que imprimiu; rasparam as corôas, tiraram os quadros de Suas Magestades e formaram bandeira chamada republicana. Era um quadro dividido ao meio horizontalmente: a parte de cima em campo azul, uma estrella em cima e um arco iris; e por baixo o sol, não sei, diz o missivista, si *pondo-se ou si nascendo*. Na quinta-feira de Endoenças benzeram

as bandeiras, quem fez a práctica e quem n'a benzeu foi o dr. Bernardo (o deão) e que foi quando viu a *grande quantidade de clerigos, frades* e a Camara, etc. — Grandes hereges! exclama, mostraram bem que eram *pedreiros livres* —. O enviado do provisorio foi o « *mulato* Cabugá que levou do Erario ao que se julga para mais de 500.000 cruzados, e *logrou os ladrões*. Vencedores os reinóes voltaram todos á cidade e diz o mesmo compadre: — veio José Roberto (o marechal) entre acclamações para o Collegio; arrombaram a porta, subiram á — mexiqueira — onde se poz um quadro de Sua Magestade: note bem, diz o marinheiro, *que signal de amor e de saudade!* apenas elle (o quadro) apparece, ajoelha todo aquelle povo que era mais de 3.000 pessoas e gritam todos a uma voz — Viva o nosso rei! e atiram os chapeus para o ar! *Fazia chorar de gosto* ver o povo que foi concorrendo ao largo do Palacio ver o seu soberano.

O padre João Ribeiro, no Paulista, enforcou-se; *cortaram-lhe a cabeça, veio para o Recife e lá está no pelourinho*.

« Os *cabras, mulatos e creoulos andavam tão atrevidos* que diziam *eramos todos eguaes*, e não haviam de casar sinão com *brancas das melhores*. Tem-me, porém, *regalado* o chefe do bloqueio Rodrigo José, *porque tem levado na grade da cadeia 300, 400 e 500 açoites, mulatos forros e creoulos, até* aquelles a quem o provisorio *fez officiaes*.

Andam muito murchos agora, já tiram o chapéo aos *brancos*, e nas ruas apertadas passam para o meio para deixar passar os *brancos* ».

Esse missivista era o pae do famoso frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, redactor do *Carapuceiro*.

Basta. Torpeza tanta revolta, a cem annos de distancia. Almas de negreiros, corações escravocratas callejados, — quanto custou ao Brasil depurar-se de tamanha pestilencia...

Com estes antecedentes succintamente compendiados, nesse ambiente de competições e sizania, envenenado cada vez mais pelos resentimentos e injurias nascidos na crescente antipathia que as differenças de raça esporeavam, a inevitavel explosão veio á dar-se em 6 de Março.

Urgido pelas denúncias reiteradas e reclamações impacientes dos reinóes, Caetano Pinto de Miranda Montenegro não póde contemporizar mais, alarmando-se com o que o chronista chama o caso da Estança. Na festa de Nossa Senhora da Estança, que se celebrava todos os annos, commemorando a derrota dos Hollandezes naquelle sitio, viu-se pela primeira vez um *preto* official do regimento dos Henriques bater um Portuguez que ousava soltar palavras injuriosas contra os Brasileiros. Poucos annos depois, em 1823, o caso do *Brasileiro*

resoluto que ousara publicar um artigo violento contra os officiaes portuguezes levaria á dissolução da Assembléa Constituinte por Pedro I, identificado com os patricios, e ao destêrro dos Andradas.

Parecendo-lhe desde então duvidosa a fidelidade dos officiaes brasileiros e temendo que o contagio passasse á tropa, o capitão general para preveni-lo mandou publicar a seguinte ordem do dia:

«O illm. e exm. sr. general constando-lhe no dia 1 do corrente que nesta villa entre os *nascidos em Portugal* e *nascidos no Brasil* ha presentemente alguns partidos fomentados talvez por homens malvados com a louca esperança de tirarem alguma vantagem das desgraças alheias, sem se lembrarem que todos somos Portuguezes, vassallos do mesmo soberano, todos concidadãos do mesmo Reino unido, e que nesta união egualando e ligando com os mesmos laços sociaes os de um e outro continente... manda recommendar aos senhores officiaes e a todos que têm a honra de servir debaixo das bandeiras de sua magestade que vivam entre si na melhor harmonia e amizade, *não tractem nem tenham sociedade com estes — homens empestados* — que pretendem engana-los com falsas suggestões, etc.»

Essa proclamação foi contraproducente: os Portuguezes accusavam-n'o de fraco e indolente, os Brasileiros o consideravam injusto. Um ilhéo Manuel de Carvalho Medeiros procura o ouvidor Cruz Ferreira e afeia-lhe a agitação e as apprehensões, de que estavam possuidos os Portuguezes, alarmados pelos boatos de uma conspiração que os Brasileiros tramavam contra sua magestade.

O ouvidor, receioso naturalmente das responsabilidades em que incorreria, si acaso fosse verdadeira a denúncia, acceitou-a e apresentou-a ao governador. Nesta grave conjunctura entendeu Montenegro convocar a conselho os officiaes generaes portuguezes, que estavam no Recife. O brigadeiro José Peres Campello, homem honrado, e que pelo seu character conciliador, imparcialidade e conhecimento práctico poderia suggerir algum expediente util, *foi excluido,* observa Muniz Tavares, *porque era Brasileiro.*

A denúncia foi considerada veridica por todo o conselho, ordenando-se a prisão de Domingos Martins, padre João Ribeiro, o Cabugá, o cirurgião Guimarães Peixoto, e dos officiaes capitães de artilharia Domingos Theotonio, José de Barros Lima, tenente José Mariano e Manuel de Sousa Teixeira, mais tarde barão de Capiberibe, presidente da provincia e senador do Imperio...

Na carta, de que acima transcrevemos trechos, diz o portuguez que a subscreve ao seu correligionario no Rio, que no

conselho de generaes votaram uns que os conjurados deveriam ser eliminados pelo assassinio, outros pelo veneno, outros que deveriam ser remettidos ao Rio de Janeiro. O tenente-coronel ajudante de ordens Alexandre Thomaz teria votado, segundo essa carta, pelo assassinato...

Era a Inconfidencia que, assim descoberta e denunciada, envolveria os conjurados como réos de lesa-magestade e os levaria ao patibulo de Tiradentes. Deveriam entregar-se? Como se comprehende que historiadores ainda hoje se manifestem horrorizados com as consequencias da resistencia que os conjurados oppuzeram aos executores da ordem de prisão? Como se comprehende tanta benignidade para a legalidade que fusila, enforca, esquarteja, confisca e infama, a pretexto de que essa era a lei penal desses atrozes dias, — e tanta severidade para com o impavido Leão Coroado e o implacavel Rabello?

Mesmo assim não tentaram resistir e foram conduzidos á prisão Domingos Theotonio, padre João Ribeiro e Domingos Martins.

A brutalidade do brigadeiro Manuel Joaquim Barbosa, a filaucia e a insolente arrogancia que o faziam detestado dos seus commandados, levaram-n'o a maltractar com palavras asperas aos officiaes brasileiros, assim não se limitando a intimar a José de Barros Lima, á voz de prisão. A reacção foi immediata e tremenda: o temerario mensageiro da tyrannia foi traspassado pela espada do Leão Coroado.

A revolução recebia o baptismo de sangue; a excitação recresceu em espantoso tumulto; o governador, avisado por um official portuguez, Luiz Deodato, que fugiu deixando espada e barretina, expede o seu ajudante d'ordens tenente-coronel Alexandre Thomaz — um dos Portuguezes mais despreziveis, diz Muniz Tavares, pelo seu character perverso, ordenando-lhe que reunida a tropa se apoderasse dos officiaes revoltados.

O capitão Pedro da Silva Pedroso e o joven 2° tenente Antonio Henriques já haviam distribuido munições ás praças, e ao avistar Pedroso o detestado Alexandre Thomaz exclama: *« Camaradas ! Eis o inimigo de Pernambuco, a causa das nossas desgraças — fogo* ! No instante é obedecido, e o infeliz cae por terra fuzilado.

Continuava o rebate, os sinos accompanhavam o alarma com o seu lugubre badalar, o povo corria espavorido, os Portuguezes amedrontados buscavam refugiar-se nos navios surtos no porto. Em transportes de enthusiasmo bellicoso o joven tenente Antonio Henriques forma a soldadesca, sae á rua, e a metralha esmaga as timidas velleidades de resistencia. Corre a libertar Domingos José Martins, gritando-lhe *« Martins, nosso*

amigo, nosso pae, nosso libertador, desce que estamos todos promptos a derramar o sangue por ti».

Nos papeis da collecção Ourem encontra-se esta informação sôbre o bravissimo sexagenario que foi nessa emergencia o Leão Coroado: elle distribuiu patrulhas «que percorriam a cidade semeando o terror, enquanto no quartel organizava as forças e dava armas *aos conjurados, que á medida que iam chegando beijavam a espada do capitão, ainda humedecida no sangue, como um juramento inviolavel de morrer ou vencer».*

No campo do Erario permanecia o marechal José Roberto á frente dos milicianos. Seguiram a dar-lhe combate fôrças conjugadas, respectivamente commandadas por Domingos Theotonio e Pedroso, indo no meio dellas armado e disposto a participar dos riscos desse emprehendimento, e estimulando a todos com exhortações patrioticas, o insigne Domingos J. Martins.

Os soldados patriotas desejavam bater-se, a victoria lhes seria facil; crítica era a situação dos milicianos. Theotonio por um louvavel espirito de moderação consentiu que o capitão Manuel de Azévedo fosse parlamentar com o marechal, que cortezmente o accolheu e reconhecendo a sua falsa posição, desesperançado de qualquer soccorro, deixou o campo, sendo accompanhado por um official á fortaleza do Brum, para onde se retirara Caetano Pinto Montenegro.

Domingos Theotonio salvara a vida ao marechal José Roberto; quatro mezes depois, em 8 de Julho, o mesmo marechal, como vogal na infame commissão militar, presidida por Luiz do Rego, condemnava á morte o seu magnanimo salvador. E' assim a justiça e assim é a gratidão dos reaccionarios, escravos do absolutismo.

Mas não só: assediada no dia seguinte a fortaleza, á qual fôra ter José Roberto, a quem assim se permittiu concertar com os covardões alli encurralados os meios de reagir, postou Domingos Theotonio a sua fôrça por traz da egreja do Pilar, e antes de atacar consentiu em que se propuzessem condições de capitulação ao governador sitiado com os seus generaes.

Não foi difficil ao notavel e eloquente advogado que era José Luiz de Mendonça persuadir ao futuro marquez da Praia Grande que deveria render-se, assegurando-lhe condições honrosas, com a liberdade de se recolher ao Rio de Janeiro.

Veja-se a linguagem respeitosa do *ultimatum*: «Os Patriotas sabem apreciar as qualidades pacificas de S. Excellencia, que, *movido por maus conselheiros, nos queria submergir em todas as degraças.* Nós pelo mesmo respeito a S. Excellencia daremos segurança a todos os individuos que o accompanharam, e debaixo de nossa palavra promettemos que, tanto a sua

pessoa como essas outras serão salvas de todos os riscos com as condições seguintes:...» Seguem-se as condições para entrega da fortaleza e embarque do governador e sua comitiva para o Rio de Janeiro. E' assignado esse *ultimatum* no Campo do Patriotismo, — em 7 de Março de 1817, por Domingos Theotonio Jorge, padre João Ribeiro Pessôa e Domingos J. Martins.

Caetano Montenegro reune em conselho os generaes, « para, observa Muniz Tavares, mendigar conselho daquelles que o haviam impellido a tão dura condição; esses miseraveis, diz o indignado chronista e actor, tão insolentes na prosperidade, como vis e baixos na adversidade, o acconselhavam a concluir qualquer pacto, contanto que suas pessoas se salvassem ».

E' que se reservavam para juizes, algozes e carrascos quando a revolução viesse a sossobrar, afim de saldar a dívida contrahida para com tão generosos inimigos, pagando-lhes com a moeda azinhavrada do absolutismo rancoroso, perfido e cruel.

Triumphara a revolução. A massa popular commemorou a incruenta victoria cantando a seguinte quadra:

> No Campo da Honra
> Patricios formemos,
> Que o vil despotismo
> *Sem sangue vencemos!*

Os revolucionarios foram de inexcedivel generosidade e doçura, animados de incrivel sentimento de fraternidade real para com os seus odientos inimigos.

O proprio Luiz do Rego o proclama na sua carta de 23 de Abril de 1823, dizendo: « E' alguma cousa não ter sido morto um só homem por ordem do govêrno rebelde ». E accrescenta: « Pela conducta que teve o chamado Govêrno Provisorio, tanto a respeito do povo como a respeito dos cofres, bem se vê que foram mais criminosos do que perversos ». Na bocca ferina de um Luiz do Rego é de pêso o testimunho, que vale como homenagem á honestidade e á cordura dos collegas dos insignes João Ribeiro e Domingos Martins.

Os dous estadistas da Republica, que bem comprehendiam as responsabilidades dos postos que tão valentes conquistaram, começaram a demonstrar a sua incontestavel capacidade organica e elevação moral, jámais excedida por nenhum dos governantes que lhes succederam nestes 100 annos no Brasil.

O Governo que instauraram chamou-se — Provisorio —, na certeza de que se compromettiam a convocar uma Assembléa Constituinte dentro do prazo de um anno, cessando de facto o dicto Governo si essa convocação não se realizasse nesse prazo,

ou não estivesse concluida a Constituição no espaço de tres annos.

Esse Govêrno, porém, não era arbitrario: tinha de subordinar-se ás bases que, sob o nome de Projecto de Lei Organica, foram enviadas ás Camaras para serem por estas approvadas, caso achassem apropositado o dicto Projecto, — o qual teve a approvação do Govêrno e do Conselho, faltando para ser posto em práctica a approvação das municipalidades. A essa se recommendou que convocassem o povo de todas as classes para discutir e votar o mesmo projecto, lavrando-se de tudo o preciso auto com o maior número de pessoas notaveis e convindo que concorresse *«o povo quasi todo, pois lhe interessa conhecer como hão de ser governados»*.

E' o *referendum* popular: mais democratico se não faria em Altorf.

Esse govêrno se constituiu para pôr côbro á confusão, elegendo-se no primeiro dia, como foi possivel, um representante da magistratura, o patriota José Luiz de Medonça; da parte do ecclesiastico o patriota João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro; da parte do commercio o patriota Domingos José Martins; da parte militar o patriota Domingos Theotonio Jorge Martins Pessôa; da parte da agricultura o patriota coronel Manuel Corrêa de Araujo.

Publicou-se em nome do govêrno uma proclamação ou manifesto, como hoje diriamos, para explicar ao povo os motivos da revolução e as vantagens que della viriam.

Redigiu-a o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, nomeado secretario do govêrno. Este primeiro documento, destinado a tranquillizar os timoratos e mitigar as possiveis explosões de inveterada rivalidade, retracta a philantropia sem limites com que o padre Miguelinho imaginou ser possivel abolir resentimentos e harmonizar interesses os mais antagonicos e irreconciliaveis, pondo ovelhas e lobos no mesmo redil, decretando que todos ficariam sendo ermãos.

Por sua vez José Luiz de Mendonça lembrou-se de propôr em conselho que se levantasse de novo a bandeira real e que se remettesse ao rei, por mão de Caetano Pinto Montenegro, um submisso memorial, protestando-se por ora fidelidade ao monarcha.

Nessa conjunctura, mais uma vez accentuou-se a individualidade inconfundivel de Domingos Martins, reagindo com a clarividencia e energia de um Danton contra a perigosa deliquescencia do adhesista tibio, no que ia sendo perigosamente sobreexcedido pelo feroz Pedroso, que pretendeu penetrar na sala do conselho para castigar um desfallecimento, que lhe parecia uma traição.

Dahi resultou que se redigisse um documento destinado a larga vulgarização, formulado pelo proprio José Luiz, sob a denominação de Preciso,—, que seria a synthese das exprobrações que motivaram a insurreição e o programma politico da situação que surgia. Esse Preciso — terminava expressivamente: «Viva a Patria. Vivam os Patriotas e *acabe para sempre a tyrannia real*».

Era a Republica sem equivocos nem composições, com os reaccionarios encapotados.

«Depois de tanto abusar da nossa paciencia por um systema de administração, combinado acinte para sustentar as vaidades de uma Côrte insolente sôbre toda a sorte de oppressão de nossos direitos, — resava essa nova proclamação —, restava calumniar agora a nossa honra com o negro labeu de traidores dos nossos mesmos *amigos, parentes e compatriotas naturaes de Portugal.*»

E passa a contar que o insidioso govêrno extincto tinha preparado uma *lista de proscriptos que tinha de entregar nas mãos do algoz*, e que já havia assignado a atroz condemnação das innocentes victimas; mas que «aqui mostraram os nossos como tinham capacidade para saber conhecer que a desobediencia tem todo o preço do heroïsmo em certos casos, — e é quando ella se salva com a causa da Patria. Que em poucas horas consumma-se a revolução, a *ditosa revolução* — que mais pareceu festejo de paz que tumulto de guerra. E accentuava que a 8 installando-se o Govêrno Provisorio, o seu primeiro cuidado foi desabusar os nossos compatriotas de Portugal dos medos e desconfianças, com que os tinham inquietado os partidistas da tyrannia, não havendo daqui por deante differença entre Brasileiros e Europeus, devendo todos ser tidos em conta de uma só, e a mesma herança, que é a prosperidade geral de toda a provincia.»

A publicação do Preciso deu occasião a installar-se a imprensa em Pernambuco. Redigindo como o fez esse documento, o advogado Mendonça reconquistou as boas graças dos republicanos. Esse incidente foi o primeiro symptoma da perigosa falta de homogeneidade politica do govêrno.

Mais uma vez o preconceito democratico sacrificava as aspirações republicanas. Corrêa de Araujo, cavilloso, contemporizava, enquanto não entrava a conspirar com o dr. Moraes e Silva, a quem a ingenuidade do padre Miguelinho fizera convidar para membro do conselho. Este se constituiu, como annunciava o — Preciso —, com pessoas da maior capacidade, sendo convidados o ouvidor de Olinda, Antonio Carlos, ermão de José Bonifacio, o dr. Pereira Caldas, o negociante Gervasio Pires Ferreira e o deão dr. Bernardo Ferreira Portugal.

Decretou-se no dia 9 que as — civilidades pessoaes — Vossa senhoria — e — Vossa mercê — seriam substituidas pelo tractamento de — Vós. Aboliram-se as condecorações e as insignias reaes, com o que se accentuou a feição republicana do movimento victorioso. Deu-se nova organização ás tropas, cujos quadros foram modificados, e melhorou-se o mesquinho soldo militar. Substituiram-se os coroneis e generaes da monarchia deposta por officiaes republicanos promovidos a esses postos. Fizeram-se as primeiras modificações no confuso e oppressivo systema tributario, abolindo-se o imposto sôbre a carne verde, chamado — subsidio militar —, bem como as taxas de canôas, navios e lojas. Nomearam-se emissarios para as provincias, sendo o padre João Damasceno Ferreira para o Rio Grande, José Martiniano de Alencar, sub-diacono, para o Ceará, padre José Ignacio R. Abreu Lima para a Bahia.

Por todas as villas e povoações circumvizinhas o grito da independencia e da liberdade retumbado; o povo, despertado, saudou-o com transportes de enthusiasmo; de Iguarassú, Pau d'Alho e Limoeiro marchou immediatamente avultado número de ordenanças debaixo do commando dos seus capitães-móres, anciosos de participar da gloria combatendo; — reter, diz muito bem Muniz Tavares, essa gente, e quanto mais possivel, para formar novos batalhões destros e aguerridos, era sem contradicção *o primeiro, o mais importante* dever dos que se achavam á testa do govêrno. A estrella adversa de Pernambuco influiu diversamente, relembra melancholico o patriota que mais tarde escreveu a historia desses tristes dias. O deão de Olinda foi incumbido de lhes agradecer a espontaneidade e a dedicação á causa da independencia demonstrada por essas centenas de patriotas, que para logo foram convidados a se dispersar. A Republica desarmava-se: era pacifista. Confiava na fraternidade latente, na indefectivel gratidão dos povos que vinha libertar. Contava com a pusillanimidade dos prepostos da realeza, que tão promptamente haviam capitulado sem tentar a resistencia. Ao mesmo tempo ia sendo minada pelos seus falsos servidores. Uns entendiam que se não deveria ter ido além da monarchia constitucional, mas isso só externariam muito mais tarde; nem de similhante transacção politica no momento se cogitava, pois só em 1821 se viria á ousadia de limitar a auctoridade do monarcha.

Quando foi preciso angariar munições e armas, não teve o govêrno a energia de tornar effectiva a requisição militar. Pagava a pêso de ouro as poucas armas que lhe traziam os mercadores portuguezes, senhores do commercio, que sonegavam as que possuiam enquanto á socapa preparavam a reacção.

Desde então não era de admirar que a Republica viesse a succumbir mais pela deserção e pela perfidia, do que por falta de bravura e abnegação dos seus defensores incorruptiveis. E' natural que não durasse siquer tres mezes, e perecesse de encontro á colligação dos inimigos internos e externos.

Esse funesto desenlace não n'o previam os governantes que continuavam a desenvolver o programma de medidas administrativas e politicas, com as quaes esperavam desarmar todas as prevenções e resistencias e demonstrar practicamente a superioridade do novo regime.

Commissionam ao dr. Antonio Gonçalves da Cruz, o Cabugá, acreditando-o como embaixador da Republica juncto a sua *ermã* na America do Norte, incumbindo-lhe a acquisição do armamento necessario. Cabugá era um dos adeptos do novo credo, em cuja casa, na rua que tinha esse nome, eram frequentemente obsequiados os adeptos que affluiam aos seus salões e á sua bibliotheca, decorada com os retratos dos vultos principaes da revolução franceza e da independencia americana. O povo dizia que alli era a — capella onde se faziam os baptizados maçonicos —.

Parece que o preconceito da côr ainda não era tão forte nos Estados Unidos como hoje, depois que alli se fez a abolição e se confinaram os negros na extensa região que atravessa varios Estados do Sul com o nome de — Black Belt.

Cabugá, posto que mixtiço foi cordialmente recebido, mas, si bem que auctorizado a acenar aos — nossos ermãos, — com as possiveis vantagens decorrentes de um tractado de commercio com compensações aduaneiras, nada conseguiu nem mesmo os bons officios juncto á Côrte de d. João VI em favor dos seus infelizes compatriotas trucidados pelo truculento Luiz do Rego e o torvo conde dos Arcos. O pan-americanismo viria mais tarde, precedido da doutrina de Monroe, o presidente precisamente de quem nada obteve o diligente e devotado ministro da Republica Pernambucana.

Muniz Tavares commenta esse insuccesso com estas palavras: « Pernambuco illudia-se quando, na combinação de seus planos, contava com o appoio decisivo daquelles govêrnos que professavam maximas liberaes, principalmente o dos Estados Unidos. *O espirito desta nação é mercantil; os mercantes são avaros,* o seu govêrno é tanto livre quanto prudente; cordialmente saudará os opprimidos *que esmagam os oppressores; porque está certo que mais ganhará no commercio.* Porém, durante a lucta, si esta não é disputada com egual valor da parte dos opprimidos, seguirá a trilha das outras nações.

Conhecido o mallôgro do movimento, o plenipotenciario

in partibus dirigiu de Philadelphia ao presidente da União um tocante appêllo, reclamando soccorros que puzessem côbro ás scenas sangrentas de Pernambuco. Cabugá de novo excita os Estados Unidos ao altruismo politico e tece um hymno á liberdade republicana e — ao espirito continental, ao qual só faltava esta designação mais tarde empregada. Póde, pois, dizer-se, conclue Oliveira Lima, que foi a diplomacia pernambucana quem, *seis annos antes de Monroe formular sua doutrina, definiu o pan-americanismo!* ».

—« Ningunos más aptos que los Estados Unidos, — invocava Cabugá nesse appêllo redigido em lingua mais generalizada —, para dar la mano a un millión y cien mil almas que deliberan marchar por la carrera brillante de la libertad republicana que ellos mismos abrieron los primeros en las regiones de este nuevo mundo. No seria digno de las bendiciones de este sistema divino quien, en logar de implorar el auxilio de esta grande y poderosa República, se acogiese a otros gobíernos en constitución — *y no otra es la que debe hacer la felicidad de todo el hemisferio colombiano*: ella es la que ha de enjugar para siempre « las lágrimas que por más de tres siglos ha hecho derramar sobre él, — la insaciable ambición y codicia de ciertos gobiernos europeus ». — Sabe-se como respondeu a esse supremo brado de soccorro a dura democracia *yankee*, surda aos clamores que a credulidade politica já então inspirava, como si estivesse presentindo a poderosa Republica, numa antevisão secular de egoïsmo deshumano, o matadouro horrendo em que teria de succumbir torturada e exangue a heroica Belgica sem que ao capitolio de Washington chegassem os seus gritos de soccorro e os gemidos de agonia indizivel de um inenarravel e immerecido martyrio...

A Republica que se erguia ás margens ridentes do Capiberibe havia já, quando Cabugá partiu para Philadelphia, consagrado em grandiosa solennidade no Campo da Honra a bandeira do arco-iris como um symbolo de concordia e um signo de solidariedade para com as suas ermãs na confederação brasileira. Era azul e branca, como o laço nacional tambem decretado na mesma occasião: dividida horizontalmente em dous rectangulos eguaes pelas côres, desenhando-se na parte branca uma cruz vermelha — « indicando, diz monsenhor Muniz Tavares, ser o Brasil consagrado áquelle precioso stigma da humana redempção », e na outra zona, no azul, surgia o sol recamado, em todo o seu esplendor, como constantemente se mostra na região equatorial, circundado pelo arco-iris sôbre o qual apontavam tres estrellas, representativas das provincias insurgidas.

Apromptadas as bandeiras, relata Muniz Tavares, designou-se o dia 21 de Março para a benção e consignação nos respectivos regimentos.

A's 8 horas da manhã, no Campo da Honra, antigo Campo do Erario, formada toda a tropa com bandas de musica, foram collocadas as bandeiras sôbre um decoroso altar erguido ao centro do campo e voltado para o Oriente: «o sol, reflectindo sôbre elle os seus luminosos raios, diz o chronista que a tudo assistiu, parecia ensinar aos circunstantes a recorrer ao verdadeiro sol da Justiça, donde provém o unico seguro auxilio. O deão da cathedral, revestido dos paramentos sagrados, assistido pelo clero, estando ao lado do Evangelho os membros do Govêrno Provisorio com a Camara Municipal do Recife, alçou uma das bandeiras, depois de recitadas as preces do ritual romano, e assim fallou dirigindo-se aos soldados:

«*In hoc signo vinces*. O nosso Pae, que está nos Ceus, creou livres todos os homens — o espirito das trevas introduziu gaz infernal na alma dos malvados: estes ligaram os braços dos seus ermãos, armaram-se de azorrague e chamaram-se principes absolutos.»

E concluiu, recordando o episodio de Constantino:

«Confio nas vossas mãos este sacrosancto estandarte, segui-o; elle vos conduzirá ao caminho da honra, da independencia e da liberdade.

Duas cousas sómente vos recommendo: *disciplina* e *união*: a disciplina é origem dos grandes feitos; a união é a fonte de todos os bens e vehiculo da fôrça dos Estados.»

Finalizando este discurso entregou as bandeiras ao governador das armas e aos demais membros do govêrno, cada um dos quaes as foi consignar aos commandantes de regimentos, jurando todos não as abandonar jamais.

Esta scena se passava na Quinta-feira sancta, informa o padre Dias Martins, havendo muitos outros discursos «*eloquentissimos*», sobresaindo a todos o do ancião Manuel Caetano de Almeida, pae de Antonio Victorino Borges de Almeida e que aos oitenta annos improvisava como poeta, tocado de ardente enthusiasmo em todas as solennidades e festas da Republica. Estes crimes pagou-os com quatro annos de duro captiveiro nas enxovias da Bahia, donde voltou em 1821 — curvado de annos, virtudes e heroïsmos, abençoando com versos harmonisos a causa do seu martyrio —.

A 4 de Abril, domingo de Paschoa, publica-se a pastoral dos governadores do bispado, o deão Bernardo Portugal, Manuel Vieira Lemos e Francisco Mariz — mostrando-se nella que a — revolução presente não contrariava a doutrina do Evangelho, e que havendo a Casa de Bragança faltado ás

suas obrigações no *contracto bilateral* em que se baseavam os seus direitos, estavam os povos desobrigados da lealdade jurada —. Esse notavel documento foi pelo govêrno enviado a todos parochos para o — lerem á estação e afixa-lo nas portas de suas egrejas —.

Foi provavelmente lembrando-se desta pastoral que Luiz do Rego, logo em 3 de Julho, após o exterminio dos republicanos, expediu ao vigario da freguezia do SS. Sacramento no bairro de Sancto Antonio uma ordem em portaria determinando-lhe que « houvesse de incluir em uma relação, que para o serviço de s. magestade deveria enviar todos os seis mezes, informando da conducta dos seus freguezes, si por desgraça nessa freguezia houvesse *homens tão prevaricados* que fizessem alarde dos seus crimes ou não cumprissem com os preceitos divinos, *até mesmo* entre os seus clerigos, o que sem horror se não póde dizer, mas desgraçadamente se tinha visto nos ultimos tempos ».

Porque, « sem religião não ha costumes, não se é bom cidadão, bom pae, bom filho, bom amigo, nem bom vassallo e que rotos os laços da Moral christã não apparecem sinão torpezas, indignidades e todos os enormes crimes que tornam os homens abominaveis e infames ». E Luiz do Rego pensava nos — enormes crimes — que tornaram abominaveis e infames os padres João Ribeiro, Almeida Castro, Tenorio e os governadores do bispado, que não entendiam a religião como o prepotente capitão-general.

O Governo republicano, que não estava com as idéas que essa portaria tentaria reanimar e perpetuar em vão, — continuava a legislar e administrar de accôrdo com o programma politico superior ao seu tempo e á mentalidade estreita de governantes e governados desses escuros dias. A 13 de Março decretara a liberdade do commercio, ainda mesmo com as nações com que se estivesse em guerra, exemptando de direitos os cereaes, o armamento, munições e objectos scientificos, que as tarifas brasileiras ainda hoje, inclusive aos livros, sobrecarrega de impostos proteccionistas.

As duas grandes medidas que immortalizam os estadistas pernambucanos de 1817 são as que se contém nos decretos de 15 de Março e 7 de Abril, que antecederam de mais de meio seculo as leis de 13 de Maio e 28 de Septembro no Imperio e o decreto de 7 de Janeiro do Govêrno Provisorio da segunda Republica Brasileira.

Transportemo-nos áquelles dias de ferrenho obscurantismo, ao seio de uma sociedade cuja constituição economica tinha as suas raizes no infame tráfico de africanos, com os seus *libambos* e as suas senzalas, os seus feitores truculentos e ferozes, os seus capitães de mato gratificados pela caçada dos

negros *fujões*, que teriam de ser marcados a ferro em braza e na reincidencia com que refugiam ás surras e á gargalheira, mutilados pela ablação exemplar de uma orelha. (Alvará de 13 de Março de 1741.)

Afundemo-nos nessa *bolgia* scelerada, para haver de crer no que nos parece incrivel, e de entender as longinquas manifestações implacaveis dessa infame *siphilis insontium*, que flagella na decima e centesima geração uma raça e uma nacionalidade taradas e deprimidas na sua capacidade para o trabalho, para o amanho dos campos, para a labuta nos trapiches e armazens, para a actividade sadia nas officinas, para o manejar da ferramenta, para o soalheiro das pedreiras, para as canceiras do trafego urbano, para as occupações do balcão, para tudo quanto não seja burocracia hypertrophica, ociosidade elegante, parasitismo invencivel. Tempos do relho no eito, degradando a enxada e o arado; tempos das mucamas e da desenfreiada sexualidade dos serralhos do fazendeiro enriquecido pelas lagrimas do captiveiro, succedaneo maldicto dos *sudores vultus tui* postos na biblia de uma religião não practicada, ultrajada e sophismada. Tempos da rêde e da lombeira, do sinhô-moço e do pagem, da impudicicia congenita que veio cabriolando reinar incoercivel na procissão obscena da terça-feira gorda, a unica festa popular nesta metropole! Dias peccaminosos, noites innominaveis — o amor ao jôgo, o aferro ao vicio, a fé no azar, a angustia loterica, a esperança no acaso, a dicacidade demolidora, a impotencia para construir, e — suprema infamia — a inconfessavel confidencia torpe, ás vezes ciciada e ás vezes em rictus cynico e alvar declamada, — o voto parricida que se faz pelo advento de uma raça forte, que nos venha recolonizar, governar e mandar, — tudo isto engendrastes, horas incestuosas! — E' contra tudo isso que a *élite* veio luctando consciente e corajosa: — os pro-homens superiores, que os seus grosseiros coetaneos desconheceram, os raros que são em todos os povos os alcantilados cabeços illuminados pelo sol da gloria, banhados na luz da immortalidade, os heróes que os tivemos, os heróes que hoje bemdizemos, — batalharam, succumbiram, mas nos seus ideaes venceram. A semente fecunda dessas victorias lá está na nobre tentativa que foram os actos de govêrno inspirados pelo genio vidente do padre João Ribeiro Pessôa, secundado pelo integro e exclarecido Martins.

Tendo os artigos do projecto de lei organica, que marcavam a liberdade dos cultos e a egualdade de direitos, despertado quando discutidos nas Camaras de algumas villas vivissima opposição, o Govêrno julgou do seu dever manifestar com clareza o seu modo de pensar. D'aqui a seguinte proclamação:

«Patriotas Pernambucanos! A suspeita tem-se insinuado nos proprietarios ruraes: elles crêem que a benefica tendencia da presente liberal revolução tem por fim a emancipação indistincta dos homens de côr e escravos.

O Governo lhes perdôa uma suspeita que o honra. *Nutridos em sentimentos generosos* não podem jámais acreditar que os homens — *por mais ou menos tostados* — degenerassem do original typo de egualdade: mas está egualmente convencido que a base de toda a sociedade regular é a *inviolabilidade* de qualquer especie de *propriedade*. Impellido destas *duas forças deseja* uma *emancipação que não permitta mais* lavrar entre elles o *cancro da escravidão*, mas deseja-a *lenta, regular, legal.*

O Governo não engana ninguem; o *coração lhe sangra* ao *ver tão longinqua* uma época tão interessante, mas não a *quer prepostera*. Patriotas, vossas propriedades ainda as mais *oppugnantes* ao *ideal da justiça* serão sagradas: o Governo *porá meios de diminuir o mal*, não o fará cessar *pela força*.»

Assim a Republica condemnou a escravidão, o que o Imperio só ouzou fazer quando agonizava sob a pressão do sentimento popular. A Republica *porá meios de diminuir o mal*, o *cancro da escravidão*.

Entre as *duas forças* — Liberdade e Propriedade — proclama o ascendente, sem abalos, mas sempre o ascendente, da primeira pela emancipação lenta, regular, legal.

Esmagada a Revolução, voltou a supremacia dos escravocratas: o tráfico zombou de Feijó em 31; continuou a zombar da lei, até que o cruzeiro inglez, com a indignação universal que veio a dar no *bill* Aberdeen, levasse Eusebio de Queiroz com o seu partido a capitular com a lei de 1850, o que, no fundo, não era mais do que suggestivamente declarar — continúa em vigor a lei de 7 de Novembro de 1831.

Os poderosos negreiros continuaram ao leme, e só em 1871 depois de lucta titanica consegue o primeiro Rio Branco libertar o ventre da mulher escrava. E por tal forma identificou-se a Realeza com o — *cancro da escravidão* — denunciado corajosamente pelos patriotas de 17, que, extirpado o horrendo epithelioma, succumbiu com elle a monarchia. Tanto no Brasil ficou com a Liberdade identificada a Republica.

Nesses sentimentos commungava o patriota historiador quando sentenciava: — Os paes de familia lancem os olhos sôbre o interior de suas casas, e si ainda conservam os sentimentos de honra baseados na sã moral, de certo não poderão conter as lagrimas vendo a *depravação que alli reina*, o *contagio que se vai inoculando com o leite em seus tenros filhos*, — contagio que *jámais* será *extincto* enquanto *durar a es-*

cravidão dos homens de côr. A escravidão é um mônstro — concluia revoltado ainda em 1840 Muniz Tavares.

O decreto de 7 de Abril de 1817 approvava e mandava que fossem lidas nas Camaras em — adjunto — do povo, e logo registadas as leis organicas que regulavam o culto, admittindo o *livre exercicio de toda sorte de religião*; chega a ser lido em camaras no Recife, Olinda e Iguarassú; mas o descontentamento foi tão geral, que o Govêrno mandou supprimir *interinamente* a sua leitura (Padre Dias Martins, pág. 54). A superstição nos deu recentemente Canudos, o Contestado e o padre Cicero. Que muito é que naquelles dias fosse repellida a tolerancia religiosa, mesmo circunscripta ás confissões christãs, si ainda hoje, aqui na metropole recresce o movimento de opinião retrograda, que pretende a abrogação do decreto de 7 de Janeiro de 1890, em que a segunda Republica declarou a separação dos dous dominios respectivamente proprios á Egreja e ao Estado!

O padre João Ribeiro practicava o *Reddite Cesaris, Cesari; quoc sunt Dei, Deo.* Os matutos e os capitães-móres, porém, assim não entendiam, fervendo-lhes no sangue o odio atavico ao judeu e aos pedreiros livres que as fogueiras da Inquisição accendeu, no mesmo tempo em que os mandingueiros e pagés lhes incutiam no cerebro rudimentar as crendices do feiticismo, inspirando-lhes as prácticas correspondentes na benzedura de bicheira e no temor do que chamavam e ainda chamam *cousa feita.*

«A lei, dizia na sua historia, referindo-se áquelle decreto do Govêrno Provisorio o auctorizado monsenhor Muniz Tavares, a lei não auctorizava a abjuração da fé catholica; prevenia os *horrores do phanatismo* como principio *salutar da tolerancia religiosa.* Valendo-se da *tendencia dos devotos* — clamavam os perversos com estudada hypocrisia que o intento dos patriotas era *destruir a religião.*» Um seculo quasi depois daquelle decreto ainda no Recife queimavam-se Biblias e escurraçavam-se os ministros Baptistas, que ousavam prégar sua fé.

Na cópia authentica do projecto de lei organica, que o nosso erudito consocio Oliveira Lima encontrou entre os papeis da Bibliotheca Nacional e que attribuem uns a frei Caneca, outros a Antonio Carlos, o que parece mais provavel, no sentir do nosso judicioso collega, lê-se nos *itens* 23 e 24:

«23. A religião do Estado é a catholica romana, todas *as mais* seitas christãs de qualquer denominação *são toleradas.* E' *permittido* a cada um dos ministros defender a *verdade da sua* communhão. E-lhe, porém, vedado o *invectivar do pulpito*, e publicamente, *umas contra as outras*, pena de serem

os que o fizerem perseguidos como perturbadores do socêgo público.

E' *prohibido* a todos os patriotas o inquietar a alguem por *motivos de consciencia.*

24. Os ministros da communhão catholica *são assalariados pelo Govêrno*; os das outras communhões, porém, só o podem ser pelos individuos da sua communhão.

E basta que haja de cada communhão vinte familias numa povoação para o Govêrno conceder-lhes «a erecção dos logares de adoração e culto da sua respectiva seita, *nos quaes, porém, não poderão ter sinos.*»

Para o tempo já não era pouco em materia de liberdade espiritual. Conhecida a influencia que tiveram na elaboração do decreto de 7 de Janeiro de 1890 e artigos da Constituição Politica de 1891 na segunda Republica os discipulos de Augusto Comte, se poderá lembrar que naquella épocha, 1817, mal começava o philosopho as suas primeiras meditações systematicas, não se tendo elevado ás conclusões definitivas da Politica Positiva sinão muitos annos depois, em 1854, quando publicou o 4º volume da sua obra genial.

A comparação entre o final do transcripto art. 24 do projecto de lei organica com a constituição imperial de 25 de Março de 1824, inspirada pelos Andradas, dá a crer que realmente fosse de Antonio Carlos a auctoria daquelle projecto, provavelmente em collaboração com o padre João Ribeiro.

«Os poderes e legislaturas estavam concentrados no Govêrno Provisorio, enquanto se não conhecesse a Constituição do Estado. Os membros do Governo Provisorio nenhum vencimento recebiam: serviam gratuitamente. Nenhum exigiu retribuição pecuniaria, mui contente da inapreciavel recompensa, que a estima universal concede aos benemeritos da Patria — observa Muniz Tavares. Nem mesmo lançaram mão da avultada somma que outr'ora *legalmente* recebiam os capitães generaes, a quem haviam succedido: ninguem lhes poderia disputar essa gratificação; mas a delicadeza que accompanha as almas desinteressadas a repudiava. (*Ibidem, página* 102.)»

Todos os bons principios republicanos se compendiavam nesse estatuto provisorio: — responsabilidade immediata dos secretarios ou ministros, responsabilidade dos governadores, *findo o tempo de serviço destes,* e só então; publicidade das contas de receita e despesa; liberdade de imprensa; naturalização de extrangeiros de qualquer paiz, — e da communhão christã; inamovibilidade da magistratura, compondo-se um Collegio Supremo de Justiça constituido por cinco *membros litteratos, de bons costumes, e zelosos do bem publico*; e vedava-se-lhes receber salario algum, *assignaturas ou*

próes das partes que perante elles requeressem, *afim de evitar as concessões;* mandava-se continuar em vigor as leis existentes, enquanto *lhes não fosse subrogado um codigo nacional,* e apropriado ás nossas circunstancias e precisões.

A revolução alastrava-se pelas capitanias vizinhas, ajudada pela acção dos emissarios e pela propaganda anterior.

Na Parahiba, a fugura primacial é o padre Antonio Pereira de Albuquerque que, tendo como membro do Governo, que alli se instituiu, enviado ao seu dilecto amigo, correligionario e condiscipulo em Pernambuco o padre João Ribeiro a cópia de 17 decretos organicos que haviam alli sido promulgados até 30 de Março, recebeu desse egregio membro do Govêrno do Recife notavel carta, muito de ser lida e estudada, publicada pelo padre Dias Martins na sua conhecida *Chronica Biographica,* quando se occupa de João Ribeiro Pessôa.

Na opinião deste — Pernambuco, Parahiba, Rio Grande e Ceará (em Pernambuco continha-se então Alagôas), deveriam formar *uma só* republica, devendo-se edificar uma *cidade central* para *capital.*

Era, pois, pela republica unitaria, enquanto no conselho de que fazia parte não reinava a mesma opinião. Provavelmente seriam pela federação dessas capitanias os demais. João Ribeiro fundamentava a sua opinião escrevendo:

«Ha grande falta de politicos e sabios, — de sorte que para haver alguma cousa é necessario, que se reuna o *bom de todos* enquanto se não *propagam as luzes.* Além disto, estas provincias estão tão compenetradas e ligadas em identidade de interesses e relações, *que não se podem separar*; e para que não penseis que digo isto afim de engrandecer Pernambuco, sujeitando-lhe as outras provincias, — como antigamente, — vêde que proponho, como *condição essencial,* o levantamento de uma *cidade central,* que pelo menos *diste* 30 a 40 *leguas da costa do mar,* para residencia do Congresso e do Govêrno. Tomae isto em séria consideração: um obstaculo acho eu, que é, em similhante distancia, e proporção, — um *local fertil, sadio e abundante de boas aguas* para similhante fundação. O certo é que tenho viajado tão pouco! E cumpria que esta capital fosse na provincia de Parahiba.»

Analysando os varios decretos, censura o *estanco do pau brasil,* opinando que «seria preferivel o que Pernambuco ia adoptar, — restituindo o páu brasil aos donos das terras que os criam, pagando um direito de exportação que o Estado lucra, e lucra o proprietario. Condemna o decreto que aboliu, além das Ouvidorias, — as camaras, o que é, em relação a estas, um absurdo: *Vós,* Govêrno da Parahiba, não podeis *ser govêrno* sem que espontanea e declaradamente *por tal vos reco-*

nheçam, ou a *maioria do povo* por si propria, ou pelo *orgão das Camaras*, que representam o povo nas diversas secções ou municipalidades: — esta lei deve, já e já, derogar-se e reintegrarem-se as camaras».

E adverte: «Si houver de haver mudanças sôbre isto, será quando se convocar o *Congresso Geral* e se *fizer a Constituição*, — em que — ou ficarão as Camaras, *ou cousa identica*, ainda que tenha outro nome».

Era o princípio da autonomia communal, o que o estadista e pensador defendia. Teria prazer em saborear esses conceitos o intransigente liberal e profundo sociologo Alexandre Herculano.

E termina sentenciando — «Si vós não tivesseis feito isto por mera ignorancia, *deverieis ter sido apunhalados pelo povo da Parahiba*, no dia em que promulgastes *tão horrivel lei*, que os *triumviros romanos não se atreveriam* a promulgar.»

Applaude a maior parte das medidas, censura algumas outras, e sobretudo pede que não legislem com tanta precipitação, não havendo vantagem em se desencontrarem as leis da Parahiba das de Pernambuco. «São tão vizinhas, os habitantes e costumes tão similhantes, que as leis que convierem a uma convirão necessariamente á outra».

E noutro ponto, divergindo quanto a direitos da Alfandega, pergunta «com que hão de cuidar da defesa de suas pessoas, não sendo conveniente, por essa fórma convidativa, *attrahir para a cidade* maior população e *augmenta-la*; pois *não nos convém te-las muito grandes á beira-mar*: eu quizera ver estes tres bairros do Recife, distantes uns dos outros 30 leguas, *espalhados pelo interior*».

Ahi, na Parahiba, o movimento iniciou-se em Itabaiana a 14 e na villa do Pilar a 15, havendo naquella villa grande enthusiasmo provocado pelo ardente patriotismo de Manuel Clemente Cavalcanti, que tendo conseguido converter o proprio pae João Baptista Rego, capitão de ordenanças do districto, que Muniz Tavares pinta ignorantissimo e feroz, mas que uma vez convertido foi de uma inabalavel lealdade e dedicação, alcançou inesperada victoria.

A bandeira branca foi içada por entre acclamações da multidão, á qual João Rego distribuiu armamento. Junctou-se ao grupo inicial o capitão André Dias de Figueiredo, e animados pelo padre Antonio Albuquerque e seu ermão Maranhão seguiram para a capital, havendo a villa do Pilar tambem adherido.

Na capital o govêrno interino da capitania dissolveu-se, fugindo o ouvidor, e havendo-se incorporado com enthusiasmo ao movimento outro membro daquella juncta, o coronel Francisco José da Silveira, respeitavel Mineiro, que havia her-

dado dos seus maiores o odio ao despotismo. Tambem o commandante da fôrça de linha coronel Estevão Carneiro da Cunha decidiu-se pela Revolução, sendo a 15 de Março eleito o Govêrno Provisorio, que se compoz do padre Antonio Pereira de Albuquerque, o condiscipulo do padre João Ribeiro Pessôa, de quem acima fallámos, seu ermão Ignacio de Albuquerque Maranhão, o tenente-coronel Francisco José da Silveira, o capitão de milicias Francisco Xavier Monteiro da Franca e o advogado Augusto Xavier de Carvalho, pae do joven José Peregrino, 2º tenente ajudante do batalhão de Estevão C. da Cunha. E' este tenente da Parahiba o *pendant* do bravo Antonio Henriques em Pernambuco, tendo egual fortuna na vida e na morte, sacrificados ambos na flôr da edade pelo carrasco de Luiz do Rego. Augusto Xavier de Cavalho, autodidacta, cuja illustração e saber o chronista Martins enaltece, foi no govêrno o inspirador das medidas legislativas e administrativas, das quaes diz Martins que causaram ciume aos governantes de Pernambuco. Depois de ter soffrido nos carceres da Bahia, foi eleito deputado á Assembdéa Constituinte brasileira, na qual tomou assento em 1823.

Neste grupo a figura heroica é Amaro Coutinho, amigo de Domingos Theotonio, que o paranymphou nas academias do Cabo e do Paraiso, iniciando-o nos mysterios da democracia, da qual se tornou por tal forma phanatico que de volta a Parahiba o desconheciam os seus intimos. O chronista Martins narra com emocionante singeleza as doces exprobrações da virtuosa consorte de Gomes Coutinho, ermã de Estevão Carneiro da Cunha — « Amaro, Amaro, que é feito da tua caridade com os pobres, do teu recolhimento e das tuas orações ! » E' que o opulento proprietario do Zumbi se devotara ardentemente ao seu ideal e a infatigavel proselytismo, convertendo o proprio cunhado Estevão, commandante da tropa. Feito general da Republica, jámais desanimou; quando todos desfalleciam, reuniu forças para dar combate aos realistas no engenho Tibiri, onde foi trahido pelas tropas que se bandearam quasi todas, ficando-lhe fieis com o heroico José Peregrino um pugillo de valentes. Teve de capitular, recolhendo-se á capital; poderia como seu cunhado ter-se evadido, como fez Estevão para os Estados Unidos. Não o tendo feito, ficou prisioneiro do govêrno restaurado, sendo remettido á Commissão Militar em Pernambuco, a qual o condemnou á morte. Não tendo sido a feroz sentença logo executada por haver a sua desolada esposa conseguido com as suas lagrimas alcançar o adiamento do funesto desenlace até fins de Agosto, não mais querendo esperar, mandou Luiz do Rego que fosse enforcado e esquartejado, enviando-se a sua cabeça para ser

exposta em frente á sua casa no Zumbi, donde a retirou no fim de 15 dias o inglez Francisco Stuard.

No Ceará menos feliz foi a Republica, mau grado o heroïsmo de José Martiniano de Alencar, que tendo obtido a adhesão do truculento capitão-mór Filgueiras, viu-a no Crato, victoriosa por dias, sossobrar logo depois pelas mãos reaccionarias do mesmo Filgueiras reconvertido á Realeza.

No Rio Grande do Norte o governador tenente-coronel José Ignacio Borges, com quem suppunham poder contar os patriotas do Recife, resistiu, contemporizando, sendo afinal deposto e preso pelo coronel de milicias André de Albuquerque Maranhão, poderoso pela sua riqueza, amado e respeitado pela sua bôa conducta. Este patriota tinha chegado a ser dissuadido de qualquer idéa de adhesão á Revolução pelo proprio Borges, quando, sabedor dessa conversão, o vigario da Goianinha Antonio de Albuquerque Montenegro, patriota exaltado, por sua vez o convenceu do êrro que havia commettido cedendo ás suggestões do governador, e o induziu a ir no encalço deste e prende-lo ainda em caminho. Assim trabalhado obedeceu André de Albuquerque e alcançando José Ignacio Borges no engenho Belém deu-lhe voz de prisão. Assim se fez a revolução no Rio Grande do Norte. Foi o capitão-mór da cidade de Parahiba João de Albuquerque Maranhão incumbido de conduzir ao Recife o governador deposto. Creou-se uma Juncta Provisoria, decidindo-se que seriam membros desse govêrno o vigario da capital Feliciano José Dornellas, o coronel de milicias J. J. Rego Barros, o capitão Antonio Germano de Albuquerque e o capitão miliciano Antonio da Rocha Bezerra.

André de Albuquerque, nascido no engenho Cunhaú, era da exclarecida familia dos Albuquerques Maranhões, a quem a monarchia portugueza deveu uma grande e rica porção do seu imperio transatlantico, e Pernambuco a mais justa gratidão.

Era o herdeiro opulentissimo do Morgado de Cunhaú, diz o seu biographo padre Dias Martins. Tinha a patente de coronel de milicias quando rompeu a Revolução, e habilmente catechizado pelos emissarios de Pernambuco João Antonio de Albuquerque Maranhão e João Damasceno Xavier, resolveu-se afinal a prender o governador Borges e organizar o Governo Provisorio em Natal em 25 de Março. A' impolitica nomeação de Antonio Ferreira Cavalcanti para inspector geral das milicias do Apodi e commandante para a Serra do Martins attribue o citado biographo o germe da desharmonia, que sacrificou a causa geral.

O que é certo, porém, é que á medida que de Pernambuco chegavam, como do Ceará, noticias de reveses, e uma vez afas-

lada a fôrça do intrepido José Peregrino, da Parahiba, o partido portuguez foi cobrando alento e sob a perfida inspiração de Antonio Germano, que havia seduzido as companhias da tropa de linha, resolveu preparar a reacção.

André de Albuquerque de nada suspeitava, apesar da conspiração ser tramada no seu proprio palacio; é que, diz o padre Martins, era republicano, e *por conseguinte* — simples, confiado e generoso; demais, contava com a gratidão, amizade e parentesco do seu cumplice, collega e primo Antonio Germano. E foi o que o perdeu, porque a 25 de Abril, anniversario da princeza Carlota (a famigerada Carlota Joaquina...), Antonio Germano querendo reconciliar-se com a Realeza e captar as bôas graças do partido portuguez, entra em palacio, pede uma conferencia a André de Albuquerque e perfidamente o assassina com inopinada estocada. Moribundo e palpitante arrojam pela janella á calçada o malferido governador, que é recebido pela multidão de marinheiros amotinados em communhão com a tropa de linha, aos gritos de — *morra o tyranno* —, *morra a Liberdade* — e — *viva o senhor d. João VI* —, *despedace-se o monstro* — etc. Não consummaram a atrocidade, graças á intercessão do venerando vigario Dornellas, que em nome de Jesus Christo pedia lhe deixassem ministrar ao moribundo os ultimos soccorros da Egreja, o que fez, expirando André na calçada, e sendo enterrado com os seus mesmos grilhões. Seguiram-se os horrores de Petitinga, que não descreveremos por não nos alongar demais.

Para a Bahia seguira como missionario da Republica o estoico padre Roma. Alli devia encontrar não poucos correligionarios, iniciados nos projectos que se machinavam nas officinas maçonicas, longamente incubados nas « academias de Pernambuco ». Lá estivera em tempo por mais de uma vez Domingos Martins, cujas extensas relações no commercio lhe facilitavam multiplicadas confabulações com os « ermãos » identificados no mesmo ideal democratico e inclinados á independencia da colonia.

O padre Roma levava volumosa correspondencia e credenciaes para os conjurados principaes: iria concertar os planos e articular os movimentos que deveriam reduzir o conde dos Arcos á situação que forçára a capitulação de Caetano Pinto. Na tropa teria tido intelligencias Domingos Theotonio, capitão de artilharia, que alli estiveram conjunctamente com Martins. Preso na guarnição se achava na Bahia o proprio filho do emissario pernambucano.

Detendo-se em Alagôas, onde alcançou a adhesão de alguns elementos para a Revolução, captando o appoio do commandante do destacamento de linha tenente-coronel Antonio

J. V. Borges da Fonseca e de mais officiaes, tropa e povo, foi essa interrupção que deu causa a que primeiro chegassem á Bahia noticias da explosão revolucionaria do Recife do que alli aportasse o missionario retardado. Prevenido, o conde dos Arcos poude precaver-se, e os conjurados intimidados puderam retrahir-se e até exaggerar o testimunho de lealdade.

Viajando numa jangada por mais veloz, mal poz pé em terra foi Abreu Lima detido pela policia do conde.

Não houve tempo de destruir as credenciaes que levava, circunstancia de que se aproveitou d. Marcos de Noronha, fazendo espalhar que na correspondencia apprehendida, havendo cartas trocadas entre Bahianos e Pernambucanos que muito compromettiam áquelles, ia applicar a todos os cumplices o rigor das leis contra o crime de lesa-magestade.

Esta noticia encheu de terror a todos os iniciados, que se apressaram para destruir suspeitas e aplacar a furia da Corôa em offerecer-lhe sem limitação bens e pessoas para suffocar a rebellião. O padre Roma ficou só; abandonado, a ninguem trahiu nem denunciou. Julgado por uma commissão militar summariamente, em processo verbal, foi condemnado á pena última. Notificado de que esta lhe seria applicada a 29 de Março no sabbado anterior a domingo de Ramos, deu-se por entendido, não se desdisse nem se lamentou. Conduzido com funebre accompanhamento redobrado no seu apparato segundo o proposito que tinha o conde de aterrar, chegou ao Campo da Polvora sem dar signal de abatimento, nada mais fazendo que não fosse recitar os psalmos penitenciaes em voz forte, clara e intelligivel. De pé, voltado para os granadeiros que o iam arcabuzar, commandou: *Camaradas! eu vos perdôo a minha morte; lembrae-vos na pontaria que aqui* (pondo a mão no coração) *é a fonte da vida — atirae*. E tombou na Eternidade, banhando com o seu sangue generoso o solo da grande patria, enfileirando-se inconfundivel na legião dos redivivos.

A lugubre noticia divulga-se a 9 de Abril no Recife; com ella chegam proclamações do conde de Arcos, certificando aos Pernambucanos da marcha de fôrças de mar e terra, ameaçando que não se dará quartel á cidade, villa ou povo que não se submettesse á bandeira real, e exhortando a todos para que *atirassem sôbre os Governadores como a lobos*. Quatro annos depois João Souto Maior, lembrando-se dessa exhortação, atirava — como a um lobo cerval — sôbre o capitão-general Luiz do Rego.

O Governo Provisorio comprehendeu então as tristes condições, a que o reduzira a sua imprevidente e generosissima credulidade, não se tendo energicamente apparelhado para a lucta que viria inevitavel.

Não ha composições que valham com o despotismo: vencidos os seus apaniguados, êrro funesto é considera-los amigos e ermãos, como o fizeram, entregando-se a indiscretas e prematuras expansões de regozijo infantil os revolucionarios de 6 de Março.

Com as primeiras noticias do supplicio de Abreu Lima, diz o chronista, começou o desalento; em 11 iniciaram-se preparativos atropelados e evoluções convulsivas de defesa: começam a sentir-se suspeitas e desconfianças.

Proclama-se a patria em perigo; organizam-se batalhões; chega o almirante Rodrigo Lobo com varios navios de guerra; cresce a insolencia dos realistas; multiplicam-se as defecções; estremece a Liberdade, no expressivo dizer do padre Martins. Muda-se a séde do Governo para a Soledade; dá-se a apostasia de Sancto Antão preparada pelo membro do Governo Corrêa de Araujo, de accôrdo com o conselheiro Moraes e Silva; rebella-se Pau d'Alho pela audacia do perfido padre Paschoal Pires. Começam a ver-se as consequencias da temeraria confiança dos republicanos nos adhesistas, que a pusillanimidade multiplicara e que se faziam amigos e collaboradores, enquanto conspiravam ou esperavam feliz occasião de reconquistar as boas graças da Realeza, si esta tivesse fôrças para vencer; sinão, redobrariam de subserviencia, ostentanto um zêlo de christãos novos sempre suspeito. Não seguiremos *pari passu* as guerrilhas e os combates, em que a traição fez muito mais do que a valentia problematica das fôrças do marechal Cogominho. Domingos Martins deixa o Govêrno e põe-se pessoalmente á frente das tropas. A tibieza do coronel Suassuna, os seus gestos de uma obliquidade indefensavel deixam ver que os republicanos teriam de ser esmagados. Em vão redobram de heroïsmo o padre Antonio Souto Maior, frei Caneca, Antonio Henriques e frei João Loureiro. O combate de Utinga, a escaramuça de Candeias e por fim a mysteriosa retirada do general Francisco de Paula Cavalcante, depois de um primeiro choque com a vanguarda do exercito realista no engenho Guerra, consumma a ruina da ephemera Republica. Propõe-se o «Terror»; o conselheiro Pereira Caldas chega a ser cognominado de Robespierre; Rabello requer que os Europeus sejam immolados no altar da patria; o deão Portugal pede que lhe tragam vivo ou morto o infame padre Paschoal... Mas essa apparatosa crueldade de proclamações não estava no coração dos patriotas. Só sabiam governar com a misericordia; doía-lhes manejar o gladio afiado da Justiça .

O proprio dictador que ficou sendo Domingos Theotonio, dissolvido o Govêrno em 18 de Maio com a prisão de Martins, trahido e entregue aos realistas, — o proprio dictador manda

escrever nas propostas de capitulação levadas pelo ouvidor Cruz Ferreira e pelo negociante Koster a Rodrigo Lobo ameaças de apavorar. Não mandou fusilar um só realista, não reteve em refem um dentre os officiaes generaes, que tinha presos nas fortalezas. Quando se requeria a audacia de Danton e o genio organizador de Carnot, para salvar a patria assediada pela reacção sanguinaria, o que se encontrou foi a doçura de Condorcet encarnada em João Ribeiro, e os sentimentos de humanidade de Domingos Martins, contendo o sanguinario Pedroso.

Os governantes da Republica moribunda resolvem a retirada para o interior; não fossem as traições, e no sertão a lucta se poderia prolongar. João Ribeiro Pessôa tinha razão em não confiar nas condições proprias das cidades á beira-mar. O angelico philosopho accompanhava com resignação estoica as vicissitudes da agonia em que se debatia a Republica. Legislador, apostolo, homem de sciencia, esperava que homens de acção organizassem a defesa militar e dirigissem as batalhas.

Os lobos tinham dispersado o rebanho; fôra preciso dispôr de instinctos carniceiros e de armas apropriadas para defronta-los com os unicos processos capazes de os intimidar e vencer. O receio de que o govêrno degenerasse numa dictadura desarmou os patriotas, quando foi preciso repellir a aggressão. «Acabava-se a liberdade...»

A reacção tripudiava sôbre os vencidos.

No espirito clarividente do padre João Ribeiro surgia a alternativa implacavel que defrontára o insigne Condorcet: morrer ignominiosamente apupado, escarnecido, exauctorado e estrangulado na forca ou libertar-se pelas suas proprias mãos, despedindo-se serenamente da vida com o calmo stoicismo socratico e a energica decisão de Catão. Optou pelo suicidio: a morte não o encontraria descomposto e aviltado pela gentalha.

A vida era certissimo que lhe não deixariam os vencedores sanguisedentos. Como Claudio Manoel da Costa, o poeta inspirado da Inconfidencia Mineira, pôz-lhe corajoso fim, poucos dias antes que lh'a roubassem os detestados inimigos da Republica.

Antonio Carlos, que accompanhára o exercito republicano em retirada, apresentou-se á prisão. Atravessando as ruas do Recife preso e algemado, em mangas de camisa e quasi descalço, foi victima, diz Mello Moraes, dos mais grosseiros e inqualificaveis insultos da canalha portugueza.

De uma loja saïu um caixeiro com um gato morto já em putrefacção e deu com elle no rosto do illustre prisioneiro. *Carrasco* chama-se o navio, que conduzia dezenas de patriotas consignados ao conde dos Arcos na Bahia. Recolhidos

ao porão levavam gargalheiras com alças, que os fixavam ao taboado, e assim torturados viajaram os homens mais illustres da sociedade pernambucana. Ao desembarcarem na Bahia, subiam-lhe as ladeiras vilipendiados pela população, presos em grupos pelos ferros do libambo com engates, que prendendo nas colleiras de ferro ligava cada um ao immediato por barra rigida que augmentava os soffrimentos á medida que caminhavam aos repellões e trancos da maruja.

Em infectos carceres, alguns em solitaria, soffreram as maiores privações e injurias durante quatro annos, tendo de vez em quando noticia do fusilamento de algum dos correligionarios já sentenciados pela feroz commissão militar presidida pelo proprio conde dos Arcos. Revendo na sua potente imaginação o quadro horrendo do supplicio, que lhe estaria tambem reservado, Antonio Carlos, altivo e indomavel, escreveu, pensando no que seria a hora suprema que se approximava, o célebre terceto — *A' Liberdade*:

Sagrada emanação da divindade
Aqui do cadafalso eu te saúdo
....

....

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura
Onde imperio não tem mando severo,

Nem da morte a medonha catadura
Incutir pode horror n'um peito féro
Que aos fracos tão sómente a morte é dura!

O eloquente tribuno paulista foi, porém, salvo pela superveniencia, a tempo, da alçada nomeada para proceder á devassa, descoberta e castigo de todos os inconfidentes envolvidos na rebellião pernambucana. Dos seus companheiros de infortunio foram submettidos a julgamento immediato da Commissão Militar que sentenciára á morte do padre Roma, sómente Domingos José Martins, José Luiz de Mendonça, padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, o deão Bernardo Portugual e o dr. Sousa Caldas.

No processo a que responderam desde logo manifestou o conde, que presidia a Commissão, propositos de attenuar o crime dos sacerdotes, o deão Portugal e padre Miguelinho. Voltando-se para este, admirado do seu obstinado silencio, disse-lhe:

— « Padre, não cuide que somos alguns barbaros e selvagens, que sómente respiram sangue e vingança; falle, diga alguma cousa em sua defesa ». E porque o silencio continuasse ainda mais profundo, pergunta-lhe, como querendo insinuar-

lhe uma evasiva: — O padre não tem inimigos não será possivel que elles lhe falsificassem a firma e com ella subscrevessem todos ou parte dos papeis que estão presentes?

— «Não senhor, fallou então pela primeira vez o padre Miguelinho; não senhor, não são contrafeitas; as minhas firmas nesses papeis são todas authenticas; e por signal que num delles o — «*o*» — do meu sobrenome *Castro* ficou metade por acabar, porque faltou o papel.» E calou-se, recusando outra qualquer resposta.

Foram todos cinco condemnados á morte, sendo que ao deão e ao dr. Caldas foi sustada a execução da sentença por te-los a Commissão recommendado á clemencia de el-rei pela avançada edade de Pereira Caldas e á *circunstancia de ser elle natural da Provincia do Minho*.

No dia 12 de Junho realizou-se o supplicio dos tres não agraciados. Antes, o padre Miguelinho na noite que precedeu em Pernambuco a sua prisão, occupou-se com sua ermã d. Clara na escolha e destruição de papeis que podiam comprometter a terceiros, como fizera o padre Roma.

Seguindo naquelle dia para o local do supplicio, que havia de ser no Campo da Polvora, ondé foi arcabusado com Martins e o dr. José Luiz de Mendonça, começou este a declamar contra a iniqua sentença, ao que, pondo-lhe os olhos enternecidos, lhe falou o padre Miguelinho, generoso e intrepido:

«*Querido amigo, façamos e digamos unicamente aquillo para que temos tempo*», e dizendo, ajoelhou deante do crucifixo, repetindo, debulhado em lagrimas e alternando com Mendonça, até serem fusilados, o psalmo «*Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam...*»

Em 29 de Junho desembarcou Luiz do Rego Barreto no Recife. Por sua ordem foram sequestrados logo todos os bens dos presos, dos quaes as innocentes esposas e filhos ficaram expostos aos horrores da mendicidade. A commissão militar poz-se logo em permanencia. Descobriu-se o asylo do 2° tenente Antonio Henriques Rabello, ardoroso e valente republicano. Na presença daquelle tribunal não mudou de côr; gloriou-se dos seus feitos e desafiou a morte. A sua intrepidez causou espanto aos juizes; a sua constancia, a serenidade no cadafalso, enterneceu o mesmo algoz, preto encanecido no horrendo officio; antes de apertar-lhe a corda no pescoço pediu-lhe perdão. Rogando-lhe o sacerdote que fitasse o crucifixo, ao chegar ao patibulo, respondeu-lhe que o deixasse ver a tropa, pois que era a ultima vez que a via, pensando que, *si tivesse á sua disposição uma divisão similhante, não estaria alli*. Repetindo o credo, quando disse na — vida

eterna —, accrescentou «*ho ! si fôr eterna !*» Tinha cêrca de 22 annos. E vive, sim, eterno nesta perenne adolescencia heroica, immortalizado no coração da Posteridade e na justiça da Historia.

Na semana immediata a commissão mandou ao patibulo o heróe Domingos Theotonio, José de Barros Lima e o padre Pedro Tenorio. A' execução do padre Tenorio assitiu Tollenare, o qual diz que os dous carrascos estavam tão commovidos que derramaram lagrimas e que as viu brilhar nos olhos dos espectadores silenciosos.

O chronista brasileiro, porém, narra que, quando se consummou o supplicio, a tropa portugueza accompanhada por grande parte dos espectadores entoou o hymno:

Valorosos lusitanos
A victoria por vós chama
A trombeta já da fama
Vosso nome vae cantar.

Vamos todos inspirados
Pelo Marte tutelar
Resgatar um povo afflicto
O melhor dos Reis vingar.
Etc., etc.

Era a *Carmagnole de desforra.* Presidia aos esquartejamentos, que forneciam ao que em 1821 no Rio de Janeiro se chamaria o «*Açougue dos Braganças*».

O marechal José Roberto, a quem Theotonio poupou a vida, era um dos juizes nessa commissão.

A cabeça de cada uma das victimas foi mandada expor, espetada em alto poste, cada uma em um sitio.

As mãos foram penduradas em outros logares, e o tronco mutilado foi arrastado á cauda de cavallos, gottejando o sangue pelas ruas e salpicando as calçadas até o cemeterio. Os fusilamentos cobriam a cidade de lucto; a consternação era geral. Nacionaes e extrangeiros voltavam o rosto de pesar e de vergonha para não verem os cães lamber nas pedras das ruas o sangue dos cadaveres mutilados e arrastados por cavallos aos cemeterios das egrejas. (Muniz Tavares, 2ª edição,
Era a «*Carmagnole*» *de desforra.* Presidia aos esquar-
Introd. do vol. 2º «Machado», pág. LXXI.

Os cannibaes saboreavam a licção que o despotismo mais uma vez infligia a quantos homens de côr tinham tido a audacia de servir á Republica e sonhar com a liberdade. Os negros alforriados, narra Tollenare, antes de entregues aos «senhores» (e ainda hoje *cidadão* e *patriota* não sôam tão bem quanto *senhores*) eram açoitados por grilhetas, e algum culpado de violencia practicada levava açoites em numero tal

que difficilmente resistia. A pena chegava até 300, applicados sôbre as nadegas, que já com 12 ficavam com a carne a descoberto, e os *espectadores atiravam dinheiro* (brava gente...) aos algozes — *para os excitar* a vibrarem o relho com mais fôrça sobre os pacientes amarrados a uma grade de ferro. Entre os flagellados foi tambem victima o alferes crioulo do batalhão dos Henriques, Francisco José de Mello. Prelibavam, porém, com mais satanica concupiscencia ataviça as «delicias» da fôrca, o patibulo com o seu apparato sinistro, nestas occasiões ainda mais realçado com a ornamentação espectaculosa das ruas, as colchas de demasco ás janellas e grande concurrencia do gentio attrahido por dobrar de sinos accompanhado de marchas funebres tocadas pelas bandas dos regimentos e pela parada de tropas mais numerosas.

Chegára a vez aos inconfidentes da Parahiba; foram successivamente enforcados, sendo-lhes decepadas as mãos, e as cabeças cortadas para serem expostas, Amaro Coutinho, Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, o padre Antonio Pereira, o tenente-coronel Silveira e por ultimo o tenente José Peregrino de Carvalho, que mal contava 20 annos. Reincidia o despotismo na crueldade com que iniciára a chacina pelo joven e valentissimo Rabello, cuja cabeça foi exposta na ponte do Recife, e ahi consumida pelo tempo.

Com esse infausto espectaculo morreu-lhe de dôr o pae e enlouqueceu sua martyrizada mãe. Mas as hyenas assanhadas «*dopo il pasto han più fame chè pria*», buscavam, farejando maior regalo. Descobriram que na capella do Engenho Paulista estava enterrado o cadaver do padre João Ribeiro.

Aquelles esfaimados tigres, diz Muniz Tavares, lançam-se sôbre o cadaver como que para lhe devorar as carnes em putrefacção; degollam-n'o, mutilam-n'o, retiram-lhe a cabeça e com ella entram exultantes no Recife. Depois de passarem pelas ruas, mostrando-a com escarneo, depositaram-n'a no Pelourinho, por ordem de Rodrigo Lobo, donde desappareceu pelo anno de 1819 (*).

(*) Em sessão do Inst. Arch. Pernamb. de 7 de dezembro de 1817, o major Porto Carrero, invocando o testimunho de Soares de Azevedo e tenente coronel Camello Pessôa, fez entrega solenne ao Instituto do descarnado cranio do infortunado patriota, dizendo têl-o recebido do juiz de paz da freguezia do Recife, Francisco Cavalcante de Mello, o qual por ser parente do padre João Ribeiro tinha merecido ser o escolhido pelo francez Felix Naudin, estabelecido no Recife desde 1815 e enthusiasta do mallogrado republicano para legatario da preciosa reliquia. Esta, de facto, lhe foi entregue por Naudin pouco antes de fallecer. Nessa occasião teria Naudin revelado que fôra elle quem em 1819 subtrahira do pelourinho

Assim foram trucidados os patriotas, que tiveram a infelicidade de caïr nas garras de Luiz do Rego.

Tollenare descreve com minudencia o supplicio, que padeceram:

«Os condemnados, de alva e corda ao pescoço, esperavam por longo tempo, sôbre os degráus da prisão, a formação do cortejo, enquanto os tambores rufavam sinistramente.

Marchavam os soldados com as armas em funeral; desfilavam as irmandades, inclinando os seus guiões deante dos pacientes.

Surgia o juiz, vestido de luto, montado num cavallo preto, e ostentando um manto negro, accompanhado de um alcaide, tambem a cavallo, mas vestido de vermelho, e empunhando um cirio acceso. Appareciam novas deputações do clero, em longas filas, psalmodiando as orações das 40 horas. O juiz levava em mão a sentença; dava o signal da partida.

Rompia a marcha entre magotes de povo. *As senhoras guarneciam as janellas.* No caminho parava-se para os condemnados ouvirem a *missa dos mortos*. Parava-se outra vez para serem exhortados, exorcizados, benzidos entre ladaïnhas: *Sancta Dei Genitrix... Janua Coeli...* Enfim avistava-se a forca erguida e nella espetada a *cabeça de um dos ultimos executados*.

Era assim a justiça de el-rei.

Si a Republica foi com a Independencia a formosa realidade, — de um dia que tivesse sido, — voltar com a patria a recaïr no abominado captiveiro de que a libertara, era para Domingos Martins, como para o padre João Ribeiro, inconcebivel horror.

«Nessun maggior dolor...»

Benvinda sentença, a que o amortalhou na bandeira do arco-iris.

No thalamo conjugal não haviam murchado ainda as rosas de auspicioso noivado.

O esposo alvoroçado pela doce reminiscencia de castas alegrias na plenitude de recente amor correspondido, succumbia na «magua sem remedio» da sua inconsolavel viuvez civica.

---

o mesmo cranco, possuindo-o ainda em perfeito estado de conservação. Teria dicto mais que era lenda corrente em Pernambuco que nas horas mortas da noite, a imaginação popular ajudando, podia-se ouvir a cabeça supliciada clamando «*Vingança !*»

(*Rev. do Inst. Arch. Pernamb.* 4º anno, vol. 2º).

Nos seus labios morava eterno o travo do desespêro.

O patriota bendizia a morte, que o descaptivara de opprobrioso viver.

O esposo soluçava o supremo adeus e alava-se á Immortalidade, envolto no pavilhão do arco-iris.

O commovido adeus do imperterrito heróe dizia assim:

> «Meus ternos pensamentos que sagrados
> Me fostes, quasi a par da liberdade,
> Em vós não tem poder a iniquidade:
> Eia! á esposa vôae, narrae meus fados.
>
> Dizei-lhe que nos transes apertados,
> Ao passar desta vida á eternidade,
> Ella, d'alma reinava na metade
> E com a Patria partia-lhe os cuidados.
>
> A Patria foi o meu numen primeiro,
> A esposa depois — o mais querido
> Objecto de desvelo verdadeiro.
>
> E na morte — entre ambas repartido
> Será de uma o suspiro derradeiro,
> Será de outra — o meu último gemido!!

Meus compatriotas!

A revolução de 1817 em Pernambuco — vaticina um dos seus martyres que lhe escreveu a historia, — bem que «mui pouco durasse, fará sempre épocha nos annaes do Brasil:

Tempo virá talvez em que o dia 6 de Março, no qual ella foi effectuada, será para todos os Brasileiros um «*Dia de festa nacional*».

Meus compatriotas».

Le jour de gloire est arrivé...»

(*O orador é vivamente applaudido pela numerosa assistencia e accompanhado do secretario perpetuo occupa o seu logar na bancada*).

O sr. conde de Affonso Celso (*presidente*) encerra a sessão, congratulando-se com o sr. dr. Barbosa Lima pelo brilhante discurso proferido, e agradecendo a presença do illustre auditorio, que trouxe para a solennidade o maior brilhantismo, como tambem o comparecimento das senhoras e srs. vice-presidente da Republica, ministros de Estado, prefeito municipal, chefe de policia, representantes dos srs. presidente da Republica e mais auctoridades e pessoas gradas.

Levantou-se a sessão ás 18 e meia horas.

ROQUETTE PINTO,
2º Secretario.

ASSEMBLÉA GERAL EXTRAORDINARIA, EM 30 DE ABRIL DE 1917

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo).

A's 20 ½ horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios:

Srs. conde de Affonso Celso, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, dr. Pedro Souto Maior, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, commandante Francisco Radler de Aquino, dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, professor Basilio de Magalhães, dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, dr. Aurelino de Araujo Leal, dr. Augusto Tavares de Lyra, dr. Alfredo Valladão, dr. Arthur Pinto da Rocha, dr. Eduardo Marques Peixoto, dr. Edgard Roquette Pinto, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, dr. José Americo dos Santos, dr. Antonio Fernandes Figueira, general dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo e marechal José Bernardino Bormann.

O Sr. Presidente declara aberta a sessão da Assembléa Geral, convocada nos termos do artigo 64 dos Estatutos, para se tomar conhecimento de uma proposta, unanimemente assignada pela Commissão de Estatutos, sôbre algumas alterações nos mesmos. Achando-se presentes 24 socios, a Assembléa reune-se inteiramente de accôrdo com o § 2° do mesmo artigo 64.

Antes, porém, de iniciar os trabalhos de assembléa geral o Sr. Conde de Affonso Celso (presidente) diz que se julga dispensado de justificar, bem como de submetter a debate e a votação a moção seguinte:

«O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao encetar os seus trabalhos do presente anno, declara antes de tudo que, fiel ás suas invariaveis tradições de patriotismo, está absolutamente solidario com os poderes publicos em tudo quanto diga respeito á salvaguarda da segurança e dignidade nacionaes.»

Esta moção provoca unanimes applausos.

Depois communica o mesmo Sr. Presidente os fallecimento dos socios drs. Alberto Torres e Alfredo Rocha, declarando que se lançará em acta um voto de profundo pezar por esse luctuoso acontecimento.

Em seguida o Sr. M. Fleiuss (secretario perpetuo) lê a — Proposta de alterações dos Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — A Commissão de Estatutos

tem a honra de offerecer ao criterio dos srs. socios algumas alterações, que lhe parecem imprescindiveis aos Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Dicta-as, por um lado, a necessidade de simplificar-se a complicada dichotomia numerica da *Revista*, e, por outro lado, a conveniencia de valorizar-se ainda mais o logar de socio do Instituto, extinguindo-se uma designação irregular, que não exprime o que o legislador teve em mira, nem está de accôrdo com a interpretação lexicologica.

Quanto á primeira, — com effeito, é de notar que a *Revista*, creada com a denominação expressa de « trimensal », conservou esse character sómente até 1863, tendo já, todavia, quebrado a regularidade os tomos XI e XXV; e, a partir de 1864, começou o orgam do Instituto a editar-se em duas partes cada anno, tomando a feição de « semestral », que os estatutos de 27 de Junho de 1912, por sua vez, legalizaram, sem rigorosa determinação temporal. O defeito que urge corrigir-se é o da numeração. Dando-se, como até aqui, um unico ordinal a cada um dos tomos annuaes, discriminando-se apenas pela denominação de « parte primeira » e « parte segunda », difficulta-se evidentemente a satisfactoria realização da lei da offerta e da procura. Dando-se, porém, a cada tomo o seu número, facilitar-se-ha indubitavelmente tudo quanto se refere á fórma de acquisição da *Revista* por parte dos interessados em possui-la, assim como virá necessariamente a tornar-se mais expedita a organização dos indices, com assignalado proveito dos consulentes de tão rico repositorio das tradições patrias. Assim, a Commissão é de parecer que, em toda a reedição a que se haja de proceder, quer os quatro fasciculos trimestraes, quer os dous volumes semestraes da *Revista* passem a constituir dous tomos distinctos, com seguida numeração; e, bem assim que, a contar de 1917, cada tomo tenha o seu número proprio, dando-se por finda desta sorte a designação de partes 1ª e 2ª, que vigora desde 1864.

Quanto á outra alteração ora proposta, — diz respeito aos actuaes socios « honorarios », categoria que constitue um premio dos serviços prestados pelos socios effectivos e correspondentes, em não pequeno estagio social, e premio esse de que sómente cogitaram, pela primeira vez, os Estatutos de 1890.

« Honorario », — define um dos melhores lexicos da nossa lingua — é o « que dá honras e não proveitos materiaes », ou o « que só tem a honra e não os proventos de um cargo », accrescentando interparentheticamente: — « E' tratamento que se dá aos que desempenharem bem um cargo que deixarem de exercer ».

Evidentemente, não é esse o caso dos socios do Instituto, aos quaes tem sido dada aquella denominação, porque não ha

no Instituto classe alguma de socios, a que caiba retribuição material, e os actuaes «Honorarios» são tão effectivos como os que mais o sejam.

Em taes condições, opina a Commissão que sejam os Estatutos modificados pela maneira seguinte:

Art. 2°, letra *b*. Redija-se: — « Publicará annualmente dois tomos a *Revista do Instituito Historico e Geographico Brasileiro*, em um dos quaes serão insertos trabalhos dos socios e documentos relativos ao Brasil, e no outro, além de taes materias, as actas das sessões e a lista dos socios existentes, com as diversas categorias e datas de admissão ».

Art. 3.° Redija-se: — « O Instituto Historico e Geographico Brasileiro compor-se-ha de: I) socios grandes-benemeritos, em numero de 5; II) socios benemeritos, em numero de 20; III) socios effectivos, em numero de 30; IV) socios correspondentes, em numro de 25; V) socios honorarios, em numero de 20 ».

Art. 7°. Supprimam-se as palavras « residir no Rio de Janeiro e ».

§ 3°. Supprima-se.

Art. 8°. Substituam-se as palavras « menos a de residencia no Rio de Janeiro » pelas seguintes: — « e residir fixamente no exterior ou nos Estados ».

Art. 9°. Supprima-se.

Art. 10. Supprimam-se as lettras *a* e *b*, e accrescente-se: — « Sua eleição será feita em assembléa geral ».

Art. 12. Supprima-se.

Art. 13. Supprima-se.

Art. 14. Substitua-se pelo seguinte: — « Art. 14. Os socios grandes-benemeritos serão tirados da classe dos benemeritos, e estes da classe dos socios effectivos.

§ 1°. Só poderão ser elevados a socios benemeritos os socios effectivos, que houverem prestado serviços notaveis ao Instituto ou exercido cargos na Directoria por mais de dez annos consecutivos.

§ 2°. A eleição de socios grandes-benemeritos e benemeritos será feita em Assembléa geral ».

Art. 20, § 5°. Redija-se: — « O socio contribuinte não poderá tomar posse nem será como tal inscripto no livro competente sem ter satisfeito as contribuições devidas ».

Art. 24. Redija-se da fórma seguinte o seu paragrapho unico: — « Estão exemptos de qualquer contribuição: *a*) os socios grandes-benemeritos; *b*) os benemeritos; *c*) os honorarios ».

Art. 25. Accrescente-se depois da palavra « socios », — « contribuintes ».

Art. 26. Idem.

Art. 27. Idem.

Art. 28. Idem.

Art. 33. Diga-se: — «... mas a eleição só recairá em socios effectivos, benemeritos e grandes benemeritos, residentes no Rio de Janeiro, podendo os membros da Directoria, excepto o presidente, fazer tambem parte de qualquer commissão».

Art. 36, § 3°. Nomear os membros da Directoria e os das Commissões Permanentes nos termos do art. 34.

Art. 38. Redija-se: — «O primeiro secretario superintenderá todos os serviços do Instituto».

Art. 46, § 2°. Eliminem-se as palavras «para socios honorarios».

Art. 52. Accrescente-se: «§ 1°. O salão de sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro não poderá ser, em caso algum, cedido para quaesquer reuniões que não sejam directamente promovidas pelo mesmo Instituto», e «§ 2°. No mesmo salão de sessões só poderá haver o retrato do sr. d. Pedro II, inexquecivel protector da Associação».

Art. 71. Ao bibliothecario compete:

§ 1.° O serviço de consultas na sala de leitura pública.

O resto como está.

Art. 72. Supprima-se.

Art. 83. Os vencimentos do pessoal do Instituto serão fixados annualmente, por occasião da proposta de Orçamento.

§ 1°. O Presidente do Instituto poderá, em virtude de representação do primeiro secretario, dar nova distribuição aos trabalhos administrativos, submettendo a resolução ao *veredictum* do Instituto.

Art. 88. Supprima-se.

Art. 89. Supprima-se.

Art. 95. Os actuaes socios honorarios, que não houverem tomado posse, serão mantidos nesta classe, na qual se não fará admissão alguma, enquanto o quadro estiver excedido.

Art. 97. De cada duas vagas, que occorrerem entre os socios effectivos e correspondentes, só será preenchida uma, até que os algarismos dos respectivos quadros se regularizem consoante com o disposto no art. 30. — *B. F. Ramiz Galvão. — Ernesto da Cunha de Araujo Viana. — A. Pinto da Rocha. — Rodrigo Octavio. — Fleiuss.*»

O Sr. Conde Affonso Celso (presidente) diz que na sessão de hoje, a assembléa tomará conhecimento da proposta, julgando-a ou não objecto de deliberação. No caso affirmativo a proposta será publicada para ser discutida e votada na proxima sessão de Assembléa que se reunirá daqui a sessenta dias.

O Instituto julga por unanimidade a proposta objecto de deliberação e o Sr. Presidente declara que a mandará imprimir.

O Sr. Professor Basilio de Magalhães propõe e é approvado tambem por unanimidade, que, com o projecto de reforma, a Commissão de Estatutos, auctora do mesmo, redija integralmente os novos Estatutos, para que a futura assembléa possa julgar com pleno conhecimento de causa.

O Sr. Presidente lê depois a seguinte proposta:

— «Propomos que seja aposentado no cargo que exerce o official da Secretaria do Instituto Francisco Martins Guimarães, que começou a trabalhar nesta Associação em Agosto de 1894, segundo communicação feita pelo sr. presidente Aquino e Castro, na sessão de 19 daquelle mesmo mez e anno.

O primeiro vencimento que teve o official Martins Guimarães foi de 120$000 mensaes, tendo sido depois elevado. Contando 23 annos de assiduo exercicio e achando-se, como é notorio, enfermo, propomos que a sua aposentadoria seja com o vencimento fixo de 200$000 mensaes, extinguindo-se com esse acto um dos officiaes da Secretaria do Instituto, com o que será evitado augmento de despesa. Rio de Janeiro, 30 de Abril de 1917. — *Conde de Affonso Celso.* — *Fleiuss.* — *Ramiz Galvão.* — *Roquette Pinto.*»

Posta em discussão a proposta, ninguem pede a palavra.

Posta em votação, é approvada por unanimidade.

A' vista disto o Sr. Presidente declara aposentado o official da Secretaria do Instituto, sr. Francisco Martins Guimarães, e extincto um dos logares de official da mesma Secretaria.

Nada mais havendo a tractar, o Sr. Presidente levanta a sessão de Assembléa Geral ás 20 horas e cincoenta minutos, e convoca outra para o dia 30 de Junho, á mesma hora.

Sebastião Galvão, 2º Secretario da Assembléa Geral.

PRIMEIRA SESSÃO ORDINARIA, EM 30 DE ABRIL DE 1917

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 20 e uma horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios:

Srs. conde de Affonso Celso, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, dr. Pedro Souto Maior, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, commandante Francisco Radler de Aquino, dr. Ernesto da Cunha de Araujo Viana, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, professor Basilio de Magalhães, dr. Rodrigo Octavio de Lang-

gaard Meneses, dr. Aurelino de Araujo Leal, dr. Augusto Tavares de Lyra, dr. Alfredo Valladão, dr. Arthur Pinto da Rocha, dr. Eduardo Marques Peixoto, dr. Edgard Roquette Pinto, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, dr. José Americo dos Santos, dr. Antonio Fernandes Figueira, general dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo e marechal José Bernardino Bormann.

O Sr. Presidente lê o seguinte parecer da Commissão de Fundos e Orçamento, o qual, nos termos do art. 59 deve ser discutido e votado na presente sessão.

— «A Commissão de Fundos e Orçamentos examinou com a maior attenção, como lhe competia, o balanço e os documentos que o instruiam, relativo ao anno de 1916, verificando que a receita total foi de 43:290$265 e a despesa de 40:437$016, havendo, portanto, um saldo de 2:963$409.

A Commissão não se exime de applaudir a administração economica do Instituto, que sempre tem sido a da mais exemplar sizudez e honorabilidade, graças aos exforços conjunctos do benemerito presidente perpetuo, sr. conde de Affonso Celso e dos seus immediatos auxiliares o secretario perpetuo e o thesoureiro, merecedores todos do reconhecimento do Instituto.

A Commissão é, pois, de parecer que, tanto o balanço, como os documentos sejam approvados.

Rio de Janeiro, 17 de Março de 1917.— *Clovis Bevilaqua*, relator.— *Rodrigo Octavio*.— *Homero Baptista*.

Posto em discussão o parecer, ninguem pede a palavra. Posto em votação, é o mesmo parecer approvado por unanimidade.

O Sr. 1° Secretario Perpetuo lê depois esta proposta:

— «Propomos para socio deste Instituto (correspondente), o sr. coronel Telemaco Morisini Borba, natural e residente na cidade de Tibagi, Estado do Paraná, servindo-lhe de titulo a obra *Actualidade Indigena*, da qual já offereceu um exemplar á nossa bibliotheca.

S. S., 27 de Abril de 1917.— *José Francisco da Rocha Pombo*.— *Fleiuss*.— *Sebastião de Vasconcellos Galvão*.»

Vai á Commissão de Ethnographia, sendo relator o sr. dr. Roquette Pinto.

Pelo mesmo Sr. Secretario Perpetuo são lidos os seguintes pareceres:

Da Commissão de Admissão de Socios:

— «A Commissão de Admissão de Socios, tendo presente o parecer da Commissão de Archeologia e Ethnographia, referente á proposta do sr. dr. Roberto Lehmann-Nitsche para

socio correspondente do Instituto, passa, de conformidade com o § 6° do art. 7° dos Estatutos, a emittir sua opinião sôbre a idoneidade e conveniencia da inclusão do proposto em nosso quadro social.

O sr. dr. Lehmann-Nitsche é um nome vantajosa e largamente conhecido nos circulos americanistas pelos seus estudos anthropologicos e ethnographicos, tão importantes quanto meritorios. Chefe da secção anthropologica do muito acreditado Museu de La Plata e cathedratico titular de Anthropologia das Universidades de La Plata e de Buenos Aires, tem o proposto além destes, muitos outros titulos bastantes para lhe dar ingresso em qualquer corporação scientifica.

Assim, é a Commissão de parecer que a admissão do sr. dr. Lehmann-Nitsche no cadastro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro é um acto de justiça e de solidariedade americana, que subscreve com a maior satisfacção.

Rio de Janeiro, 19 de Abril de 1917.—*Miguel J. R. de Carvalho*, relator.—*Antonio Olyntho dos Santos Pires*.—*B. F. Ramiz Galvão*.»

Fica para ser votado na proxima sessão.

Da Commissão de Historia:

—«*Um seculo de Pintura* é o producto valioso de paciente investigação, estimulada por dous sentimentos nobilitantes: o carinhoso interesse pelas cousas da patria e o gosto artistico a traduzir-se no estudo, na critica e no apreço das producções daquelles que têm o dom de exprimir os encantos da forma e da côr, transportando e fixando na tela pedaços espiritualizados da natureza.

O dr. Laudelino Freire estuda a evolução da Pintura no Brasil desde o anno de 1816, anno em que chegaram ao Rio de Janeiro diversos artistas francezes, alguns de incontestavel merecimento, que souberam crear, entre nós, o gosto pela pintura, e lançaram a semente que havia de produzir bellos fructos, até. O historiador accentua duas epochas nessas evolução: A primeira vai de 1816 até 1860, e comprehende tres periodos: de 1816-1826, epocha em que se fundou a Academia de Bellas Artes; de 1826-1840; de 1840-1860. Nesta epocha distinguem-se os nomes de João Baptista Debret, Nicolau Antonio Taunay, Felix Emilio Taunay (francezes), José Theophilo de Jesus, Franco Velasco, Augusto Müller, Araujo Porto-Alegre e outros, entre os quaes Henrique Fleiuss. E' epocha da formação.

A segunda epocha, denominada de desenvolvimento, conta os nomes dos nossos mais célebres pintores: Victor Meirelles, Pedro Americo, Zephyrino da Costa, Peres, Almeida Junior,

Amoedo, Decio Villares, Belmiro de Almeida, Eduardo de Sá, aos quaes se vieram junctar alguns extrangeiros que, aqui trabalhando, muito contribuiram para o nosso progresso artistico. O ultimo periodo desta segunda epocha já se characteriza por accentuada decadencia, affirma com desgosto o dr. Laudelino Freire. Todavia, ainda ha nomes dignos de menção e ha, principalmente um forte grupo de moços de talento.

Como se vê destas indicações, a evolução da Pintura foi estudada com a amplitude e certa minucia, que se illustra com os dados biographicos dos artistas, seus retratos, suas assignaturas e crescido numero de reproducções de quadros.

Um tal livro, assim tão largamente documentado, é um excellente attestado da competencia do auctor e de seu amor pelos estudos historicos. Além disso, o dr. Laudelino Freire é um escriptor fluente e correcto, que tem perlustrado varios dominios literarios, affirmando a sua operosidade indefesa.

A Commissão considera-o nas condições de entrar com muita honra e vantagem para o Instituto, onde poderá prestar bons serviços ás investigações historicas.

Rio de Janeiro, 14 de Abril de 1917.— *Clovis Bevilaqua*, relator.— *Pedro Lessa*.— *Basilio de Magalhães*.»

E' approvado e vai, com a proposta, á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o sr. dr. Manuel Cicero.

—«A dissertação do sr. Agenor de Roure sôbre a *Formação do Direito orçamentario brasileiro* é um trabalho serio, tanto pela somma de estudo que exigiu do auctor, quanto pelas conclusões que fundamenta e offerece á reflexão dos leitores. E' uma página de nossa evolução economico-financeira, traçada com exacto conhecimento da materia e com elevado criterio. Não se quiz limitar o auctor a apontar os principios e as idéas á medida que as necessidades sociaes lhes davam corpo e as leis, ou a practica, lhes davam expressão juridica. Penetrou mais no amago dos factos, para mostrar como elles repercutiam na formação dos orçamentos, e como estes devem ser comprehendidos á luz da Historia, da Politica e do Direito. Para accentuar como os principios basicos de Direito orçamentario, a annualidade, a fiscalização, a especialização e a prestação de contas se foram crystallizando em nossa legislação, elle estuda a repercussão da Politica nas finanças e nos dá a razão de ser daquelles principios.

Si por outros valiosos trabalhos já não tivesse o sr. Agenor de Roure affirmado a sua individualidade mental, por esta monographia poderiamos julgar da indole do seu espirito. Ella nos auctoriza a dizer que a intelligencia desse illustre Brasileiro, nutrida de bons estudos, está preparada para produzir muito e bem nos dominios da Historia patria, e que,

portanto, as portas do Instituto lhe devem ser abertas com sympathia.

Rio de Janeiro, 16 de Abril de 1917.— *Clovis Bevilaqua*, relator.— *Basilio de Magalhães*.— *Pedro Lessa*.»

E' approvado e vai, com a proposta, á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o sr. dr. Ramiz Galvão.

— «De um prelado tão insigne pela virtude e pelo saber, qual foi dr. Antonio Ferreira Viçoso, cuja fama de sanctidade ainda hoje vive nitida e indelevel na alma e no coração da boa gente anciã de Minas Geraes, — só outro antiste congenial, como incontestavelmente é o seu successor de agora em Mariana, — d. Silverio Gomes Pimenta, — poderia convenientemente tractar.

Guarda o obscuro relator deste parecer a mais grata impressão do seu preclaro coestaduano, desde que, muito á flôr da mocidade, teve a grande satisfacção de pessoalmente conhece-lo e de ouvir-lhe as prácticas sagradas. Agora, ao reler a *Vida de d. Antonio Ferreira Viçoso* — obra com que foi proposto o nome illustre de d. Silverio Gomes Pimenta para o quadro social do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, — ainda mais se accentuou no espirito do seu humilde compatricio, mais experiente com o dobrar dos annos portadores de proxima velhez, a convicção inabalavel de que, tanto prégando de viva voz, como discorrendo por escripto, é o actual arcebispo marianense um raro exemplo de harmoniosa simplicidade e de admiravel perfeição classica.

A quem ande acaso engolphado na prazeirosa compulsação dos monumentos estaticos do vernaculo, repontados ao influxo do Renascimento e não corrompidos pela perversão culteranista, parecerá muita vez, quando embebido em qualquer pagina da *Vida de d. Antonio Ferreira Viçoso*, que tem ante os olhos os periodos castiços e sonorosos de frei Luiz de Sousa, na *Vida de fr. Bartholomeu dos Martyres*.

O trabalho do eminente ecclesiastico brasileiro, além da inexcedivel modêlo de linguagem, desde logo revela tambem o historiador probo e competente, cujo methodo de exposição, rebusca e aproveitamento doutrinario dos factos, nada deixam a desejar.

Si, pois, no cotejo que acima fizemos com o celebrado chronista do seculo XVII ha alguma differença notavel, é esta a favor de quem não teve um fr. Luiz de Cacegas para colligir-lhe os materiaes, mas suou em pacientes investigações, que, longe de falsificarem a verdade historica, reintegraram a benemerita existencia de d. Viçoso á luz de testimunhos não fallaciosos, tornando-a ainda mais veneranda e ainda mais

bella do que quando entretecida e aureolada de lendas, qual andava e anda nas tradições populares da terra mineira.

Assim, o nosso antigo e respeitavel gremio, que conta em seu seio varios dos sacerdotes dos que mais honram o clero nacional no pastoreio de greis, e entre elles o primeiro cardeal nomeado para o Brasil, deve desvanecer-se de franquear as suas portas a d. Silverio Gomes Pimenta, cuja solida e brilhante cultura intelectual, altamente apreciada até pelo erudito Leão XIII, corôa um peregrino conjuncto dos predicados moraes e affectivos que mais dignificam a natureza humana: — luminar da Egreja, não só patria, como universal, virá o velho prelado a ser um dos luminares do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Rio de Janeiro, 19 de Março de 1917. — *Basilio de Magalhães*, relator. — *Clovis Bevilaqua*. — *Pedro Lessa*.»

E' approvado e vai, com a proposta, á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o sr. dr. Miguel Carvalho.

— «Quando se realizou o 1º Congresso de Historia Nacional — que ha de constituir para todo o sempre um dos mais gloriosos florões da refulgida corôa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — coube ao dr. José Luiz Baptista o relatar a these *Historia das entradas e determinação das áreas que exploraram*.

Perfeito conhecedor da ourela atlantica septentrional do nosso paiz, onde nasceu e que perlustrou longamente e detidamente como abalizado engenheiro, soube elle dar áquelle trabalho a verdadeira orientação a que se visára, isto é, realçar o character geographico das primeiras expedições, geralmente de origem official, que penetraram e devassaram uma parte consideravel da zona costeira do Brasil.

Como se vê da importante monographia, inserta no tomo especial de nossa *Revista* consagrado áquella assentada scientifica (parte II), — desenvolveu o dr. José Luiz Baptista, com admiravel methodização e clareza de linguagem, o complexo assumpto confiado á sua competencia e operosidade, precisando com o possivel rigor os primeiros passos da historia gradual da nossa patria.

Não foi, entretanto, só ahi que revelou elle o seu amor ás nossas tradições e o seu ardoroso desejo de dilucidar os factos da ainda tão obscura infancia da nossa terra estremecida.

Com effeito, no *Jornal do Commercio* desta Capital fez apparecer, ha pouco tempo, um não menos interessante escripto — qual o com que tentou explicar a célebre carta dirigida a d. Manuel, o Venturoso pelo physico João («Emmenelaus», como leu Varnhagen, ou «Baccalaureus», como talvez mais razoavelmente se presume), vindo na esquadra de Cabral.

Assim, é a Commissão abaixo assignada de parecer que o dr. José Luiz Baptista, proposto agora para fazer parte do nosso antigo e venerando gremio, virá sem duvida hombrear com os mais capazes e mais laboriosos de quantos honram o quadro social do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Rio de Janeiro, 23 de Março de 1917.— *Basilio de Magalhães*, relator.— *Clovis Bevilaqua*.— *Pedro Lessa*.

E' approvado e vai, com a proposta, á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o sr. dr. Antonio Olyntho.

— « Não é desconhecido dos que se dedicam ao culto das tradições patrias o nome do dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello, que em boa hora acaba de ser proposto para o quadro social do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Fazendo parte do corpo diplomatico, ha muito que o nosso illustre compatricio se consagra á investigação sôbre o passado da terra natal, como o demonstram duas publicações constantes da *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, — *Documentos sôbre a Independencia* e *Um depoimento sôbre o 7 de Abril*.

Depois disso, teve o dr. Figueira de Mello a lembrança feliz de recorrer ao archivo do Ministerio dos Negocios Extrangeiros de Vienna, extrahindo da volumosa correspondencia do barão Wenzel de Marschall com o principe de Metternich a parte não pequena relativa á conquista da nossa soberania politica e ao agitado governo de Pedro I, pois aquelle titular foi representante da Austria no Brasil desde 1821 até 1831 e gosou de privança no Paço, por causa da nacionalidade da nossa primeira imperatriz.

Essa inestimavel contribuição para o completo exclarecimento de uma das phases mais energicas e fecundas da evolução brasileira começou a apparecer no orgam da nossa associação (LXXVII, parte 1ª) e vai ser ultimada no proximo número.

Deante dessas credenciaes de valia incontestavel, não podia a Commissão abaixo assignada deixar de reconhecer no dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello uma *persona grata* ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Rio de Janeiro, 21 de Março de 1917.— *Basilio de Magalhães*, relator.— *Clovis Bevilaqua*.— *Pedro Lessa*.

E' approvado e vai, com a proposta, á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. dr. Ramiz Galvão.

— « São tres os trabalhos do sr. Mario Mello, que foram submettidos á nossa apreciação: — *A Maçonaria no Brasil*, Recife, 1909; *A Maçonaria e a revolução de 1817*, Recife, 1912; *Fazenda modelo*, Recife, 1913.

O primeiro delles é uma oração, proferida em dia so-

lenne, na qual o orador habilmente aproveita a opportunidade para provar que as primeiras lojas maçonicas fundadas no Brasil foram as de Pernambuco. No fim do seculo XVIII, effectivamente, o sabio naturalista Arruda Camara, que era tambem um exforçado patriota, creou uma sociedade secreta, em Itambé, intitulada Areópago. Que esse nucleo foi ponto de irradiação de idéas liberaes; que influiu na evolução politica da região, e que determinou a creação de outras sociedades congeneres, como a Academia do Paraiso e a de Suassuna, não se póde recusar ao sr. Mario Mello e aos que se têm occupado com esse capitulo da formação de nossa nacionalidade. E não é muito conceder tambem que fosse maçonica essa associação (embora o ponto não seja liquido), porque á Maçonaria preoccupava, principalmente, então, a reorganização politica dos povos.

O segundo opusculo, de maior tomo do que os outros, é, por assim dizer, o desenvolvimento de idéas, que o antecedente esboçara. Nelle se mostra como a Maçonaria influiu, consideravelmente, na diffusão das idéas liberaes e do sentimento republicano, em nosso paiz, contribuindo de modo decisivo para a revolução de 1817, em Pernambuco, dando-lhe a feição idealista, que characteriza, e que a torna sobre modo sympathica aos que lhe revêem os fastos. Ainda que de pouca duração, foi um movimento de grande significação esse que planearam os Pernambucanos, em 1817.

O terceiro é a descripção de um estabelecimento rural, intelligentemente organizado nos limites da Parahiba e Pernambuco. Ainda que de proporções e intuitos modestos, não é destituido de interesse, porque nos mostra o aspecto da exploração das terras no Nordeste brasileiro, e fornece alguns dados historicos sôbre as localidades circunjacentes á fazenda modelo.

Desses escriptos, e, particularmente do segundo onde se encontra um bem feito resumo da revolução de 1817, em Pernambuco, resaltam as apreciaveis qualidades do sr. Mario Mello, como estudioso da Historia patria, qualidade que nos asseguram nelle um digno e activo collaborador da obra que o Instituto poz a peito realizar.

Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1917.— *Clovis Bevilaqua*, relator.— *Basilio de Magalhães*.— *Pedro Lessa*.»

E' approvado e vai, com a proposta, á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. dr. Manuel Cicero.

Em seguida, o mesmo SR. SECRETARIO dá conta minuciosa da — offerta feita pela sra. d. Maria Amelia de Chermont Barata, da importantissima bibliotheca, que pertenceu a seu finado marido, o illustre socio honorario do Instituto, dr. Ma-

nuel de Mello Cardoso Barata, salientando o auxilio, nesse particular, prestado sob diversos aspectos, pelos srs. drs. Theotonio de Brito, Augusto Tavares de Lyra, Homero Baptista, Pandiá Calogeras e pelo Congreso Nacional, devida esta parte aos exforços dos srs. drs. Urbano Santos, Erico Coelho, Barbosa Lima, Alberto Maranhão, João Luiz Alves, Antonio Carlos e Mauricio de Lacerda.

A collecção «Manuel Barata», até ao presente enviada ao Instituto, consta de 2.782 obras em 4.896 volumes encadernados e mais 672 brochuras.

Os livros, em optimo estado de conservação e em ricas encadernações, são sobretudo notaveis pela selecção e raridade de muitos exemplares.

Assim é que possue essa livraria verdadeiros cimelios da nossa litteratura historica, como os livros de Barlæus, Laet, Nieuhof, Brito Freire, Santa Thereza, Richshoffer, Aires do Casal, Biet, Yves d'Evreux d'Abbeville, Knivet, Hans Staden, etc., em edições estimadas.

A Historia das Indias Occidentaes está ahi representada pelos seus mais famosos auctores, como Antonio de Herrera, Oviedo, Jorge Juan e Antonio de Ulloa, Thomaz Raynal, N. de la Coste, Maffée, etc.

A Historia portugueza, desde os antigos chronistas até aos modernos historiadores, figura com um avultado coefficiente na collecção «Barata».

A Historia geral contem a moderna edição de Ferrario, importantissima e de elevado preço; *Historians' History of the World*, em 25 vols.; a Historia Universal, de Oncke; Cesar Cantu, edições franceza e portugueza; Henri Martin, Michelet, David Hume, Macaulay, Malliot e outros auctores modernos de justa celebridade.

A parte da Historia do Brasil é a mais completa possivel, vindo supprir faltas que existiam nas collecções do Instituto, que hoje póde servir com largueza aos seus consultantes. Convem mencionar a acquisição do pamphleto attribuido a José da Silva Lisboa — *Heroicidade Brasileira*, que foi mandado destruir por ordem do govêrno do primeiro imperador. O exemplar que possuimos é considerado unico.

Temos as primeiras edições do *Diccionario da Lingua Portugueza*, de Antonio de Moraes Silva, de 1789; do *Uruguay*, de José Basilio da Gama, de 1759; da *Corte na aldeia*, de Francisco Rodrigues Lobo, de 1649. De Basilio da Gama temos mais o poemeto *Quitubia*, desconhecido de muitos bibliographos, e o *Epithalamio*.

E' tambem muito importante a collecção dos classicos portuguezes, bem como a camoneana, em que figuram as edições do Morgado de Matheus, de Ignacio Garçez Ferreira,

a italiana, a ingleza e os estudos criticos sôbre o grande épico, devidos a Storck, Milliet, e outros.

A Literatura antiga é representada pelas obras completas, em edições classicas, de Homero, Plutarcho, Platão, Aristoteles, Lucrecio, Aullo Gelio, Tacito, Seneca, Lucano, Propercio, Tito Livio, Juvenal, Vergilio, Horacio, etc., existem ainda, nas mesmas condições, as obras de Shakespeare, Goethe, Schiller, La Fontaine, Molière, Voltaire, Diderot, etc.

A Historia das religiões, da philosophia e das artes está representada na collecção pelos mais afamados auctores.

A secção de encyclopedias, diccionarios e obras geraes é por egual importante, contando-se no número de seus exemplares a *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, de Diderot e D'Alembert, de 1778, em 39 volumes; o *Dictionnaire de la Bible*, de Calmet, de 1730; o *Calepinus*, de 1759; *Dictionnaire Universel*, de Larousse; a *Grande Encyclopédie*, a *Encyclopedia Britannica*, o *Diccionario Encyclopedico Hispano-Americano; Sachs-Villate Wörterbuch*, o Diccionario de Littré, o de Larive et Fleury, Vocabulario de Bluteau, Elucidario de Viterbo, e muitos outros.

Na secção de manuscriptos contam-se 146 codices. Existem ahi autographos do dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, de Manuel da Gama Lobo d'Almada, de Monteiro Baena, de Patroni e de outros, que se occupam especialmente da Amazonia. Entre esses manuscriptos está um original e inedito — *Registro hidrographico de ambas Americas*, do almirante hispanhol d. Antonio de Ullôa, o qual deve ser do terceiro quartel do seculo XVIII. E' um documento precioso, que encerra um resumo historico das primeiras navegações feitas no Novo Mundo; consta de 152 folhas em boa letra, e encadernado em pergaminho.

Quanto aos mappas, tambem em elevado número, direi opportunamente, depois de catalogados.

O mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO lê em seguida a carta que hoje recebera do exmo. sr. dr. José Carlos de Macedo Soares, de S. Paulo, e de que, com intenso júbilo, dá conhecimento ao Instituto:

«Exmo. sr. 1º Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Cordiaes saudações. — Para ser entregue na séde do Instituto, enviei, por intermedio da Agencia Pestana, uma collecção completa de publicações, da *The Geographical Society of London*, que tenho a honra de offerecer á Bibliotheca do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Juncto a esta envio a lista das séries de volumes publicados, em número de cento e trinta e dous, e que constituem a collacção alludida.

Sem mais subscrevo-me attenciosamente.»

O Sr. Presidente diz que o Instituto ouviu a exposição feita pelo sr. secretario perpetuo do Instituto, sendo evidentes os applausos pela mesma provocada.

Agradece as offertas feitas, os auxilios prestados pelos illustres cavalheiros citados pelo sr. secretario perpetuo, abrangendo neste agradecimento o mesmo secretario, que muito influiu, por ter sido amigo dedicado do dr. Manuel Barata, quanto á generosa dadiva da preciosa bibliotheca do saudoso consocio, cujo retrato orna a sala de leitura do Instituto.

Depois, o Sr. Professor Basilio de Magalhães lê um curioso capitulo de seu livro sôbre a *Inconfidencia Mineira*, tractando especialmente das figuras de Marilia de Dirceu e de Heliodora Barbara, tendo sido muito applaudido ao terminar.

Em seguida, o Sr. General Dr. Thaumaturgo de Azevedo annuncia a proxima inauguração da Cruz Vermelha Brasileira, convidando para esse acto, a realizar-se no dia 3 do entrante, o Instituto Historico.

O Sr. Presidente agradece a communicação, faz votos pelo progresso do benemerito emprehendimento e nomêa a seguinte commissão para representar o Instituto naquella solennidade: drs. Araujo Viana, Antonio Olyntho e José Americo.

Levanta-se a sessão ás 22 horas, encaminhando-se logo após todos os socios presentes e mais pessoas que assistiram á sessão para a sala de leitura pública, hoje denominada — dr. Vieira Fazenda — onde o Sr. Conde de Affonso Celso inaugura o retrato do saudoso bibliothecario, proferindo as seguintes palavras:

«Tão vivaz persiste em nosso gremio a figura já quasi legendaria do dr. Vieira Fazenda que seria irrogar injustiça á vossa veneração e á vossa saudade, tentar evoca-la, para justificar a nova homenagem que hoje aqui se lhe presta, inaugurando o seu retrato.

Traduzo o geral sentimento, affirmando que esse retrato avultará entre os mais preciosos do Instituto, pois representa uma das individualidades que mais o dignificaram pelo saber, pela dedicação e pela bondade.

Curvemo-nos todos ante esta reliquia sagrada ao desvendar-se a effigie do nosso grande, optimo, queridissimo amigo, de tão imperecedora quão benemerita memoria.»

Roquette Pinto,
2º secretario.

SEGUNDA SESSÃO ORDINARIA, EM 31 DE MAIO DE 1917

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 20 e 1|2 horas, na séde social abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios:

Conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, dr. Edgard Roquette Pinto, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, dr. Ernesto da Cunha de Araujo Viana, dr. Homero Baptista, dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses e marechal José Bernardino Bormann.

O SR. DR. ROQUETTE PINTO (*2º secretario*) lê a acta da ultima sessão ordinaria, realizada a 30 de Abril passado, a qual é approvada sem discussão e por unanimidade.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) communica o fallecimento, occorrido a 1 deste mez em S. Paulo, do socio correspondente, sr. dr. Alfredo de Toledo, primeiro vice-presidente do Instituto Historico daquelle Estado, e declara que na acta da presente sessão será, nos termos dos Estatutos, inserido um voto de profundo pezar.

O SR. FLEIUSS (*primeiro secretario perpetuo*) participa o apparecimento, neste dia, do quinto volume do tomo especial da *Revista do Instituto*, consagrado ao Primeiro Congresso de Historia Nacional que aqui se reuniu de 7 a 16 de septembro de 1914. Aproveita a occasião para mais uma vez salientar os serviços prestados pelos directores do Congresso, srs. conde de Affonso Celso e dr. Ramiz Galvão e os que tambem prestou o illustre consocio, sr. professor Basilio de Magalhães.

Foram regularmente publicados os cinco volumes do tomo especial, tendo o primeiro, 1.540 paginas; o segundo, 696; o terceiro, 950; o quarto, 897; o quinto, 843; ao todo 4.926 paginas.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) louva o zêlo da Commissão executiva e salienta especialmente a solicitude do sr. secretario perpetuo do Instituto, que foi o secretario geral do referido Congresso. Enaltece, em seguida, os resultados desse certame.

— Procede-se depois á votação, em escrutinio secreto, dos seguintes pareceres da COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS, os quaes são approvados por unanimidade:

— «A Commissão de Admissão de Socios no cumprimento do que dispõe o art. 46 dos Estatutos, é de parecer que o sr. dr. Laudelino Freire, bacharel em Direito, professor do

Collegio Militar do Rio de Janeiro, advogado no foro desta capital, escriptor e jornalista, está perfeitamente no caso de ser admittido em nosso gremio, que muito terá a lucrar com a sua notavel capacidade e devotamento ás letras historicas. Assim, entende que o sr. Laudelino Freire, em boa hora proposto para a nossa companhia, deve ser por ella admittido como socio effectivo.

Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1917.—Dr. *Manuel Cicero Peregrino da Silva*, relator.—*Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*.—*Antonio Olyntho dos Santos Pires*.—Dr. *Benjamin Franklin Ramiz Galvão*.»

—«Cumprindo o que estabelece o art. 46 dos Estatutos, a Commissão de Admissão de Socios opina pela eleição, na classe dos effectivos, do sr. Agenor de Roure.

Tracta-se de um nome conhecido e acatado, digno portanto da investidura, e o Instituto adquirirá, sem duvida, nesse novo companheiro, mais um elemento para proseguir em suas nobres tarefas.

Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1917.—Dr. *Benjamin Franklin Ramiz Galvão*, relator.—Dr. *Manuel Cicero Peregrino da Silva*.—*Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*.— *Antonio Olyntho dos Santos Pires*.»

—«A Commissão de Admissão de Socios recommenda, com justa ufania, a aprovação da proposta relativa ao monsenhor Silverio Gomes Pimenta.

Tracta-se de um dos principes da nossa Egreja e, além disso, de um erudito, digno do maior acatamento.

A sua eleição para socio correspondente é um acto que se impõe a unanime applauso.

Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1917.—*Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*, relator.—Dr. *Manuel Cicero Peregrino da Silva*.—*Antonio Olyntho dos Santos Pires*.—Dr. *Benjamin Franklin Ramiz Galvão*.»

—«A Commissão de Admissão de Socios, tendo presente o parecer da Commissão de Archeologia e Ethnographia, referente á proposta do sr. dr. Roberto Lehmann-Nitsche para socio correspondente do Instituto, passa, de conformidade com o § 6° do art. 7° dos Estatutos, a emittir sua opinião sôbre a idoneidade e a conveniencia da inclusão do proposto em nosso quadro social.

O sr. dr. Lehmann-Nitsche é um nome vantajosa e largamente conhecido nos circulos americanistas pelos seus estudos anthropologicos e ethnographicos, tão importantes quanto meritorios.

Chefe da secção anthropologica do muito acreditado Museu de La Plata e cathedratico titular de Anthropologia das Uni-

versidades de La Plata e de Buenos Aires, tem o proposto, além destes, muitos titulos bastantes para lhe dar ingresso em qualquer corporação scientifica.

Assim, é a Commissão de parecer que a admissão do sr. Lehmann Nitsche no cadastro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro é um acto de justiça e solidariedade americana, que subscreve com a maior satisfacção.

Rio de Janeiro, 19 de Abril de 1917.— *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*, relator.— *Antonio Olyntho dos Santos Pires*.— Dr. *Benjamin Franklin Ramiz Galvão*.»

— «A Commissão de Admissão de Socios só tem palavras de applausos para a proposta que indicou o sr. dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello para socio correspondente. Muito lucrará o Instituto com a admissão desse dedicado e illustre compatricio.

Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1917.— Dr. *Benjamin Franklin Ramiz Galvão*, relator.— Dr. *Manuel Cicero Peregrino da Silva*.— *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*.— *Antonio Olyntho dos Santos Pires*.»

— «A Commissão de Admissão de Socios, no desempenho do que lhe estabelece o art. 46 dos Estatutos, examinou a proposta que apresentou o nome do sr. dr. Mario Carneiro do Rego Mello para socio correspondente do Instituto e acha que deve ser approvada, pois se refere a um esforçado cultor dos estudos historicos, sendo actualmente 1° secretario perpetuo do Instituto Archeologico Pernambucano.

Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1917. — Dr. *Manuel Cicero Peregrino da Silva*, relator.— *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*.— *Antonio Olyntho dos Santos Pires*.— Dr. *Benjamin Franklin Ramiz Galvão*.»

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente*) proclama: — socios effectivos do Instituto os srs. Laudelino Freire e Agenor de Roure; — socios correspondentes os srs. monsenhor d. Silverio Gomes Pimenta, Roberto Lehmann-Nitsche, Jeronymo de Avellar Figueira de Mello e Mario Carneiro do Rego Mello.

O Sr. Roquette Pinto (*2° secretario*) lê as seguintes propostas:

— «Propomos para socio effectivo do Instituto o sr. dr. Jonathas Serrano.

Seus trabalhos *Epitome de Historia Universal, A Colonização. Capitanias*, — these official que relatou no Primeiro Congresso de Historia Nacional, — *Um Vulto de 1817* —, outra memoria com que concorreu ao mesmo Congresso, ambas publicadas na parte I do tomo especial da nossa *Revista*, o seu ultimo opusculo *Methodologia da Historia na aula primaria* —, consti-

tuem um acervo que patenteia de maneira incontroversa o alto valor do sr. Serrano, cujo espirito de preferencia se dedica ás materias que são o fim do Instituto.

Elegendo o sr. Jonathas Serrano, o Instituto premiará os exforços de um estudioso, cumprirá o que resolveu em sessão de 28 de Septembro de 1914, quanto aos que tomaram parte no Congresso de Historia e dará justo testimunho de apreço a um dos mais illustres professores da Academia de Altos Estudos.

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1917.— *Fleiuss*.— *Araujo Viana*.— *Sebastião de Vasconcellos Galvão*.— *Roquette Pinto*.»

—« Temos a honra de propôr para socio correspondente do Instituto Historico o sr. dr. Bernardino José de Sousa, medico, professor do Gymnasio e da Faculdade de Direito da Bahia, primeiro secretario perpetuo do Instituto Geographico e Historico da mesma cidade, e auctor das seguintes obras que offereceu á bibliotheca desta Associação: — *Geographia do Piauhy*, — *A Sciencia geographica* — *Barão do Rio Branco* (elogio historico), — *A Bahia* (conferencia), — *Por mares e terras*, — e — *Nomenclatura geographica peculiar ao Brasil*, — que lhe servem de titulo de admissão.

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1917.— *Fleiuss*.— *Araujo Viana*.— *Sebastião de Vasconcellos Galvão*.— *Roquette Pinto*.»

Estas propostas são enviadas á Commissão de Historia, designando, o Sr. Presidente, relator da primeira — o sr. professor Basilio de Magalhães —, e da segunda — o sr. dr. Clovis Bevilaqua.

Tem, depois, a palavra o Sr. Fleiuss (secretario perpetuo) que lê o seguinte estudo:

— « FRANCISCO OCTAVIANO INEDITO

> « Formosa e original individualidade, fina e primorosa intelligencia, que, nas lettras, nas artes, na politica, no fôro, na diplomacia, na tribuna, na imprensa, deixa luminosos e indeleveis vestigios. Não sei porque, ao pensar nella, envolto nas nossas luctas partidarias, acode-me a idéa de uma graciosa columna de marmore hellenico, emergindo do meio de chatas e pesadas construcções.»

Foi com essas expressões que Affonso Celso, nosso actual presidente perpetuo, pela *Tribuna Liberal*, de 29 de Maio de 1889, rendeu a suá homenagem a Francisco Octaviano, por occasião da morte deste egregio Brasileiro. Sirvo-me dellas como epigraphe para este singello estudo sôbre um dos aspectos do grande vulto patricio, collocado por Ferreira de Meneses em nivel mais elevado que o do cantor do *Evangelho das selvas*. Ellas têm, com effeito, a belleza da precisão, a

nitidez, raras vezes alcançada, dos julgamentos perfeitos, lembrando as admiraveis syntheses com que Banville perpetuou em sua *Lanterne magique* as figuras que lhe foram contemporaneas.

Ninguem dirá, sem dúvida, que não fallam á nossa alma, numa evocação daquella personalidade tão preeminente. « O sentimento de uma phrase penetra-nos, mesmo quando enunciado em desconhecido idioma », exclamava o inolvidavel auctor do *Atheneu*. Esse sentimento mais nos impressiona quando, emittido em nossa formosa e opulenta lingua, traduz uma verdade de todos reconhecida. Não ha nesta casa quem não possua vívida a lembrança (aqui não ha por certo ninguem que as desconheça) das variadas e bellas producções de Francisco Octaviano, cuja biographia, quando tiver de ser traçada, pede o mesmo cuidado que dictou a Joaquim Nabuco a obra magistral — *Um Estadista do Imperio*.

Nascido em 1825, fallecido em 1889, formado pela Faculdade de Direito de S. Paulo em 1845, tendo exercido multiplos cargos, desde o de secretario da provincia do Rio de Janeiro até ao de ministro de Estado (que, todavia, não acceitou, por justos escrupulos de consciencia), deputado, senador, diplomata, havendo insculpido o seu nome no tractado da Triplice Alliança, assignado em Buenos Aires a 1° de Maio de 1865 com Rufino de Elizalde e Carlos de Castro, — por mais de trinta annos esteve Octaviano em accentuada evidencia na Politica nacional, e nesse largo trecho patenteou sempre uma série de peregrinas qualidades, intellectuaes e moraes, que o tornaram inexquecivel.

Fallando delle a meu pedido, para a revista que dirigi em 1906 — *O Seculo XX* — Sousa Ferreira, outro Brasileiro notavel, seu companheiro e amigo, concluiu dizendo: — « Só pretendi fallar da alma poetica e boa, que conheci e amei. O coração dictou, mas a mão vacillante não soube exprimir o sentimento. Cultos engenhos dirão delle merecidamente, porque foi real e proveitosa a influencia que exerceu no meio social. Litterato, — deixou em composições originaes ou imitadas, em verso e prosa, exemplos que recommendam pela elevação da idéa, atticismo, pureza e correcção de linguagem, na apreciação de obras alheias, sem entonos de mestre, nem demasias de complacencia. Soube graduar o merito, exaltando as bellezas e aponctando os defeitos; celebrou os talentos verdadeiros, animou os timidos, auxiliou os inexperientes. Estudando a indole e tendencia da nossa Litteratura, indicou o rumo que convinha seguir e os perigos que convinha evitar; não abriu eschola, não estabeleceu regras, lembrando sómente que a naturalidade no pensamento e na linguagem era condição essencial para commover e persuadir. Homem politico, contribuiu

com a penna e com a palavra para a victoria dos principios de liberdade, de justiça, de moderação. Sem ruido, sem ostentação, porque não tinha vaidade, sem odio nem rancor, porque era bom, — dirigiu o movimento dos partidos politicos, despertando energias desfallecidas, contendo impaciencias perigosas ».

Não se póde, em conjuncto, dizer mais nem melhor. E cada uma das faces aponctadas importa em outros tantos capitulos da nossa Historia, que, exclarecidos, porão em evidencia a acção do protagonista e a collaboração geral dos que nella tiveram parte.

Difficilmente se deparará ao investigador dos nossos annaes um contemporaneo que, alvo de conceitos tão elevados, se haja aos mesmos imposto, não como tributo desapreciavel da lisonja, do interesse ou da condescendencia, porém como um direito que todos se compraziam de render-lhe.

Veja-se, por exemplo, o que no Senado do Imperio proferiu Paulino de Sousa, que o presidia, ao receber a nova do fallecimento de Octaviano, seu collega daquella Camara Alta:

— « Tive a honra de encontra-lo como principal adversario politico, durante longos annos e em porfiadas luctas: coube-me, porêm, tambem a fortuna de ser, desde os mais verdes annos, seu sincero e particular amigo.

Pude, assim, melhor do que outrem, conhecer de perto e estimar devidamente as suas raras qualidades, porque na vida pública me via com elle frente a frente, em repetidos ensejos de admirar a superioridade do seu espirito, a elevação do seu character, a nobreza dos seus sentimentos, e na vida privada, encantava-me na contemplação das suas virtudes de chefe de familia e de homem social, na expansão das nobilissimas disposições do seu affectuoso coração.

Litterato, que modelava as suas concepções pelos primores da pureza classica; jornalista sem rival em nossa imprensa politica, — Francisco Octaviano não achou horizontes que não pudessem ser abrangidos por sua vasta e formosa intelligencia. Diplomata, prestou relevantes serviços no Rio da Prata, em uma quadra memoravel; publicista, allumiou e firmou muitos ponctos do nosso Direito público e administrativo; orador, characterizava-se pela incisão e sobriedade, que são o apuro da eloquencia parlamentar, dizendo o mais possivel no menor número de palavras; estadista, teve sempre a intuição das circunstancias e das necessidades politicas de cada épocha; chefe de partido, era idolatrado por seus correligionarios, que acconselhava e guiava sempre com moderação e firmeza com decisão e prudencia.

Na phase da reconstituição de seu partido depois de 1860, Francisco Octaviano não era sómente o arbitro da nossa Po-

litica: póde-se dizer que elle foi então o partido liberal. Seu adversario de tantos annos e em tamanhas luctas, praz-me, senhores, ainda antes de se confundirem com a terra da patria os seus ultimos despojos desta vida, honrar deste logar a sua memoria, e, no momento de recolher-se o seu elevado espirito á esphera serena de luz e harmonia, onde mais resplandesce a omnipotencia divina, render-lhe a homenagem do meu reconhecimento, e tambem em nome da provincia que represento.»

Lafayette Rodrigues Pereira traçou de Octaviano o seguinte perfil, que tambem não posso furtar-me á necessidade de transcrever, não obstante o accúmulo de citações, pois que todas estas servem para engrinaldar o vulto do benemerito compatricio:

—«Octaviano foi porventura o Brasileiro que no último seculo escreveu o portuguez com mais pureza, propriedade, graça e elegancia, reunindo o dom da clareza á excellencia da concisão. Tudo que caïu da sua penna, versos, folhetins, critica, artigos politicos e *até as cartas particulares*, são primores de pensamento e de phrase. Comprehendeu e realizou, melhor do que ninguem entre nós, o typo do que é e do que deve ser o jornalista politico, esse agitador de idéas e discutidor de factos. Interpretava, com maravilhosa sagacidade, o pensar, o sentir, as preoccupações e ancias do dia, e as traduzia em artigos curtos, vivos, incisivos, scintillantes de espirito e de finissima ironia, sempre á luz e sob a logica dos seus principios. E' ahi que está o segredo da magica influencia que exercia na opinião pública. Cada leitor sentia-se encantado, porque se lhe deparava expresso numa lingua clara, e formulado cheio de nitidez e precisão, o que na mente lhe fluctuava vago e indeciso. Na critica litteraria, culminava por um juizo firme, seguro, infallivel, que desenvolvera, educara e fortificara na cultura intelligente dos mais bellos monumentos das lettras antigas e das modernas. Deram-lhe os contemporaneos, e com plena justiça, o sceptro da Critica.

«As Semanas», que, por muitos annos, escrevera para o *Jornal do Commercio*, são verdadeiros modelos do genero, que ainda hoje entre nós não foram egualados. Nas poucas composições poeticas que deixou, — que delicadeza de sentimento, que formosura de ideaes, que harmonia de lingua, que atticismo! Octaviano possuia ainda, em grau eminente, os talentos do homem de Estado. Intelligencia de rara penetração, via com admiravel segurança o dia de amanhã. Sabia o passado e tinha intuição do futuro. Não cultivou com assiduidade a tribuna politica, mas os discursos que proferiu em uma e outra Camara, de que foi ornamento, — pela solidez e elevação do pen-

samento, pela correcção da fórma, pela perfeita intelligencia das circunstancias do debate, pelo espirito, pela agudeza e velado do sarcasmo, — lhe asseguraram, fóra de toda dúvida, as palmas de orador parlamentar.»

Não desejo, porém, com um exordio demasiadamente longo, desnaturar o fim desta palestra: — vou, por conseguinte, resumir, para não perder o alvo collimado.

Ha um aspecto da vida de Octaviano, que a muito poucos foi dado conhecer e que hoje se offerece completamente inedito. E' a sua expansão intima, em cartas pertencentes ao archivo do nosso Instituto, — umas dirigidas a José Carlos de Almeida Arêas, visconde de Ourém, e outras a José Antonio Saraiva.

Nessas páginas de intimidade flagrante, escriptas sem receio da publicidade ou mesmo da simples divulgação, — e, no entanto, escriptas com o mesmo estylo encantador das demais lucubrações do illustre Brasileiro, — é que se revelam, a toda luz, os altos predicados do seu espirito e a grandeza de sua alma, cujos estados se denunciam, segundo as vibrações do momento, sem resvalar nunca na banalidade e reflectindo toda a extensão do seu valor pessoal.

A primeira série de cartas, catalogadas na collecção «Ourém», abrange o decennio de 1844 a 1854. Constitue, portanto, a expansão de um amigo a outro da mesma edade, ambos na primavera da vida, ambos cultos, — *ambo florentes aetate, arcades ambo,* — ora confidenciando dissabores que parecem trazer em seu bojo o mais tetrico porvir, ora entretecendo illusões, ora vibrando gritos de alegria pela victoria facil desses tempos primeiros da existencia de um grande espirito.

Octaviano e Arêas eram, nessa epocha, como ermãos. Viviam na comparticipação immediata de todas as sensações. Si a distancia os separava, approximava-os espiritualmente a mais assidua e affectuosa correspondencia.

E quem era José Carlos de Almeida Arêas?

O visconde de Ourém, na expressão feliz e justiceira de eminente publicista que o conheceu muito de perto, foi — «o jurisconsulto que, no extrangeiro, mais honrou o Brasil e mais serviços prestou ás lettras juridicas».

Nascera tambem no Rio de Janeiro em 1825; formou-se em S. Paulo em 1849, e exerceu diversos cargos publicos, chegando a director geral do Contencioso e depois a ministro do Brasil na Inglaterra. Pertenceu ao nosso Instituto. Fez parte de diversas commissões importantes, quaes a do inquerito sôbre o estado da circulação, a do exame do projecto de Codigo Civil de Teixeira de Freitas e a do exame do Acto Addicional, em que teve como companheiros a Pimenta Bueno e Francisco Octaviano.

Nos ultimos tempos, não podendo, por falta de saude, continuar na carreira diplomatica, foi nomeado superintendente geral da immigração na Europa, cargo que resignou, quando foi proclamada a Republica, mas ao qual voltou, em virtude de instantes solicitações do Governo provisorio.

Deixou diversos trabalhos dados a lume, entre os quaes salientarei os seguintes: — *Quelques notes sur les institutions de prevoyance du Brésil* (Paris, 1878, e Pau, 1878, 50 págs. *in-8°); Le Brésil, Notice général sur la session parlementaire, 1817* (Paris, 1878, *in-4°*, *separata* do *Annuaire de législation étrangère, publié par la Société de Legislation Comparée*, t. VII); *Le Baron de Cotegipe. Esquisse biographique* (*extrait du journal Le Brésil*, Paris, 1877, *in-4°*); *Brésil* (artigo em collaboração na *Grande Encyclopédie*); *Le Brésil par E. Levasseur, avec la collaboration de MM. de Rio Branco, Eduardo Prado, d'Ourém, etc.* (Paris, 1889).

O barão do Rio Branco, — glorioso nome que nesta casa se ha de sempre repetir com o mais augusto respeito, — tributava os maiores louvores á collaboração de Arêas no *Le Brésil*, de Levasseur, pela competencia com que tractou elle da legislação brasileira naquella esplendida collectanea sôbre a nossa patria.

E' de facto, um estudo summario, mas exactissimo, de todas as nossas leis, desde a promulgada pela Constituinte, a 20 de Outubro de 1823, adoptando como nacional a legislação da antiga metropole, até aos ultimos actos e disposições promulgadas no Brasil, ao tempo da publicação da obra de Levasseur.

Cumpre consagrar algumas palavras á passagem de Arêas pelo nosso gremio.

Proposto para socio, em 16 de Outubro de 1885 a Commissão de Historia, pelo parecer de Joaquim Norberto de Sousa Silva e Manuel Duarte Moreira de Azevedo, disse serem as obras do então barão de Ourém dignas do mais alto apreço, e em 1886 a Commissão de Admissão de Socios, em juizo firmado por Olegario Herculano de Aquino e Castro e barão de Teffé, applaudia a sua entrada em nosso sodalicio. Tendo Arêas fallecido na Europa a 29 de Junho de 1892, o orador do Instituto teceu-lhe sentido necrologio na sessão magna de 15 de Dezembro do mesmo anno.

Passo agora a ler algumas das cartas de Octaviano ao seu grande amigo, não sem o cuidado de omittir alguns nomes, que fôra grave indiscreção publicar.

A primeira — note-se que obedeço á ordem chronologica, refere-se aos amores dos vinte annos e ás theorias singulares, mas evidentemente sinceras, que o talentoso Brasileiro, satu-

rado do romantismo dominante naquelle tempo, bordava então a respeito da mulher.

Ei-la:

«20 de Janeiro de 1845, 11 horas da manhã. Arêas — Hoje estou completamente calmo, até estou alegre. Acabei de escrever ao Costa um bilhete todo mundano, todo de futilidade. — Por conseguinte, o que te eu disser não é resultado de alguma sensação dolorosa. Repito-te, estou calmo —. A. X., typo especial de organização excentrica, genio de poeta em corpo delicado, de que só podem dar idéa as fórmas vaporosas dos cantos de Ossian ou as vozes phantasticas dos contos de Hoffmann, não sei por que contrariedade fatalista, não é em cousa alguma a mulher de meus sonhos, e bello ideal de minha imaginação. Será por que sou materialista? Será porque sou espiritualista? Nem eu mesmo sei o que sou, como saberei a causal de minhas tendencias? A mulher deve (a meu pensar) reunir ao angelicismo, que resolve nossas aspirações celestes, — fórmas terrestres que fallem aos nossos frenesis....

A mulher deve ter o coração e o intimo sentir da virgem, e o appetite da cortezã. Si eu fôra poeta da palavra, como o sou do pensamento, havia de fazer uma epopéa satanicamente divina da mulher de meus sonhos.

Sei que é um monstro, que se não realiza segundo o pensar quasi universal. Porém, será completamente exacta essa opinião?

Portanto, já vês que a X. não póde entrar em scena, quando se tracta de paixões: respeito-a, idolatro-a, porém como idolatro uma ermã, ou antes, a X, não é para mim uma mulher, é só a primeira parte do meu poema, é um anjo.

Mas — dirás tu — porque então deliravas (deliras, talvez) pela XX? E' incontestavel que ahi só ha a materia, as fórmas de demonio, a argilla bem preparada, o vicio em germe; — nada existe de poetico. Concordo que pelo lado psychico — só achamos na XX. inaptidão ou nullidade. Porém (aqui vem o materialismo) as fórmas !... as fórmas !... Logo, pódes concluir, não ha dúvida de que o teu romance-mulher se resolve em uma massa de carne amoldada para o prazer. Eis ahi o *difficile* do systema.

Em verdade, eu sou um amalgama de incoherencias. Eu quero a mulher, mais pelos resultados physicos do que pela belleza moral. E, por isso, sou mais inclinado ao culto da Venus pagã do que ás lendas do Christianismo, que divinizam as Onze Mil Virgens. Porém, como ao mesmo tempo tenho concepções tão espiritualistas acêrca do Bello? Talvez possa explicar o meu desvio pela XX. Lembras-te daquella expressão de Hugo

Foscolo — «mulher de circunstancias criticas?» Pois bem; — em um dia de muito pensamento, de muita tristeza, de muito humor, de muito byronismo, — eu pensei, zanguei-me, e julguei que devia ser infeliz, tivesse ou não motivo para isso. — Era o terceiro dia da minha estada em S. Paulo. Por experiencia propria, deverás saber o que é um terceiro dia em São Paulo, quando se ha deixado familia, amigos de infancia e de collegio, e illusões tão gratas! Ora, desde pequeno, notavam em mim os velhos e os experimentados uma tendencia ao desregramento, — que no estylo parlamentar se chama scepticismo. Pois sim, eu duvidava, — mas então duvidava só do mal: hoje, duvido do bem.

Assim, portanto, sceptico e misanthropo antes de tempo, fui á casa do Gavião entregar uma carta *of apresentation*, como diz o caustico Fielding.

Antes de tudo, note-se que eu havia deixado os bancos das escholas e que, percorrendo a historia, só achara tres periodos poeticos: — republicas romana e grega, feudalismo e revolução franceza —. Ora, quem ha que, lendo essas paginas da edade média, esses torreões, esses castellos feudaes, e no meio delles as formosas castellãs, com a sua aristocracia de fórmas e maneiras, com suas pretenções de hierarchia, dominando as vontades de seus rusticos senhores, excitando as proezas nos torneios e batalhas, — quem ha, digo, que não lhe sinta bater o coração, não deseje trocar os dias de hoje, dias tão mercantilmente nojentos, pela existencia dessas éras? — Oh! o poeta! o poeta! exclamas.

Porém, eis-me com a minha carta de apresentação: entro no salão do castello, e após longo aguardar, como diria um jornal de nossas cousas, — apparecem as senhoras.

Terás observado que a XX, no primeiro relancear de olhos, quando se assenta negligentemente, é uma bella mulher. Não sei por que descuido da Providencia (a Providencia!...) eu a vi, e é verdade que estava tão triste e tão silenciosa, que evoquei as reminiscencias dos seus estudos historicos. — Pensei no destino dessas bellezas desgraçadas, de que tanto nos rezam as chronicas da Cavallaria —. Dahi a fascinação.

Portanto, a XX, é para mim uma impressão, — talvez inextinguivel. Amo-a — hoje póde ser que por systema, ou, como dizes, por organização. No decurso da minha vida tenho visto mulheres mais bellas, mais romanticas, mais typicas. Porém, nenhuma dellas é a mulher das circunstancias criticas.

E agora, dirás tu, o que esperas? Espero... espero não sei mesmo o que. Mas o que sei é que a amo. E vê como são as cousas tão fatalmente arranjadas, pelo que te vou contar. Tendo sondado a razão que me ligava á XX, resolvi curar-me

homœopathicamente. Ha dias, acordei tendo nauseas da vida, tendo nauseas de tudo — bom, estou byroniano. Recebi uma carta de um credor pedindo dinheiro, quando eu não tinha real: — bom, estou poeta. Contaram-me que um amigo fôra maledico a meu respeito: — bom, estou sceptico.

Byroniando, e poeta, e sceptico, saí de casa e fui á chacara do Luiz ver a X. Não estava em casa. Ora, si estivesse, si eu a visse tão pallida, como está sempre, com os seus olhos celestes, com sua testa de grande genio, com seus cabellos castanhos, pensativa, deslisando as mãos de uma pallidez morbida por sôbre o teclado e traduzindo por sons as suas dores e visões de artista, o que se seguiria?...

Tres horas, agora acabo de jantar e de beber á tua saude. A Anninha entregou tua carta. A resposta foi que te não escreveria. Deixo os commentarios ao teu Haroldismo.

Sê mais feliz do que teu amigo — *Octaviano*.»

Esta outra, escripta cêrca de tres mezes depois da anterior, contém referencias a varios politicos eminentes do Imperio, entre os quaes o depois visconde de Sepetiba, e a occurrencia da vida social e mundana do tempo. Della reçuma tambem a vívida saudade, nimbada de triste desesperança e delicados augurios, do amor que lhe redourara a alma em S. Paulo.

Rio, 13 de Abril — Arêas, amigo — Recebi a tua de 30 do passado, estando em casa do Moreira, onde empreguei logo tuas recommendações, que retribuidas foram. Em primeiro logar, dize ao João Motta, si o vires, que dê cópia de sua figura.

O Aureliano deu baile sabbado passado, e hontem partida. Convidado para ambos, a nenhum assisti. Hontem estive até 12 horas da noite em casa de Manuel Felizardo. Hoje estou só, na cidade, em nossa casa, porquanto minha familia está na chacara de minha ermã: só e saudoso. Sinto bem a reprovação do Brusque, e mais sentirei si Machado levar algum *r*; tudo ha a receiar dessa gente! E eu que me ia sujeitar aos Vandalos! Li no *Jornal do Commercio* os versos do gentilhomem Vergueiro: serão do mesmo Vergueiro de 1842?

Apreciei o que me disseste das serenatas do Robio. Bravo! muito bem!

A semana sancta esteve, como de costume, esplendida; pouco folguei, por não ter com quem. Hontem tocou-se a polka no Convento de S. Bento, no orgão da egreja, na occasião de apparecer a Alleluia! Bravos!

De quando em quando — sumido sim, porém ainda amargo — um sentimento que outr'ora tanto me deixou, apparece meio saudoso, meio ironico, quasi um *ricordar dei tempi felici nella platitude*. Bem sabes por quem. Deus a fade e os homens a

venerem, e S. M. lhe dê um bom esposo, com farda bordada e botões de metal. Quanto a mim...

Mais pedra de escandalo: — tocaram-se em S. Francisco de Paula quadrilhas francezas; em S. Bento, além da polka, na occasião do *Gloria*, tocaram aquella arietta da «Rosalina», no *Barbeiro*.

Para mais civilização — *bal masqué aujourd'hui, sous la direction de son excellence Abreu e Menezes.*

São tres horas da tarde: — vamos ao infallivel, monotono e estupido jantar. O Cabral da Candiani convidou-me para ir ouvi-la! Bem a *contra-coeur* lá não fui.

Adeus, meu amigo. Nosso Senhor Jesus Christo te conserve piedoso, bom, estudioso e amigo do — *Octaviano*.»

Eis agora uma das cartas mais interesasntes da expansão intima de Octaviano a Arêas. E' o reflexo perfeito da instabilidade de temperamento de um moço de 23 annos, confessados nella. Ao lado de um desanimo absoluto, que lhe dava a antevisão de um lobrego futuro, aquella alma romantica, influenciada de mais pelas operas tragicas cuja audição não perdia, — não sei si attrahido pela boa musica ou pelas fórmas esculpturaes da Candiani e da Adeodata Lasagna, á formosura da qual se referia em outros documentos, que deixo de citar, por excessivamente licenciosos, — comprazia-se ao mesmo tempo em alardear descrenças profundas e menospreço pela mulher, quando da penna lhe caïam confidencias sinceras que oppunham a isso o mais formal desmentido. E' o que se verifica pelas linhas seguintes:

— «6 de Julho (de 1848) — Meu Arêas — Eram 11 horas da manhã: o dia estava chuvoso e feio. Vesti-me, mandei vir um tilbury, fui ao Pharoux, pedi almoço, e assentei-me em frente do mar.

Em frente do mar pensei em ti. Cheguei a Santos, subi a serra, passei o Ipiranga, apeei-me em tua casa, abrecei-te, deitei-me em tua cama, accendi um charuto, e conversámos. Oh! que deliciosa conversa! nossos tedios, nossos amores, nossas saudades; musica, mulheres, estudo, litteratura, teus versos, os meus; o Rio, o theatro, o baile, as mulheres de cá, o Cosme, as minhas tardes, a rêde, os arrebóes do sol no oceano; os velhos tempos; a X, a XX, a S., a outra, a N., os passeios á Luz, ao O', os braços redondos, a Varzea, o Charles; enfim, tudo nos lembrou e sobre tudo conversámos...

Veiu o *garçon* tirar-me de lá para o hotel e para o almôço. Almocei, paguei, saí, e eis-me de volta, morno, tibio, estupido e não sei que mais.

O tempo vai serenando: hoje temos *Favorita* nos Francezes e *Prisão de Edimburgo* nos Italianos. Na primeira es-

tréa-se Mme. Harliow, voz stentorea, lasagnesca, mas afinada; na segunda canta a Candiani a parte de «Joanna», louca por desespêro de amor, como sabes.

E' a melhor cousa que a Candiani tem cantado, depois do seu reapparecimento; a redacção não foi bôa; é a parte que a Candiani tem cantado melhor, depois de seu reapparecimento, porque acima de tudo está a *Somnambula*.

Quanto de ti me lembrei, sempre que ouvia a *Somnambula*! Que musica suave, doce, melancholica, simples e bella! Que idéa feliz a de uma pastoral (a phrase cheira a egreja), a de um idyllio, em que a moça mais fiel tem de soffrer as desfeitas do seu amante, que a suppõe traidora, e que por fim se desengana e se congraça com ella! Que motivos musicaes tão novos, tão tocantes!

E que musica oportuna! Ha tempos a esta parte tenho soffrido tanto, tenho sentido tanto, que as emoções tristes me fazem bem, me commovem e me deixam o coração mais desafogado.

A pobre da Leopoldina, temo-la visto varias noites em agonia, a luctar com uma molestia cruel, que ora parece extincta, ora reapparece com furor. Temos pouca esperança de que os nossos cuidados e votos tenham fructos.

Ella ainda não poude ir para o Rio-Comprido, cujos ares, ao dizer dos medicos, poderão ser proficuos.

E é assim, meu Arêas, que vai a minha vida se escoando neste Rio de Janeiro, sem vislumbres de melhor futuro, ou, antes, com certeza de empeioramento.

Não penses que é ainda isto um discorrer da penna nos dias de *spleen*: é uma triste convicção que de ha muito me calou na alma, ainda no Cosme, e da qual já te dei parte. Estou com 23 annos e já estragado, prematuramente velho, descrente, desapontado, não tenho acção, não tenho intelligencia; não posso trabalhar com consciencia, nem pensar com calma: julguei-me muito elevado, assim me fizeram crêr que o era as lisonjas dos que me cercavam, e hoje conheço que as azas, que sobracei, eram azas de Icaro, com as quaes, si ainda pretender voar, nem ao menos terei a honra de ir dar um nome ao caudaloso Erydano, mas sim a vergonha de me sumir em algum fosso enlameado. — O mesmo me succedeu com as mulheres e com tudo; tanto pensei nellas e tanto as poetizei, que hoje soffro dellas e por ellas tudo o que o reverso do quadro devia de me trazer.

A mulher está em mim, dentro de meu pensamento, dentro de meu coração, com todas as nevoas da poesia e com todos os raios do amor; mas, quando abro os olhos, quando applico o ouvido, quando fallo, quando a toco, encontro as nevoas

e os raios, porém, sem poesia e sem amor; a mulher então é prosaica, desenxabida, insulsa, garrida, ridicula e sobretudo estupida... termo fatal e idéa mais fatal ainda! Não comprehende, nem sonha, que ha uma fibra de mais no coração do homem-poeta, um sentir mais particular, que corresponde, no som, ás vibrações; na perspectiva, ao crepusculo; nos aromas, ao perfume da violeta; sentir que não acha echo nas sensações ordinarias e comezinhas, mas sim nas sensações vagas e indefinidas, como quando nos engolfamos na vista do oceano, nas nuanças do céo, no murmurinho do campo; sentir, enfim, tão delicado, que uma palavra mais aspera, que um gesto mais rude nos causa uma dôr, um quebrantamento interior, que não se explica...

Póde a mulher de nossos dias, de nossa sociedade, comprehender isto? Na edade média e (meu Deus! que tempo!), a mulher, com a mão na face e com o cotovello na pedra lisa da janella do castello de seus paes, podia ter sentimentos mais generosos. As guerras, os torneios, as justas, não eram da natureza dos traficos e mercadejamentos de hoje: o merito do homem e o seu valor não se escreviam com cifras, porém, sim, com sangue e com feitos de bravura.

A moça, piedosa e de altos pensamentos, commovia-se com a narração dos perigos que o pobre cavalleiro affrontara, com os seus rasgos de valentia e de nobreza de alma, e, á maneira de Desdemona, suspirava, e este suspiro era já de affeição singela, sem cálculo.

Hoje, estraga-se a menina, vicia-se a natureza, e aos 15 annos compram-lhe um marido ou vendem-n'a a um marido.

«11 1|2 da noite — Fui aos Italianos e aos Francezes. Vi tua mãe e fallei-lhe. Até amanhã. Cantou-se a *Prisão de Edimburgo*. A Candiani cantou bem. — Sempre louca e sempre pelo mesmo motivo, quer na scena quer em casa! — Lá encontrei o Justiniano e fallámos em ti. Adeus.

6 de Julho, á 1 hora da noite — Fôra crime não te consagrar duas linhas hoje: estou com somno, porém quero dizer-te que saio da Philarmonica, onde houve ensaio geral, e a Henriqueta cantou maravilhosamente. Como era ensaio, e havia pouca gente, estive da parte de dentro entre as duas ermãs, e que noite! A H. deu-me um cravo, ou, melhor, consentiu que eu a despojasse de um cravo; estou agora mesmo aspirando-o. Não o sentes, meu amigo? Aqui te deposito uma folha, que toquei. Disse-me de passagem que amanhã (hoje) iam á *soirée* Castilho e que eu devera ir; exprobrou-me não ter ido á partida, para que me haviam convidado, etc. A Mariquinhas conversou commigo sôbre a nossa infancia, sôbre os dias em que brincavamos innocentemente.

Que composto de contradições que eu sou! — Veja-se o que te escrevi hontem, e este phrenesi com que fallo daquellas duas ermãs. Adeus.

9 horas da noite — Acabo de escrever ao Paula Sousa uma longa, enjoativa e prosaica exposição acerca de tres methodos de constituição das Secretarias de Estado, que nos chegaram, dous da Inglaterra e um dos Estados-Unidos. Tomei algumas medidas para o meu estabelecimento typographico, que pretendo montar. Fiz as contas da *Gazeta* do mez passado, e mandei-as ao Cesar, para leva-las ao Thesouro. Parece que não é pouco o que tenho feito; mas convém declarar que, depois que me despedi de ti, tive uma dôr de dentes que me tirou o somno; em consequencia do que, vim para o escriptorio ás tres horas da noite ou da manhã, e já são nove passadas. Chega-me agora o rapaz da casa de minha mãe, e diz-me que a Leopoldina está melhor.

7 de Julho — 8 da manhã — Fui hontem á *soirée* Castilho. As *mulheres* não foram: *disappointment* ! Havia algumas moças interessantes, v. g. a Guido; porém eu preferi jogar. A ausencia *dellas* fez-me ganhar 37$ ao voltarete a tostão. O que são cousas desta vida ! Si estivessem presentes, eu teria perdido, naturalmente.

8 de Julho — Vou fechar esta. Hoje estou de *blue devils*. Adeus, meu amigo. Até á proxima.

« Teu do coração — *Octaviano*.»

Esta outra ainda fere a mesma tecla, isto é, constitue uma curiosa gamma de sentimentos, não direi insinceros, mas inadequados á venturosa e florea existencia do moço patricio, que não podia e não devia ter o desalento cruel, que apregôa nella. Longa e elaborada com interrupções, exprime varios estados de alma do seu signatario, encerrando, como as já precedentemente citadas, interessante apreciação da mulher, que era these muito do agrado de Octaviano, e lindos trechos descriptivos, que a penna scintillante do joven poeta lançou despretenciosamente no papel.

Ei-la:

« Rio — Meu querido amigo — E' a primeira vez, desde que partiste, que tenho vontade de conversar largamente. Não sei que lethargia me tomou durante todo este espaço decorrido desde a tua partida até hoje, que tinha tedio até de vêr papel e pennas: não sei o que se passa em mim actualmente; o que é facto é que tenho necessidade de silencio, de repouso, de fechar os olhos e de sumir-me por ahi afóra nas minhas recordações, nos meus desejos, nos meus sonhos, e tanto e tanto,

que ás vezes se vão horas e até mesmo dias inteiros, sem que outra cousa eu haja feito mais do que sonhar acordado.

Poesia! — dirás tu. — Não, meu amigo: é um tedio de livros e de lettras; é um enjôo da vida, que se traduz nesta lethargia: talvez mesmo eu já esteja gosando dos gosos precursores da morte. Não ha aqui a menor sombra de phantasia, nem de *spleen* de poeta: ha simplesmente verdade. O teu amigo está perdido para tudo o que ha de emoção, vai-se atonizando a pouco e pouco, e, quando chegar o seu *consummatum est*, nada terá que o prenda a este mundo, como uma lembrança, uma saudade, nem mesmo uma aspiração.

Tambem deu parabens ao meu destino, por ve-lo assim! E por que não? — Moço, tendo tido tantos sonhos mallogrados, tantos desejos loucos, e que por loucos ficaram sem realização, consumido interiormente por uma desorganização que cedo ou lentamente me levará á sepultura, — si não fosse este enjôo em que vivo e esta paralysia moral, por certo teria de soffrer horrivel desespero, pensando no miseravel quinhão que a sorte me partilhou, sem dar-me o direito de renunciar o legado; digo-o assim, e é verdade, porque nem ao menos tive uma natureza forte, uma constituição energica, que me permittisse soffrer a sangue-frio o mal physico.

Enfim, meu querido, estou preparado, e até acceitarei hoje o desenlace como uma peripecia ajustada da eschola classica, que já se adivinha desde o primeiro acto do drama. Assim, nem o theatro, nem a musica, nem o passeio, nem a conversa, nem a leitura, nem *ellas* e *ellas* me causam prazer que dure, nem emoção que excite. Toda a semana sancta, passei-a no Cosme, trancado, deitado e fumando. Apenas jantei hontem, domingo, em casa de Don'Anna, porque a muita chuva impediu que minha mãe viesse jantar commigo. As noticias da Revolução franceza, improvizada e inesperada, nem me causaram espanto. A conversa, a politica, as traquinarias, nada me attrahe. A semana passada jantaram commigo aqui no Cosme o Wanderley e o Ferraz: enjoaram-se de mim, apenas pude jogar para entrete-los. Quando terá fim esta estrophe de enjôos? O que presagia ella?

Que falta me fazes, Arêas! No meio de todas as minhas desgraçadas aberrações, no meio dos meus desregramentos e phantasias, quando tudo se conspira, fortuna, pensamento e molestia para me fazerem miseravel, tu, meu querido e paciente amigo, com tua dedicação, com tua delicadeza de sentir e de amar, com tua engenhosa amizade, me poderias galvanizar e restituir a serenidade. Até nisto o meu destino é calculista: põe-te longe de mim, quando preciso tanto de ti! Seja! Resta-me o direito de cantar elegias e de dizer como o rebelde e

carrancudo Milton: «A lucta vai travada; nossas magestades se encontram. Que me importa o teu raio, si eu tenho o orgulho de despreza-lo? Elle passa por deante de meus olhos, mas não os offusca; olha para as minhas sobrancelhas, conservam-se immoveis; nem um só pestanejar meu, nem uma pulsação mais apressada, nem um passo para traz. Qual de nós dous é o mais forte?».

Depois, meu Arêas, tudo isto não é mais do que um transitorio muito podre, muito sem valor. Para que, pois, transigir com cousa que não vale as honras de uma transacção? Eu podia, por exemplo, interpôr a auctoridade da minha razão no meio dos desvios da minha imaginação, e dirigir á vida, de olhos fechados, um *ultimatum* concebido nos termos de guerra. Podia, depois, atirar-me ahi pelo mundo, comer, beber, passeiar, flanar, fumar, dansar, ganhar dinheiro calumniando e enganando (imprensa), enganando e calumniando (advocacia), e tomar o meu quinhão de venturas e gosos da terra. Podia flautear uma mulher, po-la na minha casa, chama-la *minha mulher*, ter meus filhos, crea-los sancta e honestamente, atura-los, corrigi-los, dar-lhes comida, pô-los na eschola, leva-los á missa, ve-los crescidos, faze-los doutores, para que me substituissem no esteiro aberto de ha milhões de seculos. Podia depois retirar-me a um convento, comer á farta, dormir fofamente, jogar o gamão, rezar no côro e morrer em cheiro de sanctidade. Tudo isto fôra possivel e esta epopéa só não seria rematada, si alguma defluxão, ou febre, ou indigestão, me espetassem numa cama e dahi me remettessem com porte seguro para a cova. Porém...

«E é este — *porém* — que paralysa precisamente as endechas burguezas deste tão bem rimado archi-poema. Este *porém* encerra tanta seccatura, tanta vilania, tanto aborrecimento, tanto tropeço a vencer, tanta frialdade de coração, tanto não sei que, tanto suor, que causa nojo e repugna. Volta, portanto, o estribilho: — «Porque transigir com cousa que não vale as honras de uma transacção?» — Em abono meu, convém dizer que ensaiei alguma transacção. E, pelo que toca ao arranjo da vida, bem sabes que, quando é preciso, trabalho e cumpro os meus deveres.

Rio, 26 de Abril. — Houve uma interrupção na minha carta e esperava eu que, ao tomar da penna, tivesse na alma mais calor e no coração mais vida. Acabo de ler uma carta feerica tua, que muito bem me fez e que, porém, mais me azedou. Pobre amigo, como te illudes com as cousas e com *ellas*! Todas, sem a menor excepção, estão definidas naquelles versos de Shakespeare, inspirados, talvez, por um dos momentos de reflexão:

Disdain and scorn ride sparpling in her eyes,
Misprising what they look on, — and her wit
Values itself so highly, that to her
All matter else seems weak. She cannot love,
Nor take shape, nor project of affection.
She is so self-endeared!...

(O desdém e o desprezo faiscam de seus olhos, desprezando o que olham, e seu espirito se estima a si tão alto, que para ella tudo parece de pouca monta. Ella não póde amar, nem conceber nenhum sentimento, nenhuma idéa de affeição, tal é o amor que a si propria tem, e tal é a conta em que se considera...)

Arêas, nem é occasião de te dizer mais; eu estou fatigado; tenho hoje bilis; basta dizer-te que fui á cidade e que estive com o Limpo e com o José Carlos, meus assassinos, que tomam a peito, de ha tempos a esta parte, enjoarem-me, e aos quaes, talvez, para livrar-me de obsessões, me renderei decididamente, e o Diabo que me tenha em seu poder, e tudo isso que se acabe.

Tudo o que ha de nobre e de honesto nos moços deve desapparecer, e, si o limo faz surgir alguma borbulha escura de lama podre, tanto melhor: seja assim.

Até ao depois.

27, ás seis horas da tarde — Hoje vivi um pouco a vida de poeta: foi bello o pôr do sol, e eu o contemplei deitado em um marachão de relva. O céo estava nuançado de côres prismaticas, que não ha como descreve-lo: tudo em tôrno era magia, enlevo e suavidade. Fez-me bem esta tarde, porque eu não nasci para inglez; tenho muito de meridional no sangue e na imaginação, e os meus gostos devem sentir-se disto. Eu gosto do céo formoso, das arvores viçosas, do pôr do sol, do canto das aves, da fragrancia das flores; gosto da poesia, como a sabem fazer em acção os turcos e os arabes; gosto das tradições mourescas de Granada, dos descantes hispanhóes, da vida folgada e sensual; gosto, enfim, do paraiso dos agarenos. E gosto, sobretudo, meu caro amigo, de pensar em ti, no bem que me queres e que se revela em tudo o que fazes, em tudo o que cogitas. Hoje, portanto, estou de veia: e ponho de parte o *spleen*, para atirar-me aos sonhos. Sonhar, sonhar... E sonha tu tambem, porque de nós se póde dizer o que li hoje em uns versos de Cowper e que copío:

There is in souls a sympathy with sounds,
Some chord in unison with what we hear
Is touch'd within us and the heart replies —

e, por isso, — *a noi prescrisse it fato illacri mata sepoltura.*

Hoje estou em veia. Deixa que pedantize contigo. Vá que a noite seja de poesia. A poesia não é mais que o desen-

volvimento daquelles versos de Cowper. E' um sentir mais exquisito mais delicado, mais extravisual (que barbarismo!), mais intimo...

Querido, bem te dizia eu que não posso ser alegre; agora que ia aproveitando este ensejo, pede-me Leopoldina para leva-la á casa de Don'Anna. Até á volta.

28, ás 11 horas da noite — Venho da casa de Don'Anna. O dia de hoje não me trouxe o enquizilamento: passei-o bem; apenas tive o desgosto de escarrar sangue (o que é nada, á vista do peior que poderia ter acontecido).

Levei a trabalhar em casa até á tarde. A's 5 horas, fui para o quarto do Braz e lá estive até ás 8. Deves saber que no quarto do Braz ha uma rêde, e que desta rêde se avista uma montanha fronteira orlada de mangueiras, e por detraz da qual se vê o sol a sumir-se, a noite a surgir, as estrellas scintillar, e o mais, e o mais... Charuto á bocca, olhos na montanha, corpo na rêde e o pensamento em ti, assobiei as nossas musicas favoritas: *Nabuco, Torquato, Othelo, Beatriz* e *Parisina*. Desfiei uma porção de versos sentimentaes, verti de mente muito verso byroniano, e fiz os nossos castellos de Hispanha. O que estarias fazendo a essas horas? Disse-me o coração que pensavas em mim. Amanhã creio que irei ao *Pirata*. *A Somnambula*, meu querido, tem duas arias da Candiani de matar. Quando ouvires, si por lá ouvires, o — *Come per me sereno* —, lembra-te de mim. E' cousa delicada, de sentimento e de pureza: é musica de anjo.

Até amanhã. Teu amigo — *Octaviano*.»

Vou encerrar a leitura de hoje com a carta seguinte, dirigida ao conselheiro João Carlos de Sousa Ferreira e tambem pertencente ao archivo do visconde de Ourém:

— «Montevidéo, 9 de Junho de 1865 — Meu caro João — Reina o pampeiro com todo o seu fervor despotico. Ha tres dias que estou encerrado aqui, nesta camara de estalagem, ou hotel, como hoje se chama. Tenho duas janellas, com as suas cortinas de cassa ordinaria, porém lavadinhas; e, levantando-as, alcanço, por sôbre as assotéas das casas em frente, lá bem no fundo, a armação de um navio que rompe o nevoeiro para me dizer adeus. Talvez seja o *Apa*, que me espera, para levar-me a Buenos Aires, como portador das ratificações do meu tractado. Irei hoje? não irei? Ainda está em questão; creio, porém, que a negativa tem mais probabilidades de exito... Caramba! que escrevi uma grande asneira: exito em negativa! *Esse et non esse*, diziam os meus sabios mestres de Logica, os quaes encaneceram meditando nesse aphorismo do Genuense. O que eu pretendia dizer, manes de Januario e fr. José Polycarpo, é que, estando ainda muito enfermo de um resfriado

(constipação, em portuguez), naturalmente não ousarei embarcar hoje. Agora, sim, está salva a Logica, e mesmo a lingua portugueza. Adeante.

Não sei por que, desde que acordei, tenho tido ganas (desejos) de reler o Cervantes ou pelo menos o *Gil Blas*. Tomei o chocolate na cama, fumei um cigarrito, só me faltou mandar buscar uma bandurra e improvisar algum garganteio. Mas a côr local! Em tôrno de mim ha botins envernizados, sobrecasacas, colletes, chapéus redondos... Onde estão os gorros de plumas, os saiotes, os punhos e collarinhos de rendas, a espada, e, sobretudo, o manto e o capote a conquistador?

Agora atinei no motivo que me dava saudades de *D. Quixote*: foi a noticia, que me deste, de que o Arêas esteve para ser ministro commigo!... Ainda não me posso conter! O Arêas ministro e eu ministro!... Fariamos um bom par de desfructaveis, com os nossos fardões, pastas, carruagens e ordenanças... Mas, João, no meio de tudo isto, ainda não te disse o principal do meu pensamento. — Que decadencia das instituições! que profanação nas idéas! que balburdia na vida! — Com quê, meu amigo, hoje qualquer poeta póde ser ministro! E quando? Quando os grandes homens declaram muito pesado o cargo e pedem companheiros que os ajudem no Senado (!), — quando o paiz está com a maior guerra que tem tido, — quando é preciso crear exercitos, generaes, marinha, dinheiro e patriotismo... — Nessa occasião recorre-se aos poetas? Sancto Deus!

Parece que estamos livres dessa desgraça: o poeta que lá estava e o poeta que para aqui veiu tiveram o bom senso de dizer: — *Hos ego versiculos* NON *feci, ferat alter honores*.

Dá um abraço apertado no meu muito querido Arêas. Dize-lhe que esta missão teria sido para mim celeste, si m'a houvessem confiado naquelles tempos! Mas hoje, cansado, enfermo, sem illusões, sem outro amor possivel além do paternal, e tendo o séstro de amar muito a minha mulher e até de (é vergonha, não digo), não posso encarar isto sinão como um degredo.

E ainda nada te escrevi a respeito do teu incidente com o grande homem. E que te hei de escrever? Adeante.

Tem paciencia. Consola-te, abraçando a Orminda e beijando teus filhos. Como é bom, como consola um beijo de criança, que veiu ao mundo porque a fizemos vir; que viverá, si a alimentarmos, si a aquecermos, si a bafejarmos; que nos deve tudo, e tudo nos ha de dever por muito tempo! Adeante, que já estou chorando.

Teu amigo — *Octaviano*.»

Creio que eu não poderia ter achado melhor fecho do que o das linhas que acabaes de ouvir; — são ellas um retrato fiel do character e da mentalidade de Octaviano. Escriptas depois do tractado da Triplice Alliança e dous dias antes da gloriosa jornada de Riachuelo —, ellas denunciam ao mesmo tempo o diplomata, o politico, o jornalista, o critico, o poeta, o patriota, e, o que mais é de notar, em contraste com as cartas de vinte annos atraz, o pae de familia, que tinha uma concepção tão bella e tão altanada do beijo de uma criança.

Traçadas embora para a reserva carinhosa dos corações de amigos fraternaes, estas expansões intimas de Octaviano mostram, todavia, quanto elle é digno da nossa admiração e de nossa saudade.

Revelando-o agora a esta nova feição, — não é menor do que o rendido ás outras suas producções, pelo menos quanto á sinceridade, o preito que ora lhe rende, pelo meu humilde orgam, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, guarda zeloso do thesouro inestimavel de sua correspondencia, de que apenas vos dei algumas amostras.

Oxalá tenha eu ainda fôrças e lazeres, afim de continuar opportunamente esta delicada tarefa ! — (*Muitos applausos*).

Nada mais havendo a tractar, o sr. presidente levanta a sessão ás 22 horas.

ROQUETTE PINTO.
2º secretario.

TERCEIRA SESSÃO ORDINARIA, EM 23 DE JUNHO DE 1917

Presidencia do sr. Conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 21 horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios:

Srs. conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, drs. Edgard Roquette Pinto, Felix Pacheco, Antonio Olyntho dos Sanctos Pires, Arthur Pinto da Rocha, Antonio de Barros Ramalho Ortigão, Ernesto da Cunha de Araujo Viana, João de Lyra Tavares, José Americo dos Santos, Miguel Calmon du Pin e Almeida, Pedro Augusto Carneiro Lessa, Pedro Souto Maior e Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses.

O Sr. Roquette Pinto (2º *secretario*) lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada unanimemente.

O Sr. Fleiuss (1º *secretario perpetuo*) justifica a ausencia dos socios conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, general dr. Thaumaturgo de Azevedo, dr. Helio Lobo, dr. Augusto Tavares de Lyra e professor Basilio de Magalhães.

O Sr. Dr. Pedro Souto Maior lê a seguinte carta que lhe foi dirigida pelo dr. João Raimundo Duarte:

«Offerecendo, por seu intermedio, este curioso retrato ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, declaro que foi elle doado a meu fallecido pae, de quem o herdei, por sua tia d. Francisca de Freitas Freire de Andrade, baroneza de Itabira, viuva do barão de Itabira, Gomes Freire de Andrada, em 1862, em sua fazenda do Barlão, municipio de Marianna, — como sendo de Claudio Manuel da Costa. O finado barão de Itabira (que tem hoje um neto, seu homonymo, representante de Minas no Congresso) era ermão do inconfidente coronel Francisco de Paula Freire de Andrada, intimo amigo de Claudio Manuel da Costa.

Offereço, por seu intermedio, uma outra velharia que julgo tambem interessante. E' um exemplar, talvez unico no Brasil, do *Traslado authentico de todos os privilegios concedidos pelos Reis e Senhorios de Portugal, aos officiaes e familiares do Santo Officio da Inquisição, impresso por commissão, e mandado dos senhores do Supremo Conselho da Santa e Geral Inquisição, em Lisbôa, no anno de 1768.* Tenho muito prazer de offerecel-o a essa corporação, antes que em meu poder as traças o devorem completamente. Um apêrto de mão do velho amigo. — *João Raymundo Duarte.* Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1917. — 23, rua Leite Leal (Laranjeiras).

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente perpetuo*) agradece tão importantes offertas.

O Sr. Ramiz Galvão communica ter-se reunido na data de hoje, pela primeira vez, a Commissão Directora do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, assentando em diversas deliberações para, em breve, iniciar os trabalhos.

O Sr. Fleiuss (*Secretario perpetuo*) communica achar-se na casa o socio effectivo, sr. Agenor de Roure, que vem tomar posse.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente*) noméa a seguinte commissão para introduzi-lo no recincto: desembargador Sousa Pitanga, Ramalho Ortigão, Antonio Olyntho, Fleiuss, Roquette Pinto e José Americo dos Santos.

Dá entrada no recinto e presta o compromisso dos Estatutos o SR. AGENOR DE ROURE, que toma posse e pronuncia o seguinte discurso:

— «Exmo. Sr. presidente, illustres mestres e consocios, excellentissimas senhoras, meus senhores. — Na edade em que o maior prazer da vida consiste no goso do «presente», os olhos fitos no «futuro», eu gostava de recordar o «passado», achando sempre encanto nos mais insignificantes factos da meninice. Lendo, nos jornaes, as noticias das sessões do Instituto Historico, com a presença do venerando Pedro II e dos homens mais respeitaveis da nossa patria, eu enxergava, em taes solemnidades, qualquer cousa que traduzia a propria existencia da nacionalidade brasileira. O facto de pertencer ao Instituto tinha para mim a significação de uma das maiores honras, a que se podia aspirar na vida. As glorias barulhentas da Oratoria e os successos brilhantes da vida politica e social, não tinham, para o estudante do interior, os attractivos deste Cenaculo calmo e tranquillo, onde se reuniam os apostolos do patriotismo. Deveis, portanto, imaginar, meus caros mestres, quanto me sinto orgulhoso e quanto vos sou grato pela espontaneidade do vosso gesto, convidando-me a tomar parte nas reuniões desta augusta assembléa.

Para os que faziam da mocidade uma «embriaguez continua» ou «a febre da razão» conforme a maxima de Larochefoucauld, as minhas idéas podiam ser ridiculas. Lembro-me de discussões com amigos muito queridos, que me chamavam — «velho». Tinham talvez razão. Os velhos gostam de olhar para traz, para o tempo decorrido, revivendo scenas antigas, recordando com íntima satisfacção, mesmo as páginas pungentes e os episodios tristes, com a dôr já amortecida pela successão dos annos, com o sorriso bondoso de quem perdoa e exquece. No occaso da vida, o homem continúa a caminhar para a frente, para o tumulo... mas *anda de costas,* voltado para o nascente, procurando ver no extremo opposto, na linha do horizonte, colorido pelos raios do sol da tarde, o berço dos primeiros gemidos e dos primeiros beijos. A Natureza está indicando, com essa tendencia irreprimivel para o prazer de viver a vida já vivida, quando cada um de nós está preso ao seu proprio passado, á sua historia. Monsenhor Bonomelli, bispo de Cremona, na Italia, não ha muito roubado ás ovelhas christans que o adoravam, confessa, no seu livro *Questioni sociali*: — «*Quando leggo ed odo certa gente che celebra i tempi andati come felice e compiange o maledice i presenti come pessimi e trova tutto bene in quelli, tutto male in questi, mi sdegno. Ma poi ricordo Orazio, che ripete lo stesso lamento e Salomone che lo diceva prima di Orazio e mi consolo, pensando che*

il mal vezzo continuerá Dio sa quando dopo di me.» Máo vêzo! Porque censurar e criticar e procurar reprimir um sentimento que brota, espontaneo e natural, no coração humano? Essa necessidade, que sentimos, de reviver a vida passada, de appellar para ella e de da-la como exemplo aos nossos filhos, comparando-a com a do presente, não é rabugice de velho, mas ensinamento da Natureza, que quer e exige a existencia de um traço de união entre o passado e o presente.

Chamávam-me — «velho». As idéas da épocha já começavam a ser as que dominam hoje e que Woodrow Wilson descreveu: jogar para um lado ou deixar para traz o «passado», acotovelando-se toda a gente, aos empurrões, o olhar fixo para a frente, em busca do «novo». Exqueciam-se de que o Progresso, como a arvore, tem raizes, e que, sem ellas, não frondeja, não dá fructos. O progresso é o «presente», é principalmente o «futuro», mas com raizes no «passado».

Para os povos, as tradições são os fundamentos que supportam a construcção da patria, são as raizes que a prendem aos seus corações, são os laços da solidariedade collectiva. Arrancar ou desprezar as tradicções é matar a nacionalidade como se mata a arvore, cortando-lhe as raizes.

Coherente com as minhas idéas da mocidade, tenho immenso prazer em acudir ao vossa chamado, que traduz o desejo de aproveitar a bôa vontade de um Brasileiro que quer estudar e aprender. Anima-me a esperança de aproveitar com a frequencia da vossa companhia e com as licções da vossa sabedoria. Porque, a verdade é que eu não sei Historia, nem mesmo a do Brasil. Os nossos methodos de ensino levam-nos a decorar nomes e datas, que se apagam depressa da memoria. Tenho, por vezes, mergulhado no mar morto dos archivos, em cujo fundo tanta vida existe! Como os pescadores, tenho trazido, de cada mergulho, um pedaço de coral ou uma perola, que outros trabalharão um dia, polindo e dando brilho. Mas, como o pescador que, do fundo do Oceano, só conhece os bancos de coral e os depositos de perolas, das profundezas da Historia só tenho noticia dos poucos ponctos explorados. Quero estudar e quero aprender comvosco, considerando-me grandemente honrado com o convite dos mestres.

O culto da Historia é o culto da Patria. Uma nação se forma com a unidade da lingua, da religião, do Direito, etc.; mas, a Patria não póde existir sem a tradição politica, moral e até sentimental. Assim a Patria é filha da Historia, porque a Historia é a tradição, e a tradição é o passado. Como disse Lamartine — *c'est la cendre des morts qui crea la Patrie*. Como disse Jaurés — «Cada qual está preso ao sólo em que nasceu pelas recordações e pelas esperanças, pelos seus mortos

e pelos seus filhos, pela immobilidade dos tumulos e pelo balanço dos berços». O amor que cada um de nós tem á aldeia em que nasceu resulta das recordações do passado. Do amor ao torrão natal vem o amor da Patria, justamente porque das recordações do passado é que se alimenta o sentimento do patriotismo. O sino da aldeia, quando repica festivamente ou quando dobra a finados, desperta ou aviva sentimentos gravados nos corações. Na Poesia portugueza ha uma quadra de Antonio Corrêa de Oliveira, que bem traduz essa relação:

> Sino, coração da aldeia;
> Coração, sino da gente.
> Um a sentir quando bate,
> Outro a bater quando sente.

E vós bem sabeis que o bater isochrono dos corações constitue a garantia do amor da Patria. Assim como o sino arrasta os fieis da religião para juncto do altar da egreja, o coração toca a reunir os fieis do patriotismo juncto do altar da Patria, para a defesa dos tumulos que guardam recordações, para a defesa dos berços dentro dos quaes vivem as esperanças. Sem os tumulos e sem os berços, sem o passado e sem o presente, não se póde cuidar do futuro da Patria. Sem as raizes de hontem e sem a floração de hoje, não ha arvore que amanhã dê fructos.

E isto é verdade; este Instituto, que tem a missão do culto da Historia, cultivando as tradições e o passado, deve ser tido, e é de facto considerado, como uma alta representação da Patria. Manter o culto do passado e cultivar as tradições é conservar a Patria, porque sem ella, é Faguet quem o diz — *«il est bien certain que la Patrie n'existe plus!»*.

As nações, como os individuos, têm corpo e alma: o territorio é o seu corpo e a Historia é a sua alma. Um paiz, sem o culto da Historia, é um corpo sem alma. Si devemos cultivar a terra, não podemos abandonar o culto das tradições; porque, sem ellas, póde existir o paiz, mas a Patria soffre, definha e morre. Pouco importa que o professor da Eschola de Altos Estudos de França, Henri Piéron, nos apresente o peso das tradições como causa da esterilidade das nações.

Gustave Le Bon, em um dos seus aphorismos, diz que *«l'avenir, étant toujours chargé de passé, pour prévoir, c'est-á-dire voir en avant, il faut d'abord régarder en arrière»*. Lord Avebury, com o pseudonymo litterario de John Lubbock, mandou que pedissemos sempre conselhos aos mortos. Nem podia ser de outro modo. O progresso é o producto da intelligencia multiplicada pela experiencia; e as licções da experiencia são as licções do passado. Os exemplos da Historia

animam a virtude e fortalecem o espirito, desviam-nos do mal como nos encaminham para o bem, illuminam e orientam. A esterilidade da China, que Piéron attribue ao pêso da tradição — como si a tradição significasse estagnação e não o desdobramento dos factos — resulta da incapacidade dos Chins para o aproveitamento das licções do passado e para adaptação ao progresso. O extraordinario desenvolvimento que teve a America do Norte, com o seu progresso moral, politico e economico, que Piéron attribuiu á falta de *historia* e de *tradições* capazes de entravar a marcha para a frente, resulta, ao contrario, do povo norte-americano ter-se constituido originariamente de raças fortes, com tradições accentuadas, com uma historia cheia de nobres exemplos de amor á liberdade, de civismo, de trabalho, de honra e de dignidade. Não ! a Historia não é um impecilho ao progresso. Podendo-se defini-la como *biographia* das nações, ella contém exemplos que devem ser seguidos e licções que devem ser aprendidas. A biographia de um grande homem, util á sciencia e á humanidade, serve eternamente á causa do progresso. Si de um homem nullo, que passou pela vida como um gozador e um inutil, não se póde fazer biographia capaz de conter exemplos e licções, tambem de uma patria como a China não era possivel obter o registo de factos e tradições capazes de garantir e encaminhar o progresso, desde que, por si mesmos, são a negação do progresso.

A Historia, transformada por Piéron em pêso morto, é aquella que regista factos traductores da immobilidade de um povo, da inactividade de uma raça. A China não tem historia, tem... edade ! Ella nunca agiu por si, deixando ao tempo a tarefa de fazer a evolução. E o tempo, vós o sabeis, é moroso, é tardio, é ronceiro, é mandrião ! E não é factor de historia ! O tempo decorrido entra na composição da Historia apenas para distanciar os factos, e, pela distancia do observador, approxima-los e reuni-los, como acontece ás estrellas duplas, que a olho nú, parecem uma só estrella, de um só brilho. A comparação é de Longfellow; e quer me parecer que só com uma quadra o poeta destruiu a theoria do professor de Philosophia scientifica:

> As the double-stars, though sundered far,
> Seen to the naked eye a single star,
> So facts of history, at a distance seen.
> Into one common point of light convene.

O tempo é um elemento indispensavel á verdade da Historia, mas não é factor de Historia. Sem os factos, não ha Historia. O tempo decorrido apenas permitte a observação dos factos no seu conjuncto e nas suas minucias, para dessa observação serem tiradas as licções do passado e da experiencia. Não

foi, portanto, o pêso das tradições que esmagou a China. Ella estaciona, porque sempre esteve parada. Ella não se move, porque nunca se mexeu. Ella não progride, porque não evolue; e, si não evolue, é porque, na sua longa vida de nação, não existem factos successivos que representem idéas em formação ou periodos de transição. Em resumo, a China não progride exactamente, porque não tem historia, porque não é trabalhada por acquisições anteriores.

O êrro de Henri Piéron está em acreditar que os cultores da Historia, exigindo respeito ás tradições, pugnam pela manutenção inalteravel do passado, quando o que se quer é tirar do passado as licções dos erros e da experiencia, os exemplos de civismo e de virtude e os lindos gestos de abnegação, desinteresse e altruismo, para, com tudo isso, ser feita a preparação do futuro, adaptando a construcção da patria ás exigencias da vida moderna, melhorando-a e não insistindo em conserva-la tal qual, mas tambem não pretendendo destruir o que está feito para começar uma nova construcção, sem as linhas tradicionaes da sua architectura politica, moral e social.

Outro escriptor, este inglez, querendo fazer phrases ou revelar pessimismo, definiu a Historia com sendo o registo de crimes e miserias e comparou-a ao « almanack » do carcere de Londres, ao *Newgate calendar*. O sr. W. Irving está convencido de que a Historia é um formidavel libello contra a humanidade, página por página escripta como si estivessemos a construir um monumento á honra, com o material de infamias de todo o genero e com a glorificação dos tyrannos, despotas, assassinos, ladrões e conquistadores, que variavam de processos, mas que visavam os mesmos fins. Pergunta elle quaes são os acontecimentos que a Historia regista como marcos das grandes éras, e responde logo a si mesmo: as quédas dos imperios, a desolação de regiões felizes e tranquillas, as ruinas fumegantes de cidaes prósperas, as mais formosas obras de arte derribadas impiedosamente e os gritos lancinantes ou gemidos de povos inteiros subindo para o Céo!

Quando fosse só isso, a Historia ainda prestaria o serviço de pôr a nú todas as infamias e todos os erros practicados, para que as novas gerações procurassem desviar-se delles. As licções do passado não nos veem sómente dos actos de heroïsmo, das boas acções, dos nobres gestos, das cavalheirescas attitudes e das leis moraes e humanitarias. Ellas resultam, talvez com mais fôrça, dos erros, das violencias, das injustiças e dos crimes das gerações anteriores. A Historia ensina o que é bom e deve ser imitado, mantido ou melhorado; mas ensina tambem a conhecer os caminhos tortuosos, as veredas escuras, os lobregos cantinhos do coração de um despota e, melhor ainda, o laby-

rintho da alma collectiva dos povos, de modo a guiarmos a Humanidade por uma estrada mais larga e mais livre, cheia de luz e de ar, vencendo os tropeços e os obstaculos com mais facilidade do que as gerações precedentes, por isso mesmo que os conhecemos e podemos evitar.

Não! a Historia não é só o cadastro dos feios crimes da Humanidade, porque é tambem o relatorio dos castigos infligidos aos máos, o codigo das penas comminadas aos algozes, sejam elles reis ou vassallos, governantes ou governados, prepotentes ou anarchistas, autocratas ou demagogos! E' mesmo necessario não omittir da Historia os crimes e os criminosos, porque o conhecimento do lado máo da evolução de um povo ou de uma raça é essencial ao seu aperfeiçoamento. E' preciso conhecer o êrro para corrigi-lo. E' bom ter noticia do crime para puni-lo. O julgamento do passado não deve ser feito sem a noticia exacta dos factos que determinaram os nobres gestos e os máos impulsos, para delle tirarmos ensinamentos que aproveitem ao presente e que preparem um melhor futuro. A Historia não deve ser, como queria Chateaubriand, um *poema* para os Gregos, uma *pintura* para os Latinos e uma *chronica* para os povos modernos. A Historia não deve ser um compendio de nomes e de datas, sêcco e arido, monotono e esteril. Deve ser poema, pintura, chronica, anatomia, psychologia, logica, raciocinio, observação, comparação, glorificação e condemnação ao mesmo tempo. Sem querermos tirar della um certo número de leis geraes capazes de permittir a previsão do futuro, como queria Thucydides, ou capazes de levar-nos a prophetizar quasi com segurança o que está para acontecer, segundo Shakspeare, podemos e devemos tirar da Historia, da verdadeira comprehensão dos factos historicos, os exemplos e as licções que nos possam ser uteis na obra do porvir da Humanidade. A funcção humana, social e politica da Historia, assim comprehendida, desafia a critica demolidora dos fabricantes de phrases e dos pessimistas de monoculo, que só enxergam o lado ruim da vida. Para essa gente, que encara todos os problemas por uma só face, e para os sabios que limitam a sua acção a um campo restricto da sciencia foi que o auctor do *Jardim d'E'picure* escreveu: «*Il ne faut jamais demander à un savant les secrets de l'univers qui ne sont point dans sa vitrine. Cela ne l'intéresse point*».

Os psychologos, só preoccupados com a anatomia das almas, com a discussão das idéas, circunscrevem a Historia aos pormenores de uma autopsia em mesa de Necroterio e descobrem, como Le Bon, «que os acontecimentos mais importantes, aquelles que dominam o destino dos povos e suas civilizações emanaram de factores psychologicos inconscientes, que o erudito pretende interpretar sem saber descobrir-lhes as causas;

pois elles resultam do irracional e não do racional, creando este a sciencia e aquelle conduzindo a Historia». Os litteratos fazem da Historia uma fonte de poesia, tornando-a fabulosa e romantica. O pessimista transforma a Historia em eschola de crimes, infamias e miserias. O espirito mathematico procura na Historia alguns theoremas que se prestem a demonstrações complicadas e encontram leis geraes que presidem á evolução humana. O aristocrata explica e justifica todas as tyrannias. O democrata da familia dos demagogos desculpa todas as loucuras das massas allucinadas. O philosopho aperta as cravelhas da sua eschola, afinando por ahi os acontecimentos. O religioso diz a missa da Historia conforme o ritual do seu credo. O scientista só se occupa do que cabe na sua *vitrine*. O fatalista faz depender o destino dos povos do tamanho do nariz de Cleopatra...

Mas isto não é fazer Historia ! Quatrocentos e setenta e um annos antes da éra christã, Thucydides d'Halimonte, historiador grego, dizia (livro I, n. XXII) : «Para os acontecimentos, não me contentei de escreve-los como os narravam aquelles aos quaes eu ouvia, nem mesmo segundo minha opinião; mas de accôrdo com o que eu tinha visto e com o que vim a saber por um inquerito tão escrupuloso quanto posivel sôbre cada poncto. Estas pesquizas foram penosas, porque as testimunhas de um acontecimento não diziam as mesmas cousas sôbre os mesmos factos, antes obedecendo cada qual á maior ou menor fidelidade da memoria e á propria parcialidade. Como rejeitei tudo que havia de fabuloso nas narrativas, serei talvez ouvido com menos prazer. Mas para aquelles que quizerem ver claro nos acontecimentos passados, assim com nos futuros, que, segundo as leis humanas, serão similhantes ou analogos, isto será sufficiente para fazer julgar de sua utilidade. E' uma cousa para sempre e não uma *mise en scene*, destinada a lisongear por instantes o auditorio».

A definição que nasce do trecho transcripto é a de que a Historia deve ser uma caçada á verdade entocada ou encafuada nos meandros dos acontecimentos passados. E Thucydides buscava a verdade, baseado apenas na tradição oral, na memoria collectiva dos seus contemporaneos e na sua propria observação. Hoje, o historiador tem elementos mais seguros para a sua obra. Ernest Lavisse entende que «o historiador deve ser um homem que se interessa pela vida do seu tempo e constantemente a compara com a vida dos tempos passados». Paul de Rousiers, que o citou, tractando da *elite* na sociedade moderna, reconhece que, em taes condições, o historiador de hoje exerce sôbre as idéas dos contemporaneos uma consideravel influencia: narrando e explicando, elle ensina e préga.

Para Rousiers, a Historia é uma sciencia moderna, livre das enumerações chronologicas, das anecdotas, das complicações de todo genero: «As pesquizas historicas não podem mais ser feitas sem que ao interesse scientifico do conhecimento dos factos passados se juncte um outro interesse egualmente scientifico, mas de ordem diversa — o de tirar delles ensinamentos para o presente. Não é por vã curiosidade que o historiador se exforça para reviver os seculos decorridos, mas para pedir a essa reconstituição uma licção de vida, surprehendendo, na successão dos factos passados e no seu encadeamento, o segredo da successão e do encadeamento dos factos contemporaneos». Rousiers quer uma *elite* de historiadores que mantenha o rigor scientifico do methodo através a constante mudança dos ponctos de vista. Os problemas que nos interessam não são os que interessavam aos nossos paes e avós, ou pelo menos não nos interessam da mesma fórma. E é por isso mesmo que o pensador francez julga indispensavel refazer-se a Historia de 30 em 30 annos, servindo a cada geração, mesmo sem que documento novo tenha apparecido, uma evocação historica de accôrdo com as novas necessidades e com os problemas e idéas predominantes no momento. Para isso, não basta que o historiador se interesse pela vida do seu tempo, sendo preciso que se mostre capaz de reconhecer os laços existentes entre os acontecimentos contemporaneos e de saber como a vida do seu tempo está organizada, ou que elementos devem concorrer para obter tal ou qual resultado de conjuncto. Em resumo, para o batalhador que quer confiar os interesses de cada classe a uma *elite* dirigente, a *elite* dos historiadores deve ser formada pelos sociologos.

A Historia assim entendida não é nem a *poesia* dos Gregos, nem a *pintura* dos Latinos, nem a *chronica* dos povos modernos, como definiu Chateaubriand. Mas a Historia, mesmo como sciencia social, tem a poesia das bellas attitudes, tem a pintura e o desenho dos characteres e tem a chronica das boas e más acções. Noto risos disfarçados e sorrisos escondidos, quando se falla na poesia da Historia ou na poesia do Passado. Pergunto aos que se riem: o que sentis visitando as ruinas de Pompéa é o mesmo que sentis visitando as ruinas de Messina? Não! Ambas as cidades foram egualmente destruidas por terremotos, mas ha poesia em Pompéa e só ha dôr e piedade em Messina!

Porque não se tem em Pompéa a impressão dolorosa de uma catastrophe, como em Messina? O pó dos seculos fez em Pompéa a sua obra. A Historia interveiu, e só ficou encanto e poesia, onde já houve dôr e desolação. E' o que tambem acontece no cemeterio de Genova, onde a impressão do visitante, deante das figuras de marmore, não é a que recebe em qualquer

outra necropole. Sôbre aquellas obras de arte, a fina poeira do Tempo, acamada nas dobras das vestes, accentua de tal fórma os effeitos de sombra na seda e nas rendas, dá tanta vida ao marmore, que a idéa de cemeterio é substituida pela de museu, e o sentimento alegre da poesia desloca o da tristeza funebre da morte.

Si convidarmos qualquer poeta para uma visita aos archivos, é muito provavel que tenhamos, como resposta, um olhar de commiseração, de quem tem pena do pobre maluco. Os archivos são sempre atirados para os porões das repartições, para os cantinhos sem ar e sem luz, humidos e feios. O seu aspecto é desolador, é triste. Passar horas alli dentro, folheando papeis velhos e amarellecidos, roïdos pela traça ou pelo cupim, cheirando a môfo, não deve ser realmente agradavel para os poetas. Reflictam elles, porém, na circunstancia de que os thesouros e as riquezas jazem occultos no seio da terra e no fundo do mar. Descendo ao porão dos papeis velhos, mergulhando nos archivos, encontrarão os bardos uma fonte inexgotavel de riqueza poetica, sem se afastarem da verdade. O vosso... o nosso pranteado Vieira Fazenda viveu dentro delles uma longa vida de escaphandrista dos alfarrabios, sem deixar archivada a sua jovialidade e seu fino espirito. Episodios sem importancia são valorizados pelo tempo e poetizados pela Historia! Si é verdade, como disse Herculano, que a imaginação do povo costuma poetizar a Historia, tambem é verdade que a Historia sabe retribuir essa amabilidade, fornecendo poesia ao povo...

Basta de repetir cousas de vós já muito sabidas, como cultores, que sois, da Historia em geral e da Historia do Brasil com especialidade. Por felicidade minha, não é um exame vestibular o que a lei interna deste Instituto exige dos neophytos, principalmente quando o noviço da sciencia que aqui se professa é apenas candidato ao logar de acolyto de quantos celebram no altar da patria. Acudi ao vosso chamado, e venho declarar-me prompto para o serviço da Historia, fazendo aqui dentro, na qualidade de socio effectivo desta nobre e util instituição, aquillo que já fazia lá fóra — receber licções, seguir o vosso exemplo e os vossos conselhos.

Não quero e não devo terminar sem a declaração de que julgo o premio que me destes e a honra que me conferistes muito acima do meu merecimento. Continúo com a convicção que tinha quando era moço: pertencer ao Instituto Historico Geographico Brasileiro é entrar para o número dos que se consagram á guarda daquillo que a patria tem de mais sagrado — as suas tradições. E as nossas não são as menos ricas em factos dignos de registo, em actos de heroïsmo, em gestos

de nobreza da alma, em attitudes honestas e dignas, em movimentos visando o bem da Humanidade, em revelações de talento e de character, em traços de energia e de ponderação e, finalmente, em leis que marcam uma evolução politica e social que honra a nossa civilização.

Basta lembrar que, ao decretarmos a nossa primeira constituição politica, anno e meio depois de proclamada a Independencia, os mais adeantados principios foram alli consagrados e acceitos muito naturalmente por um povo, cujo espirito estava sendo trabalhado pelas idéas liberaes, cuja alma se formara para a liberdade e para a justiça, com as licções dos Andradas e de outros estadistas de raro merito e com os exemplos de um joven monarcha, ora impetuoso, ora medroso nas decisões a tomar, mas bem intencionado e liberal, sempre que agia sem a coacção, por elle confessada, das tropas da antiga metropole. Basta recordar o brilho extraordinario do encontro entre as fôrças liberaes do paiz e as advérsas, do qual resultaram, em um curto e brilhante periodo da nossa Historia, a abdicação, a regencia e o acto addicional. Basta ainda appellar para a gloria do segundo reinado, com os seus notaveis estadistas e com a figura inapagavel e inexquecivel de Pedro II, que a memoria das minhas impressões de mocidade não póde separar deste Instituto, a cujas solennidades ligava a magestade de sua presença e o carinho de sua alta protecção. Basta citar, finalmente, sem tocar em nome e sem descer a pormenores, que esta falla de agradecimento não comporta, entre os pontos culminantes da Historia patria, as luctas para a fundação dos primeiros nucleos de habitantes; a expulsão dos invasores de nacionalidades várias, valentes e aguerridos; a odysséa dos bandeirantes; as tentativas republicanas de Minas, Pernambuco, Rio Grande e Bahia; a abertura dos portos; a Independencia e as guerras civis que a consolidaram; a formação politica da nacionalidade; a obra da Constituinte de 1823; a Carta de 1824; a abdicação, a regencia e o acto addicional; a maioridade de Pedro II; a guerra do Paraguay, com os horrores e os actos de heroïsmo que ella encerra; a campanha do abolicionismo; a proclamação da Republica.

Por este resumido ennunciado, cada um de nós tem já elementos bastantes para formar a convicção da grandeza da missão deste Instituto: velar pela conservação das tradições do paiz e exigir das novas gerações o respeito devido a essas tradições, que são de paz, de concordia, de justiça, de liberdade, de ordem, de amôr á Humanidade e de ampla garantia dos direitos individuaes — tão ampla, que a Republica não encontrou, neste terreno, o que modificar, e teve de concentrar o seu furor egualitario contra os commendadores e as côroas... das grades do Campo de Sanct'Anna!

Chamado a tomar parte nos trabalhos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — porque é sabido que aqui se trabalha de verdade — apressei-me em vir dizer aos mestres e amigos que me elegeram por tocante unanimidade: — Cá estou! Podeis dispôr de mim, dos meus exfôrços, da minha boa vontade, na obra da conservação e defesa do nosso passado, do nosso patrimonio moral. Guiado pela vossa intelligencia, aprendendo convosco e inspirando-me nos vossos actos, sinto que terei a coragem precisa para supportar a responsabilidade do posto, que me foi indicado nesta augusta companhia. Não posso, sinto não poder concorrer para augmentar o brilho do Instituto. Juro, porém, que hei de pôr sinceridade absoluta na devoção ao culto da Historia Patria, que tem, nesta sala, o seu altar-mór. (*Palmas.*)

O Sr. Dr. Ramiz Galvão (orador do Instituto) pronunciou depois o seguinte discurso:

« Sr. Agenor de Roure, prezado e illustre consocio.

Quem escreveu os dous substanciosos livros — *Formação constitucional do Brasil* e *Formação do Direito orçamentario brasileiro* — entra *jure optimo* neste recinto, que intitulastes com acêrto « Cenaculo calmo e tranquillo, onde se reunem os apostolos do Patriotismo ».

Vossa oração inaugural, que acabamos de ouvir com o mais vivo interesse, é ainda um precioso documento que justifica o desejo de termos ao nosso lado um trabalhador culto e exforçado do vosso quilate.

Essa oração é um hymno á grandeza da Historia, como a comprehendemos todos nesta assembléa, um hymno ao valor da Historia como estimulo do amor patrio, como incentivo á imitação das virtudes de nossos maiores, como severa mestra que tambem tira dos graves delictos do passado licção proveitosa para o futuro dos povos.

Condemnastes com toda a justiça o êrro de Henri Piéron, que apresentou o pêso das tradições como causa da esterilidade das nações; com egual justiça condemnastes o pessimismo de W. Irving, que só quiz ver na Historia um registo de crimes e miserias, comparando-a ao *Newgate calendar*.

Não, clamemos bem alto, não! A Humanidade póde penitenciar-se de haver commettido graves erros. Chefes, soberanos de povos cultos, os teem por vezes levado a atrocidades sem nome e a inqualificaveis infamias. Não precisariamos talvez recorrer ao passado para ter disso a prova mais completa. Mas o livro da Humanidade não tem só essas páginas de luto. E ainda bem! Nelle ha egualmente, mercê de Deus, páginas luminosas de heroïsmo, de abnegação, de sacrificios, de respeito aos tractados, de amor ao direito dos fracos e á

salvaguarda da honra, de lutas pela liberdade e pela emancipação dos captivos, de campanhas célebres contra o despotismo feroz de sanguinarios dictadores, que fizeram e fazem das conquistas do engenho humano arma traiçoeira e vil contra os operarios da civilização e do progresso.

Sim, o livro da Humanidade não é um simples registo de crimes; é, como todas as obras humanas permittidas pela Providencia Divina, um quadro que tem luz e sombras: aquella, para esclarecer e realçar os triumphos do Bem, da Verdade e da Justiça: — estas, fructos inevitaveis da nossa contingencia, da nossa fraqueza, para porem em relêvo ainda maior a belleza dos perfis venerandos e a sublimidade das acções virtuosas.

Bem sabemos que «ha quédas de imperios, desolação de regiões felizes e tranquillas, ruinas fumegantes de cidades prosperas, derrocada de formosas obras de arte, gritos lancinantes ou gemidos de povos inteiros subindo para o céo».

Sim, ahi está, para não citar sinão um exemplo, a immortal e gloriosa Belgica, soffrendo nos dias do seculo vigesimo as agruras do sacrificio mais pungente, mais monstruoso e mais injusto de quantos a Historia regista, como paga da sua honestidade politica e do seu admiravel pundonor. Estamos, de facto, assistindo a essa tragedia dolorosissima, que ha de ficar no decurso do tempo como um ferrete de ignominia na fronte dos barbaros algozes; estamos folheando essa página maldicta de um livro, impressa com o sangue generoso dos bravos defensores do Direito, ao som rouco de bombardas, ao pavoroso estrondear de torpedos que victimam fracas mulheres, tripulações inermes e crianças innocentes. Mas essa loucura sem nome, esse hediondo espectaculo, cujos horrores despertam calafrios e repercutem no mundo inteiro, levantando protestos generosos e solennes na livre e nobre America, esse eclipse fatal da civilização passará um dia, e os promotores da guerra nefanda, humilhados e retemperados pela dura prova, hão de convencer-se de que só é digno o caminho da paz, da ordem, do trabalho e do Direito. Esta victoria significará mais uma vez que nem toda a Humanidade obedece aos instinctos do mal, nem toda ella é victima do orgulho e da insensatez. A Historia regista-la-ha, colhendo as gerações futuras o fructo sazonado da experiencia para que se não repitam as scenas apavorantes e os actos indignos que agora degradam o mundo civilizado.

No que respeita ao nosso querido Brasil, onde, graças á Providencia Divina e á ponderada sensatez dos que têm dirigido os nossos destinos, não arde o facho execrando da guerra externa ha quasi meio seculo, — no que diz respeito á nossa querida patria vindes agora collaborar comnosco, illustrado consocio.

Tendes todos os predicados para esta obra meritoria. Desde a mocidade que não foi para vós «uma embriaguez continua», desde a rosea estação dos folguedos e dos risos começaram a chamar-vos de *velho*, porque tinheis o veso de amar o passado e á sisudez prematura unieis o salutar e abençoado amor ao estudo. Bendicta *velhice* aquella, que produziu o bello e prestante cidadão, cultor assiduo da Historia de sua terra, legionario indefesso da cohorte do trabalho.

Aqui vindes encontrar de certo outros exemplares da mesma *velhice*, que não perderam o tempo em dissipações frivolas, sinão perigosas. Com estes novos companheiros abrilhantareis a pujante *mocidade* do Instituto Historico, que vos recebe de braços abertos, com palmas muito amigas e sinceras, prompta para dar-vos trabalho na campanha gloriosa da verdade e do amor da patria.

Em que pese a vossa grande modestia, vireis augmentar o brilho desta Companhia, que guarda religiosamente ha 79 annos o culto das tradições nacionaes e trabalha sem descanso pelo engrandecimento do nome brasileiro.

Sêde benvindo, esperançoso batalhador!» (*Calorosos applausos*).

Nada mais havendo a tractar, o sr. presidente levanta a sessão ás 22 horas e meia.

ROQUETTE PINTO,
2º secretario.

ASSEMBLÉA GERAL EXTRAORDINARIA, EM 30 DE JUNHO DE 1917

Presidencia, do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 16 ½ horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios:

Srs. conde de Affonso Celso, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, drs. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, Agenor de Roure, Edgard Roquette Pinto, Antonio de Barros Ramalho Ortigão, almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, drs. Antonio Olyntho dos Santos Pires, Aurelino Leal, Arthur Pinto da Rocha, Basilio de Magalhães, Eduardo Marques Peixoto, Ernesto da Cunha de Araujo Viana, coronel Honorio Lima, marechal José Bernardino Bormann, drs. José Americo dos San-

tos, Nicoláo José Debané, Pedro Souto Maior, Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses e Sebastião de Vasconcellos Galvão.

O SR. DR. ROQUETTE PINTO (2° *secretario*) lê a acta da anterior sessão da Assembléa Geral, realizada a 30 de Abril ultimo, a qual posta a votos é approvada por unanimidade e sem discussão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) diz que a presente Assembléa obedece ao que dispõe o art. 94 dos Estatutos em vigor, que rezam o seguinte: «Para se realizar a reforma dos Estatutos cumpre que os membros da Commissão de Estatutos ou 21 socios a reclamem por escripto e fundamentadamente. Uma Assembléa Geral decidirá sôbre a proposta. Caso a approve, convocar-se-ha nova Assembléa para dahi a 60 dias, e esta nova Assembléa resolverá o assumpto de modo definitivo».

A primeira Assembléa Geral realizou-se a 30 de Abril último. A proposta de alterações dos Estatutos e o projecto, redigido em globo com essas alterações, foram publicados no *Diario Official* de 6 e 17 de Maio. Assim, a presente Assembléa reune-se nos termos precisos dos Estatutos.

Em seguida o mesmo SR. PRESIDENTE lê — artigo por artigo — e submette-os a discussão e votação, sendo todos approvados por unanimidade, ficando assim definitivamente organizados os novos Estatutos:

CAPITULO I

DO INSTITUTO, SUA SÉDE, SEU FIM E SUA ORGANIZAÇÃO

Art. 1.° O Instituto Historico e Geographico Brasileiro fundado a 21 de Outubro de 1838 na cidade do Rio de Janeiro, sua séde social, tem por fim proceder a estudos e investigações concernentes á Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia, principalmente do Brasil.

Art. 2.° Para realização do alludido fim o Instituto:

a) colligirá, conservará e classificará documentos, livros, chartas geographicas e outros objectos que lhe possam fornecer elementos de informação e devam constituir um Archivo, uma Bibliotheca e um Museu;

b) publicará annualmente em dous volumes distinctos a *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, em um dos quaes serão insertos trabalhos e documentos relativos ao Brasil, e no outro, além de taes materias, as actas das sessões e a lista dos socios existentes, com as diversas categorias e datas de admissão;

c) estabelecerá correspondencia com as sociedades nacionaes e extrangeiras congeneres.

Art. 3.° O Instituto Historico e Geographico Brasileiro compôr-se-ha de:

I, socios grandes benemeritos, em número de cinco;
II, socios benemeritos, em número de 20;
III, socios effectivos, em número de 30;
IV, socios correspondentes, em número de 25;
V, socios honorarios, em número de 20.

Art. 4.° Todos os negocios do Instituto serão administrados por sua Directoria, não sendo responsaveis subsidiariamente os demais socios pelos actos por ella practicados.

Art. 5.° Os membros da Directoria serão:

a) um presidente;
b) um 1° secretario;
c) um 2° Secretario;
d) um orador;
e) um thesoureiro.

§ 1.° Haverá tambem tres vice-presidentes, que, na respectiva ordem, assumirão a presidencia no caso de vaga e notorio impedimento, ou quando o presidente effectivo passar por escripto o exercicio do cargo.

§ 2.° Fóra destes casos os vice-presidentes dirigirão apenas os trabalhos nas sessões e nas assembléas, a que deixar de comparecer o presidente.

Art. 6.° Haverá as seguintes commissões permanentes, compostas de cinco membros:

a) Commissão de Fundos e Orçamento;
b) Commissão de Estatutos;
c) Commissão de Historia;
d) Commissão de Geographia;
e) Commissão de Ethnographia e Archeologia;
f) Commissão de Admissão de Socios.

CAPITULO II

DOS SOCIOS, SUA ADMISSÃO, SEUS DIREITOS E DEVERES

Art. 7.° Para ser admittido como socio effectivo, deverá o candidato, residente no Rio de Janeiro, apresentar, directamente, ou por algum socio em seu nome, trabalho proprio acêrca de Historia, Geographia, Ethnographia ou Archeologia,

quer esse trabalho seja inédito, quer já estampado, que prove a capacidade do auctor.

§ 1.º A proposta deve ser feita por escripto e conter o nome e sobrenomes do candidato, sua naturalidade, profissão, trabalhos e titulos de recommendação social, scientifica ou litteraria.

§ 2.º Só serão acceitas pela Directoria propostas para socio effectivo quando accompanhadas de trabalhos do candidato, com offerecimento autographo ao Instituto.

§ 3.º Apresentada a proposta, assignada por tres ou mais socios, será remettida á Commissão de Historia, de Geographia ou de Ethnographia e Archeologia, conforme a natureza do trabalho ou trabalhos do candidato, e á Commissão deverá submetter á Directoria o resultado do exame.

§ 4.º Discutido e approvado em sessão, o parecer será remettido á Commissão de Admissão de Socios, a qual dará opinião sôbre a idoneidade do candidato e conveniencia de sua admissão.

§ 5.º O parecer da Commissão de Admissão de Socios será discutido em sessão e submettido á votação, em escrutinio secreto, na sessão seguinte.

§ 6.º Si apparecer maioria de espheras brancas, considerar-se-ha acceito o candidato, e o presidente proclama-lo-ha socio do Instituto.

§ 7.º Si, porém, houver maioria de espheras pretas, considerar-se-ha rejeitada a proposta.

§ 8.º Os membros das Commissões, subscriptores de propostas dependentes do parecer das Commissões de que fizerem parte, serão substituidos, nesse caso especial, pelos socios designados pelo presidente.

Art. 8.º Para ser socio correspondente deverá o candidato ou proposto preencher as condições exigidas no art. 7º, menos quanto á residencia, feita a proposta da mesma fórma que para socio effectivo e observado identico processo.

Paragrapho unico. O socio correspondente, que tem os mesmos direitos do effectivo, passará para esta classe desde que fixe residencia no Rio de Janeiro, independentemente de vaga.

Art. 9.º Só poderão ser socios honorarios as pessoas de alta representação social ou que se tiverem distinguido especialmente no dominio da Historia, Geographia, Ethnographia ou Archeologia.

Art. 10. As propostas para socios honorarios deverão conter, no minimo, seis assignaturas. Enviadas á Commissão de Admissão de Socios, o respectivo parecer será votado em escrutinio secreto.

Art. 11. Os socios grandes-benemeritos serão tirados da classe dos benemeritos, e estes da classe dos socios effectivos e correspondentes, só podendo passar áquella categoria os que tiverem no minimo vinte annos de serviço na Directoria ou nas commissões permanentes.

§ 1.º Só poderão ser elevados a socios benemeritos os socios effectivos e correspondentes, que houverem prestado serviços notaveis ao Instituto ou exercido cargos na Directoria por mais de dez annos consecutivos.

§ 2.º A eleição de socios grandes-benemeritos e benemeritos será feita em Assembléa Geral, mediante proposta assignada por doze socios.

Art. 12. A qualidade excepcional de presidente honorario só poderá ser conferida, em Assembléa Geral, aos chefes de Estado ou aos membros do Instituto, seus ex-presidentes effectivos, mediante proposta de tres ou mais membros da Directoria e socios, perfazendo ao todo vinte e um no minimo.

Paragrapho unico. A proposta assim apresentada considerar-se-ha approvada, e o presidente do Instituto communicará ao titular a distincção conferida, enviando-lhe o respectivo diploma.

Art. 13. Qualquer dos membros de Commissões, que dentro de dous mezes não apresentar os trabalhos dos quaes haja sido incumbido terá substituto designado pelo presidente, salvo caso de justificação motivada da demora.

Art. 14. Nenhum socio se negará, sem motivo justificado, aos trabalhos necessarios ao Instituto.

Art. 15. O socio contribuinte, que por espaço de um biennio não pagar as suas contribuições, havendo, para saldar o debito, recebido aviso do thesoureiro (em carta registada com recibo de volta), será considerado como renunciante á sua qualidade de socio.

Art. 16. Os socios farão parte da Directoria ou das Commissões e serão transferidos de uma classe para outra, quando quites com os cofres do Instituto, tendo tambem tomado posse, de accôrdo com o art. 17, § 5º. Sómente os socios nessas condições terão direito á *Revista*, de conformidade com o art. 24.

Art. 17. Quando algum socio tiver de tomar posse, enviará ao presidente cópia do respectivo discurso, realizando-se a ceremonia dentro de trinta dias, contados da data da entrega da referida cópia.

§ 1.º Si o discurso contiver opiniões susceptiveis de perturbar a serenidade dos trabalhos do Instituto, o presidente deverá submettê-lo á consideração da Directoria e, de accôrdo com o resolvido na reunião, devolvê-lo-ha ao recipiendario,

convidando-o a fazer as alterações indispensaveis, condição *sine qua non* para a posse.

§ 2.º Na occasião da posse o recipiendario prestará o seguinte compromisso: «Prometto promover, quanto em mim couber, o engrandecimento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e observar fielmente os seus Estatutos». Em seguida o presidente declarará empossado o novo socio.

§ 3.º Depois da posse, o presidente dará a palavra ao recipiendario, que lerá o seu discurso de recepção, respondendo o orador.

§ 4.º Os discursos do recipiendario e do orador serão insertos na acta.

§ 5.º O socio contribuinte não poderá tomar posse, nem será como tal inscripto no livro competente, sem ter satisfeito as contribuições devidas.

Art. 18. O socio deverá junctar á cópia do discurso de recepção minuciosa autobiographia com os exclarecimentos que julgar convenientes á apreciação de sua individualidade.

Art. 19. Os socios terão como distinctivo, além do uniforme estabelecido pelo decreto de 2 de Março de 1860, uma roseta azul-celeste para ser usada nas reuniões e solennidades sociaes, ou quando representarem o Instituto.

Art. 20. Aos socios de todas as classes expedir-se-ha diploma, assignado pelo presidente, 1º secretario e thesoureiro.

Art. 21. O socio effectivo ou correspondente pagará cem mil réis de joia de admissão, trinta mil réis de diploma e vinte e quatro mil réis annuaes, adeantadamente.

Paragrapho unico. Estão exemptos de qualquer contribuição:

a) os socios grandes-benemeritos;
b) os benemeritos;
c) os honorarios;
d) os correspondentes de nacionalidade extrangeira.

Art. 22. E' facultada aos socios contribuintes a remissão das prestações annuaes mediante o pagamento de duzentos mil réis, além da joia e da quota de diploma.

Art. 23. Os socios contribuintes, em debito das prestações annuaes, só poderão remir-se depois de solver as suas dividas.

Art. 24. Os socios contribuintes, satisfeitas as joias e as contribuições, terão direito a receber um exemplar da *Revista do Instituto*, desde a sua admissão, pagando, porém, o registo do Correio.

Art. 25. O socio contribuinte devedor das prestações de um biennio perderá o direito de receber a *Revista*.

Art. 26. No entêrro de seus socios, o Instituto far-se-ha representar, si a participação do obito alcançar as horas do expediente.

CAPITULO III

DAS ELEIÇÕES E ATTRIBUIÇÕES DA DIRECTORIA E DAS COMMISSÕES PERMANENTES

Art. 27. O mandato da Directoria e das Commissões será biennal.

Art. 28. Com antecedencia conveniente, será convocada a Assembléa Geral para o dia 15 de Dezembro do respectivo anno, ou, sendo tal dia impedido, para o dia seguinte, afim de eleger a nova Directoria e as novas Commissões, cuja posse se realizará no dia 7 de Janeiro do anno seguinte.

Art. 29. A eleição será feita por escrutinio secreto, observando-se o seguinte:

§ 1.° Cada socio votará em duas cedulas: uma cedula contendo o nome do presidente, dos vice-presidentes, do 1° secretario, do 2° secretario, do orador e do thesoureiro, exceptuados os cargos que tiverem effectividade perpétua, e outra cedula contendo os nomes dos membros das diversas Commissões.

§ 2.° A apuração será feita separadamente, e só depois de proclamados os membros da Directoria deverá proceder-se á apuração dos votos para as Commissões.

§ 3.° Só para o cargo de presidente se requer maioria absoluta; no caso de empate, correrá segundo escrutinio, e, si este não fôr decisivo, a sorte desempatará a eleição.

Art. 30. Os membros da Directoria poderão ser reeleitos, bem como os das Commissões, mas a eleição só recairá em socios effectivos, benemeritos e grandes-benemeritos, residentes no Rio de Janeiro, podendo os membros da Directoria, excepto o presidente, fazer tambem parte de qualquer Commissão.

Art. 31. As vagas occurrentes na Directoria ou nas Commissões permanentes serão preenchidas por nomeação do presidente, feita em portaria registada em livro especial.

Art. 32. Sempre que o Instituto eleger a sua Directoria communica-lo-ha ao Governo Federal, por officio assignado pelo presidente ou pelo 1° secretario.

Art. 33. Ao presidente incumbe:

1.° Presidir as reuniões da Directoria, as sessões ordinarias, extraordinarias e anniversarias, as Assembléas Geraes e as de eleição;

2.º Representar o Instituto, por si ou por mandatario seu, em todos os negocios judiciaes ou extra-judiciaes;

3.º Nomear os membros da Directoria e os das Commissões permanentes, nos termos do art. 31;

4.º Nomear os relatores das Commissões;

5.º Nomear, suspender e exonerar os funccionarios do Instituto;

6.º Auctorizar todos os pagamentos;

7.º Providenciar sobre quaesquer negocios do Instituto, nos limites destes Estatutos.

Art. 34. O presidente poderá oppôr *véto* ás deliberações tomadas nas sessões ordinarias e extraordinarias, sendo a Assembléa Geral a unica competente para confirmar ou rejeitar taes *vêtos*.

Art. 35. O 1º secretario superintenderá todos os serviços do Instituto. Compete-lhe:

1.º Propôr ao presidente a nomeação ou exoneração do bibliothecario e do director da *Revista*, cargos que poderão ser exercidos por sócios, e dos demais funccionarios;

2.º Suspender, até 15 dias, qualquer desses funccionarios, dando sciencia ao presidente e designando o substituto interino;

3.º Fazer inventariar os manuscriptos, livros e quaesquer outros objectos pertencentes ao Archivo, Bibliotheca e Museu, e mandar imprimir os respectivos catalogos;

4.º Mandar rever os catalogos de cinco em cinco annos, para serem impressas as alterações;

5.º Determinar a compra dos objectos necessarios ao expediente, attendendo á respectiva verba do orçamento;

6.º Processar a folha dos vencimentos dos funccionarios, rubricar os documentos de despesa e apresentar o orçamento annual;

7.º Providenciar na falta do presidente, a respeito de todos os negocios urgentes do Instituto, participando-lhe immediatamente as providencias tomadas;

8.º Mandar organizar, em livro proprio e sob sua immediata fiscalização e responsabilidade, o cadastro de todos os socios do Instituto, com especificação da data da eleição, posse, transferencia de classe e quanto possa ter relação com o socio.

Art. 36. O 2º secretario será o immediato auxiliar do 1º secretario e seu substituto. Cabe-lhe especialmente:

Paragrapho unico. Redigir as actas das reuniões da Directoria, das sessões e das Assembléas Geraes e expedir os respectivos avisos de convocação.

Art. 37. Compete ao thesoureiro:

1.° Arrecadar e guardar os fundos do Instituto, depositando em um banco, de sua escolha e aceito pelo presidente, as quantias sem applicação immediata;

2.° Satisfazer as despesas competentemente auctorizadas, de accôrdo com as disposições destes Estatutos, não devendo fazer pagamento sem auctorização escripta do presidente, quando excedida a respectiva verba do orçamento;

3.° Escolher um cobrador, extranho ao pessoal do Instituto, por quem se responsabilizará, e que perceberá pelo seu trabalho uma commissão fixada pelo presidente.

Art. 38. O thesoureiro dará contas annuaes da applicação dos fundos a seu cargo.

1.° As contas abrangerão a receita e despesa de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro, e serão apresentadas ao presidente até o dia 15 de Fevereiro do anno seguinte.

2.° Examinadas as contas pela Commissão de Fundos e Orçamento, serão apresentadas á Directoria accompanhadas de parecer, qua na primeira sessão ordinaria será submettido a discussão e votação.

Art. 39. Ao orador compete:

1.° Pronunciar o discurso de recepção dos novos socios;

2.° Fazer o elogio historico dos socios fallecidos durante o anno;

3.° Usar da palavra, em nome do Instituto, quando este se fizer representar em alguma solennidade.

Art. 40. Pertence á Commissão de Fundos e Orçamento:

1.° Examinar as contas submettidas á sua verificação;

2.° Dar parecer sôbre a proposta do orçamento annual de receita e despesa, apresentada pelo 1° secretario até 30 de Septembro;

3.° Dar parecer, quando consultada pelo presidente.

Art. 41. Pertence á Commissão de Estatutos:

1.° Dar parecer sôbre dúvidas na interpretação destes Estatutos, bem como sôbre as emendas, reformas ou additamentos;

2.° Estabelecer o processo para a concessão dos premios, que o Instituto houver de conferir.

Art. 42. Pertence ás Commissões de Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia:

Dar parecer sôbre as memorias, documentos e publicações, remettidos pelo presidente.

Art. 43. Cabe á Commissão de Admissão de Socios:

1.° Syndicar da individualidade do candidato, das suas condições de idoneidade e da conveniencia de sua admissão;

2.° Verificar si as propostas reunem as condições exigidas por estes Estatutos.

Art. 44. Os pareceres desta Commissão podem ser reservados, tendo o presidente a faculdade de submettê-los á consideração do Instituto em sessão secreta.

Art. 45. Além dessas Commissões poderá o presidente nomear outras para fins especiaes ou encarregar de algum trabalho os socios, individualmente, quando assim julgar conveniente.

Art. 46. Os pareceres das Commissões serão lidos, obtida maioria de assignaturas. Os membros que não tiverem assignado poderão delles pedir vista, restituindo-os dentro de quinze dias.

Art. 47. As votações realizar-se-hão por antiguidade rigorosa, contada da data do parecer da Commissão de Admissão de Socios.

Paragrapho unico. Havendo dous pareceres dessa Commissão com a mesma data, contar-se-ha a antiguidade, segundo a data da proposta.

Art. 48. Os relatores das diversas Commissões serão designados pelo presidente dentre os respectivos membros, de modo a haver egualdade no serviço.

CAPITULO IV

DAS SESSÕES E REUNIÕES DO INSTITUTO E ORDEM DOS SEUS TRABALHOS

Art. 49. As sessões do Instituto Historico serão: 1°, ordinarias ou extraordinarias; 2°, de Assembléa Geral; 3°, anniversarias; 4°, de eleição.

§ 1.° O salão de sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro não poderá ser, em caso algum, cedido para quaesquer reuniões quando não directamente promovidas pelo mesmo Instituto.

§ 2.° No mesmo salão de sessões só poderá haver, como homenagem especialissima, o retrato do sr. d. Pedro II, inexquecivel protector da Associação.

Art. 50. A's sessões ordinarias e extraordinarias poderão assistir quaesquer pessoas, decentemente trajadas; quando porém, por qualquer motivo, a sessão deva ser secreta, o 1° secretario prohibirá o ingresso ás pessoas extranhas.

Art. 51. O Instituto celebrará solennemente o anniversario de sua installação no dia 21 de Outubro, e desde esse dia até Abril ficarão suspensas as sessões, com excepção da Assembléa Geral em anno de eleição.

Art. 52. Em todas as sessões do Instituto o presidente occupará o centro da mesa, tendo á direita o 1° e 2° secretarios e á esquerda o orador e o thesoureiro.

Art. 53. Nas assembléas e sessões, quando faltarem o presidente e os vice-presidentes, assumirá a direcção dos trabalhos o mais antigo dos socios presentes.

Art. 54. Na sessão magna de 21 de Outubro pronunciará o presidente o discurso de abertura; o 1° secretario lerá o relatorio, com a resenha dos trabalhos annuaes; e o orador fará o elogio dos socios fallecidos durante o anno.

Art. 55. As sessões ordinarias effectuar-se-hão mensalmente, durante o dia ou á noite, a partir do mez de Abril até a sessão magna de 21 de Outubro. O presidente designará o dia e hora da sessão, que será annunciada pela imprensa.

Art. 56. Nestas sessões serão tractados exclusivamente os assumptos que, nos termos do art. 1°, constituem o fim do Instituto, bem como serão discutidos e votados os pareceres das Commissões. Na primeira sessão ordinaria de cada anno será discutido e votado o parecer da Commissão de Fundos e Orçamento.

Art. 57. Aberta a sessão, lida e submettida á approvação a acta antecedente, será lido o expediente e resolver-se-ha sôbre qualquer materia sujeita ao conhecimento do Instituto nos termos do artigo antecedente, excepto sôbre materia da competencia exclusiva da Assembléa Geral ou da Directoria.

§ 1.° Para a leitura de trabalhos, o socio inscrever-se-ha ao começar a sessão, e o presidente dar-lhe-ha a palavra em occasião opportuna.

§ 2.° A leitura de qualquer trabalho não excederá de uma hora para cada orador.

Art. 58. Havendo necessidade, o presidente convocará sessão extraordinaria, para a qual se expedirão convites ou avisos assignados pelo 2° secretario.

Art. 59. Para haver sessão ordinaria ou extraordinaria é mistér a presença do presidente, ou a de algum dos seus substitutos, e a de mais nove socios no minimo.

Art. 60. Na primeira sessão seguinte ao fallecimento de qualquer socio, lançar-se-ha na acta um voto de pezar, podendo qualquer socio referir-se ao finado em succintas palavras de condolencia ou louvor.

Art. 61. O presidente poderá convocar a Assembléa Geral sempre que julgar conveniente.

§ 1.° Todos os socios deverão assistir ás Assembléas Geraes, nas quaes terão direito de propôr, discutir e votar.

§ 2.° Para haver sessão de Assembléa Geral é necessaria a presença de 21 socios, no minimo.

§ 3.° Não comparecendo esse número, será marcada nova reunião, na qual se deliberará com doze socios no minimo.

Art. 62. Será convocada a Assembléa Geral quando 21 socios a solicitarem, por escripto, ao presidente.

Art. 63. As reuniões de Directoria, das quaes se lavrará acta, serão effectuadas com a possivel frequencia e sob convocação do presidente.

Art. 64. Não se abrirá o Instituto no dia 5 de Dezembro anniversario do fallecimento do seu inolvidavel protector, o sr. d. Pedro II.

Art. 65. Além dos premios constantes do § 5° do art. 82, ficam creados dous premios annuaes sob as denominações *Premio Pedro II* e *Premio Conselheiro Olegario*. O primeiro, em signal de imperecivel reconhecimento á memoria do grande protector do Instituto, servirá para recompensar a melhor monographia sôbre assumptos com os quaes se occupa o Instituto, e constará de uma medalha de ouro. O segundo, em attenção aos assiduos e notaveis serviços prestados ao Instituto pelo presidente — conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro — será concedido á melhor memoria lida no anno anterior, em sessão do Instituto, e constará de uma medalha de prata.

CAPITULO V

DA SECRETARIA E SERVIÇOS A SEU CARGO

Art. 66. Estarão a cargo da Secretaria todo o expediente social, o Archivo, a Bibliotheca, o Museu e a *Revista*.

Art. 67. Os officiaes da Secretaria, em número de tres, têm por obrigação comparecer diariamente, assignando o respectivo poncto, e cumprir as ordens do 1° secretario.

Art. 68. Ao bibliothecario compete:

1.° O serviço de consulta na sala de leitura pública;

2.° Communicar ao 1° secretario as occurrencias no serviço a seu cargo;

3.° Propôr a compra de livros e objectos de interesse para o Instituto, procurando sempre completar as obras ou collecções existentes;

4.° Empregar o maior cuidado no arrolamento, selecção, arranjo e conservação dos livros e documentos a seu cargo;

5.° Apresentar annualmente, até 15 de Outubro, ao 1° secretario, um relatorio dos trabalhos realizados e do estado das obras e objectos a seu cargo, indicando as providencias convenientes;

6.º Organizar annualmente catalogos supplementares, incorporados de cinco em cinco annos nos catalogos geraes.

Art. 69. Os socios, bem como quaesquer pessoas que assignarem os boletins de consulta, obrigatorios para todos, terão a faculdade de examinar, unicamente na sala de leitura pública do Instituto as obras, quer impressas, quer manuscriptas, e fazer os extractos necessarios.

Art. 70. Não é permittida a saïda de livros, mappas, manuscriptos e objectos do Museu, podendo unicamente o director da *Revista* retirar, por algum tempo, os manuscriptos ou impressos necessarios para a publicação na *Revista*.

Art. 71. Compete ao director da *Revista*:

1.º Escolher toda a materia publicavel, podendo para isso requisitar, por escripto, do 1º secretario quaesquer manuscriptos dos quaes passará recibo, que lhe será restituido quando os devolver;

2.º Redigir uma summula dos artigos insertos, fazendo as observações convenientes;

3.º Emittir juizo sôbre as publicações historicas, geographicas, archeologicas e ethnographicas offerecidas ao Instituto;

4.º Fazer ou fiscalizar a revisão da *Revista*.

Art. 72. O director da *Revista* terá plena autonomia, podendo recusar trabalhos de quem quer que seja, no intuito de manter o conceito da *Revista*.

Art. 73. O 1º secretario, a cargo de quem fica a impressão da *Revista*, fornecerá ao director desta, para serem publicados, as actas das sessões e o cadastro social.

Art. 74. O 1º secretario fica incumbido da distribuição da *Revista* aos socios, nos termos destes Estatutos, e a outras pessoas, residentes no Brasil e fóra delle.

Art. 75. Ao porteiro incumbe:

1.º Guardar as chaves do edificio para o abrir e fechar diariamente, nas horas marcadas pelo presidente;

2.º Velar pelo asseio da casa;

3.º Cumprir as ordens do 1º secretario.

Art. 76. Ao continuo compete:

1.º Encarregar-se do asseio da casa;

2.º Auxiliar o porteiro;

3.º Cumprir as ordens do 1º secretario e do bibliothecario.

Art. 77. O 1º secretario poderá propor ao presidente o não provimento de qualquer dos cargos, conforme a conveniencia do Instituto.

Art. 78. O 1º secretario, com approvação do presidente, poderá escolher até dous collaboradores para o serviço de cópias da *Revista* e auxilio da catalogação.

Art. 79. Os vencimentos do pessoal do Instituto serão fixados annualmente, por occasião da proposta do Orçamento.

Paragrapho unico. O presidente do Instituto poderá, em virtude de representação do 1° secretario, dar nova distribuição aos trabalhos administrativos, submettida a resolução ao *veridictum* do Instituto.

Art. 80. O Instituto terá uma arca especial de sigillo, onde serão encerrados todos os manuscriptos secretos, a publicar em epocha determinada.

§ 1.° As chaves da arca, que serão differentes, ficarão em poder do presidente e do 1° secretario.

§ 2.° Os manuscriptos ahi depositados serão préviamente numerados e inventariados, segundo os seus titulos, com indicação do formato, qualidade do papel do envolucro e outros signaes characteristicos.

§ 3.° Além do sêllo e precauções tomadas pelo auctor, o presidente manda-los-ha sellar de novo.

§ 4.° Em livro proprio será lavrado pelo 2° secretario o termo de depósito, assignado pelo presidente, depositante ou seu procurador, e pelo dicto 2° secretario.

§ 5.° Qualquer memoria ou documento enviado ao Instituto, para depósito temporario na arca de sigillo, deve ser lacrado e accompanhado de uma carta ao Instituto, assignada pelo auctor ou por pessoa conhecida, com declaração do tempo em que deverá ser aberto e lido.

§ 6.° Chegado esse tempo, o presidente do Instituto convocará uma reunião da Directoria para abertura da arca de sigillo, e, depois de extrahido e verificado o manuscripto, segundo a carta que o tiver accompanhado, será aberto e lido em uma ou mais reuniões.

§ 7.° Terminada a leitura da memoria ou documento, a Directoria, antes de dar-lhe o conveniente destino, deverá submettê-lo ao juizo da Commissão respectiva, conforme o character do documento.

CAPITULO VI

DOS FUNDOS DO INSTITUTO E SUA APPLICAÇÃO

Art. 81. Os fundos da Associação procedem:

1.° Das joias de admissão, dos emolumentos nos diplomas e da contribuição annual dos socios;

2.° Do producto das remissões;

3.° Dos donativos feitos ao Instituto;

4.° Da receita liquida resultante da venda da *Revista* e das obras avulsas que publicar;

5.° Do subsidio concedido pelo Congresso Nacional.

Art. 82. Os fundos do Instituto serão applicados:

1.° Ao seu expediente, reparação e conservação de objectos de sua propriedade ou uso;
2.° Aos vencimentos dos funccionarios;
3.° A' impressão dos seus trabalhos e publicações;
4.° A' compra de livros, manuscriptos, mappas e objectos historicos, a depositar no Archivo, Bibliotheca e Museu;
5.° Ao pagamento de premios, creados pelo Instituto, aos que mais se distinguirem no desempenho dos programmas por elle distribuidos ou na execução de trabalhos que, pelo seu transcendente merecimento, reconhecido pela respectiva Commissão, forem considerados dignos de similhante distincção, e bem assim aos premios constantes do art. 65.

Art. 83. As sobras da receita annual do Instituto serão para o patrimonio social, como fôr combinado entre o presidente e o thesoureiro.

§ 1.° O patrimonio social não poderá ser empregado no todo ou em parte, sem auctorização da Assembléa Geral;

§ 2.° Os rendimentos, porém, serão applicados ás despesas fixadas no orçamento e auctorizadas pelo presidente.

CAPITULO VII

DAS DISPOSIÇÕES GERAES E TRANSITORIAS

Art. 84. Os socios actuaes excedentes dos respectivos quadros, bem como os benfeitores, classe extincta, gosarão de todas as regalias como até aqui e estão sujeitos aos mesmos encargos.

Art. 85. A todos os socios, em atrazo de suas contribuições, fica marcado o prazo de 90 dias para solverem os seus debitos.

§ 1.° Esse prazo será contado da data do officio ou circular dirigida pelo thesoureiro aos referidos socios sob registo postal com recibo de volta.

§ 2.° A falta de resposta a esse officio-circular ou recusa na satisfação dos debitos importará na applicação immediata da pena, em que já tiverem incorrido.

§ 3.° O socio contribuinte, eleito, que, dentro de tres mezes, sendo avisado, não satisfizer as contribuições dos Estatutos, e os residentes fóra da Republica, que, dentro de seis mezes, não responderem ao officio da Secretaria communicando a investidura, serão considerados como tendo renunciado ao titulo de socio.

Art. 86. A Secretaria do Instituto organizará, annualmente, uma lista geral dos socios, de inteiro accôrdo com as disposições ora consignadas.

Art. 87. Estes Estatutos entrarão em execução tres dias depois de publicados no *Diario Offical* e serão, devidamente registados, distribuidos em avulso até 30 dias depois da sua publicação.

Art. 88. Para se realizar a reforma dos Estatutos cumpre que os membros da Commissão de Estatutos ou vinte e um socios a reclámem por escripto e fundamentadamente. Uma Assembléa Geral decidirá sôbre a proposta. Caso a approve, convocar-se-ha nova Assembléa Geral para dahi a sessenta dias, e esta nova Assembléa resolverá o assumpto de modo definitivo.

Art. 89. Os actuaes socios honorarios, que não houverem tomado posse, serão mantidos nesta classe, na qual se não fará admissão alguma, si o quadro estiver excedido.

Art. 90. Os actuaes socios honorarios, que houverem tomado posse, passarão para a classe dos benemeritos.

Art. 91. De cada duas vagas que occorrerem entre os socios benemeritos, effectivos e correspondentes, só será preenchida uma, até que os algarismos dos respectivos quadros se regularizem, consoante o disposto no art. 3°.

Proclamado o resultado final, o Sr. Presidente nomeia os srs. Manuel Cicero, Antonio Olyntho, Basilio de Magalhães e Agenor de Roure para com elle, presidente, e com a Commissão de Estatutos assignarem a acta da presente Assembléa Geral, na qualidade de representantes da mesma.

O Sr. 1° Secretario Perpetuo justifica a ausencia do consocio sr. dr. João Coelho Gomes Ribeiro.

Logo depois o Sr. Presidente communica á Assembléa o fallecimento do socio do Instituto dr. Augusto de Siqueira Cardoso.

Nada mais havendo a tractar, o Sr. Presidente agradece o comparecimento dos illustres consocios e levanta a sessão ás 18 horas.

E eu, doutor Edgard Roquette Pinto, 2° secretario do Instituto lavrei a presente acta, que tambem assigno. *Conde de Affonso Celso*, presidente perpetuo do Instituto; Dr. *Manuel Cicero Peregrino da Silva;* Dr. *B. F. Ramiz Galvão; Fleiuss; A. Pinto da Rocha; Rodrigo Octavio; Araujo Vianna, Agenor de Roure; Antonio Olyntho dos Santos Pires; Basilio de Magalhães; E. Roquette Pinto.*

QUARTA SESSÃO ORDINARIA, EM 14 DE JULHO DE 1917

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 21 horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, dr. Edgard Roquette Pinto, dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna, dr. Homero Baptista, Felix Pacheco e dr. José Americo dos Santos.

O Sr. Roquette Pinto (2° *secretario*) lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada por unanimidade.

O Sr. Fleiuss (*secretario perpetuo*) justifica a ausencia dos consocios: conselheiro Salvador Pires de Carvalho Albuquerque e professor Basilio de Magalhães, e diz que o professor Basilio de Magalhães offerece ao Instituto duas cartas do visconde de Ouro Preto, datadas de Lisboa, a 25 de Janeiro de 1890 e de Paris, a 4 de Julho do mesmo anno, cartas estas que lhe foram offertadas pelo dr. Rocha Lagôa Filho e que constituem documentos de alta valia para o historiador, que futuramente escrever a biographia do insigne patricio, que foi o visconde de Ouro Preto.

O Sr. Presidente agradece essa offerta com a maior emoção.

Em seguida o mesmo Sr. Secretario perpetuo lê estas propostas:

— « Entre os extrangeiros mais illustres, não só pela somma de conhecimentos, mas ainda pelo sempre correcto desempenho de altas missões diplomaticas, presentemente ao serviço do seu opulento e grande paiz, perante o Govêrno da nossa Patria, — distingue-se um, digno a todos os titulos do maior respeito: — é o sr. Edwin V. Morgan.

Ao illustre embaixador dos Estados Unidos da America do Norte deve o Instituto Historico e Geographico Brasileiro gentilezas inolvidaveis, que teem redundado em prestimos não pequenos ao bem commum da nossa terra.

Com effeito, além de encaminhar sempre para esta casa todos os seus eruditos compatriotas, principalmente professores, que visitam as nossas plagas, muito tem favorecido o intercambio espiritual da nossa associação com as suas congeneres da grande Republica norte-americana.

Por todos esses motivos, pensam os abaixo assignados ser uma dupla justiça a homenagem que veem propor, indicando o eminente sr. Edwin Morgan para socio honorario do nosso

gremio, de accôrdo com a lettra *C* do art. 10 dos nossos Estatutos. E o preito não será rendido só a um grande amigo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, como tambem a um grande amigo do Brasil.

Sala das sessões, 14 de Julho de 1917.— *Fleiuss, Basilio de Magalhães, Roquette Pinto, Rodrigo Octavio, Antonio Olyntho, Homero Baptista, Araujo Viana, Felix Pacheco, A. F. de Sousa Pitanga.*»

O Sr. Presidente manda a proposta á Commissão de Admissão de socios, sendo relator o sr. dr. Ramiz Galvão.

— «Desde os seus primeiros Estatutos, datados de 17 de Novembro de 1838, que o Instituto Historico, sem solução de continuidade em suas disposições fundamentaes, vem mantendo a concessão de premios aos trabalhos de seus socios, reputados dignos de similhante galardão.

Em seu art. 68, os Estatutos de 27 de Junho de 1912, ainda vigentes, fixaram as regras para a concessão de taes premios, destinados a estimular e a recompensar moralmente os exforços dos nossos companheiros e os serviços por elles prestados á Historia, á Geographia e á Ethnographia do Brasil.

E', pois, da mais alta monta que não fique lettra-morta o referido dispositivo, pelo qual se crearam os dous premios annuaes, constantes de medalha de ouro, denominada «Premio Pedro II», e medalha do prata, denominada «Premio Conselheiro Olegario».

Assim, considerando que o primeiro dos sobredictos premios não tem sido dado ha alguns annos — proponho que seja concedida a medalha de ouro «Premio Pedro II» aos seguintes trabalhos, que tractam de assumptos, com os quaes se occupa o Instituto: *A lingua dos Caxinauás*, do sr. Capistrano de Abreu; *Expansão Geographica do Brasil até fins do seculo XVII*, do sr. Basilio de Magalhães, e *Rondonia*, do dr. Roquette Pinto; e que seja concedida a medalha de prata, «Premio Conselheiro Olegario», á memoria sôbre *Varnhagen*, do dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, por ser a — melhor memoria lida no anno anterior, em sessão do Instituto —, tudo de conformidade com o que determina o mencionado art. 68 dos Estatutos em vigor.

Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 14 de Julho de 1917.— *Fleiuss.*»

O Sr. Presidente nomeia a seguinte Commissão para emittir parecer sôbre esta proposta: srs. Ramiz Galvão, Manuel Cicero e Clovis Bevilaqua.

O Sr. Presidente communica o fallecimento dos consocios monsenhor Joaquim José Vieira, honorario, e Emilio Augusto Goeldi, correspondente, lavrando-se, nos termos dos Estatutos, um voto de profundo pezar por estas perdas.

O Sr. Secretario Perpetuo communica depois achar-se na casa o socio effectivo sr. dr. Laudelino Freire, que tendo cumprido todas as determinações dos Estatutos vem tomar posse.

O Sr. Presidente nomeia os secretarios e mais os srs. Manuel Cicero, Araujo Viana e Antonio Olyntho para introduzirem no recincto o novo socio.

Dá entrada no recincto o sr. dr. Laudelino Freire, que presta o compromisso dos Estatutos e profere o seguinte discurso:

— « Exmo. sr. Presidente — Illustres consocios — Minhas senhoras — Senhores:

Não é sem o embaraço natural de quem se sente superior ás suas deficiencias, mas a quem se lhe impõe o dever de revigorar-se nas proprias responsabilidades que o opprimem — que venho dar-vos os meus agradecimentos á immensidade do vosso gesto, trazendo-me até ás alturas deste doutissimo cenaculo.

Muito bem sinto as exigencias desta tribuna, tantas vezes illuminada pela palavra — já não invoco a dos innumeros Brasileiros que por aqui teem passado, realçando-a com o fulgor das suas luzes — mas pela palavra auctorizadissima do vosso eminente orador perpetuo, cujas scintillações de continuo nos envolvem e deslumbram. A indulgencia com que de certo me ouvireis, não na vos exoro, porque pretenda cingir-me com attributo que me não caiba.

Obscuro professor sem valia, apenas trago como credencial, si alguma posso ter, a de ser trabalhador de vontade firme, que só se alista no grupo dos que se honram pela dignificação do exfôrço. No entanto, vós não quizestes escutar a minha deficiencia, e aqui estou ao vosso lado, no mesmo empenho benfazejo.

O que sem duvida em mim quizestes premiar foi o que se vos afigurou ter eu feito em prol da Arte no Brasil. E' que vos não passa despercebido o trabalho, embora modesto, de quem quer que se volte com carinho para as cousas da nossa Historia. De modo que muito bem poderieis inscrever no portico desta Casa legenda similhante á que inscrevêra Platão no portico da sua Academia: « Aqui não entra quem não fôr patriota ».

Sim. Aqui não entra quem não sentir o verdadeiro culto de amor pelas cousas da patria.

O Instituto é seguro abrigo desse são patriotismo, tão necessario na hora presente, haurido nas crystallinas fontes do instincto de nacionalidade, factor de todo o ponto imprescindivel para uma completa integração, que nos dê a consciencia de que o Brasil é dos seus filhos. A Arte é sem debate um processo dessa integração, por ser tambem fórmula

de patriotismo. Fórmula de patriotismo, por ser uma das faces dessa verdade immutavel e eterna, ha dous mil annos sentida e inquirida na scena do Pretorio.

Infinda espiral do genio humano, que tem a sua origem nas necessidades mais profundas do espirito, volteando *ab eterno* e desviando-se sempre, vai nos deixando, em seus luminosos segmentos, a visão das cousas, desde a degradação animal do homem terciario até a consubstanciação de todos os exfôrços na conquista dos maximos esplendores da civilização contemporanea, que já offusca ao proprio genio creador.

A Arte dá-nos fragmentos dessa espiral de luz, quando os espiritos privilegiados na tortura das emoções sabem concretiza-los através da capacidade emotiva e do ambiente que os inspira. Parcellas da verdade sentida, quando a buscamos nas manifestações collectivas, nas energias da raça, nas aspirações da nacionalidade, nas luctas pelos ideaes, nas manifestações da bondade e solidariedade entre os homens; verdade ainda dos quadros moraes, como da paizagem do meio physico; em summa, de todas as manifestações do sentimento, da intelligencia e liberdade de um povo.

No desejo de trazer-vos, á hora da minha investidura, pequena contribuição historica sôbre um dos mais importantes ramos das Bellas artes, não me será dado sinão deter-me em um ponto de vista synthetico.

Ha vaidade nossa quando nos arrogamos fallar na existencia de uma Pintura nacional? Ou a que possuimos — não vai além dos vagos murmurios e reflexos de alheias inspirações aqui exiladas?

Tendo as suas origens nas fontes da vida — a Arte não se reveste apenas do character individual. Nasce, é certo, das profundezas do espirito; nasce com o homem para logo tornar-se phenomeno social, sujeito portanto á influencia do meio, da raça e da cultura, dos costumes e motivos que a suggerem.

Em que momento da nossa historia teve a Pintura o seu primeiro surto? Como evolucionou desde a primitiva graphica, a que dera origem a apaixonada donzella, filha de Debutades, para conservar a imagem do noivo, até a pintura de Apelles na Aphrodita que surgiu das espumas brancas das vagas?

Não ha cultura sem antecedente, porque não ha effeito sem causa. Toda civilização presuppõe uma origem; todo progresso uma phase anterior na evolução.

Si no primeiro alvorecer da vida intellectual não foram porventura nativas e autóchthones as idéas iniciaes, si não brotaram espontaneas na gleba feracissima da Grecia todas aquellas mésses copiosas, ceifadas pela sciencia e pela arte, é que, apezar do seu genio creador, diz Latino Coelho, não podiam os Hellenos operar um milagre historico, e, contra-

dizendo as leis inelutaveis e severas do progresso da Humanidade, improvizar do nada da sua agreste incultura primitiva um mundo de maravilhas na phantasia e na razão.

A Arte, para a sua verdadeira expansão, precisa de uma raça que a entenda, de um espirito que a sinta e de uma cultura que a traduza.

Que tempo, no evolver da nossa vida historica, foi preciso para a formação da unidade na variedade ethnica, capaz de determinar uma phase de progresso e servir de factor basico á eclosão artistica?

Quanto de maior valor intellectual entrou na formação inicial da nacionalidade, tudo devemos a Portugal, a quem coube papel preponderante no periodo de gestação da fusão das raças primitivas.

Mas o Brasileiro, no fazer o estudo da sua embryologia social, recorrendo naturalmente ao testimunho de historiadores insuspeitos por sua nacionalidade, chega á conclusão de que «a velha mãi patria» não nos serviu de origem, nem foi berço da nossa formação artistica.

No decurso tres vezes secular do trabalho colonial, nem siquer vimos o germinar de qualquer semente, que pudesse ter sido lançada e permittisse o surto de uma arte qualquer, ainda que méramente rudimentar.

Ouvi uma página de alta Psychologia e que para logo nos revela a razão por que não trouxeram os Portuguezes para o Brasil algo da cultura artistica de que eram portadores.

Ouvi a Ramalho Ortigão:

«Para constituirmos duradouramente uma grande nação, isto é, para preponderarmos por algum tempo na direcção intellectual do mundo, faltou-nos então, pela indisciplina do espirito, aquillo a que poderemos chamar a responsabilidade da gloria. O poder de que nos investia o triumpho não o soubemos legitimar com nenhum acto verdadeiramente grande, tendente a tornar o mundo mais bello, a vida mais digna, o homem mais forte, mais sabio ou mais justo. Creados nas guerras das sortidas e da defesa dos burgos contra os Mouros e contra os Arabes, educados por soldados grosseiros e por monges taciturnos, não conheciamos as doçuras da arte nem as alegrias do amor... O valor com que demarcámos o oceano, o heroïsmo com que entráramos na vida historica, contribuindo para a civilização com o descobrimento de um novo mundo, degenerára rapidamente em um egoïsmo sordido. A indole aguerrida e aventurosa da raça fizera de nós um povo de descobridores. A politica monarchica e a educação fradesca converteram-nos em um povo de chatins, o qual, como diz Falcão de Resende, se contentava com saber comprar barato e vender caro, trampeando, enganando, jurando e mentindo.»

A página, senhores, é severa e injusta, si generalizada a toda a nacionalidade lusitana; branda e profundamente verdadeira, si applicada ao «vulgo vil sem nome», ao grosso dos que se metteram nas aventuras e conquistas ultramarinas.

O grupo numeroso dos seus grandes prosadores e poetas, dos seus litteratos, dos seus fidalgos e ecclesiasticos, os mais cultos — esse grupo não era o que se contentava com saber comprar barato e vender caro, trampeando e mentindo. Era o escól daquella nacionalidade, que tão capaz se mostrara para engrandecer o nome de Portugal na civilização européa, quanto capaz seria para levar ás paragens extranhas, á sua grande colonia americana, o culto de amor pelo sentimento do bello. A sociedade da metropole bifurcava-se, nesse momento historico, em duas correntes perfeitamente distinctas — uma que representa o espirito da renascença geral e florescimento da cultura voltada para os maximos resplendores do genio e obra de Camões; outra que, não se importando com o Camões, se entregara a empresas de além mar, movida por empenhos de ordem puramente material.

A partilha que nos coube desse determinismo historico foi a peior. Ficámos com a parte de gente que nos não podia trazer a capacidade artistica.

Do outro lado, o elemento aborigene era o gentio selvagem, homens broncos, sem sombra e visos de vontade e sentimento; e por ultimo, seria phantasia suppôr que o negro, méro instrumento passivo da avareza e da cubiça, caldeando-se com os dous outros elementos, pudesse ser factor de eclosão artistica.

De tal fusão ethnica, evidentemente resultante de elementos imprestaveis, não poderia, para logo, derivar nenhum espirito capaz de cultura ideal. Isso, entre nós, só poderia ser formação de tempo e differenciação, como, em outros povos, fôra principalmente do lavor e aptidão da propria raça.

Assim fechados á possibilidade de uma floração artistica momento houve, no entanto, no segundo seculo da conquista, em que aqui poderiam ter ficado as primeiras sementes.

A quanto possam remontar as referencias dos que do nosso passado se teem occupado é hoje facto que se não póde pôr em dúvida, que os primeiros pintores que vieram ao Brasil foram os seis pintores hollandezes trazidos pelo principe Mauricio de Nassau quando, em 1637, veio apossar-se da colonia do norte do paiz, dos quaes apenas sabemos os nomes de Frans Post, Zacharias Wagner e Ekhout, este ermão de Gérbrandt, discipulo de Rembrandt.

Os forasteiros hollandezes não encontraram terreno preparado e ambiente propicio para germinarem. Tudo lhes fôra esquivo e contrario. Sáfaros o negro, o indigena e o portuguez

da «cubiça dessas cousas». E uma vez expulsos, tambem expulsa ficara a Arte peregrina, que, por accidente da Historia, aqui tentara aninhar-se.

Perdido que foi esse ensejo em que, sob os melhores auspicios, poderia ter despontado a Arte, outro não se nos deparou no transcurso da vida de colonia.

E' lendaria por essa epocha a existencia na Bahia, de um Eusebio de Mattos, como pintor laureado. Si de facto existiu, o seu pincel e obra não transpuzeram os tempos.

A singular apparição da bisonha figura de frei Ricardo do Pilar é outro episodio que não logrou siquer transformar-se em um antecedente.

Dão-lhe, é certo, virtudes moraes de raros encantos. Sob a sua sotaina de monge, soffredor e arredio das paixões mundanas, pulsava um coração de incomparavel bondade que, unida á doçura de sua palavra, era o allivio de quanto desgraçado se acercava do claustro de S. Bento. Posto que muito tivesse produzido segundo o testimunho de Porto Alegre, que salienta como a obra prima do frade benedictino a Imagem do Salvador, pertencente áquelle mosteiro, nenhuma influencia exerceu. Não teve discipulos e por isso não chegou a ser um precursor da Pintura. Passou a vida dentro das quatro paredes do claustro a que se condemnara, entregue a um mysticismo morbido, que de todo o afastara do convivio com os homens. Assim vivera trinta annos, vindo a fallecer em 1700.

Só na segunda metade do seculo XVIII é que surgiram os precursores. E estes foram — José Joaquim da Rocha com os seus discipulos, na Bahia; José de Oliveira, João de Sousa, Manuel da Cunha, Costa e Silva, José Leandro, Brasiliense e Solano, nesta cidade.

Que Arte, porém, poderiam ter feito estes homens no meio inculto em que medraram?

As condições mesologicas do Brasil, no terceiro seculo da sua civilização, ainda não permitiam o surto de uma arte superior. No seio da sociedade em que elles viviam, formado por um conjuncto de elementos ruins e explorada pela ganancia, crueldade, intriga e fereza da epocha, seria inadmissivel a existencia de grandes artistas. A arte que então irrompera não podia deixar de ser acanhada, inferior, balda de inspiração. Era principalmente o producto da fé religiosa, que lhe determinara e traçara o circulo das inspirações.

Fôra aquelle reduzido grupo de mediocres pintores sacros, retratistas e decoradores que aqui viera encontrar a côrte de d. João VI.

O rei, querendo aproveitar a capacidade de artistas francezes que, como elle, foragidos, vieram buscar asylo ás nossas plagas, e que lhe buscaram a sua real e graciosa protecção

para serem empregados no ensino de artes, creou, por decreto de 12 de Agosto de 1816, a primeira eschola de instrucção artistica no Brasil.

Houve por bem mandar que se lhes pagassem pensões que ainda, por effeito da sua real munificencia e paternal zêlo pelo bem público, lhes fizera mercê para a sua subsistencia, determinando-lhes firmassem contracto pelo tempo de seis annos, o que posteriormente foi feito.

Os termos do decreto real afastam desde logo a hypothese de terem sido mandados contractar no extrangeiro artistas, que aqui vieram ter em virtude dos successos politicos occorridos em sua patria por occasião de subir ao throno Luiz XVIII.

Com o aproveitar-lhes as habilitações, prestou d. João inolvidavel serviço á nossa cultura.

E' facto que essa colonia de Francezes, tão liberalmente aproveitados em prol da nossa nacionalidade, para logo entrou a desfazer-se.

E taes foram as difficuldades para a realização dos fins, a que se obrigaram, que só dez annos mais tarde, a 25 de Novembro de 1826, ficara definitivamente installada a primeira academia artistica.

Por essa épocha, do primitivo grupo aproveitado, que em comêço se compunha de 11 artistas, restavam apenas Grandjean de Montigny e João Baptista Debret.

E' na pessoa deste eminente artista que a Pintura brasileira entra na sua phase organica, já hoje dividida em duas grandes epochas — uma de formação e outra de desenvolvimento.

Da primeira que se extende até 1860, foi elle o factor principal. Coube-lhe formar o primeiro grupo de pintores nossos, que foram — Porto-Alegre, Francisco Amaral, Francisco de Sousa Lobo, Arruda, Carvalho dos Reis, Simplicio, Moreira e Affonso Falcoz. Em Julho de 1831, com a consciencia do dever cumprido, regressou á patria. Aqui, porém, deixara o seu grande exfôrço fructificando, e assegurada á cultura artistica a continuidade necessaria na pessoa dos discipulos, que mais tarde se fizeram mestres.

Debret leccionara a Pintura historica. Secundara-o no magisterio o vulto, por muitos titulos sympathico, de Felix Emilio Taunay, o segundo barão deste nome, a cargo de quem, desde 1824, ficara o ensino da paizagem.

Da acção inicial e conjuncta destes dous illustres artistas francezes resultara a formação, já em nosso meio, de pintores, cujo merecimento não póde ser contestado.

Entre estes excellem Augusto Muller e Agostinho da Motta, os maiores artistas da epocha de formação, seguindo-se-lhes Corrêa de Lima, Maximiano Mafra e Leão Pallore.

Augusto Muller, nome hoje injustamente exquecido, foi o mais notavel artista da sua geração e um dos maiores pintores brasileiros. A sua arte é larga e vigorosa, *Jugurtha na prisão* e o *Retrato de Montigny*, que figuram na Galeria Nacional, são disto comprovação.

Com estes primeiros artistas começara a accentuar-se a tendencia da pintura para libertar-se da estreita preoccupação do estylo decorativo e do genero sacro, e em cujo trabalho não se deixara de fazer sentir a acção de pintores extrangeiros, que aqui se vieram domiciliar. Ferdinando Krumolz comnosco convivera dez annos, elevando a pintura do retrato; Julio Le Chevrel, por espaço de um lustro, cooperou exforçadamente para o desenvolvimento da pintura de genero: Vinet, nosso hospede de vinte annos, foi um interprete fiel da natureza brasileira, em contraste com a technica amaneirada, minuciosa, mas todavia, inconfundivel do seu emulo Facchinetti; Baptista Borely iniciara a pintura a pastel; e Henrique Fleiuss, delicado aquarelista, foi o grande propulsor das artes graphicas.

A despeito dos progressos da technica e da evolução gradativa da pintura dos claustros e das egrejas, das irmandades e dos conventos para a pintura de todos os generos — faltava, contudo, á arte a indispensavel liberdade e, consequentemente, um mais largo conceito esthetico. Começava ella a expandir-se, é certo, mas detida nos circulos, que lhe traçaram a Realeza e a Egreja. Ao espirito aulico que se impunha ao artista seguia-se uma especie de determinação tacita para que «não ultrapassassem as raias de uma mediocridade discreta».

Dahi a ausencia, nos pintores da epocha, do que poderiamos chamar o «instincto de nacionalidade», unico capaz de mover o artista, como representante de sua raça, a contrapor-se aos excessos do idealismo da sociedade do tempo e a beber inspirações na harmonia da crença com o sentimento patrio.

Tal fôra a situação, a que attingira a Pintura até 1860.

Transposta a primeira metade do seculo, firmados estavam os factores fundamentaes da vida constitucional do paiz — a independencia, o throno e a ordem. O Brasil firmara-se na politica, prosperara na sua economia e desenvolvera a sua cultura.

Acontecimentos de varias ordens e de procedencias internas e externas reflectem-se sôbre a nossa consciencia.

De um lado, a guerra do Paraguai, a questão do elemento servil e a lucta religiosa abalam as consciencias e agitam fortemente a alma nacional; de outro chegam-nos os écos da guerra franco-prussiana, do advento da Republica em His-

panha, a quéda do segundo Imperio napoleonico e immediata proclamação da Republica em França.

A vida litteraria attinge á phase brilhante da segunda geração romantica. Os poetas identificam-se, communicam-se com o meio social em que florescem; e a sua poesia, ungida de sinceridade, já é a expressão da alma de um povo, ao cabo de tres seculos de vida historica e de algumas dezenas de annos de vida autonoma.

Como a Litteratura, a Pintura não poderia deixar de reflectir os salutares effeitos de tão poderosos elementos de renovação, e nesse ambiente de maior liberdade espiritual, em mais dilatado campo de inspirações, entra a desenvolver-se nas propicias condições, que o meio já lhe proporcionava.

E é precisamente nesse momento historico que nos apparecem as figuras dominantes de Victor Meirelles e Pedro Americo.

Através do seculo decorrido — foram elles os que firmaram a epocha de verdadeiro desenvolvimento da Pintura, ao mesmo tempo que foram os seus maiores representantes. Iniciaram o que se poderia chamar a nacionalização da Arte, passando a Pintura a inspirar-se no sentimento das cousas patrias e embeber-se em motivos propriamente nacionaes. Arrancaram-n'a dos laços em que a detinha a estreiteza do meio e elevaram-n'a a concepções mais amplas e á cultura de todos os generos. Revestiram-n'a de fórmas brilhantes e a souberam concretizar em télas, que nos honrariam em qualquer meio adeantado e culto. Por fim, emulos e competidores, na verdadeira lucta artistica, se tornaram os nossos maiores mestres.

A influencia de Victor sobreexcede a de Americo no ministrar o preparo technico, na dedicação ao magisterio, no exforço em pról da formação de uma eschola brasileira, assegurando a continuidade da cultura nos discipulos que preparara, e que vieram a formar as gerações de 79 e 84. A nenhum outro pintor foi dado exercer acção mais significativa e preponderante.

A obra de Pedro Americo, porém, sobreleva-se na unidade creadora das manifestações do genio.

Em nenhum momento da nossa desenvolução, tivera a Pintura pincés, que a traduzissem com acentos de inspiração tão subida, de mais nobre pensamento e superioridade de expressão. Si o sentimento, a correcção esthetica de cada um tem por vezes uma feição especial, traduzindo-se na variedade dos themas, acções e episodios de que se occuparam, não raro a emoção os unificara no mesmo culto do amor civico, do enthusiasmo pelos feitos da Historia, pelas crenças e lendas dos nossos homens e da nossa cultura.

Não vos fatigarei com o estudar a significação da obra de cada um destes dous grandes Brasileiros. Della apenas vos procurarei transmittir a impressão da identidade de sentimentos, que os ermanara na creação da epopéa na Pintura.

As primeiras manifestações do talento de Victor Meirelles se concretizaram na *Primeira missa no Brasil* e na *Moema*, trabalhos de fina e apurada arte. A *Primeira missa* foi o primeiro quadro de pintor brasileiro exposto no salão de Pariz. Com a *Moema*, o auctor conquistara a laurea do nosso salão de 66.

O então director da Academia, conselheiro Thomaz Gomes, em pública solennidade se lhe refere com grande carinho:

«Obra de maior valor... Desenho, colorido, transparencia aérea, effeitos de luz, perspectiva, exacta imitação da natureza em seus mais bellos aspectos, elevam essa composição magistral á categoria de original de grande preço. O assumpto, todo nacional, é uma das nossas lendas mais tocantes. Diogo, o Caramurú, regressa á Europa em uma náo franceza, levando em sua companhia a esposa mais amada, a formosa Paraguassú e abandonando a outra, que talvez o amasse mais, a bella Moema. Lamenta a desgraçada tanto amor tão mal correspondido, solta sentidissimas queixas, chama clamorosamente o esposo que lhe foge: entretanto... impellida de um zéphyro sereno, vai-se afastando a náo, que leva o ingrato, seu unico amor, alma de sua existencia ainda ha pouco tão doce: a infeliz, céga, louca de amor e desespêro, se arremessa ás ondas, fende-as impetuosamente, a paixão que a arrebata dá-lhe fôrças sobrehumanas, avizinha-se da náo, póde enfim segurar-se ao leme, mas já exhausta, e quasi sem alento, com voz intercortada diz:

> Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
> Quando eu a fé rendia ao teu engano;
> Nem me offenderas a escutar-me altivo,
> Que é favor, dado a tempo, um desengano;
>
> Porém, deixando o coração captivo
> Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
> Fugiste-me, traidor, e desta sorte
> Paga meu fino amor tão crua morte?
>
> Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
> Pallida a côr, o aspecto moribundo,
> Com mão já sem vigor, soltando o leme,
> Entre as salsas escumas desce ao fundo.
>
> Mas na onda do mar, que irado freme,
> Tornando a apparecer desde o profundo:
> «Ah Diogo cruel!», disse com magoa,
> E, sem mais vista ser, sorveu-se nagua.

O painel representa o final deste drama tão pathetico, omittido pelo poeta; as ondas restituem á terra o corpo gentil

da infortunada Moema, que repousa sôbre a areia de uma praia erma e silenciosa. Tudo nelle respira melancholia, mas tudo é suave e calmo; o céo, limpido e sereno, sereno como rosto de mulher que soffreu muito, e já se não queixa. Na superficie do mar apenas se entrevê brando movimento; leves crespos de agua veem lentamente, como que receiosos, beijar a victima de tão malfadado amor; não se atrevem, porém, a faze-lo, e recuam sem toca-la: á direita e não longe vê-se um bosquezinho de arbustos com mui pouca espessura, cujas ultimas ramas com difficuldade se deixam mover pelo sôpro do terral; á esquerda e defronte, o mar tranquillo; a scena é illuminada pela claridade da manhã, tão branda e suave que se harmoniza com a melancholia geral da composição, e a torna sentida. Moema sella a reputação do mestre, que, despontara brilhante á sua estréa, na segunda missa celebrada no Brasil.»

Por seu lado Pedro Americo se estreava nos mesmos vôos de inspiração fecunda e grandiosa.

Pintando a *Carioca,* quando ainda não tinha os seus 21 annos completos, não quiz nella deter-se em uma nova reproducção da belleza tradicional da arte, não «violentando a nympha grega», exilando-a dos valles da Arcadia para as florestas e fontes da Guanabara.

A nympha da *Carioca* é brasileira, e a sua belleza a das nossas patricias; a sua *Carioca,* aprecia um critico francez, a mãe da agua, a náiade, a suave filha das aguas, do perfume e dos raios do sol americano, é morena como uma andaluza, de cabellos negros com a aza da tormenta, e flanco avelludado, com ondulações da serpente e graciosa virgindade das espaduas da onça indomavel. Antevê-se naquelles olhos fitos, naquelles profundos olhos luminosos, o resplendor mysterioso do horizonte em noites de tempestade chammejante, e do negro abysmo do mar em cujo seio floresce o coral voluptuoso e a perola se esconde na crystalina chrysalide.

«Como são bellos, como são penetrantemente irresistiveis os contornos da náiade brasileira, cuja pelle amorenada e rica de um sangue virgem faz o effeito das lampadas de alabastro coradas pela restea da luz interior e viva!»

Como Victor, Pedro Americo transportou tambem para a tela o infortunio de Moema, rolando á flor das aguas, em uma suave transparencia de belleza e graça.

Todas essas manifestações, porém, não eram sinão prenuncios de uma arte mais ampla e vigorosa, com que os dous grandes artistas haviam de perpetuar os acontecimentos da Historia, que já eram patente affirmação do nosso espirito de nacionalidade.

Chegamos ao mais brilhante decennio, no qual parece que todas as fôrças e energias, até então latentes, se manifestam na mais alta expressão de vitalidade.

Na Philosophia, o visconde do Rio Grande dá á publicidade o primeiro trabalho vasado nas correntes do naturalismo darwinista, oppondo-se ao impenitente espiritualismo. Na sciencia, são accrescidos os novos cursos profissionaes das cadeiras referentes ás sciencias physicas e naturaes; surgem os estudos originaes de Anthropologia, Archeologia, Ethnographia e Historia natural, pelos sabios Lacerda, Ladisláo Netto, Rodrigues Peixoto, Ferreira Penna, Orville Derby, Hart, Fritz Müller. Ruy Barbosa surge no scenario do pensamento brasileiro, assombrando-nos já com a vastidão da sua cultura, na introducção do *Papa e o Concilio*. Na Politica, o ideal republicano se consubstancia em um manifesto e se concretiza em um partido. A mancha indelevel da escravidão recebe o primeiro golpe com a aurea lei do ventre livre. No romance, Machado de Assis, seguido de Taunay e Franklin Tavora, succede a Alencar. Na Poesia, aos ultimos e geniaes representantes do Romantismo, Castro Alves, Fagundes Varella e Tobias, succedem-se os primeiros cultores do Parnasianismo francez, que foram — Luiz Guimarães e Machado de Assis. O cantor immortal do *Guarani* firma-se nas scintillações de seu genio musical.

Finalmente, nas artes plasticas, é a Pintura que se eleva ao esplendor e brilho desse decennio, entrando num periodo de florescencia como jámais tivera attingido.

Victor e Americo, depois de terem produzido, o primeiro — o *Combate naval do Riachuelo* e a *Passagem de Humaitá*, e o segundo — o *Passo da Patria* e a *Batalha de Campo Grande*, elevam a sua nobre arte á altura da *Primeira batalha dos Guararapes* e da *Batalha do Avahi*, as mais potentes manifestações, ainda hoje inexcedidas, da nossa cultura artistica.

O auctor dos *Guararapes* proseguiu no caminho do verdadeiro fundador da pintura brasileira, chegando por fim, pouco antes de fallecer, a dar-nos os seus inolvidaveis panoramas, através de inauditos exfôrços, cuja narrativa seria a de uma pequena tragedia.

Imaginassemos representar a producção do excelso auctor do *Socrates afastando Alcibiades dos braços do vicio* — por uma pyramide de luz, cuja base assentasse na *Batalha de Avahi*, e em cujo apice brilhasse a imagem seductora da *Carioca brasileira* —, em cada uma das faces luminosas do polyedro refulgiria o genio do artista, cujo admiravel pincel houvera debuxado: *A Noite accompanhada dos genios do amor e do estudo, Judith e a cabeça de Holophernes, Joanna d'Arc, O voto de Heloisa, A Virgem Dolorosa, Moisés e Abisag, Jacobet levando*

ao Nilo seu filho Moisés, Voltaire abençoando o filho de Franklin, A Proclamação da Independencia, Visão de Hamleto, Paz e Concordia.

A *Batalha de Avahi* e a *Batalha dos Guararapes* foram apresentadas ao público na exposição official de 79, que, por isso, assignala o momento culminante da evolução da Pintura.

A par dos dous eminentes artistas, outro mestre, com a alma aberta aos bons sentimentos, idealista dos mais accentuados e com esmerada educação do fino colorista, serve á arte de Apelles, elevando-a, por seu turno, a essa transfusão e communicação de vida palpitante.

Zephyrino da Costa, depois de ter produzido *S. João Baptista no deserto, O obolo da viuva* e a *Caridade*, concentra a sua maior actividade na grande obra da Candelaria e no formar discipulos, que se tornaram os representantes das gerações que se succederam.

Faz-se tambem sentir no magisterio a acção de Sousa Lobo.

Arsenio Silva traz-nos da Europa o segredo de pintar gouaches, genero então desconhecido no paiz.

Começam a vicejar os primeiros pintores formados por Victor Meirelles, entre os quaes sobresaem Augusto Duarte, Pedro Peres, José Maria Medeiros, simples e retrahidos, mas conscienciosos e delicados. Apparecem tambem os principaes e mais directos discipulos de Pedro Americo: Decio Villares e Aurelio de Figueiredo.

A pintura do primeiro prima pelo sentimento poetico, que é a sua nota pessoal; do segundo, bastaria para lhe ter firmado reputação a grande tela representando o *Baile da Ilha Fiscal*.

Henrique Bernardelli e Daniel Berard entram de lança em riste para as conquistas da grande arte.

No Norte, em Sergipe, a pintura eleva-se na palheta de Horacio Hora, produzindo trabalhos de admiravel belleza, como *Peri e Ceci*, e *A Miseria e a Caridade*.

Mas nos seus maiores traços, a pintura desce das epopéas das batalhas para inspirar-se em assumptos de tocante serenidade, que se espelha na *Partida de Jacob*, no *Ultimo Tamoio, Jesus em Capharnaum* e *Narração de Philetas*; ou na simplicidade dos habitos e costumes da nossa terra, dos typos e aspectos do nosso meio, que se revelam no *Derrubador brasileiro*, no *Caipiras négaceando*, no *Caipira picando fumo*, no *Violeiro* e na *Partida da Monção*.

Amoedo e Almeida Junior, nas revelações do engenho artistico, que se lhes desabrocha, com mais intenso brilho na decada de 80, são os continuadores das gloriosas tradições dos dous decennios anteriores.

A belleza moral dos sentimentos que se possam traduzir no osculo materno, num sonho de amor, no lyrismo bucolico, na piedade christã e no sentimento vivo da poesia em seus aspectos mais sensiveis — eis o que reçuma da obra de Amoedo, si tentassemos traduzi-la numa synthese.

De natureza timida era o pintor predilecto da Paulicéa.— Modesto provinciano, Almeida Junior não quizera nem se preoccupara jámais de desligar-se dos habitos e gestos do caipira. No entanto, nenhum pintor, mais que elle, soube alçar-se á eminencia do momento esthetico da sua epocha. A sua arte fôra sempre inspirada pelo amor das cousas patrias, especialmente da sua terra, e nesta orientação deixou-nos com admiravel simplicidade, obra imperecivel de belleza. Com essa mesma simplicidade tractara de assumptos biblicos, dando-nos o *Remorso de Judas* e a *Fuga da Sacra Familia,* obras de mestre.

Dir-se-ia que ao pintar o *Descanso do modelo* o artista devisara um ponto no céo, onde fôra embeber-se nas alturas purissimas para maior refracção do seu genio.

A Pintura chega ao fim do segundo Imperio, sinão com o mesmo intenso brilho dos periodos anteriores, mas com exuberancia relativa. Si diminue o numero de finos espiritos que a cultivem, paira ainda sôbre ella o espirito liberal de Pedro II, trazendo-a sob a sua immediata assistencia, de modo a darnos ainda artistas da ordem de Belmiro de Almeida, Weingartner, Oscar da Silva, Castagneto, Vasquez e Caron.

E' a mesma epocha em que Antonio Parreiras se inicia auspiciosamente na paizagem, sob a segura orientação da pintura ao ar livre aqui introduzida por Jorge Grimm, para logo depois, tornando-se independente nos estudos, que os fez por si, entrar a produzir uma obra na qual se não sabe o que mais possa impressionar, — si uma altissima intelligencia, ou si a audacia, o exfôrço e uma espantosa capacidade de trabalho. Nelle se póde dizer que o temperamento do artista excede a obra do pintor.

Chegamos ao anno de 89, e com elle chegara a Pintura a evidente grau de desenvolvimento progressivo. Cultivaram-se todos os generos: do sacro ao nú; do retrato ás batalhas; do genero historico ao de natureza morta.

Como ultimo representante da cuidada cultura no Imperio, um pintor apparece que se torna o nome representativo e de maior relêvo da primeira geração, que despontara na Republica.

Com Elyseu Visconti reveste-se a pintura de uma expressão superiormente vigorosa, em rasgos que transportam.

A natureza brasileira, no que ostenta de suggestivo e empolgante, de bello e maravilhoso, não deveria deixar de

produzir o paizagista. Aqui, como em nenhuma outra parte, deveria ter-se verificado o conceito de Taine — a natureza faz o colorista; o meio physico impõe ao artista os seus assumptos, os seus aspectos e o seu colorido. Por isso é extranho que no Brasil, no transcurso de todo um seculo de pintura, não tivesse havido um cyclo de grandes paizagistas. Sem apanharmos como factores os pequenos artistas, todos proporcionalmente eguaes, como diria o proprio Taine — não houve da paizagem um cultor á altura do meio.

Nascida timida e sem vôos, embora mimosa e delicada, na palheta de Felix Emilio, poderia ter-se notavelmente desenvolvido com Agostinho da Motta, si os estos da sua capacidade artistica não tivessem sido represados por morbido e enervante egoïsmo.

Depois delle entrou a pintura na maior expansão de todos os generos, sem que, no mesmo pé destes, se ostentasse a paizagem. De modo que, só tardiamente, e sem antecedentes que lhe trouxessem elementos vitaes para a formação de uma individualidade, foi que chegámos a ter um interprete no sr. Baptista da Costa.

Mas, si considerarmos a tautologia de uma technica que se reveste sempre dos mesmos tons, dos mesmos aspectos, dos mesmos verdes, dos mesmos trechos, espantamo-nos de vêr que na cultura da paizagem se não tenha ainda verificado o conceito de Taine.

Mal se começára a extinguir o impulso communicativo da cultura no Imperio, que chegára a dar-nos não pequeno numero de bons pintores, alguns dos quaes de universal renome; faltando-lhe, por outro lado, como lhe tem faltado, o concurso do Estado que se devera concretizar em uma real e efficiente protecção — a Arte é hoje náo desarvorada, obediente á direcção de máos remadores.

Inilludivel é o seu declinio ao attingir o primeiro marco secular da sua evolução.

Ha vinte annos ella decae.

E por que esse extranho phenomeno regressivo, quando assegurado lhe devera estar o necessario desenvolvimento na differenciação da raça e no espirito com que ella brotou?

Si é certo que da fusão primitiva dos elementos ethnicos se derivara um typo com os characteres pronunciados de palrador, indolente e impulsivo, menos certo não será que nelle predominam as qualidades de imaginação e intelligencia, sufficientes para nos darem a consciencia de que somos um povo, dia a dia mais differenciado, em cujo seio pulsa o sentimento da nacionalidade, e apto a alimentar o elevado interesse de se não confundir.

O vigor da intelligencia do typo derivado temó-lo exuberante em qualquer ramo da actividade. Para sómente me referir ás manifestações da Arte, — ei-lo alçado ás grandes alturas, dando-me na Musica um Carlos Gomes ou José Mauricio, na Poesia um Castro Alves ou Gonçalves Dias, na Pintura um Pedro Americo ou Victor Meirelles, e, por fim, como expressão robustissima da sua fôrça, esse espirito illuminado, que se chama Ruy Barbosa, na arte da linguagem escripta ou fallada, e em quem hoje se encarna o idioma, como Camões ou Vieira o condensaram no seu tempo.

Mas, então, onde as causas da actual decadencia da Arte?

E' que lhe falta o espirito protector de quem, com inexcedivel empenho, velara, protegera e fizera a nossa educação artistica; espirito benfazejo, supplantado pelo desamor actual.

Os Mecenas de então mediam-se pelos fulgores da intelligencia e pela extensão do saber; os de hoje medem-se pela bitola dos Calibans de Shakespeare.

A Republica ainda não nos deu um grande artista; e assim como vai não no-lo dará. O ensino cae de roldão. E' o proprio Govêrno quem já reconhece e proclama a necessidade de batermos ás portas extranhas para importarmos professores.

Pasmae:

«Auctorize o Congresso ao Executivo que arranque da penuria artistas latinos, contractando-os por cinco annos, com direito a renovar a obrigação, para ensinarem na Eschola Nacional de Bellas Artes.»

Não póde ser, não deve ser a alheia penuria, que nos impõe essa necessidade.

Ella nos é dictada por varias causas, dentre as quaes o injusto afastamento do magisterio artistico das nossas mais legitimas auctoridades technicas.

Um paiz que ainda tem como sobreviventes de uma extincta cultura artistas da ordem de Rodolfo Amoedo, dos ermãos Bernardelli, Visconti, Decio Villares, Belmiro e Parreiras não precísa de pedir alheias inspirações. Basta fazer passar longe dos dominios do templo de Apelles a cohorte dos menos capazes. E si tal não fizermos, um decennio se não passará sem que venhamos assim a um naufragio completo da Arte no Brasil.

Pobre Arte! Desventurada filha do mais entranhado desvelo de exclarecidos patriotas — por quem esperas? Que novo espirito, com azas de archanjo, poderá abrigar-te dos vendavaes que te açoitam e de novo illuminar-te o teu desejo de creação e a tua ascensão para a luz?

Espera. Os bons Mecenas ficaram na outra margem do abysmo politico.

. . . . .

Tenho concluido.»

(*Calorosos applausos*).

Em seguida o Sr. Dr. Ramiz Galvão (*orador perpetuo*) profere este discurso:

Exmo. sr. presidente e presados collegas.— Sr. dr. Laudelino Freire. — Quando o Instituto Historico acolheu com applauso a vossa admissão neste cenaculo, fez a devida justiça a um estrenuo trabalhador, que desde muito se devota com ardor e proveito ao estudo das cousas da Patria.

Ha mais de 20 annos enriquecestes a Geographia brasileira com a publicação de um estudo consciencioso e excellente sôbre o vosso Estado natal, — « livro forçosamente resumido, mas que mesmo assim, simples e despretencioso como é, constitue uma muito substancial descripção historico-geographico desse canto tão interessante da bella patria brasileira » — o formoso Sergipe.

Estas palavras que acabo de proferir, bem o sabeis, pertencem não a um critico vulgar nem a um louvaminheiro inconsciente; são do nosso immortal Rio Branco, cuja incontestavel competencia nestes assumptos não preciso recordar.

Ao vosso *Quadro Chorographico de Sergipe* succedeu pouco tempo depois a *Historia de Sergipe*, resumo didactico para as escholas, é verdade, mas ainda assim demonstração positiva do amor que votaes desde os dias da mocidade a este genero de trabalhos.

O vosso exfôrço porém, não parou ahi, nem nas lidas do magisterio, nem nos labores da nobre profissão que honraes egualmente.

Grande amador da Arte, illustrastes ha pouco a sua historia com o precioso livro intitulado *Um seculo de Pintura*, — obra por muitos titulos notavel, obra de Historia e de documentação, que um de vossos criticos já qualificou de « verdadeiro monumento »

Como é que, com taes credenciaes a recommendar-vos, o Instituto deixaria de appellar para o vosso patriotismo, e não iria concitar-vos a vir fortalecer a pleidade brilhante de seus trabalhadores?

A Arte, senhores, companheira inseparavel da Civilização, é ermã genuina da Historia: illustra os feitos da Humanidade, celebrando-os, glorificando-os, immortalizando-os na tela, no bronze ou no marmore.

A primeira missa no continente brasileiro descripta na phrase ingenua de Vaz de Caminha é tanto um documento historico de altissimo valor, como essa preciosa tela do insigne Victor Meirelles, que abriu com chave de ouro a sua luminosa carreira de artista.

A formosa e movimentada *Batalha de Avahi*, do nosso immortal Pedro Americo, vale por uma página gloriosa da Historia da Campanha do Paraguai, em que o sangue brasileiro se derramou por amor da honra nacional offendida e tambem pela libertação de um povo valente e digno de melhor sorte.

As estatuas de Osorio e Caxias, assim como o monumento do Centenario, em que fulgura o bellissimo talento do nosso eximio Rodolfo Bernardelli, são expressivos e eloquentes capitulos, talhados em bronze, da Historia Patria, em que se retratam a galhardia gaúcha do vencedor de 24 de Maio, a placidez do estrategista invicto de Lomas Valentinas, ou a triade immortal que teve papel predominante no grande successo do descobrimento desta querida terra « em tal maneira graciosa que, querendo aproveitar, dar-se-ha nella tudo », já o disse ha mais de 400 annos o nosso primeiro chronista na sua célebre *Carta*.

O illustre e benemerito escriptor de *Um seculo de Pintura* entra pois de pleno direito para a cohorte dos cultores da Historia, que aqui se congregam fraternalmente para a grande obra, que ha de ser fructo do nosso trabalho integral, do exfôrço dos nossos especialistas, da variada cultura dos membros desta operosa Companhia.

Vireis certamente prestar-nos, sr. dr. Laudelino Freire, valiosissimo auxilio para o complemento da nossa ardua tarefa.

A feição pessimista das ultimas palavras da vossa bella oração inaugural, — esse mesmo amargor com que vos exprimis, talvez menos justamente, em relação á Arte brasileira, que affirmais em franca decadencia, — não são de certo symptomas de desanimo; são clamores de uma paixão ardente, e essa paixão é sempre fonte de grandes obras.

Disse eu que vos exprimis talvez com certa injustiça. Perdoae-me esta ousadia. Os bons Mecenas não, não ficaram na outra margem do abysmo politico; os bons Mecenas apparecerão tambem na Republica, porque o regime democratico não é incompativel com a floração da Arte. E' licito espera-lo.

A floração da Arte, como na Natureza, não é constante; percorramos a sua historia e teremos disso a prova; contam-se os grandes seculos de Pericles, Augusto, Leão X e Luiz XIV.

O famoso Caliban de Shakespeare teve o seu Ariel, o genio bom, que desencadeou a tempestade para tragar a ilha phantastica, os inimigos de Prospero. E a paz se fez, e voltaram os dias de renascente prosperidade.

Assim, em tempos menos anormaes, quando tornar um periodo de calma e de resurgimento financeiro e economico ao nosso amado Brasil, tão agitado por extraordinarios successos de natureza internacional e de natureza intima, a reacção salutar se fará com certeza. Como todas as peças do

organismo social, soffre a Arte, nesta hora critica, o influxo perturbador de circunstancias anomalas. Não a digamos — «Pobre» nem «Desventurada»! Os bons Mecenas surgirão; e vós, denodado e exclarecido campeão desta gloriosa campanha, aqui estareis ao nosso lado para celebrar o termo dos vendavaes, a claridade de um novo dia, a ascensão para a luz. Esperemos, illustre collega, esperemos confiantes nos destinos da Patria, sem desalento e sem lugubres prophecias, trabalhando sempre com o exemplo e com o conselho, dando á mocidade que nos ouve, além dos reparos da critica justa e imparcial, que castiga os erros, o cordial da fé patriotica que alenta as almas para a conquista do futuro.

Contamos comvosco para esta grande obra. Sêde benvindo!»

(*O discurso do Sr. dr. Ramiz Galvão é vivamente applaudido*).

O Sr. Presidente, ao encerrar a sessão, convida a illustre assembléa, cuja presença agradece, para assistir na proxima segunda-feira, 16, ás oito e meia horas da noite, á inauguração dos trabalhos do sabio Carlos Frederico Philippe von Martius, cuja data centenaria da vinda ao Brasil o Instituto Historico assim commemorará.

Levanta-se a sessão ás vinte e duas e meia horas.

Roquette Pinto,
2º Secretario.

QUINTA SESSÃO ORDINARIA, EM 27 DE AGOSTO DE 1917

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 21 horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios:

Conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, barão Homem de Mello, desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, major dr. Liberato Bittencourt, almirante José Candido Guillobel, marechal José Bernardino Bormann, dr. Laudelino Freire, dr. Ernesto da Cunha de Araujo Viana, conde de Leopoldina, dr. Agenor de Roure, dr. Pedro Souto Maior, dr. José Carlos Rodrigues, dr. Arthur Pinto da Rocha, dr. Alfredo Valladão, dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho e commendador Antonio de Barros Ramalho Ortigão.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente*) convida o dr. José Carlos Rodrigues a occupar o logar na Mesa, ao lado do sr. dr. Ramiz Galvão, e o sr. dr. Laudelino Freire para substituir o sr. dr. Roquette Pinto, 2º secretario, que, por justo motivo, deixou de comparecer.

O Sr. Dr. Laudelino Freire (*servindo de 2º secretario*) lê a acta da sessão anterior, realizada a 14 de Julho ultimo, a qual é approvada sem discussão e por unanimidade.

Em seguida, o Sr. Presidente participa ao Instituto o fallecimento do consocio padre Rafael Maria Gallanti, occorrido a 2 do corrente mez, tendo sido o padre Gallanti eleito em 22 de Novembro de 1896. Sôbre o triste acontecimento diz o Sr. Presidente ter recebido do consocio senador João de Lyra Tavares o seguinte telegramma, e que na acta da presente ficará registado um voto de profundo pezar por essa tão lamentavel perda:

— «Manifesto a v. ex., como o mais elevado representante do nosso Instituto, o meu sincero pezar pelo fallecimento do operoso e erudito confrade padre Rafael Maria Gallanti, que tão dedicado e util foi ao estudo de nossa Historia patria.»

O Sr. Desembargador Sousa Pitanga propõe, e é unanimemente approvado, que o presidente do Instituto officie ao reitor do Collegio Anchieta, padre Justino M. Lombardi, testimunhando o grande pezar que a associação experimentou com essa perda e pedindo-lhe uma photographia do illustre extincto para figurar na galeria do Instituto.

O Sr. Fleiuss (*secretario perpetuo*) lê depois o expediente, que consta de cartas e telegrammas em que os consocios drs. Augusto Tavares de Lyra, Roquette Pinto, Basilio de Magalhães, Homero Baptista, almirante Gomes Pereira e general Thaumaturgo de Azevedo justificam o não comparecimento á sessão.

Lê tambem um officio do consocio dr. Helio Lobo, remettendo uma mensagem de saudação dos escriptores norte-americanos aos seus collegas brasileiros, desempenhando-se assim da incumbencia que lhe conferiram, no sentido de mais estreitar a approximação litteraria e artistica.

O Sr. Conde Affonso Celso (*presidente*) declara, com unanime approvação da Casa, que o Instituto prestará todo o apoio á benemerita iniciativa.

E' em seguida approvada por unanimidade esta proposta:

« Propomos que se registe na acta da presente sessão um voto de louvor ao exmo. sr. dr. Washington Luiz Pereira de Sousa pela sua iniciativa em publicar as *Actas e o Registro Geral da Camara de S. Paulo, a partir de 1562* — de que já se acham impressos 15 grandes tomos in-8º, com um total superior a 7.000 paginas. Norteado pelo amor e conhecimento

profundo das tradicções nacionaes, está o prefeito de S. Paulo a prestar um serviço da maior valia ás nossas lettras historicas, trazendo a público o acervo documental de extraordinaria relevancia. Assim o imitem os demais chefes dos executivos municipaes das velhas cidades do Brasil, são os votos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro saudando com especial carinho a obra promovida por seu illustre consocio.

Rio, 27 de Agosto de 1917.—*Affonso d'Escragnolle Taunay.* —*Fleiuss.* —*Ramiz Galvão.* —*Roquette Pinto.* —*Basilio de Magalhães.*»

O Sr. Secretario Perpetuo lê logo depois a seguinte proposta, que é enviada á Commissão de Geographia, sendo relator o sr. almirante Gomes Pereira:

«Temos a honra de apresentar a candidatura do sr. dr. Henrique Morize para socio effectivo do Instituto.

Professor notavel da Escola Polytechnica, director do Observatorio Nacional, conhecido e respeitado nos grandes centros scientificos do mundo, presidente da Sociedade Brasileira de Sciencias, o dr. H. Morize possue uma grande bibliographia scientifica, onde avultam trabalhos geographicos originaes; é um dos Brasileiros cuja ausencia na brilhante secção geographica do Instituto não deverá por mais tempo prolongar-se. Traz uma bagagem technica invejavel; prestará ao Instituto, ao lado dos nossos geographos, a valiosa assistencia do seu grande saber, documentado nas obras, cuja lista figura juncto a esta proposta.

Sala das sessões, 27 de Agosto de 1917.—*Roquette Pinto.* —*Basilio de Magalhães.* —*Fleiuss.*»

O mesmo Sr. Secretario Perpetuo lê o seguinte parecer da Commissão de Admissão de Socios:

«O sr. Edwin Morgan, illustre embaixador dos Estados Unidos da America do Norte, é, por todos os titulos, merecedor de que o Instituto Historico lhe preste a homenagem de o incluir na lista dos seus socios honorarios.

Os altos dotes pessoaes que o distinguem, seu brilhante papel no exercicio das melindrosas funcções de diplomata, em todos os tempos e mormente na emergencia internacional que atravessamos, seu demonstrado affecto ás cousas e aos homens da nossa Patria, justificam plenamente a proposta, cuja approvação submettemos ao criterio do Instituto.

Sala das sessões, 27 de Agosto de 1917.—Dr. *Benjamin Franklin Ramiz Galvão*, relator.—Dr. *Manuel Cicero Peregrino da Silva.*—Dr. *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.*»

Corrido o escrutinio, é esse parecer approvado por unanimidade de suffragios, e acto continuo o Sr. Presidente proclama socio honorario do Instituto o sr. Edwin Morgan.

— Tem depois a palavra o sr. dr. Ramiz Galvão, que lê o seguinte parecer:

«De accôrdo com o que auctorizam os nossos Estatutos, o sr. Max Fleiuss, nosso digno e operoso secretario, propoz que reatassemos a tradição do Instituto, conferindo os premios «D. Pedro II» e «Conselheiro Olegario», a que se refere a nossa lei no seu art. 68.

A' Commissão parece de grande e incontestavel conveniencia que se cumpra esse artigo de lei, como justa prova de alto apreço e de reconhecimento da nossa Companhia a auctores de trabalhos notaveis sôbre assumptos que fazem objecto especial dos nossos estudos.

A medalha de ouro (hoje «Premio Pedro II») desde que o Instituto Historico iniciou a sua patriotica missão, só foi conferida em 1847: aos illustres dr. Carlos Frederico von Martius, Francisco Adolfo de Varnhagen, tenente-coronel José Joaquim Machado de Oliveira, dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães e coronel Conrado Jacob de Niemeyer. A medalha de prata («Premio Conselheiro Olegario»), — essa ainda se não conferiu até hoje.

O auctor da presente proposta offerece á approvação do Instituto, como merecedores da medalha de ouro «Premio Pedro II», os seguintes trabalhos:

A Lingua dos Caxinauás, do sr. João Capistrano de Abreu; a *Expansão geographica do Brasil até fins do seculo* XVII, do sr. Basilio de Magalhães; e a *Rondonia*, do sr. dr. Roquette Pinto.

Propõe elle egualmente a medalha de prata «Premio Conselheiro Olegario» á *Memoria sôbre Varnhagen*, lida pelo sr. dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa na sessão do Instituto realizada a 17 de Fevereiro do anno de 1916.

A commissão nomeada para interpor parecer sôbre a referida proposta pede venia para justificar o seu voto, que submette á exclarecida approvação do Instituto.

— Nosso collega, o professor João Capistrano de Abreu, grande sabedor de Historia Patria, a quem já deviamos outros trabalhos altamente valiosos, deu-se ha alguns annos ao afanoso trabalho de colher de dous jovens Caxinauás, Borô e Tuxini, um copioso vocabulario, que deu á estampa em 1914 com texto e grammatica, formando alentado volume de 630 paginas.

Com paciencia de Benedictino e arcando com difficuldades de vario genero, conseguiu o sr. Capistrano de Abreu dar aos estudiosos de Linguistica americana uma idéa completa da estructura do *rã-txa huni kuï*, lingua daquella tribu indigena, da familia dos Panos, que habita ainda hoje as paragens lon-

ginquas das margens do Ibuaçu, rio tributario do Morú — affluente do Tarauacá, na bacia do Juruá (territorio do Acre).

Depois de umas phrases, que intitula — primeiras e varia, dá-nos o auctor textos preciosos sôbre estes assumptos: Vida da aldeia, alimentação, festas, vida sexual, vida, morte, feiticeiros, anecdotas, Caxinauás transformados em bichos, bichos encantados em Caxinauás, bichos entre si, Caxinauás e bichos, Caxinauás entre si, feiticeiros e espiritos, astronomia, o fim do mundo e o novo mundo, a dispersão.

A esta já longa colleção de phrases (nada menos de 5.926), muitas das quaes traduzem as lendas e os mythos do povo Caxinauá, seguem-se os vocabularios brasileiro-caxinauá e caxinauá-brasileiro em ordem alphabetica, com pequenas modificações.

E' incontestavelmente obra de insigne valor e a contribuição de maior vulto, que se tem prestado ao estudo dessa lingua americana malconhecida.

Dos cinco vocabularios panos impressos até agora, o de fr. Buenaventura Marquez (*Vocabulario cunibo*, 1903), o *Vocabulario sipibo* (anonymo), o *Idioma scipibo* de fr. Nic. Armentia, impresso em 1898, o *Vocabulario castellano-quechua-pano* de fr. Manoel Navarro, publicado em 1903 em Lima, e o *Vocabulario de bolsillo* (castelhano-sipibo) de fr. Agustin Alemany, impresso em 1906, tambem em Lima, — desses cinco vocabularios nenhum certamente se póde comparar ao do sr. Capistrano de Abreu, já em extensão, já em cópia de informações ethnographicas sôbre o curioso ramo da familia pana, cujo primeiro conhecimento se deve ao grande ethnologo Ehrenreich.

O exforçado auctor do *rã-txa hu-ni-ku-i*, por exaggerado escrupulo, deixou de addicionar a este volume os curiosos artigos, que em 1911 e 1912 publicára no *Jornal do Commercio* sôbre costumes, habitações, industrias, ceremonias e mythos dos Caxinauás; esses seus artigos, entretanto, são de egual valia e merecem saïr das páginas fugitivas da imprensa diaria para um repertorio ou livro de mais facil consulta.

Mas a grande obra do illustrado professor nem por isso deixa de merecer elevadissima estima, e bem lhe cabe a distincção, que com justiça lhe foi proposta.

— Entre as muitas memorias de real merecimento apresentadas ao Primeiro Congresso de Historia Nacional realizado em 1914 figurou o trabalho de nosso consocio o sr. professor Basilio de Magalhães, intitulado: *Expansão geographica do Brasil até o seculo XVII*, que se acha publicado no volume II dos *Annaes* do mesmo Congresso.

O auctor magistralmente condensa alli em cêrca de 150 páginas, com rara concisão e excellente critica, tudo quanto de

mais importante e positivo se refere a essa longa serie de trabalhos e de expedições, umas de menor fructo e outras de notorio resultado, que desde Martim Affonso de Sousa e Pero Lopes em 1531 até principios do seculo XVIII contribuiram para a conquista, povoamento e exploração, já do extenso littoral, já do vastissimo sertão brasileiro.

No 1° capitulo — « Cyclo das entradas ou cyclo offcial da expansão geographica » não foi exquecido nenhum dos trabalhadores dessa cruzada, em seguimento á obra dos citados portuguezes: Christovam de Barros, Garcia d'Avila, Bento Maciel Parente, Francisco de Azevedo. Campeões do cyclo bahiano: Espinosa, Martim de Carvalho, Fernandes Tourinho, Antonio Dias Adorno, Gabriel Soares. Do cyclo sergipano: Belchior Dias Moreyra e os caçadores das « minas de prata ». Do cyclo cearense: Pero Coelho de Sousa. Do cyclo espirito-sanctense: Diogo Martins Cão (o « matante negro ») e Marcos de Azevedo.

O capitulo 2° é dedicado á expansão geographica resultante das bandeiras, e é ahi que se consigna a famosa e brilhante epopeia dos Paulistas, que, em busca das minas de ouro, da maravilhosa Sabarabuçú e das sonhadas esmeraldas, assim como em montaria aos indios, devassaram heroicamente o sertão bravio, galgando serras e transpondo torrentes, deixando por toda á parte nucleos de povoados, que com o tempo se vieram transformar em villas e cidades. Longo seria enumerar os batalhadores desta rude campanha, a que se refere o auctor; nessa pleiade famosa de ousados bandeirantes salientam-se naturalmente André de Leão, Lourenço Castanho Taques, Manuel Pereira Sardinha, Fernão Dias Paes (« o caçador de esmeraldas » celebrado nos bellissimos versos de Olavo Bilac), Antonio Raposo Tavares, Amador Bueno, Francisco Dias Velho, Domingos Jorge Velho, Bartholomeu Bueno de Siqueira e Manuel de Borba Gato. Ha de todos farta noticia.

O capitulo 3° regista o exfôrço dos criadores de gado no Norte do Brasil, na vasta região que « se desenvolve do sertão bahiano e sergipense em direcção ao ponto, onde mais se acurva o curvo S. Francisco, e dahi, bracejando pela extrema occidental de Pernambuco, deriva pelas cabeceiras do Parnahiba até as margens deste ».

No 4° capitulo, finalmente, consigna o auctor a obra relevante e pacifica dos missionarios catholicos, mórmente dos discipulos de Loyola, que, inflammados de zêlo pela propagação da fé e pela conversão do gentio, levaram a luz da doutrina e da civilização aos aborigenes do extremo Norte, notadamente ás margens do Amazonas. Ahi fulguram entre outros os nomes venerandos dos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira e, com brilho que a todos supera, o nome do porten-

toso padre Antonio Vieira — o immortal defensor da liberdade dos indios.

Eis os grandes factores da expansão geographica do Brasil, tractados em admiravel resumo, com vasta erudição e grande senso critico, na Memoria do sr. professor Basilio de Magalhães, a todos os respeitos notavel e copioso manancial de ensinamentos. Esse trabalho bem merece os applausos do Instituto traduzidos no premio, que lhe é proposto.

— Em 1912 o sr. dr. E. Roquette Pinto, nosso joven e distincto consocio, seduzido pela attracção da Natureza e por uma série de problemas scientificos, a que tem consagrado particular estudo, realizou uma exploração interessantissima á serra do Norte em Matto Grosso. Era seu escôpo, visitando aquella longinqua região sertaneja, tractar de perto e estudar *in loco* uma tribu de aborigenes brasileiros, da qual só vagas e incompletas noticias havia, transmittidas por viajantes que exploraram paragens vizinhas. Por alli passára já o benemerito coronel Rondon, aplainando estradas, extendendo a linha telegraphica, e prestando um dos mais altos serviços que a sciencia brasileira regista neste seculo; e todavia, ao lado de preciosissimas informações geographicas decorrentes dessa benemerita commissão, muita cousa faltava pelo lado anthropologico e ethnographico, — campo de investigações especiaes, a que o eminente heróe do sertão brasileiro se não podia dedicar, sem preterir outros deveres.

O sr. dr. Roquette Pinto teve a feliz opportunidade de prestar este serviço á sciencia. Do Rio de Janeiro foi a Montevidéo, e dahi por via fluvial a S. Luiz de Cáceres. Seguiu depois por terra a Tapirapuan, Porto dos Bugres (plena região da poaia) e Salto da Felicidade, onde cruzou o Sipotuba para ganhar o planalto. Em Aldeia Queimada viu e examinou indios Parecis, sôbre os quaes de passagem colheu interessantes dados anthropologicos. Seguiu pelos chapadões arenosos até o Juruena, e dahi até o posto do Juina, Campos Novos e Campos de Maria Molina, tendo percorrido mais de 90 leguas neste trajecto.

Chegado á região dos Nambikuaras, começaram os seus trabalhos minuciosos e curiosissimos, cujo resultado constitue a maior parte do seu bellissimo livro — *Rondonia. Anthropologia. Ethnographia* — publicado no presente anno, com carta geographica e preciosas estampas.

Tendo examinado numerosos individuos dos grupos Kokozù, Anunzê, Tagnani e Taiutê, que restam daquella nação de selvicolas brasileiros, o explorador habil e consciencioso nada exqueceu para nos dar idéa dos seus rusticos Nambikuaras: dados anthropologicos exactos, notas sôbre usos e costumes dos indios, habitações, generos de cultura e alimentação,

vestuarios, adornos, armas, molestias, danças e até variantes dialectaes. Em uma palavra, fez grande luz sôbre a quasi desconhecida tribu, que demora naquelle recanto brasileiro limitado ao N. pelo Gi Paraná, ao S. pelo rio Papagaio, a L. pelo Tapajós e a O. pelo Guaporé.

Auxiliado por facilidades que lhes proporcionaram o benemerito coronel Rondon e os seus distinctos companheiros, tenentes Amarante e Pyrineus, — operosos Brasileiros que a Patria não poderá exquecer, o sr. dr. Roquette Pinto logrou unir com brilho seu nome áquella cohorte de preclaros patricios e fez jus ao testimunho da nossa admiração.

E' pois de grande justiça que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro confira egualmente a proposta medalha de ouro a essa obra de singular merecimento.

— O eminente consocio sr. dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa abilhantou uma das sessões do nosso Instituto em 1916 com a leitura de sua preciosa *Memoria* sôbre o eximio e saudoso historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto-Seguro.

Fazendo sobresaïr em brilhante relêvo os meritos desse compatriota, que dedicou todos os lazeres de sua vida, desde o albôr da mocidade até os dias da velhice, ao estudo de importantissimas questões americanas e particularmente ao da Historia patria, que elle por assim dizer remodelou e que veio a coroar com a importante *Historia da Independencia*, ha pouco publicada pelo Instituto com annotações do inolvidavel barão do Rio Branco, — fazendo sobresaïr esses meritos, o auctor da luminosa conferencia revelou em seu trabalho mais uma vez o espirito de elevado critico e perfeito conhecedor da sciencia de julgar.

Poucos Brasileiros podem effectivamente competir com o infatigavel Varnhagen no enthusiasmo e no afan, com que se occupou das cousas da Patria. O illustrado sr. dr. Pedro Lessa em sua magistral conferencia põe em justo relêvo a variedade e o merito dos trabalhos do eminente patricio, não descurando a feição peculiar do historiographo, em quem se alliava grande amor á verdade e á justiça, escrupuloso cuidado na exposição dos factos, e ao lado de tudo isto, cumpre dize-lo tambem, um temperamento combativo e violento, que mais de uma vez o conduziu a rudes polemicas.

E' assás conhecida a accusação feita por Eduardo Prado a Varnhagen, increpando-o de menoscabar todas as heroicidades, nomeadamente de Anchieta e Tiradentes. O auctor da conferencia demonstra a toda a luz a injustiça de similhante increpação; da mesma fórma procede contra quem, chegando a rebaixar Varnhagen á categoria de «chronista mediocre», o accusou de haver amesquinhado Colombo; defende-o final-

mente de pretender a escravização dos indios como o meio de os chamar á civilização.

Em uma palavra, a *Memoria* do nosso preclaro collega foi luminosa justificação do historiographo, que, no dizer do proprio João Francisco Lisboa seu contendor, teve «além de talento, consciencia, paciencia, dedicação, saber vasto e variado», — desse indefesso trabalhador que o sr. Oliveira Lima assim qualifica: «o mais notorio e o mais merecedor dos estudiosos do passado brasileiro, ardente investigador, infatigavel resuscitador de chronicas exquecidas nos archivos, valioso corrector de falsidades e illustrado colleccionador de factos».

Os profundos conceitos da *Memoria* do sr. dr. Pedro Lessa destinada a premiar com o julgamento da Posteridade o exforço ininterrupto do immortal Paulistano, cujo coração palpitou até a ultima hora com intenso amor ás cousas da Patria, á qual serviu aliás com tamanho zelo em outra ordem de trabalhos, — esses conceitos dictados pela justiça e pelo patriotismo exclarecido do emerito consocio, dão-lhe direito á distincção, que no seio do mesmo Instituto lhe foi proposta. A commissão é pois de parecer que ao sr. dr. Pedro Lessa seja conferida a medalha de prata pela sua valiossima Conferencia sôbre Varnhagen.

Opinamos conseguintemente pela approvação da proposta do sr. Max Fleiuss, nosso digno collega, e fazemos votos para que, uma vez reatada a feliz tradição do Instituto, possamos repetir todos os annos essa demonstração de apreço aos grandes cultores das lettras historicas do Brasil.

Sala das sessões, 27 de Agosto de 1917. — Dr. *Benjamin Franklin Ramiz Galvão*, relator. — Dr. *Manuel Cicero Peregrino da Silva.* — Dr. *Clovis Bevilaqua.*»

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente*) salienta ser esta a segunda vez que o Instituto confere tão altas distincções e que, como occorreu na sessão de 9 de Septembro de 1847, acha que — a votação dos premios deve ser feita por acclamação, levantando-se todos os assistentes. — Diz ainda que convem notar que em 1847 um dos premiados foi o grande historiador patrio Francisco Adolfo Varnhagen, e que hoje vae ser votado um premio ao auctor de um estudo sôbre aquelle benemerito patricio. Propõe — pois, que, erguendo-se todos, sanccionem o brilhante parecer que acaba de ser lido e tão justamente coroado de applausos.

Assim se procede, levantando-se todos os socios, tendo sido, portanto, unanimemente approvado o parecer.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente*) — diz ainda que, tendo sido distribuidos os premios em 1847 pelo imperador, deve o Instituto manter essa tradição de serem os

mesmos premios conferidos pelo Chefe do Estado, e que por isso nomeará uma commissão para convidar o sr. presidente da Republica a fazer a entrega dessas recompensas por occasião da proxima sessão magna a 21 de Outubro.

Nada mais havendo a tractar, levanta-se a sessão ás vinte e duas horas.

LAUDELINO FREIRE,
servindo de 2º Secretario.

SEXTA SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE SEPTEMBRO DE 1917

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 21 horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios:

Conde de Affonso Celso, desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, dr. Edgard Roquette Pinto, dr. Augusto Tavares de Lyra, almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, dr. Arthur Pinto da Rocha, professor Basilio de Magalhães, drs. Eurico de Góes, Homero Baptista, senador João Lyra Tavares, drs. José Americo dos Santos, Laudelino Freire, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, general dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, drs. Nelson de Senna, Rodrigo Octavio, Pedro Souto Maior e marechal José Bernardino Bormann.

O SR. DR. ROQUETTE PINTO (2º *secretario*) lê a acta da sessão anterior, realizada em 27 de Agosto, a qual é approvada unanimemente.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) declara que na acta da presente sessão se inserirá um voto de profundo pezar pelo fallecimento do illustre estadista patricio sr. dr. Carlos Peixoto Filho, a quem o Instituto deveu reaes serviços.

O SR. FLEIUSS (*secretario perpetuo*) justifica a ausencia dos consocios conselheiro Salvador Pires de Carvalho Albuquerque e Araujo Viana.

O mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO apresenta a seguinte proposta:

« Rio de Janeiro, 5 de Septembro de 1917.—Exmo. sr. conde de Affonso Celso, m. d. presidente perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.—Cumprindo o que determina o § 2º do art. 40 dos Estatutos de 30 de Junho de 1917,

tenho a honra de propôr a v. ex. a prorogação, para 1918, do Orçamento relativo ao corrente anno, publicado ás págs. 748 e 749 da parte II do tomo LXXVIII da Revista. Prevaleço-me do ensejo para apresentar a v. ex. meus protestos de elevada estima e profundo respeito.— O 1° secretario perpetuo *Fleiuss*.»

— Vai á Commissão de Fundos e Orçamento, sendo relator o sr. dr. Clovis Bevilaqua.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente*) diz que o Instituto celebra sempre as grandes datas nacionaes. Não podia exquecer por isso o nonagesimo quinto anniversario da nossa Independencia, cujo centenario será commemorado pelo Congresso Internacional de Historia da America, promovido pelo Instituto, achando-se os trabalhos preliminares em pleno desenvolvimento. Para condignamente tractar da data, que se festeja officialmente no dia 7, convidára o eminente consocio, sr. professor Basilio de Magalhães, a escrever sôbre o assumpto um trabalho, cuja leitura vai o Instituto ter o prazer de ouvir, apresentando desde já ao provecto conferencista os agradecimentos da Associação.

Tem depois a palavra o Sr. Basilio de Magalhães, que, da tribuna, lê o seguinte trabalho:

— « OS JORNALISTAS DA INDEPENDENCIA — HIPPOLYTO JOSÉ DA COSTA PEREIRA FURTADO DE MENDONÇA, CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA, JOAQUIM GONÇALVES LÉDO E FREI FRANCISCO DE SANCTA-TEREZA DE JESUS SAMPAIO.

A facilidade e rapidez com que as colonias britannicas da America do Norte sacudiram o jugo da metropole, não obstante o enorme poderio desta, influiram indubitavelmente na mallograda conjuração de 1789, — a primeira que ideou a independencia de nossa Patria, sob a mesma fórma politica implantada nos Estados-Unidos a 4 de Julho de 1776.

Si a dynastia tivesse sido aprisionada pelo exercito de Junot e coagida á mesma sorte de Carlos IV e Fernando VII de Hispanha, — não poderia o Brasil deixar de seguir o exemplo das colonias hispano-americanas, e a emancipação acarretar-lhe-ia necessariamente a Republica.

Mas a Familia real portugueza, subtrahindo-se á absorvente ambição, quasi por toda parte triumphante a esse tempo, do audaz Corso retrogrado que restaurara o throno da França, abandonou a seu destino o velho reino de Affonso Henriques e veiu refugiar-se nesta cidade, aqui fundando um « novo imperio », conforme a linguagem expressiva e prophetica do principe-regente, depois d. João VI, em seu manifesto de 1 de Maio de 1808.

Dada a «inversão brasileira», isto é, transformada em séde de govêrno da monarchia portugueza a capital da colonia luso-americana, foi esta, e já tardiamente, elevada á categoria de reino, unido a Portugal e Algarve, por acto de 15 de Dezembro de 1815.

Que similhante medida não satisfez ás justas aspirações de uma parte consideravel do paiz, anxiosa pelo total rompimento dos laços que a manietavam a Portugal, — evidencia-o a revolução de 1817, que congregou em tôrno do lábaro da independencia, sob a fórma republicana, os espiritos mais exclarecidos de Pernambuco, Parahiba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Pela mesma epocha (14 de Maio de 1817), o preclaro Jefferson, — que em 1786 conferenciara juncto ás ruinas romanas de Nimes com José Joaquim da Maia, de quem recebera pouco antes, em extensa correspondencia, completas e fidedignas informações sôbre a nossa Patria, — escrevendo ao general Lafayette, dizia-lhe: «O Brasil é mais populoso, mais rico, mais forte e tão instruido como a sua metropole».

Seria ignominioso que uma terra em taes condições, de todo em todo verdadeiras, não conquistasse sem tardança a sua definitiva liberdade.

Assim, quando a «inversão brasileira» teve de cessar, por virtude do movimento constitucionalista estalado a 24 de Agosto de 1820 em Portugal, — o proprio soberano, compellido a partir para lá, previu as amarguras que o aguardavam e a emancipação da colonia luso-americana, no habil conselho que insinuou ao filho em seu aposento da Quinta da Boa Vista, dous dias antes do embarque: «Pedro, si o Brasil deve separar-se de Portugal, antes seja para ti, que me saberás respeitar, do que para algum aventureiro!» (*Vide* E. de Monglave, *Correspondance de Don Pèdre Premier*, páginas 196-197).

Não falta quem nessas expressões queira ver um conchavo entre d. João VI e seu herdeiro, dando apparencia de simples farça ao grito do Ipiranga. Mas a verdade inoccultavel é que o principe-regente do Brasil se exforçou durante muito tempo por manter-se fiel ao reino de além-Atlantico. Provam-n'o que farte as suas cartas ao pae. Na de 4 de Outubro de 1821, affirmava que *a sua honra e a dos seus soldados valiam mais do que todo o Brasil* e traçava *com o proprio sangue* este juramento solenne: «Juro ser sempre fiel a vossa magestade, á nação e á Constituição portugueza». Na de 14 de Dezembro do mesmo anno, referindo-se ao decreto das Côrtes, que o revocara a Portugal, dizia: «Apezar de todos esses clamores, continúo a preparar-me com calma e diligencia, afim de ver si posso (como devo) cumprir ordens tão solennes; a minha

obrigação é obedecer cegamente: assim o exige a honra, ainda que me fosse preciso perder a vida». E, finalmente, na de 23 de Janeiro de 1822, portanto já depois do «Fico», ainda exclamava: «... Oppor-me-ei com todas as fôrças a essa declaração de independencia, que certas pessoas já desejam muito ardentemente...» Dahi em deante é que a sua linguagem se modifica inteiramente, porquanto já estava elle empolgado pela influencia avassalladora, pelo prestigio fascinante de José Bonifacio, bem como pelas manifestações de quasi todo o paiz a prol da emancipação politica.

Para esse resultado muito contribuiram os manejos contraproducentes da Constituinte portugueza. Homens de vista curta e obcecados, além do mais, pelo receio de perder o mais bello florão da epopeia maritima de Portugal, não perceberam os estadistas lusos a impossibilidade de recolonizar o Brasil, nem siquer enxergaram quanto lhes desservia aos planos ambiciosos o inhabil tractamento dado ao principe, a quem por esse modo mais depressa precipitaram nos braços carinhosos e fidalgos dos separatistas brasileiros.

Expostos assim, summarissimamente, mas probidosamente, os episodios maximos que precederam ao grito do Ipiranga, — é perfeitamente possivel inferir delles que os patriotas se agitariam, e a Patria nada mais fez do que conduzi-los á indefectivel victoria, num movimento collectivo, num titaneo afan solidario, em que quasi se não póde lobrigar quaes foram os capitães e quaes os soldados.

A esse proposito, é digna de ser hoje ainda ouvida a opinião do marquez de Sapucai, testimunha presencial do portentoso drama de 1822 e que sôbre elle assim se expressava onze annos mais tarde («vide» *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, LVII, p. 1ª 169): — «Sabido é já que ninguem póde arrogar-se a gloria, não digo só de ter feito, mas de ter apresentado a declaração da emancipação politica do Brasil: este acto operou-se tão acceleradamente e por tal unanimidade de votos de todos os Brasileiros, que póde dizer-se com verdade que os factos encaminharam os homens, e não os homens os factos. O grito da independencia repercutiu em todos os angulos da terra de Sancta Cruz com geral espontaneidade e pouca differença de tempo, sem que precedesse seducção, porque os animos estavam preparados, e muito mais quando se viu que as Côrtes de Lisboa, por seus actos hostis, tendiam a recolonizar o Brasil».

Si esse parecer de um compatricio illustre patenteia o consenso, que reinou em nossa terra para a conquista de sua soberania, — não violará, contudo, as altanadas e severas normas da justiça historica quem affirmar ter havido alguns homens que desempenharam papel saliente na abertura e fortificação

das trincheiras successivas e ascensionaes, que, desde o «Fico», a 9 de Janeiro de 1822, até a convocação da Assembléa Constituinte Brasileira, a 3 de Junho do mesmo anno, terminaram com a gloriosa jornada de 7 de Septembro.

Com effeito, não é possivel arrancar, nem siquer emmurchecer, os louros que nimbam de aureola immortal a fronte egregia do «Patriarcha da Independencia», a quem Latino Coelho em boa hora chamou de «fundador da nacionalidade brasileira». Outros generaes terão, sem duvida, cooperado para o fulgido triumpho; mas a coefficiencia de José Bonifacio consistiu na opportuna preparação e na solida organização da victoria.

O nosso intuito, porém, não é rememorar os acontecimentos principaes, que determinaram o córte do cordão umbilical entre o Brasil e a sua metropole lusitana. Trabalho de tanta monta não pudera ser realizado em uma rapida palestra. O nosso objectivo é, sim, completar uma pequena lacuna, que não foi infelizmente preenchida pela recente publicação da *Historia da Independencia* do visconde de Porto Seguro, sem que ella, todavia, por fórma alguma desluza o incontestavel serviço prestado pelo nosso benemerito gremio, pois a commissão, da qual tivemos a honra de ser relator, não pôde levar mais longe o seu exfôrço e a sua boa vontade, a menos que quizesse sobrepôr obra propria á obra do emerito Varnhagen.

Referimo-nos ao excelso relêvo, que teve a Imprensa em todas as phases da ingente lucta pela independencia do Brasil; e, envidando exclarecer esse magno assumpto, quanto porventura caiba em nossas limitadas fôrças, — diremos tanto do jornalista eminente, que fóra da Patria, mas sempre com o espirito e o coração dentro della, herculeamente propugnou pela sua emancipação, quanto dos que, no amplo e lindo seio da terra natal, lhe orientaram as aspirações para a radiosa aurora da liberdade.

O *primus inter pares* é, em tudo e por tudo, Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, que nasceu em 1774 na Colonia do Sacramento, — quando esta praça, por virtude do pacto de 1761, havia retornado ao dominio luso, de que em 750 saïra pelo tractado de Madrid, e, portanto, era parte integrante do Brasil.

Formado em Philosophia e leis pela Universidade de Coimbra, teve elle, desde cedo, a rara facilidade de poder expungir-se do ranço da cultura rotineira alli adquirida, sub-

stituindo-a pelos adeantados ideaes da educação ingleza e anglo-americana.

Effectivamente, em 1798, por incumbencia de d. Rodrigo de Sousa Coutinho, partiu para os Estados-Unidos, afim de estudar os processos agricolas mais em voga na grande Republica, onde se demorou cêrca de dous annos, não se esquivando a professar numa loja maçonica de Philadelphia. De regresso ao reino em 1801, foi nesse mesmo anno mandado a Londres, ainda pelo conde de Linhares, a adquirir materiaes para a Imprensa régia e obras para a Bibliotheca Nacional.

Foram duas verdadeiras viagens de instrucção, que illustraram e transfiguraram o talento e o character do moço brasileiro, fazendo-o amar ardentemente a liberdade, sem a qual não ha progresso que se realize e perdure, e fazendo-o nutrir o férvido anceio de ver logo independente e encaminhada pela mesma senda florescente da grande Republica norte-americana a bem-amada terra natal, cujo destino era a sua constante preoccupação.

Sabedora a Inquisição (ainda existia em Portugal, ao limpido arrebol do seculo das luzes, tão negregada e sanguinaria instituição!) de que Hippolyto da Costa se havia alistado entre os pedreiros-livres, quatro dias depois do seu retôrno da capital ingleza, isto é, em Julho de 1801, recolheu-o ao carcere, torturou-o e manteve-o nas torvas e innominaveis angustias do ergastulo, até que, em fins de 1805, pudesse a Maçonaria preparar-lhe a evasão.

Escapo ás garras sinistras do «Sancto-officio», e depois de vencer innumeras difficuldades, refugiou-se afinal em Londres, que sempre serviu de hospitaleiro abrigo a todas as victimas do despotismo, temporal ou espiritual.

O seu preparo scientifico e literario, as suas qualidades pessoaes e o amparo da sociedade secreta, a que pertencia e pela qual soffrera dos Torquemadas lusos tão dolorosa perseguição, valeram-lhe as regalias de subdito inglez e o ser convidado para o cargo de secretario do duque de Sussex.

Assim, graças a todas essas circunstancias, — cêrca de tres annos depois que se estabelecera em Londres e na mesma epocha em que se effectuava a «inversão brasileira», — fez elle editar alli o *Correio Brasiliense*, revista mensal, cujo titulo desde logo palpabilizava que era consagrada á defesa dos interesses da vasta e próspera colonia luso-americana, onde Hippolyto da Costa tivera o berço e onde estava então residindo a monarchia portugueza.

Appareceu o primeiro número daquelle orgam de publicidade em Junho de 1808, — ao passo que a primeira folha volante que surgiu em nossa terra, a *Gazeta do Rio de Janeiro*,

saïda da Impressão Régia aqui installada logo após a vinda da familia bragantina, começou a 10 de Septembro de 1808. Em taes condições, Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça é, sem contestação possivel, o «patriarcha do jornalismo brasileiro».

Embora houvesse dado a lume, na capital ingleza, diversas traducções e alguns trabalhos avulsos, entre os quaes a extensa narrativa documentada do cruciante martyrio que lhe infligira o «Santo-officio», foi inquestionavelmente o *Correio Brasiliense* que lhe deu immensa celebridade nos dous hemispherios, onde se lê e falla o idioma de Camões.

Não houve, nem no Brasil, nem em Portugal, por todo o primeiro quartel do seculo XIX, quem o sobrepujasse no jornalismo. Enquanto lá e cá a idéa ficava afogada sob a copiosidade das flores de Rhetorica, sob os excessivos e futilissimos arreios do modismo classico então vigorante, além de que a censura mais draconiana constringia a franca expansão das intelligencias em principios adeantados, condiscentes com a incorruptivel dignidade do pensamento, — Hippolyto, graças á feição peculiar que lhe imprimira no estylo a tradicional sobriedade britannica, sabia expôr com inexcedivel clareza, com invejavel simplicidade e com despeiada liberdade (si bem que mareada de anglicismos a pureza do seu vernaculo) tudo quanto julgava convir aos supremos interesses da Patria.

Durante tres lustros, — pois só abandonou a clava de jornalista em Dezembro de 1822, após ver realizada a sua maxima aspiração, isto é, a independencia do Brasil, — combateu, tenazmente e inexoravelmente, as muitas instituições abernantes dos verdadeiros principios humanos, ainda viçosos no reino luso, e propagou, luminosamente e perseverantemente, as idéas de emancipação economica e de libertação politica da terra natal.

E' facil comprehender a implacavel animosidade, que a intrepida e vigorosa acção de Hippolyto da Costa provocou por parte dos dirigentes do reino portuguez, entre elles incluido o «Santo-officio», que teve como inglorios defensores frei Joaquim de Sancto Agostinho e padre José Agostinho de Macedo. A regencia de Lisboa, por aviso de 17 de Septembro de 1811, prohibiu que entrasse em Portugal e seus dominios o *Correio Brasiliense*, assim como «todos os mais escriptos do seu furioso e malevolo autor» (*sic*). Nova ordem, datada de 17 de Junho de 1817, foi expedida para a rigorosa e exacta observancia da anterior, com certeza em consequencia da sublevação do Norte do Brasil, acaudilhada por Pernambuco em comêço daquelle anno, tanto mais quanto desde logo se percebeu a comparticipação intellectual de Hippolyto da Costa na bem apparelhada revolução.

Tudo isso patenteia a efficacia da campanha patriotica do *Correio Brasiliense* e o medo, que a penna scintillante do seu redactor inspirava ao obscurantismo portuguez.

A este nada adeantaram as prohibições despoticas acima referidas, pelo menos no tocante ao Brasil, como bem nos informa, em substancioso escripto, o venerando sr. barão Homem de Mello («in» *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, XXXV, p. 2ª, 214-215):

«A abertura dos portos, a crescente diffusão das luzes, o mesmo movimento dos espiritos, tornavam de todo improficuo esse derradeiro exfôrço, tentado contra a invasão das novas idéas politicas, que tendiam a transformar a face da Europa. O edital de prohibição era simplesmente transcripto na primeira página do periodico vedado, e este entrava e era lido com avidez em todas as casas, naquelle tempo.

Póde-se dizer, com segurança, que a educação politica da geração, que no Brasil preparou e realizou a independencia, foi feita pelo *Correio Brasiliense*.»

Realmente, durante os quinze annos em que sustentou indefesso o seu orgão de combate, — Hippolyto da Costa não perdeu aso algum de estimular a mocidade brasileira para a leva de broqueis de 1822 e para todas as mais conquistas de liberdade e de progresso, por que anciava a nossa Patria.

Si é certo, como bem pondera Varnhagen (*Historia Geral do Brasil*, II, 1.189), que até «as noticias do *Correio Brasiliense* tendiam sempre a um fim certo, gyravam todas na orbita que o illustrado redactor havia assignado ao Brasil»; si é certo que, «ao dar conta de uma instituição politica extrangeira, ao citar o exemplo da independencia deste ou daquelle Estado americano, Hippolyto tinha sempre na mente o Brasil, e a influencia, o effeito que para o seu fim convinha produzir»: — não é menos certo que os seus mais energicos exforços foram ainda especialmente votados a nortear os nossos compatricios daquelle tempo em tudo quanto dizia respeito á policia, á justiça, ás franquias municipaes, á agricultura, á colonização e até á abolição da escravatura africana, o que tudo arguia o espirito práctico de quem se havia profundamente abeberado da educação ingleza.

Claro está que o erudito pensador não podia recorrer para tanto aos exemplos de Portugal, que a varios aspectos parecia ainda engolphado em plena edade-média, — e sim aos progressos, que dia a dia opulentavam o patrimonio politico e social da Grã-Bretanha e aos adeantamentos febris e incomparaveis, que observara na grande Republica norte-americana, notando-se apenas que esta conservara tambem, desgraçadamente, o nefando instituto da escravidão.

Silvio Romero (*Historia da Literatura Brasileira*, I, 474) assignalou bem quanto era « de forte quilate e grandissimo valor » a idéa de Hippolyto da Costa quanto á admissão de immigrantes no Brasil: — « Queria, sim, o concurso das actividades extrangeiras egualmente para todo o paiz, e queria-o em ordem e acertadamente; não aspirava pela invasão, nem o consumia a vontade de ver o povo brasileiro substituido por outro no sólo desbravado, affeiçoado por nossos maiores ». E Varnhagen (*op. cit.*, II, 1190-1192) encomia sem rebuços o plano, tracejado pelo redactor do *Correio Brasiliense*, para que a capital da nossa terra fosse installada definitivamente no interior, que não no Rio de Janeiro, afim de eximir-se ás nefastas influencias imperiosas de uma praça exclusivamente mercantil e até aos pronunciamentos nos quarteis ou de couraçados.

Os dous grandes escriptores que acabamos de citar olvidaram-se, contudo, de dizer que, tanto num como no outro caso, Hippolyto nada mais fazia do que transmittir aos seus patricios as licções que haurira nos Estados-Unidos, onde não só a colonização fôra sabiamente regulada, como tambem a séde do govêrno não foi posta na colossal e riquissima New-York, mas na pequena e burocratica Washington.

Para darmos uma nitida amostra do estylo e das idéas que o valente jornalista puzera a serviço da causa da Patria, eis o que elle, em Maio de 1822, dizia pelo *Correio Brasiliense*: « Será impossivel que se não mantenham com firmeza as resoluções que têm adoptado o Rio, Minas, S. Paulo e mais o Sul do Brasil; porque é mais que provavel, é quasi certo que Bahia e Pernambuco se lhes unam em sentimentos, e não vemos porque o resto deixe de seguir o mesmo, principalmente com o tempo, e si para isso se não usar coacção.

E, sendo assim, *que parte da America apresenta mais elementos de prosperidade nacional? Serão sómente os erros do govêrno que poderão frustrar as esperanças, que os dons da natureza, distribuidos naquelle paiz com mão tão liberal, inculcam a quem nisso reflecte* ».

Este ultimo periodo, palpitante de verdade, foi uma prophecia que ainda agora merece ser integralmente reproduzida e clamada constantemente aos ouvidos dos que nos dirigem, afim de chama-los sem cessar ao cumprimento do seu alto e imprescriptivel dever.

No penultimo número de sua revista, isto é, em Novembro de 1822, Hippolyto, que precedeu a José Bonifacio na organização de um projecto que visava a uma « gradual e prudente extincção da escravatura », dava aos seus compatricios o previdente ensinamento contido nas palavras seguintes: — « Os Brasilienses, portanto, devem escolher entre estas duas alter-

nativas: ou elles nunca hão de ser um povo livre, ou hão de resolver-se a não ter consigo a escravatura. Argumentar-nos-ão que os escravos são necessarios para a cultura dos campos e para lavrar as minas; e que, sem escravos, esses ramos essenciaes da industria do paiz desapparecerão, e com elles a riqueza do Brasil. Negamos redondamente, — e o provaremos quando fôr conveniente, — que o Brasil deixe de ser egualmente rico, quando não tiver escravatura; mas, raciocinando mesmo nesta hypothese, que não admittimos, perguntamos: — Que preferem os Brasileiros? Ser pobres, mas ser homens livres, com um govêrno constitucional; ou ser ricos e submissos a govêrnos arbitrarios, sem outra constitutição politica que a que lhes preservar o despotismo? Da continuação da escravatura no Brasil deve sempre resultar uma educação, que fará os homens menos virtuosos e mais susceptiveis de submetter-se ao govêrno arbitrario de seus superiores; e nem se argumentará para allegar como regra gëral, com a energia e sentimentos nobres, que nesta crise têm mostrado os Brasilienses; porque nas commoções politicas se desenvolvem extraordinariamente os talentos e as virtudes civicas; mas nós fallamos do estado ordinario das cousas, da constituição permanente que deve reger os povos».

Do provecto pensador, que em vão nos aconselhou a completarmos a independencia, derriscando do nosso privilegiado sólo a nodoa espuria da escravidão, e nos apontou tão clarividentemente os males moraes dessa barbara herança portugueza, — era natural que um espirito avesso a encomios, qual o do visconde de Porto Seguro, assim proclamasse, com tanto senso e tanta justiça (*op. cit.*, II, 1.188-1.189): — «Não cremos que nenhum estadista concorresse mais para preparar a formação no Brasil, de um imperio constitucional, do que o illustre redactor do *Correio Brasiliense*. Talvez nunca o Brasil tirou da Imprensa mais beneficios do que os que lhe foram offerecidos nessa publicação, em que o escriptor se expressava com tanta liberdade, como hoje o poderia fazer, mas com a grande vantagem de tractar sem paixão as questões de maior importancia para o Estado...». E Silvio Romero (*op. cit.*, 468), não menos caloroso e sincero no merecido elogio que tributa ao patriarcha do jornalismo brasileiro, depois de affirmar que elle «é um homem illustre e a quem o Brasil muito deve, por seu patriotismo, sua defesa de nossas liberdades, suas previsões, seus conselhos», depois de dizer que elle «foi um elemento de differenciação, de lucta, de opposição entre Brasileiros e Portuguezes, em nome de sãos principios, em nome da justiça e da liberdade», assim conceituosamente conclue: — «Hippolyto fez tambem o seu poema, e de assumpto nacional. Cada um dos cantos desse poema é cada um dos bons

artigos em que sua coragem civica arrostava as choleras da metropole apoucada em prol dos direitos do Brasil. Ainda hoje seria possivel, dentre a massa enorme do *Correio Braliense*, escolher vinte ou trinta desses artigos decisivos, publica-los em livro, e ter assim á mão o escorço do poema do grande homem».

Ahi está um conselho digno de ser adoptado por quem se lembre de render a Hippolyto da Costa, quando se commemorar o primeiro centenario da nossa independencia, o preito do inolvidavel reconhecimento nacional pela sua acção esclarecida, constante, vigorosa, intemerata e fecunda, na gestação da Patria autonoma, que os nossos antepassados nos legaram a 7 de Septembro de 1822.

Depois de Hippolyto da Costa, com o seu *Correio Brasiliense*, foram incontestavelmente Januario da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Lédo, com o seu *Revérbero Constitucional Fluminense*, os mais solicitos e ardorosos guieiros da nossa emancipação politica.

Nascidos ambos nesta capital, um em 1780 e o outro em 1781. — Lédo por morte do pae interrompeu os estudos que fazia na Universidade de Coimbra, vindo exercer depois, aqui, o cargo de official-maior da Contadoria do Arsenal do Exercito, ao passo que Januario, abraçando a carreira ecclesiastica, não tardou a ser nomeado prégador regio e professor de Philosophia do Seminario Diocesano.

Achavam-se, pois em plena madureza, quando, acudindo aos instantes reclamos do Brasil, resolveram consagrar-lhe o melhor da sua culta intelligencia e da sua assombrosa actividade.

Como, naquelle tempo, quasi todos os que aspiravam á liberdade da terra natal não viam melhor meio de trabalhar por ella do que nas sociedades secretas, — não vacillaram em filiar-se nas lojas maçonicas, das quaes resultou a 28 de Maio de 1822 a fundação do Grande Oriente do Brasil, que teve como 1° grande vigilante a Joaquim Gonçalves Lédo e como grande orador o padre Januario da Cunha Barbosa, e veiu a constituir-se o mais pujante fóco de irradiação e a mais vigilante atalaia dos ideaes da independencia.

Muito antes daquella data, porém, já haviam elles fundado o seu quinzenario destinado a dirigir a magna cruzada: — saïu o 1° número a 15 de Septembro de 1821, com o titulo *Revérbero Constitucional Fluminense*, com a declaração de que era «escripto por dous Brasileiros, amigos da nação e da patria» (*sic*) e com a characteristica divisa «*Redire sit nefas*».

Ao iniciar a peleja, e como que justificando o lemma que adoptara, clamava alto e bom som («vide» *Patriarchas da Independencia*, por Tristão de Alencar Araripe, «in» *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, LVII, p. 1ª, 171-172): — «O Brasil já entrou no periodo da sua virilidade; já não precisa de tutella: a emanicipação das colonias segue uma marcha natural e irresistivel, que jámais fôrças humanas podem fazer retrogradar!».

Em sua *Historia da Independencia* (pag. 122), affirma Varnhagen ter ouvido da propria bocca dos dous jornalistas que «todos os artigos publicados no *Revérbero* foram obra de ambos collectivamente», isto é, «o que qualquer dos dous inicialmente escrevia era revisto e additado pelo outro». Nada impede que se reconheça a veracidade dessa asserção; mas não é menos certo que os artigos da lavra de Januario sempre se resentiam do inilludivel sainete do estylo sermonistico, ao passo que os devidos a Lédo reçumavam maior lhaneza e menor abuso da tropologia. Um e outro, comtudo, sabiam fazer vibrar a corda sensivel do povo, tanto que a folha, desde os seus primeiros números, teve o raro condão de accender alvoroçoso enthusiasmo em todas as classes sociaes do Rio de Janeiro.

Ensejou-se-lhe logo prestar um relevante serviço á causa nacional, oppugnando vehementemente o decreto de 29 de Septembro de 1821, expedido pelas Côrtes portuguezas, pelo qual se ordenava ao principe d. Pedro que se retirasse do Brasil. Foi o *Revérbero*, em suas edições de Dezembro de 1821, quem não só saïu á campo contra os defensores da nossa recolonização, personificados no *Semanario Civico* da Bahia, como ainda quem orientou os patriotas brasileiros no sentido de obstarem a partida do principe.

Após o «Fico», que teve como consequencia immediata o pronunciamento da Divisão Auxiliadora, felizmente prèsto jugulado, — Januario e Lédo, ainda bem não haviam saïdo barra fóra as tropas de Avilez, levantavam a idéa de ser convocado nesta capital um Conselho de procuradores das provincias. Para esse projecto, com que visavam a apertar os então frouxos laços existentes entre os suborganismos politicos da Patria, conseguiram a adhesão de José Clemente Pereira, do general Nobrega e de alguns patriotas de Minas. Lédo foi um dos dous procuradores eleitos pela provincia do Rio de Janeiro; e, si aquella bem intencionada iniciativa se mallogrou, não resta dúvida que della nasceu a convocação da Assembléa Constituinte Brasileira, o passo capital para a conquista da nossa definitiva soberania.

Foram os co-redactores do *Revérbero* que escreveram a petição dirigida ao Senado da Camara do Rio de Janeiro, para

que elle interpuzesse o seu valimento ante o regente do Brasil a favor da convocação de uma Constituinte nacional; e foi Lédo quem redigiu e pronunciou perante d. Pedro a representação collectiva, que, além de outras phrases energicas, encerrava as seguintes, sobremodo suggestivas: — «Ao decôro do Brasil, á gloria de vossa alteza real, não póde convir que dure por mais tempo o estado em que está. Qual será a nação do mundo que com elle queira tractar, enquanto não assumir um character pronunciado, *enquanto não proclamar os direitos, que tem, de figurar entre os povos independentes?* E qual será a que despreze a amizade do Brasil e a amizade do seu regente? E' nosso interesse a paz: *nosso inimigo só será aquelle que ousar atacar a nossa independencia*. Digne-se, pois, vossa alteza real ouvir o nosso requerimento: pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas...».

O principe não hesitou em attender a esse expressivo e formal pedido, com o qual se conformou o ministerio, e o decreto de 3 de Junho de 1822, por elle firmado e referendado por José Bonifacio, sabe-se com segurança que foi tambem redigido por Lédo.

A viagem de d. Pedro á terra de Tiradentes, tres mezes após a sua desobediencia á ordem das Côrtes, havia-o «completamente naturalizado brasileiro», na conceituosa phrase de Varnhagen.

Para mais attrahi-lo á causa da nossa emancipação politica, eis como insinuantemente se expressava o *Revérbero* de 30 de Abril de 1822, num artigo vibrante, que trae o estylo de Januario, dispensando-o de ufanar-se, como fez depois, de ser o auctor exclusivo delle:

— « Principe ! Rasguemos o véu dos mysterios, rompa-se a nuvem que encobre o sol, que deve raiar na esphera brasileira; forme-se o livro que nos deve reger e, sôbre as bases, já por nós juradas, em grande pompa seja conduzido e depositado sôbre as aras do Deus de nossos paes. Ahi, deante do Altissimo, que tenha de ouvir e punir, si fores traidor, jura defende-la e guarda-la á custa de teu proprio sangue; jura identificar-te com ella; o Deus dos christãos, a Constituição brasilica e Pedro, eis os nossos votos, eis os votos de todos os Brasileiros. Oh ! dia da gloria ! quanto és bello, até mesmo lobrigado por entre as nevoas do futuro ! Principe, só assim baquearão de uma vez os cem dragões que rugem e procuram devorar-nos.

Não desprezes a gloria de ser fundador de um novo imperio! O Brasil, de joelhos, te amostra o peito, e nelle, gravado em letras de diamante, o teu nome. Não te assustem os pequenos principios... Ah ! si visses como é pobre a nascente dos dous gigantes da America, e como depois levam aos

mares mais guerra do que tributos ! Principe, as nações todas têm um momento unico, que não torna quando escapa, para estabelecerem os seus govêrnos. O Rubicon passou-se; atrás fica o inferno; adeante está o templo da immortalidade. *Redire sit nefas !*»

Tendo sido unanimemente approvada, em sessão do Grande Oriente, uma proposta de Domingos Alves Branco Muniz Barreto, — de dar-se a d. Pedro o titulo de «Protector e Defensor Perpetuo do Brasil», — coube ainda a Januario e Lédo a redacção do discurso, com que José Clemente Pereira devia offerece-lo ao principe, a 13 de Maio de 1822. Acceitou-o o regente, com exclusão do nome de «Protector», allegando, muito bem inspiradamente, que o Brasil a si proprio se protegia.

Não parou ahi a acção dos co-redactores do *Revérbero*, particularmente de Lédo, que foi, talvez, como assegura Blake, «principal inspirador de todas as manifestações populares em 1821 e 1822».

Entre o decreto de 3 de Junho e o grito do Ipiranga, os actos mais explicitos em favor da independencia nacional foram os manifestos firmados por d. Pedro a 1° e 6 de Agosto. Deste ultimo, endereçado ás nações amigas, incumbiu-se José Bonifacio, enquanto Lédo tomava a si o outro, dirigido aos Brasileiros. Começava com a phrase inicial de uma proclamação célebre da epocha da Revolução Franceza — Está acabado o tempo de enganar os homens —, e, depois de justificar o «Fico», a acceitação do titulo de «Defensor Perpetuo» e a convocação da Constituinte, concluia com o seguinte appêllo patriotico, que produziu em todo o paiz a mais acendrada emoção: — «Não se ouça entre nós outro grito que não seja — União ! Do Amazonas ao Prata não retumbe outro echo que não seja — Independencia ! Formem todas as nossas provincias o feixe mysterioso, que nenhuma fôrça póde quebrar ! Desappareçam de uma vez antigas preoccupações, substituindo o amor do bem geral ao de qualquer provincia ou cidade !»

Não era, pois, sómente ás columnas do *Revérbero Constitucional Fluminense* que se adstringia a operosidade patriotica de Januario e Lédo.

Propellido pelo magnifico resultado de sua excursão a Minas, resolveu o principe ir pessoalmente captar as boas graças dos Paulistas, — pondo termo, ao mesmo tempo, ás velleidades dos retrogrados daquella provincia, — e a 14 de Agosto seguia para a terra dos bandeirantes.

Ainda antes que elle chegasse á Paulicéa, — Lédo, presidindo á assembléa geral do povo maçonico, em 20 de Agosto, fez sentir «a necessidade de se proclamar quanto antes a in-

dependencia do Brasil e a confirmação da realeza na pessoa do principe-regente» (*vide* M. J. de Meneses, *Exposição historica da Maçonaria no Brasil*, pags. 39 e segs.), cuja acclamação lembrou que se realizasse a 12 de Outubro, dia natalicio de d. Pedro; e, em nova assentada, feita tres dias depois, tambem por indicação sua, ficou deliberado que os maçons mais influentes partissem para todas as provincias, afim de promoverem a adhesão delles á emancipação definitiva do paiz, sob o sceptro de d. Pedro. Januario, que era o grande orador do Grande Oriente, offereceu-se para ir a Minas, o que fez á custa propria e com o mais brilhante e seguro exito («vide» *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, XI, 189).

A actividade politica de Januario e Lédo extendeu-se muito aquem do 7 de Septembro de 1822, mas já transcende a orbita essencial desta ligeira palestra, tanto mais que nos levaria a tractar dos deploraveis dissidios de que se travaram elles com os Andradas, — luctas que, entanto, não procediam de moveis inconfessaveis, e sim do desejo, que nutria cada qual dos dous grupos, de servir exclusivamente, ou um melhor do do que o outro, á causa sagrada da Patria.

A exemplo do *Correio Brasiliense*, que, cumprida a sua nobre missão desappareceu da estacada em Dezembro de 1822, — assim tambem o *Revérbero Constitucional Fluminense*, cujos numeros equivaleram a outras tantas victorias a bem da soberania do Brasil, suspendeu a sua publicação um mez e um dia depois do grito do Ipiranga.

Os dous estrenuos campeões da nossa emancipação politica falleceram com a mesma edade, Januario em 1846 e Lédo em 1847, tendo aquelle continuado a pôr de manifesto uma admiravel capacidade de trabalho, quer ainda no jornalismo, quer no tracto das Musas, quer — e é esse um dos mais indeleveis estemmas de sua coroa civica —, na creação deste antigo e benemerito gremio, dentre cujos fundadores foi *magna pars* o cantor de *Niterói*, de quem disse acertadamente Silvio Romero (*op. cit.*, I, 293): — «E' por seu patriotismo, seus serviços á independencia, seu enthusiasmo pelos progressos intellectuaes do Brasil, que Januario da Cunha Barbosa será sempre lembrado».

Assim, os nomes de Januario da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Lédo ficaram para sempre gravados, pelos applausos dos contemporaneos e pelo reconhecimento inequivoco da posteridade, no altar augusto da Patria, de cuja independencia foram os paladinos mais illustres, mais abnegados e mais perseverantes, na imprensa de aquem-Atlantico.

Em Dezembro de 1821 apparecia nesta Capital o primeiro número de uma gazeta redigida por Luiz Augusto May, que foi politico militante desde a alvorada do Imperio e falleceu em 1850. Era homem de accentuada laboriosidade e até bastante sagaz na apreciação dos graves acontecimentos, que se desenrolaram naquelle momento excepcional da nossa evolução historica. Mas o proprio titulo dado ao seu periodico — *Malagueta* —, evidencia um character excentrico. Era-o, de facto, como se verifica tambem pelo testimunho dos coetaneos. A referida folha teve existencia sobresaltada e precaria, interrompendo-se a sua publicação em Junho de 1822, resurgindo em Julho do mesmo anno com a denominação de *Malagueta extraordinaria*, que deu apenas septe numeros até Julho de 1824, e só vindo a extinguir-se de todo em 1829. Não exerceu influxo consideravel na marcha ascencional das idéas emancipacionistas, precisamente porque a May faltava o imprescindivel equilibrio, que logra prestigio na opinião. Basta dizer que elle se oppoz tenazmente á convocação do Conselho de procuradores das provincias, decretada a 16 de Fevereiro de 1822. Assim, a *Malagueta* não passou de um orgam de agitação irregular, nem sempre util á causa da independencia nacional.

Por todo o anno de 1822 tambem se editou nesta Capital o *Correio do Rio de Janeiro*, que annunciava como seu redactor ostensivo o portuguez José Soares Lisboa. Individuo de baixa extracção e de exigua cultura intellectual, foi o introductor do nefasto processo de detracção pessoal no jornalismo brasileiro. Taes desmandos commetteu o *Correio do Rio de Janeiro*, que José Bonifacio se viu na dura necessidade de obter do principe o decreto de 18 de Junho de 1822 (*in* Collecção Nabuco, III, 289), pelo qual se cohibiam os excessos de imprensa. Soares Lisboa, tendo sido logo depois condemnado a 10 annos de prisão, por culpa séria e provada, foi indultado por d. Pedro, com o prévio compromisso de deixar definitivamente o territorio brasileiro; mas, faltando á fé jurada, foi parar em Pernambuco, onde montou o *Desengano Brasileiro* e tomou parte na Confederação do Equador, vindo a morrer em Novembro de 1824, no combate de Couro de Anta. Jactanciou-se o redactor do *Correio do Rio de Janeiro* de haver contribuido para a proclamação da nossa independencia. Mas, em verdade, elle, por uma série de factos insusceptiveis de contestação, não passou de um máo elemento da imprensa patriotica de 1822, infiltrando, além do mais, no jornalismo indigena, o ignobil emprêgo do «testa de ferro» e o detestavel habito das mofinas editoriaes.

Feitas estas succintas referencias a May e Soares Lisboa, pois seria contrario ás boas regras da Historia o condem-

na-los ás gehennas do olvido, — passaremos a tractar de frei Francisco de Sancta-Tereza de Jesús Sampaio.

E' esta uma figura ainda muito mal conhecida, porque não mereceu até hoje dos cultores de nossas tradições o carinho de um estudo aprofundado.

Nasceu nesta Capital em 1778 e expirou a 13 de Septembro de 1831.

Aos quinze annos envergou a estamenha de Franciscano, embrenhou-se nas cogitações da Philosophia theologica, revelou grande talento e assignalada vocação para o pulpito, galgando, mercê desses dotes, os mais elevados postos da sua Ordem.

Foi, por certo, antes de frei Francisco de Mont'Alverne, seu contemporaneo e ermão de habito, o maior orador sacro dos ultimos tempos do Brasil colonial: — á facilidade de expressão e aos tropos brilhantes, tão ao sabor da epocha, junctava ousios de fórma inopinados, tudo servido por uma voz sonora e forte, consentanea com a sua constituição athletica.

Entretanto esse homem, a quem a natureza liberalizara tanto vigor corporeo e intelligencia tão vivaz e tão seductora, — era, por lamentavel contraste, de pasmosa tibieza moral, descendo até á indignidade de curvar a cerviz ante os poderosos em prejuizo da causa da Patria.

O medo parecia nelle um caso de morbidez organica, pois nunca andava sósinho, muito menos de noite, tanto que, para poder assistir ás sessões da sociedade secreta em que se filiara, era preciso que fosse bem accompanhado por pessoas vigorosas e de reconhecida coragem, como Luiz Manuel Alves de Azevedo e Domingos Alves Pinto, pedreiros-livres, que moravam perto do Convento de Sancto Antonio, até cuja porta reconduziam o timorato tonsurado.

A exemplo de todos os espiritos liberaes daquella quadra procellosa, o padre-mestre frei Francisco de Sancta-Tereza de Jesús Sampaio tambem se alistara na Maçonaria, exercendo desde 1821 o cargo de orador da loja Commercio e Artes, que no anno seguinte foi uma das tres metropolitanas constitutivas do Grande Oriente do Brasil.

Para que ao lado do *Revérbero Constitucional Fluminense* se enfileirasse outro orgam de combate, dirigido por penna habil e competente, a prol da independencia nacional, — o Oriente, logo depois de definitivamente installado a 28 de Maio de 1822, favoneou o apparecimento do *Regulador Brasilico-Luso*, a 29 de Julho daquelle anno, e que do n. 11 em deante, até extinguir-se em 1823, passou a denominar-se *Regulador Brasileiro*. Tinha como redactores frei Sampaio e Antonio José da Silva Loureiro, sendo, porém, o Franciscano, por sua superior cultura, o verdadeiro e unico director mental do famoso periodico.

A 7 de Março de 1822, num sermão proferido na capella real, exclamara o eloquente prégador: — « Oh Deus! Tu, que conheces que o meu interesse sôbre a gloria do Brasil não nasce de pretenções nem de vistas particulares, e por isso é merecedor de tua approvação, dirige, portanto, as minhs idéas! Que ellas, saïndo dos porticos do templo, se espalhem por todas as provincias deste continente e que vão ao longe mostrar os sentimentos do Brasil na epocha actual, *em que se fazem exfôrços para que elle retroceda da mocidade ao estado da infancia!...*»

Entretanto, logo num dos primeiros números do *Regulador*, montado exclusivamente para defender os vitaes interesses da emancipação nacional, eram dadas á estampa « doutrinas aristocraticas, e que não se compadeciam com a liberdade constitucional por que o Brasil anhelava » (*vide* M. J. de Meneses, *op. cit.*, 40 e segs.), pelo que frei Sampaio foi intimado a apresentar-se á sessão de 23 de Agosto do Grande Oriente, afim de explicar aquella sua extranha attitude, ao mesmo tempo que a assembléa maçonica lhe comminava a devolução collectiva da folha.

Cumprindo a ordem que recebêra, foi elle posto entre columnas e declarou em sua defesa o seguinte: — « Que a materia dos artigos em questão, insertos no periodico *Regulador*, não era de sua convicção, *mas lhe havia sido transmittida por pessoas a quem devia respeito e consideração, não lhes podendo, por isso, negar a inserção no seu periodico*. Que era verdade ter omittido a declaração de terem aquelles artigos provindo de correspondencia, mas que nunca fôra essa a sua opinião. Que chamava em testimunho do que dizia as doutrinas liberaes que tinha sempre propalado, até no pulpito, em seus discursos, apesar de promessas e ameaças contra a sua existencia, — opiniões que sempre manifestava entre nossos ermãos, quando se tractava da nossa regeneração politica. Que se havia abstido de acceitar taes correspondencias, e no proximo número do seu periodico, que já se achava redigido, mostraria qual era a sua intima opinião. Que protestava á respeitavel assembléa, que o ouvia, de jamais tornar a dar logar no seu periodico a escriptos desorganizadores e offensivos á liberdade constitucional, que a opinião publica tinha abraçado e se achava jurada por esta Augusta Loja ».

Lédo, que presidia á sessão, por ausente o grão-mestre, disse, externando os sentimentos de todos, que — « não podendo uma tal desculpa de attenção, respeito e consideração para com poderosos ser attendida em nenhum homem de bem, menos o podia ser de justificação a elle accusado, que como maçon havia contrahido a obrigação de defender, por todos os meios ao seu alcance, a causa do Brasil e a sua indepen-

dencia... e que, portanto, a respeitavel assembléa, não admittindo a desculpa como justificação, a recebia como uma satisfacção, e de tanto maior agrado, quanto era attendivel o protesto, que elle fizera, de abandonar aquella perfida correspondencia e de escrever segundo os seus verdadeiros sentimentos em defesa da causa do Brasil». Para pôr condigno termo ao triste incidente, que revela o bellissimo character inamolgavel de Lédo, concluiu este convidando todos os maçons presentes a que, «exquecendo-se do escandalo que lhes havia causado o ermão Sampaio, se congratulassem perfeitamente com elle, dando-lhe o abraço e o osculo fraternal, applaudindo esta agradavel e desejada reconciliação com a bateria da ordem».

Frei Sampaio pareceu dahi em deante obedecer á directriz inflexivel, que lhe pretraçara o Grande Oriente a bem da emancipação da nossa Patria, orientando nesse sentido a linguagem do seu orgam de publicidade. Além disso, em uma das sessões da loja Commercio e Artes da qual era orador — isto logo após a efficaz reprehensão que soffreu —, appareceu espontaneamente, e, occupando o seu posto na tribuna, «recitou um pathetico discurso, agradecendo aos seus ermãos a maneira fraternal e urbana com que fôra tractado e admoestado pela publicação das doutrinas subversivas, a que por condescendencias e considerações havia dado logar no periodico *Regulador*, que redigia, fazendo sentir que em qualquer tempo lhe seria muito sensivel e penosa a eliminação daquella sociedade a que pertencia ha annos, e lhe seria insupportavel e afflictiva, quando a mesma sociedade tractava de realizar objectos tão ponderosos como a independencia do Brasil, sua reunião em um centro e a acclamação da monarchia na augusta pessoa do seu Defensor Perpetuo...»

Durante o tempo em que esteve assim sob a impressão do castigo, a que escapara, e sob a incansavel e atilada vigilancia da sociedade maçonica, o jornalista do *Regulador* prestou não pequenos serviços á campanha sagrada da independencia, que dentro de poucos dias plantava a sua bandeira victoriosa na terra dos bandeirantes.

Isso, entretanto, não impediu que frei Sampaio, logo depois do grito do Ipiranga, se constituisse em perfido delator dos seus companheiros do Grande Oriente, — quando contra Lédo, Januario e outros moveu José Bonifacio o célebre processo então vulgarmente chamado «A Bonifacia», do que parece ter tido mais tarde tanto arrependimento e tanta vergonha, que recolhido á sua cella, de onde raramente saïa, ahi se deixou finar em lobrego isolamento e em quasi completo olvido.

Mas, apezar da sua frouxidão moral, os valentes artigos

que deu a lume no *Regulador*, sob a inspiração do Grande Oriente e dos seus proprios ideaes de patriota que innegavelmente era, bastam para aureola-lo do mesmo resplendor que circunda a fronte dos outros imperterritos gonfaloneiros da independencia.

Agora, senhores, que se vae approximando o dia da commemoração do primeiro centenario da nossa emancipação politica, é bem mistér ir recordando esses exemplos de dedicação á causa sagrada da terra natal, — não sómente para que rendamos o preito da nossa gratidão aos fundadores da nacionalidade brasileira, como tambem para que recebamos, dos que por ella desinteressadamente e fecundamente trabalharam, a luminosa lição de um perfeito patriotismo, que urge ser aprendida e posta em práctica pelas almas, pelos corações e pelos braços válidos de toda a geração presente.

Si não desejamos por fórma alguma que se repitam em nossa historia as luctas que sustentaram os nossos maiores pela conquista da soberania nacional e os pronunciamentos que tumultuaram e ensanguentaram a longa e tempestuosa phase da Regencia, — desejamos, entretanto, que todos os bons Brasileiros, confiantes no futuro da Patria, apparelhados para defende-la e para torna-la cada vez mais prospera e mais feliz, possam, sem receios vãos de quaesquer inimigos, exclamar como aquelles que outr'ora, em quadra muito mais difficil e tormentosa que a de hoje, dirigiram e prepararam os nobres destinos do Brasil:

— « DEVEMOS TEMER DE NÓS MESMOS, DO ENTHUSIASMO SAGRADO DO NOSSO PATRIMONIO, DO NOSSO AMOR PELA LIBERDADE E PELA HONRA NACIONAL, QUE NOS POZ AS ARMAS NAS MÃOS » (*Applausos calorosos*).

Em seguida o SR. PRESIDENTE levanta a sessão, ás 22 horas.

ROQUETTE PINTO,
2º Secretario.

SEPTIMA SESSÃO ORDINARIA, EM 16 DE OUTUBRO DE 1917

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 21 horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos srs. socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, barão Homem de Mello, desembar-

gador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, M. Fleiuss, drs. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Edgard Roquette Pinto, Pedro Augusto Carneiro Lessa, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Antonio Olyntho dos Santos Pires, professor Basilio de Magalhães, dr. Pedro Souto Maior, professor João de Lyra Tavares, dr. Arthur Pinto da Rocha, dr. Agenor de Roure, dr. Laudelino Freire, commandante Raul Tavares, coronel Jesuino da Silva Mello e dr. José Americo dos Santos.

O Sr. Dr. Roquette Pinto (*2° secretario*) lê a acta da sessão anterior, a qual é unanimemente approvada.

O Sr. Fleiuss (*1° secretario perpetuo*) justifica a ausencia dos consocios srs. drs. Homero Baptista, Araujo Viana, conselheiro Salvador Pires de Carvalho Albuquerque e marechal Bernardino Bormann.

O mesmo Sr. Secretario lê o seguinte parecer da Commissão de Fundos e Orçamento, que é unanimemente approvado:

« A Commissão de Fundos e Orçamento nada tem a oppôr á proposta apresentada pelo sr. 1° secretario perpetuo para que seja prorogado para o anno de 1918 o orçamento em vigor no corrente anno.

Sala das Commissões, 16 de Outubro de 1917.— *Clovis Bevilaqua*, relator.— *Rodrigo Octavio*.— *Jesuino da Silva Mello*.»

O Sr. Secretario Perpetuo lê a seguinte carta do consocio benemerito, professor João Capistrano de Abreu:

— « Rio de Janeiro, 8 de Outubro de 1917 — Exmo. sr. presidente do Instituto Historico. Sei pela imprensa diaria que a Sociedade que v. ex. tão sabiamente dirige houve por bem premiar com uma medalha de ouro meu imperfeito ensaio sobre a lingua dos Caxinauás.

Esta distincção, tão superior a meus fracos meritos e até ás minhas maiores ambições, fundou-se para maior realce no parecer de meu antigo chefe e venerando mestre dr. Ramiz Galvão, que passa de quarenta annos accolheu paternalmente o provinciano bisonho, e com seu exemplo, com a convivencia dos admiraveis collaboradores, hoje todos mortos, que soube reunir na Bibliotheca Nacional, accompanhou-me os primeiros passos nos estudos, a que o Instituto Historico tem dado impulso e direcção desde 1838.

Muito grato pela immerecida prova de apreço, soccorro-me do precedente aberto pelo benemerito Francisco Adolfo de Varnhagen, gloria da Patria e lustre desta casa, para rogar ao Instituto com os reiterados respeitos a offerta que faço da medalha deste premio, que a sua benignidade me confere, para propor como assumpto novo em outro concurso.

Apresento a v. ex. os meus protestos da mais alta estima e consideração.—*João Capistrano de Abreu.*»

O Sr. Conde de Affonso Celso *(presidente perpetuo)* declara que o Instituto fica sciente da communicação de seu emerito consocio sr. Capistrano de Abreu, a que presta nova homenagem, conformando-se com a sua deliberação.

O Sr. Roquette Pinto (2° *secretario*) lê a seguinte proposta, que vai á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o sr. dr. Manuel Cicero:

—«Com fundamento no art. 9° dos nossos Estatutos approvados pela assembléa de 30 de Junho do corrente anno, vimos propôr para preencher a unica vaga de socio honorario, ora existente no quadro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o sr. dr. Antonio Borges Leal Castello Branco.

Descendente de uma das familias tradicionaes da fidalguia do Norte e abolicionista desde os bancos academicos, iniciou cedo a carreira pública, passando dos cargos da magistratura judicial, que exerceu com brilho e integridade no Rio Grande do Sul e em Pernambuco, á direcção da Imprensa Nacional.

Neste ultimo posto tem elle prestado ao nosso gremio serviços inestimaveis, quaes os que se referem á publicação dos cinco grandes tomos, onde se encerram os trabalhos do 1° Congresso de Historia Nacional, além da solicitude carinhosa com que attende a tudo quando respeita aos interesses intellectuaes e moraes do Instituto Historico.

Assim justificada, estamos certos de que a presente proposta corresponde simultaneamente a um pedido de reconhecimento e a um preito ao merito. Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1917.—*Augusto Tavares de Lyra.*—*A. F. de Sousa Pitanga.*—*Fleiuss.*—*Basilio de Magalhães.*—*Rodrigo Octavio.*—*Roquette Pinto.*»—Vai á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. dr. Manuel Cicero.

O Sr. Fleiuss (*secretario perpetuo*) communica achar-se na casa o socio effectivo sr. dr. Juliano Moreira, que, tendo cumprido todas as formalidades dos Estatutos, vem tomar posse.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente*) nomêa para introduzi-lo os srs. 1° e 2° secretarios, dr. Souto Maior, professor João de Lyra Tavares e coronel Jesuino da Silva Mello.

Dá entrada no recincto e presta o compromisso dos Estatutos o sr dr. Juliano Moreira, que pronuncia o seguinte discurso:

—Egregio sr. presidente—Excellentissimos srs. consocios—Excellentissimas minhas senhoras, meus senhores:

Ha cêrca de dous annos, por benevola proposta de um dos mais veneraveis membros deste benemerito Instituto, foi

o meu nome complacentemente erguido até ás alturas de vosso honrosissimo suffragio.

Aturdido pela escolha, deliberei de mim para mim, só vir sentar-me entre vós trazendo-vos algo, que de certo modo vos relevasse da culpa de tamanha condescendencia em face de quem vos propuzera um nome de somenos.

Circunstancias multiplas impediram-me de cumprir o meu proposito. Por isso e para evitar a vossa suspeita de que não tivesse eu apreciado, pelos quilates que vale a honra de vossa eleição, aqui estou apenas com umas ligeiras notas biographicas sôbre dous grandes nomes da Historia das Sciencias entre nós, aos quaes o Instituto ainda não havia prestado ao menos a homenagem de uma consagração nas páginas de sua magnifica *Revista*.

De facto, percorrendo-lhe a collecção, «o mais copioso manancial de documentos relativos á patria Historia», na phrase exacta do sabio mestre Ramiz Galvão, em nenhum de seus indices encontrei os nomes de Piso e Marcgrave, os dous fundadores do estudo da Nosologia e da Historia Natural no Brasil. O proprio visconde de Porto Seguro apenas lhes dedica umas poucas linhas na sua obra: *Os Hollandezes no Brasil*.

Permitti-me, pois, que, em vez de simples palavras de agradecimento pela honra de me terdes trazido até ao seio deste conspicuo Instituto, relanceie eu um rapido olhar sôbre a vida e os serviços desses dous sabios homens de sciencia do seculo XVII.

Lançando a vista através as páginas da Historia da humanidade, sôbre as sinistras sortidas do mundo civilizado pelas regiões em que se tem elle estabelecido mais ou menos violenta e desapiedadamente, á custa do aniquilamento do aborigene e com o concurso forçado de gente, as mais das vezes muito a contra gosto transplantada de suas terras, «o octennio nassauviano» tem algo de deslumbrante, porque não só de lucros pecuniarios para a Companhia das Indias Occidentaes cogitara o conde João Mauricio. Fallando, como fallo, a historiadores, não vos fatigarei a attenção, repetindo-vos em prol do principe o mais excusado panegyrico.

Apenas lembrar-vos-ei que a tão magnanimo governador deve o Brasil a vinda a suas plagas septentrionaes de uma pleiade de homens do mais evidente valor. Destes merecem especial menção Willem Pies e George Marcgrave.

O primeiro foi o archiatra do principe, não desde o comêço de sua expedição, como erroneamente o affirmam quasi todos os seus biographos. Nas actas das reuniões da Commissão dos XIX da Companhia das Indias Occidentaes durante o anno de 1636, não figura o nome de W. Pies, pela simples razão,

que não foi elle quem accompanhara o conde na travessia do Atlantico. Veio, sim, Willem van Milaenen, medico desconhecido, que logo falleceu ao chegar ao Brasil. Em carta datada de 25 de Agosto de 1637, o Conselho administrativo em Pernambuco pedia que lhe fosse enviado, o mais breve possivel, um outro medico, « habil e experimentado »

Em consequencia disto, foi nomeado para vir ao Brasil o dr. W. Pies. Sabemos hoje ao certo a data da saïda de Hollanda de George Marcgrave, mas não ha certeza sôbre a de Pies.

Talvez tivessem vindo junctos, assim como H. Cralitz, de que fallarei dentro em pouco.

Wilhelm Pies, cujo nome foi depois latinizado em Piso, nasceu em Leyden em 1611. Graças ao archivista do Museu communal daquella cidade, o sr. Ramnelman Elzevier, sabemos hoje, que o pae de Guilherme Pies era um musico allemão, Hermann Pies, nascido em Cleves. Este, aos 27 annos, se inscrevera, aos 6 de Maio de 1607, como estudante de Medicina, em Leyden.

Parece certo que não concluiu os estudos, pois ha evidentes provas de que passara a vida como musico, e de 1625 a 1645 fôra organista da egreja de S. Pancracio (Hooglandsche Kerk).

Guilherme Pies foi, como o insigne Jacob Bontius, alumno de Medicina da gloriosa cidade de seu nascimento. Depois passou a Caen, na Normandia, onde se doutorou aos 22 annos. Aos 4 de Julho de 1633 inscreveu-se como medico na cidade de Amsterdam. Aos 26 ou 27 annos foi nomeado, como dissemos ha pouco, pela Companhia das Indias Occidentaes para vir ter ao Brasil como medico do conde e archiatra da expedição.

A Albert Conrad Burg, burgo-mestre de Amsterdam e membro do Conselho dos XIX, e a João de Laet, um dos melhores chronistas da Companhia, manifestara o principe antes de partir, o desejo de que fosse organizada uma expedição scientifica aos dominios, que a Hollanda pretendia firmar no Brasil. Foi dest'arte W. Pies investido na chefia da primeira missão puramente scientifica expedida por paiz europeu ás terras do Novo Mundo. Assim foram designados George Marcgrave e Henrich Cralitz — *Germanos, medicinae et matheseos candidatos,* no dizer de Barleus. Do primeiro fallarei dentro em pouco. Do segundo apenas sabemos que tambem era saxão, estudante de Medicina em Leyden, que era um joven cujos estudos faziam delle esperar um brilhante futuro, mas que em caminho succumbira aos trinta annos de edade — *immatura morte suffocatus,* como diz Piso.

Por occasião da partida de W. Pies o grande poeta hollandez Justo van der Vondel dirigiu-lhe um adeus poetico, no qual muito lhe recommendava velar pela saude do conde.

Durante sua estadia no Brasil, colheu W. Pies as multiplas observações medicas, com as quaes compoz sua — *De Medicina Brasiliensi* que é a primeira parte da *Historia Naturalis Brasiliae*, cuja primeira edição foi publicada em 1648, sob os cuidados de Joh. de Laet, a quem o conde enviara os originaes.

De quatro livros ou secções se compõe a obra. O livro primeiro tracta de *aëre, aquis et locis*. O segundo de *endemiis et familiaribus morbis in Brasilia*, dividido em 32 capitulos em que successivamente se occupa das febres, das doenças oculares, de *spasmo*, de *stupore*, de *catarrhis*, da dysenteria, das doenças contagiosas, do bicho do pé, etc. O livro terceiro tracta de *venenis et eorumque antidotis*. O quarto de *facultatibus simplicium*.

Esta obra, evidentemente magistral, reexaminada com afinco, evidencia a cada perquisição, excellencias novas e por isso ainda é hoje uma das mais lidimas glorias da litteratura medica hollandeza. A Pies devemos uma descripção exacta e minudente das endemias então reinantes no Brasil e dos meios de trata-las. Observou a bouba, o tetano, paralysias varias, a dysenteria, a hemeralopia, o maculo, etc.

Descreveu a ipeca e suas qualidades emetocatharticas, das quaes aliás já se utilizavam os aborigenes, muito antes do celebre medico Adriano Helvetius, avô do notavel philosopho francez Claudio Helvetius, haver recebido de Luiz XIV mil luizes de ouro, titulos e honrarias, por haver descoberto exactamente aquellas mesmas virtudes therapeuticas. De 1688 data o tractado de Helvetius intitulado *Remede contre le cours de ventre*.

Mostrou a acção therapeutica do côco andaassú, da copaiba, do tipi, do sassafraz, da japecanga, da capeba ou pariparoba, do jaborandi. A' proposito deste ultimo vegetal, Pies, em varios logares de sua obra, faz menção muito nitida de suas propriedades sialagogas e diaphoreticas, sendo admiravel, como dizem os medicos hollandezes Bauer e Stokvis, tenha a Medicina levado tantos annos para redescobrir esses factos. Foi ainda Pies quem primeiro presentiu as propriedades pepticas da carica papaya. Em sua obra lê-se o primeiro relato sôbre o bicho do pé, o melhor modo de o observar, que o era por meio de « megascopio », por certo um microscopio simples (*eosque per megascopium explorare oportet*) e a maneira então, e ainda muito depois, usada de extrahir o animalculo.

A' sua descripção do maculo não se tem depois accrescentado grande cousa.

A elle e a Marcgrave deve-se por certo a primeira noção de que pelos dentes da cobra vem o veneno ophidico ao logar mordido. Em suas paginas lemos a narração dos effeitos venenosos do sapo cururú, *bufo viridis, vulgaris*, ou *musicus*, no qual descobriram mais tarde os chimicos a bufotalina (de effeitos um tanto analogos á digitalina), a bufofesina e a frinolisina.

Foi elle por certo quem primeiro fez necropses no Brasil, e em tres capitulos da sua obra, o IV, o IX e o XIX a isto se refere.

Justamente receioso de fatigar vossa benevola attenção, não entrei em maiores minucias technicas sôbre a obra de W. Pies. Do exposto, porém, evidencia-se quão digno é elle de nossas homenagens.

Regressando o conde João Mauricio a Hollanda, com elle foi o seu medico, e de tal modo continuaram amigos, dispensando-lhe o principe taes provas de affeição, que não foi por certo bem informado o padre Manuel Calado, em seu *Valeroso Lucideno*, no que diz a proposito de uma supposta divergencia entre os dous.

W. Pies em Março de 1645, sempre ao serviço do conde (*inserviens illustrissimo Comiti Mauritio*) increveu-se de novo na lista dos estudantes da Universidade de Leyden, por certo com o justo proposito de rever algo do que se havia adeantado em sciencia, durante o sceptennio de sua ausencia. Nesse mesmo anno morreu-lhe o velho pae, naquella mesma cidade.

Tres annos depois casou-se em Amsterdam e alli se estabeleceu, tornando-se um dos clinicos de maior renome na cidade e muito procurado para conferencias á cabeceira dos doentes, como se infere, entre outras cousas, do facto de ser elle citado muitas vezes na curiosissima obra medica (*) do notavel cirurgião hollandez Job Jansaoon van Meekren, a quem o grande Haller chamou «*celebris et candidus chirurgus*».

Em 1655 foi nomeado inspector do Collegio Medico de Amsterdam, do qual foi duas vezes deão, uma em 1657, outra em 1660.

Em 1658 resolveu Pies publicar uma nova edição da sua obra, então com outro titulo: *De India utriusque re naturali et medicam Libri quatuordecim*. «Amstelodami, apud Ludovicum et Danielem Elzevirium». 1658.

Comparada á primeira é evidente a differença, nem sempre em proveito da segunda. Queixa-se elle, aliás, de que a outra, tendo sido feita durante sua ausencia por Joh. de

(*) HEEL — «en «Geneeskonstige Aanmerkinaen» — *Observationes medico-cirurgicae*). Rotterdam (1730). Ha traducções allemã e latina.

Laet saïra com incorrecções. Ao contrario disso, melhor seria que não houvesse elle modificado o plano da obra, supprimindo, como o fez, todo o livro de Marcgrave e incorporando aos seus capitulos o que só a este pertencia citando-lhe apenas o nome. Dahi a increpação de plagio de que o accusaram Haller e o ermão de Marcgrave, o dr. Christiano Marcgrave, no prefacio de sua *Opera medica*, a que se refere Linneu, ao descrever a «Pisonia» (planta da familia das Nyctagineas) nos seguintes termos: *Pisonia est arbor nimis horrida. Horrida certe memoria viri si vera, quae Marcgravio affinis objicit, Pisono, quod Pisonus omnia sua a Marcgravio post mortem habuerit.* (*Critica botanica*, L. B. 1737, pág. 79.)

Tendo-me habituado a procurar, para aproveita-lo, nos insanos o que lhes escapa ao sossobro das faculdades mentaes, não costumo levar em maior conta o mal do que o bem das acções humanas.

Por isso sempre achei exagêro nas referidas criticas a W. Pies, porque apezar das divergencias que tivera com George Marcgrave, sempre a elle se referira nos melhores termos (*doctissimum et diligentissimum*, etc.).

Na mesma segunda edição accrescentou Piso uns capitulos sôbre a «Mantissa aromatica», o que lhe valeu do dr. Swaving, distincto medico hollandez, a objurgatoria de «medico mui supersticioso». Ora, os referidos capitulos são apenas a reproducção da obra então exgottada de Augier Cluyt, clinico de Amsterdam e tio da esposa de Piso. Bem dispensavel, aliás, seria a reedição de tal livro, do qual o proprio Piso não hesita em declarar que até aquella data não tinha sido possivel verificar a mór parte das propriedades therapeuticas de tão gabada nóz e que se preconizara como panacéa (*Clutius noster multa sine dubio Nuci Malvidense tribuit, quae hactenus, ut mihi persuadeo, plurimis inexperta sunt.*) «Mantissa aromatica», cap. XIX, pág. 205.

Não cabe a W. Piso a pecha de supersticioso porque, ao contrario disso, ha em suas obras notas contra as superstições dos indigenas, contra preconceitos das velhas, contra outras affirmativas que nada teem que ver com a sciencia, e sobretudo contra observações superficiaes e enganosas.

Salienta bem o sabio Stokvis, repetindo-lhe as phrases, que o seu grande compatriota, como todos os grandes mestres das sciencias exactas, estava compenetrado dessa verdade: «que a natureza das cousas não se mostra no vestibulo, accessivel a todos e distribuindo seus thesouros a todos os que passam, mas sim se mantem occulta nos vãos mais reconditos e mais difficeis de achar e que se não a pode enfrentar a não ser á força de trabalho assiduo, de amor puro e devotamento sem limites».

Medico erudito, conhecendo a fundo as linguas classicas, assim cómo o francez, o hispanhol e o portuguez, privou elle com todos os letrados hollandezes de seu tempo. E' assim que o maior poeta dos Paizes Baixos, Justo van der Vondel, os outros maiores escriptores neerlandezes do seculo XVII, C. van Hoopt e Constantino Huygens, pae do grande astronomo Christiano Huygens, e Gaspar Barleus que lhe dedicara um poema em latim, e Nicolau Tulp e varios outros, foram de sua privança.

Em mais de uma noticia de sua vida leio que elle ao perder seu protector, o conde Mauricio de Nassau, passara ao serviço do grande Eleitor Frederico Guilherme de Brandeburgo. Não é isto real, e o êrro provém do facto de ter elle dedicado a sua segunda edição ao mesmo grande Eleitor. Mas isto o fez por instigações do então principe João Mauricio de Nassau, que, como se sabe, passara ao serviço da Prussia, tendo succumbido na lendaria cidade de Cleve que elle tanto amara, melhorando-a de varios modos, dotando-a de um palacio cujas decorações lembram a exhuberante natureza do Norte do Brasil. Por tudo isto lá ficou a sua tradição sob o nome de *Mauritz van Nassau, der Brasilianer* (*).

Em Novembro de 1678, um anno antes do principe Mauricio de Nassau, falleceu W. Piso, em Amsterdam sendo sepultado a 28 do mesmo mez na Westerkerk da mesma cidade.

Assim se extinguiu quem tanto alargara os quadros da Pathologia de seu tempo, quem tambem dotara a Therapeutica de medicamentos efficazes, quem de facto fundara a Nosologia brasileira.

* * *

Ao lado de Piso, sinão acima delle, tem o mais illitigavel direito ás mais sinceras homenagens do Brasil o outro sabio, que a clarividencia de João Mauricio de Nassau fez vir a estas plagas. Em muitas encyclopedias, e das mais reputadas, nenhuma linha ha sôbre George Marcgrave. Em outras ha indicações erroneas. Entre nós fez-lhe em Pernambuco uma curta biographia o pranteado historiador Alfredo de Carvalho. Omissa porém como foi, auctoriza-me a dizer-vos hoje aquillo que em minhas diversas passagens por Hollanda consegui apurar sôbre a vida de tão insigne estudioso das cousas de nossa terra. Devo, aliás, aproveitar a opportunidade para declarar com extrema satisfacção que, precisando rever agora no Rio de Janeiro o que na Hollanda havia lido, encontrei em

(*) *Der Grosse Kurfürst und Moritz van Nassau der Brasilianer.* (*Studien zur Brandenburgischer und holländischen Kunst.* Dr. George Galland. 1893.

nossa riquissima Bibliotheca Nacional e na selectissima do Instituto, quasi todos os preciosos e alguns rarissimos livros e monographias de que tive necessidade. Ao meu prezado amigo dr. Constancio Alves, ao dedicado official sr. Carlos Peixoto e demais funccionarios da nossa grande Blibliotheca e ao dr. Soutò Maior e dr. Rodolfo Garcia, da Bibliotheca do Instituto agradeço a paciencia com que me aturaram durante minhas fastidosas pesquisas bibliographicas.

Digno de nota é que ao tempo que andava eu preoccupado em examinar os ineditos de Marcgrave, um naturalista norte-americano o dr. E. W. Gudger publicou-lhe ha tres annos uma biographia, cuja leitura devo á extrema benevolencia de nosso confrade Roquette Pinto e de que R. von Ihering deu um resumo na *Revista do Museu de S. Paulo*.

Enganos tambem escaparam a tão desinteressado biographo, e por isso animei-me a não desprezar meu intento de fazer relembrado do Instituto o nome de tão benemerito pesquizador.

George Marcgrave nasceu a 10 de Septembro de 1610 em Liebstat, cidade da Saxonia.

Provindo de uma familia, da qual havia bons duzentos annos já constava domicilio naquella cidade, teve um pae e um avô materno mui doutos em Theologia, latim e grego.

A aprimorar a intelligencia e a educação do joven Marcgrave dedicaram esses seus dous ascendentes o maior carinho. Assim, aprendeu elle latim e grego, desenvolvendo ao mesmo tempo sua aptidão para a Musica e a Pintura. Como que obedecendo ao preceito de Leonardo da Vinci: *Naturalmente li omini boni desiderano sapere*, aos 17 annos de edade deixou elle a cidade natal, só regressando 11 annos depois. Com o fim de estudar Mathematica, Botanica, Chimica e Medicina, frequentou 10 universidades allemans, procurando sempre os mais insignes mestres do tempo. Em Rostock foi discipulo de Simon Paulli, um dos mais notaveis botanicos do seculo XVI, auctor da primeira *Flora Donica* e creador do célebre grande Hervario de Copenhague, onde foi depois professor.

De Rostock foi elle estudar Astronomia em Stettin, onde então pontificava Lorenz Eichstadt, o mais considerado astronomo daquelle tempo e que tambem era mathematico e medico de fama.

De tanto proveito foi a estadia de Marcgrave em Stettin, que no prefacio de sua obra, publicada em 1634, Eichstadt faz referencia mui lisonjeira ao discipulo amado. Depois de jornadear pelo norte da Allemanha, dirigiu-se Marcgrave a Leyden, na Hollanda, onde com 27 annos de edade, a 11 de Septembro de 1636, se inscrevera como estudante de Medicina e durante dous annos devotou as noites ao estudo de Astro-

nomia com Jacopus Golius no observatorio da Universidade, e os dias a herborizar nos campos ou no célebre jardim da mesma Universidade, onde já então professava o famoso botanico Adolphus Vorstius.

Apezar das muitas viagens que fizera através a Europa, havendo conversado com diversos Hollandezes que regressavam do Brasil, não abandonava jámais a idéa de visitar o Novo Mundo, onde lhe parecia haver uma larga messe de pesquizas originaes a effectuar.

Seu ermão o notavel medico Christian Marcgrave, que no seculo XVII tanto se preoccupara com as applicações da Chimica á Physiologia e á Therapeutica, refere em notas biographicas, que elle movera pedras e buscara toda opportunidade para vir á America (*).

Tendo travado conhecimento com Jean de Laet, prefeito da Companhia das Indias, foi elle contractado para astronomo da expedição de João Mauricio de Nassau, que já havia partido para o Brasil.

Assim aos 28 annos de edade partiu Marcgrave da Hollanda no dia 1 de Janeiro de 1638 rumo da nossa costa septentrional, aportando á bahia de S. Salvador após dous mezes de viagem, segundo refere seu citado ermão: «*Anno ergo 1638 post Christum natum, cum ipsis Calendis Januarii Europa solvit, et duorum mensium spatio, ut ipse ad singulas dies annotavit, in suo itinerario, trajicit ac pervenit in Brasiliam, statimque vix elapso mense, ex quo appulerat, interest, obsidioni ac oppugnationi maximae ibidem Lusitanorum Urbis S. Salvador dictae: ubi mox duobus maximis periculis defunctus est*».

Restabelecido que foi das duas doenças graves que o prostraram logo á chegada, transferiu-se ao Recife, onde começou a prestar serviços ao conde de Nassau. Em Maio, aliás, do mesmo anno de 1638 escrevia elle a este o seguinte em mau portuguez, mas em todo caso já em portuguez: «Sinhor, Aqui tim v. m. alguãs regras trasadas di minha mão as quaes estão para testimunhar nossa arrivada e para fazer sabir que eu estao continuadamente criado de v. m. G. Marcgraf di Liebstad Alemão. Esc. em arryal dianti da villa S. Salvador na Bahia di todos os Santos em Brasil 5, 15 di Mayo MDCXXXIIX».

(*) *Magno flagrabat desiderio contemplandi sidera australia et prae omnibus Mercurium: Sciebat segetem rerum naturalium et inde haud parvae laudis messem, estare in America. Omnem itaque movet lapidem, omnem captat occasionem adeundi Americam.* Christianus Marggravius — *Opera medica.* «Amstelodami, apud Franciscum van der Plaats in-4º 1715 e transcripto em Mangetus. *Bibliotheca scriptorum medicorum* — 1731 — artigo «Marggravius». Vol. II, 2.262.

Esta carta, cujo conhecimento devo ao pranteado professor Stokvis, mostra o interesse com que Marcgrave atravessara o Oceano para estudar as cousas do Brasil.

Ao ermão delle parece inconteste que o conde já o conhecia; mais se lhe afeiçoara, porém, no Brasil por ter logo de inicio verificado que algo elle conhecia de architectura militar e que de seus conselhos se aproveitara para construcção de sua *Mauritia*. O certo é que no anno seguinte, no palacio chamado Vryburg construido em Mauritzstad na Ilha de Antonio Vaz sôbre os planos de Pieter Post, em uma de suas torres visiveis á distancia de seis a septe leguas do mar e que serviam de fanal aos mareantes, já Marcgrave installara o primeiro observatorio erigido não só no hemispherio sul, mas, tambem, no Novo Mundo. Alli foram colhidas as primeiras observações meteorologicas e astronomicas effectuadas em toda a America do Sul e que forneceram os dados do *Tractatus topographicus et meteorologicus Brasiliae cum observatione eclipsis solaris* (o de 1640), publicado na obra de Guilherme Pies: *De Indiae utriusque Re naturali et medica*.

A proposito escreveu Gaspar van Baerle, tambem chamado G. Barleus, em sua obra *Rerum per octenium in Brasiliâ... historia: Longitudines ac latitudines alioque, mira accuratione representantur, autore Georgio Marcgravio, geographo et astrologo eximio, qui idem facturus apud astros factis ibidem concessit*, pág. 330.

Além disto diz-nos Laet no prefacio da primeira edição do livro de Pies e Marcgrave, que este tinha o plano de publicar uma grande obra em tres partes sob o titulo *Progymnastica Mathematica Americana*.

A primeira parte seria sôbre Astronomia, contendo uma revista de todas as estrellas vistas do hemispherio sul entre o tropico de Cancer e o polo antarctico, muitas observações originaes sôbre os planetas e eclipses do Sol e da Lua: novas vistas sôbre Venus e Mercurio baseadas em observações especiaes; uma nova theoria das refracções e parallaxes estabelecendo a maior obliquidade da ecliptica e, finalmente, dados não sómente sôbre as manchas do Sol, mas tambem sôbre outros phenomenos astronomicos.

A segunda secção do livro seria geographica e geodesica, contendo uma theoria sôbre longitudes e maneira de computa-las, procurando demonstrar as verdadeiras dimensões da Terra e desvendando erros de geographos antigos e coevos.

A terceira seria baseada nas duas precedentes e consistiria das tabuas astronomicas por elle denominadas *Tabulae Mauritii astronomicae*.

Estes manuscriptos não foram publicados, na opinião de

De Crane, de Daniel Veegens e Driesen, os melhores biographos do conde João Mauricio de Nassau, porque escriptos em characteres secretos não foram jamais convenientemente decifrados. Inconteste é que elles foram enviados a Golius, o astronomo de Leyden e antigo mestre de Marcgrave, que por certo não os publicou por lhe ter sido impossivel decifra-los.

Entretanto o célebre astronomo francez Lalande diz em sua Bibliographia Astronomica que as observações de Marcgrave de 1638 e 1643 *sont au Depôt* (*de la marine de France*).

Na segunda edição de sua *Astronomia* (1771) o mesmo sabio escreveu:

«*J'ai aussi trouvé dans les manuscripts de M. de l'Isle la notice de beaucoup d'observations de M. de la Hire et de plusieurs autres astronomes, observations qui n'ont point été publiées: telles sont celles que Marcgraff fit en 1639 et 1640 dans l'Isle de Vaaz au Brésil, qui sont au depòt; mais l'original est resté à Cadix, avec les manuscripts de Louville et beaucoup d'autres que M. Godin y avait emportés et que l'on croit être entre les mains de D. Antonio de Ullôa* (II t., pág. 160).

No terceiro tomo de sua obra Lalande, a proposito da obliquidade da ecliptica, refere que Flamsteed — «*le plus célèbre observateur d'Angleterre*», como elle o denomina, o primeiro director do famoso Observatorio de Greenwich, examinou as observações de Marcgrave, confrontando-as com as de Tycho-Brahé, Helvetius e outros e com as proprias (III t., pág. 142).

Evidente, porém, é que dos manuscriptos astronomicos de Marcgrave só escapou, graças a G. Barleus, o *Tractatus topographicus et meteorologicus*, que Piso publicou em sua edição de 1658. No que diz respeito ao eclipse de 12 de Novembro de 1640, sabe-se que o principe ordenara a todos os commandantes de navios hollandezes no Brasil que tomassem notas rigorosas e fizessem desenhos do phenomeno e os enviassem para serem entregues a Marcgrave. As cartas geograpricas do Brasil, que illustram a obra de Barleus, são do punho do sabio saxão. Muito felizmente não sómente astronomo era Marcgrave, e para aproveitar seus vastos conhecimentos de Botanica e Zoologia obteve do principe fosse aprestado um pequeno contingente de tropa, que o accompanhou pelo interior das terras do Norte do Brasil, especialmente Pernambuco, Parahiba e Rio Grande do Norte, com o fim de colher aves, peixes, de toda a especie, etc., para estudos e collecções scientificas.

O coronel Mansfeld, então major, a quem foi confiado o commando desta tropa, foi quem referiu ao ermão do sabio naturalista os resultados colhidos e o prazer com que este e o

principe, que delle se dizia discipulo, se entregaram ao preparo do material colhido.

Affirma Christiano Marcgrave que seu ermão George fizera um diario de suas jornadas pelo interior do paiz, e pelo menos de tres dellas, a de 1638, a de 1639 e a de 1640 teve elle minudente noticia, não sabendo o que occorrera ao diario dos outros tres e meio annos, isto é, de 1641 a 1644.

Foi sobretudo nestas entradas pela floresta que George Marcgrave fez a estupenda colheita de material, de que muito a proposito disse o pranteado Alfredo de Carvalho, de accôrdo com Driesen, Lichtenstein e outros: «Era tão avultada sua cópia que o Gabinete do conde, os Museus de duas Universidades e varias collecções particulares foram com ella enriquecidos e por mais de um seculo a sciencia se nutriu desta provisão».

E' certo tambem que o conde, para attender á solicitações de Marcgrave, fez vir da Africa e do Pacifico material para confrontar ao encontrado no Brasil, por isso que áquelle sabio occorrera fazer uma especie de mappa da distribuição geographica das plantas e dos animaes.

O palacio de Vryburg onde o conde, no dizer de Barleus, *longe a patria transmarina felicitate gaudebat*, era um verdadeiro museu de Historia natural e seus terrenos adjacentes um magnifico jardim zoo-botanico. De modo que ao regressar á Hollanda levou a maior carga de material scientifico, de que ha noticia, transportada em um só navio.

Evidentemente colhendo e estudando esse vasto cabedal, foi que Marcgrave escreveu as notas, que depois de sua morte enviadas a Joan de Laet deram a segunda parte do volume por este publicado sob o titulo *Historia Naturalis Brasiliae* em 1648 e de cuja primeira parte já nos occupamos a proposito de W. Pies.

A quota de Marcgrave em tal volume intitula-se: *Historiae Rerum Naturalium Brasiliae*, que elle pretendia dedicar ao conde quando de volta a Europa a publicasse. E' do teôr seguinte a súa dedicatoria:

«Joanni Mauritio, Nassaviae Comiti, terras et Oceani Brasiliensis Praefecto, Quae suis per Brasiliam perigrinationibus indefesso studio inquisivit, accurate descripsit et quorum icones ad vivum ipse fecit, nomina apud incolas investigavit, et quaedam convenientiam imposuit, facultates, quantum fieri potuit, indagavit et in hanc historiam, in omnium naturalis scientiae studiosorum et admiratorum usum digessit, in debitam beneficiorum maximorum ab ipso acceptarum agnitionem et gratiarum actionem devote offert et dedicat Georgius Marcgravius, de Liebstad, Misnicus Germanus.»

Dos termos em que escrevera esta dedicatoria antes de partir para Angola evidencia-se a gratidão, que Macgrave votava ao magnanimo conde.

A obra em questão occupava 303 paginas de grande infolio e constava de oito livros e um appendice. No primeiro livro são descriptas 146 hervas com 86 figuras; o segundo descreve 48 arbustos e plantas fructiferas com 39 gravuras; o terceiro contém a descripção de 104 arvores das quaes 75 lá são gravadas; o quarto é dedicado aos peixes e aos crustaceos, quer do mar quer dos rios, sendo 105 peixes e 26 dos segundos. O quinto livro é especial ás aves em numero de 115, das quaes 54 representadas em gravuras. O sexto é o dos quadrupedes e dos repteis, sendo 46 dos primeiros com 26 gravuras e 19 dos segundos com 7 figuras. O livro septimo é especial aos insectos, que lá estão em numero de 55, dos quaes 29 illustrados. O oitavo e ultimo é dedicado ao paiz, seus aborigenes e actuaes habitantes e contém 5 illustrações. No appendice tracta-se dos aborigenes do Chile e contém duas figuras, sendo uma dellas a representação graphica mais antiga da lhama.

Ha, pois, 429 figuras na obra, das quaes a mór parte accuradamente desenhadas pelo proprio auctor, como declara Jan de Laet. Dos vegetaes descriptos, 200 são accompanhados de figuras. Dos 367 animaes descriptos, 200 foram gravados.

Estas 668 especies ou variedades eram completamente novas em sciencia e das 422 representadas, opinam naturalistas de merito que foram pela primeira vez desenhadas.

Ao tempo em que viveu G. Marcgrave, Conrad von Gesner, cognominado o Plinio Germanico, já havia feito como diz Mirbel: «a mais memoravel e util revolução na Botanica» substituindo ao agrupamento alphabetico até então usado, a primeira classificação methodica baseada sôbre a estructura da flor e do fructo, e lançando a noção de genero como uma reunião de especies; já Cesalpino havia lançado sua classificação dos vegetaes, mas nem Linneu nem Jussieu haviam ainda surgido. Apezar disto disse muito bem um naturalista de merito: «*his work in Brasil was an epoch-macking one. In bringing to the notice of the scientists of Europe the wonders of Brasil, M. was the worthy predecessor of the Prince of Neuwied and of Spix and Martius. His history of the natural things of Brasil is probably the most important work on natural history after the revival of learning and until the explorations of the Prince of Neuwied were made known, certainly the most important work on Brasil*».

O notavel zoologo Martin Lichtenstein, professor e director do Museu Zoologico de Berlim, em uma serie de communicações á Real Academia de Sciencias naquella Capital

de 1814 a 1826, procurou salientar o alto valor da obra de Marcgrave, sôbre tudo nos dominios da Zoologia.

Em 1828 Cuvier em sua grande obra em collaboração com Valenciennes sôbre a *Histoire Naturelle des poissons* escreveu: «*George Marcgrave, certainement de tous ceux qui ont décrit l'histoire naturelle des pays lointains dans le XVI et le XVII siècles, le plus habile, le plus exact et surtout celui qui a le plus enrichi l'histoire des poissons. Il en fait connaitre 100* (105 emenda Gudger) *tous nouveaux à cette époque pour la science et en donne des descriptions bien supérieures à celles de tous les auteurs qui l'avaient precedé*» vol. I, pág. 60.

Em 1853-55 von Martius, na Real Academia das Sciencias de Munich, mostrou a importancia da obra de tão laborioso pesquizador no que diz respeito ás plantas brasileiras.

Ainda em homenagem a George Marcgrave foi creada em Botanica, por Linneu, a familia das Marcgraviaceas, cujo curiosissimo genero das Marcgravias é muito disseminado no Brasil.

Não é justo que eu prosiga sem fallar de uma grande collecção de desenhos de animaes do Brasil, cujo paradeiro muitos annos esteve ignorado. Referiu-se Christian Marcgrave a um trabalho de seu ermão George, em que figuravam em desenhos coloridos os animaes ainda não descriptos e por elle vistos no Brasil.

Em 1786 o insigne naturalista e philologo Johann Gottlob Schneider revelou ao mundo sabio nas páginas do *Leipziger Magasin zu Naturkunde* o logar em que se achavam os preciosos desenhos do sabio saxão. Disse elle: «Achei esta collecção na Real Bibliotheca de Berlim em dous volumes in-folio, de tamanho diverso sob o titulo: *Icones Rerum Brasiliensium.*» Manifésta em seguida uma convicção de que são de Marcgrave os mesmos desenhos, refere-se ás annotações postas em alguns delles em calligraphia do proprio conde Mauricio de Nassau.

Dous annos depois Marc Elieser Bloch em sua *Ausländische Fische* e na sua *Ichthyologia* transcreveu muitos dos desenhos coloridos dos livros em questão.

Em uma de minhas estadias em Berlim fui ver a referida collecção na Königliche Bibliothek de Berlim, onde figura sob o titulo *Brasilianische Naturgegenstände* (*Collectio rerum naturalium Brasiliae*) in zwei Bänden, *Libri picturati. A. 36-37.*

Ao lado desta ha uma outra sob o titulo *Theatrum rerum naturalium Brasiliae* (Icones) in-4° Bänden, *Libri picturati. A. 32, 33, 34 e 35.*

Ha nellas 1.460 figuras, sendo 357 peixes, 303 aves, 245 outros animaes, do homem aos insectos, e 555 plantas.

Na segunda decade do seculo passado o professor Lichtenstein, notavel director do Museu Zoologico de Berlim, começou em uma série de communicações á Academia Real das Sciencias da mesma cidade a demonstrar a toda evidencia que eram de Marcgrave os desenhos acima referidos, tornando-os de tal modo conhecidos do mundo sabio, que o grande Cuvier, tendo de escrever seu magnifico tractado sôbre os peixes, enviou seu collaborador Valenciennes a Berlim com o fim exclusivo de examinar por meudo a formosa iconographia.

Não ha hoje, pois, nenhuma dúvida que foi ella feita no Brasil e que o conde Nassau a levou consigo para a Europa em 1644. Em 1652 entrou elle ao serviço do grande Eleitor de Brandeburgo, Frederico Guilherme. Por esta occasião cedeu a este ultimo uma grande collecção de curiosidades do Brasil pela somma de 50.000 thalers, recebidos ao que parece, não em dinheiro mas em terras na cidade de Cleve.

Na lista dos objectos vendidos (datáda de 18 de Fevereiro de 1652) figura sob o n. 14: «Um grande livro em folio real e outro um pouco menor contendo figuras de homens, quadrupedes, passaros, repteis, peixes, arvores, arbustos e flores, nas quaes tudo que foi visto e achado no Brasil está figurado em miniatura, habilmente, segundo o natural, com os nomes, qualidades e peculiaridades annexadas.» O número 15 contém mais de 100 indios pintados a oleo sôbre papel.

Não parece que todas as figuras tivessem sido compradas em 1652, porque lá existem hoje 1.460 em vez das poucas centenas referidas no catalogo de venda. Por isso pensa bem Driesen, que a maior parte foi ter ás mãos do grande Eleitor por doação posterior de Nassau.

O grande Eleitor confiou toda a iconographia ao dr. Christus Mentzel, medico da Corte, que os poz em ordem por volumes, annotando-lhes os nomes indigenas e com referencias á obra de Marcgrave e Piso, e pondo-as a bom recato na grande Bibliotheca de Berlim. Em ordena-las gastou, ao que parece, Menzel, cêrca de quatro annos, porque os bellos frontespicios por elle aquarellados são datados de 1660 e o prefacio é de 1664.

Parece evidente que a mór parte da iconographia é obra de Marcgrave, porque em uma carta por elle escripta em portuguez a Laet em 1640, achada no Museu communal de Leyde, dizia elle entre outras cousas: Pelo presente temos 300 mais 50 e pouco mais plantas com as listras e o pincil diligentemente debuxados, etc. Depois na dedicatoria a Nassau declara ter pintado, elle mesmo, suas figuras (*quorum icones ad vivum ipse fecit*).

Além disto Laet no seu prefacio ao livro de Marcgrave affirma haver elle desenhado as figuras, que illustram a obra.

O facto de haver á margem das aquarellas existentes na Bibliotheca Real de Berlim notas evidentemente escriptas pela mão do principe, induziu alguns auctores a acreditar que este fizera, elle proprio, alguns desenhos.

Não é isso impossivel, porquanto no dizer dos contemporaneos muito se aprazia o conde em trabalhar com Marcgrave e até confessar-se seu discipulo em sciencia, como já o disse ha pouco. A maioria, porém, das aquarellas são da auctoria do sabio saxão.

Quanto ás outras pinturas a oleo, a que me referi ha poucos minutos, suppõem alguns terem sido ellas feitas pelo pintor Franz Post, ermão do architecto Peter Post, que tambem accompanhara a expedição de Nassau. Possivel é que assim fosse em parte.

Dado, porém, o tempo que teria sido preciso para a grande somma de outros trabalhos deixados por aquelle pintor como seja a collecção que o nosso laborioso consocio e bibliothecario deste Instituto, dr. Souto Maior, descobriu no Louvre, — e tendo em vista que Marcgrave, na affirmativa de seu ermão, tambem era pintor, inclino-me a crer que a mór parte dessas pinturas devemos ao pincel delle proprio.

Infelizmente para a sciencia esse trabalhador perspicaz e infatigavel não pôde realizar todo o plano de uma obra monumental, que por tantos annos acariciara e por vezes annunciara a seu antigo condiscipulo Samuel Kechelius, insigne astronomo em Leyden.

Certo de que a permanencia no Brasil de Mauricio de Nassau não se prolongaria por muito tempo, tenaz em seu empenho de achar cousas novas, resolveu ir á Africa completar uns estudos que lhe haviam de ser uteis no regresso á Hollanda. Chegando, porém, a Loanda foi logo attingido de febre, lá morrendo em meiados de 1644, na edade de 34 annos.

«Quanto êrro, quanta dúvida, quanta querella van seria poupada, si Marcgrave em pessoa tivesse posto em ordem e publicado suas observações?» dizia-o muito bem o professor Lichtenstein ha mais de 100 annos na Academia Real das Sciencias de Berlim. E accrescentava: «Não ha nenhuma dúvida de que o seu nome deverá ser citado entre os primeiros heróes da sciencia!»

Heróe e martyr, devemos dizer, porque das endemias reinantes nas terras que tentara estudar, veio a succumbir aquelle grande escrutador da nossa opulenta natureza, á trama de cuja historia vinculou elle seu nome benemerito.

Muito justo, bem o vedes, respeitabilissimos senhores membros do Instituto, é que eu vos peça sejam archivadas nas páginas da vossa magnifica *Revista* estas minhas palavras da mais alta admiração, pelos dous iniciadores da litteratura sci-

entifica da nossa patria, os fundadores da Nosologia e da Historia Natural brasileiras!

(*Calorosos applausos.*)

Tem depois a palavra o Sr. Dr. Ramiz Galvão (orador perpetuo) que diz o seguinte:

— «Exmo. sr. presidente e illustres consocios. Dignissimo sr. dr. Juliano Moreira.

«Aturdido pela escolha», acabais de dizer. Porque? Pois é de extranhar-se porventura que houvessemos procurado honrar o nosso gremio com a acquisição de um laborioso e illustre scientista da vossa tempera? Quando tendes honrado o nome brasileiro em congressos internacionaes e no seio de sabias corporações extrangeiras; com uma copiosa messe de publicações e notas scientificas a attestarem o vosso merito e o vosso amor ao trabalho, era de justiça, prezado collega, que fossemos buscar a vossa collaboração preciosa. O campo dos nossos estudos é bastante vasto para as locubrações do vosso espirito superior, ainda que não queiraes apartar-vos muito dos dominios da sciencia, em que haveis conquistado renome. *Der hervorragende Psychiater*, como já com justiça vos chamaram, aqui está egualmente bem collocado, porque acima de tudo, Brasileiro enthusiasta e excellente servidor da Patria, sabereis com certeza honra-la com trabalhos que aproveitem á sua Historia.

Si outra prova não tivessemos para assegura-lo bastaria o que acabamos de ouvir: este bello e interessantissimo discurso sôbre os dous illustres homens de sciencia que accompanharam o conde Mauricio de Nassau ao Brasil em meados do seculo XVII e que mereceram louvores de sabios naturalistas da ordem de Cuvier e Martius.

Viviam meio apagados os nomes de Guilherme Pies e Jorge Marcgrave, a quem aliás deve a sciencia as primeiras contribuições valiosas sôbre as endemias brasileiras e ácerca de productos da nossa exuberante Natureza. Tivestes a benemerencia de investigar quanto lhes dizia respeito, realizando um acto de justiça historica, que assenta maravilhosamente nos nossos moldes e nas nossas tradições.

Já aqui tivemos o prazer de ouvir e está ornando as páginas da nossa *Revista* a contribuição de distincto collega sôbre os artistas, que o govêrno de Nassau chamou egualmente ao Brasil. As vossas excellentes notas completam agora esse tributo pago pelo Instituto á memoria daquelle criterioso e habil administrador, que deixou de si brilhante memoria nos nossos fastos coloniaes. Ellas vão ficar pois archivadas, as vossas «palavras de alta admiração pelos dous iniciadores da litteratura scientifica da nossa Patria, os fundadores da Nosologia

e da Historia Natural brasileiras». Essas doutas palavras, eminente cultor da sciencia, fazemos nossas com real desvanecimento, porque a missão do Instituto Historico é fazer justiça ao passado. O dominio hollandez daquelles 24 annos, que deram assumpto a um precioso livro do nosso benemerito Varnhagen, foi um dominio de invasores, a que a bravura dos nossos heroes deu combate e poz termo; mas desse caliginoso periodo se destaca o septennio de 1637 a 1644, em que Nassau accendeu um clarão de luz. O dever da Historia é fazer-lhe justiça, porque esta nem aos adversarios é licito recusar. Vós a fizestes, salientando o valor excepcional de Pies e Marcgrave, que tambem illuminaram aquelle septennio memoravel. Assim procedereis sempre, estamos certos, em todos os trabalhos com que honrardes a nossa Companhia, que exulta ao receber-vos, que vos abraça jubilosa. Benvindo o preclaro patricio!»

(*Muitos applausos*).

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente*) dá depois a palavra ao sr. professor Basilio de Magalhães, que lê o seguinte parecer:

— «A VERDADEIRA DATA DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Confiando demasiado em documentos precarios, entendeu o Govêrno pernambucano de commemorar a Confederação do Equador a 24 de Julho, inscrevendo esse dia entre os feriados do seu calendario civico, por decretos de 22 de Outubro de 1901 e 26 de Janeiro de 1902.

Graças, porém, á prestigiosa intervenção do Instituto Archeologico e Geographico — que é uma das mais brilhantes, conspicuas e infatigaveis atalaias das tradições nacionaes —, a administração suprema do Estado, opportunamente esclarecida, deliberou rectificar o engano que vinha commettendo, e já este anno a revolução de 1824 foi commemorada officialmente a 2 de Julho.

Insurgiu-se contra similhante resolução o sr. deputado Gonçalves Maia, que, em favor daquella primeira data, deu á estampa, no jornal recifense *A Provincia*, de 2 a 15 de Julho do corrente anno, oito artigos, com as epigraphes «O erro do Instituto Archeologico» e «Uma data embrulhada». Contradictando-o, ou, melhor, defendendo ao mesmo tempo o Instituto Archeologico e o acto do Govêrno, inseriu o nosso eminente consocio, o sr. Oliveira Lima, no *Diario de Pernambuco*, de 9 a 17 do mesmo mez acima referido, nove editoriaes, com o titulo «Historia e Historias».

Para dirimir a questão, o preclaro escriptor, que tanto dignifica as lettras nacionaes, particularmente as historicas, de que é um dos mais consagrados expoentes, appellou para o alto

juizo deste Instituto, — diminuindo, entretanto, a felicidade do gesto com a indigitação, para relator do respectivo parecer, do nome que em 1896 firmou a obscura monographia «O supplicio de Caneca ou a revolução de 1824 em Pernambuco».

Não podendo eximir-me á dupla delegação, tão desvanecedora, com que assim fui distinguido, — tenho a honra de submetter á decisão deste benemerito e excelso gremio o resultado a que cheguei, depois de lêr, com a devida attenção e plena serenidade de animo, as allegações dos srs. Oliveira Lima e Gonçalves Maia, e após o mais paciente e acurado exame de todos os elementos probantes, até agora conhecidos, com referencia ao assumpto em litigio.

Antes de mais nada, devo assignalar que é muito fragil a base essencial, em que se funda o arrazoado do sr. Gonçalves Maia, isto é, a auctoridade do general J. I. de Abreu e Lima, imponderadamente acceita, bem que em termos muito imprecisos, por Antonio Joaquim de Mello. Com effeito, aquelle tratadista, logo que deu a lume, em 1843, o seu *Compendio da Historia do Brasil*, foi impiedosamente zurzido por Varnhagen («vide» *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, VI, 60-83, e XIII, 396-401), que poz em fóco um sem numero de erros palmares da citada obra, em sua maior parte constituida de retalhos traduzidos da *Histoire du Brésil depuis sa découverte en 1500 jusqu'en 1810* por Alphonse de Beauchamp (Paris, 1815, 3 vols.), a seu turno um deslavado plagiario de Southey. Não obstante o revide de Abreu e Lima, deu razão este Instituto ao depois visconde de Porto-Seguro, rendendo-lhe nisso um preito da mais elementar e comezinha justiça. Mais tarde, o barão do Rio Branco, infatigavel e consciencioso cavouqueiro de nossa Historia, apontou novos e não menos graves enganos na parte do trabalho de Abreu e Lima não decalcada em Beauchamp.

Em taes condições, não admira que o auctor do *Compendio da Historia do Brasil*, a págs. 124-126 do tomo II, haja inventado titulo e data para o manifesto de Manuel de Carvalho Paes de Andrade a respeito da Confederação do Equador, documento que não traz titulo nem data no impresso, em que appareceu avulsamente e do qual restam ainda alguns raros exemplares. E' este o fulcro de todo o pleito, que nasceu, portanto, de uma deploravel leviandade intellectual. Cumpre notar, contudo, que o commendador A. J. de Mello, que teve em mãos o dicto manifesto (para o qual perfilhou aereamente a impostura de Abreu e Lima), o inseriu honestamente sem data, e apenas sob a invocação inicial «Aos Brasileiros», a págs. 276-278 do tomo I de suas *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco* (Recife, 1856).

Mas, — o que evidencia irretorquivelmente a insegurança com que áquelle respeito procedera Abreu e Lima, — este, tanto

á págs. 39 do *Compendio da Historia do Brasil* (tomo II), como a págs. 336-337 da sua *Synopsis ou Deducção chronologica dos factos mais notaveis da Historia do Brasil* (Pernambuco, 1845), servindo-se das mesmas expressões, ou por pobreza de vocabulario ou pela mania de repetir-se, attribue tambem a *2 de Julho* o convite de Manuel de Carvalho Paes de Andrade ás provincias do Norte para negarem obediencia ao governo imperial e «a ligarem-se por um pacto, que se chamaria Confederação do Equador, expressão que só apparece no manifesto datado por aquelle historiographo como de 24 de Julho.

Em suas preciosas annotações á *Historia da Independencia* do visconde de Porto-Seguro, com a qual o nosso benemerito Instituto opulentou este anno as letras patrias, declarou o barão do Rio-Branco (a págs. 423-424) conhecer apenas tres proclamações de Paes de Andrade: I) a de 1° de Julho, dirigida aos Pernambucanos e que foi tambem publicada na *Gazeta de Lisboa*, n. 215, de 11 de Septembro de 1824; II) a de 2 de Julho, endereçada aos habitantes das provincias do Norte e que foi egualmente reproduzida na *Gazeta de Lisboa*, de 4 de Outubro do mesmo anno; e III) sem data, aos Brasileiros. Esta ultima é a conhecida pelo appellativo de «manifesto» e o cuidadoso Rio-Branco, ao arrola-la entre as demais, cita-lhe como fonte as *Biographias* de A. J. de Mello e não o *Compendio* de Abreu e Lima, que não merecia a confiança do grande integrador das fronteiras do Brasil. E' bem de ver que o eximio annotador de Varnhagen, ao organizar a sobredicta relação, só tinha em mira os escriptos que serviram á solenne instauração da Confederação do Equador, porque não podia elle ignorar que Paes de Andrade tambem lançara aos habitantes da Bahia e aos «Alagoenses» (*sic*) proclamações especiaes, que vêm transcriptas na *Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pern.*, tomo XIII, a págs. 329-331 e 338-339.

No processo de frei Caneca foram insertas, sem declaração alguma, e até sem o necessario termo de junctada, tres proclamações, de nenhuma das quaes, entretanto, era auctor aquelle egregio e intrepido patriota, como em seu trabalho *Obras politicas e litterarias de frei Joaquim do Amor Divino Caneca* (Recife, 1875, 1ª ed.) assegura o commendador A. J. de Mello. Este, em nota a págs. 85 da citada collectanea, revela que o padre Venancio Henriques (Henrique escreve elle, erradamente) de Resende lhe confessara haver espontaneamente redigido e offerecido a Paes de Andrade, que a assignou, a que começa «Pernambucanos, amigos e patricios!» e acaba «Viva a Confederação do Equador! Viva o valente povo pernambucano!» E' bem provavel que a frei Caneca (este e José da Natividade Saldanha é que eram os secretarios de Paes de An-

drade) se tenha querido attribuir tambem a auctoria da proclamação aos «Brasileiros do norte», terminada por um «Viva o govêrno supremo, que ha de nascer de nós mesmos!», impressa na Typographia Nacional do Maranhão e reimpressa na Typographia Nacional do Ceará, inclusa egualmente no processo do heroico frade carmelita.

O que é liquido e certo, o que não póde soffrer a menor contestação, é que a proclamação de Paes de Andrade aos «Habitantes das provincias do Norte do Brasil» — com a qual, no suggestivo dizer de todos os nossos melhores tractadistas, tirou elle a mascara e perpetuou a tentativa de uma colligação das circunscripções politicas septentrionaes para a independencia sob a fórma republicana —, traz a data de 2 de Julho, com ella foi registada a fls. 162 v., do «Livro das portarias do anno de 1824», existente na Secretaria do govêrno de Pernambuco, e foi impressa em avulso na Typographia Nacional do Recife, tendo tido larga divulgação, quer alli, quer em outros pontos do Brasil, qual se vê da magistral e exhaustiva monographia que F. A. Pereira da Costa deu á estampa, com o titulo «Confederação do Equador», no vol. XIII da *Rev. do Inst. Arch. e Geogr. Pern.*, a págs. 272-342.

Independentemente de mais nada, isto bastava a authenticar a consagração do dia 2 de Julho como a data verdadeira da Confederação do Equador, pois o manifesto que Abreu e Lima attribue a 24 do referido mez não passa de um appêllo ao resto do paiz para seguir «o exemplo dos bravos habitantes da zona torrida», das «seis provincias do Norte». Ora, posto que tenha tido duração ephemera, a Confederação do Equador, proclamada solennemente a 2 de Julho, chegou a ser uma realidade. Não assim a tentativa para obter a adhesão das outras unidades politicas do Sul do Imperio.

A este aspecto, o documento arbitrariamente datado por Abreu e Lima carece de valor fundamental. E, uma vez posta bem nitidamente em relêvo a impossibilidade da data inventada pelo auctor do *Compendio da Historia do Brasil*, fica inteiramente solvido o problema, porque, *sublata causa, tollitur effectus.*

E' sobremaneira difficil provar não só que o célebre manifesto tenha sido firmado por Paes de Andrade a 24 de Julho, como tambem que haja elle provocado, a partir dessa data, as medidas de reacção do Governo imperial ou outros actos delle decorrentes.

Um dos que mais profundamente estudaram a mallograda e sangrenta rebellião de Pernambuco em 1824, A. Pereira Pinto, socio effectivo deste Instituto, na extensa noticia historica, que, com o titulo *A Confederação do Equador*, foi dada a lume de págs. 36 a 200 de nossa *Revista* de 1866 (tomo

XXXIX, p. 2ª), affirma o seguinte: — «... Manuel de Carvalho... não hesitou mais em alçar o pendão da demagogia, *publicando a 2 de Julho o manifesto e proclamações*, em que articulava os motivos que o tinham lançado ao campo da revolta, e convidando os povos das provincias do Norte a accompanha-lo em vereda tão escabrosa...». E o manifesto, a que se reporta, adeante inserto a págs. 172-175, é o que Abreu e Lima dá como datado de 24 de Julho.

Além desse fidedigno testimunho, ha ainda o de Pereira da Costa (*op. cit.*), que assegura terem sido impressos na Typographia Nacional de Recife o manifesto de Paes de Andrade, a proclamação de 2 de Julho e duas outras dirigidas aos Bahianos e Alagoenses, demonstrando que o mencionado manifesto não podia deixar de ter sido impresso ao mesmo tempo que a proclamação de 2 de Julho, como «peça complementar» desta, argumento sôbre modo curial e que explica a inexistencia da data, a exemplo de tantos documentos de natureza analoga, que muitas vezes se me depararam em taes condições nos archivos nacionaes.

Mas, além de sustentaculos puramente racionaes, ha elementos probantes de fôrça irrefragavel a favor dessa versão, que, por conseguinte, acceito sem hesitar, tanto mais que á sua palpavel verosimilhança accede o amparo que lhe dão alguns dos mais abalisados e probos pesquisadores dos nossos fastos.

Assim, as providencias do Governo imperial, promptamente tomadas, para que fosse atalhado sem tardança o movimento separatista do Norte do paiz, trazem as datas seguintes: *26 de Julho de 1824*, os decretos mandando «suspender provisoriamente, para a provincia de Pernambuco, as disposições do § 8º do art. 179 da Constituição Politica do Imperio» e «processar summariamente, em commissão militar, os chefes e cabeças (*sic*) da facção de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, na provincia de Pernambuco»; *27 de Julho de 1824*, a carta imperial encarregando ao coronel Francisco de Lima e Silva a presidencia da commissão militar instituida no decreto da vespera, e uma proclamação ás tropas «sôbre o manifesto de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, de Pernambuco».

As expressões contidas nesses actos imperiaes deixam fóra de toda e qualquer dúvida o conhecimento do manifesto attribuido por Abreu e Lima a 24 de Julho.

Ora, si ainda hoje, que dispomos de velozes transatlanticos, movidos a vapor e dotados de machinas poderosas de propulsão, e contamos até com aeronaves que cortam audaciosamente o espaço, não é facil vencer em tres dias a distancia que separa a capital pernambucana, a linda Veneza brasileira, da encantadora Guanabara, — como é que haveriam de vence-la em 1824 os vagarosos barcos sujeitos fortuitamente ás velas e aos ventos

e que, por via de regra, gastavam duas semanas em tal percurso? Por outro lado, naquella épocha, ainda não havia communicações telegraphicas, com ou sem fio, entre o Rio de Janeiro e o Recife...

Impõe-se, portanto, á insophismavel illação de que o manifesto, referido pelos actos do Governo imperial á 26 e 27 de Julho de 1824, não podia por fórma alguma ser datado de 24 desse mez e anno, ruindo assim por terra todo o engrimanço architectado por Abreu e Lima e commungado pelos que o seguiram.

Na manhã de 26 de Julho, tambem a proclamação e o manifesto de Manuel de Carvalho Paes de Andrade já haviam chegado ao sertão da Parahiba, ao acampamento da Feira-Velha, onde se reuniu a sessão, cuja acta (não *inédita*, como pensa Pereira da Costa, a págs. 299 da citada monographia) vem a págs. 92-94 dos *Documentos para servirem á historia da Revolução de 1824 em Pernambuco e outras provincias do Norte* « in » *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, t. XXXVII, p. 1ª) e a págs. 79-80 do vol. II do utilissimo trabalho de Irineu Ferreira Pinto, *Datas e notas para a historia da Parahiba*.

Entre os poucos manuscriptos ineditos, relativos á revolução pernambucana de 1824 e existentes na Bibliotheca Nacional, são interessantes os catalogados sob ns. I, 31, 22, 1. Lendo-os com a devida attenção, pude averiguar que a 8 de Julho (doc. 86), escrevia Manuel de Carvalho Paes de Andrade ao dr. Francisco Vicente Vianna, presidente da provincia da Bahia, dizendo o seguinte, ao encerrar o officio: — « Aproveito esta occasião para levar ao conhecimento de V. Ex. as proclamações inclusas ». E o referido dr. Vianna só a 7 de Agosto deu parte disso ao Govêrno imperial, mencionando « duas proclamações com principios desorganizadores », mas sem remetter-lhe cópias. A 19 de Agosto de 1824, tambem José Carlos Mairinck da Silva Ferrão, escrevendo a João Severiano Maciel da Costa sôbre os acontecimentos de Pernambuco (doc. 92), assim se expressava: — « A inesperada retirada do bloqueio deu muito animo aos Carvalhistas: foi então que appareceram os mais atrevidos papeis incendiarios, que se proclamou a célebre Confederação do Equador, que se fallou na installação de um govêrno supremo, que se mandaram novos emissarios para as provincias do Norte e que enfim se tomaram as mais aterradoras medidas.» Ora, sabendo-se que o bloqueio de Pernambuco, em consequencia da ordem de 11 de Julho de 1824, fôra levantado a 28 desse mez, retirando-se a 1º de Julho a esquadra commandada por Taylor, — as palavras de Silva Ferrão tornam-se claras e favorecem a versão da data de 2 de Julho e não a data de 24 de Julho.

Desde que o decreto de 26 de Julho de 1824, referendado por Clemente Ferreira França, diz que Manuel de Carvalho Paes de Andrade, em Pernambuco, «ousou proclamar a desmembração daquella provincia do Imperio, e outras do Norte, a titulo de Confederação do Equador, como se manifesta das suas perfidas, incendiarias e malvadas proclamações», — este plural e aquella expressão «Confederação do Equador» excluem toda e qualquer dúvida de que o acto do Governo imperial se refere tambem ao manifesto, que só a Abreu e Lima aprouve datar como de 24 de Julho.

No primeiro quartel do seculo XIX, tão impossivel era vir alguem do Recife ao Rio de Janeiro em tres dias como em seis dias, porquanto a viagem maritima ordinariamente gastava mais de dez dias. Pois bem: — si o manifesto fosse firmado no dia 24 de julho e immediatamente posto a bordo de algum barco, seria preciso que este entrasse a barra da bahia de Guanabara a 29, para que aquelle documento pudesse ser editado, como foi, no *Diario Fluminense* de 30.

Assim, pois, além dos argumentos acima expendidos, temos tambem o da publicação do manifesto no citado orgam da Imprensa carioca.

Naturalmente, só depois de expedidas e entregues ao conhecimento público as providencias reclamadas pela sublevação pernambucana, foi que o Governo auctorizou, nas columnas de seu jornal, a inserção das peças basicas do levante: — dahi o saïrem estas, tres dias depois das medidas do poder central, no *Diario Fluminense* de Sexta-feira, 30 de Julho de 1824 (vol. IV). E' interessantissimo esse número do *Diario Fluminense* (não *Diario do Governo*, como tem sido chrismado a proposito desta questão), pois enfeixa cinco escriptos curiosos: — I) Com o titulo «Pernambuco» e o subtitulo «Manifesto», o célebre documento, assignado por Manuel de Carvalho Paes de Andrade, porém sem data; II) a portaria de 11 de Junho de 1824, referendada por João Severiano Maciel da Costa; III) a proclamação aos — Habitantes das provincias do Norte do Brasil —, datada de 2 de Julho de 1824 e com a assignatura de Manuel de Carvalho Paes de Andrade; IV) a proclamação aos — Habitantes da Bahia —, assignada por Manuel de Carvalho Paes de Andrade, mas sem data; e V) uma proclamação aos — Illustres bahianos e mais compatriotas do Sul —, assignada «Os povos das provincias do Norte do Brasil», tambem sem data.

Vê-se que o *Diario Fluminense*, felizmente, não phantasiou datas onde não as havia, e comprova-se o asserto de Pereira da Costa, de que o manifesto não passava de uma «peça complementar» da proclamação de 2 de Julho, pelo proprio systema de publicidade que lhe deu a folha governamental. A

portaria de 11 de Junho de 1824 figurava em appenso ao manifesto, porque nella é que se escudava Paes de Andrade para clamar que Pedro I intentava abandonar o Brasil aos Portuguezes.

Para o dia seguinte, 31 de Julho, estava annunciada uma critica minudenciosa daquelle acto de Paes de Andrade; mas o auctor da mesma só a poude estampar a 3 de Agosto, anonymamente, na sobredicta gazeta, fazendo-se a *separata* que correu com o titulo *Analyse do manifesto publicado no «Diario» de 30 de Julho* (*in-fol.* de 7 pags., Rio de Janeiro, Typographia Nacional). E', talvez, de José da Silva Lisbôa, que, tambem anonymamente, deu a lume, a 3, 6 e 12 de Agosto, os folhetos *Appello á honra brasileira contra os federalistas de Pernambuco* e *Historia curiosa do mau fim de Carvalho e Companhia a bordoada de pau-brasil*, além do intitulado *Pesca de tubarões do Recife em tres revoluções dos anarchistas de Pernambuco.* Como corollario logico do que acabo de expôr, fica inilludivelmente demonstrado que a data de 24 de Julho, apposta ao manifesto de Paes de Andrade por Abreu e Lima, é pura invencionice deste historiographo, cujas ideações de tal natureza além de evidenciadas por Varnhagen e Rio Branco, qual já dissemos, tambem o foram mais tarde por Salvador de Albuquerque e Pereira da Costa.

Accompanharam-n-o, ao que pudemos averiguar, apenas cinco escriptores dos quaes só dous de certo pêso pela valia e seriedade de suas producções. Fallo, quanto a estes, de Antonio Joaquim de Mello, que, por lamentavel obnubilação, adoptou uma unica vez, bem que em termos vagos, a fallacia de Abreu e Lima, não repetindo, porém, tal erronia, nem em qualquer outro passo do seu trabalho de 1856, nem na collectanea das *Obras politicas e litterarias de frei Joaquim do Amor Divino Caneca*; e de João Ribeiro, que acceitou recentemente a data de 24 de Julho em sua *Historia do Brasil* (Rio de Janeiro, 1914, 5ª ed.). Os outros que, além de Mello e Ribeiro, perfilharam o «ente de razão» de Abreu e Lima, foram: — 1) o padre Lino do Monte Carmello Luna, a págs. 21 da *Biographia do exmo. marquez de Recife.* (Pernambuco 1865); 2) d. Herculana Firmina Vieira de Souza, a págs. 124 do seu *Resumo da Historia do Brasil* (S. Luiz do Maranhão, 1868); e 3) o major José Domingues Codeceira, a págs. 95 do folheto *A idéa republicana no Brasil.* (Pernambuco, 1894) e a páginas 71-72 do opusculo *Os precursores da republica no Brasil* (Pernambuco, 1899). Este ultimo, entanto, gosava, em Pernambuco, de grande e merecida reputação.

Note-se que nenhum desses trabalhos historicos, aliás de insignificante prestigio na opinião nacional, juntou siquer, como os dous acima citados, um vislumbre de prova á mal-

sinada superfetação devida a Abreu e Lima, que todos elles se limitaram a repetir.

Eis agora, em recenseio muito summario, as auctoridades cujo voto é a prol da data de 2 de Julho como a do rompimento da Confederação do Equador:

1) Armitage, a págs. 115 da *Historia do Brasil desde a chegada da real familia de Bragança até á abdicação do imperador d. Pedro I em 1831* (traduzida do inglez por um brasileiro, Rio de Janeiro, 1837), assim affirma: — «...o presidente proclamou em 2 de Julho, denunciando d. Pedro como traidor e dizendo que as suas intenções eram abandonar o Brasil aos Portuguezes. Convidou-se egualmente as provincias do Norte a recusarem obediencia ao Governo imperial e a ligarem-se em uma alliança que se denominaria — Confederação do Equador — »;

2) Abreu e Lima (*mirabile dictu!*), como já vimos por linhas atrás, em parte se penitenciou do seu gravissimo peccado, reconhecendo, a págs. 39 do tomo II do *Compendio da Historia do Brasil* (Rio de Janeiro, 1843) e a págs. 336-337 da *Synopsis ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da Historia do Brasil* (Pernambuco, 1845), que foi a *2 de Julho* que Manuel de Carvalho Paes de Andrade convidou as provincias do Norte «a ligarem-se por um pacto, que se chamaria — Confederação do Equador — »;

3) Salvador Henrique de Albuquerque, em seu *Resumo da Historia do Brasil* (Pernambuco, 1848), no qual consigna haver corrigido muitos erros de Abreu e Lima, declara ter sido proclamada a 2 de Julho a — Confederação do Equador —;

4) Antonio Alvares Pereira Coruja, em suas *Lições de Historia do Brasil* (Rio de Janeiro, 1857), relata que foi a 2 de Julho que rebentou a — Confederação do Equador —;

5) Joaquim Norberto de Sousa Silva, nas *Ephemerides Nacionaes*, que, com o pseudonymo de «Fluviano», deu á estampa na *Revista Popular* (Rio de Janeiro, 1862), assim se pronuncia a págs. 36 do tomo XV tractando do dia 2 de Julho de 1824: — «Manuel de Carvalho Paes de Andrade chama as provincias do Norte ás armas e convida-as a confederarem-se em Estado independente, sob a denominação de — Republica do Equador — »;

6) Antonio Pereira Pinto, na sua já citada noticia historica *A Confederação do Equador*, inserta em nossa *Revista* de 1866, além de asseverar que o manifesto e proclamações de Paes de Andrade foram publicados a 2 de Julho, assim concluia, a págs. 101: — «Era preciso um titulo pomposo, que perpetuasse a memoria desse acontecimento, e, pois, á nascente republica foi dado o nome de — Confederação do Equador — »;

7) Luiz Francisco da Veiga, em sua *Synopse chronologica*

das revoluções, motins, sedições militares e grande crise constitucional, havidos no Brasil, desde 1544 a 1848 (Rio de Janeiro, 1867), diz a págs. 5: — «A revolução que verdadeiramente tinha começado a 21 de Fevereiro, com a eleição de Manuel de Carvalho Paes de Andrade para presidente de Pernambuco, quando o governo já tinha nomeado presidente o capitão-mór Francisco Paes Barreto, inaugurou-se solennemente em 2 de Julho, com a proclamação da — Confederação do Equador —»;

8) Pereira da Silva, na sua *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro* (Rio de Janeiro, 1868), assim se exprime a págs. 279 do tomo VII, referindo-se a Paes de Andrade: — «...no dia 2 de Julho, largou de todo a mascara, e publicou um manifesto e várias proclamações convidando os povos de Pernambuco e das provincias circunvizinhas a fundar uma republica independente, com o titulo de — Confederação do Equador — »;

9) José Pedro Xavier Pinheiro, no seu *Epitome de Historia do Brasil* (Rio de Janeiro, 1873), tambem se infileira (a págs. 341) ao lado dos que attribuem a 2 de Julho o repontar da — Confederação do Equador —;

10) Americo Brasiliense, em suas *Lições de Historia Patria* (S. Paulo, 1877, 2ª ed.), a págs. 151, dá o 2 de Julho como o dia em que se proclamou a — Confederação do Equador —;

11) Varnhagen, cujá *Historia da Independencia*, só agora publicada pelo nosso Instituto (tomo LXXIX, p. 1ª) foi, escripta antes de 1879, assim escreve, a págs. 423: — «Tirou por fim Paes de Andrade a mascara no dia 2 de Julho, lançando as proclamações já preparadas, convidando a todas as provincias do Brasil a formarem uma — Confederação —, que se chamaria — do Equador — »;

12) Oliveira Martins, no seu livro *O Brasil e as colonias portuguezas* (3ª ed., s. d.), em nota a págs. 118, attribue a 2 de Julho a «revolução republicana de Pernambuco (Confederação do Equador), facilmente debellada»;

13) Teixeira de Mello, em suas *Ephemerides Nacionaes*, (Rio de Janeiro, 1881), explicando a de 2 de Julho de 1824, diz: — «Manuel de Carvalho Paes de Andrade chama ás armas as provincias do Norte, e convida-as a se confederarem em um Estado independente, sob a denominação de — Confederação do Equador — » (Observa-se que elle repete, levemente *mutatis mutandis*, as palavras de Joaquim Norberto, que ha pouco reproduzi). Mas, por uma incoherencia inexplicavel, no artigo relativo a 24 de Julho de 1824, obtempera que nessa data é que se *renovam* «em Pernambuco, pelos escriptos de Cypriano José Barata de Almeida, as idéas não de todo extinctas da revolução de 1817», e que Paes de Andrade, sectario dellas, proclama a — Confederação do Equador —. E' difficil conciliar essas duas

asserções do mesmo escriptor, mas perece-me fóra de contestação que a segunda não destróe, vaga como é, a primeira, que deve prevalecer;

14) Mello Moraes, a págs. 242 do tomo II da *Chronica geral do Brasil* (Rio de Janeiro, 1886), narra que — «Manuel de Carvalho Paes de Andrade, na sexta-feira 2 de Julho de 1824, proclamou aos povos do Norte de Pernambuco, convidando-os a ligarem-se por um pacto, que se chamaria — Confederação do Equador — »;

15) Garcez Palha, em suas *Ephemerides Navaes* (Rio de Janeiro, 1890), ao tratar da data de 2 de Julho de 1824, limita-se e estampar, na integra, o manifesto em que Manuel de Carvalho Paes de Andrade, dirigindo-se aos Brasileiros, proclamou a — Confederação do Equador —;

16) O barão do Rio Branco, em suas *Ephemerides Brasileiras* (Rio de Janeiro, 1892, vol. I, unico publicado, estando prestes o nosso Instituto a estampar, expurgada de erros typographicos e convenientemente completada, a obra integral do preclaro patricio), a págs. 169, tractando do dia 2 de Julho de 1824, escreve o seguinte: — «Proclamações de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, chefe da revolução pernambucana, convidando as provincias do Norte a formarem republica independente, com o nome de — Confederação do Equador — ». E nada traz, quanto a esse movimento, na ephemeride de 24 de Julho;

17) Felicio Buarque, a págs. 23 das *Origens republicanas* (Recife, 1894), usa da seguinte phrase: — «Em 2 de Julho proclamou-se, em Pernambuco, a — Confederação do Equador — »;

18) Luiz de Queiroz Mattoso Maia, a págs. 298 de suas *Lições de Historia do Brasil* (Rio de Janeiro, 1895, 4ª edição), acceita a data de 2 de Julho como a em que se proclamou a — Confederação do Equador — »;

19) Aristides Milton, em sua memoria *A republica e a federação no Brasil*, inserta na *Revista do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, tomo LXX, p. 2ª, 1897), embora acceite a — Confederação do Equador — como proclamada a 24 de Julho de 1824, não póde deixar de ser incluido nesta lista, pois diz a págs. 11 que «os seus intuitos se acham expressos no *manifesto*, lançado *aos Brasileiros* em 2 do citado mez». Ora, esse *manifesto aos Brasileiros* é o tal que Abreu e Lima datou de 24 de Julho;

20) Sacramento Blake, no *Diccionario bibliographico brasileiro* (Rio de Janeiro, 1900), a págs. 46 do vol. VI tractando de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, diz que este «a 2 de Julho de 1824, proclamara a — Confederação do Equador — »;

21) O padre Rafael Galanti, em seu *Compendio de Historia do Brasil* (S. Paulo, 1905), assim se expressa a pa-

ginas 206 do vol. IV:—«Arrojou finalmente a mascara Manuel de Carvalho, publicando no dia 2 de Julho um manifesto e diversas proclamações, com que convidava os Pernambucanos e as provincias vizinhas a fundar uma republica independente, sob o nome de — Confederação do Equador —»;

22) Rocha Pombo, em sua *Historia do Brasil* (Rio de Janeiro, s. d.), a pags. 34-36 do vol. VIII, enuncia como averiguado o seguinte: —«...no dia 2 de Julho, publicava Paes de Andrade o seu manifesto dirigido aos Brasileiros, dando os motivos que forçavam *seis provincias do Norte* a insurgir-se contra o imperador, e exhortando as demais a seguir-lhes o exemplo, para que se organizasse a nação *segundo as luzes do seculo*. No mesmo dia distribuiram-se proclamações dirigidas aos Pernambucanos e aos povos das outras provincias com que se estava de concêrto»;

23) João de Lyra Tavares, a págs. 114 dos seus *Pontos de Historia Patria* (Parahyba do Norte, 1912), não vacillou em affirmar que Manuel de Carvalho Paes de Andrade —«a 2 de Julho de 1824 proclamava a — Confederação do Equador —, abrangendo as provincias de Pernambuco, Parahiba, Rio Grande Norte e Ceará»;

24) Sousa Reis, em suas *Noções de Historia do Brasil* (Rio de Janeiro, 1915), a págs. 155, externa o asserto de que Manuel de Carvalho Paes de Andrade proclamou a — Confederação do Equador — a 2 de Julho de 1824;

25) A. M. Kitzinger, em sua monographia intitulada *Resenha historica da cidade do Rio de Janeiro* (*Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, LXXVI, p. 1ª, 1915), não hesitou em escrever o seguinte: —«A 2 de Julho, publicou Manuel de Carvalho um manifesto e uma proclamação, convidando os povos de Pernambuco e das provincias circunvizinhas a fundar uma republica independente com o titulo de — Confederação do Equador —».

A toda essa grande e brilhante pleiade de escriptores — na qual figuram os mais reputados mestres, os que sempre são chamados a decidir inappellavelmente no supremo tribunal da Historia Patria —, corre-me ainda o dever de accrescentar os colendos nomes dos srs. Luna Freire, Pereira da Costa e Oliveira Lima, luminares do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, cuja auctoridade foi menosprezada pelo sr. Gonçalves Maia.

Assim, cotejando os votos claramente proferidos em relação ao litigio, e caso se admittisse, sómente para argumentar, que o manifesto dirigido aos Brasileiros por Paes de Andrade fosse realmente de 24 de Julho, seria motivo para perguntar: *Quid inde?* Daria aso tal documento a que a Confederação do Equador fosse celebrada naquella data? Evidentemente não, porque

o rompimento solenne da revolta pernambucana contra o poder central, o pronunciamento inequivoco da separação das provincias do Norte, foi acto da proclamação datada authenticamente de 2 de Julho. Sabe-se que ha varios episodios mais peremptorios e mais explicitos que o de 7 de Septembro de 1822 para a declaração da nossa soberania politica: mas iria contra a tradição, contra a realidade historica e contra a corrente geral, firmada no paiz pelo escol da sua intellectualidade dirigente, quem tentasse substituir a commemoração do grito do Ipiranga pela de 3 de Junho de 1822 (convocação da assembléa constituinte brasileira), pela de 12 de Outubro de 1823 (acclamação de Pedro I) ou ainda pela de 1° de Dezembro de 1823 (coroação do imperador), — porque foi bradando «Independencia ou morte!», que o principe brasileiro tirou a mascara e iniciou a decisiva léva de broquéis do Brasil contra a metropole, tal qual fez Paes de Andrade a 2 de Julho contra Pedro I

Mas, do exame escrupuloso e meticulosissimo a que procedi nos copiosos documentos relativos á questão (recorrendo ainda, além dos já citados manuscriptos existentes na Bibliotheca Nacional, a todos os folhetos coetaneos, desde o n. 7.314 até ao n. 7.323 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil*, sem exquecer as curiosas Cartas anonymas, em original e relacionadas no n. 7.318, que não adeantaram cousa alguma ao caso da data), — cheguei ao resultado de que o manifesto dirigido por Paes de Andrade aos Brasileiros é forçosamente anterior a 24 de Julho. E, si o referido manifesto não é de 2 de Julho — como positivamente o affirmam Pereira Pinto, Pereira da Silva, Aristides Milton, Rafael Galanti, Rocha Pombo, Garcez Palha, A. M. Kitzinger e Pereira da Costa e insophismavelmente resalta das expressões de que usam Armitage, Varnhagen e Rio-Branco —, todos os elementos probantes, quer os das fontes mais legitimas da documentação literal, quer os de natureza circunstancial ou indiciaria, induzem a crer que não é de 24 de Julho e que esta data, posta por Abreu e Lima naquelle manifesto, é apocrypha.

Sou, portanto, de parecer que a data de 24 de Julho não póde continuar, com aquelle significado, no calendario civico de Pernambuco, — a menos que a administração do glorioso e próspero Estado queira persistir em um êrro indesculpavel, que constitue, além do mais, um nefasto exemplo á mocidade estudiosa —, impondo-se alli, pelos tramites legaes competentes, a revogação dos decretos de 22 de Outubro de 1901 e 26 de Janeiro de 1902.

Submettendo á deliberação deste douto e augusto gremio similhante conclusão, penso que o nosso Instituto não deve deixar de unir a sua voz, sempre acatada em todo o paiz, á do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, que

bem andou restabelecendo em tempo a genuina verdade historica, e sem duvida alguma deturpada no concernente á interpresa inolvidavel da Confederação do Equador.

E rendendo homenagem aos meritos, desde muito reconhecidos e consagrados, do sr. Gonçalves Maia, a quem dou plena razão quanto á fórma por que foi officialmente realizada a alteração do feriado actual — pois é sempre deploravel que o Poder Executivo invada a orbita do Legislativo —, cumpro, todavia, o mais grato dos deveres, consignando aqui os meus calorosos applausos á correcta e scintillante attitude que teve no alto debate o sr. Oliveira Lima, competente e zeloso paladino de uma rectificação, tão imprescindivel aos fóros de cultura do Estado de Pernambuco, quanto á salvaguarda das venerandas tradições da Patria Brasileira.

(*Applausos calorosos*).

O Sr. Conde de Affonso Celso (presidente) diz que o parecer, que o Instituto acaba de applaudir, vai ser publicado, para ser opportunamente discutido e votado.

O mesmo Sr. Presidente declara que o Instituto recebeu do sr. ministro das Relações Exteriores, dr. Nilo Peçanha, dignissimo presidente honorario do Instituto, o seguinte aviso:

«Ministerio das Relações Exteriores — Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1917 — Senhor Presidente — Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. cópia do officio e da circular em que o presidente da União Ibero-Americana pede que seja solennizada com toda a pompa a data commemorativa de 12 do corrente.

Rogando a attenção de V. Ex. para esses documentos, sirvo-me da opportunidade para lhe renovar os protestos da minha perfeita estima e distincta consideração. — *Nilo Peçanha*. — Ao senhor conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro».

A este aviso respondeu da seguinte fórma:

«Instituto Historico e Geographico Brasileiro — Rio de Janeiro, 9 de Outubro de 1917.

Senhor Ministro — Accusando o recebimento do aviso n. 85, de 6 deste mez, com o qual V. Ex. se dignou de enviar-me, para ella reclamando a minha attenção, cópia do officio e da circular em que o presidente da União Ibero-Americana pede seja solennizada a data do descobrimento do Novo-Mundo, destinada a ser o «Dia da Raça» para todos os povos latinos de aquem-Atlantico, — tenho a honra de communicar a V. Ex. que o Instituto Historico, por motivos de força maior, que se prendem ao accumulo de trabalho relativo ao preparo da commemoração do primeiro centenario da Independencia da nossa

Patria, não poderá realizar a 12 do corrente a sua sessão habitual, cuja transferencia já foi annunciada para o dia 16.

Tal circunstancia, contudo, não impedirá que esta antiga e benemerita associação, que sempre celebrou a data do magno feito de Christovam Colombo — inscripta no calendario civico do Brasil —, devidamente a rememore na referida sessão, na qual o Instituto Historico se associará, como espero, á feliz iniciativa de adoptar-se o dia 12 de Outubro como « Dia da Raça » entre as nações americanas provindas do mesmo berço iberico.

Permitta-me V. Ex., Senhor Ministro, que me sirva da opportunidade para reiterar a V. Ex. o testimunho da minha perfeita consideração. — *Conde de Affonso Celso*, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Ao Sr. Dr. Nilo Peçanha, M. D. Ministro das Relações Exteriores. »

Com a resposta dada, ficou plenamente affirmada a adhesão do Instituto á nobre idéa.

O Sr. Dr. Roquette Pinto (2° secretario) communica que o illustre sr. coronel Rondon deve chegar no proximo dia 18, e pede que o Instituto se faça representar no seu desembarque.

A proposta é approvada e o Sr. Presidente nomeia os srs. Roquette Pinto, Basilio de Magalhães, Laudelino Freire e José Americo para o fim indicado.

Nada mais havendo a tractar, o Sr. Presidente declara encerrada a sessão, tendo antes convidado os srs. consocios e a illustre assistencia para a sessão magna, que se realizará no proximo domingo, 21, ás 21 horas, na qual serão distribuidos pelo exmo. sr. presidente da Republica, para isso especialmente convidado, os premios « Pedro II » e « Conselheiro Olegario ». Levanta-se a sessão ás 22 e meia horas.

Roquette Pinto.
2° Secretario.

SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 20 DE OUTUBRO DE 1917

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's dezeseis horas, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: srs. conde de Affonso Celso, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, drs. Roquette Pinto, Augusto Tavares de Lyra, Antonio Olyntho dos Santos

Pires, Agenor de Roure, Juliano Moreira, Pedro Souto Maior, Basilio de Magalhães e Laudelino Freire.

O Sr. Dr. Roquette Pinto (2º *secretario*) lê a acta da sessão realizada a 16 do corrente, a qual é approvada sem discussão e por unanimidade.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente*) declara que mandou convocar a presente sessão para se tomar conhecimento de uma proposta urgente, apresentada pelos srs. Basilio de Magalhães e M. Fleiuss.

Essa indicação, transcripta adeante, é posta em discussão, sem debate approvada unanimemente e assignada por todos os presentes.

— «Entre os varios e excellentes trabalhos com que foram abrilhantadas no anno findo — as sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, occupa indubitavelmente um dos logares de mais culminante evidencia a memoria, em que o sr. dr. Clovis Bevilaqua apreciou «A LEI DE 28 DE SEPTEMBRO DE 1871 E O VISCONDE DO RIO BRANCO».

Poucos escriptos haverá em nossas lettras historicas que reunam simultaneamente tanto ardor patriotico, tanta belleza de estylo, tanta justeza nos conceitos, tanta superioridade de vistas e tanto espirito synthetico.

Com effeito, não era possivel analysar aquella jornada, sem buscar-lhe as raizes no tractado de 23 de Novembro de 1826 entre o Brasil e a Grã-Bretanha, e nas leis votadas pelo nosso Parlamento a 7 de Novembro de 1831 e a 4 de Septembro de 1850; por outro lado, não era possivel delinear com plena segurança de traços a figura titanica do visconde do Rio-Branco, sem esboçar primeiramente as projecções luminosas, com que aclararam a róta para a grande victoria, as almas egregias de Eusebio de Queiroz, Pedro Pereira da Silva Guimarães, Teixeira de Freitas, Perdigão Malheiros, Tavares Bastos e Pimenta Bueno.

A tudo isso attendeu a monographia do sr. dr. Clovis Bevilaqua, que, além de summariar as condições economicas, moraes e politicas da nossa Patria, naquelle momento gravissimo da evolução nacional, ainda teve a lembrança feliz de pôr em relêvo o papel meritorio desempenhado pela Magistratura brasileira a pról do movimento abolicionista, citando a esse proposito os nomes do dr. José Manoel de Freitas e do nosso venerando companheiro, o sr. desembargador Sousa Pitanga; e, extendendo as linhas geraes do seu admiravel escorço até 13 de Maio de 1888, não se olvidou de mencionar entre os denodados parlamentares que combateram a hydra infanda da escravidão, o exclarecido e acendrado patriota, que é hoje nosso querido presidente perpetuo.

Tal é, em poucas palavras, a substanciosa, lapidar e erudita memoria com que o sr. dr. Clovis Bevilaqua, — um dos pensadores da actual geração que mais honram a intellectualidade brasileira, — commemorou neste Instituto, em 1916, a magna data de 28 de Septembro de 1871.

— A parte 1ª, do tomo LXXIV da nossa *Revista*, publicada em 1911, foi quasi toda preenchida pela extensa, bem redigida e delucidativa monographia intitulada «A MISSÃO ARTISTICA DE 1816», firmada pelo sr. dr. Affonso d'Escragnolle Taunay.

Ao ser dada a lume, foi precedida das seguintes palavras da Commissão de Redacção: «E' com verdadeiro júbilo que a Commissão de Redacção publica a importante memoria do novo consocio dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, intitulada *A Missão artistica de 1816*. Herdeiro de nome illustre e descendente de homens que se notabilizaram no terreno intellectual, o dr. Affonso Taunay já occupa logar de destaque entre os modernos e sinceros historiographos. Lendo-se as páginas de tão completo e interessante estudo, reconhece-se a somma de documentos reunidos pelo esperançoso brasileiro, para pôr em relêvo os grandes vultos artisticos, que no Brasil vieram estabelecer o verdadeiro gôsto pelas Bellas-Artes, deixando trabalhos, cujos applausos o tempo só poderia augmentar. Nessa vasta galeria passam as figuras dos Taunays, de Debret, de Grandjean de Montigny, de Lebreton, de Pradier, de Neukomm, cujos traços biographicos constam da nossa *Revista*. Ninguem, entretanto, com mais proficiencia do que o dr. Affonso Taunay, definiu a personalidade desses cultores da arte, uns que volveram ao paiz natal, outros que aqui ficaram, deixando illustre e proveitosa prole, e todos extremamente dignos».

Esse juizo, externado pelos actuaes presidente e secretario perpetuo deste gremio e pelos srs. dr. Norival Soares de Freitas, Gastão Ruch e Alexandre José Barbosa Lima, que eram ao tempo os componentes da Commissão de Redacção da nossa *Revista*, não envolvia a menor lisonja ao operoso escriptor que hoje tão proficientemente dirige o Museu Paulista, mas significava apenas o reconhecimento da promissora actividade de um moço dotado de formosissimo talento.

Realmente, em meio dos muitos e magnificos trabalhos que têm sido insertos no orgão do Instituto, a memoria elaborada pelo sr. dr. Affonso d'Escragnolle Taunay resplende com o fulgor de astro de primeira grandeza, pela correcção da linguagem, pelas informações que ministra, denunciativas de pacientes pesquizas e acuradas leituras, e, finalmente, pela cultura esthetica que fartamente revela.

— Em taes condições, vimos propôr que, além dos já concedidos, sejam ainda este anno conferidos mais os seguintes

premios: o premio «CONSELHEIRO OLEGARIO» ao sr. dr. Clovis Bevilaqua, nosso digno consocio benemerito, pela sua memoria «A LEI DE 28 DE SEPTEMBRO DE 1871 E O VISCONDE DO RIO BRANCO», lida no anno passado em sessão do Instituto; e o premio «PEDRO II» ao sr. dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, nosso digno consocio correspondente, pela sua monographia «A MISSÃO ARTISTICA DE 1916», publicada na parte I do tomo LXXIV da nossa *Revista*.

E, como se tracta de assumpto urgente, propomos mais que seja a presente indicação submettida a debate e votação independentemente de parecer. Sala das sessões do Instituto Historico, aos 20 de Outubro de 1917. — *Basilio de Magalhães. — M. Fleiuss. — Conde de Affonso Celso. — Ramiz Galvão. — Juliano Moreira. — Antonio Olyntho dos Santos Pires. — Pedro Souto Maior. — Laudelino Freire. — Agenor de Roure. — Augusto Tavares de Lyra. — E. Roquette Pinto.*

Em seguida, o SR. PRESIDENTE declara ter recebido do consocio benemerito sr. dr. Pedro Lessa a seguinte carta:

«Rio, 18 de Outubro de 1917 — Exmo. sr. conde de Affonso Celso, m. d. presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro — Meus affectuosos cumprimentos. Muito grato a esse Instituto, tão dignamente presidido por V. Ex., pelo premio que se dignou conferir-me pelo meu modesto estudo sôbre F. A. de Varnhagen, peço licença a V. Ex. para renunciar o direito que tenho á medalha que symboliza esse premio, afim de que possa ella ser de novo dada, no proximo anno ou ulteriormente, a pessoa que o Instituto julgar merecedora de tão honrosa recompensa. Queira V. Ex. acceitar os sentimentos de muito apreço e estima de V. Ex. admirador, confrade e amigo. — *Pedro Lessa.*»

O SR. PRESIDENTE diz que, tendo os distinctos consocios srs. Capistrano de Abreu e Pedro Lessa offerecido as medalhas que lhes foram conferidas, para servirem de novos premios a outros trabalhos, que o Instituto entenda de galardoar no anno proximo vindouro, ficam as mesmas para serem concedidas consoante o desejo expresso dos illustres laureados.

Antes de ser levantada a sessão é resolvido enviarem-se telegrammas, assignados por todos os presentes aos srs. drs. Clovis Bevilaqua e Affonso Taunay, communicando-lhes a deliberação do Instituto em relação aos seus trabalhos.

Levanta-se a sessão ás 17 ½ horas.

ROQUETTE PINTO,

2º Secretario.

SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO SEPTUAGESIMO NONO ANNIVERSARIO, EM 21 DE OUTUBRO DE 1917

Presidencia do sr. conde de Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 21 horas, na séde social, presentes os srs. drs. Wenceslau Braz Pereira Gomes, presidente da Republica e presidente honorario do Instituto, conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, barão Homem de Mello, Max Fleiuss, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, dr. Urbano Santos da Costa Araujo, dr. Edgard Roquette Pinto, professor Basilio de Magalhães, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, dr. Augusto Tavares de Lyra, general Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, almirante José Candido Guillobel, dr. Homero Baptista, dr. Clovis Bevilaqua, dr. João Luiz Alves, dr. Pedro Souto Maior, commandante Francisco Radler de Aquino, dr. Helio Lobo, dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, dr. José Americo dos Santos, dr. Aurelino de Araujo Leal, dr. Afranio de Mello Franco, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses, dr. João Coelho Gomes Ribeiro, dr. Laudelino Freire, coronel Jesuino da Silva Mello, coronel Honorio Lima, dr. Ernesto da Cunha de Araujo Viana, dr. Agenor de Roure, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão e João de Lyra Tavares, abre-se a sessão, com a devida venia do sr. presidente da Republica.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente perpetuo*) profere o seguinte discurso:

«Sr. presidente da Republica — Minhas senhoras, meus senhores, illustres consocios:

Rematando hoje o septuagesimo nono anniversario de seu funccionamento regular e ininterrupto, tem consciencia o Instituto Historico e Geographico Brasileiro de que, nos doze mezes transcorridos depois da ultima sessão magna commemorativa da sua fundação, continuou a desempenhar, com o maior zelo e escrupulo, todos os altos deveres que lhe incumbem.

Foi esta sempre, aliás, a sua norma em todos os tempos.

O Instituto Historico é uma corporação que devéras trabalha, e cujo trabalho, inspirado por sincero empenho de bem servir a Patria, tem sido efficiente e salutar.

Ides ouvir e, sem duvida, applaudir, o relatorio do nosso secretario, bem como o discurso do nosso orador, os quaes vão enumerar factos attestadores da fecunda laboriosidade do Instituto e do quanto varios de nossos socios, infelizmente desapparecidos, se assignalaram nas sciencias e nas lettras, concorrendo para o lustre do nome brasileiro.

Segundo observação de um pensador, nas narrativas da guerra que ha mais de tres annos assola o Velho Mundo, perturba a humanidade inteira e envergonha a civilização, em narrativas escriptas por soldados, espantam-se elles de ouvir, no meio do fragor das batalhas, os passaros cantando, enquanto a herva se inclina ao sôpro da aragem e a natureza conserva belleza e graças perante o horror das acções humanas.

Aqui, no remanso do Instituto, não indifferente, mas sereno ás competições politicas, economicas, sociaes, que se embatem e rugem lá fóra, procura-se, no meio dos acontecimentos, pacifica, constante e firmemente, conhecer e estudar a conformação, a estructura, as origens, as tradições, os elementos essenciaes do nosso paiz, afim de robustecer, illuminar, estimular, apurar o amor, a dedicação, o culto que lhe devemos.

Iniciou o Instituto a sua tarefa no corrente anno, commemorando a revolução pernambucana de 1817, que, com o sangue dos seus herões martyres, fertilizou o terreno onde se poude colher a palma de 1822.

Publicou, por essa occasião, a *Historia da Independencia*, de Varnhagen, annotada pelo barão do Rio Branco.

Ante a gravidade dos successos internacionaes declarou, em seguida, na primeira sessão ordinaria, que, fiel ás suas invariaveis tradições patrioticas, estava absolutamente solidario com os poderes publicos em tudo quanto dissesse respeito á salvaguarda da segurança e da dignidade nacionaes.

Reformou depois, em assembléas geraes extraordinarias, os seus estatutos, no intuito de mais aptamente alcançar os seus elevados objectivos.

Imprimiu e distribuiu o quinto volume das memorias offerecidas ao Congresso de Historia Nacional, Congresso de iniciativa sua e cuja obra ingente produziu perto de uma centena de valiosas monographias sôbre o Brasil.

Opulentou a sua bibliotheca, que, em preciosidades, sómente á Nacional cede primazia, com os muitos milhares de volumes, já em via de catalogação, doados pelo dr. Manuel Barata.

Recebeu novos consocios que, ao tomar posse, proferiram substanciosos discursos, e fortaleceu assim o quadro dos seus prestantes cooperadores.

Realizou conferencias sôbre Francisco Octaviano; jornalistas da Independencia — destinada esta a celebrar a grande data de 7 de Septembro —, e o Mexico hodierno, feita a última por illustre viajante extrangeiro.

Conferiu premios, que hoje serão distribuidos, a seis notaveis producções historicas, o que só pela segunda vez oc-

correu na vida do Instituto, havendo sido a primeira ha 70 annos, em Septembro de 1847.

Rendeu homenagem a Vieira Fazenda e a Carlos von Martius, inaugurando, no salão de leitura, o retrato daquelle, e expondo solennemente a innumeros visitantes as obras do egregio sabio amigo do Brasil.

Diligentemente proseguiu nos trabalhos preparatorios do Congresso de Historia da America, emprehendimento de que lhe cabe a prioridade, para commemorar condignamente o glorioso centenario de 1922.

Com identico exclarecido ardor applicou-se a elaborar o *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil,* outra iniciativa sua e que tudo indica será majestoso, imperecivel monumento.

Promoveu e conseguiu o leccionamento normal dos cursos da Academia de Altos Estudos, outra creação sua, onde competentes e activos professores ministraram ensino de Direito Constitucional, Civil, Commercial; Historia Economica do Brasil; Notariado; Questões agrarias e economicas; Philosophia da Arte; Historia da Arte; Historia da Philosophia; Psychologia e Logica.

Juntae a isto os serviços prestados pela *Revista,* de que acaba de apparecer o 80° volume; pelo precioso Archivo; pelo Museu e pela Mappotheca; pelas informações de toda a parte solicitadas e sem detenção fornecidas, e reconhecereis que tão avultada quão relevante se manteve a obra do Instituto no anno findo, a exemplo dos 78 annos anteriores.

Através dous annos de regencia de Araujo Lima; do reinado semi-secular de d. Pedro II; das guerras de Rosas, do Uruguai e do Paragui; das tres regencias da princeza d. Isabel; da Abolição; da Republica; da transformação do Rio de Janeiro e tantas circunstancias decisivas para o Brasil e o mundo, o Instituto veiu cumprindo, calmo e inflexivel, o seu programma de proficuo labor.

E' a de hoje a sua 1.410ª sessão, das quaes 508 presididas pelo magnanimo imperador, e em todas as quaes se proferiram discursos, se leram memorias e se apresentaram estudos dignos de attenção.

Figuram entre os socios do Instituto as nossas mais eminentes competencias e verdadeiras notabilidades universaes; honraram-no com as suas visitas quasi todos os nossos chefes e ministros de Estado.

Anima-o, pois, a convicção de que merece o acatamento público e de que viverá enquanto viver o Brasil.

Profundamente convencido tambem se acha destas verdades, proclamadas por dous mestres: A Historia é o elemento mais forte, um dos mais puros fermentos do patriotismo; o

verdadeiro patriotismo não consiste tanto no amôr do sólo como no amôr do passado, no respeito aos que nos precederam, aos que luctaram e soffreram, para fazer-nos o que somos, legar-nos o que temos, mostrar-nos o que havemos de ser.

E, mercê de Deus, não é somenos o que já é a nossa Patria; não é pouco o que tem; e, si quizermos, ha de ser muitissimo o que poderá, o que deverá ser.»

(*Applausos calorosos.*)

O Sr. Fleiuss (*1º secretario perpetuo*), obtendo venia do Sr. Presidente da Republica, lê o seguinte Relatorio:

— «A sessão de hoje marca um novo triumpho para todos nós, que nos dedicamos a esta velha e benemerita companhia, procurando honrar e augmentar o opulento patrimonio que recebemos dos nossos maiores.

Foi em 1838 — quando na chefia do Governo desta amada Patria se encontrava Pedro de Araujo Lima — que se fundou o Instituto, nascendo, portanto, no periodo em que o sentimento nativista se expandia em suas manifestações mais vehementes e mais fecundas.

A' nova instituição coube desde logo o elevado papel, que até ao presente tem sabido religiosamente cumprir: — o de synthetizar, pelo estudo imparcial da nossa Historia, a imagem sagrada da Patria.

E foi assim que, amanhecendo no periodo regencial, victoriosamente se firmou no longo reinado do magnanimo Pedro II, e proseguiu a sua róta com o regimen republicano, que nunca lhe negou apoio, antes sempre lhe incrementou os efficientes serviços, concedendo-lhe o Congresso e o Governo os auxilios indispensaveis.

Basta esta ligeira vista retrospectiva para que se faça idéa da trajectoria do Instituto nos seus septenta e nove annos bem vividos.

O anno social, que hoje termina, foi a continuação feliz dos que o antecederam.

Realizámos septe sessões ordinarias, duas de assembléa geral, uma solenne especial para commemoração do centenario da revolução pernambucana de 1817 e uma extraordinaria.

Desde a sessão inaugural de 21 de Outubro de 1838 até á de 20 do corrente mez, monta a 1.409 o numero de nossas reuniões, tendo o imperador d. Pedro II comparecido a 508.

Pormenorizemos as deste anno:

A 6 de Março, realizou-se a sessão solenne especial, destinada á commemoração do centenario da revolução pernambucana de 1817, tendo sido orador, para esse fim convidado pelo sr. presidente do Instituto, o egregio socio effectivo

sr. dr. Alexandre José Barbosa Lima, cujo trabalho despertou os mais calorosos applausos, tendo merecido francos encomios de todos os estudiosos da Historia Patria. Com muito acêrto disse, então, o nosso presidente que aquella sessão exprimia exactamente o cumprimento do programma civico a que, sem desfallecimento, se tem dedicado o Instituto, na sua longa e fructuosa existencia.

A 30 de Abril, antes da sessão na mesma data celebrada, effectuou-se uma assembléa geral extraordinaria, para o fim de ser apresentada pela Commissão de Estatutos uma proposta de alterações em o nosso Regimento basico, de conformidade com as disposições que regulavam a materia.

Na primeira sessão ordinaria foram lidos pareceres relativos aos srs. Lehmann-Nitsche, Laudelino Freire, Agenor de Roure, d. Silverio Gomes Pimenta, José Luiz Baptista, e mereceu apoio unanime o parecer da Commissão de Fundos e Orçamento, opinando pela approvação das contas do exercicio de 1916.

Nessa mesma sessão tivemos ensejo de communicar a valiosissima offerta, feita pela respeitavel e exma. sra. d. Maria Amelia de Chermont Barata, da preciosa bibliotheca que pertenceu a seu mallogrado marido, o illustre socio honorario do Instituto, sr. dr. Manuel de Mello Cardoso Barata, nome que para sempre fica insculpido entre os dos maiores benemeritos desta associação. A generosa dadiva representa um total superior a 7.000 volumes, entre os quaes figuram verdadeiros cimelios das letras historicas referentes ao Brasil, quaes os livros de Barleus, Laet, Nieuhof, Brito Freire, Santa Tereza, Richshoffer, Ayres do Casal, Yves d'Evreux, d'Abbeville, Knivet, Hans Staden, e outros, em *editiones principes* ou em edições estimadas. A importantissima collecção está sendo catalogada com o carinho que merece.

Ainda na mesma sessão communicámos outra offerta muito estimavel, feita pelo sr. dr. José Carlos de Macedo Soares, de uma collecção completa das publicações de *The Geographical Society of London*.

Logo depois o nosso distinctissimo companheiro, professor Basilio de Magalhães, leu, com applauso da assistencia, um capitulo do seu livro inedito sôbre a — Inconfidencia Mineira —, tractando especialmente das figuras de Marilia de Dirceu e Barbara Heliodora.

Terminada a sessão, cumprimos todos um preito de justiça á memoria do nosso inexquecivel bibliothecario, o dr. José Vieira Fazenda, inaugurando, na sala que tem hoje o seu nome, o retrato do erudito e prestantissimo servidor da nossa Historia. Não resistimos ao desejo de reproduzir neste relatorio

as palavras proferidas pelo nosso presidente e que foram as seguintes:

— «Tão vivaz persiste em nosso gremio a figura já quasi legendaria do dr. Vieira Fazenda, que seria irrogar injustiça á vossa veneração e á vossa saudade o tentar evoca-la, para justificar a nova homenagem que hoje aqui se lhe presta, inaugurando o seu retrato. Traduzo o geral sentimento, affirmando que esse retrato avultará entre os mais preciosos do Instituto, pois representa uma das individualidades que mais o dignificaram pelo saber, pela dedicação e pela bondade. Curvemo-nos todos ante esta reliquia sagrada, ao desvendar-se a effigie do nosso grande, optimo, queridissimo amigo, de tão imperecedora quão benemerita memoria!»

A 31 de Maio, realizou-se a segunda sessão ordinaria, tendo sido lidos pareceres e propostas relativos aos srs. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello, Mario Carneiro do Rego Mello, Jonathas Serrano e Bernardino José de Sousa.

Apresentámos, nessa occasião, o quinto e último volume do tomo especial da *Revista* consagrado pelo nosso Instituto ao Primeiro Congresso de Historia Nacional, que o nosso gremio promoveu e realizou com o mais brilhante exito. Os cinco volumes, em que se enfeixaram os trabalhos do referido Congresso formam um total de 4.926 páginas.

Ainda nessa sessão, coube-me a honra de lêr uma pequena e modesta contribuição sôbre a individualidade de Francisco Octaviano.

A 23 de Julho, realizou-se a terceira sessão ordinaria, na qual, além de preciosa offerta do dr. João Raimundo Duarte por intermedio do nosso digno companheiro sr. dr. Souto Maior, de um retrato, tido como sendo de Claudio Manuel da Costa, e de um documento antigo, o sr. dr. Ramiz Galvão participou ter-se reunido naquella data, pela primeira vez, a Commissão Directora do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*.

Nessa mesma sessão tomou posse o nosso prezado consocio, sr. dr. Agenor de Roure, cujo discurso, tão applaudido, teve condigna resposta do nosso orador perpetuo.

A 30 de Junho, realizou-se outra assembléa geral, que approvou as alterações nos estatutos, hoje em vigor.

A 14 de Julho, celebrou-se a quarta sessão ordinaria na qual, além das propostas do nome do sr. Edwin Morgan para socio honorario e a da concessão dos premios «Pedro II» e «Conselheiro Olegario», aos srs. Capistrano de Abreu, Basilio de Magalhães, Roquette Pinto e Pedro Lessa, occorreu a posse do illustre sr. dr. Laudelino Freire, recebido pelo sr. dr. Ramiz Galvão. Constituem os dous discursos páginas de indis-

cutivel valor, consagradas, desde logo, pelos applausos de quantos os ouviram.

A 27 de Agosto effectuou-se a quinta sessão ordinaria, na qual foi registado um voto de louvor ao sr. dr. Washington Luis Pereira de Sousa, pela sua iniciativa em publicar as *Actas e Registo Geral da Camara Municipal de S. Paulo, a partir de 1562*. Leu-se tambem uma proposta relativa ao sr. dr. Henrique Morize e foi suffragado por unanimidade o parecer, approvando a proposta do sr. Edwin Morgan para socio honorario.

Nessa mesma sessão, leu o sr. dr. Ramiz Galvão o seu erudito parecer, tambem assignado pelos srs. drs. Clovis Bevilaqua e Manuel Cicero Peregrino da Silva, relativo aos premios a que acima alludi, tendo merecido a unanime approvação do Instituto.

Cumpre-me assignalar que é esta a segunda vez que o nosso gremio põe em practica uma justa disposição dos seus Estatutos. Seis annos depois de fundado, já o Instituto concedia medalhas de ouro como premio aos seguintes socios: Carlos Frederico Philippe von Martius, auctor do melhor «Plano de se escrever a historia antiga e moderna do Brasil, abrangendo as suas partes politica, civil, ecclesiastica e literaria»; Francisco Adolfo de Varnhagen, por haver escripto o melhor trabalho sôbre o ponto: «Qual o grau de veracidade em que se deva ter o facto maravilhoso de Diogo Alvares Corrêa e da celebre Paraguassú — conforme refere Rocha Pitta na sua *America Portugueza*, livro I, págs. 59, ns. 98 e 99 — de que, deixando a nado as praias da Bahia de Todos os Santos, acolhidos em uma náu franceza e levados á França, onde reinava Henrique II, alli foi ella baptizada com o nome da rainha Catharina de Medicis, e unidos em matrimonio sendo padrinhos os sobredictos monarchas»; o tenente-coronel José Jaoquim Machado de Oliveira, auctor da *Noticia raciocinada sôbre as aldeias de indios da Provincia de S. Paulo, desde o seu começo até á actualidade*; Domingos José Gonçalves de Magalhães, auctor da *Memoria historia e documentada da revolução da Provincia do Maranhão, desde 1839 até 1840*; e coronel Conrado Jacob de Niemeyer, auctor da *Carta chorographica do Imperio do Brasil.*

Eis o trecho da acta da sessão magna de 9 de Septembro de 1847, que diz respeito á ceremonia só hoje, isto é, 70 annos depois, reencetada: — «o sr. 2° secretario supplente Manuel de Araujo Porto-Alegre leu a acta da concessão dos premios: e, á proporção que ia nomeando os premiados, o exmo. sr. presidente os convidava a approximar-se do augusto protector do Instituto, que, risonho e benevolo, lhes entregou com sua propria mão as medalhas de ouro, que, de um lado, tinham

a sua effigie e no reverso o disticho em roda — *Instituto Historico e Geographico Brasileiro* — e no centro — *Premio Imperial.* No acto em que os illustres premiados dobravam os joelhos para receberem de sua majestade imperial aquelle triumpho públiico de suas locubrações, toda a assembléa se levantava e ouvia-se excellente orchestra, que, nos intervallos dos discursos, executava peças de musica adequadas a um espectaculo, que annunciava certa elevação da sociedade brasileira e que era o primeiro deste genero celebrado no Imperio, graças á munificencia e amôr das lettras do sr. d. Pedro II».

Feita esta recordação, que me pareceu necessaria, prosigo no relatar as occurrencias do anno social:

A 5 de Septembro realizou-se a sexta sessão ordinaria, occupando a tribuna o nosso operoso companheiro, sr. professor Basilio de Magalhães, que tractou, com a maior elevação de vistas e perfeito conhecimento do assumpto, dos jornalistas da Independencia: Hippolyto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, conego Januario da Cunha Barbosa, Joaquim Gonçalves Lêdo e frei Francisco de Sancta Teresa de Jesus Sampaio.

A 16 do corrente celebrou-se a septima sessão ordinaria, tomando posse, como socio effectivo, o eminente scientista patricio sr. dr. Juliano Moreira, a cujo substancioso discurso respondeu, com a proverbial distincção, o nosso orador.

Foi tambem apresentada uma proposta indicando o sr. dr. Antonio Borges Leal Castello Branco para a unica vaga existente na classe dos socios honorarios.

Na mencionada occasião, foi lida uma carta do provecto consocio sr. dr. João Capistrano de Abreu, agradecendo o premio que lhe foi conferido, mas soccorrendo-se do precedente aberto pelo benemerito Varnhagen, para offerecer a medalha de ouro como recompensa de outro concurso. Effectivamente, na sessão de 3 de Junho de 1847, aberta a cedula «correspondente á memoria recebida sôbre o programma proposto ácerca da viagem do Caramurú á França, visto haver já sido approvado o parecer da commissão especial premiando o auctor do sobredicto trabalho, nella se encontrou o seguinte: — «Agradecendo a distincta honra, que eu anhelava, de que fosse aberta esta cedula, rogo ao Instituto acceite, com os meus reiterados respeitos, a offerta que faço da medalha deste premio, que a sua benignidade me confere, para a propôr com assumpto novo para o anno proximo futuro. — *Francisco Adolfo de Varnhagen.*»

Ainda na referida sessão de 16, o professor Basilio de Magalhães em erudito parecer exclareceu de modo incontroverso a data precisa em que teve inicio a revolução pernambucana de 1824, por alguns historiadores acceita como sendo a 24 de

Julho, quando de facto o foi a 2 desse mez. Concordou assim o professor Basilio de Magalhães com a opinião emittida a respeito pelo egregio historiador sr. dr. Oliveira Lima.

Na sessão extraordinaria de 20 do corrente, foram ainda concedidos o premio «Conselheiro Olegario» ao sr. dr. Clovis Bevilaqua, auctor da memoria *A lei de 28 de Septembro de 1871 e o visconde do Rio Branco*, lida em sessão do anno passado; e o premio «Pedro II» ao sr. dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, auctor da monographia *A missão artistica de 1816*, publicada na parte 1ª do tomo LXXIV da nossa *Revista*.

Além das sessões, tivemos a 16 de Julho a commemoração do centenario da chegada de Carlos Frederico Philippe von Martius ao Rio de Janeiro, realizando o Instituto uma curiosa exposição dos manuscriptos e obras impressas daquelle sabio, assim como dos muitos livros que constituiram a sua bibliotheca particular, pertencentes ao nosso gremio. Não deixarei desde logo de salientar a proficua collaboração, que neste sentido foi prestada pelo funccionario do Instituto, o sr. dr. Rodolfo Garcia.

Sôbre o eminente sabio discorreram o nosso presidente perpetuo, sr. conde de Affonso Celso, e o nosso laureado 2º secretario, dr. Roquette Pinto; e a mim me coube a honra de lêr expressiva carta do grande naturalista, que tanto amou a nossa terra e a nossa gente, conforme palavras de que se serviu, em carta que naquelle mesmo dia foi offerecida ao Instituto pela exma. sra. d. Francisca Barbosa de Oliveira Jacobina.

A commemoração de Martius, porém, só se poderá considerar completa, quando as suas obras forem vertidas para o nosso idioma. Então, sim, o preito ficará integral, correspondendo não só a um acto de justiça, como tambem á immensa utilidade que advirá do profundo conhecimento de páginas valiosissimas para as lettras e sciencias nacionaes.

Os exiguos recursos de que dispõe o Instituto não lhe teem permittido desviar de outras despesas urgentes o *quantum* necessario ao cumprimento dessa tarefa patriotica. Não deixarei, porém, de aponta-la como uma necessidade, que merece o apoio e a solicitude dos poderes publicos.

E não só as obras de Martius, — mas tambem as do seu companheiro Spix, as de von Eschwege, o auctor do *Pluto Brasilensis*; as de Maximiliano Wied-Neuwied, as de Ebel, as de Langsdorff, as de Riedel, as de Koster, as de Bates, as de Sevelow, as de Franz Fæterler, as de Lund, as de von Lede, as

de Fletcher e Kide, as de Hartt, as de von den Steinen, as de Ehrenreich, e as de tantos outros, que, movidos pelo interesse da sciencia, percorreram o Brasil, estudando-o e tornando-o vantajosamente conhecido em todo o mundo culto.

* * *

Franqueou tambem o Instituto, com summo prazer, o seu salão de conferencias ao sr. d. Antonio Manero, enviado especial do Governo mexicano, que discorreu sôbre o seu paiz e sôbre a sua missão, tendo concorrido a ouvi-lo um selecto auditorio, de que faziam parte o sr. Edwin Morgan, embaixador dos Estados Unidos, e o sr. Romulo Catañede encarregado de negocios do Mexico.

* * *

Da Academia de Altos Estudos, — a recente creação do Instituto, — direi que tem funccionado com exemplar regularidade, graças á dedicação e altruismo dos seus illustres professores. Desde que a anime o bafejo official, traduzido na fiscalização e consequente reconhecimento de sua utilidade, seguro e promissor será o exito da generosa iniciativa, que veiu attender aos mais imperiosos reclamos do nosso meio intellectual. E'-lhe, porém, essencial aquelle amparo, que de certo não lhe será recusado.

* * *

O Congresso Internacional de Historia da America, que o Instituto promoveu para commemorar o centenario da Independencia do Brasil, tem todos os seus trabalhos preliminares em perfeito andamento, mercê do apoio do Governo e do interesse que a idéa despertou nos paizes americanos, e não podendo ser posta em olvido a dedicação manifestada a esse proposito pelos nossos representantes diplomaticos no exterior.

Pelas respostas que já deram todos os governos do continente americano vê-se que muitos delles organizaram commissões regionaes, á feição da commissão central brasileira.

Excuso-me de accentuar a alta importancia que se vincula a essa reunião de representantes de todos os povos do Novo Mundo em nossa Patria, daqui a cinco annos, — pois é facil comprehender que será esse o coroamento intellectual da obra de solidariedade americana, que se nos impõe, não sómente como elemento capital de defesa, como ainda no character de elemento capital de progresso.

* * *

Outra empresa do Instituto, que promette transformar-se em brilhante realidade, é a do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil.*

Tem-se reunido regularmente aos sabbados a Commissão directora nomeada pelo nosso benemerito presidente perpetuo e composta dos srs.: dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, como presidente, professor Basilio de Magalhães, almirante Gomes Pereira, dr. Roquette Pinto, desembargador Sousa Pitanga, dr. Antonio Olyntho, dr. A. Tavares de Lyra, dr. Aurelino Leal, dr. Araujo Viana, dr. Gastão Ruch, dr. Laudelino Freire, dr. Manuel Cicero e o secretario perpetuo do Instituto; tendo como secretario o dr. Rodolfo Garcia.

Teem sido postos em práctica, com a maior attenção e presteza, todos os trabalhos preliminares, entre os quaes o da expedição de circulares a todas as municipalidades do paiz, juizes de direito, promotores publicos, inspectores de telegraphos, administradores de correios e a toda a imprensa, bem como o da requisição de documentos existentes nos archivos de diversos ministerios, por intermedio dos titulares das respectivas pastas.

E' de esperar, portanto, que por esses meios possa a Commissão accumular um precioso material, que em parte já vae recebendo. As adhesões valiosas e o applauso público são outras tantas provas, que nos auctorizam ao melhor augurio dessa obra, que, completando ensaios anteriores, constituirá indubitavelmente um dos legitimos padrões de gloria do Instituto.

Não é ousadia affirmar que, entre as muitas manifestações do jubilo nacional por occasião do centenario da nossa soberania politica, occupará logar de destaque o *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil,* o qual, além de concorrer assim para a maior refulgencia daquella commemoração, ainda servirá de fonte pura de ensinamentos e de demonstração segura do progresso, que a nossa Patria realizou em um seculo de existencia independente.

* * *

A nossa *Revista* está completamente em dia. Neste anno, além do quinto e último volume do tomo especial consagrado ao Primeiro Congresso de Historia Nacional, foram publicados os tomos 79 e 80.

Até agora, appareceram da *Revista* 165 volumes, e acham-se em reimpressão os tomos 7, 14, 20, 21, 22, 23, 24,

25, 26, 27, 28 e 32, que estão completamente exgottados. Feitas as reimpressões e reunidas, em alguns tomos, as partes *I* e *II*, a *Revista* — até o tomo *80* — terá 130 volumes.

Com a nova designação, estabelecida pela reforma estatutaria de 30 de Junho último, ficaram extinctas as denominações — *parte 1ª e parte 2ª* — tendo daqui por deante cada tomo o seu número especial.

Continua a *Revista* a ser distribuida por quasi todas as bibliothecas da America, tendo sido provisoriamente interrompida a expedição para alguns paizes da Europa.

O applauso unanime, que, tanto em nossa patria, como no extrangeiro, é constantemente prodigalizado ao orgão do Instituto, prova irrecusavelmente quanto os exforços do seu redactor, o emerito sr. dr. Ramiz Galvão, ajudado nesse mister por outros nossos dignos companheiros, entre os quaes o professor Basilio de Magalhães, teem conseguido proficientemente mante-lo no mais alto gráo de estima por parte dos competentes.

* * *

Perdeu o Instituto, no anno social que hoje finda, os seguintes socios: Enéas Galvão, Alberto de Seixas Martins Torres, Alfredo Augusto da Rocha, Alfredo de Toledo, Augusto de Siqueira Cardoso, Emilio Augusto Goeldi, padre Rafael Maria Galanti e d. Joaquim José Vieira, dos quaes dirá, daqui a momentos, o nosso insigne orador perpetuo sr. dr. Ramiz Galvão.

Foram eleitos, no mesmo periodo, os seguintes socios: honorario, o sr. Edwin Morgan; effectivos, os srs. Agenor de Roure e Laudelino Freire; correspondentes, os srs. Mario Mello, d. Silverio Gomes Pimenta, Jeronymo de Avellar Figueira de Mello e Roberto Lehmann-Nitsche.

Perdeu tambem o Instituto um grande trabalhador, que, durante 19 annos, prestou a esta casa, com indizivel amor e inexcedivel competencia, os mais assignalados serviços. Refiro-me ao dr. José Vieira Fazenda, nome que, si não pertenceu ao nosso quadro social, apesar dos mais insistentes convites, tão indelevelmente está gravado na historia do Instituto, quanto na Historia Patria, de que foi apaixonado cultor, dando sempre mostras inilludiveis de extrema honestidade nas pesquizas, de completa serenidade nos conceitos. Difficilmente será preenchido o vacuo, que deixou no Instituto aquelle provecto bibliothecario, e quantos queiram bem servir a este gremio devem tomar por norma o proceder do inolvidavel historiador da cidade.

A uma captivante gentileza do sr. dr. Constancio Alves devemos a offerta ha poucos dias realizada de uma collecção da maior parte dos artigos dados a lume na imprensa carioca por Vieira Fazenda, e ante esse precioso acervo vê-se quanto era escrupuloso, perseverante e acendrado o carinho, com que o benemerito Brasileiro estudava as venerandas tradições nacionaes.

* * *

Cumpre-me annunciar, neste relatorio, mais um trabalho do professor Basilio de Magalhães, destinado á *Revista* do Instituto: — a coordenação das *Ephemerides Brasileiras* do barão do Rio Branco.

Como se sabe, os originaes do inclyto Brasileiro foram offerecidos ao Instituto pelos srs. drs. Lauro Müller e Sousa Dantas, dos quaes o primeiro pertence ao número dos nossos consocios honorarios. Faltavam, porém, muitas datas, exigindo outras o especial cuidado de verificações e implementos, recommendados pelo proprio auctor.

Ninguem para isso mais idoneo do que o sr. Basilio de Magalhães, o laureado auctor da *Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII* e relator da publicação da *Historia da Independencia*, deixada inedita pelo visconde de Porto Seguro. Assim, á Imprensa Nacional — cuja boa vontade para com o Instituto se patenteia a cada momento, quer da parte do seu digno director geral, quer da parte dos chefes de serviço e operarios —, deverão ser entregues ainda este anno, para opulentarem o já divicioso repositorio da nossa *Revista*, as páginas completas das mencionadas *Ephemerides*, que, por sem duvida, satisfarão á justa espectativa dos doutos, reaffirmando ainda mais, si é possivel, a benemerencia do seu consagrado auctor e a proficiencia de quem reorganizou o precioso trabalho.

* * *

Correram com toda a regularidade, sob a direcção do novo e honrado bibliothecario, sr. dr. Pedro Souto Maior, os serviços da sala de leitura pública, assim como os da mappotheca, secretaria, archivo e bibliotheca, a cargo, respectivamente, dos srs. dr. Roquette Pinto, Juvenal Martins, Alexandre Camisão, dr. Rodolfo Garcia, Gilberto Peixoto e Alpheu Romero.

Não posso deixar de render aqui a minha homenagem — e o faço com sincero prazer —, ao auxilio efficaz do nosso illustre 2° secretario. Scientista dos mais notaveis do nosso paiz, e especialmente dedicado ás intrincadas questões da

Ethnographia indigena, o dr. Roquette Pinto será, dentro de prazo não remoto, um grande nome nacional, a quem não faltará por certo a justiça devida aos verdadeiros trabalhadores.

E' este o ensejo de referir-me ao destino, que vão ter em breve os inestimaveis documentos constitutivos do archivo do general Osorio, gentilmente confiados á posse do Instituto pelos dignos herdeiros do indeslembravel patriota: — a catalogação e classificação serão feitas pelo dr. Roquette Pinto, e o estudo da personalidade do marquez do Herval, a todos os seus aspectos, está encarregado ao professor Basilio de Magalhães, devendo ser precedido de um prologo redigido pelo dr. Ramiz Galvão, que terá a alta direcção de todo o trabalho.

* * *

Já externei, pallidamente embora, o reconhecimento que devemos á captivante solicitude de todos os funccionarios da Imprensa Nacional, particularmente do seu digno director geral, em tudo quanto respeita aos trabalhos do Instituto, destinados á publicidade.

Não posso, tambem, remetter ao olvido a penhorante gentileza do sr. almirante Alexandrino de Alencar, o illustre ministro da Marinha, que espontaneamente offereceu ao Instituto o seu obsequioso concurso, para não ficar nunca em atrazo a reimpressão da nossa *Revista*.

* * *

Cabe-me ainda a grata obrigação de salientar os serviços prestados a este gremio pelo benemerito thesoureiro, o sr. commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, nome por todos os titulos respeitavel, conhecedor profundo da historia do nosso commercio, sôbre o que tem publicado excellentes monographias, e digno, em tudo, da estima de que é alvo.

* * *

Eis, muito succintamente expostos, os successos da nossa companhia, no anno social que hoje finda.

A vida do Instituto, ninguem o contesta, é um complemento da vida nacional, que assume agora aspectos novos, provocando na mocidade um enthusiasmo, que parecia completamente arrefecido.

Não ha mais animador symptoma do que esse da attracção fervorosa da geração contemporanea para o culto das tradições

sagradas da terra querida, que é preciso servir, defender e amar com todas as véras.

Ninguem póde avaliar melhor a grandeza do futuro do Brasil do que o preclaro auctor do formoso livrinho *Porque me ufano do meu paiz.* Ninguem, melhor do que elle, póde synthetizar, numa phrase feliz, a inspiração excelsa que o amor consciente do passado infunde nos pioneiros da obra gigantesca do porvir. Pois bem: — o nosso eminente presidente perpetuo resumiu em poucas, mas lapidares palavras, a intima connexão que existe entre a actividade luminosa e fecunda deste Instituto e a evolução da nossa Patria, dizendo:

— «Augmenta-se a energia nacional, quando se dá ao povo o orgulho de sua Historia!»

E' esse orgulho, esse sublime orgulho, que transparece e palpita em todos os trabalhos desta infatigavel e patriotica associação!»

(*Palmas*).

Tem depois a palavra o orador perpetuo do Instituto, Sr. Dr. Ramiz Galvão, que da tribuna profere o seguinte discurso:

«Exmo. sr. presidente da Republica, sr. presidente e illustres collegas. Senhores. Minhas senhoras.

Mais um anno de vida para o nosso Instituto e, como sempre, porque as leis da Natureza são immutaveis, com esse anno de vida, ao lado dos labores e das victorias, a magua e o lucto, que são partilhas da humanidade contingente.

Como de outras vezes, entretanto, não virei prantear comvosco a perda que soffremos em nossas fileiras, em nossa officina de trabalho.

A' similhança do que occorria nos famosos jogos de Olympia, o facho acceso passa de mão em mão sem extinguir-se: *lampada tradunt.*

Virei dizer-vos simplesmente como esses preclaros campeões, caïdos na arena, se cobriram de louros na vida, e como honraram a nossa Companhia, trabalhando luzidamente nos varios campos, em que a sua actividade se desenvolveu. Na politica, na administração, nas lettras, no cultivo das sciencias ou no exercicio do apostolado catholico, todos, todos elles, ou extrangeiros ou filhos do Brasil muito amado, foram soldados da nossa cruzada benemerita. Si alguns legaram á posteridade attestados mais eloquentes e mais duradouros do seu alto merito, nem por isso outros desmereceram da nossa estima. Sabios, verdadeiros sabios, dignos do acatamento universal, passam muita vez na terra envoltos no manto de uma singular modestia, preferindo receiosos a penumbra; são como as modestas violetas do jardim, ou como esses fructos que se es-

condem no sólo, temerosos, dir-se-hia, da luz fascinadora do sol.

Oito foram, este anno, os dignos companheiros, que a mão do destino nos arrebatou.

— O primeiro delles, fallecido a 24 de Novembro de 1916, quando mal haviamos encerrado os trabalhos desse anno, foi o dr. Enéas Galvão, natural do Rio Grande do Sul, onde viu a luz do dia a 20 de Março de 1863.

Filho do distincto visconde de Maracajú, uma das nossas glorias militares, o joven Enéas não se sentiu disposto para a carreira paterna, mas militou em outro campo egualmente nobre: o da Justiça e do Direito. Formou-se na Faculdade Juridica de S. Paulo em 1885, depois de um curso brilhante e tendo já revelado no periodo do curso academico as tendencias liberaes e republicanas de seu espirito: foi alli redactor, do «*Ça ira*», orgão abolicionista, e vice-presidente do Club Republicano.

Bacharel em Direito, enveredou pela carreira da Magistratura, na qual, de triumpho em triumpho, galgou todos os postos. Promotor em Barra Mansa e em Niteroi, juiz substituto em Vassouras e nesta capital, foi nomeado no actual regime politico — juiz da sexta e depois da terceira Pretoria, juiz do Tribunal Civil e Criminal, juiz de direito da Provedoria, desembargador da Côrte de Appellação, e finalmente em 1912 ministro do Supremo Tribunal Federal, funcção que honrou inalteravelmente com suprema honradez e com a illustração que o distinguia.

Eleito socio effectivo da nossa Companhia, tomou o dr. Eneas Galvão posse da sua cadeira a 12 de Outubro de 1914, e estaes de certo lembrados daquella homenagem serena e justissima, que o convicto republicano aqui prestou nesse dia á memoria de d. Pedro de Alcantara, — homenagem digna de um juiz que se honrava, prestando culto á Verdade.

Além dos seus multiplos trabalhos sôbre assumptos forenses, nosso prezado e illustre consocio escreveu para o nosso Primeiro Congresso de Historia uma succinta mas erudita memoria sôbre *Juizes e tribunaes no periodo colonial. Os tribunaes creados por d. João VI em 1808.*

Outra producção de seu bello talento havia sido já, muitos annos antes, o elogio do grande Victor Hugo, que elle tivera occasião de proferir na qualidade de presidente do Congresso das Academias Brasileiras, quando nesta capital se realizou a commemoração do glorioso poeta francez. E' que no emerito juiz, ao lado da razão exclarecida e do espirito de alta justiça, vibravam tambem as cordas de um coração bonissimo e fulgurava a imaginação ardente do vate das *Miragens.*

Enéas Galvão cedo, muito cedo se despediu da vida. Foi em Teresopolis que o salteou a morte: dir-se-hia que buscára as alturas para chegar mais presto ao throno de Deus.

— O segundo, fallecido a 29 de Março de 1917, chamava-se Alberto de Seixas Martins Torres, e basta que eu o nomeie para acordar em vosso espirito a lembrança de um dos mais brilhantes talentos da nossa geração.

Nasceu na fazenda Conceição, em Porto das Caixas (então provincia do Rio de Janeiro), a 26 de Novembro de 1865, tendo por progenitores o honrado dr. Manuel Martins Torres e d. Carlota de Seixas Torres.

Quantos conheceram e tractaram de perto aquelle notavel educador, que foi o dr. Meneses Vieira, em cujo collegio o joven Alberto Torres fez seus primeiros estudos, hão de recordar-se do enthusiasmo e do amor, com que o inclito mestre fallava de seu alumno. Alberto Torres, disse-me elle por vezes e ha muito mais de 20 annos, constitue uma das maiores glorias da minha missão de professor. Era que o altivo condor mostrara desde cedo o vigor das azas, com que havia de alçar-se aos pincaros da cordilheira.

Graduado em Direito em 1886 pela Faculdade de S. Paulo, trazia já dos bancos academicos um nome aureolado. Em meio de seus trabalhos escholares batalhara na Imprensa com brilho, em defesa de duas causas: o Abolicionismo e a Republica. Com intenso regosijo viu-as ambas, pouco depois victoriosas: em 1888 a princeza regente expurgou a sociedade brasileira da macula da escravidão; um anno mais tarde integrou-se a democracia na America com a proclamação da Republica.

Inaugurado o novo regime, que era um dos sonhos de Alberto Torres, cumpria que fossem aproveitados o seu bello talento e as qualidades do seu character adamantino. Esta justiça lhe foi feita.

Deputado federal pelo Estado do Rio, ministro do Interior no governo do dr. Prudente de Moraes, presidente do Estado do Rio no periodo de 1 de Janeiro de 1898 a 31 de Dezembro de 1900, pouco depois ministro do Supremo Tribunal Federal, — ascendeu elle por esta fórma rapidamente ás mais distinctas posições, levado sempre a ellas pelos grandes predicados de seu espirito. Unia á invejavel cultura dotes singulares de coração e probidade. Em todas essas altas funcções, como parlamentar, como administrador, como juiz, passou immaculado, erecto, admirado e querido.

Em 1909, victima de inopinada e grave infermidade, teve que abandonar o campo da lucta e aposentou-se. O afastamento da causa pública e dos penosos deveres da Justiça trouxe-lhe relativo bem estar, e isso permittiu ao laborioso patricio voltar aos estudos de gabinete. Aquelle privilegiado

cerebro era incompativel com o repouso. O sol não pára na sua carreira: tem horas de eclipse, mas resurge sempre claro e fulgido.

Foi nesse periodo que o eminente sociologo produziu ou aprimorou algumas de suas obras mais notaveis: *Vers la paix, Le problème mondial, O problema nacional brasileiro, A Organização nacional, As Fontes de vida no Brasil.* Como se vê, cogitações de amoroso patriota orientavam o seu trabalho assiduo e nunca interrompido. Dos principios geraes descia á sua applicação ao Brasil. Ancioso pela grandeza da Patria, depois de estudar maduramente a nossa vida social, politica e economica, a nossa terra, a nossa gente e nossos problemas vitaes, formulou um projecto de revisão constitucional, com que ideava cimentar o alicerce da Republica e abrir á Nação o horizonte largo da paz, da ordem, do progresso e da prosperidade. Nobre campanha nacionalista, essa, a que Alberto Torres dedicou os ultimos annos da vida preciosa e os grandes recursos de seu talento.

A 16 de Agosto de 1911, na qualidade de socio honorario, veiu sentar-se no meio de nós, que tivemos então a fortuna de ouvir uma das mais bellas orações inauguraes proferidas no seio do Instituto Historico. O nobre conde de Affonso Celso, que então como orador da nossa Companhia realçava estas festas solennes com o raro brilho de sua palavra, qualificou justamente de monumental aquelle discurso. De facto, alli Alberto Torres, dissertando sôbre as excellencias da paz e accompanhando a largos traços a historia da Humanidade, condensou com mão de mestre os elevados conceitos, que já haviam feito do seu livro *Vers la paix* um attestado eloquente de eximio talento e de inexcedivel bondade.

O grande sonho do profundo idealista realizar-se-ha, porém, um dia? Virá o — *principe que ha de derribar a arvore da discordia?* — *As nações virão a fazer charruas de seus gladios, e alviões de suas lanças*, na phrase do genial e prophetico Isaias? — *A paz universal será conquista do nosso tempo*, como então affirmou o preclaro Alberto Torres?

Permitti-me a dúvida, senhores; consenti que a esse anhelo generoso do idealista eu anteponha o asserto de José de Maistre: «a Historia prova desgraçadamente que a guerra é o estado habitual do genero humano».

Para responder áquella affirmação, aliás nobilissima e filha de um primoroso coração de philosopho, bastar-me-hia, talvez, apontar para o quadro lastimoso dessa pugna sanguinolenta e feroz, que se desenrola ha mais de tres annos na civilizada Europa — eclipse total da civilização, desastre inominavel que abala o mundo inteiro.

Mas o que no meio de tanta ruina e de tão luctuosas calamidades fica de pé é a aspiração christã do idealista, cujos vôos de aguia pudemos admirar, e cuja palavra de piedosa propaganda fica sendo attestado da nobreza de um dos mais illustres Brasileiros do nosso tempo.

— O dr. Alfredo Augusto Rocha, nascido a 8 de Dezembro de 1854 e tambem graduado em sciencias juridicas e sociaes, entrou para o nosso gremio a 29 de Agosto de 1908 e não chegou a batalhar nove annos nas nossas fileiras, pois foi colhido pela morte a 13 de Abril deste anno.

Desempenhou-se por largo tempo de funcções públicas com grande honradez e prestando desvelada attenção aos serviços a seu cargo. Chefe de secção e depois director da Secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas de 1886 a 1890, teve occasião de auxiliar valiosamente os ministros desse periodo e particularmente o eximio conselheiro Antonio da Silva Prado, do qual mereceu encomios, que não são vulgares. A 15 de Janeiro de 1890 foi exonerado do cargo de director da referida Secretaria, graças talvez á intransigencia pouco louvavel da politica republicana naquella phase inicial, em que as paixões ferviam tumultuariamente e mais de um sacrificio injusto se consummou. Felizmente o correr do tempo e a ponderação arrefeceram essas paixões, permittindo que voltassem ao serviço patriotico da Nação, homens de valor, Brasileiros conspicuos, que se haviam recolhido á penumbra da vida particular.

Em 1904, o dr. Alfredo Rocha foi chamado á direcção da Imprensa Nacional; mais tarde, em 1910, á Directoria do Patrimonio Nacional, e em 1915 á Directoria de Estatistica Commercial.

Nesse interim, tendo feito por incumbencia do Governo estudos especiaes sôbre a reorganização das Caixas Economicas da União, escreveu um notavel relatorio, que foi o seu titulo de admissão em nossa Companhia; e, quando aqui tomou posse na sessão de 5 de Outubro de 1908, proferiu a esse proposito estas palavras, que ouso repetir em honra de sua memoria:

«As instituições de previdencia constituem para mim um dos traços mais salientes e charateristicos daquelle seculo de prodigiosa actividade, que hão de attrahir a attenção dos futuros historiadores, talvez mesmo mais do que as memoraveis invenções, que renovaram materialmente a face da terra, porque as conquistas que realizaram representam uma das manifestações mais tocantes dos sentimentos de fraternidade, uma das victorias mais brilhantes das idéas christãs em um meio amorpho, no qual diversas classes sociaes se acham completamente desorientadas e combalidas pelas illusões do so-

cialismo e por principios subversivos da ordem e da liberdade.»

De seus trabalhos na vida pública resta-me ainda lembrar que o dr. Alfredo Rocha, primeiro como substituto e depois como cathedratico, professou Direito civil na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes de 1915 a 1917.

Esteve, portanto, no trabalho, na lucta, no serviço da Patria até á hora derradeira. Dos assiduos trabalhadores, que não perdem alento deante das agruras da sorte; dos luctadores que não desanimam em meio da carreira; dos patriotas, que só abandonam o posto de combate quando chega aquella hora suprema decretada pelo céo — hora suprema a que não ha fugir —, desses é justo que a Historia archive respeitosamente o nome, tributando-lhes como homenagem palavras de sympathia e saudade, como estas, que em nome do Instituto Historico lhe consagro.

— Dous distinctos Paulistas, prezadissimos e respeitados ambos no seu torrão natal, foram os drs. Alfredo de Toledo e Augusto de Siqueira Cardoso, que com pequeno intervallo vieram abrilhantar o nosso gremio como socios correspondentes, e que tambem com pequeno intervallo foram colhidos ha pouco pela morte.

O dr. Alfredo de Toledo alistou-se nas nossas fileiras a 6 de Dezembro de 1901, vindo a fallecer a 1 de Maio de 1917; o dr. Augusto Cardoso, nosso collega desde 25 de Junho de 1903, apartou-se dos vivos a 11 de Junho deste anno.

O primeiro, nascido em Bragança, a 7 de Abril de 1869, graduou-se na Faculdade do Recife e veiu exercer em São Paulo a profissão de advogado. O cumprimento, porém, de taes deveres, não o impedia de cultivar os estudos historicos, muito de sua paixão: dir-se-hia até que em similhante ordem de trabalhos encontrava a indispensavel diversão de espirito para melhor affrontar as lides do fôro. Esta paixão levou-o a cooperar efficazmente para a fundação do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, a collaborar nos congressos historicos e na excellente *Revista* do mesmo Instituto. Da referida Associação foi vice-presidente por alguns annos.

O segundo, filho do dr. Virgilio de Siqueira Cardoso e de d. Carlota Joaquina Malta, nasceu em Jacarehi a 30 de Janeiro de 1858; bacharelou-se em Direito aos 23 annos de edade, e abraçou a carreira da Magistratura, em que distinctamente serviu por espaço de quatro annos, como promotor publico e curador geral de orphãos em Descalvado, Pirassununga, Jahú e Dous Corregos. Em 1885, deixando aquellas funcções, veiu advogar em S. Paulo e alli teve occasião de prestar bons serviços como membro da Camara Municipal, alto funccio-

nario da Companhia Mogiana, e depois da Commissão de Obras Novas do Saneamento de S. Paulo.

Tambem o dr. Siqueira Cardoso, como o seu illustre comprovinciano, sabia repartir o tempo entre as obrigações prementes da vida práctica e o culto desta Deusa, a que todos pagamos aqui amoroso tributo.

Paulista de nascimento e de coração, a S. Paulo dedicou todos os seus lazeres e toda a grande actividade de seu espirito. Foi do número dos fundadores desse benemerito e laborioso Instituto Historico de S. aulo e escreveu apreciadas memorias sôbre pontos de Genealogia paulistana, que muito contribuiram para augmentar e aperfeiçoar a obra notavel de Pedro Taques.

Apontamentos genealogicos sôbre os ascendentes e descendentes de Pedro Taques, Apontamentos genealogicos sôbre os Malta Cardoso, Pedro Taques — estudo genealogico, eis os titulos dos principaes trabalhos do distincto investigador. E ahi não se deteve. Organizou uma valiosa concordancia das obras de Taques e Silva Leme, com que pretende o nosso Instituto enriquecer a nova edição da *Nobiliarchia Paulistana,* esse precioso repositorio de informações historicas, publicado nos tomos XXXII a XXXV da nossa *Revista.*

— Outro indefesso e illustre batalhador, que passou aos dominios da Historia foi o dr. Emilio Göldi, sabio suisso, que os nossos fastos relembrarão sempre ao lado de tantos extrangeiros illustres, a quem o Brasil muito deve.

Natural de Sennwald (cantão de St. Gall), onde viu a luz do dia a 28 de Agosto de 1859, veiu para o nosso paiz em 1884 e teve occasião de prestar relevantes serviços ao Pará, organizando e dirigindo por espaço de annos o Museu de Historia Natural de Belém, publicando trabalhos valiosos sôbre as epizootias da ilha de Marajó, sôbre molestias do cafeeiro e outros assumptos, uns de ordem méramente scientifica, outros de real utilidade práctica.

Os prestimos dêsse illustre scientista reverteram ainda em beneficio do nosso paiz pela collaboração que prestou ao immortal Rio Branco a proposito da questão de limites com a Guiana Franceza, em que o nosso saudosissimo e glorioso presidente colheu os louros de uma grande victoria diplomatica, companheira de outras que o sagraram insigne e inolvidavel patriota.

O dr. Emilio Göldi volvera, havia annos já, ao seio da patria, e na Universidade de Berna regia uma cadeira, em que de certo confirmava a alta reputação aqui adquirida á custa de notavel talento e intenso amor ao trabalho. Alli falleceu a 10 de Julho proximo passado, deixando uma estimada memoria, a que não deixou de prestar homenagem muito mere-

cida o honrado governador do Pará, sr. dr. Lauro Sodré, em memoravel documento.

— Tambem dous soldados da Cruz, distinctissimos companheiros nossos, dous ministros da sancta religião de Christo, tiveram de pagar este anno o inevitavel tributo á lei da morte. Tiveram ambos dilatada peregrinação na Terra; ambos se fizeram amados e venerados, mereceram ambos certamente o alto premio, com que a Justiça Divina corôa dedicações e virtudes.

O padre Rafael Maria Galanti nasceu em Ascoli a 15 de Novembro de 1840. Italiano de origem, foi todavia um Brasileiro pelo coração. Na edade de 20 annos vestiu a roupeta da Companhia de Jesus, — esta brava cohorte de semeadores do Bem, que deixou na nossa Historia traços immorredouros de sua passagem com os nomes respeitabilissimos de Nobrega, Anchieta, Pinto, Figueira, Antonio Vieira e tantos outros heróes, que a gratidão dos Brasileiros não exquece.

Depois de iniciar trabalhos em Sancta Catharina, para onde o mandaram seus superiores, volveu a Roma para completar altos estudos theologicos; passou em seguida por Inglaterra e Belgica, e, como Deus lhe assignalara esta nossa Terra de Sancta Cruz para campo definitivo de seus triumphos, a estas plagas tornou em fins de 1874.

Chegado ao Brasil pela segunda vez trabalhou em missões em S. Paulo, no Amazonas e no Rio de Janeiro. No Pará teve por encargo o professorado no Seminario de Belém, e alli foi egualmente companheiro do eminente d. Antonio de Macedo Costa nas visitas pastoraes desse grande Brasileiro — uma das glorias do Episcopado nacional.

Do rude e meritorio trabalho das missões passou-se o erudito padre Galanti para a não menos meritoria funcção do magisterio, em que consumiu o resto da vida: foi mestre no Collegio de S. Luiz em Itú, e acabou mestre no Collegio Anchieta, em Friburgo. Começara o apostolado doutrinando o rude seivagem; veiu a conclui-lo doutrinando a intelligente e esperançosa mocidade brasileira, preparando-a para a conquista do futuro e para o serviço da Patria, que elle tambem adoptara por sua, que elle amava como sua e á sombra de cuja bandeira tinha de exhalar o ultimo suspiro.

As viagens que fizera pelo nosso vastissimo territorio, a longa permanencia que lhe foi dado ter no nosso meio social, accenderam-lhe o amor pelo Brasil. Deste sentimento nasceram os excellentes livros que compoz, desde a *Breve Historia do Brasil* destinada á primeira infancia dos cursos preliminares, até o *Compendio de Historia do Brasil*, em quatro volumes alentados, que formam a sua obra capital.

Não satisfeito com este tributo de amor, legou-nos ainda a *Historia da Republica* e *Biographias de Brasileiros illustres*. Em todos estes livros, que o auctor dedicou á instrucção da nossa juventude, brilha a par de critica muito sã um meticuloso cuidado na consulta das melhores fontes; elles constituem precioso legado, que força a gratidão dos Brasileiros e a dos seus confrades deste Instituto, no qual foi recebido a 22 de Novembro de 1896.

O benemerito padre Galanti a 2 de Agosto proximo passado, e já septuagenario, despediu-se da vida, de seus caros companheiros e de seus amados discipulos, que se contam por milhares talvez. Na lembrança e no coração de todos elles perdurará o seu nome, cercado do mesmo affecto e da mesma veneração que tributamos aos melhores mestres e aos mais devotados amigos e servidores do Brasil.

—D. Joaquim José Vieira, virtuoso e colendissimo prelado brasileiro, foi nosso consocio honorario desde 6 de Maio de 1907, e a 8 de Julho deste anno transpoz os porticos da Eternidade, depois de uma vida trabalhosa, apostolica e por todos os titulos merecedora dos mais altos elogios.

Paulista e natural de Itapetininga, onde nasceu a 17 de Janeiro de 1836, estudou preparatorios no Seminario de São Paulo e alli mesmo proseguiu e completou estudos theologicos; ordenou-se a 25 de Março de 1860. De coadjutor e de vigario de outras freguezias da diocese passou a parochiar na cidade de Campinas, onde começaram a se evidenciar todos os preciosos dotes de coração e de espirito do verdadeiro cura d'almas.

O padre Vieira, o Vigarinho, como o chamavam com affecto os seus filhos espirituaes, não tardou a ser alvo da mais respeitosa estima. Seus grandes serviços feitos á bella matriz de Campinas e á Sancta Casa de Misericordia fundada em 1876 — monumentos ambos que se devem em grande parte ao zêlo, á piedade christã e á palavra convincente do parocho, foram recommendando seu nome ao Governo Imperial, que bem se sabe quanto primava na escolha dos bispos, guardas vigilantes da Fé.

Tinha já elle as honras de conego, quando foi apresentado seu nome, por decreto de 3 de Fevereiro de 1883, para occupar o solio episcopal do Ceará. O papa Leão XIII confirmou esta feliz escolha. Sagrado d. Joaquim a 9 de Dezembro de 1883, não foi sem grande saudade que deixou a terra que lhe foi berço e que estremecidamente amava. Cumpria entretanto obedecer ao chamado do chefe supremo da Igreja: bom soldado acudiu sem hesitar ao grande campo da batalha e partiu,

fazendo entrada solenne na sua diocese a 24 de Fevereiro de 1884.

A obra pastoral de d. Joaquim Vieira foi no Ceará das mais insignes e benemeritas. Diocese vasta e pobre, assolada periodicamente pelo flagelo das sêccas, pelo supplicio da fome e pelos horrores do exodo, pedia todos os carinhos de um coração paternal, e todos estes carinhos ella teve do bispo, que a Providencia lhe dera como balsamo para tão lastimosas contingencias. Foi sancta obra de amor a obra do virtuoso e exclarecido prelado. Constituiu-se alli d. Joaquim Vieira o verdadeiro anjo da Misericordia, o grande consolador de tamanhos infortunios.

Em outra ordem de trabalhos não foi menor a solicitude do eximio bispo do Ceará. Bem certo de que ao mais valoroso chefe não basta a sua galhardia para vencer batalhas, cuidou, com afinco, da educação da mocidade e da aprimorada formação de seu clero. A organização de um excellente Collegio Diocesano e de um excellente Seminario mereceu-lhe especiaes cuidados e foi um de seus notaveis serviços á diocese cearense e á Igreja brasileira. Fundou o Externato de São Vicente de Paulo, a Eschola Jesus, Maria, José, o Collegio de Sancto Antonio de Canindé e outras casas de educação.

Bem avisado commandante, nunca se forrou tambem ao labor das visitas pastoraes, e ninguem ignora quanto ellas são penosas em região extensa e mal servida de estradas. E o preclaro bispo percorreu a diocese repetidas vezes, acudindo como pastor amoroso á necessidade espiritual de suas ovelhas.

Já nos dias da cansada velhice teve por bispos auxiliares d. Manuel de Oliveira Lopes, que foi nomeado bispo de Alagoas em 1911, e depois d. Manuel da Silva Gomes, que lhe veiu a succeder.

Tantas fadigas roubaram-lhe finalmente as fôrças. Para o proprio bem das almas cumpria que ao digno prelado se não recusasse o indispensavel repouso. A Sancta Sé concedeu-lh'o em 1912, elevando-o, todavia, como premio, á dignidade de arcebispo titular de Cirro, a qual lhe foi conferida em consistorio de 2 de Dezembro.

Alliviado do onus do bispado, que faria de melhor para seu coração o velho septuagenario pastor? Justamente saudoso das auras do berço, volveu em 1913 á — Princeza do Oéste — e foi buscar o confôrto dos ultimos dias em um modesto aposento da Sancta Casa da Misericordia de Campinas, — aquella mesma que o seu zêlo erguera para consôlo e abrigo dos enfermos pobres.

Chegou d. Joaquim Vieira ao seu retiro. Quem pensaes que o foi receber entre effusões de sancta alegria?

Havia mais de 30 annos, talvez, o venerando ancião de agora, então vigario de Campinas, tivera por acolyto um intelligente e bom menino, digno da maior estima. Esse menino, pobre, protegido depois por almas generosas, quiz seguir a carreira do sacerdocio e foi estudar no Seminario, a expensas do padre Joaquim Vieira, que nelle descobrira altissimos dotes de espirito e legitima vocação ecclesiastica. O seminarista correspondeu amplamente á espectativa; concluiu estudos brilhantes, ordenou-se; annos depois era tambem um principe da Egreja e na qualidade de arcebispo de Campinas recebia agora em seus braços affectuosos o antigo, o benemerito, o querido protector que o amparára e o dirigira com o exemplo nos asperos caminhos da Cruz.

Era, senhores, d. João Baptista Corrêa Nery, — esse que é ainda hoje pura gloria da Igreja, um dos luzeiros do episcopado, e a quem temos tambem a fortuna de contar entre os mais brilhante nomes da nossa Companhia.

Imaginae a scena desse encontro, as lagrimas de alegria do velho bispo, casando-se com as do seu dilecto filho espiritual; ambos astros de primeira grandeza, um no occaso, outro no zenith, mas ambos ungidos do Senhor, ambos Brasileiros eminentes e gloriosos servidores de Deus e da Patria.

Não me pergunteis agora pelos titulos de d. Joaquim Vieira á gratidão do Instituto Historico, que por meus labios lhe rende hoje esta homenagem. Não escreveu livros, não compoz memorias; mas, si os não escreveu, foi elle proprio, foi toda a sua longa vida um livro aberto, em que muitas gerações beberam luz, foi um compendio de heroïsmo e de doutrina em que milhares de Brasileiros aprenderam a amar e a bem servir a Patria. Isso basta á sua gloria e á gloria do Instituto.

— Teria eu aqui concluido, senhores, a minha tarefa, si a gratidão desta Casa não me impuzesse o cumprimento de alto dever, alliando a esta cohorte de illustres collegas colhidos pela morte o nome de um patricio, a quem todos admirámos e amámos. Não se inscrevêra jámais entre os membros do Instituto Historico; mas, si o não fez, foi por invencivel escrupulo; era de facto um esteio e uma gloria nossa, era um infatigavel e diligentissimo collaborador em todos os nossos trabalhos, o companheiro arguto de todas as pesquizas, o amavel e esclarecido guia de quantos cultivam este campo de estudos. Perdoae-me si, transgredindo as regras, eu juncto á pleiade brilhante dos cidadãos de que vos fallei, o nome jámais exquecido, para sempre memoravel, do dr. José Vieira Fazenda, o bibliothecario emerito do Instituto, que em dias deste anno cerrou os olhos á luz do dia, deixando toda a vida um rastro de

luz immorredoura no exercicio de seu cargo. (*Palmas.*) A dedicação e o amor com que serviu por muitos annos á nossa causa, a serie copiosa de excellentes trabalhos que legou sôbre cousas de nossa terra, e particularmente deste torrão, que lhe foi berço — a cidade do Rio de Janeiro, são titulos que justificam esta excepção. Perdoae, illustres collegas, permittindo que eu glorifique convosco o nome do saudoso Brasileiro, que não foi socio effectivo, benemerito ou honorario do Instituto, mas que se associou de coração á nossa vida, effectivamente, com a mais alta benemerencia, e fazendo a maior honra ao seu muito amado Instituto.

— Agora sim, senhores, poderei dar por finda este anno a minha missão.

Nesta casa de estudos, de paz e de patriotismo, aqui ficamos para continuar a obra dos nossos bons companheiros desapparecidos do scenario do mundo. Continuemos a sua ardorosa faina, e sempre com os olhos no futuro da Patria estremecida.

Lá fóra, bem longe, ruge ainda a tempestade que sacode os destinos da Europa e repercute dolorosamente em todas as paragens do globo; o cyclone desencadeado em 1914 nas fronteiras da immortal e gloriosa Belgica pelo genio do mal alastrou, semeando desastres e crimes sem conta, sem qualificação e sem medida. A civilização padece ainda os effeitos de um pavoroso eclipse. As hostes aguerridas do inimigo resistem por enquanto ao nobre exfôrço conjugado das nações paladinas do Direito e da Justiça. O braço de Deus caïrá, mas ainda não caïu, sôbre os auctores dessa tragedia unica na Historia, e que na Historia ficará para ensinamento das gerações futuras, dizendo-lhes que os tractados não são farrapos de papel — que as nações fracas têm uma soberania tão respeitavel como as grandes potencias militarizadas, — que não é com a argucia traiçoeira dos submarinos, nem com os tiros prodigiosos dos 420, nem com os avisos barbaros e ignominiosos dos Luxburg que um povo se recommenda á estima dos posteros ou se mostra digno de sua apregoada cultura.

A legitima, a verdadeira cultura não é a que incendeia universidades e cathedraes, não é a que viola virgens indefesas, nem a que mutila velhos e sacerdotes venerandos, não é a que destróe navios de commercio «*sem deixar vestigios*». E' a que respeita os principios basicos do Direito, as leis primordiaes da Honra e da Humanidade, — essas que á custa de muito labor, de muito sangue e de enormes sacrificios o homem civilizado logrou transplantar da lei suprema do Evangelho para os seus codigos luminosos.

A legitima, a verdadeira cultura é o Nume, a que rendem preito os professores e scientistas que illustram as gerações,

cimentando por esta fórma a ordem e o progresso da Patria, — os sabios que devassam os segredos da Natureza para melhorar a condição humana, — os apostolos do Bem que vão levar a regiões inhospitas e a populações rudes a luz sacrosancta do Evangelho, os beneficios da Educação e da Moral, — os historiadores que mergulham no oceano do passado para colher a perola da Verdade e a licção augusta que, á feição de pharol, ha de illuminar o presente e o futuro, — os geographos e naturalistas que exploram o desconhecido para dilatar o campo da nossa actividade e abrir horizontes novos á riqueza. Em uma palavra, a legitima e adoravel cultura é esta campanha gloriosa e pacifica, na qual, deixando modelos de honestidade e patriotismo, se cobriram de louros e se finaram os illustres companheiros, cuja memoria procurei honrar, com singelas phrases de admiração e saudade.

Sejam ainda estes companheiros outros tantos luzeiros a guiar-nos na rota que vamos seguindo, animados sempre de esperança e de fé, impavidos sempre no cumprimento do dever.

Sejamos, como elles, enthusiastas do Bem, da Ordem, da Paz, do Trabalho, da Justiça, e do Direito: — do Bem que compensa e minora as agruras da vida humana; — da Ordem que regula o exercicio das funcções politicas e administrativas da Nação; — da Paz que é a arvore bendicta, a cuja sombra se desenvolve a prosperidade social; — do Trabalho que é o alicerce da grandeza e da felicidade; — da Justiça que é a estrella polar dos povos civilizados; — do Direito, finalmente, que é a base indestructivel das mais solidas construcções moraes.

Sejamos, enfim, senhores, como elles e sempre, crentes ardorosos no futuro deste grande e amado Brasil. Crendo e trabalhando conquistaremos o laurel da Victoria!»

(*Muitos applausos*).

O Sr. Fleiuss (*secretario perpetuo do Instituto*), justifica a ausencia dos consocios srs. drs. Antonio Carlos, José Bonifacio, Salvador Pires, marechal Bernardino Bormann, almirante Gomes Pereira, major dr. Liberato Bittencourt e dr. Eurico de Góes. Lê tambem telegrammas dos srs. coronel Candido Rondon, dr. Jonathas Serrano, professor Baptista da Costa, Xavier de Almeida, 1° secretario da Associação dos Empregados do Commercio, e Alberto de Oliveira, consul de Portugal; drs. Eugenio Egas, Brasilio Machado e Gentil de Moura, por parte do Instituto Historico de S. Paulo; do Centro Carioca.

Lê tambem a seguinte carta do consocio dr. Affonso d'Escragnolle Taunay.

S. Paulo, 20 de Outubro de 1917 — Exmo. sr. conde de Affonso Celso, dmo. presidente do Instituto Historico e Geo-

graphico Brasileiro. — Acabo de receber o telegramma por v. ex. assignado e pelos exmos. srs. drs. barão Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Roquette Pinto, Tavares de Lyra, Laudelino Freire, Antonio Olyntho, Agenor de Roure, Basilio de Magalhães, Juliano Moreira e Souto Maior, em que se me communica a honra extraordinaria, que do Instituto acabo de merecer, com o se conferir á minha monographia, *A Missão Artistica de 1816*, o premio d. Pedro II.

Cheio da mais legitima ufania ante a consagração do meu modesto estudo pelo orgão de tão illustres auctoridades em materia de Historia brasileira — não posso contudo deixar de enxergar nesse gesto de v. ex. e de seus consignatarios da missiva telegraphica, a expressão de uma sympathia e, sôbretudo, de uma generosidade que, si immenso me penhoram e desvanecem, egualmente traduzem a benevolencia com que pretenderam galardoar os exforços conscienciosos, embora despidos de relevo, de que se originaram as páginas de minha monographia.

Dóe-me sôbremaneira não poder attender ao instante pedido que v. ex. e nossos demais consocios me fazem em relação ao meu comparecimento amanhã á nossa grande festa annua. A melindrosa situação de saude de pessôa de minha familia faz que não me seja dado ausentar-me de S. Paulo neste momento.

Assim, pois, venho pedir a v. ex. queira servir de interprete do meu reconhecimento ao Instituto, de quanto, desvanecido e encorajado, envidarei todos os exforços para melhor servi-lo, de ora em deante, grato a tanta generosidade e benevolencia.

A v. ex., apresentando a expressão da minha mais alta consideração, tenho a honra de assignar-me — De v. ex. muito affectuoso admirador e patricio obrigado, *Affonso d'Escragnolle Taunay.*

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente perpetuo*) diz que o Instituto vai agora effectuar uma solennidade, que ha mais de 70 annos não se effectuava. Vai distribuir, conforme seus estatutos, premios constantes de medalhas de ouro e prata, denominadas Pedro II e conselheiro Olegario, a memorias e monographias sôbre assumptos com os quaes se occupa, memorias e monographias unanimemente julgadas dignas de tão alta distincção.

A primeira e ultima vez em que a ceremonia se realizou foi a 9 de Septembro de 1847 e os laureados de então foram Machado de Oliveira, Carlos von Martius, Conrado Niemeyer, Domingos José Gonçalves de Magalhães e Francisco Adolfo de Varnhagen.

Os premiados de hoje são tambem Brasileiros egregios, quaes Pedro Lessa, Clovis Bevilaqua, Capistrano de Abreu, Affonso d'Escragnolle Taunay, Basilio de Magalhães e Roquette Pinto, sendo que os srs. Pedro Lessa e Capistrano de Abreu, seguindo o precedente estabelecido por Varnhagen, gentilmente brindaram o Instituto com as medalhas a que tinham direito para serem outorgadas ulteriormente a outros premiados.

Ha 14 lustros, as medalhas foram distribuidas pelo chefe da Nação, s. m. o sr. d. Pedro II, protector perpetuo do Instituto.

Hoje vão ser egualmente entregues pelo chefe do Estado, s. ex. o sr. presidente da Republica, presidente honorario do Instituto, a quem este agradece o assentimento dado ao convite nesse sentido.

O Instituto prova, mais uma vez, quanto preza e observa as suas tão velhas quão honrosas tradições.

Conclue o sr. conde de Affonso Celso, entre calorosos applausos, convidando os premiados a receberem das mãos do primeiro magistrado nacional o symbolo do seu merecido triumpho.

(A assistencia levanta-se e applaude, os premiados approximam-se do sr. presidente da Republica e a banda do Corpo de Bombeiros executa o *Hymno ás Artes,* de Francisco Manuel.)

O Sr. Dr. Wenceslau Braz, presidente da Republica, ao entregar os premios aos srs. Basilio de Magalhães, Roquette Pinto e Clovis Bevilaqua, felicita-os vivamente.

Levanta-se depois a sessão.

Roquette Pinto,

2º Secretario.

Prestou continencias ao sr. presidente da Republica uma companhia de guerra do batalhão naval.

Entre o avultado numero de pessoas que compareceram, notavam-se as seguintes:

Dr. Gastão Frederico Huzer, dr. Francisco Jardim, Silva Couto, dr. Neves Armond, dr. Oliveira Santos, tenente-coronel C. A. Bueno Ormerod, commandante do Corpo de Bombeiros, 1º tenente C. Taylor pelo sr. ministro da Marinha, dr. Marcos Baptista dos Santos, dr. Manuel Dias de Aquino e Castro, viuva almirante Calheiros da Graça, dr. Theotonio de Britto, dr. A. B. L. Castello Branco, sra. Roquette Pinto, dr. Henrique Ba-

ptista e senhora, João Guedes de Mello, presidente da Associação de Imprensa, padre Arthur Cesar da Rocha, dr. M. Clementino do Monte, dr. João Cabral, dr. Olegario Herculano da Silveira Pinto, engenheiro Raja Gabaglia, dr. Fernando Gabaglia, dr. Francisco Venancio Filho, Edgard Mendonça, Sussekind de Mendonça, J. Lacerda, dr. Affonso Celso Parreiras Horta, Cesar de Mesquita Serva, Hildebrando Newton de Barcellos, general Olympio Agobar de Oliveira representado por seu ajudante de ordens, Attila Neves pelo *O Paiz*, dr. Nogueira Passos, Eurico Brasil redactor d'*A Epoca*, dr. Olympio da Fonseca e dr. Pimenta e senhora.

ASSEMBLÉA GERAL ORDINARIA, EM 15 DE DEZEMBRO DE 1917

Presidencia do sr. conde Affonso Celso (presidente perpetuo)

A's 15 horas, no edificio social, abre-se a sessão de assembléa geral, com a presença dos seguintes socios:

Conde de Affonso Celso, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, drs. Rodrigo Octavio de Langgard Meneses, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, M. Fleiuss, Antonio Olyntho dos Santos Pires, marechal José Bernardino Bormann, almirantes Antonio Coutinho Gomes Pereira e José Guillobel, commendador Tobias Lauriano Figueira de Mello, desembargador Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, conde de Leopoldina, drs. Pedro Souto Maiór, Homero Baptista, Basilio de Magalhães, Laudelino Freire, Juliano Moreira, Ernesto da Cunha de Araujo Viana, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Agenor de Roure e commandante Raul Tavares.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*presidente perpetuo*) diz que a presente sessão de assembléa geral é realizada em cumprimento do disposto nos arts. 27 e 28 e § 2º do art. 61 dos Estatutos, para o fim de serem eleitos os membros da Directoria que não occupam perpetuamente os cargos, e os das Commissões Permanentes, para o biennio de 1918-1919.

Antes, porém, de mandar proceder á eleição, entende de seu dever communicar ao Instituto o telegramma que ao exmo. sr. dr. Wenceslau Braz, presidente da Republica, dirigiu a Directoria do Instituto, em 4 de Novembro passado: — «O Instituto Historico e Geographico Brasileiro tem a honra de renovar a v. ex. as declarações feitas nas sessões de 30 de Abril e 21 de Outubro do corrente anno, relativamente á completa solidariedade do mesmo Instituto com os poderes

publicos em tudo quanto se referir á desaffronta da dignidade nacional.—*Conde de Affonso Celso.*—Dr. *Ramiz Galvão.*—*Fleiuss.*—*Roquette Pinto.*—*Arthur Guimarães*».

A assembléa geral approva unanimemente o referido telegramma.

Em seguida o SR. CONDE DE AFFONSO CELSO manda proceder á eleição e nomeia escrutinadores os srs. drs. Laudelino Freire e Agenor de Roure.

Recolhidas vinte e uma cedulas, é apurado o seguinte resultado:

Primeiro vice-presidente, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva (reeleito);

Segundo vice-presidente, barão Homem de Mello (reeleito);

Terceiro vice-presidente, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga (reeleito);

Segundo secretario, dr. Edgard Roquette Pinto (reeleito);

Thesoureiro, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães (reeleito).

Commissões Permanentes:

Fundos e orçamento: drs. Clovis Bevilaqua, Rodrigo Octavio, Homero Baptista, Miguel Calmon e Agenor de Roure:

Historia: drs. Clovis Bevilaqua, Pedro Lessa, Viveiros de Castro, Escragnolle Doria e Laudelino Freire;

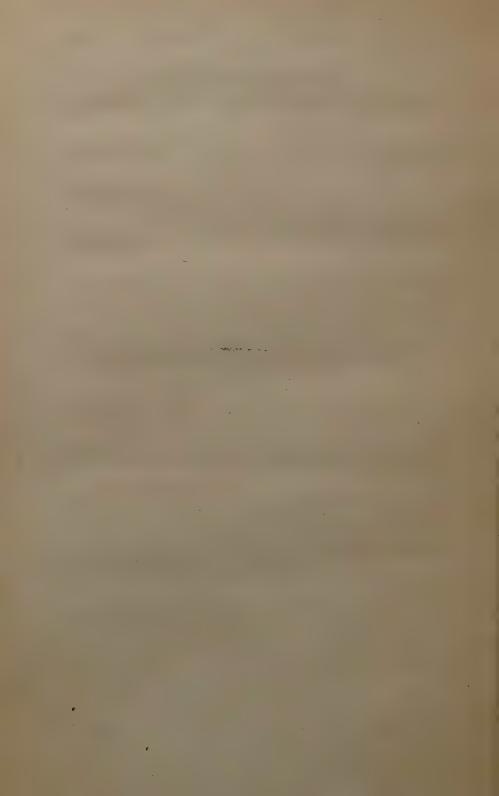
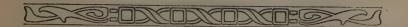
Geographia: barão Homem de Mello, general dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, drs. José Americo dos Santos e Gastão Ruch;

Archeologia e Ethnographia: desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, dr. Augusto Tavares de Lyra, drs. Edgard Roquette Pinto, Basilio de Magalhães e Juliano Moreira;

Estatutos: drs. M. Fleiuss, Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Felix Pacheco, Alfredo Valladão e Araujo Viana;

Admissão de socios: drs. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Manuel Cicero Peregrino da Silva, barão de Alencar, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho e Antonio Olyntho dos Santos Pires.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) proclama os eleitos e em seguida levanta a sessão de assembléa geral.

ANNEXO

CADASTRO DOS SOCIOS

DO

Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 30 de Junho de 1918, organizado de inteira conformidade com os actuaes Estatutos (*)

PRESIDENTES HONORARIOS

ORDEM, NOME, DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO, RESIDENCIA

1. Conde d'Eu, 16 de Septembro de 1864. Eu (Seine Inférieure — França).
2. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, 30 de Agosto de 1896. Rio de Janeiro.
3. Dr. Nilo Peçanha, 27 de Novembro de 1909. Rio de Janeiro.
4. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, 24 de Novembro de 1911. Europa.
5. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, 15 de Dezembro de 1915. Rio de Janeiro.

SOCIOS GRANDES BENEMERITOS (5)

1. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, 16 de Agosto de 1872. Rio de Janeiro.
2. Barão de Alencar, 13 de Septembro de 1889. Rio de Janeiro.
3. Dr. Conde de Affonso Celso, 2 de Dezembro de 1892. Rio de Janeiro.
4. Vago.
5. Vago.

O signal (*) indica que o socio é extrangeiro.
O signal × indica que o socio não tomou posse.

SOCIOS BENEMERITOS (20)

1. Barão de Teffé, 27 de Outubro de 1882. Europa.
2. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, 7 de Dezembro de 1883. S. Paulo.
3. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, 19 de Outubro de 1887. Rio de Janeiro.
4. Professor João Capistrano de Abreu, 19 de Outubro de 1887. Rio de Janeiro.
5. Almirante Arthur Indio do Brasil, 31 de Agosto de 1888. Rio de Janeiro.
6. Dr. Alfredo do Nascimento e Silva, 12 de Dezembro de 1890. Rio de Janeiro.
7. Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, 12 de Dezembro de 1890. Rio de Janeiro.
8. Dr. Barão de Studart, 20 de Maio de 1892. Fortaleza (Ceará).
9. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, 4 de Maio de 1894. Rio de Janeiro.
10. Dr. Manuel de Oliveira Lima, 11 de Agosto de 1895. Recife (Pernambuco).
11. Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, 31 de Outubro de 1897. Rio de Janeiro.
12. Dr. Amaro Cavalcanti, 6 de Dezembro de 1897. Rio de Janeiro.
13. Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, 12 de Dezembro de 1899. Rio de Janeiro.
14. Desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, 3 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro.
15. Max Fleiuss, 3 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro.
16. Dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes, 26 de Outubro de 1900. Rio de Janeiro.
17. Dr. Epitacio da Silva Pessoa, 29 de Março de 1901. Rio de Janeiro.
18. Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, 23 de Agosto de 1901. Rio de Janeiro.
19. Dr. Sabino Barroso Junior, 2 de Maio de 1902. Rio de Janeiro.
20. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, 24 de Outubro de 1912. S. Paulo.
21. Dr. Theodoro Sampaio, 24 de Outubro de 1902. Cidade do Salvador (Bahia).
22. Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, 9 de Dezembro de 1904. Rio de Janeiro.
23. Dr. José Joaquim Seabra, 28 de Abril de 1905. Rio de Janeiro.

24. Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, 28 de Abril de 1905. Rio de Janeiro.

25. Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 21 de Julho de 1905. Rio de Janeiro.

26. Dr. Clovis Bevilaqua, 15 de Outubro de 1905. Rio de Janeiro.

27. Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, 20 de Maio de 1907. Rio de Janeiro.

28. Dr. José Carlos Rodrigues, 10 de Junho de 1907. Rio de Janeiro.

29. Dr. Augusto Tavares de Lyra, 16 de Septembro de 1907. Rio de Janeiro.

30. Dr. Homero Baptista, 26 de Agosto de 1911. Rio de Janeiro.

31. Dr. Urbano Santos da Costa Araujo, 31 de Julho de 1915. Rio de Janeiro.

NOTA — Ha, nesta classe, um excesso de 11 socios.

SOCIOS HONORARIOS (20)

1. Dr. D. Estanislao S. Zeballos (*) ×, 7 de Dezembro de 1883. Buenos Aires.

2. D. Enrique Moreno (*), 13 de Septembro de 1888. Buenos Aires.

3. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo, 2 de Agosto de 1889. Vienna.

4. D. Carlos Luiz d'Amour ×, 9 de Dezembro de 1892. Cuiabá (Matto Grosso).

5. Dr. Christiano Frederico Seybold (*) ×, 1 de Junho de 1894. Allemanha.

6. D. Francisco do Rego Maia, 25 de Julho de 1897. Roma.

7. D. Jeronymo Thomé da Silva, 25 de Julho de 1897. Bahia.

8. Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia (*), 15 de Maio de 1898. Portugal.

9. D. Pedro de Orléans e Bragança ×, 22 de Junho de 1900. França.

10. Dr. Eduardo Müller (*) ×, 10 de Dezembro de 1900. Suissa.

11. Alberto dos Santos Dumont, 11 de Septembro de 1903. Paris.

12. D. Luiz de Orleans e Bragança ×, 6 de Novembro de 1903. (França).

13. Barão de Muritiba ×, 12 de Agosto de 1904. Paris.

14. D. João Braga ×, 21 de Julho de 1905. Curitiba (Paraná).

15. Dr. D. Julio Fernandez (*), 4 de Maio de 1912. Buenos Aires.

16. Dr. Lauro Severiano Müller ×, 4 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

17. Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa ×, 4 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

18. Coronel Theodoro Roosevelt (*), 6 de Outubro de 1913. Estados Unidos da America.

19. Edwin V. Morgan (*) × 27 de Agosto de 1917. Rio de Janeiro.

20. Vago.

NOTA — Ha nesta classe uma vaga.

SOCIOS EFFECTIVOS (30)

1. Almirante José Candido Guillobel, 24 de Novembro de 1882. Rio de Janeiro.

2. Dr. Brasilio Augusto Machado de Oliveira, 12 de Septembro de 1890. Rio de Janeiro.

3. Dr. Paulino José Soares de Sousa, 11 de Junho de 1898. Rio de Janeiro.

4. Dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, 17 de Outubro de 1899. Rio de Janeiro.

5. General dr. Innocencio Serzedello Corrêa, 8 de Dezembro de 1899. Rio de Janeiro.

6. Dr. José Americo dos Santos, 12 de Dezembro de 1899. Rio de Janeiro.

7. Professor José Francisco da Rocha Pombo, 3 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro.

8. General dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, 17 de Agosto de 1900. Rio de Janeiro.

9. Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, 26 de Outubro de 1900. Rio de Janeiro.

10. Dr. João Mendes de Almeida Junior, 23 de Agosto de 1901. Rio de Janeiro.

11. Conselheiro Ruy Barbosa ×, 23 de Maio de 1902. Rio de Janeiro.

12. Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, 13 de Junho de 1902. Rio de Janeiro.

13. Dr. Eduardo Marques Peixoto, 23 de Outubro de 1903. Rio de Janeiro.

14. Coronel Jesuino da Silva Mello, 23 de Outubro de 1903. Rio de Janeiro.

15. Conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira, 17 de Junho de 1904. Rio de Janeiro.

16. João Pandiá Calogeras, 18 de Septembro de 1905, Rio de Janeiro.

17. Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, 4 de Dezembro de 1905. Rio de Janeiro.

18. Dr. José Pereira Rego Filho, 25 de Junho de 1906, Rio de Janeiro.

19. Professor Gastão Ruch Sturzenecker, 29 de Julho de 1907. Rio de Janeiro.

20. Paulo Barreto +, 29 de Julho de 1907. Rio de Janeiro.

21. Antonio Jansen do Paço, 30 de Septembro de 1907. Rio de Janeiro.

22. Dr. João Luiz Alves, 30 de Septembro de 1907. Rio de Janeiro.

23. Marechal Emygdio Dantas Barreto, 29 de Agosto de 1908. Rio de Janeiro.

24. Dr. Alexandre José Barbosa Lima, 29 de Agosto de 1908. Rio de Janeiro.

25. Dr. Norival Soares de Freitas, 5 de Outubro de 1908. Rio de Janeiro.

26. Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, 20 de Agosto de 1909. Rio de Janeiro.

27. José Felix Alves Pacheco, 1 de Agosto de 1910. Rio de Janeiro.

28. Vice-almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, 3 de Outubro de 1910. Rio de Janeiro.

29. Dr. Eurico de Góes, 3 de Outubro de 1910. Rio de Janeiro.

30. Dr. Pedro Souto Maior, 15 de Julho de 1911. Rio de Janeiro.

31. Dr. Alipio Gama +, 15 de Julho de 1911, Rio de Janeiro.

32. Dr. Aloysio de Castro +, 15 de Julho de 1911.

33. Capitão de corveta Francisco Radler de Aquino, 26 de Agosto de 1911. Rio de Janeiro.

34. Dr. Carlos Maximiliano Pimenta de Laet +, 16 de Outubro de 1911. Rio de Janeiro.

35. Dr. Luiz Gastão de Escrangnolle Doria, 4 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

36. Dr. Afranio de Mello Franco, 27 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

37. Major dr. Liberato Bittencourt 27 de Maio de 1912. Rio de Janeiro.

38. Dr. Helio Lobo, 6 de Junho de 1912. Rio de Janeiro.

39. Dr. Alberto Rangel, 6 de Junho de 1912. Rio de Janeiro.

40. Desembargador Ataulfo Napoles de Paiva +, 6 de Junho de 1912. Rio de Janeiro.

41. Francisco Agenor de Noronha Santos, 6 de Junho de 1912. Rio de Janeiro.

42. Dr. Alfredo Valladão, 19 de Julho de 1912. Rio de Janeiro.

43. Capitão de corveta Raul Tavares, 23 de Agosto de 1913. Rio de Janeiro.

44. Dr. Edgard Roquette Pinto, 4 de Agosto de 1913. Rio de Janeiro.

45. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, 20 de Abril de 1914. Rio de Janeiro.

46. Dr. João Ribeiro, 12 de Maio de 1914. Rio de Janeiro.

47. Professor Basilio de Magalhães, 27 de Agosto de 1914. Rio de Janeiro.

48. Marechal José Bernardino Bormann, 20 de Abril de 1915. Rio de Janeiro.

49. Dr. Arthur Pinto da Rocha, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

50. Dr. Aurelino de Araujo Leal, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

51. Antonio de Barros Ramalho Ortigão, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

52. Dr. Antonio Fernandes Figueira, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

53. Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello +, 28 de Junho de 1915. Rio de Janeiro.

54. Dr. Juliano Moreira, 12 de Outubro de 1915. Rio de Janeiro.

55. Dr. Ernesto da Cunha de Araujo Viana, 20 de Abril de 1916. Rio de Janeiro.

56. Dr. Erico Marinho da Gama Coelho, 13 de Maio de 1916. Rio de Janeiro.

57. João de Lyra Tavares, 26 de Agosto de 1916. Rio de Janeiro.

58. Dr. João Martins de Carvalho Mourão +, 19 de Outubro de 1916. Rio de Janeiro.

59. Dr. Agenor de Roure, 31 de Maio de 1917, Rio de Janeiro.

60. Dr. Laudelino Freire, 31 de Maio de 1917. Rio de Janeiro.

61. Dr. Henrique Morize +, 10 de Junho de 1918. Rio de Janeiro.

62. Capitão de fragata dr. Thiers Fleming +, 10 de Junho de 1918. Rio de Janeiro.

NOTA — Ha, nesta classe, um excesso de 32 socios.

SOCIOS CORRESPONDENTES (25)

1. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, 9 de Dezembro de 1886. Recife (Pernambuco).
2. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, 31 de Agosto de 1888. Bello Horizonte (Minas).
3. Rodolfo Marcos Theophilo ×, 11 de Junho de 1890. Fortaleza (Ceará).
4. João Baptista Perdigão de Oliveira ×, 19 de Julho de 1891. Fortaleza (Ceará).
5. Dr. Argemiro Antonio da Silveira ×, 3 de Septembro de 1891. S. Paulo.
6. Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, 1 de Junho de 1894. Victoria (Espirito Sancto).
7. João Lucio de Azevedo ×, 31 de Março de 1895. Lisboa (Portugal).
8. Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga, 25 de Agosto de 1895. S. Paulo.
9. Coronel Raimundo Ciriaco Alves da Cunha ×, 20 de Outubro de 1895. Belém (Pará).
10. Dr. Henrique Americo de Santa Rosa ×, 16 de Agosto de 1896. Belém (Pará).
11. André Peixoto de Lacerda Vernek, 13 de dezembro de 1896. Padua (Estado do Rio de Janeiro).
12. D. Joaquim Silverio de Sousa +, 19 de Septembro de 1897. Diamantina (Minas Geraes).
13. Coronel Honorio Lima, 10 de Novembro de 1899. Estado do Rio de Janeiro.
14. Dr. Antonio Zepherino Candido (*), 24 de Novembro de 1899. Lisboa (Portugal).
15. Dr. Ermelino Agostinho de Leão ×, 10 de Dezembro de 1900. Curitiba (Paraná).
16. Dr. D. Manuel B. Otero (*) ×, 24 de Maio de 1901. Montevidéo (Uruguai).
17. Dr. D. Susviela Guarch, 24 de Maio de 1901. Montevidéo (Uruguai).
18. Dr. Antonio Augusto de Lima, 9 de Agosto de 1901. Bello Horizonte (Minas Geraes).
19. Dr. Nelson de Senna, 23 de Agosto de 1901. Bello Horizonte (Minas Geraes).
20. Dr. Sebastião Paraná de Sá Sottomaior ×, 23 de Agosto de 1901. Curitiba (Paraná).

21. Horacio de Carvalho ×, 18 de Outubro de 1901. São Paulo.

22. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, 18 de Outubro de 1901. S. Paulo.

23. D. Carlos Lix Klett (*), 6 de Dezembro de 1901. Buenos Aires.

24. Dr. D. Ernesto Quesada (*) ×, 6 de Dezembro de 1901. Buenos Aires.

25. Dr. José Manuel Cardoso de Oliveira ×, 22 de Maio de 1903. Santiago (Chile).

26. Dr. José Maria Pereira de Lima (*) ×, 11 de Septembro de 1903. Portugal.

27. Victor Ribeiro (*) ×, 11 de Septembro de 1903. Lisboa (Portugal).

28. José Feliciano de Oliveira ×, 19 de Fevereiro de 1904. Paris.

29. Alberto Pimentel (*) ×, 23 de Junho de 1905. Lisboa (Portugal).

30. Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme ×, 21 de Julho de 1905. S. Paulo.

31. Dr. Diogo de Vasconcellos ×, 4 de Dezembro de 1905. Ouro Preto (Minas Geraes).

32. Dr. Bernardino Machado Guimarães (*) ×, 9 de Julho de 1906. Lisboa (Portugal).

33. Dr. D. Daniel Garcia Acevedo (*) ×, 3 de Septembro de 1906. Montevidéo (Uruguai).

34. Dr. Adolfo Augusto Pinto, 20 de Maio de 1907. São Paulo.

35. Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, 29 de Agosto de 1908. S. Francisco do Sul (Sancta Catharina).

36. Fernando A. Georlette ×, 24 de Maio de 1909. Antuerpia (Belgica).

37. Dr. Antonio Ernesto Lassance Cunha ×, 12 de Outubro de 1909. Estado do Rio de Janeiro.

38. Dr. D. Ramón J. Cárcano (*), 1 de Agosto de 1910. Cordoba (Republica Argentina).

39. Dr. Justo Jansen Ferreira ×, 22 de Junho de 1911. S. Luiz (Maranhão).

40. Dr. Braz Hermenegildo do Amaral ×, 22 de Junho de 1911. Cidade do Salvador (Bahia).

41. Dr. Henry R. Lang (*) ×, 22 de Junho de 1911. Cambridge (Estados Unidos da America).

42. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, 15 de Julho de 1911. Barbacena (Minas Geraes).

43. Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, 23 de Septembro de 1911. S. Paulo.

44. Dr. D. José Salgado (*) ×, 10 de Outubro de 1911. Montevidéo (Uruguai).

45. Dr. Washington Luis Pereira de Souza ×, 4 de Maio de 1912. S. Paulo.

46. Dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho ×, 27 de Maio de 1912. Roma (Italia).

47. Dr. Nicoláo José Debbané, 23 de Agosto de 1912. Cairo (Egypto).

48. Dr. John Casper Branner (*), 30 de Maio de 1913. California (Estados Unidos da America).

49. Dr. Eugenio de Andrada Egas, 28 de Julho de 1913. S. Paulo.

50. Dr. Gentil de Assis Moura ×, 28 de Julho de 1913. S. Paulo.

51. Fidelino de Figueiredo (*) ×, 28 de Julho de 1913. Lisboa (Portugal).

52. Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, 26 de Septembro de 1913. Juiz de Fóra (Minas).

53. Affonso A. de Freitas ×, 12 de Maio de 1914. São Paulo.

54. Dr. D. Lucas Ayarragaray (*), 23 de Maio de 1914. Buenos Aires.

55. Antonio de Portugal de Faria (visconde de Faria) (*) ×, 23 de Maio de 1914. Genebra (Suissa).

56. José Ribeiro do Amaral ×, 27 de Agosto de 1914. S. Luiz do Maranhão.

57. Dr. Alberto Lamego ×, 28 de Julho de 1915. Londres.

58. D. Juan José Biedma (*) ×, 12 de Outubro de 1915. Buenos Aires.

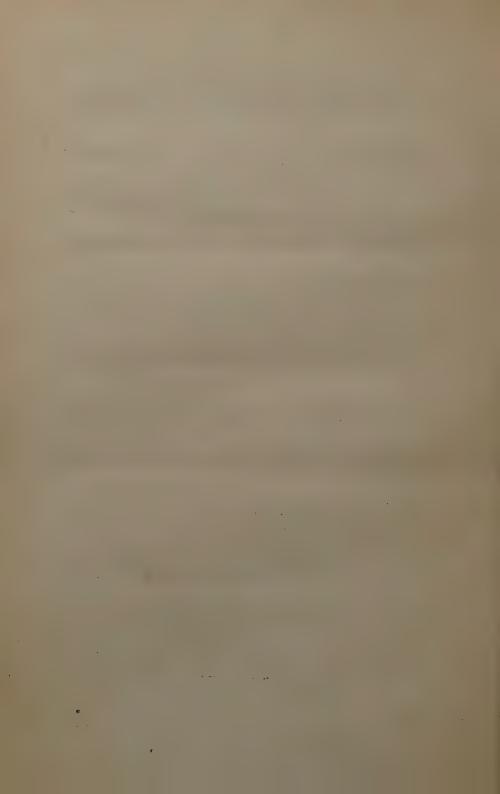
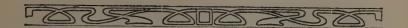
59. Dr. Annibal Velloso Rebello, 12 de Outubro de 1915. Equador.

60. Dr. Mario Carneiro do Rego Mello ×, 31 de Maio de 1917. Recife (Pernambuco).

61. D. Silverio Gomes Pimenta ×, 31 de Maio de 1917. Marianna (Minas Geraes).

62. Dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello ×, 31 de Maio de 1917. Roma (Italia).

63. Dr. Roberto Lehmann-Nitsche (*) ×, 31 de Maio de 1917. La-Plata (Republica Argentina).

NOTA — Ha, nesta classe, um excesso de 38 socios.

CADASTRO SOCIAL

DO

Instituto Historico e Geographico Brasileiro, organizado por ordem chronologica em 30 de Junho de 1918

ORDEM CHRONOLOGICA, NOMES, DATA DA ENTRADA NO INSTITUTO

1. Conde d'Eu, 16 de Septembro de 1864, presidente honorario.
2. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, 16 de Agosto de 1872, grande benemerito.
3. Barão de Teffé, 27 de Outubro de 1882, benemerito.
4. Almirante José Candido Guillobel, 24 de Novembro de 1882, effectivo.
5. Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, 7 de Dezembro de 1883, benemerito.
6. Dr. D. Estanislao S. Zeballos (*), 7 de Dezembro de 1883, honorario.
7. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, 9 de Dezembro de 1886, correspondente.
8. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, 19 de Outubro de 1887, benemerito.
9. Professor João Capistrano de Abreu, 19 de Outubro de 1887, benemerito.
10. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, 31 de Agosto de 1888, correspondente.
11. Almirante Arthur Indio do Brasil, 31 de Agosto de 1888, benemerito.
12. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo, 2 de Agosto de 1889, honorario.
13. Barão de Alencar, 13 de Septembro de 1889, grande benemerito.

O signal (*) indica que o socio é extrangeiro.

14. D. Enrique Moreno (*), 13 de Septembro de 1889, honorario.

15. Rodolfo Marcos Theophilo, 11 de Julho de 1890, correspondente.

16. Dr. Brasilio Augusto Machado de Oliveira, 12 de Septembro de 1890, effectivo.

17. Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, 12 de Dezembro de 1890, benemerito.

18. Dr. Alfredo do Nascimento e Silva, 12 de Dezembro de 1890, benemerito.

19. João Baptista Perdigão de Oliveira, 19 de Junho de 1891, correspondente.

20. Dr. Argemiro Antonio da Silveira, 3 de Septembro de 1891, correspondente.

21. Dr. Barão de Studart, 20 de Maio de 1892, benemerito.

22. Dr. Conde de Affonso Celso, 2 de Dezembro de 1892, grande benemerito.

23. D. Carlos Luiz d'Amour, 9 de Dezembro de 1892, honorario.

24. Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, 4 de Maio de 1894, benemerito.

25. Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, 1 de Junho de 1894, correspondente.

26. Dr. Christiano Frederico Seybold (*), 1 de Junho de 1894, honorario.

27. João Lucio de Azevedo, 3 de Março de 1895, correspondente.

28. Dr. Manuel de Oliveira Lima, 11 de Agosto de 1895, benemerito.

29. Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga, 11 de Agosto de 1895, correspondente.

30. Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha, 20 de Outubro de 1895, correspondente.

31. Dr. Henrique Americo de Santa Rosa, 16 de Agosto de 1896, correspondente.

32. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, 30 de Agosto de 1896, presidente honorario.

33. André Peixoto de Lacerda Vernek, 13 de Dezembro de 1896, correspondente.

34. D. Jeronymo Thomé da Silva, 25 de Julho de 1897, honorario.

35. D. Francisco do Rego Maia, 25 de Julho de 1897, honorario.

36. D. Joaquim Silverio de Sousa, 19 de Septembro de 1897, correspondente.

37. Cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, 31 de Outubro de 1897, benemerito.

38. Dr. Amaro Cavalcanti, 6 de Dezembro de 1897, benemerito.

39. Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia (*), 15 de Maio de 1898, honorario.

40. Dr. Paulino José Soares de Sousa, 10 de Junho de 1898, effectivo.

41. Dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, 12 de Outubro de 1899, effectivo.

42. Coronel Honorio Lima, 10 de Novembro de 1899, effectivo.

43. Dr. Antonio Zephirino Candido (*), 24 de Novembro de 1889, correspondente.

44. General dr. Innocencio Serzedello Corrêa, 8 de Dezembro de 1899, effectivo.

45. Dr. José Americo dos Santos, 12 de Dezembro de 1899, effectivo.

46. Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, 12 de Dezembro de 1899, benemerito.

47. D. Pedro de Orléans e Bragança, 22 de Junho de 1900, honorario.

48. Desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, 3 de Agosto de 1900, benemerito.

49. Max Fleiuss, 3 de Agosto de 1900, benemerito.

50. Professor José Francisco da Rocha Pombo, 3 de Agosto de 1900, effectivo.

51. General dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, 17 de Agosto de 1900, effectivo.

52. Dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes, 26 de Outubro de 1900, benemerito.

53. Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, 26 de Outubro de 1900, effectivo.

54. Eduardo Müller (*), 10 de Dezembro de 1900, honorario.

55. Dr. Ermelino Agostinho de Leão, 10 de Dezembro de 1900, correspondente.

56. Dr. Epitacio da Silva Pessoa, 29 de Março de 1901, benemerito.

57. Dr. d. Manuel B. Otero (*), 24 de Maio de 1901, correspondente.

58. Dr. d. Susviela Guarch (*), 24 de Maio de 1901, correspondente.

59. Dr. Antonio Augusto de Lima, 9 de Agosto de 1901, correspondente.

60. Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, 23 de Agosto de 1901, benemerito.

61. Dr. João Mendes de Almeida Junior, 23 de Agosto de 1901, effectivo.

62. Dr. Nelson de Senna, 23 de Agosto de 1901, correspondente.

63. Dr. Sebastião Paraná de Sá Sottomaior, 23 de Agosto de 1901, correspondente.

64. Horacio de Carvalho, 18 de Outubro de 1901, correspondente.

65. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, 18 de Outubro de 1901, correspondente.

66. D. Carlos Lix Klett (*), 6 de Dezembro de 1901, correspondente.

67. Dr. d. Ernesto Quesada (*), 6 de Dezembro de 1901, correspondente.

68. Dr. Sabino Barroso Junior, 2 de Maio de 1902, benemerito.

69. Conselheiro Ruy Barbosa, 23 de Maio de 1902, effectivo.

70. Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, 13 de Junho de 1902, effectivo.

71. Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, 24 de Outubro de 1902, benemerito.

72. Dr. Theodoro Sampaio, 24 de Outubro de 1902, benemerito.

73. Dr. José Manuel Cardoso de Oliveira, 22 de Maio de 1903, correspondente.

74. Dr. José Maria Pereira de Lima (*), 11 de Septembro de 1903, correspondente.

75. Alberto Santos Dumont, 11 de Septembro de 1903, honorario.

76. Victor Ribeiro (*), 11 de Septembro de 1903, correspondente.

77. Dr. Eduardo Marques Peixoto, 23 de Outubro de 1903, effectivo.

78. Coronel Jesuino da Silva Mello, 23 de Outubro de 1903, effectivo.

79. D. Luiz de Orléans e Bragança, 6 de Novembro de 1903, honorario.

80. José Feliciano de Oliveira, 19 de Fevereiro de 1904, correspondente.

81. Conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira, 17 de Junho de 1904, effectivo.

82. Alberto Pimentel (*), 23 de Junho de 1904, correspondente.

83. Barão de Muritiba, 12 de Agosto de 1904, honorario.

84. Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, 9 de Dezembro de 1904, benemerito.

85. Dr. José Joaquim Seabra, 28 de Abril de 1905, benemerito.
86. Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, 28 de Abril de 1905, benemerito.
87. D. João Braga, 21 de Julho de 1905, honorario.
88. Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 21 de Julho de 1905, benemerito.
89. Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, 21 de Julho de 1905, correspondente.
90. Dr. João Pandiá Calogeras, 18 de Septembro de 1905, effectivo.
91. Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, 4 de Dezembro de 1905, effectivo.
92. Dr. Diogo de Vasconcellos, 4 de Dezembro de 1905, correspondente.
93. Dr. José Pereira Rego Filho, 25 de Junho de 1906, effectivo.
94. Dr. Bernardino Machado Guimarães (*), 9 de Julho de 1906, correspondente.
95. Dr. Clovis Bevilaqua, 15 de Outubro de 1906, benemerito.
96. Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, 20 de Maio de 1907, benemerito.
97. Dr. Adolfo Augusto Pinto, 20 de Maio de 1907, correspondente.
98. Dr. José Carlos Rodrigues, 10 de Junho de 1907, benemerito.
99. Dr. Gastão Ruch Sturzenecker, 29 de Julho de 1907, effectivo.
100. Paulo Barreto, 29 de Julho de 1907, effectivo.
101. Dr. Augusto Tavares de Lyra, 16 de Septembro de 1907, benemerito.
102. Antonio Jansen do Paço, 30 de Septembro de 1907, effectivo.
103. Dr. João Luiz Alves, 30 de Septembro de 1907, effectivo.
104. Marechal Emygdio Dantas Barreto, 29 de Agosto de 1908, effectivo.
105. Dr. Alexandre José Barbosa Lima, 29 de Agosto de 1908, effectivo.
106. Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, 29 de Agosto de 1908, correspondente.
107. Dr. Norival Soares de Freitas, 5 de Outubro de 1908, effectivo.
108. Fernando Augusto Georlette, 24 de Maio de 1909, correspondente.

109. Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, 20 de Agosto de 1909, effectivo.

110. D. João Baptista Corrêa Nery, 31 de Agosto de 1909, correspondente.

111. Dr. Ernesto Antonio Lassance Cunha, 12 de Outubro de 1909, correspondente.

112. Dr. Nilo Peçanha, 27 de Novembro de 1909, presidente honorario.

113. Dr. d. Ramon J. Cárcano (*), 1 de Agosto de 1910, correspondente.

114. José Felix Alves Pacheco, 1 de Agosto de 1910, effectivo.

115. Dr. Eurico de Góes, 3 de Outubro de 1910, effectivo.

116. Vice-almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira, 3 de Outubro de 1910, effectivo.

117. Justo Jansen Ferreira, 22 de Junho de 1911, correspondente.

118. Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, 22 de Junho de 1911, correspondente.

119. Dr. Henry R. Lang (*), 22 de Junho de 1911, correspondente.

120. Dr. Pedro Souto Maior, 15 de Julho de 1911, effectivo.

121. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, 15 de Julho de 1911, correspondente.

122. Dr. Alipio Gama, 15 de Julho de 1911, effectivo.

123. Dr. Aloysio de Castro, 15 de Julho de 1911, effectivo.

124. Capitão de corveta Francisco Radler de Aquino, 26 de Agosto de 1911, effectivo.

125. Dr. Homero Baptista, 26 de Agosto de 1911, benemerito.

126. Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, 23 de Septembro de 1911, correspondente.

127. Dr. d. José Salgado (*), 10 de Outubro de 1911, correspondente.

128. Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet, 16 de Outubro de 1911, effectivo.

129. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, 21 de Novembro de 1911, presidente honorario.

130. Dr. d. Julio Fernandez (*), 4 de Maio de 1912, honorario.

131. Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa, 4 de Maio de 1912, honorario.

132. Dr. Lauro Severiano Müller, 4 de Maio de 1912, honorario.

133. Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, 4 de Maio de 1912, effectivo.

134. Dr. Washington Luis Pereira de Sousa, 4 de Maio de 1912, correspondente.

135. Major dr. Liberato Bittencourt, 27 de Maio de 1912, effectivo.

136. Dr. Afranio de Mello Franco, 27 de Maio de 1912, effectivo.

137. Dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho, 27 de Maio de 1912, correspondente.

138. Dr. Helio Lobo, 6 de Junho de 1912, effectivo.

139. Dr. Alberto Rangel, 6 de Junho de 1912, effectivo.

140. Desembargador Ataulfo Napoles de Paiva, 6 de Junho de 1912, effectivo.

141. Francisco Agenor de Noronha Santos, 6 de Junho de 1912, effectivo.

142. Dr. Alfredo Valladão, 19 de Julho de 1912, effectivo.

143. Capitão de corveta Raul Tavares, 23 de Agosto de 1912, effectivo.

144. Dr. Nicoláo José Debbané, 23 de Agosto de 1912, correspondente.

145. Dr. John Casper Branner (*), 30 de Maio de 1913, correspondente.

146. Dr. Eugenio de Andrade Egas, 28 de Julho de 1913, correspondente.

147. Dr. Gentil de Assis Moura, 28 de Julho de 1913, correspondente.

148. Fidelino de Figueiredo (*), 28 de Julho de 1913, correspondente.

149. Dr. Edgard Roquette Pinto, 4 de Agosto de 1913, effectivo.

150. Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, 26 de Septembro de 1913, correspondente.

151. Coronel Thodoro Roosevelt (*), 6 de Outubro de 1913, honorario.

152. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, 20 de Abril de 1914, effectivo.

153. Dr. João Ribeiro, 12 de Maio de 1914, effectivo.

154. Affonso A. de Freitas, 12 de Maio de 1914, correspondente.

155. Dr. d. Lucas Ayarragaray (*), 23 de Maio de 1914, correspondente.

156. Antonio de Portugal de Faria (visconde de Faria) (*), 23 de Maio de 1914, correspondente.

157. Professor Basilio de Magalhães, 27 de Agosto de 1914, effectivo.

158. José Ribeiro do Amaral, 22 de Agosto de 1914, correspondente.

159. Marechal José Bernardino Bormann, 20 de Abril de 1915, effectivo.

160. Dr. Arthur Pinto da Rocha, 28 de Junho de 1915, effectivo.

161. Dr. Aurelino de Araujo Leal, 28 de Junho de 1915, effectivo.

162. Antonio de Barros Ramalho Ortigão, 28 de Junho de 1915, effectivo.

163. Dr. Antonio Fernandes Figueira, 28 de Junho de 1915, effectivo.

164. Dr. Alfredo Pinto Vieira de Mello, 28 de Junho de 1915, effectivo.

165. Dr. Alberto Lamego, 28 de Junho de 1915, correspondente.

166. Dr. Urbano Santos da Costa Araujo, 31 de Julho de 1915, benemerito.

167. Dr. Juliano Moreira, 12 de Outubro de 1915, effectivo.

168. D. Juan José Biedma (*), 12 de Outubro de 1915, correspondente.

169. Dr. Annibal Velloso Rebello, 12 de Outubro de 1915, correspondente.

170. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, 15 de Dezembro de 1915, presidente honorario.

171. Dr. Ernesto da Cunha de Araujo Viana, 20 de Abril de 1916, effectivo.

172. Dr. Erico Marinho da Gama Coelho, 15 de Maio de 1916, effectivo.

173. João de Lyra Tavares, 26 de Agosto de 1916, effectivo.

174. Dr. João Martins de Carvalho Mourão, 19 de Outubro de 1916, effectivo.

175. Agenor de Roure, 31 de Maio de 1917, effectivo.

176. Dr. Laudelino Freire, 31 de Maio de 1917, effectivo.

177. D. Silverio Gomes Pimenta, 31 de Maio de 1917, correspondente.

178. Dr. Jeronymo de Avellar Figueira de Mello, 31 de Maio de 1917, correspondente.

179. Dr. Mario Carneiro do Rego Mello, 31 de Maio de 1917, correspondente.

180. Roberto Lehmann-Nistche, 31 de Maio de 1917, correspondente.

181. Edwin V. Morgan, 27 de Agosto de 1917, honorario.

182. Dr. Henrique Morize, 10 de Junho de 1918, effectivo.

183. Capitão de fragata Dr. Thiers Fleming, 10 de Junho de 1918, effectivo.

SOCIOS FALLECIDOS DEPOIS DA SESSÃO MAGNA DE 21 DE OUTUBRO DE 1917

Barão Homem de Mello, grande benemerito, eleito em 3 de Junho de 1859 e fallecido em 4 de Janeiro de 1918.

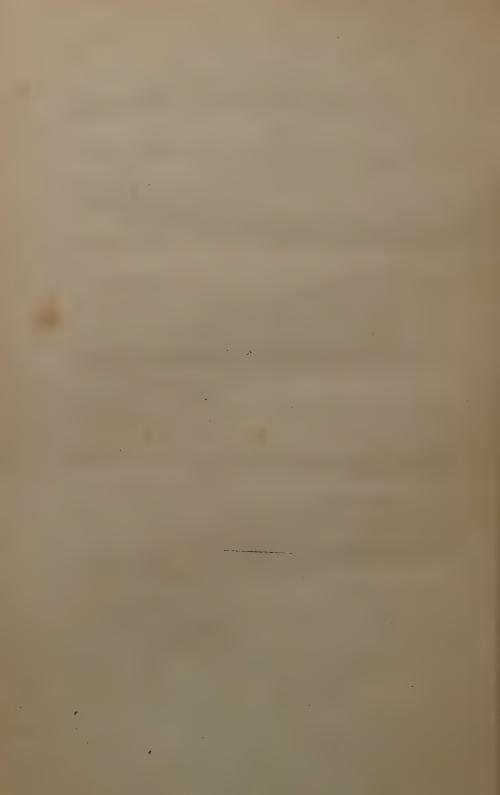
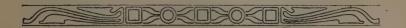
Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, effectivo, eleito em 11 de Agosto de 1895 e fallecido em 8 de Fevereiro de 1918.

Monsenhor Vicente Ferreira Lustosa de Lima, effectivo, eleito em 19 de Junho de 1903 e fallecido em 25 de Abril de 1918.

Dr. Alberto de Carvalho, effectivo, eleito em 18 de Septembro de 1903 e fallecido em 29 de Junho de 1918.

Rectificação

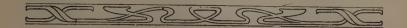
Por deploravel erro de revisão deixou de ser incluido na relação publicada no tomo 80 o nome do dr. Enéas Galvão, socio effectivo, eleito em 12 de Maio de 1914 e fallecido em 24 de Novembro de 1916.

Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 30 de Junho de 1918. — ALEXANDRE CAMISÃO. — Visto. FLEIUSS.

"REVISTA" DO INSTITUTO

Nova numeração adoptada pelo Instituto, em Assembléa Geral de 30 de junho de 1917

Os 4 trimestres do Tomo I .... (1839) — Tomo 1 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo II .... (1840) — Tomo 2 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo III .... (1841) — Tomo 3 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo IV .... (1842) — Tomo 4 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo V .... (1843) — Tomo 5 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo VI .... (1844) — Tomo 6 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo VII .... (1845) — Tomo 7 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo VIII .... (1846) — Tomo 8 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo IX .... (1847) — Tomo 9 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo X .... (1848) — Tomo 10 (um vol.)
O Tomo XI, suppl. ao Tomo X — que appareceu sob a designação de Tomo 4º, da 2ª série, relativo a (1848) — Tomo 11 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo XII .... (1849) — Tomo 12 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo XIII .... (1850) — Tomo 13 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo XIV ...... (1851) — Tomo 14 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo XV .... (1852) — Tomo 15 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo XVI ...... (1853) — Tomo 16 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo XVII ...... (1854) — Tomo 17 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo XVIII .... (1855) — Tomo 18 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo XIX ...... (1856) — Tomo 19 (um vol.)
Os 4 trimestres do Tomo XX .... (1857) — Tomo 20 (um vol.) exg.
Os 4 trimestres do Tomo XXI .... (1858) — Tomo 21 (um vol.) exg.
Os 4 trimestres do Tomo XXII ..... (1859) — Tomo 22 (um vol.) exg.
Os 4 trimestres do Tomo XXIII .... (1860) — Tomo 23 (um vol.) exg.
Os 4 trimestres do Tomo XXIV ..... (1861) — Tomo 24 (um vol.) exg.
O Tomo XXV .... (1862) — Tomo 25 (um vol.) exg.
Os 4 trimestres do Tomo XXVI ..... (1863) — Tomo 26 (um vol.) exg.
As duas partes do Tomo XXVII .... (1864) — Tomo 27 (um vol.) exg.
As duas partes do Tomo XXVIII ... (1865) — Tomo 28 (um vol.) exg.
As duas partes do Tomo XXIX ..... (1866) — Tomo 29 (um vol.) exg.
As duas partes do Tomo XXX ..... (1867) — Tomo 30 (dois vols.) exg.
As duas partes do Tomo XXXI ..... (1868) — Tomo 31 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XXXII .... (1869) — Tomo 32 (dois vols.) exg.
As duas partes do Tomo XXXIII ... (1870) — Tomo 33 (dois vols.) exg.
As duas partes do Tomo XXXIV ... (1871) — Tomo 34 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XXXV .... (1872) — Tomo 35 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XXXVI ... (1872) — Tomo 35 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XXXVII ... (1874) — Tomo 37 (dois vols.)

As duas partes do Tomo XXXVIII .. (1875)— Tomo 38 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XXXIX ... (1876)— Tomo 39 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XL .... (1877)— Tomo 40 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XLI ...... (1878)— Tomo 41 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XLII ..... (1879)— Tomo 42 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XLIII ..... (1880)— Tomo 43 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XLIV ..... (1881)— Tomo 44 (dois vols.)
As duas partes do Tomo XLV ...... (1882)— Tomo 45 (um vol.)
As duas partes do Tomo XLVI ..... (1883)— Tomo 46 (um vol.)
As duas partes do Tomo XLVII .... (1884)— Tomo 47 (um vol.)
As duas partes do Tomo XLVIII ... (1885)— Tomo 48 (um vol.)
As duas partes do Tomo XLIX ..... (1886)— Tomo 49 (dois vols.)
As duas partes do Tomo L .... (1887)— Tomo 50 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LI .... (1888)— Tomo 51 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LI .... (1888)— Tomo 51 (um vol.) *bis*
As duas partes do Tomo LII .... (1889)— Tomo 52 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LIII ...... (1890)— Tomo 53 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LIV .... (1891)— Tomo 54 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LV .... (1892)— Tomo 55 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LVI .... (1893)— Tomo 56 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LVII ..... (1894)— Tomo 57 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LVIII ..... (1895)— Tomo 58 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LIX .... (1896)— Tomo 59 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LX .... (1897)— Tomo 60 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXI ...... (1898)— Tomo 61 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXII ..... (1899)— Tomo 62 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXIII ..... (1900)— Tomo 63 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXIV .... (1901)— Tomo 64 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXV ...... (1902)— Tomo 65 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXVI ..... (1903)— Tomo 66 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXVII .... (1904)— Tomo 67 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXVIII ... (1905)— Tomo 68 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXIX ..... (1906)— Tomo 69 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXX ...... (1907)— Tomo 70 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXXI ..... (1908)— Tomo 71 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXXII .... (1909)— Tomo 72 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXXIII ... (1910)— Tomo 73 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXXIV .... (1911)— Tomo 74 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXXV ..... (1912)— Tomo 75 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXXVI ... (1913)— Tomo 76 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXXVII ... (1914)— Tomo 77 (dois vols.)
As duas partes do Tomo LXXVIII .. (1915)— Tomo 78 (dois vols.)
A parte I do Tomo LXXIX.......... (1916)— Tomo 79 (um vol.)
A parte II do Tomo LXXIX........ (1916)— Tomo 80 (um vol.)
O Tomo LXXXI.................... (1917)— Tomo 81 (um vol.)
O Tomo LXXXII .... (1917)— Tomo 82 (um vol.)

A partir deste Tomo todos os outros terão numero distincto, não havendo as antigas designações da parte I e parte II.

INDICE

DAS

materias contidas no tomo 82 da «Revista»